A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4015 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 1 de Março de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina da Impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

DIA POLITICO

O enigma da Ordem Publica

E' indispensavel que o governo explique á nação porque poderosas razões está concentrando em torno de Lisboa, um verdadeiro exercito

«A Batalha», porta-voz da organisação politico-social do operariado portuguez, desmente, como é do uso, que se pense em lançar contra a Nação a massa organisada do proletariado braçal. Mas, por outro lado, a U. S. O., que é uma parcela componente da C. G. T., não oculta propositos contrarios, como facilmente se depreende do ultimo manifesto profusamente distribuido em Lisboa. A parte mais combativa do operariado lisboeta quer a greve geral revolucionaria, afim de se apropriar do Poder e governar o paiz segundo os principios, as maximas e os processos do marxismo integral, já exemplificado na Russia dos Lenines e dos Trotskys.

Na modernissima evolução idiologica do operariado portuguez ha, pois, duas correntes opostas, uma que não quer, para já, a revolução social e outra que julga o fruto suficientemente maduro e pretende colhê-lo sem demora, para que não venha a cair de podre. A primeira corrente — a pacifista — é, pelo menos aparentemente, defendida por «A Batalha»; a outra — a belicosa — que não tem porta-voz oficial mas que oficiosamente se faz ouvir por meio de incendiarias proclamações, parece aglomerar-se na U. S. O., associação onde devem pontificar os jovens do sindicalismo bravo e os valentes do Comunismo indigena.

Embora a fisica moderna ensine que pode haver fumo sem haver fogo, nós registamos que, nestas lutas de ideologismo social, se pode aplicar, com verdade, o ensinamento do velho rifão portuguez:

Se a chaminé da U. S. O. deita fumo, é porque ainda fogo lá dentro...

De resto, não seria a primeira vez que se ensaiaria em Lisboa a revolução social, que se tentou praticar, sem duvida, quando foi da invasão do Chiado pelos jovens sindicalistas, saidos, para a batalha, do quartel general da Calçada do Combro. Foi no tempo do coronel Antonio Maria Batista, lembram-se? Os mancebos chegaram a meio do Chiado e esbarraram com um troço de cavalaria da Guarda; houve choque, aliás da duração de alguns segundos; contra a Guarda foram arremessadas bombas; e a firmeza da tropa e da policia foram suficientes para reprimir a desordem e destroçar os revolucionarios, o que não evitou, desgraçadamente, o derramamento de sangue.

E ainda ha poucos dias uma explosão vitimou alguns mancebos que, na calçada do Combro e no edificio onde está instalada «A Batalha», se dedicavam ao fabrico de maquinas infernais destinadas á exterminação de imaginarios inimigos, — tudo na ancia, é claro, de conquistar a ventura perfeita dos trabalhadores, no numero dos quais nos contamos.

E' claro que estas coisas e outras que omitimos, para não alongar demasiadamente a exposição, não passam desapercebidas aos poderes constituidos. A experiencia demonstra que a uma greve furada ou fracassada corresponde uma tentativa de salvar a honra do movimento, que é a honra do convento da calçada do Combro, por meio da violencia. A greve dos eléctricos foi um ar que lhe deu: hoje existem probabilidades de recurso á violencia, por parte dos organismos operarios que aspiram á ditadura de alguns trabalhadores sobre todos os portuguezes.

O governo acautela-se, portanto, — e faz bem, que é essa a sua obrigação.

O governo continua a concentrar em torno de Lisboa um verdadeiro exercito.

Ha quem diga que o chamado cerco a Lisboa só se considerará perfeito quando o efectivo das tropas atingir 30.000 com 100 peças de artilharia. Com muito menos que isto entrou Junot em Lisboa, invadiu Soult o norte do paiz e estacou Massena nas linhas de Torres Vedras; tambem com um exercito muito menor conseguiu o duque da Terceira correr de Lisboa os miguelistas... De modo que, franquesinha franca, nós começamos a não compreender para que é tanta tropa junta!

Não pretendemos, evidentemente, criar dificuldades aos governantes, porque calculamos que já são suficientes aquelas em que eles se debatem, embora tenham nelas responsabilidades passadas, coisa que não nos acontece a nós, que sempre fomos governados e não governantes. E não só não queremos embaraçar a acção governamental como até desejamos auxilia-la, principalmente nessa questão gravissima da manutenção da ordem publica. Mas o que não é possivel é impormo-nos um perpetuo silencio perante um estado anormal, cujo segredo é apenas conhecido dos estadistas do Terreiro do Paço e absolutamente inigmatico para a Nação e seus orgãos de publicidade.

Entendemos, pois, que o governo não deve continuar a ocultar o fim que pretende atingir com a concentração de tropas em torno de Lisboa. Receia o governo um levante militar apezar das providencias já adotadas? Parece que não. Declarações recentes do sr. ministro da guerra não oferecem duvidas de interpretação.

O perigo duma manifestação de indisciplina, de qualquer ordem que seja, por parte das forças armadas que estão intra-muros, não é de temor. E seria absurdo acreditar que esse perigo, que existiu, sem duvida, dentro da cidade, passou, dum certo momento em diante, a proliferar fóra de portas...

E' fóra de toda a duvida, portanto, que nem as tropas do cerco a Lisboa estão de permanente vigilancia ás que guarnecem a cidade, nem estas estão de guarda áquelas.

Exactamente porque não entendemos isto, quer-nos parecer que é tempo de resolver definitivamente a questão. Fiquem em Lisboa as tropas que devem ficar, e isso é com o governo. E regressem á quarteis as dispensaveis, — o que é tambem com o governo. Conmenos, é só isto: tanta tropa junta, custa caro á Nação e só se compreende a sua aglomeração perante um perigo autentico, indiscutivel, conhecido de toda a gente e não apenas dos homens que nos governam. E' um erro e muito grave persistir na politica do segredo do gabinete, considerando-se os governantes, a si proprios, como uma «elite» de semi-deuses, bramanes a dominarem sudras!

OS BAIRROS SOCIAIS

Uma administração ruinosa

O bairro do Arco do Cego está já em 8.000:000$00

Os cinco bairros custarão ao Paiz.... 100.000:000$00

A «Capital» de ha dias informou os seus leitores de que o titular da pasta do Trabalho ia apresentar a conselho de ministros o relatorio que uma comissão, nomeada por portaria a 11 de Janeiro ultimo, fôra encarregada de elaborar sôbre um inquerito aos Bairros Sociais, onde era voz geral que tudo corria á matroca.

Essa comissão, constituida por individualidades de toda a respeitabilidade, como são os srs. engenheiros Marrecas Ferreira, general Parreira, Artur Pinto de Oliveira, Fernando Puschini e Mariano Pires, apresentou, como é natural, um trabalho consciencioso, apontando todas as irregularidades encontradas.

Tivemos ocasião de folhear hoje o documento em questão e como o espaço não abunda limitar-nos-hemos a mencionar alguns reparos dos mais importantes do referido documento. Não poude a comissão acima mencionada proceder a um *rigorosissimo* inquerito, já porque o prazo de 20 dias, para isso marcado, era insuficiente, como ainda por não ter ao seu dispor, por não existirem, mapas e graficos da situação do trabalho executado por onde se pudesse concluir quais as obras executadas nas diferentes épocas, os preços das unidades do trabalho, etc.

A vária legislação sôbre Bairros Sociais obedece á condição de resolver o problema do inquilinato para a classe pobre, devendo portanto as construções obedecer a dois requisitos: economia e rapidez. Tal não se tem feito e, apesar de estarem já gastos 8:000 contos e os trabalhos terem sido iniciados no ano economico de 1918-1919, não existe até agora nenhuma habitação concluida de forma a minorar a carencia de casas! O problema da habitação, bem ou mal, tem sido resolvido pelos aventureiros, na sua esmagadora maioria constituidos por elementos da propria classe operaria!

Até á data, no paiz, abriram-se três bairros em Lisboa — Arco do Cego, Alcantara e Ajuda — um no Porto e outro na Covilhã.

Nas obras do bairro do Arco do Cego estão iniciadas 86 construções de varios tipos, algumas em via de acabamento e outras ainda em fundação, não incluindo no numero acima o Teatro e o Mercado. Todavia, só agora estão concluidos os estudos da rêde de exgotos não se tendo, contudo, chegado ainda a acordo com a Camara Municipal sobre o assunto; não se tendo estudado conjuntamente com os tecnicos da Camara o projecto de arruamentos, *enquistando-se* dentro de Lisboa arruamentos que destoam completamente dos outros da rêde da cidade e que lhe ficam circumvizinhos.

Ainda sobre exgotos o assunto tem sido protelado de forma que ainda não existe nem um metro de cano construido no bairro do Arco do Cego.

Nos bairros de Alcantara e da Ajuda delinearam-se ruas e fizeram-se excavações. No primeiro mais se não tem feito que exploração da pedreira sendo a pedra transferida para o Arco do Cego em «camions» não tendo sido possivel apurar-se ao certo o preço da referida pedra nem o seu custo posta no referido bairro.

Ambos estes bairros estão situados em terrenos acidentados, excentricos e de dificil acesso aos moradores, ouvindo frisar que nenhum deles foram adquiridos aos seus legitimos proprietarios não se tendo ultimado sequer quaisquer «demarches» para a sua expropriação amigavel ou judicial.

O bairro do Porto, denominado «Bairro do Ouro» é tambem em terreno acidentado, excentrico e de dificil acesso. Nele existem apenas demarcadas ruas e feitas excavações não tendo o terreno sido adquirido ainda ao seu proprietario!

O bairro da Covilhã fica situado num terreno que confina pelo poente com o cemiterio da cidade e exposto aos ventos dominantes do leste sendo por tal motivo fortemente batido em ocasião de vendaval. O terreno é acidentadissimo, cortados por barrancos pelos quais no inverno corre abundante agua.

Neste bairro estão feitas terraplonagens de grande parte dos arruamentos, as paredes exteriores de treze edificios, muros de suporte e outros trabalhos de somenos importancia e de caracter provisorio, parecendo ter havido o interesse maximo de espalhar muitas obras sem concluir nenhuma.

O bairro da Covilhã é conhecido pelo povo como «Cemiterio Novo»

Em bairro algum se fez o estudo do custo de movimento de terras, cifra que seria muito elucidativa para a comparação de varios estudos sobre os terrenos escolhidos.

Os tipos de construção, aliás bem apresentados não se harmonisam com a modesta simplicidade interna das casas, as quais são pobres, não tendo sido tambem feliz a sua distribuição em conjunto. Basta dizer que num dos seus principais arruamentos do Arco do Cego ha tipos de habitações que deitam para o mesmo arruamento os muros dos quintais sem o menor vislumbre arquitetonico.

O bairro da Covilhã é um exemplo da falta de ligação entre o exterior e o interior. Para um edificio isolado, com cinco pequenas divisões, todas elas com acesso pelo alçado principal por uma das divisões e pelo alçado posterior pela cosinha, construiram-se 4 fachadas, sendo a principal com motivos decorativos que lhes aumenta consideravelmente o seu custo.

O povo na sua linguagem historica chama ao Bairro em virtude da sua visinhança com o Cemiterio da cidade, «o Cemiterio Novo», sendo certo que o conjunto das habitações, a sua disposição e arquitetura, tal faz lembra.

Sobre a organisação do trabalho recorem os bairros sociais, as «comanditas», sistema que parecendo de execução pratica e de seguros resultados, experimentalmente falhou por completo.

Actualmente ha comanditas compostas apenas de 20 operarios pouco mais ou menos e nelas se encontram quatro individuos que não sendo profissionais percebem mensalmente 1200 escudos sem nada produzirem, admitindo-se ainda arvorados que recebem salarios superiores aos operarios. A fiscalisação das obras anda descurada e abandonada sem preocupação de economia, o que para eles representa o seu prejuizo visto receberem enquanto durar a construção que portanto convem que demore o maximo tempo.

O director tecnico do Bairro fiscalisa apenas a boa execução da obra unica coisa que o preocupa, pois o regimen do trabalho equivalia a tarefa e só deveria pagar o numero de unidades de trabalho efectivamente executado. Sucede porem que as medições se não fazem, que não ha liquidação de contas com as comanditas, que aos comanditarios nestas condições não lhes interessa a produção a qual tambem lhes não é fiscalisada pelo director tecnico porque o trabalho se diz executado por comandita.

Para pôr tudo nos eixos impõe-se a nomeação de uma comissão de tres membros

A comissão que fez o inquerito é de opinião que de futuro deveria existir á frente de cada bairro para dirigir as obras, uma comissão de tres membros ou seja um vogal tecnico, um outro administrativo e um presidente como fiscal do Governo.

A todas estas creaturas conhecedoras do seu «métier» e de reconhecida competencia seria dado o maximo da liberdade com o maximo de responsabilidade, tirando-se a tais logares todo o caracter politico, afim de haver continuidade de direcção.

A proceder-se assim não se daria o facto de em terrenos acidentadissimos, como na Covilhã, não haver uma planta cotada e que deu em remetado a série de erros tecnicos que ali estão bem patentes.

As construções actuais no Arco do Cego estão valorisadas, numeros redondos, em 5.500:000$00. Faltam portanto 2.500:000$00 que a comissão não repugna aceitar que estejam valorisados na aquisição do terreno do Arco do Cego (parte dele, porque outra parte e os dos outros bairros ainda estão por pagar), em «camions», material fixo e circulante, muros, terraplanagens e trabalhos executados nos outros bairros.

A Comissão entende no entanto que a administração dos Bairros tem sido ruinosa pois a não se ter dado tal facto, as conclusões a que se chegaria seriam um verdadeiro descalabro.

Os projectos dos 5 bairros a serem executados tais como foram projetados e dando de barato que o preço da construção não se agrava ainda mais, custariam ao paiz quantia superior a 100.000:000$00 (cem mil contos).

Impõe-se pois melhor administração como por exemplo a seguida na obra do Manicomio Miguel Bombarda, ao Campo Grande cuja orientação tem dado optimos resultados.

A Comissão do inquerito cita ainda o facto de nos bairros sociais se ter usado uma nova burocracia e haver excesso de pessoal operario.

Muitos fornecimentos foram pagos em duplicado

Durante largo tempo os fornecimentos eram feitos de uma forma original: adiantavam-se aos fornecedores quantias antes dos fornecimentos feitos, enquanto outros ainda hoje estão aguardando o pagamento dos seus debitos, havendo ainda quem recebesse imediatamente e em duplicado. Sobre este ponto os Bairros Sociais têm atravessado uma crise de descredito muito prejudicial para o seu desenvolvimento.

O relatorio conclue propondo:

— Que para cada bairro exista uma comissão administrativa com o maximo de três membros;

— Tirar aos referidos lugares todo o caracter politico;

— O pessoal administrativo ser limitado ás necessidades de serviço;

— Liberdade absoluta do vogal tecnico nomear e demitir todo o pessoal tecnico administrativo e operario;

— Alteração da actual contabilidade de forma a ser simples, concisa e precisa e o seu exame facil em qualquer ocasião;

— Anulação das comanditas;

— Autorização da verba necessaria para a conclusão das habitações mais adiantadas do Bairro do Arco do Cego e das canalizações do exgoto, da agua e luz;

— Concentração no Bairro do Arco do Cego de toda a actividade, fazendo-se o estudo economico dos outros bairros e se êle fôr favoravel, fazer a aquisição dos referidos terrenos que até á data ainda não pertencem ao Estado.

Junto ao relatorio figuram cópias de diferentes *ordens de serviço* sobre a suspensão de operarios que não cumpriam instruções superiores e outra da comissão administrativa do Bairro do Arco do Cego sobre a duplicação de pagamentos, sendo um referente a 180 vigas de pinho, no valor de escudos 1.058$40, ao sr. Manuel Ryder da Costa. Essas vigas foram requisitadas pelo vice-presidente do conselho de administração, sr. A. Consulado.

NA RUSSIA DOS SOVIETS

O exercito vermelho e a sua organisação

Um programa grandioso: Noventa e seis horas para fazer um soldado

A cronica que hoje publicamos foi enviada de Paris para «La Nación», de Buenos Aires, e é da autoria do tenente-coronel Rebon, oficial do activo do exercito francês, que fez estudos especiais sobre a organização das forças bolchevistas organizadas para a defesa da Revolução Comunista.

Esse documento é perfeitamente insuspeito, porque o seu autor, apesar de mostrar-se um espirito largamente liberal, não é absolutamente partidario do regimen ora instituido na Russia.

O Exercito Vermelho compreende entidades sumamente diversas que podem agrupar-se em cinco tipos essenciais: as unidades combatentes, os exercitos do trabalho, os destacamentos de guarda-fronteiras, os destacamentos especiais e as tropas de guarnição.

Unidades combatentes

As unidades combatentes propriamente ditas acham-se agrupadas em divisões. A divisão activa consta de três brigadas de infantaria, uma de artilharia e uma de cavalaria. As brigadas de infantaria e cavalaria têm três regimentos, enquanto que a de artilharia é constituida por três grupos de campanha e um de artilharia pesada; cada grupo consta de três batarias.

O regimento de infantaria é mais ou menos igual á entidade similar franceza. Tem nove companhias ordinarias, com trinta e quatro metralhadoras cada uma. Segundo os informes oficiais, devia estar melhor dotado que os francezes quanto aos meios de comunicação; porém, na pratica não sucede o mesmo. Se esta divisão estivesse perfeitamente constituida, seria mais equipada do que a nossa em infantaria e cavalaria. Melhor seria compará-la com o nosso corpo de exercito. Porém, tal divisão está ainda muito incompleta. E' um ideal para o qual trabalham os bolchevistas. Ocasionalmente a infantaria consta tão sómente de duas brigadas; a miudo a artilharia não está representada senão por um grupo esqueletico. Não ha duas divisões que tenham a mesma composição e nenhuma delas é completa.

Por outra parte, a administração sovietista criou, ao lado da divisão activa, um segundo tipo de unidade, a divisão interior, que se encontra presentemente reduzida a duas brigadas de infantaria, dois grupos e uma brigada de cavalaria, formada por dois regimentos cada uma.

Essas formações contêm sómente de duas a três classes. Os soldados de mais idade passaram a engrossar outras entidades.

Exercitos do trabalho

Os Exercitos do Trabalho são constituidos pelas classes mais velhas (aproximadamente duas ou três em numero). Essas entidades foram muito numerosas em 1920, porém, na actualidade, estão reduzidas a dois Exercitos. São empregados nos grandes trabalhos agricolas: desmonte, córte de arvores, sementeira, etc. Um despacho radiografico procedente de Moscou, com data de 20 de Abril de 1921, declarava: «O Exercito Vermelho cultivou mais de 300.000 hectares, para os quais dispunha de 300 toneladas de sementes de cereais».

Os Exercitos do Trabalho dividem-se em pequenos destacamentos disseminados pelas regiões que são teatro das suas actividades. Eles diminuem o trabalho do Comissariado do Povo, porém, por outro lado, estão submetidos ao controle da Tcheka (abreviação da famosa Tcherezwytchaika, que é a fiscalização dos Comissarios), e dos soviets das localidades situadas nas cercanias.

Guarda-fronteira

As unidades de guarda-fronteira foram criadas recentemente. A sua fundação data de fins de 1920. A sua composição é bastante variavel. Quasi sempre estão organizadas em batalhões e dependem directamente da Tcheka. A sua missão é a de vigiar a fronteira, impedir que esta seja franqueada por pessoas que não estejam devidamente autorizadas e reprimir o contrabando, que se pratica em grande escala na Russia.

Os bolchevistas vigiam com escrupulo o recrutamento dos ditos batalhões de guarda-fronteiras; não admitem senão individuos que deem provas de fidelidade á causa comunista. Procuram fazer uma guarda pretoriana, e a todos os membros da entidade concedem vantagens particulares, tanto do ponto de vista de recompensa pecuniaria, como na distribuição de viveres.

Destacamentos especiaes

Os destacamentos especiais são numerosos; a sua composição varia segundo os acontecimentos. A sua composição data dos primeiros mezes do ano de 1918.

Em outras ocasiões já disse que junto a cada estado maior de divisão se encontra uma secção de propaganda, ou, para empregar termos mais exactos, uma «Comissão extraordinaria de divisão». Essa comissão é constituida por três secções: a primeira, de caracter directivo, vigia o moral dos corpos combatentes; a segunda, está constituida por agentes encarregados de cumprir as missões que forem determinadas pelo grupo directivo; a terceira, não é mais do que um orgão executivo. Essa comissão é formada essencialmente por uma tropa que não depende mais que do comissario da divisão. E' qualificada geralmente de destacamento especial e está encarregada, sobretudo, de executar os decretos que emanem do tribunal revolucionario com séde no exercito. Os seus efectivos são tanto mais numerosos, quanto mais duvidosa é a fidelidade da divisão. Graças a um documento que se encontra em nosso poder, conhecemos a organização circunstanciada de um destacamento especial de divisão: Está sub-dividido em três facções, cada uma das quais conta com 242 espingardas e depende permanentemente de uma brigada. Esses destacamentos podem dispôr, em qualquer momento, de abundantes cartuchos e metralhadoras. A êles incumbe a defesa da Revolução. O Exercito em geral, não chega a ter o mesmo prestigio dessas unidades.

Tropas de guarnição

Em todos os grandes centros de população encontram-se tropas de guarnição, que são utilizadas como forças de policia. Os seus efectivos são variaveis; os seus armamentos sempre defeituosos. Dependem directamente da Tcheka.

Tal é, em sintese, o exercito russo da actualidade. Tem, como minimo, uma força de 800:000 homens; porém, os seus soldados estão mal armados e peor equipados, os quadros não são homogeneos; não existem os serviços de artilharia. Contudo, tem energias para combater qualquer inimigo externo e pode fazer um esforço para alcançar um fim que compreenda, que veja bem definido e que o interesse. E' incapaz, porém, de manter-se por muito tempo no mesmo caminho. Não constitue um exercito seguro.

Nos começos de 1921 os bolchevistas tentaram organizar o exercito de acordo com os principios comunistas. Assim estudaram os meios de transformar o seu exercito em uma milicia permanente. A primeira consequencia a que chegaram foi esta: antes do mais, é necessario dar á população uma instrução militar preparatoria não da superficial. Desse modo poderia reduzir-se consideravelmente a duração do serviço activo e formar rapidamente as unidades de reserva.

Os bolchevistas renunciaram a suprimir o exercito permanente, mas continuam com identico entusiasmo fomentando a instrução militar preparatoria. Esperam chegar a realizar o seu programa de noventa e seis horas. Este programa é muito detalhado e prevê, hora por hora, o ensino, de tal modo que o soldado possa, em um minimo de tempo, encontrar-se em condições de serviço no corpo para que fôr destinado. Essa instrução não se preocupa nem com a escola de esquadrão, nem da de secção; tem tão sómente em conta aquilo que é indispensavel para o combate; prevê a instrução dos granadeiros e os exercicios praticos de protecção contra os gazes. Os cursos dividem-se por periodos de oito semanas e têm lugar periodicamente em cada cidade e em cada fabrica. Os que recebam a instrução não têm que abandonar as suas oficinas ou escolas; ausentam-se sómente duas horas por dia para receber a instrução. O programa, está claro, consta, além da instrução militar, de conferencias de propaganda comunista.

Uma medida acertada

Hontem, como a aglomeração de vehiculos de toda a especie que tomavam parte no «corso» carnavalesco fosse enorme a policia tomou uma providencia que merece o nosso aplauso. Assim o tradicional percurso foi aumentado dando os vehiculos a volta á Praça de Camões.

Geralmente, quando se realisa qualquer festejo popular e a aglomeração é grande, ha sempre por parte da autoridade, o maior empenho em limitar a pequeno circuito os que nele tomam parte. A medida tomada hontem facilitou consideravelmente o transito e por isso lembramos a conveniencia que haverá em tomar igual resolução sempre que identico facto se repita.

A este proposito não queremos deixar de registar mais um descuido, para não lhe chamar despreso, da nossa sempre querida Camara Municipal. Na rampa da Praça de Camões os animais escorregavam e caiam frequentemente. O despreso da Camara é tão grande e a sua distração tão evidente que não se lembrou de mandar espalhar nas calçadas um pouco de areia.

Quando achará a Providencia oportuno livrar-nos duma edilidade, que nem se lembra... da areia?...

Na Russia dos soviets

A ida a Genova

RIGA, 1. — O trafego da Russia está paralisado por falta de combustivel nas linhas do Norte, Oeste e Alexandria.

Na rede ferroviaria de Nicolai a situação é muito critica.

Lenine continua doente e Radek, apoiado pela esquerda dos comissarios do povo, exige que a Russia seja admitida á conferencia preparatoria da Entente, ameaçando de, em caso contrario não ir a Genova.

Trotsky ameaça bolchevisar a Romenia, a Polonia e a Finlandia se conferencia de Genova não der resultado. — (Lat. Am.)

A fome

RIGA, 1. — A situação alimenticia em toda a Russia é tão critica que teve de ser nomeado Dserjinsky dictador do Ministerio dos Viveres. — (Lat. Am.)

O feminismo no Japão

TOKIO, 1. — O voto das mulheres foi regeitado por 159 contra 8. Houve por esse motivo tumultos que não passaram de algazarras promovidas pelas feministas. — (Lat. Am.)

As reparações

Um acordo

BERLIM, 1 — A comissão internacional de reparações e o governo alemão chegaram a um acordo provisorio sobre os pagamentos em artigos a fazer pela Alemanha, ficando estabelecido que as autoridades alemãs serão substituidas pelas partes interessadas na celebração de contratos para a entrega de produtos alemães. — (R).

Uma conferencia inter-aliada

PARIS, 1 — A conferencia dos ministros das finanças dos aliados realisar-se-ha em 9 de março para a discussão do problema das reparações. Discutirão tambem o problema oriental. — (Lat. Am.)

HORA DO PECADO

Um Pierrot

Ontem um «Pierrot»
Atirou uma rosa
A uma linda mulher
E essa mulher passou
Ligeira e misteriosa
E não o via sequer...

E o «Pierrot» ceitado
Como um espectro no ar
Ingenuo e perturbado
Ficou a soluçar...

O Carnaval é isto
Com mais ou menos cór
Com mais ou menos graça
Um pobre de Cristo
A soluçar d'amor
Por uma mulher que passa...

TINTA PERMANENTE.

O casamento da princesa Maria

LONDRES, 1. — Na estação de Paddington a multidão fez uma despedida muito afectuosa á Princeza Mary e ao seu noivo quando partiram em viagem de nupcias. Realisaram-se grandes festejos populares em sinal de regosijo pelo casamento principesco e o rei publicou uma mensagem agradecendo ao povo a parte que tomou na alegria da familia real. — (Lat-Am.)

O hidro-avião português que está no Ferrol

FERROL, 1. — Com autorisação do capitão general deste departamento entrou no arsenal o hidro-avião português «C. Paes» que ali permanecerá até a sua partida para Portugal. Os tripulantes lusitanos mostram-se encantados com as facilidades que lhes proporcionaram as autoridades espanholas. — (Lat. Am.)

"A MANHÃ"

Este nosso brilhante colega de que é director Mayer Garção, um dos bons amigos de «A Capital» festeja hoje o seu sexto aniversario. Marcar tão distintamente um logar na imprensa portugueza como «A Manhã» tem marcado é um merito que nos apraz registar neste dia, enviando-lhes as nossas mais efusivas saudações.

CURIOSIDADES

Como, segundo diz um telegrama de Inglaterra, foi agraciado pelo rei da mesma nação o noivo da princeza Maria com a Ordem da Jarreteira, oportuno é conhecer-se a sua historia.

A ordem da Jarreteira (1)

Foi esta ordem instituida pelo rei de Inglaterra D. Eduardo III em 1348.

Curiosissima é a sua origem. Tendo a condessa de Salisbury deixado cair da sua perna esquerda uma liga azul durante um baile na côrte ingleza, o rei se apressou a levanta-la entregando-a á condessa, o que, escusado é dizer-se, despertou sorrisas mais ou menos maliciosos nos seus cortesãos. Porem o rei, conhecendo estes sorrisos, exclamou: Honni soit qui mal y pense! (Mal haja quem nisto puser malicia), acrescentando: bem felizes serão os maliciosos que puderem obter uma liga igual. Assim foi criada esta ordem e colocada sobre a protecção de São Jorge. Seus estatutos foram reformados por D. Henrique VIII por ordenação de 23 de Abril de 1552.

Compõe-se de vinte e cinco cavaleiros todos pertencentes á mais alta nobreza britanica. O monarca de Inglaterra é o Grão-mestre desta Ordem; o principe de Gales e todos os principes estrangeiros agraciados com esta ordem não fazem parte do numero dos vinte e cinco. Os dignatarios nomeados são o prelado, o chanceler e o secretario, que são sempre os bispos de Winchester e d'Oxford e o deão de Windsor. Esta ordem ainda tem como funcionarios um rei de armas e um arauto.

Todos os cavaleiros teem cadeiras especiais na capela de S. Jorge em Windsor e vestuarios proprios com diversas insignias. O vestuario compõe-se dum manto de veludo azul forrado de branco com uma cruz bordada sobre o lado esquerdo, dum capelo de veludo carmesim, dum sobretudo semelhante forrado de branco e dum chapeu redondo de veludo verde com penas de avestruz e de garça, presas no chapeu por um colchete adornado de diamantes.

A Jarreteira é de veludo azul escuro bordada a oiro e com a divisa: «Honni soit qui mal y pense», inscrita em letras de oiro, prende-se abaixo do joelho esquerdo com uma fivela e pendente de oiro ricamente cinzelados.

A rainha, como outr'ora as damas que pertenciam a esta ordem, enfeitavam com ela o braço esquerdo.

Os cavaleiros teem no lado esquerdo do peito uma placa de prata ou estrela de oito pontas, representando a Cruz de S. Jorge cercada pela Jarreteira. Teem também um colar de oiro formado por 26 peças esmaltadas de azul na qual está suspensa a imagem de S. Jorge subjugando o dragão. Trazem finalmente uma banda azul escuro que passa no hombro direito e pendente dela está uma joia de oiro em forma de jarreteira coroando a imagem de S. Jorge e com a divisa da Ordem.

Portugal diversas vezes tem sido distinguido com esta Ordem. O primeiro principe português que a recebeu, no reinado de Henrique V de Inglaterra foi D. João I. No reinado de Henrique VI, foi ela concedida ao infante D. Pedro, duque de Coimbra, ao rei D. Duarte, ao infante D. Henrique, duque de Vizeu, ao rei D. Afonso V, e ao D. Antão Vasques d'Almada, duque de Avranches; no reinado de D. Eduardo IV foi cavaleiro da Jarreteira o rei D. João II, de Portugal e no reinado de D. Henrique VIII reformador da Ordem, nela foi investido o rei D. Manuel I. Em 1823 recebeu-a D. João VI, cujo acto de investidura se fez em Lisboa um Palacio d'Ajuda e mais os seguintes monarcas e principes, D. Pedro V, D. Luiz I, D. Carlos I e o infante D. Luiz Filipe.

Em Inglaterra com o agraciamento do visconde de Lascelles, noivo da princeza Maria, pelo rei Jorge V, fica existindo naquela nação apenas 3 viscondes com a Ordem da Jarreteira os quais são alem do dito Lascelles, o de Grey de Fallodeu e o de Milner.

Varias

Na Grande Guerra tombaram porte, cito milhões e meio de francezes, morreram um milhão e meio, setecentos e quarenta mil mutilados, trez milhões de feridos, setecentas e oitenta mil casas destruidas, tres milhões e trezentos e trinta e oito mil hectares de terreno devastado, cinco mil e doze mil setecentos e trinta e quatro quilometros de estradas e quatro mil de linhas ferreas inutilisadas. Houve 14 Papas francezes, 7 alemães, 12 espanhois, 2 salesianos, 1 inglez, 1 portuguez, 1 holandez até ao seculo XVI. Dai por diante só foram italianos. O Papa alem da tiara tambem tem o insignia das duas chaves: uma de ouro e outra de prata.

—Na Hungria ha só uma condecoração a de Santo Estevam fundada em 21 de Fevereiro de 1764. —O hospital de D. Estefania foi fundado em 1877. —D. João V foi quem criou o Ministerio dos Estrangeiros em 1736 com o nome de Secretaria e foi seu primeiro secretario Marcos Antonio do Azevedo Coutinho. —O Diario Ilustrado foi fundado em 1872.

A. G.

(1) Palavra derivada de jarrete—parte superior do joelho.

Questões de ensino

Breves considerações psicologicas

Se as punições são necessarias á disciplina escolar, os premios egualmente o são no merito moral. Digamos o de outros tirará sempre um mestre habil, excelentes recursos educativos.

Sentindo a dôr, o aluno sabe que fez mal, experimentando o prazer reconhecerá o bem praticado; agirá, então, no primeiro caso, negativamente, isto é, deixará de elaborar no erro, que cometia e no segundo, positivamente, quer dizer, perseverará no bem realisado, tentando subir ainda mais. A dôr e o prazer são o estimulo de nossas acções.

Ter prazer é receber recompensas, os premios de virtude e de solidariedade. Não se deve, nas escolas, premiar a inteligencia; ha, nas classes, diferenças de inteligencia, e o premio, no caso, serviria só para acentuar estas diferenças, trazendo o desestimulo e o desanimo para uns e a vaidade e a soberba para outros.

No moral, no bem proceder, no bem fazer, todos os alunos devem e podem ser iguais. Se não procedem igualmente, se alguns se desviam do bem, da ordem e da disciplina, estes devem ser corrigidos sistematicamente, mediante as punições.

Em contrario, se algum aluno proceder muito bem, se praticar uma acção moral, é de justiça que se lhe dê relevo ao merito por uma recompensa, tanto maior quanto mais bela haja sido a acção; palavras de animação perante os condiscipulos, boas notas, premios materiais (caneta, livros, etc.), quadro de honra, banco de honra, chamada dos pais do escolar para ouvir o elogio do filho, elogio do inspector escolar, etc. O merito não pode passar ignorado.

Repetimos: nem por sombras, na escola, a inteligencia terá premio. Só a moral.

Nos quadros de honra só figurarão os alunos que, no decorrer do mez, praticarem actos de elevado moral. Não os quadros de honra da aplicação, nem mesmo do comportamento. A creança portou-se bem... não sofreu punição... tudo isto se deve afigurar normal e comum ao mestre. Só irão para o quadro de honra os que fizerem actos reveladamente meritorios.

Que não se despreze a virtude e a solidariedade com a recompensa ao proceder trivial dos alumnos. Só os grandes meritos terão recompensa. Usar de recompensa, não abusar.

As recompensas, como vimos, distribuem-se em dois grupos: recompensas materiaes (presentes) e recompensas moraes (distincções e elogios). As primeiras cabem mais aos alumnos das primeiras classes, enquanto que as segundas condizem ás classes complementares.

Bem entendidas e usadas, inesperadas e, sempre que possivel, colectivas, pouco frequentes, outorgadas de modo a não excitar vaidades ocas e humilhação em outros, de pouco valor material, quando presentes,—as recompensas trazem o progresso á classe, visto que correspondem ao interesse, tendencia natural em toda creança, movel poderoso na vida infantil. A emulação espontaneamente surge.

Cuidará o mestre de que não se transforme esta emulação em inveja atroz. Sempre muito escrupulo na recompensa, que exige aplicação conscienciosa, exacta e meticulosa. Nada de preferencias individuais.

Nunca um premio será dado como resultado da competencia entre os alunos. É anti-social e anti-moral, traz a desunião na classe e recompensa a inteligencia.

Outro processo criminoso é o suborno, recurso infeliz de alguns mestres. Em uma escola—e com pezar o dizemos—vimos um caso perfeito de peita ou «suborno». Um aluno, meio de coração do professor, encarregava-se, mediante regulares premios quinzenais, do triste papel de delatar tudo quanto os condiscipulos fizessem. O professor comprava-o para isto. A inconsciencia do mestre fizera-o corruptor, o egoismo da creança tornára-a venal.

O comercio de Moçambique e as medidas do Alto Comissario

Recebemos o seguinte manifesto assinado pela Camara de Comercio, Associação de Comercio e pelos comerciantes e industriais não filiados, publicado como protesto contra medidas financeiras que o Alto Comissario da provincia tem adotado:

«O Comercio de Moçambique, tendo em conformidade do antigo regulamento da Contribuição comercial e industrial solicitado em fins de Dezembro o pagamento das licenças respectivas teve a surpresa de ver a passagem das licenças adiada pela Repartição da Fazenda concelhia, em virtude de ordens superiores que determinavam o seu pagamento segundo um novo regulamento ainda não publicado em 29 de Dezembro. Aguardou o Comercio a chegada do novo regulamento, confiado que ele não traria senão modificações na forma da cobrança, sem por forma nenhuma suspeitar de insuportavel agravamento de taxas egualmente intoleraveis.

Quando em 16 do corrente chegou o novo regulamento publicado em suplemento ao Boletim Oficial de 29 de Dezembro já todas as licenças deveriam estar pagas em face da lei que não admite que elas deixassem de ser cobradas nos primeiros 5 dias de Janeiro e foi com a mais profunda estranheza que o Comercio de Moçambique verificou que pelo decreto 170 lhe tinha sido criada uma situação de desfavor em relação a todos os outros distritos da Provincia, podendo considerar-se particularmente visado, pelo agravamento de contribuições que o novo regulamento encerra.

Enquanto o distrito de Moçambique se encontra equiparado aos distritos do Sul do Save em materia de direitos aduaneiros, que são os mais pesados de toda a provincia, fica agora, para o efeito da contribuição comercial e industrial, equiparado aos distritos de Quelimane e Tete, aqueles onde o exercicio do comercio e da industria são sujeitos á mais pesadas tributações. Ficamos nós todos, assim, colocados numa situação desfavoravel em relação a toda a provincia, situação que absolutamente incompreensivel, que não encontra senão no resultado de tolher todo o desenvolvimento deste distrito que, por todos os motivos, tinha direito a merecer mais solicitas atenções dos poderes publicos.

Taxas pesadissimas, que não se justificam por obras indispensaveis de Fomento, desproporcionadas em relação ao nosso meio comercial, em que á parte a exportação tão duramente tributada pelos direitos de exportação, é muito restricto, devido á reduzida população europeia que aqui vive, tributações pelo exercicio de um comercio especialisado que aqui não existe nem póde, nas circunstancias actuais, ter condições de vida, sujeição de toda e qualquer profissão, seja ela qual fôr, exercida por europeus ou indigenas, ao pagamento de taxas, estabelecidas por fórma tão confusa e elastica que não ha nada que não possa ser envolvido nas suas malhas, foi e que veiu trazer ao distrito de Moçambique, o decreto 170, elaborado sem a menor consulta á primaria autoridade do distrito, nem audição das colectividades que representam as classes imediatamente visadas, num contraste flagrante com o que se deu em Lourenço Marques onde todas as associações interessadas apresentaram os seus pontos de vista, conseguindo importantes alterações ao regulamento que lhes estava destinado.

Não podendo o comercio sujeitar-se ao pagamento de taxas, para as quais não estava preparado e que lhe foram intimadas de chofre, absolutamente proibitivas para muitos que terão de cessar de vez, com o exercicio do comercio, solicitou de s. ex.ª o Alto Comissario para que, enquanto não podia apresentar as reclamações permitisse o pagamento, durante o primeiro trimestre, das taxas anteriores, dando assim tempo a que fosse dada uma solução justa ás nossas representações.

Até este momento, s. ex.ª, não se dignou atender as representações que directamente lhe fizemos em 19 do corrente, nem aquelas que pedimos a s. ex.ª o Governador do Districto, que tem um perfeito conhecimento das circunstancias, lhe transmitisse em nosso nome.

Perante uma situação que não pode protelar-se por mais tempo, sem que a Fazenda comece descarregando, sobre nós todos, as penalidades que a lei comina, pelo exercicio do Comercio sem licença, vimo-nos forçados a tomar uma atitude de estricta defesa que não sendo, nem de agressão ao Governo, nem de hostilidade para o publico, cujos interesses estamos neste momento mais que nós dedicadamente servindo, nos obriga, a partir do dia 30, a fechar os nossos estabelecimentos, até que, entendido o Governo cuidadosamente o assunto, ele possa encontrar uma solução, que não sendo lhe diminuindo as receitas que, não queremos ver cerceadas, nos não sujeite a uma tributação intoleravel e proibitiva.

Poderá, ao publico irrefletido, parecer odiosa para ele a solução tomada, mas um rapido exame da questão convencerá a todos que sendo o comercio o intermediario natural entre productor e consumidor, representando o nosso trabalho e ir procurar a todos os pontos do mundo os productos que o consumidor carece, ao mesmo tempo que pelas nossas relações laboriosamente creadas vamos colocar em mercados longinquos, angelitos a todos os riscos, os productos que a agricultura do districto coloca nas nossas mãos, era facil a solução deste problema: vender mais caro aqui os productos que importamos e comprar mais barato os productos que os agricultores nos entregam para exportarmos. Seria esta solução de uma simplicidade infantil, de facil adopção, se por ela não fossemos agravar ainda mais o custo da vida, já tão elevado, já tão insuportavel para tantos, mas preferimos no interesse do publico, que nesta questão nos deve todo o apoio, tomar uma atitude diferente e recusar o pagamento das taxas que nos exigem, cessando a nossa actividade com todos os prejuizos que isso nos possa acarretar, absolutamente convictos de que nos assiste toda a justiça e que não nos será recusado pelos poderes publicos, cujos interesses defendemos neste momento mais do que os nossos proprios, todo o apoio que com justiça nos pedimos de quem julgamos mais alto e ao alcance imediato pelos nossos proprios interesses, e os incitamentos para continuarmos na atitude tomada.»

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DO CARNAVAL

Com os primeiros alvores desta madrugada que tinha nuvens amarelas e o vento a levantar do chão as ruas cal-das das catedrais da magica das côres, morreu o Carnaval.

Morreu como aqueles velhinhos que morrem de velhice. Sem um unico estremecimento, sem uma convulsão. Morreu suavemente, com uma triste expressão de cansaço e de piedade para com ele mesmo e para com todos nós. E á hora matutina em que se foi do mundo nem sequer tinha já o aspecto histrionico que o cerca.

Havia no ar qualquer coisa de puro como o ambiente desse nascer de sol, qualquer coisa de profundo como o vento fazendo vibrar os rebentos das arvores em extase, qualquer coisa de triste e de solene como o aspecto alti-vo das valetas onde tombem agonisavam as serpentinas—desejos e os papelinhos multicôres como ilusões.

Cansadas as faces palidas sorriam. Sorriam ao nascer do sol que vinha palido tambem cansado de jogar sem carnaval de estrelas, e que abriu os seus braços de luz de vinha crucificar ardendo em claridade, como nós nos crucificamos sempre dentro de nós ardendo em febre.

A essa hora enquanto o Carnaval se enterrava dobravam sinos nas igrejas e a vida retomava o seu caminho declinante e logo mudando as mascaras, arrancando umas para afivelar as outras.

Como espetros, como fantasmas, haviam sombras que seguiam no ar o enterro invisivel desse Rei monstruoso que as fez agitar-se sem dês azarragens da vida.

E essas sombras pareceram-me as vozes sombras caminhando curvadas na atitude de quem vai repousar eternamente sobre uma campa...

E enquanto El Rei jé morte se enterrava, velhinhas nos passeios vendiam flores brancas e azuladas para os tumulos sempre floridos das virgens mortas...

... Quarta-feira de cinzas...

BOTTO DE CARVALHO

* * *

A comissão do inquerito sobre as causas do naufragio do paquete holandez «Tubantia» em 16 de março de 1916 chegou á conclusão de que o afundamento tinha sido naturalmente causado pela explosão dum torpedo submarino alemão, sendo contudo impossivel averiguar se a explosão tinha sido intencional.

❖ ❖ ❖

Numa festa que se realisou em Francfort para obter fundos destinados a salvar a casa de Goethe, que ameaça ruina, o ministro do interior sr. Koester discursando disse que esperava que o apelo feito para que se salvasse o edificio do Estado alemão fosse tão bem correspondido como aquele que agora era feito para que se salvasse a casa de Goethe.

Acrescentou que ao passo que se devia dar todo o desenvolvimento aos ideais modernos não se devem deixar esquecer os ideais tradicionais.

O grande escritor Gerhardt Hauptman frisando a necessidade da alma nacional alemã ser desenvolvido por que aqueles que estavam animados pelo espirito de Goethe disse que a espada não era o unico simbolo do sentimento alemão, e que a enchada do trabalhador, a ferramenta do operario e o cerebro do pensador eram melhores representantes do espirito nacional.

❖ ❖ ❖

Vai ser organisada uma linha aerea de passageiros e transportes entre a Europa e a America do Sul organisada por uma companhia alemã, hespanhola e americana, e cuja séde será em Madrid. As construções serão feitas em Espanha e dirigida por engenheiros da «Zeppelin».

A conferencia de Genova

Lenine chefiará a delegação russa

E' sem duvida interessante a noticia de que Lenine, o celebre ditador da Russia, irá pessoalmente presidir á delegação dos Soviets na Conferencia Economica de Genova.

No seu actual regimen a Russia tem estado afastada do convivio das outras nações, do intercambio comercial e relações diplomaticas—e apenas delegações de caracter secundario tem, por vezes, entretido conversação com representantes de alguns paises europeus. Agora, porem, o antigo paiz do Tzar vai romper com a separação que o isolava, por assim dizer, de todo o mundo. E é sua representação equivale á do mesmo regimen que rigora na Russia, desde a data da queda de Kerenski. E' o proprio Lenine, o formidavel dominador, o ditador sanguinario, a encarnação inteira de uma politica social violenta e catolica que se vai apresentar perante os estadistas das nações do ocidente europeu.

A noticia do convite ao governo dos Soviets para participar da Conferencia de Genova causou justa surpresa, dado o isolamento em que os grandes potencias deixaram a Russia, governada por Lenine. O facto, por sua estranheza, deve ter influido para a transformação do governo francez com a queda inesperada de Briand.

A França não compreendia como estabelar relações com Lenine, se este havia declarado de nenhum efeito os avultados emprestimos feitos ao governo do Czar, depois de trair a causa dos aliados, e estabelecer um governo de comunismo macabro, em que predomina uma nova ideologia, sustentada pela lei invencivel da força.

A razão do convite feito a Lenine

Se ha em geral má vontade dos paizes cultos em entrar em relações com o governo do ditador Lenine, outra razão poderosa houve para que se desejasse a presença dos seus representantes na Conferencia de Genova.

Se fosse possivel considerar a Russia afastada em absoluto dos outros paizes, isola-la na sua existencia anormalissima, certo, se mais avançadas civilizações europeas achariam o bom arbitro deixa-la entregue aos seus proprios destinos. Mas a Russia, com qualquer outro paiz, não é elemento uma existencia politica, é tambem uma existencia economica e no quadro da vida europea representa, sob este aspecto, uma força imensa. E não apenas o paiz de Lenine deve ser considerado ligado economicamente aos paizes do velho continente, na fase actual; as relações economicas da Russia com o ocidente europeu devem ser consideradas, tambem, no passado, antes da conflagração guerreira, de sorte que a necessidade se manifesta de se atenderem os paizes aliados na guerra com o governo dictatorial de Lenine, figurando a Russia como um dos factores da solução possivel da formidavel crise economica que abala a Europa, e se reflete em todo o mundo.

A normalização do intercambio comercial da Russia daria á Europa as materias primas de que necessitam seus varios paizes para o movimento do trabalho e industria, e acarretaria, em consequencia, o intensificação do trabalho na propria Russia, cujos productos exportados incentivariam a producção dos camponezes.

A Atitude dos Estados Unidos

Seriam imprevistos, talvez, os resultados da Conferencia, se ela vier a realizar-se. Mas se a presença da Russia é necessaria para o estudo e as negociações que se terão de proceder, mais necessaria ainda é a presença dos Estados Unidos, cujo valor economico é muito mais considerável, que com eles tem as nações européas, pelas dividas que fizeram durante a guerra.

Ora, ao que se noticia, recentemente, os Estados Unidos não suportam a representação do «Soviets» em Genova e deixarão de participar de seus trabalhos e negociações porque lá estarão os emissarios de Lenine, e, o que se diz, agora, o proprio Lenine em pessoa.

Terá utilidade e eficacia essa Conferencia, sem a participação da Republica do Norte America?

Será ainda levada avante a reunião de Genova sem a anuencia do sr. Harding?

Segundo um telegrama que publicamos abaixo, já o «Times» lançou o boato do adiamento da Conferencia. E' bem possivel que surja mais tarde a confirmação desta noticia.

Antes de realizar-se, já muitas dificuldades se apresentam á Conferencia Economica, com o qual se procuraria normalizar as condições actuaes do mundo. Se ela se realizar, outras dificuldades aparecerão ao seu exito e seu totalmente imprevisto os seus resultados e os efeitos.

Intercambio intelectual luso-espanhol

A proxima conferencia de Eugenio de Castro

MADRID, 16.—No dia 6 de março o sr. D. Ramiro Maeztu fará uma conferencia na Residencia dos Estudantes sobre o tema—Portugal e o lirismo. Nesse dia falará no mesmo edificio o ilustre poeta portuguez Eugenio de Castro sobre o poeta «Autorio Feliciano de Castilho».

Parece que ha intenção de persistir nesta troca de ideais entre Portugal e Espanha, de forma a que se possa fazer cair o véo que separa as duas nações.—(Lal. Am.)

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A sessão de amanhã será consagrada á comemoração dos parlamentares falecidos

Na sessão de amanhã da Camara dos Deputados discursará por parte da maioria o sr. dr. Leonardo Coimbra, que está noite deve chegar do Porto. E' possivel que a sessão seja inteiramente consagrada á memoria dos parlamentares falecidos, durante o interregno legislativo. Será, pois, uma sessão onde se destacarão os oradores academicos.

O "Vasco da Gama"

Continua nas ilhas

Por noticias colhidas no Ministerio da Marinha sabemos que o cruzador «Vasco da Gama» que se encontra nas ilhas ainda não recebeu ordem de partir para o continente.

Caeiro da Mata

entrou na direção do Banco de Portugal

Foi eleito director-suplente do Banco de Portugal o ilustre jurisconsulto e antigo parlamentar dr. José Caeiro da Mata.

O grupo financeiro chefiado pelo sr. Candido Soto-Maior alcançou, com esta eleição, mais uma vitoria.

Poeira da Arcada

Foi transferido para o liceu da Castelo Branco o professor do 2.º grupo do liceu da Guarda, sr. Antonio do Rosario Marques.

—Foi autorisado o regresso ao serviço do magisterio primario, a professora na situação de licença ilimitada, sr.ª D. Laura Guedes Fonte.

—A sr.ª D. Carolina Barbosa Camilo professora da escola de ensino primario geral de Manisbos Fundeiros, concelho de Figueiró dos Vinhos foi transferida em concurso para a de Carvalhal Benfeito, Caldas da Rainha.

—O sr. ministro da Instrução regressa do Porto no rapido desta noite

—Pelo vapor «Quanhama» são expedidas amanhã malas postais para Las Palmas, Angola e Congo, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da Caixa Geral e fechando os registos ás 10 horas.

A gréve dos electricos

Ainda se não acha solucionada a greve do pessoal da Carris de Ferro.

O pessoal voltou a reunir hoje na sua associação de classe, presidindo o sr. José Augusto Martins, secretariado pelos srs. Carlos Mulas e José Garcia.

O sr. Claudio dos Santos, membro da comissão de melhoramentos expôs largamente á classe a marcha do conflito, esperando que ele venha a ter um rapido termo, em virtude das manifestações da solidariedade operaria para com o pessoal da Carris.

Depois do sr. Claudio dos Santos referir as dificuldades encontradas para se conseguir afiançar os camaradas que ainda se encontram presos, falaram diversos oradores, entre eles os srs. José Nunes da Silva, Antonio da Silva e José Carvalhais.

Os electricos circularam hoje em maior numero na cidade, continuando em linhas e as estações dos carros guardados militarmente.

Consta que ao partido trabalhista inglês foi dirigido um pedido pelo operariado português para que não seja permitida a vinda para o nosso pais de pessoal que a Companhia Carris de Lisboa ali pensa em recrutar para vir substituir os seus camaradas portuguezes.

O sr. presidente do Ministerio recebeu hoje, em prolongada conferencia, a direcção da Companhia Carris de Ferro.

Companhia dos telefones

A Companhia dos Telefones avisou hoje alguns dos seus empregados de que estavam despedidos a partir de 1 de Abril proximo. A direcção da referida Companhia já ha tempos havia informado o Governo de que tinha entre o seu pessoal alguns operarios que lentamente estavam praticando actos de «sabotage» fazendo mais ligações do que devem e que cahos a companhia para completa na sédo telefonica.

Nova crise de gabinete na Italia?

Um ministro demissionario

ROMA, 28. — Diz o «Jornal de Italia» que o sr. Di Cesaro apresentou a sua demissão para protestar contra a ingerencia do sr. Donsturza na escolha dos sub-secretarios de Estado; tendo sido vans as instancias do sr. Facta—(H.)

Os Estados-Unidos

Vão subvencionar a marinha mercante

WASHINGTON, 1.—O presidente Harding propoz ao congresso empregar todos os anos cerca de trinta milhões de dolars dos impostos cobrados em subvencionar a marinha mercante.—(R.)

Ordem Publica

O orgão das classes operarias no seu numero de hontem desmente de uma forma categorica que vá estalar uma grêve geral revolucionaria, dizendo que tais boatos apenas servem para justificar qualquer repressão governamental.

Isto não impediu que hoje de tarde voltasse a dizer-se que qualquer movimento estava preparado chegando o sempre «bem informados divulgarem» a afirmar que o Governo volta ao novamente para Cascais o que parece não se confirmar.

As nossas informações dizem-nos que de facto se trabalhou para fazer estalar uma grêve geral, amanhã ou depois, não tendo no entanto encontrado aplauso completo tal iniciativa. Se elementos operarios ha que perfilham a ideia, outros não concordam com ela e daí uma certa desunião que deve prejudicar o anunciado movimento.

No entanto continuam chegando a Lisboa forças militares que veem engrossar a concentração de chamada linha de Torres. Hoje chegou o batalhão de infanteria 15 com banda, sendo amanhã esperadas mais forças.

O regimento de infanteria 7 já não volta para Santarem ficando aquartelado no Castelo de S. Jorge.

D. Afonso de Bragança

Chegou hoje o «Vouga».—A trasladação dos restos mortais de D. Afonso será feita na sexta-feira

Chegou hoje de manhã ao nosso porto o destroyer «Vouga», que, como se sabe, traz a bordo os restos mortais de D. Afonso de Bragança.

O «Vouga» deve atracar amanhã, a ponte-cais ás 14 horas, sendo em seguida removido para a capela do Arsenal da Marinha o cadaver de D. Afonso.

Ali será resada missa de requiem e velado até ao dia seguinte por varias entidades oficiais, devendo a trasladação efectuar-se, na sexta-feira, pelas 10 e meia horas para o Panteon.

A sr.ª Duqueza do Porto esteve esta tarde no Ministerio da Marinha, conferenciando com o respectivo ministro, ao qual pediu licença para hoje ir a bordo.

Sua Alteza, acompanhada do tenente sr. Arantes Pedroso, dirigiu-se ao Tejo, pelas 16 horas num gazolina para bordo do «Vouga».

O "Patrão Lopes,,

Fundeou hoje no Tejo o rebocador «Patrão Lopes» que como é sabido foi receber alguns torpedeiros austriacos. Um violento temporal fez com que se perdessem esses barcos de guerra vindo a bordo do «Patrão Lopes» somente alguns salvados e material vario, do torpedeiro n.º 86.

O cerco a Lisboa

Um desmentido oficial

Os jornais teem noticiado que as tropas aglomeradas em torno de Lisboa procederam nos ultimos dias a execução de trincheiras defensivas. Esta versão foi-nos oficialmente desmentida quer no Ministerio da Guerra quer no do Interior.

A noite tragica

Voltou hoje a falar-se na provavel prisão do capitão de fragata sr. Carvalho da Silva, actual comandante do destroyer «Vouga» e que na noite tragica de 19 de Outubro estava comandando o Arsenal de Marinha.

O homem mais rico de Portugal é o sr. Veiga Simões. Pois muitos parabens, Excelencia!...

Não sabemos se o sr. Veiga Simões foi ontem, ou ainda não partiu, para Viena d'Austria, onde se anunciou que iria representar o Governo da nossa opulenta Democracia junto do Presidente da pauperrima Republica Austriaca. Se o sr. Veiga Simões ainda não partiu, é porque não quiz, visto que as duvidas que retardavam a efectividade da missão já foram totalmente desfeitas. Resumia-se tudo, afinal, na questão da cifra de honorarios. S. Ex.ª vai ganhar o que ganham os seus colegas ministros plenipotenciarios, com o acrescento de umas dez libras esterlinas. Tudo somado, são 50 esterlinas. E cada 10 esterlinos, transformados em moeda austriaca, renderão uns seis milhões de coroas. Coroas que não haverá ninguem, em Portugal, que possa igualar, agora, com o sr. Veiga Simões!

A grève das classes maritimas

Parece que a grêve das classes maritimas deve fazer hoje ou amanhã no Lisboada.

Nesse sentido estão-se efetuando as ultimas «démarches».

O pessoal da grêve reunia hoje novamente pelas 17 horas.

Restos do Carnaval

O «Diario de Noticias» de hoje diz que devia realisar-se uma pega directa entre os advogados drs. Afonso Azevedo Souto e Mario Jardim.

Trata-se de uma nota «Diario de Noticias» durante a quadra Carnavalesca. Os indigitados depois não tiveram a minima questão que os obrigasse a terçar armas.

Antes assim...

TEATRO

Raquel Barros

E amanhã que Raquel Barros faz a sua festa artistica com a Phi-Phi. *Espectaculo duplamente cheio de interesse.*

Por um lado a artistica cantora de variados recursos, bela voz, sangue de artista, meticulosa na sua profissão, por outro uma peça espicaçante para a pituitaria nacional, especie de manjar libertino francês com consagração interminavel em Paris.

Assim o Avenida se encherá de publico disposto a aplaudir os couplets *tão harmoniosamente faceis da* Phi-Phi *e para palmear a Raquel Barros, figura gentil do nosso Teatro de opereta.*

Nota do dia

Hoje não ha espectaculos

A maior parte das casas de espectaculo conserva hoje fechadas as suas portas.

Aproveitando o dormir dos foliões que teria como resultado as casas às moscas, a gente de Teatro resolve pôr de novo em pé uma tradição antiga: a do Carnaval dos artistas, especie de fuga colegial para as hortas em confraternal convivio e alegria bohemia.

Eu saúdo essa velha usança na parte que diz respeito ao estreitamento de camaradagem entre os artistas. Bastas vezes temos feito votos para que os artistas sejam uns para os outros como irmãos duma grande familia de Arte. A «casa Gil Vicente» deu-nos variadas ocasiões para afirmar mas esta necessidade.

Mas porque a rivalidade em titulos e proveitos deita tudo a perder é exactamente no meio teatral onde mais se esfaqueiam em intrigas sordidas as reputações rivais, onde mais se digladiam em invejas sordidas os camaradas da vida comum. Ha como que um verdadeiro envenenamento pelo «ar scenico» pois fóra do ambiente do palco todos os artistas são optimos cavaleiros, excelentes rapazes.

Por isso é facil retomar a tradição antiga. Hoje sob um ceu azul, um sol lindissimo, em face duma cabeça de chispe, ou numa bifalhada, perpassará a ideia ingenua duma confraternisação ampla, o sonho bom duma camaradagem sem limite. Hoje, anunciam os cartazes, não ha espectaculo...

Amanhã, na distribuição dum papel, na colocação dum nome no cartaz, no estabelecer dum ordenado, ahi tendes o sonho desfeito, a ilusão da camaradagem perdida, e todos engalfinhados, mordendo-se, hostilisando-se surdamente para melhor treparem ao mastro da «cocagne» da Gloria, hão-de voltar á vida normal de bastidores...

Amanhã já ha espectaculos...

ARMANDO FERREIRA

Os teatros do Porto

Na sexta-feira subiu á scena no S. João a peça «Sonho duma noite de agosto», pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. O «Janeiro» a esse proposito escreveu:

Com um recorte finamente literario a comedia de Martinez Sierra «sonho duma noite de agosto» que o distinto jornalista Avelino de Almeida traduziu com acentuado brilho e que ontem foi pela primeira vez representada no S. João, é uma delicada obra do moderno teatro espanhol, leve e espirituosa com a sua pontinha de galanteria e humorismo, que se ouve com o mais inefavel agrado.

O eterno tema do amor, sempre novo e original pelas multiplas facetas com que é susceptivel de ser encarado, inspirou a Martinez Sierra, o comediografo subtil da ternura e da sensibilidade afectivas, trez actos de uma leveza e graciosidade adoraveis, com que Cupido galanteador e folgasão, comete imprudencias e atrevimentos que bem se justificam pela serie de scenas e situações do esfusiante humorismo que se sucedem na peça, a qual tem a anima-la a figura insinuante de Amelia Rey Colaço com o perfume inebriante da sua mocidade irrequieta, da sua frescura encantadora e da sua vivacidade comunicativa que tanto seduzem e sugestionam o espectador,

Se a Amelia Rey Colaço cabem primazias no desempenho da linda comedia, não menos merecedores de aplauso são os distintos artistas Maria Judice e Robles Monteiro, aquela interpretando com assinalado merito o papel duma sensata e arguta avósinha, e este imprimindo ao seu trabalho um pronunciado cunho de primor e distinção.

Muito bem Julia Silva, Constança Navarro, Judith Silva, Vital dos Santos, Raul de Carvalho, Tomé da Veiga e Narciso Vaz, os quais completaram um conjunto deveras harmonioso. A sala tributou a todos os interpretes calorosos aplausos.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por Ladislau Batalha

Antagonismos Profissionais

SIGNIFICADO HISTORICO DO SECULO.—O ADAGIARIO DOS MAUS HABITOS.—PROSPERIDADE E DECADENCIA.—A ESCRAVATURA EM BRAGA

Não muito mais nos alongaremos no estudo que temos vindo a fazer do seculo XVI, acaso o mais movimentado e de maior ensinamento sociologico na Historia Nacional.

Na orientação especial dos nossos trabalhos, tivemos de estudá-lo por constituir o mais rico viveiro de adagios e anexins portugueses, gerados na propria complexidade historica daquele seculo, todo feito de contradições e paradoxos.

Com efeito, ao mesmo tempo que entre nós se tornava inconscientemente prolifico o grande movimento da Reforma, que, a não serem os nossos descobrimentos maritimos, teria sido abafado, tambem com esses mesmos descobrimentos demos força á Igreja perseguida, tornando-nos assim factores simultaneos da liberdade e da opressão, do progresso e do obscurantismo.

As desastrosas aventuras da India, por exemplo, poderam tomar maior calor pelo patrocinio que a Igreja Catolica lhe dispensou, por lá pretender achar novos campos de actividade e exploração, e alcançar a força de preponderancia que na Europa ia perdendo.

Isto sente-se na leitura dos Cronistas, poetas e prosadores coevos que o deixam transparecer em frases soltas.

Mariz fala-nos daquele «Oriental Imperio em que parece que a perda da Igreja Catholica da Allemanha & Fräça se vay recuperando». (1)

E nesta concisa frase deixa-nos ver, já no seu tempo, a razão da critica que estamos fazendo.

Tambem é curioso que no seculo XVI, o nosso maior apogeu de grandeza só nos tenha deparado o mais profundo abismo de miseria.

Assim como iamos com os quasi ininterruptos descobrimentos de novas terras dando mundos ao Mundo, tambem de mais para mais se nos iam acentuando os sintomas de uma decadencia fisiologica, implicando a depressão de caracter em que hoje tanto entre nós se fala.

Comparando os fins do seculo XVI com os principios do actual, quanto mais os cotejamos, mais similhantes eles nos parecem.

Conduziram-nos os desvarios daquele á perda da independencia pela forma mais humilhante. Só almejamos por que os desvarios da politica contemporanea não nos conduzam a tão desastroso termo.

Numa obra coeva, já citada e á qual na sequencia dos estudos ainda teremos de fazer novas referencias, (2) Theodosio, um dos interlocutores, exclamava:

—«O intemperança, largueza & devacidão mãy de todos os vicios & estrada coimbram para o inferno...

«Deos nos acuda, que já as demasias, variedades de trajos, modos de iguarias, copia de coches, numero de escudeiros de modo (tal) vam em crecimento, que afogão as virtudes condenão as almas, destróem as casas, empenhão os morgados, arrendão as comendas de antemão & por muito menos, & em resolução degradam os bons costumes, & não gastam as horas como convem, & por isso não ha quem senão queixe de injustiças; o (aquele) que merece está encantoado (3), o que adula tem officio (emprego), o que peita (tem) comendas, & não ha quem faça bem.»

Mais adeante exclama-se:

— «...a intemperança do tempo de agora (fins do seculo XVI) gasta as fazendas, estraga as consciencias, faz mil disformidades.»

Os maus habitos da cobiça do alheio, etnicamente gerada pelas nossas componentes ancestraes, popularisaram-se com a legislação da rapina alem-mar e fizeram-se mau sestro que até hoje perdura cada vez mais agravado.

Já no seu tempo Antonio Delicado registou alguns anexins que até hoje não perderam a oportunidade.

Entre tantos, ocorre-nos citar este:

— «Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel.»

Até á actualidade chegou uma variante dest'outro que já então se vozeava indignadamente:

— «Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vém?»

Tambem hoje se diz: — «Tão bom é o ladrão como o consentidor» — mera variante do antigo adagio: — «não ha ladrão sem encobridor».

A lealdade e lisura do comercio não era superior á que actualmente tornou possiveis os novos-ricos:

— «Ou me darás o poldro, ou te matarei a egua».

E tambem:

— «Mostraes ourelo & fugis com o panno». (4)

O seculo que, com a revolta liberal de Zwinglius na Suissa, e publicação das noventa e cinco teses de Lutero contra as indulgencias, e a queima da sua bula de excomunhão e decretaes do Papa em Wittemberg conseguira proclamar o Livre Exame,.. provocando e apressando a grande renovação das Sociedades humanas, veiu a ser em Portugal a determinante da maior depressão moral e decadencia economica.

Toda essa nevrose epopaica que nos fizerá aparentemente grandes aos olhos do mundo inteiro, depois da desastrosa catastrofe de Alkacer-Kibir que a educação cavaleiresca de um povo determinara, conduziu-nos á pusilanimidade em tempos do Cardeal Dom Henrique, e liquidou na ultima das vilanias — a submissão de Portugal ao Demonio do Meio Dia, com aquiescencia e sórdida cumplicidade de D. Christovam de Moura e outros funcionarios e fidalgos portuguesesl

Ao contacto das riquezas e da molicia de além-mar, os velhos tempos com os seus bons usos e costumes tinham-nos desaparecido.

Os jogos de armas, o desafio da brida e do ginete, a corrida, o arremesso da barra, o jogo da lança, o salto «& outras desenvolturas de pé & de cavallo», como diz o Cronista, iam esquecidos.

O mau contagio, influindo-nos profundamente nos habitos e costumes, acabara tambem por deformar-nos o caracter.

Desde as primeiras navegações costeiras ao longo da Africa Ocidental, creara-se entre nós o luxo e a ostentação de possuir numerosos escravos.

Não cometeremos grande erro, avaliando em mais de milhão e meio os negros e malaios que durante o seculo XVI importámos para nos servir em tudo e para tudo, alem do trafico vergonhoso que com eles faziamos em terras mesmo de Portugal.

Em Braga, diz-nos um viajante alemão que entre 1465 e 1467 nos visitou (5), vendiam-se os negros «á maneira de carneiros».

O viajante, acrescenta na sua narrativa, que o Rei possuia três cidades em Africa «para a qual região costuma mandar annualmente um exercito, e nenhuma expedição, por pequena que seja, volta tão leve que não traga perto de cem mil pretos ou mais de toda a edade e sexo».

Estava em costume reunirem-se homens de outros paizes e virem comprá-los aqui (Braga), «em cuja venda o Rei colhe maiores lucros do que em todos os tributos do seu reino, pois o mais pequeno preto é vendido por doze ou treze moedas de oiro *(aureis nummis)*. (6)

(Continua)

(1) Pedro de Mariz— Dialogos de Varia Historia—V—cap. 4.º

(2) Tempos de Agora—por Martim Afonso de Miranda. Dial. III.

(3) Posto de parte, metido ao canto.

(4) Antonio Delicado — Adagios— Ed. 1651—111-112.

(5) «Itineris a Leone de Rozmital» notabili Bohemo annis 1465-1467—por Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugalliam atque Italiam confecti. — Stuttgart — 1844—(reimpressão).

(6) «Ibid.» Trad. de M. B. Branco, «pud Portugal e os Estrangeiros—II-180.

SPORT

Coisas do Sport

Parece que para evitar a grande concorrencia, lembrou-se a direcção do Ginasio Club, de dar duas festas este ano, em que teriam entrada os socios divididos em numeros pares e impares...

E' uma medida contra os estatutos, mas não é para admirar que um club saia fora do regulamento num paiz em que anda tudo fóra dos eixos.

O mais engraçado, é que um sociodistraido, quando um membro da direcção lhe perguntou por causa dos bilhetes se queria par ou impar, a respondeu que queria segunda duzia.

* * *

Pini, o celebre mestre de armas, que foi delegado de Nadi, no match ao florete contra Gaudin, disse em Paris, no dia seguinte ao embate, que tudo decorrera bem, e que Gaudin, merecia a vitoria. Partiu para Italia, e ali declara nos jornais que fôra devido á parcialidade do jury que Nadi fôra vencido...

Mudou de clima e de opinião...

* * *

Dempsey, o campeão do mundo de box, avisa da sua viagem á Europa, dizendo que para ele o passeio será uma caçada.

Temos o Carpentier armado em coelho.

* * *

Henry Desgrange, o director do importante diario l'Auto, censura asperamente a miscelania entre amadores e profissionais dizendo que:

Ha federações atleticas que se entregam ao negocio do sport e que se transformam em lojas de comercio, recebendo subvenção etc.

Com vista á Federação Portuguesa de Box.

* * *

Gastão Vidal, ministro dos sports em França, criticando tambem a mistura de profissionais e amadores diz que:

Ha organisações sportivas que ameaçam transformar o sport amador, num amateurismo de pacotilha.

Nova visita á Federação de Box.

RUY DA CUNHA

Ciclismo

Numa festa de gala, de caridade, vão reaparecer todas as antigas estrelas do ciclismo, como Terront, Baurri Mos, Bauboers, Perchoot, etc.

Terront aparecerá na sua antiga bicicleta do ano de 1869.

—A proxima estação de corridas de estrada na Alemanha conta nada menos de 42 provas, para amadores.

—A corrida dos 6 dias em Berlim, produziu tanto entusiasmo, que os corredores já receberam 200 mil marcos, de premios oferecidos pelos espectadores.

Houve alguns desastres graves, que ocasionaram o abandono de varios corredores.

Aviação

O aero-club alemão oferece um premio de 100 mil marcos para o melhor vôo num aparelho sem motor.

—Um avião que levava operadores de cinema, e que voava acima do Vesuvio, teve uma *pane*, caindo ao pé da cratera.

—O aviador Mary, na California tendo uma *pane* no motor a 600 metros de altura, saiu do seu logar, subiu ao plano superior, e com o braço conseguiu fazer andar a helice até pôr novamente o motor em marcha.

Um prodigio de audacia e de acrobacia.

Automobilismo

Quasi todos os construtores de automoveis, são de opinião que deve haver anualmente o «salon», dependendo com anciedade a opinião da sua camara sindical.

—O corredor Peau vai na marca Peugot, tentar bater em Brooklands todos os records de velocidade.

Remo

Constituiu-se um premio de 10 mil francos, para os francezes poderem levar uma equipe de remo ás celebres regatas de Henley.

Pesos e alteres

O campeão francez Cadine vai tentar bater o record do mundo do jeté duas mãos, que pertence ao sueco Andersen em 149 kilos.

NOTICIARIO

BOX NO COLISEU

Não deve ser exagero dizer-se que amanhã, no Coliseu, Silva Ruivo tem, no seu encontro com o francês Marius, a mais dificil tarefa da sua carreira, não porque este seja um combatente impetuoso, quasi colerico, como Mario Gall, mas porque—e isso o torna mais perigoso—é um homem extremamente scientifico, que ataca e carrega com oportunidade e rapidez, esquiva e responde com vista admiravel e dispõe de recursos completos, que prontamente lhe permitem ajuizar do seu adversario. E, embora depois destas considerações, pareça contrassenso afirmá-lo, o que é certo é que nunca Ruivo teve tão excelente ensejo de mostrar o que realmente vale. E, amanhã, talvez o nosso pugilista tenha direito, mais do que nunca, ao aplauso entusiasta do publico.

O programa é completado com os já falados combates Faustino-Guita e Araujo-Brito, este ultimo de amadores.

A'manhã, um lindo programa, ilustrado com retratos e biografias dos combatentes, dará ao publico a ordem por que se realisam os combates.

Marius chega hoje, á noite a Lisboa, Manuel Guita, o esperançoso pugilista algarvio, chega amanhã.

FOOT-BALL A TAÇA DE HONRA

Acha-se aberta até ao dia 10 de março a inscrição para disputa da Taça de Honra e Taça Especial de 2. categoria.

Para a Taça de Honra, podem nos termos do artigo 3.º do regulamento inscrever-se todos os clubs filiados que disputaram o campeonato da 1. categoria na presente epoca, competindo á direcção nos termos do § 3.º do mesmo artigo conhecer da categoria dos clubs inscritos e regeitar a inscrição dos que não julgue com categoria para esta prova.

Para a Taça Especial de 2.ª categoria são admitidos nos termos do artigo 2.º do regulamento todos os clubs que disputaram a 2.ª categoria do presente campeonato e não hajam faltado a um unico desafio.

Nos termos do artigo 8.º do citado regulamento o ultimo desafio dessa prova é feito com entradas pagas revertendo o produto liquido para o fundo especial de resistencia aos jogadores que se inutilizem no decorrer dos desafios, organisados por essa associação.

CROSS-COUNTRY

Vai realisar-se no domingo organisado pelo jornal «Os Sports»

No proximo domingo, 5 de Março leva a efeito o jornal «Os Sports» uma prova de «cross-country», num percurso de 5 quilometros.

Já foi enviado aos clubs o regulamento da corrida, acompanhado do respectivo boletim de inscrição, a que nós já fizemos referencia.

Cada club pode incluir na sua «equipe» qualquer numero de corredores.

A inscrição fecha amanhã.

Pela fórma como a prova é organisada e pelas condições de inscrição, é de esperar que seja elevado o numero de concorrentes.

Amanhã pelas 21 horas efectua-se na redacção de «Os Sports» a reunião do juri e dos delegados dos clubs.

Pede-se a comparencia de todos.

N.º 23 — Folhetim de A CAPITAL — 1 de Março de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

IV

A resposta foi negativa; devia ir, porem no dia seguinte, depois da missa. Não dormi durante a noite. Contaram-me depois que delirei toda a noite, dizendo que devia ir a casa da princeza, pedir-lhe perdão.

No dia seguinte, finalmente, teve logar a apresentação. Vi uma velhinha muito magra, sentada num grande «fauteuil». Saudou-me com um gesto com a cabeça e poz os oculos para melhor me examinar.

Não fiz nada do que me tinham ensinado na vespera. Ela observou que eu era uma selvagem, que não sabia fazer uma reverencia nem beijar uma mão.

Principiou o interrogatorio a que eu respondia com dificuldade. Quando ela me perguntou acerca de meus pais pus-me a chorar. Isto desagradou á velha. Em todo o caso tentou consolar-me e disse-me para ter esperança em Deus. Em seguida quiz saber quando ... ... ultima vez á igreja, ... dolorosamente a essa pergunta feita, porque a minha educação tinha sido desprezada. A velha princeza ficou aterrorisada.

Mandaram chamar a princeza. Tomaram uma resolução; decidiram que eu iria á igreja no domingo seguinte; a princeza velha prometeu orar por mim até lá e deu ordem para que me retirasse pois tinha lhe causado má impressão. Não havia nessa impressão nada de extraordinario; devia ser mesmo assim: via-se que claramente lhe tinha desagradado. No mesmo dia mandaram-me dizer que fazia muito barulho e que me ouviam em toda a casa, embora eu estivesse todo o dia quasi sem me mecher. Era, evidentemente, uma ideia da velha; contudo, no dia seguinte, fizeram-me a mesma observação.

Nesse mesmo dia deixei cair um copo que se partiu. A franceza e todos os camareiros foram ao cumulo do desespero. Imediatamente levaram-me para o quarto mais afastado, inspirando-me todos o mais profundo terror.

Esqueci-me já como acabou esta historia. Mas aqui está porque me sentia feliz, passeando só pelas grandes salas, sabendo que não incomodaria ninguem.

Lembro-me que numa ocasião, estando, não sei ha quantas horas, numa das salas de baixo, escondida a minha cara nas mãos, com a cabeça baixa, eu pensava, pensava, sem descanço. O meu espirito não era tão desenvolvido para resolver toda a minha angustia e uma coisa havia que me oprimia a alma cada vez mais. De repente uma voz suave, chamou-me:

—Que tens tu, minha pobre pequenina!

Levantei a cabeça. Era o principe. A sua cara denotava numa profunda compaixão e olhei-o com uma expressão tão desgraçada que uma lagrima brilhou nos seus grandes olhos azuis.

—Pobre orfã, exclamou, acariciando-me a cabeça.

—Não, não, não quero ser orfã! Não! disse eu e os soluços brotaram do meu peito. Toda eu estava tremendo.

Abracei-me a ela. Peguei-lhe na mão beijei-a e soluçando sempre, repetia com uma voz suplicante:

—Não, não, não quero ser orfã! Não!

—Minha filha, que tens? Que tens tu, minha pobre Niétotchka?

—Onde está a mamã? onde está a mamã? exclamei eu soluçando, não podendo guardar mais a minha angustia e caindo de joelhos diante dela. Onde está a mamã? Diga, Onde está a mamã?

—Perdoa-me, minha filha!... Ah! minha pobre pequena... Vim desportal-a das suas recordações... Que fiz eu? Vá, vem comigo, Niétotchka, Vamos.

—Pegou-me pela mão e rapidamente levou-me comsigo.

Estava comovido até ao fundo do coração. Chegamos a um quarto que eu ainda não tinha visto. Era uma capela. A noite caia e as chamas das lampadas reflectiam-se sobre os quadros doirados e as pedras preciosas que cobriam as imagens. De todos os lados surgiam as caras sombrias dos santos. Tudo isto contribuia para tornar esta sala diferente das outras; era tudo tão misterioso, tão negro, que eu estava sentada e a angustia enchia-me o coração. Alem disso eu estava doente do espirito! O principe fez-me ajoelhar diante da imagem da Virgem e colocou-se junto de mim:

—Reza, creança, reza. Rezemos ambos—disse ele com uma voz suave, pausadamente.

Eu não podia rezar. Estava sentada, estava esgotada. Recordava-me das palavras do meu pai nessa ultima noite, junto do cadaver de minha mãe e apossou-se de mim uma crise nervosa. Levaram-me para a cama doente e neste periodo de recaida, parecia que ia a morrer. Eis como as coisas se passaram:

Uma manhã, um nome que eu conhecia, soou-me aos ouvidos. Ouvi pronunciar o nome de S..., proximo do meu leito, por qualquer das criadas. Eu tremia. As recordações que esse nome me trazia cavairam-me e meia acordada, meia sonhando, fiquei deitada não sei quantas horas, apossada dum verdadeiro delirio.

Quando acordei já era tarde; o meu quarto estava escuro; a lamparina estava apagada e a parceira que estava sempre junto de mim tinha saido. De repente ouvi o som duma musica longinqua. Em certos momentos os sons paravam completamente; outras vezes elevavam-se cada vez mais distintamente, como se se aproximassem. Não me recordo que ideia me dominava, que ideia de repente surgia na minha cabeça doente: levantei-me da cama e sem saber como tive forças, vesti os vestidos de luto e sai ás apalpadelas do quarto. Não encontrei ninguem nos primeiros dois quartos. Depois encontrei o corredor. Os sons aproximavam-se cada vez mais. Ao meio do corredor havia uma escada que conduzia para o andar inferior. Era por ela que eu descia para as salas grandes. A escada estava brilhantemente iluminada. Em baixo estava alguem. Agachei-me num canto para não ser vista e logo que o momento me pareceu oportuno desci, indo ter ao segundo corredor. A musica vinha da sala visinha. Ali faziam barulho, conversava-se, como se milhares de pessoas estivessem reunidas.

Uma das portas que dava para o corredor era tapada por um enorme reposteiro de veludo encarnado. O meu coração batia tão fortemente que o sentia.

Ao fim de alguns momentos, dominada emfim a minha primeira emoção, ousei levantar um canto do reposteiro.

Deus meu! Esta enorme sala negra onde eu tinha tanto medo de entrar estava agora iluminada por milhares de luzes! Sentia-me como que lançada num oceano de luz e os meus olhos habituados á obscuridade estavam cegos até á dor. O ar perfumado como um vento quente, batia-me na cara. Uma multidão de pessoas passeiava para cá e para lá. Pareciam todas alegres.

As mulheres estavam todas com vestidos tão claros e tão ricos! Por toda a parte havia olhares brilhando de prazer.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4016—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 2 de Março de 1922

Telefone n.º 2293—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Antonio Candido

Anuncia-se um alto preito intelectual a Antonio Candido que no fim deste mez completa 72 anos de idade e que representa indiscutivelmente a mais bela tradição da oratoria de que pode desvanecer-se a eloquencia portuguesa nos ultimos cincoenta anos.

Concordamos plenamente com essa homenagem e bom grave nos seria que ela constituisse o inicio dum culto de que só nos pode vir honra, á plêiade de altas individualidades que nos esforços do pensamento ainda representam como que uma legião sagrada de nobres e profundos espiritos. Embora reduzida ela pode impor-se ao respeito e á admiração de nacionais e extrangeiros.

Antonio Candido foi o orador academico por excelencia. Nas tribunas da Atica não se falava com mais elegancia, nem no Forum romano se perorava com mais nobreza.

Pertenceu a uma geração para quem as causas politicas não dispensavam, na sua defesa, embora apaixonada e vibrante, as formosuras do estilo sem as quais não ha beleza nem emoção.

Pertenceu a uma epoca em que Pinheiro Chagas, João Arroyo, Alves Mateus, José de Alpoim, e esse principe da linguagem castigada e harmoniosa, que se chamou Latino Coelho, davam fulgurações brilhantissimas á tribuna parlamentar. Foi um tempo em que se falou muito, e se trabalhou muito, porque só é estéril a palavra que não corresponde a um pensamento elevado e a uma consciencia culta.

Hoje, poucos se recordam de Antonio Candido, e muitos nem o conheceram. A dialectica parlamentar foi rebaixada a um mercado de calarujas; o que é preciso é rugir improperios ou saber cabitar banalidades; em S. Bento não passa, sequer num sopro, a minima vibração dos dias em que José Estevam, Passos Manuel, Garrett, sabiam desfolir as notas da mais pura eloquencia, na defesa de principios justos e fortes.

Tambem já se não visiona a linha aquilina, o rosto pallido, as mãos finas e vivas que se diria estarem modelando marmore, do orador impecavel, a quem se projecta agora uma homenagem, em que, na risalidade, reviverá todo o grupo harmonioso e gentil dos seus companheiros que se lhe irmanaram no talento e no espirito.

Por todos os motivos, se nos afigura util, justificada e oportuna essa homenagem. Sobretudo, pela Republica que, ultimamente, pelos azares duma politica desvairada ou aviltecida, se diria ter cortado relações com o espirito, a inteligencia e o saber. Pois não ha duvida que nas assembleias republicanas é que principalmente tem vibrado, através da Historia, uma eloquencia mais nobre e mais generosa! Prestar culto a um dos principes dessa eloquencia deve representar para nós como que o compromisso de a fazer renascer e refulgir na nossa Democracia que, precisamente por se inspirar em verdade e em beleza, na beleza e na verdade deve ter as suas mais fieis expressões.

Em volta da conferencia de Genova

Os grandes problemas

NEW-YORK, 2.—O «New-York Herald» referindo-se á conferencia de Genova diz que é absolutamente necessaria a reunião duma nova conferencia economica internacional para se chegar a acordo entre os Estados Europeus acerca dos problemas militares e das dividas internacionais, assim como das reparações alemãs e dos emprestimos americanos aos aliados.

Os Estados Unidos enviarão um delegado á conferencia que examinará unicamente o decorrer dos trabalhos sem nela intervir.—(R).

A Russia e a conferencia

REVAL, 2.—Numa reunião de delegados da guarnição de Moscou Trotzki disse que iria mobilizar novas classes do exercito se a conferencia de Genova se protelasse o que estabeleceria o regimen dos soviets na Finlandia e na Romania.

A situação interna da Russia agrava-se. O trafico ferro-viario cessou em quasi todas as linhas não havendo já combolo entre Moscou e Petrogrado.—(R).

TERRAS DE PORTUGAL

A expansão comercial portuguesa e a Exposição Internacional do Rio de Janeiro

O SR. PERES TRANCOSO FALA-NOS DAS RIQUEZAS DA MADEIRA

O sr. Peres Trancoso, no Ministerio das Finanças, ocupa-se presentemente num inquerito desenvolvido á capacidade produtora da Nação. Assim se propoz para futuras eventualidades. E' é justo que o faça. Portugal é muito rico de estadistas; mas não o é tanto de homens de governo, com bagagem séria de conhecimentos praticos. E o sr. Peres Trancoso que, nas suas relações intimas com o Estado, sempre demonstrou ser um politico de realizações imediatas e não de meros e infrutiferos idealismos, vai estudando sempre, no proposito de armazenar conhecimentos que o habilitem a intervir eficazmente na direcção dos negocios da Republica e na solução dos variadissimos problemas que afligem a nacionalidade. De resto, êle não é um desconhecido para a Nação, antes pelo contrario. Durante algum tempo, o sr. Peres Trancoso foi, realmente, um ditador, talvez mesmo o unico verdadeiro, nestes dez anos de Republica. Marcou, como é sabido, a ditadura da alimentação publica. E, se é verdade que os seus actos nem sempre foram isentos de censura e até de impopularidade, tambem não deixa de ser absolutamente incontestavel que, no desempenho da dificil missão que lhe foi confiada, soube imprimir uma acção de conjunto que foi util aos desherdados da fortuna, que nele tiveram um protector desvelado.

O sr. Peres Trancoso percorreu todo o continente, numa inspecção directa ás fábricas, ás oficinas, aos campos. Foi depois á Madeira, de onde regressou ainda não ha muitos dias e prepara-se, neste instante, para conhecer, *de visu*, as colonias, a principiar por Angola, que percorrerá detalhadamente.

Numa rapida palestra, tivemos ensejo, numa tarde destas, de ouvir interessantes pormenores da viagem de estudo que o sr. Peres Trancoso fez á Ilha da Madeira. A fim, principalmente, de fazer a demonstração, perante os produtores e exportadores continentais, da visão inteligente dos madeirenses ácêrca da sua representação na Exposição do Rio de Janeiro, faremos aqui um resumo do que ouvimos ao ilustre estadista. E' breve resumo, apenas. Porque ser-nos-hia impossivel reproduzir tudo quanto ouvimos, tal a variedade e extensão de conhecimentos exteriorisados pelo sr. Peres Trancoso na verdadeira conferencia economica, que, perante nós, êle realizou.

— A Ilha da Madeira — principiou o sr. Peres Trancoso — não é apenas o paraizo terrestre de que falam os *touristes* e que criou a sua fama mundial. Isso é o menos. Aquilo que mais feriu a minha atenção é a soberba actividade produtora dos seus habitantes. A Ilha da Madeira é rica, muito rica. E sê-lo-hia ainda mais, se encontrasse o apoio oficial a que tem direito.

— A Ilha exporta...

— Isto, principalmente: vinho (o celebre Madeira de reputação mundial), manteigas deliciosas, encantadores bordados, obras de vime e embutidos. Ora, eu dei todos os passos necessarios para que se faça no Rio de Janeiro, por ocasião da Exposição Internacional, uma excelente propaganda dos produtos exportados da Madeira. De resto, não fiz mais que corresponder ao convite gentilissimo que, nesse sentido, me foi feito pelo sr. Lisboa de Lima, comissario geral da Exposição, logo que teve conhecimento da resolução que eu tomara de ir á Ilha estudar pessoalmente os seus trabalhadores e o seu trabalho.

— A Madeira far-se-ha, então, representar na Exposição do Rio de Janeiro?

— E por forma extremamente honrosa. Os expositores da Madeira querem, só para êles, um espaço não inferior a 600 metros quadrados, a fim de instalarem o seu pavilhão privativo. E, a proposito, devo dizer-lhe que êste pavilhão terá um certo cunho de originalidade artistica, porque será a reprodução ampliada de uma choupana madeirense, com um tecto de colmo e, enfim, toda a sua arquitectura regionalista. Os vinhateiros da Madeira venderão lá mesmo o belo e autentico vinho da Ilha, em barris e engarrafado, fazendo-se assim a educação pratica do paladar dos americanos do sul e do norte. Quantos haverá, que, bebendo habitualmente e desde muitos anos uma mixordia qualquer rotulada pomposamente de *Madeira Vinho*, fabricado nas bodegas espanholas ou francesas, fique surpreendido com o paladar delicioso do verdadeiro vinho da Madeira. Acrescento, agora, que todo o serviço da choupana será feito por verdadeiras e autenticas ilhoas, vestidas á moda da sua terra, e terá feito uma idéa do exito que está reservado á choupana da Madeira, nota fora do comum na monotonia das construções, todas, mais ou menos, semelhantes da grande feira do mundo, comemorativa do centenario da independencia do grande povo brasileiro.

— E os bordados?

— Quem os não conhece? Os bordados da Madeira principiam a ter reputação nos grandes centros da America do Norte e da Inglaterra. A exportação dêste artigo, quasi toda destinada aos Estados Unidos, é já consideravel. Amanhã, abertos os mercados da America do Sul, poderá ser colossal e constituir uma das grandes riquezas da Ilha. Faço idéa por isto: na Ilha ocupam-se em bordar cêrca de 30:000 operarias, trabalhando em 74 casas exportadoras do artigo. E trata-se de uma industria ainda incipiente, pouco conhecida, ou, pelo menos, insuficientemente conhecida no estrangeiro! Entretanto, pode calcular-se que a exportação de bordados traz para a Ilha um beneficio de 500:000 £ anuais.

— E com respeito aos outros artigos de exportação madeirense?

— Ha as manteigas, os vimes e os embutidos. Na Ilha estão em plena laboração 82 fábricas de manteiga, que exportam anualmente um milhão de quilos, no valor de mais de 100:000 £; os vimes devem dar á Ilha cêrca de dois mil contos anuais; e os embutidos, que é apenas uma industria nascente, já contribuem com alguma coisa para a riqueza publica e hão de produzir muito mais, dentro de pouco tempo. Esta ultima é, de resto, uma industria a desenvolver. Mas não lhe falei, por acaso, de uma outra origem de prosperidade, que rende á Ilha da Madeira uns 30:000 contos anuais...

— E qual é?

— O turismo, meu amigo. Aqui, no continente, esta palavra magica nunca foi compreendida. Todo o paiz, tanto continental como insular, tem condições naturais excelentes para atrair o turista e até fixá-lo á terra, com mais ou menos permanencia. Mas não basta, para isso, ter um sol brando, um luar de prata e uma viração subtil. São indispensaveis excelentes hoteis, bons, rapidos e comodissimos caminhos de ferro, carreiras periodicas de luxuosos paquetes, estradas de rodagem para toda a parte acessiveis a automoveis e a carruagens. Temos disto? Nem por sombras! E já não falo da vida cara, porque, na realidade, ela só existe para nós e não para o estrangeiro, que vive e se diverte em Lisboa com uma libra esterlina diaria. Para êle, só ha vida mais barata... em Viena d'Austria.

A tarde caira de todo. Compreendemos que não nos assistia o direito de demorar mais tempo o sr. Peres Trancoso. Fizemos as despedidas e viemos rabiscar á pressa estas notas. Possam elas ser compreendidas por todos aqueles que têm um interesse imediato, até mesmo material, em tornar os seus produtos conhecidos dos mercados estrangeiros. E nenhuma oportunidade se oferecerá melhor e mais eficaz que a da Exposição Internacional do Rio de Janeiro!

A luta em Marrocos

A sorte dos prisioneiros

MADRID, 2.—O sr. La Cierva declarou que Abd-el Krim respeitará a vida dos prisioneiros espanhoes que estão em seu poder.—(Lat. Am.)

As forças navais

MADRID, 2.—Chamado pelo governo, acaba de chegar a esta capital o almirante Aznal, que vem tratar do desembarque das forças navais espanholas em Alhucemas.—(Lat. Am.)

As reparações

A Alemanha terá de pagar...

BERLIM, 2.—Em consequencia dum acordo provisorio celebrado entre a Comissão de Reparações e o governo alemão, o pagamento anual que a Alemanha tem a fazer será de 720 milhões de marcos em dinheiro e de 1450 milhões de marcos ouro em natura.—(R.)

Migalhas

Bairros sociaes

O relatório publicado ácerca dos famosos bairros sociaes é um documento que já nos não espanta porque a nossa ingenuidade tem andado sujeita a outros golpes não menos impressionantes.

Diz o relatorio em questão que, «devendo os Bairros Sociais resolver o problema do inquilinato para as classes pobres e, portanto, tornarem-se as construções rapidas e economicas, tal não aconteceu, pois que, apesar de se terem gasto já 8 000 contos e os trabalhos terem sido iniciados no ano de 1918-1919, não existe até agora nenhuma habitação concluida, de forma a minorar a carencia de casas, tendo o problema sido resolvido, bem ou mal, pelos aventureiros, na sua esmagadora maioria oriundos da propria classe operaria».

Diz mais adeante o mesmo documento que sobre a organização do trabalho criaram os bairros sociais as «comanditas», sistema que, parecendo de execução pratica e de seguros resultados, experimentalmente falhou por completo.

E elucida que actualmente ha comanditas compostas apenas de 20 operarios pouco mais ou menos e nelas se encontram quatro individuos que, não sendo profissionais, percebem mensalmente 1.200 escudos sem nada produzirem, admitindo se ainda «arvorados que recebem salarios superiores aos operarios». A fiscalisação das obras anda descurada e abandonada sem preocupação de economia, acrescenta o relatorio.

Eu, como a velha que ia ao templo rogar aos deuses pela saude do tyrano de Syracusa, nunca me deito sem me benzer tres vezes e pedir ao Altissimo que conserve por largos anos a esta terrivel sociedade capitalista que me explora.

Corre tudo muito mal, meus amados irmãos; mas tenho um palpite terrivel que no dia em que os novos planos da C. G. T. da U. S. O. tomassem conta de tudo isto e se deitassem — é o termo — a construir o novo Bairro Social sobre os escombros da organização actual, haveria uma certa confusão por essa Lusitania fóra.

Antes que todos os que hoje se declaram famintos tivessem enchido a barriga e antes que o trabalho satisfizesse a sua sêde de Descanço, que trapalhada, senhores fumadores de papel Duc!

Haveria mais de uma greve de proletarios que teriam de continuar a trabalhar, embora á força, depois de terem saqueado todas as mercearias e se dispensado do que pitorescamente se chama a canalha burguesa. Para isto se criaria uma guarda mais ou menos vermelha, podem estar descançados.

Mas surgiria uma tropa fandanga de mandões e dirigentes, já com alguma pratica, segundo se vê pelos documentos acima, que fariam de tudo isto uma pitoresca feira de rapina e de estupidez.

E, mal por mal, Deus nos conserve estes tiranos que nos sacrificam. Ainda lhes serve um pouco de brio e o medo terrivel que teem dos outros, dos que querem vir. Fossem estes inteligentes que essa sella bastava para os fazer dançar.

ANDRÉ BRUN.

A agitação na India

LONDRES, 2.—Aumenta a agitação na India mostrando-se a assembleia legislativa em franca oposição com o governo.

O debate acentuar-se-ha quando se tratar da discussão dos orçamentos. E' quasi absolutamente certo que a assembleia votará as leis reformistas. Se na sessão de amanhã o governo fôr derrotado, a crise politica tomará um aspecto muito agudo.

O sr. William Vincent declarou que as leis reformistas, concedendo á India o governo proprio parcial, poderão prejudicar muitissimo a politica financeira.

A assembleia legislativa segundo a reforma, disporia dos dinheiros da India e os seus trezentos e tres membros eleitos estão todos no campo da oposição.—(R.)

A primeira reunião do parlamento irlandez

LONDRES, 2.—Realisou-se hontem a primeira reunião da Dail-Eireann depois da ratificação do tratado de paz, tendo-se verificado que Griffith ainda tem a maioria.—(R.)

NO MINISTERIO DA MARINHA

A REFORMA DOS SERVIÇOS —O ENSINO NAVAL :-: :-: :-:

O QUE NOS DIZ O SR. VICTOR HUGO DE AZEVEDO COUTINHO, TITULAR DA PASTA

O sr. ministro da Marinha vae remodelar os serviços do seu ministerio e bem assim do Ensino Naval, devendo apresentar muito em breve os seus projectos á sessão do Parlamento.

Ouvimos hoje o ilustre titular que nos disse:

—Tanto o ensino naval como o ministerio carecem de algumas reformas importantes, tendentes a modernisar os serviços.

Quanto ao ensino, especialmente, necessita de ser refundido, para lhe serem introduzidos os ensinamentos que a guerra nos deixou.

O curso será mais curto mas em compensação criar-se-ha um curso complementar, destinado a ministrar aos novos oficiaes conhecimentos de pratica naval, que a escola tal como está não pode dar.

O aluno fará o curso primeiramente na escola, depois a sua estação no mar, até ao posto de guarda-marinha, vindo então para o ensino complementar, onde receberá a preparação que reconheceu faltar-lhe durante o estagio.

Por outro lado, vai acabar com o facto de os alunos de administração naval e maquinistas não pertencerem á Escola Naval, mas á Escola Auxiliar de Marinha.

Como se compreende isto dá logar a uma cisão dentro da corporação, que é prejudicial, e que não tem razão de existir.

A Escola auxiliar de Marinha, ficará simplesmente destinada á marinha mercante. Tudo quanto fôr tropa pertencerá á Escola Naval.

—E que pensa v. ex.ª da marinha mercante?

—Torna-se necessario exigir mais habilitações para o curso de pilotagem.

Até aqui, teem sido admitidos alunos só com o exame instrução primaria.

—E' pouquissimo como vê. Como se poderá ministrar a esses individuos, por exemplo, umas noções de trignometria esferica?

Até aqui nunca se pensou nisso porque, se tratava de uma vida de poucas compensações, e mal paga.

Mas agora não. A afluencia de candidatos é grande, e a necessidade de mais habilitações evidente.

Quanto ás materias ministradas na escola, necessitam de ser aumentadas com noções que nos deu a guerra. Como se compreende todas estas reformas foram cuidadosamente elaboradas, segundo os pareceres de cada organismo, para que se atenda bem a todos os interesses, e a uma imediata eficacia.

Depois de, por uma maneira geral, nos falar do seu plano, o sr. ministro mostra-se de opinião de que os navios não se fizeram para estar no Tejo.

—E' preciso pôr tudo a girar, fazer viagens de instrução, continuar os estudos hidrograficos, e organisação de mapas de zonas de pesca; emfim compreendermos que devemos dispensar atenção ao nosso prestigio maritimo, que é o maior brasão da nossa gloria.

«Sobre estudos hidrograficos alguma coisa já temos feito, pois o nosso «bureau» nacional, está em correspondencia directa com o «bureau» internacional, que funciona em Monaco. Precisamos elaborar as nossas cartas de pesca, e para isso já eu vi estudos muito minuciosos e completos, feitos nesse sentido.

O sr. ministro fala-nos depois, de varios pontos do programa ministerial que correm pela sua pasta.

Por ultimo pergunta-nos o que sabemos de boatos.

Toda a gente fala na «pavorosa», e nós mais uma vez nos referimos a ela.

O sr. ministro diz-nos das disposições do governo, no sentido de uma repressão energica de qualquer alteração de ordem publica, e pede á imprensa que o auxilie não dando curso a boatos infundados, que convençam os extremistas de uma força que não teem; e ao mesmo tempo que lhes compreender a pavorosa ruina, a que conduz essa ideologia construida nos seus cerebros rudimentares, alimentados pelo veneno de uma literatura de quiveque, corrosivo e dissolvente.

SEGREDOS A TODA A GENTE

Para André Brun

Meu querido amigo—Li on'tem, como leio sempre tudo quanto es reve, o seu artigo admiravel sobre Landru. E' exato, meu amigo. Já o disse Claretie: «Os humoristas teem sempre razão»—e o André Brun tem sempre razão como todos os humoristas. Oiça. Eu condenei, em tempos, Landru nas minhas cronicas como uma especie de Pan felpudo e sinistro em volta do qual caiam, perturbadas, todas as mulheres. Mas mudei-o porque tinha a impressão de que o nosso Barba azul, verdadeiro orgulho da crimonologia internacional, seria, pelo menos, absolvido. Não foi. Tanto melhor para ele. Desde que a sua calva voluptuosa rolou no cadafalso, numa pasta de sangue, eu, e afinal todos nós, absolvemos Landru. Porque Landru se tornou, pelo sacrificio, um santo? Não. Por que Landru se converteu num simbolo. Foi esse simbolo que o André Brun surpreendeu no seu artigo de ha pouco—num maravilhoso sentimento de oportunidade. Landru é o homem que se vinga das mulheres, como Antinéa é a mulher que se vinga dos homens. Landru transformava-as em cadaveres; Antinéa convertia-os em estatuas. Ha apenas diferença na maneira de consagrar as vitimas. Antinéa, como mulher, era muito mais amavel; Landru, como homem, era muito mais humano. Landru foi afinal, o hipercivilisado que vinga todos os outros homens sacrificados dia a dia pelas suas eternas inimigas, as mulheres, brandindo uma arma eterna: o amor. Landru castiga as suas vitimas com ternura, com volupia, com adoração. No forno de Gambais ardia fogo sagrado. Pois bem. O meu caro André Brun (caro apenas no sinonimo de querido) lançou a ideia dum monumento a Landru abrindo uma subscrição para ele—com um escudo. Queira juntar-lhe um outro escudo—o meu. Se com dois escudos se pode levantar um monumento a um grande homem—mãos á obra, meu amigo. E entretanto eu ia jurar que a subscrição aumentará—com os escudos das mulheres—porque ninguem mais do que elas, apesar de tudo adoravam Landru. Sabe porquê? Refiro-o dum livro de impressões que eu hei de escrever um dia: «As mulheres preferem antes ser mortas pelos maridos—do que morrer solteiras». Ai nisso Landru foi um carrasco amabilissimo. Matava-as apenas depois de ter casado, amorosamente com elas. Felicito-o pela sua ideia e creia-me com muita amisade, seu admirador

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

EM FRANÇA ha sómente trez soldados desconhecidos E EM PORTUGAL?

Dos milhões de homens que a França atirou para os campos de batalha, actualmente, nos hospitais, só existem três combatentes, cuja identidade se desconhece, visto estarem atacados de uma amnesia profunda.

O «Matin» publicou ha pouco a fotografia dêsses três ignorados. Ora, num dêstes ultimos dias, ao abrir o «Matin», madame Bossard julgou reconhecer numa delas um seu irmão, Elie Morin, cuja esposa casara apenas ha um mês.

Ao ver a fotografia, madame Bossard comunicou logo o facto a tôda a familia e todos os parentes reconheceram Elie Morin.

Este soldado da grande guerra era considerado desaparecido desde 1917.

Como se vê, os franceses tratam activamente de pôr a casa em ordem, protegendo e cuidando com todo o carinho os seus filhos que heroicamente se bateram contra o inimigo da Patria.

Em Portugal ninguem pensa em semelhante coisa. Ainda se não sabe onde param, se morreram ou estão disseminados pelo territorio africano, aqueles que nas nossas colonias se bateram contra os alemães. E' triste, mas é assim mesmo. Quando chegará o dia de se pensar a sério no problema de identificação dos nossos soldados? Ahi fica a pergunta. Responda-nos quem poder e quem souber.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Sabado, 4 de Março de 1922

4028 — Lx.

A Independencia do Egito

CAIRO, 2.—Lord Allenby proclamou o termo do protetorado inglez no Egito que se torna ipso facto num estado soberano independente.

O status quo será mantido até que o Egito tenha um governo apto a exercer as suas novas funções.—(R.)

DE VOLTA A' PATRIA

Chapeu na mão! Passa um português!

Chegou, emfim, á sua terrinha tanto amada o cadaver dêsse Principe gentil, dêsse Principe-Povo, para quem os fastos do Paço nada eram, onde apenas o prendiam os seus entranhadissimos afectos de filho amantissimo.

Pouco afeito ás etiquetas e convenções da vida da côrte, onde, na sua propria expressão, era um urso, por não saber dizer frases adocicadas, por não saber adular, ele era, quando se encontrava á solta, em pleno contacto com o povo, um espirito vivo, alegre, levando nos seus olhos claros toda a valentia atrevida da nossa raça, toda a audacia amorosa dos nervos meridionais.

Estou a vê-lo, ahi por essas ruas, estouvado, tal como ébrio de luz, nessas correrias de automovel, nessas cavalgadas doidas, onde se expandia toda a sua ancia de viver.

Ele era para todos os que mourejavam o *entraineur* da vivacidade, ele encorajava, dava vontade de existir, fazia-nos amar a vida através de todas as suas vicissitudes.

O seu amor do obstaculo, para vencê-lo, aguilhoava-nos a possuir da refilões da energia, e assim as dificuldades iam ficando para traz, sem que o esforço nos custasse.

O D. Afonso! Mas é essa Lisboa das touradas, com a espera de touros fora de portas, as suas ferras; toda é a Lisboa noctivaga das guitarradas ao luar, é o fado simples e puro, sem requebros amaneirados; mas é a Lisboa que ela por entre lagrimas, a Lisboa que sabia amar, que sabia querer.

Principe encantado dos meus sonhos, quando eu era o pastorinho singelo do Ideal, Principe das minhas ambições, dos meus devaneios de gloria e de amor romantico! Como tu, eu andei por lá perdido em mil procelas; como tu, eu scismava; como tu, eu interrogava o sol e a lua, para saber do meu torrão natal; como tu, volto tambem, e antes voltasse como tu, cadaver.

Já não sofres, tu. Eu, para aqui ando, destroço batido dos temporais da vida, parecendo viver, mas realmente agonisando aos poucos, tendo no peito o cemiterio das minhas formosas ilusões de felicidade.

Antes voltasse, como tu, cadaver...

Mas são as noites do meu triunfo de artista, são as paginas galantes das «Memorias de uma actriz», são as cordas da minha guitarra, são as festas dos estudantes, onde eu cantava:

Estudantes, almas de ouro
Que em tudo levais a palma.
Deixai que a Mercedes salte
Um braço do fundo d'alma:

Benditos sejais, rapazes,
Corações feitos de aurora,
Que assim espalhais a alegria
Pela senda da vida em fora!

E' toda a minha vida que passa, quando eu podia ainda rir!

Perante o cadaver dêsse que tanto amou Portugal, dêsse que para ninguem deve ser mais do que um Português que passa, um nosso irmão que o destino escorraçou da familia, que os homens se descubram, porque êsse Principe soube ser bem português, com todas as qualidades e defeitos do nosso povo; que todas as mulheres murmurem uma prece, por êsse que tão bem soube amar.

Com êle vão a enterrar muitos sonhos, com êle muitas ilusões morreram.

Mercedes Blasco.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Sabado, 4 de Março de 1922

4028 — Lx.

A Monarquia do Norte

Ha pouco tempo ainda deixaram os leitores de ler nas nossas colunas a obra *Spartacus*, da autoria de Rocha Martins, o proficiente director da revista «A B C».

Ao mesmo tempo publica o mesmo escritor, na sua revista «Memorias sobre Sidonio Paes», que obtiveram um exito brilhante e que não tendo pontos de contacto entre si, marcaram, contudo, o seu inconfundivel valor de moderno memorialista.

Pois o mesmo escritor iniciou hoje, na revista que dirige, um novo trabalho sobre «A Monarquia do Norte», para a qual depuzeram, segundo informações que colhemos, monarquicos e republicanos que, nas jornadas do Porto e Monsanto, tiveram uma acção de destaque e de valor.

Carta de Espanha

As novas medidas de finanças.— O novo sistema tributario.— A regulamentação do jogo. —A opinião do «A B C»

Madrid, 26 de Fevereiro.

As novas medidas de fazenda elaboradas pelo respectivo ministro sr. Cambó, e que estão sendo objecto de exame e discussão por parte do governo, em suas sucessivas reuniões parece que veem repletas de surpresas desagradaveis para grande numero de contribuintes.

Entre os novos tributos, fala-se de um, por certo muito pesado, sobre o celibato; outro, ao que se assegura, obrigará os estrangeiros a pagar uma forte contribuição, mediante uma cedula de residencia.

Enfim, serão consideravelmente aumentados os impostos actuais e criados outros novos: tudo quanto seja materia tributavel cairá sob o cutelo implacavel do fisco.

Será o caso de aplicar a expressão popular tão castiça de que «no que dará tiras con cabesa!...

Assim tinha que suceder: as de pazes do Estado, durante a guerra e depois de concertada a paz, avolumaram-se em proporções exorbitantes, e os gastos ocasionados pela actual campanha de Marrocos hão-de pesar fortemente no orçamento.

O governo, realmente, vê-se obrigado a apelar para todos os recursos fiscais com o objecto de crear receitas que o habilitem a conseguir, se não um «superavit» ou mesmo um nivelamento perfeito das despezas e das receitas, ao menos uma aproximação orçamental de que resulte um pequeno «deficit», pois se um novo desequilibrio semelhante ao do actual exercicio aparecesse no proximo orçamento, a fazenda espanhola ver-se-hia numa situação mais que gravemente comprometida, muito semelhante á ruina.

Por outro lado, segundo um interessante trabalho publicado ha mezes pelo ilustre escritor financeiro sr. D. Carlos Caamaño, em que se fazia o estudo comparativo das cargas que pesam sobre os contribuintes das principais nações do mundo, o contribuinte espanhol é o mais favorecido; o contribuinte espanhol é, pois, o que paga menos impostos, quando é certo que nos ultimos seis ou sete anos a riqueza publica em Espanha cresceu consideravelmente, havendo aumentado, portanto, a capacidade contributiva deste povo. Ao mesmo tempo: o dinheiro perdeu bastante do valor que lhe atribuiamos antes da guerra, visto que subiu de preço tudo quanto se necessita para a subsistencia e assim como os particulares precisam mais dinheiro para ocorrer aos seus gastos tambem o Estado não pode manter-se com as receitas segundo o tipo antigo.

Parece que uma das novas receitas com que conta o governo saira da regulamentação do jogo. Necessariamente o jogo deixará de ser um delicto previsto e punido pelo Codigo Penal para tornar-se uma industria licita mediante certas condições que o lei estipule.

Ainda ha poucos anos, não haveria governo que se atrevesse a regulamentar o jogo em Espanha, embora alguns o tenham tolerado com mais ou menos benevolencia. Com o dinheiro do jogo, um alcaides de Madrid de ilustre memoria — Alberto Aguilera—reformou um grande bairro, impulsionou as obras do parque da Moncloa e fundou um importante asilo! Mas, então, o jogo não era senão que «tolerado» e isto, que é mais geral que a regulamentação franca como negocio licito, não causava tanta repugnancia á opinião publica. Ao menos, podia-se dizer, embora hipocritamente: «O jogo é proibido em Espanha, e as nossas leis castigam aqueles que o exploram ou exercitam». Era uma das tantas «mentiras convencionais» de que fala Max Nordau!

Depois da guerra, o vicio adquiriu maior incremento e os governantes foram obrigados a reconhecer, por uma parte, a inutilidade da proibição do jogo, e por outra, as razões ponderaveis que impedem persegui-lo.

Hoje existe uma forte corrente partidaria da regulamentação, até a bem da higiene dos costumes,—ainda que isto pareça um paradoxo. Por isso se pode ler num jornal tão sério como o «A B C», o que a seguir transcrevemos:

«Ideologicamente, prefeririamos que se suprimisse, que se extinguisse o jogo, que tantas desventuras ocasiona; mas vendo que se sucedem os governos sem o intentar e que até transige com ele e o suporta um estadista da austeridade do D. Antonio Maura, adquirimos o convencimento de que a extirpação deste vicio é empresa superior a toda a força humana».

O jogo é, com efeito, hoje, um vicio inatacavel. E entre a alternativa de o tolerar, mantendo-lhe o caracter de clandestinidade e de coisa punivel, ou de o permitir legalmente, é muito preferivel este ultimo termo. Os exploradores deste feio negocio pagarão ao Erario uma pesada contribuição; e se ao Erario o ar volta da imoralidade que em si mesmo representa o vicio, não se acumularão outras imoralidades, talvez mais corruptoras e dissolventes do que o proprio jogo?

Factos e palavras

...DE PARLAMENTOS

Traduzo do «Matin» de 27 de fevereiro ultimo esta pequena cronica que Valcourt assina:

— Acabo de assistir a sessões tumultuosas na Camara. E' muito curioso. Tudo se resume numa questão de civilidade pueril e cortez: ninguem faz um esforço ou um sacrificio, ninguem impõe a si proprio a disciplina de conter os nervos, de reter nos labios a reflexão, a exclamação, a interjeição, a interrupção ou o protexto que póde inspirar a palavra do orador. Pensa-se em voz alta. Grita-se o que se deveria murmurar para dentro. Excitam-se mutuamente. E' um delirio, uma rivalidade, um desnudar de pontos fracos.

Ao contrario das crianças a quem se diz: «olhe que hoje veem visitas, veja se se porta bem!», os legisladores aproveitam-se dos momentos em que ha espectadôres para fazerem tudo ao contrario. Emquanto na vida privada muitos deles são encantadores e ótimos companheiros, aqui, ninguem se lembra de que um dos primeiros principios da bôa educação é não falar ao mesmo tempo que outra pessoa, como meninos de instrução primaria nos recreios. Abusa-se desmedidamente desta falta de constrangimento.

E' muito curioso.—

Ora isto que o sr. Valcourt escreveu no «Matin» pode qualquer jornalista escrever em qualquer jornal de Lisboa porque bate certo.

As opiniões que ele emite sobre o Parlamento francês podemos nós todos emitir sobre o seu colega de Portugal.

Apesar de que tanto lá como cá os legisladores não só não lerão estas linhas como, se as lerem se não emendarão. Faz parte do cargo. E' por assim dizer o uniforme do cerebro.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Estão-se fazendo experiencias na prisão de Sin-Sing para curar um preso que é epileptico enxertando-lhe glandulas de outro criminoso condenado á pena ultima, por homicidio. Parsons, um belo exemplar fisico de homem, que foi executado a semana passada.

Os medicos da prisão tiraram lhe as glandulas e enxertaram-nas em Hanser, que está cumprindo uma pena por ter atacado uma mulher. Hanser é considerado um larvado.

Os cirurgiões que fizeram a operação e que o teem em observação, julgam que a transplantação das glandulas poderá melhorar as condições de doença. Se os resultados desta experiencia confirmarem a expectativa, tentar-se-ha a cura de outros presos epilepticos pelo mesmo sistema.

❖ ❖ ❖

A Universidade do California anunciou que em resultado da descoberta do sr. Lawson, professor de geologia, de que os movimentos da terra são antecedente assim como a consequencia de terramotos poderão estes ser preditos com a mesma precisão com que se faz a previsão do tempo. Segundo a participação, a observação dos movimentos da terra permitirá aos homens de sciencia determinar com exactidão os terramotos futuros e prevenir os residentes das regiões ameaçadas.

❖ ❖ ❖

A criação dos «trusts» na Russia é a reforma mais consideravel que foi introduzida na nova Russia desde que ali dominam os sovietes.

Eles permitirão o melhor aproveitamento das forças economicas libertando-se da tutela imediata do estado e poderão adaptar-se melhor ás necessidades variaveis da produção. Até agora foram constituidos dezanove «trusts». Este esforço é um pouco tardio e não se pode prevêr por emquanto qual será o seu resultado, mas certamente darão um novo impulso ás industrias Russas.

❖ ❖ ❖

Fundou-se uma nova associação na Alemanha formada pelos membros da casa real da Saxonia tendo como presidente o ex-rei Augusto. Nesta associação só será permitida a entrada a pessoas de sangue real e só lhes será permitido casar com autorisação do ex-rei. Em caso contrario serão expulsos. Esta associação declarou em face das leis que regem a Saxonia, quais os seus fins, sendo as suas declarações ás autoridades que pretendia fazer propaganda cristã, propaganda do amor patrio, proteger a honra e as tradições da ex-familia real e as guardados arquivos da familia e dos objectos de arte que estivessem na posse dos seus membros.

A politica italiana e a Santa Sé

ROMA, 2.—O Observatore Romano diz que, em contrario dos boatos propalados, a Santa Sé não tem qualquer proposito de se imiscuir, influindo sobre o partido popular, na politica italiana.—(R.)

A divida da Russia á Inglaterra

LONDRES, 2.—O governo informou a camara dos comuns que a Russia deve á Inglaterra seiscentos e sessenta e um milhões e meio de libras esterlinas fóra os juros sobre esta importancia, desde 1919.—(R.)

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

No dia 27 de Fevereiro realisou-se o funeral da sr.ª D. Luiza Algêos Ayres. Os nossos pesâmes.

Socialismo Internacional

A ESCOLA DE PROPAGANDISTAS DO PARTIDO COMUNISTA FRANCEZ

Um dos aspectos mais interessantes da propaganda socialista em França é o cuidado dispensado pelos partidos na preparação intelectual dos militantes.

Convencidos muito judiciosamente de que nenhum partido politico pode afirmar-se sem que no seu seio uma forte cultura de aos seus «leaders» a clara visão dos acontecimentos e uma perfeita e cabal compreensão de suas responsabilidades, os socialistas franceses não se deixam absorver tão sómente pela campanha de arregimentação de forças, dando tambem especial atenção ao valor moral e intelectual dessas mesmas forças.

Assim é que, a Federação do Sena (Partido Comunista) mantem uma escola de propagandistas, criada e sustentada com sacrificios para proporcionar aos novos aderentes do Partido a cultura necessaria á obra de propaganda.

Dessa escola saem todos os anos dezenas de jovens que, cheios de entusiasmo e dedicação pelo credo comunista, possuem uma sumula de conhecimentos que os habilitam a desenvolver uma propaganda eficiente das doutrinas do seu partido.

Tendo em vista a importancia da propaganda oral, que pode ser feita tanto no decorrer de uma palestra intima, como nas reuniões publicas, nos «meetings» e conferencias, importancia essa que se avulta em face do actual regimen de assalariato, em que o trabalhador tem quasi que todo o seu tempo absorvido pela oficina, restando-lhe pouco para as leituras que exigem meditação, a Escola dos Propagandistas mantem cursos especiais de oratoria em que se esforça para dar aos seus alunos o conjunto de qualidades necessarias para uma boa exposição.

PROGRAMA DA ESCOLA — O programa da Escola dos Propagandistas foi objecto de um plano de estudos seriamente elaborado de acordo com as mais adiantadas regras pedagogicas. Ele é, ao mesmo tempo, doutrinario, documentario e pratico.

O curso compreende lições de doutrina socialista, ministradas por Rappoport; de principios sindicalistas, por Amadée Dunois; cooperação, por Jegon, e socialismo municipal, por Louis Sellier.

Completam o curso as aulas do professor Miconleau, sobre Logica; do professor Launat, sobre Economia Politica; de Travaux, sobre Historia do Povo; as de Rev, sobre a Historia dos Trabalhadores, e as de Antonio Coen, sobre noções de Geografia Geral.

Ao lado desse curso geral ha um outro especial e complementar para os oradores. As disciplinas dêste curso estão a cargo de Armando Corcos, Georges Pioch e Jules Lallemand, que leccionam respectivamente Psicologia das Multidões, Relações do orador com o publico e Psicologia da Arte oratoria.

OS TRABALHOS PRATICOS — Depois de um certo numero de aulas, os alunos da Escola de Propagandistas são submetidos a exercicios praticos, que constam de preguntas sobre a materia leccionada. Nessas arguições são rectificados os erros correntes de doutrina e esclarecidos os pontos mais obscuros do programa, com grande aproveitamento para os alunos que fazem então uma aplicação pratica dos pontos teoricos expostos.

Armando Corco distribue varios temas entre os seus alunos com semanas de antecedencia.

Depois, em aula, é marcado o maximo do tempo em que o aluno deve fazer a exposição. De relogio em punho, Corcos vae assinalando esta ou aquela passagem inutil ou por demais longa, até que, terminada a exposição, ele proprio oferece a controversia.

Entre os assuntos que serviram de tema para controversias nas aulas do ano passado, pode-se citar: «liberdade de pensamento», «ditadura do proletariado», «sindicalismo revolucionario», etc.

O CONSELHO DE ESTUDOS — Antes de concluir, é interessante assinalar o modo por que é administrada a Escola.

Um Conselho de Estudos, constituido por cinco delegados do «Comité» Executivo do Partido Comunista, três delegados professores e três delegados alunos, têm a seu cargo os destinos do estabelecimento.

O orçamento tem sido sempre equilibrado. No ano passado a despesa subiu a 5.268 francos, amparada por uma receita igual. As secções do Partido forneceram 2.575 francos; a Federação do Sena, 2.540 e uma subscrição, 153 francos.

Todos os cursos foram stenografados e publicados em «plaquettes» de aspecto apresentavel.

Dessas iniciativas, sob todos os pontos de vista grandiosas, é que necessitavamos em nosso meio.

Menina Arlette Leal

O funeral da menina Arlette Margarida Goudim Leal, filhinha do nosso presado camarada da imprensa, sr. João Ferreira Leal, realisa-se amanhã, ás 11 horas, da rua de Ponta Delgada, 51, para o Cemiterio Oriental.

A gréve dos electricos

O estado da questão entre os grevistas e a direcção da Companhia Carris continua na mesma. O pessoal voltou a reunir e os carros circularam em maior numero.

ULTIMA HORA

D. Afonso de Bragança

A remoção da urna que encerra os seus restos mortais para a capela do Arsenal de Marinha

Conforme noticiamos outem, efectuou-se pelas 14 horas de hoje a remoção da urna que contem os restos mortais de D. Afonso de Bragança de bordo do destroier «Vouga» para a capela de S. Roque do Arsenal de Marinha.

O «Vouga» precisamente á hora indicada atracava á ponte do Arsenal de Marinha, trazendo a flutuar duas bandeiras nacionais.

Uma vez atracado procedeu-se á cerimonia da retirada da urna de bordo, o que se fez, não sem grande custo e com o auxilio de um guindaste.

Foi em seguida deposta sobre uma zorra que a conduziu até a uma sala contigua á capela de S. Roque onde se procedeu á desarmação da solida caixa em que se encerrava.

Por ultimo, assente sobre um rico catafalco ficou depositada na pequena capela do Arsenal, onde o cadaver do infante D. Afonso será velado até amanhã pelas 10 e meia horas, hora a que se efectuará a trasladação para o panteon de S. Vicente de Fóra.

Uma força de 80 praças de marinha do comando do tenente Gaucho prestou as devidas homenagens á passagem do feretro, apresentando armas emquanto se fazia ouvir um terno de clarins.

A sr.ª Duqueza do Porto, que á sua chegada, recebeu gentilmente os cumprimentos de todos os presentes, assistiu á retirada da urna, acompanhando esta, durante o trajecto, chorando sempre.

Ao Arsenal de Marinha afluiu grande numero de pessoas.

Os srs. ministros da Guerra e Marinha fizeram-se representar pelos seus secretarios.

A sr.ª Duqueza do Porto fez-se sempre acompanhar do sr. Custodio José Vieira.

Segundo nos informaram a sr.ª Duqueza do Porto recompensou generosamente a tripulação do destroier «Vouga».

A urna, uma esplendida obra de arte construida na America, com riquissimas incrustações de oiro e prata. Era proximamente de mil toneladas o peso da urna e da caixa que a encerrava.

Ao acto assistiram grande numero de oficiais do exercito e da marinha, elemento oficial etc. etc.

O general sr. Pedroso de Lima comandante da primeira divisão do exercito conferenciou hoje com o sr. Ministro da Guerra sobre assunto relacionado com os funerais do sr. Infante D. Afonso.

O sr. general Correia Barreto dirigiu convite á majoria general da Armada, á G. N. R., á Guarda Fiscal e ás unidades e estabelecimentos do exercito para os oficiais se encorporarem no funeral do falecido general de divisão honorario sr. D. Afonso de Bragança.

Um emprestimo externo?

Consta que o senhor ministro da Inglaterra pediu uma audiencia ao nosso ministro dos Estrangeiros para lhe comunicar uma carta recebida de Londres em que se prestam todas as facilidades para a abertura dum credito em Londres.

Ordem Publica

Não se confirmaram felizmente os boatos que correram de que seria hoje proclamada a gréve geral, constando-nos que tão cedo se não dará qualquer movimento por parte das classes proletarias.

As medidas governamentais, apesar dos desmentidos do porta-voz da organisação operaria portuguesa, tiveram o condão de afastar por agora o perigo que se avisinhava.

Podemos afirmar que a concentração de tropas na chamada linha de Torres, foi o principal motivo de não ter sido até agora declarado o anunciado movimento.

Na propria classe operaria conforme ontem dissemos, existem duas correntes, uma pró-movimento e outra contraria ao mesmo, devendo esta ultima alcançar vitoria sobre a primeira.

Tudo quanto se diga sobre a declaração da gréve geral é por emquanto prematuro pois que para tal declaração ser feita necessario se torna reunir novamente o Conselho de delegados da U. S. O. Ora esse conselho reuniu ha dias, conforme dissémos, mas simplesmente para tratar da redação do manifesto que a policia apreendeu e ao qual fizemos larga referencia.

O que tudo indica é que a greve geral foi pelo menos adiada para quando seja levantado o cêrco a Lisboa.

Hoje chegou mais uma força de infantaria 13, com o total de 1.100 homens, e outra de 650 praças de infantaria 23, de Coimbra, que veem completar o efectivo do referido batalhão.

Reunião de Prelados

No palacio patriarcal devia ter-se realisado hoje a reunião anual dos bispos do continente portuguez afim de serem tratados os interesses da egreja. A reunião ficou adiada para amanhã ou depois visto não estarem na capital todos os bispos que á mesma devem assistir.

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão abriu á hora regulamentar, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

A ELEIÇÃO POR TIMOR

O sr. Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias, trata da questão da eleição de Timor, que foi resolvida pela comissão de verificação de poderes a favor do sr. Rêgo Chaves, reconstituinte.

O sr. Rodrigues Gaspar não se conforma, porque, diz êle, a comissão proclamou deputado quem nem ao menos era candidato. Cometeu, pois, uma ilegalidade, com despreso pela letra e espirito da lei eleitoral. O sr. Rodrigues Gaspar desenvolve estas idêas com prolongada argumentação.

O sr. Pedro Pita invoca o regimento, porque, alega, o sr. Rodrigues Gaspar está fora da ordem. Ha opiniões prò e contra. O sr. Carvalho da Silva faz muito ruido.

A sessão parece momentaneamente interrompida. Ha sussurro, quasi gritaria. Entretanto, o sr. Antonio Maria da Silva, inquieto com a estabilidade do seu governo, percorre as bancadas da maioria, em conferencias com êstes e com aqueles...

O sr. Rodrigues Gaspar prossegue, finalmente, no seu discurso.

Ha uma interrupção do sr. Jorge Nunes. Diz que o sr. Rodrigues Gaspar está fora da ordem, porque pediu a palavra para falar sobre a acta e está tratando de assunto que com ela não tem relação. E' contra isso que a minoria protesta.

O sr. Rodrigues Gaspar não se dá por convencido e continua na mesma ordem de idêas. Termina invocando o espirito de justiça do Parlamento para a questão que levantou.

O sr. Moura Pinto quere o respeito absoluto para a decisão da comissão de verificação de poderes, cujos acordãos são inapelaveis. Ha protestos da minoria monarquica, sempre com o sr. Carvalho da Silva á frente. Mas o sr. Moura Pinto sustenta calorosamente o seu ponto de vista. Termina por pedir ao sr. presidente que ponha fim a um debate que se não justifica.

O sr. presidente da Camara dá explicações.

O sr. Pedro Pita volta a falar, invocando o artigo 27 do regimento. Esta questão, se o sr. Rodrigues Gaspar persistir na sua atitude, pode alienar do governo o apoio dos reconstituintes.

Trocam-se explicações entre os srs. Rodrigues Gaspar e Pedro Pita.

O sr. Abilio Mourão, relator da comissão de verificação de poderes, defende o criterio seu e dos seus colegas. Do processo não consta que tivesse havido outro candidato alem do sr. Rêgo Chaves. Como poderia deixar de se validar a sua eleição?

Fala o sr. Carvalho da Silva. Quere que tudo se esclareça no Parlamento, abrindo-se ampla discussão. Anuncia que a minoria monarquica enviará para a mesa um projecto de lei.

O sr. Velhinho Correia quere o cumprimento do regimento. A materia não está em discussão. Deve passar-se á *ordem do dia*.

Os srs. Almeida Ribeiro e Julio de Abreu falam tambem, sem nada se adiantar. E, como desse a hora, o sr. presidente cortou a discussão, passando-se á

ORDEM DO DIA

Que é, como se sabe, destinada no elogio dos parlamentares falecidos no interregno legislativo.

O sr. presidente inicia os discursos, proferindo eloquentes palavras de homenagem para Machado Santos, Carlos da Maia, Anselmo Braamcamp e para todos aqueles que a morte libertou das lutas da vida. Refere-se á tragedia de 19 de Outubro, condenando-a com veemencia e salientando a injustiça que feriu homens eminentes e com êles a propria Republica. O espantoso crime deve ser uma lição para todos.

Pedem a palavra deputados de todos os lados da Camara.

O sr. Alberto Vidal faz o elogio de Braamcamp Freire, que foi presidente da Camara Municipal de Lisboa. Braamcamp Freire, diz, foi o herdeiro directo de Alexandre Herculano.

O sr. Vicente Ferreira fala pela minoria liberal. Refere-se especialmente a Antonio Granjo, de cujo Ministerio participou. Condena com veemencia a revolução de 19 de Outubro, negando que os seus promotores fossem animados de qualquer idealismo. Ninguem, a não ser Cunha Leal e Agatão Lança, tentou sequer salvar as vidas tão cruelmente sacrificadas e, entretanto, as forças estavam dominando Lisboa, sob o comando do coronel Coelho! Presta homenagem a Cunha Leal e Agatão Lança, com aplausos gerais. Ataca a Maçonaria: o marquês de Pombal — diz — expulsou os jesuitas, mas deixou cá ficar a Maçonaria! Exclama:

— Eu acuso os dirigentes da revolução de 19 de Outubro de terem sido os cumplices dos assassinos! (*Apoiados*).

Quere que se faça justiça. Declara que não cessará de a pedir, emquanto tiver o direito de usar da palavra no Congresso da Republica.

Segue-se o sr. Alvaro de Castro.

No Senado

O sr. presidente começa por comunicar á Camara que o sr. Presidente da Republica lhe solicitou para transmitir ao Senado que, do coração, se associa á homenagem prestada por esta casa do Parlamento aos parlamentares falecidos durante o ultimo interregno parlamentar. São eles Antonio Joaquim Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia, Pedro Boto Machado, Anselmo Braamcamp Freire, Almeida Dias, Carlos Lecoque, Marcos dos Santos, Correia do Amaral, Silvino Viana, Manuel Vargas, Ribeiro Cardoso, Dantas Baracho, Vasconcelos e Sousa, Cupertino Ribeiro, Pereira de Miranda, Higino de Mendonça e Ascenção Guimarães.

O sr. Ribeiro de Melo declara associar-se de todo o seu coração, á homenagem prestada pelo Senado a Antonio Granjo Machado Santos e Carlos da Maia, mortos ilustres que em vida muito honraram a Republica, um na Rotunda, proclamando-a, e os outros dois defendendo-a sempre batendo-se contra os monarquicos quando das incursões.

Está convencido de que as suas mortes não foram motivadas pelos acontecimentos de outubro findo, mas sim pelos erros dos republicanos. Egualmente presta homenagem a Pedro Boto Machado, seu falecido conterraneo, afirmando ser aquele republicano dotado de um caracter dos mais honestos e puros.

O sr. Artur Costa egualmente se refere á alta figura de republicano que foi Pedro Boto Machado, exaltando, comovidamente, as qualidades do extinto.

O sr. Augusto de Vasconcelos depois de dizer que se associa respeitosamente á homenagem a Dantas Baracho, Cupertino Ribeiro, Boto Machado, Braamcamp Freire, Machado Santos e Carlos da Maia, refere-se comovidamente ao chefe, que foi, do seu partido, o malogrado estadista Antonio Granjo, tão barbaramente assassinado em 19 de outubro.

O orador continua no uso da palavra.

❖ ❖ ❖

Aspectos e impressões

A's tres horas a paisagem da Camara anima-se. Nos Passos Perdidos tres ou quatro deputados agitam-se dum lado para o outro. Agitam-se deserto antes de usar da palavra. São os srs. Lino Neto e Cunha Leal.

A Camara onde floresceram na meia luz da tarde, algumas calvas socraticas, conversa ainda.

A's 3 e 10 pede a palavra o sr. ministro das Colonias. Tédio. Moleza. Resumo do sr. Rodrigues Gaspar: umas lunetas, fato escuro. Discurso. Sintese. O problema da ordem. «A ordem (diz o sr. ministro) deve nascer de cima para baixo». E' a ordem de pernas para o ar.

Fala-se no te. 314. Será assim—ou será 614?

Camora avisa o sr. presidente do que se está fóra do Regimento: art. 27, 29 e 31. Sussurro corpo geral.

A's tres horas e vinte o sr. Rodrigues Gaspar, perante este sussurro, toma o ar dum pregador d'aldeia.

A's tres e vinte e cinco o sr. ministro das Colonias está definitivamente ultramarino.

Fala o senhor Moura Pinto. Gesto, ondulação. Voz alta. Defende o trabalho das comissões de verificação de poderes. O senhor Carvalho da Silva e Manuel Duarte contestam aos saltos.

Fala o senhor Pedro Pita, reconstituinte. Voz de madeirense, arrastada, esguia. Toca de leve no Governo. Tudo questão de verificação de poderes.

Abandonará o Ministerio o senhor ministro das Colonias? Quem sabe.

Pede a palavra o sr. Carvalho da Silva.

Dá-nos a impressão de quem está a fazer um leilão.

O sr. presidente da Camara presta um voto de homenagem aos parlamentares mortos, Antonio Granjo, Carlos da Maia, Machado Santos, Anselmo Braamcamp. Muitos outros.

O senhor presidente está fóra do regimento. Não é permitido lêr discursos. O senhor Domingos Pereira finge que não lê—mas lê. Que diabo!

Pede a palavra quasi toda a Camara. Uma atmosfera de crêpes. Uma atmosfera de luto.

Aguarda-se a hora a que saimos o discurso do sr. Leonardo Coimbra com viva ansiedade.

A greve dos maritimos

Continua no mesmo pé a greve das classes maritimas, reunindo o pessoal grevista nas respectivas associações de classe.

As *demarches* continuam para dar a greve por finda ainda esta semana.

Conferencia

O sr. ministro da America conferenciou hoje com o sr. ministro do Comercio.

TEATRO

ARTISTAS DE CINEMA

Lina Albuquerque

Com uma vocação irresistivel e uma vontade de ferro, doublé, duma figura insinuante de tipo acentuadamente meridional, Lina Albuquerque, tem certamente, na arte a que se dedicou, um largo futuro.

O seu papel no film O rei da força, *que em breve se exibirá, dá-lhe ensejo a demonstrar, a par das suas faculdades scenicas, uma audacia e coragem pouco vulgares.*

O nome de Gitanilla, *a cigana amorosa, e valente, vai ficar popular.*

Nota do dia

Voltando á vaca fria ou á entrada de P. B. no Teatro Nacional

No nosso prezado colega o «Diario de Lisboa» voltou a pena scintilante de José Sarmento a tratar do regresso de Palmira Bastos ao «Nacional», não porque o assunto desse para dois artigos mas para «responder» ás anotações feitas, ha dias, nêste mesmo local ao primeiro artiguinho. Se ha alguem que não ame o «diz-tu, direi eu», tão frequente na nossa moderna vida social, politica, jornalistica, esse alguem sou eu. Encarregado por este jornal de acompanhar o movimento teatral, avido, o «fait-divers». anotar as impressões diarias, o que se diz e o que se faz, trabalho exclusivamente para o publico, marco as minhas opiniões pessoais e vivo arredado de todas as paixões de bastidores; se o nosso bom José Sarmento declara que «não estando enfeudado a nenhuma coterie recebeu das mãos de Deus a sagrada virtude de dizer o que sente» a mesma virtude nos prna, ainda com a diferença de eu poder usar talvez de maior liberdade, visto que José Sarmento, naturalmente porque é um tradutor profissional, terá muitas ocasiões em que verá em vez de simples artistas, interpretes das obras em que teve interferencia.

Tudo isto vem para corrigir uma frase da «resposta» de José Sarmento em que o nosso velho camarada escreve que «o seu joven camarada foi iludido na sua boa fé, quando lhe apontaram os artigos etc». O joven camarada que sou eu, não foi iludido porque para isso seria necessario que alguem lhe tivesse vindo encomendar o sermão. Ignorava que os artigos da lei andavam já nos «bas-fonds» do Nacional onde José Sarmento os viu «entre risos amarelos e raivinhas mansas», pela razão de não frequentar esses «bas fonds». Procurei-os no Ministerio da Instrucção por um interesse que ligo a tudo que no teatro se relaciona, principalmente quando se trata da honra da lei, e da verdade. Da mesma fórma, subi ao 3.º andar onde se encontra o jornal «A Manhã» para procurar na colecção de 1920, o tal artigo de José Sarmento sobre o Nacional, quando ainda Palmira Bastos lá estava, não o encontrei infelizmente, o que não deixa porem de provar que estes pequenos assuntos são suficientes para vir pôr a caminho duma fonte segura e liberta de erros.

De resto, apesar dos meus argumentos não serem de peso, José Sarmento apenas controversa dizendo que eu fui iludido «não porque a lei não seja aquela mas porque já foi esfarrapada anteriormente». Imagine-se! O desrespeito á lei, se um dia se fez, a servir de exemplo para sempre. A eterna lassidão dos costumes...

E, nada mais. E' como disseram varios espectadores deste torneio, uma defeza frouxa. Mas, nem eu ataquei, por Deus. Quiz apenas, e mais uma vez o vou fazer, assentar num ponto que em serviço do publico e interpretando a opinião de muitos, julgo conveniente ficar registado para o que der... e vier.

1.º A sr.ª D. Palmira Bastos foi societaria do Nacional; abandonou o teatro; não quiz saber da lei, deu mais umas machadadas nos carcomidos alicerces do nosso primeiro teatro. E' uma verdade. A lei exonerou-a.

2.º Palmira Bastos andou em «Tournée» com uma companhia; ás tantas aborreceu-se, despediu os seus colegas e ficou sem scena onde representar em Lisboa. E' uma verdade tanto mais que faliu.

3.º A lei—esfarrapada anteriormente segundo esclarece o sr. José Sarmento—proíbe a entrada aos ex-societarios que procedem como procedeu a sr.ª D. Palmira Bastos. E' uma verdade.

4.º Ao artigo expontaneo de José Sarmento lembrando o brilho que a interprete das «Marionettes», da «Pipiola» e da «Fedora» daria ao «Nacional», associamo-nos, declarando que ela valia mais do que os mónos de prateleira que por lá ha, e portanto, excluindo a ideia de salvação que parecia existir no artigo, a artista ficaria bem naquele teatro. E' tambem uma verdade.

José Sarmento aponta-nos porem um ponto que, rialmente pela pouca atenção dispensada ao seu primeiro artigo nos escapou; em sua opinião, a alevantada e digna opinião, o que se deve «é cavar os alicerces» de uma nobre scena «de declamação em cujo ambiente» se movam, «sem se acotovelarem, as grandes figuras».

Para voltar aos tempos saudosos das Rosas e Brandão, de Rosa Damasceno, de Lucilia, era necessario rialmente que não se acotovelassem as figuras e houvesse, como então, entre moral e outras ideias. Nada de estrelas, nada de rainhas; e é afinal José Sarmento quem vem ferir esse seu proprio desejo escrevendo mais abaixo «falta no nosso primeiro teatro uma primeira figura feminina, a vedeta do cartaz».

Quando a grande artista que é Adelina Abranches andou a esbarrar com o seu valor nas paredes estreitas do minusculo Salão Foz, não houve uma voz justiceira que apelasse para os poderes publicos; e hoje Angela Pinto, notavel artista de grandeza cuja interpretação da «Soeurs d'Amor» e da «Exilada» não nos esquece nem ao sr. José Sarmento, anda a dias; Ferreira da Silva, embora afastado momentaneamente não tem quem o reclame para a grande scena do nosso primeiro teatro, bem como Alves da Cunha, bem como Amelia Rey Colaço, cuja passagem por aquele teatro nos deu noites notaveis «A Castro», «Os Lobos», «A Zolda»...

Oxalá que a entrada que por ventura se faça de Palmira Bastos não dê como resultado mais uma vez a desagregação daquela notavel scena. E' esse um ponto que desejariamos precaver, por motivos notorios.

Está ainda muito recente a dissolução da sua companhia por os seus colegas terem pedido aumento de ordenado...

Mas, repetimos, tudo isto é pó infeito de bastidores; a nós interessa-nos marcar o facto, prevêr qualquer situação e augurarmos dias melhores para o teatro.

Quanto a Palmira Bastos nunca deixaremos de lhe tributar as nossas palmas mesmo quando ela numa liberdade de quem é já rainha, faz a «Fedora» ou a «Morgadinha» de relogio de pulseira no braço. E dêmos por findo o incidente.

ARMANDO FERREIRA

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Recebi uma carta que vou transcrever para aqui por ser dum velho amigo meu:

Tanagrette. — Venho agradecer-te, do canto onde me escondo, caduco, rabugento e triste, o teu silencio a meu respeito.

Os jornais teem falado muito em mim nestes ultimos dias; pessoas, que se dizem minhas amigas, veem a publico lamentar a minha transformação, a minha decadencia, sem se lembrarem que o manto em que se devia envolver o amigo que perdeu o talento, a mocidade e o espirito, é o Silencio; e, tanto assim é, que tu, que na tua qualidade de mulher compreendes melhor, todos esses pequeninos «nadas» de que se compõe a recordação e a saudade, calaste-te. Sim, Tanagrette, tu, que foste uma das minhas mais ardentes apaixonadas, que endoidecias no Sabado Gordo para só recuperares na Quarta feira de Cinzas o pouco juizo de que gozas nas epocas normais, tu não falaste, não recordaste.

Porquê? Simplesmente porque tu, na fidelidade e ternura do amor verdadeiro, quizeste lançar um veu de Silencio e de aparente esquecimento sobre o Amado que desmereceu, para que não seja arrastado pela via humilhante. Comparações.

E porque não puzeste a mascara da Hipocrisia para te juntares ao côro dos fingidas e insidiosas palavras de saudade, eu venho procurar justificar aos teus olhos amigos a minha actual senaboria.

Porque perdi eu a minha esfuziante e ruidosa alegria a minha estontoante animação a minha gargalhante folia, a minha jovial franqueza?

Porque esses mesmos que agora choram plangentemente a desaparição dos «chéchés», que esforcem as mãos, porque já não ha a dansa do luto, aproveitaram esse tempo a sua pena para alcunharem a minha alegria de brutalidade, a minha animação de falta de estetica, a minha folia, de selvageria, a minha franqueza, de má criação.

Gritaram que eu não era um civilisado, quizeram á força que eu o Entrudo Gordo e anafado, de enorme pança e de boca escancarada em gargalhada alvar mas sincera, me tornasse «dandy» requintado e perfumado; exigiram que eu o Entrudo que só mascarava até então os outros me mascarasse tambem disfarçando-me em Carnaval de Nice e admiram-se e exclamam, e arrepelam os cabelos e lamentam-se em alto grito, porque eu, contrafeito, aleijado, quasi asfixiado debaixo da mascara, demasiado estreita, que me afivelaram á força, sentindo-me triste desanimado e impertinente, me refugiei em casa, porque só saindo para a rua arrastado, venho carrancudo, mal humorado e sensaborão.

Tanagrette, grita-lhes bem alto que a culpa foi deles; quizeram um Carnaval almiscarado, elegante, um Carnaval bom tom, um Carnaval artistico, esqueceram-se que: «cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso» e o resultado foi ficarem sem Carnaval nem Entrudo.

Adeus, Tanagrette, não deixes nunca morrer esse pequenino lampejo de afeição que ainda sentes por mim; emquanto o tiveres, não envelhecerás.

O teu amigo

O ENTRUDO

Amigo Entrudo, ha um proverbio que serve para o teu caso e que nós, portugueses, esquecemos muito, «Quem tudo quer, tudo perde».

FRIOLEIRAS

Algumas superstições

Dizem que quanto mais primitivos e ignorantes os povos mais supersticiosos. Não estou d'acordo com essa opinião porque os povos do norte são reconhecidamente mais instruidos que os do sul e no entanto é onde está mais arreigada a crença em aparições, em magias e outros fenomenos sobrenaturais.

Não, o que me parece ter uma certa influencia sobre o espirito é um vago e nebuloso misticismo que não tem relação nenhuma com a religião. Tenho visto criaturas que se declaram livres-pensadores enfermarem de mil superstições e tenho falado com pessoas inteligentes e cultas que se aterrorisam quando recebem dum amigo o presente dum canivete, pois essa lamina cortante, cortará a amisade e empalidecem se vêem duas facas em cruz ou sal entornado.

A rainha Alexandra de Inglaterra que adora gatos, adoração não partilhada por Eduardo VII tem tambem uma grande superstição com espelhos quebrados. Ha alguns anos, partiu-se um espelho nos seus aposentos e logo a seguir, morreu um dos gatos predilectos. A pobre rainha não deixou de atribuir esse desastre á quebra do espelho.

D'ali a algum tempo, nova inquietação, um outro gato prestes a morrer. A rainha Alexandra deu parte das suas apreensões ao marido.

—Como, exclama este, ainda tens gatos?

—Ora essa, porque perguntas isso?

—Porque eu parti todos os espelhos.

ARTE APLICADA

Capa de raquette de tennis

E' feito de coiro «repoussé», sobre uma das faces, numa moldura de folhagens vê-se a figura duma rapariga, atirando uma bola ao seu adversario.

Todo este trabalho é duma grande delicadeza; as folhagens são em relevo forte, a figura da jogadora mais leve, a rede e o adversario apenas ligeiramente contornados.

A outra face terá só uns arabescos ou uma cercadura «repoussé» forte, e querendo, podem-se pôr as iniciais em prata ou egualmente «repoussé».

CONSELHO PRATICO

Para limpar cadeiras estofadas —de veludo, de lã—

Bate-se primeiro o estofo para sair a poeira, depois escova-se muito bem, em seguida dissolve-se um fel de boi numa celha de agua, molha-se um pano macio, torce-se muito bem e passa-se pelo estofo e a seguir esfrega-se com um pano seco.

O veludo de seda limpa-se melhor com benzina. Depois de escovado, aplica-se a benzina com um pedaço de pano macio e esfrega-se bem.

Quando o pano estiver sujo substitue-se por outro. Lembrem-se sempre que a benzina é muito inflamavel; não se alumiem nunca com uma vela quando fizerem esse trabalho.

Os estofos de lã limpam-se com partes iguais de alcool methylico e amoniaco liquido.

ARTE DE COSINHA

Ostras em tigelinhas

Faz-se um refogado de manteiga, salsa, cebolinhas e cogumelos, tudo muito bem picado, sal, pimenta e raspas de noz muscada. Deita-se-lhe depois rodelas de ovos cosidos, fervendo tudo.

Em seguida põe-se a massa em tigelinhas, polvilha-se com pão ralado, barra-se com um bocado de manteiga e mete-se no forno a alourar.

TRABALHOS FEMININOS

Veus bordados

Um dos artigos mais indispensaveis na toilette da elegante moderna, é o veu comprido e largo que flutua sobre os ombros emoldurando o rosto.

E' muito dispendioso compra-los, mas pode-se facilmente ter uma infinita variedade deles sem gastar muito dinheiro pois é muito simples executa-los em casa e bordam-se rapidamente.

Compra-se um bocado de tule, quanto mais fino mais facil é de bordar. Cose-se o tule num bocado de papel em que se desenhou o debuxo e depois segue-se o desenho no ponto que se preferir com lã grossa e macia ou fraco.

Todo em volta do tule passam-se a ponto de passagem ou a ponto de pé, dois ou tres fios do mesmo material.

HIGIENE DA BELESA

Para frisar os cabelos

A's pessoas que usam «bigoudis» aconselho que a noite, antes de os pôrem, humedeçam o cabelo com a seguinte formula:

Borato de sóda... 60 grs.
Goma arabica..... 1 gr.
Agua quente..... 1 litro

Quando tudo estiver dissolvido junta-se-lhe tres colheres de alcool canforado.

SONETO

Simplificando

Que o seu olhar parece uma alvorada
Deslumbrante de côr e de harmonia,
Que o seu sorriso é como um claro dia
Ebrio de sol, de luz abençoada.

Que a sua boca ardente e perfumada
Lembra um craveiro rubro de alegria
E que da sua voz a melodia
E' musical, extranha, e desusada.

Toda a gente lh'o diz a cada passo,
Sem sombra de maldade ou d'embaraço
Com a mesma ternura que eu senti...

Tanta palavra dita inutilmente!
Só eu então, amor, por mais que tente,
Apenas sei dizer:—«Gosto de ti.»

FERNANDA DE CASTRO

PENSAMENTOS

As mulheres preferem as emoções á razão...

STENDHAL

Noticiario
Portugal

Estão fazendo uma revista para a companhia Ruas no Apolo, Guedes Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

—O grupo de autores e tradutores que se constituiu em nova parceria é formado por Luiz Galhardo, Pereira Coelho, Gustavo Sequeira, Barbosa Junior, Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães, Lourenço Rodrigues.

—Por noticias do Brasil, recentes, sabemos que teve um belo exito a peça «Mad. Ioun arrependida» da autoria de Aura Abranches.

E' um facto muito lisongeiro para a arte nacional, a que nos referiremos brevemente mais de largo.

—O conhecido autor dramatico que se disse ir ser o director artistico do S. Luiz no verão, é André Brun.

SPORT

Box

J. Britton, campeão do mundo dos pesos meio-medios, fez match nulo em 15 rounds com David Shade.

—Parece que Descamps, o manager de Carpentier, se vai associar ao emprezario inglez Wilson, para espectaculos em Paris.

Ciclismo

Em Angers o Moto Veloce Club, vai construir um velodromo, tendo já obtido por cotisação 200 mil francos.

Quando se pensará entre nós na organisação de corridas, que seriam aliás espectaculos de lucros certos, se fossem organisados com criterio!

Natação

Suzana Wentz, que estava retirada da natação, vai recomeçar o treno, para se apropriar de novo, dos recordes francezes que lhe pertenciam.

Regatas

Nas provas para canoas automoveis, que se vão disputar em Monaco, ha premios no valor de 200 mil francos.

As provas duram 9 dias. Podem concorrer barcos desde 6 a 12 metros.

Motociclismo

O grande premio da Belgica, é definitivamente a 23 de julho.

Luta

Em Stokolmo, vão ter logar campeonatos do mundo para amadores, durante este mez.

A Suecia manda 15 concorrentes, a Hungria 14, a Noruega 13, a Dinamarca 8, a Estonia 4 e a Filandia 8.

Aeronautica

O concurso do aereo club da Belgica que se realisa em junho, tem um primeiro premio de 15 mil francos e uma taça oferecida pelo rei.

—Vai tentar-se um serviço de dirigiveis, genero Zeppelin, entre Sevilha e Buenos-Aires.

Cada dirigivel que será enorme, pode transportar 40 passageiros e tem nove motores de 400 cavalos cada um.

O sport no teatro

Na nova revista dos «Folies Bergères», ha um quadro em que um grupo de atletas, faz a reproducção duma scena de pugilato antigo.

NOTICIARIO

UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUESA

A União Velocipedica Portuguesa elegeu os novos corpos gerentes, a saber:

Assembleia geral—Albano de Lacerda, Costa Simões, Armando de Brito e Alvaro de Oliveira, efectivos. Alberto Rebocho Costa e Manuel Portela, substitutos.

Direcção—Alvaro de Sousa, Alvaro Carlos, Borralho e Vitor Alfredo Alves, efectivos, e Júlio Camelo e Lourenço Preto Domingues, substitutos.

Conselho fiscal—Avelino José Batalha, Florencio das Neves Marques e João Dias de Brito.

BOX

Os combates de hoje no Coliseu

O organisador do espectaculo de soco que hoje se efectua no Coliseu teve o cuidado de pôr de parte o «ring» excessivamente alto que serviu no combate Ruivo-Faustino, substituindo-o pelo antigo «ring» do Coliseu que serviu nos combates do ano passado.

Assim, todo o publico das cadeiras, poderá seguir as emocionantes fases do combate que coloca Silva Ruivo, actual campeão de leves e meio-medios, em frente da estrela franceza do «ring» Marius, que conta entre os seus mais significativos triunfos uma vitoria sobre Poulet, que é o actual campeão francez dos leves.

Homens de classe como Mario Gali, Vittel e Verni, fizeram com ele combates nulos. Americanos e inglezes de nomeada não o venceram. Tanto este combate como o que opõe Faustino Pereira, o homem que resistiu a Mario Gali e a Violas, ao algarvio Manuel Guito, que já venceu o portuguez Tavares Crespo, são feitos em 10 «rounds» com luvas de 4 onças.

F. Brito e J. Araujo dois distintos amadores, bater-se-hão em 6 «rounds» de 3 minutos com luvas de 8 onças, destinando-se uma taça de prata ao vencedor.

O sr. Xavier de Araujo, da Federação Portuguesa, arbitrará os combates, cuja ordem é publicada em luxuosos programas com retratos e biografias dos combatentes e outros.

A taça para o combate dos amadores e as luvas para todos os combates estão expostas hoje na Maison Blanche.

—Durante o dia fazem-se reservas de «fauteuils» visto estes não serem numerados.

PEDESTRIANISMO

O «Cross» de «Os Sports» realisa-se no domingo proximo

Como temos noticiado realisa-se no proximo domingo o «Cross-Country» organisado pelo jornal «Os Sports» sendo a partida ás 12 horas do campo do Sporting no Campo Grande devendo os concorrentes, delegados ao juri e juizes comparecer ás 10,30 da manhã.

A inscrição encerra-se hoje á noite. Até agora estão representados os seguintes clubs: Sport Lisboa e Alcantara, Royal Foot-ball Club, Desportivo Atletico Estrela de Ouro, Sport Lisboa e Bemfica, Lisboa Ginasio Club, Grupo Foot-ball 31 de Janeiro, Peninsular Foot-ball Club e Desportivo Nacional num total de 88 concorrentes.

O percurso já está escolhido e será de 5 quilometros conforme manda o regulamento.

Hoje pelas 21,30 horas reunem na redacção de «Os Sports» os delegados dos clubs inscritos, fiscais etc. a fim de se assentar definitivamente na hora de partida e outros detalhes da organisação.

«Os Sports» congratula-se com o acolhimento que os clubs deram ao «Cross Country» tanto mais que esta importante prova é a primeira manifestação atletica depois de fundada a F. P. de Sports Atleticos para a qual o jornal «Os Sports» bastante concorreu.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

IV

Eu estava maravilhada. Parecia-me já ter visto isso em qualquer parte, em sonho... Recordei-me do nosso sotão, da noite escura, de alta janela e cá em baixo a rua com os seus fócos, as janelas da casa dos reposteiros vermelhos, os trens esperando junto do portão, o equipamento dos magnificos cavalos, o barulho, os gritos, as sombras passando pelas janelas e a musica fraca, longinqua...

Está aqui, está aqui o paraiso! lembrei-me de repente. Aqui está para onde eu queria ir com meu pobre pai... Então isso que eu pensava não era um sonho. Eu vira tudo tal qual era, nos meus sonhos e nas minhas fantasias...

A minha imaginação excitada pela doença entusiasmava-se e lagrimas dum entusiasmo inexplicavel corriam pelas minhas faces. Principiei a procurar meu pai: «ele deve estar aqui, está aqui com certeza».

E o meu coração batia ancioso... A musica parou e um arrepio percorreu toda a sala.

Olhei avidamente as caras que passavam na minha frente. Procurava reconhecer alguem... De repente a sala emocionou-se extraordinariamente.

Vi num estrado um velho alto e magro. A sua cara palida, sorria e saudava para todos os lados. Tinha nas mãos um violino. Fez-se um silencio tão profundo como se toda a gente quizesse conter a sua propria respiração. Todos esperavam.

Pos o violino em posição de tocar e tocou nas cordas. Começou a executar.

Qualquer coisa, repentinamente, feriu o meu coração. Escutava esses sons com uma angustia indizivel, contendo a respiração. Era qualquer coisa de conhecido o que soava aos meus ouvidos, alguma coisa que me parecia ter já escutado.

Era o presentimento de qualquer coisa de terrivel. Os sons saidos do violino tornavam-se cada vez mais fortes, mais fortes e mais agudos; depois foi um soluço, um grito, uma oração dirigida a todos aqueles que escutavam. O meu coração reconhecia cada vez mais distintamente qualquer coisa de conhecido, mas recusava-se a acredita-lo. Apertei os dentes para não gritar de dor; amparei-me ao reposteiro para não cair... Por vezes fechava os olhos, depois abria-os de repente, como se fosse um sonho e eu acordasse no momento terrivel...

E eu revia como em sonho essa ultima noite, escutava os mesmos sons. Abri os olhos e quiz convencer-me da verdade; olhei avidamente a multidão. Não, eram outras pessoas, outras caras. Parecia-me que todos, como eu, esperavam alguma coisa, que todos como eu sofriam uma profunda angustia, e que todos desejavam gritar a esses terriveis gemidos de violino que se calassem e deixassem de torturar a sua alma. Mas os gemidos tornaram-se mais plangentes, mais prolongados. De repente o violino soltou o ultimo grito, terrivel, longo, que me agitou toda...

Não havia duvida. Era o mesmo grito! Reconheci-o, já o tinha ouvido naquela noite, quando abalar toda a minha alma! «Pai!» «Pai! Foi um relampago que me passou pela cabeça. «Está aqui!» E' ele! Chama-me! E' o teu violino!

Toda a gente deu um grito e os aplausos freneticos pararam completamente. Um grito desesperado, sacudido, escapou-me do peito. Não podia conter-me mais e, afastando o reposteiro, entrei na sala.

—Pai! Pai! E's tu! Onde estás tu? gritava eu fóra de mim.

Não sei como cheguei junto do velho. Deixaram-me passar, afastando-se na minha frente. Lancei-me a ele com um grito terrivel. Julgava estar abraçando meu pai... De repente vi-me segura por duas grandes mãos que me levaram dali. Fixaram-se em mim uns olhos negros que pareciam quererem queimar-me. Olhei o velho. Não, não era meu pai... «E' o seu assassino!» Este pensamento atravessou-me a cabeça. Uma raiva infernal apoderou-se de mim e de repente pareceu-me que um riso caia sobre mim e que esse riso se repercutia na sala.

Perdi os sentidos.

Foi este o segundo e ultimo periodo da minha doença.

Quando abri os olhos distingui uma cara de creança inclinada para mim. Era uma rapariga da minha idade, e o meu primeiro movimento foi estender-lhe a mão. Ao primeiro olhar que lhe lancei toda a minha alma se encheu de felicidade, dum doce presentimento. Imaginai uma cara idealmente agradavel e duma beleza notavel, uma dessas caras deante das quais nos quedamos perplexos, tal é a admiração, entusiasmo e reconhecimento que uma tão grande beleza nos desperta, passando junto de nós, e a contemplarmos.

Era a filha do principe, Catarina que acabava de chegar a Moscou. Sorriu ao meu movimento e os meus nervos acalmaram-se logo. A princezinha chamou o pai que estava a dois passos dela e conversava com o doutor.

—Ainda bem, Deus seja louvado, Deus seja louvado! Disse o principe tomando-me a mão ao mesmo tempo que os seus olhos brilhavam com uma alegria sincera.—Sinto-me feliz, muito feliz, continuou, falando depressa como era seu costume. — Aqui tens Catarina, a minha filha. Ela uma amiga para ti. Melhora depressa, Nietotchka. Mi, como me meteste medo!

A minha convalescença caminhava rapidamente. Alguns dias depois já me levantava. Todas as manhãs Catarina aproximava-se do meu leito, sempre sorridente e alegre.

Eu esperava que ela chegasse como quem espera a felicidade. Desejava tanto abraçal-a. Mas a rapariga traquinas não me visitava senão por alguns instantes. Ela não podia estar socegada: estar sempre a brincar, a correr, a saltar, a fazer barulho era para ela uma necessidade absoluta. Tambem, logo de principio declarou-me que a aborrecia estar sentada junto de mim, que, consequentemente, raramente o faria, mas quando o fizesse era porque tinha piedade de mim. Quando eu estiver melhor outra coisa seria. Todas as manhãs as suas primeiras palavras eram:

—Então, estás melhor?

E como eu fui sempre magra e debil e como raramente sorrisse, a princezinha franzia as sobrancelhas, meneava a cabeça e batia o pé, um pouco despeitada:

—Mas eu disse-te hontem para melhorares! O quê? Naturalmente não te dão de comer?

—Sim, dão-me muito pouco—respondi timidamente, porque ela intimidava-me. Eu sentia o melhor desejo de lhe agradar e por isso tinha medo de cada palavra das suas, de cada um dos seus movimentos. Quando ela aparecia causava-me sempre o maior entusiasmo. Não tirava os olhos dela e quando se ia, eu olhava, como em extase, o caminho que ela tomava. Via-a em sonhos. Quando não estava inventava longas conversas com ela: era a sua amiga, brincavamos juntas, choravamos quando nos ralhavam por qualquer coisa mal feita. Numa palavra, sonhava com ela, como uma apaixonada. Desejava vivamente melhorar e engordar depressa como me aconselhava.

Quando Catarina vinha de manhã e gritava:

—Tu ainda não estás melhor! Sempre tão magra!—eu tremia como se fosse a culpada.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA	PORTO
R. do Ouo, 18 a 24	28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremos, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dily.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**
CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias
Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.
Usines Bedouwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores
Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas
Badal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte
Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios
Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque
Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletas

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4017 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 3 de Março de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O movimento de Outubro

A sessão de ontem na Camara dos Deputados assinalou-se por aspectos varios. Um delos, o desejamos que ele não passe sem reparo, foi a correcção, a dignidade, o aprumo, com que se realisou a homenagem aos antigos parlamentares falecidos durante o interregno dos trabalhos do poder legislativo. Quando, numa assembleia dessa natureza, falam os que devem falar, e as questões são tratadas no nivel donde nunca deviam descer, honra-se a instituição parlamentar, honra-se o regimen representativo, honra-se a Republica, honra-se o paiz. Ha muita gente que não dá a sua circunstancia todo o valor que ela comporta; mas não é menos certo que o parlamento reflete o paiz, e que quanto mais ele se dignificar, mais enobrecida ficará a nação. Nas democracias, mesmo as do tipo presidencialista, não pode deixar de existir parlamento, e, por isso mesmo, é necessario que em toda essa parte eles sejam astos e elevados.

Mas a grande nota politica foi dada pela commemoração dos parlamentares chacinados na noite de 19 de outubro. Ecoou de todos os lados da camara, um preito sentido.

Mas não foi só isso, ainda como não se reclamou somente o castigo das criaturas que já estão presas e sobre quem recaiem esmagadores indicios de culpabilidade, ou de outras quaisquer que nos morticinios possam ter tido parte. Não. O que surgiu, pode dizer-se, de toda a camara, foi a condenação veemente, severa, fulminante do proprio movimento de 19 de outubro. Afirmou-se que não era facil separar a responsabilidade da junta revolucionaria dos acontecimentos da noite tragica. E' perfeitamente exacto. Nem a responsabilidade da junta, nem a do proprio governo do sr. coronel Manuel Maria Coelho.

Disse o sr. Vicente Ferreira que não se compreendia que as matanças só podessem cessar com a imediata nomeação do governo indicado pela junta revolucionaria.

Pois não tinha a Junta Revolucionaria na sua mão todas as forças da Guarda Republicana? O que se fez foi uma odiosa «chantage» sobre o coração dilacerado do sr. presidente da Republica. Se mais republicanos honrados e dignos fosse preciso abater, como rezes, no Matadouro, mais seriam sacrificados, até o sr. Antonio José de Almeida se resolver a nomear o governo imposto pela indisciplina e pelo crime.

E' indispensavel levar até ao fim o esclarecimento desse episodio hediondo da nossa historia, que nela ficá com a data de 19 de Outubro de 1921. Já que foram monstruosas as infamias praticadas, é necessario que seja estrondosa e completa a reparação que a consciencia nacional exige. O parlamento português manifestou hontem abertamente esse desejo, em que vibra a aspiração de todo o paiz. Só depois disso, a Republica seguirá desassombradamente o seu caminho, mostrando as mãos puras de qualquer mancha, porque terá feito justiça.

SEGREDOS A TODA A GENTE

A pena de morte

Tem-se falado nestes ultimos dias, com insistencia, na adopção da pena de morte—em Portugal. Afirmou-se hontem que o proprio poder executivo a proporia em pleno parlamento—o que não é exacto. Diz-se hoje que o deputado Cunha Leal tomará essa iniciativa, num projecto que apresentará ás Camaras—o que é verdade. Mas a adopção da pena de morte entre nós será de facto uma necessidade — perguntar-se-ha? Talvez—por mais que isso brigue com o nosso sentimentalismo de portuguezes. Existe em todos os paizes certos «profissionais do crime» para quem ha apenas uma solução: manda-los de presente ao diabo. Quando, ha tempo, João de Lebre e Lima, hoje secretario da embaixada de Portugal no Brazil, me mandou o seu livro «Da pena de morte» eu cheguei a convencer-me—com tanto brilho, com tanta nitidez, com tanta ternura, com tanta arte, ele a defendia!—de que a pena capital podia revestir até para o criminoso a expressão dum grande prazer humano: morrer sem beaulés. Se de facto a pena de morte se adoptar em Portugal—o que eu duvido—aconselho desde já, aos futuros criminosos que queiram permitir-se o luxo de a merecer, a leitura do livro de Lebre e Lima. Não será uma esperança: mas é seguramente uma consolação.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

MANOBRAS A DESCOBERTO

A revolução social transferida para melhor oportunidade... segundo alguns dizem...

Emquanto uns incitam a população á violencia, outros, mais prudentes, aconselham o adiamento das «saragatas» operarias. O que mais interessa, pelo momento, é que os partidarios do adiamento a prazo curto da revolução social admitem o mesmo desejam uma Republica Federalista ou Municipalista por que — dizem eles — a disseminação da autoridade serviria optimamente para a pulverisação final da autoridade constituida. Mas o melhor é transcrever um pequeno trecho duma publicação recente:

Seria rematada loucura tentar uma revolução socialista isoladamente num paiz como o nosso, que seria prontamente esmagado. Nada se aproveitaria com isso e perder-se-iam incontestavelmente os elementos de valor do revolucionario potugues, que a burguesia e os reacionarios não deixariam de exterminar. E não se diga que uma tal revolução teria as simpatias das classes trabalhadoras de todos os outros paizes e que essas classes impediriam a intervenção estrangeira, pois que, para o nosso aniquilamento, bastaria o bloqueio economico e porque as classes trabalhadoras, se tivessem força para impedir a intervenção, tambem a tinham para fazer nesses paizes a revolução e a nossa hipotese é precisamente a delas a não terem conseguido fazer. Todos os movimentos de protesto das classes trabalhadoras teriam sua utilidade, iriam preparando uma atmosfera revolucionaria, mas entretanto a nós ir-nos-ia succedendo o que succedeu á Hungria, sem que as classes trabalhadoras da Europa Ocidental o tivessem podido evitar.

Mas, pelo simples facto de a não pretendermos precipitar antes do tempo, segue-se que não virá a produzir-se uma revolução em Portugal com um acentuado caracter de reinvindicação economica, mesmo antes de nos outros paizes da Europa se ter derrubado o actual Estado capitalista?

Não pode suceder que, pelo proprio efeito da luta de classes, da propaganda revolucionaria e sobretudo da crise economica cada vez mais aguda as massas trabalhadoras se insurjam contra a opressão e procurem libertar-se dela?

Não pode suceder ainda que a desagregação dos partidos politicos determine, dum momento para o outro, a entrega do poder a uma organisação bastante forte para realisar a obra de transformação economica do paiz, reorganisando as industrias e intensificando a produção?

Não é verdade que até os partidos do governo, se quizerem governar e equilibrar a vida financeira do Estado, terão de recorrer aos grandes meios, o imposto progressivo, o imposto violento sobre as heranças, a socialisação de certas industrias, meios de que lançarão mão para manter a situação actual, mas que conteem em si um tal germen de renovação socialista que serão um poderoso elemento de aniquilamento do capitalismo?

Por outro lado não será levada a parte da burguezia mais inteligente e contemporisadora a transigir, cedendo pouco a pouco aquilo que está irremediavelmente condenada a perder e organisando a revolução, em fases ou etapas, sucessivas, que amorteçam o choque formidavel que seria o duma revolução violenta fazendo assim um pouco em relação ao operariado o que em relação á propria burguezia fez uma parte da aristocracia na Revolução Franceza?

Se uma tal revolução se produzir e se adaptar ás necessidades de remodelações internas e ás de autonomia nacional, evitando a intervenção estrangeira, não somos dos que consideraremos de nenhum alcance uma transformação da actual Republica num sentido federalista e municipalista, tendo os municipios uma organisação corporativa e constituindo com representantes seus o congresso de cada provincia e o congresso nacional, e em que se fizesse uma completa descentralisação dos serviços publicos atribuidos a corporações tecnicas, perfeitamente autonomas, as quais se atribuisse toda a vida industrial, á medida que se fosse realisando progressivamente a socialisação. Sendo o Estado uma realidade que não podemos ignorar e por isso mesmo combatemos, não nos pode ser indiferente a sua transformação no sentido da sua pulverisação; quando não possa ser desde já abolido.

Foi adiado o parlamento irlandez

DUBLIN, 2 — A pedido do sr. Artur Griffith foi votado o adiamento do «Dail Eireann» para o dia 25 de abril. —(H.)

POST-SCRIPTUM ABERTO AO CARNAVAL

em que se fala de graça, de «blague» e de estupidez: em que se descreve uma ceia no camarim de Ilda Stichini e em que se nota o convivio intelectual de que as artistas precisam,

por o Homem que Passa

Deus me livre, meus amigos, de lhes escrever, acaciamente, consideravelmente sobre o carnaval morto. O Carnaval, como a Paixão de Cristo e o Natal deviam ser temas proibidos na prosa de certos shrdlu taoin hrseta hr mfã tao zb jornalistas que os usam como preventivo de maiores preocupações e com uma pontualidade assustadoramente rigorosa.

Não. Este ano, eu não lhes falo da «soirée» das Pires, dos pasteis de bacalhau que o Sousa pai, na casa de jantar das Macedos, ingeria, com palidas aguarelas de vinho do Porto, não lhes falo mesmo daquele costume «odalisca-fantasia», com muitas contas correntes nos cabelos e missangas doiradas sobre os ombros nus, que a Micas, a Micas voluptuosa e heroica de certo carnaval antigo, envergou, para perturbar de perfumes de capelista e de sabonete barato o meu leito debil da adolescencia.

Não. Falo-lhes nesta revista do ano que é o «nosso jornal de cada dia nos daí hoje, senhor... Manuel Guimarães», falo-lhes da graça, da «blague» e da Estupidez, três graças afinal, que substituiram essa coisa que tambem afinal nunca existiu, como certos santos «béras» e que se chama, desde ha muito tempo, a «boa graça portuguesa».

O Carnaval, tolerado e intoleranto, gira entre estes três-polos — no entanto, o polo da «blague» é, pelo menos, em Portugal, o mais dificil de atingir. Em compensação, o polo vulgar da estupidez, que aflora com uma sintese em tantos movimentos nacionais, é, entre nós, corrente.

Deste carnaval decrepito, posso eu citar-lhes uma «blague», uma graça e, pelo menos, tambem uma estupidez.

A estupidez, foi, a bomba que os alunos da Politechnica deitaram debaixo dum dos electricos de saudosa memoria, em que eu vinha, e provocou com o seu estampido em uma senhora que viajava num estado grave para a sua vida de mulher, uma sincope letargica, de consequencias possivelmente fatais.

A «blague» sei eu de quem conseguiu pregá-la com um exito inteiramente «reussi», em plena terça-feira gorda.

Foi o caso que certo comerciante rico, fôna e pacato, foi prevenido, ao telefone, na tarde desse dia, por alguem de inteira respeitabilidade:

—«Sei que hoje á noite vai ahi um grupo de mascaras, com a massada do costume. Como vocês têm crianças e eu sei o que são essas coisas e como podem assustar as crianças, previno-vos já. Além disso, com a falta de recursos que ha agora, se se não sabe a tempo, não se arranja nada. O melhor é vocês ou não abrirem a porta, ou então prepararem-se.»

— «Oh, obrigadissimo. E' uma estopada, mas, emfim, cá os receberemos. E, quantos calculas...

— Uns 50, são fulanos, cicranos, beltranos...

— Ah! Bem. Vou mandar vender um *fauteuil* que tinha para hoje em S. Carlos... E ainda dou um pulo á Garrett. O peor é o pão. Mas, emfim, tudo se ha de arranjar. Obrigadissimo.»

A' tarde, o bom burguês, querendo fazer uma «figura decente», corre as pastelarias da Baixa e calcurreia a casa, ajoujado com embrulhos. A sala já está desarmada e o *fauteuil* vendido.

Tudo se apresta para a noite, engravatado e lustroso.

Escusado, porém, será dizer que o grupo nunca mais aparece e o desgraçado, escabaceante, na meia luz mortiça da sala deserta, com o acido borico na mão, perde a noite, na vigilia do Carnaval, querendo ver em cada risinho que passa na rua o grupo folião que nunca chega...

* * *

Da graça, do espirito leve e delicado do seu temperamento de artista, deu-me este ano, a unica nota que presenceei, Ilda Stichini.

Na segunda-feira gorda, um grupo que pára ás vezes no seu camarim, Chagas Roquete, Mendonça Alves, Armando Macedo, José Ricardo, Albino Abranches e alguem mais *que passa* ceou, numa alva toalha de linho, onde Ilda Stichini, que é tão graciosa na vida da scena, como nas proprias scenas da vida, havia posto, em pratos de barro vidrado e em canecas de louça de capelista, a harmonia do seu bom gosto. Numa jarra de barro, tambem, uma molhada fresquissima de cravos rubros iluminava e perturbava todo o ambiente. Aos cantos da mesa, em tachinhos de barro, dormiam molhinhos de violetas. A idéa fôra graciosa e, ao vermos, desembaraçada, natural, feminina, mexendo ovos e servindo doces, Ilda Stichini — talvez a maior ingenua dramatica que se ouve hoje em Portugal e que o Brasil aclamou em unisono — pensámos involuntariamente que essa artista, já hoje eminente, conservava todo a simplicidade encantadora duma colegial em ferias.

Ali, naquele convivio intelectual por natureza, mas onde o espirito era uma flor justa e expontanea, essa mulher só podia aprender.

Nas «blagues» de José Ricardo — que é na intimidade um humorista profundo — na conversa de Vasco Alves, no espirito interessante e cultissimo de Chagas Roquete, que se pode encontrar, que não seja essa vida de elegancia, de arte e de graça que tão necessaria se torna á vida duma mulher de palco?

Como se compreende que uma actriz deixe no camarim a elegancia falsa de uns saltos tortos e de umas pelas de gato e entre na scena para fazer uma milionaria?

— Como podem escrever para as nossas actrizes burguesas homens como Robert de Flers, Hennequin, ou Weber?

Uma artista que discuta criados e «toilettes», como uma mãe de familia, e viva só a intriga amarela dos camarins, resulta depois na scena, sobretudo na scena de arte e do sentimento, deslocada e fria.

Este Carnaval, ao menos, desmascarou-me o misterio de uma intimidade encantadora. Stichini que ha muito era para mim grande na sua arte, pareceu-me ainda talvez maior na sua vida.

Um naufragio

LONDRES, 3.—O vapor «Greycift» lançou um radio dizendo que estava a ir a pique no meio do Atlantico, tendo-se despedaçado os barcos salva-vidas.—(R.)

O Japão agitado

TOKIO, 3.—A agitação no Japão está tomando uma forma espectaculosa tendo os chefes ido em peregrinação ao tumulo do ultimo imperador para lembrar ao seu espirito a constituição que ele outorgara.—(R.)

ANTE-PRIMEIRAS

4028-Lx

Amanhã, no Teatro Chiado Terrasse

O teatrinho da Rua Antonio Maria Cardoso, que tão grande exito acaba de obter com «O Juiz de fóra», faz amanhã a reposição da comedia de Decourcelle e Berr «Dix minutes d'autos», que André Brun traduziu livremente com o titulo «4028-Lx» e que foi ha anos um dos melhores sucessos do teatro do Ginasio.

São tres actos graciosissimos em que um curioso enredo de comedia se desenrola entre ditos de espiritos e figuras caricaturais desenhadas com rara felicidade.

A peça foi ensenada por Luiz Veloso e nela toma parte toda a companhia do teatro. «O Juiz de fóra», que chamou ao Teatro Terrasse farta concorrencia de publico durante cerca de 50 noites vai ter no cartaz a legitima e necessaria sucessão.

A França e a Italia

Declarações do ministro dos estrangeiros italiano

ROMA, 2.—O sr. Schanzer, novo ministro dos negocios estrangeiros da Italia, entrevistado pelo «Giornale de Italia», declarou que não podia desejar maior cordialidade do que aquela que manifestaram o sr. Poincaré e a imprensa franceza, a qual publicou artigos assas lisongeiros para a Italia e concluiu por estas palavras: «Os dissentimentos entre a Italia e a França nem sempre deviam ser tomados a serio; com calma e confiança os dois paizes andarão uma grande caminhada juntos». A pedido do sr. Schanzer, o sr. Poincaré consentiu em que lhe fosse comunicado o acordo franco-inglez de Boulogne.—(H).

60.500.000 bacilos

E' o que acusa a analise oficial de «Lactobiase», o fermento Latico que está conquistando todos os mercados do mundo, pela garantia da sua virulencia documentada por quasi todos os clinicos do paiz. Pedidos a Raul Vieira Ltd.—Rua da Prata, 51.

REDES DE ARRASTO...

O Misterio dos 50 milhões

Ha quem suponha que na imprensa diaria de Lisboa se reproduzem boatos alarmantes, alimentando-se a inquietação geral e dificultando-se a reconstituição financeira e economica do paiz. Pode ser que seja assim.

Efectivamente encontramos em «A Batalha», «soi-disant» porta-voz das organisações operarias, incitamentos claros á resistencia. Os seguintes trechos são duma eloquencia que não deixa duvidas:

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha integra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado, na faina de extorquir deste o producto do seu trabalho exaustivo; essa extorsão realisa-se por meio da força. A sintese do Estado é a violencia organisada, e quem diz violencia diz coacção, tirania e desordem social. O Estado é opressor, arbitrario e baseia o seu poder na força, ou sua alavanca: o militarismo. E esse poder oprime ignominiosamente a especie; por conseguinte o Estado, que tanto a moral burgueza incensa, é uma entidade afrontosa, porque a ferozmente dominadora. O dogma é a sua divisa, a injustiça o seu escopo, tudo isso repercutindo infamemente na grande maioria, nesse batalhão famelico de desventurados, de cujo trabalho insano e fecundo é origem da felicidade sobre a terra.

O operario moderno é um escravo como o era na antiguidade o seu antepassado, o ilota. O ilota tinha o latego do senhor para instiga-lo á producção, o operario moderno tem a fome para si e para os seus, tem os ergástulos perpetuos quando legitimamente reclama o que de direito lhe pertence, tem a metralhadora á frente quando afronta com brio o obstaculo, a justiça e o convencional e hipocrita.

Vós, oh! povo, vós que sofreis o peso da mais espantosa miseria e torpeza, vós que fazeis a tão intensa vida universal de que nada usufruis, sois esse oceano pujante e justiceiro o qual hercúleo Prometheu consegue libertar-se com a vossa vontade e consciencia livres rebentar duma vez com as algemas que vos cingiram, reduzir á impotencia as garras jesuiticas que semeiam a morte em vosso redor — cortar cerce e pulverisar a cabeça hedionda e patibular desse bandido da historia da humanidade — o Estado.

«A Batalha» quer, pois, destruir o Estado. Mas o momento ainda não chegou, segundo confessa o porta-voz. A hora propicia á geral decapitação ha de vir. E, para o preparar, «A Batalha» incita o operariado á resistencia passiva por meio de greves continuas, da paralisação ininterrupta da producção que conduzem á geral ruina.

Estes bons desejos não podem deixar de ser contrariados pelo Estado, que não está disposto a dar o pescoço á degola anarquista. E a melhor maneira que o Estado tem para se defender é demonstrar, praticamente, que o anima um espirito de justiça igualmente distribuida por grandes e pequenos.

O Governo—que representa o Estado—tem uma missão moralisadora a cumprir. Tem que promover, energicamente e sem desfalecimentos, que se faça justiça. E um dos casos para que não cessaremos de chamar a sua atenção é o do «Misterio dos 50 Milhões», a escandalosa negociata de que o Estado foi vitima.

Está o sr. Antonio Maria da Silva, chefe do governo, disposto a não se esquecer do dever que lhe impõe a confiança da Nação? Se está, ande para a frente com o esclarecimento dessa escandalosa mentira, e tem especial autoridade para o fazer, agora que é o chefe reconhecido do partido democratico, graças á deserção do sr. Afonso Costa, famoso negociador do misterio dos 50 milhões!...

A conferencia Lloyd George-Poincaré

Os resultados

LONDRES, 3.—Parece que o resultado da conferencia de Lloyd George e Poincaré foi afastar os receios da França de que fossem modificados os tratados de Versailles, Trianon, Saint Germain e Neuilly na conferencia de Genova.

Estes receios da França provinham de não ter estado Poincaré presente na conferencia de Cannes onde foram lançadas as bases da conferencia de Genova.

A conversa da Bolonha serviu para provar que tanto o governo inglez como o francez entendem que esses tratados só podem ser discutidos pelos aliados e nunca numa conferencia em que participem nações neutrais.—(Ist. Am.)

Migalhas

Bilhete a Augusto de Castro

Meu caro Augusto: Duas forças, ambas elas irritantes, a do capital e a do trabalho — ganho aquele o exercido este segundo uma lei comum, o do menor nobre esforço — degladiam-se hoje mais do que nunca sobre toda a face da terra e, naturalmente, neste cabo quasi ignorado da Europa.

Em tão cruel conflito, a Inteligencia, terceiro estado igualmente menosprezado por ambos os litigantes e o unico afinal que verdadeiramente vale, sofre todas as vicissitudes, é chocado por todas as grosserias, quando afinal só dela o Mundo e a Vida têm a esperar legitimas directrizes.

Não pode, pois, perder e antes deve, por orgulho proprio, procurar todas as ocasiões de se reunir e afirmar a sua existencia, para que se não julguem habilitados a tripudiar sobre os seus insofismaveis direitos os que têm um pataco no bolso ou um calo na palma da mão.

E' um optimo ensejo esse da homenagem proposta a Antonio Candido. Trata-se de um homem numa terra onde ha tão poucos; trata-se de um verdadeiro artista numa época em que êles não abundam. Nunca tive o prazer espiritual, que certamente seria grande e honroso para mim, de lhe dirigir a palavra; mas o que admiro da sua obra e do seu caracter, deram-me, quando por acaso o cruzei na rua, a impressão de que passava alguem e esse é um consolo apreciavel para o despretencioso Diogenes de insignificante lanterna que sou forçado a ser nos tempos que vão correndo e que ha que melhorar a golpes de inteligencia, enquanto alguns pretendem fazê-lo ao estrondear de bombas e certos supõem poder defender-se a tiro de metralhadora.

Que a homenagem a Antonio Candido, que, felizmente, vai recolhendo as mais belas adesões e uma acima de todas valiosa: a do espirito publico que ainda sabe pensar, seja uma grande parada de forças da intelectualidade portuguesa. Que esta não perca este ensejo de se reunir e, depois, não recolha á casa. Antes aproveite a consciencia da sua força para dizer aos outros, os de barba feita e os de barba por fazer, aos politicos de camarilha e aos politicos de botequim, as verdades que uns desconhecem em absoluto por florescente estupidez e que outros fingem ignorar, tendo aliás delas uma vaga noção.

Que em volta de uma inteligencia, as inteligencias se afirmem e imponham a sua intervenção na balburdia dos finorios e dos estupidos.

UM CASO

Existe, sem ninguem saber, uma Biblioteca Popular—Pede-se ao Parlamento que mande pôr mais uma em cada rua da cidade...

O governo pega num homem qualquer, ao acaso da intrigalhada politica, mete-o dentro de uma casa, põe-lhe um telefone ao lado, muito papel em branco, tinta e caneta. O homem fica no casulo durante dois meses. Findo êsse prazo maximo, o homem injectou toda a Nação com decretos, portarias, oficios e restante engrenagem burocratica, — tudo isto sem utilidade para ninguem e sómente para dificultar, entravar e anular as iniciativas particulares e qualquer trabalho util dos cidadãos. Nesta altura, já o homem anda pendurado num charuto, tem na lapela da tabita uma roseta de San Tiago, vai jantar ao Tavares Rico e paga a conta num cheque sobre a casa Pinto & Soto Maior. Entretanto, nós sentimo-nos envolvidos nos decretos, portarias e regulamentos que êle fabricou e que passaram a ser razão maxima da sua existencia parasitaria.

Os senhores sabem, por acaso, o que é a Biblioteca Popular de Lisboa? E' claro que não. Pois esta igrejinha burocratica foi inventada por um ministro sidonista, sómente para pôr lá dentro, a fabricar a teia, um dos tais homens. E como ninguem sabia, nem sabe, que raio de biblioteca é essa, passamos nós, agora, a ser as vitimas do burocrata feito á pressa. Ele teve tempo de sobra para escrevinhar as leis e os regulamentos que nos haviam de castigar e, muito ancho de si, do seu frak á moda e da sua roseta rosa, cai-nos em cima, de repente, sem tempo para dizermos ai, ai, e exige-nos uma parte da nossa propriedade, para seu regalo e justificação da sua improvisada função.

As empresas graficas são obrigadas a enviar á Biblioteca Nacional exemplares das suas produções. Não está bem, mas passa. E não está bem, porque, no que respeita a jornais, é inutil a remessa. Ainda não ha muito tempo que oficiamos ás bibliotecas de Lisboa, Porto e Coimbra preguntando se as colecções do nosso jornal estavam completas e, no caso contrario, quais eram os exemplares que faltavam. Uma dessas bibliotecas nem respondeu; [illegible] todas das outras duas verificámos que faltavam quasi todos os numeros.

Entretanto, nós cumprimos a lei, enviando diariamente dois exemplares da folha a cada uma das instituições. Donde se conclue que os jornais foram vendidos a pêso, excepto um ou outro numero, que ficaram para amostra ou para simular que estas coisas são burocraticamente tomadas a serio.

O tal homem da Biblioteca Popular não se limita a reclamar uma parte da nossa propriedade, fundado na autoridade dos diplomas que êle proprio engendrou. Arruma-nos tambem para cima com mapas e circulares, que temos de preencher, depois de lhes estudar o complicado mecanismo.

Neste paiz em desordem não ha para quem recorrer. Se nós pedissemos a extinção da tal Biblioteca Popular, eram capazes de nos injuriar, alcunhando-nos de inimigos da luz e do progresso. Talvez que seja preferivel solicitar do sabio Parlamento a decretação da multiplicação dos pães de espirito, fundando-se em cada rua uma biblioteca, com a obrigação imposta ás empresas graficas de para lá enviarem o produto do seu trabalho. E o governo sentir-se-hia feliz por ter ocasião de inundar Lisboa com mais homens de frack, ornados com a roseta que atesta a sapiencia oficial...

MANIGANCIAS...

Trabalha-se, por baixo de mão, em nova decretação de redução de paginas dos jornais diarios

Então nós, portuguezes estamos em guerra ou disfrutamos a paz?...

Junto do governo e por portas travessas tece-se laboriosamente um negocio, em que êle, governo cairá ou não... Eis do que se trata:

Durante a guerra os jornais diarios viram-se obrigados a reduzir o numero de paginas, que chegou, como se sabe, á simples impressão de guardanapos. Havia uma forte razão para que tal se fizesse, é claro. A guerra paralizara muitas industrias, e onde não ha, todos perdem, sem excepção dos vis, que aliás, pouco têm que perder, visto que são irresponsaveis, tais quais os maluquinhos. Mas a guerra acabou. Ha alguns anos que gozamos da paz de Versailles, o que não é o mesmo (concordamos) que gozar a Paz, mas disso se aproxima.

E compreende-se muito bem que se deva persistir em normalizar a situação das industrias, não impedindo o comercio dos produtos fabricados. O equilibrio virá assim a consolidar-se. Se, pelo contrario, se realizarem agora medidas excepcionais que só a guerra aconselhou ou impoz, o mesmo será que forçar a população portuguesa a resignar-se aos males da guerra contra todos os principios e até contra as imposições do mais comesinho bom-senso governativo. E são estas as razões principais que nos levam a acreditar que o governo se não deixará arrastar no caminho que se pretende impor e que consistiria na decretação coerciva, absolutamente obrigatoria, da redução do numero de paginas dos jornais diarios. Isso é que não pode ser!

Temos especial autoridade para assim falar. A «Capital» foi dos jornais que mais sofreu com a guerra, exactamente porque não dispunha das reservas de resistencia das grandes empresas. Apesar disso, vivemos.

Lutámos, neste jornal e dentro dêle, contra a concorrencia desleal de alguns outros. Fomos assolados por três greves e, durante a ultima, saquearam-nos a tipografia e sabotaram-nos as maquinas de compor, uma das quais só agora, passados três anos, começou a trabalhar. Pois nessa ocasião outros jornais apareceram, compostos pelo pessoal grevista da «A Capital». Persistimos, apesar de tudo e contra muitos. Não obstante a nossa fraqueza, ainda encontramos forças para a demonstração da maior lealdade, pondo as nossas oficinas ao serviço de outros jornais. No fim da batalha, estavamos meio arruinados e podiamos, se fossemos vaidosos ou choramingões, parodiar Afonso de Albuquerque na frase historica:

— Mal com uns e com outros, por amor a todos!

Presentemente, a situação da «A Capital» já é melhor. Os horizontes desanuviam-se e o publico dispensa-nos um favor, que não é senão merecido.

Se isto se passa em nossa casa, porque motivo se quere levar o governo a adotar medidas economicas de excepção para os jornais? Que tem o governo, agora, com o numero de paginas que nós ou outra qualquer empresa entendamos dever entregar ao publico

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

UM LIVRO

Este é «O Livro das Chymeras». Os nossos olhos caem sobre estas palavras e imediatamente a nossa imaginação evoca uma região feerica, luminosa e bela.

Deve ser lindo o livro que assim se chama; deve falar a alma de todos nós, eternos sonhadores.

Interessada, continuo a ler o que a capa do livro nos diz:

«Este é o Livro das Chymeras que, para consolação das proprias saudades, e para perpetuação de instantes transcendentais, Alfredo Pimenta escreveu, quando, tendo descido da torre do seu orgulho, entrava na catedral magnifica da sua humildade».

A bruma de sonho que o titulo evocava, desvanece-se momentaneamente a rio. Os bem dispostos riem, os amargos e os irascíveis enervam-se. Não compreendo o que significam aquelas palavras tão misteriosas, para mim como o Manes, Thecel, Mares do festim de Baltazar mas isso não me preocupa; a minha inteligencia não entristece ao ver-se em frente do incompreensivel, ele ha tanta materia que ela não atingo... será este mais um. Ao menos aqui, tera uma compensação, apenas a capa do livro lhe é incompreensivel, sabe ja de antemão que ao abri-lo encontrará momentos de encantamento indefiniveis que a fará esquecer tudo quanto a rodeia.

A realidade desaparece, eu entro no Paiz dos Sonhos, embalada pela magia rithmyca dos versos de Alfredo Pimenta.

Acusam-no de morbidez, de decadencia. Talvez. Não o defendo, nem ele precisa da defesa de uma pessoa, cuja humilde inteligencia nem mesmo atinge o significado, com certeza cheio de beleza, do titulo do seu livro; mas o que posso afirmar é que exhausta destes tempos de luta aspera e de vida intensa, encontro descanço para os meus nervos e calma para o meu espirito na cadencia suave e doce dos versos de Alfredo Pimenta.

E meus olhos cançados da luz vibrante da vida, procuram anciosos as meias tintas dos seus versos outonais e ali repousam gratos.

Quereria dizer quais das suas poesias teem a minha preferencia, mas não sei, gosto tanto de todas... no entanto, parece-me que aquelas que eleio com mais prazer são o soneto. Para quê! A balada dos Olhos Verdes:

> Nunca olhos verdes, perdi,
> Meus olhos que não teem côr,
> E logo senti a dor
> Da desgraça em que cahi,
> Porque só vi desamor
> Nos olhos verdes que vi,
> Nos olhos em que perdi
> Meus pobres olhos sem côr!
> ....

A balada das mãos alvas e magras:

> Caprichosas mãos de cera,
> Moribundas, desmaiadas,
> Mãos estranhas de quimera,
> Mãos de sombra, imaginadas!
> Quero vestir-vos de beijos
> E em beijos, os meus desejos
> Contentar, ó mãos amadas!
> ....
>
> A acamar os cravos tristes
> Que vos dei em certo dia,
> Angustiadas, vos vistes,
> (De uma angustia que arrepia!)
> Porque nos cravos em flor,
> A magua do meu amor,
> Silencios, sofria!

Na sombra da Ante-Camara:

> Beijei, cheio de amor, as palpebras tremendes
> Dos teus olhos sem par magnificos e belos.
> E meus beijos deixei, perdidos, indolentes,
> Em desejos de amor errar nos teus cabelos.

Eu quereria citar mais e mais trechos, mas infelizmente o espaço é muito menor que a minha admiração, tenho pois que me resumir a citar nomes: «As tuas mãos» «Beijei a tua bocca...» «A ultima pagina» e tantos, tantos outros...

que é mais curioso é que esse costume subsiste ainda na Bretanha. Se numa reunião de Bretões entrar um estrangeiro é-lhe oferecido um copo de que todos se serviram antes dele.

Permitam-me uma exclamação excessivamente familiar mas muito expressiva: Livra!

A palavra ingleza «toast» que se tornou universal substituindo as palavras «fazer saudes» significa torrada e veiu do costume que havia antigamente em Inglaterra de se deitar um bocado de pão torrado no copo antes de o fazer circular por todos os assistentes. O copo voltava depois para a mão do dono da casa que bebia o resto e comia o pão.

O costume passou mas a palavra ficou o que desmente o nosso proverbio «Palavras, leva-as o vento».

CONSELHO PRATICO

Sobre a forma de calçar meias

As grandes costureiras e modistas teem empregado os seus melhores esforços para fazerem descer as saias, mas só muito lentamente e com grande dificuldade o veem conseguindo.

O maior inconveniente das saias curtas é a grande despesa com as meias pois teem de ser bonitas e variadas.

Um dos maiores cuidados que devemos tomar é o de calçar a meia de forma que a costura não zig-zagueie pois esse defeito basta para estragar todo o efeito da toilette por mais elegante que seja. Alem de prejudicar a elegancia tambem é prejudicial á duração das meias.

A causa de tudo isso vem da maneira porque algumas senhoras calçam as meias, estendendo-as e depois tentando meter o pé a direito a forma pratica de o fazer é meter a mão pela meia e junta-la toda ali até no calcanhar, enfiando depois o pé e ajustando-a cuidadosamente pouco a pouco a perna.

Um pé e uma perna bem calçados teem quasi tanta importancia para a beleza da mulher como uma cara bonita.

GULOSEIMAS

Arroz imperial

Coze-se uma chavena de arroz misturando-se-lhe depois um bocado de manteiga, põe-se ao lume 1/2 kilo de assucar; quando estiver em ponto de espadana, tira-se do lume, deita-se-lhe o arroz já cosido e 8 gemas bem batidas, vai ao lume a engrossar e deita-se numa travessa enfeitando-se com doce de compota.

RECEITAS CASEIRAS

Quando se comem frutas acidas

Ha pessoas que teem especial gosto em comer frutos acidos e verdes, mas que se incomodam com a impressão que essa fruta deixa por algum tempo na boca.

Aconselha-se para fazer desaparecer essa acidez, que se mastiguem nozes, pão torrado ou que se chupe pastilhas de hortelã pimenta ou de Vichy.

SONETO

Para quê?

Revelar um segredo—para quê?
Para quê decifrar o enigma estranho
Que escondido em meus labios eu contenho,
Que só eu sei, e que ninguem mais vê.

Dizer o que a minha alma escuta e crê
Este sonho que em flor na alma tenho,
Sonho para onde vou, e donde venho,
Dizei-o e revelai-o,—para quê?

E se o meu coração vive isolado
Abandonado coração magoado,
Neste tumulto dum viver sem fé,

Que importa aos outros o que sonha e sente?
E se ele sonha misteriosamente,
Decifrar-lhe o misterio—para quê?

ALFREDO PIMENTA

PENSAMENTOS

Sofrer—é viver até ao fundo d'alma.

JOÃO AMEAL

Deve pedir-se muito á vida para que ela nos conceda qualquer coisa.

CAPUS

FRIOLEIRAS

A origem dos «toasts»

Quasi todos julgam que o costume dos «toasts» provém de Inglaterra mas nada é mais falso.

Só o nome é inglez.

O costume de fazer saudes existia entre os antigos e essa cerimonia realizava-se com muito mais solenidade do que actualmente.

Nos primeiros seculos da nossa era quando se queria honrar alguem e testemunhar-lhe consideração passava-se-lhe a taça com o resto do vinho.

Confesso que dispensava ser distinguido por essa grande honra, mas o

Questões pedagogicas

Os castigos na idade infantil. — A disciplina escolar

A punição é a imposição intencional e deliberada de alguma pena.

Na escola ha alunos maldosos, cinicos, hipocritas, chasqueadores. Felizmente, não constituem a maioria. Perturbam a ordem escolar, aborrecem o professor, divertem a classe, molestam os companheiros. São, ás vezes, anormais. Dóe a alma do professor ter alunos tão infelizes. Serão futuros contingentes do grande exercito dos desgraçados povoadores de prisões e hospitais. A persistencia do mestre salvará muitos deles. A primeira coisa é torná-los sensiveis ás reprimendas; não se quere ninguem susceptivel, mas o cinismo é revoltante e doloroso ver-se na infancia. Antes susceptivel que cinico.

Depois, para as faltas, as reprimendas.

O aluno deve ver a reprimenda, a correcção, ou o castigo como regra de conduta indispensavel. Ele praticou a falta, a punição vem logo: esta punição é invariavel: tanto lhe cabe, como caberia a um outro, se outro fosse o autor da falta.

A punição de uma falta não pode senão ser assim invariavel. Não ha preferencias pessoais do mestre nos discipulos. O mestre seguirá o exemplo da natureza, que é invariavel em suas sanções: quem quer que se achegue ao fogo, queima-se logo. Não ha preferidos nem eleitos.

Sem esta invariabilidade de punição para cada falta, nada se fará de bom, porque os alunos cometerão as suas culpas e aninharão sempre a esperança de serem as mesmas relevadas ou perdoadas. Além do que, a invariabilidade de punição fará a criança associar a falta que cometeu á correcção recebida, considerando a punição como representação pratica de uma lei moral permanente e inalterada, que *imparcialmente* aprova ou desaprova.

Não é o professor quem castiga; não é a sua vontade, que corrige. E' a lei moral ofendida, que pune directamente o ofensor. O agente da punição é o mestre. O mestre pune sem odio nem instinto de vingança. Pune, porque se sente obrigado a punir, em beneficio proprio do aluno culposo. E' como a mãe que leva o filho amado ao bisturi do medico para salvar-lhe a vida.

A invariabilidade da punição de uma mesma falta parece chocar-se com as diferenças individuais entre os alunos. Certos alunos, no fisico e no mental, são fracos... não podem suportar punições energicas e demoradas. E' facil, porém, sanar-se o caso. *As punições brandas* servem a todos, qualquer um pode, sem prejuizo, suportá-las. E' facil e humano: Para que se martirizar as crianças?

A punição deve ser dada sem colera e violencia, com serenidade e firmeza. A brandura não se inimiza com a justiça, a moderação com que se repreende convem mais do que a severidade com que se castiga.

Se ao mestre se veda punir enfurecido, tambem não é de boa norma punir o aluno enraivecido. A falta é grave, toda a turma é admoestada e nada se diz ao aluno indisciplinado. Deixa-se passar a crise que o conturba, o subleva, o insurge, o revolta; é só mais tarde, quando a calma refizer aquele espirito e voltar áquele coração, surge o momento azado para, em conversa particular ou publica, ressaltar-se a grande dôr que causa ao mestre a atitude insolita de um aluno. O arrependimento é fatal que venha; o perdão do mestre deve vir tambem, porque para grandes faltas só ha grandes punições, mas estas são prejudiciais e até contraproducentes. Se o mestre não quizer perdoar, institue-se a classe em tribunal de juri, em que a solidariedade absolve o reu. E não podia ser de outro modo.

A disciplina escolar aboliu as ameaças, os gritos, os gestos desordenados, que no principio amedrontam, mas depois divertem a classe, originando risos e galhofas. Não se admite mais a regua ou a palmatoria, riscaram-se os castigos corporais. Só as observações em particular ou na classe, as privações de recreio, a detenção com trabalho ou não, os avisos para casa e a perda de premios.

Nada de bolos, puxões de orelhá, reguadas, castigo de joelhos, o emprego do milho. A personalidade infantil exige respeito e moderação, que, infelizmente, têm escasseado em muitos paizes latinos e que se desconhece quasi inteiramente nos anglo-germanicos. Só existe um castigo corporal razoavel: o que a natureza impõe ao que lhe infringe as regras. O aluno subindo a uma arvore do terreno ou trepando num banco da classe, caiu e contundiu-se. Se a lesão não fôr grave, não nos devemos incomodar; se, porém, exigir cuidados, demo-nos pressa em dispensá-los. Nunca se deve agravar uma sanção natural com uma disciplinar.

Não é êsse o papel do mestre. Gaillard descreveu magnificamente como êle deve ser: «Quem souber ser calmo sem ser frio, grave sem ser intratavel, firme sem ser cruel, justo sem ser inflexivel, zeloso e vigilante sem ser importuno, paciente e meigo, sem ser fraco, será verdadeiramente o mestre de seus alunos, dominando-os e disciplinando-os pelo coração».

A crueldade não pertence ao mestre; nem a escola é prisão. O mestre vê tudo, mas nem tudo corrigirá. Só os excessos, os abusos; o alunos têm liberdade para usar, não para abusar.

E' esta a base sincera e amoravel da disciplina escolar.

Factos e palavras

A PROPOSITO DUM PORTUGUÊS

A' hora em que estas linhas forem lidas repousará tranquilo junto dos seus antepassados esse que soube ser no exilo um grande Português. E mostrando bem como os grandes portuguêses vivem apenas do coração, para ele o exilo foi apenas a saudade dominante dum lindo céu, duma extraordinaria paisagem e duma grande Raça. Nem um gesto de vingança, nem uma palavra de censura, nem uma frase de odio. Apenas um sentimento que se não esconde e não inventa pela terra onde o seu genio le ranies deix ra recordações andades e bem querenças.

Tinha o direito de vir repousar o sono eterno em terra que era sua, junto de adormecidos que eram seus. Fê-lo comos os antigos cavaleiros da sua Raça, vindo por mar em fôra entre procelas e desmandos da natureza, entre a furia das coisas e bondade dos homens.

Ao chegar uma Republica «intransigent» abriu-lhe os braços como a um filho querido. Apenas muitos daqueles que em vida o b. julgaram o não quizeram ver agora.

Havia no ar um vago preconceito que eles puzeram acima do Amor e da Veneração.

Pobres de espirito os homens. Pobreza tão in entavel quanto é certo que da corresponde á mesquinhez do coração, á debilidade do caracter e ao L... que anda a par.

Pobreza tão gran e que leva ao facciosismo, que por perder as virtudes dos homens, que arrasta e que amesquinha para este «mare magnum» de podridão em que todos andamos chafurdando.

BOTTO DE CARVALHO

* * *

A Associação do calendario da America dirigiu um apelo a todos os americanos para que estes se interessem pelos trabalhos da associação, e assistam á reunião que se vai realizar em Washington para reformar o calendario actual.

Trabalha-se para que se apresente ao congresso uma lei para que o ano seja dividido em treze mezes de quatro semanas de sete dias.

Um dia impar entre vinte e oito de dezembro e o primeiro de janeiro, seria o dia do ano novo sem data.

Nos anos bissextos, o dia a mais seria chamado «dia do ano bissexto» ficando colocado entre o ultimo dia de junho e o primeiro de julho.

O novo mez a mais designar-se-ia «Vernal» porque viria no equinocio vernal, na primavera.

Os partidarios deste calendario dizem que tornar-se-ia desnecessaria por este sistema a impressão de calendarios porque os dias do mez cairiam sempre nas mesmas datas.

* * *

Tendo chegado ao conhecimento das autoridades que entrava alcool em grandes quantidades nos Estados Unidos pelas pequenas baías e praias da Florida, uma esquadrilha de 14 aeroplanos armados desceram perto de Miami capturando a escuna ingleza «Annabelle» e aprendendo 11.000 sacos de «whisky».

A tripulação composta de vinte e um homens entregaram-se sem resistencia e obedecendo ás instruções do comandante da esquadrilha, chamaram barco para levar o contrabando a terra.

Está se exercendo a maxima vigilancia em toda a costa e centenas de barcos estão patrulhando as derrotas os vapores contrabandistas, de cujos movimentos as autoridades em terra são informados por meio de um codigo secreto, pela telegrafia sem fios. A «Annabelle» é o primeiro barco apreendido. A sua carga está avaliada em 750 mil libras.

* * *

A Baroneza Rhonda requereu perante a comissão de privilegios da Camara dos Lords a efectivação do direito que teem as pares por direito proprio de tomar assento na camara, não tendo havido oposição. Ha 24 pares no Reino Unido que aproveitam desta decisão, uma duqueza, quatro condessas, duas viscondessas e dezasete baronezas.

«O MUNDO»

Este nosso colega da manhã, que sob a direcção do sr. Urbano Rodrigues, estava para saír ámanhã, só reaparecerá no proximo domingo.

Barreira que abate

Dois homens feridos

Na Avenida Heliodoro Salgado abateu hoje uma barreira ficando soterrados os trabalhadores Albino Ferreira, morador numa barraca sita na mesma Avenida e Joaquim de Sousa, morador em Sant'Ana.

Conduzidos ao hospital de S. José, foi para casa o primeiro, depois de pensado e recolhendo o segundo á enfermaria de S. Francisco.

Foi preso o encarregado da obra.

As gréves

Hoje apresentou-se mais pessoal ao serviço na Companhia Carris de Ferro. Os grevistas voltaram a reunir na sua associação de classe.

—Os maritimos continuam esperançados em ver dentro em breve terminado o conflito com os armadores. Hoje reuniram novamente.

As eleições na Madeira

Na assembleia de Camara de Lobos não se cometeram irregularidades

...Sr. Redator. — Andando varios individuos propalando que na assembleia eleitoral de Camara de Lobos se cometeram violencias e irregularidades e ter a força armada intervido nessa assembleia, por este motivo venho dar conhecimento a v. ex.ª do seguinte:

A força armada permaneceu á distancia de duzentos metros do local onde se realisou a eleição e portanto muito alem do limite minimo que a lei eleitoral estabelece para poder lnssionar legalmente a assembleia.

Essa força composta por tres soldados e um cabo, ali permaneceu em virtude dos graves acontecimentos que se deram nas penultimas eleições e ainda por estar avisado que elementos estranhos ao concelho, os mesmos que espancaram os republicanos, ali iriam novamente repetir identicas proezas o que felizmente não levaram a efeito atendendo ás medidas de precaução que tomei.

Portanto nem a força armada interveio na assembleia nem tão pouco ali se cometeram violencias e irregularidades como em nenhuma outra. As eleições em toda a ilha decorreram sem ter havido o mais leve incidente e tanto assim que as comissões de verificação de poderes da «Camara dos deputados» e «Senado» já validaram as candidaturas dos srs. Carlos Olavo, Pedro Pita, Juvenal de Araujo Americo Olavo, Vasco Gonçalves Marques e outros, não tendo sido ainda validada a eleição do sr. capitão-tenente Procopio de Freitas, o mais votado a seguir ao sr. Vasco Marques, depreendendo-se que a calunia tão habilmente empregada por alguns detractores de baixo estofo pretende conseguir certos e determinados fins.

O ilustre comandante da G. N. R. do Funchal, sr. capitão Papo Corrêa, que actualmente se encontra em Lisboa, poderá dizer a s. ex.ª o presidente do Ministerio quais os soldados que intervieram na assembleia eleitoral.

O publico agora que faça juizo da justiça na nossa terra e á Republica em que mãos está entregue.

Com a maxima consideração, «Constantino de Vasconcelos, ex-administrador da Camara de Lobos.

Exposição do Rio de Janeiro

A imprensa brazileira refere-se nos mais amistosos termos á representação de Portugal no grande certamen carioca

Os ultimos periodicos chegados do Brazil trazem noticias extremamente gratas para todos os bons portuguêses que anceiam por que o seu paiz seja tratado lá fóra com o carinho e a justiça com que infelizmente nem sempre somos mimoseados. Quasi todos se referem duma forma amistosa e entusiastica á nossa representação, ao grande certamen que o Brazil com o concurso dos povos organisa deixando assim antever com que carinho os productos portuguêses serão ali recebidos e preferidos, já porque de facto eles se hão de impôr pela sua boa qualidade e apresentação, já porque são oriundos de um povo que falando a mesma lingua está unido por indestrutiveis laços de amisade á florescentissima Republica Brazileira.

Seguiram já para o Rio de Janeiro as plantas das fundações dos pavilhões portuguêses a construir no recinto da Exposição afim do engenheiro sr. Lisboa de Lima que naquela cidade se encontra como delegado do Comissariado, dar inicio ás obras que ficarão aprontadas dentro de muito pouco tempo.

O sr. Lisboa de Lima, Comissario Geral do Governo junto da Exposição do Rio, parte na proxima semana para o Porto onde conferenciará com as associações comerciais e industriais daquela cidade para assentarem na forma mais pratica e brilhante como se farão representar no certamen do Rio, o comercio e a agricultura daquele importante meio.

Furto de uma joia

O sr. José Victorino Barbosa, rua Palmira, 36, queixou-se de que num carro electrico lhe furtaram uma medalha de ouro com 11 brilhantes no valor de 3.000 escudos.

Repressão da mendicidade

Continua a policia administrativa na sua missão de limpar a cidade dos mendigos que a infestam.

Até hoje foram detidos 86 pedintes que andavam estendendo a mão a caridade publica.

Para a Albergaria de Lisboa foram enviados 47 que se averiguou não poderem trabalhar; á investigação foram entregues 13 que mais não fazem que burlar os incautos; para as terras das suas naturalidades seguiram 6; soltos ou seja entregues ás familias que por eles se responsabilisaram foram 18; entregues ao consulado espanhol para seguirem para o paiz visinho 3; para o hospital de S. José por se encontrar doente 1.

As rusgas continuam.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A sessão abriu á hora regimental.

ANTES DA ORDEM

O sr. Juvenal Araujo fala ácerca de impostos de navegação respeitantes á ilha da Madeira. Mandou para a mesa um projecto de lei, que foi admitido.

O sr. Alvaro de Castro mandou para a meza um projecto de lei referente a oficiais milicianos, requerendo urgencia, que foi votada.

O sr. Alvaro de Castro fala ainda sobre a representação das minorias nas comissões. Manda para a mesa uma proposta sobre a forma de se efectivar, na eleição, essa representação.

O sr. Carvalho da Silva lamenta a ausencia do Governo, porque precisava de tratar, perante ele, dum caso que representa um verdadeiro escandalo na administração publica. Pergunta á Presidencia se será ou não nomeada uma delegação para representar o Parlamento nos exequias do Papa Bento XV.

O sr. Presidente informa que nada na resolvido. O sr. Carvalho da Silva propõe, então, que se nomeie e elegeu a delegação.

O sr. Almeida Ribeiro julga desnecessaria a delegação, porque ás exequias irão os parlamentares que quizerem (apoiados da maioria). Após explicações varias, assim se resolve.

O sr. Paulo Menano manda para a mesa um projecto de lei emendando o que está estatuido ácerca da constituição e atribuições das comissões de verificação de poderes. Pelo projecto é criado um tribunal especial.

A sessão prosegue, sem interesse.

Na ordem do dia eleger-se-hão comissões.

No Senado

Preside á sessão o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes d'Almeida.

Aprovam a acta 36 senadores.

O sr. presidente comunica ao Senado ter recebido um oficio do presidente do Cabido da Sé convidando os srs. senadores a assistir ás exequias que se realisam hoje por alma de Sua Santidade Bento XV. Ficam por esse meio, disse s. ex.ª, todos aqueles que as exequias queiram assistir avisados desde já.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Julio Ribeiro protesta contra o facto de não ser cumprido o n.º 3, do art. 3.º da Constituição que não permite o internamento em manicomios a pessoas que não estejam, de facto, alienados. Envia para a mesa um projecto de lei no sentido de remediar tamanha injustiça.

O sr. Pais Gomes, requer a urgencia para os projectos de lei que, envia para a mesa, respectivamente, sobre segredo profissional em todas as repartições do Estado sobre a situação de todos os empregados do Estado sem nomeação definitiva, adidos e com nomeação definitiva; e, sobre dissolução de Junta de freguesia e Corpos Administrativos.

Foi votada por todos os lados da Camara.

São 16,20. A sessão continua.

Um emprestimo

Está realmente a negociar-se, com quasi certeza de pleno exito

Demos ontem a noticia de que se estava negociando no estrangeiro um emprestimo ao governo português. Estamos habilitados, hoje, a confirmar a noticia, com plena segurança.

Segundo se dizia hoje, na rua do Comercio, é o Banco Ultramarino que está tratando desse emprestimo, afirmando-se que o sr. dr. João Ulrich, governador daquele estabelecimento de credito, partirá num dos proximos dias para Paris e Londres a fim de proseguir nessas negociações.

Dr. Reis Junior

O causador do desastre foi o corretor de fundos sr. Eduardo Lima

O director da policia de investigação sr. dr. Reis Junior já hoje se conservou todo o dia no seu gabinete do Governo Civil, embora ainda se apresente bastante combalido e com uma das mãos ligadas por motivo do desastre em sid-car de que foi victima ha dias na Praça Marquez de Pombal.

No Governo Civil lavra grande intrigalhada por motivo das investigações feitas sobre o caso, vindo hoje a apurar-se que o causador do desastre fôra de facto o conhecido corretor de fundos sr. Eduardo Lima, o qual conforme referimos chegou a estar preso sendo restituido á liberdade em virtude dos pedidos e altas influencias que então se moveram.

O sr. Lima chegou a confessar, conforme confirmam os autos e as testemunhas que foi o causador do abalroamento do seu automovel com a «side-car» em que seguia o director da policia de investigação, declarando no entanto que não houvera da sua parte qualquer intenção criminosa.

Participado telefonicamente o caso ao sr. dr. Reis Junior este magistrado respondeu que se conservasse o preso até ao dia seguinte pois que desejava ter com ele uma conferencia, não sendo afinal tal determinação respeitada dizendo-se depois que o sr. Eduardo Lima não tivera qualquer responsabilidade, motivo porque fora mandado em paz.

E' que o sr. Lima como corretor de fundos e pessoa de destaque na rua dos Capelistas tinha fatalmente de assistir a recente assembleia geral do Banco de Portugal de cuja casa bancaria é accionista.

Ora nessa assembleia devia proceder-se á eleição do unico suplente da direcção, cargo disputado pelo sr. Caeiro da Mata, e como necessario se tornou a eleição deste antigo parlamentar, um grupo de amigos não querendo perder os votos do corretor Lima, conseguiu o «truc» da sua liberdade sendo os «reporters» informados pela propria policia de que o preso não tivera a menor interferencia no desastre.

O dr. Reis Junior é que ficou furioso com o caso e nos corredores do Governo Civil não se fartava hoje de dizer:

—Eu sempre quero ver como eles descalçam esta bota!

D. Afonso de Bragança

Os restos mortais repousam já no Panteon. — O funeral de hoje constituiu uma grande manifestação de sentimento nacional

Efectuou-se hoje a trasladação dos restos mortais de D. Afonso de Bragança da capela de S. Roque do Arsenal de Marinha para o Panteon de S. Vicente.

Antes das 10 horas, já a Praça do Municipio se encontrava completamente cheia de gente, numa ancia de presenciar a passagem da urna que encerrava o cadaver do infante D. Afonso.

Uma numerosa força de policia mantinha em respeito a enorme multidão que se comprimia, estabelecendo cordão em torno da Praça, onde estacionava uma força de cavalaria da G. N. R., que se apresentava de grande uniforme e que se encorporou no funeral. A bandeira do Arsenal conservava-se a meia adriça, vendo-se pelas telhados grande numero de pessoas.

São 11 horas. Um sol ardente incide sobre os restos, obrigando muita gente a acolher-se á sombra dos guarda-sois. E o cortejo funebre inicia-se, embora estivesse marcado para as 10 e 30.

Um toque a sentido do terno de corneteiros dá o sinal da organisação do prestito. A multidão, engrossando de momento a momento, acotovela-se, comprime-se.

Seguem, primeiro, os coches com as representações. E' o corpo diplomatico, representado pelo sr. ministro da Italia, o sr. Jaime Atias, representando o Chefe do Estado; os srs. ministros da Guerra, Marinha e Justiça, alguns parlamentares, oficiais de terra e mar, o elemento oficial, etc., etc.

Depois, o coche em que segue o conego sr. Sequeira Mora com o seu acolito e o outro coche, que conduz as corôas oferecidas ao infante. Seguidamente, um armão de artilharia, puxado a três parelhas, conduz a urna de D. Afonso de Bragança, envolta na bandeira nacional e a cuja passagem todos os presentes se descobrem, ajoelhando muitos. Por fim, uma numerosa força de cavalaria da guarda republicana fechava o cortejo, onde se encorporaram milhares de pessoas de todas as categorias sociais.

Por todas as ruas do itinerario por onde o prestito passou, a multidão sempre aglomerada, as mesmas homenagens, as janelas sempre cheias de senhoras e muitos olhos marejados de lagrimas.

Na rua do Paraizo estacionavam duas forças, uma de infantaria 1 e a outra dos sapadores dos Caminhos de Ferro. A' entrada do Arco de Cima, a multidão enquerra-se desordenadamente, obrigando a policia a cortar o cortejo, e que valeu alguns agentes da autoridade rolarem no chão, episodio que veiu pôr uma nota interessante naquela manifestação de dôr.

A urna chega em frente á igreja de S. Vicente de Fora. As forças apresentam armas, fazem-se ouvir ternos de corneteiros e a banda de sapadores dos Caminhos de Ferro executa algumas marchas funebres.

O sr. cardeal patriarca, o sr. arcebispo de Mitilene e o cabido da Sé aguardam a entrada dos restos mortais do infante.

Dentro da igreja organisaram-se três turnos, constituidos, entre outras pessoas cujos nomes impossivel nos foi tomar nota, pelos srs. ministro da Italia, Jaime Atias e ministros da Marinha, Justiça e Guerra.

A urna é deposta num rico catafalco. O conego sr. Sequeira Mora celebra a missa de *Requiem*, a cuja cerimonia assiste o sr. cardeal patriarca.

A sr.ª duquesa do Porto, que se apoiou sempre no braço do sr. ministro da Italia, vai sentar-se no Altar-Mor. Finda a cerimonia religiosa, a urna é conduzida para o Panteon, onde, durante a tarde a multidão desfilou em respeito.

Entre outras pessoas, tomámos nota das seguintes:

Marquês do Lavradio, marquês de Castelo Melhor, dr. Augusto de Vasconcelos, sr. Carvalho da Silva, conde de Mesquitela, D. Vasco Belmonte, general Abel Hipolito, conde de Sabugosa, conde de Lavradio, D. Nuno de Belmonte, D. Fernando Pizarro Sampaio e Melo, D. Tomás de Vilhena, sr. Oriol Pena, conselheiro João de Azevedo Coutinho, conde de Enxedeira, almirante D. Bernardo de Mesquitela, conde das Alcaçovas, sr. Moreira de Almeida, conde de S. Lourenço, tenente-coronel Saturio Pires, generais Gomes da Costa, Pedroso de Lima, Garcia Rosado, Bernardo de Faria, Garcia Guerreiro, etc., etc.

A guarda de honra ao catafalco foi feita pelos bombeiros voluntarios.

O sr. conde de Sabugosa, representante de D. Manuel, ostentando a banda de S. Tiago, permaneceu durante o acto religioso aos pés do infante.

Eram 14 horas quando os restos mortais de D. Afonso de Bragança deram entrada no Panteon.

POEIRA DA ARCADA

—Amanhã são expedidas malas pelo vapor «Darro» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo Buenos Aires, e pelo «Andorinha» para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos e fechando os registos ás 9.

—Conferenciaram hoje com o sr. ministro do Comercio os seus colegas das Finanças e da Agricultura.

—Uma comissão de cabos e soldados da Guarda Fiscal foi hoje solicitar ao sr. ministro das Finanças melhoria do pret. O sr. Portugal Durão recebeu tambem a comissão de operarios dos fósforos que instou pela prosseguição no Parlamento, da proposta de lei autorisando a companhia aumentar um centavo no preço de cada caixa de fósforos amorfos, afim de ser melhorada a situação daqueles operarios.

Pela policia

Constituiu-se hoje uma comissão de chefes da policia sob a presidencia do segundo comandante, capitão sr. Tribolet, a qual ficou de apresentar um relatorio sobre a reforma que carecem os distictivos em vigor no fardamentos dos referidos chefes e cabos.

—Na corporação policial lavra enorme descontentamento pelo facto de ainda não terem sido pagas as despezas que os agentes de investigação e das informações fazem com os transportes em carros electricos.

Já ha cinco mezes que não são pagos essas importancias tendo hoje sido cortada ao chefe e aos cabos da secção das informações a gratificação de 12$60 mensais que ha largos anos percebiam.

Do futuro os agentes das informações que pelo serviço a desempenhar tinham de andar á paisana para não serem conhecidos, passarão a andar fardados, unica forma que lhes permite o transitar gratuitamente nos electricos.

Conselho de ministros

O governo, que não compareceu no Parlamento, reuniu esta tarde em conselho.

Segundo ouvimos não será estranha á reunião a necessidade de harmonizar o ponto de vista do sr. ministro das Colonias, na questão da eleição de Mo...

TEATRO

Artistas de Cinema

Amelia Perry

Deixára já no Teatro a reputação de artista de categoria, e todos se lembram ainda do papel na Cadeira n.º 13, *feito com desenvoltura e graça. A' volta do Brazil Amelia Perry, a convite da empreza «Enigma-film» fez no* Rei da força *um dos principais papeis.*

A sua figura mignone, a que o loiro "cendre" dos cabelos dá um tipo original, fica admiravelmente no "écran."

No papel intensamente dramatico que desempenha, Amelia Perry mostra duma forma absoluta a nova fase do seu talento de atriz.

De hoje em diante é no cinema, uma figura em destaque.

Primeiras Representações

TEATRO AVENIDA - Phi-phi - *3 actos de Willemetz e Sollar, musica de Henri Christiné, adaptação de Tito Arantes e Thomaz de Gonta Colaço.*

Peça

Nunca imaginámos que a «Phi phi» pudesse ser representada em Lisboa. Por variadissimos motivos. Em primeiro logar porque a tradução dificilima dos trocadilhos francezes, da graça tenue do original francez se nos afigurava tarefa demasiado para os nossos tradutores que não teriam triunfo para o trabalho que tal empresa lhes acarretaria; em segundo porque a peça libertina, núa, vivendo sem mais nada em volta de actos de amor era pitea debregado em demasia para a honorabilidade dos nossos artistas e para os olhos fingidamente castos das nossas plateias; em terceiro porque realmente o sucesso da «Phi-phi» foi um verdadeiro misterio para a propria gente de teatro—e quando digo gente de teatro refiro-me a emprezarios, artistas, criticos de Paris, visto que, excepção feita á musica não tem nada a recomendar as suas milhares de representações. Ha talvez ano e meio a «Comedia» preguntava num artigo, ao qual a «Capital» se referiu, a que atribuir a loucura de tal sucesso que fazia esgotarem-se os bilhetes para o «Bouffes Parisiens» com quinze dias de avanço; a peça levada á scena por bamburrio, pois a empreza só num momento de aperto e com o sorriso que em toda a parte se dispensa ao tal Elias, resolveu pôr em pé a pecinha aos neofitos da arte, não tem nada dentro. Estabelece um confronto anacronico de comodidades, introduzindo no seculo de Phidias o telefone, os criados que roubam charutos e as acções dos bancos; nada mais. Frases e «calembourgs» do dia, referencias á vida parisiense e o eterno «menage á trois», aqui levado a quatro, pela entrada do protector, na figura de Pericles.

Ora Lisboa não podia saborear, não tem o paladar para estes espectaculos. Seria necessario tocar na nodoa da obra e isso seria exactamente matar-lhe todo o original. Ali mesmo, no Avenida, Maria Matos e a sua dignidade de mãe de familia, deram cabo da perversidade bregeira dentro do casco contemporaneo da «Phi-Phi», e peça de Veber e Hennequin «Et moi j' te dis q'elle t'a fait de l'oeil» porque na altura critica, a artista da «Sombra» e do «Deputado independente» foi lá dentro vestir-se de baile... para ir para a cama. Ontem era dum ridiculo pavoroso quando uma galante grega num traje bem europeu fazia alusões á sua nudez... Das duas, uma; estas peças ou não se levam ou levam-se tal qual são.

E isto embora a

Adaptação

seja um honestissimo trabalho. Se outro qualquer adaptador no ensejo de sucessos garantidos não pegava na «Phi-Phi», os espiritos mais cultos que a vulgaridade, mais artistas de Tito Arantes e Tomaz Colaço, lançaram mãos á obra para a dar aos seus conterraneos embora num espectaculo para poucos.

A sua versão é felicissima porque representa uma grande dificuldade vencida. Limando as grandes arestas porque assim as nossas conveniencias obrigavam, disfarçando os mais picantes trocadilhos, conservaram porem, principalmente nas canções a frescura do original francez; as cançonetas pareceram-nos todas excelentemente metidas na linda musica e com ideias, com graça nos versos e não aquela pelna dos vulgares «couplets» revisteiros. Seguindo passo a passo a peça franceza, o seu escrupulo é maior no primeiro acto que no ultimo. Se ai paralelamente aos trocadilhos das «lignes», em que se falava na cidade de Paris, na «Porte Maillot», em tantas pequenas subtilezas da lingua franceza, os adaptadores se referiram a Dafundo, Bemfica, Restauradores, no 3.º acto houve varias piadas revisteiras, leves insinuações da vida politica nacional, divergidas do original.

Houve ainda um erro na adaptação; a parte do dialogo em verso. Muito louvavel pela ideia, muito recomendavel, para demonstrar as aptidões poeticas mas absolutamente prejudicial para a leveza e movimentação da peça. Preocupados e circunscritos á rima os adaptadores viram-se obrigados a desistir de uma maior liberdade que traria para o seu trabalho, como sucede no 3.º acto nas passagens em prosa, mais interesse, mais á vontade; prejudicial ainda para os actores que tambem se preocupavam com o verso, com a dição, a tal ponto que chegamos a julgar estar em frente do «Duque de Viseu» ou da «Ceia dos Cardiais». Toda a parte monótona que a plateia sentiu deve-se exclusivamente a este erro de quem, mais artista do que carpinteiro de teatro, se deixou levar pelos seus impulsos.

Em tudo mais, repetimos, é honestissima e valiosa a interferencia dos dois jovens actores na obra de Willemetz e Sollar. A' parte um «vinho do campo de Setubal», salvo erro, na parte que se refere á canção «J'sortais des portes de Trezenes», iludiram os adaptadores as dificuldades do verso obrigado ao ritmico musical; podemos especialisar a deliciosa canção das «Petits Paiens» (les seins) que é um fresco, leve, delicioso e menos malicioso paralelo do original.

Musica

Uma desastrosa ideia a do sr. Henri Christiné escrever para a «Phi-Phi» uma musica toda compilada das revistas portuguesas. Leve, graciosa tão simples que a voz grossa de Alves da Silva não cabia lá dentro e era um tormento para os espectadores, foi uma pena ser toda já conhecida. «C'est une gamine charmante» esteve no Apolo com o «Porto inglez de tal» na boca da «alfacinha»; e «Connais toutes les historiettes» da Aspasia floriu no Eden, o côro dos «Modelos» é um numero de equilibrista no Coliseu; não ha dos 19 numeros de musica um só, que não seja copiado dos nossos excelentissimos maestros, «mimosos» que eles nos apresentam como originais... «noutro tom». Nem a encantadora «Priere á Pallas» escapou a furia de plagiar dos nossos populares artistas; e para quê? Todos eles se arrepelavam ontem por ser conhecida do publico a partitura inspirada de Christiné. Perdeu tanto, tanto a «Phi-Phi» com a ausencia de curiosidade, de inedito na musica, como em apresental-a vertida e bem honesta [illegible].

Mas a orquestra sob a direcção de Venceslau Pinto disso não teve a culpa, porque cumpriu a sua missão.

O desempenho

Suficientemente frouxo, valha a verdade. Lembro-me bem do primeiro «Pireu» que vi, o «monsieur» Tramel. Era um dos melhores atrativos alegres do «Bouffes» comico, prototipo do criado que pesa os prós e os contras e tempo, vitima casta dos tropelias dos modelo, homem de expediente, inoportuno e discreto conforme as conveniencias, uma boa caracterisação, uma boa mascara [illegible].

Ontem levei dois actos para encontrar «Pireu». Antonio Silva o arrumador dos bancos para as coristas dançarem, foi deploravel de semsaboria. Que o papel nada tem? Não é tanto assim e encontra-se sempre, com talento, qualquer coisa adentro dos mais insignificantes papeis.

Antonio Silva que tem qualidades apreciaveis não se quiz ralar talvez desconfiado de que a «coisa» não pegava; e a prova é que no final do 2.º acto e nalgumas passagens do 3.º animou um pouco.

«Phidias»—Phi-Phi—foi tambem monotono da pouca saliencia que Estevam Amarante lhe deu. A desconfiança... no papo. O seu St.º Antonio grego nada tira porem ao seu nome.

Satanela deu alguma vivacidade mundana e moderna ao papel; até, para animar, substituiu a primeira bailarina quando não competia o aparecimento de «Aspasia». Raquel Berros e Alves da Silva tambem sem destaque, podendo quando muito destacar-se Alves da Silva num mau papel, aspero, fóra do tempo e da musica. Santos Carvalho fez um «Pericles» de revista do ano. Os modelos esforçando-se por ser parisienses; até tiraram as meias, mas para a frescura, para o «cachet» ser completo era necessario ... [illegible].

Scenarios

Enscenação

Pode pois dizer-se afoitamente, atentas as poucas condições de longa vida que entre nós a montagem da «Phi-Phi» oferecia, que esta tentativa é um luxo da empreza Satanela-Amarante.

Apresentada com carinho, com veludos novos, um pano de apresentação original, scenario fresco, prova o bom gosto da empreza.

As coristas mais pezadas do que o exigido foram movidas com vontade; nem sempre os bailados eram aqueles, principalmente a parte «Danse Greques» muito revisteira.

Erros de 1.ª representação, como por exemplo no 2.º acto não se fechar o reposteiro verde logo após a sabida de M.me «Phidias» e Artimodure, dando como resultado ser preciso fecha-lo... para as coristas começarem a ver o que se passava lá dentro!

Escusavel o prolongamento dos intervalos, não havendo senão um scenario. Mais monótono ficou o espectaculo.

Emfim, de boas intenções... estão as casas vazias. Oxalá o proverbio não se cumpra para que tão honesta iniciativa não resulte um «phi... phiasco».

ARMANDO FERREIRA

A festa de Joaquim Miranda

O ritmo duma representação, essa qualidade subtil da qual depende tantas vezes o exito dum espectaculo, deve-se quasi em absoluto ás segundas figuras. São elas que, sem se salientarem demais, sem exagerarem marcações, sem chamarem sobre si desiquilibradas atenções, conseguem esse «desideratum» maximo.

Este Joaquim Miranda, que hoje no Terrasse, faz, com essa «trouvaille» de André Brun, a sua festa, é justamente nesse sentido um belo elemento do teatro.

Consciencioso, honesto, amando sinceramente a sua profissão, a dedicando-se inteiramente a ela, merece a nossa completa estima e a nossa inteira boa vontade.

Discipulo dilecto de Cristiano de Sousa, com o seu nome feito nos palcos do Brasil, é de justiça chamar, para as suas faculdades que bastantes são, a atenção tantas vezes mal gasta do publico.

A «Capital» saudando-o, envia-lhe os seus melhores votos de felicidade a um artista moço e digno como é Joaquim Miranda.

MUSICA

S. Carlos

Com um fim de caridade realisou-se ontem em S. Carlos um espectaculo miscelanea que teve o condão feliz de nos fazer ouvir um 2.º acto do «Barbeiro de Sevilha» que nos deixou ficar uma boa impressão.

Sabanieewa foi uma Rosina adoravel. Com uma graciosidade inexcedivel e uma voz duma frescura admiravel teve uma ovação absolutamente merecida. Pena foi que nos não tivesse dado a opera toda.

Bellina que em trez dias se preparou para cantar o seu papel em italiano foi como sempre um belo artista.

Gentil duma grande correcção no «D. Bazilio» bem como «Figaro» e «D. Bartolo» que foi um belo trabalho. Conjunto bom e uma bela orquestra que Gui dirigiu.

O 2.º quadro do 2.º acto da «Aida» e um acto das «Duas causas» representado pela companhia Alves da Cunha que alcançou grandes aplausos constituiram o resto do espectaculo.

B. C.

SPORT

O box no Coliseu

Uma decisão misteriosa, um abandono injustificado e o mais que se verá...

O jornalista sportivo, Mario Sant'Ana, organisou com «Savoir faire» uma festa de box.

E colheu como elementos um francez, que entre nós, deixara boa impressão, e dois dos nossos melhores pugilistas.

O publico que gosta do que é bom encheu o Coliseu.

Abriu o espectaculo um combate entre dois amadores. Brito e Araujo, que fizeram uma coisa que só com muita boa vontade se poderá chamar box. No primeiro round, egualaram o jogo, mas nos trez rounds seguintes, Araujo dominou esmagadoramente.

Pois o arbitro deu no fim a decisão, a favor de Brito.

Houve um momento de pasmo, seguido de uma demonstração de desagrado do publico. Efectivamente não compreendi como Oscar da Silva, cuja competencia é bastante, fez o que fez.

De modo que Brito recebeu a Taça, e Araujo as palmas... guardado está o bocado...

* * *

O speaker, que umas vezes é François, e que outras é Francisco França impecavel na sua casaca com flor na botoeira, genero Mayol, anuncia o segundo combate: Faustino-Quita.

Faustino fez um combate inteligente, o melhor que lhe tenho visto fazer, mantendo o adversario á distancia, servindo-se habilmente da esquerda e ganhando de longe.

Quita, cometeu um erro enorme.

Deante dum homem com mais mobilidade, com grande alonge, Quita devia ter procurado o jogo de perto; impondo no corpo-a-corpo, a sua superioridade fisica.

E a prova é que no round, em que fez isso, dominou logo.

Não desanime.

Atraz de tempo, tempo vem.

* * *

Ultimo match.

Ruivo contra Marius, o silencio das grandes ocasiões.

Marius é anunciado como campião francez... Marius é em França um boxeur de primeira categoria, mas não é o campeão oficial. No dia em que vier a Lisboa o detentor do titulo, como o vão anunciar?

Começa o jogo.

Ruivo de entrada executa uma composição coreografica muito de pavana e de tango, cuja utilidade não percebo, mas que faz babar de gozo alguns entendidos...

Marius calmo, abre a guarda, estuda o adversario que toca, mas sem eficacia.

Convencido que o «punch» de Ruivo não o incomoda, Marius procura o jogo de peito, e domina absolutamente, martelando o estomago e flanco de Ruivo, que de seguida dá a sensação de cansaço, de repente Ruivo abandona... O publico grita, e Ruivo sangra do nariz.

E' assim que se perde a popularidade o amigo Ruivo.

Ora ha, segundo creio, uma Federação que procede aos combates, que nomeia artistas, que cobra um tanto por cada «match» entre amadores, e nos campeonatos, uma percentagem sobre as bolsas.

Não poderá a Federação dizer de sua justiça, contra os «boxeurs», que abandonam sem motivo unico? Com a mania que ha de copiar do estrangeiro o que é mau, era bom tambem o que lá fóra se faz de bom.

* * *

Xavier de Araujo, arbitrou facilmente visto as decisões não serem para duvidar. Quando deixará Araujo o sistema do papel e lapis?

E' costume do seculo passado...

Isto evoluciona amigo Araujo, já boticario de «Verbena» dizia que as ciencias adiantavam, que era «uma barbarie»...

Emquanto no outro arbitro a sua decisão foi um crime, do pé do qual o de «Landru» com a sua assadeira, são brincadeiras de criança loira...

* * *

O publico dando por vezes a sensação de estarmos numa floresta do «Far-West», assistindo á dança do «Scalp»...

RUY DA CUNHA

O sport feminino

O professor Langlois, que é um apologista do sport nas senhoras, diz que estas deviam apenas praticar o tennis, remo, equitação e esgrima, e reprova absolutamente o foot-ball e os saltos.

O sport no exercito

Nos exames para a admissão nas escolas militares em França, é exigida uma prova de aptidão fisica de bastante importancia.

Este ano todos os grupos declararam, que a percentagem da robustez, aumentou imenso, devido á difusão dos sports.

NOTICIARIO

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE SPORTS ATLETICOS

Reuniu o Directorio tendo resolvido transitoriamente constituir o Conselho Tecnico por dois delegados de cada grupo federado, que reunirá ás terças feiras, pelas 21 horas.

A' proxima sessão será presente o programa de desportos atleticos a realisar imediatamente depois de aprovado.

OS DESAFIOS DE FOOT-BALL DE DOMINGO

Para domingo 5 de março estão marcados os seguintes desafios para o campeonato da primeira e segunda divisão e promoção.

Primeira divisão—1.ª categoria Belenenses contra Carcavellinhos, em Bemfica ás 15 horas; juiz o sr. Victor Candido Gonçalves. Atletico contra Vitoria em Bemfica ás 13 horas; juiz o sr. Alberto Augusto.

2.ª categoria—Belenenses contra Carcavellinhos nas Laranjeiras ás 11 horas; juiz o sr. Jaime Ribeiro. Atletico contra Vitoria em Palhavã ás 11 horas; juiz o sr. Eduardo Costa (S C

3.ª categoria—Belenenses contra Atletico em Palhavã ás 13 horas; juiz o sr. José Serrano.

4.ª categoria—Belenenses contra Atletico em Palhavã ás 11 horas, juiz o sr. Humberto May r.

Primeira divisão—2.ª categoria—Bemfica contra Internacional nas Laranjeiras ás 13 horas; juiz o sr. Albertino Gomes.

Promoção—2.ª categoria—União Lisboa em Cholas ás 15 horas; juiz o sr. Eduardo Gomes.

3.ª categoria—1.ª serie—C. Quebrado contra Sacavenense no Lumiar A, ás 15 horas, juiz o sr. João Jalma de Matos.

3.ª categoria—2.ª serie—Marvilense contra Bom Sucesso em Sacavem ás 15 horas; juiz o sr. Domingos Espada. Chelas contra Nacional em Chelas ás 13 horas, juiz o sr. Augusto Marques da Silva.

Provas escolares—Os desafios para o proximo dia 5 de março:

Grupo A—externatos—Afonso Domingues contra Pedro Nunes ás 12 horas.

Grupo B—externatos—Pedro Nunes contra Afonso Domingues ás 16,15.

Grupo B—internatos—Pupilos contra Casa Pia ás 13,15. Asilo D. Maria Pia contra Escola Nacional ás 9 e 30.

N.º 15 — Folhetim de A CAPITAL — 3 de Março de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

Mas não havia nada mais sério do que a admiração de Catarina porque não me restabelecia num dia e acabava sempre por se zangar.

—Pois bem, queres que te traga hoje um bolo?, disse-me ela um dia. Come e engordarás depressa.

—Sim, traz, respondi eu, alegre com a ideia de que ia tornar a vel-a.

Depois de se ter informado da minha saude, a princesinha sentava-se na minha frente e olhava-me demoradamente com os seus olhos negros. Ao principio, nos primeiros dias das nossas relações, todos os dias e a todos os momentos me examinava dos pés á cabeça com a mais ingenua das admirações.

Chegavamos no entanto a conversar. Eu era timida deante de Catarina e as suas perguntas deixavam-me calada; contudo morria por conversar com ela.

—Porque não dizes nada? começou Catarina após um silencio.

—Como vai o teu pai? perguntava eu, feliz por ter achado uma frase com a qual podia começar todos os dias a conversa.

—O papá está bem. Bebi hoje duas chavenas de chá. E tu, quantas bebeste?

—Uma só.

Silencio curto.

—Hoje o Falstaff quiz morder-me.

—Falstaff? E' um cão?

—Sim, é um cão! Ainda o não viste?

E como eu não sabia dizer mais nada, a princesa olhava-me de novo com espanto.

—Diz, sentes prazer quando te falo?

—Sim, um grande prazer. Vem mais vezes.

—Disseram-me que te alegrava o eu vir ver-te. Mas levanta-te depressa. Hoje trazer-te-hei um bolo... Mas porque estás calada tanto tempo?

—Por nada...

—Provavelmente pensas muito?

—Sim, penso muito.

—E a mim dizem-me que falo muito e reflito pouco. Faz mal falar muito?

—Não. Sinto-me feliz quando falas.

—Hein... Perguntarei a Mme. Leotard; ela sabe tudo... E em que costumas pensar?

—Em ti, disse eu após um silencio.

—Isso dá-te prazer?

—Sim.

—Então, amas-me?

—Sim.

—E eu que ainda te não amo! Tu és tão debil! Hei-de trazer-te bolos. Bem, adeus!

E a princesinha, depois de me ter abraçado, desapareceu quasi a correr do meu quarto.

Depois do jantar, porem, trouxe-me o bolo.

Ela corria como uma louca gritando de alegria por me trazer alguma coisa de comer que me era proibido.

—Come depressa, come bem. E' o meu bocado de bolo. Não o comi. Agora, adeus.

Eu mal tinha tido tempo de a ver. Esta vez veiu ter comigo depois do jantar. Os seus caracois pretos estavam desmanchados; os seus olhos brilhavam. Era sinal de que ela acabara de saltar uma ou duas horas.

—Sabes jogar? exclamou ela muito depressa, ansiosa para sair.

—Não, respondi eu, com grande pena de não poder dizer que sim.

—Pois bem, quando estiveres melhor, ensinar-te-hei. Foi só para isso que cá vim. Agora jogo com Mme. Leotard. Adeus. Estão á minha espera.

Ao fim de algum tempo levantei-me, mas estava ainda muito fraca. O meu primeiro pensamento foi não me separar de Catarina. Sentia-me irresistivelmente atraida para ela. Nunca me satisfazia completamente, olhal-a. Isto admirava Catarina. A simpatia que sentia por ela era tão forte, dicava-me a este novo sentimento com tal ardor, que não lhe podia passar despercebida. A principio isto pareceu-lhe uma exquisitice. Recordo-me duma vez em que nós brincavamos, e em que eu, não podendo conter-me, lancei-me ao seu pescoço e abracei-a. Ela desembaraçou-se de mim, tomou-me as mãos e com as sobrancelhas franzidas, como se eu a tivesse ofendido, perguntou-me:

—Que tens tu? Porque me abraças?

Fiquei confusa como uma culpada. Corei á sua pergunta e nada pude responder.

A princesinha ergueu as espaduas em sinal de admiração (gesto que lhe era habitual), mordeu levemente os labios, abandonou o jogo e sentou-se num canto do divan onde começou a examinar-me atentamente e a refletir, como se quizesse resolver um problema novo repentinamente posto no seu espirito.

Era este o seu costume em todos os casos dificeis.

Por meu lado eu não pude, durante muito tempo habituar-me a essas manifestações bizarras do seu caracter.

A principio acusava-me eu propria e pensava com efeito que tinha tambem muitas exquisitices, mas, ainda que isso fosse verdade, sentia-me muito atormentada.

Porque não podia eu logo á primeira vez, manter uma amizade perfeita com Catarina e agradar-lhe para sempre? As suas maneiras escondidas ofendiam-me até me fazer sofrer e eu chorava a cada palavra mais viva de Catarina, a cada um dos seus olhares severos.

A minha dor aumentava não cada dia, mas cada hora, porque com Catarina, passava-se tudo rapidamente.

Ao fim de alguns dias notei que ela não me amava e sentia por mim uma especie de aversão.

Tudo nesta rapariguita se fazia rapidamente, pode mesmo dizer-se que grosseiramente.

Nos seus movimentos, rapidos como a luz, ingenuos, sinceros, não havia uma viva graça, uma verdadeira nobreza.

Ao começo, o que ela sentia por mim foi a principio a desconfiança, em seguida o desprezo e parecia-me isso porque eu não conhecia nenhuma rapariga. A primeira gostava de correr, de divertir-se; era forte, viva, habil; eu, ao contrario, era fraca, doente, meiga, pensativa, a rapariga não me distraia. Numa palavra, faltava-me tudo para agradar a Catarina. Por outro lado era-me insuportavel a ideia de que ela estaria descontente comigo e isso tornava-me triste e abatida: eu não tinha forças para ter a minha falta, de trocar para melhor, a impressão desagradavel que lhe tinha causado.

Catarina não podia compreender isso. A principio estava um pouco assustada comigo; olhava-me com espanto, segundo o seu habito, quando, ao fim duma hora de explicações sobre o jogo ela chegava á conclusão de que eu nada tinha compreendido.

Eu ficava então, triste a tal ponto que as lagrimas saltavam-me dos olhos; ela depois de ter refletido e não obtendo resultado nessas suas reflexões, abandonou-me e pôs-se a jogar sosinha, não me convidando mais a acompanhal-a e não me falando; o seu desprezo abonou-me a tal ponto que penosamente o suportava. A minha nova solidão era-me mais penosa do que a primeira e de novo fiquei triste e a refletir. Ideias negras invadiram o meu coração.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4018—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabado, 4 de Março de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

O emprestimo

A noticia das negociações dum emprestimo externo, contraido pelo governo português, despertou naturalmente a atenção do publico, sendo geral o jubilo pela probabilidade duma operação desse genero.

Com efeito, assim como do restabelecimento da ordem publica e da adopção de medidas tendentes a evitar que Portugal se convertesse num novo Mexico deve ser necessaria consequencia a restauração do credito português lá fóra, e daí a realisação do emprestimo externo, assim tambem só desse emprestimo se pode esperar a reorganisação das nossas finanças e a melhoria das condições economicas nacionais.

Os problemas portuguêses teem uma seriação logica de que não é possivel desviá-los. Sem tratar do problema da ordem, não era possivel dar um passo seguro para a resolução dos outros problemas que interessam vitalmente o paiz. Mas tambem, resolvido o problema da ordem, a solução dos problemas dependentes dele tem de ser imediatamente iniciada.

O primeiro é o problema financeiro, e a sua unica resolução eficaz é o emprestimo externo.

Logo que esse emprestimo se realise, deixará de se fazer sentir a asfixia cambial, e o problema economico será notavelmente atenuado.

A prova de que assim deve logicamente suceder está no que se observou, entre nós, proximamente ha um ano, quando só com o anuncio do emprestimo dos 50 milhões de dollars, negociado pelo sr. Afonso Costa, as divisas cambiais sensivelmente melhoraram, notando-se, até nos generos mais indipensaveis á vida, uma consideravel diminuição de preços.

Nós seguimos agora um caminho recto e seguro, vamos para a ordem, para a disciplina, para a legalidade intangivel. Não são vagas promessas. São actos precisos, são medidas insofismaveis. O exercito está cingido aos moldes da verdadeira disciplina, está empinado na esfera propria das suas atribuições. Tem obedecido ao governo com uma correção exemplar. Das outras forças militares, não ha nenhum sintoma de rebelião. A éra dos pronunciamentos deve estar definitivamente encerrada. Agora mesmo, diante da atitude energica do governo recuaram os mais audaciosos agitadores sociais que haviam anunciado graves perturbações da ordem publica. Vive-se dentro da Constituição, da lei. Poderá haver quem o não reconheça, seja nacional ou estrangeiro?

A Republica Portuguêsa tem direito á confiança mundial. Por isso, estamos certos que o emprestimo se fará e que, para o facilitar, contribuirão todos os elementos financeiros que continuamente reclamam ordem e tranquilidade. Para isso, cumpre-lhes colaborar com o governo, para bem do paiz.

A primeira de hoje no Terrasse

4028-Lx.

Comedia em 3 actos adaptação de André Brun.

A companhia da *boite* da rua Antonio Maria Cardoso, depois do [illegible] *de Fora*, foi buscar ao repertorio de André Brun [illegible] certa de que raros em Portugal sabem do riso [illegible] tanto como o espirituoso autor da *Vizinha do Lado*. A peça que o *Terrasse* hoje põe em scena é [illegible] garantido, pois já ha anos no *Ginasio* ela conseguiu fazer longa carreira. André Brun, [illegible] nesta casa, [illegible] receber hoje [illegible] uma vez os aplausos [illegible] todos aqueles que [illegible] seu ta[illegible] e, estamos certos disso, a companhia Luz Veloso vai partilhar deles, com o devido merecimento.

No ministerio da Instrução

Como o sr. dr. Augusto Nobre pretende remodelar as Escolas Primarias Superiores

Mais uma vez o senhor ministro da Instrução vai reformar as Escolas Primarias Superiores.

Estas escolas, são uma espécie de cabeça de turco onde os sucessivos ministros batem na sua passagem pelo poder, e que apesar de tudo vão resistindo amolgadas a todos os papeis.

Como de costume quando traduzimos os extrangeiros, fazemo-lo sempre em calão.

As Escolas Primarias Superiores não escaparam a este velho feitio nacional, e daí o resultarem imperfeitas, adaptadas á pressa e sem que realisem o objectivo requerido.

Destinadas a serem a universidade dos que mal podem ir alem da instrução primaria não realisam nunca esse indispensavel fim e são mais um estabelecimento de ensino destinado a povoar os cerebros de gente nova de umas literatices mal degiridas.

A culpa, como notamos é de se não ter cumprido integralmente o plano do ministro que as introduzia entre nós.

Sem instalação, sem material didatico, sem oficinas adequadas a uma preparação tecnica as escolas vejetam para ahi num arremedo de liceus quando não é esse o seu fim.

O sr. dr. Augusto Nobre vai novamente modificá-lo. Será desta vez?

Em breves palavras o sr. Ministro da Instrução diz-nos:

—Quando aqui estive da outra vez pensei a serio neste problema. Depois a falta de estabilidade dos governos...

—E agora?

—Agora quero reformar e fio á meada. Está já feito um inquerito minucioso que muito me ajudará!

Com ele e com dois colaboradores, talvez conseguiremos alguma coisa.

—Será posta em execução a lei organica no que diz respeito a cursos anuais?

—Por enquanto não posso dizer nada.

Olhe aqui tenho uma duzia de telegramas pedindo transferencias de professores, a que ainda não dei despacho, porque tenho de remodelar duma maneira geral todos os quadros isto sem prejuizo de direitos adquiridos.

—E quanto a instalações? Ha algumas deploraveis.

—Sim ha, mas para nos abalançarmos a mais, torna-se necessario dinheiro. A epoca é de economias.

Então referimo-nos a algumas escolas de Lisboa; como a de João de Deus que está instalada numa escola primaria ali na R. da Escola Politecnica, tendo que funcionar alternadamente com prejuizo dos modernos preceitos pedagogicos.

O sr. Ministro concorda.

—Eu verei; eu verei.—E' preciso dinheiro, sempre dinheiro.

A revolução em Fiume

A fuga de Zanella

FIUME, 4.—Zanella fugiu deixando todos os poderes á junta de defesa nacional que provocou a revolução. A junta convidou o governo italiano a assumir a administração da cidade e a mandar um representante oficial. As tropas reais estão restabelecendo a ordem.—(H.)

O que é o governo revolucionario

ROMA, 3.—Telegramas, recebidos pelos jornais, dizem que depois da morte do fascista reina viva agitação em Fiume. O governo revolucionario é constituido por fascistas, que atacaram o palacio do governo e se apoderam de todos os serviços publicos importantes, assim como do aviso armado, que está fundeado em Abasia para bombardiar o palacio. Zanella fugiu e refugiou-se em Bacarri com os seus partidarios. Ha grande numero de feridos entre os legionarios, os guardas do estado e os carabineiros.—(H.)

Mortos e feridos

ROMA, 4.—Dizem os jornais que o aviso está nas mãos dos fiumenses e que bombardiou o palacio do governo, mas que um torpedeiro italiano o capturou. Continua o cerco ao palacio, dizendo-se que no interior do mesmo ha mortos e feridos.—(H.)

AOS SABADOS

A SEMANA LITERARIA

TRES LIVROS DE PROSA, NENHUM MARCANDO EM BRADO ALTISONO UM VALOR NOVO OU UMA ATITUDE NOVAVEL. PARA NÃO ESQUECER O INFALIVEL LIVRINHO -o- -o- -o- -o- DE VERSOS... -o- -o- -o- -o-

Vizinhos do mar, por *Julião Quintinha*, Ed. do autor, Lisboa.

Julião Quintinha é o critico literario da «Batalha», espirito suficientemente esclarecido para encontrar os erros e defeitos do seu recente livro. Para nós encarregados de o anunciar ao publico é uma modalidade imprevista da pena, que nos acostumáramos a procurar na critica; livro feito para apresentar figuras mais do que para movimentação de scenas, tem um estilo claro, cheio de vibração, imagens coloridas, vislumbres de uma arte moderna.

Ha novelas rescendentes de sentimentalismo, outras ironicas na sua leveza. «Flor do mar» tem paginas deliciosas e frases que marcam. Ha pelo meio outras paginas mais banais, frias, mortas. A «Sinfonia hibernal» que abre o livro, destôa do genero que preenche o resto do volume. Ha ainda palavras que são certas, repetidas por toda a parte (v. g. «europeisado») o que Julião Quintinha mudará nos proximas edições se o livrinho entrar na massa do publico. Em resumo uma notavel estreia literaria no campo da novela.

Edição cuidada, com uma vistosa, garrida ilustração do Marques a assombrar os olhos atonitos e não afeitos á bizarria colorista dos artistas modernos.

O HOMEM LOGO DO HOMEM, por *Agostinho Campos*, Ed. da Livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa.

Agostinho de Campos, comunicado pela «Antologia» que tanto tem enriquecido com o seu nome e a sua erudição, deixou atrazar a publicação necessaria destas cronicas feitas durante a guerra.

A modalidade inteligente do notavel homem de letras, como jornalista, rapido, ligeiro, impressivo, cronista de momento, está flagrante no presente volume onde vem arquivar-se e viver para sempre o seu valor as anotações e comentarios á grande convulsão e publicadas a tempo no «Comercio do Porto» e «Jornal do Comercio», do Rio de Janeiro.

Quanto á fórma literaria escusado é dizê-lo, o auctor de «Casa de Pais, Escola de Filhos», mantem a limpidez da frase que torna atraentes, facilmente assimilaveis os seus comentarios. E' o brilho dum espirito claramente inteligente, nada mais.

O CONDE DE CASTELO MELHOR, por *Cesar da Silva*, Ed. Romano Torres, Lisboa.

O romance popular, o romance barato acabou. A carestia do papel deu cabo dele. Já não sobe aos 4.os andares o homem do «amanhã venho saber a resposta» nem os grandes vultos da nossa historia como o «Bocage» do nosso Rocha Martins, ou a «Maria da Fonte», ou o «Camões», ou os «Misterios da Inquisição» lançou nome á popularidade como Campos Junior, Gomes da Silva. Hoje o nucleo que ficou dessa falange de romancistas historicos é Eduardo Noronha.

O «Conde de Castelo Melhor» dr. Cesar da Silva, numa edição cuidada, que vem substituir essas colecções populares de romances para as costureirinhas e para as donas de casa, para os empregados publicos e criados de restaurante, faz-me pensar em todo esse passado fecundo da nossa literatura barata.

O «Conde de Castelo Melhor» é no genero a parte romantizada, e parte historica com um colorido carregado nas cores para interessar á massa grossa do publico. Cesar da Silva tinha dado para o genero.

LAMPEJOS E SOMBRAS, por *A... de A... P...*, Ed. Autor, Lisboa.

«Lampejos e Sombras» é um livrinho de versos com uma capa feita com a cabeça dum fosforo, e cujo prefacio sob o titulo «Só!» é de arreliar o criterio mais modesto.

Em duas palavras vejamos o que diz «A... de A... P...» «O livro é para as mãos de quem o souber ler—é meu—(dele, salvo seja) fui eu que o criei. Por consequencia, como minha propriedade absoluta, só eu nele posso mandar, não admitindo a quem quer que seja, a mais leve insinuação sobre qualquer erro que, só injustamente lhe poderão atribuir. A critica em nada me intimida.

Tenho-lhe observado sempre o mal degradante facciosismo na negação do talento a quem realmente o possue...—Quer digam bem ou mal do livro, é-me completamente indiferente...já prevejo a derrota e a aleivosia mordaz de alguns criticos que, dizem muitas vezes mal duma obra, precisamente porque não a chegaram a compreender... ou... o desejo de estarem no campo imbecil da contradição.—Não manda cartas de favoritismo porque reputa humilhante para seu espirito que tenha a concepção do valor do seu genio.»

Conclue-se deste pano de amostra que o autor tem mau genio, é-lhe indiferente a critica mas não admite insinuações ao livro porque foi ele que o criou, assim pequenino...

E não vale a pena realmente contrariar.

P. S.—Esquecia-me dizer que o livrinho tambem encerra 18 poesias, suficientemente banais, sem uma nota diferente dos milheiros livros de versos que todos os dias os genios, nos enviam para as redacções. Do autor em preparação «A fantochada» e a «Romantica de Montemór» segundo o autor diz, «impressionante novella de costumes» modernistas »...

Ficam prevenidos os leitores.

ARMANDO FERREIRA.

REGISTO DE ENTRADAS

«Pão Nosso», «Alegre Vinho», «Azeite da Candeia», por Antonio Correia de Oliveira.

«Chama de Angustia» por Valeriano de Campos.

A ORDEM É RICA

Os vencimentos de um neo-diplomata — O sr. Veiga Simões e as arcas do tesouro

O «Rebate», orgão das comissões politicas do Partido Republicano Português, publicava hoje o seguinte remoque ao sr. ministro dos estrangeiros

«Então, ó sr. dr. Veiga Simões já não vai para Viena de Austria?!

E' que correu, ontem, por ahi, o boato de que s. ex.ª iria, com 10 libras, ouro, alem dos seus vencimentos de ministro de 2.ª classe, que lhe competem quando em exercicio, para as nações orientais, a fim de estudar tratados de comercio.»

Decerto, para não ir mais longe no comentario, o «Rebate» chamou *boato* ao que toda a gente sabe hoje tratar-se de uma autentica noticia. Já no facto nos referimos ha dias, fazendo calculos que então não sairam absolutamente exactos por falta de alguns elementos de apreciação de que hoje dispomos.

Efectivamente, o sr. Veiga Simões, graças á subida ao Poder do Partido Democratico, fica hoje com vencimentos muito superiores a todos os outros diplomatas portugueses: ao embaixador no Brasil, a alta mentalidade que se chama Duarte Leite, ao sr. João Chagas, ministro em Paris e uma das mais gloriosas figuras da Republica, ao sr. Teixeira Gomes, a quem o paiz e as Instituições tanto devem pela forma como tem desempenhado as suas funções de ministro em Londres, etc.

Ao sr. Veiga Simões acabam, realmente, de ser atribuidos os seus vencimentos de ministro de 2.ª classe, ou sejam 174 libras por mês e mais 10 libras por dia, ou 300 por mês, o que, se a aritmetica não falha, perfaz o total de 474 libras mensais. Deve estar lembrado que ao sr. Afonso Costa, quando presidente da delegação portuguesa á Conferencia da Paz, foram pagas — como tambem o «Rebate» hoje acentua — apenas 10 libras por dia, o que, aliás, muitos patriotas republicanos acharam exagerado.

O sr. Veiga Simões é ministro em Viena, onde, como se sabe, a unidade monetaria é a corôa. Ora, s. ex.ª recebe os seus vencimentos em dinheiro esterlino e, pela ultima cotação do mercado londrino, cada libra valia 21.000 corôas. Temos portanto, que o jovem diplomata passa a receber 51.000 corôas por dia, ou 9.[illegible] por mês, ou 119.148.000 por ano.

Em dinheiro português, ao cambio de ontem, isto representa 81$361 por dia, 25.278$12 por mês, 303.441$00 por ano. Isto sem contar está claro, 580 libras, ou escudos 10.931$00, que tem de auferir como despesas de instalação.

Para principio de vida, parece-nos que não é nada mau.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista, sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

O Imposto da Fome!...

vai, realmente, ser modificado? E' o que se diz...

Os leitores habituais de «A Capital» recordam-se, certamente, da questão, repetidas vezes aqui exposta e argumentada. Um ministro qualquer, dos muitos que passam, como meteoros apagados, atravez a vastissima poeira do ocasional estadismo indigena, fez incidir, sobre a navegação estrangeira, impostos em ouro. Os portos do continente português foram assim transformados nos portos mais caros do mundo, com enorme gaudio dos visinhos espanhoes, que vêem os seus portos povoados pelos navios estrangeiros, que não se submetem ás inteligencias do Terreiro do Paço. Como gracioso *pendant*, a vida portuguesa, que já era cara, passou a ser carissima, porque os navios mercantes estrangeiros, que ainda convergem para Portugal, distribuem o imposto pelas mercadorias que importamos que são, como é sabido, muitos dos generos da alimentação publica e a grande maioria das materias primas necessarias á alimentação das nossas industrias. Por estas e por outras, é que se paga um quilo de cebolas por quinze tostões, quando ha poucos anos se pagavam por 30 réis cada dois quilos do mesmo tuberculo — em mês de carestia.

Lêmos, entretanto, que já se pensa em modificar a lei que criou o Imposto da Fome. Tinha de ser. Era fatal! Entretanto, nós registamos, para todos os efeitos, que o governo se manteve mudo e quedo como um penedo ás reclamações da opinião publica expressas por nós e por outros jornais. Supomos que tiveram mais efeitos — e isso que nos doe!... — as notas diplomaticas dos governos estrangeiros, que tambem reclamaram com energia, contra a extorsão injustificada que se iniciou sobre a navegação estrangeira em Portugal.

Na incidencia do imposto davam-se excepções curiosas, sem facil explicação. Os oleos combustiveis eram tratados com assinalado favor. A gazolina e o petroleo, que nos veem da America do Norte, gosavam de um especial tratamento. E isso, é claro, não agradava ao gabinete de Londres. Supomos que foi por virtude de uma reclamação do sr. ministro de Inglaterra que o governo se resolveu a anunciar que a lei será modificada no Parlamento. Quando isso se fará é que ainda se não sabe. Em todo o caso, não acreditamos que o venha a ser no dia de São Nunca á tarde.

Os "bons" franceses da Defesa Nacional

Vai baixar a taxa oficial de desconto em França

PARIS, 3.—A partir de 12 de março é que entrará em vigor a redução, que previamente tinha sido anunciada da taxa de juros dos bilhetes de abono da Defesa Nacional. Esta redução de 1|2 o|o será uniforme para todas as categorias de bilhetes de abono.

Como consequencia desta determinação do Tesouro, pode-se descontar no mez corrente, e provavelmente no meado do mez dar-se-ha uma descida da taxa oficial do desconto. A taxa diminuirá assim de 5 1|2 o|o para 5 o|o.

O decreto ministerial datado de 25 de fevereiro, anunciando uma redução de 1|2 o|o sobre a taxa dos juros dos fundos que o Estado procura por meios quer por «Bons» da Defesa Nacional, quer por bilhetes ordinarios do Tesouro, ou ainda por adeantamentos dos tesoureiros gerais ou das contas de deposito na Caixa Central publicadas no «Journal Official» para entrar em vigor no corrente mez.—(R.)

Anuncia-se que vai principiar a funcionar em Lisboa a «Agencia Geral de Moçambique,» imitação da «Agencia Geral de Angola». Vê-se que o sr. Brito Camacho não dispõe duma imaginação por ahi alem, tão facilmente recorre á contrafação colonial. Em todo o caso sempre se sabe, com respeito á «Agencia Geral de Moçambique», que o seu director receberá uns 9 contos anuais, aparte, é, claro, as despezas provenientes da viagem, expediente, etc.

Os Altos Comissarios de Angola e Moçambique tomam muito a serio a missão que lhes foi confiada. A criação das Agencias é, realmente, digna dos imperios de Alem Mar. Os ilustres Agentes Gerais ficam sendo, junto do Governo Portuguez, os ministros plenipotenciarios acreditados pelos governos de Loanda e Lourenço Marques. Não se sabe o que é feito do ministerio das Colonias. Ou antes, sabe-se muito bem. Fica ali no Terreiro do Paço. Conste que lhe vão pôr escriptos...

Migalhas

Henry Bataille

Foi na manhã do ensaio geral de «Tendresse». Os jornais que eu acabava de ler sentado numa cadeira da Avenida do Bosque de Bolonha, consagravam largos artigos á nova peça do poeta da «Marcha nupcial» e da «Mulher nua». Bataille, que era um espirito orgulhoso e um isolado, nunca deixava de explicar antecipada e largamente as suas intenções quando entregava á turba um novo trabalho. Algumas das suas ante-primeiras são soberbas paginas, maravilhosos prefacios que deverá juntar aos seus dramas aqueles que querem entender em absoluto a arte por vezes subtil do que escreveu o «Sonho de uma tarde de amor».

Terminada a minha leitura e aproveitando aquela manhã luminosa e fria, eu entrei pela porte Dofine e fui até aos lagos.

Numa vereda lateral dois homens estavam sentados num banco. Um deles envolvia-se numa sumptuosa peliça e o seu rosto magro e severo, os seus olhos cançados, olhos daqueles que, mesmo quando miram perto, olham para muito longe, prendiam a atenção de quem passava. Uma «limousine» de bon marca esperava ali perto e o motorista, coberto de peles, lia o folhetim de uma gazeta popular. O homem da peliça conversava com um outro, meio operario, meio burguez, creatura que normalmente aquela hora, naquele dia da semana, devia estar numa loja ou numa oficina.

Adivinhava-se que se tratava de um encontro fortuito, de uma camaradagem de ocasião, que aquelas duas pessoas não se conheciam meia hora antes.

O interlocutor do homem da peliça contava uma historia e este prestava-lhe uma atenção interessada.

Quando cheguei junto de ambos, reconheci Bataille. O ensaio das costureiras de «Tendresse» devia ter acabado de madrugada. Para que o autor ali estivesse áquela hora matinal, era provavel que não se tivesse deitado. Saberia o outro, meio operario, meio burguez, com quem estava falando?

Ao cruzar-los, ouvi-o dizer ao autor de «Lepreuse»:

—Ela viveu comigo dois anos...

Era uma historia de mulher a que Bataille estava escutando. Em todas as historias de amor por muito semelhantes que pareçam ha afinal um pormenor que as torna diferentes. Era talvez esse pormenor que Bataille esperava com a curiosidade dos seus olhos extraordinariamente expressivos.

Sentei-me num banco ali perto. Passados instantes Bataille levantou-se. O outro levou a mão ao chapeu. Não se atrevia a estender a mão áquele senhor a quem acabava de contar talvez a sua vida. Foi Bataille que se despediu num gesto quasi amigavel. A «limousine» abalou. O homem ainda ficou. Passado um momento parou junto dele um guarda do bosque. Puseram-se conversando.

Lembrei-me desta historia ao lêr a noticia da morte de Bataille. Talvez ainda hoje o seu camarada do Bosque de Bolonha ignore quem era aquele sujeito de peliça a quem abriu o seu coração. E daí é mais que certo que sem saber se lembre disso.

ANDRÉ BRUN

O que foi a execução de Landru

AS ULTIMAS PALAVRAS DO CONDENADO

-o- -o- — O MOMENTO SOLENE -o- -o-

Reconhecido pelo *veredictum* do juri de Seine-et-Oise culpado em onze crimes, cometidos com premeditação e praticados em circunstancias particularmente odiosas, Desiré Landru, condenado á morte em 30 de Novembro do ano findo, foi executado na manhã de 25 de Fevereiro, diante da porta da prisão de S. Pedro, em Versailles. Até ao ultimo momento deu provas de uma energia quasi feroz. Mas, sobretudo, sendo sentenciado sem revelar o seu terrivel segredo, dando a vida sem nada deixar [illegible] da sua alma [illegible] vel o [illegible] vaidoso, saboreou no minuto supremo o orgulho satanico de continuar para os juizes, [illegible] as testemunhas da sua [illegible] para a multidão que repetirá o seu nome ainda por muitos anos, a ser o sr. Misterio. Assim lhe chamavam, entre si, as amigas e as [illegible] de uma das suas vitimas, M.me Jaume.

A noticia da execução, comunicada rapidamente, espalhou-se pouco a pouco pelos teatros, clubs, etc. Mas não tão depressa que uma [illegible] não assaltasse os [illegible] em que vinham os *reporters*, que tudo relataram. Eis como se [illegible] caso.

A's 5 horas e 25 minutos da manhã os juizes penetraram na cela em que o condenado estava deitado. Landru dormitava; bruscamente acordado pelas quatro horas por algum ruido vindo do exterior? Ninguem, pousando a mão no ombro do que ia morrer, [illegible] a frase tradicional.

[illegible] coragem, etc.

[illegible] presidente que o seu [illegible] é um monstro [illegible] de espar[illegible]

[illegible]

Sem Lavoir, [illegible] não é o mais [illegible] todos os que cheguem a estreita cela. O olhar de Landru [illegible] sobre o seu defensor [illegible]

Mestre [illegible] causa muito difficil [illegible] Landru [illegible]

[illegible] Moro Giafferri [illegible]

Gostava que [illegible] momentos de ocio que os senhores se ocupassem dos meus [illegible] interesses!

Apos isto Landru [illegible] tinham roubado os efeitos pessoais e que testamento [illegible] velhas [illegible] os objectos de uso [illegible] e junta os papeis para os rasgar com força e atirá-los para a bacia de noite. O seu segredo não estava ali.

—Landru tem alguma declaração a fazer? — preguntou-lhe o substituto.

Pregunta que suscitou outra do desconcertante supliciado.

—A quem tenho a honra de falar?

Beguin, substituto do procurador da Republica, que não julgava que tanto fosse necessario, não hesita em se fazer mais conhecido e obteu então esta resposta á sua pregunta renovada.

—Nenhuma. Considero mesmo uma tal pregunta como injuriosa, pois estou inocente!... Sim, diante da minha afirmação estou inocente.

Landru, impressionante pela sua fleugma, recusa simultaneamente o calix de rhum (outra fôra apreciador de bebidas) e o cigarro que lhe ofereceram (nunca foi fumador): o tabaco e o alcool são vicios custosos a que nunca se pôde habituar.

Quando o padre Loisel lhe apresenta o crucifixo, obtem como resposta

Creio que, presentemente, o que importa é andar depressa.

E continua acompanhando as suas frases de uma inclinação cortês, de que muitas vezes usou perante os juizes

E depois: «Não quero fazer esperar estes senhores!»

[illegible] espectadores estão estreitamente [illegible] proximo da guilhotina.

Muito pura a aurora começa a apagar as [illegible]. Não ha frio. Os soldados da cavalaria, que tomam as posições, abrem fileiras, num bater de sabres e de metais para deixar passar o primeiro carro [illegible] vagamente [illegible] espectadores [illegible] em cabelo do mercado, que lançavam um olhar de [illegible] guilhotina.

[illegible]

[illegible] Landru. Não traz [illegible] nem o [illegible] sempre [illegible]. Pescoço nu [illegible] camisa [illegible] a [illegible] auxiliam para [illegible] os onze crimes que tem de expiar [illegible] pedir [illegible] Foram as suas ultimas palavras.

[illegible] mas tambem palido! Muito magro, Landru [illegible] para a guilhotina. Andou dois metros e parou. Nos seus olhos brilha pela ultima vez um desses clarões que [illegible] nos melhores [illegible].

Agarram-no. Atiram-no para a alavanca que faz mover a guilho[illegible]

tina, mas o magro Landru é tão leve que, apesar do brutalmente atirado, o peso do corpo não faz funcionar automaticamente o aparelho. Mais um segundo que passa. Mas o carrasco não o perde de vista o carrega na alavanca. O cutelo desceu.

Um ruido, um ruido terrivel.

Seis horas e quatro minutos da manhã.

Os gendarmes cercam o *fourgon* e marcham para o cemiterio.

Landru foi inhumado em Gonards, proximo da estação de Gantiers, numa sepultura provisoria. Os miseraveis restos foram reclamados pelos seus filhos.

Os Estados-Unidos e os emigrantes

Cincoenta por cento devem ser transportados em navios americanos

WASHINGTON, 4.—O presidente Harding pediu ao congresso para se incluir no projecto sobre navegação uma clausula consignando que pelo menos 50 por cento dos emigrantes devem ser transportados em navios americanos.

O projecto sobre navegação tem levantado muita oposição entre os agricultores dos estados ocidentais que consideram a subvenção que se quer conceder á marinha como uma preferencia injusta e parcial a favor dos interesses da navegação em detrimento das outras classes.—(R.)

Exposição do Rio de Janeiro

Está-se estudando a melhor forma de iluminar os pavilhões da secção portuguêsa

O sr. Lisboa de Lima, Comissario Geral do Governo Português na Exposição do Rio de Janeiro, estuda presentemente com um engenheiro electro-tecnico a forma mais preferivel de se iluminar artificialmente os dois pavilhões e construções anexas respeitantes á nossa representação no grande certamen mundial.

E' claro que a iluminação será por electricidade, e a corrente será fornecida pela «Light and Power», poderosa Companhia fluminense que tem o privilegio do fornecimento á capital federal, de luz e energia electrica. Se bem que não esteja fixado o sistema a adoptar, é possivel que venha a ser preferido o que já foi experimentado na Exposição do Panamá e que deu optimos resultados.

* * *

O ilustre escritor Carlos Malheiro Dias teve ontem uma demorada conferencia com o engenheiro sr. Lisboa de Lima sobre assuntos que dizem respeito á nossa representação no grande certamen fluminense.

A reconstrução da Europa

Consortium financeiro internacional

PARIS, 3.—O comité inter-aliado encarregado de elaborar a creação do consortium financeiro internacional destinado a ocupar-se da reconstrução economica da Europa, começou hoje os seus trabalhos. A França está nele representada pelo sr. Sergent, presidente do Banco União Parisiense e pelo sr. M. E. Schneider dos estabelecimentos Schneider et Cie. A conferencia de bontem ocupou-se principalmente com os meios a empregar para aumentar a capacidade de compra dos estados da Europa Central.—(R.)

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados na extracção de hoje:

4320 — 60.000$00

164	10.000$00
705	4.000$00
2828	2.000$00

Dr. Francisco Alberto d'Oliveira

FALECEU

Angelo José d'Oliveira participa a todas as pessoas das suas relações que foi Deus servido levar da vida presente o seu querido filho Dr. Francisco Alberto d'Oliveira, e que o seu funeral se realisa amanhã, a hora ainda não determinada, da sua casa, Avenida Almirante Reis, 114, letras A. P. C., 2.º D., para o cemiterio da Ajuda, agradecendo, desde já, a todas as pessoas que o acompanharem á sua ultima morada.

As pedras preciosas artificiaes

AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DOS QUIMICOS —AS DIFICULDADES—OS RESULTADOS A QUE SE TEM CHEGADO

Ha cêrca de um seculo, os quimicos têm estado empenhados em descobrir um meio seguro de fabricar pedras preciosas e têm chegado por fim a conquistar exito tão brilhante, que somente joalheiros muito peritos podem distinguir, á simples vista, uma pedra artificial de uma real. Estas admiraveis imitações têm sido denominadas «pedras scientificas», como produto de laboratorio.

Com excepção do diamante, que se compõe de puro carvão, muitas pedras preciosas provem do aluminio, cujos silicatos ou argila não cristalizada, são substancias bastante comuns. O aluminio cristalizado ou coryndon, por outro lado, é menos comum e algumas vezes é branco ou incolor e outras aparece côrado pela presença de diferentes oxidos metalicos que lhe comunicam grande brilho. O rubi, a safira, a esmeralda e o topazio são especimens naturais de coryndon vermelho, azul, verde e amarelo.

Os quimicos, na sua primeira tentativa de fabrico dessas pedras preciosas, começaram por liquifazer o aluminio, juntando-lhe certa materia côrante e procurar a sua cristalização por meio do resfriamento. Em 1837, Gaudin, e mais tarde Senarmont, em 1850, fizeram a composição do coryndon; e por essa mesma época Ebelmen, director da «Manufacture Nationale», de Sèvres, fez cristais microscopicos de rubi, aquecendo num cadinho acido borico, aluminio e cromio, num forno de porcelana. Pouco depois, Henry Saint-Clair Deville conseguiu fazer rubis em forma de finas escamas de cristal. Depois, em 1865, Debray e Hautefeuille fizeram muito bons trabalhos, mas foi Mr. Fremy quem por fim resolveu o problema, com o auxilio dos seus dois ajudantes Feil e Verneuil. Esse exito deveu-se a uma série de experiencias levadas a cabo de 1877 a 1890.

O primeiro metodo ensaiado por Fremy foi formar um aluminato de chumbo que logo depois decompoz em puro aluminio e depois se cristalizou. Os rubis foram produzidos juntando-se bicromato de potassa para dar a côr vermelha aos cristais, e para fazer safiras punha-se, como côrante, uma pequena quantidade de oxido de cobalto. Mas êsses cristais tinham ainda a forma de escamas e eram demasiado frageis para poder ser utilizados pelos joalheiros. Numa segunda série de experiencias, Fremy e o seu colaborador Verneuil conseguiram a cristalização do aluminio a uma alta temperatura e, para isso, utilizaram a acção do fluoreto de baryo, no potassio. Por causa de um acidente, o ar penetrou no cadinho e isto fez com que se produzissem belissimos rombos de cristal, que não eram outra coisa que diamantes e rubis, tão brilhantes como os que aparecem naturalmente nas minas. Mas êsses cristais eram demasiadamente pequenos para ter valor comercial nas joalherias.

No ano de 1882, Diener Wyse exibiu na Suissa uns rubis tão brilhantes, que produziram sensação entre os lapidarios e ainda que fossem frageis, venderam-se por 100 a 150 francos o quilate. Crê-se que o processo de Wyse consistia em combinar pedacitos de rubi natural em fusão; e, segundo Friedal, esses cristais tinham todas as propriedades do rubi natural, excepto a presença de pequenas borbulhas gazosas e uma menor densidade. Quando foram examinados com o espectroscopio, apresentaram as mesmas raias de absorpção que aparecem no rubi natural. Pouco depois, o quimico Maich fez rubis bastante grandes, mas os seus produtos careciam do brilho proprio do rubi natural.

No ano de 1895, outro quimico francês, Mr. Michaud, poz no mercado um rubi «scientifico» e dispoz-se a explorar o processo do seu fabrico. Começou por pôr um pequeno rubi num cadinho de platina que manteve no centro de um recipiente giratorio enquanto que a chama de um maçarico elevou a temperatura a 1.800 graus. Juntou-lhe depois novas particulas de rubi que depressa se liquifizeram, se uniram ao primeiro rubi e se cristalizaram até formar uma unica pedra preciosa que podia ser talhada, como as naturais. Esta operação requere pratica e muito cuidado por parte do operador, porque se corre o perigo de que a gema estale no resfriamento. Os rubis assim fabricados têm um custo de 12 francos por quilate e vem a ser tão semelhantes aos naturais que, tendo sido vendidos na Alemanha, nos Estados Unidos e na India, foram logo revendidos a joalheiros de Paris, como pedras tiradas de minas.

Em 1908, a industria tinha alcançado bom desenvolvimento com os processos já ditos e com o de Verneuil e então Mr. Louis Paris do Instituto Pasteur, anunciou que tinha fabricado uma safira. Contra o que até então se tinha praticado, Mr. Paris agregou calcio e magnesio ao aluminio liquido para impedir a cristalização e depois juntou cobalto como côrante. Esse conjunto foi depois finamente pulverizado e posto num forno, onde se elevou a sua temperatura a 1.700 graus. Este pó poz-se depois em receptaculos e aquecedores, como os usados no fabrico de rubis.

A safira artificial não ficará tão semelhante á natural, como acontece com os rubis, a sua densidade e durabilidade são muito inferiores ás da natural. O fabrico de rubi tem chegado a muito alto grau de perfeição, pelo processo de Verneuil faz-se rubis até de 8 quilates e, vistos com o microscopio, apresentam as mesmas borbulhas gazosas que a pedra legitima. O eminente geologo Lacroix diz que é impossivel distinguir o rubi natural do de laboratorio.

O fabrico do diamante tem tropeçado com maiores dificuldades, mas o quimico Moissan tem obtido bom exito por meio da elevada temperatura e da forte pressão. Para isso, inventou um forno electrico especial, em que pode obter ferro fundido a uma temperatura de 3.000 graus. O ferro fundido misturado com carvão e submetido a altissima pressão, é o diamante de Moissan e, efectivamente, é um diamante, mas o seu preço é muito maior que o do natural.

POLITICA INTERNACIONAL

Nuvens que se desfizem, entre a França e a Inglaterra; outras que subsistem. A Conferencia de Genova. Será possivel um acordo grego-turco?

A entrevista Lloyd George-Poincaré veiu pôr termo a uma situação bastante equivoca e que já há muito durava. Poderá sintetisar-se nesta pregunta, que o jornal «Le Matin» formulava três dias antes do encontro de Boulogne Sur-Mer «Se é verdade que o acordo franco-britanico parece ser para Lloyd George um ponto essencial do programa de Genova, porque não responde ao *memorandum* de Poincaré?» Esse *memorandum* fôra apresentado a 6 de Fevereiro e no dia 20 ainda Lloyd George se declarava pronto a marchar para Genova no dia 8 de Março.

Tudo isto mudou. Nem a Conferencia será tão cêdo, nem Poincaré se pode queixar de que o primeiro ministro inglês se recusa a entrar em explicações com êle. Pelo contrário, se a nota oficiosa da entrevista não falseia intenções sob palavras cordiais, pode afirmar-se que os pontos de vista franceses receberam satisfação em muito. Já os telegramas noticiaram que a Conferencia fôra adiada para 10 de Abril; que os tratados anteriormente assinados não teriam alteração; que a questão das reparações não seria discutida, nem a dos desarmamentos terrestres, só o reconhecimento do governo dos soviets ficou mal definido. A que se deve tanta condescendencia por parte do primeiro ministro inglês? Talvez a que, não obstante a hostilidade ou a ironia, mais hostil ainda, com que a imprensa inglesa acolheu a «formidavel» nota do primeiro ministro francês (o adjectivo é de origem inglesa), êste foi muito bem recebido noutros meios — Belgica, «Pequena Entente», etc. Esta ultima agremiação compreende hoje a Yugo Slavia, a Tcheco-Slovaquia, a Romania, a Polonia, que parecem dispostas a formar bloco em tôrno da França — natural reflexo da politica favoravel que esta, em relação a elas, tem adoptado. Foi mesmo o sr. Benés, ministro dos Estrangeiros da Tcheco-Slovaquia, que em recentes visitas a Paris e Londres conseguiu aproximar os pontos de vista das duas chancelarias.

Como se vê, na entrevista falou-se muito do programa de Genova, quasi exclusivamente mesmo, definiram-se algumas decisões a tomar, assentou-se em pontos que devem ficar de fora, e não eram êstes o que menos preocupavam a França. Mas ainda outras questões dividem a França e a Inglaterra, a que não vimos alusão. A magna questão do Oriente (Grecia-Turquia), em que alturas vai? A mais modesta questão de Tanger?

Acabamos de ler um artigo do sr. Franklin-Bouillon, o negociador do tratado de Angora (a paz franco-turca), que não saberemos dizer se será perfilhado pelo sr. Poincaré, onde apontou as condições de uma paz que ele considera justa para o Oriente. A Turquia deve reconhecer que tem a pagar o seu êrro de se haver juntado aos imperios centrais. Mustafá Kemal, que se opoz a Enver-Pachá e a Talaat, os partidarios da Alemanha, para que a Turquia não entrasse em guerra contra os aliados, resigna-se a que a sua patria sofra o castigo; mas êsse castigo não deve ir além das enormes perdas territoriais que já sofreu. O imperio otomano desfez-se; na Europa, tudo quanto não era turco, á tinha passado para o poder das antigas nacionalidades oprimidas — gregos, bulgaros, servios. Na Asia, a Arabia, a Palestina, a Siria, a Mesopotamia estão subtraidas ao seu poder. Mas resistirão os turcos se lhes quizerem destalcar o que é essencialmente turco. As suas reivindicações condensam-se em três palavras: Smirna (Anatolia), Constantinopla (região dos estreitos), Andrinopla (Tracia ocidental).

A Anatolia é o berço da raça, onde se contam 10 milhões de turcos, contra 2 milhões pertencentes a outras nacionalidades. A Turquia reclama a cedencia integral dessa região. Smirna é a testa do sistema ferro-viario dessa grande peninsula e o seu unico porto comercial. Mas foram as potencias aliadas que autorisaram a Grecia a ocupar Smirna (nos tempos de Venizelos); a França, mesmo, só se pronunciou contra as ultimas ofensivas dos gregos, depois que eram comandadas pelo rei Constantino. Que compensações tem a oferecer á Grecia, para que esta abandone os seus projectos ambiciosos? Como defender os 300.000 cristãos que habitam a cidade e seus arredores? Os aliados estudam as soluções.

Quanto a Constantinopla, a solução é simples: a soberania turca deve ser restabelecida; a ocupação inglesa (com umas leves tintas de interaliada) deve cessar, tomando-se todas as garantias para evitar as surpresas — desmilitarizar a zona dos Estreitos, organizando uma comissão internacional de vigilancia, onde estivessem representados os aliados e os visinhos da Turquia.

Pelo que respeita a Andrinopla, a segunda cidade santa dos turcos, hoje ocupada pelos gregos, os turcos propõem um plebiscito, que os gregos recusam; e juntamente com o criterio do predominio da sua raça, invocam a necessidade de possuirem a Tracia oriental para defenderem Constantinopla. Lloyd George deixar-se-ha convencer? E' pouco de presumir. Mas importa chegar a um compromisso aceitavel para as duas raças, se não quizermos que no proximo mês de Abril recomecem as hostilidades na Turquia Asiatica.

Em volta da conferencia de Genova

Um novo adiamento?

BERLIM, 4.—A «Westminster Gazette» diz que a conferencia de Genova será provavelmente adiada para 25 de Abril por causa da Semana Santa.—(R.)

Um acordo

PRAGA, 4.—A Jugo-slavia e a Tcheco-slovaquia chegaram a acordo sobre a conferencia de Genova.—(R.)

Universidade Livre

Congresso Nacional de Educação Popular

Realisa-se no mez de Abril

Está designado que o Congresso Nacional de Educação Popular se realise nos proximos dias 17, 18, 19 e 20 de Abril, continuando a afluir á secretaria da Universidade Livre muitas adesões, quer individuais, quer de colectividades. Vão ser distribuidas, pelos congressistas, as teses já impressas, sendo a maioria delas, interessantissimas, e relatadas pelos nossos mais ilustres professores e pedagogos.

Proximamente publicaremos os nomes dos relatores e os assuntos tratados nas teses apresentadas ao Congresso.

Cumprindo o regulamento do mesmo, vão ser considerados congressistas honorarios, para que tenham intervenção directa no mesmo congresso, s. ex.ª o sr. Presidente da Republica e os ex.mos srs. presidente do Ministerio, Ministro da Instrução, Ministro da Guerra, Ministro do Comercio, Ministro da Agricultura, Reitores das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, Directores das Faculdades das mesmas Universidades, Directores do Instituto Superior Tecnico e Directores do Instituto Superior do Comercio.

Directores das Escolas de Belas Artes, Directores dos Conservatorios, Directores da Escola de Arte de Representar, Reitores dos Liceus do País, Directores das Escolas Comerciais e Industriais, Directores da Academia de Estudos Livres, Universidade Popular e Ateneu Comercial. As inscrições continuam a fazer-se na secretaria da Universidade Livre, Praça Luiz de Camões, 46 2.º.

A eleição presidencial no Brazil

A maioria cabe ao dr. Bernardes

RIO DE JANEIRO, 4.—Segundo o «Jornal do Comercio» o dr. Bernardes obteve 361.562 votos tendo a maioria a perto de 130.000 sobre o sr. Peçanha. Os resultados parciais continuam a chegar mas agora não farão senão engrossar a maioria do sr. Bernardes.—(H.)

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pelo coronel medico sr. dr. Manuel Antonio Afonso Salgueiro e sua esposa sr.ª D. Adelaide J. C. Preste Salgueiro, foi ontem pedida em casamento para seu filho o primeiro tenente de marinha sr. Antonio Preste Salgueiro, a ex.ma sr.ª D. Papy Pinto Siqueira (Maria Emma) filha da ex.ma sr.ª D. Zulmira Pinto Bandeira e [illegible] do escritor sr. Pedro Bandeira.

O noivo, muito conhecido no nosso meio politico e sportivo e neto do heroi das nossas guerras d'Africa, possue todas as qualidades para fazer feliz a sua noiva que é uma das mais interessantes e formosas meninas da Capital.

Em casa dos pais da noiva foi servido um explendido copo d'agua.

ULTIMA HORA

Ordem Publica

Teem sido menos intensos nos ultimos dias os boatos de uma greve geral revolucionaria, organisada pelas classes operarias como apoio aos seus camaradas da Carris em greve. Para ontem estava anunciada uma nova reunião do Conselho de Delegados da U. S. O. e qual era aguardada com verdadeiro interesse pois os «salvicreiros» afirmavam que dela sairia a declaração da tão falada greve. Os delegados chegaram a reunir mas coisa alguma deliberaram em virtude do agente policial nomeado para assistir aos trabalhos não ter abandonado a sala apesar dos constantes convites que para tal fim lhe dirigiram.

No entanto o porta-voz da organização operaria portugueza dizia hoje que a reunião fora demoradissima tendo-se tomado deliberações de caracter reservado.

Ao que nos consta o Conselho não reunido ontem pelos motivos acima apontados tenciona reunir-se hoje.

A Lisboa continuam chegando mais forças que veem engrossar as que se encontram rodeando a cidade, tendo chegado hoje um batalhão de infanteria 23.

Ministerio dos Estrangeiros — Algumas noticias

Diz-se na Arcada que estava resolvida a nomeação do sr. Melo Barreto para ministro de Portugal em Madrid, tendo já sido pedido o respectivo «agrément».

Fala-se na nomeação do sr. João Bianchi, vice-secretario da legação em Londres, para chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros.

A indicação não foi, aliás, bem recebida pelo pessoal da burocratica diplomacia, visto que muitos primeiros secretarios mais antigos que o sr. Bianchi se julgam com direitos superiores ao logar.

Parece que ao sr. dr. Augusto de Vasconcelos Martins, ministro de Portugal no Vaticano, será confiada uma outra missão diplomatica, por não desejar voltar para Roma.

Pena de morte

E' ponto assente que o deputado sr. Cunha Leal apresentará em breves dias na Camara dos Deputados um projecto da sua autoria sobre o restabelecimento da pena de morte em Portugal.

Em volta do projecto citado não encontramos ainda quem o manifeste e so as classes operarias as quais resolveram protestar contra a iniciativa do antigo Presidente do Ministerio.

Contra a pena de morte protestaram hontem nas suas reuniões, os maquinistas dos barcos de pesca, marinheiros e moços da Marinha Mercante; a classe dos serventes de Construção Civil; a secção de pintores de Construção Civil, operar os encadernadores e anexos e a Mocidade Trabalhadora de Bento e Olivais.

Exequias por alma de Bento XV

Na igreja da Sé Patriarcal celebraram-se hoje, pelas 11 horas, solenes exequias por alma do Papa Bento XV.

Constaram de missa de «Requiem» de pontifical e de «Liberame» dando a quinta absolvição o sr. Cardeal Patriarca.

A capela-mor estava decorada com armação funebre.

Fizeram-se representar o Chefe do Estado, o governo e o parlamento.

Fez o elogio funebre o conego sr. Martins Pesoa.

POLITICA

As comissões, municipal e paroquiais do P. R. P. do Concelho de Loures protestaram junto do governador Civil e directores do partido contra a permanencia do actual administrador do concelho que para ali foi enviado simplesmente para fazer vingar a eleição dos srs. drs. Dinis de Carvalho e João Gonçalves.

* * *

O jornal «A Republica» vai iniciar na proxima semana uma serie de artigos de combate contra o governo por ainda se encontrar em liberdade José Julio da Costa, autor da morte do dr. Sidonio Pais.

* * *

O sr. dr. Lopes de Oliveira realiza amanhã pelas 21 horas, no Centro Almirante Reis rua do Bemformoso 50 1.º uma conferencia sobre a actual situação politica.

Julgamento do sr. José Pinto Martins

presidente da Juventude Republicana Sidonista

E' na proxima segunda-feira que deve realizar-se o julgamento do presidente da Juventude Republicana Sidonista, sr. José Pinto Martins, que como se sabe, é acusado, por suspeita de ter lançado uma bomba á porta do café Chave de Ouro na noite de 4 de Dezembro findo.

O 3.º Congresso do Partido Republicano Liberal

A Sessão Inaugural

[illegible] hoje a sessão de abertura do 3.º Congresso do Partido Republicano Liberal.

A sala apresentava-se [illegible]

[illegible] horas quando o sr. [illegible] abriu a sessão convidando para secretarios [illegible] Jacinto Nunes.

O sr. Jacinto Nunes [illegible] os srs. capitão [illegible] Silveira, Abranches [illegible] e José Cravo [illegible].

O presidente depois de [illegible] as suas saudações ao Congresso propoz que se nomeie uma comissão de congressistas para ir cumprimentar o Chefe do Estado, suspendendo-se em seguida, por dois minutos, os trabalhos em sinal de sentimento pelas mortes [illegible] de 19 de Outubro.

O sr. José Eduardo de Araujo Marques apresentou a seguinte moção:

«Considerando que o general Alberto Silveira é uma das maiores individualidades do P. R. L. e uma das mais legitimas figuras do glorioso exercito português;

Considerando que o mesmo ex.mo general sempre que a Patria e a Republica Portuguesa têm perigado se apresenta imediatamente na primeira linha da sua defesa,

Considerando que, sendo s. ex.ª um velho republicano, a quem a Republica e a Patria muito devem,

Considerando que no actual momento politico mais uma vez s. ex.ª demonstrou o seu espirito de republicano português, mantendo os [illegible] inimigos da Republica e da Patria em respeito, afastando para bem longe o enorme perigo que ameaçava subverter a Republica e, consequentemente, a nacionalidade

O Congresso do P. R. L. resolve:

1.º Saudar entusiasticamente s. ex.ª.

2.º Convidar o mesmo ex.mo general a vir presidir á 1.ª sessão deste Congresso.

3.º Que a mesa fique encarregada de nomear uma comissão que procurando s. ex.ª, lhe comunique a resolução dêste Congresso.

A Republica corre perigo diz o orador, pelas desordens que se manifestam nas extremas esquerdas. Lamenta que muitos dos seus correligionarios ali não estejam presentes e tivessem ficado em casa, quando a hora é de luta e de união de todos os esforços para salvação da Patria.

O sr. Barros Queiroz diz possuir em seu poder uma carta do sr. Fernandes Costa, comunicando-lhe que só por se encontrar doente não poderia assistir ao Congresso, desfazendo-se assim as insinuações que o orador diz virem-se fazendo em tôrno daquele homem publico, que não abandona o Partido Republicano Liberal. No fim, é bastante saudado.

O sr. dr. Moura Pinto fala largamente sobre os acontecimentos de 19 de Outubro referindo-se á acção governamental do António Granjo. Que o movimento de 19 de Outubro foi sem ideal e sem finalidade, representando apenas mediocridade, torpeza e infamia.

E' uma obra de feras, de que na Historia não há memoria. Mas, é preciso saber quem acolou as feras ao sairem da penumbra, pois não acredita que essa obra de morticinio fosse visada por quem a executou.

Nem ordem, nem paz, nem justiça havia em Portugal, sem a mais severa punição para com os criminosos.

A sessão continua.

Poeira da Arcada

Contrariamente ao que foi noticiado o sr. ministro das Finanças não recebeu nem podia receber um grupo de cabos e soldados da Guarda Fiscal por a isso se opore o [illegible] regulamentos militares. O sr. Portugal Durão foi de facto procurado, mas por velhos funcionarios aposentados, que em tempos serviram na Guarda Fiscal que lhe [illegible] a sua precaria situação.

—Segundo o boletim [illegible] sanidade [illegible], apresentado na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 25 de Fevereiro manifestaram-se em Lisboa 15 casos de [illegible], 3 de febre tifoide e 3 de variola, e no Porto [illegible], 4 de febre tifoide, 1 de tosse convulsa, 1 de [illegible] e 1 de tifo exantematico.

—O sr. presidente do ministerio teve esta tarde uma prolongada conferencia com a direção da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

Estiveram tambem em conferencia com o Chefe do Governo os srs. dr. Pedro Martins, ministro junto do Vaticano, e general Silveira, comandante do Campo Entrincheirado.

Bairros Sociais

Um emprestimo na Caixa Geral de Depositos

Como o sr. ministro do Trabalho conferenciou hoje o administrador da Caixa Geral de Depositos sobre um emprestimo para a conclusão das obras dos Bairros Sociais.

TEATRO

ARTISTAS DE CINEMA

Ernesto Albuquerque

E' o chefe dos operadores da «Enigma Film», e foi o «metteur-en-scene» do film o Rei da Força.

Não é, no meio, um desconhecido, pois tem o seu nome ligado a quasi todas as producções nacionaes que teem vindo a publico

Com uma grande intuição artistica e com largos conhecimentos do «metier», Albuquerque, tomando a seu cargo a direcção da filmagem do Rei da Força, *conseguiu, num meio como o nosso, um «tour de force» espantoso.*

Não lhe foram obstaculos, nem a má vontade duns, nem a incompetencia de outros. Trabalhou com vontade de «marcar» e conseguiu absolutamente o seu desejo.

NOTA DO DIA

Em que se fala de José Loureiro e do esquecimento da gente lus.

De regresso do estrangeiro, vindo do Porto está novamente entre nós o empresario brasileiro José Loureiro.

Eu não conheço nem mesmo dos retratos o mais importante dos empresarios da America do Sul, por isso não podem ser atribuidas a qualquer fim oculto as palavras que julgo conveniente dizer, alguns dias antes da sua anunciada partida para o Brasil.

Pelo que tenho lido do movimento artistico do Rio de Janeiro, de Buenos Ayres, pelo que tenho ouvido dizer aos nossos artistas, José Loureiro aparece-me como um activo, moderno, inteligente, e correctissimo manobrador de gente de teatro. O Brasil deve-lhe a vista de quantos nomes bons no genero lirico, ligeiro, dramatico, florescem ha uma dezena de anos; é o homem de acção, dos arranjos entre companhias varias, de «tournées» artisticas, empre sario elevado a alta potencia mas que por instinto e inteligencia conhece o seu publico, os seus gostos e predilecções de forma a insensivelmente lhe ir dando algumas jornadas de arte.

Figura notavel, em destaque no meio artistico de todo o mundo, porque é ele nos sindicatos de gente de teatro do Brasil, de Buenos Ayres, a alma viva; relacionado com os centros artisticos de Italia e de Paris, tem o seu nome para nós portugueses, uma importancia querida. E' ele quem modernamente aceita no Brasil todos os nossos artistas. Acolhe de braços abertos todas as nossas companhias, ampara as lealmente estabelece lucros, e muitas vezes quando recebe em vez do ouro prometido a sucata disfarçada e a negringoiça é inevitavel ainda lhe paga as passagens para a terra.

Nessa imortal empreza infeliz da tournée do «Nacional» ficou ferido nalgumas dezenas de contos, e apesar de tudo, ele aqui volta, fala com Rey Colaço, fala com Chaby, contracta Amarante porque lhes vê o lado artistico e acima de qualquer desanimo põe o espirito da sua profissão e o amor ao publico da sua terra que deseja contemplar com o melhor que existe em lingua portuguesa e estrangeira.

Eu tenho, sem ter o minimo ponto de contacto com José Loureiro, uma simpatia extrema por este homem habil de teatro. Creio que todos os artistas honestos, todos aqueles que são absolutamente limpos nas suas relações com as emprezas alheias, lhe reconhecem as grandes qualidades generosas que apontamos. Creio mais que todos, os pequenos, desde simples coristas infelizes de longa viagem, aos grandes os chefes de «troupes» - pseudo-emprezarios para uso do Brasil,—lhe devem um favor. Todos nós, portugueses, devemos a esse brasileiro, trabalhador, activo humano, leal, a amizade arreduna de comercialismo natural na sua profissão.

Pois bem; esta Lisboa semi-intelectual, bulhenta de criticos, de jornalistas, a moderna geração de artistas actores e actrizes que conhecem José Loureiro, os mesmos que estão sempre prontos a entrar num banquete, como o de Cavaco, dos almoços como o Esperanza Iris, esquecem—pois só por esquecimento se admite—essa nota de amizade, de cortezia para o importante emprezario sul-americano.

Se A «Capital» competisse, já a inscrição estaria aberta; mas a nossa interferencia não pode sobrepor-se aos artistas, aos emprezarios, ao mundo de gente que de José Loureiro tem recebido provas de estima, de apreço e as amabilidades sem limites.

«A Cezar o que é de Cezar...»

ARMANDO FERREIRA

Uma carta sobre a «Phi-Phi»

Il.mo e Ex.mo sr. Armando Ferreira. — Em primeiro lugar, cumpre-me agradecer-lhe sinceramente as palavras amaveis que no seu artigo dedicou ao despretencioso trabalho dos adaptadores da *Phi-Phi*.

Tanto mais agradaveis para nós quanto é certo que V. Ex.ª tinha muito especialmente neste caso toda a autoridade para falar, uma vez que conhecia, como actor ou espectador, não sei, o original francês.

Só assim, em meu entender, se pode julgar da nossa interpretação, pois criticar o *arranjo*, ontem levado na Avenida, da *Phi-Phi*, sem conhecer o original, é qualquer coisa de tão temerario como ajuizar das parecenças de um retrato... sem conhecer o retratado.

E, quando, por exigencias do jornalismo, ou pelo desejo de ir ao teatro de graça, uma pessoa se mete a *critico teatral*, laborando em tamanha ignorancia ácerca da materia a criticar, essa pessoa comete uma autentica burla literaria, de que nem sequer a absolve a *honesta* e comovedora confissão da propria ignorancia.

E é exactamente por V. se encontrar em condições de todo opostas ás que venho de indicar, que eu me quero dar ao grato trabalho de esclarecer um ponto da sua benevola critica. Diz V. (transcrevo na parte que interessa):

«Houve um êrro na adaptação, a parte do dialogo em verso. Preocupados e circunscritos á rima, os adaptadores viram-se obrigados a desistir de uma maior liberdade que teriam para o seu trabalho, como sucede no 3.º acto, nas passagens em prosa, mais interesse, mais á vontade;

Toda a parte monotona que a plateia sentiu, deve-se exclusivamente a êste êrro de quem, mais artista do que carpinteiro de teatro, se deixou levar pelos seus impulsos.»

O que eu quero frizar, porque não resulta bem desta passagem — embora V., que viu a peça em francês, o saiba com certeza — é que a parte do dialogo da *Phi-Phi* que na versão portuguesa está em verso, o estava igualmente (até com o mesmo *metro* e igual numero de estancias) no original de Solar e Willemetz.

E foi exactamente por nós procurarmos seguir o mais possivel a opereta tal como ela é na lição primitiva, que nos não julgámos no direito de transplantar para prosa o que os autores entenderam dever dizer-se em verso.

E não julgue V. que, por *preocupados e circunscritos á rima*, nós deixámos de procurar para cada palavra a sua equivalente, ou de respeitar uma intenção.

Se o não tem, eu ponho á disposição de V. o original francês, para que nos diga qual o ponto em que as exigencias do metro ou da rima nos impediram de traduzir fielmente o pensamento dos autores.

Rogo a V. que não veja nestas linhas outra coisa que não seja a grande consideração que nos merece o parecer (embora muito benevolo) de um critico que se manifesta tão sabedor do assunto — o que, por desgraça de todos nós, raramente sucede.

Creia-me, com muito agradecimento. — De V., *Tito Arantes*.

P. S. — Depois de escrita esta carta, acabo de ler uma critica, publicada num jornal de Lisboa, que vem, eloquentemente, confirmar a minha asserção de quanto é lamentavel falar sobre aquilo que se desconhece.

Acusa-nos o anonimo Sarcey de termos recheado a adaptação da *Phi-Phi* com anacronismos e palavras de calão.

Quanto aos anacronismos, o critico miliciano desconhece, coitado, que, passando-se a acção 600 anos antes de Cristo, no original francês se fala nas linhas do *Metro*, na modista parisiense Lanvin, aparece em scena um telefone, etc., etc.

Desconhece, emfim, que o anacronismo constitue verdadeiramente o caracter da *Phi-Phi*.

Quanto ao calão português (que aliás se resume ao *se calhar*, *vamo-nos raspar*, e expressões do valor equivalente), o ilustre critico desconhece, coitado, que em francês aparecem expressões como estas: *Zut! Foutu, Tu parles!, La peau!*, *calles*, que são sensivelmente menos academicas que os nossos modestos *se calhar*...

Mas ha muita gente que imagina que o francês não tem calão: o critico deve ser dêsses. Ouviu falar no espirito *todo parisiense* da *Phi-Phi* e supôs, coitado, que esta era toda mesuras, cabeleiras empoadas, *talons rouges*, emfim... autentico Luiz XV.

E, por isso, se ofendeu com as agruras da nossa adaptação, que, afinal, são bem mais doces e velados que as do original francês — como V. reconhece e reconhecem os criticos a sério, que viram a peça em Paris...

Razão eu tinha para escrever a V., que a desgraça de todos nós era haver quem se metesse a falar do que não sabe — produzindo pseudo-criticas, que são filhas legitimas do lamentavel conubio da Ignorancia com o Arrojo. — T. A.

Os teatros do Porto

Do «Primeiro de Janeiro» e a proposito do «Ninho d'Aguias» de Carlos Selvagem, levado no S. João em despedida da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro:

Não é numa noticia á pressa escrita—tanto mais que o espectaculo terminou cerca de uma e meia—que se podem fazer referencias minuciosas sobre uma peça de valor do «Ninho d'Aguias», que tem já de ser tratado com criteriosa atenção.

Assim, pois, limitar-nos-emos a dizer que o trabalho de Carlos Selvagem, baseado num assunto interessante, embora não invulgar, é duma factura perfeita, quer pela maneira como foi desenvolvido que ainda pelo brilho de linguagem que se mantem inalteravel em todas as scenas dos 3 actos.

O autor deu-lhe, porem, um remate de servitura demasiado cru, pois que não se compreende bem que um homem como D. Rodrigo Valdeyres, que matou a mãe com desgostos e arruinou a irmã, não concorra, posto que com sacrificio, para ver redimidos os seus negros erros, regeitando a proposta honrosa de ir para a Africa que lhe fez o seu melhor amigo, a fim de reconquistar o seu nome manchado e a sua fortuna perdida.

Esse final faz esfriar um pouco o interesse com que se é obrigado a seguir, scena a scena, todos os actos, o que não impede, repetimos, que o publico saisse deveras bem impressionado, tanto mais que os papeis de Amelia Rey Colaço (D. Leonor S. Gil) Maria Judice (D. Isabel Moniz), Henrique de Albuquerque (Roberto W. Atmores), o Robles Monteiro (D. Rodrigo Valdeyres), sobretudo os tres primeiros foram, sem a menor sombra de exagero, superiormente desempenhados, o que muito contribuiu para o exito que a peça obteve.

De justiça é tambem mencionar Constança Navarro, que dia a dia marca o seu incremento.

Os restantes papeis, de menor importancia, foram, quanto possivel, correctamente interpretados.

No final a sala chamou ao proscenio todos os artistas, sendo, porem, Amelia Rey Colaço, Maria Judice, Raul de Albuquerque e Robles Monteiro especialmente ovacionados.

A manifestação a Amelia Rey Colaço foi deveras calorosa. Parte do palco ficou juncado de flores que dos camarotes lhe atiraram e como os aplausos se prolongassem a gentil artista recitou primorosamente versos de Rosalia Castro, que lhe valeram nova e quente ovação.

Assim terminou a recita de despedida da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Noticiario

Portugal

—Com a première da opereta «Sua Alteza Valsa» realisa na noite de 17 do corrente no teatro do S. Luiz, a sua festa artistica o distinto actor empresario e ensaiador Armando de Vasconcelos. A opereta «Sua Alteza Valsa» que vem precedida de grande nome subirá á scena neste teatro com todo o rigor de scenarios e guarda roupa que está sendo confeccionado com todo o gosto artistico. Nesta opereta toma parte toda a explendida companhia.

—Cada vez é maior o entusiasmo que ha em assistir á festa do distinto actor da companhia Armando de Vasconcelos, Fernando Pereira, que como temos noticiado se realisa no dia 7 do corrente no teatro do S. Luiz, com a primeira representação da feerica da encantadora opereta «Amor e Mascaras» na qual desempenha o papel de «Lobo de Prevule uma das suas corôas de gloria. O outro atrativo é o papel de «Pousecs» ser pela primeira vez desempenhado pela ilustre cantora Aldina de Sousa, que nesta personagem terá ocasião de evidenciar mais uma vez os seus dotes vocais. Esta recita é dedicada á classe dos ourives e alem desta linda opereta haverá um acto de variedades em que tomam parte Augusto de Oliveira, Aldina de Sousa, Maria Campos, Cruz Braz e Alvaro Sá, discipulo do professor Trindade.

—Amanhã domingo ha mais um espectaculo pela Companhia Infantil no Teatro dos Anjos. Representa se esa opereta, dois actos de variedades e dançam o Oneri-bi-bi fox-trot.

—Realisa-se amanhã no Salão Foz uma matinée, promovida pelo Orfeon do Liceu de Camões, que promete decorrer com muito interesse.

CURIOSIDADES

A Biblia de Napoleão!

A Biblia, esse livro predilecto, com que Napoleão, o grande desterrado distraia a profunda saudade da sua alma e buscava refrigerio ás suas angustias, durante o seu cativeiro na ilha de Elba, foi encontrada ha anos por um jornalista alemão.

A sua edição é grosseira e ordinaria e tem na lombada um N encimado por uma corôa imperial e foi encontrada no Santuario da «Madona del Monte» que domina a referida ilha e no alto do qual o imperador esteve dezassete dias no principio do seu exilio. E' muito provavel que algum padre d'aquela ilha lh'a desse para que, lendo-a, ali encontrasse conforto e lenitivo ás suas amarguras.

O que dá a esta Biblia grandissimo valor historico é conter bastantes linhas sublinhadas, principalmente naquelas passagens que mais se harmonisavam com o estado de espirito do exilado. As passagens sublinhadas são algumas das palavras dos profetas Baruch e Daniel e outras do Pentateuco.

As sete maravilhas da Coréa

Assim como o mundo antigo, tambem esta nação tem sete maravilhas que são:

A primeira—é a gota de suor de Budha guardada num templo e que tem a virtude de matar toda a vegetação num espaço d'alguns metros quadrados em volta deste templo.

A segunda—é a fonte termal de Kinshantua que cura todos os males.

A terceira—é a caverna gelada de onde sopram ventos frios com uma velocidade extraordinaria.

A quarta—é a pedra quente que jaz numa alta montanha e está sempre aquecida até ao branco.

A quinta—é a floresta inexterminavel onde é impossivel fazer cortes, nada fazendo os golpes de machado e rebentando outra arvore no lugar em que casualmente qualquer for abatida.

A sexta—é um par de fontes que se comunicam por um canal subterraneo. Uma das fontes deita agua clara e doce—a outra deita-a negra e amarga; quando uma corre, a outra esgota-se.

A setima—é uma pedra que paira no ar e que parece uma enorme mole, diante do templo construido em sua honra. Esta pedra nunca toca no chão pois dois homens podem fazer passar por baixo dela uma corda sem encontrar obstaculo algum.

A camurça

E' uma especie de antilope ou cabra monteza. Encontra-se nos Alpes e noutras montanhas da Europa. Tem chifres pequenos, com as extremidades arqueadas á semelhança dum anzol.

A maxila inferior é guarnecida de oito dentes incisivos e a superior é destituida deles; nutre-se de raizes e ervas aromaticas e anda só ou em pequenos grupos. A sua caça é dificil e perigosa porque salta tão leve dum barranco ou dum penedo, como um passarinho. A camurça alem de fornecer-nos uma carne saborosa e excelente, a sua pele é muito procurada no mercado para o fabrico de varios artefactos.

Os Lusiadas

O poema de Luiz de Camões compõe-se de 10 cantos, 1102 estrofes, 8816 versos, 56.493 palavras, 250.470 letras. O total de nomes geograficos 739; total dos nomes historicos 392; total dos nomes mitologicos, sacerdotes, etc. 538; total dos nomes principiados com letra maiuscula em sinal de veneração, como Barões, Fé, Rei, etc. 935; total dos nomes de Cristo 28; total dos nomes de Deus 56.

Os nomes proprios contidos no poema, são 827.

A. G.

SPORT

Box

O match entre Criqui e o inglês Fox, está concluido definitivamente.

Cada boxeur aposta particularmente 500 libras pela sua chance.

—Beny Leonard, campeão do mundo dos pesos leves, vai bater-se com Guarto White em New-York.

—O jornal la Bato francesa, vai organisar um criterium de box entre amadores, desejando que concorram amadores de toda a França, e do estrangeiro.

Aviso aos nossos aspirantes a campeões.

Ciclismo

O Velodromo de Palma foi desqualificado pela União Velocipedica Espanhola, continuando apesar disso a dar reuniões. A U. V. E. vai levar o caso para a União Ciclista Internacional.

—Miguel, que tantas simpatias teve entre nós, no antigo Velodromo de Palhavã, vai fazer nova «tournée» na America.

Automobilismo

Formou-se na America uma companhia para fazer concorrencia á casa Ford, e que calcula poder vender automoveis a 348 dolars.

Devem ser no genero dos despertadores a 500 reis.

Luta

Roth, campeão do mundo dos jogos olimpicos, desafiou para luta livre todos os lutadores do mundo.

Roth que é profissional ha pouco é um atleta de grande classe que pesa 105 quilos, 1 metro e 85 de altura, 48 de pescoço, 42 de braço e tem apenas 23 anos.

Remo

O campeão do mundo Hadfield, recebeu os desafios de Padon de Ripley e ainda de Hansen.

Tem que trabalhar para se defender.

NOTICIARIO

BOX NO COLISEU

O espectaculo de amanhã

Antes de ter principiado no Coliseu, o combate Marius-Silva Ruivo, o pugilista Faustino Pereira, que, pouco antes, tinha vencido, por inteligente maneira, o bom combatente algarvio Manuel Guita, apresentou-se no «ring», desafiando o francês Marius para um combate. A quem conhecesse o temperamento de Faustino não surpreendeu a sua resolução, a quem se lembre da resistencia corajosa que opoz aos franceses Mario Gall e Vidal, não pareceu insensata essa resolução. Faustino tem verdadeiro espirito combativo e não se furta, antes procure medir-se com os melhores homens que apareçam; a sua bela «forme» actual dá esperanças de que não será muito mal colocado do seu desafio.

Estando já projectada para amanhã nova reunião de «boxe» no Coliseu, o organisador aproveitou o desafio lançado, pelo que amanhã, em 10 «rounds» de 3 minutos, com luvas de 4 onças, se poderá fazer interessante comparação entre o trabalho de Ruivo e o de Faustino diante de Marius.

O programa do amanhã insere ainda o belo nome de Silva Ruivo, que um acidente do «ring» forçou a abandonar ante-ontem o seu combate com Marius. E' interessante considerar que G... já venceu Tavares Crespo, que pretende agora disputar a Ruivo o titulo de campeão dos meio-medios.

Os amadores srs. Carlos de Castro e Guilherme Pombo farão um combate. O primeiro é do Club Internacional e o segundo do Ateneu.

PEDESTRIANISMO

O cross-country de «Os Sports» realisa-se amanhã ás 12 horas

Como temos noticiado realisa-se amanhã o «cross» de «Os Sports» e dá a partida dada aos 31 concorrentes inscritos ás 12 horas do Campo do Sporting.

Os concorrentes deverão comparecer no local da partida ás 11 horas e o jury e juizes ás 10 horas.

PESOS E ALTERES NO GINASIO CLUB PORTUGUÊS

Em homenagem ao falecido campeão de pesos e alteres Francisco Pedinha, que bastante se notabilisou neste sport, o Ginasio Club Português vem já ha tres anos organisando um interessante Criterium de pesos e alteres que desperta sempre bastante interesse entre os cultores dos sports de força.

No primeiro ano foi ganho por Antonio Pereira e no ano seguinte por Leotonio de Aguiar.

Os exercicios são:

«Arraché en la volée» com um braço e jeté com o outro braço, «developpé» e jeté com dois braços, fazendo-se a classificação pelo coeficiente obtido entre o total do peso levantado pelo concorrente e o seu peso.

Os premios são tres medalhas de vermeil e prata para os tres melhores classificados.

A inscrição encerra-se no dia 6 sendo a taxa de 5$00 por concorrente, realisando-se a prova em 12 de março.

ROYAL FOOT-BALL CLUB

Comemora no dia 12 de março, este club, o seu 2.º aniversario, realisando uma festa sportiva no velo Campo do Stadium.

São realmente interessantes os numeros que o Royal escolheu para a sua festa, que constam de uma exibição de Foot-ball Rugby, entre duas equipes deste club, genero este de sport pela primeira vez posto em pratica no nosso paiz.

O numero não menos interessante é uma corrida pedestre de 10.000 metros entre o campeão do mundo Carman Christiansen americano e o nosso campeão Casimiro Costa.

Este corredor tem-se firmado nos ultimos tempos como o melhor pedestrianista português de meio fundo, vencendo quasi todas as provas em que tem tomado parte.

Parque Automovel Militar

Venda de material circulante

O Conselho Administrativo faz publico que no dia 9 do corrente pelas 13 horas se procederá á venda em hasta publica na Garage Militar da rua do Salitre do seguinte material:

Torpedo Renault 45 H P avaliado em 13.000$00.

Limousine Peugeot 25 H P aval. em 18.000$00.

Torpedo Peugeot 35 H P avaliado em 10.000$00.

Box car Ford avaliado em 5.000$00.

Chassis Panhard 30 H P avaliado em 8.000$00.

Camions Fiat 18 B L 3 1/2 T aval. em 11.000$00.

Moto se e side-car Roy d Ruby av. em 2.000$00.

As viaturas achar-se-hão em exposição na G. M. desde o dia 6.

As condições de venda estão patentes ali e no Conselho Administrativo, desto Parque em Belem, todos os dias uteis das 14 ás 16.

O Tesoureiro

José Joaquim de Paiva

Capitão

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

Mme. Leotard que nos vigiava, notou por fim esta mudança nas nossas relações, e como logo de principio deu pelo meu isolamento forçado, dirigiu-se á princezinha a quem ralhou por não se saber conduzir para comigo. A princeza franziu as sobrancelhas, encolheu os hombros e declarou que não se podia dar comigo porque eu não sabia jogar, porque estava sempre a pensar noutras coisas e mais valia esperar pelo irmão Alexandre que breve voltaria de Moscou, porque então a vida seria mais alegre.

Mas Mme. Leotard pouco satisfeita com esta resposta, observou a Catarina que ela me abandonava quando eu ainda estava doente e não podia estar portanto tão alegre como ela; de resto, acrescentou, mais valia isso porque ela era muito dissipadora, fazia muitas tolices, tantas que até o cão «bouledogue» a tinha querido devorar. Mme. Leotard ralhou lhe asperamente, acabando por a mandar ter comigo imediatamente, para fazermos as pazes.

Catarina escutou Mme. Leotard com grande atenção como se na verdade compreendesse que nas suas palavras havia qualquer coisa de justo. Abandonando o arco que fazia girar na sala, aproximou-se de mim e olhando-me com muita seriedade, preguntou-me:

—Queres brincar?

—Não, respondi, medrosa de mim e dela, depois da descompostura de Mme. Leotard.

—Então que queres?

—Ficarei aqui. Custa-me correr. Somente quero que não estejas zangada comigo, Catarina, porque se amo muito.

—Pois bem, nesse caso, brincarei só, disse Catarina docemente, lentamente, como se compreendesse que não era a culpada.—Pois bem, adeus, não fico zangada contigo.

—Adeus, respondi, levantando me e estendendo-lhe a mão.

—Queres abraçar-me? perguntou depois de ter reflectido um pouco, provavelmente por se recordar da nossa scena e desejando ser-me o mais possivel agradavel.

—Como quiseres, respondi com uma timida esperança.

Aproximou-se de mim e muito seria, sem um sorriso, abraçou-me. Tinha feito assim tudo o que exigiam dela; deu-me mesmo mais do que o preciso para dar mais prazer á pobre creança com quem a mandavam brincar. Afastou-se de mim contente e alegre e logo em todos os quartos retiniram de novo os seus risos e os seus gritos, até que fatigada, mal podendo respirar, foi encostar-se no divan para repousar e recuperar novas forças. Durante todo o serão olhou-me desconfiada; parecia-lhe sem duvida muito original e excentrica. Via-se que desejava conversar comigo, desfazer um mal entendido a meu respeito, mas, desta vez, não sei porquê, absteve-se.

Geralmente era de manhã que Catarina dava as suas lições. M.me Leotard ensinava-lhe francês. As lições consistiam em gramatica e na leitura de La Fontaine.

Não a sobrecarregavam com muito trabalho, pois só com muita dificuldade conseguiram que ela estudasse duas horas por dia. Tinha consentido em estudar essas horas por pedido do pai e ordem da mãe e fazia-o muito conscienciosamente, porque tinha dado a sua palavra. Tinha grandes faculdades, compreendia tudo muito rapida e nitidamente, mas tinha pequenas excentricidades.

Quando não compreendia qualquer coisa punha-se a reflectir, sozinha; detestava pedir explicações. Isso parecia-lhe humilhante.

Contava-se que ás vezes se debatia todo um dia com uma questão que não podia resolver lastimando não a poder compreender sem ajuda de ninguem e só nos casos extremos, quando via que nada podia fazer, é que procurava M.me Leotard e lhe pedia para a ajudar a resolver o dificil problema. Era a mesma em todos os seus actos. Reflectia muito, embora á primeira vista não o parecesse. Ao mesmo tempo era muito infantil em proporção á sua idade; ás vezes gostava de dizer uma tolice e outras vezes as suas respostas eram cheias de esperteza e finura.

Depois, como eu já tinha forças para me ocupar em alguma coisa, M.me Leotard, depois de me ter submetido a um exame e de ter verificado que lia bem e escrevia mal, julgou absolutamente necessario ensinar-me o francês. Não fiz nenhuma oposição e uma bela manhã achei-me sentada com Catarina á mesa de trabalho. Mas nesse dia Catarina foi muito tola e distraida ao ponto de M.me Leotard não a reconhecer.

Quanto a mim, lógo á primeira lição, aprendi todo o alfabeto francês, porque tinha um grande desejo de agradar a M.me Leotard pela minha aplicação. No fim da lição M.me Leotard ralhou com Catarina:

—Repara nesta, disse ela indicando-me.

Uma creança doente que estuda pela primeira vez e que se adianta dez vezes mais do que tu! Não tens vergonha?

—Ela sabe mais do que eu? preguntou Catarina admirada. Mas ela só sabe o alfabeto.

—E quanto tempo levaste tu a aprender o alfabeto?

—Tres lições.

—Pois ela levou uma só. Desta forma ela compreende tres vezes mais depressa do que tu, e passará á frente rapidamente.

Catarina reflectiu um instante e depois, derepente, tornou-se córada, côr de fógo. Convencera-se da justiça da reprensão de M.me Leotard. Corada de vergonha, era sempre assim que a principio se manifestava o seu despeito quando lhe censuravam os defeitos, quando feriam o seu orgulho. Desta vez ia principiar a chorar mas deteve-se e limitou-se a lançar sobre mim um olhar colerico. Compreendi logo o que se tratava. A pequena era extremamente orgulhosa e ambiciosa.

Quando acabou a lição, M.me Leotard tentou fazer-lhe para dissipar o mais depressa possivel o seu despeito e mostrar lhe que eu em nada era culpada da reprimenda que ... dera. Catarina fingiu não ouvir ... Uma hora depois entrou no quarto onde eu estava, sentada deante dum livro, pensando em Catarina, surpreendida e triste por de novo ela ter deixado de me falar. Olhou me por alto, sentou-se como de costume no divan e durante uma meia hora não tirou os olhos de mim.

Por fim, não me contendo mais lancei lhe um olhar interrogador.

—Sabes dançar? preguntou Catarina.

—Não, não sei.

—Pois eu sei.

Silencio.

—E piano? Tocas piano?

—Não.

—Pois eu toco. E' muito dificil de aprender.

Calei-me.

—M.me Leotard diz que és mais inteligente do que eu.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4039 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 6 de Março de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

As tropas que cercam Lisboa não terminaram ainda a sua missão

E' indispensavel que o governo esclareça a opinião publica

Segundo uma noticia que apareceu hoje, pela manhã, e que tem, [illegible] de origem oficiosa, as tropas acampadas nos arredores da capital destinam-se a garantir ao governo a força material indispensavel para a execução de algumas reformas. Analisemos o caso, confrontando a informação com alguns pormenores.

A concentração de forças militares continua. Vieram, primitivamente, destacamentos fraccionados das três armas; presentemente, já ha batalhões de infantaria, esquadrões de cavalaria e grupos de artilharia. Na Amadora estão aboletados ou acampados 1.200 homens de infantaria. O arco de circulo que vai de Caxias a Sacavem e que constitue o cêrco terrestre a Lisboa, contém, no maximo, um efectivo de 8.000 homens, numero muito inferior, como se vê, ao que [illegible] por muita gente. Entretanto, vão chegando diariamente mais tropas e não sabemos qual será o efectivo total que o governo pretende concentrar em tôrno de Lisboa.

Segundo a informação oficiosa a que nos referimos no principio desta local o governo pretende apoiado nas forças militares que estão dentro e fora da cidade, decretar e fazer executar algumas reformas, julgadas indispensaveis para a consolidação da ordem publica. Nesta ordem de idéas, [illegible] Republica [illegible] por forma a servir para policiamento urbano e rural, reforçar [illegible] serviços do [illegible] dando-lhes definitivamente o caracter miliciano, [illegible] pela Republica logo após [illegible] proclamação, o dar-se-ha [illegible]

[illegible] informações que [illegible] entretanto, podem-se julgar-lhes os boatos que insistentemente estão correndo, chamando para êles a atenção do governo e do Parlamento. Segundo os boatos, uma parte das tropas [illegible] em volta de Lisboa [illegible] festado dentro da maior [illegible] E' certo, o desejo de que [illegible] aproveite a ocasião para se livrar [illegible] cidade de centenas de indesejaveis [illegible] materia prima com que contam todos os politicos que [illegible] recorrem para satisfação das suas ambições, para se fazer a passagem dos navios de guerra para o porto de Lagos, para se resolver a questão dos milicianos. Dizem tambem êsses boatos [illegible] reclamações [illegible] o governo, justificando-se por esta forma a demora [illegible] do assunto.

[illegible] lado, não se compreende [illegible] o governo informações seguras sobre a atitude hostil da Confederação Geral do Trabalho, e o que se passou ontem no Porto é a confirmação do que aqui temos dito sobre um movimento revolucionario geral, não tenha mandado ainda encerrar as sédes dos sindicatos operarios, acabando de vez com uma permanente ameaça, [illegible] o que dispõe de poderosas forças militares.

Supôs-se, a principio, que a concentração de tropas nas proximidades de Lisboa tinha por fim reprimir propositos subversivos atribuidos á Guarda Republicana. E' certo que êste corpo de tropas fez o pronunciamento militar outubrista. Em contraste com a indisciplina então objectivamente demonstrada [illegible] Guarda Republicana de Lisboa tem dado, posteriormente e sem hesitação ou interrupção, as mais claras demonstrações do seu espirito de subordinação ás ordens do governo. Fez e está fazendo a policia da cidade, sendo notavel o serviço prestado por oficiais, sargentos, cabos e soldados na vigilancia garantidora da liberdade de trabalho no serviço dos electricos.

No Porto rebentaram bombas a esmo e verificou-se tambem que a força publica — toda ela, sem excepção alguma — correspondeu plenamente á confiança que nela depositavam as autoridades legalmente constituidas. Deu-se, aliás, o mesmo quando foi pelos ares a fabrica clandestina de bombas, excelentemente instalada e montada numa dependencia do edificio da calçada do Combro — naquele tucassissimo predio onde funciona a C. G. T. com seu porta-voz «A Batalha» e outras agremiações tão pacifistas como aquela.

Parece-nos, pois, bem fundamentado, o pensamento de que não ha perigo imediato de subversão social, principalmente porque a Guarda Republicana, a Policia Civica de Lisboa, o Exercito, a Marinha em resumo, todas as organizações armadas que o Estado sustenta para garantia da ordem, continuam dominadas por indistructivel fé republicana e inabalavel espirito de disciplina.

Chegados, pois, a esta conclusão, confessamos que continua a ser, para nós e para o publico, um grande misterio o *Cêrco a Lisboa*. E' evidente que alguma coisa ha, diferente daquela que o governo já revelou. Mas que coisa é? Ignoramo-lo completamente. E ignora-o tambem o publico, que começa a bordar sobre o estranho caso as mais desencontradas e mesmo absurdas hipoteses. Já aqui o dissemos, mas repetimo-lo já: não é possivel governar em segrêdo. Esse tempo passou. O publico quere saber, sem demora e com clareza, porque motivo se estão dispendendo milhares de contos com uma mobilização e concentração de tropas, que parecem não ter fim. Nem fim, nem finalidade!

Se o republicanismo das forças que estão intra-muros da cidade não oferece duvidas a ninguem, o mesmo dizemos respectivamente daquelas que esperam, nos arredores da cidade, as ordens do governo. Trata-se, entretanto, de posições anormais, só justificaveis pelo imperio das circunstancias invulgares. E isso impõe ao governo a obrigação de actuar rapidamente, esclarecendo desde já a opinião publica ácêrca dos seus propositos. Nada receamos, absolutamente nada, no que respeita á segurança das Instituições. A paixão politica é, todavia, tão dissolvente, que já se falou em plebiscitos-presidencialismos, como se, porventura, a força publica se deixasse sugestionar pela intrigalhada politiqueira dos ambiciosos deslocados. Nem nós acreditamos que haja oficiais, dentro ou fora de Lisboa, que abram ouvidos a sugestões absolutamente prejudiciais á Nação e á Republica.

Insistimos com o governo para que dê completa satisfação ás exigencias da opinião publica.

A PROPOSITO DOS "VISINHOS DO MAR"

Uma carta de Antonio de Monsanto ao escritor Julião Quintinha

Meu Amigo — Acabei agora mesmo de ler o seu livro. Tenho-o aqui sobre a mesa ainda quente, prolongado pela sêde inquietante dos meus olhos, estreitamente mergulhado no halito [illegible] e [illegible] da sua emoção.

As suas novelas vieram agitar-me os sentidos, despertaram-me a emotividade adormecida, fazendo-a vibrar, fazendo estremecê-la, — trespassando-a até ao fundo.

E' que em todas elas perpassa e palpita o clamor comovente, a estuação dolorosa da vida a contorcer-se em angustias, a crispar-se em fremitos convulsos de estrangulada angustia, na [illegible] humanissima e pungente do drama, o drama das almas estraçalhadas, das almas predestinadas para o Tormento e para a Dôr.

Nas paginas vibrantes dos «Visinhos do Mar», a bondade alevanta-se em hinos, sobrepaira, engrandecida para o alto, e derrama-se, purissima, num efluvio cristão, afagando, comovida, em intimos lamentos, erguendo preces ardentes de amor e ternura e escalpando em magua nobilissimas e belas atitudes de renuncia.

Essa angustia fervente que o toca e adoece, meu caro Quintinha, o cortejo palitivo e revolto de tormenta que vai desdobrando a sua Ancia para um grande sonho de humanidade e utopia, é o acordo rumoroso, o ecoar [illegible] constrangedor, da tragedia dos humildes, dos transes decorridos: O sofrimento que os possue, que os amargura e aluma, gastando-lhes o sangue, consideração-lhes o pouco agreste e [illegible], é o mesmo que vai pousar na sua alma, em horas altas de paixão, e acender lampejos coruscantes de ternura, fremente pulsações de piedade e de carinho.

Os personagens revelados no seu livro são humanos, pertencem todos á vida. Você conta-lhes o ritmo, escutando-lhes os profundos sentimentos, as intimas amarguras e dramatizou-os depois, emocionadamente, comovidamente, destacando-lhes expressão e forma, relevo e atitude.

Sinto que as suas novelas foram escritas ao ritmo do seu sangue, que foram moldadas na vibratilidade escaldante, inflamada, dos seus nervos.

Você vibra a subjectividade, e os [illegible] estuante da linguagem. As palavras desprendem-se-lhe do coração, voluptuosas, latejantes, e vão pincelando orquestrações sugestionantes de Cor na ascenção perturbada da Miragem, no evocar sedencial, magicoso, dos sentidos.

Por vezes chega até a entontecer-se: A imaginação sobe, liberta-se e afoga-lhe o pensamento. Mas o equilibrio, a disciplina [illegible] já se [illegible], firme, bem [illegible], e [illegible] certo [illegible] definitivamente no seu proximo volume «Terras de Fogo».

Entanto, pode acreditar que nos «Visinhos do Mar» só encontro razões sinceras para um grande abraço em que vae o meu orgulho e a minha admiração comentada, estuante. Esse livro relumbra para mim enternecidamente, como um relicario, o relicario polícromado, e vivo onde você modelou, palpitantes, as suas lindas emoções, as suas saudades e loucos devaneios.

Quando há pouco o tinha preso entre as mãos, senti o seu perfume, um perfume sensual e romantico, feito de caprichosas volupias e certos beijos que endoidecem, de lagrimas translucidas, de perolas, e lividas trêmulas irremediaveis, emocionantes.

Agora só me resta guardá-lo num recanto bem sensivel, familiar, das minhas lembranças até que você o venha renovar, nimbado e pleno de seiva, no vôo ascencional, insaciado, da sua Arte.

ANTONIO DE MONSANTO

A resposta do sr. Afonso Costa

Quando o sr. Cunha Leal pediu a demissão colectiva do governo a que presidia — o leitor sabe-o muito bem — a primeira «démarche» do Chefe do Estado para a organização do ministerio que se lhe devia seguir consistiu em convidar telegraficamente o sr. dr. Afonso Costa a vir presidir no Terreiro do Paço, aos destinos do paiz. O ex-chefe democratico respondeu [illegible] nos seguintes termos, só agora tornados publicos:

Paris, 3 de fevereiro, ás 16 horas — Ex.mo Sr. Presidente da Republica. — Agradeço a v. ex.ª a honrosa prova de confiança que me dá, convidando-me para organizar ministerio com ampla liberdade de ação. Sou o primeiro a reconhecer que, perante a melindrosa situação da nossa Patria, ninguem tem o direito de invocar quaisquer razões pessoais para se recusar a tomar a devida quota parte nos sacrificios e nas responsabilidades. Por mim, estou disposto a não faltar a esse dever, e realmente sinto que terei de obedecer aos votos de v. ex.ª e da Nação, regressando brevemente ao poder, a fim de ficar bem com a minha consciencia. Desde ha quatro anos é primeira vez que assim falo e tenho prazer em declara-lo ao digno Chefe do Estado, meu grande amigo pessoal. Todavia, é evidente que o momento de eu poder ser util ainda não chegou. Entre outras razões convincentes que seria longo expor, falta resolver varios problemas, especialmente o do apuramento de todas as responsabilidades nos crimes de 19 de outubro, em que não posso nem quero ter interferencia. Julgo sinceramente que o Governo Cunha Leal, ou outro semelhante, poderia prestar esse relevante serviço á nação, dando simultaneamente, com o auxilio do novo Parlamento, mais alguns passos no caminho do levantamento economico e financeiro. Rogo, pois, encarecidamente a v. ex.ª que não insista neste momento em me encarregar de formar Governo, e que conte, todavia, comigo como cidadão, patriota e republicano, para reaparecer na administração publica quando a minha ação puder ser verdadeiramente de utilidade. Apresento a v. ex.ª as minhas afectuosas e respeitosas saudações. — (a) Afonso Costa.

Parece efectivamente que o sr. dr. Afonso Costa não tem sido feliz nos seus empreendimentos comerciais e industriais em França. Entretanto como o leitor vê, o sr. dr. Afonso Costa promete ao sr. Presidente da Republica regressar á politica logo que esteja resolvido o problema da ordem e logo que o problema financeiro e economico esteja em via de solução. Depois de tudo isto arrumado o sr. dr. Afonso Costa voltará para restabelecer a habitual desordem politica e para dar á parte das finanças os cuidados que lhe prestou durante o periodo da guerra que, como é do dominio publico, foram absolutamente nulos.

Imprensa

Disse-se em tempo que os srs. Castanheira de Moura e Guilherme Pessoa estavam no proposito de fazer sair as «Novidades» como orgão do governo do sr. Cunha Leal. Volta agora a dizer-se que o referido jornal sairá muito brevemente para fazer a politica do governo a que preside o sr. Antonio Maria da Silva. E' provavel que este boato não tenha confirmação como o anterior.

SEGREDOS A TODA A GENTE

«Visinhos do mar»

Julião Quintinha acaba de me enviar o seu ultimo volume. Embora a critica literaria esteja entregue neste jornal ao espirito culto de Armando Ferreira — eu não fujo á tentação de vir hoje referir-me a esse livro em que se adivinha, por vezes, o perfume fresco e saudavel do mar. Julião Quintinha que é bem um algarvio em tudo quanto pensa e em tudo quanto escreve, quiz contar-nos neste livro as suas impressões e as suas confidencias de novelista. Fez bem. Algumas das suas paginas que dir-se-hia escriptas na sombra viçosa das amendoeiras em flôr, revelam que estamos em presença de alguem que é muito novo ainda mas que ha de marcar em breve, um logar eminente entre os modernos prosadores — tão raros entre nós, como os bons poetas. Um pormenor curioso: todas as mulheres que passam no livro de Julião Quintinha, desde a Linda-feia «que aos vinte anos semelhava a figura duma pequenina mumia» até ao tipo encantador de Miss Lowe *que dir-se-hia surpreendida, com a sua vivacidade e os seus olhos azues, numa pagina de Abel-Hermant — todas elas se revestem de tanta ternura, de tanta delicadeza, de tanta emoção que nos seduzem, ao primeiro instante.*

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

As Florinhas da Rua

Uma instituição modelar. O muito que se deve ao senhor Arcebispo de Mitilene. Uma historia carinhosa

Os senhores não conhecem ainda bem a instituição das Florinhas da Rua... [illegible]

Um dia, ou antes uma noite, o sr. Arcebispo de Mitilene (não ha maneira de falar das «Florinhas da Rua» sem que o nome de s. ex.ª rev.ma nos ocorra logo de começo), uma noite, ia eu dizendo, o sr. Arcebispo de Mitilene, ao passar numa das ruas da Baixa, ouviu dum canto uma vozita dorida pedindo-lhe «uma esmolinha por amor de Deus».

Era uma raparigita coberta de andrajos e livida de fome. Fundamente impressionado, deu-lhe a esmola, fi cou-lhe sabendo o nome, recomendou-lhe que fosse boa, que não fizesse maldades e seguiu... seguiu o seu caminho meditando nos absurdos desta sociedade que se diz civilisada e que deixa morrer de fome, quando se não condena ao vicio tantas criancinhas inocentes.

Dessa hora de absorvente e bem angustioso meditar nasceu, creio, a instituição das «Florinhas da Rua» que se instalou na rua Camilo Castelo Branco e que hoje poderá ser visitada ao Campo de Sant'Ana. A pobre Maria para lá foi levada pelo sr. Arcebispo e lá encontrou já algumas outras crianças, como ela arrancadas á miseria e á desgraça.

Não lhe foi de grande dura o agasalho daquele lar: liriosinho apanhado dos lajedos da rua foi acabar de emurchecer ali, para ir reflorir no Céu, aos pés de Deus.

São umas tantas dezenas de raparigas — setenta ou oitenta, salvo erro, — as que naquela casa são abrigadas, mantidas e educadas no amor ao trabalho e á probidade, no habito da ordem e da limpeza e acarinhadas todas elas, como se todas elas constituissem uma familia, elas que duma familia verdadeira, que verdadeiramente as amasse e as educasse, se viram privadas desde os primeiros vagidos. São setenta; são talvez oitenta... Mas que é isso, em face do grandissimo numero de malfadadas que por aí se estiolam e se corrompem no ambiente mefitico da rua, ao Deus-dará, solicitadas por tantas, tantissimas tentações e depravações?!... Não era uma casa assim, não era, que se precisava; do que se precisava era de dezenas, de centenas de casas assim; por forma que de todo desaparecesse da rua a mendicidade infantil, de todas as mendicidades a mais revoltante, a mais antagonica ao progresso de que blazonamos, a mais incompativel com dezenove seculos de moral cristã!...

— A' certo que, pensando isto, é que o ex.mo Arcebispo de Mitilene deitou ombros á santa empreza de lhes dar guarida, como verdadeiro discipulo e ministro daquele Jesus que dizia: «Deixai vir a mim as criancinhas!»...

Foram ao principio meia duzia; são hoje meia duzia de dezenas; e o seu sonho, a sua ardente aspiração seria que fossem, que pudessem ser meia duzia de centenas, meia duzia de milhares: que fossem, que pudessem ser recolhidas e educadas, de forma a tornarem-se, depois de mulheres, boas mães de familia, boas educadoras, pela palavra e sobretudo pelo exemplo, todas quantas raparigitas abandonadas por aí calcurreiam as pedras da rua, a tiritar de frio e a cair de fome, de todos os cantos ouvindo a voz aliciadora do crime e do vicio!

Para que esse sonho se aproxime, de cada vez mais, da realidade, o que é preciso? — Que todos os corações compassivos ocorram com o seu obulo pequeno ou grande, será sempre bem recebido e excelentemente aplicado. Sobeja garantia deste meu asserto é o caridoso fundador das «Florinhas da Rua», o ex.mo Arcebispo de Mitilene, sr. D. João Evangelista de Lima Vidal.

A questão do Oriente

LONDRES, 6. — O ministro dos negocios estrangeiros da Italia pediu que se adiasse para 21 do corrente as conversações entre a Inglaterra, a França e a Italia que terão logar em Paris para tratar dos problemas do Oriente. — (R).

Aos doentes tuberculosos

Ignoram dos ilustres tisio-terapeutas srs. drs. Lopes de Carvalho, Alberto de Souza, Firmino Alves, Simões Ferreira, Cassiano Neves, Mendes Dordio, etc. etc., se conhecem algum recalcificante que possa comparar-se á «Fibrocalcina», e algum extracto de carne como a «Zomolose».

O exercito vermelho

COPENHAGUE, 6. — Dizem de Moscou que o conselho de defesa resolveu reduzir o mais possivel o exercito que conta 1 milhão e meio de homens, apezar do conselho executivo central ter rejeitado a proposta de Lenine diminuindo-o de cincoenta por cento e votado dezasseis milhões para material de guerra. — (R.)

MUSICA

A época 1921-1922 no Teatro de S. Carlos

Depois de ter movimentado a vida estreita e apagada desta cidade capital, fechou ha poucos dias as suas portas de ouro o Teatro de S. Carlos.

Parece-nos interessante, depois de termos dia a dia feito a nota de cada representação, dar hoje a opinião de conjunto marcando o valor da epoca e por ventura os seus defeitos.

Porquanto é inegavel que a epoca de 1921-22 teve os seus valores e teve os seus defeitos.

Organisada a companhia em circunstancias medonhas, lutando-se com a má impressão que no estrangeiro ocasionara o movimento de 19 de Outubro, lutando-se com o constante agravamento do cambio e com a dificuldade de organizar uma Companhia numa epoca adiantada, organizada essa Companhia já depois de se terem desfeito todas as demarches para uma primeira tentativa, ela apresentou-se em Lisboa com um conjunto de Artistas que em qualquer teatro e com qualquer publico afirmavam um sucesso.

Abriu a temporada com o Tristão e Isolda e bem se pode dizer que abriu com chave de ouro pois foi dos maiores sucessos deste ano.

Ora Bianchi, Sullivan e Bolina foram tres tenores que o publico ovacionou. Formichi foi um dos bons triunfos da epoca e Cirino continuou os louros conquistados.

Lina Bland, Mireille Berthon, Alma Buesa, Sibanesewa e Sadoven foram Artistas que S. Carlos ouviu com prazer nos seus elencos.

Gui, Samosound e Blanch deram-nos noites duma Arte evisada não sendo facil esquecer a maneira como Wagner foi interpretado.

Durante toda a epoca não falando na Butterfly nem na Tosca nem na Bohême houve uma linha regular de equilibrio que se manteve até ao fim e que é digno dos maiores louvores.

E se a temporada tinha começado com brilho, esse mesmo brilho se notou nos ultimos espectaculos fechando com uma Aida e com uma Carmen que ma ona.

E se para o encerrar foi preciso um esforço grande da parte dos membros da Comissão [illegible] é bom frisar a influencia que [illegible] ção teve [illegible] direcção da Companhia, e [illegible] influencia nos meios artisticos tornou possivel a vinda de muitos dos artistas que maior sucesso obtiveram.

No entanto é preciso que nas proximas epocas se preparem as coisas de modo a que não suceda o que sucedeu este ano. Operas que se não deram depois de anunciadas, um trabalho exaustivo de preparação que não permitia o brilho absoluto que por vezes poderia ter tido, e a contínua representação de operas que já não teem interesse enquanto outras já popularisadas no estrangeiro esperam a vez sempre adiada duma estreia em Lisboa. E como padre capital impõe-se a necessidade da representação de originais portugueses, feita por artistas portugueses e estrangeiros dentre todos com esta condição.

Num teatro que o Estado subvenciona — no que não faz mais do que a sua obrigação — é bom proteger um pouco a Arte Nacional.

A musica vai cada vez mais despertando um grande interesse no nosso publico e é preciso em absoluto que se vá ao encontro desse interesse não o cansando com o mesmo repertorio todas as epocas.

Fala-se já em projectos [illegible] para a proxima epoca. Ninguem mais ardentemente do que nós deseja a sua realização. Daqui até lá ha muito tempo para se pensar e para se realisar todo um programa. Oxalá que assim se faça!

E para dar uma ultima nota desta cronica é curioso apontar que o publico vai retomando sem pressa as suas cadeiras e os seus camarotes velhos.

Nem aquele publico do Coliseu, mas o velho publico de S. Carlos com os assinantes, os amadores de musica, os novos-ricos, muitos dos quais anda[illegible] que sem saber [illegible] os corredores.

M. C.

Factos e palavras

Muitos portugueses, espectadores mais ou menos indiferentes do tablado da politica monarquica, estranharam, no entanto, a atitude quasi agressiva que algumas figuras graduadas das hostes manuelinas mantiveram para com a sr.ª duqueza do Porto, no proprio dia dos funerais do Principe de Bragança.

Tal *frieza* parece-nos de certa logica coerente. Quando não houvesse mesmo outro motivo para essa atitude de gêlo, bastaria recordar que S. A. R. é *Nevada*...

◆ ◆ ◆

Na homenagem oportuna e merecidissima que ao fulgurante espirito de Antonio Candido o nosso colega *Diario de Noticias* vai dedicando [illegible] aspectos [illegible] inolvidaveis.

Assim, numa carta do sr. Lourenço Cayola, consideravel de reminescencias historicas, o dramaturgo imperturbavel da «Berredas» tinha prazer em [illegible] va, em saudades [illegible] torneiosa de oratoria, [illegible] que assistira deleitado nas galerias de S. Bento, em certas digestões antigas da sua refastelada [illegible] idade.

Permita-nos o antigo espectador dos «torneios» que lamentemos sinceramente que tanto brilho e tão deleitosa literatura afugentasse toda a acção pos[illegible] nos tivesse trazido, com [illegible] causas e efeitos subseq[illegible] lamentavel ver[illegible], falta legitima daquela [illegible] dos torneios literarios, que [illegible] profundo mal fez ao P[illegible] um prazer de [illegible] alma e no coração [illegible]

◆ ◆ ◆

[illegible] grande e amavel [illegible]. Na sexta-feira realisa-se, na deliciosa chalet que é [illegible] no Chiado, uma ceia [illegible] de 50 pessoas onde se farão [illegible] representar actores e actrizes, jornalistas, artistas e [illegible]

Os seus organisadores são os srs. José [illegible] e João Amaral.

◆ ◆ ◆

Numa das salas da redacção do magazine que o sr. Antonio Ferro dirige foi [illegible] o original *Naufragoso*, da sr.ª D. Maria Fernanda de Castro. A postura do «Ante-manhã» e das «Danças de Roda» leve, perante um numeroso [illegible] hora [illegible] dignes. Desde o sr. conde de [illegible] ao sr. Alfredo Pimenta e ao sr. Afonso [illegible] tudo [illegible]

A leitura foi feita pelo sr. Antonio Ferro e primorosamente. Ao que parece, o trabalho da ilustre escritora, que a «Capital» se orgulha de ter classificado no seu concurso de peças teatrais, será representado na proxima época do Nacional.

◆ ◆ ◆

A natalidade continua a decrescer em França tendo havido na segunda metade do ano passado menos [illegible] nascimentos do que na precedente.

◆ ◆ ◆

Um novo vapor de 10.000 toneladas foi lançado por conta da Hamburg America. Este vapor é destinado ao serviço regular entre Hamburgo e New York.

◆ ◆ ◆

Pelo ultimo censo a população da Italia é de trinta e um milhões tendo-se mantido o aumento de 10 % no ultimo ano.

No mesmo periodo a população da cidade aumentou 40 %.

◆ ◆ ◆

O conselho municipal de Colonia votou um credito de mil e quinhentos e dois milhões de marcos para a construção de edificios para a feira que se realiza naquela cidade.

◆ ◆ ◆

As importações de ouro nos Estados Unidos em Janeiro de este ano [illegible] $11.680.000 em Dezembro. Nos sete meses que terminou em 31 de Janeiro, as importações atingiram $371.877.000 contra $326.251.000 no mesmo periodo de [illegible].

As exportações de Janeiro somaram $803.000 contra $1.725.000 em Dezembro. Nos ultimos sete meses as exportações elevam-se a $18.064.000 [illegible] ano anterior.

"O Mundo"

Reapareceu ontem este nosso colega da manhã sob a direcção do nosso querido amigo sr. Urbano Rodrigues. Jornal com larga e poderosa influencia da grande massa republicana que é o povo, aparece-nos agora não só com uma redacção muito apreciavel, mas ainda mais, com uma feição politica que deve merecer os nossos aplausos por ser aquele que mais se conduna com os bons principios da Democracia. Orgão brilhante dos tempos da propaganda, sempre pronto a batalhar pela causa da Republica, nesta sua nova fase «O Mundo» vai marcar no jornalismo do paiz aquele logar a que tem direito pelos seus longos anos de apostolado. Ao colega que reaparece e ao seu ilustre director os nossos mais efusivos cumprimentos e votos de prosperidade.

Exposição do Rio de Janeiro

Menezes Ferreira e Jorge Barradas convidam todos os seus colegas, desenhadores e caricaturistas a comparecerem no café Montanha na proxima quinta-feira pelas 21 horas para tratarem de assuntos que se relacionam com a representação artistica na exposição do Rio de Janeiro. Pede-se o obsequio de não faltar.

O ciclone que passou no Chinde

Uma canhoneira portuguesa destruida

LONDRES, 6. — O correspondente do «Times» na Beira dá uma coluna de detalhes sobre a catastrofe causada pelo ciclone no Chinde. A canhoneira portuguesa Salvador Correia ficou completamente destruida. Das 800 casas de que se compõe o Chinde, sómente oito ficaram intactas. O ciclone, durou das 8 da manhã á meia noite e nalguns momentos o vento atingiu a velocidade de 75 milhas á hora. Consta que entre os mortos ha 3 europeus e 60 indigenas. — (H.)

A revolução em Fiume

A atitude do governo italiano

ROMA, 06. — O governo resolveu fazer o possivel para restabelecer a normalidade em Fiume e garantir a liberdade de voto aos habitantes. Reforçou já para isso o contingente italiano e fez guardar por tropas a fronteira italo-fiumeza.

O governo da Yugo Slavia tomou analogas medidas. Os deputados fascistas concorreram com a acção do delegado do governo italiano Castelli.

O comité da defeza anunciou a anexação de Fiume á Italia.

O numero total de feridos nos ultimos motins é de 40 dos quais 5 gravemente. — (Lu'. Am.)

Caça

No dia 2 do corrente foi dada posse, pela direcção do Club dos Caçadores Portuguezes, aos membros da Comissão Venatoria Regional do Sul, eleitos no dia 26 de Fevereiro p. p., em harmonia com o que dispõe o artigo 28.º da Lei da Caça de 7 de Julho de 1913, os quais, para darem cumprimento ao que dispõe o artigo 26.º da citada Lei, reuniram no dia 4 do corrente e elegeram, respectivamente, Presidente e Secretario da mesma, os ex.mos srs. dr. Antonio Arouca Branco e dr. Francisco José Sanches Coelho.

A referida comissão, ficou instalada, para todos os efeitos, no Largo de Camões, ao Rocio, n.º 4, 2.º-E., para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

EM TERRAS ALIADAS

O casamento da filha do Rei de Inglaterra

Um dia de festa em Londres

Celebrou-se em Londres na historica catedral de Westminster o casamento da Princesa Mary filha do Rei de Inglaterra com o visconde de Lascelles. Foi esse um notavel acontecimento no Reino Unido revestindo uma solenidade a que todo o povo ingles com grande jubilo se associou.

O visconde de Lascelles que deve ter aproximadamente 40 anos foi educado em Eton e no Real Colegio Militar. Como todos os jovens nobres ingleses assentou praça num regimento de elite o de Granadeiros da Guarda. Foi depois adido da embaixada em Roma, e ajudante de campo do governador geral do Canadá, o conde Grey. Quando do começo das hostilidades bateu-se no «front» com o seu [illegible] regimento foi duas vezes ferido [illegible] pela Inglaterra e [illegible] tudo isto seu [illegible] herdou durante a guerra [illegible] marquez de Clanricarde, a linda soma de dois milhões e meio de libras.

A esta princesa inglesa que foi unir-se a um ingles foram entregues presentes do maior valor, e do mais requintado bom gosto. Tantos são eles que se tornou necessario transferir a sua exposição do palacio de S. James para o de Buckingham onde sete grandes «vitrines» de dois metros de altura receberam metade deles.

Safiras e diamantes, azul e branco eis é o principal motivo dos presentes oferecidos, por serem essas as pedras predilectas da princesa.

O rei deu á sua filha unica uma tiara, um adereço e um anel de diamantes e safiras de rara beleza; a rainha uma enorme safira de um azul tão profundo que parece negro, cercado de diamantes e montado em alfinete; o principe de Galles um bracelete incrustado de diamantes e safiras da forma da moda e um automovel de grande marca. A rainha Alexandra, num estojo com uma dedicatoria de tocante simplicidade, ofereceu um curioso colar de seis fileiras em que dominam as perolas e as esmeraldas. Este adereço de diamantes é uma oferta de Lord Inchcape; aquele longo colar de perolas de uma pureza unica, uma lembrança das mulheres do imperio que tambem se chamam Mary; aquele outro colar de perolas dos cidadãos de Londres; outro não menos belo dos de Liverpool.

E ali, naquele canto da vitrine, estão os presentes da princesa ao seu noivo: uma corrente de relogio com finos aneis de ouro e platina, aqui e além espaçados a perolas, e duas caixas de prata de artistico trabalho gravado. O visconde Lascelles ofereceu á princesa uma «barrette» de safiras e diamantes, uma «rivière» e um «pendentif» composto de diamantes e duas grossas perolas.

Foram igualmente expostas nas «vitrines» de Buckingham as baixelas de prata e «vermeil» e outros objectos de uso pessoal. Tres grandes pratos com scenas guerreiras são uma dadiva de Lloyd George e dos seus colegas do gabinete. Mais presentes riquissimos do corpo diplomatico; um grande espelho e candelabros do seculo XVII com esta dedicatoria: «á coronela princesa Mary os seus irmãos oficiais do Reino Unido». E sucedem-se agora os grandes leques de penas de avestruz montados em tartaruga, oferecidos pela Africa do Sul, e por lady Northcliff o mais belo manto de Zibelina que se conhece; imensas caixas contendo centenas de pares de luvas, pela velha confraria dos luveiros.

Joias aos centos, valendo milhões, tantas que a princesa pode durante um ano, todos os dias enfeitar-se com uma joia diferente. Mas o que ela mais estima são os pequeninos objectos, sem grande valor intrinseco, quadrados de renda, por exemplo, que lentamente teceram mãos tremulas de velhinhas que queriam á filha do seu rei oferecer alguma coisa no dia do seu casamento, ou esse espelho com caixilho de prata que trabalharam os dedos incertos dos cegos da guerra...

Desde as 10 horas da noite da vespera do casamento imensa multidão incluindo inumeras mulheres, com banquinhos e outros objectos de acampamento, assentou arraiais nas ruas que o cortejo nupcial devia percorrer, dispostos todos a passar uma noite em claro para melhor assegurarem favoraveis posições á sua curiosidade.

Inicialmente a chuva caiu com abundancia, muito contribuindo para prejudicar as decorações.

A princesa foi acordada nesse dia solene por sua mãe que a foi beijar e apresentar-lhe os seus votos de felicidade. E' uma velha tradição da familia real essa que estabelece que no dia dum casamento a noiva dirija primeiro a palavra a sua mãe e depois a seu pai.

Desde as nove da manhã que todas as ruas de acesso á abadia de Westminster foram ocupadas pela policia. Só passava quem tinha bilhete de convite. A ordem da cerimonia foi previamente regulada, tendo-se procedido mesmo a um ensaio geral da cerimonia para que nada faltasse á ultima hora.

A's 11,12 o cortejo da rainha Alexandra encontra-se com o cortejo principal. Compõem-no duas carruagens: na primeira a rainha e a princesa Vicoria; na segunda a duqueza de Portland e a condessa de Oxford, dama de honor da rainha, o seu oficial ás ordens e secretario particular.

A's 11,15 chega o noivo que entra por uma porta lateral da abadia chamada a porta dos poetas, e é conduzido á poltrona que lhe foi designada pelo mestre de cerimonias. O cortejo da rainha compõem-se de três carruagens; na primeira o duque de York e o principe Henrique. As outras duas com personagens do sequito. O cortejo do rei e da princesa Mary sai do palacio ás 11 horas e 16 minutos. Chega a Westminster ás 11,28 exactamente antes da hora fixada para a iniciação da cerimonia. Cada cortejo tem uma soberba escolta formada pelos regimentos do corpo da guarda. E o desfile sumptuoso começa dentro da igreja, a princesa pelo braço de seu pai, oito pequeninos pagens segurando a cauda do seu vestido. Atrás delas as damas de honor.

O orgão entoa a «Marcha nupcial» de Guilmant e a «Benção de nupcias» de Saint-Saens. E' um minuto de estranha e impressionante grandeza.

Agora, de joelhos aos pés do altar, os noivos escutam a predica do arcebispo de Canterbury finda a qual de novo os hinos religiosos se desenrolam em ondas de harmonia na atmosfera da igreja banhada pelo espectro luminoso do mosaico multicor dos vitrais, expressamente restaurados para a cerimonia.

Para assinar o registo de casamento passam a princesa Mary e o visconde de Lascelles á capela de Eduardo, o Confessor, o mais venerado santuario de toda a Grã Bretanha. Acompanha-nos o rei e a rainha, o arcebispo e outros altos dignitarios da igreja. Agora o orgão executa as «Marchas nupciais» de Gounod e Mendelssohn. Fóra na rua, ribomba a artilharia uma salva de honra. Entrados na capela pela porta da Rainha os recem-casados saem pela porta do Rei. Terminou a cerimonia. Organisou-se de novo o cortejo para a saida.

Os sinos tocam. Oito sineiros estão encerrados nas torres de Westminster e o seu concerto de sinos vai durar tres horas e meia.

A cerimonia acabou ás 12,15.

Os noivos partem logo, desta vez á frente do cortejo.

Seguem-nos o rei e a rainha.

Vão a Buckingham-Palace, por entre filas de tropa de grande uniforme, e constantemente aclamados pela multidão.

A's 3,45 partirão para Paddington Station, onde um comboio especial — o «expresso» da lua de mel, como lhes chamam os ingleses — os conduzirá a Staffordshirehouse; ali descançarão alguns dias antes de partir para Florença, onde a vila Media Fiesole, situada a quatro quilometros da cidade, lhes está reservada.

MUSICA

Concerto de homenagem á memoria de David de Sousa e em favor de sua mãe

Com um programa escolhido e casa quasi cheia, realisou-se mais um concerto extraordinario da «Orquestra Sinfonica de Lisboa» sob a direção do maestro Fão.

Temos primeiramente que felicitar o empresario Luis Pereira pela feliz ideia que teve, aliando ao fim altruista a que destinou o producto da festa, pois ouvimos que a receita era toda destinada á beneficiada, e proporcionar ao publico uma tarde de boa musica não faltando uma composição do homenageado para nos avivar mais a saudade que o seu desaparecimento da vida nos deixou. Foi com efeito um rude golpe que a arte musical portuguesa sofreu e que produziu uma vaga de não facil preenchimento; a inteligencia e boa vontade de Fão, tem procurado porem suprir essa falta e muito já tem conseguido nesse sentido.

O programa foi, como já ficou dito, bem elaborado, porque nos fez saborear, acepipes delicados como a «Euryjanto» de Weber, e «Momento musical» de Schubert, titulo bem adequado, porque foi decerto num felicissimo momento que o grande compositor escreveu este mimoso trecho, e Fão interpretou-o tão bem e com tal delicadeza foi executado, que o publico entusiasmado pediu a sua repetição, e paginas sempre belas por mais que se ouçam como o «Peer Gynt» de Grieg, e a «6.ª Sinfonia» (Patetica) de Tschaikowsky.

Eu tenho uma predileção especial por Grieg e por isso talvez seja suspeito nos elogios que possa fazer a essa «suite» admiravel que se chama «Peer Gynt», mas a verdade é que tenho um verdadeiro exercito de companheiros e sobretudo lamento não conhecer toda a partitura de que a «suite» é apenas um apanhado de quatro fragmentos. A orquestra executou-a bem e se na «Danse de Anitra» talvez carecesse de mais um pouco de leveza, a «Morte de Ase», constituiu o «clou» do concerto. A sua execução foi superior.

A «sinfonia patetica» foi atacada com brio, tendo Fão conseguido vencer as dificuldades de tecnica de que a obra está cheia, sobretudo no quarto tempo «Adagio lamentoso» em que a musica descreve bem o estado de espirito do autor, como que adivinhando a morte proxima.

Na 3.ª parte, foi servido o «dessert» do epiparo festim, e, dentre os tres numeros executados, não sei por qual me decidirei, se «Rouet d'Omphale» de «Saint-Saens», a musica parece fazer-nos assistir á luta entre a astucia de Omphale e a força de Hercules; nem rendilhado magnifico só para instrumentos de arco, mimoseando-nos Fão com a «Aria em ré de Bach», terminando o concerto pela «Rapsodia slava de David de Sousa», soberba pagina de musica que a orquestra deu o requerido relevo.

A assistencia de que fazia parte o sr. Presidente da Republica, aplaudiu freneticamente os executantes e em especial o seu director e o empresario.

T. M.

A luta em Marrocos

Os mouros têm medo dos bombardeamentos aereos

MELILLA, 6.—As forças da coluna do general Berenguer realisaram um reconhecimento até a antiga posição de Tumabassam.

A cavalaria chegou até Ulad encontrando roupas e uniformes de soldados de artilharia.

Formou-se uma forte coluna que não encontrou o inimigo e as baterias canhonearam varios grupos que apareceram nas imediações dispersando-os.

Comprovou-se que os mouros temem muito os bombardeamentos aereos.—(R.)

Regressaram a Madrid os adidos militares estrangeiros

MADRID, 6.—No expresso da Andaluzia regressaram os adidos militares estrangeiros que tinham ido a Marrocos visitar os acampamentos espanhois.—(R.)

Brindes

Da casa Camilo, Salvador, Silva, Branco, L.da, com artigos de papelaria e tipografia, litografia e encadernação, rua 1.° de Maio, 108, recebemos um elegante calendario de parede para o corrente ano, que muito agradecemos.

CURIOSIDADES

O infante D. Afonso salvo por um faroleiro

Em 2 de Outubro de 1873 andava a rainha D. Maria Pia a passear com os seus filhos D. Afonso e D. Carlos, na praia do Mexilhoeira, entre o farol e a Boca do Inferno. Arrastados por uma vaga alterosa foram os dois principes precipitados num pégo com tres metros de profundidade.

O valente faroleiro Antonio Almeida Neves, que estava presente lançou-se ao mar e salva o infante D. Afonso, trazendo-o para terra e a rainha D. Maria Pia, que, tendo ido em socorro de seus filhos, ao infante estava abraçado; em seguida salva tambem D. Carlos.

O rei D. Luiz agraciou o arrojado faroleiro com o habito e colar de Torre e Espada e o governo italiano deu-lhe uma valiosa medalha de ouro.

Pelo nosso governo foi-lhe tambem arbitrada uma pensão de 18$000 mensais.

O infante D. Afonso nasceu a 31 de Julho de 1865 e faleceu em 1920, com 55 anos.

Foi condestavel do reino até depois do assassinio de seu sobrinho Luiz Filipe em 1908, isto é, até á proclamação da Republica, em 5 de outubro de 1910.

Filhos primogenitos dos reis portuguezes que não chegaram a reinar

D. Henrique, filho de D. Afonso I. Faleceu de poucos anos. D. Fernando, filho de D. Afonso III. Morreu ainda creança; D. Afonso, filho de D. Afonso IV. Morreu de poucos mezes; D. Luiz, filho de D. Pedro I e de Dona Constança. Morreu de tenra idade; D. Pedro, filho de D. Fernando I. Morreu na infancia; D. Afonso, filho de D. João I. Morreu ainda pequeno; D. João filho de D. Afonso V. Morreu de pouca idade; D. Afonso, filho de D. João II. Morreu com 16 anos de idade, da queda de um cavalo, nas margens do Tejo, junto a Santarem; D. Miguel, filho de D. Manuel I. Morreu poucos dias depois de nascer; D. Afonso, filho de D. João III. Morreu creança; D. Teodósio, filho de D. João IV, nasceu em Vila Viçosa quando seu pai era ainda duque de Bragança (viuvo). Morreu com 19 anos de idade; D. João, filho de D. Pedro II. Morreu de pouca idade; D. Pedro, filho de D. José V. Morreu tendo 2 anos de idade; D. José, filho de D. Maria I. Morreu com 27 anos de idade; D. Antonio, filho de D. João VI. Morreu com 6 anos idade; e D. João filho de D. Pedro IV. Morreu na infancia; e D. Luiz Filipe, filho de D. Carlos I, que foi assassinado no Terreiro do Paço em 1908, tendo 20 anos de idade e poucos mezes.

Várias

O ultimo condestavel em Portugal foi o infante D. Afonso. O titulo de principe é de origem italiana. O primeiro filho dos reis de Portugal que teve o titulo de principe, foi D. Afonso, filho do rei D. D. Duarte e o ultimo D. Luiz Filipe, apesar do infante D. Afonso depois da morte de seu sobrinho ser jurado herdeiro presuntivo da corôa, no reinado de D. Manuel II, seu sobrinho. O tratamento aos primeiros reis de Portugal foi o de «mercê». Depois passaram a ter o de «alteza», que durou até ao reinado de D. Sebastião. Em 1570, tendo Filipe II de Espanha uma entrevista com o monarca português e recebendo que D. Sebastião lhe desse o tratamento de alteza diante da Côrte, quando ele já usava o de magestade, apressou-se a dar-lhe tal tratamento. Assim o ficaram usando tambem os soberanos de Portugal, até ao dia 23 de Dezembro de 1748, data em que o Papa Bento XIV concedeu a D. João V o titulo de «Magestade Fidelissima» que os reis de Portugal principiaram a usar até 1910. O titulo de duque principiou a usar-se em Portugal no tempo de D. João I.

A. G.

Tribunal de Defesa Social

Julgamento de 6 individuos, sendo condenados 2 e os restantes absolvidos

No Tribunal de Defesa Social, sob a presidencia do juiz sr. dr. Joaquim Crisostomo, foram julgados os srs. José Pinto Martins, acusado de na noite de 4 de Dezembro do ano findo ter arremessado uma bomba á porta do café «Chave de Ouro»; Manuel Simões Dias, acusado de lançar uma bomba na residencia do sr. Alberto Francisco d'Almeida, natural do Porto.

José Pinto, o «Lisboa», Jesué Alves de Oliveira e Eduardo Estevam Alves, por vadiagem.

O sr. José Pinto Martins foi absolvido.

Igual sorte tiveram José Pinto o Lisboa e Jesué Alves de Oliveira.

Os restantes acusados foram condenados a pena maior.

Gregorio Porfirio da Costa

FALECEU

A Direcção da Albergaria de Lisboa participa aos srs. subscritores desta Instituição e pessoas das suas relações o falecimento do seu estimado Vice-Provedor, sr. Gregorio Porfirio da Costa e que o seu funeral se efectua amanhã, 7, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da rua das Amoreiras, 76.

Em Tokio

Um «complot» descoberto

NEW YORK, 5.—Sabe-se aqui por informações recebidas de Tokio que foi preso um jovem japonez acusado de tentar assassinar o principe Tokugawa, presidente da Camara dos Pares e um dos delegados niponicos á Conferencia de Washington. Guarda-se grande reserva no Japão sobre o assunto, constando, porém, que havia um plano formado para assassinar o principe na estação do caminho de ferro, na ocasião do seu regresso dos Estados Unidos. — (Lat. Am.).

Tumultos em Hong-Kong

HONG-KONG, 6.—Teem continuado os tumultos entre a população chineza. As forças inglesas fizeram fogo matando tres indigenas, depois invadiram o bairro chinez tendo-se apoderado de grande quantidade de armas e munições. Soldados ingleses com metralhadoras ocupam todos os pontos estrategicos estando o governo disposto a manter a ordem a todo o transe.—(R.)

O general Wrangel

vai de novo atacar o exercito vermelho

BELGRADO, 6.—Foi aqui recebido com grandes manifestações de entusiasmo o general russo Wrangel. O general veiu de Constantinopla com o projecto de mobilisar novamente as forças do seu antigo exercito para de novo atacar a Russia. O general supõe que lhe será possivel obter um emprestimo para equipar o seu exercito e que a França lhe cederá os navios russos que tem em seu poder. O general Wrangel e os emigrados russos supõem que agora a ocasião era favoravel para atacar os «sovietes» porque o exercito vermelho está muito desmoralisado.—(R.)

A Provincia na "Capital,,

FARO, 4 — Por não haver carvão, não se fizeram hoje alguns comboios de mercadorias e de passageiros entre Vila Real e Portimão.

Faleceu a sr.ª D. Maria Martins, esposa do sr. Antonio Sousa Martins Caseiro, viajante.

— Começaram os grandes ensaios no Teatro Letes da *Stile Farense*, que já no ano findo se distinguiu com a opereta o «Burro do senhor Alcaide», ensaiada pelo dr. Frutuoso da Silva. — (H.).

TAVIRA, 4 — Realizou-se na quarta-feira passada a procissão de Cinzas, tendo vindo de outras terras muitos forasteiros. Tocou a filarmonica Limpinhos. Os campos estão lindos e os agricultores satisfeitos. No teatro Tavirense houve, na quarta-feira, o baile de mascaras, como tambem é costume em Espanha, denominado da *Pinhata*.

— Faleceu a mãe do comerciante sr. Manuel Antonio Pais.

— Está em Tavira o director do jornal «Folha do Sul, de Faro; sr. Antonio Crisostomo dos Santos. [illegible]

ULTIMA HORA

Ordem Publica

A U. S. O. apresenta as suas reclamações sobre a gréve dos electricos, ao chefe do governo

Depois de varios vezes adiada reuniu hoje pelas 11 horas no ministerio do Interior o Conselho de Ministros o qual, segundo a nota fornecida á imprensa, se ocupou mais uma vez do problema da ordem publica.

Foi demorado o Conselho pois se prolongou até depois das 14 horas, indo em seguida os ministros almoçar e seguindo uns para o Parlamento enquanto outros voltavam as suas secretarias figurando neste numero o Chefe do Governo que ás 16 horas se encontrou de novo no seu gabinete.

O problema da ordem publica cinge-se neste momento ás greves, do pessoal dos electricos e das classes maritimas procurando o Governo liquidar estes conflitos num curto praso de tempo. A gréve maritima está mais ou menos em via de solução restando pois o movimento do pessoal da Carris cuja solução a U. S. O. reclama que seja feita com honra para os grevistas.

A U. S. O. por intermedio do seu secretario interino sr. Eduardo Jorge enviou ao Chefe do Governo um extenso oficio em que historiando-se a greve se apontam os motivos da mesma ou seja ter sido suspenso um empregado e despedido outro quando a referida direção se havia comprometido a não exercer represalias. Embora no documento em questão se constate que a paralisação dos electricos muito prejudica o publico, a U. S. O. declara não poder ficar de braços cruzados em face do conflito o qual em sua opinião deve terminar com honra para aqueles que teem dado um exemplo de abnegação pelos seus camaradas castigados.

Não permitirá o sindicato que o pessoal da Carris perca o movimento exigindo que o mesmo termine breve e que os grevistas saiam de cabeça erguida evitando-se assim que a questão tome um caracter mais grave.

O oficio enviado ao presidente do Ministerio encerra ameaças positivas [illegible] não se coadunam com o desejo manifestado por varias classes de que tudo regresse á normalidade. Nessas condições facil é concluir que o chefe do governo não pode tomar conhecimento de um documento que em termos violentos e em pé de guerra, aponta o caminho que os ministros teem de seguir...

Não foi pois vista com simpatia pelo governo a orientação seguida pela U. S. O. e muito menos depois dos acontecimentos decorridos no Porto, os quais dão a impressão da efectivação das ameaças constantes no conhecido manifesto ha dias apreendido pela policia e que apareceu afixado nas ruas da capital.

Embora o porta-voz da organisação operaria portuguesa, desminta os boatos que correram de uma greve revolucionaria, o governo estava informado do que tal gréve se preparava, sendo como informado foi de que o movimento não rebentou em Lisboa, devido ao facto de ainda se acharem concentradas forças militares em redor da cidade. Nessas condições pensou-se então em alterar a ordem em varias cidades do Norte para onde seguiram alguns agitadores que apenas conseguiram estabelecer um certo desassocego no Porto, falhando por completo o plano de lançar a desordem nas outras cidades. E' que o governador Civil do Porto informado a tempo do que se planeava tomou as devidas precauções evitando assim que se registassem casos de maior gravidade. E eles não se deram porcerto, pois que no Norte aguardam que se achem concentradas forças as quais como em Lisboa intervirão caso sejam chamadas para restabelecer a ordem e a tranquilidade...

Muito se tem dito sobre a concentração de forças militares nos arredores de Lisboa e Porto sendo, os jornais que se dizem bem informados os primeiros a espalhar alvoradas.

Voltamos hoje a afirmar que as concentrações de forças militares se fizeram com o fim das tropas colaborarem na manutenção da ordem publica, ameaçada com as greves e ainda pela atitude um pouco indisciplinada, que se notava na G. N. R. Este ultimo perigo desapareceu por completo e quanto ás greves provavel é que vejamos liquidados rapidamente esses conflitos.

Pelo menos o governo envida todos os esforços no sentido de conseguir uma solução que afaste o litigio existente entre o pessoal e a direcção da Carris.

Como será solucionado o caso?

O presidente do Ministerio não divulga os seus projectos sabendo-se no entanto que a questão do aumento das tarifas será tambem posta de parte. Entende o chefe do governo que não deve ser o publico quem por fim pague as diferenças...

E sobre a concentração de tropas voltamos a afirmar depois de informados por quem de direito que as forças se concentraram simplesmente para garantir a ordem e evitar desmandos de quem quer que seja ou de qualquer organismo que tente lançar o paiz em desordem.

O governo procura antes prevenir-se do que ter de remediar.

Ainda sobre a greve do pessoal da carris sabemos que se estão promovendo todas as facilidades a favor dos soldados, marinheiros e policias que estando a servir de guarda-freio e condutores dos carros desejem continuar ao serviço da companhia.

Parlamento

Nos Deputados

A sessão abriu á hora habitual. Os srs. Lino Neto e Carvalho da Silva explicaram, sobre a acta, a sua interferencia no caso da representação oficial nas exequias de Bento XV.

ANTES DA ORDEM

O sr. Cunha Leal mandou para a mesa um projecto de lei igualando os vencimentos do sr. Antonio Candido, procurador da Corôa, aposentado, aos do procurador geral da Republica.

O sr. Correia de Abreu faz o elogio de Antonio Candido, para declarar que aprova o projecto de lei do sr. Cunha Leal, declarando que o faz em seu proprio nome e no da minoria monarquica. Elogia, a proposito, o Parlamento, que, apesar de republicano, sabe fazer justiça quando se trata de homenagear os grandes vultos portuguezes.

O sr. Antonio da Fonseca quere que o sr. ministro das Finanças se pronuncie sobre o projecto Cunha Leal.

O sr. ministro das Finanças declara que não se pronuncia por enquanto acêrca do aumento de despesa traduzido no projecto Cunha Leal.

O sr. Sá Cardoso diz, por si e pelo partido reconstituinte, a aprovação do projecto, em todo o caso, se o sr. ministro das Finanças pode dizer se o orçamento do Estado comporta ou não o aumento de despesa.

O sr. Antonio da Fonseca insiste para que o sr. ministro das Finanças dê uma opinião concreta acêrca do projecto. Trata-se de um aumento de despesa, sobre o qual tem de se pronunciar concretamente, o governo. Fale, pois, o sr. ministro das Finanças.

O sr. ministro das Finanças diz que não ha dinheiro, mas que o governo o irá buscar onde fôr preciso, porque jamais devem regatear-se homenagens como aquela de que se trata.

O projecto é aprovado na generalidade.

O sr. Mariano Martins, na especialidade, entende que o projecto deve ir á comissão respectiva para que esta se pronuncie quanto ao quantitativo da pensão. Manda para êsse fim, uma proposta para a mesa.

Falam, acêrca do incidente os srs. Cunha Leal e Carlos Pereira.

A proposta do sr. Mariano Martins é aprovada, votando a favor a minoria monarquica.

O sr. Alberto Xavier, em negocio urgente, fala acêrca do Conselho Parlamentar. Quere que se faça imediatamente a convocação do Congresso para a eleição dêsse conselho. Manda, nesse sentido, uma proposta para a mesa.

O sr. Alberto Xavier pretende em seguida, tratar tambem em negocio urgente, da ausencia do sr. ministro dos Estrangeiros. Ha protestos ruidosos, porque o negocio urgente não foi votado.

A Camara aprova a proposta do sr. Alberto Xavier para se reunir o Congresso e tratar da eleição do Conselho Parlamentar.

A sessão continua.

Um incidente na Camara dos Deputados—E' provavel a demissão do sr. ministro dos Estrangeiros

O sr. dr. Alberto Xavier poz esta tarde, na Camara dos Deputados, uma questão interessante. O ilustre deputado reconstituinte com brilho e energia, sustentou a ilegalidade da licença concedida ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, ministro dos Estrangeiros — licença que teve por fim permitir-lhe ir exercer no crime de Serrares, a sua profissão de advogado. Então — disse o sr. Alberto Xavier — um ministro do Poder Executivo pode advogar uma causa crime? A admitir-se tal doutrina, até o sr. ministro da Justiça o poderá fazer amanhã ou quando lhe convier.

A questão assim posta, apaixonou a Camara. O sr. ministro da Justiça procurou sustentar o sr. dr. Barbosa de Magalhães, argumentando um pouco á sobre-posse e não conseguindo desfazer a impressão que a palavra do sr. dr. Alberto Xavier profundamente vincou. Outros oradores falaram, todos em acordo com a doutrina moralizadora do sr. dr. Alberto Xavier.

Esta parte da sessão decorreu, até agora, um pouco agitada. E' opinião geral esta: o sr. ministro dos Estrangeiros terá de demitir-se, a maioria encontra-se dividida, votando uma parte dela contra o governo.

A crise deve ficar circunscrita ao sr. ministro dos Estrangeiros, a não ser que o sr. ministro da Justiça entenda dever segui-lo, por ser vencido na opinião exposta.

Conselho de ministros

Alem da questão da ordem publica a que nos referimos em outro lugar o Conselho de Ministros [illegible] varios assuntos de administração e [illegible] aplicar-se a lei n.° 170, relativamente a nomeações de novos funcionarios, mesmo com caracter interino ou tratando-se de logares tecnicos.

TEATRO

ARTISTAS DO CINEMA

Carlos Machado

Depois do Chico das Pêgas, *que o tornou popular, deixou o teatro.*

Aparece-nos agora no cinema, marcando logo de entrada um logar de honra, com a soberba criação do papel de Milhafre, *no film o* Rei da força.

A figura expressiva duma rara mobilidade, ajuda-o poderosamente, o que, aliada a uma distinção particular, faz dele um primeiro artista, numa companhia do genero.

Primeiras Representações

TEATRO CHIADO TERRASSE—4028 Lx. 3 actos, arreglo de André Brun.

A reposição da comedia burlesca «4028 Lx.» veio mais uma vez recordar-me os belos conjuntos de actores comicos que no Ginasio davam vivacidade, graça a este genero de teatro. A comedia que André Brun com a sua inegualavel «verve» traduziu, mexeu, serviu ao alfacinha era a mesma... Mas, que diferença na representação! Frases espirituosas morrendo na boca de verdadeiros furiosos de feira que são um pouco mais genuinos dos que os de «clube».

Para que o «Juiz de Fóra» vingasse com o exito que obteve era necessario dar uma dose imensa de espirito e humor. André Brun foi felicissimo, foi imenso na sua outra farça. O «4028 Lx.» já não mereceu por ser reposição o mesmo interesse no desempenho. E' certo que aquela era companhia destinada a representar alta comedia e drama, até á «Gioconda» de d'Annunzio, e por isso não é para estranhar que não se adapte ás exigencias comicas duma farça. A tal ponto é desanimador, a tal ponto se perdem as estribeiras que Luz Veloso a estrela da companhia chega a exclamar impensadamente—«Eu não me importo com o diabeiro de Borgeas». Daqui para baixo os artistas fazem os mais dificeis jogos malabares com a prosa sempre fresca e humorada de André Brun. O que lá se ouve, santo Deus!

Maria Clementina passa ao de leve sem realce, Raquel Moreira, mal caracterisada, tudo é com o enfarrascar de cara que consegue dar impressão da idade que não tem, as outras figuras femininas, muito inferiores para principiantes. Rafael Gomes marcando mal, rindo quando não devia, pouco expressivo, artista em gonçamento de 2.º dem, Salvador Costa, parado, sem mobilidade nem nuances na forma de dizer, Teodoro Santos, (diz o programa) muito bem... Não apareceu lá, Z... que chegou a fazer ... de Juiz de Fora, com falas e erros de ... Miranda cheio de deficiencias, e os restantes sem desmanchar o conjunto...

Scenario o mobiliario bem arranjadinhos. Encenação defeituosa. E, fim só muito boa vontade e um grande humorista como André Brun podem conseguir algumas boas gargalhadas na desolação geral.

ARMANDO FERREIRA

Os teatros do Porto

O que diz Chaby Pinheiro a um jornalista

A companhia Cremilda d'Oliveira Chaby Pinheiro, trabalhando actualmente no Teatro Sá da Bandeira do Porto tem feito ali um grande sucesso. Agora representou a peça de Birbeau «Negocios são negocios» que já é conhecida do publico de Lisboa. A proposito da estreia da peça, o «Primeiro de Janeiro» ouviu Chaby Pinheiro. E' essa entrevista que a seguir reproduzimos:

«Negocios são negocios», que tão acalorada discussão levantou em Paris, quando da sua estreia, e que introduziu Octave Mirbeau, o seu autor, na Academia, é a peça que Chaby Pinheiro nos dá hoje, no Sá da Bandeira, em primeira representação—e na integra. E dizemos na integra, porque uma exibição de «Negocios são negocios» feita ha tempos no Porto sofreu verdadeiras mutilações, transformando-a bastante. Ainda ontem ouvimos Chaby Pinheiro sobre a famosa peça, e frisando a circunstancia de ele a representar logo após a «Primerose»—um trabalho absolutamente diverso—o ilustre artista nos confiou:

—Com a «Primerose» encetamos a segunda fase da nossa temporada, a mais trabalhosa e de maior responsabilidade. Damos agora «Negocios são negocios», mas vamos dá-la completa, sem córtes que a desvirtuem ou alterem a essencia da obra magistral que hoje faz parte do reportorio da Comedia Francesa. Sem o extenso dialogo do 2.º acto, entre a Germana e Luciano, a peça fica incompreensivel, o caracter de Lechat resulta nebuloso, a atitude da filha não se justifica. Ha muitos anos que eu desejava representar esta peça, desde a sua aparição em Paris, de onde o dr. Cunha e Costa me mandou um exemplar, aconselhando-me a estudá-la com sinceridade.

Fazia eu parte da magnifica troupe do teatro D. Amelia, onde brilhavam os talentos de João e Augusto Rosa, Brazão, Angela Pinto, Palmira Bastos, formando um conjunto maravilhoso dirigido pelo visconde de S. Luiz Braga, grande amigo e grande homem de teatro.

«Falei-lhe na peça, ele concordou em principio, durante varias epocas figurou no repertorio! A estudar, mas nunca saiu dos ensaios! Como com... ...hoje, anos passados, ...peça nessa altura da minha carreira, ... um ... inevitavel: ou o meu trabalho agradava, e eu daria um salto de gigante que ia acarretar sobre mim as iras dos grandes-marechais, ou era esmagado pela personagem, e lá se ia um artista em quem o visconde depositava grandes esperanças. E não sei se lhe digo, mas francamente, creio que a segunda hipotese era a mais certa. O sr. Isidoro Lechat não era para brincadeiras...

—Diga-me, meu caro Chaby: o Lechat não está mais com o seu temperamento do que o Marquez de Granchamps, do «Emigrado», que nos prometo ainda para este mez?

—Sem duvida; mas o papel do «Emigrado» está mais disperso na acção da peça; o 3.º acto é um pouco violento, pois é o unico em que a personagem se exalta; todo o resto da peça é jogado em alternativas de galanteio e de emoção. O Lechat, pelo contrario, quando não é violento é verboso, iluminado, agitado, irrequieto. Domina sempre a acção; e ai da peça se o actor não tiver condições fisicas para arcar com o trabalho extenuante do papel, que é daqueles em que não ha tempo para respirar. Ai da peça se o actor não conseguir manter através das excentricidades da linguagem e do pitoresco das atitudes, a linha profundamente humana do papel.

—Uma pergunta: não lhe acontece nesta ou noutra qualquer peça preferir uma scena a outra?

—Claro que sim. Nos «Negocios», por exemplo, adoro a scena do 2.º acto com os engenheiros e a grande scena final da peça.

—Essa scena deu-lhe muito trabalho a estudar?

—Estudei-a com um parente meu que é medico e tem muita paciencia para me aturar quando me aparecem destes casos patologicos; de resto as rubricas do autor são muito nitidas e desenham claramente toda a movimentação da scena.

—E... até ao fim da temporada no Sá da Bandeira que mais nos dá de novo?

—Curioso... Alem das duas peças que falamos, «O medico á força», de Molière, na mera linea adaptação de Castilho, que teve as honras da noite pela nossa «troupe» na recita do Nacional, pelo centenario do autor e que irá em meu beneficio no dia 14 com um acto de Duarte Lima, «Quem soubera escrever!» a imortal «Bibliotecaria», a «Maluquinha de Arroios» de André Brun; um original de Claudio Sousa, o idolo brazileiro dos autores teatrais, «Bonecos articulados»; «Boa gente», peça catalã; e para fechar com chave de ouro «Casa, me as roupa lavadas», dos festejados autores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

—Tanta coisa?!...

—Não estamos habituados a dormir sobre os louros e queremos corresponder, na medida das nossas forças, ao acolhimento meio do que esperámos que aqui nos fizeram.

E Chaby Pinheiro despede-se de nós e vai presidir solenemente ao ensaio geral do 5.º acto dos «Negocios são negocios», que hoje sobe á scena no Sá da Bandeira em 6.ª recita de assinatura. Cá fóra pensamos que se todas as companhias tivessem a orienta-las um artista da envergadura do nosso entrevistado o teatro em Portugal não chegaria ao descalabro a que infelizmente chegou.

Noticiario

Portugal

Está marcado para amanhã no teatro Salão Foz, a «premiere» da revista em sessões «Giga Joga» que Otil de Carvalho capricha em apresentar a rigor, com todo o brilhantismo e aparato. A peça tem dois actos, sendo o de 2.º acto assim intitulados: «Nas tintas; Lille Palace; Corridas de cavalos; Castelos do certus e Para toda a vida». Na revista «Giga Joga» ha dois fados, o da «coculas» e o da «Propaganda de Portugal».

—No Apolo já se está procedendo á montagem da revista feminista «Belo Sexo», que será a peça de apresentação da «Companhia Russa», na proxima sexta-feira. Os scenarios de «Belo Sexo» são pintados por Salvador, Mergulhão, Rinda, Serra e Amaacio, Rebelo Jor e José d'Almeida. O guarda roupa, de Jaime Valverde, é, no pintuo da imprensa portuense, uma verdadeira maravilha. A «Companhia Russa» é esperada hoje em Lisboa.

—Alem dos numeros de maior sensação que vai ser estreado pela nova companhia de circo e variedades no proximo dia 11, no Coliseu dos Recreios, será o dos bailados luminosos de Miss Pia, uma das mais extraordinarias bailarinas do mundo.

A'S SEGUNDAS FEIRAS

Antologia portugueza

O MOSTEIRO

de ALEXANDRE HERCULANO

Grossos e altos cancellos de roble separam do resto do templo um extenso recinto sem sepulchros. Immediato ao altar principal ergue-se no topo cruz agigantada; por um e outro lado d'aquelle espaço além das grades negrejam duas fileiras de monjas: muitas estão de joelhos e debruçadas sobre o primeiro degrau do altar; ... pés, entre as duas fileiras ... e ... desvairados reluzem á claridade das tochas e cujo aspecto severo infunde uma especie de terror, tem na mão um punhal, cujo ferro sem brilho parece tincto em sangue. Juncto da monja um vulto de mulher vestida de branco sobresáe no meio das virgens cobertas de lucto: unido ás grades que defendem a entrada d'aquelle recinto um velho, cujas melenas e longa barba de alvejam sobre os ombros e peito, está de joelhos com os braços estendidos através da balaustrada: agita-o uma convulsão horrivel de pavor, que lhe embarga na garganta os sons articulados e só lhe consente murmurar um ruido confuso, semelhante ao respiro ancioso do agonisante. Vai falar. Suintila, a ponto de arremessar-se para aquelle lado, pára e escuta as suas palavras. São lentas e lugubres, como as de espectro que se alevantasse d'alguma das campas derramadas ao longo da crypta. Dirige-se ao vulto branco que está ao seu lado

«Ainda uma vez, nobre dama, attendei ás supplicas do velho bucellario que tenta salvar-vos. Para vós ha esperança na terra; a nossa mora no céu. Quando os infiéis souberem que ainda existe na Hespanha quem possa quebrar com ouro o vosso captiveiro ou vingar com ferro a vossa afronta, respeitarão a pureza de nobre virgem. A nós, que não temos ninguem no mundo, restava-nos unicamente o tremendo arbitrio que o Senhor nos inspirou. O martyrio não tardará a cingir-nos a fronte d'uma aureola de gloria: os anjos de Deus nos esperam.»

«A minha ultima resolução, veneravel Chrimhilde, é acabar juncto de vós e de nossas irmans. O meu animo sairá, como o d'ellas, illeso da ultima prova que Christo nos pede na vida. Como ellas, darei sem hesitar testemunho da cruz. O velho bucellario de meu pae mente á propria consciencia quando affirma que os infiéis respeitarão a pureza de uma donzella goda: a infamia tem sido escripta por ellas na fronte das familias mais illustres da Hespanha: o cutello ou a prostituição é o que os arabes offerecem á innocencia. Eu escolho o cutello: a morte vale mais que a deshonra. Porventura, para a evitar me guiou o Senhor ao mosteiro da Virgem Dolorosa.»

«Seja feita a vontade do Altissimo» — respondeu a abbadessa alevantando ao céu as mãos, entre as quaes apertava o punhal.

Depois de um momento de silencio, Chrimhilde disse, voltando-se para o lado esquerdo: «Hermentruda, approximae-vos!»

Uma das monjas saiu d'entre as outras e veio ajoelhar aos pés da abbadessa: as suas companheiras ajoelharam tambem voltadas para o altar; e o hymno que Suintila ouvira ao descer para a crypta murmurou de novo n'aquellas curvas abobadas.

Como lá no horizonte o sol tremulo e sereno se reclina ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no circlo de orações submissas. Apenas cessou de todo, um gemido de agonia agudo e rapido soou juncto da abbadessa. Aos olhos de Suintila afigurou-se que o punhal de Chrimhilde descera duas vezes sobre a monja que estava a seus pés. Um brado de colera e horror, saindo involuntariamente da bocca do godo, restrugiu pelo templo. Crera o renegado que Hermentruda havia sido assassinada. Pareceu-lhe então claro o sentido das palavras mysteriosas que ouvira. As monjas fugiam ao captiveiro do harem pelo ádito do sepulchro. Elle assistia a uma scena horrenda de suicidio, e o braço mais robusto de Chrimhilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades, conformes para morrer.

«Mulher ou demonio, detem-te!» — bradou Suintila, correndo com os cheiks e o centenario para o recinto fechado e procurando abrir os fortes cancellos que lh'embargavam os passos.

Embebidos no seu drama cruel, nem as monjas nem Chrimhilde volvem sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas reluzem ao fulgor das tochas. Hermentruda não está morta. Ergueu-se. Tem a cabeça descoberta, os louros cabellos esparzidos, o collo nu. Bem como o aspecto do formoso archanjo de luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condemnação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pallidos, estão sulcados por beiras escuras, que serpeiam por aquelle gesto, como as viboras estiradas ao sol sobre um busto grego tombado entre as ruinas de antigo templo pagão. E' que, semelhantes ao noroeste frio e agudo, que, passando pela bonina viçosa, lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Chrimhilde correram por lá violentos e rapidos, e n'um momento anniquillaram a formosura da virgem.

As grades fechadas interiormente balouçam aos empuxões de Suintila; mas não cedem. «Okba — diz o godo a um dos cheiks — corre! Chama os mais robustos zenetas e os negros de Takrur armados d'essas achas a cujo primeiro golpe nunca resistiu elmo de bronze. Prestes! chama-os aqui. Abdulaziz deve ter chegado. Que venha! Mulher infernal lhe vae destruindo peça a peça os despojos mais ricos, os que elle destinava para si e para o khalifa. Que venha salvá-los! Que venha! Prestes, cheik de Hoara!»

E, emquanto o cheik galga a extensa escadaria, os tres tentam muitas vezes fazer estourar os grossos ferrolhos, que resistem ás suas diligencias. Arquejando, Suintila abandona a tentativa inutil. Ameaça Chrimhilde: as injurias acompanham as ameaças; seguem-nas as supplicas, as promessas, e logo, de novo, as pragas e as affrontas. Baldado é tudo. Chrimhilde lançou ao renegado um olhar de compaixão e conservou-se em silencio.

Mas os canticos cessaram de todo; as monjas saem successivamente de ambos os lados e veem ajoelhar aos pés da abbadessa; vem despir as galas da formosura e comprar á custa d'ellas a pureza da virgindade e a palma do martyrio. Cada vez mais rapido range o punhal nos collos purissimos das virgens do mosteiro. O gemido, que expira comprimido pela constancia, já se prende com o que a dôr e a fraqueza mulheril arrancam do seio das victimas ao descer do primeiro golpe, e a fileira das que se vão debruçar sobre os degraus do altar cresce d'instante a instante, ao passo que rareiam as outras duas.

A terrivel sacerdotisa parou. Está o seu braço cansado de tão largo sacrificio? Não! Braço e animo são robustos, porque os fortalece o espirito do Senhor. E' que o momento supremo da morte se approxima. A mourisca jorra subitamente pelo portal estreito, como o rio caudal na caverna que lhe estendia debaixo do leito e cuja abobada fendeu tremor de terra. Os guerreiros negros das tribus de Takrur, á voz de Abdulaziz que os precede, precipitam-se contra os solidos cancelos do logar vedado: vinte machados ferem a um tempo nas grades, que gemem sob a furia dos negros possantes, aos quaes redobra os brios a presença do amir, cuja colera resfolega em maldições e blasphemias.

Entre as monjas e os arabes bem curta distancia medeia: e todavia, lá no mais pequeno recinto, onde só ri uma esperança, a da morte, ha paz intima, ha o ceu; aqui, na vasta crypta, onde a ebriedade de facil triumfo, a riqueza dos despojos, o futuro de uma larga existencia de gloria e deleites sorriem na mente dos infiéis, esta o furor insensato, está o inferno. O evangelho e o koran estão frente a frente no resultado das suas doutrinas. E' s... e a victoria do livro do Nazareno.

Os golpes de ... redobram: os troncos afferrados do roble começam a estourar nas suas junturas. A alta a freira fôra ... vae-se junto aos degraus do altar; a donzella vestida de branco vai ajoelhar aos pés de Chrimhilde exclamando

«Para mim tambem o martyrio! Salvae-me do opprobrio!»

«A tua constancia, filha, ... da prova de agonia por que tens passado te purificou. Só uma das monjas da Virgem Dolorosa e vae com tuas irmans receber a corôa de martyrio.»

O ferro ... que descia sobre o collo da donzella foi cair com a mão de Chrimhilde aos pés da cruz gigante do altar. Um revés do alfange de Abdulaziz lh'a cercenára: as solidas grades estavam despedaçadas.

A abbadessa vacillou e, ao cair, só pôde murmurar: «Jesus, recebe a minha alma!»

Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe atalhou na garganta o derradeiro suspiro.

As freiras ergueram-se e encaminharam-se para o logar em que jazia o cadaver destroncado da abbadessa. Ajoelharam juncto d'ella com a face voltada para a turba dos infiéis. Os seus rostos inchados, o manando sangue, eram disformes e horriveis.

«Ao menos tu, serás minha!» exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzella vestida de branco, a quem o terror d'esta scena rapidissima tornara immovel, como uma d'essas estatuas que parecem orar sobre os sepulchros nas cathedraes da idade-média. Filhos valentes do Sudan, conduzi-a á minha tenda. As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadaveres.»

D'ahi a poucas horas a crypta estava em silencio. As monjas da Virgem Dolorosa jaziam degoladas em volta da veneravel Chrimhilde, e as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus.

1.ª Vara Comercial de Lisboa

Por este juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio Arnaldo Rebelo Abreu, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação legal do presente anuncio, citando Emidio Peseiro, casado, comerciante, morador, que foi, nesta cidade, na Avenida 5 d'Outubro letras F. A. r/c. E. do, e hoje ausente em parte incerta do estrangeiro, para no praso de dez dias, depois de findo o praso dos editos pagar a quantia de 12.53 318 de multa e adicionais em que foi condenado nos autos d'acção ordinaria que moveu ao dr. Orlando de Melo do Rego, ou no mesmo praso nomear bens a penhora suficiente para esse pagamento, sob pena do direito de nomeação se devolver ao exequente, o Agente do Ministerio Publico nesta vara.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1922.—O escrivão do 2.º oficio, Arnaldo Rebelo da Costa Franco Abreu.—Verifiquei.—O juiz presidente, Carvalho

SPORT

Coisas de sport

Frantz-Reichel, que como aqui dissemos já, é em França uma das pessoas que ... em sport, e cuja opinião é respeitada, diz ainda sobre a confusão entre amadores e profissionais:

E' urgente que a questão amadorismo seja regulamentada, pois temos no presente uma ... triste, o duma federação que ao mesmo tempo rege o sport amador e o profissional...

e acrescenta que

apuresa dos amadores é sacrificada ao profissionalismo como faz a Federação Franceza de Box...

Ora quando a gente sabe que entre nós ainda mais se exagera a ponto de a Federação de Box receber 50 escudos por cada combate entre amadores dando em troca um arbitro, vê-se que nos sobeja razão em não querer confusões, que só podem convir com sentido financeiro...

* * *

Mario Duarte uma autoridade no assunto diz sobre educação fisica que:

As nossas escolas que, com raras excepções, mal ensinam, põem sistematicamente de parte a educação dos seus alunos embora os programas oficiais rezem o contrario, como agora observamos na declaração oficial do programa do chefe do actual governo lida na abertura das camaras.

Já é sabido que sobre educação fisica as promessas dos governos são como dizia o Hamlet, Palavras, palavras e palavras...

E diz ainda Mario Duarte uma verdade enorme quando aponta que:

Hoje que certos sports se industrializaram, muitos vivem á sua custa e ó pelo interesse se averigua o seu interesse pela causa.

Devia ainda juntar que é talvez por isso que muitos dirigentes do sport amador, não querem largar o penacho... e intervem até junto de organizadores para não lançarem mão de profissionais, que lhes podem fazer sombra.

A carestia da vida é o diabo.

RUY DA CUNHA

Box

O milionario Harry Fraser, de New York, oferece 100.000 dolars a Jack Dempsey para combater o negro Wills em Jersey City em Setembro.

NOTICIARIO

SOCIEDADE HIPICA PORTUGUEZA

A direcção da Sociedade Hipica Portugueza conferenciou já com o sr. ministro dos Estrangeiros acerca da realisação do proximo concurso hipico internacional, que se realisará em Lisboa, nos dias 30 de Abril e 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 de Maio proximo.

CLUB INTERNACIONAL DE LAWN-TENNIS

Como nos anos anteriores, a comissão tecnica do Club de Lawn-Tennis Internacional inaugura, na proxima quinta-feira, as suas tardes de jogo para senhoras, funcionando ás horas do costume.

O CROSS-COUNTRY DE «OS SPORTS»

Realisou-se ontem, como noticiamos, o «cross-country» de «Os Sports», no percurso de 5 kilometros. A classificação individual foi a seguinte: 1.º, Cecilio Costa, em 23' e 56''; 2.º, Albano Martins, em 24'...; 3.º, Abilio Nascimento, em 24' 25''. A partida foi dada a 27 concorrentes. A équipe vencedora foi a do «Estrela do Ouro».

O profissional Christian Christensen correu por fóra, chegando em primeiro logar, gastando 22' e 20''.

O BOX NO COLISEU
RESULTADOS DE HONTEM

Faustino vence Marius aos pontos, e Manuel Guita declarado vencedor de Silva Ruivo, por desclassificação deste.

FOOT-BALL

Hontem o Casa Pia e Victoria, empataram por 2 a 2, e os Belenenses venceram os Carcavelinhos, por 3 a 2.

FOOT-BALL RUGBY

A 12 deste mez, tem logar no «estadium», um desafio de foot-ball rugby entre 2 equipes de que fazem parte elementos estrangeiros.

A festa é promovida pelo «Hoye' foot-ball clube».

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

—Mme. Leotard estava zangada comigo, disse eu.

—E o papá zangar-se-ha tambem?

—Não sei, respondi.

Novo silencio. A princeza batia com o pé no tapete.

—Estás triste de mim porque comprendes as coisas melhor do que eu? preguntou ela por fim, não podendo conter o seu despeito.

—Oh! não, não! exclamei, saltando do meu logar e indo abraçá-la.

—Não tens vergonha, princeza, de pensar assim e de fazer tais preguntas? exclamou de repente a voz de Mme. Leotard, que nos observava ha cinco minutos e escutava a nossa conversa. Devias ter vergonha! Ai estás a invejar esta pobre creança e a gabar-vos na sua frente de saber dançar e tocar piano. E' muito feio, isso. Contarei tudo ao principe.

A princesinha tornou-se corada.

—E' um sentimento mau. Ofendeste-a com as tuas preguntas. Os seus pais eram pobres e não tinham dinheiro para pagar a uma perceptora. Aprendeu tudo sosinha porque tem um bom coração. Devias amal-a e afinal estás sempre zangada com ela. E' vergonhoso, vergonhoso! Ela é orfã, não tem ninguem. Naturalmente querias tambem gabar-te de seres princeza e ela não. Vou-me embora. Reflecte no que te disse e corrige-te.

A princeza levou dois dias a reflectir. Durante esses dois dias não se ouviram os seus risos nem os seus gritos. Como se acordasse de noite, observei que, mesmo sonhando ela continuava a discutir com Mme. Leotard. Tinha emagrecido e empalidecido durante esses dois dias.

Ao fim de tres dias encontrámo-nos em baixo na sala grande. A princeza vinha do quarto da mãe. Eu esperava com temor o que se ia passar e tremia toda.

—Nietotchka, porque te zangaste comigo por tua causa? preguntou por fim.

—Não foi por minha causa, Catarina, respondi para me justificar.

—Mme. Leotard diz que eu te ofendi.

—Não Catarina, não me ofendeste.

A princeza encolheu os hombros como sinal de admiração.

—Porque estás sempre a chorar? preguntou ela apoz certo silencio.

—Não chorarei mais se assim quizeres, respondi já soluçando.

De novo encolheu os hombros.

—E já principias a chorar?

Não respondi.

—Porque estás em nossa casa? preguntou de repente a princeza depois dum silencio.

Olhei-a espantada e pareceu-me que alguma coisa me mordia o coração.

—Porque sou orfã, respondi.

—Não tens pai, nem mãe?

—Não.

—Eles amavam-te.

—Não... Sim... eles amavam-me, respondi a custo.

—Eram pobres?

—Sim.

—Não te ensinaram nada?

—Ensinaram-me a ler.

—Tinhas bonecas?

—Não.

—E bolos?

—Quantos quartos tinha a tua casa?

—Um.

—Só um quarto?

—Sim.

—E criados, tinhas criados?

—Não, nós não tinhamos criados.

—E quem vos servia?

—Eu propria é que fazia as compras.

As preguntas da princeza irritavam-me cada vez mais. As minhas saudades, a minha solidão, a admiração da princeza, tudo isso chocava, feria o meu coração que sangrava. Tremia de comoção e abafavam-me os soluços.

—Então estás contente por viver aqui?

Calei-me.

—Tinhas um vestido bonito?

—Não.

—Era mau?

—Sim.

—Eu vi o teu vestido. Mostraram-m'o.

—Então porque me perguntas-te isso? exclamei, tremendo toda, cheia duma nova sensação, desconhecida para mim, levantando-me do meu logar. Porque me fazes essas preguntas? continuei, corada de indignação. Porque te estás a divertir á minha custa?

A princeza corou e levantou-se tambem, mas logo reprimia a sua exaltação.

—Não... Não me divirto contigo, disse ela. Sómente queria saber se é verdade que os teus pais eram pobres.

—Porque me fazes perguntas sobre meus pais? disse eu chorando. Porque falas deles assim? Que mal te fizeram, Catarina?

Catarina estava embaraçada e não sabia o que responder.

Neste momento entrou o principe.

—Que tens tu, Nietotchka? perguntou ele, olhando-me e vendo as minhas lagrimas. Que tens tu? continuou, lançando um olhar a Catarina que estava vermelha, côr de fogo. De que falavam vocês? Porque questionavam? Nietotchka, porque estás chorando?

Não pude responder. Peguei na mão do principe e, banhada em lagrimas, beijei-a.

—Catarina, não mintas. Que se passou?

Catarina não sabia mentir.

—Disse que ela tinha um vestido ordinario quando estava em casa dos pais.

—Quem t'o mostrou? Quem ousou fazer isso?

—Fui eu sósinha, respondeu resolutamente Catarina.

—Bem! Não denunciaras seja quem fôr, conheço-te bem. E depois?

—Ela pôs-se a chorar, perguntando-me porque troçava eu dos seus pais.

—Então troçaste-os?

Catarina não tinha troçado, mas tinha tido essa intenção, como logo compreendi.

Não respondeu nada, porque estava convencida da sua falta.

—Vai imediatamente pedir-lhe perdão, disse o principe.

A princeza estava branca de cal e não se moveu.

—Então?! fez o principe.

—Não quero! pronunciou Catarina a meia voz, com o ar mais resolvido e compriro que desejava.

—Catarina!

—Não, não quero, não quero! Exclamou com os olhos brilhando e batendo o pé. Não, não quero pedir-lhe perdão. Não a amo, não quero viver com ela. Não tenho culpa dela levar todo o dia a chorar. Não quero, não quero!

—Vem comigo, disse o principe, levando-a para o seu gabinete. Nietotchka vai para o teu quarto.

Eu quiz lançar-me aos pés do principe, interceder por Catarina, mas o principe repetiu severamente a sua ordem e eu subi, gelada de medo, palida como uma morta. No nosso quarto deitei-me no divan. Contava os minutos, esperava Catarina com impaciencia, queria lançar-me aos pés. Ela passou diante de mim sem dizer uma palavra e sentou-se no seu canto. Os seus olhos estavam vermelhos e as faces molhadas das lagrimas.

Com todas as minhas forças acusava-me de ser a culpada de tudo o que acabára de se passar. Mil vezes quiz aproximar-me de Catarina e mil vezes me contive, não sabendo como seria acolhida.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4020—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 7 de Março de 1922

Telefone n.º 2293 —Endereço tel. CAPITAL — Oficinas da Impressão — Rua da Rosa, 71

Preço 10 centavos

O invisivel

Toda a gente pregunta: qual o objectivo das tropas acampadas fóra dos muros de Lisboa? toda a gente pregunta, é certo; ninguem responde ... [illegible]

Quando se aglomeram tropas, ha um objectivo a atingir. E' claríssimo.

E como quem se reune é o governo, só ele poderia revelar, se quisesse ou podesse, quais os fins da mobilização, qual o objectivo a atingir com tantos homens de guerra sustentados á custa duma importante despeza. Se não estamos habilitados a noticiar o objectivo actual, podemos analisar, todavia, os casos passados, a ver se a alguma conclusão o leitor pode chegar. Com um pouco de metodo...

Quando o sr. Bernardino Machado presidia a um governo, com o sr. Alvaro de Castro na pasta da Guerra, houve um pronunciamento militar. O gabinete Bernardino Castro caiu, perante ele. Eis o objectivo visivel: obrigar o governo á demissão.

O sr. Barros Queiroz presidia depois a um ministerio partidarista, com o sr. Alberto da Silveira na gerencia da pasta da Guerra. O pronunciamento militar que derrubara o gabinete Bernardino-Castro deixou um mal estar, dentro de Lisboa.

Vieram tropas de fóra da capital. O mal estar persistiu. O sr. Barros Queiroz demitiu-se.

O ministerio Antonio Granjo lutou contra o mal estar. Era ministro da Guerra o sr. Freitas Soares. Foram concentradas tropas em torno da capital. Começou uma mobilização, tendo o principal nucleo em Mafra. O mal estar acentuou-se. Rebentou o pronunciamento da Guarda Republicana. O ministerio Granjo, isolado e cercado, não poude resistir. Caiu.

O outubrismo teve dois ministerios, presididos pelos srs. coroneis Manuel Maria Coelho e Maia Pinto. O mal estar agravou-se ainda mais. E' possivel que o sr. Manuel Maria Coelho o não sentisse, mas já o mesmo se não póde dizer, com certeza, do sr. Maia Pinto. Nenhum destes governos póde resistir aos efeitos da saliza. Foram-se!

O sr. Cunha Leal tendo na pasta da guerra o sr. coronel Freiria, encarou o problema de frente. Vieram mais tropas para Saxias, para a Amadora... Outro cerco a Lisboa! De repente, as tropas vão-se embora. Mas o mal estar não desapareceu. Ter-se-hia dado já o contagio, de dentro para fora?...

O sr. Antonio Maria da Silva sentiu os perigos duma asfixia iminente, por causa do mal estar citadino. Com o sr. general Barreto á frente dos negocios da guerra vieram outra vez as tropas. Quarto cerco a Lisboa! E elas lá estão, lá continuam e não se sabe quando irão embora...

Estará contaminado o cordão sanitario que cerca Lisboa?...

Mayer Garção

O grande jornalista e nosso querido amigo sr. Mayer Garção, que conta na «Capital» com a mais sincera e dedicada das amisades, continua doente, tendo ontem peorado. Lastimando profundamente vê-lo afastado das lides da imprensa onde ocupa um logar do merecido destaque, todos os nossos votos deste momento são para que em breve volte ao convivio daqueles que muito estimam o seu lidimo caracter e muito admiram o seu belo talento.

A novela portuguesa

Desta interessante publicação acaba de sair mais um numero contendo uma interessante novela do escritor sr. Sousa Costa que mais uma vez confirma os seus meritos de pensador ilustre. As paginas de «A ferra»—assim se intitula a novela—prendem e emocionam. Nisto está um saborear invulgar e todo o seu elogio.

A politica espanhola

O governo de Maura em crise?

MADRID, 7.—O governo ficou muito mal colocado depois do debate das juntas informativas e ainda pior depois do que versou sobre a suspensão de garantias.

Fala-se por isso em crise que dificilmente se oculta, desde a conferencia de Pizerra que foi lamentavel.

O debate sobre suspensão de garantias foi a gota de agua que fez trasbordar o copo.

Espera-se no entanto que o governo publique desde já um decreto restabelecendo as garantias constitucionais excepto em Barcelona aonde se são mantidas certas restrições.

Lerroux declarou que se a crise se não abre agora não se abrirá nunca.—(Lat. Am.)

MOÇAMBIQUE

A obra do Alto Comissario

Uma entrevista com o sr. Brito Camacho

A «Capital» publicou artigos de apreciação á obra que o sr. Brito Camacho, alto comissario da Republica em Moçambique, vem realizando. A agencia «Radio», por sua vez, envia-nos a entrevista que um dos seus redactores teve com aquele alto funcionario e, como sempre preside ás nossas intenções uma grande lealdade, publicamos a seguir e na integra essa entrevista.

LOURENÇO MARQUES, 12 de Fevereiro. — O «Guardian» disse, no seu numero de ontem, que o sr. Brito Camacho fazia 50 anos e, por esse motivo, o redactor da «Radio» foi cumprimentá-lo. O sr. Brito Camacho agradeceu os nossos cumprimentos, mas disse-nos, sorrindo, que êles eram inoportunos, porque não fazia anos. O jornal dava uma noticia errada porque, provavelmente, se tinha guiado pelo Almanaque do Exercito onde a data e o mês do nascimento estão errados.

O Almanaque, diz-nos o sr. Brito Camacho, sorridente, dá-me mais um ano do que eu tenho e eu não nasci no mês de Fevereiro. O padre que me batisou enganou-se na transcrição das datas, enganos que nele, aliás, eram frequentes.

Assim, eliminado o motivo da nossa visita — *sublata causa tollitur effectus* — parecia restar apenas que nos retirassemos, mas quiz a afabilidade com que s. ex.ª o alto comissario sempre recebe, prolongar por alguns momentos a conversa. E nem tão despiciendas foram as coisas sobre que ela incidiu. Antes, nos parecem bastante interessantes.

Em terras de Africa fala-se de pretos. Deles se falou, da sua psicologia dos seus caracteres étnicos e antropologicos.

A antropologia da provincia estudada pelo dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira

Bem pouco dêsse assunto "se tem estudado entre nós — diz-nos o alto comissario — e, por isso, estou muito satisfeito com a vinda do dr. Aurelio da Costa Ferreira, que estudará a antropologia da provincia.

Boa aquisição, com efeito—dissemos nós. Para imprimir o espirito português a esta colonia portuguesa, muitos factores são necessarios e os estudos scientificos que sobre ela façamos não são dos menores. E' lamentavel que o nome scientifico português e que o interesse das nossas faculdades andem arredados das investigações scientificas sobre a provincia, como é lamentavel que a bandeira portuguesa não flutue nos navios que tocam aqui nos nossos portos.

Navegação costeira nacional e carreiras para a metropole, Angola e India

—Deixe-me, a êsse respeito, dizer-lhe — observa o alto comissario — que firmei contracto com a Empresa Nacional de Navegação, que, mediante um subsidio anual de 5.000 libras estabelecerá carreiras mensais entre os portos desta costa, desde Lourenço Marques até Moçambique, com escala por Inhambane, que é um importante centro agricola em formação. Quando estiver assegurada para a provincia a navegação de longo curso por um sistema de carreiras regulares, ligando-a com a metropole, a Empresa servirá tambem os portos do Niassa.

— E os Transportes Maritimos?

— Dêsses desejo eu que o Estado ceda á provincia os navios indispensaveis para assegurar com regularidade a navegação de longo curso, comprometendo-se Moçambique a fazer, sem dispendio para o Estado, carreiras que nos liguem com a metropole, Angola e os portos do Oriente. O comercio entre esta provincia e Angola é já muito importante e mostra acentuadas tendencias para aumentar.

Protecção á industria açucareira

A conversa deriva para outros assuntos. Falamos na desvalorização da libra e na crise que atravessa a industria açucareira.

O açucar sofreu uma baixa em todos os mercados do mundo, baixa que ameaça de ruina a industria açucareira.

Na provincia as provisões de produção estavam, para êste ano, computadas assim:

Hornung	30.000.000	tonel.
D. zi [illegible]	6.700.000	»
[illegible]	1.200.000	»
Matamba	500.000	»
Borar	500.000	»
Movene	600.000	»
Total	39.500.000	»

Esta produção excede as necessidades da metropole e é preciso absolutamente não deixar arruinar esta industria. Resolvi converter em imposto *ad valorem* o respectivo imposto alfandegario, que actualmente é de um centavo por quilo. E, por isso, como as oscilações de preço em relação ao açucar são frequentes e de uma amplitude consideravel, resolvi não adoptar uma taxa fixa, como fiz para as oleaginosas. O açucar pagará muito quando render muito, pagará pouco quando render pouco, nunca excedendo a taxa de 10 por cento, aplicavel quando o açucar tiver no mercado de Londres um preço superior a 30 libras por tonelada.

— E' realmente uma protecção do Estado que a seu favor reverte. A ruina da industria do açucar traria á provincia um cerceamento consideravel de receitas.

O aumento das receitas e a convenção Freire de Andrade

— Espero para êste ano um grande aumento nas receitas da provincia, atingindo os pagamentos em ouro a importante quantia de um milhão e duzentas mil libras, ou seja mais trezentas mil libras que no ano passado.

— E que nos diz v. ex.ª da nova convenção? Causou desagradavel impressão a noticia recebida ha pouco da recusa do sr. Freire de Andrade.

— Mas, no entanto, êle vem — atalhou o sr. Brito Camacho. Ainda hoje recebi um telegrama, do Ministerio das Colonias, tratando do assunto.

A conferencia que se ha de ocupar da nova Convenção com a União Sul Africana deve reunir-se no Cabo na primeira quinzena de Março. O principe de Connaugth escreveu-me convidando-me a ir ali, por essa ocasião sendo hospede do seu governo. E' possivel que eu possa aceitar o convite, embora tenha assuntos importantissimos a resolver em Lourenço Marques.

Libras ou escudos? — Ouro e papel

— E a questão monetaria, que tanto tem enervado a população da colonia?

— Continuo a estudá-la e espero tê-la resolvida dentro de muito pouco tempo. Se o facto daquela reunião a que ha dias presidi...

— A sabatina?

— Sabatina? Porquê?

— Foi assim que lhe chamaram, não sei se por se ter efectuado num sabado, se pelo facto de que a discussão dos quatro «libristas» de um lado e dos quatro «escudistas» do outro com v. ex.ª a presidir deram aos olhos do publico a impressão de uma sabatina escolar.

— Pois bem. Por efeito dessa «sabatina», o esterlino inglês baixou de 15 para 5 por cento, o que tornou bem manifesto só a desenfreada especulação que produziu a desordem cambial de que a provincia sofre.

— E ácêrca da gréve do norte, sr. alto comissario?

— Chegaram-me do norte os protestos contra o novo regulamento de contribuição industrial que aprovei e fiz pôr em execução. Chegou-me mesmo a noticia de que o comercio fechara as portas. Respondi aos protestantes que pagassem um trimestre e me enviassem as suas reclamações para as considerar, prometendo-lhes restituir o que tivessem pago a mais, se o novo regulamento se não mantivesse, havendo redução nas taxas. Prometi ainda que submeteria o caso ao Conselho Legislativo, se as razões apresentadas não lograssem convencer-me. Esta honrada plataforma não foi aceite pelos autores dos protestos, pelo que autorizei já os governadores dos respectivos districtos a adoptar todas as providencias que fossem necessarias para que o publico não sofra com a greve, indo até á expulsão dos chefes do movimento.

O emprestimo

Embora a entrevista já se tivesse prolongado bastante, ainda preguntamos ao sr. dr. Brito Camacho o que havia de positivo ácêrca do emprestimo em que tanto se falava.

— Por enquanto nada ha de positivo. Estou [illegible] negociações [illegible] todas as propostas em que se pede [illegible] A provincia tem o seu orçamento com saldo [illegible] e nem sequer dividas têm as municipalidades. Os titulos que forem emitidos [illegible].

Tinha sido dia bastante. De vez em quando eramos interrompidos pela entrada de empregados trazendo bilhetes de visita ou pelo anuncio de pessoas que desejavam cumprimentar s. ex.ª O alto comissario estava quasi resolvido a não desmentir que fosse hoje o dia do seu aniversario.

O oficial às ordens anuncia que [illegible] pronto a partir para Namaacha. O dr. Brito Camacho vai [illegible] ver o Instituto João de Deus, internato de menores instalado naquela vila. Despedimo-nos, penhorados da amabilidade do alto comissario.

A tragedia de Serrazes

A tragedia de Serrazes vai reviver no scenario de Coimbra. Quasi cinco anos decorridos e as paixões continuam a formar duas correntes fortes, inabalaveis...

De um lado e do outro os campos extremam-se e preparam-se para uma batalha de defesa e de ataque cuja 6palidade é dificil, senão impossivel, prevê-r. Os botões de Coimbra, habitualmente silenciosas e vagamente povoados, movimentam-se e animam-se. Chegam advogados, jornalistas, testemunhas de todas as categorias sociais e interessadas como ha anos já em fazer prevalecer as suas exposições. Visitamos hoje a cadeia da cidade. O ambiente é triste, desolado, miseravel como o de quasi todas as cadeias do país. Não ha o direito de enclausurar assim... Tres lanços de escadas, um fétido insuportavel e entramos no quarto onde se encontram José Bettencourt e Fernando Morais os acusados que vão ser julgados e dos quais, neste momento, toda esta Coimbra, inteligente e generosa,— como a mocidade que nela se agita e impera,—se ocupa com alvoroço e até mesmo com simpatia... No quarto dos dois rapazes acusados da tragedia de Serrazes estão os drs. Barbosa de Magalhães, actual ministro dos Estrangeiros, dr. Sousa Junior, dr. Eugenio Morais que veste rigorosamente de negro como se ao seu luto permanente quisesse exteriorizar a magua que lhe vai na alma por ter ocasionado o drama emocionante que, de novo, vai aparecer no «scena» dos tribunais, grande numero de academicos com as suas capas caracteristicas e muitas senhoras.

O dr. Barbosa de Magalhães que abordamos imediatamente:

—E' uma causa a que me consagrei de alma e de coração. Abandonal-a, depois de a ter estudado durante perto de quatro anos, seria talvez comprometel-a. Compreende-se facilmente o que seria de desastroso passar de um momento para o outro e para outras mãos o processo volumoso em que ha tanto tempo eu venho trabalhando. Foi este motivo que me determinou a solicitação de uma licença na pasta dos Estrangeiros, para vir ocupar, por uns dias, o meu posto de advocacia. Venho com a consciencia tranquila:—Cumpro o meu dever!

O dr. Barbosa de Magalhães fala com segurança e com calor. As suas palavras é de alguem que de uma causa faz um verdadeiro apostolado.

Os acusados estão calmos e cheios de fé. Entretanto, cá fora, a atmosfera é respiravel, isenta de rancores e de agastões. Alguem afirmou-nos que o juiz que vae julgar a causa, declarou:

—Não sei se os reus serão condenados ou absolvidos. Os jurados é que o hão-de resolver. O que posso, porém, garantir é que as coisas pouco correctas que ocorreram em S. Pedro do Sul, se não repetirão aqui. E' a tradicional dignidade da comarca de Coimbra que assim o impõem!...

Amanhã será a primeira audiencia. Numerosos academicos espalharam hoje pela cidade folhetos com a exposição dos factos que precederam a tragédia, feita pelos acusados. Ha um grande interesse e uma grande vontade de fazer triunfar a verdade e a justiça.

UM ESCANDALO!

Para as récitas da companhia de M.me Pièrat, o Ministério da Instrução mandou marcar logares no valor de vinte contos!

Como se sabe e noutro logar largamente referencia lhe fazemos, deve estrear-se amanhã no Teatro Nacional a companhia franceza de M.me Pierat, que dará entre nós um total de seis récitas. Pois chega agora ao nosso conhecimento que o Ministerio da Instrução mandou reservar para o seu pessoal diversos logares de platéia e camarotes, cujo importe atinge a quantia de vinte contos, pouco mais ou menos, quantia esta que a empreza não recebe porque são logares que ficam cativos.

Devemos acentuar que o sr. dr. Augusto Nobre não tem conhecimento desta exigencia do pessoal do Ministerio, porque são os proprios funcionarios que fazem as requisições.

Consta-nos tambem que o comissario do Governo junto do Teatro Nacional, sr. Santos Tavares, está na disposição de pedir a sua demissão.

A revolução de Fiume

O governo italiano vai impôr a ordem

ROMA, 7.—O governo italiano declarou que vai fazer todo o possivel para restabelecer a normalidade em Fiume.

O sr. Castelli será encarregado de formar governo com esta missão, retirando depois de a ter cumprido.—(R).

E' possivel que a crise politica, ontem provocada na Camara dos Deputados, não termine pela demissão coléctiva do gabinete

Como é sabido foi ontem posto, na Camara dos Deputados, a questão Barbosa de Magalhães. E' assim que já se lhe chama e não ha motivo para a denominar diferentemente.

O sr. Barbosa de Magalhães, ministro dos Estrangeiros, foi a Coimbra, licenciado, defender reus do crime de morte. Quem pleiteia é o advogado, não ha duvida; mas na tribuna forense não deixa de estar o ministro dos Estrangeiros, isto é, um membro do Poder Executivo. A questão, assim exposta (e é assim que ela é) não tem defesa. Não é licito que o sr. ministro dos Estrangeiros ande em excursão forense pelos tribunais do paiz. Ou é ministro dos Estrangeiros ou é advogado. Dois proveitos não cabem no mesmo saco. Se o precedente ficar de pé, não haverá, dentro em pouco, restrições no exercicio profissional dos membros do Poder Executivo. O sr. ministro da Justiça vai defender causas comerciais no Porto; o sr. ministro do Trabalho prodigalisa a sua eloquencia na tribuna dos tribunais dos arbitros avindores; o sr. ministro da guerra livra da correção um cabo de infantaria 15, o sr. ministro do Comercio faz negocios de fornecimentos para a direita e para a esquerda, o sr. ministro das Finanças dirige bancos; e, em resumo, todo o ministerio, em goso de licença, percorre o paiz, do norte a sul, arengando ás multidões ou insinuando-se nas ante camaras dos altos negociantes. Entretanto, o paiz que se governe!

Nós estamos vendo já o que se passa na sala d'audiencias do tribunal criminal de Coimbra. O presidente do Tribunal dá a palavra ao sr. Barbosa de Magalhães:

—Tem a palavra o ilustre Ministro dos Estrangeiros, defensor dos reus!

—Peço perdão, objeta o ministro licenciado. Aqui sou só advogado.

E o Presidente:

—Perfeitamente. V. ex.ª é advogado dos reus. Mas eu não quero, por forma alguma, deixar de ter deferencias especiais, com o tão distinto membro do Poder Executivo. E' no fim: tem v. ex.ª a palavra.

O sr. Ministro dos Estrangeiros começa a sua oração. Mas o sr. dr. Cunha e Costa, que representa a parte acusadora, interrompe:

—V. ex.ª dá-me licença, sr. Ministro dos Estrangeiros?

O sr. Barbosa de Magalhães começa a zangar-se!

—Aqui sou só advogado, ja disse. E' uma impertinencia!

—Desculpe v. ex.ª, objecta, melifluamente, o sr. Cunha e Costa. V. ex.ª é advogado e dos mais afamados. Mas não deixa, por isso, de ser Ministro dos Estrangeiros.

—Estou de licença...

—E' claro. Então, eu concedo: v. ex.ª permite que o interrompa, sr. Ministro dos Estrangeiros licenciado?...

O juiz tem de intervir.

Simultaneamente ao que faria o sapientissimo jurisconsulto Bridoye, imortalisado no processo do Tartarin, o magistrado analisa a questão, [illegible] dum «to be or not to be»: Porque, se por um lado, o sr. Barbosa de Magalhães é advogado, por outro lado é Ministro dos Estrangeiros; é certo que está licenciado, mas essa circunstancia não o impede de representar o Poder Executivo... Mas, por outro lado, não está aqui, no tribunal, o Ministro dos Estrangeiros, está só o advogado, o que não impede que, em corpo e alma, ali se sente, naquela tribuna, o ilustre estadista a que venho de referir-me com todo o respeito devido ao Poder Executivo... Julgo, pois, que não se deve chamar Ministro dos Estrangeiros, mesmo licenciado, ao advogado dos reus...

Logo o sr. Cunha e Costa interrompe, aos berros:

—Agravo para o Tribunal Superior. Isto nunca se viu!

O sr. Barbosa de Magalhães:

—Agravo tambem. Isto é intoleravel!

O publico ri. Os reus riem. E o juiz chora... na quimera da boa causa que fez e na qual se deitou, indefeso.

Vê-se bem o ridiculo a que tudo isto se presta. O proprio sr. ministro da Justiça, cuja ponderação intelectual e doçura gesticular são proverbiais, confundiu tudo, o tem, julgou-se indefesa chefe da magistratura portugueza. Bom prado, seus senhores!

A questão Barbosa de Magalhães vai ter hoje seguimento, na Camara dos Deputados. Eis o que acontecerá segundo esta manhã se dizia nos circulos politicos:

O governo, sustenta o sr. ministro dos Estrangeiros e a maioria sustenta o governo.

Porque se fôsse doutro modo, poderia vir a dar-se uma crise total do gabinete, crise que não é do agrado absolutamente de ninguem.

Como nota final, diremos que causou extranheza a atitude da minoria liberal.

O congresso do partido indicou ao Directorio que se devia apoiar o governo Antonio Maria da Silva, com já obras prometidas no Parlamento quando discursou o sr. Barros Queiroz. Ora o [illegible] apoio viu-se ontem quanto valia: á primeira dificuldade a minoria liberal passa-se, com armas e bagagens, para a oposição. Singular politica!...

O Instituto de Medicina Legal

Urge instala-lo convenientemente

O que nos diz o professor Azevedo Neves

Junto do [illegible] edificio da Faculdade de Medicina [illegible] velha Morgue era um casinholo imundo, cinzento [illegible] todos os lados.

Agora dessa miseravel morgue [illegible] pouco ou nada resta, [illegible]

[illegible]

Mas proficientemente dirige o Instituto de Medicina Legal [illegible] ilustre professor e nosso querido amigo sr. dr. Azevedo Neves, o seu grande talento de homem de sciencia [illegible] dos que o Estado lhe dispensa, tratão dentro em breve o sortilegio de crear mais um instituto.

Mas, é necessario que o governo não só mantenha a dotação existente, como a alargue mais de harmonia com as exigencias crescentes do custo da vida.

E as obras?

Continuamos muito bem. Parece à primeira vista que muito lentamente, mas se atendermos á forma da construção, facilmente o justificaremos.

E' verdade que as obras chegaram a parar por falta de verba. Depois veio o governo Granjo, que nos deu 400 contos, dinheiro que a esta estamos gastando.

O edificio tem que ser construido de forma que seja quasi impossivel incendiar-se. Isto é, só se utilizará madeira nas portas. O resto será cimento armado. A aplicação do cimento é mais morosa, dificultando a construção.

E quando calcula v. ex.ª que ela esteja acabada?

E' dificil dizer-lho. Creio que [illegible] a parte que vai do portão do hospital até á Escola Medica. E' [illegible] destinada á exposição dos cadaveres [illegible] autopsias.

Uma vez construida esta parte [illegible] demolido o resto do velho edificio, onde estamos provisoriamente e nas mais deploraveis condições.

Para exposição de cadaveres só existe uma sala [illegible]

[illegible] haverá [illegible]

[illegible] Instituto [illegible] especialidade [illegible]

[illegible] nossa [illegible]

[illegible]

Depois o sr. professor Azevedo Neves falou-nos do projecto do edificio.

[illegible] a sumptuosidade da Faculdade de Medicina. Será um edificio sobrio, sem arrebiques [illegible] cuidar da higiene indispensavel. Tudo [illegible] e sem dificuldade; ar, luz e aceio.

Conseguido isto, teremos uma Morgue decente, onde se poderá [illegible]

Oficiaes milicianos

Sabido é que o sr. dr. Alvaro de Castro numa das ultimas sessões da Camara dos Deputados apresentou uma proposta de lei sobre oficiais milicianos. Trata-se de fazer aplicar as vantagens do decreto 7334 aos oficiais milicianos que entraram no movimento de Santarem, os quais foram esquecidos, quando afinal do mesmo decreto aproveitaram os que se bateram contra Monsanto e quando da Trauliteria no Norte.

O governo dos soviets

manda cessar a propaganda bolchevista

MOSCOW, 6.—Tchitcherine, comissario do povo para os estrangeiros, deu ordem a todos os representantes dos soviets no estrangeiro que cessem, desde já e enquanto durar a conferencia de Genova, toda e qualquer propaganda a favor do bolchevismo.—(Lat. Am.)

LER AMANHÃ

ANTIQUALHAS HISTORICAS

pelo prof. Ladislau B. [illegible]

Os soviets e o desenvolvimento industrial da Russia

HELSINGFORS, 7.—A Russia já elaborou os projectos de concessões que está disposta a fazer das industrias de petroleo, das minas e dos metais, na electrotecnica, nas industrias quimicas e [illegible] e na do assucar e dos [illegible].

O governo dos «soviets» tenciona fazer concessões mixtas em que haverá comparticipação do governo russo na exploração das emprezas.

Já foram feitas ao governo dos soviets sessenta propostas dignas de exame, pela America, Inglaterra, Suecia, Noruega e sobretudo pela Alemanha.—(R.)

A politica inglesa

Lloyd George vai descançar mas naturalmente não ha crise

LONDRES, 7.—Lloyd George, que está afectado duma bronchite, vai por conselho do seu medico descançar para a sua casa em Criccieth no paiz de Galles, devendo partir hoje ou amanhã.

E' por enquanto impossivel fazer previsões sobre o que no que a politica interna tornará. A situação presente é a seguinte: todos os ministros conservadores que fazem parte do gabinete mostram a maior solidariedade para com o primeiro ministro, com o qual nunca estiveram em melhores relações. Estes sentimentos não são contudo partilhados por uma parte dos conservadores que constituem a minoria que faz parte da coligação e que não aprova a politica do governo sobre a questão irlandesa e sobre outros problemas internos.

Considera-se possivel que destes elementos saia uma nova combinação dos partidos politicos [illegible] os correligionarios de Lloyd George compreendendo os conservadores moderados e todos os leaders conservadores se unam aos liberais moderados que [illegible] formar [illegible] Balfour deve pronunciar amanhã [illegible] alguma luz sobre a situação. [illegible] contudo quasi certo que [illegible] combinações [illegible] não haverá modificação nenhuma sobre a politica externa seguida até agora [illegible] inglez.—(R.)

Lloyde George deseja que a situação se esclareça rapidamente

LONDRES, 7.—O sr. Lloyd George declarou aos seus colegas unionistas que deseja que a questão politica seja solucionada até amanhã. Se assim não suceder o primeiro ministro inglez apresentaria a sua demissão ao rei.—(R.)

Declarações de Chamberlain

LONDRES, 7. — O sr. Austen Chamberlain declarou que ele e os seus amigos são de opinião que o o interesse nacional exigem manutenção do sr. Lloyd George no poder.—(R.)

Os melhores reconstituintes dos tuberculosos

O [illegible] Vintura, de Lucia, [illegible] do Gaiacol, a [illegible] a «Supobiase» e a [illegible] são os melhores reconstituintes que se encontram para o tratamento da tuberculose, dos quais é depositario exclusivo Raul Vieira, L.da, Rua da Prata, 51.

Factos e palavras

Os caricaturistas portuguezes pénsam, e com certa justiça, em reclamar ao Comissariado do Rio de Janeiro que lhes seja facultado apresentarem-se no Brazil. Assim é preciso que sucede. A caricatura não é uma arte de «blague», a menos que a «blague» seja a vida. Caricaturar não é apenas, a arte de desenhar a rir. Ha artistas que a desenham a sangue, e a sofrem como uma grande tortura. O «grand-guignols de arte, que são certas paginas de Sem, e certos «croquis» expontaneos de Rafael Bordalo, merecem mais as paredes da Exposição do Rio, que muitas obras frias do classicismo constitucional da pintura portugueza. A arte do «papel selado», com estrimbos e livre transito, emfarpelada nos maús habitos de S. Tiago, e que já se não recomenda... por nenhuma especie de comenda.

As gralhas são, na vida atribulada dos jornalistas, um pesadelo. Ha gralhas felizes, ha-as comprometedoras, mas são todas elas... pelo menos gralhas.

No sabado, Americo Durão, tinha na Ilustração Portugueza uma gralha feia, uma gralha aberta, uma gralha porca. O poeta sofreu com isso, certamente. Quem escreve estas linhas em certo artigo—artigo indefinido e vago—adjectivou de «mignone» uma pequena figura do Sexo do tablado mundano de Lisboa. Sabem como saiu?! «Pingona». Pingona! E fossem lá convencer a minha elegante amiga que ela não era pingona—ela que na realidade já o fôra muito menos.

Carlos Malheiro Dias está em Lisboa.

E' o grande escritor elegante, admiravel, instalado na vida e na arte como um Principe. O Brasil conseguiu ainda—e isso só o honra—dar aos grandes homens que souberam escolhe-lo para Patria adoptiva uma situação de justa independencia material. O autor iminente da «Paixão de Maria do Ceu»—esse homem que depois de Eça é o mestre supremo da prosa contemporanea, e que mesmo é enorme ao pé dos maiores—habita, despercebido, um «appartement» do Palace, sem que uma festa, um banquete, uma sessão, assinale que esse grande portuguez está sob o ceu de Portugal.

Os governos da Republica, que não podem ler além de oficiais da ronda publica, de armas aperradas, não leram Malheiro Dias, e tresnoitados, exaustos, hirsutos, não param sequer ao pé das livrarias. E, no entanto, mais alto do que eles, mais forte do que o ar bafiento dos velhos ministerios está sempre este claro e brilhante sol do Tejo, que o saudou, acolhedor e amigo, desde o primeiro instante.

Ontem alguem, em pleno café Tavares, notou, e com razão, que não raras vezes, na imprensa portugueza, (que é ainda apesar de tudo a mais alta afirmação nacional de superioridade e de força) se dava o espectaculo impertinente duma maledicencia antipatica.

Não já as campanhas negativistas da politica sectaria, não mesmo as pseudo moralisadoras campanhas contra as grandes industrias organisadas, mas até, e singularmente, as criticas absurdamente exigentes, dentro da literatura, da Arte, e do Teatro. Não é preciso citar nomes. Encapotadamente ou abertamente, em alguns jornais de Lisboa, e mórmente num, diariamente, com uma volupia que se não disfarça, se delapidam as mais honestas reputações de trabalho e de valor. Para quê? Com que fim? Porque motivo?

E' este ar, decididamente pouco nobre, infelizmente pouco superior que nos penalisa.

E, afinal, uma folha de jornal envelhece tão depressa...

O problema dos desempregados na Polonia está tomando um aspecto de grande gravidade, havendo já mais de tresentos mil operarios sem trabalho.

Os proprietarios de fabricas e explorações agricolas tem baixado os salarios ao passo que a carestia da vida aumenta constantemente.

Teem-se realisado varias manifestações operarias, havendo desfiles de operarios de algumas cidades cantando a Internacional.

Foi vendido para a America um fox terrier pela quantia de mil libras, tendo sido este o maior preço por que foi comprado até hoje um cão desta raça.

Acaba de sair o jornal «A Academia Livre», redigido por estudantes e que se apresenta muito bem.

O sr. D. Manuel Luis Coelho da Silva, ilustre bispo de Coimbra acaba de publicar um folheto, com a sua «Instrução Pastoral contra o alcoolismo», obra verdadeiramente meritoria pelos ensinamentos e conselhos que contem, baseada na moral veridica, bôa e sã moral social.

Os famintos russos

Harding retira-lhes o auxilio porque o dinheiro era para propaganda bolchevista

WASHINGTON, 7 —O presidente Harding deixou de auxiliar o comité americano de socorro aos famintos russos.

Muitos senadores tambem retiraram os seus nomes depois de Hoover ter declarado que o comite era inflmenciado pelo medico russo Dubrovsky, que empregava o dinheiro recebido em propaganda bolchevista.—(?)

Anuncia-se um casamento real

COPENHAGEM, 7.—Anuncia-se o casamento do principe real da Dinamarca com a princeza Olga, filha mais velha do principe Nicolau da Grecia.

A pesca na Holanda

OS NAVIOS PESCADORES REPRESENTAM UMA DAS PRINCIPAES FONTES DE RIQUEZA NOS PAIZES-BAIXOS —OS ARENQUES E ANCHOVAS DA HOLANDA EXPORTAM-SE PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO

O mar tem sido sempre o amigo cordial e, ao mesmo tempo, o inimigo mais implacavel dos Paizes Baixos e desde os tempos mais remotos, as cidades neerlandezas situadas no litoral têm tirado do mar a sua principal riqueza. A pesca do arenque, frequentemente chamada a Grande Pesca, tem sido praticada na Holanda desde o seculo XII, quando o comercio de Flandres a introduziu na Zelandia, e nos comêços do seculo XIV um pescador holandez ideou a preparação do arenque para exportação. Esta preparação consiste em tirar ao arenque as guelras e entranhas na ocasião de ser pescado e pô-lo depois em barris, entre camadas de sal comum.

Em Enkhuyzen, sobre o Zuyderzee, a flotilha pescadora contava 500 barcos, ha agora, dois seculos e meio, e o escudo de armas da cidade ostentava três arenques sobrepostos. Em 1688, quando terminaram a construção do seu paço municipal Enkhuyzen tinha 10.000 habitantes que se reduziram a menos de 5.000 em 1840, depois de uma crise em que a pesca sofreu terrivel depressão. Tal crise começou no seculo XVIII, e em 1747 o numero de barcos, que em 1601 não era de menos de 1.500, reduziu-se a 200. Nos começos do seculo XIX a industria começou a levantar-se e desde 1850 tem-se desenvolvido grandemente até alcançar o cume em que hoje se acha.

A pesca da baleia, que em certo tempo foi chamada a Pequena Pesca, adquiriu grande importancia no seculo XVII e em 1684 a flotilha pescadora de baleias, de Amsterdam, capturou 1.185 dêstes cetaceos. Esta pesca começou a declinar nos ultimos anos do seculo XVIII e á data presente está extinta por completo.

Na actualidade, a pesca em aguas fundas tem a preferencia nos Paizes Baixos e faz-se de três formas distintas, que são as seguintes:

1.ª A pesca de arenques com rêde de varredoura,

2.ª A pesca com anzoes em cordas compridas;

3.ª A pesca com rêde de arrasto.

A pesca do arenque é feita por meio de rêdes que, em numero de 100 ou 150, se ligam consecutivamente até formarem uma enorme rêde de duas ou três milhas de comprimento. Actualmente é êste o ramo mais importante da pesca e em 1913 representou as três quartas partes da pesca total. Hoje são usadas as rêdes de algodão, em lugar das muito pesadas de canhamo, que antigamente se usavam; e os barcos pescadores são agora muito maiores e do tipo francês. Os pescadores preferem servir-se de barcos grandes, cujo trabalho vem a ser mais economico e, por isso, as embarcações pequenas vão desaparecendo pouco a pouco.

O uso de grandes embarcações tem criado a necessidade de portos especiais. O antigo pequeno barco de pesca aproximava-se da borda do mar, amarrava-se a uma arvore ou a uma estaca e ali estava tão bem como se estivesse á beira de um molhe; mas os barcos de hoje necessitam de porto adequado e atracadoiro seguro. A maior parte da flotilha pescadora concentra-se em cinco portos, que são: Katwyk, Maaslyus, Scheveningen, Vlaardingen e Ymuyden. Tais portos, além das suas comodidades de fundeadouro e estadia, oferecem facilidades para a venda e para o despacho do pescado.

No decurso de poucos meses, Ymuyden tem-se tornado o maior porto de pesca do continente europeu. Situado no Mar do Norte, perto de Amsterdam, pode despachar o peixe por mar e por terra, servindo-se no ultimo caso das principais linhas ferroviarias. Enormes quantidades são despachadas diariamente para a Belgica e para a Alemanha. Antes de se construir o Canal do Mar do Norte, Ymuyden era uma simples aldeia, emquanto que hoje conta mais de 10.000 habitantes e tem um porto especial de pesca que se abriu em 1896 e foi aumentado em 1901. O pescado é levado para três mercados situados ás imediações de ferrocarris e tendo cada um a sua estação de embarque. Em Ymuyden, a estação de embarque está sob a administração do governo, mas nos três ditos mercados encontra-se dirigida pela municipalidade ou pelas sociedades de operarios, para os efeitos da venda em leilão. Num só ano têm entrado em Ymuyden 13.598 barcos de pesca com 3.358 125 metros cubicos de pescado, e dêsses barcos 4.514 eram vapores de pesca ao arrasto, 6.315 eram barcos de vela dedicados á mesma classe de pesca, 255 eram de pescadores ao anzol, 319 de pescadores com rêdes e 2.166 eram barcos de carga para o transporte do pescado.

A pesca com anzol e corda é feita por meio de cabos ancorados no fundo do mar, aos quais vão atadas muitas cordas curtas com anzois. Estes grandes cabos tem ás vezes até oito milhas de comprimento. E' esta a menos importante forma de pesca e tende ostensivamente a desaparecer.

Em doze cidades dos Paizes Baixos ha escolas de pesca e as mais altas delas são municipais. Nesses institutos ensina-se particularmente a navegar, a manejar correctamente as embarcações e a conservar e reparar os avios de pesca.

A pesca costeira, ao contrario da pesca no mar alto ou em aguas fundas, é outro ramo importante da industria. A pesca costeira limita-se á apanha de ostras, mexilhões, lagostas, camarões e certos peixes do litoral. As ostras, na sua maior parte, são destinadas á exportação, principalmente para a Belgica, Alemanha, Inglaterra e França. Os mexilhões vão de preferencia para a Inglaterra e a maior parte dos camarões são enviados para a Inglaterra e Belgica.

A pesca de anchovas é feita especialmente no Zuyderzee ou Mar do Sul, onde as aldeias de pescadores com a sua população muito pitorescamente vestida despertam a curiosidade e a simpatia dos estrangeiros. O traje dos camponeses de Marken e Volendam é particularmente notavel.

Pelos fins de Abril ou principios de Maio, as anchovas veem em cardumes do Mar do Norte para o do Sul. Têm então um ano de idade e são pescadas com rêdes usuais e de arrasto. A prosperidade das povoações visinhas do Mar do Norte depende muito da pesca de anchovas, cujos lucros flutuam da maneira mais extraordinaria, até ao ponto do lucro dum ano se poder medir por milhões de florins, emquanto que o do ano seguinte não atingirá mais que uns poucos mil. Logo que se levam ao porto, as anchovas são salgadas e postas em barris para a exportação. Os preços flutuam tanto como a quantidade de anchovas pescadas e as anchovas de mais de um ano são as que se pagam melhor.

A salga é feita por um grande numero de mãos, oferecidas por gentes de limitadissimos recursos. Além das anchovas e dos arenques, pesca-se imensa quantidade de outras especies, como o rodovalho, o linguado, a solha, a raia, o robalo, o bacalhau, a pescada, a cavala, o salmão, etc., e tambem o savel, a enguia, o esturjão e outras especies de agua doce. Durante seculos tem-se estado exportando para a Inglaterra sardinhas que se despacham vivas e, em virtude de um privilegio concedido pela rainha Isabel, estão isentas de direitos e podem ser descarregadas num cais especial, quasi no coração de Londres.

Só uma pequena quantidade de certa classe de pescado se consome nos Paizes Baixos, de modo que a pesca está muito longe de oferecer qualquer manjar que na Holanda se possa chamar «prato nacional». A maior parte da pesca é exportada para a Alemanha, Inglaterra, Belgica e Estados Unidos, como principais consumidores, e tambem para a França, Noruega, Suecia, Canadá, Antilhas e America do Sul.

Ha varios estabelecimentos dedicados a defumar arenques, no que ha quatro classes:

1.º O arenque defumado para frigir. E' pescado no Mar do Sul e sem se lhe pôr sal, defuma-se muito levemente.

2.º O arenque defumado, duro. E' o arenque chamado «esturjão», que se pesca no Mar do Norte e se submete a uma larga exposição ao fumo até endurecer.

3.º O arenque salgado ou cozido a fogo muito vivo.

4.º O arenque-toucinho. E' o arenque norueguês, preparado e defumado como o arenque duro.

Passada a estação da pesca do arenque, os ditos estabelecimentos dedicam-se á preparação de outras especies de pescado, como a cavala, o eperlano, a enguia, o salmão e o savel. Tambem ha as fabricas dedicadas á preparação de pescado em latas.

Um revoltante abuso a que urge pôr termo

Ha vinte mezes que o Estado não paga as rendas das casas que lhe estão arrendadas para escolas!!!

Sr. Redactor — Positivamente o Estado vem dando aos portuguezes o triste e degradante exemplo do maior e mais descarado desprezo pelo cumprimento dos contractos. Embora pareça blague ha vinte mezes que não satisfaz o pagamento das rendas das casas que lhe estão arrendadas para escolas, emquanto sobrecarrega os infelizes proprietarios delas com contribuições elevadissimas, ao cumprimento das quais não podem eximir-se, porque isso lhes traria inevitavelmente a penhora sobre os seus predios. As acções de despejo facultadas por lei aos senhorios contra os inquilinos que faltam ao pagamento mensal a que por contracto se obrigaram, nem podem ser intentadas contra o Estado que teve o cuidado de as proibir sempre que dele se tratasse, arvorando-se assim «legalmente» senhor da propriedade alheia!

Ha' proprietarios que, apesar de verem já findo ha muito o prazo de arrendamento dos seus predios, e necessitando urgentemente deles para sua residencia, se veem forçados a ir pagar alugueis fabulosos, porque o Estado por um despotismo legal inqualificavel os tem presos por diminutissimas rendas, que nem sequer ao menos são pagas!

Contra este revoltante abuso protestamos energicamente chamando a atenção do sr. ministro das Finanças que certamente se dignará mandar satisfazer o pagamento das rendas em atraso das casas arrendadas ao Estado para escolas, acabando com esta situação que é uma flagrante injustiça e uma verdadeira vergonha.

CARLOS MARIA D'OLIVEIRA

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão abre ás 15 horas, com a presença de 48 deputados.

Antes da ordem

O sr. Carvalho da Silva quer tratar, em negocio urgente, dum desvio de 200.000 libras esterlinas. A Camara regeita a urgencia.

O sr. General Barreto, ministro da guerra, manda para a mesa duas propostas de lei, uma referente a uma transferencia de verba orçamental e outra respeitante á taxa militar.

Os srs. Pedro Pita e Jaime Silva tratam de questões regionais.

Interpelação do sr. Agatão Lança

O sr. Agatão Lança realisa a sua interpelação. Refere-se pormenorisadamente á gestão que fez dos negocios do distrito, quando esteve á frente dele e relata as providencias que então tomou para a defesa da ordem publica. Presentemente, regressou-se á situação anterior: Lisboa está dominada por criminosos, que agridem pessoas honestas, homens probos, republicanos com largos serviços á Causa Publica,—somente porque eles não comungam nos gremios politicos que pertencem os assaltantes.

Cita um caso de agressão e espancamento praticado por gente do «Grupo dos Treze» e ainda um outro, de que foi vitima um deputado que é tambem oficial do Exercito. Diz que todos aqueles que o auxiliaram na manutenção da ordem, quando foi governador civil de Lisboa, estão sendo perseguidos e ameaçados de demissão, se não revelarem que lhe deu a ele, governador civil, os elementos de informação referentes ás organisações revolucionarias de Lisboa. Reclama contra a Policia de Investigação, que necessita de ser reformada e expurgada de elementos nocivos á corporação e á sociedade.

Afirma que para meter na ordem os desordeiros não é necessario mais que dar ordem á Policia de Segurança, que é mais que suficiente para restabelecer a normalidade social em Lisboa. Pede providencias, ao Governo ácerca dos continuos apedrejamentos de comboios. E, voltando a falar do «Grupo dos Treze», diz que, quando o paiz conhecer o relatorio dos crimes praticados na noite de 19 de outubro, ha-de compreender muito bem porque é que ele, orador, quando governador civil de Lisboa, perseguiu a gente filiada no «Grupo dos Treze».

O orador que foi violento e energico na exposição, foi constantemente apoiado por deputados de todos os lados da camara.

Responde o sr. Antonio Maria da Silva chefe do Governo e ministro do Interior.

O sr. Agatão Lança faz a revelação dalgumas agressões. Ora a verdade é que ninguem se queixou. Lê uma parte policial em que se acusa o sr. Virgilio Costa de ter agredido o agente participante, parte policial que é redigida em termos pitorescos.

Nesta altura o sr. Cunha Leal interrompe nos seguintes termos;

—O sr. Virgilio Costa não está presente, mas posso assegurar a V. Ex.ª que o depoimento lido não passa duma mentira!

O sr. ministro do Interior diz que nada sabe senão o que lhe foi comunicado oficialmente. Em todo o caso, vai tratar de se informar, afim de ficar habilitado a fazer justiça.

O orador faz ainda algumas declarações com respeito ás reformas da força publica,—declarações que, aliás, nada adiantam ao que está consignado no programa ministerial.

O sr. Cunha Leal (para declarações) insiste em que o relato do chefe Xavier, agressor do sr. capitão Virgilio Costa, não é verdadeiro. O sr. Virgilio Costa é que foi agredido e ameaçado de morte.

O sr. Agatão Lança declara que não quiz fazer censuras ao governo.

O que é necessario é suprimir de vez os agentes da desordem que infestam Lisboa. Já nos foram dizer que o «Grupo dos Treze» condenou á morte alguns cidadãos, no numero dos quais se conta o orador. Então o centro onde se reune e delibera essa gente não pode ser encerrado? Que dizem a isto os homens de leis deste paiz?

Ordem do dia

Continua a discussão da moção do sr. Alberto Xavier, respeitante ao caso Barbosa de Magalhães. Como não ha inscritos, alguns deputados pedem a palavra.

Falou, em primeiro logar, o sr. Presidente do Ministerio.

Em nome do Governo, o sr. Antonio Maria da Silva declara que, se a moção do sr. Alberto Xavier representa desconfiança ao Governo, é preciso dizê-lo claramente. Entretanto, se apenas se trata de consignar um principio de moralidade governativa é outra coisa embora não seja a moção a forma mais propria de consignar esse principio.

O sr. dr. Alberto Xavier diz que se quizesse deitar o governo abaixo, tê-lo-hia feito claramente.

Declara, muito categoricamente que a sua moção tem apenas por fim estabelecer principios, negando-lhe, semelhante, qualquer proposito de derrubar o governo. O gabinete não está em crise. Trata-se apenas duma questão de moralidade republicana. Porque motivo a querem transformar agora em politica?

O sr. dr. Alberto Xavier continua no uso da palavra.

E' de prever que este caso não importe a queda do governo. Tudo se ha-de compor. Cremos que, no final, a moção seja retirada. Entretanto será dificil que o sr. ministro dos Estrangeiros continue no Poder.

Ultimas informações

O sr. Abilio Marçal mandou para a mesa uma moção de confiança no governo.

O sr. Alberto Xavier retirou a sua moção.

A questão pode considerar-se finda, ficando tudo como estava antes da discussão.

Se ainda houver tempo, elegem-se hoje algumas comissões.

O chefe do Governo mandou prevenir todos os ministros para estarem no Parlamento pelas 14 30 de hoje.

No Senado

Preside o sr. Pereira Ozorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida.

Aprovando a acta 41 senadores.

Antes da ordem do dia

O sr. Lima Duque requere que, pelo Ministerio do Comercio, lhe sejam enviadas, com urgencia, notas das verbas autorisadas e gastas pela administração dos monumentos nacionais e edificios publicos, verbas gastas nos monumentos e edificios do Porto e Coimbra.

O sr. Vasco Marques chama a atenção do sr. ministro do Comercio para a deficiencia da navegação costeira para a Ilha da Madeira. Ocupa-se tambem da divida dos Transportes Maritimos do Estado e do estado lastimoso em que se encontram os postos de telegrafia sem fios da Madeira.

O sr. ministro do Comercio, respondendo ao orador, promete tomar providencias imediatas no que diz respeito ao desenvolvimento da navegação para aquela ilha e nas reparações dos postos de telegrafia, afim daquela ilha não ficar impossibilitada de se comunicação com a metropole. Quanto á divida dos Transportes, será facilitado, tanto quanto lhe é possivel, as «demarches» do juiz sindicante nomeado pelo seu antecessor.

O sr. Ribeiro de Melo lembra que é bom não esquecer as responsabilidades que cabem aqueles que deixaram os Transportes chegar aquele caos.

O sr. Vicente Ramos protesta contra a supressão das carreiras de «Gil Eannes» da Empreza Insulana para a Ilha da Madeira, e contra o pessimo serviço da parte rural daquela ilha. Egualmente pede que o posto de telegrafia sem fios da Graciosa seja reparado.

O sr. ministro do Comercio promete tomar providencias conforme o orador deseja.

Ordem do dia

Procede-se á eleição de um vogal efectivo para o Conselho Superior de Finanças e outro substituto.

A' hora de encerrarmos este extracto estão sendo confeccionadas as listas.

Dr. Barbosa de Magalhães

O sr. dr. Barbosa de Magalhães telegrafou ao presidente do Ministerio pedindo a demissão de ministro dos Estrangeiros, tendo depois telefonado ao sr. Antonio Maria da Silva instando pela saida imediata do actual Gabinete.

O incidente Barbosa de Magalhães [illegible] parlamentares, sendo um dos que mais [illegible] atitude do ministro dos Estrangeiros [illegible] democratico sr. dr. Julio Gonçalves. [illegible] agradecer [illegible] do Partido [illegible] parece [illegible] explanados [illegible] fim da tarde que o sr. dr. Julio Gonçalves [illegible].

As tropas que cercam Lisboa não serão passadas em revista

Não tem o menor fundamento a noticia que circulou hoje, nos jornais da manhã, acerca duma revista ás tropas que cercam Lisboa, formadas em parada no dia 1 de Maio proximo. Nas regiões oficiais a noticia era classificada de tendenciosa.

«O DIA»

O jornal monarquico «O Dia» deve reaparecer em 1 de Maio proximo, sob a direcção do seu antigo director sr. Moreira de Almeida.

Governador Civil de Lisboa

Encontra-se retido em casa com um forte ataque de gripe o capitão sr. Vitorino Lopes, governador civil do distrito de Lisboa.

A politica em Espanha

O governo Maura demitiu-se

MADRID, 7. — Pediu demissão ministerio espanhol. — (H.)

Dr. Reis Junior

Na policia de investigação prossegue ainda a diligencia sobre o desastre de que ha dias foi vitima o sr. dr. Reis Junior, director [illegible] no qual ao passar em [illegible] pela Praça Marquez de Pombal, foi violentamente derrubado em virtude de um choque com um automovel.

Ao sr. dr. Reis Junior foi feito [illegible] do sinistro na Morgue [illegible] referido magistrado compareceu no tribunal da Boa-Hora [illegible] prestar declarações.

No governo civil foi hoje feito [illegible] directo ao automovel [illegible] vindo a verificar-se que de facto [illegible] aquele veiculo que tinha abalroado com o sinistrado em que seguia o director da policia de investigação, vendo-se ainda nos guarda-lamas [illegible] do choque.

No referido auto seguiá acompanhado de outro individuo, o corretor de fundos sr. Eduardo Lima, que conforme relatamos chegou a estar preso, sendo porem restituido á liberdade a pedido do ministro dos Estrangeiros, pois necessario se tornava que o mesmo corretor comparecesse á assembleia geral do Banco de Portugal afim de dar os seus votos á eleição do sr. Castro da Mata para o logar de suplente antes da direcção daquela casa bancaria.

As ultimas gréves

Dos electricos

Continua no mesmo estado o conflito do pessoal da Carris de Ferro com a direcção daquela companhia. Os grevistas voltaram a reunir esta tarde na sua associação de classe. Continuam em reparação mais alguns carros electricos para assim a sua circulação se ir normalisando.

Das classes maritimas

A E. N. N. vai fechar os seus escritorios

Os maritimos reuniram hoje [illegible] mente sendo comunicado á assembleia o resultado das «demarches» que tem efectuado.

A Companhia Nacional de Navegação vai encerrar os seus escritorios declarando não poder dar um aumento maior que 25$00.

O vapor «Beira» ainda hoje não saiu a barra sendo provavel que o faça amanhã.

Conferencia de Genova

O «Diario do Governo» de hoje publica pela pasta dos Estrangeiros o decreto de nomeação dos srs. dr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres e do major sr. Vitorino Guimarães, para delegados de Portugal á conferencia Internacional de Genova.

Essa nomeação, feita ao abrigo do § 1.º, artigo 1.º do decreto de [illegible] de agosto de 1919, fixa aos referidos delegados a ajuda de custo diaria de 10 libras em ouro desde o dia da partida até ao do regresso a Portugal.

Para despesas de representação é ainda abonada aos delegados a verba arbitrada pelo ministro dos Estrangeiros e da qual eles darão conta em tempo competente.

Portugueses em Marrocos

O «Diario do Governo» de hoje publica um despacho pela pasta do Interior proibindo a saida de trabalhadores portugueses para a Zona de Marrocos desde que os mesmos ali não tenham residencia ou contracto regular.

Em poucas linhas

[illegible] Companhia [illegible] julgado [illegible] 11 do corrente no Tribunal dos [illegible] ser [illegible] por [illegible] fabrica.

[illegible] Aldão, na rua de [illegible].

[illegible]

[illegible] entre um electrico e [illegible] que seguia uma senhora de familia [illegible] electrico [illegible] na rua, tendo comparecido os carros de pronto socorro e respectivo pessoal militar que carrilaram o veiculo, restabelecendo a circulação.

TEATRO

ARTISTAS DE CINEMA

Duarte Silva

Foi dos primeiros entre nós, a aparecer no ecran. Tem figurado em toda a produção de cinema, feita em Portugal, merecendo sempre, e a justo titulo os melhores elogios da critica, e o aplauso do publico.

Faz no Rei da Força o papel de um clown de circo.

Bastante comico, mas onde por vezes passa um fio de sentimento, e que ele faz com uma graça pouco vulgar.

NOTA DO DIA

Lugné-Poë vem...

Lugné-Poe vem a Lisboa com a companhia franceza que tomou a designação de M.me Pierat. Deve até já encontrar-se em Lisboa o fundador de «l'Oeuvre».

Eu creio que no nosso pequeno meio artistico, literario e dramatico, deve impressionar mais este nome do que o de M.me Pierat, excepto para a curiosidade feminina e futil dos que procuram a beleza ou as «toilettes» parisienses.

M.me Pierat é uma societaria da «Comedie-Française» mas Lugné-Poe é o infatigavel e esforçado artista a quem Paris, ou seja o coração da humanidade deve espectaculos soberbos, inegualaveis. Em 30 anos de luta, foi devido ao seu trabalho que a França conheceu a maior parte das obras dramaticas estrangeiras e graças ainda ao seu criterio largo, á sua concepção de renovamento artistico, dezenas de jovens autores dramaticos franceses foram lançados ao triunfo; as suas criações são limitadas, mas como disse Nogière, atestam a personalidade, a segurança do seu talento.

Foi em 1893 (quando eu nasci!) que Lugné-Poe fundou «l'Oeuvre» com um programa sintetico: fazer conhecer as obras primas estrangeiras e francezas. Colaborou com ele na tentativa Camille Mauclair e dentro em pouco Paris, apezar da critica desesperada de Sarcey, via pela primeira vez toda a beleza do drama norueguez, com as peças ibsenianas «L'enemi du peuple», «Solness le constructeur» le petit Eyolf» «Brand, Jeans, «Gabriel Boskmann», «Maison de Poupée» e até o «Peer Gynt» com a celebre comica da Grieg. Depois é ainda no Teatro scandinavo, Bjorson com o «Au-dessus des Forces Humaines» e Strindberg com o nosso conhecido «Pae» e Creanciers»; da literatura russa «Lebasfond» de Gorki e «Danse des fons» de Birinski. A Alemanha é conhecida com «La cloche engloutie», e Hauptmann e «Elektra» de Hofmannsthal. As obras primas «Gioconda» e «Fille de Jorio» de d'Annunzio deve-as Paris a Lugné-Poe, como lhe deve de Wilde a «Salomé» e «La tragedie florentine».

Toda esta evocação rapida das obras maximas não dá uma ideia do que em quasi 30 anos de trabalho pró arte Lugné-Poe tem feito no campo da beleza scenica.

Foi devido á sua interferencia que Duse, Grasso e Mimi Aguglia passaram em Paris; foi ainda ele quem levantou o primeiro altar a Maeterlinck levando á scena o «Intruso», Pelléas et Melisande, Induine e a obra prima Monna Vanna.

«La belle au Bois dormant» foi a obra com que Lugné-Poe descobriu Henri Bataille como foi na «Oeuvre» que o humor de Tristan Bernard despontou.

Na obra dos classicos Lugné-Poe dedicou todo o seu entusiasmo a Shakspear, chegando a criar um verdadeiro tipo de Polonnius no «Hamlet» com Suyan de Després junto de si; de Musset pôz em pé Carmosine, de Byron Manfred e até uma obra de Diderot...

Espectaculos de arte, maravilhos de esforço dum espirito que só vive para a beleza do grande teatro, contam-se ás centenas as peças levadas á scena pela «Oeuvre» e que nem por sombras podemos aqui relembrar sendo as mais estupendamente grandiosas.

Tudo isto com uma criação engenhosa e artistica da decoração sintetica, com outras varias tentativas para se destacar na arte e na Dramaturgia:

Nogière fazendo o elogio de Lugné-Poe diz que qualquer dos seus esforços significava um prejuizo. Que lhe importava se o seu prazer de fazer arte e dar arte ficava satisfeito! Como explicar então a sua vida, a pertinacia do seu esforço, desde que não era subvencionado pelo Estado?

E Nogière explica: «Faz tournées no estrangeiro e o dinheiro que ganha permite-lhe dar espectaculos de arte em Paris».

Tal é pois o artista que Lisboa vai ver ao lado de Madame Pierat e que o nosso meio artistico literario e dramatico deve saudar como se sauda alguem a quem a arte deve mais do que um espectaculo, uma vida inteira de esforço e dedicação.

Lugné-Poe deve ser recebido pela nossa gente culta com as honras que merece.

ARMANDO FERREIRA

A festa de Fernando Pereira hoje no S. Luiz

E' esta noite que no teatro S. Luiz realisa o actor Fernando Pereira a sua festa artistica, com a «reprise» da encantadora operata «Amor de Mascaras», de Carlo Zangerini, partitura de Ivan de Korlulery Darcice.

A opereta está assim distribuida: «Pensée Rosellis» Aldina de Souza

«Kelly», Beatriz Batista; «Madame de Germandes», Arminda Neves; «Bobekaun, Louzeilre Noves; «Macomby», Filomena Casado; «Uma dama», Carolina Simus; «Sacha du Porquet» Armando de Vasconcelos; «Leão de Prevals», Fernando Pereira; «Natalio von Suppe», Sebastião Ribeiro; «Anatolio de Germandes», José Correia; «Batanil», Carlos Viana; «O Mordomo», Delmiro Rego; «Um convidado», Antonio Matos; e «Uma menina», Idalina. A ensenação é de Armando de Vasconcelos, scenarios de Reis (filho) e Magni, côros ensaiados por Cruz Braz e a orquestra regida por Luiz Gomes. A acção dos actos passa; a do 1.º em Paris, do 2.º em Saint-Cloud e do 3.º na Provença.

A noite de hoje no S. Luiz é por todos os motivos, de gala.

Noticiario

Portugal

Um jornal da manhã dá a noticia de que o actor Eduardo Brazão não aceitou o papel que lhe foi distribuido nos termos da lei, pelo sr. dr. Ramada Curto, autor da peça «Os tenorios» a subir á scena brevemente no teatro Nacional. Sabêmos que as coisas não se passaram assim. O papel que lhe era distribuido não se coadunava com o «processo» do actor Eduardo Brazão, mas sim com o de Joaquim Costa. Só por este motivo e de acordo com a administração do Nacional, Brazão não se encarrega da referida interpretação.

—Olavo de Carvalho capricha em apresentar a nova revista «Giga-Joga» com todo o esmero e propriedade. E como a peça é de complicada montagem, viu-se forçado a adiar, para amanhã, no Salão Foz as duas sessões da «premiere».

A «Giga-Joga» tem 2 actos e 14 quadros, que são, assim intitulados: 1.º Em plena fantasia; 2.º Alcool, 3.º O opio; 4.º Accacianas; 5.º Colombinas; 6.º Os ao trez; 7.º Os de cima, 8.º Os de baixo; 9.º Contem que logo choram; Apoteose; 10.º Nas lindas, 11 Lido Palace; 12.º Corridas de cavalos, 13.º Castelo de Cartas; 14.º Por toda a vida, Apoteose

—Já está ensaiando no Apolo, a Companhia Ruas que no Porto, sem interrupções, realisou, no inverno, uma temporada brilhantissima, obtendo um exito verdadeiramente grandioso todas as peças que, ali levou á scena.

A sua estreia, em Lisboa far-se-ha na 6.ª feira proxima, com a premiere da revista fantasia «Belo Sexo», absolutamente desconhecida dos lisboetas, e que é dividida num prologo, 2 actos e 16 quadros, da autoria de Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa, musica de Alves Coelho e do 2.º dos autores da peça, estando a parte orquestral a cargo de Bernardo Ferreira.

Damos ao empresario Luiz Ruas, as nossas boas vindas, pelo seu regresso á capital, aonde tão grandes simpatias conta, e aonde tambem, é justamente apreciada a sua competencia teatral.

—Segundo nos consta os 4 artistas que se pensou fazer entrar para societarios do Nacional eram Clemente Pinto, Palmira Bastos, Chaby Pinheiro e Jesuina Saraiva. De todos o unico viavel era o primeiro, atendendo a que Jesuina e Chaby tem largos contratos com o Brazil, e Palmira por lei não pode ser readmitida.

—Estreia-se amanhã, no Nacional, a companhia da grande actriz franceza Madame Pierat, societaria da Comedia Franceza, a da qual é dirigente o director do teatro «L'Oeuvre», de Paris, Lugné Poe. A Companhia, completa, tendo á sua frente uma actriz eminente, ilustre entre as ilustres, acaba de fazer uma temporada em Madrid, brilhantissima, tendo toda a imprensa da capital do visinho reino tecido os maiores elogios á grande artista e a todos os seus componentes. Ancíosamente esperada entre nós, tendo-se esgotado já todos os bilhetes para os seis recitas que vem dar no Nacional, Madame Pierat inicia os seus espectaculos, com a peça «Marionettes», de Pierre Wolff, um primeira recita de assinatura ordinaria, na qual tem um deslumbrante trabalho na protagonista. O sexteto do teatro, durante estes espectaculos, toca nos intervalos, no Salão nobre, decorado artisticamente.

—A ilustre cantora Justina de Magalhães, que embarcou para o Brasil na companhia Augusto Gomes, apresentou-nos os seus cumprimentos de despedida, atenção que muito agradecemos, fazendo votos para uma feliz «tournée».

—Tudo nos faz supôr que a noite de 17 do corrente no teatro de S. Luiz seja de grande gala primeiro porque realisa a sua festa artistica o distinto actor emprezario Armando de Vasconcelos e segundo porque sobe á scena, pela primeira vez em Portugal, a opereta «Sua Alteza Valsa», que no estrangeiro tem obtido grande exito e que nessa noite o confirmará entre nós. Nela tomam parte os artistas Alsenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Beatriz Batista, Sofia Santos, Armando de Vasconcelos, Fernando Pereira, Carlos Viana, Sebastião Ribeiro, José Correia e outros.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—No teatro de S. Luiz festa do tenor Fernando Pereira, com a reprise da opereta «Amor de Mascaras».

—Festa do José Victor no Teatro da Avenida com uma unica representação da opereta «João Ratão».

—Festa dos actores Francisco Sampaio e Carlos Alves no Teatro Politeama, com a comedia «Amor a quanto obrigas».

SPORT

Esgrima

Em Madrid vai ter logar um torneio internacional de esgrima, no qual seria muito para desejar, se fizesse representar o nosso paiz.

—A equipe de Cambudje bateu a equipe de Oxford ao florete e ao sabre.

Automobilismo

Em Los Angeles, na America, o campeonato da America, que se devia correr na distancia de 200 milhas deu o seguinte resultado:

1.º Milton, 2.º Thomas, 3.º Harty.

—Em Nice vai haver uma exposição este mez, que deve ser concorrida.

Law-Tennis

Nos campeonatos do mundo, os franceses ficaram com 5 vitorias, com Cochet, Borotra, Madame Goldewig e Madame Vaussard.

Box

Na America, parece que apareceu uma nova estrela, na pessoa do campeão amador dos pesados, que no dizer de algumas competencias, poderá ser adversario para Dempsey.

—Balsae, o antigo campeão de França, vai dedicar-se ao professorado.

—O campeão Dempsey, vai representar uma comedia num acto, com o titulo, «O dia de um campeão...»

O sport nas artes

Fundou-se, como dissemos em Paris a sociedade dos pintores e escultores do sport, que tem apresentado trabalhos interessantes sobre o assunto.

Entre nós os grandes artistas teem o sport com horror...

Ciclismo

Sehiles, um corredor francez, que há muito tinha mostrado qualidades extraordinarias de velocidade, bateu todos os concorrentes no campeonato do inverno entre o actual campeão do mundo.

Foot-ball

Os espanhois infligiram uma grande derrota em Saint-Sebastien, á equipe de França de foot-ball, que foi vencida por 3 a 2.

—Pela primeira vez a França conseguiu fazer match nulo com a Inglaterra, no desafio anual de rugby, demonstrando assim os progressos dos seus players.

Luta

Constante de Marai vai ter em Paris um desafio de luta livre com o americano Pendleton, que desafiou o campeão do mundo Zbysco.

—Mauricio Deriaz queixou-se que na Suissa um outro lutador se fez passar por ele. Como isso de mudar de nome não fosse vulgar...

NOTICIARIO

FEDERAÇÃO PORTUGUESA SPORTS ATLETICOS

Comunicado oficial.—No intuito de dar nova alma ao atletismo nacional há tanto tempo abandonado, a F. P. S. A. resolveu, apesar da pouca data da sua fundação, fazer disputar já no corrente ano os primeiros Campeonatos Regionais e Nacional do «Cross-Country», para os quais marcou respectivamente as datas de 12 e 19 de Março.

Os Campeonatos Regionais disputar-se-hão já no Sul e no Norte, devendo um director da Federação ir á cidade do Porto, na proxima semana, presidir a uma reunião para a fundação da Liga Atletica do Norte que organisará o segundo.

A F. P. S. A. roga a todos os clubs que considerem o presente comunicado como directo, estando a inscrição aberta desde já até ao dia 10 de Março, todos os dias dos 17 ás 19, na rua do Norte, 5, 1.º.

Os clubs federados receberão brevemente o regulamento da prova podendo o mesmo ser pedido no local acima citado.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

A minha lareira está quasi a apagar-se, apenas algumas brazas tremeluzem por entre cinzas e o meu espaço prepara-se para me receber, as plantas apresentam novos rebentos, o verde das suas folhas torna-se mais viçoso, sente-se o rumor confuso da Primavera que se aproxima.

Ela está bem perto, chegou mesmo a fazer há dias uma entrada impetuosa na capital, mas a figura austera do Tempo, apontou-lhe severo, o calendario.—A estouvanada chegára antes do dia marcado e os festejos preparados para essa ocasião não estavam ainda organisados por falta das ordenanças. A Primavera envergonhada e confusa, retirou apressada, tão apressada que lhe cairam do regaço varios dos seus apetrechos; malmequeres brancos e amarelos que se acomam nos campos; uma tinta verde clara que se espraia nas folhas, retalhos do céu azul folido e primaveril, que nos recreiam os olhos.

E nós regosijamo-nos com essas lembranças que nos deixou, emquanto esperamos a sua chegada oficial e triunfante.

E' talvez na Primavera que o campo é mais bonito; não vamos para lá porque não é moda, mas se não vivessemos sob a ferula do esnobismo com certeza seria nesta epoca que abandonariamos a cidade e iriamos para fóra, ver crescer as plantas e desabrochar diariamente milhares de flores.

Que na cidade rujam surdamente paixões e odios, que o espirito do mal triunfe, a Natureza nem por isso se comove ou deixa de proseguir na sua missão benefica; a Terra, imutavel nos seus principios e nas suas opiniões, continua achando que a Primavera é o tempo de enfeitar a sua casa e de abrir as suas salas para receber os convidados de arribação e para principiar a engordar os seus filhos alados e pensar nos celeiros dos seus turbulentos filhos, os homens que só socegam quando regressam para o seu seio materno.

E portanto, os mãos da terra abrem-se e as sebes esmaltam-se de pontos coloridos, os campos doiram-se e pratelam-se, os raios de sol poisam amorosamente nas pequeninas margaridas do prado, beijam com carinho os pallidos e frageis jacintos, tornam mais aromaticos os garridos narcisos; o myosotis silvestre numa ancia de não ser esquecido aparece-nos a todo o instante, sorrindo o seu sorriso celeste e baloiçando-se gracil na haste flexuosa e os primaveros gentis saudam-nos alegremente em nome de sua mãe.

E de todas estas flores que dizemos não serem odorentes, se evolam tenues perfumes que nos embriagam a alma e a enchem de uma vaga saudade de coisas desaparecidas e de uma misteriosa esperança de alegrias futuras.

Nos recônditos da alma escondem-se assim mil sensações secretas, mil emoções doces e fugidias de quem já não nem tinhamos memoria e que surgem bruscamente sob esse perfume subtil e leve que a Terra espalha por todo o campo em honra da filha querida e que tanto nos suavisa as agruras da vida fazendo-nos respirar um ar puro, que nos tonifica o corpo e a alma.

FRIOLEIRAS

Impressão solar sobre folhas

As folhas teem uma certa atracção, tão pegadinhas aos seus tronquinhos, parecem pedir protecção contra o vento que bravo as agarrara brutalmente, expulsando-as do seu lar e obrigando-as a correr mundo e vagabundo que é sempre por impeli-las ao suicidio.

Pois quando as virmos assim cabisbaixas e atormentadas pelo gigante que assim as arrasta agarremo-las e salvemo-las das suas furias, dando-lhes refugio nos nossos livros, folhas de album, nas folhas pensantes ou nas mezas onde servirão de recreio aos olhos. E para lhe darmos mais algumas horas de vida tornemo-las condutoras de pensamentos nossos ou alheios.

Escolhamos uma folha de papel fino como o usado para escrever á maquina, nesse papel recortam-se frases, palavras ou qualquer desenho gracioso.

Escolhe-se em seguida umas folhas bem formadas e que tenham estado bem expostas ao sol e colam-se as letras ou desenhos recortados sobre a folha. Nas folhas que sirvam para ornamentar a meza seria gentil por uma mensagem de boas vindas aos nossos hospedes, tendo cada folha uma palavra.

Depois de bem coladas as palavras expõem-se de novo ao sol e deixam-se ali até a folha se tornar dum vermelho vivo. Então tira-se o papel com agua quente e os logares onde estavam colocados os papeis recortados ficaram amarelo claro e o resto do mais vivo escarlate.

O contraste é enorme e as mezas assim decoradas ficam graciosas e invulgares.

CONSELHO PRATICO

Para caiar as casas

Todas as primaveras as boas donas de casa fazem uma limpeza radical na suas casas, caiando paredes e tetos, espanejando todos os recantos, pondo os moveis fóra dos seus logares e enxotando o sexo forte para bem longe, durante algumas horas.

Para estas limpezas podemos preparar nós mesmo a cal. Corta-se 3 kilos de cal aos bocados numa celha onde se deita agua suficiente para os cobrir. Coloca-se cerca de 1 kilo de cola numa panela metida dentro doutra cheia de agua a ferver, até que a cola se dissolva e aqueça. Quando a cola estiver bem coalhada e tiver assentado, tira-se a agua que sobejar e mexe-se com as mãos.

Acrescenta-se uma quarta de cola quente, mistura-se bem e deixa-se num sitio fresco até formar uma pasta gelatinosa.

Para se fazer a cal perfeitamente branca mistura-se 25 gramas de azul marino com a agua que se deita sobre a cal, coa-se e acrescenta-se-lhe a cola.

Para tornar a cal amarela põe-se-lhe um pouco de ocre ou siena crua, coa-se e junta-se-lhe depois a cola.

Quando se quizer servir da pasta dilue-se um pouco fria.

GULOSEIMAS

Biscoitos de talhada

Deita-se numa vasilha 250 gramas de manteiga e 1/2 quilo de assucar, mexendo-se até que fique bem misturado. Depois batem-se 12 ovos, 2 com claras e vae-se deitando pouco a pouco, e mexendo sempre. Junta-se 750 gramas de farinha e um bocadinho de canela e amassa-se bem. Estende-se depois a massa até ficar da grossura duma moeda de cobre; unta-se com ovo batido e polvilha-se de canela e assucar. Corta-se em tiras que se colocam em taboleiros dando-lhes a forma de SS e vão ao forno.

HIGIENE DA BELESA

Para engrossar o pescoço

O pescoço magro e descarnado não é estetico, dá uma aparencia senil á figura, pode-se tornar a epiderme um pouco mais espessa empregando-se o seguinte processo.

Lava-se o pescoço com agua muito quente e depois com agua muito fria e estando os poros da pele assim muito abertos, esfrega-se com azeite.

Nada favorece tanto a firgura e o desenvolvimento do pescoço como andar livre.

O deixa-lo nu, ao ar, todo o dia, provoca a sua expansão e apresenta uma outra vantagem: a pele do pescoço, livre de todo o contacto, conserva-se branca e aveludada.

SONETO

Lathe.

Para alem de Nirvana que tenta...
Outra ilusão aos astros se alevan...
Uma outra fonte nos desertos canta
Rosas em pleno Abril desmaiam na haste...

As estradas que, em lagrimas traçaste,
Não nos conduzem, não, á Terra Santa
Nem luz o Amor, nem viça bunga e planta,
No Reino que, entre navens, avistaste

Morrer, mas a sonhar —eis o teu...
Porque interrogas, aflictivamente,
A noite, Deus, o vento em desatino?

Sustém o curso das lagrimas, oh Destino
Detem o rasgo da corrida ardente,
Corcel da morte onde cavalga o Amor

MARIO BEIRÃO

A PROVA DE PIMENTEIRA

O Jornal «Os Sports», organisador desta importante prova deverá por estes dias enviar aos srs. representantes de marcas de automoveis e amadores o regulamento que está sendo revisto pelo Automovel Club de Portugal, destinado á II Rampa da Pimenteira. O regulamento será tambem publicado no jornal «Os Sports». A prova é disputada por categorias, servindo de base a cilindragem. A avaliar pelas respostas recebidas ás circulares que «Os Sports» enviaram é de esperar um grande numero de inscrições. Alem dos premios aos vencedores disputar-se-ha tambem a «Taça Goodyar», que será de posse definitiva para o vencedor que fizer o menor tempo.

Parque Automovel Militar

Venda de material circulante

O Conselho Administrativo faz publico que no dia 9 do corrente pelas 15 horas se procederá á venda em hasta publica na Garage Militar da rua do Salitre do seguinte material:

Torpedo Renault 45 H P avaliado em 15.000$00.

Limousine Peugeot 45 H P aval. em 18.000$00.

Torpedo Peugeot 35 H P avaliado em 10.000$00.

Box car Ford avaliado em 5.000$00.

Chassis Panhard 30 H P avaliado em 8.000$00.

Camions Fiat 18 B L 3 1/2 T aval. em 11.000$00.

Moto com side-car Royal Ruby av. em 2.000$00.

As viaturas achar-se-hão em exposição na G. M. desde o dia 6.

As condições de venda estão patentes ali e no Conselho Administrativo deste Parque em Belem, todos os dias uteis das 11 ás 16.

O Tesoureiro

José Joaquim de Paiva

Capitão

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

Passou-se um dia assim. Ao serão do dia seguinte, Catarina tornou-se mais alegre e brincou ao arco na sala. Cedo abandonou o arco e foi sentar-se num canto. Antes de se deitar, voltou-se para mim e deu dois passos para o sitio onde eu estava; mordeu os labios e ia a abri-los para dizer-me alguma coisa, mas arrependeu-se e deitou-se. O outro dia passou-se da mesma forma.

Madame Leotard, admirada, interrogou por fim Catarina: que tinha ela? Estava doente? Catarina respondeu qualquer coisa e pegou no arco; mas logo que madame Leotard se afastou, murmurou, chorou e fugiu do quarto para eu não a ver.

Tres dias depois da nossa questão, de repente, depois do jantar, entrou no meu quarto e timidamente aproximou-se de mim.

—O papá mandou-me pedir-te perdão, pronunciou ela. Perdoas-me?

Agarrei as duas mãos de Catarina e quasi abafando com a emoção, disse:

—Sim, sim.

—O papá mandou-me que te abraçasse. Abraças-me?

Como resposta pus-me a beijar-lhe as mãos que cobria com as minhas lagrimas. Olhando para Catarina notei-lhe qualquer coisa de extraordinario: os seus labios murmuravam ligeiramente, o seu queixo tremia e os seus olhos estavam marejados; num instante porém refreou a sua emoção.

—Disse ao papá que te abracei e que te pedi perdão, disse ela lentamente, como que reflectindo. Ha tres dias que o não vejo. Proibiu-me de lhe aparecer emquanto não tivesse feito isto, acrescentou depois duma pausa e logo se foi timida e medrosa, como se não estivesse segura sobre a forma como seria recebida pelo pai.

Uma hora depois, no andar de cima, recomeçaram os risos, os gritos, o ruido, o ladrar do Falstaff; tinham partido qualquer coisa, os livros caiam para o chão, o arco rolava por todos os quartos, numa palavra, percebi que Catarina se tinha reconciliado com o pai e o coração encheu-se-me de alegria. Mas ela não se aproximava de mim e visivelmente evitava falar-me. Em troca eu tinha a honra de lhe excitar ao maximo a curiosidade. Ela sentava-se na minha frente para me examinar mais comodamente e renovava as suas observações sobre mim cada vez mais frequentemente e mais ingenuamente.

Numa palavra, a menina mimosa, caprichosa, que todos amimavam e estimavam na casa como um tesouro não podia compreender como eu me atravessara no seu caminho quando exactamente ela não desejava encontrar-se comigo. Mas ela tinha um coração que sabia ir ao bom caminho unicamente pelo seu instincto.

O pai, que adorava, era quem exercia maior influencia sobre ela. A mãe amava-a apaixonadamente, mas era muito severa para ela; era dela que Catarina herdara o orgulho, a obstinação, a firmeza de caracter; suportava por isso todos os caprichos da mãe que iam até á tirania moral. A princesa compreendia estranhamente a educação e a de Catarina era uma mistura de mimos estupidos e de severidades impiedosas. O que era permitido ontem, de repente, sem nenhuma razão, era proibido hoje, de maneira que o sentimento de justiça da filha estava abalado... Referir-me-hei a isto mais tarde. Agora, observarei somente que Catarina sabia muito bem definir as suas relações com os pais. Com o pai era natural, sem misterios, franca. Com a mãe, pelo contrario, era desconfiada, calada e absolutamente obediente; mas ela não obedecia sinceramente e por convicção, mas por sistema.

De resto, para o nome de Catarina, devo dizer que ela tinha acabado por compreender a mãe e depois de ter ter inteirado de toda a grandeza do seu amor que por vezes chegava a revistir um caracter doentio; e a princezinha, magnanimamente, observava esta circunstancia. Ah! este calculo devia influir maleficamente naquela cabecinha exaltada!

Eu porem não compreendia quasi nada do que se passava comigo. Todo o meu ser estava cheio duma sensação nova, inexplicavel; não exagero dizendo que sofria e até me atormentava este novo sentimento. Numa palavra e perdôem-me esta expressão, eu estava apaixonada por Catarina. Sim, era o amor, um amor verdadeiro, um amor com lagrimas e com alegria, um amor apaixonado. Como nasceu este amor? Começou logo ao primeiro olhar, quando todos os meus sentimentos foram suavemente despertados vendo uma creança bela como um anjo. Nela tudo era belo; nenhum defeito tinha nascido com ela, todos os que podia ter adquirido encontravam-se em luta dentro do seu coração.

Em todos os seus actos denotava-se uma bondade da alma original, mas tomando ás vezes uma aparencia falsa; tudo nela, porem, dizia esperança, pressagiava um radiante futuro. Todos a admiravam; não era só eu a amal-a, eram todos tambem. Quando ás vezes saiamos a passear as tres horas, todos os passantes paravam como que espantados, olhavam-na e ás vezes soltavam um grito de admiração.

Ela tinha nascido para a felicidade, devia ter nascido para a felicidade. Era a primeira impressão que se tinha na sua presença.

Foi pela primeira vez que o meu sentimento estetico se sentiu emocionado que ela acordou para a beleza, talvez fosse essa a razão do amor que eu sentia por Catarina. O defeito principal da princesinha, ou dizendo melhor, o traço principal do seu caracter era o orgulho. Este orgulho manifestava-se até nas mais pequenas coisas, transformando-se em amor proprio, ao ponto da contradição, qualquer que ela fosse, lhe provocar o espanto. Ela não podia compreender que se pudesse fazer qualquer coisa duma forma diferente do que ela desejava. Contudo o sentimento da justiça imperava sempre no seu coração. Reconhecia ser justo quando submetia os seus actos ao exame da consciencia. O facto de ela, nas suas relações consigo, não corresponder a este principio, explica-se, penso eu, por uma antipatia incompreensivel que perturbava por um momento a harmonia de todo o seu ser. Era forçada a isso. Era muito apaixonada nos seus afectos e nem sempre o exemplo ou a experiencia a conduziam ao bom caminho. Os resultados das suas intenções deviam ser muito belos e verdadeiros, mas produziam geralmente grandes erros.

Catarina depois de tanto me ter observado, resolveu deixar-me tranquila. Era como se eu não existisse. Não me dizia uma palavra além das estritamente necessarias. Fôra afastada dos seus brinquedos, não bruscamente, mas como se eu propria o tivesse desejado. As nossas lições continuavam e mostravam-me á ela como um exemplo de inteligencia e de bondade. Mas eu não tinha a honra de ofender o seu amor proprio, que era tão sensivel que o proprio buldogue, o Falstaff, era capaz de o ofender.

Falstaff era serio e fleugmatico, mas quando o irritavam, tornava-se feroz como um tigre, feroz a ponto de desobedecer ao dono. Um outro traço, ele não amava ninguem, mas incontestavelmente a sua maior inimiga era a ...

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4021 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 8 de Março de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina da Impressão — Rua da Rosa, 7 — Preço 10 centavos

A PENA DE MORTE

Alguns jornais lançaram um plebiscito para que o país diga se quer ou não o restabelecimento da pena de morte. Uns dirão que sim, outros dirão que não... como é natural. Parece-nos que, na realidade, a grande maioria dos cidadãos ha-de pronunciar-se negativamente, mais para simularem de civilisados e altruistas que por convicção intelectual ou sentimental. O plebiscito é, pois, inutil, embora inocente, porque a questão da crescente criminalidade não reside em existir ou não existir pena capital. O problema portuguez é completamente diferente.

Sanções penais temos nós com fartura, consignadas nos codigos. O mal consiste em que elas se não aplicam, senão raras vezes e, em regra, sòmente contra os desprotegidos, fracos ou pobres. Os politicos que teem lampada acesa no altar da Republica, os poderosos que estão ao lado do poder, encouraçados contra os azares da sorte e os argentarios que são inexpugnaveis, graças á impenetravel capa de ouro onde se abrigam, — esses, meus amigos, riem-se das leis, dos juizes, dos jurados, da revindicta do Ministerio Publico e de toda a engrenagem judicial, que não serve, afinal, senão para os livrar do Limoeiro, como serviria para os não deixar pernoitar na forca. A descoberta de crimes e criminosos é quasi diaria. Citamos, apenas, ao acaso de memoria, a «Leva da Morte», o «Misterio dos Cincoenta Maridos», os «Massacres da Noite Tragica», os roubos ao Ministerio das Subsistencias, dos Transportes Maritimos do Estado, as mercadorias dos navios ex-alemães, os assassinos do tenente Soares, de Henrique Cardoso, de Sidonio Pais, de Pedro de Matos e de tantos e tantos outros... Pois, que nos conste, a Justiça Portugueza não castigou os autores de tantos crimes.

O caso de Pedro de Matos é tipico. O magistrado foi esperado e morto a tiro á entrada da sua residencia. Os assassinos foram descobertos e presos. Um tribunal especial os julgou. Pois, apesar de especial, o tribunal deu como provada a circumstancia atenuante da falta de intenção de matar o que reduziu a pena aplicavel a um grau minimo.

Com o julgamento da «Leva da Morte» tambem algumas coisas ocorreram de estranho, de singularissimo. Nenhum juiz togado presidiu ao julgamento e o tribunal constituiu-se sob a presidencia dum substituto arranjado ao acaso. A sentença final foi, como não podia deixar de ser, uma verdadeira irrisão, com a circumstancia muito interessante de que no banco dos reus se não sentaram aqueles individuos que a opinião publica apontava como organisadores do atentado.

Ontem foram arremessadas bombas contra um carro electrico, repleto de passageiros. Não houve senão um ferido, sem gravidade, felizmente. Os estragos materiais foram importantes. E, se é certo que as bombas estavam carregadas com dinamite, só por acaso não houve vitimas de inocentes sacrificados á furia assassina dos bombistas. Se os criminosos forem descobertos, não deixará de aparecer um tribunal que os absolva ou puna ridiculamente, atendendo a que se trata dum crime por questões sociais, eufemismo com que se cobre presentemente a extinção criminosa da vida dos cidadãos.

Reservamos para fechar este sudario o caso da «Noite Tragica». O organismo juridico do Estado fugiu descaradamente á averiguação das responsabilidades dos agentes do crime e seus mandantes.

E, para se obter quem assumisse o encargo de averiguar, foi preciso recorrer ás familias das vitimas, que indicaram um homem, a quem se investiu, para o efeito, dos poderes judiciarios indispensaveis. Mas, por enquanto, ainda a procissão vai na rua!

Concluimos, pois como começamos: as leis não se cumprem e as sanções penais não são aplicadas aos delinquentes. Para que diabo é então preciso restabelecer a pena capital, se nem mesmo as outras são aplicadas?...

No tempo da monarquia o codigo militar estabelecia a pena de morte e ela nunca foi aplicada.

A solução do problema está, portanto, em fortalecer o organismo anemico do Estado. Como consegui-lo? Forçando toda a gente a cumprir os deveres do seu cargo e sendo inflexivel na punição dos agentes que, por covardia ou negligencia ou outro qualquer motivo se recusem ou não sejam zelosos no desempenho das suas obrigações profissionais.

Factos e palavras

Quiz o acaso que ontem fosse dado presencear a quem escreve estas linhas o assalto feito á bomba de dinamite, ao electrico guiado pelo engenheiro Camara.

Estão relatados os factos, sobre os quais não é necessario insistir.

Um ponto, porem, está ainda por frisar: a espontanea coragem e o valor moral da população de Lisboa.

Não já o pacato cidadão mas a propria burguesita da lisboeta, essas morenas pequeninas que o trabalho, nestas manhãs frias de inverno, congestiona com umas olheiras fundas e magoadas — todos teem sofrido resignadamente, exemplarmente o seu martirologio infindavel.

Lisboa, a grande, a imensa martir da Europa, tem o aspecto de certas mulheres formosas, que a ruina dum vicio corrompeu.

Pensa-se, como ontem nós pensamos, que a varina linda, cujos olhos verdes espelhavam tranquilamente os olhos que a viam, — mulher do povo, proletaria, hercules de graça e elegancia — que se encontra no banco interior do electrico da explosão, não pode nem deve sofrer, a tortura desta vida que nós lhe damos.

Os homens brutais não reparam que matar a beleza é matar toda a razão da vida, — e os homens maus não teem talvez tempo para amar.

Lisboa, capital dum país na Europa, é uma cidade que não possue, apesar dos seus esforços em contrario uma Camara Municipal.

Não se pode realmente afirmar que pelo facto de existir um palacio do Municipio e alguns vereadores de pera, exista, de facto, o espirito e o ambiente duma municipalidade.

Para se ser presidente duma Camara, parece-nos mais necessaria uma larga cultura e um completo conhecimento das necessidades publicas, do que uma cadeira cómoda num directorio politico.

Estão prestes as eleições camerarias. Duvidamos que os partidos politicos que enviaram ao Pelourinho os seus homens, que deram de si uma tão extraordinaria ideia de incompetencia e tão raras vezes de exibicionismo puramente idiota, tenham coragem — sobretudo a coragem do ridiculo — de insistir.

E' preciso que nos convençamos que ha muitos bacharéis a quem o curso serviu consideravelmente, com prejuizo geral, as faculdades de estupidez nativas.

Muita gente se admirou com o escandalo de que nos fizemos éco, acerca das requisições de bilhetes de teatro feitos pelo Ministerio da Instrução.

A quem desconheça os «bastidores» misteriosos daquela secretaria, tal noticia não parecia verosimil. A quem, porem, tenha conhecimento de certas intimidades curiosas, e de algumas coisas que não já publicas, não estranharia mais o impudor com que os autenticos bolchevistas do Estado, se tratam, e a sua muita pressa de se «serviçarem» em saude.

A «Seara Nova» é, aparte uns destrambelhados mamarrachos de que se faz espelho uma publicação interessante e representa uma corrente, se não já pelos seus efeitos notavel, pelo menos consideravel como sintomatologia.

Ha ali muito de sincera boa vontade, muito de esforço honesto e sobretudo muito de lirico ideal antigo, — daquele ideal das «lavaliéres» coradas, da época anarquista de 1890, que é ainda na politica moderna o papão revolucionario das meias de lã, das fitas de ceroulas e das afirmações consideraveis.

Em todo aquele excelente movimento, apenas é lamentavel uma deselegancia frisante. — E' aquela ideia de que oito homens casados, honestos e vacinados podem escrever vinte linhas para a salvação do mundo, assinar e datar. Compreende-se que das janelas da Biblioteca Publica — um verdadeiro mundo do pensamento — se pretenda reformar a Revolução — o pensamento do mundo — mas que, emfim, se não tenha a ingenuidade de o confessar...

A célebre estrela do cinematografo Mary Pickford ganhou a apelação da sentença que o tribunal havia dado contra ela, condenando-a em vinte e seis mil libras a favor de miss Walkemingh que lhe intentara uma acção de perdas e danos. Este ultimo alegava ter negociado o contrato entre miss Pickford e Adolf Zukor, pelo qual aquela recebia vinte e seis mil libras por dois anos de trabalho. Miss Pickford declarou que fora ela propria que obtivera a escritura, quando a negou desligar-se da «Famous Lasky Company», porque o seu salario de duas mil libras por semana era insuficiente.

O caso Barbosa de Magalhães ficou arrumado, antes mal que bem ..

Não fazemos uma ideia nitida, absolutamente precisa, acerca do resultado a que se chegou com a discussão de ante-ontem a ontem, na Camara dos Deputados. Não tendo triunfado o ponto de vista do sr. Alberto Xavier, claramente fortalecido com o voto platonico de toda a Camara, excepção feita dos democraticos, parece ter ficado assente o criterio diametralmente oposto; isto é, que os membros do Poder Executivo podem licenciar-se para se dedicarem, quando lhe convier, ao exercicio das respectivas profissões. E' tão perigosa esta doutrina que nos repugna, absolutamente, que ela entre definitivamente no nosso modo de ser social.

O final da sessão não foi, aliás, benevolamente visto por alguns membros do Governo. O sr. Cunha Leal resumiu assim a questão: como ninguem quer derrubar o governo, damos por bem feito o que não tem remedio, mas o país julgará se é licito ou não o criterio governamental. O sr. Alvaro de Castro secundou esta conclusão, por si e pelos seus amigos politicos.

Ora ninguem deixou de ver tão aparente ela foi, a indignação do sr. Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias, que considerou o enblinhado dos dois ilustres parlamentares como uma reedição da moção Xavier, embora reduzida á simplicidade da expressão verbal.

Quer-nos parecer que no final de contas, ficou tudo como estava, sem proveito algum para a regularisação do caso discutido ou doutros semelhantes, que por acaso venham a surgir. E' indiscutivel que o artificioso epilogo não correspondeu ao emaranhado do romance...

Uma carta do sr. Augusto Pina

Ex.mo Sr. Manuel Guimarães — O jornal que V. Ex.ª tão dignamente dirige publicava ontem uma noticia com o titulo «Um escandalo», em que se afirmava que para as recitas que vem dar ao teatro Nacional a companhia de Madame Piéral, do Ministerio da Instrução, sem conhecimento do respectivo ministro, se requisitaram a esta administração bilhetes de plateia e de camarotes cujo valor excede a 20 contos.

A informação, posso assevera-lo a V. Ex.ª, não é verdadeira. Nenhuma requisição de bilhetes foi feita a esta administração para as recitas de Madame Piéral. E como entre esta administração e a respectiva repartição do Ministerio da Instrução existem as melhores relações, apresso-me a desmentir hoje a noticia no intuito de que dela não viesse a criar-se qualquer incidente desagradavel.

Agradecendo a V. Ex.ª a publicação desta no seu acreditado jornal, subscrevo-me com a maior estima e consideração

De V. etc.

O Administrador — Augusto Pina

Comunica-nos tambem o sr. Santos Tavares, ilustre comissario do Governo junto do Teatro Nacional que a noticia a que se refere a carta acima é infundada, pois que a nenhuma das entidades dirigentes do Teatro Nacional foi pedido por qualquer funcionario do ministerio da Instrução que lhe fossem reservados bilhetes para as recitas de M.me Piéral.

Quanto á sua intenção de pedir a demissão do cargo não passou o sr. Santos Tavares por enquanto, tal.

Como a lei do teatro Nacional proibe expressamente que o Comissario do Governo venha á imprensa discutir factos referentes á casa de Garrett o sr. Santos Tavares obteve autorisação especial do sr. ministro da Instrução para nos fazer estas declarações.

D. Virginia Quaresma

Hontem, no julgamento de Soares, em Coimbra, deu-se um incidente levantado pelo sr. dr. Cunha e Costa que protestou contra a permanencia na bancada da imprensa da nossa ilustre camarada sr.ª D. Virginia Quaresma. Esta senhora, que é alguem no jornalismo portuguez, só póde ser digna do nosso respeito, o mesmo respeito que devia ter merecido ao sr. dr. Cunha e Costa, antigo jornalista tambem.

O ciclone que passou no Chinde

LONDRES, 7. — As noticias recebidas de Moçambique confirmam que o ciclone que passou na região do Chinde causou grandes estragos. Segundo essas noticias, o numero de mortos é de 56, entre os quais figuram 6 brancos, e empregados nas concessões de uma só companhia. Em virtude das chuvas torrenciais que se seguiram ao ciclone, receia-se que haja inundações. — (H.)

QUESTÃO PALPITANTE

Os Bairros Sociaes

Um dos membros do Conselho Tecnico repudia o parecer da Comissão de Inquerito

Se causou certa celeuma ao publicar o relatorio ou as conclusões a que chegou a comissão de inquerito aos bairros sociais, é facto que essas conclusões são em parte repudiadas pelos tecnicos que teem estado á frente dos 5 bairros, a saber: Arco do Cego, Alcantara, Ajuda, Covilhã e Porto.

O relatorio referido e que ha dias demos publicidade afirma que não existem os projectos dos arruamentos dos bairros acima indicados. Outras acusações se fazem e entre elas a da impropriedade dos locais escolhidos, excesso de ornamentações nos edificios do Arco do Cego e ainda que neste ultimo bairro não existem projectos de esgotos; que as habitações em construção são em numero de 80 e que alguns dos edificios já construidos teem as traseiras para as ruas principais.

Em face de tão positivos e concretos defeitos tecnicos, apontados pela comissão de inquerito impunha-se ouvir da parte oposta ou seja de qualquer representante ou componente das comissões tecnicas visadas, a sua opinião sobre o que o relatorio do inquerito apontava.

Tivemos hoje ocasião de trocar rapidas impressões com um dos atingidos, que logo de principio nos diz:

— Olhe que eu não quero o meu nome lá na folha. Estas sorte de discussões e isso são coisas que vão ser devidamente tratadas com o sr. ministro do Trabalho. Para esclarecer os seus leitores de «A Capital» só lhe posso dizer o seguinte. E' falsa a afirmação de que não existem projectos dos arruamentos dos bairros, pois que se a comissão de inquerito se tivesse dado ao trabalho de os pedir á secção dos serviços tecnicos lá os encontraria com os respectivos pareceres excepto o do Arco do Cego de que era presidente o arquitecto sr. Adães Bermudes que foi o unico que nunca apresentou esse projecto.

Os outros encontram-se todos — repito — nos serviços tecnicos, sendo o de Alcantara presidido pelo arquitecto sr. Miguel Nogueira Junior e da Ajuda pelo arquitecto sr. Norte Junior o da Covilhã pelo engenheiro sr. Jorge Coutinho e o do Porto creio que por Altino Maia.

«Sobre a impropriedade dos locais tambem a Comissão de Inquerito mostra desconhecer as importantes obras a realisar pela Camara Municipal de Lisboa, as aberturas de novas avenidas e arruamentos algumas das quais conduzem aos ditos bairros e até o proprio bairro do Lordelo do Ouro, no Porto é atingido por esses melhoramentos importantes, visto que uma das novas Avenidas em projecto atravessa o dito bairro.

E' o caso que as cidades são cada vez mais pequenas para comportar as suas sempre crescentes populações de forma que um bairro hoje considerado excentrico ou dentro de poucos anos está dentro da cidade; isto independentemente de não se poder construir bairros de casas nos centros das cidades!...

— E que diz v. sobre o excesso de ornamentações?

— «E' outra falsa visão dos inqueridores que teem o criterio de que um bairro social deve ser um agrupamento de barracas sem ar sem luz, sem conforto, enfim, um passo grande mostrando desconhecer em absoluto os trabalhos importantissimos que a este respeito se tem feito no estrangeiro. O bairro do Arco Cego vem a ser cortado pelo prolongamento da Avenida Almirante Reis, confinando por outro lado com as Avenidas Novas para o que só basta desaparecerem as mais do que modestas habitações da rua do Arco do Cego.

«Que contraste ofereceriam pois as habitações do bairro entre as construções das Avenidas Novas que o circundam? Deixaria pois de ser um bairro social para ser um espaço a demolir num futuro mais ou menos proximo. Não ha pois excesso de ornamentações mas apenas um pouco de gosto na arquitectura, alem de que o bairro do Arco do Cego não se destina sòmente aos operarios mas tambem ás classes medias que teem tanto direito a ter habitações higienicas como as outras classes.

— E o que ha sobre projectos de esgotos?

— O ante projecto já está aprovado desde o ano de 1920 sendo o seu autor o engenheiro sr. Antonio Emidio Abrantes, professor do Instituto Superior Tecnico. Ha mais de um ano que o seu autor aguarda resolução da Camara Municipal para as devidas ligações visto que o calibre dos esgotos que correm pela rua do Arco do Cego e estrada das Amoreiras é muito reduzido para receber os esgotos do avultado numero de habitações do bairro. O projecto que é um dos melhores trabalhos no genero tem todas as minuciosidades e detalhes para a sua perfeita execução.

Tambem a Comissão de Inquerito é falsa, ou não soube contar, o numero de habitações em construção pois afirma serem 80 quando excedem a 120, estando agora o engenheiro director em serios embaraços sem saber o destino a dar ao pessoal que excede das 80 construções ou sejam 34 que ficam sem seguimento visto o sr. ministro do Trabalho em harmonia com o relatorio ter publicado uma portaria em que se determina o prosseguimento apenas das 80 obras apontadas.

— O que entende pois v. sobre os trabalhos e relatorios da Comissão de inquerito?

— Entendo que os engenheiros, á testa dos quais se encontram dois verdadeiras autoridades mas que no assumpto entraram como Pilatos no Credo, deviam ter por brio profissional, mais cautela na execução do seu mandato não fazendo afirmações gratuitas que como se vê são de facil verificação. E para remate dir-lhe-hei o seguinte: — Um dos engenheiros da comissão de inquerito chegou de automovel ao bairro de Alcantara apeou-se e dirigindo-se a um guarda perguntou-lhe: — Não ha casas construidas? — E o guarda respondeu. Não sr. O engenheiro meteu-se de novo no auto e desapareceu.

«Estava feito o inquerito ao bairro de Alcantara...

«No bairro da Ajuda apareceu outro engenheiro que apresentou uma especie de questionario escripto ficando de ir depois receber a resposta. O relatorio já foi publicado mas o tal questionario ainda se encontra na Ajuda para ser entregue visto lá ter lá ido ninguem buscá-lo.»

O "Grupo dos Treze,,

Graves acusações que lhe fez ontem, na Camara dos Deputados, o sr. Agatão Lança

O sr. Agatão Lança, ex-governador civil de Lisboa, pronunciou ontem um sensacional discurso, na Camara dos Deputados. O ilustre parlamentar acusou claramente o celebre «Grupo dos Treze» de praticar ou impelir á pratica de crimes varios, principalmente agressões fisicas contra politicos que não gosam das imunidades que o «Grupo dos Treze» decreta e dos sr. O sr. Antonio Maria da Silva, chefe do Governo, respondeu com alguma impressão. Disse, todavia, que trataria de averiguar e procederia conforme fosse de justiça.

A opinião nacional tem que se contentar com isto porque, por enquanto, nada mais lhe dão. Quem não parece ter ficado satisfeito foi o sr. Agatão Lança. E' de crer, por isso, que o caso volte a aparecer na tribuna parlamentar, mais tarde ou mais cedo.

OS SPORTS

Publica-se amanhã mais um numero dêste bi-semanario

Publica-se amanhã mais um numero do bi-semanario sportivo «Os Sports» que insere alem de grande noticiario sobre todos os sports do país e estrangeiro reportagem dos ultimos combates de box el cirio do Coliseu, criticas dos desafios de foot-ball de 1.ª categoria, classificações e impressões do «Cross-country» disputado no ultimo domingo.

[illegible] Sports [illegible] um artigo sobre [illegible] Pereira da Silva, Conselheiro sportivo de Salvador Correia. (L.)

Portugal em Madrid

MADRID, 8 — O sr. D. Ramiro de Maeztu fez uma conferencia na Residencia dos Estudiantes, tomando para tema a [illegible] que foi muito aplaudida. — (La. Am.)

Os selos, as bandeiras, as bibliotecas e os museus municipaes

Proposta apresentada na Associação dos Archeologos Portuguezes em sessão da Assembléa Geral de 4 de Março de 1922, pelo sr. Afonso de d'Ornellas.

O ilustre arqueologo sr. Afonso de Dornellas, apresentou na ultima sessão da Associação dos Arqueologos o interessante [illegible] projecto que, a seguir, publicamos, tendente a pôr a coberto do vandalismo as nossas preciosidades historicas.

Em 10 de Junho do ano corrente de 1922 vai efectuar-se um congresso municipal em Lisboa.

A Camara Municipal de Lisboa [illegible] do grande cronista Fernão Lopes [illegible] Paços do Concelho os representantes da nação [illegible] da paz.

Não [illegible] fazer parte desse congresso os municipios das Colonias, mas, com certeza, lá lhes chegará o efeito, pois que naturalmente aderem á idéa e aproveitarão as vantagens.

No programa do Congresso [illegible] ja o estudarem provavelmente a [illegible] municipios tenham.

Interessante seria tambem que a [illegible] se prosseguisse nas bandeiras das Camaras, nas bibliotecas e nos [illegible].

Julgo da mais interessante oportunidade que a Associação dos Arqueologos Portuguezes se dirija á Camara Municipal de Lisboa, não só para [illegible] no programa do Congresso o estudo da [illegible] dos Municipios, como para ficar incondicionalmente ao seu dispôr para com os seus conhecimentos do assunto, o auxiliar nestes estudos [illegible] resolver todos os problemas que [illegible].

Aproveitando a ocasião, seria [illegible] interessante que a Associação dos Arqueologos Portuguezes solicitasse da Camara Municipal de Lisboa que incluisse no seu programa [illegible] das bandeiras, no desenvolvimento das bibliotecas e museus já existentes e na organização dêstes importantes elementos de estudo nas Camaras que ainda os não possuam.

Vejamos, por partes, o que seria interessante que no Congresso Municipal, a efectuar no proximo dia 10 de Junho, se resolvesse.

1.º — *Selos Municipaes* — [illegible] as tradições dos antigos [illegible] na bandeira, nas fachadas dos edificios que sejam [illegible] Camaras Municipaes [illegible] titulos da área do concelho, etc. [illegible] existentes, deverá na sala nobre dos Paços do Concelho existir, em pontos bem visiveis, a reprodução [illegible] na sala nobre do Governo Civil existisse a reprodução dos selos dos concelhos que constituem [illegible] opinião para a normalização dos seus emblemas, manifestando o desejo [illegible].

Assim a Associação dos Arqueologos Portuguezes foi solicitada para dar a sua opinião sobre [illegible] Grande, Almeirim, Figueira da Foz, Bombarral e Cascais, [illegible].

E', pois, a oportunidade de tentar conseguir uma normalização, [illegible] nos selos das cidades e vilas, devido a tantas [illegible] que tudo tem deturpado.

[illegible] para que exista uma normalidade [illegible] dentro dos mesmos [illegible].

[illegible] zão. Em Portugal tem havido va- [illegible]

[illegible] esta especialidade sendo as mais [illegible] as duas que vou citar «As cidades e vilas», por J. de Vilhena Barbosa, publicada em 1860, em três volumes, que [illegible] 125 brazões com muitos [illegible] para o estudo da [illegible] origem.

Este trabalho, que se limita á reprodução dos brazões tais como [illegible] foi publicado em [illegible] companhado [illegible] parte histor [illegible] aclamação [illegible] D. Pedro V, foram os edificios do Terreiro do Paço [illegible] dos selos das cidades e vilas de Portugal.

A outra obra, a que me quero referir, é [illegible] colecção de brazões das cidades e vilas [illegible] em cartões coloridos publicados [illegible] seculo XIX [illegible] 116 brazões.

Muitas outras coisas têm aparecido [illegible] de postais [illegible] todas estas obras estão incompletas e contêm [illegible] gia.

[illegible] Mais justo, seria [illegible] ser encarregada a Associação dos Arqueologos [illegible] para estudar [illegible] normalizar o assunto.

Para êste fim será conveniente que a Camara Municipal de Lisboa solicitasse desde já, por meio de circular [illegible] os respectivos representantes ao proximo Congresso fossem [illegible] da reprodução dos selos em branco ou carimbos [illegible] existem nas suas Camaras [illegible] côres [illegible] brazões [illegible] tectos de salas [illegible] suas bandeiras, em fim, todos os elementos possiveis e imaginaveis para facilitar um completo estudo.

2.º — *Bandeiras municipaes* — Antigamente, as bandeiras constavam [illegible] do sêlo feito [illegible] de côres, pintada ou bordada.

[illegible] se elevava [illegible] pela qual [illegible] dos [illegible] para [illegible].

A [illegible] se pôz [illegible] foram de brazão bordado ou pintado sobre damasco.

[illegible] damasco, [illegible] seda branca.

Mudaram as instituições em 1910 [illegible] Camaras Municipais, [illegible] municipios [illegible] bandeira nacional.

[illegible] absolutamente toda a caracteristica de [illegible].

[illegible] inteiramente [illegible] municipal [illegible] a bandeira nacional. [illegible] mais direito, seja sobre [illegible] adoptar [illegible] esta mesma disposição, [illegible] coisa que não seja [illegible] escudo nacional.

[illegible] clara [illegible] desconhecimento [illegible] respeito que deve haver pelo pendão nacional que caracteriza a nossa [illegible] representação.

As bandeiras municipais não devem ter a menor parecença com a bandeira nacional ou estar larguras escudo que representa Portugal não, as bandeiras municipais, quando são feitas de longa [illegible] côres [illegible].

Igualmente, eu o disse, que deve ser uma [illegible] conformidade [illegible] brazões, [illegible] deve ser [illegible] de fazer as côres das bandeiras, em conformidade [illegible] principais [illegible] respectivos.

3.º — *Bibliotecas municipaes* — Ha muitos municipios que têm as suas bibliotecas, de que fazem par-

COISAS LEVES E PESADAS

AS ANDORINHAS

Os jornais, na frieza do seu habitual laconismo, anunciam-me, agora mesmo, a chegada das andorinhas; e, como se, de subito, ruflando no ar, passasse por mim o bando alado das mensageiras da Primavera, eu penso nas alegrias que elas trazem consigo, na porção radiosa de sol que se prende ás suas azas de negrume, no turbilhão de côres que vão surgir, emquanto as ageis emigradoras forem construindo, para a criação feliz, os seus ninhos feitos de lama.

Já sobre os caminhos se debruçam, coroados de estrelas de oiro, os ramos frescos das mimosas, emquanto sob a terra lateja a quente germinação das corolas, que, em breve, vão aparecer á luz, numa aleluia festiva de matizes.

E as andorinhas voarão livremente no azul de porcelana desmaiada. Vieram de longe, das terras adustas do tropico, para onde tinham partido, fugidas ao inverno inclemente que as afugentava dos beirais e lhes pulverisava os ninhos frageis.

Assistiram aos mais doces idilios, ás nupcias embriagadoras, em que os beijos se trocam perturbadoramente, emquanto as flores de laranjeira, dum aroma tão penetrante, se misturam á loucura das bodas sagradas.

E a aza de cada andorinha é um poema de agilidade, de vibração inquieta, de radiosa ascenção para a luz e para a Beleza.

Emquanto elas preparam com amor os seus lares efemeros, as glicinias fazem lentamente desabrochar os seus cachos violaceos; e os lirios, as violetas e as rosas abrem na doçura da manhã, sob o vôo doirado das borboletas e das abelhas.

E' a Primavera que começa. A principio, indecisa, como uma palpebra sonolenta, que se abre, a vegetação estremece. As pequeninas folhas apontam de leve, com o seu vago sorriso de esmeralda palida, e, logo, como se uma emoção ou um fremito nervoso as tomasse todas, as arvores despertam do letargo dormente do inverno, e começam a toucar-se para a festa sem par, que vai encher de côres e de perfumes a natureza inteira.

Eu não conheço nada de mais alto e de mais espiritual do que esta hora sagrada, e adivinho-a já na florescencia das mimosas, que eu abençôo, porque põem sobre a mesa em que trabalho um pouco de alegria e de sol. E se essas lindas flores doiradas me trazem o aroma e a vibração deliciosa da côr, as andorinhas trazem-me a écloga bemdita da Primavera.

Azas de benção e de misterio, de superstição e de lenda, de religiosidade e de paz, instalai-vos sob os beirais felizes, gorgeai e amai, emquanto a tempestade não chega e a natureza acariciadora vos solicita e vos chama!

Que as selvas se encham do rumor adejante de infinitas azas que vão soltar-se pelo céu sereno e largo. Com as andorinhas, acorda a grasinada solta e doidejante dos bandos alados que podem voar livremente no infinito espaço. E a mancha enegrecida das azas macula a cada momento a macia porcelana do céu.

Já os lavradores saudaram a aparição das mensageiras amaveis do alto das suas herdades. Vai começar em breve a faina rural. O sol é, por emquanto, palido e amortecido, porque o inverno ainda se não desprendeu de todo do seu torpor de gêlo; mas, quando Março chegar com o sorriso acolhedor das primeiras rosas e a tinta alvorescente dos primeiros lilazes, eu creio que a festa pagã da natureza há de dizer na sua linguagem aliciadora, a quantos amam e aspiram a fugir ás realidades brutais, o poema enternecido e meigo, que poeta algum jámais cantou, mas que vive recondito em todas as almas sensiveis, onde germinam as sensações mais estranhas e as aspirações mais indefinidas e mais vagas.

Eu sou daqueles para quem a linguagem dos perfumes, na sua expressão de misterio, traduz a ansiedade e a febre dum viver mais alto. Acredito piamente no sortilegio das flores e há certos perfumes que me fazem saudade, como se, por meio dêles, timidamente, me falassem de segredos esquecidos e de belezas mortas...

E aqui estou eu, devaneadoramente prendendo numa ilusão ou um sonho a aza leve duma andorinha que passa e roça devagar o meu telhado, e junto no mesmo anceio e no mesmo pensamento errante o perfume das flores ás aspirações livres do vôo.

E' tudo beleza, nostalgia do alto, indefinida e vaga miragem, porque, como o perfume que ondeia e passa, tambem a aza se perde e se afasta de nós para sempre, quando Deus a manda subir até onde não chega a nossa visão impotente.

Subir! Subir! Pobres de nós que sonhamos de mais, emquanto nos não toma cruelmente a realidade brutal. Fechemos o circulo estreito das nossas aspirações, num viver de singeleza, de quietação e de paz! Amemos a simplicidade austera e mansa, a religiosidade dos cavadores e o encanto virgiliano dos nossos campos, em breve cobertos de matizes risonhos, nos seus tapetes opulentos de trevos, de bemmequeres e de botões de oiro!

Olhemos com ternura a beleza da nossa terra, onde cantam aguas de maravilha, e onde as aves voam livremente, afagando a face dos santos, que os seculos deixaram a meditar, na sua imobilidade de pedra, na frontaria das velhas igrejas.

E, nesta hora, em que o sol se levanta e as andorinhas voam, não nos esqueçamos de pedir a Deus para que as suas azas abençoadas protejam sem cessar ainda os mais humildes casais de Portugal.

Como nos delicados versos de Volmy L'Hotelier, cantam dentro do nosso coração as estrofes sagradas:

Voltigez, gracieuses;
Et, fredonnant l'amour,
Que vos plumes soyeuses
Touchent, mystérieuses,
Mon séjour!

Voltigez, hirondelles,
Voltigez près de mois
Et reposez vos ailes
Aux faîtes des tourelles,
Sans effroi!

Que deliciosas e belas coisas as pobres andorinhas têm inspirado aos poetas, aos musicos e aos artistas! Envolve-as uma nevoa de lenda; e, ao ruflar das suas azas, sereno e harmonioso, eu sinto que se levanta por toda a parte, um fervor de oração, um desejo ardente de felicidade.

CELSO

[...]lo os arquivos das Camaras, mas tambem há municipios que as não têem, o que demonstra um atraso indesculpavel, geralmente proveniente de não aparecerem amadores de livros na composição da vereação.

Ha em Portugal o êrro de não saber esperar. Quando se tem uma idéa, imediatamente se quere desenvolvida ao maximo. E' um êrro. Colecionando livros a pouco e pouco e desde que os municipios vejam que a Camara do seu concelho cuida dêstes assuntos, desenvolve-se o amor pela biblioteca e começam a aparecer as manifestações de beneficencia, concorrendo os donativos e por fim os legados.

Tudo leva tempo e o saber esperar é uma virtude [...]

E' uma necessidade por todos os motivos e mais por ser uma demonstração de civilização, que todos os municipios tenham as suas bibliotecas.

4.º — *Museus municipais:* — Parecendo talvez que não, a existencia dos Museus Municipais é um assunto da mais alta importancia para a vida e desenvolvimento da agricultura, comercio e industria. Um museu municipal é uma exposição permanente dos produtos regionais, é uma exposição demonstrativa da cultura e da arte regional, é, finalmente, a prova mais evidente de civilização.

Tudo quanto na área do concelho apareça por insignificante que seja e que tenha caracter arqueologico, artistico ou que manifeste o aproveitamento do estudo ou desenvolvimento da agricultura, viticultura, etc. é digno de figurar na colecção do museu.

Visitando que se fazem um Museu municipal vê-se imediatamente os estudos de umas salas o que foi, o de outras o que virá a ser a vida e a cultura do concelho.

E indispensavel, absolutamente indispensavel, que se organizem os museus regionais e que se desenvolvam os que existem.

Que estimulos e que desejos de produzir melhor, de aperfeiçoar e de desenvolver, desperta a existencia dum museu regional!

Com que satisfação as pessoas da terra mostram aos visitantes os objectos das grandezas passadas, recolhidas no museu por sobretos de arqueologia artistica, de mil coisas de toda a especie!

Em resumo: — Deve a Associação dos Arqueologos Portuguezes dirigir-se imediatamente á Camara Municipal de Lisboa alvitrando-lhe que, no proximo congresso, a realizar em 10 de Junho futuro, sejam estudados com todo o carinho êstes quatro assuntos, pondo-se á disposição da mesma Camara e do congresso para o estudo dos dois primeiros e para estimular e auxiliar quanto possa os dois ultimos.

Lisboa, 3 de Março de 1922.

AFONSO DE DORNELLAS

Politica internacional

A Russia perante a Conferencia. — Um «Consortium» internacional. — Garantias

Ou seja um bem, ou seja um mal, êste ano que vai correndo assistirá a um acontecimento politico destinado a exercer grande influencia na vida da Europa, o levantamento da excomunhão que pesa sobre a Russia. Deve ser a 10 de Abril, data fixada para a Conferencia de Genova, que se dará o primeiro contacto, início de um reatamento nas relações comerciais. Quanto ao reconhecimento do governo dos «soviets», ainda não está resolvido, isso depende da maneira como a Russia aceitará essas relações, das garantias que ofereça para cumprimento das obrigações que aceite, e talvez de um prazo em que a sua sinceridade seja posta á prova.

Não estamos no segredo dos deuses (que aqui se chamam Lloyd George e Poincaré) para sabermos por miudo o que se decidiu em Boulogne quanto ao tratamento a aplicar aos russos. Mas sabe-se, desde já, que ficou resolvido reatar as relações comerciais com a Russia e que as relações diplomaticas ficam dependentes da atitude que tomarem em Genova e das garantias que oferecerem para que as suas promessas não sejam iludidas. Em resumo: uma espectativa desconfiada. Atribuem-se estas palavras a Lloyd George: «Não dou a minha confiança antecipada a êsses senhores. Quero vê-los de perto.»

Vejamos a bagagem com que a Russia se vai apresentar na Conferencia de Genova e vejamos se podemos apurar alguma coisa quanto ao conteudo das suas malas, ao regressar. Os tratados que ela celebrou com os seus visinhos — a Alemanha (Brest Litovsk), a Polonia, etc. — não estão reconhecidos e, por isso, não obrigam as potencias que os não assinaram, mas obrigam os signatarios — emquanto não ofendam os direitos de terceiros. E' o que acontece com respeito ao traçado das fronteiras que nem os russos nem os seus visinhos poderão discutir, com o fim de obter uma revisão favoravel a uns ou a outros. Mas já não assim com as clausulas financeiras e as que maltratem o direito de propriedade, contra o estabelecido no direito internacional, essas estão sujeitas á contestação. O governo russo repudiou as dividas do antigo regimen e aboliu o direito de propriedade; agora pretende liquidar as suas contas, por um encontro com indemnisações a que se julga com direito, pelo facto dos aliados terem protegido as tentativas de Denikine, Koltchak e Wrangel contra os «soviets»; mas nem Poincaré nem Lloyd George estão dispostos a permitir esse entrelaçamento hibrido.

Olhando aos efeitos economicos que se esperam do reatamento das relações com a Russia, devemos citar como primeiro instrumento o «consortium» internacional que deve operar na Russia e que se está organizando em Londres. Programa vasto: a sua acção conta estender-se a «caminhos de ferro, hoteis, docas, irrigação, construção de navios, *tramways*, navegação, portos, fabricas de electricidade». O capital deve ser fornecido, em partes iguais, por cinco potencias: Alemanha, Belgica, França, Grã-Bretanha, Italia. Estes paizes poderão distribuir por outros as suas quotas partes e desde já se citam a Dinamarca, a Holanda, a Tcheco-Slovaquia e a Suissa.

Emfim, marcha-se á conquista do mercado russo. Não ha duvida de que não faltarão lá compradores; mas não se sabe ainda se serão compradores que paguem, apesar das encomendas que têm feito e satisfeito na Alemanha e na Suecia. Assim não é de estranhar que se reclamem garantias juridicas que assegurem os direitos dos estrangeiros, garantias militares, para que o auxilio prestado ás industrias não sirva a aumentar o poder militar na Russia, poder que esta utilizaria numa ofensiva contra os seus visinhos, garantias sociais para que as negociações não constituam uma ocasião que os soviets aproveitem para intensificar a sua propaganda, como por ocasião do tratado de Brest-Litovsk. A Europa (oriental e central) pretende entrar na Russia, não será de estranhar que esta pretendesse infiltrar-se pela Europa.

Para resolver a parte politica, ha quem aconselhe a aplicação do sistema aplicado á China pelo tratado de Washington, assinado em 6 de Fevereiro. «Acaso as potencias reunidas em Genova recusarão tomar entre si e impôr ao governo sovietico, a favor do povo russo, compromissos semelhantes aos que foram editados em Washington para garantir a prosperidade e a liberdade do povo chinês?» Assim preguntava o *Temps*, aqui ha dias. E sugeria a idéa de confiar a realização aos organismos competentes da Sociedade das Nações. E, neste ponto, Genova afastar-se-ia de Washington, que continua a desconhecer essa instituição.

Os serviços de socorros

Ha dias um camarada nosso teve uma forte hemorragia que o obrigou a correr ao Posto da Misericordia, a fim de ser medicado.

Uma vez ali, foi o nosso colega grosseiramente recebido pelo enfermeiro de serviço, aparecendo, passado um quarto de hora o medico, numa atitude pouco harmonica com a missão que lhe compete e já quando os seus serviços não eram necessarios.

Para o facto chamamos a atenção de quem competir, para que casos destes não voltem a repetir-se, visto representarem além duma deshumanidade, uma vergonha.

Uma representação notavel

Os vinhos e os fructos representariam a luz e a côr das regiões portuguêsas na Exposição do Rio de Janeiro

Agora, que tanto se fala na Exposição do Rio de Janeiro, no proximo Setembro, e da comparticipação portuguesa nesse grande certamen sul-americano, parece-me interessantissimo e util visionar com larga confiança na nossa expressão nacional de portuguezes descuidados da sua expansão além fronteiras, o que poderia ser a galeria ou grande «stand» privativo dos produtos regionais de Portugal.

Nada mais interessante sob o ponto de vista espectaculoso, nada mais util sob o ponto de vista do incitamento ao nosso trabalho nas regiões, nada mais belo até sob o ponto de vista artistico. Nada mais pratico sob o ponto de vista comercial.

As regiões, que têm uma expressão muito sua em materia de produção agricola ou comercial, certamente irão concorrer á Exposição do Rio de Janeiro, agrupadas, por «stands» ou pavilhões, ou como se vier a resolver.

Mas nós queremos visionar e sugestionar — o que poderia ser uma parte do Pavilhão Portuguêz destinado exclusivamente ao regionalismo de Portugal e a sua acção produtiva e caracteristica.

Não cuidamos agora de saber, nem êsse é o aspecto destas linhas, se os produtos regionais portuguezes têm todos probabilidades de triunfar no mercado brasileiro. Tratemos, por ampla visão, apenas do que poderia ser, em beleza e encanto, um conjunto das riquezas regionais de Portugal na Exposição do Centenario da Independencia do Brasil.

E' sabido que Portugal é o principal paiz exportador de frutos e legumes verdes no Brasil, assim como de vinhos, apesar dos numeros que, por vezes, podem atestar o contrario.

Na galeria extensa dos produtos regionais de Portugal, os vinhos, na sua multiplicidade de côr, origem, tipo, apresentação, rotulagem, quer de consumo, quer de luxo, ofereceriam um interesse invulgar, para o qual é desnecessario chamar a atenção dos leitores.

A apresentação artistica das nossas frutas verdes e sêcas, em ricas embalagens e cartonagens exteriores, poderiam ocupar longas extensões de armação.

O Algarve ofereceria um grande contingente nos seus riquissimos frutos de Monchique e todas as regiões mais ou menos do paiz concorreriam com seus frutos, abundando as uvas de centenas de qualidade, passas, maçãs, laranjas do Douro, de Setubal, de quasi toda a Extremadura, de Elvas, de Sintra, de Torres.

As frutas sêcas ocupariam preciosos mostruarios e, desde o figo algarvio á castanha vulgar, pode imaginar-se o interesse que teria êsse mostruario extenso, revesando os frutos com os vinhos de mil tipos e côres do Porto, da Madeira, de Amarante, de Colares, tipos *champagne*, licores e aguardentes, em disposições que ofereceriam um encanto quer de natureza simplesmente espectaculoso, quer comercial.

O senado americano e o acordo sobre o Pacifico

WASHINGTON, 8.—Ontem o senado votou uma proposta para que se pergunte ao Presidente Harding qual o efeito da ratificação do tratado das Quatro Potencias no Pacifico sobre o acordo de Lansing a respeito da porta aberta na China. O senador New defendeu o tratado dizendo que ele [...] abordados americanos e [...] Underwood disse que o acordo Lansing-Ishii seria anulado pelos tratados negociados na conferencia de Washington.—(R.)

A Provincia na "Capital,,

LEIRIA, 7 — Faleceu ha dias, nesta cidade, o menino Fernando Saraiva, filho estremecido do nosso particular amigo e ilustre professor do liceu de Rodrigues Lobo, sr. dr. José Saraiva, a quem apresentamos os nossos sentidos pesames.

— Da cadeia civil desta cidade evadiu-se um preso, que não mais foi encontrado, apesar das diligencias feitas. O criminoso havia sido condenado á pena maior.

— A abertura da Escola Industrial e Comercial é aguardada com verdadeiro interesse por muitos individuos de Leiria, que a desejam frequentar.

— Pelas noticias que têm chegado a esta cidade, sabe-se que está completamente restabelecido o sr. Correia Martins, a quem a cidade deve a maior parte dos melhoramentos materiais com que tem sido dotada nos ultimos anos.

— Estão muito adiantados os trabalhos de adaptação do velho edificio da cadeia para a Fabrica de Moagem.

— Tem sido extraordinaria a afluencia do povo, que na Recebedoria aguarda a vez para o pagamento das respectivas contribuições. O serviço de manutenção da ordem tem sido feito por patrulhas da Guarda Republicana, vendo-se á porta da respectiva repartição uma enorme bicha que se estendia pelo corredor do edificio dos Paços do Concelho numa grande extensão.—(R.)

ULTIMA HORA

EMPRESTIMOS

As operações financeiras, nas quais tem empenho o governo, estão em via de solução satisfatoria

Sabemos, sem possibilidade de duvida, que está assegurada uma operação financeira, consistindo essencialmente na abertura dum credito em esterlinos, na praça de Londres.

O credito é destinado á acquisição, por Portugal, de manufacturas industriais e materias primas necessarias á manutenção das industrias portuguesas.

Não conseguimos saber, ao certo, o montante do credito, mas podemos assegurar que é superior a tres milhões esterlinos.

Uma outra operação de credito, consistindo num emprestimo ao Governo portuguez, está sendo negociado. Se ainda não se chegou ao fim das negociações, elas estão, todavia, lisongeiramente encaminhadas.

Todas estas operações são guiadas por intermedio dos dois bancos portuguezes emissores, Ultramarino e Banco de Portugal.

A gréve dos eletricos

O atentado dinamitista desta madrugada

Algumas prisões

Em consequencia do atentado dinamitista desta madrugada foram presos alguns membros da comissão de melhoramentos dos grévistas e outros elementos da mesma classe que mais se tem evidenciado no movimento.

Da comissão de melhoramentos estão presos os srs. Armando Martins e Claudio dos Santos, tendo a mesma sorte os srs. José Augusto Martins e Manoel Carvalhaes.

Parece que outras prisões se efectuarão ainda.

O pessoal grévista reunia esta tarde pelas 16 horas, todos os oradores protestavam energicamente contra o atentado dinamitista, vendo nele apenas uma malevola intervenção de estranhos para os prejudicar no seu movimento.

Em nome da comissão de melhoramentos falou o sr. Carlos Raposo que lembrou a conveniencia de serem nomeadas varias comissões que possam substituir aquela no caso de sucessivamente os membros, seus componentes, virem a ser presos.

Reunião do grupo parlamentar democratico

Os deputados e senadores democraticos reuniram esta manhã para eleição da Junta Parlamentar directora dos seus trabalhos legislativos.

A eleição não se realisou por falta de numero.

A gréve dos maritimos

O vapor «Lys» tem já o respectivo pessoal a bordo, em virtude da respectiva firma haver assinado o acordo reclamado, devendo ainda esta tarde ter saido a barra.

O pessoal em greve voltou a reunir devendo os maquinistas da marinha mercante que ainda estão reunidos á hora que dali retiramos tomar algumas deliberações importantes.

José Julio da Costa

O sr. Presidente do Ministerio telegrafou hoje a todas as autoridades pedindo lhes a captura de José Julio da Costa, afim de recolher de novo ao Manicomio caso de indicios de alienação mental.

Verificando-se o contrario José Julio da Costa recolherá á cadeia afim de ser julgado.

O CAOS NA POLICIA

Fala-se na substituição de varios oficiais e na demissão do Comissario Geral

Não lavra grande harmonia entre os dirigentes da policia, em virtude da atitude conflituosa que ultimamente tem tomado o comissario geral, major sr. Carrão de Oliveira. Constou hoje que êste oficial desejava substituir os comissarios de divisão, tenente sr. Pio e alferes srs. Lopes Soares e José Carlos, o que mais veio agravar a questão, pois se afirmava que o comissario geral pretende colocar naqueles cargos o seu cunhado, o capitão da G. N. R. sr. Adriano Gonçalves Ferrão, que está actualmente comandando a Companhia dos Loios, e o tenente sr. Manuel da Silva Guerra.

Por tal motivo, o descontentamento é grande na corporação policial, tendo constado, ao fim da tarde que o major sr. Carrão de Oliveira havia solicitado a demissão do seu cargo ao sr. ministro do Interior. Este boato parece não se confirmar, porquanto o comissario geral da policia é pessoa que não se demitirá aguardando antes que o demitam, o que tudo parece indicar.

A situação na Irlanda

LONDRES, 8.—A situação na Irlanda continúa sendo inquietadora. Em Belfast rebentaram duas bombas e tem havido tiroteio nas ruas. A cidade de Limerick está mais ou menos nas mãos dos insurgentes «sinn-feiners».—(R.)

PARLAMENTO

No Senado

Aberta a sessão á hora regimental preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Aprovam a acta 35 senadores.

O sr. Pais Gomes chama a atenção do sr. Ministro da Guerra para a projectada transferencia da 2.ª Divisão Militar, de Vizeu para Coimbra, cuja medida prejudica enormemente aquela cidade.

O sr. ministro da Guerra responde que já encontrou para estudo, no Estado Maior, quando sobraçou a sua pasta, a reorganisação do exercito. Não é seu intuito prejudicar a cidade de Vizeu, e por isso aguarda que lhe seja entregue essa reorganisação para depois proceder.

O sr. Vasco Marques faz varias considerações sobre a remuneração precaria dos magistrados em exercicio na ilha da Madeira, protestando contra o facto de varias comarcas daquela ilha estarem entregues, há anos, a pessoas incompetentes, havendo vagas de magistrados a preencher, as quais estão entregues a substitutos que, embora criaturas muito bem intencionadas, não tem habilitações.

O sr. ministro da Justiça promete atende com a maxima vantagem, e com as melhores intenções, as reclamações do orador.

E' o primeiro a reconhecer quão mal remunerada está a magistratura portuguesa, por isso, é de opinião que, embora com sacrificio do Tesouro, se adotem algumas medidas em sentido de remediar esse mal.

O sr. Pais Gomes, aproveita o ensejo de estar no uso da palavra, para chamar a atenção do sr. ministro da Agricultura para o elevado preço das batatas, tanto na capital como nas provincias, pedindo, neste sentido, providencias.

O sr. ministro da Agricultura responde não correr pela sua pasta esse assunto, mas sim estar nas atribuições das camaras municipais.

São 16 horas. O sr. presidente encerra a sessão em virtude da reunião do Congresso.

A proxima sessão é ámanhã á hora regimental.

Nos Deputados

Abertura da sessão, á hora habitual, com numero suficiente para deliberações.

ANTES DA ORDEM

Os srs. Torres Garcia e Alberto Jordão tratam, com desenvolvimento, de casos referentes ás regiões por onde foram eleitos.

Respondem os srs. Vasco Borges e Rodrigues Gaspar, respectivamente, ministros do Trabalho e das Colonias.

O sr. ministro das Colonias propõe um voto de sentimento por motivo da catastrofe do Chaúde. E' aprovado, depois de a ela se terem referido alguns deputados, representantes dos grupos parlamentares.

A requerimento do sr. Vasco Borges, ministro do Trabalho, é aprovada, com urgencia e dispensa do regulamento, uma proposta de lei.

A desatenção da Camara é evidente. Os deputados fumam e palestram. O presidente sr. Domingos Pereira badala fortemente e grita:

— Peço a atenção da Camara! Não vale de nada.

O sr. Virgilio Costa pregunta se o sr. presidente do Ministerio vem á Camara, porque precisa de o interrogar com respeito ás afirmações [...] produzidas pelo chefe do Governo. O sr. Domingos Pereira [...].

O sr. Cancela de Abreu, [...] nega o seu voto á proposta de lei apresentada pelo sr. ministro do Trabalho. Quere que se [...] as instituições de caridade, que [...].

Nas bancadas ministeriais estão já três ministros: Guerra, Justiça e Trabalho. — Este ultimo presta atenção ao debate, que, alias, respeita aos negocios da sua pasta.

O sr. Cancela de Abreu fala [...] sobre a lei de separação. Reclama que se modifique a parte que restringe a aplicação dos dinheiros ao culto. A desatenção que origina acentuado ruido não permite que o orador siga no seu discurso. A campainha presidencial vibra, mas em vão.

Responde o sr. Vasco Borges ministro do Trabalho. A sua proposta de lei não cria imposto algum novo. Nesse ponto, o sr. Cancela de Abreu está equivocado.

E lastimavel que ainda não conseguissemos saber de que trata a proposta de lei em discussão. Os deputados (aqueles mais acessiveis) tambem não sabem.

O sr. Vasco Borges fala com veemencia. Já se percebe que se trata de asilos, casas de caridade, beneficencia...

Com o discurso do sr. Vasco Borges terminou a sessão da Camara dos Deputados. Vai reunir o Congresso, para eleição do Conselho Parlamentar.

Sempre foi possivel saber, embora vagamente, o que é a tal proposta de lei. Trata-se duma melhor distribuição de verba orçamental da Assistencia. Foi o que um deputado, o melhor informado, nos disse. Os outros não sabiam mais.

Sessão do Congresso

Constituição do Conselho Parlamentar

Preside á sessão o sr. Pereira Osorio.

A constituição do Conselho Parlamentar é feita por indicações, enviadas á Mesa, dos diversos grupos parlamentares.

E' isso que se está fazendo. O Conselho Parlamentar deve, pois, ficar assim constituido, aparte qualquer modificação da ultima hora.

Xavier Barreto, Antonio Maria da Silva, Herculano Galhardo, Domingos Pereira, Vitorino Guimarães, Lima Duque, Barros Queiroz, Ferreira da Mira, Afonso de Melo, Antonio da Fonseca, Vasco Marques, Lopes Cardoso, Lino Neto, Cunha Leal, D. Tomaz de Vilhena, Carvalho da Silva.

O INVISIVEL

As tropas do cerco a Lisboa--Uma indicação?... Um desmentido oficial e categorico

Esta tarde nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados, falava-se muito num pretenso documento enviado ao governo por uma parcela de oficiais integrados nas tropas do cerco a Lisboa.

Esta noticia não dispensa confirmação, tanto são escassos os nossos elementos de informação directa e segura.

O sr. Ministro da Guerra autorisou-nos a opôr a esta noticia, que, alias, já ontem circulava, o mais formal e categorico desmentido oficial. As tropas do cerco a Lisboa conservam-se na mais rigorosa disciplina, cumprindo as ordens do governo e executando-as sem hesitação. A confiança do sr. Ministro da Guerra, nas forças armadas é, pois, completissima. Antes assim.

A pena de morte

O capitão aviador e deputado sr. Antonio Maria vae propor ao Parlamento, logo que o sr. Cunha Leal apresente a sua proposta de pena de morte, o que se espera suceda na proxima semana, que no Codigo de Justiça Militar seja introduzido o estabelecimento dessa pena ultima.

Nessa proposta, segundo se diz, será apensa uma representação assinada por muitas centenas de oficiais do exercito.

O sr. ministro das Finanças

e a assiduidade dos funcionarios seus subordinados

A fim de avaliar da assiduidade dos respectivos funcionarios, pouco depois das 11 e meia de hoje o sr. Ministro das Finanças mandou buscar os livros de ponto das repartições do ministerio e trancou a parte correspondente aos empregados que ainda não tinham comparecido áquela hora.

As bombas no Porto

Os documentos apreendidos

Um delegado do sr. governador civil do Porto entregou hoje ao sr. presidente do ministerio os documentos apreendidos no Sindicato da Construção Civil daquela cidade, referentes ao fracassado movimento grévista e suas ramificações e elementos nele envolvidos.

Associação dos arqueologos

Dois directores da Associação dos Arqueologos Portuguezes conferenciaram com o sr. ministro da Instrução de quem solicitaram a concessão de um subsidio para auxiliar a publicação do Boletim daquela coletividade.

Pastora Imperio

foi vitima de um acidente quando representava

LIMA, 7.—A distintissima actriz Pastora Imperio foi vitima de um acidente que pode vir a ter, ainda, desagradaveis consequencias. A notavel artista estava trabalhando no palco do teatro Forero desta cidade quando escorregou, com toda infelicidade que entrou pela escotilha do ponto caindo ao fosso do teatro duma altura de dois a trez metros. A genial artista foi imediatamente transportada ao seu domicilio onde os medicos verificaram a fractura de uma perna e varias outras lesões. O estado da ilustre artista é grave.—(Lat. Am.)

TEATRO

Autores de Cinema

Fernando Machado

Antigo jornalista, espirito estremamente culto, dum grande poder de imaginação, tem no film o Rei da Força, de que foi um dos autores, margem para demonstrar as suas qualidades de romancista, a par da muita capacidade literaria.

Fernando Pereira está trabalhando noutros trabalhos do genero, que possivelmente serão editados por uma grande empreza de cinema.

Estreia da Companhia Francêsa no Nacional

O acontecimento teatral e artistico desta noite é a estreia de Madame Pierat, distincta actriz franceza, que se apresenta no Nacional, com a sua companhia, da qual fazem parte, tambem, outros valiosissimos elementos.

A peça da sua estreia em Lisboa e em 1.ª recita de assinatura, é o encantadora comedia de Pierre Wolff, «Marionettes».

Madame Pierat, a talentosa e gentil artista que logo admiraremos ingressou ha dezasseis anos no Conservatorio. Foi discipula de Faraudy e em 1901 obteve o primeiro premio de comedia. Depois estreiou-se no Odeon, com Brignol et sa fille começou a larga serie os seus triunfos. Em 1902 iniciou os seus trabalhos na casa Molière, representando Paulre dauger, Pierat é tambem, a interprete da Bianchette, L'Ireesiol, L'autre Jeunesse, Chacun sa vie, etc., em que obteve exitos colossos. Pode dizer, como a grande actriz Furgueil, de que falava Afonso Daudet:

«A partir do dia em que se me confia um papel, vivemos juntas. Ainda podia acrescentar que me possue e me absorve.»

E uma actriz loira, flexivel, que num a cabeço voluptuoso, dá a impressão de uma serpente de ouro. Um critico francez, ao referir-se-lhe na peça Aimer, disse que ela não representa, mas que vive, mas realmente a heroína de Geraldy. A sua cabeça pensa, a sua carne chora.

Essa mesma impressão ha de agora de ter o publico de Madrid, que a aplaudiu vibrantemente no teat o Princesa, onde se apresentou ha dias.

As recitas da Companhia Franceza no Nacional, estão despertando enorme interesse e entusiasmo, que levaram à quasi totalidade da lotação o seu desdobramento do assinatura, integralmente recenhida, como a primeira.

Blonchiol; Madame Briey, Gaston de Delbe; Roger de Montclars, Alain Dhurtal, Ferney, Camille Corney, Vurona, Georges Raoul; Duc de Gaugez Luxeuil, Bandière, Leonce Corny, Valet de pied, Tonac.

—E' o actor Alves da Cunha que fez o principal papel na peça «A vida de A. Colleu que no dia 16 deve subir á scena no teatro de S. Carlos.

As primeiras figuras femininas são A. gela Pinto e Berta de Biver. A ocupação é de Araujo Pereira.

—O actor Alves da Cunha depositou no Governo Civil queixo contra o empresa Chaby Pinheiro-Cremilda de Oliveira por estar representando o peça «Negocios são negocios» cuja propriedade lhe pertence se queixoso.

—Consta que para principios de abril deve vir a Lisboa efectuar alguns concertos no Teatro de S. Carlos a afamada Orquestra Filarmonica de Madrid da regencia do notavel maestro Perez Casas. Esta orquestra, rival da Sinfonica da direcção de Arbós, goza actualmente de uma grande fama, tendo alcançado já há muito a reputação de uma das primeiras que existem actualmente.

—Depois de amanhã, 6.ª feira, estreiar-se-ha, no Apolo, a Companhia Rasa, que nos dará, em «première», a revista fantasia «Belo Sexo», original de Ascenso Barbosa e Aurea e Sousa, musica de Alves Coelho, e do 1.º dos nossos theatres livres.

«Belo Sexo» obteve, no Porto, um enorme exito, tendo efectuado brilhantissima carreira. Apresenta-se com um aparato verdadeiramente grandioso, sendo uma maravilha a guarda roupa de Valverde, e os scenarios de Salvador, Mergalhão, Reseda, Serra & Assalo, Rebelo Jor e José de Almeida. A «mise-en-scene» de «Belo Sexo» ainda é do acudosso actor Jayme Valverde. Para a «premiére» de «Belo Sexo», no Apolo, já estão á venda os bilhetes.

—O espectaculo que no domingo, pelas 15 horas, se devia realizar no Salão Foz, pelo «orfeon» do Liceu de Camões, ficou adiado, por motivos justificados, para o dia 12 do corrente, com o seguinte programa:

1.ª parte: 1—«Rapsodia de cantos populares do Norte» de Ribeiro, pelo «Orfeon»; 2—«Dia de anos»—versos de João de Deus pelo aluno Eugenio Marques da Silva; 3—«O salutaris» de Laurent de Rillé pelo «Orfeon»; 4—«O passeio de S. Antonio»—versos de Augusto Gil pela aluna Maria L. da Costa Malta; 5—«Alborada galega» pelo «Orfeon».

2.ª parte: «A comedia» em verso—«Uma partida de quino»—de X. de Silva pelos alunos D. Maria Eulalia Pereira, Antonio Niza da Silva, Manuel Cabo Martins.

3.ª parte: «Coração aldeão»—da «Vava Alegre» pela aluna Zina Duarte e Orfeon, com acompanhamento de piano; «As rosas»—poesia de Urbano de Castro pela aluno Leote Tavares, execução dos seguintes numeros pelo eximio guitarrista sr. Julio Silva: a) «Pastoral» de Viana da Mota; b) «Borboleta» (valsa) de Julio Silva; c) Rapsodia de cantos populares n.º 5» de Julio Silva; «Côro de marinheiros» da «Madame Butterfly» de Puccini pelo «Orfeon».

Noticiario

Portugal

Conforme temos vindo anunciando, é hoje que se estreia no teatro Nacional a Companhia Franceza de madame Pierat, contratada depois de grandes dificuldades pela administração daquela casa de espectaculos.

A ilustre artista, que conhece a direcção da sua tournée em Espanha e Portugal o director do teatro «L'Oeuvre», de Paris, Lugné Poe, igualmente artista notavel, é hoje das figuras mais notaveis do teatro francez, actriz incomparavel e interprete gloriosa dos maiores escritores.

A sua passagem por Barcelona e Madrid deixou um rastro de aclamações e de aplausos, sendo de crer que a eminente artista leve igualmente de Portugal as mais vivas recordações.

Como já dissemos, são sete apenas as recitas de madame Pierat, tres de assinatura ordinaria e tres extraordinaria, assim divididas: dia 8, Marionettes, recita ordinaria; 9 Marche Nuptiale, extraordinaria; 10, Princesse Georges, extraordinaria; 11, Monna Vana, ordinaria; 12, matinée, Amoureuse, extraordinaria e, á noite, Aimer, ordinaria.

A peça Marionettes, de Pierre Wolff tem a seguinte distribuição:

Fernande, Marie Therese Pierat; Nizerolles, Lugne Poe; Madame de Jussy, Jane Chevrel; Madame Valmont, Jane Mersay; Madame de Lintey, Lucienne Givry, Baronne Durieu,

Agenda da Semana

HOJE — Estreia no Teatro Nacional da companhia franceza de Mme. Pierat com «Marionettes» de Pierre Wolf.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por Ladislau Batalha

Antagonismos Profissionais

O AFROUXAR DO NACIONALISMO NOS FINS DO SECULO XVI—JUIZO DAQUELA EPOCA —AS ESQUADRAS DA INDIA—A INVASÃO ESTRANGEIRA

Esse acrisolado patriotismo nacional que aos poetas continua dando elementos para primorosos alexandrinos, onde a heroicidade dos nossos pioneiros do mar se canta em todas as diapasões, no final do seculo vem a somar na mais abjecta humilhação das classes privilegiadas e dirigentes—o clero e a nobreza—que, em torpe conluio com Christovam de Moura, com os bispos de Leiria e Portalegre, o Marquez de Vila Real e tantos outros traidores, prepararam a entrada triunfal do rei intruso, sem maior resistencia que a do pobre Prior do Crato, e com manifestações da mais deprimente cobardia.

Francisco Manuel de Melo, o infeliz perseguido, cuja memoria ilustre o incansavel investigador Edgar Prestage modernamente reabilitou, cita e comenta o velho adagio:

—«Não ha rico parvo nem pobre discreto.»

Tambem ele nos deixa ver o afrouxar do nacionalismo em expressões como estas:

—«Não ha terra mais nossa que onde melhor nos vay. E segundo esta regra, por Deus, meu fidalgo, que mais de quatro homens honrados são de por lá além.» (1)

Este afrouxamento moral que, em vez de se obliterar, cada vez mais se vai acentuando, confirma-se pelo velho ditado:

—«Ao bom varão terras alheias sua patria são.»

Modernamente dizem os filhos do povo com desdém e desprendimento:

—«A minha terra é onde se ganha dinheiro.»

Foi o estado geral de abatimento o que fez que aos legitimos pretendentes á Corôa, vaga pela morte do Cardeal D. Henrique, fallasse a coragem para auxiliar D. Antonio, Prior do Crato, ou para directamente contestar a D. Filipe II d'Espanha os falsos motivos que invocava.

Os Inquisidores, tanto como os Lentes de Prima e Sesta, e outros das Universidades de Evora e de Coimbra fizeram ostentação da sua baixeza em homenagens indecorosas que a Historia registra com repugnancia.

Só o braço popular tentara resistir. Malogrado empenho, por falta de direcção e estimulo.

Ainda em Côrtes propoz medidas de resistencia e saneamento moral, procurando impedir os subornos que os agentes de Filipe com facilidade conseguiam sôbre as maleaveis e degeneradas consciencias de portuguezes.

O habito de genuflexão, porem, adquirido nas rezas e nas devoções religiosas, estendera-se á vida politica, e generalisara-se no espaço e no tempo, chegando até á actualidade onde o elogio e a humilhação mascaram a todos os instantes a sordidez do animo e a corrupção politica.

O Rei Filipe, antes de entrar em Portugal, tratara com traidores portuguezes de todas as categorias, dos quais com facilidade sobornou, comprando-lhes os Castelos e peitando-lhes as lanças (2).

«As virtudes e robustes dos nossos avos, os sacrificios e a abnegação dos pais, o culto da honra e o respeito das obrigações sagradas, diz R. Pato da Silva (3), eram nobres excepções nesta sociedade corrompida. A regra consistia em cada um olhar para si e esquecer o mais.

Poucas foram as portas a que bateram as seducções, que não as patenteasse logo a venalidade.

No fim do seculo a vida portugueza assumira o pectos deveras pavorosos de humilhação e despotismo.

Interpretando um mau habito, a lei veiu a impedir a entrada em Portugal de Ciganos, Armenios, Arabios, Persas e Mouros de Granada (4).

Os fogos de vista por ocasião de procissões foram em 1610 proibidos, tanto como abafos, ou tangeres, nem ajuntamentos de escravos, como dizia a lei (5).

O estado geral de abatimento, a depressão de caracter, a perversão dos costumes, o espirito miseravelmente ganancioso, tudo agravado pelos horrores da peste de 1578, que em 1580 ainda durava dizimando vidas em todo o Reino, são factores que vieram facilitar a marcha incontestada dos exercitos do Duque de Alva.

Quasi sem resistencia, por assim dizer, foram-se lhe rendendo sucessivamente Extremoz, Montemór, Alcacer, as fortalezas do Algarve, Setubal, Cascaes e outras praças fortes, incluindo Lisboa que resignadamente se vio assolada e saqueada pela soldadesca da patria do Cid Campeador.

O seculo XVI, fonte inesgotavel para as investigações do sucessivo nacional, fôra no mundo moderno o mais convulso e o mais movimentado de todos os que até hoje se lhe teem seguido.

Com as maiores venturas coincidiram as maiores desditas. Os descobrimentos iniciados pelo Infante D. Henrique, fructo opimo de um cruzamento feliz, seguiram ininterruptos e sem contestação, apenas secundados pela vizinha Hespanha, com o seu Colombo, o seu Cortez e alguns outros.

A' obra gigante dos incontestados navegadores só á Igreja foi dado superintender, demarcando pelas bulas de Alexandre VI os limites de posse das regiões descobertas, entre Portugal e Hespanha.

Os dois paizes usaram e abusaram da sua obra grandiosa, enodoando-a para sempre.

A Historia não esquece os horrores que vincularam o nome de Fernão Cortez ao Mexico, onde investiu cruel e barbaramente com o Imperio do fastoso Montezuma que por ultimo aprisionou e poz a ferros, ao mesmo tempo que por 1521 mandava queimar vivo o cabecilha Mexicano Qualpopoca e outros.

Dez anos depois era ainda o castelhano Pizarro quem iniciava a conquista do Perú e a submissão dos Incas cuja civilisação arrasou até aos mais fundos alicerces.

Ainda antes mesmo da defeito obra concluida, porem, já procurava inutilisar-se com intrigas repugnantes com o seu competidor Almagro, o denodado descobridor do Chili.

Igual sorte nos sucedia a nós nas Indias, conforme os relatos de Gaspar Correia, Diogo de Couto, João de Barros, Sylveira e tantos outros, que os posteros posteriores aos sucessos ocorridos.

A nosso respeito pode bem aplicar-se a exclamação do poeta:—«se mais mundos houvera, mais mundos houvera nós descoberto».

Só para a India, desde a expedição de Vasco da Gama até ao ano de 1612, despachámos cento e vinte e seis ou mais com setecentas e trinta e cinco velas, na sua maioria naus e galeões que conduziam tropas de combate, guarnições de fortalezas, clerigos, e todo o funcionalismo civil, além das respectivas tripulações. (6)

Primeiro costa a costa, depois ao largo, cruzámos os Oceanos, descobrimos novos Continentes, revelámos a existencia de novos Arquipelagos até então desconhecidos.

As terras da China e do Japão, todo o Extremo Oriente, patenteámos á civilisação que desabrochava pela Europa, com excepção da Peninsula Iberica onde durante esse seculo nos entregámos de preferencia á conquista e saque das terras descobertas cujas portas fomos franqueando á reacção catolica.

A meado do seculo, porem, o exclusivo da descoberta e conquista principiou a fugir-nos. Tambem a Europa despertava para as navegações longinquas.

Já por 1553 o inglez Ricardo Chancelor achava o caminho maritimo para Arkangel.

Os francezes em 1567 saquearam-nos a ilha de S. Tomé, façanha que no final do seculo os holandezes repetiram, quando, ao contrario dos francezes, a atacaram, nos invadiram e ocuparam Angola e outros territorios.

Tanta gloria capitulou, pois, numa impotencia desoladora.

(Continua)

1) Centuria I—Carta LXXXV. Ed. 1840.

2)—Rebelo da Silva—Hist. de Port. no Sec. XVII e XVIII—II—24.

3) —Ibid.—28.

4)—Ordes. Filip. V,—T. 69.

5)—«Ibid.»—V—Tit. 70 e Alvará de 9 de Julho de 1612.

6)—O Panorama de 1840—IV—171-172.

SPORT

AUTOMOBILISMO

Vae realisar-se a corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira

O jornal «Os Sports» não descança na organisação de provas. Ainda no ultimo domingo levou a efeito uma corrida pedestre «Cross country» que resultou brilhantissima, não só pelo valor dos concorrentes inscritos como pelo numero que foi bastante notavel e já está entregue á realisação da importante corrida de automoveis na Rampa da Pimenteira.

Esta prova, que tem um percurso de 1500 metros em subida, vae certamente despertar no meio automobilista grande interesse, porque, alem dos concorrentes amadores, podem

A Taça Goodyear que Os Sports vae disputar na prova automobilista II Rampa da Pimenteira que se realisará no mez de Abril cujo regulamento será em breve publicado

fazer-se representar os fabricantes ou representantes de marcas de automoveis Os carros serão divididos por categorias conforme a sua cylindragem. O regulamento está já elaborado encontrando-se na comissão tecnica do Automovel Club de Portugal afim de o aprovar, devendo ser publicado por estes dias.

A inscripção deve abrir ahi pelo dia 20 deste mez e a corrida será levada a efeito nos meados de Abril.

«Os Sports», alem dos premios, medalhas e diplomas que confere em todas as categorias aos vencedores, instituiu uma magnifica taça de prata, que será entregue definitivamente ao concorrente que fizer o percurso em menos tempo.

Todos os automobilistas amadores ou profissionaes que desejem esclarecimentos sobre a prova podem dirigir-se ao director de «Os Sports», A. de Campos Junior, rua do Norte 5 1.º todos os dias das 14 ás 18 horas.

ra uma desforra, que é o combate de amanhã.

Faustino aceitou, apesar de Pedrini ser muito mais pesado.

No programa figuram tambem dois combates de amadores. Francisco Brito, que na noite de 2 ganhou uma luta, batendo J. Araujo, concede a este um combate-desforra. Cesar Rufino, excelente amador, bater-se-ha com Faustino Rodrigues, impetuoso combatente.

O amador sr. Xavier de Araujo é o arbitro oficial da Federação. O sr. Rosa Brito, outro distinto amador, arbitrará o combate Faustino-Pedrini.

Os combates dos profissionaes realisam-se em 10 «rounds», com luvas de 4 onças, e os dos amadores em 6 «rounds», com luvas de 6 onças.

FOOT BALL

Os desafios de domingo

1.ª divisão. 1.ª categoria—Imperio contra Internacional, em Palhavã, ás 11,30. Juiz o sr. Luiz Rebelo da Silva.

2.ª divisão. 1.ª categoria—Atletico contra Belenense, em Palhavã ás 1,30. Juiz o sr. Vitor Candido Gonçalves.

Apuramento de campeão

3.ª categoria—Bemfica contra Itálicos 8, nas Laranjeiras, ás 13 Juiz o sr. José Domingos Fernandes.

4.ª categoria—Bemfica contra Carcavelinhos nas Laranjeiras, ás 11. Juiz o sr. Boaventura da Silva.

Provas escolares do «Foot-Ball»:

Grupo B (internatos)—Escola Normal contra Casa Pia, ás 10,15. Juiz o sr. Carlos Vilar.

Asilo Maria Pia contra Pupilos, ás 12. Juiz o sr. Frederico Cesar de Barros.

Grupo B (externatos)—Colegio Nunes contra Vergo Bairão, ás 9,30. Juiz o sr. Ludio Nogueira.

Todos os desafios se realisam no Campo Grandela.

LAW-TENNIS INTERNACIONAL

Como nos anos anteriores, resolveu a comissão tecnica do Club inaugurar as tardes de jogo para senhoras amanhã quinta-feira, a partir das 4 horas da tarde.

A comissão tecnica conta com grande concorrencia de jogadoras antigas e tambem algumas das que tem frequentado as escolas do Club.

Desde 1 de novembro do ano findo que vem funcionando com regularidade, todas as quartas-feiras e sabados, a escola de meninas, que tem despertado grande interesse.

O «tennis», que é especialmente apropriado ao elemento feminino, pela graça das atitudes e vivacidade, é tambem de grande alcance social, como é de todos sabido.

As horas de funcionamento da escola são: ás quartas-feiras, das 10,30 ás 12, e aos sabados das 1,30 ás 4 da tarde.

Os socios do Club facilitam a admissão.

O SPORT NO BOMBARRAL

Com o grupo de foot-ball do «Sport Club Bombarralense» jogou o «Grupo Desportivo da Companhia dos Fosforos de Lisboa», tendo vencido este por 3 a 2. A superioridade do grupo lisbonense era manifesta.

CURIOSIDADES

Uma arvore electrica

Assim como no reino animal ha seres cujo organismo parece um dinamo vivo, entre eles o peixe chamado torpedo, assim tambem no reino vegetal se encontram seres dotados de notavel potencia electrica.

O professor alemão Leipzig engenheiro estudava ha tempo os bosques da Arábia quando os indigenas lhe falaram de uma arvore que no dizer deles possuia uma misteriosa força de atracção a ponto de causar a morte a quantos passaros poisavam nos seus ramos. Desejoso, o professor alemão, de verificar experimentalmente o fenomeno, dirigiu-se para o lugar onde existia a arvore tão singular e observou que ao aproximar um dedo das folhas, delas saltava uma faisca que lhe fazia sentir uma leve sacudidela electrica.

Na arvore encontrou uma infinidade de insectos e muitos passaros mortos, com a particularidade de que só se atreviam a pousar nos seus ramos os passaros novos, pois os passaros adultos tinham instintivamente experimentado a sorte alheia.

A uma distancia de vinte e cinco metros exercia esta arvore influencia na bussola, e as variações magneticas eram mais ou menos intensas, segundo a hora do dia, chegando ao maximo quando o sol passava pelo meridiano e diminuindo á medida que o sol declinava, até desaparecer por completo á meia noite.

Em tempos humidos esta arvore perdia as suas propriedades magneticas.

A mais velha arvore do mundo

Na cidade de Kos, situada na costa da Asia Menor, pertencente á Turquia e habitada por gregos, existe uma arvore chamada a «Arvore de Hippocrates», o creador da medicina, a qual se julga ser a mais velha do mundo. E' um plátano, a cuja sombra Hippocrates deu as primeiras lições a seus discipulos.

Naquele tempo já o plátano era velho, por isso não se irá longe da verdade, dando-lhe a bonita edade de 3.000 anos. O seu tronco tem a circunferencia de 10 metros. Os ramos cobrem-se de folhas na primavera, e a tal ponto que é preciso sustentar os mais grossos com pilastras de tijolo.

As mais altas arvores conhecidas

São os eucaliptos da Australia, tendo alguns 125 metros. As mais colossais são as arvores gigantescas da California, da especie das coniferas.

Dentro da cortiça duma dessas arvores, foi servido na Exposição Universal de Paris 1867, um jantar de 60 talheres.

Principais jardins botânicos dos estrangeiros

O primeiro, foi creado em Padua em 1545, o segundo, em Montpellier em 1558; o terceiro, em Leyde, em 1577, o quarto, em Leipzig, em 1580 o quinto em Paris, em 1624; o sexto em Oxford, em 1632, o setimo em Upsala em 1657; o oitavo, em Chelsea, em 1673, o nono, em Viena, em 1753 o decimo, em Madrid, em 1755 o undecimo, em Kew em 1759 o maior do mundo, o duodecimo, em Cambridge, em 1763, o decimo terceiro em S. Petersburgo, em 1785; o decimo quarto, em Regent Park, em 1820

As côres e os dias da semana

Curioso era a forma como os gregos e romanos distinguiam os dias da semana. Ao domingo usavam encarnado; á segunda feira o branco; á terça, o roxo; á quarta, o azul; á quinta, o preto; á sexta, o verde; ao sabado, amarelo.

A. G.

NOTICIARIO

O BOX NO COLISEU

Os embates de amanhã

Pode afoitamente dizer-se que a festa do «box», que amanhã se efectua no Coliseu é a mais importante de todas até agora organisadas. Depois de termos visto contra o francez Marcel os principais «boxeurs» do estrangeiro, vamos ver agora o campeão portuguez Tavares Crespo, combatente impetuoso, excelentemente treinado e com certeza para brilhar diante de Marias. Tavares Crespo está classificado para disputar em breve o titulo de campeão portuguez dos meios-medios.

Faustino Pereira, hoje o mais popular e querido dos nossos «boxeurs», combate com o suisso Maurice Pedrini, que ha uns dois anos foi contratado para o Porto como professor e ali tem realisado varios combates.

Pedrini, vencido no ano passado por Faustino, desafiou agora este pa

N.º 20 — Folhetim de A CAPITAL — 8 de Março de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

... orgulhosa Catarina empregara todos os esforços para vencer a animosidade de Falstaff. Era-lhe desagradavel ter em casa um sêr que desconhecia o seu poder, a sua força, que não se humilhava na sua frente, que a não amava. Se ela queria dominar toda a gente, como podia Falstaff fazer excepção á regra? Mas o meu «bouledogue» não cedia.

Um dia, quando depois de jantar estavamos sentadas ambas na sala grande, o «bouledogue» veio deitar-se no meio do chão, gozando preguiçosamente o seu repouso depois do jantar.

A princesinha teve de repente a ideia de o submeter ao seu poder. Abandonou logo os seus brinquedos e na ponta dos pés, chamando Falstaff com as mais ternas palavras, começou, prudentemente, a aproximar-se dele. Mas Falstaff já de longe mostrava os seus terriveis dentes. Catarina deteve-se.

Era sua intenção aproximar-se de Falstaff, acaricia-lo, o que ele a ninguem permitia alem da princesa de quem era favorito e força-lo a segui-la.

Era uma empreza dificil e perigosa pois que Falstaff não se molestaria para a morder, se tal julgasse necessario. Era forte como um urso. Eu seguia de longe, inquieta, os movimentos de Catarina. Não era facil porém dissuadi-la á primeira vez, nem mesmo os dentes que Falstaff lhe mostrava indelicadamente, o conseguiram.

Convencida de que não podia aproximar-se á primeira tentativa, a princesinha admirada rodeou o seu inimigo. Falstaff não se movia. Catarina deu uma segunda volta muito mais estreita, depois uma terceira, mas quando chegou ao logar que parecia a Falstaff o limite extremo que era permitido a qualquer atingir, de novo mostrou os seus grandes dentes. A princesinha bateu o pé, afastou-se despeitada e sentou-se no «divan». Dez minutos depois tinha inventado uma nova tentação. Saiu para logo voltar com biscoitos e bolos; tinha mudado de armas com rapidez.

Falstaff permaneceu calmo, estava sem duvida completamente saciado porque nem sequer olhou para o pedaço de bolo que ela lhe atirou e quando a princesinha estava de novo no sitio proibido, que Falstaff considerava como sendo a sua fronteira, mostrou-lhe uma oposição ainda mais forte do que da primeira vez: Falstaff levantou a cabeça, mostrou os dentes, ladrou surdamente e fez um movimento como se se preparasse para a morder. Catarina tornou-se côrada de colera; deixou o bolo e tornou a sentar-se no seu logar. Estava sangada, batia com o pé no tapete, as faces estavam côradas e até as lagrimas lhe apareceram aos olhos. Quando por acaso poisou os olhos em mim todo o sangue lhe afluiu á cabeça. Levantou-se resolutamente do seu logar e com passo decidido, dirigiu-se para a fera terrivel.

A admiração que este acto de audacia causou em «Falstaff» foi muito forte; deixou á sua inimiga invadir a fronteira e não estava ela a mais de dois passos dele quando deu um rugido terrivel. Catarina deteve-se um instante, mas somente um instante e logo depois avançou. Eu julgava morrer de medo. A princesinha estava excitada como eu nunca a tinha visto; nos seus olhos brilhava o sentimento do triunfo, da vitoria, da posse. Suportou conscienciosamente o olhar terrivel do «bouledogue» furioso e não vacilou deante da sua boca enorme.

O cão avançou; do seu peito peludo saiu um rugido medonho, um momento mais e ia enlaçá-la. Mas Catarina poisou altivamente nele a sua pequena mão e por tres vezes, triunfalmente, acariciou-o no dorso. O «bouledogue» teve um momento de hesitação. Este instante foi o mais impressionante. De repente levantou-se vagarosamente, espreguiçou-se e provavelmente pensando que não era para ter brincadeiras com creanças, saiu tranquilamente do quarto. A princesinha triunfante ficou no logar conquistado e lançou-me um olhar indefinido um olhar pleno de vitoria. Eu estava branca como a cal. Ela notou-o e sorriu. Contudo um pavor mortal cobria-lhe já as faces. Com grande custo chegou até ao divan e caiu quasi desmaiada.

A minha paixão por ela não conhecia agora limites. Depois desse dia em que tanto tinha receiado por ela já não era senhora de mim. Eu perdendo as forças com a angustia, estive mil vezes para me lançar ao seu pescoço, mas o receio colava-me ao meu logar. Recordo-me que procurava afastar-me dela para que não visse a minha comoção. Mas, quando por acaso ela entrava no quarto onde me tinha refugiado eu tremia e o coração batia-me tão forte a ponto de me provocar dor de cabeça. Julgo mesmo que a esperta creança o notou, pois que, ainda dois dias depois, apareceu-me um pouco confundida. Mas nada se habituou a este estado de coisas.

Durante um mez sofri assim, em segredo. Os meus sentimentos tinham uma elasticidade incompreensivel se assim me posso exprimir. A minha natureza é paciente ao mais alto grau, de maneira que o «elan», a manifestação espontanea dos sentimentos não se prendem em mim senão ao ultimo extremo. E' preciso notar que, nesse tempo todo, nós não trocámos, Catarina e eu, mais de cinco palavras. Pouco a pouco notei, por alguns sinais imperceptiveis, que esta atitude tomada para comigo não tinha por causa o esquecimento ou a indiferença, mas era consciente, como se a princesinha tivesse prometido manter-se dentro de certos limites. Assim eu já não dormia e de dia não podia esconder o meu embaraço deante de Mme. Leotard. O meu amor por Catarina ia até á extravagancia. Uma vez peguei em segredo num dos seus lenços, doutra vez numa pequena fita que ela usava nos cabelos e toda a noite eu beijava e molhava com as minhas lagrimas esses objectos. A principio a indiferença de Catarina tinha-me torturado, ofendido; mas que tudo se confundia em mim e eu não podia dar conta das minhas sensações. Assim pouco a pouco as novas impressões iam fazendo desaparecer as antigas; as recordações referentes ao meu triste passado perdiam a força, substituidas por uma nova vida. Lembro-me que acordava muitas vezes de noite. Levantava-me da cama e na ponta dos pés aproximava-me de Catarina. Durante horas inteiras, contemplava-a a dormir á luz palida da nossa lamparina. Por vezes sentava-me na sua cama, inclinava-me para a sua e ia sentir o seu respirar quente; então, docemente, tremendo de medo, beijava-lhe as pequenas mãos, as suas espaduas, os cabelos, os pés, se estavam descobertos.

Pouco a pouco notei—porque durante um mez não tirava os olhos de cima dela—que Catarina se tornava de dia para dia mais pensativa; o seu caracter começava a perder o seu equilibrio; ás vezes passava-se um dia inteiro sem a sentir, ao passo que no outro dia fazia barulho como nunca. Estava irritavel, exigente; zangava-se, enfurecia-se muitissimas vezes e comigo chegava a praticar pequenas crueldades; de repente recusava jantar junto de mim, sentar-se ao meu lado, como se eu a desgostasse; outras vezes ia bruscamente para os aposentos da mãe e lá ficava dias inteiros, sabendo talvez que eu sofria com a sua ausencia; ainda outras vezes punha-se a olhar-me durante horas, de modo que, atrapalhada, envergonhada, não sabia onde meter-me; eu corava, empalidecia e contudo não ousava sair do quarto.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Cap tal Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. **LISBOA** Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Bodal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos qui...

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de ... e frig...

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4022 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 9 de Março de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficinas de impressão — Rua da [illegible], 71 — Preço 10 centavos

CAVE CANEM!...

Quando o sr. Antonio Maria da Silva tomou a seu cargo a governação publica repetiu, com enfase, a velhissima frase de que era indispensavel resolver a questão da ordem publica, sem a qual não ha possibilidade de exercer eficazmente a administração do paiz. A sentença é, desde ha muitos anos, um logar comum. A sua interpretação pode ocasionar, entretanto, uma ligeira controversia. Tudo depende da extensão que se queira dar-lhe.

Se se quer significar que a Nação vive em permanente desordem, comete-se um erro crassissimo, o mesmo erro voluntario e criminoso dos inimigos da Nação, que assentaram arraiais na fronteira de Vigo e de Badajoz e de lá expedem, para o mundo, as calumniosas noticias terroristas, acerca de Portugal. Porque, a verdade é esta: em Portugal não existe a anarquia das ruas ou dos campos. A questão é outra e define-se com muita simplicidade.

Somos um povo prisioneiro. E prisioneiro de quem? Duma minoria insignificante de desordeiros — insignificante, é claro, em relação á totalidade da população pacifica. E essa minoria actua agora em Lisboa, actuou muito recentemente no Porto e só raras vezes e esporadicamente em terras sertanejas. Basta suprimir os focos da desordem para que a tranquilidade se restabeleça em absoluto. Tem o governo do sr. Antonio Maria da Silva força para o fazer? E' evidente que sim. Tem o exercito á parte, em armas e ás ordens; a Guarda Republicana não tem hesitado em actuar, sempre que tem sido necessario; e a policia tem demonstrado uma dedicação sem limites á causa da Ordem. Então porque espera?

Não é com panos quentes que se cura o mal agudo. São indispensaveis revulsivos energicos. E' urgente aplicar o termo-cauterio. Tem o governo Antonio Maria da Silva possibilidade politica de o fazer? Se tem, ande para diante. Mas se não tem, se não pode libertar-se da asfixia estrangulando o Invisivel, é governo que desgoverna e, como tal, não convem á Nação e á Republica.

O momento não é para hesitações, para contemporisações, para complacencias, para duplicidades ou para cumplicidades. O momento exige ação energica, eficaz e pronta. Assim se defende o Estado organisado, a propria sociedade em que vivemos e queremos continuar a viver. Doutra forma, é a abdicação!

Nos tempos recuados dos romanos ancestrais, as velhas familias patricias decoravam o atrio dos seus palacios com pinturas muraes onde figuravam molossos de guelas hiantes. Em letreiros bem visiveis, de cores berrantes, os ironistas do Imperio escreviam, por baixo, este aviso: Cave canem!

Parece que o governo poz tambem, fóra de portas, uma ameaça platonica. O leão, tem garras, não ha duvida; o leão não deseja senão que lh'as utilisem a bem da tranquilidade dos cidadãos inermes e indefesos... Mas o governo parece considera-lo um decrepito, um invalido, um rafeiro inofensivo. Cave canem! diz o governo. E os profissionais da bomba, os idolatras da Anarquia, riem-se!

Isto, assim, não é viver. Não pode continuar! Todos nós, portugueses, queremos governo que governe e não bonzos extaticos, hipnotisados pelo Terror. E' preciso agir, actuar, dominar... Ou, então, abdicar!

Factos e palavras

Está em Lisboa Maria Pierat. De vez em quando a França exporta ao mundo uma mulher elegante e o mundo, atonito, surpreendido, perplexo, compreende melhor a França, ama-a mais, sente-a [illegible] completamente.

Ma[illegible] Pierat, societaria eminente [illegible] Comédie, anda agora pelo mundo a espalhar a sua graça e o seu talento. Estas mulheres, quando saem de França, fixam, em qualquer sitio, a propria França [illegible] que a França, elas fixam Paris.

E', por isso, que por muito caros que sejam os bilhetes do Nacional [illegible] ainda são baratos [illegible] Rocio, por 15 mil réis, [illegible]

Um jornal de Madrid, [illegible] sua [illegible] de teatros [illegible] uma [illegible] artista do Politeama [illegible] ha pouco com um [illegible] restricto, *distinta e notavel*. Ha ocasiões em que os adjectivos [illegible] têm o ar de uma [illegible] A artista em questão que não passou ainda de umas [illegible] sereias, onde a sua graça [illegible] talvez o seu principal dote [illegible] afiorou, não merece a injustiça daqueles arrasantes qualificativos — *Notavel e distinta* [illegible] Bem se vê que o cambio está baixissimo...

Muitos passageiros dos electricos que [illegible] electricos marinhos, electricos tragico-maritimos [illegible] deixado aos seus [illegible] cobradores muitos trocos. E' justa essa remuneração particular por quem se sacrifica de tão manifesta boa vontade pelo bem geral [illegible] nunca mesmo nos pareceram tão socialistas e tão avançados [illegible] esta greve poz tão simpaticos faces!

[illegible] dos electricos [illegible] para toda a população de Lisboa, um aspecto sem sombra [illegible] dias de entrudo. E' incredivel que a idéa convenção duma [illegible] honestos [illegible] da tracção electrica [illegible] e com [illegible] a sua situação [illegible]

[illegible] do movimento antipatico [illegible] desde o primeiro [illegible] todo o povo, a mais completa [illegible] os grevistas [illegible] de justiça e de razão. Hoje, os [illegible] dos da Companhia do Saldo Amaro são justamente os *meneurs* de toda a manifestação trabalhadora e consequencia [illegible] mercê de geral cobar-

dia, crear, não pelo trabalho, mas pela verborrea palavrosa e ridicula um prestigio de momento, que seria irrisorio se não fosse tragico.

O que se não compreende é como nessa assembléa de operarios não se erga uma voz calma e serena, que exija, em nome dos principios do verdadeiro socialismo e dos mais nobres principios de altruismo colectivo, a suspensão de toda a especie de «sabotage» de vidas — como se a vida não fosse alguma coisa de supremo e de superior a tudo

Neste momento, todo o homem honesto torna os empregados da Carris responsaveis pelos crimes que a sua atitude passiva sanciona. E, pelo nosso lado, alem do profundo despreso que nos merecessem os cobardes, em nome de todo o povo, que em unisono os repudia, reclamamos, emfim, castigo para os que nos asfixiam e nos não deixam viver — a nós proletarios, que tão duramente cavamos a existencia de cada dia

---

Dizem de Roma — onde chegou tambem a moda das saias pelo joelho — que os frequentadores de varios teatros empreenderam uma campanha energica contra os exageradissimos decotes das damas que ocupam camarotes e plateias. A' entrada daquelas cuja nudez seja considerada vergonhosa, os manifestantes acolhem-nas, quer das plateias, quer das galerias, com pateada enorme; assobios, roncos, suspiros e por quantas maneiras de mostrar desagrado lhes vem ás cabeças.

Ha dias, no começar o espectaculo no Teatro Constanzi, entrou, num camarote, um cavalheiro acompanhando uma dama dos seus vinte e dois anos e cuja *toilette* era escandalosa por demais. Mal que entraram, das galerias e plateia saiu um brado tremendo depois, a pateada reboou e os assobios, as gargalhadas, os suspiros e [illegible] estridulos, em [illegible] medonho

Não se conteve o cavalheiro que acompanhava a dama decotadissima e, debruçando se no peitoril do camarote, voltou-se para o publico e gritou

— Selvagens!

— Está enganado — gritaram-lhe, emquanto apupos formidaveis reboavam — os selvagens é que andam nús!...

E os dois, dama e cavalheiro tiveram que retirar-se.

Pela Madeira

No Concelho de Camara de Lobos vai repetir-se novamente o acto eleitoral

Do sr. Celestino de Vasconcelos, conhecido republicano e ex-administrador daquele concelho recebemos a seguinte Carta:

Sr. redactor de «A Capital».—Muito me obsequia V. Ex.ª publicando-me a seguinte carta.

Fui nomeado administrador do concelho de Camara de Lobos, pelo governo do sr. coronel Maia Pinto, com o intuito de ali manter o respeito para com todas as crenças politicas e religiosas, de manter a ordem nas ruas, a liberdade nas urnas, e evitar que ali novamente se repetissem atentados, e perseguições contra republicanos como sucedeu nas penultimas eleições realisadas nesse referido concelho, onde dedicadissimos republicanos com uma larga e honrada folha de serviços prestados á causa da Republica, foram vitimas de agressões e violencias levadas a efeito, com a cumplicidade de certos detractores do baixos estofos, sem caracter, sem dignidade e sem vergonha, que até se dizendo republicanos, o para quem a Republica, e o seu republicanismo, só tem servido para lhes satisfazer vaidades e ambições.

Desde que assumi o exercicio das minhas funções declarei que estava filiado no P. R. P., porém que, emquanto estivesse á frente do concelho, não faria politica partidaria, nem tão pouco serviria de joguete nas mãos dos politicos.

Como autoridade administrativa, apenas ali havia de manter o respeito para com todas as crenças politicas e religiosas, assegurar, custasse o que custasse, a liberdade nas urnas, assim como a ordem nas ruas e nos espiritos.

E foi este o meu procedimento, como posso provar com o testemunho de toda a honrada imprensa funchalense.

Não promoti votos, nem tratei de eleições. Para livrar o povo não é nenhum rebanho de carneiros, nem as autoridades administrativas seus patrões. Os votos conquistam-se no campo legal.

Tratei de pôr o pão a 90 centavos o quilo que se vendia a 1$20. Abasteci o concelho com farinhas, mantive a limpeza das ruas, e nos mais recondidos cantos do concelho, cujo aspecto de imundicie tanto desagradava aos que visitavam aquela vila. Foi da minha iniciativa a comemoração do 31 de Janeiro, a colocação e inauguração dos bustos da Republica na administração do concelho, e na sala das sessões da Camara Municipal, festas essas que decorreram com grande imponencia e animação. E as eleições realizaram-se sem ter havido o mais leve incidente, notando-se apenas as rigorosas medidas que tomei afim de suflocar rapidamente qualquer leve alteração d'ordem que ali se désse.

Porem tendo sido derrotados em ambas as assembleias eleitorais os candidatos da firma Sousa Brazão & C.ª marca registada «mudar de rotulo conforme as conveniencias», inventaram e espalharam a calunia infame que em Camara de Lobos tinha havido irregularidades na assembleia eleitoral, assim como que outras assembleias não tinham funcionado, motivo porque não tinham sido eleitos. Essa firma é constituida por politicos venais e corruptos, que recentemente mudaram de rotulo pelo motivo de terem perdido o credito no mercado politico da madeira com o rotulo P. R. L. substituiram-no por P. R. P.

Não fui eu o culpado de que a mercadoria fosse reconhecida e devolvida com ordem de só aparecerem depois de prestarem contas á justiça das suas criminosas proesas levadas a efeito contra republicanos em Camara de Lobos, e ainda como protesto de terem feito desaparecer os processos para não sofrerem o devido castigo.

Assim é que está certo, foi este o unico motivo porque não foram eleitos e não por ter havido irregularidades.

A calunia foi habilmente preparada para ver se conseguem torpedear a candidatura do sr. capitão-tenente Procopio de Freitas.

Então houve irregularidades e foram validadas as candidaturas dos srs. Carlos Olavo, Pedro Pita, Juvenal de Araujo, Americo Olavo e Vasco Gonçalves Marques? E quais os motivos porque fui exonerado? Com certeza para ser substituido por quem se comprometesse derrotar ali o sr. Procopio de Freitas.

Se esse ilustre oficial da armada estivesse filiado no P. R. P. os leitores poderiam ter a certeza que não se teria espalhado a infame calunia de ter havido irregularidades na assembleia eleitoral daquele concelho.

Sousa Brazão ex-liberal e chefe supremo das perseguições, violencias e agressões exercidas contra republicanos nas penultimas eleições, e por esse motivo se encontra pronunciado, [illegible] copia do processo tenho em meu poder, apresentou a sua candidatura a senador pelo circulo do Funchal, sabendo o não poderia fazer em face do artigo 18.º da Constituição Politica da Republica. E porque não houve protestos? Saiba o leitor porque? Sousa Brazão é actualmente recruta do P. R. P.

Agradecendo a publicação destas linhas creia-me com a mais elevada estima e consideração

De V. etc.

Celestino de Vasconcelos, ex-administrador de Camara dos Lobos

Exposição do Rio de Janeiro

Aquele certamen não será adiado, assim o afirma o sr. Carlos Sampaio, prefeito da capital fluminense

Alguns jornais fizeram-se eco de que a Exposição do Rio de Janeiro seria prorogada por algum tempo.

E' preciso avaliarmos da confusão que uma noticia desta natureza pode lançar no espirito dos expositores e do prejuizo que, para o bom andamento dos trabalhos, pode resultar de tão infundado boato.

Achamos por isso conveniente transcrever a nota, que o sr. Carlos Sampaio, prefeito do Rio de Janeiro, que tem a seu cargo os serviços da Exposição, fez inserir em todos os jornais do Brasil:

«Para terminar de vez com uma exploração anti-patriotica em relação á comemoração do Centenario, declaro que:

1.º — A Exposição será feita na epoca propria e no local escolhido, desde o começo, isto é, na area da Avenida Wilson, onde serão situados os pavilhões das diversas nações e onde já se acha em construção o palacio da Inglaterra; na área do cáes do porto, onde serão localisados os pavilhões das grandes industrias, e, na área da Quinta da Boa Vista, anexa á escola Wenceslau Braz, onde será realisada a Exposição de Pecuaria e para onde dará acesso a nova Avenida Maracanã.

2.º—O prefeito jamais pensou em arrasar o morro do Castelo e criar uma nova cidade no curto praso de pouco mais de um ano.

Seria um desses absurdos que só quem desconheça completamente as obras desta ordem poderia julgar possivel.

O que se projetou, e ha de ser executado, foi preparar a cidade de uma maneira condigna para as festas do Centenario e anexar á area da Exposição uma area ganha ao mar para jardins, pavilhões esparsos e recinto para diversões, area essa que será protegida tanto quanto possivel com obras em andamento para que uma ressaca, como a do ano passado, não venha surpreender as muralhas em construção, antes de convenientemente amparadas e reforçadas».

Pelo que fica transcrito podem todos os interessados ver que impreterivelmente a exposição do Rio de Janeiro será inaugurada em Setembro de 1922, devendo por isso todos os concorrentes portuguezes enviar ao Comissariado geral em Lisboa, até fins de maio, os seus productos prontos a seguir para o Brasil.

Uma linha aerea entre o canal de Inglaterra e Londres

LONDRES, 9. — O Ministerio da Aviação aprovou o plano de carreiras regulares aereas entre as ilhas do canal de Inglaterra e Londres para transportar os productos agricolas para os mercados de flores e hortaliças em Covent Garden. As autoridades estão dando todo o auxilio a este plano que permitirá que os productos sejam vendidos em Londres no mesmo dia em que são colhidos. Os vôos de experiencias efectuar-se-hão em abril e estão-se construindo aviões especiais para transportarem cargas volumosas. Se este projecto tiver bom exito será provavelmente ás provincias do centro e do norte de Inglaterra.—(R.)

AS FEIRAS

A feira suissa de amostras, em Basilêa, em 1922

Entre 22 de abril e 2 de maio proximo futuro realisa-se em Basilea a sexta grande Feira suissa de amostras. Este certamen comercial e industrial obteve cada ano maior exito e oferece aos visitantes uma idéa nitida de todos os ramos de acção da pequena mas industriosissima Republica, como tambem da qualidade inegualavel dos seus productos.

Visitar a Feira de Amostras de Basilêa dá ocasião de encetar negocios muito rendosos para o nosso comercio e de desenvolver ainda mais a nossa já bastante adiantada industria nacional.

O Consulado Geral da Suissa em Lisboa, rua dos Correeiros, 41, 1.º, dá quaisquer informações sobre a feira, as industrias representadas, viagem, hoteis, etc.

Universidade Livre

Vai esta colectividade inaugurar no proximo domingo 19, o curso popular, sobre a historia do Brazil, durante o periodo colonial, isto é, de 1500 a 1822, curso que será em 8 lições, sendo o conferente o ilustre professor dr. Antonio Ferrão. Assim continua esta colectividade a sua obra educativa, difundindo conhecimentos uteis e contribuindo para a educação popular. As lições serão acompanhadas de projecções luminosas.

A proposito do incidente BARBOSA DE MAGALHÃES

Uma carta do deputado — sr. Julio Gonçalves —

Sr. Director. — Na «Capital» de 7 do corrente saiu a noticia seguinte:

«O incidente Barbosa de Magalhães ainda hoje apaixonou os parlamentares, sendo um dos que mais atacava a atitude do ministro dos Estrangeiros o deputado democratico sr. dr. Julio Gonçalves. Tal atitude não agradou ao «leader» do Partido, que, no que parece, chamou á ordem o «indisciplinado», constando, ao fim da tarde, que o sr. dr. Julio Gonçalves ia mudar de carteira...»

Na parte em que esta noticia me diz respeito, nada mais inexato, sr. Director.

Na sessão da Camara do dia 6, usei da palavra precisamente em defesa da situação do sr. dr. Barbosa de Magalhães em face da lei, e, se, como é certo, outros deputados o fizeram com mais brilho, nenhum o fez com maior sinceridade, não só em razão do respeito que, acima de tudo, tenho pelas disposições legais, que em parte algumas deixam de permitir o acto daquele ilustre homem publico, mas ainda pela alta consideração que me [illegible] as subidas qualidades morais de s. ex.ª

Na sessão do dia 7 não usei da palavra e não tomei qualquer atitude discordante do meu procedimento de vespera. Esta é que é a verdade.

Nestes termos, a noticia da «Capital» carece de ser retificada, pelo que muito agradeço a publicação deste o que é, com a maior estima.—De V. Julio Gonçalves, deputado.

A Colombia reconhece a Republica do Panamá

BOGOTA, 8.—Foi assinado um tratado pelo qual a Columbia reconhece a independencia da Republica do Panamá.—(Lat. Am.)

O papel inutilisado e a beneficencia do paiz

As casas de beneficencia atravessam, como nós já diversas vezes temos noticiado, uma crise grave, dada a actual e pavorosa carestia da vida.

No Porto surgiu um alvitre deveras interessante que merece referencia e que bem aproveitado e orientado poderia dar excelentes resultados

Toda a gente, em todas as casas, desperdiça-se diariamente quantidade sem conta de papel. Se todos guardassemos esse papel inutilisado e o oferecessemos ás casas de caridade concorreriamos para o seu desafogo economico com uma parcela que não seria para desprezar.

Ahi fica o alvitre.

Reuniram os ministros das Finanças aliados

PARIS, 8.—A conferencia dos ministros das Finanças aliados teve a sua primeira sessão ontem de manhã. Os jornais acentuam a cordealidade deste primeiro encontro.

A nova reunião terá lugar á noite. O objecto da conferencia versa principalmente sobre a repartição pelos aliados dos pagamentos alemães.—(Lat. Am.)

Portugal na Exposição do Rio

O sr. Lisboa de Lima no Porto

No rapido de amanhã segue para o Porto, o engenheiro sr. Lisboa de Lima, Comissario Geral da Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

S. ex.ª vai aquela cidade assistir a uma sessão conjunta de todos os membros das Associações Comercial e Industrial do Porto. Nessa reunião que terá logar no mesmo dia no Palacio da Bolsa, assentar-se ha na melhor forma do norte do paiz se fazer representar no importante certamen do Rio de Janeiro.

As corôas austriacas

VIENA, 8.—Foi publicado um decreto que regula as condições da exportação de corôas e a compra de divisas estrangeiras.—(Lat. Am.)

400.000 tuberculosos

Regista a estatistica anualmente no paiz, o que seria evitado em grande parte com o emprego da «Fibrocalcina» e da «Zimobiase» tomadas a tempo, dos quais é depositario exclusivo Raul Vieira, Ltd., Rua da Prata, [illegible]

Politica internacional

O resurgimento economico das nações—Cegueira internacional—Olhos que pretendem vêr—Sensibilidade exaltada e insensibilidade—A magnanimidade de Lloyd George—Sombras fantasmagoricas esbogalhando os olhos da França e Italia—Opiniões que divergem e modos de vêr que os chocam—Receios desfeitos—O amplexo franco-inglez—Entrevista de Bolonha—Novas dificuldades para a realisação da Conferencia de Genova—A questão greco-turca—O olvido das nações—Vulcão revolucionario: Egypto, India e Fiume

Andam as nações aliadas esforçando-se para conseguirem, entre si, aquela atmosfera de pacificação, de harmonia que as habilite a ir até Genova, antecipadamente confiadas nos bons resultados dos trabalhos que se esforçam por realisar.

Nenhuma nação da Europa parece sentir-se com as forças necessarias para tentar, por si, isoladamente, sem o amparo das outras, a obra de resurgimento economico que condiciona o seu resurgimento nacional.

A França, porque se vê impotente para hombrear com o incremento que na Alemanha vai tomando a agricultura, o comercio, a industria, que tem uma grande parte do seu territorio devastado, as suas finanças desequilibradas, a sua vida, emfim, atropelhada; a Inglaterra, porque vê desesperadamente a decadencia porque atravessam as suas industrias texteis, a sua produção mineira, os seus dois milhões de desempregados, de homens sem trabalho, a concorrencia tremenda que lhe vem sendo feita não já pela Alemanha, mas principalmente pelos Estados Unidos, todas as nações, emfim, porque pretendem adivinhar, prever um futuro sombrio para a sua vida nacional, se esforçam por conseguir um amparo mutuo com que possam contar para mais facilmente poderem equilibrar-se e triunfar de tantos e tantos obstaculos que se vêem antepondo á boa marcha dos seus negocios. Esta é, sem duvida, a preocupação maxima de todas as nações e foi em meio de circulo honroso em que se debatem que os seus dirigentes arquitectaram a idéa de uma Conferencia a que todas acorressem com a dura experiencia da vida, com o seu saber, com a sua boa vontade de que resultasse o salvaterio redentor para todos os males de que as nações poderosamente enfermam.

Procurou-se cobrir com o véu do esquecimento um certo numero de acontecimentos que, porventura, uma vez relembrados poderiam ocasionar quaisquer transtornos, senão inutilisar mesmo todos os trabalhos já realisados, todos os esforços feitos. Porem, as chagas que esses acontecimentos um dia abriram sangravam ainda e as primeiras dificuldades para a realisação imediata da obra que o cerebro irrequieto, imaginativo e idealista de Lloyd George delineara, surgiram.

Duas sombras fantasmagoricas se ergueram ante os olhos esbogalhados dos politicos de algumas nações: A Alemanha e a Russia dos sovietes.

Lloyd George, magnanimamente olvidara os seus inimigos de alguns anos antes e, de bom grado, para tentar normalisar a situação da Inglaterra; entraria aberta e francamente em negocios com o governo bolchevista, reconhece-lo-ia mesmo, sem hesitações.

Mas a França? E a Italia?

Ali essa não. Não iriam á Conferencia de Genova sem que anteriormente lhes fossem assinadas umas certas garantias. Pelo menos a França não iria. Que assim pensava a opinião publica franceza, que assim pensava a mór parte dos politicos daquela nação demonstrou-o a queda do governo de Briand e orientação seguida pelo seu sucessor.

Como sempre, os modos de ver francez e inglez divergiam. Como sempre, os pontos de vista francez e inglez se chocavam.

Desses modos de ver divergentes, desse choque de pontos de vista, a imprensa das duas nações se fez eco.

Em Italia, então, divergiam as opiniões entre os politicos. Havia quem tenazmente se opozesse a que a Italia se colocasse lado a lado com a Russia e havia quem julgasse absolutamente necessaria a comparticipação daquela nação na Conferencia de Genova.

Era uma questão de politica interna; contudo, tinha a sua repercussão na marcha das negociações encetadas, internacionalmente, por via da realisação da Conferencia.

Dificuldades, inumeras dificuldades se levantaram, tentando aniquilar o plano reorganizador de Lloyd George. Ante tantos obstaculos havia como nas colunas de «O Comercio do Porto» foi já assinalado, dois caminhos apenas a seguir pelo governo da Inglaterra, ou este abandonava os seus projectos, ou havia que refletir e talvez, mesmo, pôr de parte um

certo numero de pontos do seu programa.

Optou, pela ultima, dir-se-ha, ao ver, de animo leve, os resultados da entrevista Lloyd George-Poincaré, ha pouco, havida em Bolonha. Talvez, diremos. E talvez porque, naturalmente por falta de tempo, nem todos os pontos em que as opiniões franceza e ingleza divergem foram abordados.

O certo é, porem, que alguma coisa se fez, de alguma coisa valeu a troca de impressões entre os primeiros ministros das duas nações aliadas; visto estar assente a comparencia da França na Conferencia.

Contudo não estão ainda removidas todas as dificuldades, não estão transpostos todos os obstaculos. Assim é que, entre os mentores do povo, observa-se evidenciou agora uma corrente, a extremista, que tenazmente se vem manifestando por que Lenine não vá á Conferencia, de Genova, que, a triunfar, e é de crer que triunfe, o modo de ver dessa corrente de opinião bolchevista, teremos que a Russia só terá de valer-se desta magnifica ocasião que a benevolencia das nações lhe proporcionava para com elas reatar as suas relações, na Italia, a situação politica é algo tanto emaranhada, de sorte que só dificilmente se entrevê qual a orientação que virá a seguir; e, quanto aos Estados Unidos, parece que esta grande nação de alem-mar está definitivamente resolvida a não compartilhar com as nações da Europa seus estudos e as obra que elas vão procurar realisar.

A questão do Oriente

Estamos em vesperas da primavera e, contudo, através o calaure continuando que correu mundo depois a entrevista de Bolonha, nós não vemos que a momentosa questão greco-turca seja lesse tratada.

Parece mesmo que nem a mais palavra se trocou a seu respeito, não obstante ninguem desconhecer os prejuisos e o perigo que representa para a Europa a sua presença lá entre as duas nações.

Pelo que temos lido e pelo que temos nos ultimos tempos se conseguiram os acontecimentos, parece-nós, apesar de tudo, o quem diz apesar de tudo quer dizer apesar de os aliados teimarem em lançar o maior dos despresos a um assumpto que muito de perto lhes pode tocar, que não seria dificil encontrar-se uma solução para esse problema já demasiado sangrento. Estamos em crêr que turcos e gregos, depois das decepções que uns e outros sofreram, não deixarão de preferir a mediação das nações com uma plataforma que aos dois mais ou menos satisfaça, do que intentarem uma nova campanha, em que só lhes irão rios de dinheiro e milhares de vidas.

Demasiado se tem protelado a resolução do caso de tão magna importancia e com certeza que para se poder viver, emfim, em paz na Europa as nações aliadas metessem esforçadamente hombros á empresa de liquidarem o conflito greco turco.

Por terras revoltosas

Um vulcão enorme está em laboração por todo o mundo.

Uma onda revolucionaria e [illegible] grenta atravessa o mundo inteiro.

O Egypto revolta-se e deseja a sua independencia, a India segue-lhe o exemplo e... nós iriamos dizer que assistimos a derrocada do grande imperio britanico.

Fiume agita-se novamente e não só aguardamos agora o momento em que d'Annunzio abandone mais uma vez a sua esplendida lyra e a substitua pelo seu gladio de guerreiro indomito ou a Italia mais uma vez se imponha pela força aos revolucionarios.

Tribunais

No 2.º Juizo de Investigação Criminal foi julgada improcedente a acusação formulada pela actual gerencia do Banco de Seguros contra o administrador-director geral sr. Armando Mota, fundador e o primeiro [illegible] do referido Banco.

Mausoleu a Machado Santos

Continuam a receber-se donativos para a construção do mausoleu ao glorioso fundador da Republica almirante Machado Santos, na Chapelaria Rodrigues, Rua dos Fanqueiros, 396.

A MINERAÇÃO MODERNA

O MUNDO MINEIRO ATENDE HOJE COM PREFERENCIA A UMA TONELAGEM MAXIMA E UM CUSTO MINIMO — PROGRESSOS DA BROCA DE AR COMPRIMIDO, DO USO DE EXPLOSIVOS E DE APARELHOS QUE ECONOMIZAM TRABALHO E TEMPO

Pode-se assegurar que no periodo que se deu imediatamente á guerra mundial, se iniciou nos Estados Unidos a adopção de novos metodos na industria mineira. Nos anos anteriores as perfurações eram feitas á mão, mas com o advento da broca de ar comprimido começou uma nova era para a mineração. Os processos desta como de muitas outras industrias, tem sido retardados pela falta de aparelhos mecanicos aperfeiçoados que tendam eficazmente ás suas necessidades. Mas a broca sobrecarregava as despesas [illegible] ate nos salarios quando o seu advento, a guerra, ele tornou um notavel desenvolvimento mecanico [illegible] caminhado á economia do musculos, ao mesmo tempo que uma prudente concentração do trabalho onde quer que pudesse ser mais produtivo e dar melhores resultados.

As circunstancias que prevaleceram desde 1914, com a sua manifesta escassez de braços, têm tornado essencial a manutenção de um maximo de produção; e um dos resultados mais notaveis tem sido que os trabalhos de exploração se trazeram. Actualmente torna-se necessario dar alguma solução a esse atrazo, a fim de se assegurar suficientes reservas de material mineiro para amanhã. Assim se entende a necessidade de reduzir o mais possivel o custo dos trabalhos de pesquisa e os de exploração, com o que se aumentarão aquelas reservas. O dito custo é demasiado alto, mesmo nas mais favoraveis circunstancias, pois se calcula que equivale á quarta parte dos gastos gerais de uma empresa mineira. Torna-se, pois, imperiosamente necessaria a maior economia do esforço e a concentração do trabalho, sob a direcção [illegible]. E', por isso, que a tendencia predominante, hoje em dia, no mundo mineiro, é uma maxima de produção a um custo minimo.

A classificação mais pratica das operações mineiras compreende os trabalhos de pesquisa, os de desenvolvimento e os de exploração, os metodos de concentração, transporte e fundição, por mais importancia que tenham, não entram estritamente nos de mineração, nos quais entra o manejo e manipulação do material mineiro em toda sua extensão.

Para diminuir o custo da exploração e do desenvolvimento, torna-se indispensavel uma rigida inspecção dos maquinismos e provisões. O advento do *atelier* que trata das brocas, com o seu afiador mecanico e as suas praticas modernas, tem tornado menos dispendioso o emprego dos processos antigos. O aparelho de provas, que se emprega onde ha bastantes brocas em actividade, concorre muito eficazmente para se reduzir as perdas ocasionadas por uma broca que funcione mal. O antigo sistema de aperfeiçoar a eficiencia duma broca pelo som, não é eficaz.

Especialmente no desenvolvimento e operação de minas ha que ter presente que todos os metodos têm os seus prós e contras, as suas vantagens e desvantagens, e que a aplicação se tem de ajustar ás circunstancias do terreno, á sua situação e ás demais circunstancias que se dão. Dificil seria indicar alguma outra industria que, como a mineira, se mostre tão rebelde á imposição de regras fixas inflexiveis. Por outra parte, a abundancia de uma mina é geralmente desconhecida á hora em que se abrem os seus trabalhos e, por [illegible], oferece pouquissima margem para o traçado de planos para o futuro. Noutras industrias [illegible] incognitas, mas não [illegible] conhecimento como na industria mineira.

Com relação aos trabalhos de desenvolvimento, vem-se manifestando uma [illegible] tendencia para prestar mais imediata atenção [illegible] quantidade [illegible] do material que se extrai [illegible].

[illegible]

As operações mineiras em que se aprende o extracção de [illegible] apresentam um campo [illegible].

[illegible]

... fósforo e o uso do oxigenio liquido como explosivo, oferece preciosas possibilidades, ainda que o fabrico pelo primeiro processo venha a ser demasiado custoso para competir com os nitratos e demais [illegible] a ser ainda por demonstrar.

O contraste entre os metodos antigos e os modernos tem excelente exemplo na exploração das minas de carvão. Antigamente o carvão [illegible] servia-se por metodos tão desafinados como custosos, fazendo-se perfurações e ensaios; enquanto que hoje os processos são muito mais seguros graças a uma mais avançada informação geologica. Nos ultimos anos tem-se [illegible] marcada tendencia para preferencia por longos muros a columnas. Pelos metodos primitivos ia-se extraindo o carvão do poço, até já não ser possivel continuar a extracção. Abria-se depois outro poço, nas imediações, e repetia-se a operação. Pelos ultimos metodos extrae-se todo o carvão que é possivel, deixando intacta a quantidade necessaria para a manutenção da abobada. Dêste metodo nasceu o sistema de pilares. O sistema de longos muros tem tido grande expansão nos ultimos tempos e é o plano mais geralmente adoptado para a exploração de carvão. Com êste ultimo processo o carvão é removido todo de uma vez e os vasios deixados vão sendo enchidos com pedra e, por êste meio, extrae-se maior quantidade de carvão, ao mesmo tempo que se trata com mais eficacia de assegurar a vida dos mineiros e se consome menos madeira. Todos os outros sistemas veem a ser natural derivação dos dois principais, que são o de muros e o de colunas.

Nos ultimos anos tem-se progredido muito no caminho de se melhorar as condições gerais em que o mineiro trabalha. O problema da ventilação foi submetido a um estudo especial, particularmente quando se trata de minas de carvão, e tem-se feito muito importantes investigações para o estabelecimento de um meio atmosferico totalmente satisfatorio. A ventilação das minas de artigos metalicos está em estudo cada dia mais activo e depressa serão postas em vigencia novas regras e leis sobre a materia. Nos minas mais profundas a ventilação tem de ser feita por meios mecanicos, que se vão instalando á medida que os trabalhos avançam. Enquanto a determinar qual é o sistema de ventilação mais vantajoso, assim na superficie como sob a terra, deve-se, antes de tudo precisar as condições gerais do lugar que se trata de ventilar. Se, por exemplo, todos os poços se acham funcionando nos trabalhos de exploração e não ha nenhum que se possa dedicar á ventilação, o plano de subsolo é de rigor. O ar que se dá [illegible] valvulas de educção está muito longe de ser puro e, por conseguinte, deve abandonar-se a pratica de o utilizar para a ventilação. Ainda que instalar um sistema de ventilação implique gastos inevitaveis e os ventiladores sejam os aparelhos menos custosos, é evidente que os sistemas que cuidadosamente se tem traçado estão justificando o seu estabelecimento pelo aumento da produção e redução dos gastos.

Esta reforma inspira-se no melhoramento do trabalho e assim se manifesta na perfeição dos metodos e elementos de segurança material. Os sistemas protectores contra o fogo, os cartazes que indicam os lugares mais convenientes, as construções á prova de incendio para impedir que da superficie se possa comunicar o incendio ás minas, eis aqui algumas das precauções contra o fogo, que é um dos maiores perigos nos trabalhos mineiros. Muito se faz tambem no tocante á educação do mineiro para salvaguarda pessoal. Se o mineiro se interessa bem, por exemplo, do perigo que corre se tenta fazer sair um pontalete a martelada, em lugar de se servir de dinamite, os [illegible] de acidentes inevitaveis [illegible] reduzido. A Repartição de Minas dos Estados Unidos tem publicado circulares ácerca dos melhores meios de impedir acidentes e dos primeiros auxilios que há a prestar em certos casos [illegible] e isso tem contribuido muito para a educação do mineiro, sob êsse ponto de vista.

Outro desenvolvimento muito interessante nos Estados Unidos é o uso do revestimento de formigão de cimento nos poços, sejam êstes inclinados ou verticais, e cuja pratica vem a ser mais economica que a do uso de madeira em tais obras. Merece menção neste lugar a maquina lançadora de cimento, com [illegible] nas obras de revestimento [illegible].

[illegible] tes resultados estão dando na Europa e nos Estados Unidos. Na resenha dêsses metodos compreendem-se as diferentes maquinas, aparelhos e ferramentas de variada forma, com que a mecanica contemporanea e a infatigavel inventiva dos americanos têm revolucionado todas as explorações mineiras, sejam estas de liquidos ou de solidos, e quer os jazigos se encontrem á flôr da terra, de trabalhar facilmente, quer haja que buscá-los a grandes profundidades [illegible] entranhas da rocha viva.

[illegible]

A Russia e os aliados

E' do jornal alemão «Tägliche Rundschau» o artigo que segue, e em que se fazem varias considerações ácerca da aproximação que algumas nações desejam fazer com a Russia.

«Embora milhões de russos servissem de pasto aos canhões, embora outros tantos de raça estrangeira se desligassem do Estado e outros ainda devido á barafunda do governo bolchevista, sucumbissem á fome, fica ainda um [illegible] contingente de força popular, fica uma tal riqueza no seio da terra e uma tal ancia de fazer vencer a sua politica, que não só os visinhos da Russia, mas tambem todas as nações que tomam parte na politica têm de contar sempre com êste corpo gigantesco, presentemente enfermo, mas que está longe de estar desfalecido.

A loucura do bolchevismo colocou a Russia fóra da sociedade das nações.

O *boycottage* diplomatico [illegible] conseguiu, porém, que as potencias formassem uma frente militar nem economica contra a Russia.

Em Cannes, contudo, as potencias concertaram, embora com condições pesadissimas, a ida de Moscou á Conferencia de Genova.

A Inglaterra não exitou em entender-se circunstanciadamente com a Russia, previamente a Genova, e embora Poincaré se fingisse muito irritado e protestasse que, de modo algum se sentaria á mesa da Conferencia de Genova com os moscovitas, cautelosamente tambem êle se pôz em relações com a Russia e até se diz que já se chegou a um acordo comercial com Moscou.

O «Matin» traz uma entrevista com os chefes bolchevistas, o «Temps» executa evidentes movimentos de reviravolta, e os generais franceses já não proferem planos para combater o exercito vermelho e trabalharam agora em remodelar o antigo plano de Bonaparte de abrir á França o caminho para a India.

A Inglaterra, precisamente por causa dos seus interesses no Oriente, dá-se pressa em se entender com Moscou.

Uma Russia debilitada pelo bolchevismo convem-lhe para ahi exercer a sua actividade economica, contanto que o bolchevismo não tenha o poder de sublevar a India.

Doutro lado, a França deseja uma Russia que lhe garanta o pagamento das dividas anteriores á guerra e que lhe seja um aliado na luta contra o dominio britanico na Asia.

Está-se convencido em Londres que Poincaré jogou com um pau de dois bicos, quando se opunha tão energicamente ao levantamento da *boycottage* politica em Moscou.

Ele não se quere sentar em Genova á mesa das conferencias com os moscovitas, mas trabalha num convenio franco-russo contra a Inglaterra e Alemanha.

A França adopta em seu proprio proveito a idéa de origem britanica de afastar a Alemanha da colaboração directa na reconstrução da Russia. Ela só poderá colaborar sob *controle* britanico ou da Entente.

Ora a França quere agora assumir êsse *controle* fornecendo á Russia artigos alemães por conta das reparações.

A atitude creada pelos zelos anglo-franceses e os zelos de ambos contra a Alemanha é muito favoravel a Moscou e os astutos chefes bolchevistas sabem muito bem tirar partido dela.

Parecendo que as potencias estão discutindo se sim ou não se podem tolerar os moscovitas em Genova, elas proprias estão recebendo instrucções dos Krassins e outros consorcios.

A Inglaterra procura pela sua influencia conjurar na Europa oriental a hegemonia continental da França e a França, aliando-se á Russia, procura aniquilar a influencia da Inglaterra na Asia e abalar a posição mundial do colosso britanico.»

As eleições de Londres

Salto bolchevista que falha

Apesar dos compromissos tomados pelos bolchevistas quando da assinatura do «modus vivendi» anglo-russo, jamais os vermelhos e exaltados revolucionarios de Moscow deixaram de esforçadamente trabalhar pela organisação de um partido bolchevista na Inglaterra e não faltava já quem ao constatar o incremento que as doutrinas revolucionarias iam tomando entre os trabalhadores de Londres, garantisse que nas eleições que acabam de realisar-se marcariam um triunfo para os comunistas.

Assim, porem, não sucedeu.

Sustentado pela campanha do «Daily Herald», orgão dos «sovietes» em Inglaterra, o partido trabalhista contava apoderar-se da assembléa que administra Londres. A's eleições realisaram-se e os bolchevistas receberam uma tremenda decepção ante o seu resultado.

O conselho administrativo de Londres é composto por 124 membros, eleitos em 61 circumscrições. Nas eleições de 1919, o partido dos reformas municipais, ou conservador, obtivera a eleição de 68 candidatos seus, o progressista ou liberal 38, o trabalhista 17 e os independentes 1.

Nas eleições realisadas em 3 de março, os socialistas esperavam transpor essas proporções. Contavam eleger 60 a 75 candidatos. Para atingirem estes resultados, o partido bolchevista usou de todos os meios, principalmente a propaganda que utilisava consoante as circunstancias. Havia circumscrições em que os candidatos se apresentavam como ideologistas humanitarios. Havia circumscrições, as mais pobres, em que eles defendiam plenamente os principios da expropriação dos burgueses.

Falhou, contudo, o golpe; mas, se não tivesse fracassado, os resultados teriam sido sem duvida, imensamente graves.

O «Daily Telegraph» assim o compreendia no proprio dia das eleições, exortando desta termos os eleitores conservadores a cumprirem o seu dever:

«Se Londres fosse conquistado pelo partido trabalhista, a campanha bolchevista intensificar-se-hia. Através de todo o paiz se espalharia a noticia de que o centro nervoso do imperio, a vida do seu governo, origem de todo o seu poder financeiro local, onde existem as suas grandes empresas industriais e comerciais havia arvorado a bandeira vermelha.

Este sucesso seria acolhido com alegria por todos os inimigos que o nosso paiz tem no mundo e muito principalmente por Lenine, Trotsky e por todos os agentes dos «soviets» russos, que poderosamente trabalham e se esforçam por fazerem desabar o imperio britanico.

Os conservadores cumpriram o seu dever, Lloyd George mais uma vez triunfou.

Cruzada das Mulheres Portuguezas

Soldados portugueses em Marrocos

Devido ao interesse com que foi secundado pela imprensa o pedido da «Cruzada das Mulheres Portuguezas», estão já em Portugal alguns dos voluntários que, iludidos, tinham ido para Marrocos mas outros há que debalde pedem para ser repatriados e debalde apelam para o sr. ministro de Espanha.

De novo a C. M. P. vem pedir ao sr. ministro dos Estrangeiros e á imprensa o interesse que todos devemos pelos nossos patricios que se encontram numa dolorosa situação no Estrangeiro e os quais é necessario restituir á Patria e á familia.

O soldado Armando Santos Alves, que se encontra no acampamento Riffien (Teatro da Legião) Ceuta — pede o interesse da imprensa portuguesa queixando-se amargamente da maneira como foi iludido e tratado.

Pela Santa Sé

O novo arcebispo de Milão

ROMA, 9. — O Papa nomeou monsenhor Tosi arcebispo de Milão. — (H).

O lock-out em Londres

principia no dia 11

LONDRES, 9. — Malograram-se definitivamente as negociações entre patrões e operarios metalurgistas para impedir o «lock-out» no dia 11 do corrente. — (H.)

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Antes da ordem

O sr. Lino Neto disserta sobre os atentados á ordem publica.

Não se trata das bombas arremessadas ontem, ante-ontem e quasi todos os dias sobre cidadãos indefesos.

A questão é outra.

O que impressiona o orador é a forma como se está executando a lei da separação das Egrejas e do Estado. Cita, a proposito, casos varios, que a Camara ouve distraidamente ou mesmo não ouve.

Nas bancadas ministeriais não estava ninguem, o que provocou observações dos srs. Velhinho Correia e Carvalho da Silva. Entrou agora o sr. Ministro da Guerra, unico membro do Governo presente.

O sr. Lino Neto fala de incendios e saques de egrejas. A minoria monarquica ajuda a missa. E o sr. Lino Neto termina por mandar para a Mesa um projecto de lei, para que requer urgencia e dispensa de regimento. Pelo projecto quer-se a restituição de certos objectos retirados das egrejas.

Devemos dizer em abono da verdade, que o discurso do sr. Lino Neto foi muito eloquente e convincente. Vamos a ver o que faz a Camara.

O sr. Almeida Ribeiro define a atitude dos democraticos na questão levantada pelo sr. Lino Neto. A Republica não subtraiu bens á igreja. Isso é absolutamente inexacto. A lei da separação obrigou a igreja a restituir e mais nada.

As galerias estão muito concorridas. Porque? Nada se anuncia de sensação...

O sr. Almeida Ribeiro continua a argumentar, monotonamente, como de costume. Os seus correligionarios sustentam-no, com algumas apoiados. Diz que a lei da separação tem sido cumprida com acentuada benevolencia pelas crenças dos catolicos.

O sr. presidente da Camara devia ter posto á votação o requerimento do sr. Lino Neto acerca da urgencia e dispensa do regimento. Não o fez e deu a palavra ao sr. Almeida Ribeiro. Generalisou-se, então, o debate? E' o que se verá.

Já ha outro ministro na sala. E' o sr. Vasco Borges, ministro do Trabalho.

O sr. presidente adverte o orador de que é tempo de se passar á ordem do dia. O sr. Almeida Ribeiro afirma que vai terminar. O sr. Carvalho da Silva pede a palavra para interrogar a mesa.

O sr. Lino Neto interrompe. Parece que deseja somente que se restitua ao Bispo de Evora uma mitra e objectos de uso pessoal. Os democraticos acenam que não, energicamente. O sr. Lino Neto senta-se, acabrunhado.

O sr. Carvalho da Silva quer saber se o projecto esta em discussão. Se se deu a palavra ao sr. Almeida Ribeiro é porque foi aprovada a urgencia e dispensa de regimento. Logo, está em discussão o projecto. Os governamentais, dizem que não e reclamam a ordem do dia. Ha protestos ruidosos.

O sr. presidente põe á votação a urgencia. E' aprovada. A dispensa do regimento é requerida, votando a favor os deputados monarquicos e catolicos e alguns liberais, poucos.

O sr. Cunha Leal usa da palavra para justificar um projecto de lei, que vai mandar para a mesa, sobre funcionamento de bancos e outros estabelecimentos de credito.

O orador esta sendo ouvido com muita atenção. O adiantado da hora força-nos a fechar aqui o relato parlamentar.

Está dado, para ordem do dia, o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º — E' permitido continuar em efectividade do serviço nas fileiras do exercito, com todos os direitos vantagens e regalias que, pela legislação em vigor, são concedidas aos oficiais dos quadros permanentes, aos oficiais milicianos que façam parte dos quadros do pessoal navegante das unidades e estabelecimentos militares d'aviação, á data da publicação do decreto n.º 7826 de 23 de novembro de 1921.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, tendo como secretarios os srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida.

Aprovada a acta, por 12 senadores e aberta a [illegible]

[illegible]

Conselho de Ministros

O conselho de ministros [illegible] reunião de hoje ocupou-se do estudo de diversas questões de administração publica pendentes, que necessitavam de solução.

A gréve dos eletricos

O governo mandou encerrar a associação do pessoal da Carris

Se causou uma certa repulsa o atentado dinamitista de ante-ontem à rua 24 de Julho contra um carro electrico tripulado pelo engenheiro sr. Thomaz da Camara, não menor indignação se apoderou do publico contra os dois novos atentados que os grevistas da Carris puzeram em pratica, na Avenida da Liberdade e na rua da Palma e dos quais sairam mais ou menos feridas varias pessoas que nada teem a ver com o injustificado conflito que se debate.

Num manifesto que os grevistas ha dias fizeram distribuir havia a ameaça clara e positiva de que responderiam á violencia com a violencia, sendo essa ameaça posta agora em pratica pelo simples facto da direcção geral de Transportes ter resolvido montar as carreiras dos carros durante a noite e até á saída do publico dos teatros.

Se o movimento do pessoal da Carris foi antipatico desde o seu inicio, muito mais repugnante se tornou agora desde que os reclamantes como arma de combate, recorreram á bomba para fazerem vingar as suas desorientadas imposições.

E essa repulsa por parte do publico encontrou éco, como não podia deixar de ser no Governo, que tendo o principio enveredado pelo caminho de tolerancia resolveu não permitir de futuro, que um bando de agitadores julgando-se em paiz conquistado lance a desordem e a anarquia por toda a parte.

Desrespeitados pois todos os meios suasorios o Governo mais não fez que defender-se e defender todos os amigos da ordem, começando por mandar encerrar e selar a séde da Associação dos guarda-freios e condutores da Companhia Carris de Ferro, onde ultimamente teem pontificado os «meneurs» de greves e os agitadores de profissão.

Em conformidade com as resoluções governamentais varios agentes da policia de defesa social compareceram hoje de manhã na séde do sindicato metalurgico á rua da Esperança, em cujas dependencias se acha igualmente instalada a associação dos grevistas procedendo á selagem das portas e dispersando depois os grupos que como de costume se viam na rua e largo da Esperança. A fim de evitar que os selos sejam quebrados e alguem tente entrar na associação encerrada foi para ali destacada uma patrulha de policia sendo para o primeiro quarto destacado o guarda 1425.

As medidas postas hoje em pratica [illegible]

[illegible]

Sobre assuntos que se ligam com a gréve do pessoal da Carris, conferenciou hoje com o chefe do governo o coronel sr. Freiria.

Poeira da Arcada

Foram exonerados a seu pedido os srs. Herminio do Nascimento de professor contratado de canto coral do Liceu de Pedro Nunes, Abilio Moniz Barreto de professor da escola de Amor, Leiria, José Teixeira [illegible] de professor do quadro provisorio das escolas moveis.

— O deputado sr. Tavares de Carvalho entregou ao sr. ministro da Agricultura uma representação dos industriais de padaria do concelho de Coimbra, pedindo que os seus estabelecimentos voltem a ser fornecidos de farinha pela fabrica do Caramujo e não pelas de Lisboa, como actualmente, o que lhes causa transtornos e despezas de transporte, o que consequentemente dará logar ao aumento do preço do pão ou a prejuizos dos industriais.

O ministro disse que ia mandar a representação para o comissariado geral dos abastecimentos, entidade por onde corre o assunto.

Em poucas linhas

O pessoal das escolas primarias superiores vai reclamar do ministro da Instrução o pagamento dos seus honorarios em divida referentes aos mezes de Fevereiro ultimo.

— O director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior, reassumiu hoje as suas funções.

— Na Praça de Camões foi hoje á tarde colhido pelo automovel do Congresso da Republica, que conduzia [illegible] Almeida [illegible], tendo ficado gravemente ferido, [illegible] conduzido ao Hospital da Misericordia.

A greve dos maritimos

[illegible]

Os Estados Unidos

recusam tomar parte na conferencia de Genova

WASHINGTON, 9. — Os Estados Unidos não aceitaram o convite para tomar parte na conferencia de Genova por isso que a consideram como exclusivamente destinada a tratar de interesses da Europa. — (R.)

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A... VOCE

Henry Bataille morreu!...

Quando esta carta lhe chegar, dias terão passado sobre a notícia e já a primeira impressão se terá esmaecido mas hoje escrevo-lhe sob uma sensação de grande tristeza.

Esta manhã, ao abrir o jornal e ao deparar com as palavras que anunciavam a morte de Bataille, dei um grito involuntario, pareceu-me ter morrido uma pessoa amiga a quem me prendessem laços de profunda amisade e a quem eu conhecesse intimamente... afinal, não será assim?

Quantas vezes ao ler as suas obras me parecia estar falando com ele e escutando-o.

Não é a verdadeira amisade formada por muita admiração e por uma compreensão mutua?

E foi a preocupação constante de Henry Bataille foi a mulher e se ele compreendeu muito bom o coração feminino, as suas fraquesas e a sua força, eu tambem creio ter compreendido as suas frases cheias de poesia e dialogo.

Acusam-no de imoralidade, e de apresentar sempre mulheres cujo unico fim na vida era o amor-paixão, mas se realmente algumas das suas heroinas são mulheres dirigidas unicamente pelos seus instintos tambem desenhou outras duma grande abnegação, dum imenso sacrificio e duma infinita espiritualidade.

E os seus versos... como eles falam ao coração, como são belos!

Ao lembrar-me que esse homem morreu na força da vida, na pujança do seu talento, sinto uma revolta contra o Destino que tantas imbecis nos deixa, arrastando em seu lugar Henry Bataille.

Recorda-se, amigo, da nossa conversa de ha dias, quando falando sobre a vinda de Pierat lhe disse que para mim a peça que mais me interessava era a «Marcha Nupcial»? Calcule como eu irei agora assistir a ela; já não será um divertimento, irei como a uma piedosa romagem levar á memoria de Bataille as minhas lagrimas e a minha admiração e ele, com certeza sentirá essa simpatia que o segue até ao Alem.

E sabe, amigo, de quem me tenho lembrado com piedade e dó? Da companheira desse homem da mulher para quem ele escreveu as suas obras, da mulher cuja alma ele fez. Yvonne de Bray não existia, Yvonne de Bray era a «Virgem Louca», era a protagonista da «Marcha Nupcial», era a figura carinhosa e triste da «Mulher Nua» era a curiosa mulher que perpassa na «Tendresse», era as mil creações de Henry Bataille, e o meu pensamento imagina-a agora, de olhos desvairados repetindo angustiosamente, num tom de desolação infinda:

«Levaram-me a minha alma, sou um corpo sem alma. Quem me dá a minha alma?»

Yvonne de Bray deixou de existir, já não tem direito á existencia.

Pois não acha, meu amigo, que é um absurdo a existencia dessa criatura sem alma?

Você com certeza compreende e partilha a impressão profunda que me causa a morte de Bataille e que faz sorrir muito dos que me cercam que não entendem que eu fosse amiga de alguem a respeito de quem nunca ouvi as palavras sacramentais que legitimam os pensamentos. Apresente-lhe o sr....

Troquemos pois um aperto de mão e que os nossos pensamentos voem juntos para aquele que disse que a sombra do manto do Passado se estende sempre sobre o Presente e o Futuro.

Amiga

TANAGRETTE.

FRIOLEIRAS

A luva

A luva, esse pequeno objecto inventado, por alguem muito pratico, que não achando razão plausivel para que se cobrissem os pés, preservando-os do calor, do frio e dos terrenos pedregosos e não se fizesse o mesmo ás mãos, mais finas e delicadas protegendo-as egualmente das intemperies das estações e dos rigores dalguns trabalhos, decidiu fazer essa elegante cobertura que mais tarde se tornou em objecto de grande importancia social e de grande simbolismo. Remonta ela a uma epoca muito remota.

Os Gallos Romanos que tomavam ordens renunciavam solenemente á luva ao mesmo tempo que renunciavam aos prazeres do mundo.

Quando entravam na egreja todos os homens as descalçavam, como hoje descobrem a cabeça. Mais tarde os juizes não usavam luvas no exercicio das suas funções; e provavel que seja essa a origem do costume que actualmente ha de descalçar a mão direita ao prestar juramento.

As primeiras luvas eram uma especie de sacos forrados. Breve cobriram n'as de placas de ferro, tornando-as parte das armaduras e tinham o nome de guante. Atirar a luva passou a ser como ainda é hoje, um desafio.

Transformou-se em objecto de «toilette» no seculo XIII; as mulheres usavam-nas bordadas e adornadas de pedrarias. Nos seculos XVI e XVII perfumaram-nas sob Luiz XVII começaram a aparecer «mitaines» e as luvas de pelica muito fino, que vinham de Espanha, eram talhadas em França, e cozidas-se em Inglaterra, tal era a garridice que havia então com esse artigo da moda.

Nos reinados de Luiz XV e XVI as elegantes abandonaram por completo as luvas que só reapareceram, sob o Directorio e Primeiro Imperio, continuando sempre nas boas graças da elegancia até aos nossos dias.

CONSELHO PRATICO

Para limpar a camurça com que se areia os metais e os cristais

Prepara-se uma solução de sabão raspado com uma pequena porção de soda; mete-se nela a camurça durante duas horas, depois passa-se por agua morna.

Por fim, torce-se num pano limpo e seca-se rapidamente. Nunca se lava em agua fria porque endurece a camurça.

A NOSSA CASA

Já lhes tenho por varias vezes falado da possibilidade de mobilar a nossa casa com recursos modestos. O que é preciso é gosto e tempo.

O movel de que lhes falo aqui é só para as pessoas que usam salamandras, fogões de sala ou mesmo fogão de petroleo. Emoldurando as salamandras ou o recanto onde decidirem colocar o seu fogão, mandarão fazer por um marceneiro uma simples prateleira com uma ligeira inclinação na borda, dos lados do fogão levantam-se duas taboas direitas. Nesta armação fixam-se tres taboinhas de madeira branca, muito fina, boa para pirogravar ou ornamentar de qualquer forma. As tres taboinhas encaixam-se na armação, formando a moldura enfeitada.

Sobre a taboa que forma a parte superior da armação erguem-se quatro colunas, sobre a qual se apoia uma taboa larga. Na parte superior das colunas colocam-se uns pequenos suportes ligados por uma prateleira mais estreita e colocada mais abaixo.

Este movel será pintado, pirogravado, enfeitado com ferragens ou com madeira lavrada, conforme a bolsa de quem o mandar fazer.

ARTE DE COSINHA

Lulas recheadas

Para rechear escolhem-se lulas pequenas; tiram-se-lhes as cabeças alem de vasar os sacos que hão-de ser rechados com os tentaculos, azas, ... que depois de cozidos se pizam e ... deitam juntamente com gemas de ovos e sumo de limão, num refogado de azeite, feito á parte.

Com esta mistura enchem-se os sacos, coze-se na boca com linha forte e metem-se em agua a ferver por algum tempo; depois tiram-se da agua, enxugam-se, envolvem-se em ovo batido e pão ralado e põem-se num tacho a frigir. Servem-se com molho de fricassé.

VERSOS

Posso estar um instante ao pé de ti,
Um dia, um ano, ou toda a minha vida
—E' muito a vida toda?... Pois será...
Amor, quando chegar a despedida,
Eu direi sempre:—Já?

* * *

Desenrola se o estio ardente e forte
—Fugiu rapidamente a primavera!—
Virá depois o outono, o inverno, a morte...
Derradeira estação!
Mas ainda na morte crê e espera
Quem tem um grande amor no coração.

MARIA DE CARVALHO

TEATRO

ARTISTAS DE CINEMA

Armando Cruz no film «O REI DA FORÇA». —

E' no teatro um novo, cheio de vontade, e com excelentes qualidades, como aliás o publico já teve ocasião de apreciar.

No film o Rei da Força, Armando Cruz tem um papel dificil, que ele desempenha admiravelmente, creando um tipo, absolutamente original.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO NACIONAL—Marionettes

—4 actos de Pierre Wolff —

Peça

E' já sui cientemente conhecida do nosso publico a peça com que se estreou a companhia franceza de M.me Pierat, para que nos alonguemos em referencias á obra de Wolff.

Hontem apareceu-nos porem em toda a suave beleza que reside na lingua franceza; embora a versão sabia e meticulosa de Melo Barreto nos désse toda o valor da peça, faltou-lhe sempre, como em toda a equivalencia de linguas, a verdadeira beleza da forma literaria do autor. Wolff é delicioso de ironias leves, de comentarios finos, e embora a sua peça sob aspecto de arte seja banal ouve-se com um grande interesse de curiosidade. Ha em toda a peça uma unica scena espirituosa, fina, deliciosa e dolorosamente perturbadora, e que hontem foi tambem a mais bela passagem da noite: a scena curta dos «Marionettes», delicadamente parisiense, em que um «velho rapaz» por intermedio do seu fantoche «le vieux amie de la famille» se declara á «petite poupée» em meias palavras doloridas, apaixonadas, enquanto ela o vai consolando dos seus cabelos brancos e retira lisongeada e comovida por aquele amor a que não pode corresponder senão com uma fiel amizade.

E' de toda a peça—a hontem sentiu-se bem—a melhor, mais delicada scena; o resto, é o teatro que um homem habil, de talento, escreveu para o sucesso. Não é escrita com genio, não ha um lampejo de novidade nas «Marionettes», cujo entrecho basilar se resume na aproximação do homem á esposa pelos ciumes despertados. Velho tema...

Todos os «marionettes» da peça são no entanto bem talhados, e isto, valha-nos a verdade, salientava-se mais na companhia portugueza que nos deu já a obra de Wolff.

Portugal está para uma companhia parisiense como a Covilhã está para os nossos artistas lisboetas. Dois elementos de valor, com outro artista que não é empolgante, reunem-se para «tournées»; naturalmente que as nossas companhias são mais completas, e naturalmente que o todo duma peça como «les Marionettes», onde ha figuras secundarias para tratar com detalhe, não pode ter

O desempenho

que lhe é devido, numa companhia de «tournée».

Ha no entanto junto de Mme. Pierat o nome de Lugné-Poé e só para o trabalho destes dois notaveis artistas parisienses vale a pena a serie de espectaculos no Nacional.

Mme. Pierat é da «Comedie Française». E' já um titulo respeitavel. Foi em Novembro de 1910 que esta mesma artista ora no Nacional criou o papel de «Fernande» na peça de Wolff; e se nós dissermos que a critica parisiense julgou, em 1910, ver nela a Bartet do amanhã, é porque o seu valor nesse mundo de notabilidades, de competencias, de exigencias artisticas que é Paris, era realmente reconhecido. Mme. Pierat como muitos outros nomes da scena actual franceza figura no primeiro plano de artistas, logo abaixo dos nomes gloriosos e muito acima da vulgaridade. A sua interpretação do papel de senhora de «Montlars» demonstra brilhantemente os seus recursos. No primeiro acto é bem com a expressão modesta, aparentemente hipocrita, de provinciana vinda do convento para a vida luxuosa de Paris, que Mme. Pierat nos aparece. A sua ... é grande, o penteado ..., a forma de se sentar, a modo, o minimo passo cauteloso, premeditado, como pessoa que tem uma ideia fixa escondida. O ... é quebrado pela sua conversa com «Vareilles». Não é a mulher hipocrita; é a mulher que ama, que vive sacrificada pela indiferença do marido. Este primeiro acto, excepto a scena final, teve uma interpretação esplendida. Que belos silencios, recolhidos, evocativos, que sofrimentos a perpassar no espaço que mediava entre as palavras de Wolff; que bela forma de declamar, não só de Mme. Pierat, mas até dos artistas inferiores, sem gritos, sem vibrações desnecessarias; toda a dicção é calma, e porque a lingua se presta, sem os nossos «ões», «ães», ... a magoar o ouvido, escorre deliciosamente ao ouvido. Mme. Pierat subitamente revolta, cresce o diapasão da sua voz suave e intensidade da sua vibração. Depois vem a humilhação, quando o seu amor ouve as ultimas ofensas da boca do marido, boa mascara, choro sentido, convulso. E finalmente a fuga á procura da felicidade, dita com rouquidão o que prejudicou esse grito duma alma que quer e luta por ser feliz.

Mme. Pierat no 2.º acto vem transformada; é aqui uma elegante parisiense, «bien decolletée», como manda a rubrica, defendendo-se de todos os amores que a sua beleza desperta. A scena com Nivecolles é a mais deliciosa, já o dissemos, da noite. Que belas frases, cheias de intenção, repassadas de magua. Depois vem o encontro com o marido; o primeiro rebate de amor despertado.

Notavel é o tom de voz em que toda a scena final do acto se fez; embora os scenarios não digam, passa-se num «chateau» a gente da sociedade não grita.

No 3.º acto Mme. Pierat atinge a violencia, excessiva para quebrar o pleteio que interrompe intempestivamente o acto. Preferimos-lhe os meios tons, a figura, ou a dor, a magua, o sofrimento. As suas tiradas foram bem expressas mas violentas em excesso. Finalmente no 4.º acto, com uma toilette de «mailles», Mme Pierat, vacila no seu amor, quasi que se descobre no jogo oculto em que anda; e volta a sua interpretação a ser calma.

Mme. Pierat não é nova, tem uma elegancia de porte que a distingue, o cabelo louro a garganta longa as costas ligeiramente curvas, o andar menos elegante. Como artista franceza tem «charme», veste elegantemente sem deslumbrar, e compõe a sua figura a tornar-se fresca, jovem e bonita. «Marionettes» ora uma peça de multiplas «nuances», sem que em nenhuma se atinja uma culminancia. Outras peças se anunciam para nos assegurar a personalidade da artista da Comedie.

A seu lado Lugné Poe. Cara larga, quadrada, meia duzia de traços bem vincados, uma calva de Paris, uns olhinhos vivos, penetrantes, uma malicia sorridente na frase. Muito natural, é com mestria que algumas passagens das mais deliciosas de «Nivecolles» são ditas; ... a sua das «Marionettes», a apresentação no 1.º a Fernande, e a primeira scena do 4.º acto. Lugné Poe é—permita se a frase—uma rata sabia de palco. Mas o nosso Albuquerque tambem era um velo «vieux-marcheur» de aventuras impossiveis e estranhas.

O papel que Feraudy criou, e entre nós Brazão com a sua delicada, elegante, graciosa bonomia interpretou, o velho «oncle Ferney» foi confiado a monsieur Gorny que fez o possivel para não ir pior. A cabeleira não estava ajustada, e a deliciosa scena da carta no III, perdeu metade do seu subtil encanto.

Para Roger, o papel que na primeira Mr. Grand—um nome—interpretou, coube a Allain Dhurtal, no 3.º acto não pode com a responsabilidade do cargo e fraquejou, até a saida o rodriguinho final, foi deficiente, mas no restante, para a dicção calma serviu sem desmanchar.

Vareilles, e gazé, que na «Comedie» compete ao notavel actor moderno Alexandre foi vestido por um jovenzito Raoul, com intenções mas bastante fraqueza ainda, ajudando para desiquilibrar o personagem o vestuario que mal sabia envergar.

Dos restantes interpretes nada mais ha a dizer. Teem vindo a Lisboa companhias estrangeiras cujo conjunto é prejudicado pelas figuras secundarias. Ontem, mercê talvez dos ensaios, a ponto do «souffleur» nao se ouvir nem o pé, o todo não foi grandemente prejudicado, e as atenções dispensadas a Lugné Poe e M.me Pierat poderam desculpar sem grande esforço as deficiencias dos restantes.

O que não é de mais é evocar aqui num paralelo que nos enobrece a interpretação dos nossos artistas; numa proporção relativamente curta Palmira Bastos, Brazão, Erico Braga, Albuquerque, Ilda Stichini, Carlos Santos, foram notaveis e conscienciosos interpretes do teatro francez. Que pena não poderem ser espectadores Lugné Poe e M.me Pierat para avaliarem do justo valor dos nossos inteligentes comediantes, e da forma honrada e honesta como entre nós se trabalha.

Scenarios

Com o interesse no desempenho de M.me Pierat, esquece-se a pobreza dos scenarios.

Porque não ha de a empresa do Nacional ou dispensar os panos e fundos safados que a companhia trouxe, se acaso são dela, ou ceder scenarios condignos do nosso Teatro Nacional, a fim de se dar ao Grupo francez, onde vem um representante da «Comedie», um «encadrement» scenografico pelo menos decente?

ARMANDO FERREIRA

Noticiario

Portugal

Amanhã, no Apolo, reaparece a companhia Ruas que tem o seu nome intimamente ligado ás gloriosas tradições daquela popularissima casa de espectaculos.

A peça escolhida para a sua apresentação é da fantasia revista «Belo sexo» que no Porto obteve um exito verdadeiramente grandioso, recomendando-se pelo seu espirito, interesse das situações, linda musica, maravilhoso guarda-roupa e esplendidos scenarios, tudo a emoldurar um magnifico desempenho.

A companhia Ruas está cuidadosamente organisada contando no seu elenco com varios artistas de merito incontestavel.

Para a recita de amanhã, no Apolo, tem havido já uma grande procura de bilhetes, o que demonstra o interesse do publico em ir ver a companhia Ruas.

—São do scenografo Frederico Ayres as scenas todas novas da peça de abertura do teatro de S. Carlos que como se sabe é da autoria de Artur Cohen.

Na peça que tem 3 actos e que se chama «A vida» entram Alves da Cunha, Angela Pinto, Berta de Bivar, Samuel Diniz, Luiz Ribeiro, Antonio Palma, Celeste Leitão, Isabel Berardi etc.

—E' amanhã que vai ser satisfeita a curiosidade do publico, podendo ir ver em duas sessões, a nova revista «Giga Joga», da autoria de Lino Ferreira e Antonio Carneiro, com musica de Figueiras e Hugo Vidal. A peça que é de complicada montagem, e que será exibida com o maior aparato e brilhantismo, tem a interpretá-la toda a Companhia Otelo de Carvalho. Antonio Gomes é o «compere» «Pinta-roxo», acompanhado pelo «Sapinhos», representado por Judith Marques, Laura Costa e Lina Demoel tem, na revista 6 papeis cada uma, Julia d'Assunção dois papeis, ... Coelho, 6, assim como Maria Isabel, Eugenio Quintão e Otelo de Carvalho 5 papeis, que são «O coio», Jogo, A ..., Pato e Alcacer-Kibir».

SPORT

Continuando...

Agua mole, em pedra dura tanto dá até que fura...

Pois parece que a série de artigos que temos aqui publicado, apontando com razões de peso, o que de prejudicial para o sport, é a confusão entre amadores e profissionais, parece, repetimos que alguma coisa de util vai produzir.

Citámos a opinião das quatros competencias mundiais, citámos Gaston Vidal, Henry Desgrange, Franz Reichel, e «tutti quanti».

Pois hoje, o nosso colega «Os Sports», o bi-semanario que tanto de bom tem produzido pela causa da educação fisica, em artigo de fundo, escalpelisa o assunto duma forma brilhante, chegando a esta conclusão:

O que é deprimente e vil é a situação actual, estranha «tutti-quanti», em que profissionais e amadores vivem em franca camaradagem sportiva.

Faça-se, portanto, a separação á ingleza, sem receios: para um lado, amadores; para outro, os profissionais.

Ora foi nesse mesmo jornal que alguem mal intencionado defende á «outrance», a doutrina que profissionais e amadores estavam bem de sociedade do que, é claro, ia aproveitar, o defensor em questão.

Errare humanum est...

E parece que não fomos nós que erramos...

* * *

Ora até nas antigas olimpiadas, os organisadores dos jogos eram castigados, quando se provava que tinham interferencia em questões de profissionais.

E' claro que isso se passava muitos anos antes de Cristo... E esse tempo já vai longe...

* * *

E ainda ha-de vir o tempo em que o publico, que se ás vezes exorbita, no fundo é justo, porá as coisas no devido termo, e cada um no seu logar.

E teremos muitas «competencias arte-nova» de beiço caido...

Mas o sport lucrará.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

O BOX NO COLISEU

Realisa-se hoje no Coliseu o ultimo espectaculo de box da pequena serie iniciada na quinta-feira ultima com o combate Ruivo-Marius. Depois da derrota de Ruivo, estava naturalmente indicado que o seu rival Faustino Pereira fosse colocado em frente de Marius. E toda a gente se lembrará por muito tempo da brilhante batalha que Faustino fez e ganhou. Agora, um terceiro espectaculo, aparece diante do francez o portuense Tavares Crespo. Tambem a indicação era clara o era necessaria a sua aparição. O campeão do Porto e o unico rival serio de Ruivo e Faustino e tem de disputar em breve o titulo de campeão de Portugal dos «meio-medios». Tem, portanto, de entrar neste certamen de «boxeurs» nacionais contra o mesmo estrangeiro. Crespo e Marius batem-se logo em 10 «rounds» de 3 minutos com luvas de 6 onças.

No mesmo limite de «rounds» e com luvas do mesmo peso, batem-se, tambem hoje, Faustino Pereira e um seu antigo adversario, mais pesado do que ele o homem de sciencia do «ring». Trata-se do suisso M. Podrini, que encontrou agora o ensejo de tentar uma desforra que ha muito desejava tomar de Faustino.

Ha, pois, no programa dois combates internacionais. Por este facto e pelo merito dos combatentes, e ainda porque ha ainda dois combates de amadores em 4 «rounds» cada um, com luvas de 6 onças, este programa é o mais valioso até agora apresentado. Nos encontros de amadores, batem-se Cesar Ramina com F. Rodrigues e J. Araujo com F. Brito. Este ultimo é um combate de desforra. Araujo foi vencido por Brito no ultimo quinta feira, mas não se conformou.

Alem do sr. Xavier de Brito, prestou-se a arbitrar o combate Faustino-Podrini o sr. Rosa Brito. Programas ilustrados dirão a ordem dos combates.

Como não são numerados os «fauteuils», marca mão «reservados» desde o meio dia.

O SPORTING EM ESPANHA

O primeiro grupo do Sporting Club de Portugal, que foi a Sevilha jogar com com o Sevilha Foot-ball Club, empatou na primeira tarde por uma bola a uma e na segunda por duas e duas.

ROYAL FOOT-BALL CLUB

Depois de varias «demarches» junto do «Carcavelos Sport Club» (Inglezes do Cabo Submarino), conseguiu o Royal que este Club tomasse parte na sua festa, enviando-lhe o seu team de Foot-Ball Rugby com quem o team do Royal fará a já anunciada exibição deste interessante e optimo Sport.

Com a cooperação do «Carcavelos» e como no team de Royal existem elementos francezes bastante experimentados, podemos afoitamente dizer, que deve ser uma excelente exibição, dado o valor da maior parte dos elementos que compõem os dois «teams».

E' ainda nesta festa que o nosso campeão pedestre Cecilio Costa se bate com o campeão do Mundo Cristian Christensen numa corrida de 10.000 metros.

E' a primeira vez que Coelho corre com um adversario tão forte, por isso servir-lhe-ha de exame ao seu já reconhecido valor. Somos informados que se fará a partida e chegada do Cross Regional.

Para esta que se realisa em 12 do corrente, ás 15 horas, no Campo do Stadium de Lisboa, já se encontram bilhetes á venda na séde do Royal, Rua da Boa Vista, 69, 2.º andar direito.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

... dias depois Catarina adoeceu, embora antes disso nunca tivesse tido qualquer doença. Numa bela manhã para satisfazer os desejos da princeza ordenaram que Catarina se instalasse nos aposentos da mãe que julgava morrer de medo sabendo a filha doente. Devo dizer que a princeza estava muito descontente comigo e todas as mudanças ..., e notava em Catarina, aquelas ... porque eu não dava, eram-me atribuidas assim como a influencia do meu caracter melancolico, segundo ela dizia.

Já ha muito tempo que ela desejava separar-nos, mas adiava essa separação, sabendo que teria de sustentar sobre o assunto uma seria discussão com o principe que, embora acedesse a todos os seus pedidos, se mostrava ás vezes extremamente obstinado. Ela compreendia muito bem o principe.

Foi um rude golpe para mim a separarem-me de Catarina e durante toda uma semana estive num estado de espirito de mais doentios. Atormentava-me, quebrava a cabeça em busca da causa da aversão que Catarina me tinha. A angustia despedaçava-me a alma e o sentimento da justiça e da indignação começava a aparecer no meu coração ofendido. O orgulho nasceu de repente em mim e quando nos encontravamos juntas, á hora do passeio, olhava-a com uma tal independencia, tão seriamente, duma forma tão diferente da de outro tempo que ela sentia-se incomodada. Sem duvida mudanças semelhantes não se manifestavam em mim senão intermitentemente pois o meu coração recomeçava a sofrer cada vez mais e tornava-se ainda mais fraco e mais timida do que dantes.

Passado tempo, numa manhã, com grande espanto e alegria da minha parte a princesinha voltou para os meus aposentos. A principio com risos ela lançou-se ao pescoço de M.me Leotard e declarou que de novo ficava morando connosco; em seguida fez-me um cumprimento com a cabeça e pediu licença para não trabalhar nessa manhã. Durante todo o dia correu e brincou; nunca a vira mais viva e alegre. A' tarde, porem, tornou-se calma, pensativa e de novo a tristeza se manifestava na sua linda cara.

Quando a mãe a foi ver á noite, observei que ela fazia esforços extraordinarios para se mostrar alegre, mas quando a mãe partiu começou a chorar perdidamente. Eu estava estupefacta. Catarina, notando a minha atitude, saiu. Logo passou por uma crise extraordinaria. A princeza consultou medicos; todos os dias chamava Mme. Leotard para saber pormenores do mal de Catarina. Deram-lhe ordem para observar todos os seus movimentos. Só eu presentia a verdade e o meu coração estava cheio de esperança.

O nosso pequeno romance estava a chegar ao fim.

Ao terceiro dia apos a reinstalação de Catarina connosco, observei que durante toda a manhã, os seus lindos olhos estavam postos em mim. Varias vezes os meus olhos se encontraram com os dela e todas as vezes córamos, como se tivessemos vergonha uma da outra. Por fim a princesinha começou a rir e afastou-se de mim. Como fossem tres horas começámo-nos a vestir para o passeio. De repente Catarina aproximou-se.

—O teu sapato está desatacado, disse-me ela. Espera eu vou atal-o.

Queria inclinar-me para o atacar, corada como uma cereja, porque Catarina voltara a falar-me.

—Deixa-me! disse ela impaciente e começando a rir.

Inclinou-se, apoiei o pé no seu joelho e atacou o meu sapato.

Eu abafava. Não sabia o que fazer. Estava empolgada por um sentimento muito grave. Quando acabou, levantou-se e olhou-me dos pés á cabeça.

—Ai tens. O teu pescoço está descoberto, disse tocando-me no pescoço; deixa, vou arranjar-to.

Não fiz objecções; concertou a gola a sua maneira.

—Como estavas podias constipar-te, disse-me com um sorriso fingido e olhando-me com os seus olhos negros e humidos.

Eu estava fora de mim. Não sabia o que se passava em mim e o que se passava em Catarina. Graças a Deus o nosso passeio terminou cedo, senão o que não me teria podido conter. ... na rua. Quando subiamos a escada abracei-a. Ela tremeu, mas nada disse. A' noite vestiram-lhe uma linda «toilette» e levaram-na para os aposentos da mãe. A princeza tinha convidados. Mas, nessa mesma noite foram todos postos em sobressalto: Catarina teve um ataque de nervos. A princeza estava apoquentadissima. O medico que tinham chamado não sabia que dizer, natural mente atribuiu tudo ás perturbações da idade; só eu pensava noutra coisa.

De manhã Catarina reapareceu entre nós, cheia de saude, alegre como sempre, mas mais caprichosa e original do que nunca. Primeiramente, durante toda a manhã, recusou obedecer a Mme. Leotard, depois exprimiu o desejo de ir ver a velha princeza. Contrariamente ao costume, a princesa velha que detestava a sobrinha, recusava vel-a e se zangava sempre com ela, desta vez dignou-se recebel-a. Ao começo da visita tudo decorreu bem e estiveram perfeitamente de acordo. A esperta Catarina podia perdoar para todas as suas ... e, para com a sua vivacidade, para com os seus gritos e pela perturbação permanente que ... a vida da princeza. Esta, solenemente e com as lagrimas nos olhos, perdoou lhe. Catarina prometeu ser humilde, respeitosa e com essas promessas deixou encantada a princesa ..., o seu amor proprio sentia-se orgulhoso com a ... duma proxima vitoria sobre Catarina, tesouro e idolo de toda a casa, que sabia ... dirigir a propria mãe a executar os seus caprichos.

Mas a maliciosa rapariga foi mais longe. Passou-lhe pela cabeça uma serie de marotices que não estavam ainda senão em projecto.

Foi assim que ela contou tencionar pregar com um alfinete um cartão na visita no vestido da princeza velha, depois por Falstaff na sua cama; tirar-lhe as lunetas, esconder-lhe os livros e substitui-os por romances francezes, eram enfim brincadeiras qual deles a peior.

A velha dama ficou fóra de si, empalideceu e estava fula; por fim, não podendo conter-se mais Catarina começou a rir e fugiu do quarto da tia. A velha mandou logo chamar a mãe. Contou-lhe toda a historia. Durante ... lhe tia, com as lagrimas nos olhos, que perdoasse a ... não insistindo no castigo ... que ela ainda estava doente. A ... a princesa velha a nada se ... Declarava que sairia de casa no dia seguinte. Só se acalmou quando a princeza prometeu que o castigo seria feito depois do completo restabelecimento de Catarina. Todavia Catarina ouvira uma severa reprimenda e foi chamada aos aposentos da mãe.

Catarina escapou-se logo depois de jantar; como ela descia, encontrei-a na escada. Abriu a porta e chamou Falstaff. Compreendi logo que meditava uma terrivel vingança.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — PORTO

R. do Ouo, 18 a 24 — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremos, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 25 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam se ás Filiais deste Banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias; descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires nº 16
Armazens — Poço do Bispo, nº 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 106, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do país

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 8040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicleter

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos qui[illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible]

QUESTÕES PEDAGOGICAS

A PRONUNCIA

OS PAIS TEEM O HABITO DE NÃO CORRIGIR A DAS CRIANÇAS PORQUE PENSAM QUE LHES TIRAM A GRAÇA SE O FIZEREM

As crianças teem mil e uma dificuldades para se exprimirem, o que as leva a pronunciarem as palavras duma forma esquisita mas em geral interessante.

Os pais ouvem com entusiasmo essas articulações e repetem-nas inumeras vezes, o que faz com que os petizes mais e mais se firmem nessa pronuncia.

Mas o inconveniente está no seguinte: o pequenito compreende que tem graça e portanto repete a miudo a mesma coisa, porque percebe que assim faz a alguma coisa.

E esta scena tem logar algumas vezes no dia e, é forçoso dar-se sempre que venha algum estranho visitar a familia de casa.

Para que tal suceda a criança é chamada e mandam-na dizer; fazendo-o ela por vezes rogada e só obedecendo depois de muito instada.

Claro que, desta forma, não se esquece da pronuncia adquirida e ainda que tenha facilidade de empregar a verdadeira não o faz porque, instintivamente, compreende que se tal fizesse não seria tão festejada.

E, assim, não faz progressos alguns, o que representa um grande retrocesso, pois chega á idade escolar com inumeras dificuldades para se exprimir. E uma criança nessa epoca não tem já graça alguma em não emitir todos os sons e valores das letras com facilidade.

Inscrita na escola, torna-se enfadonha para o professor que se vê obrigado, não só a lecionar-lhe as disciplinas do programa mas tambem a um outro trabalho bem mais espinhoso: o de ensinar o aluno a falar.

Compreende-se bem que do tempo perdido neste ensinamento, que fadiga para o mestre, que prejuizo para os outros educandos. Digo «prejuizo» porque um dos principios que regem o serviço escolar reza o seguinte:

«O professor deve insistir, de preferencia, com os alunos mais atrasados quer esse atraso provenha de deficiencia de inteligencia ou doutro qualquer motivo».

E um bom educador assim procede mas o facto inconcestavel é que tem de dispensar imenso tempo aos pequenos que se encontram nas aludidas circunstancias. Procedendo assim beneficiava mas tambem é facto que prejudica os restantes nas lições orais (leitura em especial).

Mas devemos tambem notar uma coisa, alem dos maus resultados já apontados, e esta é a dificuldade que tem o educando de enveredar por um caminho que o conduza a uma pronuncia compreensivel e racional.

Nada mais dificil existe do que perder-se um habito adquirido no berço, por assim dizer.

Existem casos em que não são culpados os pais, pois são devidos a um temperamento nervoso ou a um defeito dos orgãos vocais das crianças mas não são a esses que me pretendo referir.

Apenas aludo os que provêem da incuria dos primeiros educadores, isto é, dos progenitores.

Não hesito em confessar que tem mais graça uma criancinha quando principia a articular o seu vocabulario infantil do que quando já fala com facilidade relativa aos seus tenros anos.

Mas tambem não pretendo dizer com isto que julgo admissivel que, por tal motivo, se não obrigue a enveredar pela verdadeira pronuncia.

E vou novamente incorrer no desagrado das mães atribuindo-lhes esta outra culpa pois são elas quem de mais perto vivem com as criancinhas e portanto sempre lhes corrigi-las.

E, fazendo-o sempre que tal seja necessario, deixarão de dizer:

«Como meu filho é interessante ao dizer isto desta maneira» para dizerem extasiadas: «o meu filho, ainda tão pequenino, a exprimir-se já desta forma tão compreensivel!!!»

Se a primeira frase é dita com ternura, a segunda é pronunciada com admiração, com orgulho!!

E neste caso vale mais o orgulho das mães do que simplesmente a sua ternura, pois que muito e muito ele vai beneficiar os pequeninos no seu futuro escolar.

NIZETH DE ATAIDE

Manifestação funebre

E' depois de amanhã, domingo 12 do, pelas 14 horas, sairá da sede da Associação de Classe dos Manipuladores de Tabacos, rua do Paraizo, 1, 1.º, a manifestação em honra de Sousa Piscoldino Fernandes, que durante muitos anos foi delegado da classe, trabalhando pelo melhoramento das suas condições economicas, e redator de «A Voz do Operario».

A manifestação é promovida pela classe dos manipuladores de tabacos e por uma comissão de amigos do extinto.

Em duas carretas, cedidas pela camara municipal, serão conduzidas as corôas oferecidas por ocasião do funeral, todas metidas em caixas e o retrato do extinto.

No cortejo tomarão parte filarmonicas, tendo desde o principio dado a sua adesão a banda do comando geral de artilharia, devendo ser numerosa a representação da classe dos manipuladores de tabaco, principalmente do elemento feminino, bem como doutras organisações operarias, que se farão representar com as respectivas faixas.

A luta em Marrocos

Pormenores sobre o desastre francez

TETUAN, 10. — As forças que lograram escapar ao ataque dos rifenhos refugiaram-se em Teza. Alem de elevadas baixas as forças francesas perderam muitas armas, munições e outro material de guerra.—(R.)

Na zona espanhola reina tranquilidade

MELILLA, 10.—O alto comissario comunica que alem dum ligeiro tiroteio em alguns pontos tem havido tranquilidade em todos os territorios do protetorado.—(R.)

Lawn-Tennis Internacional

Eleição da Comissão Tecnica

Não se tendo realisado a eleição desta comissão no mez findo, como estava marcado, devido ao mau estado do tempo, e sendo u gente proceder a esta eleição, a direcção realisa hoje sabado pelas 5,30 da tarde este acto, para o que conta com a presença do mai r numero de socios possivel, especialmente daqueles que se interessam pela vida do Club.

A Comissão Tecnica eleita, no mesmo dia procederá á nomeação do comissão geral para o corrente ano, afim de iniciar o programa de provas da presente epoca. Os membros da anterior Comissão Tecnica presta-se a ... conselho ...

A politica ingleza

LONDRES, 10.—O Grupo Parlamentar inglez que se esforça para organizar um partido nacional procura obter o apoio de muitos membros do partido unionista. Por outro lado esperam-se novas adesões á conservadores porque o Imperio Britanico sob o presente governo está sendo seriamente ameaçado pelos comunistas e pela propaganda socialista que ameaça a existencia da ordem social.—(R.)

O governo inglês vai prender o chefe dos revolucionarios indios

LONDRES, 10.—O governo resolveu proceder hoje á prisão de Ghandi, chefe dos revolucionarios da India.—(H.)

A princeza Maria de Inglaterra chega a Paris

PARIS, 9. — Procedentes de Londres, chegaram esta noite a esta capital a princeza Mary e o visconde de Lascelles.—(H)

Ecos da revolução de Fiume

FIUME, 10.—O presidente do comité nacional leu na presença da população, a proclamação nacional em que se confia o governo provisorio ao sr. Giuratti. O comité de defeza nacional conserva o governo da cidade até á aceitação do sr. Giuratti, que será o comissario civil.—(H.)

A situação na Irlanda

LONDRES, 10.—Os partidarios de De Valera continuam a promover rixas que se estendem para o Sul e para o Oeste de Limerick.

No Condado de Cork contam com grandes forças. O governo irlandez enviou tropas para dominar o movimento. Dizem de Dublin que De Valera teria o desejo de dividir a Irlanda em duas republicas.—(R.)

Exposição do Rio de Janeiro

Precisamos aprestar-nos para conquistar o mercado brazileiro

Vai fazer-se no Brasil uma grande exposição internacional comemorativa do primeiro centenario da independencia.

A iniciativa tomada representa por si as condições de desenvolvimento e a força de energia de que dispõe essa nação, recentemente entrada nos primeiros lugares da politica mundial.

Essa iniciativa é para o Brasil comercial e industrial, para o Brasil activo e inteligente, para o Brasil nação que sabe o que quer e para onde vai a prova fulgurante da sua emancipação e demonstração palpavel do que reconhece o elevado papel que lhe cabe na hora presente.

Ainda o ardor do fogo destruidor da guerra o mundo encontra na consciencia das nações fortes a energia que anima um espirito de ressurgimento, mais do que isso, a plena certeza de que o momento pertencerá áqueles que usarem de todo o seu patriotismo, de toda a sua inteligencia, de poder que lhes virá de si proprios.

Criam-se tradições, ganha o direito á sua liberdade de pensamento, tratifica o seu prestigio de nação e quando a guerra veio o Brasil postou os seus votos pelos exemplos do mais nobreza trabalhando todos os instantes com a visão perfeita da luta formidavel que iria travar se quando os exercitos depusessem as armas ainda ensanguentadas e quentes. Por outro lado a sua extensão territorial cheia de inesgotaveis riquezas a sua acção na sua orientação o fulgor dos nomes dalguns dos seus politicos, dos seus literatos, dos seus homens de sciencia, dos seus comerciantes, dos seus industriais e dos seus agricultores, tudo o que faz o sumario da riqueza publica e tudo quanto cimenta a riqueza particular duma nação tornaram o Brasil o arbitro dos destinos da America do Sul criando-lhe a possibilidade de exercer nessa parte do continente a mesma função que exerce ao norte a republica dos Estados Unidos.

Foi sob a presidencia de um dos seus mais distintos diplomatas que funcionou a assembleia geral da Liga das Nações depois que se organisou. O Brazil atingiu, portanto, aquele grau de maturação e aquela força e influencia que o tornam indispensavel desde que se queira bulir no equilibrio economico e politico do mundo. Tem, pois, o caminho aberto para o engrandecimento que as torturadas gerações de hoje, as cançadas gerações de hoje não são suficientes ainda para o ver ter.

O Brasil encontra-se agora como um homem que acabasse de formar se e em que, perdido o estado de ebulição, a vida rebentasse por todos os lados exuberante de seiva, desentranhando-se em prodigios de riqueza, palpitando de anseio pelos golpes das enxadas.

Portanto, se até agora temos contado com o Brasil na nossa afeição fraternal, se até agora temos olhado com carinho os seus triunfos e temos sentido que do lado de lá do Atlantico que nos separa, estão, como nós, gloriosos descendentes de Afonso Henriques, é preciso que nos convençamos de que devemos contar com eles para a acção comercial e industrial que se desenrola com energia mento.

A Exposição internacional do Rio de Janeiro vem dar nos uma oportunidade que seria criminoso desperdiçar, permitindo-nos que coloquemos os nossos melhores produtos ao lado dos produtos das outras nações. Convem que, sob este ponto de vista, nos não impregnemos de modo tal duma ilusoria confiança nas ligações afectivas que contemos só com elas para a ajuda do nosso esforço.

A demonstração da vontade do trabalho e o respeito pelo proprio nome e pelo nome dos outros, aquelas virtudes comerciais, ou melhor aquele espirito comercial, mais feito de materialismo que de coração, que rege a actividade das nações, é absolutamente imprescindivel para que se conquiste a confiança dum mercado quer ele seja o mercado norte-americano, quer ele seja o mercado brasileiro.

Portanto, mãos á obra. Trabalhemos por nos apresentar na Exposição como um paiz progressivo, que não receia confrontos.

ULTIMA HORA

ORDEM PUBLICA

São presos cerca de 100 agitadores que recolhem á Torre de S. Julião da Barra, sendo apreendidos explosivos e vario material de guerra

As medidas preventivas adoptadas pelo Governo, anunciadas ha dias pela «Capital» e logo desmentidas por outros jornais, vão-se confirmando dia a dia.

Em face dos repugnantes atentados dinamitistas contra os carros electricos, o Governo nada mais tinha a fazer que prevenir-se contra novos atentados e assim ordenou que a cidade fosse feita uma rusga geral a ... aos conhecidos agitadores e todos aqueles que sabido era andarem envolvidos em manejos tendentes a alterar a ordem publica.

A' policia foi dada ordem de prevenção rigorosa a partir da 1 hora da madrugada, tendo-se feito a concentração dos agentes nas varias esquadras, onde igualmente compareceram forças de infantaria da G. N. R.

As 6 horas estando tudo a postos, a policia e a guarda sob as ordens dos quatro comissarios de policia, bateram as quatro divisões, sendo então presos cerca de 100 conhecidos agitadores, «meneurs» de gréves, jovens sindicalistas e elementos apontados como perigosos.

Esses presos recolheram ás varias esquadras, sendo depois removidos em camions da G. N. R. para a Torre de S. Julião da Barra, onde alguns ainda estão entrando á hora a que escrevemos. Em todas as casas dos presos foram passadas minuciosas buscas, sendo em diferentes pontos apreendidas bombas, cartuchos de dinamite, pistolas, armamento vario e publicações subversivas.

Entre os documentos apreendidos figuram pequenos livrinhos com talões, onde se lê:

Os emancipados

O homem quando vai para a luta, é ve levar uma arma na mão e uma idéa no cerebro — — —

Todos os objectos apreendidos ficaram nas esquadras afim de serem entregues á policia de investigação a cuja entidade os presos vão ser entregues.

No Governo Civil guarda-se o maior sigilo sobre as deligencias efectuadas hoje de manhã, chegando o segredo a ponto de não ser fornecido aos «repórteres» a lista dos individuos presos o que constitue um caso completamente novo entre nós.

Ao que nos consta a policia liga grande importancia a três prisões efectuadas ou seja a dos operarios: Arsenio Filipe um dos implicados no atentado de ha anos no Alto de Santa Catarina contra o conhecido industrial sr. Alfredo da Silva, o pedreiro Carlos Marx Rodrigues e o metalurgico Domingos Paiva.

Os bairros mais visitados pela policia foram os de Alfama, Rato, Alto do Pina, Madragôa, Alcantara e Ajuda, tendo sido apreendido bastante material explosivo em casa de Arsenio Filipe na Rua do S.l ao Rato.

Aos calabouços do Governo Civil recolheram tambem cerca de 30 presos que ás 17 horas estavam sendo removidos para a torre de S. Julião.

Houve a principio a idéia de fazer recolher os presos novamente ás esquadras a fim de serem interrogados ficando porem assente que se conservem na fortaleza de S. Julião onde a seu tempo serão ouvidos pela policia de investigação e depois de devidamente cadastrados.

Durante o dia notou-se uma verdadeira azafama no Governo Civil tendo o chefe do distrito conferenciado por varias vezes com o director da policia de investigação e com o Comissario Geral de Policia tendo-se este ultimo avistado com o sr. Presidente do Ministerio.

Ao que nos consta as medidas postas hoje em pratica pelo Governo prosseguem a f m de cidade ficar de uma vez para sempre limpa dos agitadores que constantemente ameaçam alterar a ordem.

A gréve dos electricos

Na Avenida Almirante Reis rebenta um petardo

Continua no mesmo pé e sem solução a greve do pessoal da Carris, o que não impede que os carros continuem dia e noite tripulados por policias, praças da G. N. R. e do exercito. Os carros a despeito dos recentes atentados dinamitistas que tanta repulsa causaram ao publico continuam repletos de passageiros. Hoje foram restabelecidas as carreiras para a Graça e Poço do Bispo.

Na Avenida Almirante Reis rebentou hoje de manhã um petardo sob um electrico.

O estampido alarmou não só os passageiros como os moradores do sitio, não havendo felizmente a registar desastres pessoais. Apenas o passageiro João Henriques Pereira, residente na rua dos Caminhos de Ferro, ao ouvir a detonação se atirou do carro para a rua, ficando contuso no hombro direito pelo que foi pensado no banco do hospital de S. José.

Sobre a atitude do pessoal em greve nada pois é conhecido por não se ter realizado qualquer reunião visto o governo ter mandado encerrar a sede da respectiva associação á Esperança.

Ali se conserva permanentemente uma patrulha de policia que não permite o estacionamento de grupos.

A Comissão administrativa do pessoal da Carris voltou hoje ao Governo Civil a fim de solicitar que os seus camaradas presos possam transitar dos calabouços para os quartos particulares.

A esses presos foi hoje levantada a incomunicabilidade, tendo os comissionados solicitado ainda ao Governo Civil a reabertura da séde do seu sindicato não sendo o pedido atendido tão cedo ou seja enquanto a grève não estiver solucionada.

Na séde do sindicato da Construção Civil, á calçada do Combro realiza-se hoje pelas 20 horas uma reunião magna da classe afim de ser apreciado o estado actual da gréve, a qual segundo o convite hoje largamente distribuido pela cidade, não se pode perder por representar a perda da dignidade da classe operaria.

O director geral dos Transportes, coronel sr. Freiria voltou hoje a conferenciar com o sr. Presidente do Ministerio tendo o referido oficial determinado que de futuro nas plataformas dos carros apenas tomem logar condutores e soldados.

Um caso interessante

O que se passa com os milicianos

A comissão de oficiais incumbida de verificar se os oficiais milicianos estão nas condições de continuar no serviço em harmonia com o decreto 7223, não tem tomado em consideração os louvores dados em ordem do exercito aos milicianos que não fizeram reconhecer as juntas militares que antecederam a trauliteria, e Monsanto ou proclamada a monarquia no Porto não a reconheceram tambem, sendo presos por esse motivo, que a comissão, baseada no criterio que adotou, tem indeferido os requerimentos que muitos oficiais milicianos tem sido obrigados a fazer, não pelas disposições da lei, mas pelas de uma circular posterior.

Caso interessante: os indeferimentos são imediatamente comunicados ás unidades respectivas. Os requerimentos deferidos, não merecem porem essa atenção!

Sobre o caso o sr. ministro das finanças mandou consultar a Procuradoria G ral da Republica, para inquirir da constitucionalidade ou inconstitucionalidade do decreto 7223. Espera-se porem o sr. Portugal Durão que esta todos os dias mandando aplicar o decreto 7223, imediatamente anterior aquele, o qual manda aplicar a carga chegada ao Tej , uma elevadissima taxa em ouro!

Ribeiro de Melo

O sr. Ribeiro de Melo, senador da Republica, parte hoje para a Guarda, onde vai assistir á posse do novo governador civil.

Os massacres da "Noite Tragica"

Estão já pronunciados muitos dos implicados nos assassinios de 19 de Outubro

Foi lavrado despacho de pronuncia contra quinze dos militares presos como suspeitos de terem participado dos crimes da «Noite Tragica». Afirmam os que esse despacho envolve oficiais e praças de pret, do Exercito e da Armada.

Contra todos os oficiais que se encontravam no Arsenal da Marinha na noite de 19 de outubro foi mandado levantar auto de corpo de delito.

Apesar dos desmentidos ja opost s continuam a dizer-nos que os julgamentos serão feitos perante um tribunal especial mixto, composto de oficiais do Exercito e da Armada.

Que se passa em Timor?

Correspondencia particular recebida de Timor diz-nos que lavra naquela nossa provincia geral ma vontade contra o governador sr. Paiva Gomes. Os protestos atingem tal intensidade que o proprio juiz da comarca tem presidido a alguns comicios em que se pede a imediata substituição do sr. Paiva Gomes.

Poeira da Arcada

O sr. ministro da Alemanha cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças.

—A direcção da Associação Comercial cumprimentou hoje os srs. ministros da Justiça e da Agricultura, trocando impressões com o sr. Ernesto Navarro sobre assuntos que interessam ao comercio.

—Foram transferidos com os respectivos professores as escolas mo... de Vilarinhos concelho de Oliveira de Frades para Fatima Vila Nova de Ourem; de Poligão de Tanhos para Mosta Barquinha e de Vila do Corvo Evora para Seixo Gordo ...

PARLAMENTO

Nos Deputados

Abre a sessão á hora habitual.

Antes da Ordem

Os srs. Lino Neto e Almeida Ribeiro voltam a falar sobre aspectos da lei da separação das Egrejas e do Estado.

O debate não oferece interesse de maior, porque, ambos os oradores se limitaram a repetir as razões tantas vezes ditas no Parlamento e foram dele.

Ha, todavia, duas afirmações, produzidas pelo sr. Lino Neto. Uma é esta:

Os canones das Egrejas, aconselham acordos com o Estados.

E a outra:

—Eu considero o «Syllabus» como um livro admiravel de sciencia social. O que é preciso é estuda-lo e compreende-lo.

Chegou a hora de se entrar na ordem do dia. O sr. presidente da Camara pergunta se deve continuar e adiz ... em que estão empenhados os srs. Almeida Ribeiro e Lino Neto. A Camara responde que sim. O sr. Almeida Ribeiro continua, pois, no uso da palavra. Isto, hoje não parece o Congresso da Republica. Dir-se-hia que assistimos a um concilio ecumenico!

O sr. Presidente do Ministerio entrou na Camara ás 16 horas. Foi logo conferenciar com o sr. Vitorino Guimarães. O sr. Virgilio Costa prometeu fazer perguntas ao chefe do governo. Teremos ainda hoje algum debate desses daqueles de que gosta a galeria? Este aliás está bastante concorrido... graças aos desocupados das greves. Sempre é bom haver onde passar o tempo!...

A comissão de finanças devia reunir hoje para exame da proposta de lei sobre o aumento da circulação fiduciaria.

Mas o sr. Almeida Ribeiro, que é vogal da comissão, continua impedido, todo entregue á dissertação historico-religiosa. As questões financeiras e economicas que esperem!...

O sr. Almeida Ribeiro terminou ás 16 horas e meia. Ia entrar-se na ordem do dia, mas a Camara consentiu que usasse da palavra o sr. Virgilio Costa.

Trata-se do relatorio acerca da agressão de que o ilustre deputado foi vitima. O orador diz que esse relatorio é falso, firmado por um individuo cadastrado.

Diz que certas afirmações produzidas ha dias pelo sr. presidente do Ministerio são atentatorias da sua dignidade pessoal, pessoalmente ofensivas. Pede que o chefe do Governo se explique. I. senta-se.

O ilustre chefe do Governo diz que não ofendeu o sr. Virgilio Costa. O que declarou, apenas, foi isto: o caso não devia ser posto no Parlamento. Pertence ao Poder Judicial. Nunca duvidou da palavra do sr. Virgilio Costa. Este interrompe. O sr. Antonio Maria da Silva diz, em aparte, e a meia voz:

—Valha-me Santo Antonio, que ao meio e meio é meu patrono!

Em resumo, o chefe do governo não ofendeu o sr. Virgilio Costa nem nada disse que pudesse como tal ser considerado.

O sr. Agatão Lança intervem. Cita o caso do sr. Virgilio Costa como sintoma o mais nadi.

O que o orador quer ou deseja é que o sr. presidente do ministerio reprima desordens e puna os desordeiros. A proposito o sr. Agatão Lança refere-se a um pasquim contra ele publicado e hoje distribuido gratuitamente que o fales tudo quanto neles se diz a seu respeito.

Assim ficou encerrado o incidente. Vai passar-se finalmente á ordem do dia.

No Senado

Apos a leitura do expediente, o sr. Vasco Marques refere-se á forma como decorreram as eleições na Ilha da Madeira e a maneira como as comissões de verificação de poderes se pronunciaram, anulando repetir o acto eleitoral em algumas freguesias, com o que não concorda.

O sr. Joaquim Crisostomo chama a atenção do sr. ministro da Justiça para a arbitrariedade que existe na aplicação de emolumentos e multas judiciais, referindo-se ao caso do burlão Antonio Santos.

O sr. ministro da Justiça declarou ... se procedendo a um inquerito sobre o caso.

O sr. Ramos de Miranda faz varias considerações sobre a cobrança do do exercito, declarando estar inteiramente de acordo com as considerações feitas na sessão de ante-ontem pelo sr. Pais Gomes, acerca da transferencia de unidades de algumas provincias.

O sr. ministro da Guerra, confirma declarou ao sr. Pais Gomes afirmou aguardar a reorganização para sobre ela se pronunciar.

O sr. Alves de Oliveira protesta contra a forma atrabiliaria como é feita a censura telegrafica.

O sr. ministro da Justiça promete transmitir ao sr. presidente do Governo as considerações do orador.

Os srs. Querubim Guimarães aproveita estar no uso da palavra para protestar energicamente contra todos os atentados que desde 1 de Fevereiro de 1908 se têm cometido em Portugal, sem impunidade. Declara que, se estivesse presente á sessão de ante-ontem, se teria associado ao voto de sentimento pela catastrofe da Mortosa.

CRIME MISTERIOSO

Morto com punhaladas

Apareceu hoje um capitão do exercito de Africa

Na rua Particular B. P. C., 14, esquerdo, Bairro Lamosa no bairro de Inglaterra apareceu hoje, de manhã, morto o capitão sr. Luiz Lu... Vaquinhas ... pelo facto uma mulher a dias de nome Carolina Candida, Pateo do Chichorro, ao Alto do Pina, que havia sido contratada pelo referido oficial para lhe tratar da limpeza de casa e fazer-lhe a comida.

Como de costume a Carolina pelas 10 horas da manhã dirigiu-se á casa do capitão Vaquinhas e ao entrar no quarto deparou com um quadro terrivel.

O capitão estava morto, apresentando o cadaver sobre o peito, á altura do coração, enormes postas de sangue, tudo indicando que fôra assassinado á punhalada.

Participado o caso para o governo civil logo compareceram no local os agentes da policia de investigação, dr. Bel... do Rego, director do posto antropometrico com o chefe Lopes e varios guardas, sendo tiradas fotografias ao cadaver e extraidas varias impressões digitaes.

Depois da comparencia do sr. delegado de saude sr. dr. Tovar de Lemos e do juiz do paz da area foi o cadaver removido para a morgue sendo em seguida selada a ... portas.

Pelas diligencias rapidas a que a policia procedeu chegou-se á conclusão de que o mobil do crime foi o roubo pois desapareceram malas com roupa, fatos e talvez algum dinheiro.

O capitão Vaquinhas que pertence ao quadro auxiliar de artilharia estava de licença tendo regressado ha pouco tempo das Colonias. Alugara a referida casa que mobilou regularmente, ... parecendo ... o que diz, ... de grandes meios. Na ... ... apenas no estabelecimento ... baixos do predio e pertencente ao senhorio do mesmo foi ouvido pela meia noite ... no ... interior.

A porta do quarto do capitão estava apenas aberta no trinco, vendo-se a chave caida no interior do quarto.

Ha quem diga que a casa do capitão era mal frequentada, indo até todas as noites individuos duvidosos, que ostentavam boinas. Sobre uma mesa foi encontrado um cinzeiro, que, tendo sido limpo a noite passada, foi encontrado cheio de pontas de cigarro, o que indica que o *rendez-vous* esteve animadissimo. Um pequeno copo indicava tambem que fôra bebida aguardente.

O caso está envolvido em grande misterio, tendo a policia iniciado já as suas diligencias.

Duqueza do Porto

Sua Alteza a Princeza Maria Pia de Bragança, Duqueza do Porto, esteve hoje no Congresso, assistindo a parte da sessão da Camara dos Deputados, na tribuna do Corpo Diplomatico.

O fim especial da visita foi apresentar agradecimentos aos presidentes das duas casas do Parlamento pela parte oficial nas homenagens ao finado Infante de Portugal, Afonso Henriques de Bragança.

TEATRO

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO NACIONAL — 2.ª recita da tournée franceza M.me Thereze Pierat — Marche Nuptial — *4 actos de Henry Bataille.*

Peça

Conheço já tres «Marchas Nupciais». Uma, longa, extensa, abordada pela fantasia dos «metteurs-en-scene» de filmes onde passou Bertini, reproduzindo os detalhes que na prosa de Bataille constroi a vida, a historia passada, o ambiente onde se criaram os personagens da sua peça. Outra, a obra de Bataille, a autentica, que uma versão escrupulosa, um suficiente respeito pela obra alheia nos deu inteira, completa, naquele mesmo «Teatro Nacional»; finalmente a «Marcha Nupcial» para uso das «tournées» em que as 27 personagens do original francez são reduzidas a quinze ou dezasseis, as scenas de maior movimentação cortadas, o aparato mundano, a vida elegante duma sociedade que num «chateau dix-huitieme siecle» promove um baile, uma representação, rapadas quasi á escovinha, pobre de conjunto e de figuras.

Esta tem uma vantagem: fazer realçar os papeis principais porque, diga-se, nem a minima curiosidade se pode dispensar no resto. E os papeis principais foram respeitados, todas as falas adoraveis da obra de Bataille tiveram a sua noite gloriosa na boca duma soberba e natural actriz.

A «Marcha Nupcial» tem, alem das figuras de Claude, tão bem detalhada nos seus vulgarismos, de R... moldado em barro profundamente humano, das pequenas figuras da vida corrente, como Melle. Almée «celle qui ne sait pas», Suzanne Lechatellier duma calma feminina resignada que «a supporté meme des trahisons assez proches» mas não pode suportar a ideia de ver o marido apaixonado pela sua antiga companheira do convento, acima de todas as figuras ha a heroina, «Grace de Plessans», alma de mulher heroica, deste heroismo covarde da renuncia, alimentado no religiosismo da educação, no romanesco do caracter, na grande bondade que encerra para Bataille, toda a beleza do amor.

De todas as suas heroinas, e elas são tantas e todas belas, da «Vierge folle» a «Femme Nue», da «Mamã Colibri» a «Phalène», Grace de Plessans é a que mais facil ao publico apresenta a sua trajectoria, de viva pureza, de infantil amor, esforçado, tenaz ante a sociedade, amor feito em sacrificio, renuncia, puerilidade, até ao momento da punição em que a pequena heroina emola os seus 27 anos ao segredo, segredo mais dum corpo que outra alma, «maintenant je suis sur que je vous aime» a outro homem que não o seu «Claude».

Grace de Plessans no

Desempenho

do bontem foi vivida na graça inefavel de Mme. Marie Therese. As nossas impressões da artista nos «Marionettes» confirmaram-se em absoluto. Mme. Pierat tem a sua melhor, mais bela expressão artistica no sentimento, na dor, no meio tom levo, na resignação. Todo um mundo interior de reflexões de sentimentalidade que vem exteriorisar-se numa mascara perfeita, correctissima, e numa voz magoada, repassada de nostalgismos.

A sua naturalidade é imensa; os seus momentos evocativos são admiraveis; no 1.º acto é bela a scena das recordações, evocações do convento em que Grace era quasi uma mistica, cabelos cortados, belo ainda todo o seu segundo acto, uma tonalidade de dicção soberba, é numa infantilidade graciosa, feliz, que dá logar no final deste acto a uma elevação grandiosa da sua mascara sofredora, a expressão com que Pierat exclama, subitamente chocada pelo materialismo criminoso de Claude, «tu as fait ça?» só se eguala á mascara sofredora, expressiva, com que fechou o acto, elevando-se, gritando quasi «pleure, pleure sur toi».

No 3.º acto tem ainda, alem da extrema mobilidade da frase nas longas rajadas fluentes, notaveis, brilhantes com Roger, uma frase dita com soberba mestria: «Je me punirais».

Finalmente no 4.º acto pairava sempre no seu rosto uma premeditação, a sua figura toda estremece, e a sua interpretação completa, atinge «nuances» de b lezas.

Mm. Pierat não é uma tragica; os que virem Mimi Aguglia, Vitaliani, hão-de encontrar nas grandes fases de drama, nos topicos em que a comedia roça pela tragedia, Mm. Pierat é inferior a si propria. O seu grande campo de acção, repetimo-lo, mais uma vez é na comedia sentimental, na alta comedia fina, na mascara de negue, de sofrimento, em que a sua naturalidade, a sua dicção são esplendidas.

Mm. Pierat (agora é moda criticar as «toilettes») não apresenta grandes modelos parisienses; as suas «toilettes» são simples, de gosto, sem maravilhas. No primeiro acto, segundo a rubrica, simples e elegante, no 2.º talvez melhor vestida do que a sua modesta existencia indicariam, no 3.º com uma elegante «toilette» de baile, côr de rosa palido. No quarto, a «toilette» negra, um pouco exotica, mas distinta, realça a sua pele branca.

Lugné Poe tomou a seu cargo a rabula, curiosa, bem tratada, do criado do hotel. A caracterisação boa, os detalhes com muita naturalidade. Uma pena ser tão curto o papel.

«Roger» coube a mr. Bert. E' um artista de provincia, com poucas qualidades e grandes defeitos. Perdeu-se junto de Mme. Pierat.

«Claude», o pianista «gauche», teve uma regular caracterisação no sr. Allain Durthal e algumas frases ditas com sentimento. Mme. Gvry fez tanto quanto possivel por equilibrar a sua «Suzanne». Os restantes, discientes, mas não se pode exigir que a «Comedie» com figurantes e scenarios viesse no «Sud Express» até ao Rocio.

Os cortes na peça suprimiram mais de meia duzia de personagens, resultando que o publico estranhou o primeiro acto, embora o pano caisse sobre a frase do original. Piores são os

Scenarios

que continuam a ser pindericos em demasia. O fundo do 1.º acto tinha lá ficado da vespera. No salão o lustre continua pendurado daquele verão enrolado em paninho côr de rosa — por causa das moscas. No 3.º acto, o «decor», indica: «Sur la terrasse, entre les orangers en caisse, les guirlandes de lanternes battent au vent».

Tal e qual!

A sala brilhante. Mal empregados «smokings», mal empregadas «toilettes» para serem correspondidos por tanta deficiencia scenica.

ARMANDO FERREIRA

Os Teatros no Porto

A proposito da «reprise» da «Maluquinha de Arroios» de Andre Brun levado no Sá da Bandeira do Porto escreve o Primeiro de Janeiro:

O publico, não se intimidando com a noite desabrida e chuvosa encheu a sala do Sá da Bandeira e riu de vontade com a picaresca farça que é «A maluquinha de Arroios», tres actos movimentados e cheios de grotesco em que se reproduzem scenas da baixa comedia pouco edificantes e moralisadoras.

Do desempenho que deixou bastante a desejar, o primeiro logar cabe a Chaby Pinheiro que valorisou superiormente o papel comico de que se encarregou, pois representou sem exagero e com muita naturalidade, fazendo rir a bom rir os espectadores. Hermina do Carmo e Cremilda de Oliveira não comprometeram os seus comprovados creditos de artistas; Leonilde Pereira tirou partido de uma rabula feliz a que a apreciada artista imprimiu bastante relevo e Elvira Velez e Luzitana Saial houveram-se com discreção.

Nos finais de acto o publico aplaudiu os principais interpretes.

Tambem no S. João se inaugurou a epoca lirica. Diz a critica do Porto:

A epoca lirica inaugurou-se ontem no nosso primeiro teatro com a «Carmen», estando a sala, como era de prever, repleta dum publico elegante e de escolha.

Não se póde dizer, em verdade, que o famoso «spartito» de Bizet tivesse alcançado um grande sucesso; mas contudo a sala, o que já não é pouco, sobretudo não esquecendo que se tratava duma estreia — recitas essas em que raro não ha hesitações mais ou menos desculpaveis.

Começaremos, como de justiça, pelo «maestro», a quem damos sempre o primeiro logar.

Não nos é possivel, pelo espectaculo de ontem, formar a seu respeito, um juizo seguro. Aguardaremos outra opera para melhor orientarmos as nossas impressões. O sr. Simossoud pareceu-nos, todavia, consciente e sobrio — duas qualidades que não são para desprezar e que se reflectiram na orquestra, em que vimos, com prazer, alguns, bastantes elementos mesmo desta cidade, que, como sempre, arcaram bem com a responsabilidade que lhes cabe.

Da orquestra póde pois, dizer-se que se manteve correcta, embora sem brilho.

Quanto aos cantores, destacaremos trez dos quatro principais papeis da opera: a protagonista, M.me Ellen Sadowen; «D. José», sr. Stefan Bichun e «Micaela», M.lle Alma Bucci.

Os dois primeiros, russos de origem, são belos artistas. Cantam em francez, ao passo que todos os outros seus companheiros de arte cantam em italiano, o que afecta um pouco o ouvido.

«Modernismos!» Noutros tempos os «velhos pobres» não consentiriam nunca em tal mistura; hoje porem, o «progresso» tudo justifica... Adiante.

M.me Ellen Sadowen tem bela figura e uma voz egual e de lindo timbre. Alem disso frasela muito bem. Deu, todavia, ao papel de «Carmen» um feitio... talvez russo, mas nada espanhol, a começar pelas «toilettes» que apresenta em todos os quatro actos. Dizem-nos que cantou bem a «habanera». Não ouvimos. O que ouvimos e gostamos, foi sobretudo o lindo trecho das cartas que merecia ter sido aplaudido e o duetto do 4.º acto em que secundou briosamente o tenor.

O sr. Stefan Bichun interpretou e cantou toda a parte de «D. José» com grande realce. A sua voz é pastosa, egual em todos os registos e emitida com grande facilidade.

Cantou muito bem a pequena romanza «La fleur que tu m'avais donnée»; foi ele quem sustentou todo o «duetto» do 3.º acto com o baritono; e quer como cantor, quer como actor houve-se com brilho em todo o «duetto» do 4.º acto, embora no final se mostrasse porventura um pouco exagerado.

Mlle. Alma Bucci incarnou muito bem o papel de «Micaela» A sua voz é linda, egual e sabe cantar. Foi muito aplaudida — e com toda a justiça — no final da «romanza» do 3.º acto.

Finalmente a quarta figura da opera — «Escamillo», coube ao sr. Enrico Roggio, que a não cantou, «Gritou-a» — é o termo. Esperamos que a cante, para então nos pronunciarmos a seu respeito.

O sr. Alessandro Griff fez com correcção o papel de capitão Zuniga.

Os outros artistas, nos seus respectivos pequenos papeis, não desmancharam.

Nos finais dos actos o publico aplaudiu.

Sob tais auspicios — que se podem dizer lisongeiros — se inaugurou a epoca lirica.

Noticiario

Portugal

Das atrizes Alda Rodrigues e Maria Corte Real que fazem brevemente a sua festa no Politeama, recebemos alguns bilhetes para serem vendidos a favor dos pobres do nosso jornal. Agradecemos muito reconhecidos.

— Na peça «A vida», original de Artur Coelho, que a 10 deste mez, serve para a reaparição em Lisboa, da Companhia Alves da Cunha no teatro de S. Carlos, entra alem de Alves da Cunha, Berta de Bivar e Angela Pinto.

— Hoje, em 2.ª recita de assinatura extraordinaria vai á scena no Teatro Nacional, a peça em 3 actos, de Dumas, filho, «La Princesse Georges», interpretando Mad. Pierat a parte de «Severine» e Lugné Poe a de «Galanson». Os outros papeis estão assim distribuidos:

«De Terremonde», Camille Bert; «Prince de Birac», Allain Durtal; «Cervieres», Léonce Corne; «Victor», Camille Corney; «Le Baron», Creme; «De Fondette», Georges Reno; «Valet de chambre», Tenac; «Sylvianie», Melle Korecky; «Baronne de Perigaye», Bianchini; «Valentine de Bouré mont», Jane Chevrel; «Berthe», Luciene Givry; «Rosalie», Jane Marsey; «La baronne», Carmaine Dglec.

— Em duas secções estreia-se hoje, no teatro Salão Foz, a revista «Giga-Joga» original de Lino Ferreira e Antonio Cameiro, musica de Filgueiras e Hugo Vidal. Entra na sua interpretação, toda a Companhia Otelo de Carvalho, exhibindo-se a nova peça com todo o aparato, sendo verdadeiramente esplendidos os scenarios e uma maravilha o guarda roupa, de Castelo Branco.

CURIOSIDADES

Dias de carnaval nos 13 futuros anos

Em 1923 — nos dias 11, 12, 13 de Fevereiro; em 1924 — em 2, 3, 4 de Março; em 1925, em 22, 23, 24 de Fevereiro; em 1926, em 14, 15, 16 de Fevereiro; em 1927, em 27 e 28 de Fevereiro e 1 de Março; em 1928, em 19, 20, 21 de Fevereiro; em 1929, em 10, 11, 12 de Fevereiro; em 1930, em 1, 2, 3 de Março; em 1931, em 15, 16, 17 de Fevereiro; em 1932, em 7, 8, 9 de Fevereiro; em 1933 em 26, 27, 28 de Fevereiro; em 1934, em 11, 12, 13 de Fevereiro; em 1935, em 3, 4, 5 de Março.

Um relogio monstro astronomico

Existe na Alemanha e levou 19 anos a fabricar. Indica as horas, os minutos, os segundos, as datas, os dias da semana, os mezes, as estações, a situação dos astros e principalmente dos planetas que giram em torno do sol. Tem no mostrador mais de 200 figuras graciosas e o seu valor é de cerca de 100.000$00.

Estatistica interessante dos jesuitas franceses e belgas que tomaram parte na Grande Guerra

Em fins de Agosto de 1914 haviam-se alistado no exercito francez 500 jesuitas, em 11 de Novembro de 1918, data do Armisticio contavam-se 841 alistados no exercito; em Agosto de 1919 verificou-se que tinham morrido na guerra 164, que 48 tinham recebido a medalha militar do valor e merito, 320 a Gran Cruz de Guerra, 590 foram louvados na ordem do dia de varias armas, 4 receberam a medalha especial das epidemias, 3 receberam as condecorações de Morro e Tamisio e 15 varias condecorações estrangeiras.

No pequeno exercito belga havia 135 jesuitas belgas, e apezar de só serem uns capelães militares, outros enfermeiros, outros maqueiros encarregados de recolher os feridos, 12 deles foram mortos no campo de batalha, 81 feridos e 68 receberam condecorações militares. Alem destes, 81 jesuitas belgas foram condecorados por actos de patriotismo durante a ocupação alemã.

A. G.

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

AMOR E... CEMITERIO

por LUIZ RIPADO

2 de Fevereiro.

Meu amigo,

Sim, tens razão, tenho sido um ingrato!

Ha duas semanas que não te escrevo, que não, sabes onde paro, tu, o meu maior amigo, que me cedeste o teu quarto na Pensão da D. Emilia, que me arranjaste colocação no «Reporter» e que tão bondoso e afavel tens sido sempre para mim!

Mas não sou eu quem tem a culpa, Fernando! E' o Amor.

Sabes que já não resido no Rato? Só por um acaso recebi a tua ultima carta.

Eu estava farto da D. Emilia. Impingia-me arroz a todas as refeições. A's vezes, por excepção, acompanhando o arroz, vinham, ao jantar, dois ovos mexidos. Mas no ultimo dia que fui seu hospede, como lhe observasse que os ovos cheiravam mal, s. ex.ª toda se abespinhou e disse-me, naquela voz esganiçada que lhe conheces:

— Com a vida cara como está, queria naturalmente que, pela ridicularia que o senhor paga, lhe servisse ovos frescos... E' um fidalgo!

— Pois olhe — retorqui-lhe no mesmo tom, podres, coma-os vossemecê e que lhe façam bom proveito.

Paguei-lhe a conta atrazada e transportei-me, com armas e bagagens, para a Pensão da D. Umbelina, aqui ás Janelas Verdes, donde te escrevo.

E estou satisfeito. Ha mais aceio, mais fartura, apesar da sopa ser exclusivamente feita de ramas de nabiças mais amargas que o Maximo Gorki, que, como sabes, é o simbolo da amargura.

Em compensação, a menina Luisa, a criada de mesa, é muito doce e, quando se ri, deixa ver uma fileira de dentes acavalados uns nos outros, tão mavorticos que recordam os cavaleiros da guarda avançada do Napoleão.

Ontem dei-lhe um beijo. Que beijo! Soube-me a cebolas e fez-me chorar!

Mas não julgues que troquei a tua boa amisade pelos amores fugaes de Luisa.

Outra tem sido a mulher fatal da minha vida.

Logo que me instalei na Pensão da D. Umbelina, no primeiro dia que desci do alto das aguas-furtadas, onde fica o meu quarto, para tomar o meu lugar á mesa, reparei que na minha frente se sentava um sujeito de pletorico abdomen e com umas barbas mais negras que certas ruas de Lisboa á noitinha.

Era o sr. Zacarias de Melo, vereador da Camara Municipal, cara de poucos amigos e a quem as palavras custam muito dinheiro.

Eu tive tanto medo dele, que estive vai não vai para me ir embora.

A D. Umbelina, porém, tranquilisou-me, dizendo-me que êle era tão inofensivo para os mortais como o sr. Paiva e Pona. Só queria mal ás pedras do Rocio e isto por uma razão: embirrava com os S S.

No fundo, boa pessoa. E, depois, tinha uma filha que era uma perfeição. Eu veria que encanto de menina!

Espicaçado pelo aculeo da curiosidade deixei-me ficar e tive o praser de, ao *petit déjeneur* do dia seguinte, constatar a veracidade das afirmações da dona da casa.

Olhei a deusa e fiquei deslumbrado. E' tão bela como os demonios que tentaram os anacoretas da Istria!

Chama-se Clara e tem vinte e dois anos que são vinte e duas flores. A boca delicadissima, os labios recordam petalas de rosa. Os olhos, ai os olhos! Ao almoço, são verdes; ao pôr do sol, parecem azues; á noite, são pretos, como duas amoras da horta! Só por esta variedade de côres, eu gosto dela.

As pupilas scintilam-lhe as labaredas do lume da paixão. Seu corpo forte e lacteo como um marmore, visto através do decote parece um lirio alvadio. Na sua face desabrocham duas rosas do jardim de Armida.

E' devota de Terpsicore e publicou um livro de sonetos, que já vai na decima edição.

Não sei se tens reparado que em Portugal, só os livros das mulheres é que logram alcançar tão retumbante exito.

Por isso, quando publicar os meus versos, hei de faze-lo em *textos* de donzela.

Tu compreendes agora a razão do meu silencio. Desde que a vi, só penso nela. Esqueço velhas amisades e os meus olhos, de tanto a olharem, não vêem mais ninguem no mundo.

Desculpa, mas o amor é assim.

E, como compreendes, estou perdido.

Hoje, que a vida atinge preços fabulosos, esta paixão é a minha ruina.

O nosso comum amigo Ricardo Novais prometeu arranjar-me um emprego no Ministerio do Trabalho. Como sabes, êle dispõe de grande influencia junto do ministro.

Diverte-te. Por hoje, não posso ser mais extenso. Escrevo-te á luz de uma vela, que está a exalar o ultimo suspiro.

Da-me noticias tuas e acredita na velha amisade do teu — *Eduardo.*

Lisboa, 8 de Fevereiro

Fernando.

O dinheiro que me deixaste está no fim. O «Reporter» suspendeu. A minha paixão é cada vez maior e não me resta esperança alguma na vida!

Ontem, aproveitando um instante em que o Zacarias ressonava no canapé da saleta de entrada, roubei um beijo á minha noiva!

Ela correspondeu-me com três ou quatro, repenicados, e fizemos tanto barulho, que o pai acordou e, só depois da Clara lhe explicar que o pintasilgo era um maroto, que até cantava de noite, é que o meu futuro sogro caiu de novo nos braços de Morfeu.

Estes beijos vão custar-me talvez a vida!

Ela sempre que eu saio vem vêr-me á janela e diz-me adeus com a mão.

Para comprar a mobilia resolvi escrever uma revista do ano e leva-la ao Gomes, empresario do Apolo. S. ex.ª desiludiu-me logo. Só me levava a peça se eu conseguisse a colaboração do sr. Lino Ferreira ou do sr. Felix Bermudes. Não os conheço.

Tem-me valido neste transe doloroso a amabilidade do Ricardo Novais, que me arranjou umas traduções da Historia de Cesar Cantu, que eu verto para a nossa lingua, com tão boa vontade como a tua senhora verte aguas quando está aflita.

Mas a historia não é eterna e qualquer dia estou sem vintem outra vez.

E as barbas do pai da rapariga são de meter medo a um santo!

Manda-me alguns escudos para o enxoval.

Clara é o meu martirio, a ponte escura da minha vida!

Hoje vou ter com o ministro do Interior, a vêr se êle me póde ceder aquele lugar nos Correios, que de mão beijada, ofereceu a um famigerado grevista da Carris.

E o governo reg... é o Antonio Maria nosso a quem não tem dentes. Se o grevista tivesse gênio nosso como eu, veriamos se não o tentava... as mãos ambas.

Meu amigo, esta será talvez a minha ultima carta para a Pensão... me instalar á mesa do orçamento tentarei o impossivel!

Se nada conseguir vou pedir a «Savage» que me ofereceu... em Monsanto.

Clara! Nuvem! Estrela matutinal! Astro! Esfera... Tu ou o suicidio!

Adeus. Desculpa-me... teu *Eduardo.*

---

9 de Fevereiro de 1922

Meu caro Fernando:

A nova morada do Eduardo é de pedra e cal e tem uma porta de ferro que geme nos gonzos. É longe, á entrada do Cemiterio do Alto de S. João.

O nosso amigo sente-se bem naquele silencio feito de bondade e de misterio, olhando os altos ciprestes funebres e resistentes como a nossa raça, como dizia o Silva Pinto.

Vive feliz junto dos mortos que habitam um predio, que, segundo o coveiro do Hamlet, é feito pelo melhor de todos os construtores porque dura até á consumação dos seculos.

Ali vive esquecido de todos e de tudo.

Para êle, os momentos mais tristes são aqueles que lhe recordam a vida. Os cortejos funebres impressionam-no menos.

Mas lá está o Tejo ao longe, cheio de embarcações, que é o lenitivo das suas maguas.

A mulher vive com êle. O cemiterio é o seu Paraiso.

No Eduardo encontro, porém, uma diferença desde que casou. Já não é expansivo como dantes.

Ontem fui visitá-lo e pediu-me que te escrevesse em seu nome. Cumpro, portanto, um dever de amigo.

Devo dizer-te que vive feliz junto da sua adorada companheira.

E olha que chegou a desesperar da vida. Quiz suicidar-se!

O pai da pequena gosava, porém, de grande influencia na Camara e arranjou-lhe êste lugar na Administração do Cemiterio Oriental. E' o encarregado do registo de enterramentos.

Vês, como até na mansão da morte se pode ser feliz!

Ali vivem aquelas santas criaturas com o Deus com os anjos.

Recomenda-me aos rapazes da... e tu recebe um abraço do teu amigo da infancia — *Ricardo Novais.*

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

A velha princeza não tinha maior inimigo do que Falstaff. Falstaff não era terno e não amava ninguem; era orgulhoso, vaidoso e ambicioso. Não amava ninguem, mas de todos exigia o respeito que lhe era devido e todos tinham por ele um respeito de mistura com um certo medo.

Quando a princeza velha veiu para casa Falstaff recebeu uma grande afronta: não lhe consentiram que entrasse no andar superior.

A principio Falstaff ficou furioso com a ofensa e durante toda uma semana foi rapar com as patas na porta que a escada dava para esse andar. Cedo percebeu a causa do seu exilio e no domingo seguinte, no momento em que a velha princeza ia para a missa, Falstaff atirou-se a ela, para a morder. A princeza escapou por um triz á vingança do cão ofendido que tinha sido expulso por sua ordem, declarando formalmente que o não queria ver.

O acesso ao andar superior, tinha ficado pois completamente interdito a Falstaff e quando a princeza velha descia amarravam-no o mais longe possivel. Os criados tinham nisto a maior responsabilidade. O vingativo cão tinha no entanto encontrado por tres vezes o meio de se introdusir nos aposentos da princeza e logo corria os quartos todos até chegar ao dormir. Nada o podia conter. Por felicidade esse quarto estava sempre fechado e Falstaff limitava-se a uivar diante da porta até que o agarrassem e o trouxessem para baixo. Quanto á princeza, enquanto durava a visita do indomavel «bouledogue», gritava como se lhe batessem e caia de cama tal era o medo.

Varias vezes ela tinha imposto sobre este caso um ultimatum á princeza e um dia mesmo chegou a exigir que se desfizessem de Falstaff.

A princeza não era prodiga em afectos, mas depois dos filhos era a Falstaff quem ela mais amava no mundo. Eis o motivo dessa afeição: uma vez, havia seis anos, o principe tinha regressado dum passeio, trazendo consigo um pequeno cão sujo, doente, num miseravel estado, mas que era, contudo, um «bouledogue» puro.

O principe salvara-o da morte, mas como o recemvindo se conduzia impolida e grosseiramente, foi afastado, a instancias da princeza, para um pateo e amarrado com uma corda. O principe não se opusera a isso. Dois anos mais tarde, quando toda a familia estava no campo, o filho Sacha, irmão mais novo de Catarina, caiu ao Neva. A princeza soltou um grito e o seu primeiro movimento foi lançar-se á agua.

Impediram-na a custo. Contudo, a força da corrente, levava a creança que só pelos vestidos era mantida á superficie da agua. Depressa lançarem á agua um bote, mas este só por milagre a poderia salvar.

De repente um grande bouledogue atirou-se ao rio, nadou direito para a creança, agarrou-a pelos dentes e trouxe-a victoriosamente para a margem. A princeza abraçou-se ao cão, Mas Falstaff, que nessa epoca tinha o nome muito prosaico e plebeu de Fix, não podia suportar caricias e respondeu aos abraços e festas da princeza, mordendo-a num hombro. A princeza ressentiu-se toda a vida desta ferida, mas o seu reconhecimento tambem nunca desapareceu. Falstaff foi admitido nos quartos. Limpavam-no e lavavam-no, puseram-lhe uma coleira de prata lavrada, installaram-no no gabinete da princeza, numa magnifica pele de urso, e a princeza cedo poude acaricia-lo sem o receio dum castigo imediato e severo.

Tendo notado que o seu favorito se chamava Fix e parecendo-lhe este nome muito pesado, começou logo a procurar outro, tanto quanto possivel pertencente á antiguidade. Mas os nomes de Heitor, Cerbéro, etc., eram verdadeiramente muito desconhecidos. Queria-se para o favorito da casa um nome facil de dizer. Por fim o principe propoz que se chamasse o «bouledogue» Falstaff. Esse nome foi adoptado com entusiasmo e ficou-lhe para sempre.

Falstaff agora portava-se bem. Era como um verdadeiro inglez, taciturno, grave e não se atirava logo ás primeiras a quem quer que fosse. Exigia somente que se fizesse uma volta respeitosa á sua pele de urso e que em geral lhe testemunhassem o respeito que lhe era devido.

A's vezes, apoderava-se dele uma especie de «spleen» e lembrava-se então que a sua inimiga, a sua inimiga irreconciliavel que ousava atentar contra os seus direitos, ainda não tinha sido punida. Sabia então suavemente a escada que conduzia ao andar superior e encontrando geralmente a porta fechada, deitava-se não longe dela escondido num canto, esperando unanimemente que alguem, por descuido a deixasse aberta. A's vezes o vingativo animal esperava assim tres dias inteiros. Ordens severas tinham sido dadas para vigiar a porta e havia dois meses que Falstaff não tinha subido.

— Falstaff! Falstaff! chamou a princesinha abrindo a porta e atirando Falstaff pela escada.

Nesse momento Falstaff, sentindo abrir a porta já se preparava para a atravessar, mas o chamamento da princeza pareceu-lhe tão inverosimil que durante um certo tempo não quiz acreditar no que ouvia. Era astuto como um gato e para não dar a impressão que tinha ouvido o chamamento da pessoa que abrira a porta, aproximou-se da janela, poisou as patas no rebordo, e examinou a casa em frente. Numa palavra, conduziu-se como um estrangeiro em passeio, que pára um momento para admirar a bela arquitetura duma casa. Qual foi o seu espanto, a sua alegria, o seu entusiasmo quando na sua frente, se abriu a larga porta convidando-o, suplicando-lhe que subisse, e que satisfizesse a sua legitima vingança!

Com uivos de alegria, a boca aberta, terrivel, victorioso, subiu como uma flecha!

A sua pressa era tão grande que uma cadeira que encontrou no caminho foi cair a dois metros de distancia. Voava com a velocidade dum tiro de canhão.

M.me Leotard soltou gritos de espanto... Mas já Falstaff chegára junto da porta proibida e esgravatava nela com as duas patas. Uivava furiosamente. De todos os lados acorria uma legião de inimigos; toda a casa estava revolucionada e Falstaff, o terrivel Falstaff, com uma coleira laçada ao pescoço, as quatro patas amarradas, abandonou vencido o campo da batalha...

Mandaram chamar a princesa. Desta vez ela não estava disposta a conceder perdão. Mas quem seria? Adivinhou o logo. Os seus olhos fitaram Catarina. Fora ela. Palida, Catarina tremia de medo. Só agora a pobre princesinha compreendia as consequencias da sua brincadeira. Sobre os criados, e portanto sobre inocentes podiam cair suspeitas e por isso Catarina ia já dizer toda a verdade.

— Quem é a culpada? perguntou asperamente a princesa.

Notei a palidez mortal de Catarina e adiantando-me, pronunciei com voz ...

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4024 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 11 de Março de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

MATAR, NÃO!

Os bem intencionados do porta-voz "A Batalha,,

Bombas em legitima defeza não enlameiam um ideal,—diz o porta-voz—Pois nós, "em hipotese alguma" admitimos a Pena de Morte!

Cumpram-se as leis e nada mais é preciso para que o Estado se defenda

Este jornal é contra a pena de morte. Já dissemos porquê. Importa repeti-lo, em virtude das razões que abaixo expomos.

Não protestamos contra o restabelecimento da pena de morte. E porquê? Porque não se protesta contra aquilo que não existe nem pode existir. Para nós, portuguezes, a questão é puramente filosofica, não passando duma tese que pode ou não oferecer interesse scientifico, conforme for bem ou mal versada. Praticamente, é um platonismo. Como tal, não vale a pena falar nisso!

Falamos, é claro, do restabelecimento legal da pena de morte. Com essa restricção, poderia supôr-se que ignoramos ou esquecemos que a pena de morte existe de facto, em Portugal. Simplesmente, ela é producto do crime social—ou individual se assim o preferem—e não efeito das leis escritas ou de costumes inveterados. A pena de morte existe, de facto, na sociedade portugueza. Restabeleceram-na os assassinos e aplicam-na com uma intensa liberalidade. Restabeleceram-na os propagandistas dos meios extremistas de reforma social e aplicaram-na os esperançosos mancebos que se dedicam ao fabrico das maquinas infernais, gastando as horas vagas nas vigilias das fabricas clandestinas dos mortiferos engenhos. Restabeleceram-na os bombistas que ha tempos voaram pelos ares, victimas da sua propria ferocidade, na alfurja montada como dependencia do predio onde se cosinha «A Batalha»; e aplaudiram esse restabelecimento os jornalistas que, nos jornais incendiarios, denominaram de desastre a explosão acidental das maquinas assassinas fabricadas no convento matriz do sindicalismo revolucionario. E continua impenitentemente a fazer a propaganda da pena de morte aplicada pela justiça sindicalista o jornal porta-voz, «A Batalha», quando pretende cobrir a retirada dizendo que carga o direito de matar aqueles mesmos que—embora bem intencionados—atentam contra a vida alheia. A boa intenção dos bombistas sabemos nós e toda a gente o que ela é!

Somos contra a pena de morte.

Limitamo-nos a dizê-lo assim, claramente. Não admitimos «boas intenções», nem mesmo por parte do Estado em defesa propria. E, se realmente fosse digna de exame a hipotese do restabelecimento da pena de morte, nós pronunciar-nos-iamos contra, é claro.

Alem da razão fundamental de principio filosofico, dariamos outros, muitos outros, entre os quais registamos apenas os principais.

A pena de morte não pode ser restabelecida em Portugal:

1.º—Porque seria inconstitucional e respectivo projecto de lei e, nessas condições, nem discutivel seria.

2.º—Porque, ainda mesmo que a pena de morte fosse introduzida novamente no Codigo Penal, não seria facil dar-se-lhe efectividade ou execução.

No tempo da monarquia a pena de morte existiu sempre, embora o constitucionalismo a restringisse aos crimes mais graves praticados por militares. Condenações á morte, por fusilamento, houve muitas, mesmo nos ultimos tempos da monarquia; o rei exercia sempre a faculdade do indulto, como propria do seu poder moderador. A pena de morte será, pois, uma excrescencia legalista, fóra dos costumes, da indole do povo e contraria ao direito consuetudinario. De facto, não existiria pena de morte, embora persistisse de direito.

Na vigencia da Republica a pena de morte foi restabelecida para as tropas em campanha. Durante a guerra, foi fusilado um soldado — chauffeur, convicto do crime de traição á Patria e inteligencia com o inimigo. Quando chegou o momento da execução, foi dificil, extremamente dificil, chegou quasi a considerar-se impossivel arranjar um oficial para comandar o pelotão da execução. E sómente se deu cumprimento á sentença do conselho de guerra depois de repetidas instancias do alto comando britanico, excelentemente instruido acerca dos crimes do miseravel e enormemente surpreendido com as infindaveis delongas na representação do ultimo acto da tragedia.

Entretanto, os crimes mais horriveis se praticaram durante a guerra e no teatro das operações militares. Ficaram celebres os processos dos «Filhos da Noite»! Houve de tudo: crimes de morte, roubos, deserções, insubordinações...

Ninguem foi fusilado. E, terminada a campanha, amnistias varias beneficiaram muitos ou quasi todos os criminosos, uma grande parte deles ingressando de novo nas fileiras do Exercito, principalmente durante o periodo do dezembrismo.

A pena de morte! Mas isso não passa dum «bluff»... portuguez. Os assassinos de punhal e bomba restabeleceram-na, é certo; mas nós negamos ao Estado o direito de o fazer, mesmo para se defender dos propagandistas pelo facto, dos «bem intencionados», como lhe chama «A Batalha».

Os inqueritos acerca do restabelecimento (?) da pena de morte não valem nada, portanto. Em todo o caso, a nossa opinião fica expressa, pela segunda vez. E «A Batalha», que tambem arranjou um plebiscito para uso domestico, tem de nos inscrever nele, como adversos á pena de morte, —a não ser, é claro, que prefira cometer a deslealdade de simular não saber qual é a nossa opinião...

O que se pretende, com o inquerito de «A Batalha» é provocar e manter uma diversão da opinião publica. O que se quer é entreter a imaginação do povo credulo, fazendo-lhe supor que é o Estado que pretende ter o direito de matar,—quando, afinal, são os bombistas que matam, moralmente acobertados por «A Batalha», que lhes admite as boas intenções e classifica de desastres casuais quando as bombas matam aqueles que as fabricam. Para «A Batalha», estes ultimos são herois e, quando desaparecem do scenario da vida arrastados para a morte pela propria loucura homicida, são dignos das homenagens do revolucionarismo sindicalista.

Organisam-se então cortejos como aqueles que acompanharam á ultima morada os desgraçados que morreram no foco sindicalista escondido no predio onde está instalada «A Batalha». Por isso o porta-voz diz, arrebatadamente: «A pena de morte enlameia um Estado; a bomba, quando não for empregada em legitima defeza como derradeiro recurso, enlameia um ideal». A bomba, arma de legitima defeza: eis a doutrina humanitaria propagada ás massas ignorantes impulsivas por «A Batalha», porta-voz da organisação operaria portugueza. E' mentira! «A Batalha» é, simplesmente, porta-voz da organisação revolucionaria sindicalista!

O que é preciso, para defesa social, é restabelecer o imperio da Lei. Mais nada. Sanções penais não faltam nos codigos. O que é indispensavel é apliçá-las. E é isso que se não tem feito. O crime impune é facto vulgar em Portugal, desde ha anos.

Os tribunais não curam da defesa social, mesmo os especiais, aqueles que os poderes do Estado organisaram para mais proficua e eficaz punição dos crimes contra as pessoas ou contra a propriedade. O governo da Republica tem que resolver o problema. Se pode e quer, está bem. Se pode (porque pode!) e não quer... abdique!

NO AVENIDA PALACE

O sr. dr. Pedro Martins

Ministro de Portugal, junto do Vaticano

promete á «Capital» uma entrevista — — — sobre Roma — — —

E' preciso que se note que isto não é uma entrevista. Porquê? Porque a entrevista ficará para mais tarde — quando o sr. dr. Pedro Martins regressar á Roma, á Roma doirada e pagã que antevemos distante, enquanto escrevemos. Mas o sr. dr. Pedro Martins parte ámanhã apenas para o Porto no rapido. As relações de Lisboa com o Porto, relações que são assim como as de uma mulher que é Lisboa, pretenciosa, vaidosa, inliberal, parisiense á portugueza, com um homem burguês sacudido, Torre dos Clerigos, que é o Porto, essas relações não vão ao ponto de exigir que o nosso ministro no Vaticano nos diga o seu programa de diplomata em licença na cidade da Virgem. De resto, o sr. dr. Pedro Martins — que, aqui, entre nós, gosta mais do Porto que de Lisboa — vai em missão dos seus interesses particulares e com isso não tem nada o publico, nosso amigo. Por consequencia, a entrevista em forma, diplomatica, de casaca, de flor ao peito, em que o jornalista costuma pôr o monoculo para se dar ares, fica para depois, para mais tarde, quando o sr. dr. Pedro Martins regressar a Roma...

Nós conversámos hoje com o sr. ministro numa das salas do *Avenida Palace*. Conversa de amigos, ao canto de um hotel, emquanto passam estrangeiros, muitos estrangeiros, em vilegiatura. O sr. dr. Pedro Martins acende um cigarro e diz-nos.

—Isto não é uma entrevista.

—Não é.

—A entrevista ficará para depois... Não acha melhor... Quando eu voltar... Uma questão de oito dias... Não lhe parece?

—Decerto.

—Porque ha coisas que interessam muito o publico — mas não é hoje o momento oportuno para se dizerem.

—?

—Ficará para depois, para mais tarde.

Começámos a falar de politica; do cêrco a Lisboa, de literatura.

—Que lhe parece Lisboa? — preguntámos. — Acha-a diferente?

—Ah! Meu amigo. Quere saber a opinião que eu tenho de Lisboa?

—Com o maior prazer.

—Lisboa tem um defeito. Olhe. Deixe-me usar desta expressão: Lisboa é uma cabeça grande de mais para um paiz tão pequeno... Lisboa tem absorvido a provincia, Lisboa tem absorvido a politica, Lisboa tem absorvido tudo... A doença de Portugal é Lisboa.

—Portugal precisa do ar da provincia, não é verdade?

—Exacto.

—E Roma?

—Roma... Ficará para depois. Quando eu voltar.

—Assistiu á coroação de Pio XI?

Assisti... Imponente. Sumptuosa. E' necessario ter-se visto, meu amigo... A perder de vista quasi o paganismo.

—Que lhe parece Pio XI?

—Ficará para depois... Quando eu voltar... Pio XI é forte, sadio, respira saude, energia, vigor... Mais saudavel do que Bento XV, indubitavelmente.

Voltámos a Lisboa, sentados no sofá verde de uma das salas do *Avenida Palace*. Passa um *chasseur*. Carlos Malheiro Dias, diplomata das letras, atravessa agora o corredor. Falamos de literatura. O dr. Pedro Martins cita-nos Bossuet a proposito, a proposito (eu não digo, por modestia) de nós, pobre jornalista desviado da cronica para o *Avenida Palace*.

—Que lhe parece a politica portugueza?

O sr. dr. Pedro Martins acende um cigarro, o terceiro. Nós percebemos que o sr. ministro quere dizer que a nossa politica é fumo e é cinza.

—A politica portugueza! Desassego. Intranquilidade. Boatos. Os boatos, meu amigo, são um horror... Eu conheço-os pessoalmente, desde quando fui ministro.

Ao longe, na sala de jantar, rompe neste momento um *jazz-band*, irrequieto. A que proposito vem a musica, quando nós falamos em coisas sérias? Afinal, a politica portugueza faz-se muito por musica, com a musica da guarda republicana... Que nos perdôe o maestro Fão, que não tem culpa de que os outros, os que não são da musica, desafinem o conjunto... A guarda republicana está agora em clave de *dó*! Isto veiu a proposito do *jazz-band*, não foi? Já me não lembro...

—Então, até quando, senhor doutor?

—Até á volta.

—Quando?

—Daqui a oito dias...

—Uma entrevista, então?

—Uma entrevista, sim.

—Sobre Roma?

—Sobre Roma.

—Sobre o Pápa?

—Sobre o Pápa.

FACTOS E PALAVRAS

José de Almada Negreiros

na ceia de ontem, dedicada a Lugné Poe, alcança um belo triunfo. O discurso de Antonio Ferro. O que foi a recepção dos Novos organisada por José Pacheco. O aspecto da sala da «Garrett.» — — — —

O artista interessante e moderno que é o sr. Lugné Poe devia ter tido ontem, na sala do Garrett, a impressão de que Portugal não é feliz neste aquilo que se julga em Paris. Quando uma cidade, dum paiz afastado e pequeno, atrazado e pobre, como Portugal, consegue ser tão acolhedora, tão expontanea, tão amavel, ela ha-de fatalmente deixar de si, nos estrangeiros uma perduravel impressão.

Muitos dos nossos artistas modernos, pensaram, em dedicar uma comida ao artista francez, cuja cultura e cujo instinto de arte tanto tem patrocinado as correntes novas e originais—e, manda a verdade que se diga que o fizeram duma forma galharda e brilhante.

Mais talvez de 50 convivas, ceavam ontem na elegante sala do Garrett, e muitas dezenas de espectadores, daqueles anonimos elegantes que acompanham sempre os que se evidenciam, foram tambem, por elegancia do ultimo ceur ao mesmo «restaurante».

Nos brindes que coroaram aquela [illegible] noite para a mocidade portugueza do pensamento e da arte, evidenciou-se Almada Negreiros, o desenhador admiravel e o escritor que Lisboa, desconfiada, surpreendida, [illegible] acompanhado, mais por instinto que por educação, na sua accidentada extraordinaria carreira.

Realmente, José Almada Negreiros, mercendo a sua atitude de intransigencia, de desafiante sinceridade,—que só revela um temperamento nobre e honesto, tem conseguido, com firmeza e pouco a pouco adeptos entusiasticos e pessoas, que conscientemente o admiram e procuram compreendê-lo.

Aproveitou hoje pôr em foco essa personalidade de artista, fora de toda a escola, mas em que se sentem no entanto tantas influencias das correntes recentissimas de Paris e Berlim.

Tomando no desenho o «expressionismo» um pouco a Picasso ou pouco á maneira [illegible], Almada, que fora o principio o elegante desenhador de aguarelas efeminadas a Valentine Gross, sacudiu a poeira das tradições, e seguindo uma rota independente, tem-nos dado, numa maravilhosa colecção de desenhos uma obra moderna que nos honra.

Ele foi ontem, na ceia de Lugné Poe um explendido embaixador da arte e da intelectualidade portugueza, e prestou ao bom nome de Portugal no extrangeiro um serviço mais importante que alguns mezes de almoços oficios e notas da nossa legação de Paris.

A «smoking», com um enorme barrete vermelho e verde de campino sobre o ombro, de pé, sobre uma cadeira, Almada Negreiros, tinha o quer que fosse dessa audacia genial que permitiu a mestre Gil, em plena côrte de D. Manuel, entrar, saudar, e [illegible] em versos que corriam só nobres criticavam os mesmos que o ouviam.

«Les portugais se sont les seuls hommes qui peuvent faire battre nos portugais», disse o poeta, com aquela ingenuidade elegante de sua [illegible].

Lugné Poe, ouviu-o atentamente, sem o mais leve sorriso, sem a minima contracção.

Foi essa a melhor recompensa para Almada Negreiros—esse grande artista que Lisboa ainda não aprendeu a tomar a serio—esse artista enorme que ontem foi para o bom nome de Portugal no extrangeiro, mais util e mais importante que alguns mezes de [illegible] oficios e notas da legação de Paris.

Antonio Ferro, o escritor que a moderna geração mais pôz em evidencia fez tambem, um belo brinde, e com a elegancia da sua palavra de poeta e de artista uma original [illegible]. Por fim Lugné Poe, uma [illegible] do impressionado fala, agradeceu e fez sobre a arte da França e [illegible] afirmações interessantes e arrojadas.

Por momentos aquele «restaurant» [illegible] da garrett love, o brilho e a distinção de certos recantos de [illegible]. Esther Leão, elegantissima, Maria Sampaio com uma «toilette» [illegible] simplicidade encantadora, D. Maria Fernandes de Castro, de negro, D. Maria Teles, em peles sumptuosas—davam o ambiente aquele [illegible] dispensavel—que era dos paredes [illegible] [illegible] e a ternura das espectadoras francesas e oficial nobre [illegible] das do imperatriz.

• • •

Atendendo a uma petição da Confederação Nacional Escolar, integrada pelos estudantes catolicos e patrocinada pelo rei, o ministro da Instrução Publica espanhola instituiu por decreto de vinte e um de fevereiro ultimo a festa do Estudante, fixando para a sua celebração neste ano e nos seguintes o dia 7 de março, dia da festividade de S. Tomaz d'Aquino. A União Geral dos Estudantes protestou contra a ingerencia dos elementos catolicos que, segundo afirma um manifesto, a festa devia ter sido resolvida por todos os estudantes de Espanha, sem distinção de ideias nem de crenças. Protestaram tambem contra o decreto e pediram a intervenção do conselho universitario que tornou publico o seu acordo com os estudantes.

A atitude da maioria dos estudantes espanhois, apoiada pelo Conselho Universitario, é contraria á decisão do ministro.

Varios arqueologos que teem examinado os retratos de S. Pedro e de S. Paulo que foram descobertos numas excavações recentemente feitas em Roma, concordam com a opinião do professor Lauciani de que os retratos foram copiados em vida dos Apostolos.

Será permitido á Alemanha construir aeroplanos de comercio a partir de cinco de maio. A França e a Inglaterra tomaram todas precauções de ordem tecnica para evitar que sobre o pretexto da construção de aeroplanos comerciais se construam aeroplanos de guerra.

A imprensa alemã mostra-se receosa do que aumento extraordinariamente os preços dos alojamentos dos hoteis e o preço dos generos de primeira necessidade devido a que os escritorios de turismo Stock de New York anunciam a proxima chegada a Alemanha de cerca de tres mil americanos que veem visitar este verão as estancias de aguas e os sanatorios de [illegible].

O dr. Martin, o distinto medico de Boston, numa conferencia na escola de Tecnologia dessa cidade, disse que atribuiu o prazer que todo o irlandez tinha em combater [illegible]. As suas refeições consistem geralmente de «ragout» irlandez, manteiga e ovos. O «ragout» irlandez, disse o dr. Martin, tem muito pouca carne e muitos vegetais. A Irlanda alimenta-se principalmente de batatas, leite e manteiga, exportando a carne e os ovos para Inglaterra. Ora estes artigos, afirma o dr. Martin, teem uma acção fundamental na formação do caracter inglez, sendo portanto um ponto para ponderação se o antagonismo entre a Irlanda e a Inglaterra não será devido á alimentação diferente adoptada nos dois lados do Canal da Irlanda.

Tem ultimamente tomado vulto os rumores que correm na «bourse» em New York de que está eminente uma nova baixa de preços no petroleo em bruto. A baixa prevista deve-se aos conhecimentos abundantes que teem saido ultimamente do novo poço do Mexica Fields, em Texas. O preço do petroleo em bruto na altura do [illegible] ser o vinte e cinco cents e a produção diaria de vinte mil barris [illegible].

Calcula-se que pode vender o petroleo do «Mexica Fields» por dois dollars e 5 cents em Filadelfia, B[illegible] e Charleston.—(L. A. n.)

E' de vinte e cinco mil dollars a indemnisação que a enfermeira Miss Burkhardt reclama ao dr. Mitchell nos tribunais de Chicago, por lhe ter dado um beijo. A queixosa estava cursando as classes dos Deaconess Hospital quando o dr. a agarrou inesperadamente e a beijou, alegando agora que teve de deixar o hospital e perder a situação que tinha por causa do escandalo. O sr. Mitchell declarou que não se lembrava de ter praticado o acto que lhe é atribuido.

Projecta-se a construção de um hotel em New York com uma egreja anexa e no qual será expressamente proibido a dança e o jogo. Os proprietarios dizem que o fim principal é fornecer um ponto de reunião sadio e moralisador aos adeptos de todas as egrejas e seitas religiosas. O hotel terá 17 andares e uma grande sala de banquetes e outros meios de distracção, mas estes, assim como a lista dos convidados estarão sujeitos a uma apertada censura. Haverá igualmente uma rigorosa vigilancia sobre os hospedes do hotel para assegurar a conservação duma boa moralidade.

Miss Roberta Morgan declarou que emprestou ao principe Gamburno de Wied cento e vinte e cinco mil dollars antes de este ter abandonado o trono da Albania, quando houve uma revolta popular, e vai a caminho de Washington pedir ao ministro do [illegible] que a ajude em recobrar o seu dinheiro. Miss Morgan que é filha de um dos magnates do caminho de ferro, emprestou essa quantia ao principe de Wied pouco antes de ser coroado com a condição de se saldar a divida depois de ter ocupado o trono um ano. A credora diz que nada recebeu e diz que não consegue que se avistasse com o principe ou com o seu representante.

Os milicianos e o Ministerio da Guerra:—Entra em scena o Major Evangelista!..

Façamos, em primeiro logar, uma simples narrativa, destinada a tornar compreensivel a reclamação de «A Capital».

A lei n.º 7823 regula a entrada dos milicianos no Exercito. Depois de publicada, foram apresentadas ao Parlamento dois aditamentos: um do sr. Alvaro de Castro, abrindo as fileiras do Exercito aos oficiais que tomaram parte no movimento de Santarem, outro do sr. Antonio Maia dando a mesma faculdade aos oficiais milicianos da Aviação. E' natural que estes dois aditamentos sejam aprovados pelo Congresso, ficando então completa a lei n.º 7823.

Para dar execução a esta lei, expediu o Ministerio da Guerra uma circular afim de que a uma comissão especial dirigissem os interessados os seus requerimentos, sobre os quais incidiria, mais tarde e conforme a informação, a deliberação final do Ministro da Guerra.

Agora, em segundo logar, o nosso comentario.

E' estranho que, para execução duma lei, seja preciso requerê-la. Desde que existe a lei, a função ministerial devia limitar-se á função burocratica de saber, pelas repartições, quais os oficiais nas condições de serem por ela beneficiados. A invenção da comissão é, pois, uma excrescencia extra-legal, onde se vê, nitidamente gravada a impressão digital do nosso simbolico Major Evangelista.

Em todo o caso, a comissão podia limitar-se a desempenhar a tal função burocratica, tendo então a justificar a sua existencia um excesso de escrupulo da parte do ministro. Assim não acontece, porem. E é nesse ponto que o Major Evangelista, incorrigivel complicador das coisas mais simples, manifesta o seu brilhantetelento.

A circular não reconhece, como bons serviços, o republicanismo dos oficiais milicianos que não reconheceram as juntas militares que antecederam e prepararam os movimentos monarquicos do norte, nem daqueles que, não tendo ocasião de se bater, expressamente repudiaram a restauração e como tal sofreram os agruras do carcere militar.

Para o simpatico major Evangelista, o ser republicano e como tal ter sempre procedido, não é de atender em materia de bons serviços. Tal doutrina briga, a nosso ver, com aquele espirito de sacrificio que sempre animou e anima o general Barreto, que não é correligionario do major Evangelista. Nem correligionario nem admirador!

Mas ha ainda outro caso curioso. Os oficiais requerem, estando na fileira: se a petição é indeferida, vão-se embora; mas se é deferida, não lho comunicam. De modo que eles vivem na incerteza de serem ou não gratos á Republica, o que vexa os que são sinceramente republicanos e concorre para o desprestigio de todos e geral indisciplina. Admitimos que o major Evangelista não compreenda isto, mas repugna-nos acreditar que o general Barreto não queira emendar, quanto antes, uma «gaffe» cuja responsabilidade lhe não pode imediatamente ser imputada.

Fazem-se tambem consultas á Procuradoria Geral da Republica.

Chegou-se a perguntar se isto ou aquilo é ou não é constitucional. Que dubio tem a Procuradoria Geral da Republica com isso? Quem julga da constitucionalidade ou inconstitucionalidade das leis é o Parlamento e, em certos casos, o Poder Judicial. Terá e a Procuradoria Geral da Republica em arbitro de tão delicada questão a contribuir, (se a Procuradoria se prestar ao papel) para a subversão dos bons principios e a inoculação da desorganisação geral do estado.

Esta ideia de consultar a Procuradoria Geral da Republica é do major Evangelista, com certeza. Ele poz isso num papel qualquer, que foi apresentado ao sr. Vitorino Guimarães, quando era ministro das Finanças. O sr. Vitorino Guimarães mandou o papel á Procuradoria. E esta, segundo nos consta, respondeu que nada tinha com o aspecto constitucional das leis. Respondeu bem, é claro. Mas o sr. Portugal Durão, agora á frente das Finanças da Republica, repetiu recentemente a consulta.

Não é possivel compreender para quê. A não ser que se pretenda estragar papel, tornando ainda mais dificil a crise da carestia que já nos aflige, e não pouco.

Esperamos que estas considerações exerçam influencia no animo esclarecido do sr. ministro da guerra, que vai resolver conforme fôr legal e justo,—mesmo que a isso se oponha o major Evangelista.

Livro util

«Baldios», pelo dr. Orlando Marçal

Um dos espiritos mais brilhantes da moderna geração intelectual, que tão alto se tem evidenciado como escritor elegante e de largos recursos, é por certo o sr. dr. Orlando Marçal que vem de publicar, em segunda edição, o seu valioso trabalho de direito, «Os Baldios».

Se na arte literaria marcou orgulhante lugar com algumas encantadoras obras, em prosa e verso, e se como psicologo-criminalista ainda não ha muito chamou as atenções dos criticos ácerca dum estudo no genero que fez sucesso e ao qual com justiça nos referimos, com o presente volume «Os Baldios» destaca-se como um jurisconsulto de provada competencia, para quem o manejo das leis não tem dificuldades e que sabe interpretar, com argucia e com logica, os mais complicados textos judiciais.

Este livro, escrito numa linguagem clara e atraente, representa um valioso repositorio de conhecimentos proveitosos sobre a materia de que trata, pois descreve e analisa com mão de mestre as origens e evolução da propriedade de logradouro comum conseguindo firmar doutrina no fôro de que é ornamento ilustre.

Nisto consiste o maior titulo de gloria para quem, como o sr. Orlando Marçal, que sinceramente felicitamos pelo seu primoroso livro, sabe aproveitar o tempo honrando o paiz com o seu apreciavel esforço intelectual.

Dr. Pedro Martins

Segue amanhã para o Porto com demora o sr. dr. Pedro Martins, nosso ministro junto do Vaticano.

Uma lua de mel ...excentrica

LONDRES, 10. — Devem partir brevemente para Lisboa o coronel Statham e sua esposa, que em viagem de nupcias vão fazer a travessia da Africa.

Os viajantes tencionam embarcar num vapor portuguez em Lisboa, para Mossamedes, na provincia de Angola, e seguirem dali para Lubango, onde começará a travessia de Angola, num carro de bois, até Victoria Falls, seguindo depois para Rodhesia e atravez da provincia de Moçambique até á costa.

Mrs. Statham será a primeira branca que fará a travessia do continente negro, de costa a costa.

O coronel Statham é um africanista conhecido assim como um celebre caçador de feras.

A partida de Lubango está marcada para o começo de junho, esperando os viajantes chegar a Victoria Falls no mez de outubro.

Devido á natureza do terreno é provavel que o trajecto dos ultimos 100 kilometros até Victoria Falls seja feito a pé.—(Lat. Am.)

A proposito da tragedia de Serrazes

Ainda o protesto do sr. dr. Cunha e Costa

Ao contrario do que se disse, não é verdade que a nossa colega sr.ª D. Virginia Quaresma tivesse chegado a ser processada, em virtude do julgamento do crime de Serrazes, em S. Pedro do Sul. A nossa colega, contra quem o sr. dr. Cunha e Costa proferiu um violento protesto, que a todos tem merecido a mais energica reprovação, foi apenas, por tal motivo, vagamente indicada para ser processada, como se virá a esclarecer a seu tempo.

A sr.ª D. Virginia Quaresma tem continuado a assistir, na bancada da imprensa, a todas as audiencias, tendo recebido convite de varios jornais de Lisboa para a inserção neles das suas notas e impressões, ao que se tem reservadamente recusado.

Em volta do novo governo espanhol

O que diz Melquiadez Alvarez

MADRID, 11.—O sr. Melquiades Alvarez, chefe dos reformistas, declarou que é preciso terminar esta especie de monopolio do poder em beneficio das direitas.

Acrescentou que é preciso entregar o governo ás esquerdas que farão uma ampla politica liberal, baseada no restabelecimento da normalidade constitucional, a qual é uma garantia para os cidadãos e produzirá dentro e fóra de Espanha os efeitos consequentes.—(Lat. Am.)

LEIA NA 2.ª PAGINA:

ANTIQUALHAS HISTORICAS

pelo prof. Ladislau Batalha

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por LADISLAU BATALHA

Antagonismos Profissionais

OS INICIOS HISTORICOS DA NOSSA DECADENCIA VEEM DOS FINS DO SECULO XVI—SÁ DE MIRANDA, ALOYSIA SYGEA E A SATYRA SOTADICA—FALA ANTONIO VIEIRA— CONCLUSÕES

A submissão ao jugo da então poderosa Espanha foi para nós o inicio da mais deploravel decadencia maritima. Os segredos do nosso astrolabio estavam desvendados; a demonstração da nossa fraqueza fôra feita.

Por 1584, os inglezes alongavam-se até á America do Norte, onde se fixaram. Poucos anos depois (1591) investiam-nos com o Brazil, saqueavam-nos Santos, S. Vicente, Espirito Santo e outras provincias.

Não tardou muito que de Londres saísse uma nova expedição naval de mercadores, capitaneados por um Lencastre (1595), a saquear Pernambuco, onde nos aprisionaram um comboio de mar, com cujas mercadorias abarrotaram os seus porões.

A viagem de circumnavegação, emprehendida por Fernão de Magalhães, fôra o inicio da expansão mundial, que, embora á nossa custa, garantiu a victoria definitiva do Livre-Exame e veiu completar a obra da Renascença, ampliando-a com a contemplação e estudo dos novos climas, novas terras, novas floras e novas faunas, novos usos e novas linguas.

A viagem de Fernão de Magalhães, além de ter sortido os seus efeitos no mundo da navegação e da astronomia, despertou o interesse de muitos outros esclarecimentos necessarios á sciencia que desabrochava em novos moldes de orientação.

Já a caminho do fim do seculo, inglezes e holandezes, numa furia de investigação e pesquiza, arremessaram-se aos mares, vinculando para sempre em viagens arrojadas de circumnavegação, os nomes de Drake, Candish, Hoort, Huppon e outros que, seguindo na esteira de Magalhães, precederam os modernos Dampier, Anson, Bougainville, Cook, por não falar nos mais recentes.

Fôra-se-nos o sceptro da opressão, dissipara-se-nos o sonho quimerico do Quinto Imperio; mas, embora com sacrificio da nossa propria existencia, salvara-se uma civilisação que despontara com a Renascença e se desenvolvera com as victorias da Reforma.

Esse belo despertar da cultura estetica pela contemplação da arte antiga e da literatura classica greco-romana, permitiu que entre nós e lá por fóra os novos prelos gemessem na reprodução das viagens do veneziano Marco Polo (1496), das obras de Aristoteles e Platão, Demostenes e Hypocrates, Cicero, Machiavel, Tasso e Ariosto.

Por 1572 publicavam-se os *Lusiadas*, de Luiz de Camões, dezasete anos mais tarde ignominiosamente parodiados no *Poema Bacchanal*, por uns estudantes da Universidade de Evora, valentões pedantes, cujos nomes a Historia regista com vergonha, para escarmento tradicional e atestado autentico de quanto entre nós a consciencia de autonomia chegara a estar perdida. (1)

A decadencia principiara a revelar-se no periodo mesmo da nossa maior prosperidade aparente.

Sá de Miranda, que regressara do estrangeiro já influenciado pelas novas idéas, numa elegia ao falecido principe D. João, filho de D. João III, diz amargamente:

«Idade pouco ha de ouro, hoje de ferro,
«O grande e rico re no Lusitano
«Em tão pequeno espaço hoje tão pobre.»

Entre os muitos escritores venerandos com que a Renascença entre nós se afirmou, figura o sempre glorioso mas esquecido nome de Aloysia Sygêa, natural de Toledo.

Esta mulher por todos os motivos ilustre, conhecedora de latim, grego, hebraico, arabe e siriaco, além do espanhol, italiano e francês, mereceu das Universidades estrangeiras o epiteto de «Minerva» do seu seculo.

Pelas suas virtudes, austeridade de principios e muito saber, aos treze anos foi preceptora da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel e de D. Leonor de Austria, irmã de Carlos V.

Nenhum dêstes titulos, porém, impediu que lhe fosse ignominiosa e falsamente atribuida uma poesia, de nome — «Satyra Sotadica» — do genero obsceno e bestial, escrita em dialogo, onde cinicamente se expunham os misterios da mais repugnante lubricidade. (2)

França e Alemanha indignaram-se com tão abjecta insinuação; mas a crapula chegara entre nós á ultima degradação, e Aloysia Sigêa, deshonrada e perdida pela calunia, caiu na miseria e no abandono, tão pobre, que já nem poderia regressar a Burgos, de que era propria muito se [illegible].

A identica [illegible] deixámos chegar o [illegible] Português cantor dos *Luzeadas* [illegible] Espanha [illegible] dos [illegible] que nos [illegible] saber [illegible] sorte [illegible] Miguel de Cervantes Saavedra que, preso por dividas e perseguido [illegible] na mais profunda miseria depois de ter feito a gloria da sua patria ao vibrar o golpe decisivo na *Cavalaria Andante* com o seu famoso, nunca esquecido *D. Quixote de la Mancha*.

A [illegible] do seculo seguinte escrevia o padre Antonio Vieira, em carta a D. Rodrigo de Menezes, palavras de amargo [illegible] [illegible] o [illegible] que nos [illegible]:

«Portugal [illegible] está no [illegible] que nunca [illegible] a maior miseria [illegible] e a [illegible] a nossa mal entendida paz. Já me contentara que fôramos a segunda Galiza em segurança.»

Na mesma carta revela-nos a triste situação a que nos vimos reduzidos apos o chamado apogeu de gloria, em frases que, embora escritas no seculo XVII, são inteiramente aplicaveis ao nosso actual momento politico:

— «Não quero que sejamos ricos, dizia o Bossuet português, quero sómente que conheçamos a nossa fraqueza e o nosso evidente perigo, e que tratemos de prevenir o precisamente necessario para conservar a liberdade, o reino e as conquistas (colonias), e, suposto que estamos conhecendo e padecendo com tantos descreditos a impossibilidade dos quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa, porque não nos habemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares e dos nossos comercios, em que Deus nos melhorou e avantajou ás nações do mundo?»

Toda esta carta é preciosa de revelações ácêrca dos usos e costumes depravados a que nos tinham conduzido os desvarios do seculo anterior, ao mesmo tempo que nos mostra que já no seculo XVII houve quem com sobeja autoridade nos aconselhasse em relação aos dominios ultramarinos aquilo que, decorridos quasi trezentos anos ainda não soubemos nem fomos capazes de realizar.

— «Torna Vossa Senhoria a me dizer (escrevia Antonio Vieira) que não ha cabedal, e eu torno a dizer a Vossa Senhoria que sim, ha, porque o pode haver, e, deixados os meios que estão das portas a dentro e queremos deitar fóra, tudo o que vier das conquistas (colonias) gaste-se nelas, e faça S. A. conta que não vieram naús da India nem frotas, ou que se perderam, como tantas vezes se teem perdido, e se gritarem os interessados, trate-os S. A. como loucos, pois não entendem que se lhes tira um interesse menor para se lhes dar outro maior e lh'o conservar para sempre.

«Não é vergonha que se diga pelo mundo que, para El-rei de Portugal pagar um correio, é necessario que se vá pedir emprestado á Rua Nova?» — pergunta o grande orador indignado.

Em carta ao Padre Gaspar Ribeiro o mesmo Vieira informa, tomado de amargor:

— «Entram e saem muitos navios (no Tejo), mas nenhum com as nossas bandeiras; vemos rebentar os cachopos sem medo, porque já em logar das naus da India não temos mais que barcos de pescadores que andam por cima dellas.»

Já em 1671 êle dizia o que actualmente com grande propriedade poderiamos repetir:

— «A forma monstruosa do nosso governo cada dia para novos monstros.»

Contudo, e a despeito de tão grandes desastres que ainda até hoje não mais foi possivel sanar, é inegavel que as grandes navegações iniciadas pelos portuguezes foram a determinante do aproveitamento de toda a obra estetica do seculo anterior, depois estensiva á sciencia pelo criterio experimentalista que só os nossos empreendimentos maritimos tornaram possivel e eficaz.

Ainda mesmo quando fizemos obra reaccionaria, servimos inconscientemente a sciencia. A filologia, por exemplo, despontou no seculo XVI. Deram-lhe principio os nossos Missionarios Jesuitas que estudaram todas as linguas indigenas em que iam traduzindo o Padre Nosso e Ave-Maria com meros intuitos de catechese e proselitismo.

O facto da circumdução do mundo por Magalhães, no mesmo tempo que gerava uma revolução nas concepções astronomicas, veiu determinar o espirito critico por que o seu seculo se assinalou, nos seus aspectos teologicos e humanistas, sem os quais teriam sido impossiveis as sinteses bacaniana e cartesiana do seculo imediato, fonte e origem necessaria de todos os assombros do progresso actual.

Assim se verifica como êste maravilhoso organismo que se chama a Sociedade humana — tem corpo, tem vida e tem inteligencia colectiva, adoptando automaticamente todas as resoluções que mais convéem á sua conservação e ao seu engrandecimento, embora á custa de certos sacrificios ás vezes bem dolorosos.

A nossa derrota material no seculo XVI deverá representar no tribunal da Historia o preço glorioso por que pagamos a victoria da civilização e do progresso na luta contra o espirito da Liberdade e do Livre Exame.

(1) Dr. Manoel do Valle, Bartholameu Varella, Luiz Mendes de Vasconcellos e Licenceado Manoel Luiz.

(2) A obra chamava-se «Aloysiae Sigeae Toletanae Satyra Sotadica.»

Teve muitas edições e [illegible] a Europa ilustrada. Pode a questão seguir-se na obra — «Aloysia Sygea et Nicolas Chaviere» por M. P. Allut, Lyon 1862.

A publicidade dos jornais

Como a entende o sr. Antonio Santos

A edição da noite de um jornal do Porto publica, num dos seus ultimos numeros, uma carta da autoria do sr. Antonio Santos, director de uma agencia de publicidade, que a proposito da publicidade da Exposição do Rio de Janeiro, conta pontos de vista verdadeiramente admiraveis!

Assim aquele senhor é de opinião que se tivesse aberto para tal efeito um concurso, por meio de anuncios aos jornais (sic), por artigos, entrevistas, ecaltos, e diabo a quatro, expondo-se assim os jornais ao ridiculo de serem leiloados—e até por individuos que absolutamente estranhos são ás empresas proprietarias dos mesmos jornais. Estú a ver-se o quadro interessante que terá os directores e proprietarios dos jornais, de bocca aberta, esterrecidos, a procurar divisar nos horizontes baralhados onde paravam as modas!...

Parece-nos poder declarar ao sr. Antonio Santos que a maioria das empresas jornalisticas nunca consentiram nem jámais consentirão,—como nunca o consentiram jornais alguns do mundo,—que tal espetaculo deprimente possa dar-se.

Em volta da conferencia de Genova

As reparações não serão discutidas

BERLIM, 11.—Depois da conferencia entre Lloyd George e Poincaré desvaneceram-se nos circulos politicos alemães as esperanças de discutir em Genova a questão das reparações.

Rathenau declarou á comissão principal do Reichstag que a unica politica sensata é pagar a Alemanha as reparações até ao ultimo limite das suas disponibilidades. Crê que se hão de ainda celebrar muitas conferencias alem da de Genova. Acrescentou que estão preparadas as coisas para discutir em Genova as questões economicas fundamentais e pode esperar-se que a paz mundial seja um facto. Mostrou-se partidario dum grande emprestimo com o auxilio dos Estados capitalistas da Europa e que a intervenção dos Estados Unidos ajudaria muito a solução da questão europeia.—(Lat. Am.)

O que diz Trotskey

LONDRES, 11.—Trotsky declarou num recente discurso que julga necessario efectuar um pedido de material de guerra do valor de 160.000 libras esterlinas antes da celebração da conferencia de Genova.—(Lat-Am.)

A viagem do principe de Galles

BOMBAIM, 11.—O principe de Galles terminou a sua visita á fronteira do noroeste fazendo uma longa excursão em automovel pelo desfiladeiro de Malakand onde esteve quasi a ser testemunha duma escaramuça entre duas tribus que se estava travando a duas milhas dos nossos postos avançados.

Como ambos os contendores estivessem desejosos de ver o principe fez-se um armisticio de 24 horas para esse fim e o chefe duma das tribus teve depois que atravessar o territorio da outra mas recusou-se orgulhosamente a receber qualquer auxilio nosso.—(R.)

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pela sr.ª D. Francisca Brito e seu esposo Mateo Benito Garcia foi pedida em casamento, para seu filho o sr. David Brito Garcia, Melle. Maria del Consuelo Fernandes Mera, filha de Mme. Maria Guadalupe Fernandes Mera e do sr. José Alvaro Mera, este já falecido.

O enlace realisar-se-ha no proximo mez de Abril.

Caixa Geral de Depositos

Caixa Economica Portugueza

O movimento de depositos da Caixa Economica Portugueza durante o mez de Fevereiro ultimo foi de 74.436.128$[illegible] e [illegible] 41.157.175$76 de entradas e [illegible] de saidas donde resulta uma diferença para mais de 4.373.[illegible]$[illegible] que adicionada ao saldo em 31 de Janeiro perfaz em 28 de Fevereiro o de 168 373 388$88.

Um missionario exemplar

Da revista «Missões de Angola e Congo», de Março de 1922, extraímos o seguinte:

«Naquele tempo, ainda S. Tomé era, se pode dizer, desconhecido para esta gente, porque o governador não era de molde a permitir no seu condado essas caçadas vergonhosas de serviçais para aquela ilha. Ele mesmo e o seu distrito eram os primeiros a gozar daquela boa disciplina, porque tinha sempre á mão os homens precisos para transporte de cargas ou serviços de feitorias. Uma viagem de 15 dias ou trabalho de 3 meses, conscienciosamente retribuidos, não custavam, e voltavam contentes para as suas sanzalas. Hoje, porém, já não é assim, porque aquele bom homem morreu e os seus subordinados sofreram a má sorte de muitos outros de Angola. O Bondo e muitas outras tribus estão despovoadas. Por isso, a população de Angola não se deve hoje avaliar pela extensão do seu territorio nem pela sua exuberante fertilidade, nem tão pouco pelas estatisticas geograficas. Um missionario cansa-se, percorrendo léguas e léguas á procura de almas que eu, na Europa, comparava ás que, famintas, escutavam na Judeia o Divino Mestre. A nossa alma desfalece para encontrar dispersas, muito longe umas das outras, algumas pequenas sanzalas, ou povos, de 4, 6, quando muito de 15 choupanas derruidas e habitadas por velhos, mulheres e alguma criança.

Será isto verdade? Vejamos. Dos documentos apresentados á Sociedade das Nações e extraídos dos relatorios do Curador de S. Tomé e *Boletim Oficial*, resulta que de 1915 a 1920 seguiram para S. Tomé e Principe 21.587 indigenas e foram repatriados 9.084. A percentagem da mortalidade é de 3 por cento aproximadamente, o que, aliás, não deve admirar em climas tropicais, porque em Lisboa é de 2,4 por cento. Podemos, pois, calcular que morreram 1.300 indigenas, o que faz com que dos 21.586 trabalhadores contractados naquele largo periodo só estejam em S. Tomé ainda 11.203 indigenas. Isto quere dizer que proximamente metade dos pretos que foram para S. Tomé e Principe foram repatriados e que a outra metade se recontractou. Em vista da exposição feita pelo Governo português, dos relatorios dos consules britanicos e da maneira como o Curador Geral, dr. A. de Aguiar, curava os interesses dos indigenas, a Sociedade das Nações e as sociedades que até agora mais nos atacavam reconheceram a nossa boa fé e desejo de evitar quaisquer abusos e violencias contra os indigenas.

Angola tem, pelo menos, 5 milhões de habitantes, muito mais que Moçambique, que é quem ultimamente forneceu mais mão de obra a S. Tomé e fornece 30.000 a 40.000 pretos por ano ás minas de ouro.

As asserções, pois, do missionario Padre L. Cancella são falsas e tendenciosas, propositadamente publicadas para prejudicar a Republica e o paiz. Porque Angola, com 5 milhões de habitantes, forneceu 11.000 pretos para S. Tomé em 6 anos, ou menos de 2.000 por ano, está despovoada! Já é rancor e ódio ás instituições — esquecendo que lá fora temos inimigos sempre prontos a explorar até as mentiras e falsidades.»

Em vista do seu bom e patriotico artigo, recomendamos ao sr. ministro das Colonias êste benemerito missionario português, que talvez se ande a estas horas queixando de que o seu vencimento é pequeno.

Banco de Portugal

Dividendo de 15 %

Tendo sido indeferido o pedido de «suspensão» das deliberações da Assembleia Geral ordinaria de 27 do mez ultimo, por douta sentença do M.mo Juiz da segunda vara do Tribunal do Comercio de Lisboa, continua o pagamento do dividendo complementar do ano findo, fixado naquela Assembleia, como fôra anunciado e estava em execução, interrompida por aquela pretensão do accionista, sr. Jeronimo de Serpa Chambel Quaresma, constante do seu infundado protesto.

Lisboa, 11 de Março de 1922.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

(a) *J. Mota Gomes Junior*

(a) *A. Cerqueira*

A luta em Marrocos

Os mouros atacaram ontem com grande violencia

MELILLA, 11.—Ontem os mouros atacaram com grande violencia chegando até ás trincheiras. O batalhão do regimento de Alava fez descargas cerradas, portando-se com grande heroismo e chegando á luta corpo a corpo. Intervieram depois os auto blindados e as baterias que romperam fogo contra o inimigo, causando-lhe muitas baixas.

Morreu o comandante do regimento de Alava, Manuel Gomez Ortega, dois soldados e houve 21 feridos.—(R.)

Berenguer vai demitir-se?

MADRID, 11.—Corre o boato que o general Berenguer vai demitir-se. Os addidos militares que regressaram de Marrocos cumprimentaram o rei.—(R.)

A Provincia na "Capital,"

ALMADA, 9 — Na sessão da comissão executiva da Camara Municipal dêste concelho, realizada ontem á noite, a que compareceram os vereadores Alfredo Simões Pimenta, presidente, Mario Cardoso Marques, Raul Flores, Cassiano Baptista da Silva e Manuel Parada, êste senhor submeteu á apreciação dos seus colegas uma proposta concebida nos seguintes termos:

«Considerando que uma quarta parte dos vereadores desta Camara, no uso de um direito que a lei lhes confere, entendeu por bem requerer a convocação desta mesma Camara, para, em sessão plenaria, eleger nova comissão executiva, considerando que o sr. presidente da comissão executiva entendeu, de seu motu-proprio, oficiar a um dos requerentes negando-lhe o direito de continuar a tomar assento nesta Camara, não reconhecendo assim legalidade no requerimento apresentado; considerando que, não obstante o sr. presidente da comissão executiva ter do facto dado conhecimento ao sr. presidente da Camara, convocada para o dia 24 de Fevereiro findo, para o fim requerido, não poude reunir por falta de numero; considerando, porém, que apos a saida dos Paços do concelho dos vereadores que compareceram se deram certos factos que constituem um pessimo precedente; considerando que a imprensa periodica da capital, ao noticiar esses mesmos factos o fez em termos que põem em duvida a honorabilidade desta comissão executiva no que respeita a administração municipal, proponho: 1.º Que na acta desta sessão fique exarado um voto de veemente protesto contra as agressões de que foram vitimas no dia 24 do mês findo alguns membros desta Camara. 2.º — Que esta comissão executiva faça convocar uma sessão plenaria, dentro do mais curto prazo, para que os seus actos sejam devidamente apreciados e nomeada uma comissão que proceda ao exame das suas contas. 3.º — Que se dêem como improcedentes os oficios dirigidos ao vereador Gil Cornelio Gonçalves e presidente da Camara em 17 do mês passado, e ao ministro da Guerra em 2 do corrente mês. 4.º Que pela presidencia da comissão executiva seja garantido o maximo respeito pelas pessoas e vidas dos vereadores desta Camara, envidando todos os meios ao seu alcance para que de qualquer forma lhes não seja coartado o direito de livremente reunirem nesta Camara. 5.º — Que desta proposta se dê imediato conhecimento ao sr. presidente da Camara, bem como do que sobre a mesma se deliberar.»

Posta a proposta á votação, foi apenas aprovado o voto de protesto contra os acontecimentos do dia 24.

Em seguida, o sr. presidente apresentou duas propostas, uma de agradecimento ao povo de Almada pela manifestação de simpatia por êste prestada á comissão executiva no referido dia, e a outra ratificando a sua confiança na atitude havida para com o vereador Gil. Foram aprovadas.

No impedimento dos vogais da comissão, srs. José Custodio Gomes e Manuel Parada, que se ausentaram, foi resolvido chamar os vogais substitutos, srs. Antonio Sergio, Augusto de Macedo e João Rodrigues Lage.

ULTIMA HORA

Ordem Publica

De S. Julião da Barra foram soltos 12 presos

Foi de completa tranquilidade e de absoluto socego o dia de hoje em Lisboa. Não explodiram bombas nem se efectuaram buscas e prisões de individuos conhecidos como agitadores bombistas ou «manobras de greves».

O sr. governador Civil embora estando febril de um ataque de gripe conservou-se durante todo o dia no seu gabinete vendo a lista dos individuos presos ontem de manhã e examinando os seus cadastros.

Dos que seguiram para S. Julião da Barra, 12 vieram de madrugada um camion da G. N. R. para o Governo Civil, sendo entregues á Policia de Defesa Social, que os mandou restituir á liberdade por se apurar que estavam regenerados e não faziam parte de quaisquer grupos de malfeitores.

Tambem já foi solto o tio do Café o Governo o qual fôra preso por nos tempos da Monarquia ser o proprietario do Kiosque «A Bôla do Rocio».

Por este exemplo se vê a fórma como os serviços policiais estão decorrendo. Os cadastros em vigor ainda são os mesmos do tempo do juiz Veiga o que dá em resultado prender-se gente que trabalhou na propaganda republicana. Em compensação quasi que não ha cadastros de jovens sindicalistas nem de bombistas a não ser os que teem sido apanhados com a boca na botija, como é vulgar dizer-se.

Sobre os restantes presos que se encontram em S. Julião da Barra está a P. de D. Social procedendo a averiguações, parecendo certo que os conhecidos como agitadores e os bombistas seguirão para as nossas colonias onde aguardarão julgamento.

Hoje foi preso o agitador do pessoal da carris Manuel Rolo que recolheu a um dos calabouços do Governo Civil.

Dr. Julio Dantas

Na legação de França realisou-se hoje de tarde a cerimonia da entrega da legião de honra ao sr. dr. Julio Dantas.

Ao acto assistiram os srs. ministros da Noruega, o encarregado de negocios da Espanha, o Consul da França e a actriz franceza Pierat.

Dr. Brito Camacho

Volta a dizer-se que regressará a Lisboa em Abril proximo

Nos meios politicos diz-se hoje que o sr. dr. Brito Camacho deve regressar a Lisboa em fins de Abril não voltando o seu pedido a Moçambique desgostoso pela fórma como tem sido politicamente ali colocado em cheque pelos antigos reconstituintes que de ha muito desejam ter como Alto Comissario de Moçambique o sr. dr. Alvaro de Castro.

Mais se afirmava que o sr. dr. Brito Camacho se retirará da politica indo fixar residencia durante algum tempo na Suissa, depois de uma curta demora em Italia.

Leote do Rego

Vai sofrer uma operação

Deu hoje entrada na Casa de Saude das Amoreiras o almirante sr. Leote do Rego que vai ser submetido a uma operação pelo sr. dr. Francisco Gentil.

O sr. Presidente da Republica e o ministro da Marinha mandaram hoje saber do estado do enfermo.

Novamente fazemos ardentes votos pelo rapido restabelecimento do ilustre oficial da nossa armada.

A favor da beneficencia

Os directores do Monumental Club srs. Virgilio Soares e Julio Costa estiveram hoje no Governo Civil a fim de fazerem entrega ao chefe do distrito da quantia de 3.000 escudos referente a uma festa realisada no referido Club a favor da beneficencia.

Como o sr. Governador Civil pelos seus afazeres não podesse receber os comissionados, ficou marcada a entrevista para depois de amanhã.

A gréve dos electricos

Continua no mesmo pé o antipatico movimento do pessoal da Carris de Ferro parecendo que tão cedo se não solucionará o conflito antes se agravará devido a uma provavel solidariedade do pessoal da Construção Civil. A respectiva Federação reuniu hontem sob a presidencia do sr. Carlos dos Santos.

Foi grande a concorrencia, talvez uns mil operarios, tendo usado da palavra o grevista da Carris Manuel Rolo que depois de explicar os motivos da greve afirmou que despedidos os dois camaradas que deram causa ao movimento, mais 300 seriam dispensados pois os seus nomes se acham inscritos no livro negro da Companhia. O orador acusou o Governo e a Federação Patronal de usarem de perseguições afirmando por ultimo que a policia é que arremeçava as bombas.

Por ultimo declarou que todas as classes apoiarão o movimento indo reclamar até ao Governo e ao Parlamento, mas de braços cruzados pois não temem as armas do exercito e da G. N. R. A classe operaria devia pois estar alerta, aguardando o clarim que é o sinal de combate e que todos unidos sómente teem de obedecer ás determinações da C. G. T. a qual determinará qual o caminho a seguir.

As declarações dos grevistas Manuel Rolo foram o breve trecho conhecidos do Governo e dahi a prisão do agitador, conforme referimos em outro logar.

Uma comissão de Metalurgicos esteve hoje de tarde no Governo Civil a solicitar a reabertura do seu sindicato onde como é sabido se acha tambem instalada a séde da Associação do pessoal da Carris. O pedido vai ser deferido, devendo no entanto continuar encerradas as dependencias onde os grevistas teem a sua séde.

José Julio da Costa

O sr. Presidente do Ministerio voltou a instar para que José Julio da Costa, autor da morte do dr. Sidonio Paes seja enviado para o Manicomio Bombarda antes do dia 20 do corrente.

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro da Agricultura não foi hoje á sua secretaria, mas vai amanhã a Santarem visitar a Escola Tecnica Secundaria de Agricultura e a Estação Zootecnica Nacional. Acompanham o sr. Ernesto Navarro os srs. Ernesto de Andrade, seu secretario, Azevedo Gomes, director geral do ensino agricola, e Roque da Silveira, director geral dos serviços pecuarios.

* *

O sr. Ernesto Cannavarro secretario do sr. ministro da Instrução, parte hoje, á noite, para o Porto, de onde regressará depois de amanhã á noite.

* * *

Uma comissão de operarios do Arsenal do Exercito conferenciou hoje com o sr. ministro da Guerra sobre interesses da classe.

* * *

Segundo o *Boletim de Sanidade Interna*, apresentado na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 4 do corrente manifestaram-se em Lisboa 7 casos de differia, 11 de febre tifoide e 10 de variola, e no Porto, 0 de differia e 8 de tifo exantematico.

Morto á punhalada

A policia de investigação ainda não tem qualquer pista sobre o crime de que foi vitima o capitão do Ultramar Luiz Ludovico dos Santos Vaquinhas.

Conforme ontem referimos aquele oficial apareceu ontem morto com punhaladas.

Comicio Comunista

Estava anunciado para amanhã um comicio comunista. Não será autorisado nem mesmo os seus organisadores fizeram entrega no governo civil dos documentos exigidos para tais casos.

TEATRO

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO NACIONAL — 3.ª recita da tournée franceza M.me Thereza Pierat — Princesse Georges — *3 actos de Alexandre Dumas (filho).*

Peça

Ha uma *blague* de um humorista cujo nome esqueço, sem ser por mal, que sintetisa o teatro guignolesco á maravilha. A scena representa um local. Todas as scenas representam naturalmente um local. Um homem e uma mulher beijam-se, abraçam-se, estreitam-se em silencio, abre-se a porta do fundo, irrompe intempestivamente um marido — os maridos veem sempre intempestivamente — e com uma pistola dispara dois tiros que matam as duas amorosas criaturas. O homem que vinga a sua honra, baixa-se, contempla os rostos das vitimas e exclama aterrorisado:

— O' Diabo... Enganei-me!

* * *

Alexandre Dumas inventou o *Grand Guignol* com a sua *Princesse George*.

E' um pouco usada a afirmativa, mas não posso acomodar a sua peça noutro genero, senão nas tragedias imprevistas de André de Lorde. A peça, com muitas cãs, ingenua nos processos, prolixa nas frases, nada pode dar de interessante. Os personagens não têm, sequer, uma nota de arte, um atomo de beleza. Não ha sentimentos, não ha senão carpintaria teatral. A mulher traida denuncia ao marido da rival que ela tem um amante. No momento em que, arredando toda a parte moral, todo o amor, o principe, seu marido, num gesto em que nada ha de nobre, de interessante, de belo, a lança ao chão para correr á aventura noturna, os seus sentimentos vacilam, o seu amor covarde, a sua fragilidade feminina revoltam-se contra o laço que armou.

Ha um tiro, o tiro infalivel dos romances e dos dramas do seculo XIX. Entra o marido enganado. Faz justiça. A princeza visiona subitamente a sua culpa; o grito escapa-lhe: *Malheureux!*

Mas, do fundo, frio, impassivel, surge, como do outro mundo, o nosso principe. Quem morreu foi o outro, o amante substituto.

Como na *blague*, houve engano, mas o marido não dá por isso e aquelas alminhas feitas em bandalheira, em lama, caem nos braços um do outro, não se sabe se para o amor fiel, grande e eterno, se para continuar a vida que levaram até ali.

Claramente se distingue todo o objectivo de Dumas: construir essa scena final, em que os personagens entram pela ordem que mais convém aos efeitos desejados pelo dramaturgo. Drama que vive em 24 horas, não consegue um atomo de grandeza nem se presta largamente a um desempenho notavel. Os curtos actos apressadamente desfiados em frente aos nossos olhos tiveram apenas como nota interessante, ainda e só, madame Pierat no papel de *Princeza*.

Desempenho

A sua figura envelheceu ontem. Apareceu mulher, com linha, com altivez, com nobreza no porte. Todas as modalidades do papel, e eram menores do que as das peças anteriores, percorreu-as com talento. Da preocupação visivel no 1.º acto, da *forma* como ouviu narrar a traição do marido, até á expressão violenta, em meia voz, com que faz sair da sua casa a aventureira amorosa, todo o seu detalhe de *mascara* é completo. No final do 2.º acto atinge maior violencia, ao gritar *cherchez*, como mais *dramaticos* são os minutos que finalizam o 3.º acto, e teve em todos êsses lances dramaticos beleza e intenção. A confissão da sua cobardia, o desfalecimento da sua dignidade perante o amor foram marcados superiormente.

Que culpa tinha em que a peça fosse curta, desdentada, velha? Que a sua figura passasse apenas rapidamente em duas horas pela nossa frente?

Lugne Poe nada fez ontem; o seu *Galauson* foi feito quasi sem detalhes, com indiferença.

Camille Bert, no *Monsieur de Terramonds*, tambem pouco teve de fazer, bem como Allain Dhurtal no *Principe*. No entanto, ontem esteve ainda inferior aos dias antecedentes, porque o seu principe era, como Claude, um pouco *gauche* e mal vestido. Das restantes interpretes conseguem passar sem saliencias madame Korensky, perfil de camafeu, exoticismo de linha; madame Chavrel na sua *Valentine* não irritou, e a pequena Marsay disse com esforço e cuidado o seu papelinho de *Rosalie*.

Houve no principio do 2.º acto um quarteto desafinadissimo, caprichando na saliencia berrante das *toilettes* estranhas.

Scenarios

Apenas um. Já dissémos o suficiente nas recitas anteriores.

Os scenarios — Apenas um. Já dissémos o suficiente nas recitas anteriores.

Dizia uma espectadora, quando ás 11 horas recolhia ao automovel: — «Não gosto destas peças... só têm dois intervalos!»

SALÃO FOZ — Giga-joga — revista em dois actos de *Lino Ferreira, Antonio Carneiro e André Brun.*

A peça

A peça ontem estreada no Salão Foz tem, sobretudo, a novidade de ter posto em foco o magnifico poeta que é o sr. Antonio Carneiro. André Brun e Lino Ferreira, um como comediografo distintissimo e humorista duma *verve* muito pessoal, outro como homem de teatro e adaptador e revisteiro de comprovados meritos — estão ambos de ha muito consagrados. A sua obra, estreada ontem, porem, não nos agradou inteiramente, conquanto é claro saibamos bem que a sua função é muito especialmente de bilheteira, e ao publico sem exigencias nem intelectualidade, se dedica.

O acto de comedia pareceu-nos, embora bem achado como dinamico, feito um pouco precipitadamente e ou porque a representação fosse notavelmente fraca, ou porque o defeito estivesse na propria obra, o que é certo é que deu uma impressão pouco viva, arrastada, sem grande interesse.

O melhor acto é sem duvida o ultimo, onde, no quadro em verso o sr. Antonio Carneiro se manifestou mais uma vez um espirituosissimo e facil versejador, manejando a rima com graça e leveza.

E' enfim uma peça, que como é costume dizer-se, com alguns cortes e boa vontade, não deve dar á empreza grande prejuizo.

Desempenho

As honras da noite couberam sem favor a gentilissima rapariga que é Laura Costa. Actriz de revista, com certos recursos, possue sobretudo um delicioso palminho de cara, e um corpo dobil, flexuoso, harmonico, que nessas pequenas rabulas onde a graça fisica é tudo, realça sobremaneira. Não a lisongeamos se dissermos que é hoje a mais linda actriz dos nossos palcos. Sobretudo a que tem um tipo de beleza mais portuguez — esse tipo de beleza do rosto oval, dos olhos verdes, dos ombros miudos, que tão bem fica no palco e que tanta graça tem na rua, nessas costureiritas, que nas manhãs frias, galgam no nevoeiro, as escadas dos «ateliers».

Achamo-la encantadora no «Rato» magnifico costume de Castelo Branco e que lhe fica a matar.

Antonio Gomes, o simpatico Gomes da Trindade, foz com graça o seu «Guarda noturno», e as duas primeiras figuras femininas da companhia, uma cantando bem os fados, outra representando com graça e leveza, deram um conjunto rasoavel. Otelo de Carvalho, conhecido primeiro premio do Conservatorio, teve alguns papeis. Como os ultimos são os primeiros guardamo-lo propositadamente para o fim desta pequena referencia. O Otelo de Carvalho é um actor que dispõe dum fisico gordo e duma certas ideias magras de teatro. Tem uma certa disposição em papeis de natureza comica, dos quais, quando não força a nota, tira partido, indo convelmente. Em coisas a serio, é porem, intoleravel. Aquela tirada de homem de cor cica é simplesmente ridicula. Com «crescendos» e «modelandos» muito antiquados, na dificientissima escola que teve, a sua dição é artificial, sem uma inflexão sentida, penetrada, justa. Só se desculpa por se tratar duma revista que procura explorar o sentimento grosseiro duma plateia sem cultura e sem exigencias.

No «novo rico» já nos pareceu melhor, e ao personagem do ultimo quadro foi tambem muito rasoavelmente.

No «China» para contrabalançar foi agramavel.

Guarda-roupa e scenarios

—Se excluirmos o scenario da drogaria, que é, pela novidade e pela cor, muito interessante e muito imprevisto, tudo o mais é a detestavel «camelote», que os nossos scenografos, aliás com qualidades de trabalho, de inteligencia e de conhecimento do «metier», teimam em nos impigir. Não vale pois a pena falar deles.

O guarda roupa, esse sim.

Daqui um sentido bravo a Castelo Branco, que mais uma vez mostrou ser o admiravel colaborador do teatro que hoje todos reconhecem nele.

Artista por temperamento este homem tem trabalhado com honestidade, fazendo hoje verdadeiros «tours de force» para com a nossa falta de recursos, nos vestir com elegancia e novidade, peças sobre peças.

O ultimo grupo dos jockeys e dos cavalos, faria, por si só, um «costumier».

Se todos os homens que trabalham para o teatro tivessem os conhecimentos e a honestidade de Castelo Branco, estariamos, sem duvida muito melhor.

Daqui pois um grande e incondicional aplauso ao seu trabalho de hontem.

O HOMEM QUE PASSA.

Noticiario

Portugal

A actriz Palmira Bastos vai representar em S. Carlos com a companhia Alves da Cunha.

—De combinação com o emprezario José Loureiro, a companhia do novo Alves da Cunha depois de fazer uma epoca de trez mezes em S. Carlos, irá trabalhar no Porto.

E' já na proxima segunda-feira que se realisa no Politeama a festa artistica da novel actriz Georgina Cordeiro e do consciencioso actor Jorge de Souza, com a ultima representação nesta epoca da engraçada comedia «Amor a quanto obrigas». Vai ser uma encantadora festa em consequencia de nela tomar parte por especial deferencia para com os festejados pela cedencia gentil da Empreza do teatro de S. Luiz os distintos artistas daquele teatro Aldina de Souza e Sales Ribeiro que cantarão romanzas que serão acompanhadas ao piano pelo maestro Cruz Braz.

—Despertou grande interesse no nosso meio a noticia da proxima realisação no teatro de S. Carlos de 4 concertos pela notabilissima Orquestra Filarmonica de Madrid da direcção do grande musico Perez Casas. Ontem primeiro dia da assinatura com preferencia para os assinantes da ultima temporada de opera já ficaram assinados muitos camarotes e cadeiras. Os programas destes concertos todos diferentes, publica-los-hemos dentro de poucos dias.

Continua aberta a assinatura sendo a preferencia dos assinantes só até ao dia 20.

—No teatro Apolo apresenta-se hoje a Companhia Rues com a estreia da revista-fantasia «Belo Sexo», que no Porto obteve o mais brilhante exito.

Pelo que disseram os nossos colegas portuenses, trata-se duma obra deveras espirituosa, muito animada, cheia de colorido, e que é esplendidamente apresentada, pelo desempenho, pelos scenarios e tambem pelo guarda-roupa.

—Entre as peças de grandioso exito, representadas pela Companhia Rues, no Porto, ha uma grande fantasia original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, intitulada «A vida», que á empresa do Apolo conta, tambem, fazer representar em Lisboa.

—E' amanhã que se realisa no Salão Foz a «matinée» promovida pelo orfeon de alunos do Liceu Camões.

—E' a seguinte, a distribuição feminina da peça em 4 actos de Artur Cohen «A vida», que a 18 deste mez vai á scena em S. Carlos:

«Regina», Berta de Bivar; «Paulina», Angela Pinto; «Guida», Maria Emilia; «Maria», Celeste Leitão; «Lina», Izabel Berardi; «Mona», Maria Preto.

—Hoje, em 2.ª recita da assinatura ordinaria representa-se no Nacional a peça de Maurice Maeterlinck «Monna Vanna», tendo a seu cargo a actriz Pierat a parte de protagonista e estando a de «Marco», confiado ao distinto actor Lugné Poe.

A «Monna Vanna» tem a seguinte distribuição:

«Monna», Marie Thereze Pierat, «Guido» Camille Bert, «Prinzivalle», Allain Dhurtal; «Trivulzio», Camille Corney; «Borso», M. Carme; «Torello» Georges Rasni; «Vedio», Mel e Lauray.

—Despede-se amanhã no Nacional a Companhia Franceza dando em «matinée» a 3.ª recita extraordinaria a peça «Amoureuse» de Georges de Porto Riche e á noite, em ultima recita de assinatura ordinaria, «Aimer» de Paul Geraldy. Nessa peça entram apenas trez personagens: Maria Tereza Pierat, no papel de «Helena»; Camille Bert, no papel de «Henry» e Allain Dhurtal no de «Challange».

—Encarregado pelo emprezo do teatro Gil Vicente, que ultimamente tem explorado o genero revista do ano com brilhante resultado, acaba de concluir uma revista em 2 actos e 8 quadros o sr. Aires Pereira da Costa, um dos autores da revista «P'ra frente!...» e autor das «O proto do dia», «Eh! talussa!» e «Ah! seu lezolo».

A nova peça, intitulada «Uhl papão» e cujo compedre é o «Papo-sêco», tem os seguintes quadros: 1.º—De Papusso a Papo-sêco; 2.º—Pelo Boqueirão; 3.º—Sua ex.ª o ministro!; 4.º—(Apoteose); 5.º—Harmonia e pancadaria; 6.º—Aqui jaz...; 7.º—Nem só do pão vive o homem, 8.º—(Apoteose)

—E' amanhã domingo que a companhia infantil, se despede no teatro dos Anjos, representando em «premiére» a opereta «O Negrito», e tambem a opereta «Amores dum marinheiro» e 2 actos de variedades. Exibem-se no «écran» fitas de sensação.

—Damos em seguida o programa do magnifico concerto que o grande pianista Vianna da Motta executa amanhã no teatro de S. Luiz. Primeira parte: 1.º—«Variações» sobre um tema de «Bach», de Liszt (Chorar, lamentar, sofrer é o pão quotidiano dos cristãos), Coral «O que Deus faz, é bem feito»; 2.º—«S. Francisco de Assis, pregando aos passaros». Legenda; 3.º—«S. Francisco de Paula, caminhando sobre as ondas». Legenda de Liszt.

Segunda parte: 4.º—«Sonata», em si menor op. 58 de Chopin, a (allegro maestoso b) Scherzo, c) largo, e) presto ma non tanto.

Terceira parte: 5.º—«Menuetto» em lá menor, e 6.º «Tambourin» de Rameau e Godowsky, em primeira audição; 7.º—«Seguidillas», de Albeniz e 8.º «Só se vive uma vez», «Valsa» de Strauss-Tausig. A tarde de amanhã será portanto neste teatro o ponto de reunião de todos que amam a verdadeira arte.

—E' finalmente hoje a estreia no Coliseu da nova companhia de circo e variedades com que o popular e querido teatro vai reatar as tradições das nossas magnificas noites de circo. O programa é simplesmente soberbo e insere numeros da mais absoluta novidade.

SPORT

Box

Jeff Smith o americano com quem Carpentier se recusou a bater, deve chegar a Paris, com a ideia fixa de desafiar outra vez o campeão da Europa.

—O campeão do mundo da sua categoria Kilbam deve tambem chegar este mez a Paris, onde deve encontrar Criqui.

—Um empresario francez ofereceu 100 mil francos para um encontro entre Criqui e Wyns, a fim de disputarem o campeonato da Europa da sua categoria.

—O filho do celebre Fitzmom, que foi campeão do mundo, e de quem se esperava qualquer coisa, fez uma pessima exibição.

Aviação

O inventor do primeiro avião, Clemente Ader, foi condecorado com o grau de Comendador da Legião de Honra, pelo governo francez.

—René Tampier, inventou um avião, que se pode transformar em automovel, e cuja experiencia, feita pelo Ministerio da Guerra deu resultado.

—Uma companhia franceza está estudando um projecto duma linha aerea de Lisboa a Paris.

NOTICIARIO

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE DESPORTOS ATHLETICOS

Reuniram o Directorio e o Conselho Tecnico desta Federação, resolvendo:

—Oficiar á F. P. S. A. lastimando ter sido dado o curto praso de 6 dias para a inscrição no campeonato regional de «Cross-Country», dando, porem, toda a liberdade, aconselhando mesmo os grupos federados a inscreverem-se.

—Organisar na primeira quinzena de abril um «Cross» de ensaio entre os seus grupos sendo escolhidos entre os vencedores a «équipe» representativa da Federação.

—Conceder alem das medalhas e diplomas individuais, um «bronze» ao Grupo vencedor.

—Fazer encontrar os grupos de football da Federação em um torneio para escolha do grupo representativo.

—Autorisou a organisação de um grupo mixto para ir a Tomar jogar com o Operario Foot-ball Club e registou o deslocamento do Linhares Foot-ball Club a Queluz no proximo domingo e inscrição do Sporting Club Nacional nas corridas do Grupo Sportivo de Carcavelos e do Club Desportivo Nacional no «Cross» de «Os Sports» e no regional da F. P. S. A.

Tambem o Directorio resolveu agradecer ao Grupo Sportivo de Carcavelos a gentileza do seu convite para assistir á festa ali realisada, e prevenir o Grupo Desportivo dos Capuchinos de que os seus delegados não compareceram ás reuniões da C. T., colocando o Grupo na contingencia de ser suspenso.

ROYAL FOOT-BALL CLUB

Depois de varios entendimentos com o Carcavelos Sports Club (inglezes do Cabo Submarino), conseguiu o Royal que este Club tomasse parte na sua festa, enviando-lhe o seu «team» de Foot-ball Ruby com quem o «team» do Royal fará a já anunciada exibição deste interessante e optimo sport.

Com a cooperação do Carcavelos e como no «team» do Royal existem elementos francezes bastante experimentados, podemos afoitamente dizer, que deve ser uma excelente exibição, dado o valor da maior parte dos elementos que compõem os dois «teams».

E' ainda nesta festa que o nosso campeão pedestre Cecilio Costa se defronta com Christian Christensen numa corrida de 10.000 metros. E' a primeira vez que Cecilio corre com um adversario tão forte, por isso servir-lhe-ha de exame ao seu já reconhecido valor. Somos informados que se fará a partida e chegada do Cross Regional. Para esta que se realisa amanhã, ás 15 horas, no campo do Stadium de Lisboa, encontram-se bilhetes á venda na séde do Royal, rua da Boa Vista, 60, 2.º andar direito.

PESOS E ALTERES

«Criterium» Padinha

Realisa-se na quarta feira á noite, no salão do Ginasio Club Portuguez, o 3.º ano da «Prova «Criterium» Padinha», em homenagem ao falecido campeão de pesos e alteres Francisco Padinha.

Concorrem a esta prova apenas o Ateneu Comercial de Lisboa e o Ginasio Club Portuguez, com os atletas Antonio Pereira, Carlos Simões, Ferreira Borges, Alvaro Costa, Manoel Ribas, Mario Costa e Fernando Bizarro.

A entrega dos premios aos vencedores far-se-ha no final da prova, seguindo-se a apresentação de varios numeros de força, pelo «recordman» mundial Manoel da Silveira e outros atletas que dão o seu concurso a esta festa. Completa o interessante programa um numero de forças combinadas por Carlos Moreira e João Silva e um assalto, demonstrativo da luta greco-romana.

Durante a prova toca o terceto do Asilo Antonio Feliciano de Castilho.

PROVAS DE CROSS-CONTRY

Realisa a F. P. S. A. amanhã o Campeonato Regional do Sul, de Cross-Country, devendo, no mesmo dia, disputar-se no Porto o Campeonato do Norte.

A prova será corrida num percurso de 6 quilometros, estando desde já aberta a inscrição para todos os clubs mesmo os não federados, conforme resolveu a direcção da F. P. S. A. visto ser ainda recente a sua fundação.

Os regulamentos e boletins de inscrição serão enviados aos clubs federados, podendo ser requisitados pelos outros clubs na rua do Norte, 6, 1.º

O Campeonato Nacional deve correr-se no domingo 19 entre os representantes do Norte e Sul.

SOCIEDADE I. M. P. 29

A direcção da I. M. P. n.º 29 pede a todos os associados que pratiquem os sports de «foot-ball» e esgrima para comparecerem na séde amanhã, 12, pelas 10 horas e 30.

CLUB DE CAÇADORES

RESULTADO DA ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

Assembleia Geral — Dr. Antonio Aresta Branco, Constantino Xavier de Carvalho, Renato Pinto Soares e Ernesto Gomes da Silva, efetivos, Henrique Augusto dos Reis e Joaquim Lopes Rocha, substitutos. — Direcção: Dr. Francisco José Sanches Coelho, João Duarte Fragoso do Rodes, José Nunes Godinho, Manuel de Almeida Castelo Branco e Antonio Camoungo, efetivos; Patricio Vilar Moniz, Alfredo Augusto dos Reis, José Dias Alves e Rodrigo Gomes da Silva e Costa, substitutos. — Conselho fiscal: Guilherme Alves [illegible], José João Joaquim dos Santos e Adelino Alves Bebiano, efetivos; Antonio Duarte Moniz, Carlos Carboza e Julio Mascarenhas [illegible], substitutos.

As provas automobilistas de "Os Sports,,

Dois interessantes aspetos da corrida automobilista Rampa da Pimenteira realisada em 1910. Este ano «Os Sports» vai realisa-la. A inscrição abrirá brevemente.

N.º 32 — Folhetim de A CAPITAL — 11 de Março de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

—Fui eu quem, sem querer, deixou entrar Falstaff. Toda a minha coragem ia a desaparecer perante o olhar severo da princesa.

—Castigue-a exemplarmente, M.me Leotard, disse a princesa, saindo.

Olhei Catarina. Estava aturdida; os braços caidos, palida, abatida.

A unica punição empregada em casa do principe ás crianças era fecha-las num quarto vasio. Ficar duas horas num quarto vasio não é nada; mas quando nele se fecha uma criança á força, contra sua vontade, declarando-se-lhe que fica privada de liberdade, a punição é muito forte.

Geralmente fechávam Catarina ou o irmão durante duas horas. Eu porém fui fechada por quatro horas. Aí a gravidade da minha falta.

Tremendo entrei na minha prisão. Pensava na princesinha. Mas em vez de quatro horas fiquei fechada até ás quatro da manhã. Eis o motivo:

Estava fechada havia duas horas quando M.me Leotard recebeu a noticia de que sua filha acabava de chegar de Moscou, que adoecera de repente e desejava vê-la.

M.me Leotard foi logo, esquecendo-se de mim. A criada de quarto que se ocupava de mim supôs provavelmente que eu já estava livre Catarina, chamada para os aposentos da mãe, ficou lá até ás onze horas da noite. Quando voltou ficou muito admirada de não me encontrar já deitada. A criada de quarto despiu-a e deitou-a. Mas a princesinha tinha razão em não perguntar por mim. Deitou-se e esperou-me, sabendo que eu tinha sido castigada por quatro horas e supondo que a perceptora não se tinha esquecido de mim. Mas Nastia tinha-me esquecido completamente, tanto mais que eu me despia sempre só. Fiquei assim presa toda a noite.

De manhã senti que alguem batia e forçava a porta do quarto. Eu tinha dormido, deitando-me, como me foi possivel, no chão. Acordara e comecei a gritar com medo. Distingui logo a voz de Catarina que dominava as outras, a de Mme. Leotard, a de Nastia etc. Abriram a porta e Mme. Leotard abraçou-me com as lagrimas nos olhos, pedindo-me para lhe perdoar o ter-se esquecido de mim. Lavada em lagrimas abracei-a.

Estava transida de frio e estava com o corpo dorido por me ter deitado no chão. Procurei Catarina mas já ela tinha voltado para o nosso quarto de dormir; já estava deitada e dormia ou fingia dormir. Quando se deitara á noite esperava por mim, mas adormecera sem querer e não acordara senão ás quatro horas da manhã. Então chamou, acordou Mme. Leotard que tinha acabado de chegar, as criadas e todos tinham ido buscar-me.

De manhã em toda a casa não se falava de outra coisa. A propria princesa achou que me tinham tratado com muita severidade. Quanto ao principe nunca o vi tão zangado. Veiu ao nosso andar ás dez horas da manhã muito emocionado com o sucedido.

—Então que foi isso? disse ele a Mme. Leotard. Como procedeu com esta creança! E' uma barbaridade, uma grande barbaridade! Uma creança fraca, doente, nervosa, supersticiosa e fechal-a num quarto escuro toda a noite! Podiam matal-a com isso! Então a Madame não sabe a historia da sua vida? E' uma barbaridade, uma deshumanidade! Quem inventou tal castigo?

A pobre Mme. Leotard com as lagrimas nos olhos, muito perturbada, começou a explicar-lhe como aquilo acontecera. Disse que me tinha esquecido, porque a tinham mandado chamar da parte da filha doente. Quanto ao castigo declarou que achava muito bom se não tivesse durado tanto tempo, pois o proprio João Jacques Rousseau preconisava qualquer coisa de semelhante.

—João Jacques Rousseau, minha senhora! Mas João Jacques Rousseau não podia dizer isso! João Jacques Rousseau não tinha o direito de falar de educação! João Jacques Rousseau abandonou os seus proprios filhos! João Jacques Rousseau era um mau homem!

—João Jacques Rousseau um mau homem? Mas que diz o principe?

E M.me Leotard ficou toda corada. M.me Leotard era uma mulher deliciosa e a sua principal qualidade era não se zangar nunca. Mas tocar num dos seus favoritos, perturbar a sombra de Corneille e Racine, injuriar Voltaire, chamar a João Jacques Rousseau um mau homem, chamal-o barbaro!... As lagrimas apareceram nos olhos de M.me Leotard. A pobre tremia de emoção.

—O principe esquece-se... pronunciou ela toda indignada.

O principe recobrou a sua linha e pediu desculpa. Depois, aproximou-se de mim, abraçou-me ternamente, abençoou-me e saiu.

—Pobre principe, disse M.me Leotard, comovida.

Por fim sentamo-nos á mesa de trabalho, mas a princesinha estava distraida. Antes de ir jantar aproximou-se de mim toda animada; com o sorriso nos labios, parou na minha frente, agarrou-me pelos hombros e disse envergonhada:

—Substitui-te-me! Depois do jantar iremos brincar para a sala.

Alguem passou junto de nós; Catarina afastou-se.

Depois do jantar, ao anoitecer, descemos para a sala grande, dando as mãos uma á outra. A princesinha estava muito comovida e respirava pesadamente. Eu, porem, sentia-me feliz e alegre como nunca.

—Queres jogar á bola? disse-me ela. Coloca-te aqui.

Colocou-me num canto da sala, mas em logar de ir para o outro lado, e de me atirar a bola, deteve-se a tres passos de mim, olhou-me, corou, e caiu sobre o divan, escondendo a sua cara nas mãos. Fiz um movimento para ela. Ela julgou que eu me queria ir embora.

—Não te vás Nietotchka. Fica comigo, disse ela, isso passará já.

Dum salto deixou o seu logar, e toda corada, chorando, lançou-se-me ao pescoço. As faces molhadas, os labios encarnados como cerejas, os caracois em desordem. Beijou-me como louca a cara, os olhos, os labios, o pescoço, as mãos. Soluçava como numa crise de nervos. Apertei-me fortemente a ela, enlaçamo-nos suavemente, alegremente, como amigas, como amantes que se encontram após uma longa separação. O coração de Catarina batia com tanta força que eu o sentia.

De repente no quarto ao lado fez-se ouvir uma voz chamavam Catarina.

—Oh! Nietotchka! Bem, esta noite, esta noite! Agora vou-me.

Abraçou-me, pela ultima vez docemente, fortemente, e respondeu ao chamamento de Nastia.

Fui para os meus aposentos como que ressuscitada. Atirei-me para o divan e com a cabeça escondida nas almofadas, chorava de entusiasmo. O meu coração batia como querendo sair-me do peito e quasi que não tinha paciencia para esperar pela noite. A's onze horas deitei-me. A princesinha não chegou senão á meia noite. Já ao longe ela sorria, mas sem dizer uma palavra. Nastia começou a despi-la e, nem de proposito, fazia-o bem vagarosamente.

—Mais depressa Nastia, mais depressa! dizia Catarina.

—Que tem a menina? o seu coração está a bater tanto... Sem duvida veiu a correr pela escada.

—Ah! Nastia, como me aborreces! Despe-me depressa.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4025 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 13 de Março de 1922

Telefone n.º 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

O insucesso das gréves

Se ha alguma coisa que já deve estar reconhecida pelas classes que a elas frequentemente recorrem, é o insucesso cada vez mais insofismavel das gréves que no nosso meio se registam. Agora mesmo se está demonstrando esse facto com duas gréves que surgiram aparentemente teimosas. Uma é a dos maritimos, que neste momento finda. A outra é a dos electricos que não só se pode considerar derrotada, como acarretou para uma classe inteira antipatias que bem desnecessario lhe era adquirir.

A verdade é que o processo da gréve fez o seu tempo. Pode mesmo dizer-se que foi, já inicialmente, um erro. As dificuldades da vida não teem feito senão agravar-se com as sucessivas gréves realisadas para as remediar. Porquê? Porque nunca se conseguiu um equilibrio. Antes pelo contrario: o desequilibrio, após cada gréve, tornou-se mais significativo e patente.

Se quando uma classe, procurando equilibrar os seus meios de receita com as despesas quotidianas, lograsse esse fim, por meio da gréve a que se abalançasse, o problema ter-se-ia realmente resolvido. Mas não sucede tal. De maneira alguma se consegue esse nivelamento. Se, ao fazer-se uma gréve, se reclama um salario que eguale a despesa, no dia seguinte, obtido esse salario, a despesa aumentou, tornando necessaria, a breve trecho, uma nova gréve. Vitoriosa essa gréve, novo desequilibrio se observou, e sempre em desproporção maior. E' o rochedo do Sisypho que incessantemente rola, sem nunca ser possivel alcança-lo.

E não é, porque a propria vitoria da gréve determinou, duma maneira geral, uma maior desvalorisação da moeda, por forma tal que o que hoje custa 5, ha-de amanhã custar 6, e assim, sucessivamente. Os cambios agravam-se; a situação torna-se cada vez mais asfixiante, e tudo isto porquê? Porque se está dando uma solução errada ao problema.

O verdadeiro problema está, não no aumento da receita, mas na redução da despesa. Com o aumento da receita pode-se ir até ao infinito, o que se prova com o exemplo do rublo russo e da corôa austriaca, a miséria é sempre maior, a perturbação é sempre mais aflitiva, conduzindo ás peores catastrofes. Com a diminuição do custo da vida, embora representando tambem bem a diminuição desse salario ficticio, vai-se para a realidade, porque se vai para um inevitavel limite.

Isto na parte economica. Mas ha egualmente a parte revolucionaria, e sob esse aspecto, como negar tambem a falencia do processo das gréves?

Tornando-as como uma arma de destruição da sociedade burguesa, a verdade é que tantas gréves tem sobretudo aumentado o mal estar das classes proletarias. Se os padeiros deixaram de fabricar pão, quem mais sofre são os pobres que do pão fazem o seu principal alimento. Falta o peixe? Ninguem com isso sofre mais do que as classes pobres. E assim em todos os casos, podendo dizer-se que o padeiro prejudica o maritimo; o maritimo prejudica o padeiro, ao mesmo tempo que prejudicam todos os filhos do povo, como eles, necessitados da alimentação mais barata. Se é isto que se chama ser batalha á sociedade burguesa, não se pode negar que o primeiro resultado é sacrificar as massas proletarias.

Agora mesmo a gréve dos eletricos, que tomou um caracter nitidamente revolucionario, quem é que sofreu mais com ela? Evidentemente não são os milionarios que teem automoveis. São os que trabalham, são os que não são ricos, são os proprios operarios que deles tanto necessitam para estarem a horas nas suas fabricas e oficinas.

Parece-nos que este exame sereno e imparcial dos factos corresponde a incontroversas verdades. Economicamente, as gréves são um desastre; revolucionariamente, um desastre maior ainda, porque, provocando inevitaveis resistencias, podem fazer periclitar conquistas sociais laboriosamente alcançadas, num esforço consciente e firme de longos anos.

Factos e palavras

Ha, no Liceu de Passos Manuel um morno salão, cheio de luz, cujas janelas obrem sobre a cêrca do velho convento dos Paulistas, (em cujos corredores sombrios ainda hoje se evoca a silhueta esguia de Bocage, hirsuto e amarelo, declamando odes anacreonticas aos frades recolhidos).

Enquanto nessa sala de aula, aberta ao sol, as crianças trabalham, curvadas sobre os bancos escolares,—em baixo, no pateo do convento mudado em quartel, dezenas de soldados, gordos, fartos no feijão da G. N. R., reluzentes de saude, jogam todo o dia o chinquilho.

Nós pertencemos áquelas pessoas que ainda supõem que não é aumentando os efetivos da guarda republicana que se resolve a questão da ordem publica. Aumentar, por cada bombista, um pelotão á guarda, é apertar o raio deste circulo vicioso, estrangulador, infinito, que é o problema do equilibrio humano nas sociedades burguesas.

Esse doloroso contraste dos campos desertos e dos quarteis cheios é o sintoma caracteristico da congestão colectiva—e ainda ha quem não saiba que as congestões só se curam, infelizmente, com sangrias.

Os delegados dos consorciuns do credores de todas as provincias italianas, reuniram-se em Roma para decidir qual o programa de acção a seguir. O projecto de concordata foi apresentado pela comissão judicial ao tribunal de Roma. Prevê o pagamento de 67 % em prestações até ao fim do ano para os creditos inferiores a 5.000 e de 62 % para importancias superiores em pagamentos escalonados até 31 de março de 1925.

Será constituida uma sociedade com o nome de Banco Nacional de Credito, para proceder á liquidação dos credores das filiais do Banco no estrangeiro, levando em conta as condições especiais de cada paiz.

Estreia-se um destes dias o novo original do escritor portuguez Virgilio Braga.

E' uma peça que, dizem-nos, vai montada no scena com um grande carinho. Oxalá seja uma obra que enriqueça a nossa literatura dramatica.

Ha dias frizamos neste mesmo lugar o aspecto dissolvente que tem algumas vezes a imprensa de Lisboa, na critica politica, na critica literaria na critica de arte.

E' preciso procurar uma feição construtiva para aquilo que todos escrevemos.

Na ancia louvavel mas prejudicial de facto, duma perfeição ficticia, acabamos por nos destruirmos inteiramente uns aos outros—e fazermos como os grilos da fabula que devorados por ideal se devoraram um ao outro.

No correr deste ano, o mundo inteiro, certamente, vai acompanhar com grande interesse, um empreendimento revelador da coragem de um aviador inglez. Trata-se da volta ao mundo em hydroplano. Imaginando-se as dificuldades a vencer, não é possivel deixar de render admiração ao piloto inglez que está procurando o apoio do governo de todos os paizes afim de que consiga realizar com exito a sua iniciativa.

E' possivel esperar-se disto novos e interessantes conhecimentos para a aviação, pois, no decorrer da sua viagem, o audacioso aviador irá colhendo dados e fazendo observações que muito poderão auxiliar a aviação universal. Cabe este empreendimento ao capitão F. Tymis, do corpo de aviação da Inglaterra, que por intermedio da representação britanica junto ao nosso governo, solicitou todo auxilio necessario em nosso paiz, isto é, que se lhe facilite a sua passagem, pelo nosso territorio na sua viagem á volta ao mundo. A desejada prova será feita em hydroplano.

Atendendo ao pedido do capitão Tymis ao governo do Brasil determinou aos ministerios da Guerra e Marinha que fornecessem as informações. Assim, o ministerio da Guerra mandou fornecer-lhe todas as plantas da costa do Brasil e o da Marinha as orientações quanto aos lugares mais faceis para aterrissagem.

Nas proximidades do «raid», o governo providenciará para que os Estados prestem auxilio ao audacioso aviador, pondo tudo á sua disposição para o bom exito da circumnavegação aerea.

O "Jornal dos Estudantes"

Saiu ha dias o primeiro numero do «Jornal dos Estudantes», semanario de rapazes que se apresenta, material e literariamente, com as equilibradas proporções dum verdadeiro jornal de homens. No cabeçalho, um nome dirige: o de Joaquim Camacho, filho dum autentico jornalista de raça que o impulso victorioso da sua propria combatividade elevou ás supremas honras de ramo magnate e de alto comissario ultramarino.

Ao agradavel semanario faltam alguns dos estigmas inerentes á sua especie de periodico escolar: não traz a minima cronica sobre a Primavera nem qualquer desconsolador erro de gramatica. Literariamente, é o mais academico possivel; pretenciosamente, o menos possivel.

Entre os assuntos versados no primeiro numero do novo semanario, destaca-se um ponderado artigo sobre a representação dos estudantes portuguezes na grande Exposição do Rio. Foi a primeira vez que na imprensa se aludia a isso, cremos nós. São os interessados que falam... Parece mentira, mas não é. Foi preciso que os estudantes portuguezes—o cerebro da nossa mocidade—tomassem a atitude sempre humilhante de quem se faz lembrar. E, mais ainda: tudo indica que se eles não persistirem na lembrança e se as eternas comissões de petição em punho não se cansarem de subir escadas de ministerio e de escabecear nas salas do comissariado geral—é muito provavel, quasi certo, que ninguem verá uma capa negra de Coimbra a esvoaçar nessas cidades avenidas onde a alma dum povo inteiro, exuberante de vitalidade e de crença em si propria vai erguer o capitolio da patria que triunfa.

O maior exemplo de civismo e de espirito de iniciativa, que o seculo nos pode oferecer, não será presenceado pelos olhos precocemente deconcentrados dos nossos escolares universitarios. Os olhos que se vão adormecendo, ao som da cadencia tenebrosa dos seus psalmos de agonia—agonia do passado, agitada por todas as convulsões, por todas as taras que reaparecem na hora instavel duma raça—não despertarão, momentaneamente serenados e deslembrados, sob a luz da apoteose que a si mesmo prepara uma nação que marcha ao compasso das notas alucinantes da sua hora maxima.

Para a «briosa Academia», a que tem sempre um talhão reservado no Terreiro do Paço, quando é preciso ensileirar, enriquecendo-se com a sua presença decorativa em todas as espectaculosas procissões dos nossos arraiais caseiros, não haverá talvez um palmo do «côse lenho» a bordo do transatlantico que já deve ir tão cheinho.

No entanto, os rapazes do «Jornal» lá deixaram a sua idéa que já devia ter lembrado, o seu pedido que é feito com bonitos modos. Apesar de tudo, pode ser que haja alguem para os atender e ouvir. Pode ser mesmo que a representação se faça sem qualquer dispendio, quem sabe se dentro de algum escaninho oculto num dos corações de ouro onde vai terra de Portugal, alguma tricana de Coimbra deveria ficar, propositadamente esquecido, o retrato dum estudante? Pode ser mesmo que a alma dos estudantes vá, dentro do punhado de terra que Coimbra ceder.

TEREZA LEITÃO DE BARROS

Um apelo ao sr. Governador Civil

Escreve-nos a sr.ª D. Maria José Duarte de Mendonça pedindo que chamemos a atenção do sr. capitão Viriato Lobo, ilustre Governador Civil de Lisboa, para a situação precaria em que vive a sr.ª D. Cristina Telles de Menezes Vieira, calçada das Necessidades, 42, 5.º, dt., aparentada com muito boas familias e que hoje, na crescente carestia da vida, luta desesperadamente para conseguir viver. Como o atual Governador Civil de Lisboa, ao problema da caridade publica tem dedicado o melhor da sua atenção e da sua energia, ousamos daqui lembrar-lhe a situação dessa senhora, certos de que s. ex.ª vai providenciar imediatamente, como o caso requer.

A cura das febres tifoides

O ilustre medico de Benavente sr. dr. Ascenção Contreiras, comunicou ao Laboratorio Farmacologico os resultados que obteve com a «Lactobacilose» associada á «Lactobiase» branca na cura das febres tifoides vindo assim confirmar as observações colhidas noutros pontos do paiz.

PORTUGAL NO BRAZIL

Arrecademos o oiro que nos manda a nossa colonia

Isto virá apertar ainda mais os laços que nos unem á nação irmã

Vamos fazer uma ligeira referencia ás teorias do seculo XVII. Adam Smith descreve as funções dos bancos, nessa epoca, nos pequenos Estados como Genova, Hamburgo e Amsterdam, como recebendo toda a sorte de moedas depreciadas, a tal ponto que as moedas com curso em Amsterdam tinham o seu valor reduzido a 9 %. Sempre que uma boa moeda aparecia era fundida e exportada; daí resultava que a boa moeda faltava para pagar as letras de cambio, tendo, quando aparecia, um valor variavel, muito prejudicial aos interesses do comercio.

Para remediar estes inconvenientes, estabeleceu-se um Banco, em 1609, com a garantia da cidade. Este Banco recebia as moedas depreciadas pelo seu valor intrinseco em prata tipo do paiz, dedução feita de uma pequena percentagem para as despesas de cunhagem e outras manipulações. Outras referencias nos faz Adam Smith que omitimos por escassez de espaço.

Os tempos mudaram bastante.

Vamos descrever um exemplo da colonia franceza na Indo-China. Esta colonia tem uma circulação monetaria privativa. O seu padrão é a piastra. Valia antes da guerra, 50 francos, com ligeiras variações; hoje vale 15 francos, graças á larga exportação de arroz, gado, peixe salgado, etc.

Que proveito sacou Portugal da sua exportação durante a guerra e da valorisação dos seus productos naturais?

Encareceu a vida e a larga produção do nosso fertil torrão, transformada em moeda depreciada, ameaça uma ruina. Os milhares de contos entrados em moeda oiro estrangeiro são, em face de leis violentas e impensadamente feitas, absorvidos pelos organismos oficiais, chefiados pelo Banco de Portugal, deixando-nos em troca uma moeda depreciada e incapaz de merecer a confiança publica.

Se pudessemos fixar no paiz e em proveito dos portuguezes esse oiro que todas as semanas vêmos escoar-se para a voragem do Estado, nas malas postais e nos porões dos paquetes teriamos conseguido tornar uma realidade uma prosperidade que não passa de aparente.

Certamente que a fundação dos referidos bancos, tendo por fim consolidar a riqueza publica lusitana, garantindo a sua circulação por meio de depositos-oiro, não poderá ser elevada a efeito sem que se sigam bastos atritos. Mas qual é o grande empreendimento que não tem barreiras a galgar? Os detalhes? Estudaram-nos os competentes. Estamos convencidos de que as estações oficiais terminariam por apoiar o empreendimento, desde que bem o compreendessem e avaliassem a valorisação que dele resultaria para este bendito torrão portuguez.

Não julgamos imprescindivel que se impusesse a circulação obrigatoria das notas dos Bancos distritais. Poderiam circular ao lado das notas do Banco de Portugal. O principio conhecido pela lei de Gresham, segundo a qual a má moeda afugenta a boa teria o resto—faria com que as notas dos Bancos distritais, garantidas pelo oiro dos nossos compatriotas se escondessem no pé de meia atirando para uma circulação que terminaria sempre nos cofres dos referidos bancos, com as notas do Banco de Portugal.

Devido a varios factores não é facil encontrar elementos de apreciação sobre a riqueza das nossas colonias tanto no Brasil como na America do Norte. No entanto, sabe-se o suficiente para julgar que os seus recursos, juntos á produção do nosso paiz são o bastante para garantir uma enormissima prosperidade a Portugal.

No Brasil existem milhares, muitos milhares de portuguêses com fortunas; alguns ha até milionarios. Enviam copiosas quantias para Portugal, principalmente para pessôas e pessoas de familia. Um ou outro banco que lá existem, da confiança dos colonias são raros.

Dos portuguezes que vivem no Brasil, ha pelo menos vinte e cinco por cento que remetem para Portugal. O total dos fundos enviados anualmente, por cada um, é importantissimo.

Em setembro do corrente ano, realisa-se como é sabido, a Exposição do Rio de Janeiro, para comemorar o 1.º centenario da Independencia do Brasil.

Portugal vai concorrer a esse certamen.

Anunciam-se não poucos trabalhos, conjuntamente os nossos irmãos de Alem-Atlantico, no sentido de fazer ressurgir o nosso paiz. Ha esperanças que desse certamen de trabalho e genio resultarão muitos e importantes beneficios para a nossa Patria. Os que conhecermos da creação de bancos distritais seriam grandes, porque os nossos compatriotas que estão espalhados por todas as terras brazileiras são, alem de laboriosos, patriotas, e sempre que a terra mãe suplica o seu auxilio, quer moral, quer material, eles acodem imediatamente.

Que os entendidos, os competentes, estudem o problema que deixamos aí traçado, ao de leve, em sintese, e lancem as respectivas bases, afim de que esse alvitre se torne um facto.

O Convenio Luso-Transvaliano

Duas palavras sem ar de intrevista com o sr. general Freire de Andrade

O falado convenio luso-transvaliano levou-nos a procurar o sr. Freire de Andrade no intuito de interessarmos os nossos leitores na nossa politica colonial, hoje que as colonias são, mais do que nunca, o sustentaculo da independencia nacional.

O Transvaal nosso visinho em Moçambique, é um potentado da Africa do Sul, num estado rico e prospero, com quem nos convem manter amistosas relações e comunidade de interesses.

Existe já um acordo comercial com o Transvaal; mas as actuais circunstancias fazem avultar a necessidade de ser ampliado.

Para estas negociações, nomeou o Governo o general sr. Freire de Andrade, autoridade sobejamente conhecida pelo passado de colonial aliado a uma invulgar capacidade de economista e de financeiro.

A's primeiras preguntas que formulamos, o sr. general mostrou desejos de não falar sobre o assunto, alegando discretamente que nada sabe, que nada pode dizer.

— O publico desconhece o que nos leva a negociar um novo acordo, insistimos.

— Mas não acho, por enquanto, grande conveniencia em falar.

Qualquer coisa que dissesse podia ser mal interpretado lá na Africa do Sul.

O acordo consistirá na modificação do existente, atendendo a novas necessidades, e dirá respeito, principalmente, ao contracto de indigenas para as minas do Transvaal, ao intercambio comercial e transportes.

Devem tambem tocar-se mais alguns pontos...

Aqui, o sr. Freire de Andrade faz nova pausa.

— Não; não posso dizer-lhe mais.

— E quanto lucraremos com o acordo?

— Nós temos grandes interesses na Africa do Sul e eu empregarei os melhores esforços para os defender.

— Quando parte V. Ex.ª?

— Tão depressa tenha transporte. E' extraordinario que estejamos sem comunicações com a nossa mais importante colonia.

A Companhia Nacional de Navegação, como não podia competir com os Transportes Maritimos, que se propunham fazer as carreiras da Africa, suspendeu a sua navegação. Ora, os Transportes Maritimos deram no que todos nós sabemos e em resultado de tudo isto ficamos sem comunicações.

A proposito de comunicações, o sr. Freire de Andrade fala-nos do explendido comboio que liga a nossa Africa ao Transvaal.

E' um comboio moderno, com esplendidas acomodações para passar a noite e até com casa de banho.

— Companhia ingleza, não?

Não senhor, a parte assente em territorio portuguez é nossa. Garanto-lhe, é um comboio que envergonha os da metropole.

O jornalista procura, por varias formas, obter mais algumas palavras. O sr. Freire de Andrade permanece impenetravel.

E' melhor não insistir. Despedimo-nos.

Eugenio de Castro em Madrid

MADRID, 13.—E' nesta semana que se realisa o anunciado banquete em honra de Eugenio de Castro o grande poeta portuguez professor da Universidade.

A sua estada em Madrid tem despertado entre os intelectuais espanhois um grande interesse e nenhum tem faltado a prestar-lhe as suas homenagens.

Eugenio de Castro foi convidado pela Presidencia dos Estudantes a fazer uma conferencia sobre literatura portugueza e o Ateneu já o convidou para uma sessão em que ele leu alguns dos seus poesias ineditas.

As suas brilhantes obras estão todas traduzidas em castelhano pelo escritor espanhol Juan G. Olmedo. (Lat. Am.)

O que ha?

Uma medida das autoridades sanitarias de Badajoz

BADAJOZ, 13. — As autoridades adotaram rigorosas precauções sanitarias contra as procedencias de Portugal.—(It.)

"A BATALHA,, REINCIDE

Não quer a morte pela lei, mas aplaude a morte pela bomba!

E' assim que "A Batalha,, transforma os jovens sindicalistas em executadores da sentença da U. S. O.

Entendamo-nos, com clareza. Em todas as questões, a opinião de «A Capital» é exposta por tal forma que não é susceptivel de segunda interpretação. Em todo o caso, não é fora de oportunidade reeditar agora algumas das afirmações já expostas.

Somos contra todos os extremismos. Somos contra os extremismos das direitas reacionarias, como somos contra os extremismos das esquerdas libertarias. Não aceitamos o Syllabus e combatemos a Internacional.

Repugna-nos o regresso ao despotismo, quer ele seja exercido por um ou por muitos: nem reis autocratas, nem dictadores demagogicos. Nem Torquemadas nem Lenines.

Queremos a Republica na pureza dos seus principios fundamentais. Somos pela Democracia dos propagandistas e combatemos as clientelas politicas daqueles que esqueceram o seu proprio passado para só pensarem no egoismo do presente ou na exploração do futuro.

A Republica tem que ser progressiva, ou não ser. Mas não se conquista o progresso senão pelo trabalho dentro da ordem. E a ordem é a lei! Por isso, sempre cumprimos o dever republicano de combater, dentro do maximo esforço da nossa franqueza, aqueles cidadãos que se teem servido da Republica como capa dos seus baixos instintos e inconfessaveis interesses. Muitos dos governos que esses cidadãos teem inventado, não mereceram o nosso apoio, antes pelo contrario. E porque?

Porque se colocaram fóra ou acima da Lei. Isso não! Tais homens—ou mesmo, tais estadistas, se, por acaso, merecem o qualificativo—deshonram o desprestigiam as ideias que lhes serviram de escada para treparem ao Capitolio. A esses, temos nós dito que se enganaram no caminho e que teem de enveredar, cedo ou tarde a bem ou a mal, pelo atalho que conduz á Rocha Tarpeia.

Se a Lei obriga os governos da Republica e não isenta dos seus rigores os homens a quem eles são gratos, tambem obriga os cidadãos, sejam quais forem as suas opiniões politicas ou confissões religiosas.

O que não permitimos enquanto tivermos um folego de vida que conte um protesto, é que dentro do Estado exista outro Estado, o segundo dominando o primeiro: um Estado reacionario dominando um Estado republicano; o Arbitrio sobrepondo-se á Lei. Isso não!

Para nós, tanto vale o reacionarismo de «A Epoca» como o de «A Batalha». Ambos são inimigos da Republica, ambos procuram exercer sobre o Estado Republicano uma tutoria de vexame e de oprobrio. O reacionarismo clericalista está dominado, por agora. Mas ergue-se contra a Republica o reacionarismo vermelho. O nosso dever é combatê-lo.

«A Batalha» não inseriu ainda nas suas colunas a opinião que expozemos acerca da pena de morte. O porta-voz do sindicalismo revolucionario não encontrou, talvez, espaço onde dissesse isto: «A Capital» condena a pena de morte, repele-a como uma inutilidade, porque ela é contraria ao senso moral dos portuguezes e porque não quer que se suprimam vidas em nome de principios. «A Capital» não quer a pena de morte porque condena, como crimes execraveis e anti-humanos, o lançamento de bombas e maquinas infernais. «A Capital» não quer a pena de morte porque a não admite nem mesmo com a restrição de «A Batalha», que a disse, sustenta e mais uma vez preconisa o seu emprego «como recurso de legitima defeza.»

Eis a nossa opinião. «A Batalha», se não quizer dar um exemplo objectivo de sua deslealdade, tem obrigação de a inserir, «ipsis verbis», no seu famoso plebiscito. E, se o não fizer, transforma-se em réu que confessa!

O humanitarismo de «A Batalha» é simplesmente tartufeiro. Não é mais nada. Repelir a pena de morte legal, com garantias de só ferir o culpado de crime provado, e admitir, e defender, e preconisar a pena de morte distribuida ás cegas, ao acaso da explosão das bombas, é um humanitarismo «sui generis», tão ininteligente que chega a surpreender que tivesse sido lançado a publico, nas colunas dum jornal diario.

A pena de morte pela bomba é a destruição de vidas humanas ao sabor do acaso, atingindo, em regra, sómente inocentes. E apregoar que tal pena de morte só é admissivel em caso de legitima defeza, chega a ser um sarcasmo tão cruel que não se compreende ter sido gerado em cerebro humano. A civilisação excluiu certas armas do uso viavel, porque as considerou como uma demonstração da vitoria do instinto sobre a inteligencia como armas essencialmente traiçoeiras: nenhum homem de moderada elevação moral anda armado de navalha de ponta e mola, mesmo que tenha a sua vida ameaçada. Pois «A Batalha» preconisa que, em legitima defeza, um cidadão pode trazer bombas consigo, arremessando-as sobre as multidões quando julgar o momento azado. Essas bombas vão matar velhos, crianças, operarios... Que importa, se foi em legitima defeza! Eis o humanitarismo de «A Batalha», portavoz do sindicalismo revolucionario, arauto da sociedade libertaria, cuja alvorada já se vislumbra, no horizonte ensanguentado pelos morticinios da Russia. Não, isso não! O que «A Batalha» quer não é humanitarismo, reacionarismo. E nós somos contra toda a reação.

A Republica não fechou as portas ás reivindicações legitimas do operariado. Pelo contrario: abriu-as de par em par. Mas o que a Republica não pode consentir é que os falsos apostolos da Nova Aurora não queiram a Ordem Nova, mas a desordem permanente, o cahos da destruição, o aniquilamento da alegria de viver e da propria vida. A Republica tem melhorado as condições economicas do operariado. Nega-lo, é mentir conscientemente.

Mas o que a Republica não pode consentir é que a autoridade legal seja substituida pela selvageria dos instintos, reduzindo a nação a uma sanzala de homens dominados pelo terror.

Esses instintos ferozes são lisonjeados e incitados por «A Batalha». O porta-voz do sindicalismo revolucionario incita as más paixões e faz a propaganda dissolvente dum niilismo catastrofico.

«A Batalha» propina aos jovens de cerebro inculto o veneno da lisonja da vida facil, incutindo-lhes a aversão ao trabalho honesto, que ampara o cidadão e faz a tranquilidade das familias. Indefesos contra a infecção, os mancebos do operariado absorvem o veneno de «A Batalha» e regressam ao instincto criminoso. Não é ou pode deles, essa fraqueza organica que os não torna imunes á peçonha. A culpa é mais nossa que deles. Por isso nunca escrevemos palavras de qualquer condenação aos seus actos criminosos. A monarquia desprezou absolutamente a instrucção do operariado, e a Republica (como custa confessar esta verdade!) não tem ido muito mais além. E, entretanto, se a instrução dos mancebos não fosse uma irrisão oficial, a infiltração das ideias dissolventes e destruidoras de «A Batalha» não encontraria facil terreno de cultura e desenvolvimento. Mas o mal tem remedio.

Já dissemos qual ele era, para o momento. Cumpra o governo da Republica o seu dever.

Defenda as Instituições. Use da Lei na repressão do crime. Responda energicamente á provocação extremista. Faça compreender a todos—mas a todos, sem excepção—que a Republica é um corpo forte, que se não destroe á facada ou á bomba.

Tem força para o fazer. Pode fazê-lo.

Os que morrem

D. Maria Adelaide Curry da Camara Cabral

Faleceu ontem esta senhora, esposa do dr. Curry Cabral que foi enfermeiro-mór dos Hospitais Civis e mãe da esposa do nosso querido amigo sr. dr. Castelino Maria Bruno da Veiga, ilustre director-delegado do «Diario de Noticias».

A' familia enlutada «A Capital» expressa o seu vivo pezar.

Paulo Neves

O nosso querido amigo Henrique Neves, ilustre director de «A Vitoria» acaba de sofrer um golpe profundissimo e morte do seu filho Paulo. Para quem como nós conhece o coração extremoso de Henrique Neves, avalia bem a dôr porque está passando e por isso mesmo nós [illegible] a ele comovidamente.

Politica internacional

A PROPOSITO DA SITUAÇÃO POLITICA NA INGLATERRA. LLOYD GEORGE ESTARÁ NO TERMO DO SEU REINADO? O PACTO ANGLO-FRANCEZ

Houve aqui ha dias um incidente na politica interna ingleza que nos parece destinado a ter consequencias embora afastados.

Foi o caso que uma fracção importante dos conservadores chefiada por sir George Jouger, manifestou intenções um tanto hostis ao sr. Lloyd George. Este quiz que a situação se definisse imediatamente e enviou uma especie de «ultimatum», ameaçando demittir-se, caso que lhe fosse confirmada a confiança dos conservadores. Lavrou-se um compromisso, que deu satisfação ao primeiro ministro inglez; e a crise do gabinete foi evitada.

Uma vitoria para Lloyd George?

Sim, uma vitoria... a curto prazo. Avisinha-se a conferencia de Genova e ela seria um desastre sem a presença de Lloyd George que a inspirou; o seu desastre seria imputada áquelles que tivessem provocado a queda do poderoso estadista.

Comprehende-se que os conservadores não quizessem arcar com uma tal responsabilidade e por isso submeteram-se.

Mas a submissão não durará muito e não ser que dessa conferencia resultassem tais beneficios que aureolassem o prestigio já um tanto gasto do estadista que ha quinze anos se conserva no poder.

Mas parece-nos ingenuidade esperar grandes resultados dessa Conferencia e especialmente resultados imediatos. E então, uma vez concluidos os trabalhos renascerão as lutas politicas, a campanha contra Lloyd George intensificar-se-ha, e a sua queda será um facto.

Lloyd George, que entrou no ministerio Asquith (abril-1908) como representante de certas correntes socialistas passou a ser um liberal e depois derrubou Asquith com o auxilio dos conservadores (dezembro-1916). Foram estes depois os seus principais auxiliares, e de entre os actuais colaboradores do sr. Lloyd George ha-os que lhe são absolutamente dedicados: Chamberlain, Churchill. Mas no partido ha quem esteja cançado de, por tal tempo, estar acorrentado a um ministro de feição liberal—embora com tantos laivos do mais puro imperialismo—e que é tempo de quebrar as cadeias e conquistar a antiga independencia.

Esta longa duração dos ministerios de concentração trez baralhados os partidos politicos na Inglaterra. Os liberais estão divididos: o grupo Asquith-Grey não navega nas aguas governamentais; os unionistas estão divididos: se muitos, e dos mais cotados estão ao lado do Lloyd George na sua [illegible] ministerial, [illegible] o numero daqueles que, fóra do poder, pretendem conquistar posição independente. Está naturalmente indicada a constituição dum novo partido, do centro, formado por aqueles que se agrupam em torno do primeiro ministro. A proxima consulta eleitoral trará esta descriminação de campos? E quais serão os principios que constituirão a plataforma do novo agrupamento—caso a ideia se efective? Supomos que a Conferencia de Genova é que deverá fornecer os principais indicações.

Entretanto a discussão está travada, na imprensa franceza e ingleza, quanto ás consequencias possiveis duma mudança ministerial na Inglaterra. A França, que não esquece os altos serviços prestados pela Inglaterra, representada por Lloyd George, nos duros anos da guerra, não se esquece tambem das dificuldades em que tem vivido por mercê da inconstancia desse ministro: ou melhor da constancia com que tem defendido os interesses inglezes contra os seus aliados da guerra. Nada teriamos a opôr se essa falta de solidariedade não redundasse, afinal, em prejuizo de todos, inclusivé a propria Inglaterra. O grande erro de Lloyd George foi desinteressar-se da situação que criava aos seus amigos da guerra, como se fosse possivel reconstruir a prosperidade ingleza sem atender ás circunstancias penosas em que deixava as outras potencias. Agora, em Genova, pretende fundar as bases duma cooperação internacional; mas é duvidoso que consiga pesar bem a parte que a cada qual deve caber na empreza, e a repartição dos beneficios. Quer dizer, a luta de interesses ressurgirá.

Outro ponto: e o pacto anglo-francez? O «Observer», que passa como inspirado por Lloyd George, entende que a sua ratificação deve ficar para o parlamento futuro. Em França objectam: 1.º, o pacto foi prometido em 1919 para que a França renunciasse a proteger-se na margem esquerda do Reno—a França renunciou mas o pacto não foi aprovado; 2.º, Briand conseguiu na Conferencia de Genova, com a promessa do pacto—a Conferencia vai realisar-se, mas o pacto ainda não está assinado; 3.º, agora pretendem ligar a existencia do pacto ao resultado das eleições. E perguntam se o pacto é mercadoria que assim se venda, por trez vezes, sem ser entregue. E' assim, com estas alfinetadas, que os aliados se apresentarão em Genova? A unidade de frente, prégada e realisada na guerra, não poderá reviver na paz? Ou esperarão, para isso, a ofensiva germano-bolchevista?

A prisão de Ghandi

BOMBAIM, 18.—Quando Ghandi foi preso prenderam tambem o editor do seu jornal «A Jovem India» tendo ambos comparecido perante o magistrado de Ahmedabad ao qual disseram que em tempo oportuno falariam.

Estas prisões não causaram agitação e julga-se que o julgamento terminará dentro de 15 dias.—(R.)

Alfandega de Lisboa

LEILÃO

QUARTA e quinta-feira 15 e 16, no armazem de leilões desta casa fiscal, proceder-se-ha á venda de mercadorias demoradas e salvadas do vapor portuguez «Africa», que constam de enxofre em pedra e em pó, 600 rolos de arame, 370 de arco de ferro para pipas e barris, motor, torados de apertar, pregaduras de ferro e latão, folha de Flandres, 500 garrafas de aguardente, 1.150 de vinho do Porto, Colares e Bordeus, 36 de vermouth, 300 de agua de Vidago, 30 sacos de tapioca, balanças de precisão, aparelhos para laboratorio, artigos para fotografia, produtos quimicos, ampolas medicinais, correias, garrafas e frascos vasios, aduelas, cimento, tabaco picado, roupa usada e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 11 de março de 1922.—O escrivão, Alfredo Marcolino de Almeida.

Alfandega de Lisboa

Leilão

SEXTA FEIRA, 17, ás 13 horas, nos armazens desta casa fiscal, em Porto Franco (Junqueira) serão vendidos por conta e risco de quem pertencer, 3.000 caixas de gazolina Shell.

Alfandega de Lisboa, 11 de março de 1922.

O escrivão

Alfredo Marcolino de Almeida.

Atentado contra o ministro dos Estados-Unidos em Sofia

NEW-YORK, 12.—12.—A «Associated Press» recebeu um telegrama de Sofia, dizendo que houve uma explosão na legação dos Estados Unidos daquela capital, a qual apenas causou estragos materiais. O ministro americano supõe que se trata de um atentado.—(R.)

CURIOSIDADES

As maiores coisas do mundo

AS MAIORES ILHAS — São a Nova Cyrini, Borne e Madagascar. A primeira das quais é quatro vezes maior do que a Grã-Bretanha.

BIBLIOTECA — A Nacional em França. Contem 1.400$000 volumes, 300 000 opusculos, 175.000 manuscritos, 55.000 mapas e cartas geograficas e 150.000 moedas e medalhas.

CAVERNA—A de Mammoth, no Kentuky a 28 leguas de Louiswille. Tem, pouco mais ou menos, 3 leguas de profundidade e as suas ramificações tem uma extensão total de mais de 58 leguas.

CHAMINÉ—A mais alta existe na America, mandada construir por conta da Montana Copperand Silver Mining Company; a qual tem 154 metros de altura, tendo na extremidade superior o diametro de 15,m25 para dar vasão a 115.264 metros cubicos de gazes por minuto! Custou 1 milhão de francos e está construida numa altitude de 1078 metros, porque tem de suportar grandes correntes atmosfericas. Toda esta construção exigiu seis milhões de telhas e tijolos no peso aproximado de 17.000 toneladas.

DIAMANTE — Foi encontrado em Johannesburg. Pesa 280 quilates, mais um que o famoso Grão Mogol, avaliado em mais de 2.000 000$000.

ESCOLA—Existe em Stockolmo na qual recebem educação 2.870 creanças.

FABRICA DE BRINQUEDOS — Existe em New-York. Consta de 6 andares e trabalham nela 3.000 operarios. A sua fachada tem 250 metros de comprimento.

FIO TELEGRAFICO — O mais extenso possue-o a India: é o que atravessa o Kistnah duma montanha á outra, a uma altura de 366 metros. Tem 610 leguas de comprimento.

HOSPITAL — Existe em Moscou e foi fundado em 1764. Tem capacidade para 7000 doentes e emprega 28 medicos e 1000 enfermeiros na assistencia aos mesmos.

LINHA ELECTRICA—Entre Indianopolis, Anderson e Marion com 155 quilometros. Os electricos andam 100 quilometro á hora e comportam 100 lugares cada um.

LINHA TELEFONICA—Entre Chicago e Boston. Tem 1720 quilometros de comprimento e abrange 43.000 postes duma altura média de 12 metros.

MINA—A mina mais profunda de todo o mundo está em Prizdram (Bohemia). O poço principal tem uma profundidade de mais de mil metros.

PARA-RAIOS—O mais extenso está no observatorio meteorologico de Lugapite (Baviera). O cabo condutor parte do cume da montanha onde o dito observatorio se encontra situado e vai terminar num lago que ha no sopé da mesma montanha, a 6 quilometros de distancia do pára-raios.

FAROL—O maior é o de Hell Gate a Artoria (America). Tem 76 metros de altura e nove lampadas electricas, cada uma da força de 6.000 velas.

POMBAL — Existe na California, ocupando uma superficie de 32.400 quil. quad.

PONTE—Está suspensa entre Brooklyn e New-York. Além de ser a maior do mundo, é tambem um dos mais maravilhosos trabalhos feitos pela engenharia mecanica.

PREDIO—Existe em Londres. Tem 8.000 aposentos, comporta 6.000 inquilinos. Tem uma superficie habitavel de 900.000 metros.

PIRAMIDE—A maior é a erigida por Cheops, no Egipto, (denominada tambem a grande piramide). Tem 14[illegible] metros acima do terreno, a base 227 metros, e a aresta 217 metros, e seu volume está avaliado em 2 562 578 metros cubicos; trabalharam nela durante 20 anos 100.000 operarios.

QUARTEIS—Os maiores possue-os a cidade de Varsovia, capital da Polonia russa. Cabem neles comodamente 37.300 homens.

SALA—A maior do mundo é uma que existe em S. Petersburgo. Mede 190 metros de comprimento por 46 de largura. E' destinada a manobras militares. Dentro dela pode manobrar á vontade um exercito inteiro.

SINO—Está sobre um muro de granito no Kremelino de Moscou. Foi fundido por mandado da czarina Ana em 1733, e esteve mais dum seculo sepultado na terra.

A boca tem um diametro de 7 metros e quasi 6 metros de altura, está quebrado e uma parte quasi triangular está separada da terra.

TEMPLO—A Basilica de S. Pedro, em Roma. Foi começada no ano de 1450, governando a Igreja Romana o Papa Nicolau V. Anteriormente existira no mesmo lugar outra basilica de mais pequenas proporções mandada edificar no ano 326. A actual que ficou concluida em 1614 tem 187 metros de comprimento 135,5 metros de largura e 45 metros de altura sob a copula. E' composta de 3 naves que rematam num transepto coroado por um zimborio imenso de 138 metros de altura e 42 metros de largura. A fachada tem 5 portas, 120 metros de largura e 48,45 metros de altura.

TUNEL—O maior ferro-viario é o de Simplon que tem quasi 20 quilometros de extensão.

VULCÃO—Em actividade e maior é o Popocapeti situado a 13 leguas do Mexico á altura de 5,573 metros, a cratera oval tem uma legua de circunferencia e 152 metros de profundidade.

A. G.

A crise de gabinete na Grecia

ATENAS, 12. O rei Constantino encarregou o sr. Stratos de constituir o novo governo.—(R.)

Morreu a sogra do Kronprinz

BERLIM, 13.—Faleceu a grã-duqueza Constancia sogra do Kronprinz.—(R.)

ULTIMA HORA

NO PORTO

Um incendio na Casa de Reclusão Militar

Na Camara dos Deputados o sr. Manuel Fragoso pediu ao sr. ministro da Guerra, que dissesse á camara o que havia com respeito a acontecimentos alarmantes no Porto. O sr. ministro da Guerra, em resposta, disse que recebeu hoje, os seguintes telegramas, ás 9 e 10 horas:

«Lavra grande incendio no edificio onde estão instalados o Presidio Militar, o Tribunal Militar e o quartel de infantaria 31. Os presos foram removidos para a cadeia da Relação. Os bombeiros atacam o incendio pela rua de S. Bento da Victoria, onde está instalado o Tribunal Militar.»

«O incendio da Casa de Reclusão Militar limitou-se a um canto do edificio, onde estavam instaladas a oficina de sapateiros e arrecadado material diverso, alguns explosivos e armamento. Este foi totalmente salvo pelos proprios detidos do Presidio. Os arquivos policial e financeiro nada sofreram.»

Como se vê dos comunicados oficiais não têm fundamento os boatos alarmantes que hoje correram na cidade sobre acontecimentos graves passados no Porto.

Melo Barreto

Ministro plenipotenciario de Portugal junto do rei Afonso XIII de Espanha

Sabemos que, o governo de Madrid já enviou ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros de Portugal o agrément necessario para a nomeação do sr. Melo Barreto como ministro de Portugal em Madrid.

Esse documento ainda não deu entrada nas Necessidades mas não deve demorar quarenta e oito horas.

O nome do sr. Melo Barreto foi excelentemente acolhido no Escurial.

A resposta do governo de Espanha faz-se eco das simpatias de que o sr. Melo Barreto gosa na côrte do rei Afonso XIII. Efectivamente, a nota diplomatica em resposta ao pedido de «agrément» classifica o sr. Melo Barreto de «persona gratissima», expressão pouco vulgar em documentos de tal natureza.

A greve maritima

Tendo conseguido o sr. Emilio Burnay que os fogueiros aceitassem o aumento oferecido pelos amadores ficou assente que estes retomassem o trabalho amanhã ou depois, sendo de esperar que as outras classes, marinheiros e criados, lhes sigam o exemplo.

Manipuladores de pão

Voltaram hoje a reunir os manipuladores de pão os quais instaram por melhoria de situação, protestando contra o pretendido aumento de pão que segundo afirmam não é necessario.

Mais resolvêram levar a efeito no proximo domingo um comicio no parque Eduardo VII.

Liberato Pinto

No rapido de Madrid embarcou hoje com sua esposa e filha o ex-chefe do Estado Maior da G. N. R. sr. Liberato Pinto o qual segue á Suissa a fim de acompanhar sua esposa que ali vai sofrer uma operação. Na «gare» do Rocio compareceram á despedida muitas pessoas de familia e amigos dos viajantes, oficiais do exercito, etc. tendo sido oferecido á esposa do sr. Liberato Pinto um lindo ramo de flores.

A gréve dos electricos

Continua no mesmo pé a gréve do pessoal da carris o que não impede que os serviços se vão normalisando pouco a pouco tendo hoje recomeçado as carreiras para a Graça e Poço do Bispo.

Uma comissão de grevistas volto hoje ao Governo Civil a fim de solicitar do chefe do distrito a reabertura do seu sindicato na rua da Esperança, sendo o pedido indeferido. Os reclamantes solicitaram então que lhes fosse auctorisado reunirem-se na séde da C. G. T. o que igualmente lhes foi negado.

Hoje foram presos alguns grevistas e entre eles Manuel Almeida Marques e José Henriques Moreira, considerados como agitadores da classe.

ORDEM PUBLICA

Voltaram hoje a fazer-se buscas sendo presos 62 individuos dos quais 56 são conhecidos como jovens syndicalistas

Voltou hoje a policia a efectuar buscas e rusgas na cidade de Lisboa, por motivo dos recentes atentados dinamitistas contra os carros electricos.

A' policia foi dada, pela 1 hora, ordem de prevenção rigorosa, tendo depois sido chamados a uma conferencia no Governo Civil os quatro comissarios de divisão, os quais ficaram encarregados de dirigir os serviços nas respectivas áreas.

A's 6 horas e meia iniciaram-se as buscas, feitas por alguns agentes de investigação e pela policia de defesa social e ainda por guardas, sendo apreendidas algumas bombas e pistolas e efectuadas 62 prisões. Os presos, depois de concentrados nas esquadras, seguiram em *camions* da G. N. R. para o forte de Sacavem, onde actualmente se encontram 56, pois que 6 foram restituidos á liberdade, por se ter apurado que haviam sido detidos por engano. Os 56 presos são conhecidos como jovens sindicalistas e sobre êles vão agora incidir as investigações policiais, a fim de se apurar quais os implicados nos recentes atentados.

Na séde do Sindicato da Industria Mobiliaria, travessa da Agua da Flor, 16, foi tambem passada uma busca que não deu resultado, tendo ainda os agentes da P. D. S. visitado demoradamente a séde da C. G. T., na Calçada do Combro, onde coisa alguma de suspeito foi encontrada, sendo preso um filho do continuo, um garoto de 14 anos, que pouco depois foi restituido á liberdade.

Algumas buscas escusadas se fizeram devido a enganos de moradas, sendo uma das casas visitadas a residencia do sr. dr. Aurelio, medico da policia. Compreende-se o engano, desde que se saiba que na casa em questão residiu ha tempos, um conhecido sindicalista.

Na fortaleza de S. Julião da Barra continuam detidos os 50 individuos presos quando das primeiras rusgas, os quais foram hoje interrogados por uma brigada, constituida por 8 agentes das [illegible] secções os quais embarcaram no Cais do Sodré pelas 10 horas.

Pelo agente Ferreira da Silva da 1.ª secção de investigação, vão [illegible] hoje a ser interrogados, no Hospital de S. José, o tipografo Carrasco[illegible] e o pedreiro Gordin[illegible], dois jovens sindicalistas atingidos por estilhaços de bombas quando do atentado de ha dias na Avenida Almirante Reis.

Pelo segundo sargento da Companhia Mixta de Telegrafistas da G. N. R. foi hoje preso na estação de Santos, quando se apeava de um comboio vindo de Cascais, o jovem sindicalista José Ramos, de 17 anos, carpinteiro, suspeito de ser o autor do atentado que ha dias se registou na rua 24 de Julho contra um carro electrico guiado pelo engenheiro da Companhia Carris de Ferro, o alferes sr. D. Tomás da Camara.

O Ramos, que passou o dia de ontem em Paço d'Arcos, onde jantou andou depois beberricando por várias locandas, acabando por dar á lingua, confessando-se autor do referido atentado. O preso já ha dias que era procurado pela policia.

As tropas da guarnição bem como as que se encontram em redor da cidade estiveram durante o dia de hoje de prevenção á vontade parecendo que durante a noite estarão de prevenção rigorosa, em consequencia de boatos que correram de nova alteração da ordem, que parece não terem o menor fundamento.

Tambem não tem fundamento a noticia publicada por um jornal da manhã de que o governador civil estava na disposição de dissolver e mandar encerrar o Centro Republicano Coronel Antonio Maria Baptista.

Segundo se dizia, ainda esta semana será apresentada ao Parlamento uma lei dos indesejaveis, existente nos outros paises, mais se afirmando que tal lei será votada por unanimidade.

Eleição de comissões na Camara dos Deputados

Na sessão de hoje foram eleitas as seguintes comissões:

INQUERITOS COLONIAIS

Julio Henriques de Abreu, Adriano da Fonseca, José Nascimento Medeiros, Paulo Menano, Pedro Pita, Lino Neto e Agatão Lança.

INQUERITO DOS TRIGOS

Costa Amorim, Manuel Fragoso, Adriano Fonseca, Lopes Cardoso, José Pedro Ferreira, Conceia de Abreu, João Baptista da Silva.

INQUERITO DA GUERRA

Custodio de Paiva, Costa Gonçalves, Marques Mourão, Carlos Olavo, Jaime Duarte Silva, Diniz da Fonseca e Virgilio Costa.

INQUERITO AOS ESTRANGEIROS

Plinio Silva, Silva Castro, Antonio Rezende, Angelo do Sampaio e Melo, Antonio Correia, Americo Olavo e José Carvalho dos Santos.

INQUERITOS AOS BAIRROS SOCIAIS

Albino Pinto da Fonseca, Sá Pereira, João Batista da Silva, Ferreira de Matos, Pires Monteiro, Morais de Carvalho e Diniz de Carvalho.

INQUERITO AOS ABASTECIMENTOS

Marques de Azevedo, Tavares de Carvalho, Marques Loureiro, Jaime Conçado, Carvalho da Silva, Juvenal d'Araujo e Mario Ramos.

Um abalroamento

Pelas 13 horas e meia de hoje deu-se na rua Augusta, no cruzamento da rua dos Retrozeiros um abalroamento entre os carros electricos ns. 410 e 431 de que eram guarda-freios os civicos ns. 771 e 578.

O choque foi violentissimo tendo descarrilado o carro n. 431 que ficou atravessado na rua, indo chegando por um triz a abalroar [illegible] as vitrines do «Credit Lyonnais», devido ao sangue frio do guarda freio.

Do embate resultou ficarem partidos os vidros deste carro, e feridos os passageiros sr. Rafael de Almeida Delgado, rua da Bela Vista á Graça, 18 [illegible] e a sra. D. Maria Alves Carcelo rua Vasco da Gama, 74.

Foram ambos pensados no posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço.

No local compareceu o carro de pronto socorro bem como o alferes sr. D. Tomaz da Camara e o tenente sr. Pereira Dias que dirigiram os trabalhos do carrilamento o qual foi feito com toda a rapidez.

Em volta do novo governo espanhol

MADRID, 13.—Sanchez Guerra, presidente do concelho, disse ao conde de Romanones que restabeleceria as garantias constitucionais se os liberais cooperassem com o governo.—(Lat. Am.)

Presidente da Republica

O sr. Presidente da Republica, que ultimamente tem experimentado sensiveis melhoras, foi hoje de tarde á fotografia Bobone acompanhado do seu secretario particular, visitar a exposição de pintura e escultura de Antonio Joaquim Fernandes Lima que nos seus trabalhos adopta o nome de Limu Machado Pereira.

O chefe do Estado terminada a visita foi de carruagem dar um passeio ao Campo Grande.

Nos bastidores do Congresso

Se o sr. Melo Barreto der vaga...

O sr. Melo Barreto é director geral do Congresso da Republica. Vai ser nomeado ministro em Madrid. Haverá nesse caso uma vaga a preencher no Congresso? E' duvidoso.

A nomeação do sr. Melo Barreto para ministro em Madrid não o faz entrar imediatamente no quadro do corpo diplomatico.

São necessarios cinco anos de estagio, diz a lei. Nessas condições, não se dá, senão daqui a cinco anos, a vaga de director geral da Secretaria do Congresso.

Nem toda a gente é desta opinião. O sr. Baltazar Teixeira, 1.º secretario da Camara dos Deputados, advoga a doutrina acima exposta; outros contestam-na, querendo a vaga para já.

Nesta ultima hipotese, ha dois candidatos ao preenchimento: os srs. Abilio Soeiro e Francisco Pereira. O sr. Soeiro é 1.º oficial e pretende a promoção, o sr. Pereira já exerceu o logar interinamente e quer agora a nomeação definitiva.

A luta vai travar-se, é claro, entre os constituintes, que apoiam o sr. Soeiro, seu correligionario, e democraticos, a cujo partido pertence o sr. Pereira.

Qualquer destes cavalheiros é, alias, competentissimo para o desempenho de tão alta função publica.

Um projecto de lei sobre promoções no Exercito

O projecto de lei que o sr. deputado Lourenço Aresta mandou hoje para a mesa e a que nos referimos no extracto da sessão, é o seguinte:

Art.º 1.º—Que, emquanto não forem promovidos a tenentes os alferes dos cursos da antiga Escola de Guerra, criados pelo decreto de 4 de abril de 1910 seja a lei de 14 de setembro de 1915, extensiva aos alferes das armas de infantaria, cavalaria, artilharia de campanha e serviço de Administração Militar, os quais serão promovidos quando tenham as necessarias condições de promoção, contando-se a antiguidade no posto de tenente desde o dia imediato áquele em que completarem quatro anos de alferes.

Art.º 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Para este projecto foi aprovada a urgencia.

Parlamento

Nos Deputados

Abriu a sessão á hora habitual, [illegible] suficiente para [illegible] operar.

ANTES DA ORDEM

Inaugura a oratoria parlamentar de hoje o sr. Eugenio Aresta que manda para a mesa um projecto de lei.

Seguiu-se-lhe o sr. Manuel Fragoso, que sustentou um dialogo [illegible] com o sr. Carvalho da Silva. A Camara riu por vezes. Parece que o sr. Carvalho da Silva [illegible] o sr. Fragoso no numero [illegible] correligionarios — porque [illegible] o *Correio da Manhã*.

E uma injustiça. Tambem nós lemos o *Correio da Manhã* (que remedio, se é dever do oficio!) e nem por isso viramos a casaca.

O sr. Agatão Lança pede que a mesa lhe diga se o sr. ministro do Comercio já deu autorização para que o estudar examine os [illegible] dos Transportes Maritimos do Estado. A mesa dirá depois de se informar.

Trata-se a seguir do incendio da Casa Militar de Reclusão que noutro [illegible] de relato [illegible].

O resto da sessão foi preenchido por eleição de comissões. E a sessão encerrou-se ás 16 horas com gaudio geral na tribuna dos jornalistas. Nem admira, adeus foi adiado á segunda feira!

A proxima sessão é na quarta feira. E só na quarta feira, porque o sr. presidente não tem, na mesa, processos prontos para serem dados para ordem do dia. E natural que as comissões forneçam amanhã uma cabazada deles.

Entre os deputados era opinião geral que o incendio no Porto foi puramente casual, não tendo relação alguma com a gréve revolucionaria que os sindicatos de lá declararam. Supoz-se a principio, que se tratava de incendios em três edificios, mas não é assim. O edificio é só um, como claramente se lê nos despachos telegraficos, em bora dentro dêle funcionem três importantes serviços publicos.

Do texto dos telegramas depreende-se que o incendio foi dominado antes das 10 horas, ficando apenas destruida uma parte minima do edificio onde êle rebentara.

A questão dos sargentos da Guarda

Uma comissão delegada das juntas de freguesia de Lisboa procurou hoje o sr. presidente do Ministerio para explicar-lhe a questão dos sargentos da guarda republicana transferidos por ordem do sr. Cunha Leal para corpos da provincia, sob a acusação de pertencerem ao *Grupo dos 13* quando, a verdade é que estavam filiados no Centro Antonio Maria Baptista.

A comissão de sargentos, que no sabado se dirigiu ao chefe do Governo, não foi efectivamente recebida pelo sr. Antonio Maria da Silva, mas sim por um dos seus secretarios.

Morto á punhalada

Nada ainda está apurado sobre o crime praticado na manhã de sexta feira passada no Bairro Lamego e de que foi vitima o conhecido caferino capitão do exercito do Ultramar Luiz Ludovico dos Santos Vasconcelos.

O agente Alvaro da Fonseca encarregado de proceder a averiguações esteve hoje ouvindo durante largo tempo José Fernandes empregado no comercio filho da Carolina Fernandes aquela mulher que trabalhava e dias em casa do capitão.

Os depoimentos foram longos e findos eles foi ouvida a Carolina que segundo é voz geral na vesinhança alguma coisa deve saber.

As atenções da policia voltam-se agora para certa dama misteriosa que ia «rendez-vous» com o capitão, e qual fazia segredo dessas entrevistas, motivo porque a policia se vê em sérios embaraços para descobrir o fio á meada.

Poeira da Arcada

O sr. ministro do Trabalho determinou que o capitão de artilharia sr. José Alfredo de Paola, continue a sindicancia ao Asilo de Maria Pia devendo ficar concluida até ao fim do corrente mez.

—Foi concedida licença ilimitada ás sras. D. Palmira Julia Xavier e D. Angela de Jesus Veloso, professoras de instrução primaria do Instituto Almirante Reis.

A situação no Rand

PRETORIA, 13.—A situação no Rand continua a ser muito grave.

Foi proclamado o estado de sitio e as tropas atacam os grevistas fazendo uso de aeroplanos e metralhadoras.—(R.)

TEATRO

ARTISTAS DE CINEMA

Augusto Branco

Figura insinuante, que se presta admiravelmente ao ecran, Branco prestou-se gentilmente a fazer um dos papeis do film, O rei da força, *papel que estudou com gosto, e que representa um tour de force, em quem como Branco, é a primeira vez que representa.*

Pois sahiu-se airosamente fazendo com brilho o papel de apache mosca-tonta.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO NACIONAL — As 3 ultimas recitas da companhia franceza, de Marie Thereze Pierat.

Monna Vanna — *peça em 3 actos de Maurice Maeterlinck*

Peça

O autor admiravel de *La vie des abeilles* nunca em teatro suplantou a beleza poetica da *Monna Vanna.* Quando escreve num lirismo infantil a fantasia de *L'Oiseau bleu;* quando, alma de belga, dramatisa a guerra em *Le bourgmestre de Stilmonde;* quando se arroja a tocar em Cristo escrevendo *Marie Madeleine* fica ainda, apesar de muito grande num nivel de beleza inferior a Monna Vanna. O profundo psicologo de *La Mort* é nesta peça um grande poeta, duplamente poeta nas intenções, no alevantado nobre das suas figuras e na prosa, da melhor e mais cadenciada forma literaria. O seu entrecho é enorme de beleza, a esse batalhar odioso, extremista das republicas italianas vai buscar o ambiente brutal, os caprichos dos herois, as vicissitudes, traições dos mercenarios e, sobre êste fundo original, coloca duas figuras, grandes, imensamente belas nas atitudes, artisticamente cheias de nobreza, de sentimentos. Giovanna e Prinzivalle. O 2.º acto é uma página imensa de poesia, de estranha e grandiosa concepção. O 3.º acto é um drama intenso, violento, em que ha vislumbres de loucura e ansiedades de sonhos de amor ideal. E' em toda a sua estrutura uma obra prima, que ao publico de Lisboa foi dada esboçadamente, defeituosa, *maquée,* verdadeira *camelotte,* pelo

Desempenho

da companhia franceza. Guido, o assediado, o amante sacrificado á ventura do povo, era um *monsieur* de pernas tortas, berrando, gesticulando, numa exaltação grotesca, sem noção alguma do belo. Prinzivalle o mercenario por amor, o traidor por amor era outro frio *monsieur,* perdendo na dicção metade da poesia que perfuma a obra de Maeterlink. Enganos continuos nas *frases,* que, quanto mais belamente escritos, mais magoadas se sentem pelos labios que as dizem. O velho Marco, até êste foi grosseiramente modelado por Lugné-Poe, que apenas marcou dois gestos, duas inflexões, quiçá duas attitudes. *La foule* nunca se viu no 3.º acto, e, para cumulo, o final da peça o fecho da obra colossalmente erguida, foi cortado pelo pano. Vanna abre os olhos nos braços de seu marido, que lhe diz ainda que tudo é um mau sonho. Ela, em voz fraca, aquela voz surpreendente de madame Pierat, doce e premeditada misteriosamente feminina, pede-lhe a chave da prisão. Exige-a, quere-a só para si. *Le beau rêve va commencer... le beau va commencer.*

So, pois, a madame Pierat devemos as notas exclusivas e vibrantes que restam da admiravel peça do escritor belga. Em todos os três actos foi magistralmente imagem da resignação do sacrificio, imensamente feminina: os olhos e as mãos tinham por momentos, expressões e atitudes extraordinariamente belas. O mais pequeno detalhe era de mulher: a gracilidade a compor a ligadura de Prinzivalle e a angustia de ninguem compreender a grandeza da sua alma. Foi uma grande artista.

Só, e isso é imperdoavel, a artista da *Comédie* não se importou com a platéa, Monna Vanna, em Pisa, no seculo XV, traz aos ombros sempre, porque o teatro não tem *chauffage,* a romeira de arminho, que não larga desde a primeira noite em que se estreou Monna Vanna traz sapatos de salto alto, fórma moderna, sob o manto com que aparece a Prinzivalle, diz-se nua e as salas brancas surgem aos olhos do publico. Só comparavel a êste desprezo, á encenação, quando ela exclama *«Ecoute les cloches qui chantent»* e os sinos só tocam depois... Quanto ao

Scenario

do 1.º acto é abominavel, o guarda roupa pobre, apenas no 2.º, em scenario de *tournée,* um conjunto de panos agradavel. Mobilias arabes da *Maison Cerné.* Pobre Vanna!

Amoureuse — *peça em 3 actos de Georges de Porto Riche*

Peça

Georges de Port Riche poz no seu primeiro volume de teatro, onde figuram *Amoureuse, L'infidèle, Le Passé,* recentemente reposto na *Comedie,* o titulo sugestivo de *Theatre d'Amour.* Em França, o titulo seria banal, atendendo a que quasi todo o teatro é bordado sobre o amor; mas é que Porto Riche, bem como François de Curel, trouxeram para o teatro do amor, que a frivolidade, a fantasia, a superficialidade dos autores francezes continuamente punham em scena, causas mais profundas, novos horizontes mais ponderados, determinando o meio, o estudo psicologico dos personagens que fazem o seu *theatre d'Amour.* Emquanto, como notou na *Comædia,* Fernand Gregh, *La passé,* mais antigo que a *Amoureuse,* é uma especie de poema do desejo e do amor, esta é uma peça de teatro, vivida dentro da vida e manejando apenas três personagens. O marido, 47 anos, estudioso, masculinamente conquista, egoista, que se queixa da minucia impertinente com que a mulher o ama, ela, a amorosa, exclamando *que triste é amar!* Humanamente, ambos têm razão. Oito anos de vida comum acastelaram o conflito, um pequeno incidente fá-lo rebentar. E' o 2.º acto da peça. O marido lança sua mulher para os braços do apaixonado sem esperança. Confia, não crê, abala. Germana aceita o desafio, o seu amor magoado vinga-se; mas a vida continua. Dias depois, êles que sempre se amaram voltam a cair nos braços um do outro. E' ainda humanamente que ela o adverte: «Pensa bem... Vais ser muito desgraçado.» e êle remata: «Qu'est ce que ce la fait?»

Mas o valor da obra reside ainda mais em tôdo o brilhante dialogo dos dois primeiros actos. A minucia, o detalhe de cada frase na vida quotidiana, o bom espirito francês, a mordacidade de todas as palavras... E tão bem dispoz o publico esta peça que ela constituiu o melhor espectaculo da *tournée,* merecê ainda do

Desempenho

que, desta vez, para nos contradizar, foi completamente bom. Madame *Pierat,* cuja trabalho consecutivo nos faz ir aumentando a admiração, é, na *Amoureuse,* impressionante de tonalidades. Réjane criou o papel no Odeon. Madame Pierat, que se arrojou ao confronto e com tanto brilho se encarna em Germana, é um valor incontestavel. No primeiro acto foi *Gamine,* intencionada, leve, toda a sua dicção muito fresca, docemente amorosa. No segundo acto tem uma revolta subita, em tons naturais, bem inflexionados; e são lagrimas verdadeiras, chôro sentido que verte no terceiro acto, doloroso, tristemente lançada á realidade papel de trabalho, papel de côres leves mas dificeis.

Lugné Poe teve nesta peça o seu maior e melhor trabalho. Faz um protagonista. Embora já além dos 40 anos que o papel requisita, fez com notavel acerto, com brilhante representação, com justeza e verdade, o seu *Estevão.* A sua naturalidade é extrema, a sua marcação correctissima.

Nos dois papeis auxiliares passaram sem desagradar *mesdemoiselles* Chanel e Korensky.

Foi incontestavelmente a melhor representação da serie e que mais aplausos colheu.

Aimer — *peça em 3 actos de Paul Geraldy*

Peça

Para finalizar, a peça sintetica de Geraldy, especie de ginastica dramatica, que consiste no trabalho dificil de equilibrar o interesse pelo dialogo continuo de três figuras apenas em todos os três actos e só se encontrando numa curta scena do primeiro acto. Geraldy, talvez Lisboa não se recorde, já nos deu uma peça em versão de Melo Barreto, as *Rodas de Prata,* tambem ali no Nacional. Poeta do *Toi et moi* fez o que Racine dizia *«faire quelque chose de rien».*

Aimer subiu á scena pela primeira vez na *Comédie,* a 5 de Dezembro do ano passado, isto é, tem três mezes de vida e de sucesso. Madame Pierat criou o papel extenuante, intenso, especie de folha de arvore impulsionada ao sabor de duas correntes amorosas. Descarnada teatralização de um assunto imenso, sem limites e que um alto espirito psicologo pode levar brilhantemente ao infinito na ousadia das suas afirmações, não interessa senão pelo talento da frase, pela observação justa dos efeitos, pela interpretação intensa e vivida que demanda. Não ha figuras acessorios, não ha telefones, não ha uma diversão no meio da fluencia da obra, não ha mesmo maior entrecho além do verbo *aimer* nos três personagens *Eu amo, tu amas, êle ama.* Não é o trio francês do marido, mulher e amante ha apenas dois homens que amam a mesma mulher, e o que é pior, uma mulher que ama dois homens, mas que exclama na luta de todos os sentimentos que se entrechocam dentro de si *«Aimer, qu'est ce que celá vaut dire!»*

Peça feita com duas vontades, forças dinamicas, imprimindo rumos diferentes ao cerebro fraco receptaculo consciente e assimilante das vontades estranhas. Como é dificil preencher um espectaculo inteiro, numa linha classica num estilo altissimo, em concepções superiores, dando nos um drama psicologico da vida, sem que, contudo, a vida apareça senão em sintese, absorvida nos três personagens unicos e tendo como grande palco, para desenrolar essa tragedia angustiosa, um fragil coração de mulher.

Desempenho

Madame Pierat foi ainda de uma superioridade admiravel. Expressões estilisadas, frases de um ritmo emocionante, cheia de humanidade em todas as vibrações, ora alma sofrega, sedenta, deixando-se caminhar atraz de um alado sonho, do *nouveaux dans la vie,* ora dominada pelo seu amor calmo, pelas garras do passado, um passado onde ha a sombra de um filho morto. A sua bravura transparente deixou ver, através todos os actos, em que jámais sai de scena, toda a grandiosidade da luta interior.

Quanto aos seus colegas na peça de Geraldy, diferiam muito de Jean Hervé e Alexandre, da Comédie. O sr. Dhurtal chegou, por vezes, a ter intenções, mas sem mobilidade alguma; o sr. Bert errado nas inflexões, grosseiro na figura.

Scenarios

E' escusado dizer; bem longe dos scenarios de *Dresa,* que Geraldy foi buscar para estabelecer como *encadrement* á sua peça. Se até um sofá se partiu em scena e um *fauteuil* vergou as pernas.

E assim fechou a curta série de representações no Nacional a *tournée* Pierat. Balanço geral merece, ser feito, e tal ficará para ámanhã, certos de que alguma coisa de bom e consolador para todos nós ficou, depois desta rapida, vertiginosa passagem da companhia franceza.

ARMANDO FERREIRA

Noticiario

Portugal

Realisa-se hoje em intimidade, em casa do sr. dr. Mario Duarte conhecido homem de teatro e adaptador de peças de sucesso, a leitura do seu primeiro original de colaboração com o actor Valerio Rajuato actor novo e de talento, actualmente na companhia Chaby-Cremuda.

—Na peça «A vida» de Artur Cohen que a 16 vai em S. Carlos, pela companhia Alves da Cunha, a actriz Angela Pinto apresenta chapeus de Sebastião Cardoso e toilettes da casa Amaro.

—Entre as concessões já feitas para as diferentes explorações que hão de realisar-se no Avenida Parque (antigo Parque Meyer) figura a dum grau de teatro para a construção do qual se constituiu uma sociedade de que fazem parte os srs. Carlos Borges, João Narciso da Silva, Conde de Vilalva, Arnaldo da Rocha Brito, D. José de Baraçona, Luiz Galhardo, Raul Paiva, Alberto Barbosa, Oscar Ribeiro e Mota de Carvalho.

—Hoje, amanhã e depois não ha espectaculo no teatro Chiado Terrasse, a fim de se proceder aos ensaios de apuro da peça «O Rei dos Gatunos» que sobe á scena na noite da proxima quinta feira em festa artistica do actor-emprezario Rafael Gomes, que nessa peça desempenha o papel de mais destaque. Os restantes personagens estão a cargo de Luz Veloso, Maria Clementina, Salvador Costa, Jaime Zenoglio, Joaquim Miranda e outros.

—Os ensaios da nova opereta vienense «Sua Alteza Valsa...» que sobe á scena na noite da proxima sexta-feira no teatro S. Luiz em festa artistica do actor-emprezario e brilhante ensaiador Armando de Vasconcelos, continuam decorrendo explendidamente sob a direcção respectivamente de Armando de Vasconcelos, a parte de declamação e dos maestros Cruz Braz e Luiz Gomes os côros e a parte musical. O seu desempenho está confiado aos principais elementos da companhia.

—Na noite da proxima quinta-feira representa-se pela ultima vez esta temporada a lindissima opereta portugueza «Leiteira d'Entre Arroios» em festa artistica do simpatico actor Mario Campos, que por deferencia especial do seu colega Alfredo de Souza, desempenhará nessa noite o papel de «D. Sebastião». A récita é dedicada á classe de Empregados Bancarios da Praça de Lisboa. Alem da lindissima opereta, a actriz-cantora Aldi de Sousa cantará no intervalo do 2.º para o 3.º acto um fado da autoria do maestro Manuel de Figueiredo, já falecido, sobre uns versos de José Luiz Ribeiro, intitulado «Toada Singela».

SPORT

Aviação

Na cerimonia de imposição da Legião de Honra ao inventor do avião Clement Ader estavam presentes representantes do Ministerio, do aero club, da camara sindical das industrias aeronauticas, etc.

Natação

O campeão do mundo amador Kahanamoku, que é um nadador de velocidade extraordinaria, detentor de todos os «records» do mundo de velocidade pura, passou a profissional tendo sido contratado para serie de «films», cuja ação se passa no mar.

Ciclismo

Vai novamente correr-se em França a prova de estrada «Paris Roubaix», estando já inscritos grande numero de ciclistas.

—Jacquelim, que foi o mais popular ciclista francez, está de novo treinando-se.

Luta

Realisaram-se em Stokolmo os campeonatos do mundo, de amadores, que foram disputados por um lote formidavel de concorrentes.

—O lutador francez Tavilienа aceitou o desafio do suisso Roth, campeão olimpico.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Resultado de ontem

Internacional vence Imperio por 5 bolas a 3.

Bemfiquense vence casa Pia por 3 bolas a zero.

BILHAR

No Gremio Lisbonense

Reuniram-se ontem, neste gremio, os amadores deste jogo, com a presença do primoroso mestre sr. Miguel Gorjão.

Pelo amador sr. Angelo dos Santos foram apresentadas as bases do campeonato, ficando assente que o mesmo seja dividido em quatro categorias, com dois premios para cada uma e um premio para o amador que realisar a maior serie, dentro da sua categoria.

O sr. Angelo dos Santos inscreve-se na primeira categoria.

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

Este Club adquiriu um belo campo situado em Sete-Rios, tendo já sido iniciadas as obras de adaptação.

Brevemente se realisarão ali desafios de «hockey» e «foot-ball».

LUSITANO CLUB CICLISTA

Realisa-se uma assembleia geral amanhã, ás 9 horas da noite, para eleição de corpos gerentes e aprovação de contas da actual gerencia.

A FESTA DE ONTEM NO STADIUM

O Royal Foot-Ball Club comemorou ontem o 2.º aniversario com uma interessante festa atletica no Stadium do Campo Grande.

A festa, que foi abrilhantada por uma banda de musica, começou por uma corrida de «cross-country» de 6 quilometros, para apuramento de «equipes» concorrentes ao campeonato regional. Em primeiro lugar chegou Albano Martins, do «Estrela de Ouro», em segundo Alfredo Cruz, dos Vendedores de Jornais, e em terceiro David Bernardo, do «Royal Foot-Ball Club». Como porem, a corrida era por «equipes», foi considerada vencedora a dos Vendedores de Jornais e classificada em segundo lugar a do Sport Lisboa e Benfica.

A festa tinha outro atractivo interessante: um desafio de «foot-ball» entre os 1.ºs «teams» do Royal e do Carcavelos Sport Club.

O «team» do Royal, que fora treinado pelos srs. Adolphe Ecué e Silvain Ecué, conseguiu ganhar o desafio, por 9 pontos a 3, tendo-se os portuguezes batido com denodo e entusiasmo—apesar de lhes faltar condições atleticas para um tal jogo.

Em seguida efectuou-se a corrida pedestre de 10.000 metros entre Cristian Christiansen (americano) e Cecilio Costa. Devido á chuva, a pista estava em pessimo estado mas o corredor americano ganhou a corrida num tempo magnifico: 56 minutos e trinta segundos. Cecilio Costa, correndo com alpergatas, chegou á meta aos 56, 47, 4/5.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A... VOCE

Não pensava escrever-lhe de novo ão cedo mas li «Os olhos sinzentos e João Ameal» e senti o desejo de conversar consigo sobre o livro.

Você já o leu? O livro não me interessa mas o prefacio em compensação vale um poema. Principia por fazer um grande elogio á critica moça, á critica desempoeirada — quer dizer á critica dele e dos seus amigos. Depois começa a dizer tudo quanto a critica de cabelos brancos e de ideias em branco, dirá. Escute este bocadinho:

«Essa critica de cabelos brancos e de ideias em branco—vai dizer que a minha prosa é demasiado estilizada, que as imagens por vezes se sucedem, se atropelam, se embaralham, em catadupas de labirinto.»

Ora como essa é exactamente a minha opinião, parece-me que faço parte da critica de cabelos brancos e de ideias em branco—mas ao mesmo tempo, como gostei imenso da «Livraria de Lisboa» livro do mesmo autor de que a novela «Os olhos cinzentos» estou muito confusa porque me parece que tambem faço parte da critica moça, da critica desempoeirada.

Experimento uma estranha sensação de anfibia, não estou certa a que classe pertenço, dê-me a sua opinião, diga-me se sou peixe ou carne... Isto é, por mera curiosidade pessoal, visto que com certeza, ninguem se preocupa com a minha opinião muito menos os... Eleitos, pois nesse instructivo prefacio tambem se diz «é preciso forçar essa critica a descobrir-nos e hostilisar-nos, e nós, portadores do novo facho da Estetica—porque, descobrindo-nos, hostilisando-nos, ela nos denunciará, involuntariamente, como Eleitos!»

Eu gosto imenso dos novos porque mesmo quando, como neste caso, não gosto do que eles escrevem, acho-os muito curiosos e agrada-me ver a fé que teem em si proprios e na sua obra, depois, acho-lhes muita graça, muita «verve», passo uns momentos agradabilissimos, lendo-os, especialmente lendo os seus programas e pretensões.

Se ainda não conhece o livro, percorra-o e diga-me se não teve a impressão de estar lendo uma lingua estrangeira, muito rica, muito imaginosa, muito cosmopolita, fazendo lembrar o «esperanto», por ter de tudo um pouco,... algo irritante e intrigante.

Acabo por lhe dar um conselho, quando terminar a leitura da novela, tome um banho nas Prosas Barbaras do Eça.

Depois da hiper-civilisação dos Eleitos sabe bem mergulhar no barbarismo do... Eça.

Adeus, aperto-lhe a mão e

TANAGRETTE

FRIOLLIRAS

Laconismo

O laconismo é uma fórma de se exprimir com brevidade. Na historia antiga quem ganhava o premio do laconismo eram os Spartanos, na vida moderna são os expeditores de telegramas. O que posso afiançar é que nunca, nem no passado, nem no presente, nem no futuro ganhará esse premio uma mulher. A mulher é por sua natureza antagonica ao laconismo e ha uma ocasião entre em que ela teria essa qualidade é se esse laconismo lhe alcançasse ter a «ultima palavra». E' delicioso, pois não é, ter a ultima palavra?

O exemplo de maior laconismo de todos os tempos que encontro foi o de Victor Hugo e do seu editor.

Quando apareceu a obra de Victor Hugo «Os Miseraveis» este ancioso por saber noticias da primeira tiragem expediu ao seu editor um telegrama contendo apenas um ponto de interrogação: ?; o editor apressou-se a responder; o seu telegrama continha apenas isto: !

Tinha razão, o ponto de exclamação dizia tudo.

SEGREDOS DA MODA

As «toilettes» de baile e teatro são muitas vezes bordadas a oiro e prata. Se quizerem que elas sejam muito modernas, ponham nas «pannaux» barras altas de lontra.

Nos chapeus de passeio usa-se agora pouco as cerezas, pelo contrario as penas de garça tomam na moda um logar interessante. Coloca-se ao lado dois pompons, um sobre a aba e outro por baixo.

Os ornamentos brilhantes estão muito em voga para a noite. Os bordados lavrados e com perolas são muito requisitados. Aconselho tambem guarnições para vestidos e diademas para penteados de pedras.

CONSELHO PRATICO

Para tirar nodoas de gordura do papel

Misturam-se, partes eguais de flores de enxofre em pó e de alumen queimado e egualmente pulverisado. Esfrega-se com cuidado e devagarinho á nodoa depois de ter humedecido o papel.

TRABALHOS FEMININOS

Almofadas confortaveis

Apesar do fim obvio da almofada ser contribuir para o nosso conforto, nem sempre alcançam o seu destino. Os seus tamanhos devem regular desde 50 centimetros de largura a 70 para acompanharem bem o corpo. Para que as almofadas sejam alem de comodas, agradaveis á vista, é necessario preocupar-nos um pouco com a sua originalidade.

Assim, se houver muitas côres vivas nos adornos do quarto as almofadas devem ser ou pretas ou de côres escuras, se pelo contrario dominar o escuro no mobiliario então as almofadas serão de grande fantasia e de côres garridas.

Agora fazem-se muitas almofadas com uma grande barra em volta, uma barra de grande efeito para as almofadas redondas é um galão dourado com palmo e meio de largo. Uma das mais originaes almofadas para cadeira, pequena que tenho visto era redonda de setim preto com flores bordadas a lã e cerdadas. As flores eram de côr de laranja, verde e lilaz.

E' preciso não esquecer os «poufs» para os pés. Podem-se fazer em casa, enchendo-os de aparas ou mesmo de papel amarrotado. Cortam-se duas rodas com um diametro de meio metro e juntam-se por meio de uma tira de 30 centimetros de altura. Depois de estofado cose-se o «pouf» e atam-se-lhe ao meio um cordão de côres vistosas. Resulta gracioso para que foi feito, é confortavel e enfeita o quarto.

HIGIENE DA BELEZA

Contra a pele tisnada

Depois dum grande passeio voltamos muitas vezes com a pele queimada do sol e pelo vento, para evitar isso é bom lavar a cara antes e depois do passeio com a seguinte loção:

Borato de soda.	2 gramas
Agua de rosas.	20 gramas
Agua de flor de laranja.	20 gramas

A' sombra da larangeira

A donzela que vive, desde a infancia,
Em casa a trabalhar sempre, tão fiada,
Se uma flauta chega a ouvir á distancia
Fica logo a tremer sobresaltada.

E que ouve a musica suave,
Imagina-se estar, doce e distante,
A voz serena, como um trilo de ave,
De alguem que deve ser moço e galante!

E se através da preciosa estrêla,
Que na janela imerede o sol de ouro,
Vem a sombra da espessa larangeira
No seu regaço virginal bem de.

Toda corada, como um fructo ardente,
Na delicia do sonho, em que se enreda
Pensa que alguem, voluptuosamente,
Lhe despedaça a tunica de seda...

Conde Ioncheiro chinês

ANTONIO FEIJO'

N.º 33 — Folhetim de A CAPITAL — 12 de Março de 192[illegible]

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

E' a princesinha despeitada hoje e pé.

—Oh! que geniozinho... disse Nessa apertando o pezinho da princesa que estava desenlaçado.

Acabara a toilette da noite; a princesinha deitou-se e Nessua saiu do quarto.

Catarina saltou logo fóra da cama e veio para junto de mim. Dei um grito de alegria.

—Vem para a minha cama, deita-te comigo, disse ela fazendo-me levantar.

Um minuto depois estava eu na sua cama; enlaçamo-nos, apertadas, uma contra a outra; a princesinha começou-me loucamente.

... beijou-me de quando me abraçava durante a noite, disse-me ela, córada como uma papoula.

Eu soluçava.

—Nietotchka! murmurou Catarina, banhada em lagrimas. Mas aqui! Ha muito tempo, ha muito tempo que te amo. Sabes lá desde quando?

—Desde quando?

—Desde que o papá me mandou pedir-te perdão, desde que defendeste teu pai, Nietotchka... Minha pequenina orfã! disse ela novamente cobrindo-me de beijos. Chorava e ria ao mesmo tempo.

—Ah! Catarina!...

—O que é?... o que é?

—Porque motivo ha tanto tempo... Não sei. Abraçamo-nos e durante três minutos não pronunciamos uma palavra.

—Escuta! Que pensavas de mim? preguntou a princesa.

—Ah! Pensava muito, Catarina. Pensava todo o dia e toda a noite...

—E durante a noite falavas de mim. Eu ouvi.

—E' verdade?

—Quantas vezes choravas!

—E tu ouvias. Porque eras tão orgulhosa?

—Eu era estupida, Nietotchka. E' assim mesmo. Isso dá-me... Estava furiosa contigo.

—Porquê?

—Porque eu era má e antes de tudo porque és melhor do que eu, e ainda porque o papá te ama mais. O papá é um bom homem, Nietotchka, não é verdade?

—Oh! certamente, respondi com as lagrimas nos olhos, recordando-me do principe.

—E' um homem bom, disse Catarina seriamente. Mas que posso fazer com ele, se ele é sempre assim. Depois pedi-te perdão e tive vontade de chorar. Por isso de novo fiquei zangada contigo.

—Eu vi que tinhas vontade de chorar.

—Está bem, cala-te, tolinha, choramingas, exclamou Catarina tapando-me a boca com a sua mão. Queria amar-te e, logo, de repente, odiava-te, odiava-te, odiava-te!...

—Porquê?

—Estava zangada contigo. Não sei porquê! Mas logo vi que não podias viver sem mim e pensei: aqui está, atormentá-a. Má!

—Ah! Catarina!

—Minha querida! disse Catarina beijando-me a mão; apesar de tudo eu não te queria falar. Lembras-te como acariciei Falstaff?

—Ah! tu não tens medo de nada.

—Como eu tinha medo, bravo a princesinha. Sabes porque me aproximei dele?

—Porque foi?

—Porque tu olhavas. Quando vi que olhavas... Causei-te medo, heim? Tiveste medo, por minha causa?

—Um medo terrivel.

—Foi por isso. E como me senti feliz quando Falstaff se foi!

A pequena princesinha soltou um riso nervoso. Depois, de repente, levantou a cabeça e pôs-se a olhar-me fixamente. Lagrimas, como perolas, tremiam nos seus olhos.

—Mas o que ha em ti, para que te ame tanto? Os teus cabelos são louros, és uma tolinha, choramingas, com uns olhos azuis pequeninos... uma orfãzinha!

Catarina de novo se pôs a abraçar-me sem fim... Corriam-me pelas faces algumas lagrimas. Ela estava profundamente comovida.

—E como eu te amava! Mas pensava: não, não, não lhe direi nada! E porque me obstinava desse modo! De que tinha eu medo? Porque tinha vergonha de ti? Mas, em compensação como estamos bem agora.

—Catarina, exclamei de alegria. Sofro de felicidade.

—Nietotchka, escuta... Mas diz-me, quem te deu o nome de Nietotchka?

—A minha mãe.

—Contar-me-has a historia da tua mãe?

—Contar-te-hei tudo! exclamei cheia de entusiasmo.

—E onde puseste os meus dois lenços e a fita? Porque m'os tiraste? Ah! maldosa, eu sei!

Eu ri e corei.

—Não, pensava, atormenta-a enquanto espera... E por vezes dizia: mas apesar de tudo não a amo, detesto-a. E tu, tu és meiga... E como eu tinha medo que me julgasses tola! E's inteligente Nietotchka. Não é verdade?

—Alguma coisa, Catarina, respondi quasi ofendida.

—Não, tu és muito inteligente, disse Catarina resoluta e seriamente. Eu sei. Somente, uma manhã, levantei-me e amava-te tanto, tanto, que chegava a ser medonho! Vira-te em sonhos durante a noite. Eu pensava: irei para os aposentos da mamã e lá ficarei. Não queria amar-te, não queria! E na noite seguinte, ao adormecer, pensava: Ah! sim, sim, ela virá como na outra noite! E vieste. Ela fingia que dormia. Ah! como nós somos garotas, Nietotchka!

—Mas porque não me querias amar?

—Mas, que te disse eu? Amei-te sempre. E pensava em ti, minha tolinha.

Ao mesmo tempo beijava-me.

—Recordas-te de quando ataquei o sapato?

—Recordo-me.

—Ficaste contente, heim? Olhavas e pensei: ela é encantadora e se lhe abato o sapato que vai dizer e pensar? E sentia-me tão bem... Verdadeiramente o que eu queria era abraçar-te... Era estupida, tudo isso eram tolices. Depois, na rua, quando passeavamos juntas, tinha vontade de começar a rir... Mal te podia olhar. Como me senti feliz quando foste castigada em meu lugar. Tiveste medo?

—Sim, muito medo.

—E eu era feliz, não porque te tivessem atribuido a minha falta, mas porque ficas fechada no meu lugar. Dizia, para comigo: está ela a chorar e eu amo-a tanto. Amanhã hei-de beijá-la, hei-de abraçá-la muito. Não tinha dó de ti e ao mesmo tempo chorava.

—Mas eu não chorei; estava muito contente.

—Não choraste? Ah! má, exclamou a princesa abraçando-me com todas as suas forças.

—Catarina, Catarina, meu Deus, como te és linda!

—Sim? Pois bem, faz de mim o que quizeres: atormenta-me, belisca-me. Peço-te, belisca-me, minha querida!

—Estás tola! E que mais queres?

—Abraça-me.

Abraçamo-nos, choramos; os nossos labios estavam inchados de beijos.

—Nietotchka, daqui por diante deitar-te-has sempre comigo. Gostas de me abraçar? Abracemo-nos bem...

(continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4026 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Terça-feira, 14 de Março de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A vaga da corrupção

Continua o exame das celebres contas dos Transportes Maritimos do Estado. Das contas e dos contos, que não são os das «Mil e uma noites» apesar de tanto se encadearem que parece nunca se chega ao fim, mas representam, no seu valor material, o sangue dum povo que se vê empobrecido e roubado numa exploração que deveria desafogar a sua economia e as suas finanças. Agora uma nova comissão declara que novas irregularidades se vão descobrindo, e afirma já que fez entrar nos cofres do Estado mais de 9.000 contos que ao Estado pertenciam, anunciando ainda que outras quantias importantes lhe terão de ser restituidas. Realmente, esta questão dos Transportes Maritimos do Estado é simptomatica. Ela revela, como poderiamos dizer, parafraseando o principe da Dinamarca, que alguma coisa ha de podre em Portugal.

Não ha duvida. Estes exames são uteis e necessarios. Por vezes, como no caso presente, por meio deles se obteem resultados materiais extremamente apreciaveis. Mas não basta. Estas questões não são apenas materiais. São tambem, e talvez principalmente, morais. E' a moralidade da Republica que está á prova, e ela só se imporá a nacionais e estrangeiros com rigorosas sanções.

E', com efeito, estranho que destes exames, destas investigações, destas sindicancias, nunca resulte um castigo. Mas então para que é que elas se fazem? E' só para constatar a existencia das irregularidades, dos abusos, dos crimes? Ou quando muito para conseguir que de grandes importancias desviadas uma ou outra parcela seja restituida aos cofres publicos? Não pode ser! E' necessario o castigo dos culpados, para exemplo salutar, para ensinamento de futuros criminosos, para satisfação da opinião publica, para nosso crédito lá fóra!

Ha abusos, ha desvios, ha roubos? Mas quem são os culpados? Quem abusou, quem desviou, quem roubou? Que estranha complacencia é esta de juizes em face de réus? Emquanto a opinião indignada verifica que ha serviços publicos que tem estado a saque, os ladrões gosam tranquilamente do producto dos seus latrocinios, andam para ai de automovel, espirrando lama na face dos que trabalham honradamente e que só vêem muitas vezes a miseria compensar o seu esforço permanente e ingrato!

Porque não se publicam os relatorios, em que os resultados das sindicancias se consignam? Temos o direito de saber tudo, desde que sabemos que o Estado foi roubado. A historia dos famigerados Transportes Maritimos do Estado tem de se fazer quanto antes, não pelas presunções ou fragmentos da verdade até agora lançados a publico, mas por documentos oficiais, de autenticidade irrefragavel. Venham os nomes dos administradores corruptos, e conheça-se desde já a situação do governo em relação aos crimes descobertos.

Não é só a fortuna do país: é a sua propria honra que está em jogo. Um país em que se não faz justiça, deixando alastrar a corrupção triunfante, não pode merecer confiança a ninguem. Não ha hoje regimen nem sociedade que possam dispensar uma solida reputação de moralidade e de justiça. Os tempos da Calabria vão longe, e a Calabria nunca foi um Estado legal, reconhecido pelos Estados legalmente constituidos.

Assuntos militares

Alguns erros insignificantes, d'ordem puramente tecnica, não invalidam a justiça das reclamações que temos produzido

Temos tratado, por vezes, neste jornal, de assuntos militares. E, como não conhecemos, com perfeição, a technologia da especialidade, acusam-nos de «gaffes» insignificantes que não alteram, aliás, nem as premissas nem as conclusões.

Não admira que assim aconteça. E', pelo contrario, muito natural e desculpavel que a prosa escrita por um civil não seja grata aos ouvidos dum militar profissional. Era preferivel evidentemente que, um critico militar se ocupasse das questões militares tratadas no jornal. Mas, por acaso, os militares que frequentam a nossa redacção ou que nos dão a honra da sua colaboração, ocupam-se de assuntos civis e não querem ouvir falar das coisas da profissão.

De maneira que são os civis que estudam e expõem os problemas militares. E' o mundo ás avessas. Mas se anda tudo assim!

Em todo o caso a explicação aqui fica, — para evitar falatorios, como dizia o alegre Damasa baloeda.

UMA ENTREVISTA DE MOMENTO

A Grande Actriz Angela Pinto

DIZ-NOS O QUE PENSA SOBRE MARIA PIERAT; «AMOREUSE» E «AIMER»; UM GRANDE BRAVO QUE FAZ ERGUER A SALA DO NACIONAL. CONVERSA DUMA HORA, EM COISAS CURIOSAS. ORA LEIA...

As entrevistas não se preparam. Pode dizer-se mais: entrevista preparada é entrevista estragada. Já algures disse, que de duas uma: ou o entrevistado é estupido, e ha então que pensar e dizer por êle coisas interessantes, ou o entrevistado é inteligente e então ha que fazer o esforço de ter o cuidado de só lho pôr na boca frases bonitas e pensamentos espertos.

Garanto-lhes, pois que não entrevistei Angela Pinto, a grande Angela. Esta actriz é, tenho a certeza disso, inentrevistavel. Conversei com ela, por mero acaso, no seu camarim de S. Carlos — aquele camarim, de alcatifa vermelha e densa, onde se sente ainda o perfume das ultimas divas da opera a envolver os velhos e ingenuos sofás de veludo.

Conversei com Angela e falámos de Maria Pierat. A opinião duma das nossas maiores actrizes contemporaneas, talvez a mais extraordinaria de nervos e de vibração, ácêrca da sua notavel colega francesa, teve um sabor de tão intima expansão, que eu penso agora — e só agora — que tentar transplantar para estas efemeras colunas de jornal a intensidade de emoção com que ela me falou, tem muito de inutil e alguma coisa de ingrato.

Angela Pinto é uma mulher culta e muito inteligente — nem se compreendia que o não fosse. Preguntei-lhe, á queima roupa: «Impressões sobre a Pierat.»

Angela estava morta por falar, por desabafar, por comunicar. Sem saber como, estava a ouvi-la. Puxou sobre os olhos uma «toque» de penas castanhas, levantou o veu e disse logo:

— Meu amigo: Vim ontem entusiasmada. Interessou-me muito esta série de representações. Ouviu o grande bravo que fez interromper a representação do «Aimer», no 2.º acto? Foi meu. Fui eu, que já não podia mais. Depois, foi lindo... Reparou? Umas senhoras que estavam a meu lado secundaram-me, e que delirio que coisa tão quente, tão bela! Que quere, sou assim. Nas outras peças gostei regularmente dela, mas havia as comparações. Porém, desde a tarde, na «Amoreuse», que eu comecei a sentir-me vibrar, a sentir-me comovida. No «Aimer» estava vencida. Ela fez aquilo maravilhosamente. Comoveu-me, fez-me chorar, o olhe que eu já lá não vou com duas cantigas. — E' que ela chora divinamente, é maravilhosamente feminina. — Reparou como ela deita a cabeça sobre o ombro do marido, como é terna, com detalhes espantosamente?

— Reparou naquela capa de arminhos, D. Angela? Muito gente achou insuportavel aquela insistencia de indumentaria.

— Não, menino. Aquilo tinha uma razão de ser. A pobre de Cristo contara com uma «chauffage» que nunca existiu no Nacional e rapou, desde o primeiro dia, uma constipação tremenda. Mas, verdade, verdadinha, a constipação serviu-lhe explendidamente, prestou-lhe um optimo serviço.

Lembra-se da scena da carta, na «Marcha Nupcial», do chôro do 2.º acto do «Aimer»? — Emoção, meu amigo, mas emoção e constipação tambem, não tenha duvidas disso. Aquele detalhe extraordinario de se assoar? Uma exigencia fisica naquele momento. Mas foi humana, real, de uma verdade extraordinaria. E, o teatro, creia, digo-lho eu, ainda é isso. «Ficelles», «trucs», tudo isso morre, tudo isso passa, sem nada. O que fica, o é certo, o que emociona, verdade só verdade, verdade sempre. «Rodriguinhos», em que tanta vez se cae, entre nós, desfazem-se, como bolas de sabão, e o publico, (essa coisa de que eu cada vez tenho mais medo), tem o instinto e repudia toda a arte artificial. O unico enganado é o ingenuo artista que a usa.

— Quere dizer, a sua escola é completamente a realista, nada de estilisações, nada de classicismo.

— Eu lhe digo: Ha lugar para tudo. Querem atitudes? Lá está a tragedia, a grande peça dramatica. Mas ponham em tudo alma, não falem com palavras, mexam-se com sentimentos. Olhe, lembra-se do «Ladrão», com o Augusto.

— Se me lembro.

— Pois olhe, aquele 2.º acto, que, emfim, era uma coisa afinadinha, (hoje já ninguem se lembra!), foi ensaiado com alma. Ficavamos os dois, sós, no palco; tudo o mais se ia embora. Depois, um para o outro representavamos e criticavamo-nos mutuamente. Repetiamos, viviamos aquele pedaço de vida extraordinario. Escolhiamos detalhes, experimentavamos inflexões. Creia, não ha grandes actores sem grandes ensaiadores. Não havia uma intenção que não se procurasse. Sabe, eu não sou muito burra, e o Augusto era, o que agora, felizmente, se vae percebendo que era: grande entre os grandes.

— Diga-me, D. Angela, aqui só para nós: porque deixou o teatro com caracter efectivo, e anda agora pelos palcos feita grande miliciana da sua arte?

— Meu amigo, eu moro na rua da Emenda. Hoje tudo mudou. Eu tenho 53 anos, 53! Sabe o que isto quere dizer? Pois bem, eu envelheço e não me importa. Tudo tem o seu tempo. Não faltam actrizes para fazer de meninas e meninas para fazer de actrizes. Só ha justamente uma coisa de que eu tenho orgulho: saber envelhecer, não ser ridicula na minha decrepitude. Ha algumas peças ainda para mim. E' possivel que as venha a fazer. Tenho esperança. Bem vê. Eu já não posso separar-me disto, disto a que quero tanto, tanto! — e que tantas lagrimas me tem feito chorar. O teatro é assim como um filho estroina, indomavel, atraente, o qual temos a vaga pretensão de dominar e por quem, afinal, somos sempre dominadas.

— Dos seus ultimos tempos, impressões?

— Ah, meu filho, fui lindamente tratada pela Amelia, pelo Robles. Belos camaradas! [illegible] é um encanto de amabilidade. Que delicadeza, que educação. Ah! Vê-se que é alguem; que vem de alguem, não tenha duvida. E, com o meu nome, sempre, em «en-têtes», como se fosse só eu a trabalhar ali. Eu, a fazer pequenos papeis, coisas secundarias, nem uma peça do meu repertorio — e êles a darem-me todas as honras. Gentilissimos: fiquei-lhes grata; mesmo que se não tenha vaidades, ha coisas que nos sabem bem, sobretudo partindo de quem não foi da nossa geração e [illegible] tanto o dever de nos acarinhar.

◆ ◆ ◆

Angela falava, falava sempre. Involuntariamente, pensei, nesta extraordinaria mulher, que aos 50 anos, exuberante, moça de nervos, vibrante como uma criança, tinha ainda êsse dom superior e raro de saber admirar, de ser humana e sincera nessa admiração, de ter a volupia e orgulho de proclamar, nesta maré baixa de invejas que trouxe Pierat — a sua grande admiração de mulher e de artista por outra artista e por outra mulher.

O HOMEM QUE PASSA.

Os orçamentos do exercito e marinha britanicos

Grandes reduções

LONDRES, 14.—Foram hoje publicados os orçamentos do exercito e da marinha para o proximo ano, traçando grande redução de despesas. O da marinha eleva-se a 64.883.700 de libras contra 112.793.888 no ano passado; o do ministerio da guerra é de 62.300.000 contra 93.714.000.

Os outros orçamentos já publicados ascendem a 383.551.048 contra 503.618.113 no ano findo. Ha portanto para este ano uma economia de 280.390.573 de libras.

O orçamento naval prevê uma redução no pessoal da armada que se eleva a 118.500 homens, devendo ficar em 98.500 logo que seja possivel. O novo efectivo do exercito será de 215.000 em vez de 341.000 homens.—(I.)

Livro util

Temos presente uma nova edição do livro «motores de explosão», que o seu autor o engenheiro sr. Mendes Barata, refundiu e ampliou consideravelmente, tornando-o um dos mais completos no seu genero. Começando por dar-nos uma ideia geral sobre o funcionamento dos motores, ocupa-se em seguida, da comparação dos motores de combustão interna e das maquinas de vapor, dos combustiveis, dos gasógenos e dos carburadores, para depois fazer uma detalhada descrição de varios tipos de motores de explosão e combustão interna Diesel e semi-Diesel e, por ultimo, dedicar um capitulo á condução e conservação dos motores e á utilisação do gas pobre pelas industrias.

MATAR!..:

"A Batalha,, jornal reacionario, defensor da pena de morte, aconselha o emprego de bomba explosiva como recurso do legitima defeza!

Não sabemos que mais admirar: se a ininteligencia do orgão revolucionario sindicalista, se a impunidade dos numerosos discipulos da Escola Teorica do Crime :—:

«A Batalha» deu sinal de si. Soltou um pio lamentoso, um suspirosinho de apoio. Não tendo argumentos que nos opor recorre ao vocabulario sujo. Se ela não sabe mais, coitadita, não nos é possivel querer-lhe mal porque «A Batalha» dá o que tem e ninguem pode ser obrigado a maior esforço. Não a acompanhamos pelos atalhos, pelas vielas do insulto. Isso não é comnosco, nem é para nós. Aqui, dentro desta casa, ha higiene, fisica e moral. Somos imunes aos venenos do sindicalismo bombista, de que «A Batalha» é o porta-voz. E temos suficiente coragem para nos conservarmos impassiveis perante o palavriado injurioso dos dinamiteiros. Por isso mesmo, não é para «A Batalha» que escrevemos. E' para o publico. Pois continuemos, que é esse o nosso dever.

Hoje publicou «A Batalha» o seguinte:

«A Capital» de ontem quiz especular com a atitude de «A Batalha» perante a pena de morte. E' uma especulação reles a que não devíamos dar ouvidos, nascida talvez do despeito, por não termos anunciado na «Batalha» que aquele vespertino era contrario á pena de morte.

O furor da «Capital» subiu ao ponto de chamar-nos reacionarios. Coitada, a indignação, o despeitosinho de não ver nas nossas colunas a transcrição da sua prosa é tam grande que lhe transtornou a razão. Só um cerebro avariado pode achar «A Batalha» um jornal reacionario.

Pois, que se canse a «Capital» de pedir ao governo repressão para os extremistas que só depois de mostrarse mais calma e menos rancorosa lhe daremos a honra duma resposta.

Dias antes, «A Batalha» publicou o seguinte, em «en-tête», a grosso normando:

A pena de morte enlameia um Estado; a bomba, quando não fôr empregada em legitima defesa, como derradeiro recurso, enlameia um ideal.

Alterámos esta ultima transcrição apenas numa letra. Enquanto que «A Batalha» escreve «Estado» com E maiusculo, estampa «ideal» com i minusculo. Foi uma «gaffe» de revolucionario de chinelas de liga: devia ter escrito Ideal e estado.

Mas até neste insignificante pormenor «A Batalha» demonstra a sua incoerencia.

Não ha ilusão possivel na inteligencia dos dois «sueltos» que transcrevemos. «A Batalha» não quer a pena de morte legalisada, a pena de morte que, aparte o erro humano, sempre possivel mas improvavel, só fere o criminoso; mas «A Batalha» quer a pena de morte pela bomba, pela maquina infernal, a pena de morte que emprega, fere os inocentes, algumas vezes os improvisados executores e só por acaso aqueles que se pretende atingir.

«A Batalha» admite, preconisa e defende a pena de morte despedida ao acaso, a sangueira das multidões despedaçadas pela metralha duma maquina cega, repleta de explosivo traiçoeiro; «A Batalha» não quer a pena de morte contra o criminoso, que matou com requisitos de crueldade e que se destacou, entre a comunidade humana, como um monstro horrivel com pelos no coração, agua-raz nas arterias e estorço na caixa craneana.

Mas «A Batalha» faz uma restrição á aplicação da pena ultima pela bomba explosiva. Só quer que ela seja aplicada em legitima defesa. Legitima defesa contra quem? Contra aqueles que atacarem as ideias derrocadas do sindicalismo revolucionario. «A Batalha» quer, pois, a pena de morte para atancar a produção de argumentos, para extinção do pensamento alheio, para impedir, pela supressão da vida alheia, a força produtiva dos cerebros. Eis a tolerancia do sindicalista revolucionario, que não permite que exista quem pense de maneira diferente dele quem pregue doutrinas contrarias as suas, quem não comungue no delirio da destruição e aniquilamento de que «A Batalha» é o pontifice maximo, o mais caloroso e patologico dos caudilhos!

E' por isso que «A Batalha» é um jornal reacionario.

Reação significa regressão. E «A Batalha», com os processos de destruição que defende, processos que vão até a monstruosidade de admitir, de aconselhar o emprego da bomba como meio de defesa legitima, é reacionario da ultima categoria, que adotou o «travesti» do balandrau sanguinario para disfarçar a originaria roupeta do Santo Oficio.

Este tribunal que era do Estado, queimava homens em nome de Deus [illegible] glória da religião apostolica; «A Batalha» quer que, os corpos humanos sejam despedaçados á bomba, em nome da internacional e para maior gloria e proveito proprios.

Entre um e outro, escolhe o diabo. São ambos reacionarios, porque são inimigos da Vida, e defensores da Morte.

Admitir a bomba como meio legitimo de defesa é, além de tudo, uma afirmação ininteligente.

A bomba, ao explodir, não escolhe vitimas. Fere e mata ao acaso do seu raio de acção. Despedaça, dilacera, amputa. E como o numero dos desherdados é maior, muito maior que o dos felizes da sorte, a bomba castiga, mais provavelmente, aqueles que ocios.

«A Batalha» na propaganda da destruição de bens e desaparecimento de vidas humanas, vai atingir os proprios amigos, aqueles desgraçados a quem diariamente injecta o veneno atroz das suas doutrinas deleterias.

O operario pobre, bom chefe de familia, amigo dos filhos e da mulher, desvelada companheira duma vida vegetativa, recebe no domicilio «A Batalha» e soletra ou lê a prosa dissolvente. Do cerebro inculto e pouco defendido o operario intoxica-se. O «virus» libertario entrou-lhe na massa do sangue e desenvolveu-se em mortais toxinas. Está perdido! Transformou a vida familiar num inferno. Espanca a companheira, enfurece-se com os filhos, condena toda a familia á fome e á miseria. Faz-se bombista. Espalha em torno dele a desolação e a morte. Morre tambem: então, é a vez de «A Batalha».

O homem probo que o jornal transformou num monstro [humano é no] funeral um herói; e á morte horrivel que ela preparou para o proprio [illegible] para «A Batalha», um [illegible] de trabalho. Eis a obra de «A Batalha» propulsor de [illegible] defensor da «sabbotage», que é um roubo, preconisador da atrocid[ade] da pena de morte pela bomba explosiva!

As greves de «A Batalha»! Não é possivel distinguir onde existe maior obscuridade cerebral se naqueles que as aconselham se nos que se deixam sugestionar pelos conselheiros. As greves não teem feito senão mal, impedindo a produção, aumentando o consumo, porque a ociosidade gasta mais que o labor, e encarecendo a vida.

E sobre quem pesam todos estes males? Sobre todos nós, aqueles que comemos hoje do que ganhámos ontem. Os ricos, mesmo os remediados, teem reservas de que lançam mão e podem esperar que a crise da «chomage» tenha termo final. Nós, proletarios, não. Nós, para todos os dias comer, todos os dias temos que trabalhar. Mas «A Batalha», que tem a fonte jámais exaurida da subscrição aos sugestionados, tanto se lhe dá como se lhe deu das desgraças do operario ou do proletario. O que convem-lhe é só a desordem. Quanto mais desordem, melhor. Quanto peor, melhor, porque mais perto se encontra da finalidade maxima, que é a vitoria da Anarquia e a destruição da Patria.

Eis o que «A Batalha» advoga e quer. Eis o que «A Capital» condena!

Confiamos no governo da Republica. Recordamos-lhe que Tarquinio aconselhou que se não poupassem as papoulas do hastie sobranceira e dominadora. A Nação precisa duma obra intensiva de desinfecção moral.

Os fócos donde dimana a desordem tem de ser neutralisados. Não o afirmamos gratuitamente. Demonstrámo-lo, o que é muito mais e muito melhor.

A publicidade nos jornais

Numa carta que recebemos do sr. Antonio Santos director da Agencia de publicidade «A Lisbonense», afirma aquele sr. em resposta a uma local que publicámos que nunca falou em que se devia abrir concurso para a inserção de artigos e entrevistas nos jornais sobre a Exposição do Brazil. Afirmou simplesmente e essa opinião mantem agora que para a publicidade dessa Exposição se devia ter aberto concurso publico. Deixamos consignado este esclarecimento, sentindo não poder publicar a carta do sr. Antonio Santos, por falta de espaço.

A PREMIÈRE DE QUINTA-FEIRA

A CASACA ENCARNADA

Deve subir á scena, quinta feira, no teatro Politeama, uma peça de Vitoriano Braga, *A casaca encarnada*. Três actos vivos [illegible] [illegible] Ha o nome de Vitoriano Braga é sempre um tema discutido e muitas vezes — porque não havemos de ter a coragem de o dizer? — essa discussão não tem sido como nós todos desejariamos que fosse, justa, desassombrada, sem *parti-pris*. E, afinal, o autor do *Salão de madame Nacret* e [illegible] franciscana do teatro [illegible] uma individualidade. Sem defeitos? Evidentemente, não. Vitoriano Braga por quem eu tenho [illegible] to a mais viva simpatia literaria, tem, pelo menos, todos os defeitos das suas grandes qualidades. O seu teatro reflecte todas essas qualidades por consequencia deixa [illegible] todos êsses defeitos. O teatro de Vitoriano é sincero demais. Não se disfarça. Não [illegible] *maquillage*. Não se esconde num dominó. Não afivela nos olhos a pequenina mascara de veludo com que Arlequim, na névoa de oiro do [illegible] Pierrette. O dramaturgo do *Octavio* não transige [illegible] com a platéa e, entretanto, para [illegible] o publico é uma [illegible] que se não deve [illegible] uma [illegible] convencer. Na *Casaca encarnada*, que a companhia Lucilia Simões vai interpretar dentro em pouco, Vitoriano mantem, como ponto de vista, a fisionomia das suas obras [illegible]. Nada de transigencias. Nada de contemporisações. Apenas a vida tal como é — agitada, convulsa, secundida, contraditoria, em que cada instante é ao mesmo tempo a flôr e o espinho, a desilusão e o sonho, a alegria e a morte. Dizia uma vez, Marcelino de Mesquita, impetuoso, fidalgo, ardido do sol doirado do Ribatejo: «Ah! Meus amigos! Ou nós cavalgamos o publico ou o publico nos cavalga a nós». Eu não prevejo ainda bem, a quarenta e oito horas de distancia — precisamente o tempo que se gasta no *Sud* de Lisboa a Paris — o que será a *première* de quinta feira. Um sucesso? Um fracasso? O meio termo? Não sei. Sei, apenas que Vitoriano poz na sua peça todos os seus nervos, todos os seus recursos, e — como êle proprio me disse ainda hoje — todo o seu coração. E' possivel que o publico, *le gros bébé*, o não justifique [illegible] lhe não dê razão. E' possivel que as bocas do mundo [illegible] que [illegible] lhe cortem na casaca, com insistencia. E, apesar de tudo, esta peça, disfarçada no [illegible] simbolismo de uma casaca vermelha de tzigano, é apenas a sintetização do momento que passa no *frisson* inquietante do orgulho, da miseria, do explendor e da morte [illegible] que surgem, enevoando, [illegible] da pelle da guerra. E' o conflito resultante dos interesses contraditorios que não podem resolver-se pela formula geometrica de uma tolerancia social. Os três actos de Vitoriano são o desfiar inexoravel de três destinos. Ninguem sabe fugir áquilo para que nasceu. Todos são, afinal, inexoravelmente, aquilo que não podem deixar de ser. Eu não lhes vou contar, meus amigos, o que é a peça de Vitoriano traço a traço, frase a frase. Para quê? Seria tirar o imprevisto precisamente a uma coisa que vive [illegible] imprevisto [illegible] para quê? [illegible] me encontrei com Vitoriano Braga e falámos da *Casaca encarnada*. [illegible] escritor contou-me como a escrevera, [illegible] de nervos, o [illegible] em que pudesse comunicar ao papel todo o vigor e toda a sensibilidade de si proprio.

Sabe como eu escrevi uma das scenas mais curiosas da *Casaca encarnada*? — [illegible] Vitoriano, fazendo um cigarro.

— Não.

— Adivinhe.

— Não sei.

— Estava de [illegible]. Uma bela manhã quando entrava no Palacio de Cristal, encontrei de repente escrito numa parede uma frase em latim [illegible]. Achei-lhe uma graça enorme. E o certo é que essa frase me deu, naquele instante, um ímpeto de vida, tanta...

— O latim vê-se que não é alheio [illegible].

Tanto, que tirei logo da bolsa do casaco um pequenino livro de apontamentos, que anda sempre comigo, e escrevi, escrevi.

— Que lhe parece o desempenho da sua peça?

— O melhor que eu podia esperar. [illegible] Não se pode representar mal, nunca o soube.

— [illegible]?

— Acredite. Brunilde é já hoje precisamente aquilo que a [illegible] parte das actrizes portuguesas não [illegible] ser. Nobreza. Distinção. Elegancia.

— E dos actores? Erico?

— Erico? O papel é dificilimo. Erico é um belo artista [illegible] de conquistar, como actor, mais um triunfo, estou certo. Mas, a peça, a peça...

— Tem receio do publico, Vitoriano?

— Receio, não, respeito.

— E *mise-en-scène*? Scenarios?

— O melhor que eu podia desejar. Lucilia tem sido para comigo de uma amabilidade captivante.

— Gosta do cartaz de Almada Negreiros?

— Muito. Almada Negreiros é um grande talento, dos maiores [illegible]. Na luz cinzenta da rua passavam mulheres, envoltas em peles. Pregunto a um amigo meu, em plena rua do Ouro:

— Você vai á *première* da *Casaca*?

— Vou.

— Palpita-me que é um sucesso. Sabe porquê?

— Não.

— Porque voltou a estar em moda a casaca.

— Mas as pretas.

— Sim. Mas a *Casaca encarnada* do Vitoriano Braga não é actual, senão uma casaca preta como todas as outras, mas disfarçada de vermelho para que a vejam melhor.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O Ano das Crises

A situação internacional na Europa anuviou-se um pouco. As principais potencias aliadas que, depois da vitoria, se apresentavam como as «leaders» dos outros povos da Europa, estão de tal modo preocupados com as dificuldades internas que, por assim dizer, teem descuidado o regulamento dos problemas internacionais.

Desde a realisação do Conselho Supremo de Cannes, isto é, desde o principio deste ano que o destino da Europa, preocupa muito menos os espiritos do que os problemas nacionais.

A França, por exemplo, teve a sua crise ministerial, embora passageira, mas que nem por isso deixou de ter como consequencia a deslocação do eixo da politica externa daquele país.

Em Italia a crise interna tomou maiores proporções e augura-se-nos que esta prestes a ser novamente agravada em consequencia dos acontecimentos que se desenrolaram em Fiume.

Na Inglaterra, emfim, nação onde até agora a estabilidade e a fixidez governamentais tanto teem contribuido para o prestigio da diplomacia britanica, a demissão eventual do gabinete foi declarada tão inesperada e bruscamente pelo primeiro ministro que tudo se desorienta diante deste acontecimento e da indecisão dos grupos conservadores.

Ha poucos dias ainda, a questão de Vilna provocava a queda do gabinete polaco. Em face duma tal situação, nunca, como no momento presente, se impõe a necessidade dum corpo diplomatico internacional, dum tribunal com força bastante para impôr as suas decisões.

Um jornalista inglez preguntava ontem num artigo, no que ficaria o pacto franco-britanico no caso de Lloyd George se retirar da vida politica.

A' pergunta do jornalista inglez poderiamos bem acrescentar estas outras.

— E o problema das reparações que na conferencia dos [illegible] inglez, [illegible] e francesa devia tratar nesta sessão?

E o conflicto greco-turco, igualmente pendente duma proxima conferencia? E o problema da Russia e o da reconstituição da Europa Central, e tantos outros?

A Alemanha acaba de concluir com a Yugo-Slavia um vantajoso tratado de comercio sem que nele se fiscalise a acção inter-aliada.

Entretanto as antigas feridas, mal cicatrisadas, sangram de novo. Hoje é Fiume que se manifesta, amanhã será Smirna o teatro de novos acontecimentos militares.

E em face destas consequencias politicas da grande guerra onde estão os organismos permanentes que possam reagir?

O ex-presidente Wilson teve a sua concepção, segundo a qual só a Sociedade das Nações poderia ser soberana e assegurar a continuidade duma politica internacional no mundo porém a sua obra não foi executada não passou do dominio da concepção está no limbo.

A crise politica ingleza

O secretario de Estado da India

LONDRES, 14.—Se Lord Derby aceitar o convite que lhe foi feito para secretario de Estado dos negocios da India, talvez se consiga evitar a crise de gabinete, pois esta nomeação será bem aceite por todos os conservadores, que constituem a [illegible] da camara dos comuns.—(I.)

CARTAS DO REICH

A Alemanha invadida pelos exploradores do marco

A luta entre a destruição e a reconstrução

Estranho movimento corre ao longo das fronteiras alemãs: tintas de pali dos reflexos pelo frio luar, passam sombras fantasticas, em cortejo imenso, interminavel aparecem e desaparecem, mysteriosas e rapidas, e a custo apenas percebe o olho ofuscado, destas silhuetas fugidias, mulheres e homens, envoltos em largos capotes ou em peles, arrastando baús, caixas, cestas, sacos, embrulhos de toda sorte. E com eles, carros e carroças, automoveis, cavalos, burros, veiculos sem numero estão sulcando os caminhos, e mesmo os campos. Escusado falar do caminho de ferro e dos aviões. Continua-se a peregrinagem noite e dia, sem interrupção, quer brilhe o sol, quer danse a neve com os furiosos ventos do setemtrião. Pachorrentos e teimosos, estes romeiros encaram todas as dificuldades do terreno enlameado pela chuva torrencial, ou perigoso a cada passo, pela toalha de gelo; e não se enfraquece a sua perseverança nas estações oficiaes da fronteira, onde eles se colocam, por muitas horas, e em densa multidão, até que se lhes oferece ocasião de passar. Deve, decerto, ser um alvo da maxima importancia e de alto idealismo, que inspira tanto servilismo a esta gente; tantos esforços para entrar na Alemanha — terra dos selvagens! Não é, porém, para venerarem um santo, nem para pedirem graça ou saude, no santuario de uma imagem milagrosa, que estas legiões de viajantes inundam as terras germanicas; mas é para chegarem á grande venda geral, á esplendida feira alemã—a patria do moço tyaico. Todas as cidades e mesmo as aldeias alemãs servem de campo de acção a este formidavel exercito, composto de gente de todas as nacionalidades, de todas as classes de todas as idades e de ambos os sexos, falange poderosa, no seu arnez nacional de dollares, de libras esterlinas ou de pesos de ouro, que está invadindo lojas, armazens, fabricas e mesmo os pomposos mercados. Compram vestuario, moveis, joias e lagames, obras de arte, automoveis, colheres para a cozinha e prata para a mesa elegante, camisas, gatos e drogas, e mesmo marcos de papel, para expedições futuras, ou para a especulação. Grande parte destes viajantes chegam á Alemanha trazendo pesissimos fatos e voltam nova e elegantemente vestidos, da camisa ao sapato, chapéu modernissimo, botas perfeitas e 'b.ús novos e cheios de toda a especie de serviços «baratos» —para eles, mas não para os alemães.

As regiões campestres são bastante especiais para os apreciadores de prazeres solidos, que aqui se enchem de ovos, de manteiga, de gado, de cereais, de cavalos, de batatas, de tudo, sem excepção; e, protegidos pelo privilegio do vencedor na terra conquistada, passam a fronteira e vão exercer, com tantos esforços, o «dumping» odiado na sua propria patria, sem que os alemães, aliados pelas clausulas do tratado de Versailles, o possam impedir. Ha mesmo aventuras, nestas excursões interessantes! raras vezes ha uma noite sem verdadeiras escaramuças e combate desigual, duro os bem armados tropas de certos profissionais do trafego ilegal e a policia alemã, completamente privada de armas militares—guarda fraca dos poucos trechos da fronteira alemã que ficam isentos da ocupação.

A feira das reliquias

Pouco conhecem os viajantes contentes, o drama que se desenvolve nas sombras desta feira festiva, apesar do cor esta bem visivel em certo ramo de comercio, que desde os dias de Versailles, floresce nas cidades alemãs. Passemos pelas ruas de qualquer destas capitais: nos mais belos sitios, e nas mais estreitas travessas vemos lojas de antiqualhas, de cousas preciosas e de trastes velhos, casas sumptuosas, vastas, de grande elegancia, em numero assombroso. Nunca dantes se vira tanta riqueza, tanto gosto, tanta variedade, desta especie de comercio que, na Alemanha actual, vive pela morte da antiga sociedade. Conhecedores da arte, amigos de cousas belas e raras de todas as zonas e de todos os estilos encontrarão aqui tesouros inesperados.

Aqui, todo o mobiliario de uma modesta familia burguesa, vendido por falta de domicilio, ou por ser morta toda a familia; acolá uma sala de visitas, antigos moveis de mogno, com ornamentos de bronze e ouro; na mesa, uma serie de garrafas, cristal com ouro, e copos da mesma feição, evidentemente não da mesma proveniencia do que vieram os moveis, trazem as armas duma casa real, deposta.

Não longe daqui, outro quarto, que fôra, nos tempos idos, propriedade especial de uma menina: tudo é branco, com grinaldas entalhadas, tudo escolhido, com gosto requintado; e não faltam os elegantes objectos de que as moças se servem de preferencia, os pentes de prata, os pequenos frascos para perfume, os espelhos e a tradicional coleção de marfim, cada objecto uma lembrança, esta de uma amiga ou de um amigo, aquela de um irmão morto na guerra, outra de mãe sem se distinguem os mal apagados caracteres de palavras, escritas com uma violeta; uma vida feliz, quebrada na primavera.

Nesta estranha abundancia e estreiteza as cousas parecem falar: aqui encontramos aqueles objectos de gosto perfeito, as cousas preciosas da familia, herança de muitas gerações, aqueles tesouros do sentimento individual, dos quais o homem culto não se sépara senão forçado pela pressão extrema do infortunio e da miseria: pinturas preciosas, obras primas de artistas distintos, miniaturas e joias, e os livros, edições rarissimas, desenhos, manuscritos, autografos, bronzes, marfim, esmalte, da mais pura arte chineza ou japoneza, e tudo quanto os apaixonados do belo e do artistico apreciam e costumam venerar; reminiscencias de uma sociedade culta e aniquilada.

Um comerciante pratico, numa capital do sul alemão, estabeleceu a sua loja de antiqualhas num antigo palacio real; é cousa digna de ser vista, pois, apesar do solo aristocratico, o negociante não restringe o seu campo de acção aos objectos elegantes de uma côrte: no meio do luxo prodigalisado aqui, vemos, qual estrangeiro de outros mundos, um magnifico microscopio Zeiss, construção complicadissima e admiravel, com todos os instrumentos acessorios, da mais alta perfeição scientifica.

Devia ser a fortuna de um sabio, conduzido áquele depositario da miseria escondida, pela mão ferrea da necessidade.

A poucos passos daqui, vemos um armario aberto, cheio de livros, todos com monograma, e formando uma biblioteca escolhida cuidadosamente: historia, obras de filosofia, uma preciosissima coleção de poesias orientais, emfim, todos os classicos alemães e os italianos. Seria impossivel abster-se, durante uma hora, ou mais tempo, a folhear, e a ler, uns versos, um pensamento, longe do combate cruel dos nossos dias. Um belissimo Dante,—a Divina Comedia, abre-se, quasi automaticamente,—talvez por muito uso, sempre na mesma pagina, é a grandiosa inscrição da entrada do Inferno:

«Per me si va nella città dolente,
«Per me si va nell'eterno dolore,
«Per me si va tra la perduta gente;—»

Não continuemos.

Tonteira economica e possibilidades de normalisação

Seria natural supor que as circulos internacionais, aproveitando-se de tal maneira das mercadorias alemãs, e interessados tanto na industria, na producção e na economia da Alemanha, como base da reparação, devam com [illegible] energia, insistir na conservação e mesmo no aperfeiçoamento destes elementos importantes.

Mas ainda não se decidiu completamente o combate entre as paixões guerreiras — destrutivas, e o bom senso economico,—construtivo; é um vacilar incerto e penoso: os financeiros ingleses, os chefes do governo britanico e os do italiano, banqueiros e estadistas americanos, e os espertos da economia entre todas as nações, impelidos pela força irresistivel das dificuldades economicas, por todos os lados, reconhecem a união natural e indestrutivel entre os interesses economicos dos povos vencedores e os da Alemanha, e trabalham para construir qualquer metodo que possa restabelecer a paz e a ordem na Europa inteira; e o povo alemão, que, desde ha muito, tem reconhecido esta necessidade, não hesitará em aliar-se a cada tentativa que possa promover a aproximação.

Tecnicos e operarios franceses e alemães, reunidos em Congresso, na cidade de Francfort, aliam-se para realisarem a reconstrução e a reconciliação das duas nações; deviam ser notadas por todo o mundo as palavras de um delegado francês, Mr. André Ripert, secretario da União dos tecnicos franceses: «Na Alemanha, disse, milhões de homens trabalham já para a reconciliação e para a cooperação amigavel entre as duas nações, e na França a mesma ideia faz progressos de dia para dia.» —Nestas tendencias enuncia-se, com efeito, a primeira luz de esperança a todos aqueles, que vem nos progressos da paz e da fraternidade entre os povos e as raças, o mais glorioso alvo, e o mais importante para todos os esforços humanos. Ainda falta, mesmo a sua assistencia: o projecto de Mr. Lloyd George, convertendo o antigo antagonismo dos rivais europeus em cooperação e protecção reciproca, e a politica das extensões, em metas assistencia economica e financeira, seria—caso se realisar—a salvação da Europa.

No ano passado, ainda teria sido impossivel exprimir em alta voz, e de logar oficial, tais pensamentos; um coro de fanaticos, entre todas as nações do Velho Continente, teria abafado tais palavras em turbilhões de raiva e de gritos guerreiros; hoje, os povos escutam, desejosos de paz, ,amais entregues aos proprios sofrimentos que a politica de destruição infligiu a vencidos e vencedores.

As coisas não alcançaram talvez, por emquanto, a clareza bastante para atingir o grande alvo, existem ainda resistencias consideraveis. Mas, é certo, as ideias vivem, a sua influencia, fecundadora e poderosa, não se pode apagar, e a sua acção, já florescendo, ha de produzir, cedo ou tarde os frutos benéficos!

A «Deutsch Werke» — Luta entre a destruição e a reconstrução

Espinhoso e dificil é, porém, o caminho pelas brenhas das paixões e dos desejos contrastantes; e no momento actual, a confusão é completa: os poderes europeus exigem da industria alemã o mais intenso trabalho, no interesse da indemnisação de guerra e da reconstrução; mas, por emquanto, não puseram termo, nem ás «sanções» anti-economicas, nem á destruição de maquinas e de materiais.

Expressão muito caracteristica deste estado crepuscular entre as tendencias destructivas e a razão sobria, é o caso dos «Deutsche Werke», organisação que abrange muitas fabricas em varias cidades alemãs.

Durante a guerra, fabricaram armas e munições; mas, depois de assinado o documento de Versailles, todas estas fabricas foram, com a inspecção diaria e minuciosa das comissões francesas, e exactamente conforme ás ordens destas instancias, completamente reorganisadas, parte demolidas, parte reconstruidas e restituidas ao trabalho pacifico.

Estão fabricando varios objectos de uso diario, para a casa e para fabricas; uma única ainda produz armas de caça, com licença e inspecção especial pelas autoridades francesas.

Mal está terminada esta reorganisação dificil, com perdas e despesas imensas, que vem numa nota da alta comissão, dictando a destruição total dos «Deutsche Werke» de Berlim, Spandau e de outras cidades, as maquinas, os instrumentos de trabalho, os edificios, os muros, todos os materiais, todos os objectos de metal, e mesmo os para-raios,—tudo será aniquilado e reduzido a poeira, e o solo minado e revolvido.

No primeiro momento, os operarios não crêem que estes centros de producção possam ser objecto de tal decreto; mandam uma delegação ás autoridades francesas, «para esclarecer a má interpretação». Mas, a ordem é estricta, pois, diz o documento, «em caso de guerra, estes edificios poderiam de novo ser convertidos em fabricas de munição!» Os operarios protestam afirmando a sua propria hostilidade e oposição contra todas as tendencias militaristas, guerreiras, e reaccionarias, ora a melhor garantia do caracter pacifico destas fabricas, mas, que a destruição destas seria a ruina para eles e para as suas familias. Ha pouco tempo, uma delegação de operarios alemães não teria sido admitida á presença de um comandante francês; agora, o general escuta com atenção as palavras dos delegados, e promete apresentar o seu pedido ás autoridades de Paris. Não se alcançando, porem, nenhum resultado os operarios recusam participar na obra de destruição, e todas as organisações de operarios alemães publicam um manifesto declarando a sua resolução de nunca moverem um dedo para tal acto contra o trabalho pacifico. Empregados da comissão começam agora a destruir as maquinas, e os operarios mandam de novo uma delegação a Paris—cujo resultado, não se pode dizer.

Seguem-se ainda hoje, actos de destruição nas cidades alemãs, não poupando maquinas, nem material, nem edificios, ora para buscar munições, que poderiam ser escondidas—nas «paredes» (!)—mas, nunca são encontradas, ora porque as gerações futuras se poderiam, talvez, servir destes objectos para a construção de cousas u els em caso de guerra; emfim, proibem o emprego dos motores rapidos nas fabricas alemãs, o decretam a destruição destes, onde quer que se encontrem nesta paiz. A utilidade deste proceder, para os tributos, para a reparação, ou para a reconstrução, de certo não é facil de perceber, mas,—nuo fez o grande lobo estrago outre as ovelhas?

E' preciso conhecer de perto esta imensa destruição de materiais e de maquinismos e instrumentos preciosos, nas fabricas e nos laboratorios alemães, executada sem tregua, desde os dias de Versailles até hoje, em cumprimento ás obrigações ditadas no paroxismo das paixões guerreiras, —para apreciar as primeiras hesitações deste sistema fatal, como precursores, talvez, de métodos mais pacificos. Qual das duas tendencias vencerá, neste combate tão perto do abismo,—a paixão destrutiva ou a razão pacifica e construtiva?

Creditos e dividas: os Estados Unidos papão do mundo

Dissemos que os dias actuais são vacilantes e que os moderados entre todas as nações já percebem os perigos mortais da politica de destruição e de violencias. A situação deste momento não se poderia caracterisar de maneira mais significativa do que o fez a resposta dos financeiros ingleses ao governo alemão que lhes pedira credito para poder pagar as somas de indemnisação de guerra, devidas em janeiro; escrevem: «Emquanto a Alemanha ficar sujeita ao sistema de pagamentos, estipulado pelo ultimatum de Londres, não lhe poderemos conceder nenhum credito».

A resposta laconica do Banco de Inglaterra provocou muitos comentarios perfeitamente superfluos e injustificados, pois não se trata de palavras e formulas, mas de um facto: a Alemanha não é a instancia que possa modificar ou abolir estas obrigações que a forçariam a pedir credito, e os financeiros a não lhe conceder este credito.

O mundo sabe que é preciso mudar de caminho, mas,—não se dirige á porta exacta; o mundo sabe que os Estados vencedores da Europa, ricos e poderosos, todos juntos, devem aos Estados Unidos 10 biliões de dollars, e não podem pagar nem sequer o interesse desta soma—e devia não ficar na ilusão de que a Alemanha, vencida, empobrecida e privada de quasi todos os seus recursos, possa pagar ela só 35 biliões de dollars? A Inglaterra sabe que, nas palavras de Mr. Lloyd George, a sua região devastada é o seu comercio internacional privado dos seus mercados no Europa central e oriental,—e devia, pela continuação artificial do sistema destrutivo, continuar a devastar a sua região devastada? Com efeito, um credito para o termo proximo dos tributos alemães, ou para dois,—não poderia por fim ás dificuldades, mas, antes, deveria aumenta-las pela obrigação de restituir as somas emprestadas, alem dos tributos devidos nos meses seguintes, pois não se trata dum dilema momentaneo apenas, mas duma montanha insuperavel de obrigações crescendo de ano em ano. Restam as dificuldades: e já se ouve o grito de «garantias! Novas garantias! Mas, toda a propriedade alemã, todas as fontes de receitas, e as mais importantes provincias da Alemanha ocupadas, servem já de garantias, conforme o tratado de Versailles, e não falar das «sancções». Sera possivel afirmar a eficacia das garantias? Os projectos e as propostas caem agora como graniso e balegas sobre os governos, execução imediata do delinquente, acção guerreira, bons conselhos de tutela e direcção perpetuas, e mesmo umas palavras de bom senso, aconselhando assistencia e cooperação mutua entre todas as nações interessadas, inclusivé a Alemanha.

O combate entre as tendencias opostas será duro, nas conferencias destes dias, e no actual estado de vacilações não poderá chegar a uma solução definitiva. E' consequencia inevitavel desta situação indecisa e transitoria entre os sonhos lisongeiros e o despertar na fria realidade, que o resultado destas deliberações não poderá ser senão, para os ilusionistas das montanhas de ouro, a necessidade de restringir um pouco o vôo da imaginação; para o povo da Alemanha, novos sacrificios, novas perdas irreparaveis em vidas esmagadas pelo peso das condições financeiras.

A poesia do Natal sobrepairando ao tormento contemporaneo

E' talvez propriedade benefica da natureza humana, a demasia de pressão como certo contrapeso, no ilusão de se afastar, por momentos, de toda esta amarga realidade, e de se refugiar no reino do belo, das tradições familiares, e das crenças indestrutiveis. Longe da grande feira internacional, longe das ameaças e dos perigos, o povo alemão busca actualmente refugio, nos antiquissimos costumes dos dias santos do inverno.

Não é preciso ter riquezas para este fim: pelos caminhos ingremes e cobertos de neve, pais e filhos correm pelas florestas, para cortarem, com muito trabalho e maior cuidado, uns ramos de pinheiro, ou, favorecidos pelas trevas, de longa tarde setentrional, uma pequena arvore, de um metro ou um metro e meio de altura, e enfeites para formarem um bonito «jardim» ao redor da arvore, quando ela estiver colocada no meio da sala, trazendo nos largos ramos um sem numero de pequenas cores luzentes, de astas tintas de cor de ouro, de doces e de surpresas brilhantes. Os canticos, o toque dos sinos pela noite coroada de claríssimas estrelas os tremulos raios de luz, saindo duma egreja ou duma janela qualquer, e dançarem no turbilhão dos cristais da neve na ramagem ou nas fontes, e então na casa, toda a familia reunida, a esquecer uma vez por ano, todo o trabalho e todos os cuidados deante da arvore verdejante entre tempestades e neve.

E' apenas um momento de silencio entre os trovões do combate incerto; mas, toda a vida, neste remoinho europeu, não passa de um momento duvidoso entre a ruina de um mundo que tomba e a esperança que não morre.

Exposição Mila

Na casa Oliveira, Rocio 57, representante dos pianos Bechstein, encontra-se numa das montras, gentilmente cedida para exposição, entre outros, um instrumento de origem Hungara e Assyriana, denominado «Cymbalo» mandado construir pelo artista portuguez «Milá» que em breve fará a sua primeira audição numa das melhores casas da capital. A construção é nacional montado em metal com cordas de aço triplicado, abafadores, revestido de nácar em estilo imperio.

ULTIMA HORA

CUNHA LEAL partiu para Paris

No «Sud Express» de hoje partiu para Paris o ilustre parlamentar sr. Cunha Leal, antigo presidente de ministerio.

A despedida, na gare do Rocio, foi muito concorrida, especialmente por parlamentares e politicos das diversas facções republicanas.

Acerca da viagem deste eminente homem publico ouvimos duas versões: segundo uns tratava-se duma viagem de recreio, segundo outros, o sr. Cunha Leal ia ocupar-se de questões financeiras, a que não é estranho o Governo.

O que é certo é que a partida foi um pouco precipitada, resolvida á ultima hora, motivo porque foi conhecida de pouca gente. O sr. Cunha Leal regressa a Lisboa na primeira quinzena do mez proximo.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros, hoje reunido na secretaria do Interior, desde as 11 horas até ás 14, forneceu á imprensa a seguinte nota

«O conselho de ministros, na sua reunião de hoje, dedicou os seus trabalhos ao exame de várias propostas de lei a apresentar ao Parlamento, dando-lhes a sua aprovação. O conselho ocupou-se ainda, alem da resolução de vários assuntos de expediente, da elaboração de uma medida destinada a sustar a admissão de novos funcionarios publicos.

Governador Civil

O capitão sr. Viriato Lobo, governador civil de Lisboa, ficou hoje retido em casa com um ataque de «gripe».

Por esse motivo ainda hoje não será dada resposta pelo chefe do distrito á comissão de grevistas da Carris de Ferro que ali fôra pedir autorisação para reunirem no seu sindicato.

Navios estrangeiros

Entrou hoje no Tejo, vindo de Marselha, o vapor francês «Canadá».

O «Canadá» destina-se aos portos da America.

—Amanhã é esperado o vapor inglês «Pancras», que se destina ao Pará e Manaus.

POEIRA da ARCADA

Foram providos temporariamente, Estefania de Sousa Menano, na escola primaria de ensino geral de Coriço, concelho de Fornos de Algodres, e João de Almeida Matelo, de Sourepines, Pinhel.

—Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor «Canadá», para os Açores e New York e pelo «Pancras», para a Madeira, Pará e Manaus, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para o primeiro e ás 11 para o segundo, fechando os registos para este ás 9.

Eugenio de Castro em Madrid

O poeta foi recebido pelo rei

MADRID, 14.—Foram bontem recebidos pelo rei o poeta portugues Eugenio de Castro, o ex-presidente do conselho austriaco e uma comissão de oficiais do estado maior do exercito e da armada que vai para Marrocos.—(R.)

Reorganisação da G. N. R.

Só amanhã é publicado no «Diario do Governo» o decreto sobre a reorganisação da G. N. R. O referido decreto que esta em provas foi hoje revisto pelo sr. presidente do Ministerio.

Gréve de padeiros?

Segundo constava hoje os manipuladores do pão vão declarar-se em gréve na proxima semana.

A União dos operarios panificadores mostra-se no entanto contraria ao movimento tendo já garantido aos industriais de panificação que se prontifica a garantir o abastecimento de pão á cidade de Lisboa.

A gréve dos maritimos

Está em via de solução a gréve das classes maritimas.

Com o sr. Alfredo Pinto, chefe de gabinete do sr. ministro do Trabalho, avistou-se esta tarde uma comissão da Federação Maritima. Sómente falta harmonisar os fogueiros com os marinheiros e moços visto as duas ultimas classes estarem em desacordo com a primeira que via aumentados os seus salarios.

A luta em Marrocos

Os grandes problemas pendentes

MADRID, 14. — O ministro da Guerra disse que os tres problemas que tem pendentes são o avanço em Marrocos, a questão dos prisioneiros e a petição dos pais dos soldados remidos para estes não irem a Marrocos. Está em desacordo com este ultimo ponto e estuda com todo o interesse os dois primeiros, desejando resolvê-los acertadamente.

Continua-se a fazer todos os esforços para que o general Berenguer desista do seu pedido de dimissão.—(R).

Parlamento

No Senado

Preside á sessão o sr. Gaspar de Lemos, secretariando pelos srs. Ramos Pereira e Pessanha das Neves.

[illegible]

O sr. Ramos da Costa chama a atenção da Camara para um projecto de lei autorizando o governo a mandar construir habitações baratas, o qual envia para a mesa. [illegible] tem passado, têm administrado os dinheiros publicos sem que até hoje haja uma unica habitação concluida.

O sr. Sousa Varela congratula-se pela forma como o actual governo tem sabido manter a ordem, criando-se assim, á sua volta, um ambiente de simpatia.

E' necessario, disse, que êle continue a ser energico, fazendo votos pela sua estabilidade. Alvitra que, para a reparação das nossas estradas ser um facto, o governo determine que, sobre o imposto dos automoveis e *camions*, seja lançado um outro adicional.

O sr. Vasco Marques pede ao sr. presidente que transmita ao sr. presidente do Ministerio a necessidade que tem de chamar a sua atenção para certos factos a que deseja referir-se na presença de s. ex.ª

O sr. ministro da Justiça agradece as amaveis palavras dirigidas ao governo pelo sr. Sousa Varela.

O sr. Tomás de Vilhena, pedindo a palavra, condena energicamente tambem a pena de morte.

A' hora de encerrarmos êste extracto, a sessão continua.

A lei do inquilinato

Uma comissão de representantes da Associação Comercial do Porto conferenciou esta tarde com o sr. ministro da Justiça sobre a lei do inquilinato.

A procissão de Alemquer

Uma comissão de habitantes de Alemquer esteve hoje no gabinete do sr. governador civil pedindo autorisação para se realisar ali uma procissão, contra a qual protestam as comissões politicas locais do P. R. P.

Aos comissionados foi respondido que nesse sentido enviassem um requerimento ao respectivo administrador do concelho.

Tribunal de açambarcadores

Não se realisou hoje, como, por engano, anunciaram os jornais, o julgamento do sr. João Castanheira de Moura, director da Companhia de Moagem Lisbonense. Aquele industrial será julgado no dia 16, ás 12 horas, no Tribunal dos Açambarcadores, por ter alterado o diagrama oficial da farinha. No mesmo dia serão tambem julgados 7 industriais, que compraram essa farinha por preço superior á tabela.

Em poucas linhas

As autoridades da Figueira da Foz telegrafaram ao director da Policia de Investigação pedindo a captura de Joaquim Cardoso, 18 anos, acusado de um crime de morte.

—Comemorando o seu 14.º aniversario o Centro França Borges distribuia hoje um bodo a 50 pobres.

—A Juventude Catolica realisa na proxima sexta-feira na Liga Naval uma sessão comemorativa do VI centenario do Dante.

—Na policia foi hoje inaugurado o distintivo de braçadeiras vermelhas para os oficiais de serviço, tal como é usado na G. N. R.

—No Rocio descarrilou hoje o carro electrico n.º 109 da carreira Estrela-Avenida. Compareceu o carro do pronto socorro com engenheiros militares e praças do exercito que procederam ao [illegible]

A questão Berthelot

Reuniu o conselho disciplinar

PARIS, 13.—Sob a presidencia do sr. Poincaré reuniu-se no ministerio dos Negocios Estrangeiros o conselho disciplinar para ouvir o sr. Philippe Berthelot a respeito dos telegramas que ele enviou na sua qualidade de secretario geral do ministerio dos Negocios Estrangeiros relativamente ao Banco Industrial da China.

A audição do sr. Berthelot terminou e o conselho disciplinar deve deliberar amanhã e dar o seu parecer fundamentado o qual será presente ao ministro dos negocios estrangeiros que em ultima instancia tomará a sua decisão.—(H.)

A situação na Irlanda

LONDRES, 14.—Hontem houve novos tumultos em Belfast tendo sido mortas seis pessoas entre as quais uma rapariga que foi morta a tiro por tres homens quando estava encostada á porta de sua casa.—(R.)

Ordem Publica

Nos fortes de S. Julião da Barra e de Sacavem continuam detidos os 106 individuos presos [illegible] das recentes ruscas [illegible] José Dias, a quem foram [illegible] das muitas chaves de portas e gazuas, encontrado [illegible] objectos furtados. No gabinete do governo civil foram hoje fotografados para os jornais todos os explosivos, navalhas, [illegible] bombas etc., artigos apreendidos [illegible] das recentes ruscas.

Nos T[illegible] foi encontrada, por um garoto que andava a [illegible] uma bomba de dinamite. O explosivo foi conduzido para o governo civil, bem como o achador o qual, pouco depois, foi posto em paz pela policia de Defesa Social.

No Alto de Santo Amaro [illegible] do n.º 10 dos bombeiros municipais, estavam hoje procedendo a um desaterro os bombeiros 271, 27[illegible] e 273, quando, a certa altura deparam com uma esfera de ferro. Ignorando que se tratava de uma bomba, os bombeiros entraram a brincar com a bola, a qual, num dado momento, explodiu.

Felizmente não se registaram desastres pessoais, tendo sido o caso participado para a policia e para o comando dos bombeiros.

Devido ao temporal deste [illegible] as forças militares, que se encontram cercando Lisboa, recolheram aos quarteis que estão disponiveis e aos fortes do campo entrincheirado.

Na Amadora ficou o regimento de infantaria 10, an forçado 1 200 homens.

O agente Ferreira da Silva, da 1.ª secção de investigação continua procedendo a averiguações sobre o atentado dinamitista da Avenida Almirante Reis. O referido agente, embora não conseguisse obter o menor esclarecimento por parte dos jovens sindicalistas que se encontram gravemente feridos no Hospital de S. José tem já uma pista que se relaciona com outros atentados.

Morto á punhalada

Tudo indica que o capitão Vaquinhas foi ferido com um sabre-baioneta

O agente Alvaro da Fonseca que está procedendo a averiguações sobre o crime de que foi vitima o capitão do exercito de Africa Luiz Ludovico Vaquinhas esteve hoje ouvindo os dois filhos da mulher a dias, Carolina Fernandes, José Fernandes e Armando Severino Rodrigues Fernandes. Findos os interrogatorios, que foram [illegible], os dois irmãos foram identificados no posto antropometrico [illegible] serem as suas impressões digitais com as extraidas dos vidros [illegible] fotografados em casa [illegible]

Na Morgue procedeu-se hoje á autopsia judicial do cadaver de Vaquinhas, verificando-se que a morte fora causada por um ferro cortante de gume, talvez um sabre-baioneta. Tal descoberta foi com que as investigações policiais [illegible] porquanto [illegible] é que o Vaquinhas recebia em casa um clarim de lanceiros 2 de nome João, que já ha tempo o roubara, tendo-lhe, no entanto, o capitão perdoado o crime.

Oficiais agraciados

Pelo governo hespanhol acabam de ser agraciados por serviços prestados no navio de guerra que conduziu a Lisboa a missão daquele paiz quando das homenagens aos «Soldados desconhecidos» os seguintes oficiais:

Com a grã-cruz de mérito naval, o major Alvaro de Castro; e com a cruz de 1.ª classe o tenente-coronel Alvaro Poppe e capitão Olimpio de Melo.

TEATRO

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO APOLO — Belo Sexo — *fantasia revista em 1 prologo 2 actos e 14 quadros de Ascenção Barbosa e Abreu e Souza, musica de Alves Coelho e Ascenção Barbosa.*

Peça

Abreu e Souza foi meu companheiro do Colegio Militar. Fizemos juntos daqueles jornais de grande tiragem (um exemplar) com grande circulação por baixo das carteiras, como juntos fizemos a «Luz ás escuras» e o «Corpo para traza», revistas para uso interno. Eu para aqui vim, para o jornalismo crescido, ele para as revistas de trazer por fóra.

Mas se a nossa fraternal estima, essa camaradagem quasi maçonica que existe entre todos os meninos da Luz, nos liga estreitamente, não quer dizer que no desempenho terrivel da minha missão seja actuado por forças que desvirtuem a verdade.

A «Bomba Real», um trabalho inferior dos autores aqui presentes, mereceu reparos violentos. Com o «Trólaró» a segunda parceria do Porto, aformoseou o seu trabalho e no «Belo Sexo» aparece com elementos que me permitem ser agradavel sendo sincero.

«Belo Sexo» agrada porque não dá tempo ao espectador de pensar na fantasia da peça, mal vai a dizer este numero é mais fraco rebenta-lhe pela esquerda alta outro numero, mal aquele sai entra outro; um côro, um maxixe, uma espanholada, frescura de mulheres, vivacidade de musica. Aqui, ali, mas principalmente no 2.º acto, algumas boas piadas, com ou sem pimenta, mas desopilantes.

A nota ferida pelos autores foi o Belo Sexo, mulheres, só mulheres. Os numeros são de fantasia, champagnes, luxurias, pós de arroz, perfumes; ha um quadro extrangeiro, ou antes um numero cujo efeito é no entanto inferior ao quadro dos telefones do «Trólaró»: as barracas de banho. Ha numeros de parisianismo, outros, infalivelmente repetidos de outras revistas. A combinação que vimos num outro quadro de roupas brancas ou rendas no Apolo, é uma cançoneta elegente, fina; «O prazer» outro numero metediço com a plateia. A «Meia de Seda» é ainda graciosa.

Não ha mais «trouvailles», não ha grandes novidades; mas pela presteza das scenas, pela movimentação dos numeros a vivacidade mantem-se; domina a plateia permanente musica popular e mulheres, muitas mulheres, em guarda roupa limpo, claro, iluminado.

Abreu e Sousa e Ascenção Barbosa foram ao sabor do publico e com certeza obtem em Lisboa o mesmo sucesso popular, de boa disposição que mantiveram no Porto.

Musica

A musica é como todas as musicas de revista: com novidades estrangeiras, «fox-trottes» populares, canções e «refrains» que passam inevitavelmente dumas revistas para outras. Alves Coelho tendo dedo para as canções populares faceis, não se esforçou por dar grande originalidade ao trabalho. Ascenção Barbosa, tambem musico, ajuda-o em numeros varios.

Desempenho

E' graças ao belo corpo de artistas ou aos corpos das artistas, como quizerem, que se deve uma parte do agrado da fantasia; é afinal ao «belo sexo» que se deve o bem estar de duas horas passadas na revistinha.

Vozitas alegres, formas frescas, entoações simpaticas, vivazes malicias tudo já notamos no ano passado á companhia Ruas, quando passou com brilho por Lisboa, dando-nos o «Porto tanlos do tal».

Deolinda Sayal é uma vedeta com linha parisiense, boa voz, boa plastica, impressionante. Alda Teixeira cuja voz arranha, desagrada, é um elemento para tipos populares, grosso, Evangelina Bastos, cheia de vida é menos aproveitada do que os seus recursos artisticos valem. Candida Rosa, uma voz clara, uma figura que marca, Sofia de Sousa com voz timbrada, Guilhermina Paiva, uma cantadeira sentida e um elemento de valia, como Zulmira Vargas é galante e Margarida Ferreira passa em notas de frescura e leveza.

As irmãs Pepa e Teresa Loriente finalmente são elementos valiosos pelas mocidades que ostentam, bons bailados, vozes alegres, rostos frescos. Aqui temos o «Belo Sexo», o segredo dum sucesso. Todos os quadros tem uma «chefe de quadros» e raramente passam os barbados no reino das mulheres.

No entanto Alfredo Ruas é um artista de revista. Os seus tipos são menos marcados do que os do ano passado, mas disso não tem ele a culpa. O seu valor é o mesmo, os papeis são mais fracos. A propria «terra de ninguem» paralelo ao «Poveiro» é inferior nos versos.

Alberto Miranda, tem um bom «Zé Vista Curta» e Santos Carvalho no «Fraldinhas» repete-se um pouco dos outros papeis anteriores; qualquer porem é elemento joven, moço, com nervos para refrescar uma revista.

Resta o compére Soares Correia aqui um sapateiro vivo, comico, um bom tipo. Mantem as mesmas qualidades que lhe apontámos o ano passado. E' um compére a sabor popular. Marca bem as piadas, tem vida, e um «ttc-tripeiro» que o torna engraçado.

Ensceneação

Pedro Cabral movimentou todo o belo sexo da fantasia, aos costumados modinhos da nossa arte de «mise-en-scene» revisteira. E' o suficiente para a nossa plateia. A cojarrega é a do costume, embora com graça. Os bailados são sem novidade.

A marcha pela plateia, identica á do «Trolaró», repetindo um motivo de sucesso devido á originalidade e imprevisto, deixou de ter essas mesmas qualidades; já não é novidade nem imprevisto.

Guarda-roupa

Valverde rivalisa com Castelo Branco, no Porto. Tem figurinos felizes, mas falta-lhe ainda umas viajates a Paris e Londres para criar maravilhas de côrte, de fantasia, de levezo, nos seus fatos. Os «biombos» são vistosos, as caixas do «pó de arroz», prestavam-se a maiores efeitos. Mas tudo bem claro, côres vibrantes, nuances que se prestam aos fins em vista.

Scenarios

«Belesas de hortaliça» tem um fundo bonito mas fantasioso e não dizendo com o quadro.

«Quadras ao vento» é vulgar, mas cheia de novidade e efeito a apoteose do 1.º acto. No 2.º os melhores panos são a «Gente de outrora», e as «Violas de Alcacer». A apoteose é inferior porque os «bonecos» são sempre efeitos horriveis.

Boa vontade e belo sexo em barda, farão com que o sexo feio acorra durante muitas noites.

ARMANDO FERREIRA

Noticiario

Portugal

Tem 4 actos a peça de Artur Cohen, «A Vida» que serve para a reaparição em Lisboa da Companhia Alves da Cunha e em que Angela Pinto vai aparecer contrascenando com o notavel actor.

Bertha de Bivar e Saino Ribeiro tem a seu cargo papeis de molde a fazer brilhar as suas qualidades artisticas.

—Cada vez é maior o interesse que está despertando a festa artistica de Armando de Vasconcelos, que se realisa na noite de 17 com a primeira representação da nova opereta vienense «Sua Alteza Valsa...» cujos papeis principais estão a cargo dos distintos artistas Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Batista, o festejado, Fernando Pereira, Carlos Viana, Sebastião Ribeiro, José Correia e outros. Os scenarios para esta opereta são completamente novos e estão entregues a Reis (filho), e Reinaldo Martins.

—Em virtude do antigo empresario do Teatro da Trindade, sr. Carlos Borges, ter entrado para a direcção da Grande Companhia de Opera Luso-Brasileira, fica a já annunciada estreia dos espectaculos desta Companhia adiada para ocasião oportuna.

Sabemos, tambem, que, com a entrada deste conhecido empresario para a direcção da Companhia de Opera Luso-Brasileira e graças aos seus esforços, aliados aos do eminente baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), esta sofreu uma nova e melhor orientação, tendo conseguido a exploração dum dos novos teatros da capital.

E', pois, Chico Redondo e Carlos Borges, na direcção desta companhia, que, nós, veremos, em breve, a realisação do ambicionado sonho de escutarmos, emfim, opera cantada em portuguez.

—E' já depois de amanhã que o actor Mario Campos, um dos mais apreciaveis elementos da companhia do Teatro de S. Luiz, efectua a sua festa com a ultima representação da «Leiteira de Entre Arroios» opereta em que o papel criado por Henrique Alves será desempenhado por aquele artista.

No intervalo do 2.º para o 3.º acto a actriz Aldina de Sousa cantará a «Toada Singela» a ultima composição do saudoso maestro Manuel de Figueiredo cujos versos são de José Luiz Ribeiro.

«Toada Singela» será cantada com acompanhamento pela orquestra para a qual o maestro Luiz Gomes escreveu uma primorosa instrumentação.

Nas salas do seu consultorio, leu, na segunda-feira, Mario Duarte, o seu novo original de colaboração com Valerio de Rajanto, ausente no Porto com a companhia Chaby. A peça, que tem o titulo de «Renascer» e que trata um assunto de momento, é cheia de teatro e de acção.

Aplaudiu muito a obra, a assistencia, que era numerosa e, entre a qual se via a ilustre actriz Angela Pinto, o actor Eduardo de Freitas, Salomão Seruya, dr. Alberto de Morais, R. Garcia Perez, Alvaro Relo de Carvalho, Torres de Campos, Mario Bonança, Oliveira Mouta, major Pinto, Cardoso de Sousa, A. Pereira Nunes, Alberto Pessoa, Alberto Fortes, etc.

No final da leitura, bebeu-se uma taça de honra, pela qual se brindaram aos autores, a Angela Pinto, a Alves da Cunha, entre outros, o dr. Alberto de Morais, Oliveira Mouta e Mario Bonança.

Receberam-se cartas de Cristiano de Sousa, Armando Ferreira, José Pacheco, Ribeiro Lopes e Macedo e Brito.

A reunião financeira em Pariz

A reunião dos ministros das finanças, belga, francez, inglez e italiano, tem origem numa combinação interaliada, elaborada em Londres no mez de dezembro, e apresentada em Cannes, sendo adoptada por unanimidade como base de discussão. Segundo as opiniões manifestadas nesta discussão, a delegação ingleza reduziu em projecto em 10 de janeiro.

A delegação franceza preparava-se para pedir certas emendas nesse decreto, quando a conferencia foi suspensa pela brusca chegada de Briand a Pariz.

Esse trabalho interrompido já foi novamente reatado pelos quatro ministros. Trata-se unicamente de entender como a Alemanha ha-de operar, ponderando bem a sua especial situação financeira, com os aliados.

E' verdade que este assunto fez nascer mais dois: a avaliação das despesas provenientes da ocupação do Rhenania, e as prestações que a Alemanha, em virtude do acordo de Wiesbaden, deve fornecer em materia prima.

A soma paga em generos pela Alemanha relativa em 1921 é de um milhão de marcos ouro. Ela deve ser afetada da maneira seguinte:

Uma soma de 640 milhões será destinada ao reembolso das despesas de ocupação anterior ao primeiro de maio de 1921 na razão de 500 milhões para a Inglaterra e 140 para a França. O resto do milhão é da Belgica.

Os pagamentos de 1922 tinham sido fixados em Cannes pelos tecnicos, em 8 de janeiro em 700 milhões de marcos ouro em dinheiro, 1.750 milhões em prestações, em productos e enfim o imposto de 20 o/o sobre as exportações.

Sobre os pagamentos em dinheiro, a Belgica tem direito de prioridade. O ponto principal é pois fixar a atribuição das prestações em produtos.

Os tecnicos de Cannes tinham fixado para a França o maximo de 1.250 milhões para o ano de 1922 e 1.600 milhões para cada um dos anos seguintes.

SPORT

AUTOMOBILISMO

A corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira vae realisar-se

A INSCRIÇÃO ABRIRA' ESTE MEZ

Ao nosso meio sportivo, tem despertado justificado interesse a corrida de automoveis que o jornal «Os Sports» está preparando para se realisar nos meados do proximo mez de Abril e cuja inscripção abrirá no dia 20 deste mez devendo o regulamento ser publicado por estes dias. Espera-se apenas que a direcção do Automovel Club de Portugal lhe faça a respectiva revisão visto que a prova é oficialmente patrocinada por aquela entidade. Sabemos que os nossos principaes «volantes» se estão preparando com entusiasmo, tanto mais que de entre eles ha representantes de marcas de automoveis que desejam afirmar os seus carros.

A inscripção é aberta a todos os automobilistas amadores portuguezes e a representantes de marcas, podendo estes ultimos tomar parte na corrida sendo o carro conduzido por um amador ou profissional.

O jornal «Os Sports» oferece aos vencedores de cada categoria artisticas medalhas e diplomas isto alem de se disputar a magnifica «Taça Goodyear» gentilmente oferecida a «Os Sports» pela firma da nossa praça, representantes dos pneus Goodyear, Corvaceira, Mariano, Gomes L.da. Esta Taça ficará na posse definitiva do concorrente que em qualquer categoria faça o percurso em menos tempo.

O jornal «Os Sports» enviou uma circular convite aos seguintes automobilistas:

Lisboa

Mantero & Mendonça, L.da
Casal, L.da
C. Santos, L.da
Sociedade C. Luzo Americana
A Contreras, L.da
Engenheiro Palma de Vilhena
Crespo, L.da
Silva & Campos, L.da
Nacional Stand
Dr. Mario Vieira
Corvaceira, Mariano & Gomes, L.da
Grandela & Syder, L.da
Sebastião Teles
Dartout & C.ª, L.da
J. J. Gonçalves, Sucs.
Raul Costa
Carlos Simões D. Figueiredo & C.ª
Panhard Palace
Empreza Automobilista Portugueza
Albert Beauvalet
Felix da Costa & Freitas L.da
Gerin L.da
Auto-Lisboa
Automoveis Chandler L.da
Agostinho Rios de Oliveira
Vasco Anjos Jardim
Henrique Leherfeld
Pereira de Carvalho L.da
Artur Mimoso L.da
Artur Aires
Joaquim Roque da F. Junior
Visconde de Sorraia
Orey Antunes & C.ª L.da
Placido Duro

No Porto

Sebastião de Sousa Azevedo
Mario Ferreira, L.da
Manuel Menéres
Luiz de Sousa Menezes
Benedicto Ferreirinha & Filhos
Machado & Brandão, Sucs.
J. J. Gonçalves, Sucs.
Marcelino Pelayo

Todas as indicações sobre esta importante prova podem ser pedidas ao director do jornal «Os Sports», A. de Campos Junior, rua do Norte 5-1.º todos os dias das 15 ás 17 horas.

Jogos olimpicos

L'auto diz que os jogos olimpicos em 1924 não se realisarão em Paris porque o Conselho Municipal regeitou uma proposta para a construção dum novo estadium no «Parc des Princes» por falta de verba.

Box

O americano Jeff Smith, deve chegar a Paris a 20 de Março.

—Na Belgica apareceu um peso pesado de grande classe chamado Humbeck.

—Parece que o celebre Dempsey se vai encontrar com o negro Harry Willis.

—Criqui, recebeu da Australia, ofertas magnificas.

—O boxeur Hobin, campeão da Europa, que foi para a America, fez ali boa impressão, mas é de opinião, que os americanos são muito superiores aos europeus.

NOTICIARIO

ESGRIMA NO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Está aberta no Ginasio Club Portuguez a inscrição para as «poules» de esgrima de espada e sabre que ali se vão realisar, bem como para a prova de espada por «equipes» para disputa da Taça Carlos Granha.

O campeonato de sabre que o Ginasio Club Portuguez anualmente organisa, realisa-se no mez de março p. sendo a inscrição aberta a civis e militares.

UMA FESTA DE «SPORT» NO COLISEU

Dizem-nos que a 11 de abril vão encontrar-se novamente no Coliseu dos Recreios os «boxeurs» Faustino Pereira e Silva Ruivo.

Os organisadores estão tratando de arranjar um outro numero que deve causar sensação.

CRITERIUM PADINHA NO G. C. P.

Realisa-se na noite de 15, no Ginasio Club Portuguez, a 3.ª prova «Criterium Padinha», em homenagem ao falecido campeão de pesos e alteres Francisco Padinha. Concorrem a esta prova apenas o Ateneu Comercial de Lisboa e o Ginasio Club Portuguez, com os atletas Antonio Pereira, Carlos Simões, Ferreira Borges, Alvaro Costa, Manuel Rubes, Mario Costa e Fernando Bizarro. A entrega dos premios aos vencedores far-se-ha no final da prova, seguindo-se a apresentação de varios numeros de força pelo «recordman» do mundo Manuel da Silveira e outros atletas que dão o seu concurso a esta festa.

Completa o programa um numero de forças combinadas por Carlos Moreira e Julio Silva e um assalto demonstrativo de luta greco-romana.

Companhia Portugueza de Fosforos

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital Esc. 4:500.000$

Mesa da assembleia geral

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

E' convocada a assembleia geral ordinaria desta Companhia para o dia 30 do corrente mez, pelas 14 horas, no edificio do Banco Lisboa & Açores, sendo a ordem do dia:

1.º Discutir o relatorio do conselho de administração sobre a gerencia de 1921 e votar as conclusões do parecer do conselho fiscal;

2.º—Proceder, nos termos do disposto no § 2.º do art. 9.º do art. 17.º e dos §§ 1.º e 2.º do art. 30.º dos estatutos, á eleição da mesa da assembleia geral, do conselho de administração e do conselho fiscal, que devem funcionar no triénio de 1922 a 1924.

E' egualmente convocada a ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA a requerimento dos conselhos de administração e fiscal nos termos do art. 24.º dos estatutos, para reunir no dia 30 do corrente—logo que findem os trabalhos da assembleia geral ordinaria—no edificio do Banco Lisboa & Açores, a fim de deliberar sobre uma proposta para a elevação do capital social e modificação dos estatutos na parte correlativa.

Lisboa, 14 de Março de 1922.

O vice-presidente da mesa
(a) Jannario d'Almeida Junior

Comptoir Commercial et Technique, Ltd.

Por escritura de 4 do corrente, outorgada perante o notario abaixo assinado foi constituida a sociedade por quotas, de responsabilidade limitada de que tratam os estatutos seguintes:

1.º

Nos termos da lei de 11 de Abril de 1901, Codigo Comercial, demais legislação aplicavel, a presente escritura é constituida entre José Luiz de Valle Flôr, Frederico de Lacerda da Costa Pinto e Luiz de Sequeira Oliva Junior uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, sob a denominação de «Comptoir Commercial et Technique, Limitada», na forma dos artigos seguintes, nos quais poderá ser designada pela simples palavra Sociedade.

2.º

A Sociedade tem a séde em Lisboa, actualmente na rua Victor Cordon, numero 30, e uma agencia em Paris, actualmente no Boulevard des Capucines, numero 41, e poderá ter nestas ou noutras localidades as agencias ou a especie de representação que entender.

3.º

A Sociedade tem por objecto o exercicio do comercio de conta propria ou alheia, e em geral o exercicio de qualquer ramo de comercio ou industria, excluido o comercio bancario;

4.º

A Sociedade durará por tempo indeterminado.

5.º

O capital social é de 600.000 francos franceses ou, ao par, 108.000$00 constituido e representado pela seguinte forma.

1.º Quota de 295.000 francos franceses ou 53.000$00 ao par, do socio José Luiz de Valle Flôr, constituida por 200.000 francos franceses ou 36.000$00 ao par, já integralmente pagos em francos franceses, e por 95.000 francos franceses em dinheiro ou 17.100$00 ao par, a pagar em francos franceses no prazo de um ano da data desta escritura;

2.º Quota de 295.000 francos franceses ou 53.100$00 ao par, do socio Frederico de Lacerda da Costa Pinto, representada por 95.000 francos franceses ou 17.100$00 ao par em dinheiro, a pagar no mesmo prazo de um ano em francos franceses, e por 200.000 francos ou 36.000$00 ao par nos seguintes haveres, com os quais este socio entra para a Sociedade e nela põe em comum todos os bens, direitos e acções que constituem o activo do seu escritorio comercial no Boulevard des Capucines, numero 41, Paris, compreendendo designadamente o respectivo direito ao arrendamento, representações, clientela, conforme inventario que é conhecido de todos os socios, e mobiliario, decorações, etc.;

3.º Quota de 10.000 francos franceses ou 18.000$00 ao par, do socio Luiz de Sequeira Oliva Junior, constituida por 1.000 francos franceses ou 180$00, já integralmente pagos em francos franceses, e 9.000 francos franceses ou 1.020$00 a pagar em francos franceses, no mesmo prazo de um ano.

6.º

São prohibidas a cessão ou transmissão, totais ou parciais, de quotas e a divisão de quotas, salvo acordo unanime dos socios e tendo sempre a Sociedade o direito de preferencia;

7.º

Os lucros liquidos anuais, depois de retirada a percentagem de 5 por cento para fundo de reserva, nos termos do artigo 191.º do Codigo Comercial, e as perdas anuais, serão divididos, uns e outros, pelos socios na proporção de três oitavos para cada um dos socios Valle Flôr e Costa Pinto e dois oitavos para o socio Oliva Junior, quando a Sociedade tenha a exploração da revista «Electricidade e Mecanica», e na proporção das quotas dos socios quando a Sociedade não tenha esta exploração;

8.º

São gerentes da Sociedade cada um com poderes totais e independentes e obrigando a Sociedade, todos os socios.

§ 1.º Ficam os gerentes dispensados de caução.

§ 2.º Os gerentes Costa Pinto e Oliva Junior quando em exercicio, poderão retirar, na totalidade para os dois, mensalmente, da Sociedade por conta dos seus lucros [illegible] francos franceses.

§ 3.º O socio Valle Flôr [illegible] para exercer a gerencia, quando assim o entender e o comunicar por escrito á Sociedade, e poderá sempre delegar os seus poderes de gerente.

§ 4.º Salvo quanto ao socio José Luiz de Valle Flôr em relação á Sociedade Agricola Valle Flôr, Limitada da qual é socio, fica prohibido aos gerentes, sob pena de nulidade de todos os actos que os gerentes praticarem, e da perda imediata da sua qualidade de gerentes, negociarem de conta propria ou tomarem interesse [illegible] do seu nome ou alheio em negociações do mesmo genero [illegible] que a Sociedade [illegible].

9.º

As deliberações sociais serão tomadas por maioria de votos correspondentes ao capital social, salvo os casos em que a lei [illegible] outra coisa.

10.º

As convocações das assembleias dos socios, quando necessarias, serão feitas, com a necessaria antecedencia, por meio de carta registada e mediante aviso de recepção, salvo disposição legal, que estabeleça forma especial de convocação.

11.º

Os anos sociais são os anos civis e o inventario e balanço efectuar-se hão em 31 de Dezembro de cada ano;

12.º

Alem dos casos fixados na lei, a Sociedade dissolver-se-ha por vontade de cada um dos socios Valle Flôr e Costa Pinto, e nos casos de morte ou interdição de qualquer dos socios;

§ unico — Em todos os casos de dissolução os haveres sociais serão partilhados entre os socios na proporção de três oitavos para cada um dos socios Valle Flôr e Costa Pinto e dois oitavos para o socio Oliva Junior quando a Sociedade tenha a exploração da revista «Electricidade e Mecanica» e na proporção das quotas dos socios, quando a Sociedade não tenha essa exploração;

13.º

Entram para a Sociedade todas as operações em andamento á data da presente escritura no escritorio comercial do socio Costa Pinto.

14.º

O foro comercial de Lisboa é, com renuncia de qualquer outro, o unico competente para as questões emergentes deste contracto.

Lisboa, 10 de Março de 1922. — O notario, *Antonio Tavares de Carvalho*.

N.º 35 — Folhetim de A CAPITAL — 14 de Março de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

—Contar-te hei tudo. Agora não estou triste, pelo contrario, sinto-me muito alegre.

—Não, é preciso que fiques corada como eu sou. Ah! como a manhã chega depressa! Tens sono Nietotchka?

—Não.

—Bem, então conversemos.

Falamos ainda duas horas. Só Deus sabe o que dissemos. A principio a princezinha expoz-me todos os seus planos sobre o futuro e a situação tal qual era naquele momento.

Soube que amava o pai acima de todas as coisas, mais do que tudo, quasi mais do que eu. Em seguida estivemos de acordo em que Mme. Leotard era uma excelente senhora, mas severa. Traçamos o nosso programa para o dia seguinte e para o outro; duma maneira geral fizemos planos para vinte anos. Depois Catarina lembrou-se que deviamos viver assim: um dia seria ela quem mandaria e eu obedecia, no dia seguinte seria o contrario: mandaria eu para ela obedecer estritamente.

Depois deviamos mandar e obedecer ambas; depois, uma de nós, propositadamente, não obedecia; Zangavamo-nos para nos reconciliarmos o mais depressa possivel. Numa palavra; esperava-nos uma felicidade infinita. Por fim, á força de conversar, os nossos olhos fecharam-se de fadiga.

—Catarina continuava a rir-se de mim, chamando-me dorminhoca, mas nessa noite adormeceu antes de mim. No dia seguinte, mal acordamos, abraçamo-nos depressa, porque iam a entrar no nosso quarto; mal tive tempo de voltar para o meu leito.

A nossa alegria era tão grande que durante o dia nem sabiamos o que faziamos.

Escondiamo-nos de todos, fugiamos de toda a gente, receando os indiscretos. Comecei a contar a minha historia a Catarina. Comoveu-se até ás lagrimas com a minha narrativa.

—Ah! Porque não me contaste tudo isso ha mais tempo? Amar-te-hia, amar-te-hia muito. E os garotos batiam-te muito na rua?

—Ah! sim, eu tinha tanto medo deles!

—Ah! os maus! Sabes, Nietotchka eu já vi como um garoto batia noutro. Amanhã, sem dizer nada a ninguem, pego na correia do Falstaff e se encontro alguem, bato-lhe que se ha de lembrar toda a vida.

Os meus olhos brilhavam de indignação.

Ficavamos atrapalhadas quando alguem entrava.

Receavamos que nos surpreendessem abraçando-nos e nesse dia não o fizemos menos de cem vezes. Assim se passou esse dia e o seguinte. Eu tinha medo de morrer de entusiasmo; abafava de felicidade. Mas a nossa alegria não durou muito tempo.

M.me Leotard dava conta á princesa de cada um dos nossos movimentos. Observando-nos durante tres dias teve muito que contar.

Foi ter com a princesa e contou-lhe o que observara: que estavamos juntas como duas malucas, que havia tres dias que não nos separavamos, que nos abraçavamos a cada momento, que chorávamos e riamos como loucas, que não paravamos de conversar, o que nunca succedia antes e que ela não sabia a que atribuir esta mudança. Accrescentou que, em seu entender Catarina atravessava uma crise doentia e que lhe parecia melhor que nos vissemos mais raramente.

—Esperava por isso ha muito tempo, respondeu a princesa. Eu sabia que essa estranha orfã nos causaria muitos dissabores. O que me contaram da sua vida, causa horror, verdadeiro horror! E' evidente que tem influencia sobre Catarina. A M.me disse que Catarina a ama muito?

—Loucamente.

A princesa corou de despeito. Tinha inveja de mim.

—Isso não é natural. Antes eram indiferentes uma á outra, e isso não me desagradava. Por muito nova que seja essa orfã, não respondo pelo que venha a acontecer. Compreende-me, não é verdade? Logo no leite da mãe recebeu a sua educação e os seus habitos. Não compreendo o que lhe acha o principe. Quantas vezes lhe tenho proposto para a meter num convento?!

M.me Leotard quiz interceder por mim, mas a princesa já tinha resolvido a nossa separação. Mandaram logo procurar Catarina e quando ela chegou, preveniram-na logo que não me veria mais senão no domingo seguinte, isto é, durante toda uma semana.

Soube tudo isto mais tarde, ao anoitecer. Fiquei horrorisada. Pensava em Catarina e parecia-me que ela não suportaria a nossa separação. Estava doida de angustia, de dor e durante a noite, adoeci. Na manhã seguinte o principe foi aos meus aposentos e disse-me ao ouvido para esperar. O principe fizera tudo quanto pudera, mas em vão; a princesa não cedia. Eu fiquei desesperada.

Ao terceiro dia, de manhã, Nastia trouxe um bilhete de Catarina. Ela escrevera a lapis e muito mal o bilhete que segue:

«Amo-te muito. Estou com a mamã e não penso senão na maneira de fugir para junto de ti. Prometo-te que fugirei. Eis o motivo porque não choro. Escreve-me dizendo que me amas. Abracei-te em sonhos toda a noite e sofri, por causa disso, terrivelmente. Mando-te «bonbons». Adeus».

Respondi no mesmo tom.

Chorei todo o dia lendo o bilhete de Catarina. Mme. Leotard aborrecia-me com as suas caricias. A' noite percebi que ela tinha ido aos aposentos do principe e disse-lhe com certeza que eu cairia de cama pela terceira vez desde que lá estava se não visse Catarina e Mme. Leotard lastimava muito o que tinha dito á princesa.

Interroguei Nastia para ter noticias de Catarina. Respondeu-me que Catarina não chorava, mas estava palida.

Na manhã seguinte, Nastia segredou-me:

—Vá ao quarto de sua excelencia o principe. Desça pela escada da direita.

Tinha um feliz presentimento. Corri logo a abrir a porta do gabinete de trabalho do principe. Ela não estava. De repente Catarina enlaçou-me pelas costas e abraçou-me ardentemente, rindo e chorando ao mesmo tempo... Mas logo se separou dos meus braços, correu para o pai, saltou-lhe ao pescoço, mas não se podendo segurar, caiu no divan. O principe caiu tambem. A princezinha chorava de alegria.

—Pai, como tu és bom, como és bom.

—Marotas! Que foi isso? Como nasceu essa amizade, esse amor?

—Cala-te pai, tu não percebes dos nossos negocios.

E de novo lançamo-nos nos braços uma da outra.

Comecei então a examinal-a mais de perto. Tinha emagrecido durante esses tres dias; já não estava corada, e chorava de tristeza.

Nastia bateu, era o sinal de que chamavam por Catarina. A princezinha tornou-se palida como uma morta.

—Basta, creanças. Reunir-nos-hemos todos os dias assim. Até amanhã, e que Deus vos abençoe! disse o principe.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremos, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Ochlada Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Inglesa), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para' ibo, Pará e Manaus.

Recomendam-se às Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

— LISBOA —

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa — Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n.° 16
Armazens — Poço do Bispo, n.° 2[illegible]

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Rua, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamolos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias — Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Bodal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quim[illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem juntas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible]

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4027 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 15 de Março de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A reforma da Guarda Republicana

Está feita a reforma da Guarda Republicana. O paiz inteiro esperava ha muito essa medida governativa, por meio da qual se remodelava uma força que, realmente, e muito menos da responsabilidade da Guarda do que dos dirigentes que não souberam, segundo o costume, medir todas as consequencias dos seus actos. Este caso da Guarda Republicana é sintomatico. Quiz-se, por meio dela, garantir de todos os perigos a Republica e ela acabou por ser um perigo para a Republica. Porquê? Porque se exagerou fortemente na remodelação que se lhe imprimiu, desviando-a do seu caracter essencialmente policial para a converter numa especie de exercito, minado pela politica, e infelizmente, a mais extremista. Um dia chegou em que as consequencias desse erro não podiam ser mais funestas e desastrosas.

Culpa da grande maioria dos elementos da Guarda? Não. O povo de Lisboa tem assistido, vivamente interessado, á forma como os soldados da Guarda, com os seus camaradas do Exercito e da Armada teem procedido nesta grave questão dos electricos, que parece prestes a terminar. A disciplina, a dedicação, a bravura, o zelo com que esses modestos filhos do povo teem dado provas vem mais uma vez demonstrar que é de cima que partem os incitamentos á indisciplina e á desordem.

A Guarda Republicana sofreu com a acção nefasta de alguns chefes que se esqueceram de que eram servidores da Republica, e não senhores da Republica, mercê da força que lhes fôra dada para fins bem diferentes da insubordinação e da rebeldia.

A redução dos efectivos da Guarda e do seu armamento, excessivo fez-se dentro da logica do systema. A Guarda Republicana é, sem duvida, um prolongamento do Exercito, mas a sua função é essencialmente policial. Para essa função não necessitava dos efectivos que possuía, determinadamente em Lisboa. Reintegrada na função que realmente lhe cabe, a Guarda [illegible] ha de prestar grandes serviços, é que os pode e deve prestar prova-o a intervenção que tem tido ultimamente em questão que afectam a ordem e a segurança publicas.

Aludimos acima á acção dos chefes. E' nesse ponto, segundo o nosso parecer, que a atenção do governo se deve principalmente concentrar. E' preciso que a politica desapareça dos dominios da força armada, á qual só cabe uma missão: defender a Republica e a Patria, quando elas sejam atacadas com as armas na mão. Nem chefes monarquicos e reacionarios, como no tempo do sidonismo, nem chefes que se deixem levar pelo espirito de facção dentro da Republica, tanto mais perigoso quanto mais demagogico e extremista. A solução do problema da ordem está na boa escolha dos chefes militares, que precisam ter sempre bem presente a noção nitida dos seus deveres.

Com a redução da Guarda Republicana, e a sua remodelação em moldes que lhe assegurem um funcionamento normal, deu-se um grande passo para as novas eras de pacificação em que Portugal vai necessariamente entrar.

Em Paris

Um banquete a Charles Brun

Presidiu o dr. Magalhães Lima

PARIS, 14.—O dr. Magalhães Lima presidiu ontem a um banquete de 300 talheres em honra do professor Charles Brun exaltando a sua obra federativa.

Falaram tambem Jean Richepin, o deputado Ferdinand Buisson, Jean Hennessy, delegados do conselho municipal de Paris, homens de letras, representantes das sociedades regionalistas, etc.

O professor Brun foi muito vitoriado pelos seus discipulos e admiradores, terminando o banquete no meio do maior entusiasmo.—(H.)

O discurso de Magalhães Lima

PARIS, 14.—Os srs. Jean Richepin, Ferdinand Buisson, de la Pradelle, discipulos e amigos ofereceram um banquete ao sr. Charles Brun. O dr. Magalhães Lima, que presidiu ao banquete, bem como o homenageado, discursaram exprimindo a sua esperança no federalismo, primeiro parcelado e em seguida universal, o qual assegurará a paz tão ardentemente desejada por todos os povos.—(H.)

Uma grande revolução

No tratamento da sifilis vieram fazer os supositorios de «Avarichaus» usados pelo eminente especialista o professor sr. dr. Freitas Viegas, dos hospitais do Porto.

Depositarios exclusivos Raul Vieira Ltd.—Rua da Prata 51

UMA LIÇÃO

Emquanto "A Batalha„ porta-voz do sindicalismo vermelho da U. S. O., chama o povo proletario á revolução social, ensinemos-lhe nós o que dizem os mestres da Anarquia Mundial

As forças revolucionarias da U. S. O, publicam manifestos pacifistas nas colunas do orgão — Retirada, em boa ordem, para a segunda linha no campo da escaramuça

«A Batalha» iniciou a retirada, em toda a linha de frente Desmascaradas as baterias da gréve geral revolucionaria, do terror pela bomba explosiva e da «sabotage» dos instrumentos de trabalho, o jornal porta-voz do sindicalismo vermelho acolheu-se á protecção das trincheiras da segunda linha, onde cautelosamente espreita o decorrer dos acontecimentos. Simulando um humanitarismo postiço, arranjado «ad hoc» e para a circunstancia, «A Batalha» desfaz-se agora em lamurias, repudiando o seu passado combativo e penitenciando-se do gesto sanguinario da pena de morte pela maquina infernal. Mas está escrito e o que está escrito, escrito fica. O admirador dos Trotskys e dos Lenines pensou, disse e resolveu isto:

A pena de morte enlameia um Estado; a bomba, quando não fôr empregada em legitima defesa, como derradeiro recurso, enlameia um ideal.

A monstruosidade da execução sumaria á bomba, é agora, repudiada no jornal da U. S. O. Agora, a pena de morte passou a ser uma monstruosidade inutil. Foge-lhe a boca para o sentimento inato, quando classifica de inutilidade a pena de morte.

Não, não é inutil a pena de morte! Ela é prejudicial á sociedade. Assim é que está certo e não como diz o reaccionario jornal do «soviete» da U. S. O.

Para não perder totalmente a clientela dos sugestionados, «A Batalha» continua a afirmar-se revolucionaria. Mas não ha duvida que perdeu o «élan» e que se pos sob a proteção da blindagem dos moderados.

Mas como é revolucionaria —ou quer que se julgue que o continua a ser — «A Batalha» incita impenitentemente as classes operarias á gréve, como se realmente a cessação temporaria do trabalho pudesse ser remedio para a crise economica portuguesa. Pois vamos demonstrar-lhe o erro, se bem que isso resulte absolutamente inutil para quem persiste em cometê-lo conscientemente.

O mal que «A Batalha» tem feito ás classes trabalhadoras! ¡Por causa da desordem mental dos que enchem as colunas do periodico, as familias operarias teem visto os seus lares assolados pela fome e pela mais negra miseria. A proposito e a despoposito de tudo, o jornal incita os operarios á greve. E quanto mais greves, mais miseria nos lares proletarios, porque mais cara é a vida. A greve, como sistema, não conduz a nada de util. Somos nós que o dizemos, apenas? Não, mil vezes não. São os mestres do sindicalismo libertario que o ensinam, segundo as lições dos factos e acontecimentos. Não é necessario deitar a livraria abaixo para o provar. Basta socorrer-nos dum livro recente, escrito por um homem de verdadeiro talento e que é considerado como um dos mais valiosos guias intelectuais do sindicalismo universal. Referimo-nos a Noel Labor, que estudou a praxis dos sindicatos operarios e a «mise-en-train» das modernas ideias. Noel Labor diz o seguinte:

As greves são apenas um remedio superficial e não corrigem coisa alguma. Se, por meio duma greve, o proletariado vê satisfeita uma reclamação, o exito é apenas aparente, porque a «chomage» que finaliza pelo aumento do salario é, correlativamente, causa da vida cara.

Esta é a verdade. A greve só pode admitir-se como um recurso de ultimo extremo, absolutamente excepcional. Mas «A Batalha» quer manter porque economicamente lhe convem, um estado geral de excitação nos meios operarios, uma patologica «nevrose» nas organizações sindicalistas, servindo assim os interesses daqueles que na U. S. O. exercem ou pretendem exercer dominio absoluto sobre as vontades e as consciencias proletarias. Para «A Batalha» como para a U. S. O., quanto peor melhor!

E já que citamos Noel Labor «L'Order Nouveau», prefaciado por Barbusse, autor de «Le Feu» e «L'Enfer», 1920 vamos extractar mais alguns trechos. Para «A Batalha» é isso inutil, bem sabemos. O porta-voz do sindicalismo indigena não lê. Para quê, se nasceu sabio! Pelo contrario: Noel Labor é que devia aprender nas colunas de «A Batalha» a maneira de conduzir as multidões proletarias até á apoteose [illegible] da Nova Aurora.

Em contraposição ás greves, Noel Labor defende a organização cooperativista:

As cooperativas prosperam onde estão bem organisadas. Na Inglaterra, o seu desenvolvimento é enorme e as cooperativas de consumo fazem circular centenas de milhões, dão trabalho a milhares de operarios e até dispõem de navios para as importações. Na Russia os socios das cooperativas contam-se por milhões de individuos e taes organismos são poderosas forças economicas.

Na Alemanha os «Kinsum-Vereine» progrediram antes da guerra, [illegible] Suissa ha numerosas cooperativas. Na França a acção socialista, bem compreendida, preconisa a instituição de cooperativas, fóra regeite a sua dependencia do sindicalismo.

E em Portugal? Que tem feito o porta voz da U. S. O, para o desenvolvimento do cooperativismo? Nada, absolutamente nada. Por dever de oficio, limita-se a publicar uma ou outra noticia incolor e insipida, perdida na sua terceira pagina. E se Noel Labor lhe tivesse pedido informações acerca do desenvolvimento do cooperativismo operario portuguez, «A Batalha» não teria senão palavras de censura para este atrasado precursor da sociedade Futura que crê ainda na eficacia economica das cooperativas. Não, ilustre companheiro Noel Labor. Não é assim. Cooperativas são inutilidades.

O remedio social está na disseminação e multiplicação das fabricas clandestinas de bombas explosivas. E, se o companheiro quizer, venha aqui, á redação de «A Batalha», (bem conhecida no mundo inteiro!) que nós lhe mostraremos uma dependencia do nosso edificio, ainda com vestigios dos estragos produzidos por explosão acidental, por um «desastre de trabalho». E olhe, companheiro, que nós ignoravamos totalmente a existencia de tal fabrica bombista. Juramo-lo pela Internacional! E' tão certa essa inocente ignorancia como é sincero o nosso arrependimento de termos preconisado e aconselhado o uso da bomba assassina como recurso de legitima defesa. Não lhe dizemos mais nada!

Vejamos agora o que o sindicalista revolucionario francez julga acerca de horas de trabalho. O pensador libertario não aprendeu pela cartilha da U. S. O. nem pelo alcorão de «A Batalha».

Na presente ocasião, a pratica do dia de oito horas ameaça aumentar, se é possivel, a desordem existente, com a diminuição da producção pela redução das horas de trabalho cresce a miseria publica; neste momento, em que a vida cara assume proporções de calamidade, a restrição do trabalho torna a producção mais cara.

Noel Labor punha ainda em duvida o aumento de desordem já existente em 1920.

Se o companheiro gaulez désse agora um salto a Lisboa, havia de verificar que, graças á propaganda de «A Batalha» e á direcção que a U. S. O. imprimiu ás reivindicações operarias, a desordem aumentou tanto que já o porta-voz do sindicalismo portuguez apregoa ousadamente, criminosamente, que o uso pratico da bomba explosiva é um recurso, embora derradeiro, de legitima defesa. A não ser que Noel Labor tenha profundamente enraizadas na alma e no coração as suas ideias libertarias, o exemplo do sindicalismo portuguez, que tem por porta-voz «A Batalha», havia de fazê-lo hesitar no prosseguimento da sua campanha de proselitismo.

Fiquemos por aqui. Como de costume, chamamos a atenção do governo para a obra de desinfecção moral de que necessita a sociedade portugueza. Tem a Republica um Poder Executivo? Afirme-o actuando. E', de resto, o que exige a opinião nacional, como claramente o diz o sr. José de Magalhães, no final dum artigo recente de «A Luta»:

Pois bem, eu afirmo, fundado nos dados mais seguros da sociologia que se não houver nos homens que nos governam, a coragem de punir, a queda da Republica, em poucos anos, é uma coisa certa.

Deve ser assim. Simplesmente, nós teriamos escrito «poucos mezes» e não «poucos anos». Mas talvez erremos, tão profundas são as raizes que a Republica firmou no solo da Nacionalidade Portugueza.

O credito dos tres milhões de libras

Conversando com um financeiro

Foi na rua dos Capelistas, a eterna arteria dos banqueiros, por onde os automoveis passam de corrida e uma ou outra mulher, forrada de arminhos, procura um financeiro das suas relações muito particulares.

Aqui e ali grupos conversavam, falava-se, talvez, do emprestimo que, por intermedio do Ultramarino, se fechou ante-ontem.

Nisto, pelo mesmo passeio, um nosso amigo, financeiro ilustre, a quem os anos de experiencia deram uma autoridade incontestavel.

— Então, fechado o emprestimo em Londres.

— Tinha que ser.

— E as condições?

— Isso é com o Banco Ultramarino.

— Mas, duas palavras: a quanto monta?

— O govêrno inglês abriu um crédito de 3 milhões de libras.

— Em que condições? — insistimos.

— Só lhe posso dizer que para ser utilizado em mercadorias inglesas. Não nos dão assim dinheiro sem saberem em que o gastamos.

Sómente para mercadorias produzidas ou manufacturadas em Inglaterra.

— Então, está incluido o carvão.

— Sim, deve estar.

— E o Governo?

— Procura a forma de utilizar êste crédito.

— Vamos, então, ter melhoria de cambio?

— Certamente.

— Que lhe parece a praça, hoje?

— As informações que tenho é que ha vendedores, faltando quem compre. Os que têm libras procuram desfazer-se delas e os espertos julgam chegado o momento de comprar barato.

— Mas, desta vez, a baixa será estavel?

— Conto que sim. Isto ha de baixar lentamente, bem sei, mas ha de baixar. Não se explica mesmo que o cambio esteja a 4.

Depois, prepararam-se novas operações. E' preciso crear ambiente, [illegible] desta vez.

Procuramos abordar mais de perto o assunto. O nosso interlocutor defende-se e, façamos-lhe justiça, com razão.

— Talvez o sr. dr. Ulrich lhe queira dizer alguma coisa. Foi êle quem negociou este emprestimo. Esta operação vem tornar um pouco mais desafogada a nossa situação financeira. Temos vivido num regimen asfixiante.

O estado da praça hoje é um bom sintoma. O cambio tem que melhorar. Não quero dizer que seja vertiginosamente, nem isso nos traz vantagem, mas irá para melhor, muito melhor.

O nosso amavel entrevistado não se alargou em mais considerações, dando-nos, contudo, a certeza que está chegado o inicio da nossa reabilitação economica.

Não é nada má!

A Espanha declara oficialmente a existencia da peste pneumonica em Portugal!...

VIGO, 15.—Por ter sido declarado oficialmente a existencia de epidemia de peste pneumonica em todo o territorio da Republica Portugueza o governo espanhol ordenou que os governadores das provincias fronteiriças tomem as medidas necessarias afim de se estabelecer a mais rigorosa vigilancia na fronteira.

Cumprindo estas ordens o governador interino desta provincia ordenou que partisse para a fronteira portugueza o medico bacteriologista do Posto de Sanidade Maritima de Vigo, com o fim de estabelecer ali a vigilancia.

Este funcionario partiu bontem mesmo para Tuy.—(R.)

Factos e palavras

Roque Gameiro, o eminente artista portuguez que é hoje, dentro [illegible] de aguarela, a mais [illegible] afirmação e, não só o primeiro dentre os vivos, mas o primeiro dentre todos, visto que antes dêle, pode dizer-se, que não existia entre nós a aguarela, acaba de fazer sair com Carlos Malheiro Dias, esse outro notavel espirito de artista mais um fasciculo da monumental obra que é «A Historia da Colonisação Portugueza», trabalho formidavel que a nossa colonia do Brazil, galhardamente oferece, como sumptuoso presente, á nação irmã, foi a Roque Gameiro incumbido o dedicado e importante [illegible] de o dirigir artisticamente. Em nome de todos aqueles portuguezes que ha muito tempo enternecidamente admiram o extraordinario artista das «Pupilas do sr. Reitor» [illegible] o felicitamos efusivamente [illegible] como levou a cabo uma obra que fará do seu glorioso nome um padrão nacional [illegible].

Chegou-nos, ha dias, ás mãos, nesta redacção, uma revista que se intitula «A Hora». Folheámo-la cuidadosamente, naquela ancia, sempre viva em nós, de encontrar uma afirmação interessante, um sentimento de independente e nobre virilidade. Não conhecemos, nem de nome nem de vista os seus orientadores. Estamos á vontade.

A revista em questão parece feita propositadamente para nos convencer que o sr. Antonio Ferro não é um escritor de talento. «Malgré» porém a intenção dos seus autores, se estivessemos na America, eu diria que a revista era paga pelo mesmo sr. Antonio Ferro. E' que se trata de um verdadeiro «truc» de publicidade. Imaginem os leitores o que são duas ou três paginas de uma revista, dedicadas numa larga descompostura a um escritor, que está ainda a fazer o seu nome. Se o escritor tem talento, evidentemente fica com êle e com o «reclame» que obriga mais gente ainda a observá-lo. Se o não tem, fica em foco, numa situação que a sua falta de valor jámais lhe conseguiria. Resumindo: o sr. Antonio Ferro, que possue hoje o mais invejado nome literario da geração [illegible] sorte de lhe terem aparecido pela frente variadissimas pessoas, que, muito ingenuamente julgando derrubá-lo, o elevam, que, supondo condená-lo, o premeiam com a mais valorizada, indiscutivel e grata recompensa que pode ter o talento de um escritor: ser discutido.

A calcular pelos seus detractores, o sr. Antonio Ferro teria de ser elevado a uma das mais notaveis individualidades literarias que tem surgido ultimamente entre nós.

Abre por êstes dias a exposição de um dos mais interessantes de senhadores e pintores modernos, o sr. Antonio Soares. E' a primeira vez que isoladamente, expõe em publico. A sua apresentação não pode deixar de constituir um sucesso.

Partiu hoje para Boston o sr. Celestino Soares, que foi director da Lusitania Film e cuja acção na Federação Academica foi brilhante.

Teve ontem no restaurante Tavares, um banquete de despedida ao qual assistiram, entre outras, as seguintes pessoas:

José Pacheco, Afonso de Bragança, Antonio Ferro, Leitão de Barros, [illegible] Oscar da Silva, José [illegible] Francisco Amaral, [illegible] Viana, Antonio Soares, Artur e Carlos de Oliveira Ramos, [illegible] etc.

O ensino do desenho ás nossas creanças dos liceus é feito por um compendio que resume em si os mais conhecidos principios do mau gosto e da falta de estetica.

Nada temos contra o autor do livro recentemente aprovado, trabalhador, cremos, que honesto e [illegible]

[illegible] mas a verdade é que ou ha o direito de estragar gerações [illegible] em nome de uma [illegible]

Quando será que os ministros da Republica [illegible] ponderaria que [illegible] os remedios e, quando se livrará de êles deixarão de se guiar exclusivamente [illegible] sentir e [illegible] autorizadas de facto?

Ha dias, na primeira representação da revista [illegible] com apartes e apropositos constituidos de uma falta de graça completamente averiguada o trabalho dos artistas. A certa altura parece que por intermedio de um empregado a autoridade fez-lhe sentir que interviria, caso o espectador continuasse. Este respondeu alto, que não acatava as ordens e continuou como até ali. Acalmaram os dois espectaculos: o do palco e o da platéa. Tamos [illegible].

O espectador tinha esta filosofia «Então, pago o meu bilhete e não posso dar a minha opinião?»

E' esta a mais corrente noção de liberdade. O espectador citado aliás pessoa conhecida e *habitué* constante da platéas, cremos mesmo que excelentemente educado prejudicara toda a gente que queria ouvir, consciente de que ninguem tinha o direito de lhe impôr silencio.

Se formos a ver, considera-se um homem moderno e impecavel.

O conhecido fabricante de automoveis, O. Ford, em resultado da questão que tem com a municipalidade de Cork, resolveu fechar a sua fabrica.

Ford comprou um local com a condição de dar trabalho a dois mil operarios, mas devido á baixa de preço de automoveis só empregou 1.500.

Este facto foi considerado como quebra de contracto pelo municipio que ameaçou Ford de rehaver o local se não empregasse mais pessoal.

A resposta deste foi parar com os trabalhos, estando já perto de 500 homens desempregados.

Segundo as experiencias feitas pela American Corporation of Telegraf Company e pela The Radio Corporation of America é possivel realizar-se a conversação telefonica entre os escritorios ou casas particulares em qualquer ponto dos Estados Unidos e os passageiros de vapores a centenas de milhas das costas americanas. Este facto foi demonstrado publicamente pelo sr. Thayer, presidente da Telefone Company, que da sua casa, a 60 milhas de New-York tocou para o transatlantico «America» que estava a 400 milhas de distancia e falou com o capitão e com alguns passageiros. A chamada fez-se tomando o sr. Thayer o auscultador e pedindo o nome do navio como se fosse o numero dum subscritor de terra. O serviço em direcção inversa foi demonstrado por um jornalista do «New-York Herald» que, na redacção, ditou a narração dos transes por que haviam passado alguns ex-soldados americanos, passageiros do «America», e que tinha n servido no exercito espanhol em Marrocos. As vozes transmitiram-se aereamente para a estação sem fios de Deal, em New Jersey, de onde foram transmitidas automaticamente para os [illegible] telefonicos da rêde.

As Companhias mencionadas declaram que estão promptas a fazer nas instalações identicas ás que se fizeram para a experiencia com o «America» logo que tenham pedidos suficientes. Assim um negociante que venha aos Estados Unidos, poderá tratar os seus negocios dois ou tres dias antes da sua chegada. Os passageiros que se destinem ás cidades centrais ou ao do Far West, ganharão dois a quatro dias. Por esta forma, será possivel falar de S. Francisco atravez o continente dos Estados Unidos com um navio que esteja no Atlantico, grande [illegible].

A luta em Marrocos

Uma vitoria espanhola

MADRID, 15.—Segundo uma comunicação oficial, duas colunas que partiram ontem de [illegible] do Dar Drius, ocuparam 3 posições de muita importancia, devido ás quais ficará no futuro assegurado completamente o dominio espanhol nos planaltos do Arruit e [illegible]. O inimigo, em grande numero, estava fortificado numa frente de mais de 30 quilometros e opoz encarniçada resistencia, mas por fim foi perseguido e duramente escarmentado. Nesta acção tomaram uma parte muito eficaz os tanks e camiões blindados, não obstante as enormes dificuldades do terreno. Tomaram igualmente parte nela 3 navios de guerra, que bombardearam o inimigo.—(H.)

Berenger não se demitirá

MADRID, 15.—Parece que o Alto Comissario em Marrocos desistiu do seu pedido de demissão.—(H.)

Foi nomeado o novo Nuncio em Lisboa

ROMA, 15. — Foi nomeado Nuncio em Lisboa monsenhor Dolfi. —(Lat. Am.)

Exposição do Rio de Janeiro

Reune amanhã na sala do Conselho de Comercio e Industria no Ministerio do Comercio a Comissão de Assistencia ao Comissariado português na Exposição do Rio de Janeiro.

Policia de transito

O Comissario Geral da policia mandou para alguns jornais a noticia de que pensava organisar uma secção especial de policia cujo fim é regular o transito nos pontos de maior circulação da cidade.

Numa ocasião em que com todo o [illegible] se está tratando da reforma policial queremos parecer que não tem [illegible] o projecto do major Carrão de Oliveira.

Uma policia especial de transito não se torna necessaria em Lisboa, porquanto todos os guardas no [illegible] se recebem [illegible] instrução [illegible] responsaveis para tal serviço.

Criar a secção especial que se aponta representa retirar do serviço os [illegible] numero de guardas o que vai diminuir ou prejudicar o já escasso serviço do policiamento da capital.

O que se impõe na policia não é a criação de mais secções para colocar chefes e amigos mas sim o alistamento de mais guardas, muitos guardas mesmo, que permitam o estabelecimento do maior numero de patrulhas fixas ou volantes. E' preciso gente [illegible] cidade que dia a dia aumenta duma forma espantosa, alistar guardas a fim de que os moradores das Avenidas novas e dos bairros [illegible] não se queixem de [illegible] á sombra dum policia.

Ha esquadras por essa Lisboa que apenas teem 5 e 6 guardas o que [illegible] pessoal [illegible] para policiamento da sua area.

E, sendo assim, como se pretende estabelecer uma secção nova que mais não é que um luxo escusado para o Chiado, ruas do Carmo, Augusta, do Ouro, Augusta e Rocio?

Responder-nos-hão que se fôra um alistamento especial para a criação de tal secção o que é disparatado, pois toda a gente que conhece os meios policiais de sobra sabe que dificilmente se consegue alistar gente.

Para a policia só vão aqueles que não arranjam outra colocação. Um policia ganha actualmente cêrca de [illegible] escudos diarios, sendo no entanto necessario que para tal esse guarda seja dos antigos e tenha já todos os readmissões, pois que do contrario quando se alista percebe apenas uns 3 escudos.

Ora esse ordenado ou gratificação é irrisorio para um mantenedor da ordem, que tem patrulhas ao frio e á chuva e que está sujeito constantemente a ser varado por uma bala desordeira ou a ser [illegible] pela navalha traiçoeira dum rufia.

Emquanto os melhores policias ou sejam os de 1.ª classe, recebem apenas 6 escudos diarios, os carroceiros, os serventes de pedreiro e outros sem responsabilidades nem exigencias de aluguel auferem 10 escudos e mais.

Além disso o guarda quasi que não tem direito a descansar, não tem folgas mas sim horas constantes de trabalho, sendo obrigado a continuas prevenções, a fazer rusgas e outras exigencias do serviço que não são gratificadas ao contrario do que sucede ao operario que ganha a dobrar fora das suas horas regulamentares.

Para isto é que os dirigentes da policia deviam olhar, tratando de cuidar da situação dos guardas e evitar que os mesmos apareçam nas ruas com repugnantes fatos de cotim sebentos e chotos de remendos e com as botas esburacadas e o resto a proporção.

Cuide-se da situação da policia, dê-se-lhe o dinheiro suficiente para a sua manutenção, dote-se a corporação com a verba necessaria ás exigencias do serviço, paguem-se aos agentes e guardas as verbas devidas ha já 5 meses e que eles abonaram dos seus bolsinhos para serviços varios e depois disto tudo regularisado cuide-se pense-se em secções de transito e outras disparatadas policias que mais não são que conchas para meninos bonitos e afilhados.

Urge fazer, quanto antes, a reforma da policia mas que essa reforma tenha como principal ponto de partida o aumento do efectivo policial afim de que a cidade seja convenientemente patrulhada protegendo-se assim os seus habitantes dos malandros e larapios que a infestam tais como vigaristas, espadistas, gatunos do escalão e de golpe, cale-sorões, carteiristas, fovoqueiros, apaches, etc...

Reorganisada a policia impõe-se tambem que á frente da mesma seja colocado quem conheça do assunto, quem não persiga vinganças o represalias ou se subjugue a economias como actualmente está sucedendo. Os elementos bons que existiam na corporação policial foram afastados injustamente, impondo-se que de uma vez para sempre terminem tais processos que mais não representam que vinganças mesquinhas e improprias de uma corporação onde deve existir a melhor harmonia e camaradagem.

Para se avaliar o caos em que tudo anda na policia basta frisar este facto:

No 3.º juiz de investigação criminal apareceu ha dias afim de prestar fiança o guarda 1058 Antonio Carrido que estava pronunciado pelo crime de ferimentos com arma de fogo, contra um individuo de apelido Durão.

O guarda seguiu para juizo acompanhado do chefe Joaquim Maria e na sua qualidade de preso não podia deixar de causar surpreza e espanto no Tribunal o facto de se apresentar fardado e armado de sabre e pistola! Mais parecia que ia para um serviço do que estava sob custodia. E, não vê dizer-se que os dirigentes da policia ignoravam da situação do guarda pois que para o Comissariado Geral foi em tempo competente enviado o mandado de captura passado contra o mesmo.

PORTUGAL-BRAZIL

A MAIOR E MAIS SUMPTUOSA OBRA QUE SE PUBLICA SOBRE A HISTORIA DO BRAZIL

Provavelmente vão ser os trabalhos literarios, principalmente os de condensação historica, as manifestações de mais valor com que estamos comemorando o centenario da independencia. Alem de grande numero de publicações que se preparam, de iniciativa e esforço dos proprios autores, já se sabe que um não menor numero ouras estão sendo planeadas por diversas corporações, particularmente pelas que de modo mais especial se ocupam de coisas historicas. Não haverá talvez, no paiz uma biblioteca, um arquivo, um instituto de geografia ou de historia, nem mesmo uma escola, um club, uma sociedade, qualquer que seja o seu genero, que não cuide de habilitar-se a entrar na comemoração com alguma contribuição a seu alcance.

Significa isso que estamos todos, sem convenções nem entendimentos, antes movidos da mesma impressão quanto á natureza da celebração que se faz muito convictos e seguros de que na sua alta significação as festas da patria neste momento revestem o caracter de justiça e homenagem ao passado, de verdadeira glorificação das gerações que fizeram o Brasil tal como se apresenta êle hoje no mundo.

Dahi o aspecto augusto, sagrado e tocante de todas as cerimonias comemorativas, em cada uma das quais se sente como a consciencia da nação se volta, serena e comovida para a sua historia, e logrando do espectaculo, que se restaura, de toda a sua vida, os grandes estimulos com que ha de ser levada para além a obra que recebemos dos nossos antepassados.

Nem é outro o espirito destas solenidades que se poderiam chamar do rito civico de todos os povos: é por elas que se nutrem as grandes fés na alma das gerações. E podemos ficar seguros de que, em todo o mundo e em todos os tempos, os mais capazes de subsistir e de crescer apresentam, como sintoma da sua vitalidade, primeiro que tudo, um coração bem grande e bem forte para sentir o que tem de mais glorioso e edificante a sua historia.

Entre as publicações que vão figurar, e já estão figurando, nos fastos do nosso ano secular, destacar-se-ha, pelas suas proporções e pela grandiosidade da sua execução, a «Historia da Colonização Portuguesa do Brasil», da qual já apareceram quatro fasciculos. Por êstes especimens pode julgar-se o que será esta obra verdadeiramente monumental.

Antes de tudo, diante da magnificencia dêste trabalho, á primeira impressão que se tem é a de que êle representa a ufania com que o velho e glorioso Portugal se volve para a sua obra na America, a mais bela que lhe ficou dos grandes dias e a que subsistirá no mundo a sua historia como a projecção mais legitima da raça.

Nada mais justo do que êsse orgulho com que o português vê o Brasil, e' esta, no povo brasileiro a grande alegria e a gloria da sua paternidade historica. Ao mesmo tempo, demonstração alguma poderia comover-nos mais o coração a nós outros, que tanto herdámos dos seus heroismos, do que essa bravura moral, essa galhardia de gestos carinhosos com que Portugal se alegra comnosco, e nos enaltece enaltecendo a mais excelente e grandiosa das suas obras no mundo.

Tem, portanto, a meu vêr, essa dupla significação - o empreendimento que só a coragem, a alta competencia e o valor de um homem como Carlos Malheiro Dias eram mesmo capazes de conhecer e de pôr em pratica; com a segurança de exito que já se pode prever deste inicio admiravel.

E' evidente que Malheiro Dias por mais assombrosa que seja a sua capacidade de esforço, não se havia de abalançar, ainda mais á vista da exiguidade do tempo, a tomar á sua conta exclusiva uma tarefa tão vasta. Necessariamente tinha êle de associar-se a um certo numero de auxiliares; e foi feliz de os encontrar nas mais altas esferas da intelectualidade do seu paiz. Pôude assim organizar um corpo de redacção de primeira ordem.

Quanto á parte ilustrativa da obra, que é simplesmente estupenda, não se saiu com menor fortuna, pois conseguiu colocá-la sôb a direcção do conselheiro Ernesto de Vasconcelos (a cartografia) e de Roque Gameiro (o que é propriamente artistico). Além da superioridade indiscutivel dessa direcção intelectual, teve ainda o eminente poligrafo a felicidade de contar com uma perfeição admiravel de lavor nas oficinas da Litografia Nacional do Porto, cujo esplendor de impressão coisa alguma deixa a desejar.

E' assim que esta publicação vai ser unica até agora nos dois paizes, pois não conheço nada, em tempo algum, que se lhe possa comparar.

Nos três primeiros fasciculos distribuidos já, figuram, na parte grafica, muitos documentos de arqueologia historica em «fac-simile» e cópias de correcção impecavel. Logo depois do frontespicio do primeiro fasciculo, depara-se-nos uma expressiva alegoria como portico da construção, uma alegoria da gloriosa epopéa de que o descobrimento do Brasil é um dos lances mais notaveis a Fé, numa figura heroica, erguida á prôa de uma caravela, sobre cujos panos enfunados flameja a cruz de Malta. Vem depois o painel do grande Infante, de Nuno Gonçalves, quadro admiravel, do que surgem, num conjunto maravilhoso, os herois da cruzada maritima. E ainda outros paineis do mesmo artista — o dos Pescadores, o dos Cavaleiros, o do Arcebispo, o dos Frades, o da Reliquia; além de numerosas gravuras intercaladas no texto, referentes á geografia e á historia do tempo. Entre as estampas do terceiro fasciculo, está um magnifico retrato de D. Henrique (ocupando toda a pagina) e outro, em ponto menor, de C. Colombo. Nos segundo e terceiro fasciculos são tambem profusos os «fac-similes», os desenhos e os documentos cartograficos mais celebres. Não é possivel conceber nada de mais opulento.

A toda essa pompa da parte elucidativa corresponde perfeitamente o texto. Trata-se, por emquanto, da introducção, devida á pena magistral de Malheiro Dias. Mas essa introducção vai ser, sem duvida, a sintese de toda a obra. Ahi, o eminente escritor marca a orientação geral que ha de ser seguida.

Começa discutindo os antecedentes da colonização e liquidando, á luz da documentação decisiva, pontos que ainda se controvertem, relativos a questões do grande ciclo, tais como a intencionalidade do feito de Cabral (e até a prioridade dos portugueses no descobrimento da propria America). Mas o escritor analisa e discute com lealdade e com absoluta isenção de espirito, como o sabio que só procura a verdade, e sempre apoiando-se em dados tão precisos e tão solidos, que se pode considerar como definitivo o que se está fazendo.

E' ocioso encarecer as grandes qualidades de Malheiro Dias como estilista e como homem de pensamento. O que é, no entanto, preciso reconhecer-lhe de modo muito particular é que êle se revela, sobretudo agora, um grande historiador. E não simplesmente historiador no sentido de que escreve a historia e sabe dar-lhe a inalteravel serenidade do juiz que julga por todo o seu tempo: êle é historiador no sentido de que possue uma tão clara inteligencia, dir-se-hia mesmo uma visão tão directa, nitida e perfeita dos factos — que êle faz mais do que só escrever, pois se habilitou a construir a historia. E' claro, que só quando se sente, como êle, um seculo ou uma época é que se pode fixá-la indelevel na tela da historia.

Pois bem: este autor conhece tão bem êsse passado distante de nós quatro seculos, como se tivesse convivido intimamente com a consciencia daquelas gerações.

Demais, a sua dialectica é vigorosa e irreductivel. Sob a sua inspecção, não se desfiguram os factos, não se falseiam testemunhos: todos têm de depôr claro, como os autores têm de reflectir gravemente na sua função.

Nem sei que mais poderia exigir-se para que esta obra venha a ser verdadeiramente o glorioso monumento com que — como diz o ilustre sr. Sousa Cruz — «a Colonia Portuguesa no Brasil, e com ela a alma de Portugal», cumprindo um dever sagrado pela sua honra, resolveu concorrer com o maior brilho possivel, e ao mesmo tempo com o melhor da sua gratidão ao povo brasileiro, ás festas do primeiro centenario da sua independencia.

ROCHA POMBO

Bispo de Moçambique

Em 18 do corrente pelas 16 horas os antigos residentes da cidade da Beira, Africa Oriental, vão á Rua Gomes Freire, 83, 3.º entregar a S. Ex.ª Revm.ª o Bispo de Moçambique, sr. D. Rafael Maria da Assunção, o anel e cruz pastoral que mandaram fazer expressamente para S. Ex.ª nas oficinas da Joalheria S. Carvalho Monrão.

As pessoas que ainda não concorreram para tal e o desejem fazer apesar da subscrição já estar coberta podem dirigir-se todos os dias das 10 ás 18 horas á Rua de S. Paulo, 220, 1.º D., a onde se encontram os referidos objectos até ao dia da sua entrega.

Adriano Soares dos Neves, 5$00; Afonso Carlos Mouliaho, 50$00; almirante Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto, 50$00; coronel Alfredo Lisboa de Lima, 40$00; dr. Amandio Batista de Sousa, 10$00; coronel Anibal da Silveira Machado, 50$00; dr. Antonio Almeida Arez, 5$00; Antonio Constancio Vieira, 50$00; Antonio Lopes da Cunha, 50$00; Antonio Nogueira, 10$00; Antonio dos Santos Rocha, 10$00; dr. Antonio de Sousa Ribeiro, 10$00; Arnaldo Alves Pereira, 50$00; dr. Artur de Barros Lima, 50$00; Artur Eugenio Pinto Martins, 50$00, dr. Augusto Luiz Vieira Soares, 50$00; coronel Carlos Roma Machado de Faria e Maia, 20$00; Cesar da Silveira Machado, 10$00; Diogo Mesquita, 5$00, Emilio Plantier, 40$00, Estefano Dias Ribeiro, 50$00; coronel Ezequiel de Bettencourt, 20$00; Fernando Pires Monteiro Bandeira de Lima, 10$00; Francisco Santos Duarte, 20$00; Gustavo Libermeister, 30$00; Higino Durão, 5$00; Jaime Dias Ribeiro, 50$00; João Batista de Morais, 50$00; João de Freitas Barreto, 20$00; João de Jesus Plantier, 5$00, João Luiz Simões, 50$00; João Miguel da Cunha, 20$00; João Oliveira Amaral, 50$00; João Pery de Lind, 50$00; Joaquim Durão, 5$00; Joaquim Luiz Faria, 5$00; Joaquim Pina, 20$00; Joaquim Sabino Moreira, 10$00; José de Figueiredo Zuzarte Mascarenhas, 15$00; José Francisco Madeira, 10$00; conselheiro José Joaquim de Almeida, 5$00; José Luiz Ferreira, 20$00; José Oliveira e Silva, 50$00; José dos Santos, 10$00; Leão Abudarham, 50$00; Luciano Faria, 5$00; Luciano Lane, 25$00; dr. Luiz da Cunha Gonçalves, 10$00; Mario Barreto, 20$00, Manuel Joaquim Martins, 50$00; Manuel Monteiro Lopes, 50$00; Manuel Pedro Dias, 5$00; Manuel Silveira de Lemos, 5$00; comandante Nuno de Freitas Queriol, 50$00; capitão Pedro Felner, 10$00; general Teofilo José da Trindade, 50$00; Tomaz do Paiva Raposo, 50$00; total, 1.074$60 escudos.

O que pensa fazer o novo consul de Portugal em S. Paulo

O sr. José Augusto de Magalhães, novo consul de Portugal em S. Paulo, disse a um jornalista que o interrogou sobre qual seria a sua obra naquela importante cidade brasileira.

—O meu programa, é o mesmo de sempre: trabalhar activamente pela completa e indissoluvel harmonia entre as duas familias—a brasileira e a portuguesa. Hei de me esforçar, quanto esteja ao meu alcance, para pôr um termo a esse ingrato dissidio que se procura criar entre o povo brasileiro e o povo português. Não ha nada mais desarrasoado, nem menos subsistente. Portugueses e brasileiros vieram sempre, pelos seculos afóra, completa, inteiramente identificados pela historia, pela lingua, pelas tradições, pelos mesmos sonhos e pelos mesmos anhelos. Foi assim que procedi em Manáus, foi assim que procedi em Belem. E não fui mal sucedido. A prova ainda agora a tive eu, para minha satisfação, por ocasião do meu embarque em Belem, depois de onze anos de permanencia lá.

Essa aproximação entre os naturaes dos dois paises, os meios de realisa-la, foi o assumpto de uma conferencia que realisei em Lisboa, na Associação Comercial, em maio do ano passado, com a presença do chefe do governo, do ministro Estrangeiros e do embaixador brasileiro. E o dr. Fontoura Xavier, que me levára a honra dos seus aplausos, desvaneceu-me, á minha partida de Lisboa, com um banquete que me ofereceu na embaixada brasileira.

E' esse, pois, um dos pontos do meu programa, continuou o sr. J. A. de Magalhães. Conto realisal-o, como outros assumptos de que não lhe poderei falar, por emquanto. Preciso, antes, avistar-me com o embaixador Duarte Leite, que se encontra em Petropolis, para saber sua opinião a respeito.

O intercambio entre o meu e o seu paiz será tambem uma das minhas preocupações do meu novo cargo. Nesse campo ha muito que fazer e os meus esforços serão continuados.

A MARCHA DO FEMINISMO

A primeira mulher eleita para o parlamento do Canadá

O feminismo vai, pouco a pouco, conquistando victorias, com o ideal de participação intensa e completa da mulher na vida social.

A velha barreira dos preconceitos que relegava o ser feminino ao ambiente socegado e estreito do lar, vai aluindo, lentamente, e conquanto seja lenta esta transição que se vai operando nos costumes de todos os povos, o tempo vai sucessivamente assinalando a sua marcha, que não pára.

Uma das participações mais dificeis da mulher no trabalho social é na vida politica. Os dominios propriamente de «trabalho» vão sendo invadidos, com certa celeridade pela actividade do denominado, por tradição, sexo fraco. A guerra veiu favorecer esta penetração da mulher em todos os ramos de acção pratica, mostrando ela aptidão magnifica para todas as formas de trabalho.

A vida politica, porém, vai admitindo com muita morosidade e muita precaução por parte dos homens, a participação feminina nas suas agitações e nas suas lutas.

Ha, talvez, o egoismo do homem defendendo essa especie de actividade de acção viva e sagaz das filhas de Eva.

Pode haver, tambem, uma justa prudencia fundada na vontade de não sacrificar a mulher, com todos os sentimentos nobres e requintados, nas lutas mais ou menos barbaras e insidiosas da acção politica.

Deste ou daquele modo a marcha da evolução feminista não se paralisa.

Registram-se, de quando em quando, as conquistas, no seio deste ou daquele povo, e a fermentação do ideal da mulher, com todo o complicado programa traçado pelas «leaders» mais avançadas vai produzindo fructos que são evidentes e tangiveis.

A mulher tem a intrepidez de animo necessaria para enfrentar todos os embates das lutas sociais, mesmo aqueles que parecem ferir mais fundamente o seu genio e os sentimentos afinados, é o que se conclue do seu constante e vultuoso triunfo.

Ainda ha pouco, no Canadá, o feminismo marcou a sua vitória, com a eleição, como representante do povo, de uma senhora Miss Agnes Mac Phail. Já alguns outros paizes contam em seu parlamento representantes femininas, quebrando a monotonia das galerias de individuos do sexo varonil.

No Brazil, o projecto que permite a elegibilidade das mulheres, já foi apresentado ao legislativo e as simpatias pela sua decretação vão crescendo dia a dia.

E' provavel que mais cedo do que se pensa seja essa lei feminista posta em vigor e as senhoras brasileiras se tenham de arregimentar para escolher as que devem ser eleitas e representar as suas aspirações politicas e sociais no Congresso Nacional.

Congresso municipalista

Reuniu ontem na sala das sessões da Camara Municipal, sob a presidencia do sr. Costa Gomes, Presidente da Junta Geral do Distrito de Lisboa, a Comissão organisadora deste Congresso, tendo tambem comparecido os srs Alfredo Soares, Dias da Silva, Eduardo Moreira, Eloy do Amaral, Sousa Rocha e o chefe da Secretaria da Junta, Bernardino Cardoso.

Resolveu-se fixar para a inauguração do Congresso o proximo dia 10 de Junho, coincidindo com a Festa da Cidade, e dar toda a actividade aos trabalhos preparatorios para a sua realisação.

Começou a ser discutido o programa do Congresso, reunindo novamente a Comissão na sexta-feira, 17 do corrente, para concluir essa discussão e dar-lhe a necessaria aprovação.

Foi tambem aprovado o modelo do bilhete de identidade dos Congressistas e fixando o prazo para a remessa das teses á Comissão, o qual terminará no dia 20 de Maio proximo.

Resolveu ainda manter a quota de inscrição de 50$00 já fixada para cada representante, e que deverá ser enviada para a Secretaria da Junta Geral.

A policia de emigração efectua prisões

Os agentes dos serviços de emigração prenderam na fronteira de Barca d'Alva Joaquim Teixeira Gaudar, de Cidadela, concelho de Mesão Frio, autor da morte de Antonio Guedes, que ali andava a monte. Tambem prenderam em Lisboa José Mendes Cabral, de Loriga, Ceia, corrector de hoteis, Manuel Gaspar, de Tabonço, negociante, e Antonio Saraiva, de S. Daniel, Ceia, criado de servir, dos quais o primeiro tinha prometido aos outros dois embarcá-los para o Brasil, sem documentos, chegando a receber 750$ de um deles. Foram enviados ao tribunal competente.

A greve dos eletricos

Procura-se solucionar o conflito que ha um mês se debate com grave prejuizo do publico, entre o pessoal da Companhia Carris de Ferro e respectiva direcção. Esta propoz aos seus empregados o trabalho de 12 horas por dia e com o aumento de 20 por cento sobre os salarios actuais, aceitando o pessoal êsse horario, mas com o aumento de 50 por cento sobre os honorarios.

O aumento do preço dos fosforos

Uma comissão do pessoal dos fosforos procuraram esta tarde avistar-se com o ministro das Finanças para tratar da elevação do preço de 4 para 5 centavos os fosforos amorfos.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão abriu um pouco mais tarde do que o regimento manda. Houve necessidade de esperar pelos retardatarios, mas ás 15,30 havia numero e a Camara entrou em funções legislativas.

Antes da ordem

Falam os srs. Lucio dos Santos e Cancela de Abreu, ambos ocupando-se de questões regionais, de interesse restricto. Respondem os srs. ministros do Comercio e da Justiça.

Este ultimo estadista aproveitou a ocasião para explicar a frase que lhe foi atribuida, de chefe da magistratura portuguesa. O sr. ministro da Justiça diz que sim, que é o superior hierarquico da Magistratura Portuguesa, mas sómente na parte administrativa e por forma alguma, na função de julgar, visto que o Poder Judicial é independente.

Assim, parece-nos certo. E retiramos para todos os efeitos, o comentario por nós produzido acerca da estranha concepção que o sr. ministro da Justiça parecia fazer da sua posição em face da Magistratura Judicial.

Na bancada ministerial estão presentes os srs. ministros da Justiça, Comercio e Trabalho. Não virá á Camara o titular da pasta das Finanças? E' de crer que sim, porque não é crivel que tenha vindo a publico, na imprensa, o contracto dos 3 milhões esterlinos para fornecimentos e o Governo nada diga, hoje mesmo, ao Parlamento.

O sr. ministro da Justiça deve estar a dizer coisas muito interessantes, cortadas de apoiados da maioria, que dele se aproximou.

Desgraçadamente para nós, a voz ministerial não chega á tribuna da imprensa.

As galerias estão a meia casa, como se diz em calão teatral. Até parece—mas não é verdade—que já não ha greve dos electricos!...

A proposta de lei para aumento da circulação fiduciaria deve vir ainda hoje da comissão respectiva. O aumento será de 200.000 contos.

Está a falar o sr. ministro do Trabalho. Não se ouve nada, mesmo nada, graças ao sussurro que domina no hemiciclo.

O sr. presidente Alberto Vidal (por que não viria o sr. Domingos Pereira?...) tange a campainha. Mas isso não altera nada...

Entrou o sr. Ministro das Finanças.

O sr. Presidente:

— ... Tum, tlim, tlim... Peço a atenção da Camara. Diz um ilustre deputado, sem cerimonia alguma:

—Pois, sim: fala-lá!

E o palcio continua.

Os srs. Carvalho da Silva e Domingos dos Santos falam sobre questões de Assistencia do Distrito do Porto. O deputado monarquico ataca a Junta Distrital do Porto, o sr. Domingos dos Santos defende, com calor, referindo-se á obra benemerita do dr. Antonio de Vasconcelos Corte-Real. A Junta Geral do Distrito do Porto tem já centenas de casas onde recolhe as crianças desvalidas. Precisa mais. A descentralisação da Assistencia dar-lhe-ha os recursos necessarios. O desenvolvimento de Assistencia Publica fará radiar as Instituições na alma popular.

Afinal, trata-se duma proposta do sr. ministro do Trabalho, que o mandou para a Mesa logo que terminou o seu discurso. A proposta, que respeita á Assistencia Publica, foi aprovada, quasi sem discussão.

O sr. Presidente do Ministerio entrou na sala e está em conferencia animada com os srs. Velhinho Correia e Abilio Marçal. O sr. Domingues dos Santos, que se juntou ao grupo, abraçou enternecidamente o Chefe do Governo. E digam agora que não ha harmonia entre os deuses do Olimpo!

Estão-se discutindo e aprovando propostas de lei, pela pasta do Trabalho, com urgencia e dispensa do regimento. Estão falando a proposito duma delas, os srs. Alves dos Santos, Torres Garcia, João Bacelar e Carvalho da Silva. E' tudo aprovado.

O orçamento geral do Estado

Fala o sr. ministro das Finanças. Traz á Camara o orçamento geral do Estado para 1922-23.

O sr. ministro das Finanças faz um longo discurso ouvido atentamente pela Camara que se aproximou quasi totalmente, da bancada ministerial.

Passa em revista muitos numeros. Depreende-se do pouco que se ouve nesta tribuna que as despesas subiram consideravelmente sem correspondente aumento de receitas. Ha um deficit importante. Causou-o a guerra.

A administração republicana equilibrou o orçamento, foi o cataclismo da guerra que trouxe o desiquilibrio.

A nossa divida total é de 1.180.000 contos, que, reduzidos a esterlinos, dão 7½ milhões esterlinos, menos da metade da divida publica da União Sul-Africana. Ninguem dirá, com verdade, que nos ameaça a insolvencia.

Fala na valorisação da moeda nacional. A fortuna portuguesa é de 80 milhões esterlinos. Restabelece-se a ordem publica, nas ruas e nos espiritos, e a valorisação da moeda nacional virá por si mesma.

Os emprestimos de 3 milhões esterlinos

A situação começa já a desanuviar-se, diz o sr. Ministro das Finanças. O credito de tres milhões de esterlinos, aberto em Londres para fornecimento de manufacturas e materias primas, é o primeiro passo para o restabelecimento do credito externo. Mas é preciso mais. Ele, ministro, so pediu apenas um aumento pequeno na circulação fiduciaria, o porque tem confiança no futuro!

A Camara ficou com uma excelente impressão do discurso do sr. ministro das Finanças.

A afirmação que ele fez, de que o suprimento dos tres milhões esterlinos fôra realisado em condições identicas ás concedidas a outros paizes, foi particularmente agradavel a todos os lados da Camara. Uns apartes intempestivos do sr. Carvalho da Silva não conseguiram modificar o aspecto optimista do Parlamento.

E passa-se á

Ordem do dia

que é a eleição de tres vogais para o Conselho Colonial.

No Senado

O sr. Virgolino Chaves requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei exceptuando da desamortisação estabelecida no artigo 2.º da lei 742, de 20 de Julho de 1917, além da casa, cêrca e pinhal anexos, a que o mesmo artigo se refere, todos os imoveis, situados no concelho de Anadia, que, pela mesma lei, foram cedidos á Irmandade da Misericordia de Ovar.

Entre o requerente e os srs. Julio Maria Baptista e Herculano Galhardo trava-se uma discussão acalorada sobre a forma de votar, estando todos de acordo em reconhecer que, não funcionando o Senado por secções, êle está trabalhando inconstitucionalmente.

O sr. Herculano Galhardo defende com entusiasmo a Constituição, afirmando que o Senado apenas tem servido para conversarem os membros do governo e nada mais. Uma vez que não foi regulamentado ainda o funcionamento das Camaras por secções, entende que se não podem, nem devem, aprovar projectos.

O sr. Afonso de Lemos afirma não poder admitir que se diga estar o Senado funcionando ilegalmente.

O sr. Alves de Oliveira é da mesma opinião, declarando que, se porventura o Senado não funcionasse constitucionalmente, seria inconstitucional a votação dos projectos apresentados já pelo Governo a esta Camara.

Postas á votação a urgencia e a dispensa, foram regeitadas.

O sr. Virgolino Chaves pergunta se a mesa considera constitucional ou inconstitucional o funcionamento actual da Camara.

O sr. presidente afirma que o Senado está funcionando constitucionalmente.

O sr. Pais Gomes envia para a mesa uma proposta formulando uma pregunta nesse sentido, que, á hora de encerrarmos êste extracto, 17 horas, vai principiar a ser discutida.

Em poucas linhas

Os vereadores da maioria da Camara Municipal e os vogais da comissão municipal do P. R. P. têm amanhã ás 21 horas, uma reunião conjunta na séde do directorio do seu partido.

— Acompanhado de muito povo recolheu hoje de tarde ao Governo Civil um rapaz dos seus 20 anos tipo de provinciano, encontrado a mendigar na rua do Mundo. O infeliz, que é um verdadeiro aborto, tem duas caras, uma das quais apenas no pescoço e por baixo da orelha esquerda.

— Ao capitão de fragata sr. Sousa Dias furtaram o relogio e a corrente de ouro, tudo avaliado em 3 000 escudos.

— Volta a falar-se com insistencia na entrega dos Caminhos de Ferro do Estado a uma empresa exploradora.

— Foi preso o gatuno de baixo cadastro, Antonio Cardoso Capela. Numa busca que a policia lhe fez em casa foram-lhe apreendidos inumeros sapatos para senhora, mas todos do pé esquerdo!

— Hoje, de manhã, apareceram á tona d'agua em Alcantara e Belem dois cadaveres, que foram removidos para a Morgue.

O emprestimo e o cambio

Interessa neste momento á praça os negociantes e o publico em geral o emprestimo dos tres milhões de libras, que forçosamente ha de influir no cambio actual. Damos, a seguir e para a do leitor, a nota que nos parece util frisar neste momento:

HONTEM, a libra fechou:
Compra — 51$84,
Venda — 55$53.

HOJE, abertura:
Compra 52$02,
Venda — 54$84.

fechou:
Compra — 50$50
Venda — 51$50 (?) 52$21 (?)

Ordem publica

E' o sr. dr. Teixeira de Azevedo, director da policia de investigação quem está dirigindo as investigações sobre os jovens sindicalistas e agitadores de profissão, que se encontram presos nos fortes de S. Julião da Barra e de Sacavem.

Hoje seguiu para Sacavem uma brigada de 8 agentes, que vai interrogar os 56 jovens sindicalistas que ali se encontram detidos.

No Comissariado Geral da Policia foi hoje apresentada queixa contra o facto de numa busca realizada em casa de um republicano ter sido apreendido por um guarda o retrato do dr. Sidonio Pais, quando na mesma casa existiam retratos do sr. dr. Manuel de Arriaga, almirante Canto e Castro e dr. Antonio José de Almeida.

Tribunal dos Acidentes de Trabalho

Reuniu hoje o tribunal dos acidentes de trabalho, sob a presidencia do juiz sr. dr. Abel Augusto Mota Veiga.

Foi julgado o processo do servente do hospital do Rego, Marcelino Gil, falecido em janeiro findo, em resultado duma infeção adquirida no exercicio da sua profissão, não tendo a Direção Geral dos Hospitais dado cumprimento ao decreto 5637, pagando a pensão á viuva e aos filhos, o que levou a associação de classe dos hospitais civis portugueses a apresentar queixa ao tribunal dos acidentes de trabalho, pedindo a indemnisação que a lei estatue.

Depuseram como testemunhas os srs. dr. Arruda Furtado, Abel da Cruz e Roque Simões, sendo advogado do processo o sr. dr. Sá e Oliveira que produziu um belo discurso de defesa.

A Direção Geral dos Hospitais foi condenada a pagar á viuva e filhos do sinistrado a indemnisação estatuida.

A sala do tribunal encontrava-se repleta de empregados dos hospitais civis.

Desfalque de 50 contos

Já se encontra preso o infiel empregado

A um dos quartos particulares do Governo Civil recolheu hoje o caixa da casa bancaria Fonseca, Santos & Viana, Antonio Camacho, acusado de ter desfalcado os seus patrões na quantia de 50 000 escudos, que fôra encarregado de depositar num banco.

O Camacho dissipou todo o dinheiro em pandegas e com mulheres caras e, apesar de ha dias ter ganho 30 000 escudos ao jogo nos casinos do Estoril, não lhe foi encontrado dinheiro de vulto. A' sua casa na rua de Nossa Senhora da Conceição, 36, 2.º, foi passada uma busca sem resultado.

Morte d[illegible] holanda

O agente Alvaro da Fonseca, encarregado de proceder á averiguações sobre o crime de que foi vitima o capitão do exercito do Ultramar, Luiz Ludovico Vuquinhas, procedeu hoje a uma diligencia, que não deu resultado. Para o quartel de lanceiros foi pedido, para ser presente no Governo Civil, a fim de sofrer interrogatorios, o clarim João, indicado como assiduo frequentador da casa do capitão, não tendo até hoje o referido clarim aparecido na policia.

Da Morgue saiu hoje, pelas 15 horas e meia, o funeral do capitão Vuquinhas, tendo o feretro ficado depositado em jazigo de familia no cemiterio Oriental.

O sr. Tomaz Birch partiu hoje para os Estados Unidos da America

A bordo do vapor francez «Canada» partiu hoje para os Estados Unidos da America, o ilustre diplomata sr. Tomas Birch, que acaba de deixar o logar de representante daquele país em Portugal.

Ainda se não sabe quem será o novo diplomata que virá substituir o sr. Tomas Birch.

Violento incendio

Na Alfama fica destruida uma carvoaria

Pelas 14 horas de hoje manifestou-se incendio com violencia numa carvoaria existente no Largo de S. Miguel, 15 e 17 tendo o fogo passado ao 1.º andar. Ficaram apenas as paredes, sendo o fogo extinto com 4 agulhetas.

TEATRO

NOTA DO DIA

Ainda... os francezes

Dissemos ante-ontem na ultima nota critica da companhia franceza que algumas considerações restava fazer sobre a passagem da «tournée» Pierat e D. Nacional.

Depois disso surgiram em varios jornais artigos e notas diversas, zabumbando na organisação da companhia, o que, de resto, não deve valer muito os francos arrecadados pela Mme. Pierat, pelo Mr. Pze.

Apesar da carestia da moeda estrangeira com que se pagam os artistas estrangeiros, zunzun-se já que vem ai Sacha Guitry e Ivonne Printemps, que vem as uma companhia alemã de opereta.

Isto porem nada difere no que queriamos apontar sobre a companhia Pierat. Perante os elementos fracos da «tournée», perante as «Marionettes», perante a «Marcha Nupcial», mais uma vez nos lembramos das nossas exigencias permanentes, da honestidade com que a maioria trabalha nos nossos teatros.

Os «Marionettes», lembram-nos o talento notabilissimo de Palmira Bastos, o conjuncto gracioso em que brilharam Erico Braga, Eduardo Brazão, Carlos Santos, Albuquerque.

Que belos actores, todos eles, ao pé das amostras sem valor que a França exporta para auferir lucros. A graça de Lucilia Simões, trazendo a evocação da arte prudente e natural de Lucinda Simões, tanta vez nos veiu á mente durante a representação. Com a peça de Geraldy, lembramo-nos de Adelina Abranches quando fez as «Bodas de Prata», e este nome trouxe Aura Abranches, uma artista e uma inteligencia.

E o grande Ferreira da Silva, ao pé do «Mano» da «Monna Vanna», os nomes de Alves da Cunha, de Samuel Diniz, de Rafael Marques, de Robles Monteiro não só superiores pela honestidade do seu trabalho, pelo rigor das suas personalidades ás falas e contros que Mme. Pierat nos trouxe. Chaby Pinheiro é um actor de envergadura normal, de espantoso poder de acção. J. se Ricardo sempre superior.

A «Monna Vanna» devia ser deliciosamente interpretada por Amelia Rey Colaço, a mais moderna e mais culta, mais vibratil das artistas da geração actual. Mas ainda ha o nome de Angela Pinto com tantas gloriosas criações atraz de si, os nomes de Ilda Stichini, na ingenuidade encantadora, o despontante perfil moderno de Brunilde Carmen...

Tudo isto no Teatro declamado, no drama e na comedia, e rapidamente enumerado ao correr da pena. Não entramos pelo dominio do genero alegre, os nomes populares da opereta ou da revista; não entramos sequer pelos nomes aos que nos deixaram para ir conquistar fama e louros longe da nossa terra, como Alexandre de Azevedo, nem tocamos nas figuras inteligentes de Maria Matos, a dramatica intuição de Palmira Torres, e outros tantos, que na vida de cada dia, nem reparamos, tal a exigencia, tal a nossa preocupação do belo, do melhor...

Não, o nosso activo de artistas posto em confronto, lembrado pelo que formou o fundo mediocre a Mme Pierat, é qualquer coisa que nos orgulha.

Sejamos portuguesinhos. Guardemos as nossas palmas para os nosso se confiadamente acreditemos e que errado, é tolo, é absurdo julgar sempre «a galinha da visinha melhor do que a minha».

Foram-se embora os francezes e as francezas.

Vamos a trabalhar, amigos meus. Vamos.

ARMANDO FERREIRA

A PROPOSITO DA FESTA DE CHABY HONTEM REALISADA NO PORTO

Um ilustre jornalista brazileiro, escreveu algures, a proposito do grande artista, o artigo que segue

«Sinto um intimo e sagrado regosijo toda a vez que sei de uma homenagem prestada a um artista. E, quando esse artista é, não propriamente o «criador» mas o «interprete» a cerimonia assume aos meus olhos um caracter ainda mais simpatico, porque o publico que festeja e cobre de flores o «actor», festeja e cobre de flores através dele dezenas e dezenas de «autores» cujas peças sómente graças ao trabalho daquele se impõem e triunfam.

Parecerla, á primeira vista, que a vulgarisação da obra impressa e a gradativa difusão, por todas as classes, das noções de cultura se tornariam cada vez menos importantes as funções do actor.

O seu [illegible] ambaria, talvez, passando o [illegible] como acabou o tempo dos [illegible], dos menestreis, dos ledores publicos e particulares. O teatro subsistiria apenas como templo musical, banindo, por superfluidade inutil, a declamação. O sentido das tragedias antigas, o simbolismo das peças modernas, tudo seria sorvido mais praticamente pela leitura directa, comunicando-se o estro criador das scenas e dialogos pelo mesmo via dos volumes em 16, como se dá com os demais escritores, no romance, na novela ou na poesia comum.

Semelhante vaticinio não seria errado se o papel dos actores fosse o de simplesmente recitarem as suas partes. E' realmente muito preferivel ler uma peça a ouvi-la friamente ou mal representada. A' fantasia do leitor, á sua imaginativa, fica uma liberdade adoravel de suprir os acessorios desde os detalhes dos scenarios até á indumentaria e á filosofia das personagens. E dá-se, muitas vezes, o facto de, após a leitura de uma peça assim completada pela imaginação, sentirmos verdadeira decepção ao vel-a no teatro, tão distante ficam os requisitos gerais observados ai de tudo com que a havia vestido o nosso cerebro ao prepararem nos mentalmente aquelas mesmas scenas.

E' de ver que se tornaram assim cada vez mais dificeis as condições por que um artista ou um conjunto deles consigam impressionar. As plateias se foram emancipando da antiga ingenuidade romantica, tornaram-se «blasées», severaram displicentes maneiras de criticos. Daí o facto de notarem-se cada dia mais raros os celebres actores, gigantes do palco, dominadores das multidões, e daí naturalmente a consequencia de ser a gloria desse fenomeno tanto mais para o indiscutivel.

Hoje, por exemplo, S. Paulo rende um justo tributo de apreço a um artista. Conheço-o ha muitos anos, tem acompanhado todas as suas criações observando a conscienciosa minuciosidade do seu trabalho, admirando a sua probidade scenica, a sua linha, escrupulosamente digna de representar.

Sabe que esse actor é um cavalheiro da mais fina educação, de vida mais correcta, da mais perfeita instrução. Goza aqui e no seu paiz de altas e distintas relações de sociedade, lá tem recebido insignias de eloquente significação, e desempenhado cargos publicos de realce e responsabilidade.

E aqui, por onde quer que tenha andado, é um fatal açambarcamento de estima e popularidade...

Ah! a popularidade!... Terrivel precalço, formidavel espada de Damocles suspensa sobre a cabeça dos homens, politicos, jornalistas, actores; Nada corrompe tanto o genio, nada abastarda mais o talento, nada deprava tão depressa e tão irremediavelmente o gosto pessoal.

A popularidade tem levado grandes artistas ao sacrificio dos seus melhores dotes, á imolação das suas mais belas qualidades. No teatro, então, esse holocausto parece decorrer dalguma tremenda e irrevogavel sentença, pois são inumeros os que repudiam o passado, calcam aos pés o decoro proprio, para conserva-la.

Dizer-se «actor popular» veiu a tornar-se quasi como dizer histrião ou palhaço...

Com Chaby Pinheiro, felizmente, essa regra falhou. A aura de popularidade que o cerca nada lhe toldou do brilho consciente. Não transigiu, não condescendeu nem transige para conserval-a. Encarnando os mais variados papeis, desde os de um ultracomico burlesco como ao «Conde Barão», a sua linha de comediante jámais se deixa ultrapassar. Jámais a jogralice, jámais a palhaçada. Sente-se que taes recursos são incompativeis com o seu poder de artista, com a noção que possue da dignidade da sua arte. Tenho ouvido muitas vezes, a Chaby Pinheiro, dissertações edificantes sobre o seu entender em teatro. Representar é, para ele, reproduzir fielmente a verdade, traduzir a emoção e transmitil-a, limpida e clara, ao espectador.

Quem será capaz de contestar que ele observa, a rigor, esses canones? Creio mesmo que no arcôr da fidelidade a taes principios reside o segredo da transfiguração radical de Chaby, amoldando se a papeis para os quaes o seu fisico—toda a gente o juraria—o incompatibilizava em absoluto. Ele, entretanto, entra na pele de semelhantes personagens, e parece não ser o mesmo gordalhudo, rosando o imenso homem que conhecemos. Transfigura-se, disse eu, mas é pouco: transforma-se, metamorfoseia-se, deveria ter dito.

Vejamo-lo, por exemplo, no «Scampolo», de Niccodemi... E' um papel de galã, são scenas rescendentes de suavidade e ternura. Dir-se-ia que, para inevitavel fracasso, bastaria a fatalidade daquela mole de banhas, adiposidades e estatura que o devoraria. Lenitor invejavel num Falstaff porém, jamais naquele engenheiro joven e carinhoso. Da-se, entretanto um fenomeno curioso: é tal, é tão precioso e tão intenso o seu trabalho, sob todos os pontos de vista, desde a inflexão da voz, ao gesto, ao jogo fisionomico, que o espectador o acompanha empolgado e seduzido, e abstrai completamente das proporções ingratas do volume abdomen, espaduas, toutiço, estatural E' um caso maravilhoso do sugestão colectiva, do dominio da atenção geral, escravisando-a, restringindo-a, impossibilitando-lhe incursões a campos inoportunos, desfavoraveis ao resultado da hipnose estetica.

No «Herdeiro» ha certos lances em que identica dissipação da materialidade se observa, como, pelo contrario, nas peças onde convem que ela se acentue, isso se dá admiravelmente, como se a mais consideravel elasticidade fosse apanagio do artista. Ele cresce ou diminue, ele avulta e se rotundira ou dilue-se e se torna quasi esbelto, em alternativas mirificas, como se fosse visto através de lentes curvas, para deformações sucessivas.

O teatro de Chaby apresenta a variedade de reportorio mais opulenta com um reduzido numero de artistas. Creio mesmo que é o caso mais expressivo de aproveitamento e adaptação de um elenco. Actriz ou actor que passe pelas suas mãos recebe um apuro geral, desde a dicção e o gesto até á atitude e á «toilette». Não é desses ensaiadores que apenas se preocupam com o actor quando este age ou fala; a sua atenção perscruta-o em todos os momentos; analisa-lhe a inercia, o silencio, a posição das mãos, a expressão do olhar. E tudo impaciencias, paternalmente, como se toda a sua «troupe» lhe fosse (e até certo ponto é) uma familia.

Noticiario

Portugal

Está assente a vinda em Outubro, para o teatro Politeama, da companhia franceza de André Brulé.

—O sr. José Loureiro, encarregou o sr. Machado Correia de traduzir as peças espanholas «Mi hombre» e «Tio de mi vida».

—A peça «A Vida», que a companhia Rosas apresentará no Apolo, será exibida com todo o aparato e brilhantismo, com scenarios expressamente pintados por Mergulhão e Salvador, Ronda Serra & Amuncio, Del Negro, filho e Rebelo Junior.

—No «Avenida Parque», na feira de verão, que começa em maio, alem doutras atracções haverá a de um teatro, um circo e um cinema.

O praso para as concessões de terrenos finda em 20 do corrente.

—No proximo domingo realisa-se no teatro de S. Luiz, em extraordinaria audição de obras para dois pianos, pelos grandes pianistas Mademoiselle Marie Antoinett Aussenac e José Vianna da Mota, no qual executarão composições dos notaveis musicos como Mozart, Alkan, Saint-Saens, Schumann e Liszt. A tarde do proximo domingo no S. Luiz, será mais uma tarde de verdadeira arte que nos proporciona os dois brilhantes artistas.

—A noite da proxima sexta feira no teatro de S. Luiz é de dupla gala, primeiro porque realisa a sua festa artistica o distinto actor empresario Armando de Vasconcelos e segundo porque sobe á scena pela primeira vez em Portugal a nova opereta «Sua Alteza Valsa...» cuja partitura é do inspirado compositor Leo Ascher, na qual tomam parte os artistas Auzenda de Oliveira, Aida de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Batista, Armando de Vasconcelos, Sales Ribeiro, Carlos Vianna, Sebastião Ribeiro e José C. P. rosa.

SPORT

Aviação

Foi homologado o «record» de altitude, com uma carga de 250 quilos, feito pelo sargento Le Bourhier, que subiu a 6782 num aparelho «Breguet».

—O «record» do mundo da altura á bordo dum avião «L. pesca», está na posse do aviador Rady, com 10 500 metros.

Law-Tennis

Os campeonatos de França foram ganhos por Borotra e Mme Billout.

—O campeão japonez Shimizu, casou com a filha de um banqueiro.

O principe regente do Japão ofereceu ao jogador do «tennis» o seu fato de casamento.

—Morreu o campeão do mundo Laurentz.

—A celebre jogadora franceza M.lle Lenglen, vai fazer a sua reaparição no torneio de Menton.

E' a primeira vez que joga em publico, depois da sua «tournée» a America que tanta polemica despertou.

Pesos e alteres

Um grupo de «sportmans» francezes ofereceu ao campeão olimpico Cadine, 10 mil francos, se ele bater o record do mundo do jete 2 braços, que está em 161 kilos.

Luta

O russo Zbyszco, foi enfim batido por Lewis, perdendo deste modo o titulo de campeão do mundo de luta livre.

Box

Já ha a oferta de 350 mil dolars para o campeão Dempsey se encontrar com o negro Wills.

Mais um que vai levar poucas...

—Beckel, o inglez que Carpentier venceu desafiou Dempsey.

Mais um visionario...

—Partiu para New-York o sul-americano Luiz Firpo que vai desafiar Dempsey.

Decididamente o campeão do mundo não chega para as encomendas.

—Num plebiscito feito pelo «Auto» para saber qual o melhor «boxeur» francez Carpentier obteve 10.850 votos, Criqui obteve 9.535 como o que bate com mais força.

—Carpentier foi operado dum tumor na garganta.

—O antigo campeão Moran que em tempos foi oposto a J. Johnson está preso por contrabandista.

—Parece certo que Dempsey vai casar.

E' o primeiro «knock-out» do campeão...

—Madame Carpentier disse a um jornalista que o dia mais feliz da sua vida será aquele em que seu marido deixar de jogar o «box».

Educação Fisica

O Ministerio da Instrução Publica, criou uma direção de educação fisica e de «sport».

E' claro que isto foi em França.

Entre nós, no Ministerio da Instrução o sport é coisa para «selvagens...»

Aquelas intelectuais...

Ciclismo

Linart, campeão do mundo de meio-fundo, ganhou tambem o campeonato de inverno, batendo os melhores especialistas.

—A prova de «cross», ciclo-pedestre, foi ganha pelo novo ciclista Lacolle, discipulo do campeão Christophe, grande especialista desse genero de provas.

—Para a prova dos 6 dias, que se vai disputar em Paris, entram 18 equipes.

NOTICIARIO

UMA FESTA IMPORTANTE

Uma comissão de socios do C. C. P. vai promover no proximo dia 25 e pela primeira vez nesse club a festa do «micarême» na qual, segundo ouvimos dizer, dentre a gentil assistencia feminina será escolhida a rainha da festa, que será acompanhada, num brilhante e engraçado cortejo a um trono onde será coroada.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Um dos divertimentos mais agradaveis e beneficos para o nosso espirito são esses pequenas reuniões que se fazem entre amigos, onde, pondo-se de lado etiquetas e cerimonias e levando cada senhora qualquer pequeno trabalho a fazer, a conversa decorre animada e cheia de interesse.

Os homens jogam, outros conversam com as mulheres e quando as pessoas que ali se reunem teem uma certa cultura todos os assuntos são discutidos, arte, sciencias, letras; todos apresentam as suas opiniões, as suas predilecções, seu entusiasmo e as suas repugnancias. A discussão anima-se e no ar ha um alegre burborinho de vozes e risos.

Lamento os que não apreciam esse gozo intelectual ou que apreciando-o não o podem satisfazer por lhes faltar, em volta, inteligencias eguais com quem se possam abrir viver num meio terra-a-terra quando o nosso nivel moral é um pouco superior, é um suplicio de todos os instantes.

As raparigas aproveitam imenso frequentando essas reuniões de que tudo, ali aprenderão muito, e, ouvindo opiniões diversas e evitando os argumentos com que são calorosamente defendidas, aprenderão a explicar os seus gostos, a purifica-los e a justifica-los.

Quando se discutirem assuntos que elas conheçam e que lhes toque a inteligencia ou sensibilidade poderão mesmo entrar na conversa mas então é á mãe que compete guia-la, afim de que não se exceda, tomando o primeiro logar atraindo sobre si todas as atenções, querendo, numa palavra, dar nas vistas.

E' tambem conveniente incutir-lhe que não ha nada mais irritante do que discutir com pessoas que tendo visto tudo, conhecendo todas as peças em voga, frequentando todas as exposições, acham tudo mau, massador e monstruoso.

Essas pessoas que julgam dar prova de grande erudição, que nos querem deslumbrar pela agudeza das suas vistas, só conseguem convencer-nos de que não são sinceros ou de que não conhecem aquilo de que falam ou então que a sua inteligencia não consegue abranger o valor das obras que não mereceram a sua aprovação.

Uma critica sempre acerba e desfavoravel mostra ou despeito ou insuficiencia.

Todos nós deviamos compenetrar-nos bem disso e aquelas que teem filhas a educar, devem firmar essa ideia nos cerebros juvenis que dirigem. Não se estar sempre em admiração diante de todo o patetinha alegre que diz ter talento, mas tambem não fazer critica malevola por principio, deve ser a nossa norma.

PRIOLEIRAS

Origem das palavras

Se abrirmos um dicionario portuguez, e procurarmos a palavra candidato, encontraremos, pouco mais ou menos, esta definição: Pretendente a um lugar ou situação.

Ora se formos mais longe e procurarmos a raiz da palavra depararemos evidentemente com a palavra latina candidus: branco, de cor branca. E então é claro que havemos de sorrir ao pensar como em geral o candidato evoca pouco a cor alva e pura.

Não é com certeza a brancura da alma dos nossos candidatos eleitorais que lhes deu esse nome.

Para encontrar a razão da genealogia dessa palavra temos de subir a corrente dos tempos até á velha Roma.

Ali, quando um cidadão disputava os sufragios dos eleitores, pintava a sua tunica com giz, uma certa qualidade de giz brilhante diferente do branco baço das togas vulgares. E ao cidadão assim preparado chamava-se: Candidatus.

Como vêem, mesmo nessas remotas eras, a inocencia dos candidatos demonstrava-se apenas... das togas.

CONSELHO PRATICO

Para limpar garrafas de cristal

Poucas coisas desfeiam uma mesa como os cristais baços especialmente as garrafas e jarros de cristal para agua e vinho.

O metodo mais facil para limpar essas garrafas é meter-lhes cinza fina e agitar com agua fria ou quente conforme a substancia que está na garrafa.

Pedaços de carvão de sobro deixados numa garrafa ou num jarro durante algum tempo tiram todo o mau cheiro.

A NOSSA CASA

Uma decoração de mesa futurista

Disse que não no inferno devemos [illegible], vou um passo mais longe e digo que até entre os futuristas devemos ter e não só isso, mas assim como os diabos teem ás vezes bons ideias, também os futuristas de quando em quando, para variar, arranjam algumas aproveitaveis. Visto ser esta a minha opinião vou hoje apresentar-lhes uma decoração de mesa futurista.

Essa decoração de mesa pode harmonizar-se com o quarto ou formar o um contraste perfeito de forma que uma mesa planeada sobre uma base futurista pode servir para qualquer quarto. As flores, as jarras e os tapetinhos da mesa devem todos ser escolhidos com o fim contribuirem para o efeito das côres.

No nosso plano escolhemos uma harmonia de escarlate, laranja, azul e o verde das folhas.

As flores seriam papoilas rubras ou a flor mais vermelha que se possa encontrar na estação em que nos encontrarmos nessa ocasião. Arranjam-se essas flores numa malga azul brilhante e colocam-se sobre um «napperon» de linho côr de tango com uma cercadura azul. Os tapetinhos para debaixo dos pratos são compridos e estreitos da mesma côr e desenho mas com franjas. Os castiçães que alumiam a mesa serão azues como a malga encimados por pequenos «abat-jours» de pergaminho côr de laranja pintados de flores escarlates e terão uma cercadura azul em baixo.

Como veem é um contraste de cores um pouco futurista mas o efeito muito artistico.

TRABALHOS FEMININOS

Chemin de table

Este «chemin de table» de que lhes dou a ideia é muito interessante, compõe-se de tres partes, para se poder aumentar e diminuir á vontade, forma-se de duas tiras e um redondo.

As duas tiras são colocadas junto uma á outra e o redondo sobrepõe-se para esconder a solução de continuidade. Pode-se colocar as tiras mais ou menos perto segundo se desejar, como veem é muito pratico.

ARTE DE COSINHA

Mãosinhas de carneiro com molho de tomate

Preparam-se as mãosinhas de carneiro, cozem-se e depois salteiam-se em manteiga misturada com farinha, sal e pimenta, servem-se depois com o môlho que já se tem feito á parte.

Espreme-se o sumo dos tomates e mistura-se com um pouco de farinha para engrossar. Vai ao lume para cozer a farinha e serve-se quente.

HIGIENE DA BELEZA

Pó de arroz

Eis um pó de arroz, sem arroz, nuvem vaporosa que idealisa e perfuma a tez. E' inofensiva e aderente, póde-se fazer em casa ou mandá-lo fazer por um farmaceutico de confiança:

Pó de amido...	75 grs.	
Po de iris......	25	»
Acido salycilico	1	»

Perfuma-se de geranium rosado. O acido salycilico põe-se para favorizar a aderencia.

«Cold cream» americano

Um bom «cold cream» que não tem materia nenhuma que possa prejudicar a pele é o seguinte:

Oleo de amendoa doce	64 grs.	
Gordura de baleia	8	»
Cera branca..........	24	»
Agua de rosas...	4	»
Agua de flor de laranja	8	»
Glicerina..............	8	»
Borato de soda	1	»

GULOSEIMAS

Bolos de batata

Põe-se em ponto baixo 1[2 kilo de assucar, deita-se 250 gramas de amendoas pisadas e deixa-se cozer. Depois tira-se do lume, acrescenta-se-lhe 250 gramas de batata ralada e 3 gemas batidas.

Vae de novo ao lume e deixa-se enxugar ate fazer estrada. Depois de frio, fazem-se bolos que vão ao forno.

PENSAMENTOS

O silencio é a voz dos mortos, a sombra a sua luz.

PASCOAES

Os mais apreciaveis beneficios que podem porvir duma alma de [illegible] são o usolo para os que padecem, ideaidade para os que sonham.

Sobre todas as almas, ainda as mais disformes passa ás vezes uma aragem de rectidão

CONDE DE SABUGOSA

A mulher feia só conhece metade da vida.

* * *

As velhas amizades são as ultimas flores da vida.

* * *

Só as creanças e os imbecis é que não pensam no futuro.

* * *

¡Quem analysa muito e sofre, sente esquece-se de sofrer.

A. MUSSET.

VERSOS

Eu tive o louco desejo
De perguntar ao Senhor,
Se o Amor nasceu do beijo ?!
Se o beijo nasceu do Amor ?!

Mas satisfiz o desejo
Logo que te conheci...
Tanto o Amor como o beijo
Tinham nascido de ti!

MARIA CANDIDA PARREIRA

N.º 16 — Folhetim de A CAPITAL — 16 de Março de 192[illegible]

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

V

O principe comovera-se, olhando-nos. Nos seus planos não contava com a influencia do destino. Na mesma tarde recebeu-se de Moscou a noticia de que Sacha estava gravemente doente, quasi a morrer. A princesa resolveu partir no dia seguinte. Tudo isto se passou tão depressa que ignorei o que se passava até ao momento de dizer adeus a Catarina. O principe é que tinha insistido para que nos despedissemos; a princesa não queria dar o consentimento.

Desci, fóra de mim e lancei-me ao pescoço de Catarina.

O carro já esperava perto da portão. Catarina soltou um grito vencendo e caiu sem sentidos.

Abracei-a. A princesa meteu em Catarina que logo voltou a si e me disse:

—Adeus Nietotchka, disse-me ela ainda, e olhando-me com uma expressão extraordinaria. Não me olhes assim. Eu não estou contente. Dentro de um mês estarei de volta; então não nos separaremos mais.

—Basta, disse a princesa, placidamente. Partamos.

A princesinha voltou-se ainda uma vez e apertou-me nos seus braços.

—Minha vida, murmurou ela abraçando-me. Adeus.

Abraçámo-nos então pela ultima vez e separámo-nos.

Esta separação devia durar muito muitissimo tempo.

Oito anos se passaram até que voltassemos a encontrar-nos.

Contei propositadamente com muitos detalhes este episodio da minha infancia, a primeira aparição de Catarina na minha vida, porque as nossas historias são inseparaveis. O seu romance é o meu, como se o destino tivesse disposto o nosso encontro...

Agora a minha narrativa irá mais depressa. A minha existencia tornou-se, derepente calma, e tive a impressão que voltava de novo á vida, quando cheguei aos dezasseis anos.

Primeiramente, porem, devo dizer algumas palavras sobre o que se passou depois da partida para Moscou da familia do principe.

Fiquei com M.me Leotard. Duas semanas mais tarde recebemos a visita dum enviado do principe que veiu dizer que a volta do principe de S. Petersburgo estava adiada por um certo tempo.

Como M.me Leotard, em virtude de diversas causas de familia, não podia ir a Moscou, terminou o seu papel em casa do principe. Todavia ela ficou na familia e foi para casa da filha mais velha da princesa, Alexandra Mikhailovna.

Não me referi ainda a Alexandra Mikhailovna, que, de resto não tinha visto senão uma vez. Era filha do primeiro casamento da princeza.

A origem e parentesco da princeza eram portanto obscuras. O seu primeiro marido tinha sido reformado em general.

Depois do segundo casamento a princeza, viu-se muito apoquentada com a filha mais velha. Não podia esperar para ela um brilhante partido, porque o seu dote era muito modesto. Havia porém quatro anos, que ela se tinha casado com um homem muito rico, ocupando uma alta posição. Alexandra Mikhailovna entrara para a alta sociedade e frequentava a alta roda. A princesa ia ve-la duas vezes por ano; o principe, seu avô, todas as semanas levando Catarina.

Nos ultimos tempos a princesa não gostava de deixar ir Catarina a casa da irmã, mas o principe levava-a ás escondidas. As duas irmãs tinham um caracter muito diferente. Alexandra Mikhailovna era uma rapariga de vinte dois anos, suave, amorosa; a sua cara exprimia uma especie de tristeza resignada, seriedade e a gravidade ficavam-lhe tão mal como o fato numa creança. Não se podia olhal-a sem experimentar uma profunda simpatia. Era palida e quando a vi pela primeira vez, dir-se-hia destinada á phtisica. Vivia isolada e não gostava nem de receber nem de sair.

Recordo-me de quando veiu visitar M.me Leotard e me abraçou com um profundo sentimento. Acompanhava-a um homem de idade e magro. Ao olhar-me ele chorou. Era o visitante B... Alexandra Mikhailovna abraçou-me e perguntou-me se eu queria ser sua filha.

Olhando-a reconheci a irmã de Catarina e todo o meu coração entristeceu, como se alguem ainda uma vez me chamasse orfã. Então Alexandra Mikhailovna mostrou-me a carta do principe. Havia nela algumas linhas para mim. Li-as chorando.

O principe abençoava-me para uma longa e feliz vida e pedia-me para amar a sua outra filha.

Catarina tambem acrescentou algumas linhas. Dizia que não deixaria mais a mãi.

Nessa mesma tarde entrei no seio duma outra familia, para uma outra casa, para gente nova, arrancando pela segunda vez o meu coração a tudo que me era querido, aqueles que para mim eram quasi como uma familia.

Uma nova vida, começava...

VI

A minha nova vida corria tão suave, tão tranquila, como entre recolhidas. Vivera com os meus protetores durante mais de oito anos e não me lembro que, durante todo esse tempo salvo raras excepções, houvesse uma soirée, um jantar, uma reunião de amigos ou parentes.

A'parte duas ou tres pessoas, que raramente apareciam, e o musico B... amigo da casa, os outros visitantes só iam a casa de Alexandra por negocios. Mais ninguem se recebia.

O marido de Alexandra Mikhailovna, sempre atarefado com os negocios e afazeres que lhe davam pouco tempo livre, dividia-o igualmente entre a familia e a vida mundana. Grandes relações que lhe era impossivel desprezar, forçavam-no muitas vezes a mostrar-se na sociedade.

Em quasi toda a parte se falava da sua ambição sem limites, embora tivesse a reputação dum homem serio, pois que ocupando uma posição de destaque, a sorte e o sucesso acompanhavam-no sempre. Na opinião publica não lhe negavam simpatia, todos a sentiam por ele, mas recusavam-na á mulher.

Alexandra Mikhailovna vivia no mais completo isolamento, mas parecia contente com a sua sorte; o seu caracter era de facto proprio para a vida solitaria.

Dedicava-se-me com toda a sua alma. Amava-me como se eu fosse sua filha. O meu amor ardente para ela não se apagou. Foi para mim uma mãe, uma amiga, que tudo me substituira no mundo e foi o apoio da minha juventude.

Não tardei a notar, por uma especie de instinto, que a sua sorte não era tão invejavel como podia parecer á primeira vista, e em relação á sua vida suave, á sua aparencia tranquila, á sua liberdade aparente, ao mais limpido que tantas vezes brilhava nos seus labios, a medida que me desenvolvia observava qualquer coisa de novo na minha bemfeitora, alguma coisa que o meu coração adivinhava lentamente, penosamente e a minha dedicação por ela crescia e aumentava tanto mais quanto melhor ou ia percebendo a tristeza do seu destino.

Era de caracter timido e fraco, contemplando os traços claros e calmos da sua cara, não podia supor-se que qualquer desgosto procedesse existia na sua alma.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4028 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quinta-feira, 16 de Março de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITA — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

Numeros eloquentes

De todas as declarações que o sr. ministro das Finanças hontem fez no Parlamento a mais importante foi sem duvida aquela que se referiu ao dinheiro português existente no estrangeiro. Calculou o sr. Portugal Durão em 80 milhões de libras a importancia total do numerario português que emigrou. São ao preço de cincoenta escudos a libra, 4.000.000.000.000! Esta soma faz vertigens, e não é só pela sua importancia material que nos teria podido manter numa existencia relativamente desafogada: é a sua sinificação moral, mostrando-nos o que é o patriotismo de classes que constantemente nos estão aturdindo os ouvidos com protestos de infinita dedicação pela causa nacional.

Ninguem ignorava que realmente este crime se praticava de 1914 para cá. Mas o calculo do sr. ministro das Finanças, que não deve andar longe da realidade, prova que ele tem sido uma das maiores causas dos nossos males. Não é possivel suportar tamanha sangria de ouro sem se ficar a braços com uma angustiosa miseria.

Mas este facto não patenteia só o igoismo sordido dos particulares. E' tambem um atestado de imprevidencia governativa. Nenhum Estado deixaria chegar a este ponto semelhante exhaustão da riqueza publica. Os governos teem de ser vigilantes. Mas não. Durante anos e anos ninguem se importou com tal cousa, não se tomou nenhuma providencia, e a continuarmos dentro em pouco toda a fortuna portugueza terá passado para os bancos estrangeiros.

Disse tambem o sr. ministro das Finanças que se não teem lançado impostos. Não é exacto. De 1914 para cá não só se teem lançado impostos, como esses impostos teem augmentado excessivamente e muitos outros tem sido creados. Isto é do dominio publico, e só admira que o sr. Portugal Durão se tenha lembrado de avançar uma preposição desse genero quando o publico geme sob encargos tributarios esmagadores. Subiram os direitos alfandegarios, dificultando espontosamente a vida; subiu o imposto do selo; subiram os impostos industriaes, criou-se o imposto de sumptuaria calculado abusivamente sobre a renda das casas; criaram-se as sobre-taxas em ouro... E ainda o sr. ministro das Finanças entende que o contribuinte pouco ou nada paga? Hão de confessar que é espantoso!

Ha, porem, um tributo que não se creou, e a esse não aludiu o sr. Portugal Durão. Foi o que devia incidir sobre os lucros de guerra. Essa tributação justa, moral, necessaria, compensadora, é que ninguem teve a coragem de a realisar. Não a realisou o sr. Afonso Costa, quando mais facil seria decretal-a; não a realisou o dr. Sidonio Paes que recuou diante dos primeiros protestos duma plutocracia arrogante e dominadora. Ninguem a realisou, e os especuladores ficaram-se rindo, como ainda continuam a rir-se, tendo já posto a maior parte do producto das suas infamissimas especulações nos bancos estrangeiros, onde avolumam a assombrosa soma dos 80 milhões de libras, retiradas á economia nacional.

Os que não especularam, os que não tem com que viver, quanto mais para depositos lá fóra, esses é que pagam. E' sobre esses que o sr. ministro das Finanças levanta o cutelo tributario, começando por dizer que não tem havido impostos de 1914 para cá. Foi sempre assim a nossa administração e a nossa justiça, mas desta vez duvidamos de que seja possivel esquecer mais a miseria dos pobres para poupar a opulencia dos ricos.

OUTRA LIÇÃO

"A pena de morte enlameia um Estado; a bomba quando não fôr empregada em legitima defesa, como derradeiro recurso, enlameia um ideal."

O trecho acima publicado é transcripto de "A Batalha", tuba sonorosa do sindicalismo sovietico

Vamos desenvolver, neste artigo, um aspecto da questão operaria, exposto a traços largos. Referimo-nos á endemia grevista, que a U. S. O. fomenta, auxiliada pelo seu porta-voz «A Batalha». Vejamos o que elas valem, essas famosissimas gréves, como elemento de bem-estar para as classes proletarias. E digamos, tambem, com clareza e verdade, o que são, como arma de combate.

A gréve é, praticamente, a guerra mutua das classes proletarias. A cessação do trabalho faz rarear a producção, encarece a manufactura e concorre poderosamente, portanto, para a vida cara. As classes ricas, ou mesmo aquelas a que pertencem os individuos bem instalados na vida, embora não sejam ricos, não são atingidas por essa carestia. O grande industrial lucra com as gréves porque lhe serve de pretexto para aumentar o preço de aquisição da mercadoria, o capitalista tem nas gréves uma fonte de receita, porque a ausencia de producção valoriza o capital, engendrando automaticamente a usura e a agiotagem. As classes operarias são, pelo contrario, vitimas das gréves, porque o triunfo do movimento — e é essa a melhor hipotese — não as compensa da alta geral dos preços das mercadorias. Todos os operarios, sem excepção, dizem hoje o mesmo: vivíamos melhor quando os nossos salarios não passavam do estalão mediocre de 1914, porque, então, tinhamos a vida muito mais barata. E não ha nada mais certo. Se um ou outro não diz o mesmo, é porque o cega a paixão ou porque, sendo pessimo chefe de familia, reserva para a mulher e para os filhos as agruras da existencia e dispende na taberna a maior parte da feria. Estes são, em todo o caso, uma excepção manifesta, tão profundamente ainda está radicado na alma dos operarios portuguezes o amor da familia.

E' claro, que o operario nacional não vê senão o aspecto simplista que a U. S. O., com o seu porta-voz «A Batalha», lhe põe diante dos olhos. O jornal ensina-lhe que é preciso destruir o capital e a propriedade, que são os dois grandes males da sociedade presente. E o operario, sugestionado, lança-se na gréve, principiando por destruir ou avariar (erro ou crime supremos!...) os proprios instrumentos mecanicos da producção. Feito isto, espera pelo aumento do salario e pela diminuição da horas de trabalho, sem compreender, porque cautelosamente lho não ensinam, que faz a guerra economica a todas as outras classes, obrigadas a pagar as custas do processo. O patrão cede. Então, «A Batalha» deita girandolas de foguetes, apregoando ás classes operarias finalmente: Mais uma vitoria, alcançada com honra para a omnipotente maçonaria do sindicalismo vermelho. A frase é sempre a mesma, segundo este modelo: a gréve terminou com «vitoria para a classe» ou «com honra para a classe».

Grande honra e grande vitoria! Oito dias depois desse maravilhoso exito, todas as classes operarias, sem excepção da grevista, verificam que a vida se lhes tornou ainda mais dificil, graças ao aumento geral no custo da producção. E os patrões e os capitalistas esfregam as mãos de contentes, porque os cofres se lhe abarrotam de dinheiro, mercê do aumento no custo da mercadoria ou da elevação no juro do capital.

E' facil de compreender que a gréve, sendo, como realmente é, uma guerra de classe, arrasta á *chomage* a classe mais proximamente atingida. Se a classe dos carroceiros faz gréve e consegue ver aumentado o salario, logo o mal-estar se faz sentir no operario campones que cultiva a forragem para os animais de tracção. Se os ferroviarios fazem gréve e vêem [illegible] dos os seus salarios, imediatamente o mal-estar aparece, por contra-golpe, em todos os [illegible] se utilizam dos caminhos de ferro [illegible] o preço dos transportes aumenta é claro e o [illegible] o tipografo, toda aquela proletaria, enfim, que necessite [illegible] alimentação, dos generos [illegible] pelo caminho de ferro, sente o mal-estar da carestia e tenta por sua vez, de reclamar aumento de salario.

E assim as gréves transformam-se numa cadeia sem fim, porque cada dia o mal é maior e cada vez a vida é mais dificil.

O exemplo, muito recente, das gréves continuas do pessoal dos carros de tracção electrica, é duma eloquencia fulminante. O pessoal dos electricos conseguiu sucessivas vitorias nos seus movimentos grevistas. Entretanto, não acreditamos que a vida lhes decorra, presentemente, num mar de rosas. A cidade trabalhadora aborreceu-se de tanta gréve e de tanta desordem. E, quando os primeiros carros apareceram nas ruas, tripulados por pessoal militar improvisado para o exercicio do *métier*, viu-se este caso singular: o operariado das outras classes vitoriou os novos profissionais da Carris de Ferro. E porquê? Porque a gréve dos electricos é, em ultima analise, uma guerra de uma só classe contra todas as outras. E estas, naturalmente, procuraram defender-se!

A gréve tem, além disto tudo, uma influencia desmoralizadora no pessoal operario. Viver á farta, sem trabalhar, eis a lição que a gréve traduz! Nestas condições, é bem natural que a idea da violencia seja dominadora de intelectos simplistas e arraste os grevistas á pratica das maiores violencias, como são os atentados á propriedade e até á vida dos cidadãos. A *sabotage* surge como decisivo recurso para fazer triunfar a gréve; e, quando esta falha, o recurso á bomba afigura-se proprio, eficaz e legitimo, preconizado, defendido e aconselhado pelo porta-voz «A Batalha», cartilha por onde se regula a alma ingenua do proletario em revolta. Como resultado final da gréve dos electricos — que é uma gréve-tipo — já se percebeu que as passagens vão ser aumentadas, como convem á salvação da Companhia monopolizadora, e como é doloroso para o operariado, que tem de pagar e não bufar! E eis aqui o brilhante resultado atingido pela U. S. O., lançando as classes umas contra as outras, por meio de gréves continuas, infindaveis e inextinguiveis. Politica inteligente, não ha duvida!

Mas porque se dá isto? Porque estranhas circunstancias é levado o operariado português á pratica de meios e processos de defesa e de ataque, que não lhe são senão prejudiciais? Não ha então, no movimento operario, alguns craneos guardando cinzenta massa encefalica em vez de agua chilra ou chocalheiros bugalhos? O fenomeno da desorganisação operaria tem explicação. Vamos tentar expô-la.

Desde ha muitos anos que a selecção politica no meio operario se faz em sentido inverso: triunfam os inferiores sobre os superiores, os ininteligentes e impulsivos sobre os talentosos e sensatos. Estes foram expulsos, afugentados. A selecção dos dirigentes do operariado fez-se em sentido negativo, eis a explicação da directriz errada, mesmo como [illegible] as individualidades [illegible] caracteristica essencial da vida politica do operariado português. Os *meneurs* da U. S. O., com «A Batalha» á frente, arrastam a multidão operaria na miragem ficticia da vida á tripa forra, sem trabalho nem esforço produtivos. Pintam-lhe os sovietes da Russia como o *El-dorado*, o paraizo terrestre dos deserdados da fortuna. E a [illegible] suposta das multidões operarias [illegible] o veneno sindicalista, lança-se na gréve revolucionaria, pratica em alta escala a *sabbotage* e vê morrer, sem grande comoção, de morte horrivel, a flor da sua juventude, inutilmente sacrificada nas fabricas clandestinas de bombas explosivas instaladas no proprio edificio do porta-voz sovietista, o grande e incomparavel [illegible] «A Batalha». *Gloria in excelsis*. [illegible]

Daqui se conclue o seguinte: o movimento de emancipação do operariado português atravessa um periodo critico. Se [illegible], os autores, os [illegible] não correm a reocupar o seu posto no combate, [illegible] e [illegible] estão reservados para o [illegible]. E [illegible] o salvamento da Patria, que os [illegible] dirigentes do operariado [illegible] quasi que fazer desaparecer. E indispensavel fazer compreender aos proletarios que o sindicalismo vermelho da U. S. O. não é senão uma comedia bem ensaiada, onde os *compères*, que são os *meneurs* das gréves, fazem figura, gosam, tripudiam e triunfam á custa do sacrificio inutil da multidão anonima das oficinas e das fabricas.

Padrões da Grande Guerra

O QUE NOS DIZ O CORONEL SR. PIRES MONTEIRO

O nosso esforço na grande guerra, uma pagina a mais de epopeia a juntar á nossa historia, começa a avolumar-se com o tempo para serenamente adquirir as verdadeiras proporções e receber de todos a consagração merecida.

Ha quasi um ano, em 9 de Abril de 1921, foi o inicio dessa apoteose, que tem que se perpetuar pelos seculos fóra.

O soldado desconhecido, condensando a alma de todos os que se bateram, teve a sua canonisação no altar da Patria. Ha dias, em Mafra, o Chefe do Estado foi solenemente descobrir-se perante uma lapide, onde, em letras de oiro, se falava de 4.000 homens de infantaria que morreram por uma causa nobre, olhos postos na Patria distante.

4.000 soldados mortos!

Foi como que um fechar de contas, uma afirmação definitiva da nossa tão discutida intervenção.

Fomos á guerra e morremos bem. Temos, portanto, o sagrado direito de ser ouvidos na paz.

Faltava ainda perpetuar a nossa passagem na terra amiga da França, para que a gente humilde da Flandres ensine aos franceses de ámanhã que os netos dos navegadores, que deram mais mundo ao mundo, combateram ali, para libertar a França e a raça latina da garra adunca de uma ambição mesquinha.

Para este efeito foi já nomeada uma comissão com os nomes dos generais que comandaram o C. E. P., alguns oficiais *decorés* e a figura nobilissima de D. José do Patrocinio Dias, bispo de Beja, que irmão daqueles padres que foram ás descobertas, esteve nas primeiras linhas a levar o conforto espiritual aos heroicos soldados que a [illegible] dizimando.

Secretaria essa comissão o deputado sr. Pires Monteiro, a quem nos apresenta a gentileza do coronel sr. Sá Cardoso, ilustre presidente da comissão executiva dos Padrões de Guerra.

O nosso entrevistado fala-nos com o entusiasmo que essa idéa carinhosamente merece.

— E' preciso que a nossa passagem na França e em Africa fique bem atestada aos vindouros. Muito especialmente na França, onde tantos dos nossos ficaram.

A nossa homenagem deve constar de três padrões, que, como outr'ora os que semeámos pela costa da Africa, falem ás gentes do futuro no nosso esforço colossal.

Um desses padrões deve ser colocado em La Couture, a ultima localidade de França onde combatemos. Os outros dois, em Angola e Moçambique.

Afora estes padrões, trabalhamos tambem para a realização de uma idéa admiravel.

Um club francês, perdoem a nossa memoria ter esquecido o nome, resolveu construir padrões em toda a linha de frente que marca o maximo avanço dos alemães.

Nós procurámos o sr. ministro da França, que muito amavelmente prometeu interessar-se para que nos padrões colocados no sector onde esteve a nossa frente, fique inscrito o nome de Portugal e a memoria dos nossos irmãos que ali morreram.

— E com que dinheiro contam V. Ex.ªs para essa obra? O Governo não é verdade?

— Muito pouco com o Governo. Este concorre com o seu obolo como um simples particular. Contamos antes com todos os portugueses de alma bem formada e estamos certos de que todos concorrerão.

Os padrões devem ser construidos por subscrição nacional, para que todos, dos mais ricos aos mais humildes, sintam neles um pouco da sua alma. Os padrões não serão uma simples obra do Governo, mas antes uma grande obra nacional.

— E o exercito recebeu esta idéa com entusiasmo?

— Sim: de alma e coração, como se diz. Todos, dos oficiais aos soldados, se prestaram a ceder um dia dos seus vencimentos. E' uma idéa generosa, como vê.

De resto, contamos com donativos importantes, provenientes de festas, que muitas corporações se propõem realizar.

E' preciso, no entanto, fazer propaganda pelo paiz. Eu já fiz uma conferencia no Porto; brevemente deve realizar-se outra em Beja, por um distinto oficial do nosso exercito, e os senhores, os jornalistas, estamos certos da sua colaboração.

— Falemos agora dos padrões sob o ponto de vista artistico.

— As *maquettes* serão apresentadas a um concurso, que será aberto oportunamente. Só artistas portugueses e construidos aqui com pedra nossa, para depois serem levantados lá fóra.

Antes do concurso serão afixados cartazes artisticos, desenhados por oficiais-artistas do nosso exercito, ou antigos combatentes.

Aproxima-se o dia 9 de Abril, que será comemorado por uma sessão solene e com um torneio á antiga portuguesa: resurreição de festas de bravura e destreza, que fizeram o encanto dos nossos antepassados, no periodo aureo da nossa historia. O produto desta festa será destinado a esta grande e generosa obra.

Como lhe disse, muito concurso desinteressado nos tem sido oferecido, porque, felizmente, todos os bons portugueses compreendem o alcance desta bela iniciativa.

A pretensa peste portuguesa

O que deu origem á atoarda

MADRID, 15.—Os jornais desta cidade publicam o seguinte telegrama transmitido pela Agencia Radio:

«LISBOA, 14.—Causou desagradavel impressão na opinião publica portuguesa as noticias procedentes de Espanha referentes a precauções sanitarias tomadas contra os viajantes e mercadorias procedentes de Portugal por causa duma suposta epidemia, epidemia que não existe. O estado sanitario é actualmente excelente em Portugal.

A imprensa portuguesa lamenta-se vivamente de que os periodicos espanhois acolham nas suas colunas todas as patranhas e noticias tendenciosas que sobre Portugal lhes são enviadas de Vigo e Badajoz, conduta que contrasta singularmente com a da imprensa portuguesa que não publica a menor informação tendenciosa a respeito da campanha de Marrocos.—R.

N. R.—As noticias que deram começo á campanha que alguns jornais espanhois iniciaram contra a peste em Portugal, foram originadas provavelmente no seguinte telegrama, fornecido pela agencia Fabra:

LISBOA, 13.—Em Mossamedes, (Africa ocidental) declararam-se alguns casos de peste bubonica em dois bairros isolados.

Este telegrama coincidiu com o artigo que no mesmo dia publicou no jornal «La Voz» o dr. Francisco Masip Valls, artigo que começa dizendo: «Pessoa de toda a respeitabilidade que acaba de chegar de Portugal assegura-nos que a peste pneumonica se declarou em Lisboa. Este flagelo parece que foi importado das regiões africanas. Não podemos precisar a intensidade que a epidemia tenha adquirido em Lisboa, mas asseguraram-nos que houve bastantes casos fatais e que as autoridades se encontram preocupadas e adoptam toda a especie de medidas profilacticas para conseguir que a infecção se não espalhe».

O referido dr. Masip Valls alarga-se ainda em varias considerações sobre o mesmo assunto.

Portugal lá fóra

Um artigo do «Imparcial» em Madrid

MADRID, 16.—O jornal «El Imparcial» que se tem ocupado com muita frequencia de assuntos portugueses publica um excelente artigo do seu redator em Lisboa sr. Gil Fillal acerca da situação politica e das questões sociais portuguesas no qual mostra que o actual governo tem a força material e o prestigio para normalizar a sociedade portuguesa.—(R.)

Um agente de noticias falsas

TUY, 16.—O consul de Portugal está informado que um dos exportadores de noticias falsas acerca de Portugal é um tal Garcia Sanchez monarquico a quem os governos portugueses teem favorecido mais de uma vez. Consta que as autoridades portuguesas esperam que ele vá a Valença para lhe exigir as necessarias responsabilidades.—R.

Vitimas da Murtosa

O sr. Presidente da Republica recebe ámanhã, pelas 14 horas, em audiencia particular a comissão dos empregados de carteira dos matadouros municipais de Lisboa a fim de serem estudadas as bases apresentadas pela referida comissão para serem protegidas as crianças que ficaram sem amparo em resultado da catastrofe da Murtosa.

A comissão é constituida pelos srs. Candido Torresão, José Lopes Beijo, Jaime Pinto, Claudio Guimarães e José Joaquim Alves.

Deve apresentar e ler ao Chefe do Estado as bases desejadas pela comissão o sr. Jaime Pinto.

A tragedia de Serrazes

A influencia dum sorriso de mulher na alma remoçada dum pequeno corpo

Uma irmã que se idolatra e se estremece! Uma noiva que é todo o nosso enlevo, que é todo o nosso encanto, que é toda a nossa esperança! Um galanteador que se esquece do quanto deve á propria familia e se abalança a confidencias atrevidas e a violencias grosseiras! O vilipendio da honra. O desforço. A tragedia!

Eis em sintese o crime de Serrazes.

Os odios de duas familias tradicionalmente rivais ateiam-se, a surpresa da desgraça excita os temperamentos; os dentes de vingança rangem, despedindo estralejadas de odio. Uma «mulher fatal» piscando os olhos sugestivos, de pupilas incendiadas pelo brilho do inferno, narinas ofegantes, sibilando odio atravez os dentes cerrados. «Mulher fatal» em que as lagrimas riem e os risos choram num infinito gozo de vingança suprema!

Os autores da tragedia apresentam-se á barra do primeiro tribunal. Os jurados são conduzidos em confortaveis automoveis para luxuosos aposentos do faustoso palacio da vitima, onde ficam hospedes da familia, cercados de gentilezas e galanteios. A heroina do romance que, como ninguem, pode esclarecer a justiça não depõe; os quesitos são de tal forma ambiguos que o presidente do tribunal se vê obrigado a um aditamento! O juri na ansia de condenar, condenar sempre, condenar a todo o transe, dá fiel cumprimento ás determinações da «mulher fatal» que agita furiosa sua estreita cabeça de cabelos negros como azeviche, erguendo os braços tatuados pelo rancor, crispando as mãos patricias num desespero apavorante de revindita. E quando, ao lerse a sentença, a consciencia publica protesta indignada, o juri perturbado, tremente, indeciso, evita-se á baixeza nunca vista, de pretender justificar-se com baldias declarações nos jornais!

Esta interessante atitude tem o condão de transformar os acusados em vitimas. Os tribunais superiores, analisando detidamente os autos e vendo neles um rosario de monstruosidades atentatorias do direito, fazem em farrapos o processo, anulam a sentença e escolhem o tribunal de Coimbra para que faça justiça imparcial e integra.

Chega o dia do novo julgamento. Gente de toda a parte acorre á historica cidade dos doutores, séde da tradição do direito. Os hoteis estão repletos; a cidade apinha-se de creaturas interessadas em assistir ao ultimo acto do tristissimo drama.

Estamos no tribunal. Na presidencia um juiz austero e integerrimo; na bancada dos jurados uma pleiade de «homens bons» conscientes dos seus deveres e alheios em absoluto a pressões. A defesa está na mão de dois jurisconsultos distintos, como sejam os drs. Barbosa de Magalhães e Francisco Fernandes. O primeiro, alma aberta a todos os rasgos de abnegação e patriotismo; o segundo, exemplo de honradez serena, caracteristica inconfundivel dos espiritos sabedores e ilustrados. A acusação, além do agente do ministerio publico, que ali se encontra «por dever de oficio», encontra-se representada pelo sr. dr. Cunha e Costa, auxiliado por um ajudante, que no fôro se pode por enquanto, considerar como um ilustre desconhecido.

A defesa a cargo dos advogados que intervieram no primeiro julgamento; a acusação, porem, apresenta a novidade do sr. dr. Cunha e Costa que aparece agora no processo «acusando», depois de ter feito passagem pela defesa. Tendo os reus sido condenados no primeiro julgamento, a logica indicava que a defesa fosse substituida e a acusação fosse feita por quem primitivamente houvera dado uma tão formal conta do seu recado. Tal não sucede, como está á vista. Os defensores ficaram, e ficaram, porque a defesa dos rapazes que em Coimbra se sentam hoje no banco dos réus, é um acto logico e um caso de consciencia; os acusadores foram substituidos porque no odio torvo dessa «mulher fatal», onde há sorriso nas sombras do seu rosto, sedução nas prégas da sua boca florida, magia nos seus olhos fulgurantes, mulher que é um manancial de graça e perturbação, mas em cujo peito pulsa um coração de hiena, não satisfez, nem bastou a condenação imposta no tribunal de S. Pedro do Sul. Era preciso alguem que se prestasse a vexar, a ocupar, a insultar quem quer que de grei não fosse, inclusive quem no tribunal vez não tivesse para poder defender-se. Foi por isto e para isto, que D. Eugenia Malafaia deu a preferencia da escolha ao sr. dr. Cunha e Costa.

Este assunto interessa-nos por varias razões. Interessa-nos, por ser um caso de reportagem palpitante; interessa-nos, por se notar no processo, desde a formação do corpo de delito até agora, uma preparação capciosa por parte da acusação, que se move, que se agarra, que pretende infiltrar-se no espirito de juizes, de testemunhas, de jurados e até mesmo de pessoas a quem o caso não preocupa; interessa-nos, porque essa acusação na sua furia de atacar, de perseguir, de malquistar, chega a sair fóra dos limites não só da cortezia como da honestidade, lançando suspeitas sobre todos aqueles que porventura ele se não acocoram, chegando o cumulo da sua desorientação ao ponto de se atacar uma senhora que, no exercicio da sua nobre profissão assistiu ao julgamento e que nesta casa é muito querida e considerada.

E afinal quem pretendeu insultar, acusar, envenenar essa nossa ilustre colega? Nem mais, nem menos do que o sr. dr. Cunha e Costa que, como nós, conhece a atingida desde que começou a trabalhar; que a viu iniciar-se nos seus primeiros passos, mas sempre dedicada, inteligente e correcta, que a rodeou de considerações «emquanto lhe não pagaram para dizer o contrario» e a quem dirigiu, enfim, requintadas gentilezas, algumas até passadas atravez deste jornal.

E' contra estes jogos malabares de desastrosos efeitos que, como muito bem disse o sr. dr. Francisco Fernandes, «nem sequer representam da parte do sr. dr. Cunha e Costa uma manifestação de boragem», jogos malabares ensaiados no Coimbra-Hotel onde se encontram hospedados o sr. dr. Cunha e Costa e a sua «mulher fatal», que nos insurgimos e revoltamos.

E' que esse hotel não é um hotel. Esse hotel é antes um laboratorio. Por ali passa tudo quanto o dr. Cunha e Costa e D. Eugenia Malafaia supõem representar um acessorio para a marcha dos seus planos insidiosos; ali são mal vistos quantos se não curvam e se não rendem, ali são considerados duvidosos os que não frequentam essa engalanada corte, onde é urdida a teia da intriga e onde, á noite, o sr. dr. Cunha e Costa, de casaca, impecavel, muito direito para parecer maior, se reparte entre as conferencias das pessoas que chegam e D. Eugenia Malafaia.

E' um espetaculo interessante o contraste que se nota entre o Coimbra Hotel e o Hotel Avenida! No primeiro, o sr. dr. Cunha e Costa, muito aconchegado á sua casaca, dando o braço a D. Eugenia Malafaia, dama patricia, envolvida nos faiscantes jogos de luz dos firmais de diamantes, arrastando o seu bem talhado vestido de seda, mostrando num decote moldar a carnação maravilhosa dum colo branco em que, como fieira de lagrimas rancorosas, se estende um colar de perolas acariciando-lhe a pele, atravessa solene, como antes senhores e pagens a sala ristosa, de candelabros resplandecentes, a caminho da janela, e, emquanto se ouvem os acordes dum piano de mistura com o gargalhar dos convidados, segreda o ilustre jurisconsulto, recostado a par, ao parapeito, como num pagode idilio de adorações e de enleios, sibilinos, os seus calculos e as suas profecias, emquanto a aragem, rescendente de seivas e de fragrancias, acariciadora como seda, lhes oscula levemente as mãos que, por vezes, se confundem.

E' que a «mulher fatal» para melhor exercer a sua influencia odienta de vingança, procura fazer com que a sua beleza sobresaia naquele labirinto de teias intrigantes e para que as suas formas já de si corretas imprimam mais soberbo fulgor e maior sedução, engrinalda-se da rara pompa de seus tuarios estonteantes e na estonteação de custosas pedrarias.

No Mondego, em frente, as aguas talham á superficie polidos listrões, emquanto aquelas duas almes enlevadas, confundidas, envenenam corações, põem em duvida a imparcialidade dos jurados mais proximos do local da tragedia, por melhor conhecerem as origens do crime. Tecem-se nomes de pessoas que, umas vezes Ele, outras vezes Ela, afirmam ter lacrado na mão; rugem-se ameaças e tudo e todos naqueles doces momentos de coloquio, em que o odio se manifesta em toda a sua hediondez, são forçados a sentir, ainda que mais não seja pelo «zunir dos orelhas», a influencia do filtro Malafaia.

Enquanto isto se passa no Coimbra-Hotel, no outro, no Avenida pulsam apressados os corações dos paes, a imaginação delira, as lagrimas santas duma santa mãe, que desde a hora tragica se arrasta neste mundo qual «mater-dolorosa», acalentando na alma a esperança acarinhante de salvar o filho, comovem, entristecem, apunhalam. No Coimbra-Hotel ha risos, pedantes de vingança; no Avenida ha caliginosidade, prantos, desolação.

Certo é, que o sr. dr. Cunha e Costa não se sente bem. Pela primeira vez na sua vida de advogado, Ele, que tem arrostado com defezas como a dos incendiarios da Madalena onde nos um pratica todos os [illegible]

transformando a audiencia num espectaculo vergonhoso; Ele, que julgou ter sempre replica pronta e de efeito; Ele, que afirmava que sem hora e meia o julgamento de Coimbra estaria decidido, sente-se nervoso, histerico; mal disposto, interrompendo a defesa, exaltado, furioso, como sucedeu quando o meretissimo juiz o teve de chamar á ordem.

E não se poderá dizer que os desvairamentos do sr. dr. Cunha e Costa sejam uma manifestação de velhice. O sr. dr. Cunha e Costa remoçou. O sr. dr. Cunha e Costa nunca esteve tão novo como agora. O seu viço sente-se, adivinha-se, precebe-se nos seus cabelos negros (o dr. Cunha e Costa tem agora os cabelos negros), o seu bigode negro (o sr. dr. Cunha e Costa tem tambem agora o bigode negro) não poderam, porem resistir á tentação de mudar de côr, quando s. ex.ª afogueado, apopletico, se insurgia contra a nossa camarada, deixando que o suor corresse em «bagas negras», facto este de que só deu conta, ao passar as mãos pelo rosto e vendo-as sujas do sangue, não, de tinta...

A sua constante exaltação deve, a nosso ver, comprometer a causa que defende, não sendo dificil adivinhar o que venham a ser os debates. O dr. Cunha e Costa quer uma condenação a pena maior, comprometeu-se a obtê-la, está nisso empenhada a sua alma remoçada, a que o arrastam os compreensiveis rebates do coração. Contudo, pelo caminho que as coisas levam, estamos em crêr que só conseguirá produzir mais um daqueles escandalos, em que, como bom mestre de cerimonias, tão ferul tem sido.

Não sabemos se o sr. dr. Cunha e Costa, por ocasião dos debates, está na disposição de insultar de novo a imprensa na pessoa duma mulher indefesa, que além de tudo é uma jornalista ilustre e brilhante. Se o fizer pratica mais uma cobardia. Contando-se por centenas os homens que em Portugal se dedicam exclusivamente a esta honrosa profissão e sendo essa nossa distinta camarada a unica mulher que atualmente se encontra no jornalismo profissional, seria baixeza, seria cobardia, seria deshonra a repetição de novas invectivas. Se o fizer deve o sr. dr. Cunha e Costa voltar-se para os homens, porque como homens lhe saberão responder condignamente em todos os campos.

Duvidamos, porém, que tal demonstração de coragem se manifeste. Seria motivo para que o sr. dr. Cunha e Costa ficasse como aquele celebre caçador de aguias, cuja espada, resvalando, lhe foi cortar a corda que o suspendia no abismo e que ao ser içado, com o susto, não ficou careca mas branco como arminho...

ANUNCIO

Por sentença datada de 10 de Dezembro ultimo, que transitou em julgado, foi auctorisado para todos os efeitos legais o divorcio definitivo entre os conjuges José Francisco dos Santos Botelho e Dona Maria Antonia Lobato Colares Botelho, moradores nesta cidade.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1922.—Verifiquei a exatidão. O Juiz de Direito, Penha Melo. Escrivão, José d'Araujo e Sousa.

Questões pedagogicas

O "self-governament,, nas escolas

Spencer, em «Educação fisica intelectual e moral», estabelece o «principio das consequencias naturais» e o «self-governament». Esse sistema educativo, nascido em Rousseau e finalizado em Tolstoi, entrega a criança inteiramente a si mesma, dando-lhe a mais ampla liberdade de agir, tanto para o bem como para o mal, e sujeitando-a ás consequencias naturais das acções praticadas. Em vez das sanções de classe, as reacções naturais. A função do mestre, directora e correctiva anula-se assim por completo.

Spencer pretendeu evidenciar a excelencia da doutrina com muitos exemplos. Eis trés dêles, justamente aqueles de que os discipulos e continuadores do filosofo inglês fazem o maior arruido.

1.º — Uma criança brinca com uma vela ou uma braza. A mãe previne-a de que se pode queimar mas a criança não lhe dá ouvidos. Queima-se. A dôr da queimadura é o castigo natural, é punição natural da desobediencia. A criança aprende por si que o fogo queima e a queimadura produz dôr; não mais brincará com a chama nem com a braza.

2.º — Uma menina nunca se acha pronta para sair a um passeio de hora certa com a mãe e as irmãs, faz-se sempre esperar. Rogos e ameaças de nada valem. Certa vez, a mãe deixa a retardataria em casa e sae a passear com as outras filhas. A privação do passeio foi consequencia natural da indolencia ou indisciplina da criança;

3.º — A criança perde ou inutiliza os brinquedos e objectos. Qual a punição? Não os substituir, dizendo o pai á criança: «Pois bem, eu não os substituirei, não comprarei outros, porque o dinheiro é trabalho e eu não posso trabalhar para comprar brinquedos e objectos para inutilizares ou perderes; quando trabalhares e ganhares dinheiro, tu mesmo comprarás os teus brinquedos e objectos e, sabendo quanto te custam, terás mais cuidados com êles».

Spencer julga que os castigos determinados pelas reacções naturais das coisas, aplicados por uma causa *impessoal*, produzem uma irritação fraca e passageira, emquanto que os castigos disciplinares infligidos por pais e mestres causam uma irritação surda, intima e persistente. Não é tanto assim. A criança, desde que sinta a punição como regra de conduta indispensavel e invariavel, sem preferencias individuais, impessoalizada tanto quanto possivel o agente da punição. Não é o professor nem o pai quem castiga: é a lei moral ofendida, que reage e pune. Além disso, quasi sempre, as correcções naturais são perigosas, ineficazes e até contraproducentes. Basta verificar-se atentamente os exemplos do proprio Spencer: no primeiro, o perigo é manifesto; no segundo, a ineficiencia, se a menina fôr verdadeiramente indolente, é visivel, e o terceiro exemplo, não foi igualmente feliz: se a criança perder, quebrar ou inutilizar, por exemplo, escovas de dentes, pentes, sapatos, dar-se-lhe-ha por castigo a insubstituição dêsses objectos indispensaveis?

Nas escolas, a sanção natural muito raramente pode ter ingresso. Os alunos, por natureza, são predispostos á violencia, ao roubo e á mentira, e a doutrina spenceriana é, relativamente a estas tendencias, a mais inocente e inutil. As consequencias naturais da violencia, do roubo e da mentira caem sempre sobre outrem, jámais sobre o proprio autor; por exemplo, no roubo: a consequencia natural do roubo é ficar o roubado, roubado, ou comprar novamente o que tiraram ou tirar, então, de outrem, emquanto que a consequencia moral do roubo prejudicá o culpado e obriga-o á restituição do que indevidamente furtou.

E' contra êsses instintos fundamentais que a acção preventiva e correctiva do mestre precisa exercer-se insistentemente. Evitará êle que os alunos pratiquem brinquedos de guerra, que intensificam a violencia, procurará provê-los do que lhes é necessario na vida escolar, para que êles não roubem, nunca os amedrontará com a perspectiva de castigos tremendos e crueis, pois será impor-lhes a mentira que é a arma do fraco. Se, porém, alguma vez houver o exercicio de um dêsses instintos infantis, o mestre produzirá a sua acção punitiva, mesmo que esta acarrete a dôr. A criança associará a dôr que sente ao acto mau que praticou e corrigir-se-ha continuamente, como a humanidade se tem continuamente corrigido.

Em Espanha

O novo presidente da Camara dos Deputados

MADRID, 15.—O sr. Bugallal, do partido conservador, foi eleito presidente da Camara dos Deputados em substituição do sr. Sanchez Guerra, atual presidente do conselho, pela unanimidade de 302 votantes. Os socialistas abstiveram-se de tomar parte na votação.—(H.)

Pela Santa Sé

ROMA, 10.—O Papa prepara uma inciclica que será publicada brevemente. O jornal «Mondo» diz que não será modificada a politica do Vaticano.

O proximo consistorio terá por fim fazer novos bispos só daqui a algum tempo serão feitos 10 cardeais novos.—Lat. Am.

Curiosidades

Bandeiras Portuguêsas

A bandeira representa a Patria. Não é simplesmente um ornamento para festas publicas ou particulares, é um objecto do mais alto e elevado significado porque não só representa as tradições heroicas, as glorias passadas e os triunfos obtidos por um povo; mas tambem representa o presente e o futuro de uma Patria. Ela anima os soldados no fragôr da peleja e incute-lhes coragem para defendê-la dos perigos que a ameaçam. Por isso devemos sempre saudá-la com respeito e acaricia-la com amor. Foi na idade média que a bandeira como pendão Nacional, começou a ter a significação que hoje tem. A primeira bandeira portuguêsa foi de côr branca só os escudos ou brazões é que variaram segundo as dinastias reinantes. Em 1821 foi de côr azul e branca por proposta do deputado Trigoso. No tempo de D. Miguel passou a ser branca com um laço azul e vermelho, em 1831 no tempo de D. Pedro IV, retomou as côres azul e branca que duraram até a proclamação da Republica. Nas côrtes constituintes de 1911 passou a ter as côres verde e encarnada. A nossa historia narra verdadeiros actos de valor e intrepidez em sua defeza. Gonçalo Pires, Duarte de Almeida, o «Decepado», na batalha de Toro contra os castelhanos e Luiz de Brito em Alcácer-Kibir são os tres exemplos mais frisantes de abnegação em sua honra.

S. P. Q. R.

E' costume antigo, entre os cristãos apresentar, na frente das procissões do Passos e da Semana Santa, um pendão em pano roxo com estas iniciais entrelaçadas de fios de ouro. Bem diferentes e diversas teem sido as interpretações dadas a estas quatro letras. Usaram-nas primeiramente os Sabinos, em suas bandeiras de guerra, como insultante e orgulhosa, e depois os romanos em resposta scene, pomposa e grave. E assim é que entre aqueles primeiros povos passou por uma provocação temerario e entre os segundos se ostentou como sinal duma preeminencia incontestavel o que se chamou «vexilum» — passou para os cristãos como uma suplica; humildemente dirigida ao Verbo Encarnado.

Entre os Sabinos aquelas quatro letras diziam:

> Sabino Populo Quis Resistet
> Quem resiste ao Povo Sabino

Entre os Romanos:

> Senatus Populus Que Romanus
> O Senado e Povo Romano

E entre os cristãos significam:

> Salva Populum Quem Redimisti
> Salva o Povo que Remiste.

São portanto tres as diferentes interpretações acerca destas quatro letras e todas bem apropriadas.

A. G.

A luta em Marrocos

Uma operação importante

MELILLA, 16.—O Alto Comissario comunica que se realisou uma operação importante dirigida pelo general Sanjurjo com a cooperação das colunas dos generais Cabanelas e Berenguer e dos coroneis Fernandez e Peres, ficando assegurada a posse do antigo acampamento de Korduchi e dominada em parte a meseta de Arcan. O inimigo opoz-se tenazmente a estas operações ocupando uma linha fortificada de 15 kilometros de frente mas foi repelido e perseguido pelas colunas.

Contribuiram muito para o exito desta operação, os tanques, a artilharia e os camions blindados.

O Alto Comissario felicitou os comandantes pelo feliz exito desta operação, percursora de novos triunfos e avanços.—(R.)

O novo governo espanhol continuará a campanha

MADRID, 16. — O presidente do conselho declarou ao Congresso que o governo continuará a politica em Marrocos iniciada pelo governo anterior.—(R.)

A questão irlandesa

DUBLIN, 16. De Valera publicou um manifesto declarando abjecta a nova organisação irlandesa que se humilha para que seja reconhecida a nova Republica pelas nações estrangeiras.—(Lat. Am.)

SPORT

Automobilismo

II Rampa da Pimenteira

Reuniu hoje pelas 15 horas a direcção do Automovel Club de Portugal. Entre outros assuntos, tratou da corrida automobilista «II Rampa da Pimenteira», que o jornal «Os Sports» vai realizar no mês de Abril e cuja inscrição abrirá no dia 20 do corrente.

A prova, como já temos dito, é reservada a amadores e aos representantes de marcas de automoveis, sendo os carros divididos por categorias conforme a sua cilindragem.

Além da Taça *Good-Year* e das medalhas e diplomas que *os Sports* oferece, consta-nos que ainda haverá outra taça oferecida por um conhecido automobilista.

Contamos poder publicar o regulamento da prova no proximo sabado, sendo imediatamente enviado aos interessados.

O desfalque de 50 contos

Continuam as investigações por parte da policia de 3.ª secção a cargo do chefe Alfredo Maria sobre o desfalque de 50.000 escudos praticado na casa bancaria Fonsecas, Santos & Viana pelo caixa Antonio Camacho. No Governo Civil foram hoje largamente interrogadas pelo agente Teixeira duas amantes do Camacho, uma rapariga de vida facil de nome Humbelina e outra chamada Alice Frigueira.

A primeira ficou detida para averiguações, pois apurado está que se aproveitou de uma grande parte do dinheiro desviado, tendo o Camacho gasto com ela importantes quantias, tais como 3.000 escudos na compra de um par de brincos de brilhantes e 2.500 escudos com um casaco de peles.

O Camacho encontra-se detido no calabouço 2 do Governo Civil não tendo recolhido aos quartos particulares por expressa determinação do oficial de serviço.

Tambem está já apurado que o Camacho alem de fazer gastos extraordinarios com mulheres e pandegas perdeu e ganhou avultadas importancias nos casinos do Estoril, não tendo apesar desses ganhos, reposto o dinheiro de que ilegalmente se apoderou.

A Humbelina que tinha um «conteneur» com quem gastava grande parte do dinheiro que o Camacho lhe dava tenciona partir no dia 22 do corrente para o Brazil.

Governador civil de Lisboa

O capitão sr. Viriato Lobo, governador civil de Lisboa, continua retido em casa com um ataque de gripe.

Liga dos Estudantes Beirões

Está-se organizando em Lisboa a «Liga dos Estudantes Beirões». Os seus fins imediatos são a fundação dum centro de vida social rotintamente beirão, onde os rapazes das Beiras que cursam a Universidade de Lisboa, encontrem um ambiente regional e proprio.

A «Liga dos Estudantes Beirões» de Lisboa é uma associação nitidamente regional, e, como tal, procurará divulgar e tornar conhecidas as artes, as industrias e as belezas das Beiras. No campo politico, defenderá sempre os interesses da sua região, procurando que eles não sejam esquecidos e despresados por aqueles que têem o dever de os zelar. A «Liga», contudo, estará sempre ao lado do país na defesa das grandes aspirações Nacionais, dedicando o seu modesto esforço a auxiliar a resolução dos problemas vitais da nacionalidade.

Fará, em resumo, boa pratica regional, dentro da qual, como se impõe, a alma da Patria seja o objecto do culto mais elevado.

No proximo sabado, 18, pelas 17 horas, realisar-se-ha na séde da Universidade Livre, Largo de Camões, uma reunião preparatoria, para a qual se pede a comparencia dos estudantes beirões de Lisboa.

Instrução Militar Preparatoria

Mostrando s. ex.ª o director da Instrução desta Sociedade desejo que os alistados compareçam devidamente uniformisados no proximo domingo na parada do quartel de Sapadores Mineiros, a direcção convida os alistados de ambas as secções a comparecer no quartel ás 9 horas prefixas do referido dia.

Em breve, realisa-se um passeio militar ao campo.

Instrução

Foram providas temporariamente as professoras, D. Maria Rosa Dias Medina Neto, na escola de Vidais, Alda Ferreira Lavos, na de Salir do Porto, e Maria Paula Soares de Campos, na de Moita, freguesia de Alvorninhos, todas do conselho das Caldas da Rainha.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão abre á hora regimental, com as bancadas ministeriais desertas e poucos espectadores nas galerias.

ANTES DA ORDEM

Ha deputados que pedem a palavra para quando estiver presente este ou aquele ministro. Mas não está nenhum...

Estreia-se o sr. Fernando Freiria. Os cumprimentos do costume, proferidos em voz bem timbrada. Eis um orador que será grato aos jornalistas porque se faz ouvir muito distintamente.

Trata de questões militares. A classe militar atravessa uma crise economica aflitiva. Ha oficiais cujos filhos não vão á escola porque não têm calçado e ha familias de oficiais que não veem á rua porque não têm que vestir. Diz que já mandou para a mesa um projecto de lei, onde procura dar remedio a uma situação que é insustentavel. E, num breve discurso, o orador diz quais são as bases desse projecto, onde os vencimentos dos oficiais são, tanto quanto possivel, actualisados, não se esquecendo de fazer semelhantemente quanto ás praças de pret.

Entrou o sr. ministro da Guerra, fardado. E' a primeira vez que vemos o sr. Correia Barreto ostentando o brilhante uniforme de general do Exercito. Esta circunstancia rara terá alguma significação especial?

O sr. Freiria terminou e foi cumprimentado pela bancada dos independentes, com o sr. Agatão Lança á frente.

O sr. Lino Neto dá conta dos atentados que classifica de anti-religiosos. Ha um conflito em Esposende, onde figuram senhoras perseguidas por uma junta de freguesia; no Barreiro ha outro conflito com a junta por causa do sacristão, das chaves da igreja, da missa que tem de ser dita na residencia do paroco — e coisas semelhantes; em Moncorvo tambem não vão bem as coisas da religião: e cita ainda outros factos, todos tendentes a demonstrar a intolerancia de algumas autoridades da Republica.

Já ha outro ministro presente. E' o sr. Vasco Borges, do Trabalho.

O sr. Lino Neto termina por pedir providencias ao Governo — como é da praxe, e tambem na forma do costume, o sr. ministro da Guerra diz que comunicará aos seus colegas as reclamações do ilustre deputado catolico.

O sr. ministro do Trabalho profere um discurso cuja sumula é a seguinte:

«A minha intervenção no processo de sindicancia ao Asilo Almirante Reis limitou-se, depois do ministro Alves dos Santos ter fixado um prazo de 8 dias ao sindicante para apresentar o respectivo relatorio, sem que ele o tivesse feito, a dar-lhe, quando assumi a gerencia da pasta, um novo prazo de 8 dias, que particularmente prorroguei por mais dois dias. Este relatorio mandei-o submeter ao Conselho Disciplinar do Ministerio, tendo eu proprio, para que se averiguasse toda a verdade, resolvido mandar proceder a um amplo inquerito á Assistencia Publica. Resta-me, finalmente, informar a Camara de que tendo o sindicante reclamado 2.894$60 para pagamento de automoveis em que se transportava e como indemnização dos prejuizos que sofrera como advogado, indeferi, por o sindicante ter sido nomeado pelo ministro sr. Peres Trancoso para, assim como o seu secretario, fazer a sindicancia gratuitamente».

O sr. Almeida Ribeiro responde ao sr. Lino Neto. Já se sabe: quando o «leader» catolico diz que sim o «leader» democratico diz que não. Estabelece-se dialogo animado entre os dois deputados, como de costume. No final, cada qual ficou com a sua opinião.

O sr. Juvenal de Araujo, católico, fala de um inquerito necessario e urgente. Trata-se do caso, que veiu a publico, do Asilo Almirante Reis, onde foi sindicante o sr. dr. Joaquim Prado. Pede providencias ao sr. ministro do Trabalho.

Volta á discussão, trazido pelo sr. Alves dos Santos, o caso do cancioneiro Caducci, que o Parlamento anterior mandou comprar. Porque se não efectuou ainda a aquisição?

O sr. ministro da Instrução responde ao orador, em breves e inintelegiveis palavras — para nós, é claro. Em todo o caso, o sr. Alves dos Santos dá-se por satisfeito. E, como fosse a hora, entrou-se na

ORDEM DO DIA

Que é a continuação da discussão ácerca da interpretação do artigo da Constituição que manda considerar lei do país o projecto ou proposta que, aprovado numa casa do Parlamento, não seja sancionado pela outra no periodo legislativo seguinte.

O primeiro orador a falar é o sr. Afonso de Melo.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Gaspar de Lemos secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Sousa Varela. Aprovam a acta 41 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Santos Garcia chama a atenção do Governo para os prejuizos incalculaveis que a mudança do horario dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste acarreta ao comercio agricola e industrial do Alentejo.

O sr. ministro da Agricultura promete transmitir ao seu colega da pasta do Comercio as considerações do orador.

O sr. Joaquim Crisostomo lamenta que e até hoje lhe não tenham sido enviados os documentos que pedira, acerca da publicidade que se está fazendo da Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

O sr. presidente declara já os ter solicitado.

O sr. José Pontes chama a atenção do sr. ministro da Guerra para o facto de um desgraçado mutilado da guerra, intoxicado pelos gazes asfixiantes, se encontrar na sua terra, num estado desgraçado, devido a não ter recursos para vir a Lisboa tratar-se. Esse homem pede ao Governo que lhe abone a passagem para poder tratar-se.

O orador junta ao pedido do infeliz mutilado o seu pedido, que dirige a s. ex.ª convencido de que o sr. ministro da Guerra, amigo como é dos soldados, não deixará de olhar por aquele desgraçado.

O sr. ministro da Guerra declara ter um projecto elaborado no sentido de beneficiar a assistencia aos mutilados da guerra.

O sr. Silva Barreto requere que seja convertido em lei o projecto de lei 443, determinando que os trabalhos lectivos findem em 31 de julho de cada ano.

O sr. Godinho do Amaral alvitra que o Governo determine o inter-comvio de vagons nas varias companhias de Caminhos de Ferro, devido a alguma alegarem não terem o numero suficiente, afim de não dificultar a saida, comercio e transportes de vinhos da região do Dão.

O sr. ministro do Comercio promete transmitir as considerações do orador ao seu colega.

A' hora de encerrarmos este extracto a sessão continua, indo entrar-se na ordem do dia.

A futura lei reguladora do direito á gréve

Segundo consta, na futura lei reguladora do direito á gréve, será consignada a responsabilidade individual ou colectiva, pela importancia dos prejuizos causados por actos de sabotage. Se a proposta não for inserir aquela disposição, se ela fôr apresentada na camara dos deputados, uma emenda nesse sentido. Parece que serão proibidas as gréves em serviços publicos.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do Interior desde as 11 ás 13 horas. Após a reunião foi fornecida á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«No conselho de ministros realisado hoje, o sr. ministro do Comercio apresentou uma proposta de lei, destinada a solucionar o problema dos Transportes Maritimos do Estado, que depois de discutida foi aprovada. O sr. ministro do Trabalho submeteu á aprovação do conselho uma outra proposta, relativa a desamortisação dos bens das misericordias, que tambem se deliberou seja presente ao Parlamento».

Ordem publica

Hoje foi detido para averiguações o aprendiz de barbeiro Serafim Gonçalves, que numa barbearia da rua do Limoeiro afirmou casos de tal natureza referente aos ultimos atentados que a policia de Defesa Social entendeu serem preciosos os seus esclarecimentos.

O rapazola foi conduzido para o governo civil, e ali esteve prestando declarações no gabinete do chefe do districto recolhendo depois sob a mais rigorosa incomunicabilidade a um quarto existente na repartição da P. D. S.

Foram hoje enviados ao Tribunal de Defeza Social tendo recolhido á cadeia do Limoeiro, sem admissão de fiança, Claudio dos Santos, Armando Martins e José Augusto Martins Junior acusados de instigarem os grevistas dos electricos á violencia e aos atentados o que eles negam.

Tribunal dos Açambarcadores

Um negocio com farinha

O julgamento do sr. Castanheira de Moura só deve proseguir na terça-feira

Estáva anunciado para hoje no Tribunal dos Açambarcadores que funciona no Governo Civil o julgamento do sr. João Castanheira de Moura, director da Companhia de Moagem Lisbonense acusado de ter alterado o diagrama oficial de farinha, vendendo-a depois por preço superior á tabela. Por terem comprado essa farinha devem tambem responder: Toribio Maria, socio gerente da Companhia Industrial, Francisco Celso Damasio, José Arsenio Nunes, José Victorino Barbosa, Antonio José Nunes, João Rodrigues Pinheiro José Augusto Ferreira e Manuel de Jesus Gonçalves.

A audiencia não se efectuou.

O sr. dr. Pedro Pita, advogado do sr. João Castanheira de Moura apresentou varios documentos que pediu fossem apensos ao processo o que o juiz deferio, resultando dai a transferencia do julgamento a requerimento do ministerio publico.

A lei das 8 horas de trabalho

A C. G. T. resolveu promover um movimento nacional com o fim de agitar as classes operarias e conseguir o fiel cumprimento da lei das 8 horas de trabalho no comercio e na industria.

O crédito e o cambio

Principia-se a fazer sentir na praça o efeito do credito dos tres milhões de libras. E' claro que esse efeito não produz resultados rapidamente porque ha a resistencia dos que compraram na baixa. A libra fechou hoje a 4 7/8 e o ambiente na bolsa é de confiança. Essa confiança provem não só da abertura do crédito, mas ainda da apresentação por parte do Governo do orçamento geral do Estado.

O papel a 90 dias que ha muito não aparecia, principiou a surgir hoje.

A GRÉVE DOS MARITIMOS

Retomaram hoje o serviço os fogueiros de mar e terra

Ainda se não encontra solucionada a gréve das classes maritimas. Os fogueiros de mar e terra resolveram hoje retomar o serviço, o que muito veiu prejudicar os restantes camaradas que se encontram em luta. Uma comissão da federação marítima ainda esta noite se deve avistar com o sr. Emilio Barony, devendo do seguido reunir os grevistas dos seis classes associações e classe.

TEATRO

Alves da Cunha

Alves da Cunha em A Gorra

Depois do incendio do teatro do Ginasio reaparece no sabado, em S. Carlos, o notavel actor Alves da Cunha, que com Angela Pinto, Berta Bivar, Samuel Diniz e Luiz Ribeiro, vai representar um original português de Artur Cohen que faz tambem a sua estreia como autor dramatico.

Medalhões

Erico Braga

E' hoje indubitavelmente o nosso primeiro galã.

Galã em scena, galã na vida; uma expressão risonha, uns olhos vivos, um sentisado irrepreensivel uma figura elegante; galã de vivacidade natural e que honra o teatro contemporaneo.

A sua galeria de criações é notavel já. Não esqueço o tipo que criou na «Simone» como é de bonhomia sem limites o seu papel no «Bibliotecario», como é ainda notavel a sua passagem no drama historico, na «Leonor Teles» por exemplo.

Na «Casaca encarnada», um original português vai sempre merecer mais uma vez as palmas dos que lá vão para esse exclusivo fim: manifestar o seu apreço pela figura considerada, pelo trabalho valioso de Erico Braga.

Mario Campos

Mario Campos, o estimado actor da companhia Armando de Vasconcelos, realisa esta noite no Teatro de S. Luiz, a sua festa artistica, com a ultima representação, esta temporada, da opereta «Leiteira de Entre Arroios», na qual, por especial deferencia do seu colega Alfredo de Sousa,

desempenha o papel de «D. Sebastião». Nesta opereta tambem esta noite tome parte o actor Armando de Vasconcelos, que substitui o tenor Fernando Pereira, que ainda se encontra doente.

No intervalo do segundo para o terceiro acto a actriz cantora Adelina de Sousa cantará um fado do falecido maestro Manuel de Figueiredo, intitulado «Toada Singela» sobre uns lindos versos do poeta José Luiz Ribeiro.

A festa de hoje é dedicada á classe dos empregados bancarios da praça de Lisboa.

O que foi a festa de Chaby no Porto

Diz o «Primeiro de Janeiro»:

Uma noite deliciosa, a de ontem, no Sá da Bandeira.

Era a festa de Chaby Pinheiro, e que deixava prever que a sala se enchesse, como encheu por completo, de um publico de melhor escolha.

O ilustre artista — porque o é, sem exagero de adjectivação — conta, nesta cidade, admiradores numerosos que, por certo, não deixariam, na noite da sua festa, de lhe ir tributar o seu entusiastico aplauso. Não constituiu, portanto, surpresa alguma o numero e a qualidade dos assistentes, nem as calorosas manifestações de alto apreço com que o brindaram no decorrer do espectaculo, quer logo á sua entrada em scena, quer nos finais dos actos.

E merecidissimas foram, por isso que Chaby Pinheiro é, pelas raras qualidades artisticas que reune, uma figura de alto destaque na scena portuguesa que, como poucos, tem sabido honrar. Enumerá-las seria repetir o que tantas vezes se tem dito nestas mesmas colunas o que todos sabem, não só aqui como até no estrangeiro, onde o seu nome é citado como o de um actor de primeira ordem.

Essas qualidades, que nunca esmorecem, antes progridem gradualmente de ano para ano e de peça para peça, patenteou-as ontem o talentoso artista em dois papeis de genero absolutamente diferente, a fim de melhor ainda realçar o seu grande valor: no do abade da peça «Se eu soubera escrever» e no do Sganarello de «O medico á força».

«Se eu soubera escrever» é um dialogo lirico sobre uns versos de Campoamor, por Duarte Lima, o delicadissimo poeta que recentemente ainda um tão belo triunfo alcançou com o seu inspirado trabalho «D'aza aberta...»

«Se eu soubera escrever» é uma pagina adoravel de psicologia e concepção poetica, impregnada de uma unção religiosa que se escuta e segue avidamente, já pelo interesse que desperta a sensibilidade do tema, já ainda pela beleza do dialogo que é uma das rendas literarias.

O ouvido deleita-se na melodia daquela linguagem tão singela, tão pura, que tanto fala á alma e que tanto a sugestiona. E, sendo com pena que se vê o pano descer, terminando assim uma audição de raro encanto espiritual.

O sr. Duarte Lima foi delicadissimo no seu delicado trabalho, que a sala toda galardoou com calorosas palmas, nas quaes não esqueceu tambem de englobar a interpretação brilhante de Chaby Pinheiro e a correcção de Luciana Seyal.

O resto do espectaculo foi constituido por «O medico á força», a imortal peça de Molière que o visconde de Castilho verteu soberbamente para a nossa lingua.

Chaby Pinheiro deu ao papel de Sganarello, todo aquele cunho de naturalidade que é um dos seus melhores caracteristicos, mantendo a sala em constante hilaridade e sendo habilmente secundado por Cremilda, Jesuina e Santos Melo. Os outros artistas manifestaram-se discretos.

Noticiario

Portugal

Devem amanhã ser afixados os cartazes definitivos marcando para o dia 18 a *première* da peça de Artur Cohen, *A Vida*, com que reaparece Alves da Cunha ao lado de Angela Pinto e Berta de Bivar.

CRONICA SCIENTIFICA

A electricidade no lar domestico

Os aparelhos para reduzir o trabalho e fazer o lar mais comodo, limpo e sadio. Os progressos da electricidade não reconhecem limites

Uma das contradicções mais curiosas do progresso humano funda-se em que, ao mesmo tempo que a vida em todas as comunidades politico-sociais reconhece por centro natural o lar domestico, a vida do domicilio vem a ser a ultima que se beneficia directamente pelos progressos com que o engenho e a inventiva estão sempre melhorando e embelezando a civilização. As provas abundam, mas em nenhum outro ramo como na electricidade se manifestam de modo tão patente.

Tomemos, por exemplo, o telefone, um dos prodigios da electricidade, a historia diz-nos que, durante varios anos, se usou êste aparelho nas repartições governamentais e nos estabelecimentos mercantis e fabris e só muito tempo depois da sua invenção é que penetrou no lar domestico, nas povoações rurais e nas propriedades agricolas. O mesmo sucedeu com a iluminação electrica, que não começou a brilhar no domicilio particular senão no curso das ultimas duas decadas, depois de ter demonstrado durante largo tempo a sua inquestionavel superioridade sobre o gaz e o petroleo, não sómente pela sua formosa claridade, como tambem pela limpeza e segurança do seu funcionamento. A luz electrica veiu a ser uma mercê para o lar domestico.

De varios outros modos, a luz electrica tem prestado grandes serviços ás industrias em geral, como factor de maior quantidade de producção e de aperfeiçoamento dos produtos. O industrial empreendedor de hoje em dia não se resignaria a realizar e manejar os seus trabalhos sem o auxilio da electricidade nas suas diversas aplicações, ou, pelo menos, em algumas delas, e, como consequencia, segue a mesma conducta no referente ao seu domicilio, onde a esposa faz tudo, seja directamente, seja por meio de criados que executam as suas ordens.

A mesma corrente que leva ao lar domestico os beneficios da luz electrica, oferece á dona da casa boa ocasião para levar a cabo no domicilio o mesmo plano regular sob que se desenvolvem os negocios, atendendo, contudo, a que os fins principais do seu trabalho domestico são a economia, a saude, a limpeza e a comodidade. E, para êstes fins capitais, concorrem de modo evidente todos os aparelhos domesticos que a electricidade tem creado e aperfeiçoado, principalmente em obsequio á mulher.

Considerada sob o ponto de vista da utilidade, a maquina electrica de lavar roupa ocupa o primeiro lugar entre os demais objectos do lar. Esta maquina tem vencido definitivamente todos os metodos de lavagem, antigos e modernos, que tão rapidamente destroem a roupa e que tão rudes trabalhos impõem ás pessoas que têm de segui-los. E' obvio que bater a roupa suja contra as pedras de um rio ou sobre uma tabua de lavar, destroe, mais ou menos rapidamente, mesmo os tecidos mais fortes e bem feitos, a não ser que, para não os bater com excesso, se prefira deixá-los sujos. Mas a maquina de lavar, movida por electricidade, veiu remediar essa dificuldade, sem bater a roupa, limpa-a completamente e faz com que se conserve em bom estado por multissimo tempo.

Quasi todas as maquinas de lavar estão providas de um espremedor, que funciona pelo mesmo motor que faz a lavagem, e, como essas maquinas foram creadas expressamente para o lar domestico, são todas de muito facil manejo.

Ha quatro tipos gerais de maquinas de lavar. A mais antiga é a chamada de «dolly type», como se dissessemos «tipo de boneca». Na sua forma corrente mais usual, tem uma cuba de madeira, na qual se agita uma peça semelhante na sua forma a um pequeno tamborete de três pernas. Estas pernas colhem a roupa e fazem-na girar dentro da cuba.

Outro tipo vale-se de um cilindro de metal ou de madeira, que gira alternativamente para diante e para traz por modo muito engenhoso, pois que dá certo numero de voltas para um lado; depois trabalha em sentido contrario e dá outro numero igual de voltas; e assim sucessivamente, até terminar o trabalho. Nessa agitação a agua passa pelos tecidos em diferentes direcções e arrasta comsigo toda a sujidade que possa haver nelas.

O terceiro tipo tem uma cuba oscilante na qual a roupa se mantem em constante movimento durante a lavagem, ao mesmo tempo que a agua se move em forma de ondas. Várias maquinas dêste tipo têm um pequeno forno a gaz para manter a agua quente durante a operação.

Temos, por ultimo, o tipo de embolo ou de sarção. Os embolos levantam a roupa repetidamente e baixam-na, em seguida, para dentro da agua. Um modelo dêste tipo, em vez de espremer a roupa da maneira corrente, agita-a em redor da cuba, depois de terminada a lavagem, e espreme-a.

Peça electrica complementar da lavagem, é a maquina de brunir. Na sua forma mais singela, consta de um rôlo giratorio, coberto de tela, que corresponde á superficie de uma mesa, e uma longa placa metalica que contém o aquecedor e corresponde ao ferro de brunir. A roupa que ha a brunir passa por entre o rôlo e a placa metalica e a passagem por entre estas peças é graduada automaticamente, segundo a grossura das peças em que se trabalhe. A placa metalica é aquecida por gaz, electricidade ou combustivel liquido, e a electricidade não se usa para isto, senão quando se possa obter a baixo preço.

Os primeiros tipos de maquina de brunir não podiam ser usados senão para artigos planos, como lençois, toalhas de mesa, guardanapos, colchas, lenços, etc., mas tem-se aperfeiçoado um novo aparelho, pelo qual se pode brunir á maquina muitas roupas com franzidos e pregas, com excepção de corpetes e outras peças feitas de fazendas demasiado delgadas.

O ferro electrico de brunir é um auxiliar admiravel e reclamam-no, como de absoluta necessidade, na casa domestica, tantas peças miudas ou que, por qualquer motivo, têm de ser brunidas em casa, num momento dado. A facilidade com que o ferro electrico se aquece, a igualdade com que o calor se distribue nele e a grande duração dêsse calor, tornam-no altamente vantajoso e, de todas as formas, preferivel aos antigos ferros aquecidos em fogareiros de carvão, ou em fogões de gaz, o que, por conseguinte, devem ser limpos constantemente, sob pena de se perder o trabalho da lavagem. Com o ferro electrico, a brunideira não necessita de ferros de muda, ou manter um fogão, sujo, quente e bastante mais custoso que a electricidade.

Na cozinha, a electricidade encarrega-se de esfregar a louça. A maquina de lavar pratos tem sido aperfeiçoada até o ponto de que lava, escorre e seca toda a baixela. As peças são colocadas em especies de prateleiras, dispostas de tal maneira que não permitam movimento. Entra em seguida a agua muito quente e o motor começa a funcionar e a fazer a limpeza. Deixa-se, depois, sair a agua suja para ser substituida por agua quente e limpa, o motor volta a funcionar, deixa-se sair essa segunda agua, e, pouco depois, destapa-se a maquina de lavar e encontra-se a louça já sêca pelo mesmo calor da agua com que foi lavada.

Entre as vantagens que oferece a maquina de lavar, ha duas muito importantes e são: uma, que as peças de louça não se quebram na lavagem, como tão frequentemente sucede quando o trabalho é feito pelo sistema antigo; e a outra, que a louça, depois de lavada, fica não só limpa, como tambem esterilizada pelo calor.

Ha uma maquina de lavar que presta serviços de mesa de cozinha, quando não está funcionando, visto ter um tabuleiro muito plano e esmaltado, com tal fim. Quasi todas estas maquinas se podem ligar permanentemente ao vazadoiro da cozinha.

Para aquecer a agua que se consome na casa, temos um aquecedor em que a agua circula de tal modo, que se aquece em seguida. Este aquecedor foi feito especialmente para as casas em que não ha depósito permanente de agua quente. Se se preferir manter um tanque cheio de agua quente não se deve usar o aquecedor instantaneo, ou deve-se modificá-lo e cobrir o tanque com uma manta isoladora.

A cozinha electrica oferece grandes e evidentes vantagens sobre as outras de carvão, de petroleo ou de gaz. Em primeiro lugar, é muito segura, no sentido de que não expõe a ninguem, nem impõe o uso de fosforos, propensos sempre a produzir acidentes. [illegible] e mantem em igual limpeza as caçarolas, as paredes, o tecto e o ar que se respira. Por meio de um singelo comutador pode-se regular o calor, a fim de não haver mais que o realmente necessitado. A cozinha feita electricamente sabe melhor que as outras porque os fornos são construidos de forma que o suco e aroma dos cozinhados não podem escapar. Algumas cozinhas electricas têm um regulador automatico com o qual se pode avivar a corrente ou cortá-la em periodos previamente determinados.

Outro movel de cozinha que se está tornando muito popular, é o refrigerador electrico. Por meio de um motor, que automaticamente se põe em marcha e se detem por um regulador termostatico, quando ha que pará-lo, introduz-se num sistema circulante a salmoira e qualquer outro composto quimico dos que congelam a agua. Assim se faz gelo, no que podemos chamar camara de um refrigerador de tipo corrente, e se mantem as outras partes em fresca e uniforme temperatura. O gelo é produzido usualmente em cubos convenientes para se usar em bebidas geladas. Com êste refrigerador obtem-se gelo mais barato, limpo, higienico e precisamente ás horas mais comodas.

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

Alucinação de Amor

por A. Alberto Gonçalves

Eram oito horas da noite. Já havia minutos que tinham dado no relogio da torre da velha catedral compassadamente. Nas ruas havia bastante movimento.

Dos estabelecimentos saia luz a jorros e neles entravam formosas damas que ali iam adquirir qualquer superfluidade da moda. Trens e automoveis perpassavam rapidamente. A lua scentilando, lá, no alto parecia uma lampada suspensa no étereo firmamento recamado de estrelas. Para passar alguns momentos distraido dirigia-me eu para uma Sociedade de recreio quando junto dum portal e a luz baça dum candieiro se me deparou uma scena deveras triste e desoladora: uma andrajosa mulher vestida de carregado luto, em cujas faces ainda se descobriam alguns traços de bastante formosura, aconchegava ao seio envolto num chale um pequenino ente, seu filho raquitico, choramingando, chupando nos dedos.

Dirigiu-se-me entre lagrimas e pediu-me uma esmola. Parei e condoido daquela miseria, indaguei a sua historia. Ei-la.

Contou-ma cheia de vergonha.

Havia poucos dias que saira do hospital, onde fôra dar á luz aquele que trazia ao colo, fruto da demasiada afeição com que acreditara nas fementidas promessas dum perverso, que sem coração e para saciar desejos a obrigara a abandonar o lar paterno. Primitivamente a vida fôra para ela uma verdadeira ventura, cheia de carinhos e de confortos, que bem depressa terminou depois de saber que ela estava prestes a ser mãe. Abandonada por ele, desprezada e insultada pelos que a conheciam, maltratada pelos parentes que lhe negaram abrigo e ultrajada pela sociedade veio a fome e por ultimo o catre dum hospital a recebeu. Agora feita trôpega, trapo inutil arrojado ás sargetas das ruas, acabrunhada e coberta de opróbrios implorava o obolo da caridade publica.

Uns afastavam-na com oferecimentos ultrajantes, outros riam-se com desprezo, da sua imensa dôr e desdita.

A vergonha escaldava-lhe as faces e por isso passava os dias em casa cheia de miseria e passando privações. Ninguem se apiedava do seu infortunio.

Era uma grande desgraçada, dizia, e por isso só lhe restava um expediente: abandonar o filho e procurar na morte o alivio a tanto sofrer. O pensamento no suicidio dominava-a.

Animei-a, consolei-a, e, dispensando-lhe os meus melhores conselhos tranquilizei-a. Instigando-lhe o amor maternal por aquele que trazia nos braços, suavisei-lhe o seu sofrimento e consegui que desistisse de tão sinistro projecto.

Depois... dei-lhe a minha esmola e retirei-me profundamente compadecido daquele triste viver, relembrando aqueles versos que dizem:

> Se vires a mulher perdida
> Não a trates com desdem

Decorreram anos. Nunca mais soube o que fôra feito de Teresa X... a protagonista deste triste episodio.

Um dia vi no noticiario dum jornal a seguinte epigrafe: «Depois de vilmente atraiçoado um marido mata a tiros de revolver a esposa adultera e o companheiro». Por curiosidade li.

Fôra o caso que Teresa de X..., tendo obtido a valiosa protecção de uma ilustre dama de nobre linhagem muito caridosa, conseguira ir para Braga e ali ser internada no «Colegio da Regeneração», casa de beneficencia destinada a recolher as mulheres «caidas», a protegê-las contra a prostituição, moralisando-as pela religião, pela instrução e pelo trabalho.

Esta casa cuja primitiva origem remonta ao segundo quartel do seculo XVII, o que mais tarde em 1871 teve o titulo de «Casa de Abrigo» e mais modernamente o de «Colegio da Regeneração» ensina tudo quanto é preciso para uma mulher ser verdadeiramente uma dona de casa, desde a limpeza da mesma e arrumações de moveis até aos conhecimentos mais complicados da engomadoria e da arte da cosinha, desde a fabricação de panos de linho e de algodão, de lã e de juta até á arte de costura mais simples e lavores em seda, desde o tratamento dos animais domesticos e trabalhos de tecelagem até muitas outras particularidades que seria enfadonho enumerar.

E tudo isto a par da instrução primaria e secundaria. Teresa ali fez a sua aprendisagem com grande aproveitamento. O filho morrera.

E ela tendo obtido a educação necessaria a uma boa amenagère, saiu do Colegio e casou com um professor oficial de Instrução Primaria, cidadão probo, bonesto e trabalhador.

Tudo correu a principio muito bem. Este casal era bastante feliz. A vida corria-lhe cheia de venturas e delicias.

Mas... um dia Antonio Mota começou a andar triste e pensativo. O coração presagiava-lhe um triste desenlace.

A desconfiança da infidelidade da esposa com que a torturava.

Um seu colega no magisterio de quem ele era intimo amigo já ha muitos anos e que era visita assidua de sua casa, continuou o sê-lo ainda depois do casamento do Mota. Era como que uma pessoa de familia. João Raposo, se chamava ele. Outro dizendo-se o lamigerado conquistador foi-se insinuando no animo de Teresa com o fim de tirar partido desta intimidade. Abusando da confiança demasiada que lhe dispensava o amigo não tardou muito que sob qualquer pretexto continuasse a visitá-lo ainda mesmo sabendo-o ausente. Antonio soube destas visitas frequentes e devido á muita amisade que dedicava á esposa não desconfiou dela. Porem um dia empolgado pelo [illegible] pretextando um serviço urgente comunica á mulher que vai fazer uma viagem da qual só voltará no dia seguinte e, mostrando-lhe o bilhete de caminho de ferro, sai de casa.

Tereza finge-se pesarosa, lamenta a viagem do marido, mas regosija-se intimamente com aquele ensejo propicio aos seus desejos, [illegible] cultuado em perfidas lagrimas. Chega a noite.

Era meia noite em ponto. Antonio Mota regressa a casa tira a chave que [illegible] mandara fazer com [illegible] abre sorrateiramente a porta e vai pé ante pé até junto do quarto, cuja porta estava cerrada. Ouve um cicio de vozes que o tortura. Treme. Uma violenta febre escalda a fronte as mãos crispam-se-lhe de raiva e o coração dilacerado com violencia numa dôr imensa que o acabrunha.

Escuta de novo e as frases que ouve são cada vez mais carinhosas, meigas e enternecedoras. Antonio Mota não vacila, rompe corajoso e com um brusco empurrão abre a porta do quarto lança-se resolutamente sobre os amantes e desfecha o revolver que despeja quantas balas tem. Ouve-se um grito lancinante Tereza esvai-se em sangue numa hemorragia abundante estrebucha e morre. João Raposo, tambem mortalmente ferido, é levado dentro em breve para o hospital onde chega já cadaver. Antonio Mota deverá [illegible] a forma [illegible] duma mulher [illegible] a voluptuosidade [illegible] não soube guardar intacto o pudor. Infeliz creatura [illegible] na vida [illegible] a morte!

Triste [illegible]

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

VI

Não me ocorria que ela pudesse amar outro; a piedade subjugava sempre na sua alma a aversão. Contudo ela tinha poucos amigos e vivia completamente isolada. Era apaixonada e impressionavel por natureza; mas ao mesmo tempo tivera medo das suas impressões, como se acordassem o seu coração e delas não pudesse esquecer-se, nem sequer em sonho. A's vezes, nas horas mais calmas, vi de repente lagrimas nos seus olhos como se alguma recordação penosa atormentasse a sua consciencia, inflamasse repentinamente a sua alma, despertasse a sua felicidade e a perturbasse. E quanto mais feliz parecia mais claro e calmo era o momento presente da sua vida, mais viva tambem era a sua angustia, mais penosa a crise que a atacava e fazia com que as lagrimas lhe saltassem dos olhos. Não me recordo, durante esses oito anos dum unico mês isento de tal sofrimento.

O marido parecia amá-la muito. Ela adorava-o. Mas á primeira vista tinha-se a impressão de que qualquer coisa de inexplicavel existia entre eles; havia na sua vida um misterio, pelo menos assim o julguei desde o primeiro dia.

O marido de Alexandra Mikhailovna produzia sobre mim, logo á primeira vista, uma impressão indefinida, que nunca se apagou. Era um homem alto, magro, que tinha o ar de esconder intencionalmente o seu olhar detraz das grandes lunetas verdes. Era pouco comunicativo, frio, e mesmo, «tête-a-tête» com a mulher, tinha sempre o ar de quem não acha que dizer.

As pessoas incomodavam-no visivelmente. Não me ligava nenhuma atenção e comtudo, todas as vezes que os trez nos reuniamos no salão de Alexandra Mikhailovna, para tomar chá, eu sentia-me embaraçada na sua presença. Eu olhava ás escondidas Alexandra Mikailovna e observava com pesar que ela tinha o ar de medir cada um dos seus movimentos e empalidecia se notava que o marido era particularmente grave e moroso, ou de repente corava como se esperasse ou adivinhasse qualquer alusão nas palavras do marido.

Eu sentia que lhe era penoso viver com ele e comtudo via-se que não podia viver um minuto sem a sua presença. Tinha atenções extraordinarias para com ele, a cada palavra, a cada movimento.

Tinha o ar de quem aplicava todas as suas forças em agradar-lhe, e julgava sempre não ter adivinhado o que ele esperava dela. Parecia que mendigava a sua aprovação. O menor sorriso no rosto do marido, uma palavra terna e ficava feliz como nos inicios dum amor timido e sem esperança. Cuidava do marido como se ele estivesse gravemente doente, e quando ele passava ao seu gabinete de trabalho, depois de ter apertado a mão de Alexandra Mihailovna, como se quizesse assegurar-lhe compaixão, ela transformava-se, os seus movimentos tornavam-se mais firmes, a sua conversação mais alegre. Mas uma certa mortificação ficava pela ainda muito tempo depois do marido ter saido. Então começava a rememorar cada uma das suas palavras para bem as avaliar. Muitas vezes dirigia-se-me para saber se as tinha compreendido bem, se Pietro Alexandrovitch as tinha exprimido desta ou daquela maneira. Parecia-lhe que procurava dar um outro sentido áquilo que ele disse, e somente no fim d'uma hora é que socegava, convencida emfim que ele estava muito contente com a mulher e que em vão ela se apoquentava.

Tornava-se logo boa, alegre, ria comigo, sentava-se ao piano e improvisava durante horas.

Mas muitas vezes a sua alegria desaparecia de repente, começava a chorar e quando eu a olhava então, toda perturbada, ela dizia-me logo em voz baixa, como se julgasse que eu não a entendia, que não era nada, que estava muito alegre, que não devia inquietar-me por sua causa.

Na ausencia do marido começava a inquietar-se, mandava saber o que ele fazia, perguntava á criada de quarto porque tinha dado ordem para preparar o trem, onde queria ele ir, se estava doente, alegre ou triste, o que tinha dito, etc.

Nos seus negocios e ocupações não usava intrometer-se. Quando ele lhe aconselhava alguma coisa ou lhe dirigia um pedido, escutava-o com uma tal submissão, com tanto medo, que dir-se-hia uma escrava.

Sentia-se feliz quando ele lhe dirigia um cumprimento por um livro, um objecto, uma qualquer obra manual; ficava como doida de alegria.

Mas a sua alegria era infinita quando, por acaso, o que sucedia muito raramente, ele acariciava as duas crianças. A sua cara transformava-se brilhava de felicidade, e em taes momentos lastimava essa alegria desmedida diante do marido. Ela tornava-se tão feliz que de repente, sem o convite do marido, propunha-lhe timidamente e com a voz a tremer, para escutar um novo trecho de musica que recebera, ou a sua opinião sobre um livro, ou até ler-lhe duas ou trez paginas dum livro que lhe causara viva impressão.

Por vezes o marido aquiescia voluntariamente a estes desejos e até lhe sorria com indulgencia, como a uma criança mimosa, a quem não se quer recusar um capricho bizarro, com medo de a entristecer ou perturbar a sua inocencia.

Não sei porquê sentia-me revoltada até ao fundo da minha alma, com este sorriso, com esta indulgencia hipocrita, com esta desigualdade entre nós. Calava-me, continuamos, limitando-me a observar atentamente o que se passava com uma curiosidade infantil, mas tambem prevendo o futuro profundamente.

Outras vezes notava que ele de repente se calava, como recordando-se involuntariamente de qualquer coisa de terrivel, de doloroso, de irremediavel. Instantaneamente o sorriso indulgente desaparecia, os olhos fixavam-se na mulher intimidada com tal compaixão que me fazia tremer, e agora vejo que se essa compaixão se manifestasse comigo, ficaria humilhadissima.

Nesse momento a alegria desaparecia da cara de Ana Mikailovna. Cessava a musica ou a leitura, ela empalidecia, mas continuava e calava-se.

Seguia-se um momento de embaraço, um minuto angustioso que ás vezes se prolongava por muito tempo.

O marido punha-lhe termo. Levantava-se do seu lugar como se quizesse reprimir em si o despeito e a emoção; dava varias voltas no quarto sem dizer uma palavra, depois apertava a mão á mulher, suspirava profundamente e visivelmente perturbado, depois de algumas palavras breves, em que se percebia o desejo de a consolar, saia.

Alexandra Mikailovna ou chorava perdidamente ou caia numa longa tristeza.

Muitas vezes ele abraçava-a como se faz a uma creança dizendo-lhe adeus, e ela recebia a sua benção com lagrimas de reconhecimento. Eu não posso esquecer algumas scenas (duas ou trez em oito anos) que tiveram lugar em nossa casa. Ana Mikailovna, parecia então uma outra mulher. A colera, a indignação, apresentavam-se na sua cara, ordinariamente tão suave, substituindo a sua eterna humildade, e a adoração pelo marido. A's vezes a questão preparava-se durante uma hora. O marido tornava-se mais silencioso do que de costume e por fim o coração martirisado da pobre mulher não se continha mais.

(Continua)

Banco Colonial Português

CAPITAL AUTORIZADO ESC. 100.000.000$00
CAPITAL REALIZADO ESC. 10.000.000$00

SÉDE—LISBOA—RUA AUREA, 175 a 191

Telegramas PROCOLONIA — Telefones C. 5220-5221-5470

Sucursais na Africa Ocidental e Oriental--Correspondente no Brasil BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Correspondente no Porto PINTO & SOTTO MAYOR
Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas adjacentes e em todas as praças estrangeiras

Emissão de Esc. 10.000.000$00

(Deliberada nos termos dos artigos 5.° e 19.° dos estatutos, tomada firme, e especialmente destinada ao alargamento de sucursais nas colonias portuguesas e seu estabelecimento nas ilhas adjacentes)

A emissão será de 100:000 acções no valor nominal de Esc. 100$00 cada acção, com direito ao dividendo integral de 1922.

As acções serão oferecidas á subscrição publica, com preferencia dos actuais acionistas, ao preço de Esc. 135$00.

Os actuais acionistas teem direito a 50 % da emissão, ou seja; por cada duas acções antigas, o direito a subscrever uma das novas pelo preço de Esc. 125$00.

Apresentarão no acto da subscrição as antigas acções para lhes ser aposta a declaração de que «usou do direito de preferencia na 2.ª emissão».

O pagamento será feito pelos subscritores da seguinte forma:

Actuais acionistas:		Não acionistas: (com preferencia destes)	
1.ª prestação (no acto da subscrição) até 21 de Março	25$00	1.ª prestação (no acto da subscrição) até 21 de Março	25$00
2.ª » (no acto da repartição) até 30 de Abril	25$00	2.ª » (no acto da repartição) até 30 de Abril	25$00
3.ª » até 31 de Maio	25$00	3.ª » até 31 de Maio	25$00
4.ª » até 30 de Junho	25$00	4.ª » até 30 de Junho	30$00
5.ª » até 31 de Julho	25$00	5.ª » até 31 de Julho	30$00

Os subscritores terão a faculdade no acto da repartição de liberarem as acções que lhes couberem definitivamente ou de adiantarem o pagamento de quaisquer prestações, mediante o abono do juro de 6 % anual.

A subscrição está aberta em Loanda, Benguela, Cabo Verde, Lourenço Marques, Moçambique e Inhambane nas sucursais do Banco Colonial Portuguez.
NO BRASIL: Na séde e nas agencias do Banco Portuguez do Brazil.
No Porto: Na casa Pinto & Sotto Mayor, Praça da Liberdade.
Nas provincias: Em todos os correspondentes do Banco Colonial Portuguez e da casa Pinto & Sotto Mayor.
Em Lisboa: NA SÉDE DO BANCO E NA CASA PINTO & SOTTO MAYOR.
LISBOA, 14 de Março de 1922.

OS DIRECTORES
José Francisco da Silva
M. M. Augusto da Silva Bruschy
Henrique Augusto Ferréira.

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS
Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada
Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bié), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 864 C.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS
LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24
PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32
Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias
Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.
Usines Beduwé S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressóres
Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas
Badal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte
Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios
Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque
Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, produtos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°
Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n.° 16
Armazens — Poço do Bispo, n.° 29

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.° — Na Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: Em Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: No Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruoa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4029 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 17 de Março de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Praça 10 centavos

O maior dos crimes

Insistimos. As revelações do sr. ministro das Finanças feitas em pleno parlamento sobre a assombrosa drenagem do oiro, criminosamente efectuada durante o periodo da guerra e na epoca, que estamos atravessando, de, em que as suas fatais consequencias tanto se fazem sentir, devem a estas horas ter ecoado no paiz inteiro, provocando na consciencia nacional a mais profunda indignação.

Ponhamos a questão nos seus termos. No drama que se está desenrolando, drama que podemos considerar universal, e em que a parte que nos afecta não é certamente das menos tragicas e dolorosas, o papel mais horrivel não é talvez o dos politicos, os dos generais, o dos grandes figuras que provocaram a guerra, ou lhe imprimiram, com a sua crueldade uma nota contristagente de tortura, levada a proporções pavorosas. Não! Aqueles que que se aproveitaram desse cataclismo para dele extrairem uma opulencia abominavel, os que gozaram com a dor alheia, os que trataram os seus concidadãos peor do que os tratavam os inimigos, porque infelicitaram os seus lares, fizeram acentar a miseria nas suas casas, comprometeram por longos anos o futuro da sua patria, esses são os mais execraveis monstros a que deu origem a fatalidade da guerra. Em toda a parte surgiram mas talvez em parte nenhuma procedessem mais infamemente do que entre nós.

Assim, pois, emquanto os nossos soldados se batiam, emquanto a Republica efectuava um dos maiores esforços que a nossa historia regista para honrar uma aliança tradicional e sagrada e prestigiar o nome de Portugal perante o universo; emquanto milhares de familias escondiam as lagrimas porque tinham entes queridos nas trincheiras, sugeitos, a cada instante, a uma morte afflictiva, e uma sociedade inteira se resignava a toda a especie de privações, aceitando as dificuldades da vida em epoca de tamanha agitação e tão inevitavel anormalidade, — creaturas sem alma, sem patriotismo, sem brio, não pensavam senão explorar este pobre povo, em arriscar o futuro duma patria, que era a sua, em preparar uma situação que só providencialmente ainda não produziu uma subversão social, fazendo subir espantosamente o custo da vida, e indo, em seguida, colocar lá fóra, de maneira que nenhum desemjogo desse á economia nacional, o dinheiro por essa forma vergonhosamente extorquido á fortuna do paiz!

Dificilmente se pode conceber uma malvadez maior. Malvadez hedionda sôbre todos os aspectos por que se encara; malvadez convicta da impunidade; mais ainda, certa e segura da riqueza assim desviada da sua natural função.

São 80 milhões de libras, arrancados á economia portuguesa; são dos milhões de contos, um verdadeiro Niagara de ouro que nos podia ter salvo da miseria em que nos debatemos, das agitações em que nos temos envolvido, dos perigos que teem ameaçado a ordem social e a propria segurança da nacionalidade.

Não! Com semelhante gente não pode haver contemplação de especie alguma. São autenticos traidores á patria! Excelente seria que conhecessemos os seus nomes para os estampar em postes de ignominia. Não se trata duma questão politica: trata-se duma questão nacional, quasi diriamos duma questão de humanidade, porque esses milhões de libras, desviados do paiz, tem produzido milhares de sofrimentos, de dores! Que ao menos a consciencia dessa gente, se ainda á sua vez ela não se tornou inteiramente surda, lhe clame a sua indignidade, o seu monstruoso crime!

O Egito e a independencia

LONDRES 17 — Segundo telegramas recebidos do Cairo, a noticia da proclamação da independencia do Egito foi recebida ontem de tarde e imediatamente comunicada ao sultão. Este mandou uma carta ao primeiro ministro comunicando-lhe o facto e dizendo-lhe que ia assumir o titulo de rei do Egipto. O sultão acrescentou «Tomo Deus e a nação por testemunhas que empregarei todos os esforços para trabalhar para o bem e felicidade do meu amado paiz».

O rei dará [illegible] a sua primeira audiencia no sabado, dia que será, provavelmente, considerado feriado [illegible].

Salvas de [illegible] tiros no Cairo, Alexandria e Port Said e de 21 nas capitais das provincias anunciarão a proclamação da independencia.

A parte moderada da população recebe com satisfação a noticia da independencia. Os extremistas, contudo, fizeram algumas manifestações, quebrando candieiros e arrancando [illegible] — (H.)

QUESTÕES DE ENSINO

AS ESCOLAS INDUSTRIAES E O SEU ESTADO ACTUAL

O QUE NOS DIZ SOBRE UMA PROVAVEL REFORMA, O SR. MARQUES LEITÃO, DIRECTOR :—: DA ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL :—:

Nós, portugueses, somos, de todos os povos latinos, talvez os mais espe-culativos e, assim se compreende que nos tenhamos deixado seduzir pela escola francesa, não a adaptando no que ela tem de louvavel, antes copiando, ou melhor, parodiando o que ela tem de prejudicial para nós.

Eivada de um espirito, assaz exagerado, de classicismo, que longiquas eras souberam fossilisar, desprezamos os ensinamentos praticos de outros povos que se encontram hoje na vanguarda da civilisação, como os da Zona Baltica, inglezes, alemães e americanos, para lançarmos mão de outros meios que não nos podem perfeitamente preparar para a luta da vida.

E' na instrução profissional que reside principalmente aquilo que o nosso amavel entrevistado, sr. Marques Leitão, director da Escola Marques de Pombal, chama muito propriamente os alicerces de uma sociedade de homens que querem compreender o seu papel como elementos sociais. Foi assim que, salvo varios obstaculos criados pela guerra, muitas outras nações conseguiram, se não gosar uma tranquilidade economica perfeita, pelo menos terem a certeza de conterem no seu seio com elementos sociais, criados á custa de uma preparação profissional admiravel.

O Ensino e a educação das profissões no nosso paiz não é o que devia ser, dahi o ter-se pensado varias vezes, como agora, segundo parece, em reformar as Escolas Industriais.

* * *

Uma entidade estava indicada, como nenhuma outra, para fornecer á «A Capital» alguns esclarecimentos sobre o estado actual das Escolas Industriais: referimo-nos ao habil pedagogista sr. Marques Leitão.

Conheciamo-lo do seu nome figurar como autor de admiraveis compendios de desenho pelos quais algumas vezes orientamos os nossos discipulos e tambem, de ha muito privavamos no nosso conceito com a sua autoridade incontroversa em assuntos tais como o que estamos abordando.

Quando nos dirigimos á Escola Marques de Pombal não encontramos lá o distinto professor e deliberamos então não deixar de o ouvir sobre tão interessante problema, pelo que nos resolvemos ir procura-lo á sua residencia.

Entramos e logo o ambiente nos dispoz de maneira a não recearmos se não o que era de esperar do simpatico professor. O aspecto belico das paredes, tanto do vestibulo como do seu gabinete, pelas armas e alfaias guerreiras que as guarneciam, conjugava-se, a ponto de perder o seu ar de ferocidade, admiravelmente, com a Arte revelada nalguns quadros, aguarelas, estatuetas, etc.

Passados momentos, quasi com o rosto oculto por uma capa, recebenos o sr. Marques Leitão, acompanhado de uma impertinente constipação que justificava a sua atitude friorenta. Depois da apresentação protocolar perguntamos-lhe:

—O que consta a v. ex.ª sobre uma provavel reforma das Escolas Industriais, da autoria do sr. ministro do Comercio?

O sr. Marques Leitão mostra-se se não atonito, pelo menos admirado com a nossa pergunta e, sentando-se a uma mesa pequenina, de pau santo, em frente dos seus livros, com quem convive muito, diz-nos.

—Mas... não me consta reforma nenhuma, nem mesmo suponho que o sr. Lima Basto tenha esse projecto em mente; demais, ele precisará, previamente, de consultar para isso o Parlamento.

Aproveitámos, segundo era nossa atenção, para que o nosso amavel entrevistado nos dissesse alguma coisa sobre o Ensino Profissional.

—Precisarão as escolas industriais de ser reformadas? O que nos diz v. ex.ª sobre o seu estado actual?

—Reformas existem muitas em materia desse Ensino, bastava que elas não passassem do papel, de uma maneira muito simples, pondo-as em execução. Entre elas a de 1864, 1901 e 1918, revelando todas já um suficiente espirito moderno. Se conseguissem pôr em execução a letra da reforma de 1864 era já uma coisa interessante.

O que faltam são os elementos para que possamos dar o desenvolvimento ao que já temos. Por exemplo, os chamados, dentro do Ensino Profissional, cursos de aperfeiçoamento deixam muito a desejar. Assim, as escolas industriais são frequentadas por aprendizes ou operarios que procuram esses cursos do aperfeiçoamento mas que encontram certos obstaculos pela sua má preparação no ensino primario, tornando-se necessario, desta maneira, aprender na Escola, os preliminares, aritmetica, geometria, etc. sem os quais lhes é vedado o conhecimento de Mecanica, de Fisica, de Quimica Industrial, etc.

Concordámos plenamente, dando força ás afirmações do sr. Marques Leitão quando se referiu ao pessimo Ensino Primario, que ele não pode admitir tal qual se encontra. E' contra os exames de admissão aos liceus. O Ensino Primario é por assim dizer, na sua opinião, o alicerce de uma habitação, sem o qual não se poderá construir o grande edificio que é a instrução geral, no nosso caso a Profissional.

—Operarios de «élite»? — continua o amavel professor — não os podemos ter. Como podemos nós conseguir que um operario se especialise, nos cursos de aperfeiçoamento, em turbinas, por exemplo, motores, etc. se não temos professores por sua vez especialisados, devido ao nosso espirito pouco pratico? Isso é bem para o estrangeiro que convida, para um certo numero de lições, um professor dessa especialidade que vem, atraido tambem por uma remuneração condigna, periodicamente ensinar um numero, embora limitado, de alunos.

O director da Escola Marques de Pombal, — a melhor do paiz no seu genero — após o nosso assentimento ás suas asserções, fala-nos agora da falencia intelectual, não só em Portugal, mas em toda a parte, e, a proposito, lê-nos uma passagem de uma revista francesa, em que nos acentua a falta de capacidades intelectuais que a guerra subverteu. Diz-nos ainda o ilustre professor haver hoje nas escolas mais uma categoria de alunos — a dos mal alimentados — aqueles, coitados, cujas circunstancias economicas em que vivem são tão precarias que lhes tira as necessarias faculdades de estudo.

Falamos ainda sobre varios aspectos da educação que se prendem todos eles com o assunto do nosso interesse e voltamos de novo, por uma impertinencia nossa ao principio da questão.

—Não é v. ex.ª da opinião de que falta muito ás Escolas Industriais a assistencia financeira?

—A assistencia financeira, é, naturalmente, necessaria, como em tudo, mas não é devido á sua falta que tem peorado o nosso ensino profissional. Busquemos o motivo na vontade, na dedicação, em todos estes elementos que valorisam os resultados que com eles se obtêm.

Foi com uma impressão agradabilissima que nos despedimos da extravante amabilidade do nosso entrevistado que nos prometeu atender de novo, se de facto se pensar em reformar o Ensino Profissional.

* * *

Lembramo-nos neste momento de uma tentativa de atração ás Escolas Industriais, segundo a reforma de 1918 do sr. dr. Azevedo Neves, se não estamos em erro, cujo espirito era afastar da instrução secundaria essa formidavel avalanche de estudantes dos liceus que não chegam a passar, na sua maioria, do terceiro ano.

Urge, não reformar as escolas industriais, como muito bem diz o sr. Marques Leitão, mas intensificar o ensino de maneira a executar, ou por outra, a preencher totalmente pela sua execução o diploma actual. Estamos certos que as Escolas Industriais teriam uma frequencia mais seleccionada e que presenceariamos, alem do descongestionamento dos liceus, a utilisação pratica dos alunos que por elas saissem diplomados.

No nosso entender, como no do director da Escola Marquez de Pombal, lucrariamos apenas com uma dictadura pedagogica duradoira que pozesse no seu devido lugar aquilo que inumera papelada tem afastado.

GOLPE DE PRETO

Na ante-camara de certo ministro continua a fazer-se a intriga da redação forcada de paginas de jornais diarios

Noticiámos ha poucos dias que se moviam influencias junto do Governo para ser decretada a restrição no gasto do papel de imprensa por meio da regulamentação coerciva do numero de paginas dos jornais diarios. Recordamo-nos que, no dia seguinte, alguns jornais se referiram ás estranhas manobras dos derrotistas da imprensa, clamando contra elas e não admitindo, nem por simples hipoteses, que se regressasse, agora que estamos em paz, aos tempos calamitosos da guerra. Pois insistimos na noticia, que, aliás, não foi desmentida oficialmente. Sabemos que, junto de um membro do Ministerio, se tem feito diligencias no sentido de se decretar a redução e, dizem-nos tambem (o que é peior e constitue uma ameaça...) tais manobras são complacentemente acolhidas.

Não pode ser. E não será. Se o Governo quere enveredar pelo caminho da pancadaria de cego, abrigando-se á sombra protectora da cumplicidade dos partidos, não pode contar com o apoio da opinião republicana, que vale mais, imensamente mais, que a coesão partidarista, que, em boas contas, não existe senão pela convenção de se não dizer a verdade, ou, pelo menos, toda a verdade.

O Governo tem obrigação de declarar á imprensa se projecta ou não projecta oprimir-nos com providencias injustificaveis. Nesta questão de gasto de papel pelas empresas jornalisticas só pode haver este criterio: quem não pode, arreia! E nós temos especial autoridade para assim falar, porque somos um jornal que não vive senão do favor justo, crivo da opinião republicana. A redução de paginas não nos afectaria, evidentemente. Se nos revoltamos contra tão (como diremos?) tão inintelligente idéa, é sómente pela repugnancia que nos causa que na Europa e no mundo inteiro venha a existir um paiz onde, em plena paz, se pratiquem atentados contra o censo comum.

Supomos que o Governo se apressará a dar satisfação á reclamação de esclarecimentos que aqui deixamos formulada.

A premiére de amanhã em S. Carlos

A VIDA

pela companhia Alves da Cunha

E' amanhã que reaparece no teatro de S. Carlos, com um original português — *A Vida* — a companhia Alves da Cunha. Depois da catastrofe que reduziu o velho Ginasio a um montão fumegante de escombros, Lisboa viu-se privada de um dos seus teatros preferidos e de um dos actores a quem ela hoje dedica a mais viva simpatia e mais viva admiração: Alves da Cunha. O interprete admiravel de *A Garra*, cujo perfil tem, por vezes, visto de relance, um não sei quê de Zaconi, é hoje, no teatro português, uma das figuras que marca. Pois bem. Em volta dessa figura agrupam-se — como poucas vezes tem sucedido de ha tempos para cá — um nucleo de artistas cultos e inteligentes, entre os quais nos permitimos recordar os nomes de Angela Pinto, Berta Bivar e Samwel Diniz. O reaparecimento de Alves da Cunha seria, em qualquer hipotese, no meio teatral, um facto de sensação. Mas o facto desse reaparecimento se efectuar com uma peça nova, portuguesa e para mais de um novo escritor que enceta os seus passos na literatura dramatica de hoje — empresta-m a esse facto uma dupla curiosidade e uma dupla espectativa. O que é a peça que se estreia amanhã? Quando ontem interrogámos, no palco de S. Carlos, no intervalo de um ensaio, o seu autor [illegible] escusou-se [illegible] e escondeu-se no seu proprio silencio. Foi Alves da Cunha que nos disse, cinco minutos depois.

— O que é a peça? Um episodio curioso girando em volta de um [illegible] que é [illegible] um politico... Contar-lhe esse episodio? Seria [illegible] toda a [illegible]. E melhor não.

— O seu papel?

— Peço-lhe que não fale de mim. Tenho feito o que posso, com sinceridade, pelo menos. Veremos o que diz a critica e o publico.

— E os seus colaboradores?

— Compreende. Todos êles têm emprestado a esta peça o seu talento e a sua boa vontade. Não esqueço Angela, Berta e Samwel todos... E o Araujo Pereira, conhece-o? Devemos-lhe muito. Se a peça fôr um sucesso, não o devemos esquecer, não...

Despedimo-nos e ficámos aguardando a noite de amanhã.

A CORTAR NA

"Casaca encarnada"

(IMPRESSÕES DA NOITE DE HONTEM NO POLITEAMA)

A peça da «Casaca Encarnada» que se desdobrou ontem no Politeama é um artigo de 1.ª qualidade, fino, nacional, que não distingue nem distingue a não ser o seu autor.

* * *

A sintese do 1.º acto da «Casaca Encarnada» pode ser, um pouco futuristicamente, arranjada assim: «Companhias de seguros contra sonatas de Beethoven».

* * *

A peça toda tem tambem o seu pano de anuncio, outra sintese:

Cambiais e papeis de credito,
A. Pinto Junior.

* * *

A grande actriz Lucinda Simões, ontem e todas as noites, quando dirige os trabalhos duma «premiere», toma o aspecto agressivo de certos vendedores de perus, correndo os bandos de «hommes á coulisses», galinaceos mais ou menos de mono ... cado.

* * *

J. de F. distinto critico teatral, não poude ontem ouvir a peça. Segundo nos disse numa frisa estava instalado um «jazz band»: uma senhora que se abanava, um homem que tossia e uma menina que desembrulhava rebuçados.

* * *

Logo que acabou o 2.º acto um nosso colega de redação, correu como um louco ao palco á procura dos Bocacendos e da cantiga de prego, de que toda a gente se esqueceu.

* * *

O presente de Macedo e Brito a Erico Braga foi um monumental espelho de «toilette» em prata cinzelada e que se lança aos leitores como uma charada a premio: Foi dado por Macedo e Brito, pertencera ao pai de Erico Braga, vale um conto de reis e foi vendido por 12 escudos.

* * *

Evaristo Fernandes e sua filha D. Carusoa reconciliaram-se com carnes frias no «Garrett». Madame Schubach, a picante Schubach, tambem lá foi aos «mixed-pickles», e a verdadeira sonata do Evaristo foi a sonéca no hotel Borges.

* * *

Constava nos corredores que o sr. A. d'A. tinha arranjado um fecho melhor para a peça. Note-se que este A. d'A. que por acaso está zangadissimo com o outro A. d'A., não é o conhecido critico.

O nosso ilustre colega A. B. assistiu á representação nas abas da «Casaca». Nunca caio dos bastidores, com tiros o sobretudo.

* * *

Muita gente reparou com a patriotice do sr. Victoriano Braga. Um homem arruinado por dois contos de reis é tão inverosimil, como... a mesma familia estar embaraçada por trezentos escudos, contando-se numa mobilia Luiz XVI do valor de contos de reis. Que diabo, um zero á direita aumenta o valor de quantia e neste caso o valor da realidade.

* * *

A grande confraternisação de «Garrett» esteve muito alegre, o sobretudo muito quente na altura das carnes frias.

C. A., o interessante critico teve uma apoteose á entrada, a que não foi inteiramente estranho o Serra d'Aires — sem piada aos scenografos.

* * *

O nosso critico, instalado na fila O, estava muito preocupado com a tese da peça: Tratava-se de demonstrar que todos nós, maus musicos e rasoaveis negociantes, andamos deslocados na vida? Mas então como se explica, na vida da peça, e nestas peças da vida, que haja bons dramaturgos, fidalgos licenciados, e empregados efectivos com grande cotação, e sem fazer de si alarde?...

* * *

Na fila I' o nosso amigo M., dormia de Veras, durante todo o 3.º acto.

* * *

O critico J. P., na frisa C, explica que o dito á condessa X, não é com a baroneza W. e até já o Dumas, etc. etc. etc. etc.

* * *

«A mais interessante cabeça masculina da sala era sem duvida a de A. de A. Uma dama monarquica queria por força que ele fosse um poeta ingles, e fartou-se de o apontar como tal.

E' o que se chama fechar a noticia com chave d'ouro...»

Escola-oficina n.º 1

Nesta escola, de ensino gratuito e tão belas tradições pedagogicas, sita no Largo da Graça, 58, está aberta desde hoje a inscrição para alunos de ambos os sexos, desde os 5 aos 7 anos, quer para ingressarem nas duas classes infantis que, depois de uma larga interrupção, motivada por circunstancias economicas, recomeçam a funcionar — quer para serem admitidos nas classes ordinarias dos cursos profissionais em geral.

Aceitam-se tambem, fora dessas idades, quaisquer educandos ou educandas que pretendam só frequentar certas aulas e que possam concorrer para o custeio de uma parte das suas despesas.

Ginasio Club Portugues

SARAU DA MI-CARÉME

Teem decorrido muito animados os preparativos para este sarau, que deve ter logar no proximo dia 25 do corrente.

Está definitivamente elaborado o respectivo programa, cuja novidade deve constituir um sucesso, por ser a primeira vez que se realiza neste club idêntica festa.

A Comissão organisadora é composta dos srs. Frederico Hopffer, Luiz Buiala Worm Junior, Henrique Teles, Humberto Vasques, Albano dos Prazeres, João Carlos Castelar, J. Neuparth Vieira e Alex. da Cunha.

O' inquilinato

(caricatura de Eduardo de Faria)

— Tem uma sala reservada?
— Isso sim. Bem se vê que o senhor não sabe [illegible] de casas que ha na cidade...

O que o grande poeta Guerra Junqueiro pensa da pena -:- de morte -:-

Sobre o magno problema da pena de morte, entrevistou um nosso colega do Porto o eminente poeta Guerra Junqueiro. E' essa entrevista que damos a seguir.

No momento em que tão debatida está sendo em Portugal, a pena de morte, a opinião de Guerra Junqueiro a tal proposito, não pode deixar de ser considerada oportuna e vantajosa.

O grande poeta, a despeito dos seus [illegible], pensa [illegible]. O pensamento é o alimento [illegible] e reconfortante [illegible] espirito.

[illegible]

E' natural o nosso empenho em saber o que o grande poeta e filosofo pensa ácerca do restabelecimento da pena de morte em Portugal.

Fomos encontrá-lo na sua galeria de arte, rodeado de livros e papeis, tendo pela esposa modelar e dedicada, cujos carinhos [illegible] os dias do septuagenario pensador.

A' nossa primeira pergunta, observa-nos logo que a questão é complexa e não pode ser sumariada numa breve resposta.

O seu brilhante espirito de [illegible] leva-o, porém, a esta formula concreta:

— Temos passado tantos anos sem a pena de morte em Portugal, para que restabelecê-la?

Em seguida, Guerra Junqueiro evocando [illegible] teorias [illegible] demonstra-nos que as leis têm de acomodar-se aos modos de ser dos povos.

— Pelo facto de existir a pena de morte em França e em Espanha, ha de seguir-se que ela deva existir em Portugal? — observa o grande pensador.

As diferenças de Ceio são sensiveis, e, para melhor o acentuar, chama a nossa atenção para as consequencias dos conflitos de ordem social. Em Barcelona, por exemplo, esses conflitos produziram centenas de vitimas; em Lisboa têm produzido apenas algumas.

Em tais condições, — conclue — [illegible] de repressão podem ser identicas nos dois paizes? De modo algum!

Dito isto, Guerra Junqueiro divaga sobre as suas teorias, denunciando que o seu espirito, sempre moço, se compraz em atacar os mais elevados e complexos problemas filosoficos.

Citando-lhe nós a frase atribuida a Victor [Hugo] relativa a ter sido Portugal o primeiro Estado que incluiu nos seus Codigos a abolição da pena de morte. *Não ha pequenos povos: ha pequenos homens*, Guerra Junqueiro declarou-nos não admitir em toda a sua universalidade a doutrina do grande poeta francês. Em seu parecer os povos, grandes ou pequenos [illegible] possuir as suas [illegible] que mais se acomodem ao seu modo de ser. Fora disso, só verdadeiras anomalias se produzem.

Encantados com a dissertação do eminente pensador, que na leitura penetrante de revistas acompanha o movimento scientifico e literario em todo o mundo, quedamo-nos a pensar que ha organismos privilegiados nos quais pode [illegible] pelos anos [illegible].

[illegible]

Recenseamento eleitoral

Acham-se patentes para exame e reclamação dos interessados desde o dia [illegible] 23 do corrente inclusive das [illegible] ás 17 horas nas Administrações dos bairros e nas sédes das Juntas de freguezia, os cadernos do recenseamento eleitoral do corrente ano.

Policlinica de Alcantara

Abre na proxima segunda-feira na Rua da Torre da Polvora 6 (á esquina da Calçada da Pampulha) a Policlinica de Alcantara que vai prestar áquele populoso bairro excelentes serviços. Os medicos que trabalham nela são dos mais distintos e competentes.

Aos que realisam o novo empreendimento desejamos as maiores felicidades.

TEATRO

Peça

Um original portuguez, repeti-lo não cansa, é para nós, sempre, um motivo de alvoroço.

Aqui saudámos com veemencia o «Ninho de Aguias», «Os Lobos», «Os Sedutores», fomos o maior de incentivos aos nomes que firmaram a «Zilda», ao esperançoso autor do «Emigrantes». Precisamos de criar o nosso teatro, os nossos dramaturgos, precisamos de amparar e ser portuguesos para as obras portuguesas.

Vitoriano Braga é um dos nomes que o nosso teatro já conhece pelas obras realisadas. O seu nome aparece sempre que se fala na geração actual de dramaturgos, e qualquer que fosse o trabalho apresentado não deixaria de ser um valor, um valor construtivo; ainda ha pouco «O Conselho da noite» caiu desastrosamente sem tocar no nome do autor. Logo em seguida á derrocada surgiu o nome em que se alvejava a desforra, «A Casaca encarnada».

Depois iniciou-se um reclame que, é fatal dá sempre efeitos contraproducentes. «A Casaca encarnada» era anunciada a meia voz como uma peça extraordinariamente bela, ora se recordava Ibsem, ora a filiavam na dramaturgia bernsteiniana. Afinal, a «Casaca encarnada» por duas vezes em risco de sossobrar na calorreira sintomatica duma plateia de amigos [illegible] tem de grande, de extraordinario.

[illegible] duas palavas diz-se o entrecho donde se ressaltam logo as falhas que o dramaturgo improvidentemente e não por falta de talento deixou a descoberto.

Um ambicioso, destes que fundaram tantas companhias de seguros dissipou em seu proveito os fundos da companhia.

Não se sabe ao certo se Evaristo Fernandes é inteligente ou sequer esperto. Tem com certeza os necessarios requisitos para ser elevado ao cargo de confiança que ocupa: mas não garantindo o futuro da sua vida particular para a reforma, aparece-nos no primeiro acto, como um desiquilibrado, de gaforina hirsuta, e sem o menor tacto do homem de acção, ambicioso, triunfador que a peça talvez procura atingir.

Como é um amador de piano, por rivalidade artistica despediu o seu guarda-livros D. Diogo Alardo, dramaturgo nas horas vagas e que ama a filha do seu antigo director.

Conhecendo Alardo os seus adeantamentos vê-se que não é ainda este um acto de boa inteligencia. Em virtude da demissão vai realisar-se uma assembleia geral na qual Evaristo não ficará bem colocado.

A filha vem ao escritorio pedir-lhe que readmita Alardo e telefona-lhe para que ele venha ali. Entra tambem um tal Manuel Pereira, que sabendo do estado precario da companhia diz ao Evaristo que tem lá um lugarsinho no «jazz-band» dum club que anda a construir e uma casaca encarnada para ele vestir mediante 480 escudos por noite; e vai-se embora. Nova visita, agora a de uma mulher comerciante, M.me Schoubach, que, sendo «dame d'affaires» lhe agradece ter despedido o Alardo, visto estar apaixonada por ele; vem propor-lhe que o ajudará para o futuro se Evaristo arredar da ideia de sua filha Maria o amor pelo Alardo. E sai.

Quando o antigo empregado entra já Evaristo modificou a opinião. A entrevista é curta e violenta; voltam os agravos, volta o homem pianista director da companhia de seguros a discutir arte com o dramaturgo empregado de escritorio. E quando se vai realisar o conselho de direção, Evaristo encontra-se sosinho, exasperado, alucinado a ditar a acta duma sessão a que só ele assistiu. Assim termina o 1.º acto.

O 2.º passa-se em casa de Evaristo. O Pereira vem dizer-lhe que o homem do piano se despediu e ou ele Evaristo vai tocar ou lhe exige os 2 contos e quatrocentos que lhe emprestou, deixe as musicas para ele ir estudando.

Depois vem o escriturario da companhia com um agiota buscar 300 escudos, tambem emprestados. O homem quer um valor qualquer, e Maria vê-se obrigada a mandar empenhar um anel que lhe deu Alardo.

Alardo vai aparecer. Vem a casa do seu inimigo para falar á filha, dizer-lhe que a ama apesar de tudo. Quando ela lhe vai entregar o anel repara desoladamente que já o não tem. Não pode sequer explicar-se porque entra neste momento a M.me Schubach e o pai. Ambos ao verem Alardo ali, ficam surpreendidos. Logo que ele sai M.me Schubach dirige frases insinuosas, revoltantes á pequena enamorada. Logo que fica a sós com Evaristo, dá-lhe a escolher, ou ficar na miseria ou partir para o Brasil levando 12 contos. Quando ele aceita surge Maria que escutou atraz da porta e se revolta contra aquela venda.

Ela não irá. Joga-se naquele momento a personalidade de Alardo. M.me Schubach sai e Evaristo atira-se ao pescoço da filha. Um ataque do coração prosta-o. Depois ve-se a calma e já noite fechada, dirige-se ao piano onde começa tocando o «Hindustan». De traz da porta aparece um vulto negro que lhe vem colocar sôbre os hombros a casaca encarnada.

No 3.º acto estamos num club. O club de Manoel Pereira. O sexteto toca num «cacifo» da parede. O Pereira dá ordens ao gerente; realisa-se ali ao lado um jantar de homenagem ao Alardo. Ele vem *naturalmente* cá fóra, conversar com a Schubach. Ela que agora o colocou como gerente da sua casa, diz-lhe para o ir visitar no dia seguinte, ele recusa. Anunciam-lhe um velho criado a quem ele marcou entrevista no club. Alardo quer-lhe pedir um logar na casa do Porto, porque o criado, leva um filho que enriqueceu e lhe deixou uma fortuna. Nisto acaba o jantar. Meios ebrios, vem fazer uma saude ao Evaristo que está tocando de casaca encarnada; este levanta-se despe a libré ignominiosa, revolta-se, e tendo um ataque morre, ouvindo a promessa que o Alardo faz de casar com Maria

* * *

O que falta na peça é uma ideia qualquer de beleza, qualquer fremito que interesse. Ao evocar-se o teatro ibseniano esqueceu-se que todas as suas figuras tem uma personalidade muito distinta. Onde se póde encontrar na galeria do «Brand», do «pequeno Eyolf», do «Borkmann» o ponto de contacto com este mesquinho, estupido Evaristo, um vencido, que querendo sintetisar o homem que aproveitando a convulsão da guerra se guindou ao luxo, ao prazer, não nos dá senão um tipo banal, sem actividade, sem ousadia, tocando piano para cair na degradação do pianista do club? Falou-se em Bernstein; porquê? O Teatro de Bernstein é ainda um teatro de crispações, de violencias, são as miserias da vida que aparecem mas sob um aspecto grande, onde ha no fundo rasgos de pobreza, lampejos de alma.

Creio que o autor teve dois fins concretisados nas frases pronunciadas no III acto, uma por Manoel Pereira «ainda hei-de vestir a Casaca Encarnada a outros» outra por Pedro Costa «é sempre assim: os que muito alto querem subir vem a acabar mistos» (não é esta a frase mas semelhante na ideia). A primeira figura não sei ao que vem. Aquele homem de barriga crescida, eminentemente pratico, especie de mefistofeles da vida moderna, a querer encossar os falidos estraga qualquer idealismo que a peça encerre: finalmente, pretende Vitoriano Braga dizer que os ambiciosos, os aventureiros do instante convulso, «post bellum», são levados áquela baixa que a «Casaca encarnada» simbolisa? E então os outros? A Mme. Schubach, o Manoel Pereira, trepando no mastro da «cocagne» da vida até ao cimo, brutalmente escorraçando os fracos, os vencidos? Para que a sua tese triunfasse seria necessario que ao homem de audacia, ao Evaristo montado numa companhia de seguros, em outros 10 empregos, o destino enavelasse o coração, a Vida obstinada [illegible] teimasse em o vencer. Assim a peça faz a apologia dos fortes, faz a apoteose dos mais ousados, sem escrupulos, gente que cria «clubs» para sorver o dinheiro dos outros, traficantes de nobreza, e apresenta um exemplo frisante de quanto é perigoso ser-se artista, ou julgar-se artista quando o mundo é só negocio.

A nota mais reclamada da peça é o final do 2.º acto, quando na sombra da noite que caiu, áquela casa afasta-da—diz-se—onde momentos antes se escuta que ha campainhas para tocar entra como uma ave de presa o homem que traz a casaca encarnada.

Simbolico, para efeitos o final de acto, mas dum inverosimil a toda a prova, mancha curiosa para cartaz, esse especie de espada de corrido que entra a matar, mas deficiente como teatro real, como logica e crivel na vida.

O desinteresse do publico assentou sobre o conhecimento do que se ia passar desde o inicio que a casaca encarnada é agitada constantemente; o desinteresse confirma-se pela ausencia duma ideia grande, eminente, onde se possam refugiar os espiritos que procuram o belo.

O amor de Maria é pequenino, o amor de Alardo que [podia] logo desde o primeiro acto fazer alguma coisa de digno anda titubeante, hesitante, até final.

Mas, se são estas as notas que fazem com que a «Casaca encarnada» ande tão longe de Ibsen e de Bernstein—que impudencia!—como peça portugueza como construção modesta no nosso teatro merece aplausos, aplausos sem reserva.

A «Zilda» tambem nos dava um caso vivido na sociedade moderna, mas nesta, abriam-se as azas, havia um vôo; aqui é a decrepitude dum tarado. E' pouco.

Ha ainda outro ponto a frisar. Na peça não ha meia duzia de frases que nos façam meditar um pouco. As ultimas duas peças que ouvimos na companhia franceza «Amoureuse» e o «Amiere» eram feitas sobre um dialogo brilhante, com exuberancia de ideias, com mundos ocultos em cada frase. A peça de Vitoriano Braga é só feita de recortes da vida, a frase corriqueira que conduz ao entrecho sem mais nada por detraz.

Mas, diziamos, como quadros flagrantes da nossa vida a peça é notavel. Ha nela instinto dramatico, e Vitoriano Braga com a sua «Casaca Encarnada», junta um novo triunfo á serie onde se encontram, «Octavio», tão mal compreendido, e o «Salão de M.me Xavier».

Ha scenas de detalho onde se perdeu prolixamente, como a criada que leva o anel para penhorar, e no regresso deixa abandonados por cima da mesa os 300 escudos, todo o principio do III acto querendo movimentar o club e passando em revista o mundo que o frequenta. Nelas se perde ainda o espirito do publico... Outras scenas se perderam mercê do

Desempenho

que como a peça teve os seus grandes desequilibrios. Nela brilharam, sem favor, em primeira saliencia, Brunilde Judice Caruson num papel de sacrificada que percorreu com dramatica intuição e Calazans porque tomou a seu cargo uma rabula donde tirou belos efeitos demonstrando ser um valor sem fatuidades de preocupação.

E' claro que Lucilia Simões fez a sua M.me Schubach a contento dos seus admiradores; Erico Braga desenhou e compoz bem o personagem, carregado nos traços, o desgrenhado do primeiro acto é inadmissivel. Se viesse para a rua assim era preso. Nos lances violentos a voz velou-se-lhe devendo diminuir a precipitação das falas para que melhor resultem os efeitos que procura.

Na «Simone» ia melhor; mas o seu Evaristo é um esforço dramatico a apreciar.

Ribeiro Lopes fixou tudo quanto poude do papel que podendo ser muito simpatico se esboça em tintas indefinidas. Mario Santos entrou bem mas ao 2.º acto ia enterrando a peça com o seu exagero de grotesco, a sua barriga empinada, a policia secreta, os tons caricaturais vincados excessivamente. Seixas Pereira faz um tipo—um tipo de observação—no Benjamim dos Seguros. Os restantes sem saliencias, emçora no ultimo acto nos surjam infelizes frequentadores do club como o pequeno Cinco de Castro, e algumas «madamas» muito mal vestidas.

Scenarios

Muito limpos e aproveitaveis. A ideia da musica no «cacifo» é que é original.

Mise-en-scene e mobiliarios bons.

«A quelque chose»...

ARMANDO FERREIRA

Festa artistica de Armando de Vasconcelos

Com a seguinte distribuição sobe esta noite á scena no teatro S. Luiz, a nova opereta vienense «Sua Alteza Valsa»..., «Sigrida», Auzenda de Oliveira; «Princeza Maria», Aldina de Sousa, «Lisi», Beatriz Batista; «Baroneza de Roubrum», Sofia Santos; «S.ª Krom» e «Olga», Armanda Neves, «Sr.ª Korlea», Louzolira Neves, «[illegible]» e «Max», Filomena Cosado, «[illegible]», Carolina Simas, «Cra[illegible]», Maria dos Anjos, «Paperlin», Armando de Vasconcelos, «Gualterio», Sales Ribeiro; «Dominico», José Correia; «Pfunderer», Sebastião Ribeiro; «Wolfram», Carlos Viano, «Conde de Bend» Dalmiro Rego; «Bautista» e «Krom», Alfredo Paulo; «Muller» e «Ruben», Antonio Paiva; «Philip» e «Fredy», Antonio Matos; «Didal», Alvaro Clemente; «1.º Oficial», Artur Andrade, «Principe Adulberto» (creança), Auzenda Monteiro; «Princeza Hildegunda» (creança), Lialina de Almeida, em festa artistica do distinto actor-emprezario e brilhante ensaiador Armando de Vasconcelos. Como se vê a noite de hoje no S. Luiz é de dupla gala e estamos certos que não ficará um bilhete por vender.

Noticiario

Portugal

Luiza Satanela faz a sua festa no Avenida no dia 6 ou 7 proximo mez com a primeira representação de «A perola negra».

—A festa artistica do actor Estevão Amarante é com a operola o «Toureador.»

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES DO RATINHO

Ha muito tempo que não encontrava o meu ratinho e experimentei um verdadeiro prazer ao defrontar-me hontem com ele.

Achei-o com bom parecer e bem disposto e assim lhe afirmei!

E' verdade, agora estou muito bem, andava estes ultimos tempos muito neurastenico, mas fui ha dias ver o «4078 Lx» ao Cinado Terrasse e curei-me.

—Ah, sim? Eu, quando estou neurastenica, costumo recorrer a umas Pilulas Pink de marca especial. Todos nós lemos as nossas pilulas Pink. Então gostou muito do «4078 Lx»? Não lhe pergunto as suas impressões porque com certeza não as teve, é mesmo a grande qualidade dessa peça, não nos dá impressões, não tem maximas de moral, é para nos rirmos.

Uma epoca de brados e prevenções de espectativa sombria e conciliabulos pelas esquinas, uma peça daquelas é um maná.

—Tonagrelte fala muito bem mas ha um ponto em que não estamos dacordo. Diz a minha amiga que da peça «4078 Lx» não se tiram moralidades pois eu cheguei a tres profundas conclusões.

—Sim, quais foram?

—Que as barbas são decididamente fatais á mulher; primeiro o Londra, agora, aquela confusão toda de dozes para Borges ter usado barbas postiças. E' caso do sexo fragil ajuntar mais esta invocação ás suas orações. «Das barbas, mesmo postiças, livrai-nos Senhor».

A segunda conclusão a que cheguei foi que os bolchevistas teem razão quando querem abolir testamentos e heranças.

O testamento é a bomba que destroe amizades, fomenta odios e faz desaparecer a paz e a concordia do seio das familias.

E finalmente resolvi que nunca teria um gramofone em casa, visto que as manifestações espiritas me causam pavor, e, pelo que vi na peça, esse instrumento é considerado bom «medium» para as comunicações do Alem tumulo.

—E a respeito do desempenho, gostou?

—Assim, assim; o que me entusiasmou loucamente foi quando a D. Luz Veloso deu uma bofetada ao sr. Rafael Gomes para lhe ensinar a não mexer tanto os braços e para lhe recordar que não estava representando o «Juiz de Fora». Palavra que a bofetada foi merecida.

E, agora, vou-me embora que está anoitecendo, e eu de noite, nem que me matem, me meto em carros... nada, que eu não quero morrer.

Bôas noites, minha senhora.

FRIOLEIRAS

Perfumes

Qual é o toucador de mulher que prescinde de perfumes?

Nenhum, a não ser talvez o da feminista e essa não é bem mulher, é o elo entre a gata assanhada e a mulher, portanto não nos interessa.

Toda a mulher gosta de perfumes e se interessa por tudo quanto lhes diz respeito; todavia a pagina mais curiosa que existe sobre o assunto, não foi escrita por uma mulher mas sim por um escritor francez, Huysmans.

Esse homem deslumbra-nos, estonteia-nos com a quantidade de perfumes capitosos e subtis de que nos inunda a jorros.

Nós vemos passar na nossa frente uma teoria inumeravel de nomes que invocam ao nosso olfacto olores misteriosos e de grande preço.

Ele fala poeticamente e encanta-nos mas como o espirito feminino, que peze aos poetas, tem sempre um lado muito pratico, estou certa que as minhas leitoras não desgostarão de encarar a sua perfumaria sob um aspecto positivo. Nós gostamos sempre de saber a biografia dos amigos, vou-lhes portanto dar algumas notas biograficas sobre os perfumes.

O centro da industria de essencias no seculo passado, foi Montpellier, actualmente é Nice e Grasse; ali se fabricam quasi todos os perfumes do Oriente com produtos indigenas.

Os processos empregados para se obterem as essencias são muitos, constando os principais de distilação e maceração. Uma das mais procuradas é a de rosa e a primeira de todas é a da rosa de Caldemira pois as rosas nesse paiz são de uma beleza e perfume superiores.

100.000 kilos de flores dão 1 kilo de essencia!

Pensem nisso, minhas senhoras, para uma gota de perfume quantas flores despedaçadas, dilaceradas, destruidas! Quanto sofrimento representa essa gota, pois as flores teem vida e sofrem como nós! Ainda mais direi «uma gota de essencia», chamar-lhe-ei sempre «uma lagrima de essencia». Visto que não tenho forças de não usar essencias prestarei pelo menos assim um preito de homenagem ás pobres flores!

CONSELHOS PRATICOS

Para tirar o ranço á manteiga

O calor aproxima-se e é vulgar que sob a sua influencia a manteiga rance facilmente e adquire um gosto muito desagradavel. Para evitar esse aborrecimento basta lavar a manteiga por varias vezes em agua com um pouco de bi-carbonato de soda; depois dessas lavagens passa-se por agua pura e põe-se um bocadinho de sal na manteiga.

ARTE APLICADA

Um relogio artistico

Ha pessoas que tomam muito mais amizade aos objectos caseiros que elas proprias fizeram, porque naquele trabalho ficaram ligados muitos pensamentos, muitos sorrisos, muitas alegrias. Compreende-se e partilho inteiramente essa maneira de sentir e para as gentis leitoras será isso extremamente facil.

Hoje vou-lhes dar a explicação de um relogio para a sua secretaria. O relogio compõe-se de duas partes; o relogio propriamente dito e esse terá de ser comprado, claro está, e o seu suporte que qualquer póde fazer, bastando para isso comprar um bocado de madeira que se poderá recortar á maquina de serrar ou com uma serra propria.

Fazem-se duas partes eguaes, para a frente e para traz. Essas duas partes reunem-se por quatro taboinhas rectangulares, uma horizontal sobre a qual se coloca o relogio; duas verticaes para formar os lados e outra horizontal que servirá de tampa. Na parte da frente, ao longo dos pés começarão dois desenhos symetricos de folhagem em estanho que emoldurarão o relogio.

Para que este trabalho fique bonito deve-se traçar o desenho no estanho com o ferro de trabalhar em coiro, esse traço será forte nos contornos e muito ligeiro no resto do trabalho. Depois sobre um bocado de vidro e com uma faca muito afiada, recorta-se o estanho a dois milimetros do desenho volta-se o metal e enchem-se os vacuos com cola-forte quente e gesso muito fino. Antes de estar completamente secco unta-se as costas da aplicação com cola-forte e põe-se sobre o relogio. Dos lados pirogravura-se um desenho que vá com o da frente e depois envernisa-se passando varias camadas de vernis por toda a madeira.

GULOSEIMAS

[illegible] de limão

Lava-se o limão raspa-se-lhe a casca e mistura-se esta ao sumo do mesmo, junta-se assucar até ficar bastante doce e oito claras dovo, bate-se muito bem, adicionam-se-lhe oito gemas de ovos batidas, liga-se tudo, deita-se na fórma e leva-se ao forno.

HIGIENE DA BELEZA

Loção contra as rugas

Em 250 gramas de alcool dissolve-se 160 centigramas de incenso em pó, 160 centigramas de benjoim pulverisado e 160 centigramas de goma arabica egualmente em pó; junta-se 24 centigramas de amendoa doce, 80 centigramas de cravo da India e 80 centigramas de noz moscada, tudo pisado num almofariz. Deixa-se dois dias de infusão, agitando frequentemente e junta-se-lhe 45 gramas de agua de rosas. Filtra-se.

Aconselhomos esta loção especialmente para as rugas dos cantos dos olhos vulgarmente chamadas «pés de galinha», póde-se pôr ahi, todas as noites, uma compressa desta loção.

SPORT

AUTOMOBILISMO

Regulamento da II corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira

Organisada em Abril proximo pelo jornal «Os Sports» sob o patrocinio e com autorisação do Automovel Club de Portugal.

Artigo 1.º — O jornal «Os Sports» organisa em data previamente marcada, uma corrida em subida, de 1500 metros, denominada «II Corrida da Rampa da Pimenteira» que vai da ribeira de Alcantara á estrada da Cruz da Oliveira.

Os locais onde principia e termina a corrida estarão devidamente marcados.

Os automobilistas que com os seus automoveis tomarem parte na corrida, deverão apresentar-se pelo menos 1 hora antes da hora marcada, ocupando o lugar que pelo juri lhes fôr designado.

A partida será dada por categorias de menor a maior.

Os intervalos de partida serão regulados pelo juri da prova.

Art. 2.º — O corredor que não comparecer á chamada feita pelo juiz de partida, perderá o direito de tomar parte na corrida, assim como a rehaver a sua taxa de inscrição.

Art. 3.º — Cada automovel não poderá efectuar a prova mais de que uma vez.

Art. 4.º — Esta corrida é reservada aos automobilistas amadores portuguezes ou estrangeiros e aos representantes das marcas com séde no paiz.

Art. 5.º — Os corredores deverão observar rigorosamente o regulamento de circulação, tocando a trompa logo que avistarem qualquer obstaculo e atendendo, sob pena de desclassificação, a qualquer sinal que lhes seja feito com bandeiras. Para este efeito se lembra que a bandeira azul indica que se deve diminuir o andamento e a amarela que se deve parar imediatamente.

Os corredores devem deixar a direita livre, sempre que encontrem qualquer obstaculo e quando o encontrarem no sentido da sua marcha, poderão passá-lo dando-lhe a esquerda.

«Os Sports» empregará todos os esforços para que o local da corrida esteja desimpedido e os corredores possam ocupar o centro da estrada.

Art. 6.º — «Os Sports» declina toda e qualquer responsabilidade de desastre que os concorrentes possam causar ou de que sejam victimas durante a corrida. As responsabilidades civis e penais competem aos concorrentes que nelas incorram.

Art. 7.º — A taxa de inscrição para esta corrida por cada carro é de:

a) Para automobilistas amadores portuguezes ou estrangeiros, 60$00;

b) Para representantes de marcas com séde no paiz, 120$00.

Art. 8.º — Os concorrentes deverão inscrever-se em boletim fornecido pelo jornal «Os Sports», devendo a taxa de inscrição acompanhar a mesma, passando o jornal «Os Sports» documento comprovativo da sua entrega.

E' permitido fazer as inscrições pelo telegrafo, desde que o concorrente não resida em Lisboa, mas, em tal caso, deverá confirmar essa inscrição por meio de carta enviada a «Os Sports» e respectiva taxa de inscrição.

Art. 9.º — Qualquer declaração que se prove ser falsa e como tal feita voluntariamente, impossibilitará de tomar parte na corrida o concorrente que a tiver prestado, o qual, *ipso facto*, será desclassificado perdendo o direito á taxa de inscrição.

Categorias

Art. 10.º — A corrida será em 3 categorias:

1.ª — Até 15 cavalos, inclusive;
2.ª — Até 30 cavalos, inclusive;
3.ª — Superior a 30 cavalos.

A força em cavalos será determinada pela formula adoptada pela Comissão Tecnica da Circunscrição Sul.

«Os Sports», de acordo com o juri da prova, reserva-se no direito de admitir sub-divisões nas categorias ou de as modificar conforme as necessidades que possam [illegible], as deverá [illegible] publicar [illegible] dias, pelo menos, antes de se [illegible] tuar a corrida.

Art. 11.º — Todos os concorrentes são considerados como conhecendo perfeitamente este regulamento, ao qual se sujeitarão sem restricções, por isso que [illegible] jornal «Os Sports».

O Juri

Art. 12.º — O jornal «Os Sports» nomeará o juri da corrida, que será composto de cinco membros, sob a presidencia de um delegado do Automovel Club de Portugal que só votará no caso de empate.

Art. 13.º — A execução do presente regulamento, assim como a do programa da corrida, [illegible] confiada ao juri, unica entidade que pode tomar as decisões que julgar uteis, relativamente á corrida.

Art. 14.º — O juri pode impedir a partida ou proibir de correr a qualquer automobilista que entenda que não tem capacidade para tomar parte na corrida, ou cuja maquina por estar imperfeita possa constituir um perigo para os demais concorrentes.

Art. 15.º — O juri tem, além disso, o direito:

a) De se opôr á partida de um corredor;

b) De impôr uma censura [illegible].

Art. 16.º — Quando o juri entenda que as penalidades que [illegible] impôr são insuficientes [illegible] correr para o A. C. P.

Premios

Art. 17.º — Em cada categoria os concorrentes serão classificados pelo menor tempo que levarem a efectuar o percurso.

Art. 18.º — Em cada categoria «Os Sports» concederá 3 premios, desde que o numero de concorrentes seja superior a cinco.

Além destes premios, o corredor que fizer o percurso em que que, das categorias em menos tempo, ganhará a «Taça Good-year» instituida pelo jornal «Os Sports», que ficará na posse definitiva do corredor ou no do representante, caso o carro vencedor esteja inscripto como representante da marca.

Para o 1.º classificado, medalha de *vermeil* e diploma;

Para o 2.º classificado, medalha de prata e diploma.

Para o 3.º classificado, medalha de cobre e diploma.

Reclamações

Art. 19.º — As reclamações só podem ser apresentadas por escrito e dirigidas ao jornal «Os Sports», no prazo de 24 horas, após terminada a corrida e só serão aceites acompanhadas da importancia de 15$00, que não serão devolvidos caso o protesto não seja atendido pelo juri da corrida.

N.º 38 — Folhetim de A CAPITAL — 17 de Março de 1927

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

VI

Ela começou a falar com uma voz entrecortada pela emoção, entaramelando a principio as palavras sem ligação, cheias de alusões e de reticencias, depois a sua angustia abafava-a, desfazia-se em soluços e lagrimas, ao que se seguia a indignação, as lastimas, o desespero, como tomada dum acesso doentio. Era preciso ver com que paciencia o marido suportava tudo isso e com que compaixão lhe suplicava que se acalmasse, beijando-lhe as mãos e por fim chorando com ela. Ela calava-se então de repente, como se a consciencia a acusasse, condenando-lhe um crime. As lagrimas do marido perturbavam-na e, apertando de desespero as proprias mãos, soluçando esforçadamente implorava de joelhos o seu perdão, que ele logo lhe concedia. Mas os sofrimentos da sua consciencia duravam ainda muito tempo, assim como as lagrimas e suplicas para para que lhe perdoasse. Em seguida a tais scenas, durante meses inteiros, ela ainda se encontrava mais timida e medrosa deante do seu marido. Eu não compreendia nada destas questões e destas scenas, pois durante elas mandavam-me para o meu quarto. No entanto não se podiam ocultar de mim completamente.

Eu observava, notava, advinhava, e desde o principio que tinha a suposição vaga que existia entre eles um misterio, que as convulsões daquele coração dorido não podiam ser o efeito dum simples estado nervoso, que não era sem razão que o marido estava sempre com as sobrancelhas franzidas, que a sua compaixão pela pobre mulher doente não era sem fundamento, e que devia haver uma razão para a timidez e medo de Alexandra Mikahilovna na presença do marido, para o seu amor terno, estranho, que ela não ousava manifestar deante dele, para o isolamento para essa vida de reclusão.

E' verdade que semelhantes scenas eram muito raras, porque a nossa vida era muito monotona; conhecia já detalhes pequenos, á maneira que crescia e me desenvolvia rapidamente; mas muitas impressões novas que começavam a fazer-se sentir em mim, ainda que inconscientemente, distraiam-me das minhas observações. Habituara-me a este genero de vida e aos caracteres daqueles que me rodeavam. Sem duvida [illegible] impossivel ás vezes deixar de reflectir, olhando Alexandra Mikhailovna, mas essas reflexões não me conduziam a nenhuma conclusão. Amava-a muito, respeitava as suas desgraças, e julgava ferir o seu coração com a minha curiosidade. Ela compreendia-me e muitas vezes agradecia as minhas deferencias.

Notando os meus cuidados ela sorria, e ás vezes, atravez das suas lagrimas, censurava-se por chorar tão frequentemente; e logo começava a dizer que era muito, muito feliz, que todos eram bons para ela, que todas as pessoas que conhecera até então eram nobres, que a amaram sempre muito, mas que a atormentava ver Piotr Alexandrovitch sempre triste por sua causa, ao passo que ela, pelo contrario, era tão feliz, tão feliz! E abraçava-me com tanta ternura, a sua cara brilhava de amor, que o meu coração estava, posso dizê-lo, doente de compaixão por ela.

Os seus traços nunca mais se apagaram da minha memoria. Eram regulares e a sua magreza, a sua palidez aumentavam ainda o encanto grave da sua beleza. Os cabelos negros, muito espessos, apanhados na nuca lançavam á cara uma sombra severa, nitida, mas o que me encantava e chocava sobretudo pelo contraste, era o olhar terno dos seus grandes olhos infantis.

Esse olhar reflectia por vezes tanta ingenuidade que parecia ter medo de cada sensação, de cada élan do coração, de todos os seus instintos de tranquilidade, como de todas as suas frequentes [illegible].

Mas nos [illegible] alegria e de repouso, num [illegible] que penetrava até ao coração, havia tanta claridade, tanta calma, os seus olhos azues brilhavam com tal amor, olhavam com tanta doçura, reflectiam um sentimento tão profundo de simpatia por tudo o que por tudo o que exprimia compaixão, que a alma se submettia toda inteira a esse encanto, aspirava-o involuntariamente e parecia receber deles a claridade, a tranquilidade moral, o apasiguamento, o amor. E' assim que por vezes, olhando o Ceu azul, sentimo-nos prestes a ficar horas inteiras numa contemplação feliz, sente-se que a alma se torna mais livre, mais calma, como se nela se reflectisse a imensa abobada celeste. Muitas vezes quando a animação corava a sua cara e o seu peito tremia de emoção, os seus olhos tornavam-se então todos luz, como se a sua alma, casta guarda da chama para do belo, se transportasse para eles. Nesses momentos ela parecia uma inspirada.

Desde os primeiros dias da minha chegada a sua casa, compreendi que ela estava contente em ter-me na sua solidão (nesse momento só tinha um filho de um ano). Tratou-me como se fosse sua filha; nunca estabeleceu diferença de tratamento entre mim e os filhos. Com que ardor se dedicou á minha educação! Ao principio o zelo era tanto que até M.me Leotard se ria.

Foi assim que ela propria se pôz a ensinar-me diversas coisas ao mesmo tempo, com um ardor em que havia mais de impaciencia do que verdadeira utilidade. A principio entristeceu com o meu pouco saber, mas depois de se ter zangado, tentou de novo ensinar-me, porque claramente se declarava contra o metodo de M.me Leotard.

Discutiam ambas rindo, porque a minha nova educadora opunha-se ao emprego de qualquer sistema; era preciso que todas juntas, experimentando, encontrassemos o bom metodo, não me deviam encher a cabeça de conhecimentos inuteis; todo o sucesso dependia das minhas capacidades e da minha habilidade, para se poder desenvolver a boa vontade. Em suma, ela tinha razão e conseguiu uma completa vitoria.

A principio, para começar, as relações de discipula para mestra foram totalmente suprimidas. Trabalhavamos juntas e ás vezes era eu quem parecia a professora. Assim, [illegible] vezes, entre nós, levantavam-se [illegible] questões; exaltava-me tanto quanto podia para provar que compreendia o que me diziam, e imperceptivelmente Alexandra Mikhailovna, metia-me no bom caminho; no fim, quando conseguiamos a verdade, mostrava-lhe logo a sua sem razão.

Depois de ter dado conta dos cuidados que ela me prodigalisava durante horas inteiras, lançava-me ao seu pescoço e abraçava-a muito. A minha sensibilidade admirava-a e comovia-a infinitamente.

Perguntava-me curiosamente coisas sobre o meu passado, desejando conhece-lo, e de cada vez, após as minhas narrativas, tornava-se mais terna e mais grave para comigo, pois que, por causa da minha desgraça da infancia, inspirava-lhe compaixão de mistura com respeito.

(Continua)

Politica internacional

A conferencia financeira inter-aliada — Os seus resultados

A conferencia dos quatro ministros de Finanças aliados terminou pela assinatura dum acordo que não é como o de 13 de agosto *ad referendum*, mas que deve, comtudo, ser submettido á ratificação parlamentar.

O conselho de ministros francez, reunido para esse fim, aprovou o texto do acordo. Um comunicado oficial resume as principais disposições tomadas.

Vamos completar com textos o resumo apresentado, para atingirmos o seu alcance. O acordo compreende onze pontos principais.

Eis as decisões tomadas:

DESPEZAS DE OCUPAÇÃO:

No que se refere ás despezas dos exercitos de ocupação posteriores ao primeiro de maio de 1921, a totalidade das quantias a pagar pela Alemanha foi fixada em moeda nacional como se segue:

102.000:000 de francos belgas para a Belgica.

2.000:000 de libras para a Inglaterra.

400.000:000 de francos para a França.

Corresponde no momento actual, á soma prevista em Cannes de 220 milhões de marcos-ouro. No caso do franco vir a descer, a França ganharia, sendo paga em marcos-ouro.

PRESTAÇÕES DE NATUREZA:

O pagamento que a Alemanha terá de fazer em 1922 em generos e material de producção alemão (prestações de natureza) cumprindo a decisão da comissão de reparações; será feito na razão de 65 o|o para a França, e de 35 o|o para as outras potencias.

Antes de se separarem, os ministros das Finanças aliados elaboraram o texto das instrucções verbais que serão transmittidas por cada um dos governos interessados ao seu delegado á comissão das reparações.

Estas instrucções fixam o total que a Alemanha terá de pagar em 1922, em 720 milhões de marcos-ouro em especies, e 1.450 milhões em materiais ou contribuições «de natureza)».

São, afinal, as importancias fixadas em Cannes, sem nenhuma modificação.

Todos se lembram que a França devia receber, á sua parte, 950 milhões em prestações «de natureza», isto é, 65 o|o do total.

CARVÃO

Relativamente ao carvão, os governos aliados consentem que a França não seja debitada senão ao preço interno (ao seu preço dentro do paiz).

Declaram-se dispostos a apoiar a Italia nos pedidos que ela fizer para obter da Alemanha carvão com as mesmas vantagens que a França.

ACCORDO DE WIESBADEN

Os governos signatarios consentem em pôr em aplicação o acordo de Wiesbaden durante um periodo de trez anos, com a condição de que o montante dos regulamentos aprovados não exceda 350 milhões em 1922, 750 milhões em 1923 e 750 milhões em 1924.

Qualquer outra potencia que, como a França, participar das reparações, poderá fazer combinações analogas á de Wiesbaden, sob reserva de uma limitação do valor total das entregas em generos e materiais, que assim podem ser efectuadas pela Alemanha.

Tudo o que a este assunto se refere é afinal a reprodução do artigo 16.º do projecto de Cannes, que era assim concebido:

«Propõz-se que em 1922 cada potencia conserve para si o valor de todas as entregas «em natureza» que receber, mas sob reserva das disposições do paragrafo 15.º do presente documento (relativo ao acordo de Wiesbaden) e de todos os acordos interaliados precedentemente adotados.

Serão tidas em conta, para determinar a percentagem de cada potencia sobre os pagamentos para reparações em 1923 e anos seguintes, — quantias recebidas por qualquer potencia, a titulo de reparação em 1922, compreendendo o lucro desses importa cio.»

A DIVIDA BELGA

A questão do reembolso da divida belga aos aliados é tratada de acordo com as soluções precedentemente apresentadas.

AS REPARAÇÕES DOS ALIADOS DA ALEMANHA

A questão da distribuição dos pagamentos feitos a titulo de reparações por qualquer outra potencia ex-inimiga que não seja a Alemanha, é resolvida segundo os principios admittidos em 13 de Agosto de 1921 e que são os seguintes.

Artigo 5.º — A comissão das reparações fixará a divida de reparação da Austria e a divida de reparação da Hungria conforme o artigo 179.º do tratado de Saint-Germain e o artigo 163.º do tratado de Trianon.

Logo que sejam criadas obrigações da série C, serão divididas entre as potencias que participam nas reparações proporcionalmente ás percentagens fixadas pelo artigo 2.º b) do acordo financeiro de Spa. (Essas obrigações terão um valor nominal igual ao montante das dividas acima, acumulado com o da divida da Bulgaria, fixada no artigo 121.º do tratado de Neuilly).

Se, na ocasião da criação das obrigações C, a comissão das reparações não tiver tomado a decisão prevista pela alinea 1, fará imediatamente uma distribuição de obrigações das séries C proporcionalmente ás percentagens estipuladas no artigo 2.º b) do acordo financeiro de Spa.

AS DESPEZAS DA MOBILISAÇÃO DA CLASSE DE 1919.

As despezas da mobilisação da classe de 1919, que se elevam a 190 milhões de francos, serão lançados á conta da Alemanha.

Não se tem dito se essas despezas serão descontadas nas despezas de ocupação, que montam a 400 milhões de francos, ou se farão o objecto de um pagamento especial não gozando da prioridade outorgada aos gastos de ocupação.

São estes, em resumo, os resultados e as resoluções da conferencia financeira interaliada, que parece nada, ou pouco mais, ter adiantado ás resoluções ventiladas na conferencia de Cannes.

Mas, veremos o que daqui sahirá e não desesperemos.

ULTIMA HORA

POEIRA DA ARCADA

O sr. Urgel Abilio Horta foi nomeado interinamente professor de noções praticas de higiene e puericultura da escola primaria superior de Mirandela e consequentemente medico escolar do mesmo estabelecimento.

O sr. Tomé de Barros Queiroz conferenciou hoje demoradamente com o sr. Ministro do Comercio.

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 11 do corrente manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 1 de meningite, 1 de tosse convulsa e 15 de variola.

Duas informações politicas

Constava hoje que do proximo Congresso do P. R. P. que se realisa em Coimbra nos dias 22 e 23 do corrente serão rudemente atacados alguns marechais do mesmo partido e provavelmente irradiados entre outros os srs. drs. Barbosa de Magalhães e Almeida Ribeiro.

Era hoje muito discutida nos meios politicos uma reunião que ante-ontem se realisou para os lados do Bairro Alto e a que presidiu o sr. dr. Bernardino Machado o qual num discurso chegou a classificar o sr. Antonio Maria da Silva de principal agitador do paiz!

A reorganisação da 1.ª divisão

Ao que se diz os antigos regimentos que formavam a 1.ª divisão do exercito antes de 5 de Dezembro de 1917 voltarão para os seus primitivos quarteis devendo o deposito de adidos ser provavelmente instalado no Colegio de Campolide.

Mais consta que em Vila Franca de Xira será colocado um batalhão de infanteria desde que a Camara Municipal daquela localidade se prontifique a arranjar-lhe os alojamentos indispensaveis.

Reunião de Coloniais

Na sede do Centro Colonial realisou-se hoje com a presença do Governador de S. Tomé e Principe uma reunião de coloniais daquela provincia.

Foram largamente debatidos, assuntos de alta importancia para a vida industrial e economica da provincia.

Imprensa

Dizem-nos não ser verdade que haja intenção de publicar um novo jornal presidencialista, para substituir a «Situação».

Drama ou comedia?

Reincarnação de Eugene Sue e nova edição dos Misterios de Paris

Isto podia ser um capitulo novo dos «Misterios de Paris» de Eugene Sue, porque nele cabia no romance celebre, uma intriga de bastidores maçonicos em luta com cavernas jesuiticos. Diremos, muito ligeiramente, o enredo.

Um homem ilustre, que na capital franceza descança e se fatiga — repousa da politica parlamentar e trabalha exaustivamente nos seus negocios particulares — imaginou a organisação duma «Liga das Nações Latinas», destinada a contrapor á Sociedade das Nações. Esse homem publico encontrou apoio em certos meios adversos á politica internacional do gabinete britanico.

A ideia foi lavrando, lavrando, até que, por fim, leve a sua eclosão num banquete onde, sob a capa do federalismo internacional, se encobria a politica anti-britanica.

E' claro que o gabinete londrino não viu, com impassibilidade, o desenvolvimento da intriga. Parece mesmo que se esboçou uma demonstração naval, obstada nos primeiros gestos, graças a formais declarações por parte de um dos governos latinos, comprometido aparentemente pela imprudencia de dois ilustres politicos.

E' possivel que o seguimento deste «fait-divers» venha a produzir-se fóra de Paris e tão perto de Lisboa quanto seja possivel imaginar.

Afonso Costa e Magalhães Lima

Chegou a Lisboa o sr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portugueza.

Volta a afirmar-se que o regresso do sr. Afonso Costa e a sua integração na politica se não farão demorar.

Ordem publica

A' hora do nosso jornal ir para a maquina está-se realisando um importante diligencia, que se relaciona com os recentes atentados dos bombistas.

— Foi levantada a incomunicabilidade ao aprendiz de barbeiro, Serafim Gonçalves.

Morto á punhalada

Foi hoje efectuada uma prisão por suspeita de cumplicidade no crime que motivou a morte do capitão Vaquinhas.

A lei das 8 horas

No intuito de se contrapor á acção da Confederação Geral do Trabalho, consta que uma importante colectividade vai promover sessões de propaganda nos principais centros do paiz, sob o tema generico, «O regime das 8 horas de trabalho e a sua profunda acção na economia nacional».

VI CENTENARIO DE DANTE

SESSÃO SOLENE

Realisou-se ontem no salão nobre da Liga Naval a comemoração do centenario do prodigioso autor da «Divina Comedia», que desde Novembro passado vinha sendo adiada por motivos de força maior. A sessão solene, levada a efeito, revestiu um desusado brilhantismo no meio intelectual e aristocratico de Lisbôa, tendo a ela presidido o sr. arcebispo de Mitylene. Pouco depois das oito e meia da noite, o salão nobre estava cheio da nossa primeira sociedade. O sr. Jorge Marinho da Silva abriu a sessão fazendo algumas rapidas considerações e apresentando os oradores que vão abrilhantar com o prestigio dos seus nomes e da sua palavra aquela comemoração. Falou em primeiro logar o moço e scintilante publicista, Mario Gonçalves Viana, que começa por fazer uma breve biografia do poeta. «A historia — diz o jovem orador — é o ensaio do futuro, a agitar-se convulso no enigma do passado.» Mas ele não pretende fazer historia, simplesmente quere recordar a figura extraordinaria do celebre florentino. Referindo-se com rica eloquencia notavel a Beatriz «que simboliza o amor mais puro e mais casto», diz duma maneira soberba uma interessante poesia do nosso querido amigo Luiz de Oliveira Guimarães, escrita expressamente para aquela festa.

Prosegue duma maneira breve, terminando belamente num elogio ao «poeta doutrinario» e elevando na sua voz vibrante e sonora uma ode á Italia — a patria da Egreja e da Arte. O sr. Mario Gonçalves Viana foi muitissimo aplaudido, quando terminou o seu discurso que atingiu um excepcional brilhantismo.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. conego sr. Martins Pontes que tratou a «Divina Comedia». Seria dificil darmos um resumo da sua erudita dissertação, na qual estudou, com notavel proficiencia, a celebre epopeia italiana.

A distinta assembleia soube, todavia, premiar o cortissimo discurso com uma grande e prolongada salva de palmas. Falou depois o sr. Alfredo Pinto (Sacavem) que dissertou com uma interessante e bizarra eloquencia sobre a poderosa influencia que Dante exerceu na arte e nos artistas, desde Miguel Angelo na pintura até Wagner na musica, referindo-se especialmente a esta ultima modalidade artistica.

A sua oração foi, sob todos os pontos de vista, verdadeiramente original, despertando em todo o auditorio o maior interesse e a mais merecida surpresa.

No final desta brilhante sessão solene a que assistiram o sr. ministro da Italia e categorisados membros da colonia italiana, socios da Academia das Sciencias de Lisboa, intelectuais, bem como a nossa primeira aristocracia, todos os oradores foram muitissimo cumprimentados, por pessoas amigas e admiradoras, que ficaram com a mais grata das impressões — como todos — desta festa verdadeiramente notavel para o nosso meio «refinado» — porque foi a unica digna de nota, na qual se celebrou o mais estranho genio da raça latina, que «não foi só — como admiravelmente disse o distinto escritor Mario Gonçalves Viana — o doutrinario consciente e vigoroso — foi um colorista e um visionador extraordinario de todos os quadros, por mais horriveis ou mais belos.»

QUESTÕES PEDAGOGICAS

A falta de aceio na escola

As crianças sofrem geralmente de seus perniciosos efeitos e aborrecem muitas vezes a escola porque desconfiam que são ali menos estimadas do que qualquer dos seus companheiros

Diz um proverbio muito conhecido que «quem o feio ama, bonito lhe parece» e eu, por conveniencia, vou modifica-lo da seguinte forma: «quem o sujo ama, aceado lhe parece».

As crianças brincam geralmente nas ruas, onde estão em contato com rapazes de todas as camadas sociais, contraindo assim diversos habitos maus, sem consciencia de tal.

Com essa convivencia habituam-se a descurar a higiene e adquirem muitas vezes parasitas; uma vez habituados a eles, nem já se queixam ás mães da impressão desagradavel que eles lhes causam.

Estas, muito inconscientemente tambem não são muito rigoristas em questões de limpeza no corpinho dos filhos, baseando-se em causas aliás plausiveis tais como: a falta de tempo, o excesso de trabalho, etc.

Mas, como são filhos, não deixam por isso de os acariciar e nunca lhes parece que eles se tornem feios, desgraciosos, nojentos mesmo, por estarem assim tão pouco cuidados.

O facto incontestavel, porem, é que não sucede o mesmo com as pessoas estranhas entre as quais se conta o professor.

Este ao encarar um aluno em pessimas condições de aceio, com o cabelo em desalinho e cheio de terra, a cara suja, as unhas listadas de negro, o fato enodoado, sente por ele intensivel repugnancia.

Pode manda-lo lavar a dentro do edificio escolar, mas com isso simplesmente lhe limpa um nadinha o rosto e as mãos, sem lhe matar os parasitas e lhe destruir o cheiro nauseabundo que ele exala.

Pode enxuga-lo mas nada evita da mesma forma e que fique exposto pode - tambem não lhe permitir a entrada na aula a titulo de higiene, proporcionando-lhe assim um dia muito agradavel pois corresponde muito simplesmente a um feriado.

E, esgotados os meios de que dispõe, apenas constatou que nada pode conseguir neste sentido e o pobre mestre escola tem de sofrer o horror de estar algumas horas durante o dia em presença desses pequeninos seres talvez graciosos e inteligentes, mas repugnantes, nauseabundos.

O educador tem inumeras vezes de lhe tocar nas mãos para lhe ensinar a manejar o lapis, a caneta ou qualquer outro utensilio, mas nem sempre consegue vencer a repugnancia que tal acto lhe causa!

E não a vencendo... passa adiante.

Faz mal? Não me atrevo a condena-lo, todas as circunstancias atenuantes em que cometeu o delito (conforme rezam as tais noticias sensacionais que tanto atraem a atenção publica).

O mestre dirige de preferencia os seus cuidados para o educando mais aceado pois lhe não causa desagradavel impressão; trabalha mais com este.

E lá vem depois as mães, com a sua malquerença, lastimarem-se que o sr. professor nem faz caso do seu filho porque ele, coitadinho, é pobre, até vai descalço; mas, dá toda a atenção aos filhos daquelas toleironas que os mandam todos no luxo.

Essas mães tambem podiam mandar os seus garotos «no luxo» bastava sem los pois que o luxo dos pobres, no vestuario reside na limpeza do mesmo.

E todo limpinhos, tambem terão as atenções dos seus professores tais como as outras crianças e não constituirão, e dentro duma classe, objectos de horror, tanto para os seus companheiros como para o seu mestre.

Termino apelando mais uma vez para as mães, para que elas cuidem da limpeza dos seus pequenos, pois que tal tem muita influencia a dentro da escola. E no proximo dia abordarei mais uma vez este capital assunto para dizer mais alguma coisa a tal respeito, prevenindo desde já que não vou expor ideias minhas mas sim propagar as daquelas que vêem mais e melhor que eu neste ponto.

NIZETH DE ATAIDE

PORTUGAL E O SEU LIRISMO

O QUE DISSE RAMIRO DE MAEZTU NO ATENEU DE MADRID

Portugal é um dos grandes povos liricos do mundo — disse, ao principiar, o conferente. — Interrogo-me como foi possivel que, ao distribuir-se os talentos literarios, ficassem os castelhanos com quasi todo o genio dramatico e os portuguezes com quasi toda a inspiração lirica.

Movido por esta preocupação, o sr. Maeztu pesquiza na historia, na literatura, na paisagem, na psicologia colectiva, na distribuição geografica dos dois paizes, para encontrar a explicação deste contraste.

E' provavel que a ultima razão de que uns povos sejam mais liricos que dramaticos se perca no misterio. Mas, o que é certo — e o contraste o assegura — é que, «ao cabo de seculos, o espirito português segue caracterizando-se, na sua culminancia suprema, pela pura sentimentalidade da sua poesia lirica e pelo culto á verdade na historia». Saida de raizes portuguesas, a literatura castelhana transforma em seguida a influencia de Portugal em lirica dramatica, respondendo sempre, com o seu peculiar e decisivo acento realista, ao vago som que vem de terras portuguesas. Assim, responde com «Don Quijote» ao «Amadis».

O castelhano defronta-se com a vida e recorta-a em caracteres imortais: «A Celestina», «Lazarento». A alma portuguesa suplanta sempre a castelhana na capacidade para viver fóra de si mesmo.

Portugal possue um clima cuja perfida tentação consiste em fazer crer que não é preciso defender-se contra ele; é um paiz de sol, que é claridade, secura e calor; mas a claridade está moderada pela bruma; a aridez, pela chuva e pela neblina; o calor, pelo vento e pela bruma do mar. Neste paiz vive-se «numa paisagem de contrastes que se beijam com o amor», diz Teixeira de Pascoais; e, nesta natureza, o português, «por pouco que cuide de prevenir-se contra a tentação, sentir-se-ha voar com os passaros, dobrar-se ao vento como a herva, chorar com as folhas desprendidas da arvore».

Uma tendencia natural leva nos espiritos portuguezes a entregarem-se ás coisas, a viver nelas, deixando que se perca a sua vontade. Como uma reacção contra esta tendencia, pode explicar-se a ancia de assentar-se numa firmeza, de erguer a vontade num gesto de heroismo. Dois lados da historia de Portugal, dois rios que saem da mesma fonte: o saudosismo do poeta e o formidavel arranco poetico do heroi e do navegante. Os dois reflectem-se e unem-se em Camões, alma de tempera lirica, que canta a epopeia portuguesa.

José de Figueiredo, interpretando a arte de Nuno Gonçalves, um dos grandes classicos da pintura portuguesa, afirmou que ele pintava com os olhos na alma. Pintar com os olhos na alma é entranhar-se com a imaginação no ser pintado, mover-se com os seus movimentos e sentir as suas fórmas como limites, romper o *principium individuationis*.

Assim é a arte portuguesa a da beatitude ou videncia estatica, que contrasta com a violencia e o des conjuntamento coreografico dos quadros e imagens espanholas

Temos, de um lado, uma literatura lirica (melhor seria dizer, uma nação lirica) e do outro, uma literatura dramatica. A explicação destes conceitos vai dar-nos, talvez, a definição. «Sabemos que drama, é a luta; mas, que é lirismo? Será o amor? O amor, mesmo, pode ser lirico e dramatico».

Envolto no seu doce clima, o português deixa a sua alma vaguear e espalhar-se pela paisagem. Açoutado pelo seu — inverno cruel — verão de fogo — o espanhol, castelhano ou mediterraneo, vive concentrado, em tensão, alerta: todo o exterior lhe é estrangeiro, estranho, «não seu». Ainda no amor, o homem da metade aspera da Peninsula sente a distancia e a diferença e, com elas, a hostilidade: «Caçador, que á caça vais — de mulher ou de leão — ai de ti, se não lhe acertas — em metade do coração», diz o nosso dramatico Dicenta. E, se chega o amor ao espirito, o enamorado, como o «nosso dramatico Rubén», sentirá outro abismo em si. «Por outro lado, a carne côro de satiros que se desata pelo outro vai o espirito». «Nem contigo nem sem ti — têm os meus males remedio; — contigo, porque me matas — e sem ti, porque morro», diz a copla.

«O resultado é sempre: luta, tormento e drama» — conclue o sr. Maeztu

O amor português é, ao contrario, amor de entrega, de efusão, de abandono infinito. Assim o sentiu João de Deus.

Portugal possue agora os melhores liricos da Europa. Se o clima causa diferenças na literatura, o contacto de uns povos com outros contribue para despertar as vocações dormentes. Talvez Portugal pudesse trazer á realidade os liricos e historiadores, em Espanha. Espanhois somos e completamo-nos mutuamente. Se as almas castelhanas assomassem mais a miudo a Portugal, sentir-se-hiam perfumadas por um vento que as chamariam a uma vida mais ampla. Se os portuguezes penetrassem na alma castelhana, encontrariam nela o segredo de uma firmeza solida, que daria á alma portugueza a estabilidade que se encontra de menos na sua sensibilidade e no seu heroismo.

O 9 de Abril

Dois minutos de silencio

A Comissão Executiva dos *Padrões da Grande Guerra*, presidida pelo coronel sr. Sá Cardoso, resolveu, na sua ultima sessão, comemorar o proximo dia 9 de Abril aniversario da *Batalha do Lys*, promovendo, por intermedio das suas comissões de propaganda local, conferencias em todo o paiz exaltando o esforço da nacionalidade intervindo militarmente na Grande Guerra e glorificando os mortos pela Patria em Angola, França e Moçambique, no ar e no mar. Essas conferencias serão precedidas de *Dois minutos de silencio* em todas as localidades, procurando a Comissão Executiva que ás 16 horas *precisas* se façam dois minutos de silencio em todo o paiz minutos de concentração que nos tragam as energias indispensaveis ao ressurgimento moral da nossa gente e ao progresso material da nossa Terra pelo respeito sentido pela tolerancia e pelo trabalho perseverante e dignificante para a Republica.

Em Lisboa realizará uma conferencia o valoroso general sr. Gomes da Costa que foi o comandante da Divisão Portuguesa da *Batalha do Lys*, no magnifico Ginasio da Escola Militar.

TEATRO

Berta de Bivar

Reaparece hoje na première de S. Carlos, ao lado de Alves da Cunha e de Angela Pinto.

Berta de Bivar, a mais elegante das nossas atrizes tem mercê dum esforço inteligente, progredido de modo a ocupar hoje um dos primeiros logares na scena portuguesa.

Primeiras Representações

TEATRO S. LUIZ — «Sua Alteza Valsa», opereta em 3 atos, de *J. Brassener* e *A. Grunwald*, musica de *Leo Archer*, tradução de *Raul Courrège* e *Carlos Ferreira*.

Peça

O limite do inverosimil atingiu-se já, havia muito, com a opereta. Agora a fantasia não encontrando novos campos para explorar para alem dos limites estabelecidos, caindo em verdadeiros prodigios de ingenuidade e ridiculo, coisas sem nexo... o diabo por musica.

«Sua Alteza Valsa» ou a «Princesa Tralálá» é a mais moderna (para Lisboa) palavra no genero, 3 actos sem sequencias com um pequeno fio a ligar mas tão tenue que não consegue interessar. O primeiro acto passa-se em casa do Bibliotecario da Universidade de Viena, o segundo numa restaurant das margens do Danubio, e o 3.º no Palacio Imperial. Os mesmos efeitos por palavras diversas: a princesa que se neurasteniza no palacio e vai incognita valsar para os restaurants galantes; os amores contrariados dum joven, a paixão do violinista pela princesa e o ...ido.

Portanto a já velha peça vieneuse —novissima para Lisboa—não consegue o minimo interesse pelo seu enredo, embora a

Tradução

se metesse piadas ou pretensas piadas nacionais como a evocação do Santo Antonio lisboeta, casamenteiro e o que é mais grave ainda, a introdução na boca de personagens austriacos dos versos de Camões, «Sete anos de pastor, Jacob servia»... Os versos são frouxos como vulgarmente são os versos das operetas vulgares, havendo uma tirada sem ser por musica e rimada um dos actos para aumentar o disparate de toda a peça. Quanto á

Musica

não nos dá um numero ... Falta-lhe ligeresa, popularidade, aquele não sei quê de facil e harmonioso que fica no ouvido, tem pretensões superiores ao valor da opereta; destacando-se a valsa do «Danubio azul», a canção do 1.º acto para embalar crianças.

E' ainda uma obra em que a valsa predomina, em que o elogio vai todo para a valsa como se o seu tempo não vesse passado já.

Desempenho

A cargo do elemento do S. Luiz na maxima força. As maiores, mais quentes palmas, uma ovação calorosa tiveram dois artistas Auzenda Monteiro e Idalina de Almeida.

Talvez os leitores não conheçam estas duas artistas; pois são verdadeiramente notaveis. Cheias de expressão e dizer, com graça muito natural, e principalmente com uns requebros galantissimos, cheios de detalhe, na dança do seu pequeno minuete. Mereciam as duas artistas as palmas que ouviam, de todo o teatro, mas pela minha parte dava-lhes um «beijo» a cada uma...

Depois Auzenda de Oliveira que parecia ter tambem 7 anos, tão graciosa, tão ingenua, apareceu no 1.º acto. E' notavel como esta artista desempenha um papel sem quasi ter que cantar e dando-lhe vida apenas com a frescura, a mocidade e alegria da sua arte.

Aldina de Sousa cantou explendidamente a sua parte, em especial o final do 2.º acto.

Beatriz Batista repete-se, é sempre a mesma na coisa. Ouve-se com agrado mas precisa de criar qualquer coisa de novo nos seus personagens.

Sofia Santos a caracteristica mais conhecida dos nossos palcos agradou nos tons grossos do papel.

Armando de Vasconcelos apareceu com um belo tipo, na caracterisação e na composição da cabeça. Teve palmas quentes, principalmente dos artistas, o que é deveras significativo.

Soles Ribeiro teve pouca ocasião de fazer salientar a sua voz e Sebastião Ribeiro compoz um bom tipo. Carlos Viana e Correia auxiliaram com os seus habituais caracteristicos.

Scenarios

São vistosos, principalmente o 2.º acto, que é de efeito. O do 3.º acto é tambem de gosto. O guarda-roupa é bom e no 3.º acto chega a haver notas de brilhante conjuncto no cortejo nupcial.

Enscenação

Tão bôa quanto é possivel obter-se com elementos dificeis... como o são as nossas massas corais. No entanto ha sempre movimentação, e viveza. O esforço realisado é honesto. Até passa ao fundo da scena um automovel.

E disse»

ARMANDO FERREIRA

Noticiario

Portugal

Continua acentuando-se um enorme interesse pelos concertos sinfonicos que a Orquestra Filarmonica de Madrid da regencia de Perez Casas vem efectuar nos dias 9, 10, 11 e 12 de abril proximo no teatro de S. Carlos. Por estes dias publicaremos os quatro programas diferentes destes concertos que teem provocado uma enorme marcação de assinaturas, estando já tomados pelos societarios da sociedade do teatro de S. Carlos e pelos assinantes da ultima temporada lirica quasi todos os camarotes e grande numero de cadeiras ao uso da preferencia aos seus lugares cujo prazo termina no dia 30 do corrente, sendo em seguida aberta ao publico a assinatura sem reserva de marcações.

—Damos em seguida o programa completo do unico concerto que os dois grandes pianistas Mademoiselle Aussenac e Viana da Mota, executam amanhã no teatro de S. Luiz. Primeira parte I—«Sonatas em ré maior, a) Alegro con spirito; b) Andante; c) Alegro molto, «Mozart», 1.º piano Mademoiselle Aussenac, 2.º piano Viana da Mota. Segunda parte II—«Preludio» em ré bemol, op. 60, transcripto de piano com teclado de pedal, para piano a 4 mãos, por Viana da Mota, III «Benedictus» transcrito do piano com teclado de pedal, para dois pianos, por Viana da Mota, «Alkan». 1.º piano Viana da Mota, 2.º piano Mademoiselle Aussenac; IV—«Scherzo», op. 87, «Saint-Saens». Terceira parte V—«Variações», op. 46, «Schumann». 1.º piano Mademoiselle Aussenac, 2.º piano Viana da Mota. VI—«Fantasia» sobre a opera «D. João de Mozart», «Liszt». 1.º piano Mademoiselle Aussenac, 2.º piano Viana da Mota.

Espectaculos recomendados

S. CARLOS — ás 21 — A vida

S. LUIZ — ás 21 — Sua Alteza Valsa...

CENTRAL — Filme de sensação

LISBOA PITORESCA

OS JARDINS

Logar para todos. Em dois bancos sucessivos, casualmente, a mesma onda luminosa e quente do bom sol vivificador coada através da verdura, aquece e alegra a inocencia das crianças. Umas mimosas da fortuna, palream no colo das amas, como os passaros nos ramos das arvores; outras, pernitas nuas e descalças, moureja sob a fina areia branca da alameda a sua pobreza resignada ainda na ignorancia infantil das amarguras da vida que entristecem o disvelo atento da mãe. No pleno ar, apagam-se numa polarisação emotiva as diferenças sociais: ao sol, todos se aquecem, ricos e pobres. A luz evangeliza, como a palavra do justo. Em volta daquele contraste frisante de condições mundanas, os ouvidos sensiveis ás coisas do invisivel deveriam perceber o mesmo cantico da luz, subtil e acariciador, a envolvê-lo como os perfumes das flores, desabotoando agora por esses jardins de Lisboa.

E têm estes na verdade a sua vida propria, bem caracterizada, cheia de episodios, curiosa para a observação, variavel segundo as estações e os locais, mas fortemente activa na primavera.

As modernas tendencias democraticas mudaram-lhes os aspectos. Ha anos ainda cercava-os, na sua grande maioria, uma grade a substituir o antigo e espesso muro das cêrcas do convento. Os jardins tinham uma vida á parte do movimento da cidade — o passeio publico, a praça de Camões, a praça das Flores. Hoje a onda demolidora de todos os privilegios arrasou-lhes as devesas e tirou-lhes aquela regalia de propriedade particular, fechada á noite, de serventia facultativa.

Mas, em compensação, facilitando-lhes o acesso, recortando-lhes em graciosos arabescos as multiplas entradas, pela eliminação dos velhos talhões classicos, bordados de buxo ou alfazema, abrindo campo para o desenvolvimento das arvores e dos arbustos plantados sobre os relvados macios, permitindo-lhes a circulação franca e livre da vida, os jardins da moderna Lisboa têm uma paisagem mais variada e alegre, uma decoração mais artistica. Tornaram-se mais luminosos e arejados. E nestes ultimos anos todos se têm alindado, porque se fizeram no seu natural crescimento, e porque melhor se cuidaram no tratamento e na replantação. A estima pelas flores e pelas arvores acompanha a civilização.

Dos fechados, resta ainda o jardim da Estrela, o mais formoso, ar de parque aristocratico, *toilette* severa e cuidada, ricamente provido de sombras, defendido pela cortina das grades, fechado ao pôr do sol, ao toque da sineta, grave e bem timbrada, como a do Banco que anuncia o fecho das caixas, ás três horas, para a rua dos Capelistas, o mundo do dinheiro. Se ele conserva ainda esta nobreza de porte que o favoreça de quando em quando e que o transforma em parque soberano para a realização de *garden parties* caridosas, tem perdido todavia o seu aspecto particular de jardim bairrista, confinado e exclusivo, como nas épocas em que descer de Buenos Aires á Baixa correspondia a sair de um subturbio para entrar no coração da capital. Os novos meios de transporte modificaram profundamente a circulação da vida em Lisboa.

Entretanto o jardim da Estrela, estendido diante da portada majestosa do extinto convento como um tapete de verdura, limitado ao lado norte pela fileira de ciprestes que recortam no azul o cemiterio dos ingleses protestantes, conserva ainda o antigo aspecto de recreio para crianças.

De manhã, em dias de semana, os *babies* rosados e loiros, as *nurses* de seios opulentos, toucas e aventais brancos, povoam as alamedas sombreadas, enchem de risadas cristalinas o silencio morno do jardim, e entre as crianças que desenham arabescos na areia com o rasto dos arcos, e as *corbeilles* de flores que generosas entornam o seu perfume subtil circula no ar ambiente uma forte seiva de vida alegre e descuidada. Ao domingo, á hora da musica regimental, a concorrencia é sempre numerosa, o aspecto geral lembra os jardins da provincia e por entre as ruas sinuosas circula então uma vida concentrada e reflexiva onde florecem os primeiros afectos ou onde se repousam as passadas paixões. Nos bancos sentam-se as mamãs e em volta da *corbeille* central passeiam em grupos as meninas na desenvoltura artificial da sua gentileza.

E mais tarde, ao extinguir dos ultimos écos do *passo dobrado* final dos metais da banda regimental, e quando a claridade doce do entardecer alonga as sombras das arvores, toda aquela gente sae ao toque da sineta, umas para dormir na casa de jantar, ás escuras e á espera da hora do chá, outras para prolongar as ilusões do amor nascente na balada sentimental, gargarejada do segundo andar para a rua, em pequenas frases curtas.

A aventura galante procura outros jardins. Cada um tem a sua especialidade. Aqueles que, pela disposição aberta continuam á rua, prestam-se melhor ao encontro aparentemente casual, sem temores de reparos indiscretos. Se eles são passagem para casas de visitas, por eles se faz caminho; por eles se encurta a distancia, e mais agradavel é cortar em diagonal uma praça por entre as alfombras verdes, mosqueadas de flores, ou descer á caudal da Avenida por entre palmeiras exuberantes, do que tornear as ruas lateraes da praça ou entontecer em folhas neurastenicas na descida das escadas a prumo da Calçada mal afamada. Assim a praça do Principe Real (hoje Rio de Janeiro) e o jardim da Escola têm uma vida mais romanesca de um mundanismo mais elegante, de um pitoresco menos reservado do que as verduras espessas do jardim da Estrela.

Tudo isto, bem entendido, nos limites estreitos da pequena vida mundana lisboeta, que não sendo domingos ou dias santos, a horas de musica naqueles jardins onde ha coretos, o movimento neles é extremamente restrito. Em nenhum, qualquer que seja o bairro, se encontra o aspecto pinturesco do jardim do Luxemburgo ou do parque Monceau: uma população numerosa e na maioria feminina, em pleno trabalho ao ar livre, despreocupada dos que passam, isolada no meio da multidão que a rodeia, bordando, lendo, pintando, embalando os berços. Onde se viu isto cá? Lisboa é bastante grande para ser uma formosa cidade, e suficientemente pequena para ter vida aldeã, cheia de compromissos e de convenções. Cada qual que pare por momentos num passeio fora de um candieiro de taboleta, ou se demore á esquina de uma rua, indiferentemente, ao acaso ou ao sabor de um pensamento ou de um capricho, tem de justificar a si proprio o estranho caso, antes de responder á inevitavel interrogação admirativa do — *então por aqui?!...* — do primeiro conhecido que passe, se, porventura, tiver logrado evitar até então a curiosidade dos moradores do sitio, em sobressalto perante a novidade imprevista de alguem parado! Quanto mais fazer vida em jardins publicos diante de toda a gente, conversar, lêr um livro, encher as folhas de um *block* com desenhos do natural, recortes de paisagem, efeitos de luz! Quando muito está regulado e decretado pela convenção mundana que sómente se pode estar, sem reparos, na Avenida á hora da *élite* e da saida das repartições.

Variada e curiosa a galeria de *tipos* que ocupam permanentemente, de verão e de inverno, os bancos dos jardins publicos. Uns ostentam uma ociosidade inexplicavel, outros arrastam uma perversão patologica. Uns digerem numa sonolencia de frade os gordos lucros da agiotagem; outros aguçam gulosamente na observação dos que passam o apetite da lingua viperina. Uns ensaiam a eloquencia propagandista em discursos de critica politica, outros distraem o seu bom humor gracejando no conto da anedota picante e brejeira. Uns vem sentar-se no banco escuso de uma alameda sombria, como final oficiado do *vou-me embora* — das discussões domesticas, outros, mais bondosamente organisados, veem para o cultivo das suas flores no canto da sacada pedir conselho ao jardineiro que rega á lança o relvado, observar o crescimento das plantas que viram semear, das arvores prediletas que viram transplantar.

Tem-se desenvolvido, sem duvida, o gôsto pela cultura das flores, como têm crescido o respeito pelas arvores dos arruamentos. Com o aumento da área edificada em Lisboa, com a abertura das novas avenidas e com a perfeição relativa das construções, desapareceram as hortas suburbanas, onde espigavam as couves e se cuidavam as alfaces, e hoje multiplicam-se nos panoramas graciosos que se descobrem dos pontos altos de Lisboa as manchas dos pequenos jardins arborisados, onde abundam palmeiras e as yucas em centros de *corbeilles* todas floridas. Se os beirais das trapeiras se enfeitam ainda do manjerico e do craveiro perfumados, como nos galarins mouriscos do Alentejo, tambem se desenvolvem, ao abrigo das vidraças, as folhagens estranhamente coloridas dos coleus e das begonias, de reflexos metalicos, como velhos pratos de ceramica arabe.

Nos interiores os mais modestos, na decoração habitual das salas burguesas, as flores frescas do ar livre e as plantas persistentes da flora japonesa substituiram em progresso feliz os antigos ramos de hortensias de papel ou de rosas de conchinhas que ornamentavam a jardineira de pedra defronte do canapé soberano no meio das cadeiras que lhe faziam guarda de honra como sentinelas ao lado de um altar.

Correspondentemente os lugares de venda de flores multiplicaram-se a procura e ostenta lojas exclusivas com largas *vitrines* decoradas, como nos *boulevards* de Paris inumeros portais se enquadram de verdura escolhida entre mil variedades ornamentais, como junto dos caixões de grão de bico á porta das mercearias se apresentam, com ar de *store* londrino, os frutos mimosos, esta outra evolução recente no funcionamento dos mercados lisboetas. Os hortos de venda chamam a concorrencia por meio de exposições, e as colecções de rosas magnificas ostentam a sua bela coloração sugestiva, esplendidas de forma, enebriantes de perfume.

Padrões de Guerra

Reuniu ontem a comissão executiva sob a presidencia do sr. dr. Antonio Baião, ilustre director do Arquivo da Tôrre do Tombo, assistindo os srs. coronel Sá Cardoso, dr. Antonio Ferrão, eminente historiografo, tenentes coroneis Costa Latino e Pires Monteiro e capitães Lima Barreto e Guilherme Gom...

Foi lhe tida a maneira de levar a efeito um torneio á antiga portuguesa na Praça do Campo Pequeno, trocando-se impressões e dispondo já a respectiva comissão, presidida pelo tenente coronel sr. Costa Latino de valiosos elementos, que darão realce a essa comemoração historica.

Deve organizar-se um cortejo, que partirá do Terreiro do Paço e em que será observado o maior rigor na reprodução historica. A comissão tem o auxilio de muitos entusiastas, atendendo ao objectivo patriotico dos *Padrões da Grande Guerra*, e deve realizar um interessante programa, esperando levá-lo a efeito no proximo mês de Maio.

No dia 9 de Abril deverá realizar-se uma comemoração em todo o paiz, promovida pelas comissões de propaganda local.

Trabalha-se activamente para que o sarau militar que esta comissão tenciona realizar brevemente no Coliseu dos Recreios resulte brilhantissimo.

SPORT

Amadores...

Se o profissional de sport, procura tirar o maximo proveito da vida a que se dedicou, fazendo-se pagar o mais caro possivel, o que está dentro da logica, o amador pelo contrario, deve pensar que a pratica do sport, a que se dedicou, alem de lhe crear um corpo solido, serve para a propaganda desse mesmo sport.

O verdadeiro atleta faz se pouco a pouco, e é unica e exclusivamente em competição com outro, que se adquirem as qualidades necessarias que mais tarde fazem o campeão.

Não pensaram assim os amadores de pesos e alteres, que se abstiveram de concorrer ao criterium Padinha.

Porque?

Porque a maior parte só quer entrar numa prova, quando tenha a certeza de ficar bem classificado.

Como se em sport, não tivesse que haver vencidos, e como o principiante de hoje, não possa vir a ser o consagrado de amanhã.

Com esse pensar, que tresanda a vaidade, é impossivel fazer sport.

A direção da J. C. P. fez o seu dever, deve estar satisfeita. Os atletas amadores, não fizeram o seu.

E' ela com ela.

E quando alguem pregunta á direção, porque não pensa em provas de força, esta terá apenas que mostrar a inscrição da prova Padinha...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

FOOT-BALL

OS DESAFIOS DE AMANHÃ

Inter-Club—Para disputa do logar na 2.ª divisão encontram-se o mais classificado no campeonato de Promoção com o menos classificado nesta divisão.

União Foot-ball de Lisboa contra Casa Pia Atletico Club em Palhavã ás 13.30 horas sendo arbitro o sr. Rebelo da Silva.

Para disputar o logar na 1.ª divisão encontram-se o mais classificado na 2.ª com o ultimo da primeira:

Benfica contra Imperio em Palhavã ás 15.30 horas sendo arbitro o sr. Alberto Augusto.

Provas escolares de Foot-ball — Grupo B (externatos):

Afonso Domingues contra Pedro Nunes no Campo Grande A, ás 12 horas; juiz o sr. Frederico de Barros.

Grupo B (externatos)

Asilo de Maria Pia contra Casa Pia, ás 10,30 horas no Campo Grande A.

OXFORD CITY EM LISBOA

A convite do Imperio Lisboa Club deve visitar esta cidade, em Abril proximo, o primeiro «onze» do club inglês Oxford City, que vem defrontar-se com alguns dos nossos melhores clubs.

E' arrojadissima a iniciativa do Imperio, por isso mesmo digna de todo o aplauso.

LUTA GRECO-ROMANA

No fim do corrente mez realisa-se no salão do Ginasio Club Português uma «poule» de luta reservada aos socios daquele Club, como preparação para o Campeonato regional de luta que se realisa em maio proximo.

A classe de luta tem estado muito frequentada continuando a ser proficuosamente dirigida pelo antigo campeão de luta Claudio de Oliveira.

No dia da «poule» alem de varios assaltos, haverá tambem uns assaltos demonstrativos por Claudio de Oliveira e alguns dos seus discipulos.

BOX

Tem continuado com muita frequencia a classe de Box, obsequiosamente dirigida pelo sr. Abel da Cunha, devendo realisar-se brevemente mais uma sessão de Box, na qual alem dos pugilistas do Ginasio Club, dão o seu concurso alguns dos melhores amadores dos outros Clubs onde se pratica o Box, esperando-se que o programa inclua um combate entre Francisco Xavier de Araujo e um outro amador.

PROVA DE BILHAR

Encerra-se no dia 20 a inscrição para a prova de bilhar, inter-socios, que se começa a disputar no Ginasio Club Português no dia 27 do corrente.

Os concorrentes são divididos em categorias, havendo prémios para os melhores classificados em cada categoria.

N.º 30 — Folhetim de A CAPITAL — 18 de Março de 1977

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

VI

Depois das minhas narrativas, entabolavamos longas conversas no decorrer das quais ela explicava o meu passado de tal maneira que, com efeito, parecia-me evocal-o e aprender muitas coisas. Mme. Leotard julgava muitas vezes estas conversas muito serias e vendo as minhas lagrimas, julgava-as bem dispensaveis. Mas eu pensava exactamente o contrario, porque apos estas «lições», sentia-me tão contente e leve, como se na minha vida não tivesse havido nada de desgraçado.

Por outro lado eu estava muito reconhecida para com Alexandra Mikhailovna, pois que, cada dia que passava, mais me forçava a amal-a. Mme. Leotard não compreendia que assim, pouco a pouco, desaparecia harmoniosamente tudo que nestes tempos tinha perturbado prematuramente a minha alma.

O dia começava desta maneira: reuniamo-nos na «nursery». Acordavamos o filho, e depois de o lavar e vestir, davamos-lhe de comer; entretinhamo-lo ao mesmo tempo que o ensinavamos a falar; depois, deixavamos a creança e sentavamo-nos a trabalhar. Trabalhavamos muito, mas só Deus sabe o que valiam esses estudos! Abrangiam tudo e ao mesmo tempo nada de definido. Liamos juntas e trocavamos as nossas impressões. Trocavamos o livro pela musica e durante horas inteiras executavamos, sem fadiga alguma. A's vezes á noite, vinha B..., o amigo de Alexandra Mikhailovna; Mme Leotard tambem. Quasi sempre entabolava-se uma conversa animada sobre a arte, a vida, a realidade e o ideal, o passado e o futuro; muitas vezes sucedia ficarmos assim a conversar até depois da meia noite. Eu escutava avidamente, entusiasmava-me com os outros, ria ou entristecia, conforme a conversação. Foi no decorrer destas palestras que tomei conhecimento detalhado de tudo que dizia respeito a meu pae e á minha infancia.

Contudo eu crescia. Deram-me professores, mas se não fosse Alexandra Mikhailovna eu nada teria aprendido. Com o professor de geografia não fazia mais do que inclinar-me sobre o mapa á procura de cidades e rios; com Alexandra Mikhailovna, porem, encetavamos las viagens, visitavamos um paiz, viamos maravilhas, viviamos horas entusiasticas, fantasticas e o nosso zelo era tão grande que se os livros que ela possuia não eram suficientes, viamo-nos obrigadas a recorrer a novos volumes. Cedo eu podia responder ao professor tudo que me perguntava. Contudo, devo fazer-lhe esta justiça, até ao fim, ele teve sobre mim a vantagem de conhecer imperturbavelmente a longitude e altitude de todas as cidades, assim como as cifras da população.

O professor de historia era pago muito escrupulosamente, mas logo que saia, Alexandra Mikhailovna e eu estudavamos historia á nossa maneira. Pegavamos em livros e liamos muitas vezes até uma hora muito adeantada da noite, ou talvez dizendo melhor, era Alexandra Mikhailovna quem lia pois que exercia tambem as funções de censor. Nunca experimentei maior entusiasmo do que depois destas leituras. Animavam-nos ambas como se fossemos os proprios herois. Liamos de mais nas entrelinhas; alem disso, Alexandra Mikhailovna, expunha muito bem; podia quasi dizer-se que o que liamos passava-se na nossa presença.

Por mais estranho que possa parecer tal entusiasmo, contudo ela acalmava-se junto de mim. Recordo-me que muitas vezes refletia, olhando-a, eu adivinhava e antes mesmo de ter começado a viver, já conhecia muito da vida.

Fiz treze anos. A saude de Alexandra Mikhailovna agravava-se cada vez mais. Tornava-se irritavel, com longos e agudos acessos de tristeza. As visitas do marido eram mais frequentes. Demorava-se com ela, como dantes, quasi sem dizer uma palavra e cada vez mais mudo comigo. A sua vida principiava a interessar-me vivamente. Eu já tinha passado da infancia; formavam-se em mim diversas impressões novas; eu observava, imaginava e sub-entendia. Cada vez me atormentava mais o misterio desta familia.

Nalguns momentos parecia-me compreender qualquer coisa desse misterio. Outras vezes tornava-me indiferente, apatica, aborrecida, esquecia a minha curiosidade, não encontrando resposta para nenhuma das minhas perguntas. Por fim e cada vez mais frequentemente eu sentia a necessidade esquisita de ficar só, de refletir, de refletir sem cessar.

Era exatamente como na epoca em que eu estava ainda em casa de meus pais, quando antes de ter aquela amisade estranha por meu pai, eu estive todo um ano a pensar no meu canto, a refletir, a olhar, de tal forma que me tornava quasi selvagem, vivendo entre as fantasticas visões criadas pela minha imaginação. A diferença era que agora havia mais impaciencia, mais angustia, maior desejo de movimento, de maneira que não me podia concentrar num só ponto, como noutro tempo.

Por seu lado Alexandra Mikhailovna dava a impressão de se querer apartar de mim. Com a minha idade eu quasi não podia ser mais sua companheira. Já não era uma creança. Interrogava-a sobre muitas coisas e por vezes olhava-a de tal forma que ela via-se obrigada a baixar os olhos diante da minha frente. Havia momentos estranhos.

Não podia ver as suas lagrimas e muitas vezes chegava a chorar, olhando-a. Lançava-me ao seu pescoço e abraçava-a ardentemente. Que podia ela responder-me?

Sentia que era um fardo para ela.

Noutros momentos e isso era sempre penoso e triste—ela propria, como desesperada, abraçava-me fortemente, parecendo procurar a minha simpatia, como se não podesse suportar a sua solidão, como se eu a compreendesse já, como se tivessemos sofrido juntas.

Contudo um misterio existia entre nós e eu propria começava a afastar-me dela. A sua presença tornava-se-me penosa., pouca coisa nos reunia agora: a musica, mas o medico proibira-a de tocar. Os livros? Era ainda peior. Ela não estava em estado de ler comigo. Ter-nos-hiamos detido logo na primeira pagina: cada palavra podia ser uma alusão, cada frase um equivoco. Evitavamos conversar em «tête a tête», intimamente.

Exactamente nesse momento, a sorte, sempre imprevista, deu da maneira mais bizarra, um outro sentido á minha vida. A minha atenção, os meus sentimentos, o meu coração, o meu espirito, tomaram de repente, com uma tensão que atingia o entusiasmo, uma outra orientação. Sem dar por isso, encontrei-me transportada para um mundo novo. Não tinha tempo de meditar, de olhar em minha volta, de refletir; podia perder-me, sentia-o mesmo, mas a tentação era mais forte do que o receio e abandonei-me ao acaso, de olhos fechados; afastei-me por muito tempo dessa existencia que começava a ser um fardo para mim e na qual, com tanta avidez e inutilidade eu procurava um abrigo. Eis do que se trata e como as coisas se passaram:

A sala de jantar tinha tres portas, uma que dava aos quartos de recepção, outra á cosinha e á «nursery» e a terceira á biblioteca. Na biblioteca havia uma outra porta que dava para o gabinete de trabalho do secretario de Piotr Alexandrovitch, que era ao mesmo tempo ... o homem de confiança...

(Continúa)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4031 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 20 de Março de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

A confiança

Apezar das ligeiras oscilações que, em todo o caso, já baratearam a libra em 6 ou 7 escudos, não é menos certo que não tem havido uma grande melhoria nos cambios. O movimento é vagaroso. Mas talvez seja melhor que assim suceda do que, dando-se grandes saltos, assistirmos depois a um recuo mais precipitado ainda.

Entretanto deve haver uma razão para que os cambios não tenham melhorado já 2 ou 3 pontos, o que certamente não seria pretensão exagerada. Essa razão está no espirito de toda a gente. Todos a conhecem, e para sermos inteiramente justos temos de a apreciar, apesar de não ser uma justificação como uma ponderavel atenuante do retraimento que ainda dificulta a melhoria cambial.

Referimo-nos ao vergonhoso, ao escandaloso caso dos 50 milhões de dollars, mistificação colossal que teve em mira uma especulação criminosa em que mercê da melhoria artificial dos cambios que dela resultou, se extorquiram á economia privada dezenas de milhares de contos em proveito dos autores e cumplices dessa tranquibernia famosa.

O caso dos 50 milhões de dollars está ainda bem vivo na imaginação de toda a gente. Criou-se um estabelecimento bancario «ad hoc» em paiz estrangeiro para facilitar uma burla, em que entrou alugado para tal fim um «escroc» americano perseguido pela justiça, da sua terra e que o negociador português, deslumbrado pelas suas aparencias principescas de aventureiro emerito, ainda depois da burla descoberta continuou, e crêmos que continua ainda, apesar de ninguem mais lhe pôr a vista em cima, um honrado e respeitavel homem de negocios. Firmou-se um contracto, absolutamente fantastico, visto que nenhum organismo americano fora sequer consultado para o credito a abrir; e clamou-se aos quatro ventos, em Portugal, essa feliz noticia. O «truc» deu o resultado que toda a malta esperava. As libras desceram a metade, e pouco depois, descobria-se toda a falsidade da operação anunciada. Assim era preciso para que o cambio se agravasse extraordinariamente, metendo toda a gente que participou na burla dezenas de milhares de contos na algibeira, e peorando assustadoramente a situação do paiz. O caso levantou indignação; o parlamento comoveu-se; todos os partidos reclamaram o castigo severo das falcatruas; mas o americano desapareceu, o sr. Afonso Costa poz-se abertamente ao lado dele e dos intrujões com quem negociava, negando-se a dar quaisquer explicações ao parlamento; alguns banqueiros foram presos, mas pouco depois postos em liberdade, e a burla infamissima ficou sem castigo como quasi sempre acontece em Portugal.

Esta recordação pesa sobre o publico. Toda a gente receia uma nova mistificação, e se a burla dos 50 milhões de dollars foi um verdadeiro crime pelo seu objectivo imediato, não o foi menos pelas suas consequencias inevitaveis. Essas consequencias é as que estamos agora observando, e que se manifestam na incredulidade, na desconfiança, no retraimento que dificultam a melhoria cambial de que depende o embaratecimento da vida e as possibilidades de uma larga obra de fomento no nosso paiz.

Não desanimemos porem. Assim como começa a já não oferecer duvidas o pleno restabelecimento da ordem, assim tambem dentro em breve ninguem deixará de reconhecer a seriedade governativa. A confiança ressurgirá, e com a confiança virá não só a melhoria dos cambios mas a melhoria de todas as condições em que a nossa vida decorre. Estamos no limiar de novas eras, desafogadas e felizes, e já nada nos impedirá de ás transpor.

DESORDEM BOLCHEVISTA

Se "A Batalha" é contra a pena de morte nos Estados Burguezes, não lhe repugna que ela seja usada nos Estados Bolchevistas, para supressão de inimigos politicos

Os "Trez Oitos" falsificados pelo sindicalismo vermelho da U. S. O. — Opressão e exploração do operariado portuguez, honesto e patriota

Continuemos.

Se o abuso das greves constituiu, como já demonstramos, um elemento de desmoralisação e desordem economicas, não só para a Nação como, principalmente, para o operariado, a conquista das 8 horas de trabalho foi, neste paiz empobrecido e deficitario, uma verdadeira catastrofe nacional, castigando, mais que quaisquer outras, as classes trabalhadoras.

Nenhum intelectual se lembrou, jamais, de instituir o regimen «obrigatorio» de oito horas «unicas» de trabalho diario, — excepção feita, é claro, dos intelectuais da fauna do Terreiro do Paço, da União dos Sindicatos Operarios de «A Batalha», etc. o que existia, como espiração, antes da guerra, era o regimen normal dos «Tres Oitos»: oito horas de trabalho, oito de repouso e oito de instrução. Era o regimen «normal» de 8 horas de trabalho. «Normal», entenda-se bem, e não «unico». E o sistema correspondia, realmente, em 1914, a uma necessidade social, atentas as condições deploraveis da super-produção.

Em 1914 a situação era esta: a produção excedia o consumo. Nestas condições, os «stocks» de mercadorias manufaturadas acumulavam-se nos armazens e a crise da falta de trabalho acentuava-se assustadoramente. Os governos burguezes procuraram remediar a crise pela conquista de novos mercados, estabelecendo-se uma luta tremenda no campo consumidor das tres Americas, das regiões africanas e até asiaticas, onde as grandes potencias procuravam penetrar quer pela China, quer pelo Sião e até atravez da Turquia da Europa para atingirem a Persia. Essa luta foi, aliás, uma das causas da grande guerra, porque a Alemanha estava de vencida a sua rival Inglaterra, prestes a ser batida e deslocada no campo de batalha economico da concorrencia industrial. De resto, mais uma vez se verificou o principio de que todas as guerras são fundamentalmente economicas, nascidas do «struggle-for-life», que abrange nas suas garras de ferro, tanto os individuos como as nações.

Para remediar o excesso do consumo sobre a produção imaginou-se um meio de restringir esta, sem prejuizo e antes com vantagem para o operariado mundial. Os desocupados contavam-se por milhões, visto que os industriais, não tendo saidas para as manufaturas, limitavam o trabalho e até fechavam temporariamente as oficinas.

E' evidente que, limitando-se o trabalho normal diario a 8 horas, a produção diminuiria, os «stocks» iriam-se esgotando e todo o operariado teria trabalho. O custo da mercadoria fabricada era «ipso facto» augmentado, mas essa circunstancia pouco influencia teria na Economia dos Estados, porque surgiria, ao mesmo tempo, em toda a parte do mundo. O aumento no custo da mercadoria, inevitavel visto que a mão de obra se tornava um pouco mais cara, corresponderia, afinal, a um imposto pago pelos consumidores em beneficio das classes trabalhadoras. Era justo e era, principalmente, de indiscutivel dever humanitario. De resto, esse imposto recairia tambem sobre os proprios beneficiados, porque todos somos consumidores, mais ou menos.

Mas surgiu a guerra e esse enorme cataclismo, o maior de que reza a historia do mundo civilisado, fez surgir circunstancias diametralmente opostas ás de 1914. Hoje o problema tem os termos da equação invertidos: o consumo é superior á produção. E as causas dessa inversão são faceis de expor e de compreender.

Durante quatro anos de guerra foram empregados milhões de homens numa obra intensiva je exclusiva de destruição. As grandes oficinas e até mesmo as pequenas transformaram-se em fabricas de munições e maquinas guerreiras, — totalmente nos grandes paizes e parcialmente nos outros. Esses milhões de homens, vivendo quasi a vida primitiva, gosando o ar livre e o grande sol dos campos de batalha, tornaram-se insaciaveis consumidores de viveres; e o pessoal das fabricas de munições e artefactos belicos, constituido, em regra, por mulheres, perdeu ou quasi perdeu os habitos de economia domestica, mais ou menos transformados em segunda natureza para aqueles que teem que deitar contas á vida diaria, premidos na exiguidade dos salarios, vencimentos ou ordenados.

Os «stocks» de mercadorias esgotaram-se. Concluida a paz de Versailles, que não poz, realmente, fim á guerra, mas apenas reduziu a sua intensidade, o a sua extensão, o problema do trabalho ficou como já dissemos, sujeito a esta formula: o consumo superior á produção. O desiquilibrio economico que daqui resultava era mais sensivel nuns povos que noutros, como é obvio. Em Portugal, País deficitario por excelencia, o mal estar avassalava todas as classes. A efervescencia operaria, mal orientada, impoz o regimen de 8 horas exclusivas de trabalho diario. E a produção mais diminuiu, subindo o custo da vida por tal forma que um quilo de batatas custa agora nove tostões e um quilo de cebolas doze tostões. Assim havemos de ir parar longe!

Não somos contra a limitação de horas de trabalho, antes pelo contrario. Admitimos que o dia normal deve ser de 8 horas de trabalho. Entendemos, porém, que o trabalho voluntario de horas suplementares deve ser legalisado, desde que nesse acrescimo do esforço produtivo, generosamente remunerado, concordem operarios e patrões. Mas isto é que não convem á U S O nem ao seu porta-voz «A Batalha». Diremos porquê amanhã.

A nossa opinião a respeito do «bluff» da pena de morte, fantasia explorada em ridiculos plebiscitos, ficou aqui expressa. Mas «A Batalha» não a transcreveu... A opinião de «A Batalha» é que começa a ser extremamente obscura — a ponto tal que já se não sabe ao certo se o jornal porta-voz do sindicalismo ultra-rubro da U. S O é a favor ou contra.

E' certo que «A Batalha» é contra a legalisação, pelo Estado Portuguez, da pena de morte. A este respeito não ha duvida. Podemos mesmo generalisar e dizer que «A Batalha» é contra a pena de morte nos Estados Burguezes.

E' o que consta da sua primeira pagina. Mas na terceira pagina defende e põe nos carrapitos da lua, uma instituição anarquista, a «Tcheka» (que raio de nome!...), que, segundo «A Batalha», ordenou e executou fusilamentos em massa, sendo «os primeiros inimigos politicos» (expressão empregada pelo porta-voz...) fusilados em 1918. Dahi por diante, foi uma razzia nas cabeças politicas que tinham a desgraça de gerar pensamentos contrarios ao bolchevismo russo.

A unica conclusão a que se pode chegar, por emquanto, é esta: «A Batalha» não quer a pena de morte na legislação dos Estados Burguezes, entende que ela está muito bem nos codigos penais dos Estados Bolchevistas. Pode alguem surpreender — se, agora, que «A Batalha» tenha preconisado o uso da bomba explosiva, como arma propria da legitima defeza?...

A não ser que haja incoherencia... Tambem é possivel. Para criticar desta força é que «A Capital» talhou esta carapuça:

«A critica em Portugal exerce-se sem aquele sentido nobre em que consiste a sua verdadeira essencia. Qualquer pessoa, dispondo de alguma audacia desembaraçada e do conhecimento rudimentar das convenções do estilo, transforma-se em critico com toda pressa e com tam impertinente necessidade, como se se tratasse de uma função de mero expediente fisiológico».

E' justo reconhecer, entretanto, que a linguagem do que presentemente usa a «A Batalha» é um pouco mais decente. Já lá ha quem saiba escrever. A's vezes, descuida-se. Ainda ontem falava em ignobil «chantage». Aprendeu de côr o vocabulo francez... E lembrou-se, naturalmente, de não permitir a sahida da propria casa do seguinte trecho, que transcreve no proposito involuntario de fazer a sua auto-biografia:

«Infelizmente ha jornalistas (não, não, confirma «A Batalha»...) que pouco se importam com o conceito em que são tidos. Um diario é para eles o bacamarte dos antigos bandidos. Encarregam a sua pena de lhes fertilisar o seu orçamento. Não hesitam perante a mentira, a calunia, a blasfémia, a insinuação malevola ou a acusação sem provas».

Para coroar a obra de ontem, «A Batalha» prega uma descompostura aos operarios dos fosforos, a quem classificou de incompetentes na manipulação dos pauzinhos que não ardem nem á sé imu fecada. Perdão é a sétima bomba.

A culpa é dos padeiros...

A REPUBLICA E A IGREJA

O Cardinalato de Mgr. Locatelli

O QUE NOS DIZ O DR. SANTOS FARINHA SOBRE A TRADIÇÃO DE UM REMOTO PRIVILEGIO ECLESIASTICO

Os privilegios da Igreja para com os portuguezes começaram quando Portugal e Espanha, na mesma ancia de gloria, sulcaram a imensidade dos mares. Eram tais os serviços prestados pelas duas nações ao mundo que as suas descobertas começavam a despertar a cobiça dos outros paizes. Foi necessario então, para evitar dissenções e equivocos, que uma entidade de supremo prestigio delimitasse a esfera da acção das nações navegadoras, arrumando de vez o que interesses secundarios pretendiam perturbar. Essa entidade foi o Papa que, invocado como arbitro, assinalou o emisferio oriental aos portuguezes e a Castela o ocidental, arrogando assim os dois paizes o direito de barrarem o caminho aos outros.

Portugal começava a adquirir, tanto no conceito das nações, como no da Igreja, um enorme prestigio de grande poder cristão, tal era a Fé que espalhava o que merecia ser distinguido com privilegios eclesiasticos de tal magnitude que ainda hoje, quando deles nos servimos, são motivo de orgulho, embora as instituições sejam outras que não aquelas a que eles melhor se adaptariam e a quem devemos esses honrosas concessões.

A Tradição é uma força psicologica poderosissima e todos os privilegios a tem, quando eles se perdem no Passado.

Quizemos ouvir alguem que, pela sua autoridade e pela sua inteligencia, nos dissesse alguma coisa da tradição de o chefe do Estado impôr, como o fará brevemente, o barrete cardinalicio ao nuncio apostolico em Lisboa, Mgr. Locatelli. Lembramo-nos para isso do dr. Santos Farinha, esse simpatico sacerdote que todos nós conhecemos atravez de tantos aspectos brilhantes da sua personalidade.

* * *

Não sei, mas nenhuma qualidade se coaduna mais com a missão admiravel de um padre como a modestia. Jesus era modesto sendo rei dos judeus e essa nobre virtude parece ser revelada para orgulho dos seus apostolos de hoje que cumprem religiosamente o seu mister.

Foi no conforto espiritual desta singeleza de habitos que eu fui encontrar o dr. Santos Farinha, pois o seu quarto, onde gentilmente nos recebeu, é de uma nobre modestia, desde o leito D. João V ás simples imagens de santos que revestem as paredes. Pouco mais ali se encontra, alem de uma escrevaninha, repleta de papelada em desalinho, simples tambem, e de um ou outro missal para as suas meditações.

As nossas saudações responde-nos um sorriso de padre que logo se dispõe a satisfazer-nos a nossa curiosidade.

—Que nos diz o dr. sobre a imposição do chapeu cardinalicio pelo Presidente da Republica ao Nuncio apostolico em Lisboa?

E como nós nos enganemos, confundindo as duas cerimonias do cardinalato, o nosso entrevistado corrigenos.

—Não se trata de receber o chapeu cardinalicio, que eu o Papa impõe num consistorio especial, mas sim o barrete, sem o qual não hoarão os cardiais habilitados ao Papado, o que não acontece com o primeiro que pode não chegar a ser conferido, como aconteceu ao falecido Bento XV.

O actual Patriarca de Lisboa, D. Antonio Mendes Belo, devido a estarem cortadas as relações diplomaticas com a Santa Sé, recebeu o barrete cardinalicio por intermedio de Espanha, o qual lhe foi trazido, depois, por um parente dos Marquezes de Aguila Fuerte.

—?

—Como se procederá a essa cerimonia na posse do actual nuncio M.gr. Locatelli não sei nem tão pouco quais as personalidades que substituirão as que a côrte e o clero no tempo da monarquia, designavam.

O nosso amavel entrevistado descreve-nos então do que constava essa lusida praxe da Igreja.

— A cerimonia costumava ser feita na Capela do Paço, sendo rezada uma missa pelo capelão real que julgo será actualmente substituido por um dos conegos da Sé. O barrete transportava-o o ablegado que previamente era recebido em audiencia solene, onde apresentava a carta autografa do Papa e acompanhado de um guarda nobre, devendo assistir á investidura cardinalicia o Patriarca de Lisboa. Alem de um coche, onde era conduzido o homenageado, tomava parte no cortejo um esquadrão de cavalaria, sendo costume, nesse tempo, oferecer ao seu comandante uma abotoadura de ouro.

—Recorda-se, sr. dr. o ultimo nuncio que recebeu em Lisboa a mesma insignia?

No o requinte de amabilidade, o prior de Santa Isabel, diz-nos:

—Foi M.gr Ajuti, servindo de ablegado M.gr Bovieri.

... e consultando o «Catholic Directory».

—Deve ter sido em 1902.

—Não acha v. ex.ª que não se conjuga muito bem a imposição do barrete cardinalicio com as funções de um presidente de uma republica que baniu a religião Catolica?

—Diz bem. Efectivamente as cerimonias deste natureza pedem um luzimento e uma fé que a Republica não lhe pode dar. Entretanto, acho por bem deverem manter-se e até reivindicar, este e outros privilegios.

—?

—Em França, já depois da Republica, antes do regimen da separação um dos presidentes impoz tambem, não sei a quem, o barrete cardinalicio.

—?

—Esse privilegio tem no mais nações, alem do Fidelissimo Portugal a Apostolica Austria, a Cristianissima França e a Catolica Espanha.

—E que outros privilegios identicos temos?

—O de contarmos outrora sempre dois cardiais: O Cardeal Patriarca e o Cardeal da Côrte, tendo sido o ultimo D. Americo e o penultimo D. Pedro Paulo de Figueiredo.

Por D. Manuel I foi pedido o cardinalato da Côrte para o Infante D. Afonso que ainda não tinha tres anos sendo-lhe concedido em 1517.

—?

—Outro privilegio consistia em elevar ao cardinalato o nuncio em Lisboa, após o termo da sua missão diplomatica, acontecendo, no tempo de D. João V, haver dois nuncios em Portugal. Um era o nuncio que segundo o previlegio seria elevado a cardeal com o que a Santa Sé nessa altura não concordava, outro o que a Igreja enviara para substituir o primeiro, respectivamente M.gr Bichi e M.gr Ferrez. O litigio acabou por dar a victoria a D. João V.

Mais umas trocas de palavras sobre assuntos varios e estava terminada a entrevista que nos agradecemos, levando no espirito a impressão de termos ouvido o antigo e habil professor do seminario, deixando entregue ao simplismo do seu quarto o simpatico sacerdote, na missão sagrada do seu estudo e das suas meditações.

O crime de Serrazes

Infamias sobre infamias da acusação

O que se está passando no julgamento, que decorre em Coimbra é tipico. Para servir ancias doentias de vinganças injustificaveis reproduzem-se insultos, levantam-se aleivos, mordem-se reputações do gente honesta e simples que apenas deseja que no julgamento venha á lume toda a verdade, e apenas aspira a que justiça seja feita.

O sr. dr. Cunha e Costa que até ha pouco tempo, era considerado um advogado distinto, perdeu neste julgamento toda a linha de compostura indispensavel num homem de educação. Parece um epileptico, parece um doido. Decompõe-se em gestos desconformes, esbraveja, uiva, grita, espuma e vomita insultos contra toda a gente. Ninguem lhe escapa, a imprensa, o comercio, a industria, os estudantes, os jurados, os espectadores, as mulheres... (nestas abre uma excepção para a sr.ª D. Eugenia Malafaia) tudo para ele é alvo de insultos soezes e grotescos.

O sr. dr. Cunha e Costa assume por vezes atitudes simiescas que fazem rir os proprios agravados. Padece evidentemente de enfraquecimento mental que está manifestando agora uma crise grave.

Não estudou o processo. Basta ouvi-lo para logo se perceber que está com branca. E chamado á barra pela defesa, apega-se ao recurso de insultar tudo e todos. Quando se lhe acaba a inspiração, recorre aos insultos já editados por outros.

E assim foi que reeditou todos os agravos que os grevistas da imprensa estamparam contra os directores dos jornais. Mas a que proposito vinha aquilo para a acusação dos réus? Pobre Cunha e Costa! Quem te viu, e agora te ouve, sente uma triste impressão de comiseração ao contemplar a ruina do teu talento!

Folhetos distribuidos profusamente por Coimbra contra os reus parecem uma reedificação do jornal dos grevistas da imprensa feita pelo sr. Cunha e Costa.

A prosa é dele mas a responsabilidade atira-a para as costas dum morto pretendendo assegurar prudentemente a integridade das costelas. Bernardo Malafaia, morto ha dois anos, serve-lhe de escudo para insultar á vontade. Sem coragem para assumir responsabilidades, perturba a paz do tumulo um pobre velho que morreu alquebrado de desgostos para o cobrir.

Procedimentos tais só se justificam ou por loucura ou por alcoolismo. Algumas das atitudes do sr. Cunha e Costa podem explicar-se por um ou por outro. Numa das audiencias foram tais os despauterios que disse, que só uma excitação provocada por qualquer droga ingerida os poderia explicar.

N. da R. — Não conhecemos o folheto em questão. Vamos manda-lo vir para o lermos e liquidarmos, na parte que nos possa dizer respeito, o que ficou por liquidar por ocasião da greve da imprensa.

Mayer Garção

Este nosso querido amigo, o fulgurante e brilhante jornalista dos nossos tempos, deu-nos hoje o prazer de sua visita, a primeira apoz a doença grave que o acometeu. Como nesta casa todos teem por Mayer Garção aquela admiração justa que o talento faz nascer, é grande a nossa alegria, por de novo o vêr em toda a sua actividade nestas lutas de imprensa, que dia a dia consomem o melhor da nossa energia e da nossa inteligencia. Com Mayer Garção o espirito não se gasta — pois que em todos os seus artigos ha uma fé sempre moça, que transparece cristalina, como a propria verdade.

A luta em Marrocos

Os mouros estão desanimados

TETUAN, 20. — Os mouros continuam muito desanimados em consequencia das ultimas derrotas tendo tido 100 mortos e 400 feridos nos ultimos combates entre os feridos contam-se 4 chefes. — (R).

Algumas cabilas rendem-se

MELILLA, 20. — Os mouros da cabila de Beni-Said enviaram emissarios a solicitar perdão convencidos de que não podem levar a melhor na continuação da luta.

O alto comissario comunica que as colunas dos generais Cabanellas e Berenguer continuaram o seu avanço na direcção de Berkomor, ocupando diversas alturas e aduares e vencendo briosamente a resistencia dos mouros.

A aviação bombardeou concentrações inimigas e povoados sofrendo o inimigo grandes perdas. — (R).

Padrões da Grande Guerra

Festa desportiva africana

A Comissão Executiva dos «Padrões da Grande Guerra» presidida pelo Coronel sr. Sá Cardoso recebeu uma Comissão da Liga Africana; constituida pelos srs. Nicolau Santos Pinto, Professor Augusto de Sousa Magalhães, Pedro de Almeida e Pascoal de Almeida, que foi manifestar o seu reconhecimento por a Comissão dos «Padrões» não ter esquecido a colaboração dedicada e leal, que a Infanteria Indigena prestou ás tropas da metropole nas duas Campanhas da Grande Guerra, em Angola e em Moçambique, e oferecer o entusiastico e patriotico concurso da Liga Africana á aspiração Nacional dos «Padrões», consagrando o Esforço Colectivo da Patria Portugueza».

Ficou resolvido que a «Liga africana» promoveria no proximo mez de Maio uma festa desportiva com elementos exclusivamente africanos e que o seu ilustre Presidente sr. dr. José de Magalhães realisaria brevemente uma conferencia subordinada ao titulo — «Os Padrões da Grande Guerra, em Africa».

A Comissão dos «Padrões» irá brevemente conferenciar com o sr. ministro das Colonias, a fim de lhe solicitar, que o Soldado Desconhecido Indigena seja sepultado na base do simbolico «Padrão».

No mesmo sentido vai oficiar aos srs. Altos Comissarios das nossas duas grandes colonias.

A importação do assucar no Funchal

Do Funchal recebemos, assinado pelo sr. Antonio Honorato de Sousa, que se nos dirige em nome da «Comissão Delegada de Operarios e consumidores», o seguinte telegrama:

«As classes operarias e consumidores do Funchal respeitosamente protestam, por intermedio do «Seculo», contra o pedido de alguns grandes proprietarios, para ser proibida a importação de assucar. Pedimos que tal medida não seja decretada, pois afectaria toda a população consumidora do distrito, bem como se não permita o aumento de direitos que, agravando a situação dos que labutam dia a dia, viria apenas aumentar as regalias que já usufruem com a protecção da alfandega o monopolio assucareiro».

A prisão de Ghandi

O julgamento

LONDRES, 20. — Julga-se que a imparcialidade com que será feito o julgamento de Ghandi contribuirá muito para que diminua o resentimento na India. Foram dadas instruções para Ghandi ser tratado com todas as considerações possiveis. — (R.)

A Alemanha pagou mais trinta e um milhões de marcos

LONDRES, 20. — A Alemanha fez o setimo pagamento de 31 milhões de marcos ouro, referente ás prestações que se vencem todos os dez dias. — (R.)

Conferencia

No passado domingo realisou na Juventude Catolica uma conferencia subordinada ao tema «A familia» o jovem escritor Mario Gonçalves Viana.

E' de todo impossivel fazer um resumo da brilhante alocução em que o distinto publicista estudou com uma erudição invulgar as causas multiplas e desorientantes que veem contribuindo para a desagregação da familia, baseando as suas afirmações em solidos argumentos do mais alto valor scientifico, sociologico e moral. O orador referiu-se depois ainda — e para terminar — ao que deve ser a vida dentro do lar — vida afectiva e honesta dos mais puros sentimentos e das mais sinceras afeições. Fala em poucas frases duma sugestiva beleza, no bom gosto, no conforto e no respeito que devem viver a aureolar a virtude e a sinceridade reciproca dos conjuges.

Quando terminou, foi vibrantemente aplaudido pela numerosa assistencia que assim lhe tributou a mais justa das homenagens ao seu espirito curioso de intelectual.

Não são os medicos

Os culpados do grande numero de especialidades extrangeiras consumidas no paiz. O publico é que sugestionado pelos reclamos se medica, sem querer saber dos riscos que corre, em se expôr a ingerir medicamentos de composição desconhecida. Usai pois nos «Diurenal», o melhor diuretico da secção garantida, da qual é depositario exclusivo Raul Vieira L.da R. da Prata, 51.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

As artes, oficios e profissões no seculo XVI em Portugal — As revelações do adagiario nacional

O professor Ladislau Batalha, ilustre colaborador da nossa interessantissima secção historica, acaba de comunicar-nos que em breve recomeçará os seus trabalhos que traz em esboço.

Depois de ter estudado pelas crónicas e pelo adagiario o seculo XVI, ferrenhissimo viveiro dos nossos anexins, vae agora em novos estudos examinar as varias artes e oficios daquele seculo, e todas as questões do trabalho e produção que se relacionam com aquele pert do historico.

Tendo já mostrado as varias fontes da nossa proverbial relutancia pelo trabalho, propõe-se nesta nova serie demonstrar lusitanamente as razões do desprezo pelos oficios profissões e produção, extensivos até a actualidade, com prejuizos quasi irremediaveis para a prosperidade e desenvolvimento da nacionalidade portugueza.

Sabendo como o professor Ladislau Batalha costuma acompanhar os seus estudos deste genero com a documentação historica e ás vezes comparado, será facto aos nossos leitores antever o quanto haverá de interessante e proveitoso neste inquerito ás artes e oficios daquele seculo.

Certamente o investigador não deixará de nos mostrar o que eram os alfaiates, mercenarios, calafates, estivadores, merieiros, e tantos outros oficios, alguns já desaparecidos, outros evolucionados.

Saberemos as relações do proverbio dos sete ofícios para mudar uma ... o porque do ... para ... o oficio, o do ... que faz ... conto ... um conto, todo o ... do vinho, etc.

E' boa noticia para os amadores de investigações historicas. Por isso mesmo nos apressamos a dá-la aos nossos leitores.

Até breve.

O PROBLEMA DO JOGO

O turismo vale tanto na economia dum povo, como a natalidade

Ninguem poderá negar que a questão do jogo, é na sua essencia um problema economico. Com o dinheiro do jogo muito se poderia fazer. Agora mesmo, no Parlamento, discutem-se propostas tendentes a acudir á situação lamentavel em que se encontram as instituições de beneficencia.

O sentimento porém, domina os nossos actos quasi sempre e é sob a pressão do sentimento e em frente a uma falsa moral que nós pretendemos resolver o problema do jogo.

O jogo é um elemento de turismo. O turismo no dizer sempre proficiente do sr. dr. Anselmo de Andrade, vale para a economia dum nação tanto como a natalidade.

Damos a seguir o artigo do sr. dr. dr. Anselmo de Andrade, recentemente inserto na «Revista Colonial»:

O capital estrangeiro, que as nações pobres ou depauperadas têm, por interesse proprio, obrigação de atrair e afagar, parece aqui enfiar medos e pavores nas almas timidas. A nossa terra é uma riqueza que se não explora, ou que se explora mal, por muitas razões e, principalmente, por falta de dinheiro. O clima é outra riqueza nossa, mas essa não se aproveita de modo nenhum. Com outra gente e com o patriotismo sentimental trocado em patriotismo reflectido, haviam de vir aqui os estrangeiros deixar os seus milhões, como os deixam em lugares naturalmente menos favorecidos. E' uma forte contribuição de riqueza, que todos os paizes cobiçam e procuram e que nós desperdiçamos e despedimos. Essa atracção de capitais estrangeiros promovida por todos os modos, como se faz na Suissa, que vive principalmente dos milhões que lhe deixam todos os anos os seus hospedes, não seria, certamente, uma simples utopia, se o nosso patriotismo não tivesse nestes ultimos tempos tomado estranhas feições. Está, porém, actualmente susceptivel até á exageração e tem melindres de sensibilidade irritavel, acompanhados de pomposas e sugestivas manifestações retoricas, que são tanto mais para estranhar, quanto é certo que sempre Portugal tem vivido mais ou menos de capitais estrangeiros. A diferença está em que até aqui êsses capitais têm vindo para cá sob a forma de emprestimos ao trabalho nacional, ou de consumos e despesas de viajantes.

A desnacionalização pela imigração estrangeira, quando não é pretexto para a especulação politica ou propaganda de desnorteamento popular, é um preconceito que só cabe em espiritos irreflectidos e apoucados. A riqueza, que é a força de uma nação, faz-se á custa dos capitais, e mais vale que êstes sejam trazidos por imigrantes, sob a forma de actividade de aptidões, de trabalho ou de despesas, do que aumentar a população indigena, sem que a soma das fortunas particulares cresça paralelamente. A França não é paiz de forte natalidade, não faltando por isso Jeremias que a lamentem, mas uma densidade de população como a Holanda ou a Belgica, não a teriam enriquecido tanto como as centenas de milhares de estrangeiros que levam para lá o seu trabalho, ou que vão gastar os seus rendimentos a Paris ou em Nice. Economicamente pode mesmo dizer-se que uma boa imigração aproveita mais a um paiz do que uma forte progressão da natalidade. Se a França, em lugar de receber dentro das suas fronteiras um milhão de estrangeiros que lhe preenchem o *deficit* da sua população, tivesse produzido, sustentado e educado todo êsse milhão de trabalhadores, ter-lhe-hia custado mais caro, e não teria importado com êle os capitais levados pela população adventicia. Não contando mesmo com êsses capitais importados, nem com as perdas representadas pela mortalidade dos individuos antes de terem atingido a idade do trabalho e da produtividade, o valor da população estrangeira imigrada em França é calculado por Moinari em 3.500 milhões de francos. Esta enormissima soma pode considerar-se poupada pela França com a importação de trabalhadores já feitos e que nada lhe custam, não se podendo negar que essa economia concorre poderosamente para a expansão da sua riqueza publica e das suas fortunas particulares.

E' verdade que muitos dêsses imigrados voltam aos seus paizes, mas não o fazem senão quando as suas faculdades produtivas começam a declinar e depois de terem deixado no paiz donde regressam uma soma de riqueza muito superior á dos salarios ganhos e á das fortunas feitas. E' tambem verdade que o falso patriotismo alega que a conglomeração de numerosos habitantes, com proveniencias diversas, pode deteriorar as populações, mas nunca a fusão de raças foi considerada causa de degenerescencia. Nem a invasão dos Francos na Galia, nem a dos Normandos na Inglaterra, empobreceram a fauna dêsses dois paizes, e os [illegible] de todas as nações nos Estados Unidos tambem não têm empobrecido com a sua mescla as [illegible] os destinos da [illegible] republica americana. Ao contrario dêstes apoucados, deve-se antes atribuir a superioridade de [illegible] a influencia dos [illegible] de todos os paizes que [illegible] para os grandes focos de produção, o concurso das suas aptidões particulares e a diversidade dos [illegible].

O perigo da desnacionalização por imigrantes vigorosos e trabalhadores tem, portanto, [illegible] consistencia de fantasmas e se

imigração de trabalhadores estrangeiros é util sob o ponto de vista do desenvolvimento do trabalho, a imigração de viajantes ricos não seria menos util sob o ponto de vista da introdução de capitais. E' por isso que se não compreende bem a obstinada resistencia, em Portugal, contra os meios de atrair riquezas que outros paizes admitem e até promovem. E' sem duvida, um dêsses meios o jôgo, que, sendo um vicio, pode ser tambem uma função economica. Existiu sempre o jôgo. Não acaba nem acabará nunca. Não ha forças que produzam a sua eliminação. Podem os poderes publicos legislar á vontade, estender a rêde policial por toda a parte, sentar o proprio Argos em pessoa á porta de cada casa, introduzir os mais rigorosos castigos nos codigos penais, aplicá-los com a crueldade dos inquisidores, porque o jôgo continuará sempre, ás claras quando o deixarem, e clandestinamente quando o perseguirem. E' uma paixão humana, como as outras, que, tambem, como elas, se não suprime. E' um mal terrivel, é uma desgraça quasi sempre, mas as outras paixões são-no tambem muitas vezes. O desejo de dominar o acaso e de provocar a fortuna é uma tentação irresistivel de muitas naturezas, que nem as leis, nem a catechese religiosa, nem a prégação dos moralistas, nem o exemplo dos arruinados, poderão nunca dominar e vencer. O jôgo não se suprime e, perante esta verdade incontestavel, o melhor que os poderes publicos tem a fazer é vigiá-lo primeiro, para que êle seja simplesmente uma paixão ruim e não chegue a ser um roubo e uma expoliação e tirar dêle, em seguida, a maior soma de vantagens.

E' isso, com efeito, o que se está fazendo em toda a parte. A moralidade tem pedido muitas vezes a supressão do jôgo e algumas tem ela sido atendida nas queixas e reclamações. Proibe-se o jôgo, mas êle, ou fecha as portas e continua a funcionar ás escondidas e longe de toda a fiscalização, o que faz redobrar os perigos e tornar mais funestas as consequencias do vicio, ou vai a outra parte deixar os capitais, que sempre costuma profusamente espalhar nos lugares onde está. A moral perde o seu pleito com o vicio e as condescendencias e os escrupulos dos poderes publicos apenas conseguem desviar para outros pontos, mais ditosos e afortunados, as correntes de imigração dos ricos e opulentos, que levam comsigo o seu ouro e as suas fortunas. Não tarda, por isso, geralmente, o arrependimento dêsses poderes publicos, que algumas vezes conseguem fazer voltar, com os seus capitais, os prodigos imigrantes, mas que outras muitas não conseguem recuperar a riqueza que deixaram fóra. Foi isso o que aconteceu em Spa, estação de aguas concorridissima, onde os jogadores iam de todos os lugares do mundo deixar fabulosas riquezas. A moral gritou. Parece que a religião fez côro, pedindo para Spa os castigos das cidades pecadoras da Biblia, e o que é certo é que o governo belga proibiu o jôgo na deliciosa estação. Durante alguns anos deixou de ser Spa a cidade do prazer e do vicio, mas por mais que a industria se tivesse desenvolvido no interregno do trabalho e da virtude, viu-se bem que não havia riqueza que chegasse ao ouro dos milhares de viajantes ricos que ali iam todos os anos gastar os seus milhões e consumir algumas fortunas. A falta dêsses milhões sentiu-se logo e o seculo, que, em questões de dinheiro, está sendo de um egoismo feroz resolve sempre a velha tese das relações da moral com a riqueza inclinando-se para esta. O governo belga, que está com o seculo, entendeu que era grave êrro economico deixar fugir todos os anos da Belgica para fóra alguns milhões e permitiu o jôgo que voltasse para Spa, com todos os seus ministros e com toda a sua côrte de Satanaz. Depois disso começaram outra vez os milhões a correr sôbre o tapete verde á vista de quem quer, legalmente, e quasi á vista tambem da propria rainha dos belgas, que tem as suas instalações em Spa apenas a algumas centenas de metros do sumptuoso *Palacio do Fogo*.

Esta questão de proibição ou de legalização do jôgo, tem sido tambem debatida entre nós nestes ultimos tempos sendo opinião dominante que a permissão do jôgo sob rigorosas condições de vigilancia poderia ser uma copiosa fonte de riqueza para Lisboa, onde as artes de atrair viajantes são por ora desconhecidas. A nossa população flutuante é por isso limitadissima e, todavia é essa população flutuante a que melhor e mais profusamente espalha o ouro nas terras por onde passa e onde se demora. Em Monaco entram todos os anos 150 a 200 mil estrangeiros, que vão ali seduzidos mais pelo jôgo, atraidos outros por uma das maiores e mais selectas concorrencias do mundo. A nossa Lisboa vale muito mais que Monaco como clima e como situação e tem condições para lhe poder ser superior em tudo e atrair fortemente os milionarios do mundo, contanto que lhes preparem aqui atraente recepção.

As consequencias dêste facto dariam um forte subsidio para a reconstituição das condições economicas e financeiras do paiz. Haviam de influir nos rendimentos do Estado, no desenvolvimento do comercio e da industria e nos cambios. As contribuições do jôgo acrescentariam as receitas do Tesouro. Oito ou nove mil contos em ouro, vindos todos os anos para Portugal, enriqueceriam o nosso comercio e concorreriam poderosamente para resolver o problema do ouro, que é justamente o que mais nos deve afligir e que os proprios optimistas julgam insoluvel, ou, pelo menos, o mais dificil e complicado de todos. Os cambios melhorariam por uma necessaria consequencia dessas entradas sucessivas de capital estrangeiro e êsse facto havia de influir por força no barateamento dos objectos importados, de modo que viriam assim a lucrar os produtores com o aumento dos consumos e os consumidores com a baixa dos preços. Ninguem dirá que é impossivel obter esta contribuição estrangeira para a fortuna publica e particular do paiz. Não se pode dizer mesmo que isso seja dificil. Os escrupulos dos moralistas não se poderão tambem opôr a que se permita ás claras o que de outro modo se tem de passar nas trevas, no misterio e em pleno e inevitavel exercicio de fraudes. A legislação do jôgo só traria como consequencia o aumento da riqueza e os meios de regularizar o seu exercicio. A questão está toda na maneira de aproveitar aquela paixão indestrutivel em proveito do Estado e da população.

A oposição sistematica a quaisquer meios de promover a entrada de capitais estrangeiros, em Portugal não pode ser nunca um acto de boa politica economica. Seria, porém, compreensivel, se não fossem as diferenças de cambio, que nos põem a uma distancia cada vez maior do estrangeiro e que a nossa qualidade de dependentes, por fôrça da nossa divida publica e dos saldos comerciais nos obriga a galgar com dificuldades tambem cada vez maiores. Compreendiam-se noutro tempo as exigencias do nosso *chauvinismo*. Não teriam mesmo tão funestas consequencias como agora. O capital havia de vir então sem solicitações, sem convite, por interesse proprio, á procura de um juro que os seus paizes lhe recusam, e de uma colocação, certa aqui, dificil lá fóra. Não é, porém, êsse o nosso caso. O agio do ouro não pode desaparecer num regimen de inconvertibilidade, senão pelo equilibrio da balança dos pagamentos, ou por sucessivos emprestimos em ouro. Este segundo remedio seria peor do que a doença. Prolongava-a, mas depois matava. Havia de ser a visita da saude, como diz o nosso povo dos moribundos que melhoram na vespera do passamento. E' por isso o equilibrio de todos os nossos pagamentos a solução que se deve procurar para o grave problema e é, com efeito, atraz dela que se anda ha muito tempo por caminhos diversos, dos quais nenhum vai dar a essa desejada Roma, ao contrario do que se diz no adagio. Em tais condições, é certamente grande êrro desaproveitar as parcelas da fortuna estrangeira, que tanto poderiam concorrer para aquela solução, despedindo-as, em vez de as chamar e acolher

A situação na Irlanda

LONDRES, 20. — O marechal Sir Henri Wilson, membro da Camara dos Comuns, escreveu uma carta a Sir James Craig em que diz que o perigoso estado de coisas na Irlanda do Sul se estenderá e não ser que apareça um homem que acabe com os assassinios e com a anarquia e que a Inglaterra restaceleça a lei e a ordem o que, segundo ele diz, é impossivel fazer com o actual governo.—(R.)

O caso das manteigas e a campanha de "O Tempo"

A firma **Martins & Rebelo**, visada numa campanha que se vem ha tempos desenrolando nas colunas do jornal «O Tempo» e depois de chamada a atenção da Direcção deste para a sem razão da mesma, resolveu chamar á responsabilidade o autor dos respectivos artigos, afim de este, caso não venha a provar a veracidade das suas **tendenciosas** afirmações, ser tido, havido e julgado como **caluniador**.

Instaurado o respectivo processo, por abuso de liberdade de imprensa, veio nele assumir a responsabilidade dos referidos artigos o director do mesmo jornal, Simão de Laboreiro, não indicando assim o verdadeiro nome do autor dos mesmos artigos.

Pena é que assim tenha sucedido, pois muito desejava saber a firma alvejada se seria a mesma pessoa que uma vez, na vespera do começo de tal campanha, procurou um dos socios da referida firma, prevenindo-o de que se ia levantar essa campanha, e indagando se ele estava disposto a evita-la, pagando **certa quantia** — no que não foi atendido—e que, depois de encetada essa campanha, de novo procurou o mesmo socio, fazendo-lhe ver que seria conveniente fazer susta-l'a mediante **certo pagamento**, sendo então corrido e com um ligeiro **ponta-pé**, que parece... nada o ter magoado. — *Martins & Rebelo.*

Segue o reconhecimento.

Tribunal dos Açambarcadores

Prosseguiu hoje o julgamento do sr. Castanheira de Moura e restantes co-réus

No Governo Civil prosseguiu hoje, pelas 13 horas, o julgamento do sr. João Castanheira de Moura, director da Companhia de Moagem Lisbonense, e nove co-reus, todos acusados de terem vendido farinha por preço superior á tabela e com o diagrama oficial alterado.

O tribunal devido á falta de casa apropriada, funcionou numa das salas da repartição da policia de defesa social, presidindo á audiencia o juiz sr. dr. Megre, estando o Ministerio Publico representado pelo agente Ezequiel de Figueiredo e a defesa a cargo de muitos advogados.

Aberta a audiencia logo surgiu um incidente, que levou cêrca de uma hora a liquidar. Foi o caso que o delegado do Ministerio Publico requereu para serem apensos ao processo varios documentos, ao que o sr. dr. Pedro Pita, advogado do sr. Castanheira de Moura, pretendeu opôr-se, apresentando ao juiz varios acordãos do Supremo Tribunal de Justiça.

Começaram depondo em seguida as testemunhas de acusação e á hora a que nos retirámos do tribunal ia seguir-se o depoimento das de defesa, que são muitas.

O julgamento não deve terminar hoje.

D. Adelaide Chaves

MISSA

Sua familia manda rezar amanhã, dia 21, na egreja do Coração de Jesus, pelas 11 horas da manhã, uma missa sufragando o 6.º mez do seu falecimento.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir ao acto.

ULTIMA HORA

Emitando o lord-Mayor de Coork

Á gréve da fome em S. Julião da Barra

O Governo resolve que os presos, em conformidade com os regulamentos, possam receber visitas duas vezes por semana

O assunto de hoje em Lisboa foi a gréve da fome, decretada ontem, pelo meio dia, ao som da *Internacional* por 20 individuos, que se encontram presos no forte de S. Julião da Barra, por suspeitos de implicados ou conventes nos recentes atentados dinamitistas contra os carros electricos. Na fortaleza de Sacavem, igualmente se encontram detidos por aquelas suspeitas 56 individuos que as autoridades apontam como jovens sindicalistas e perigosos á sociedade e capazes, portanto, de terem dado a sua colaboração aos atentados, que tanto indignaram a opinião publica. Ora, emquanto aos presos de Sacavem, era concedida autorização para receberem visitas de pessoas de familia e igual regalia era negada aos que se encontram em S. Julião da Barra, com a agravante dos primeiros estarem ainda em investigações e os segundos terem já prestado as suas declarações e não podendo, portanto, em conformidade com a lei, estar incomunicaveis.

Segundo a lei, ninguem pode estar preso mais de 8 dias sem culpa formada e depois de formada a culpa podem êsses presos receber qualquer visita. Ora, com os presos de S. Julião não se cumpriu a lei e praticou-se a *gaffe* de permitir que os de Sacavem recebessem visitas, quando ainda estavam incomunicaveis! Tal facto foi conhecido em S. Julião e dahi a resolução tomada ontem pelos presos de declararem a gréve da fome. Essa resolução foi cumprida e quando as familias apareceram com a comida, a mesma foi recusada terminantemente, o que alarmou as pobres mulheres que, aflitissimas com o caso, foram pedir providencias ao comandante da fortaleza. Este nada poude fazer, pelo que as familias dos presos tiveram de regressar a Lisboa com os farneis. Resolveu-se então que uma comissão fosse ao Ministerio do Interior pedir providencias, mas naquela Secretaria ninguem se encontrava que as pudesse atender. Durante a noite, reuniram extraordinariamente várias colectividades operarias, sendo o caso vivamente debatido e acordando-se, por fim, enviar ao Chefe do Estado e ao presidente do Ministerio os telegramas a que os jornais da manhã de hoje se referem.

Uma grande comissão, constituida por elementos dirigentes da C. G. T., da U. S. O., dos partidos comunista e socialista e das familias dos presos, compareceu, pelas 13 horas de hoje, no Ministerio do Interior, a fim de solicitar do Chefe do Governo que os individuos que se encontram em S. Julião pudessem receber as pessoas de familia, respondendo o sr. Antonio Maria da Silva, que, sem obedecer a sugestões estranhas, já havia providenciado no sentido de que tais visitas fossem autorizadas. A' conferencia assistiu tambem o sr. governador civil de Lisboa, o qual se dirigiu depois, com os comissionados, para o Ministerio da Guerra, a fim de solicitar do general sr. Correia Barreto as devidas ordens para o campo entrincheirado.

Essas ordens não se fizeram esperar, ficando os presos autorizados a receber visitas duas vezes por semana, segundo os regulamentos em vigor, nos fortes do campo entrincheirado.

No Governo Civil esteve tambem tratando do assunto com o capitão sr. Viriato Lobo o chefe do estado maior do campo entrincheirado.

Terminadas todas as *démarches* acima referidas, o sr. governador civil de Lisboa chamou ao seu gabinete o director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior e o seu adjunto, sr. dr. Teixeira de Azevedo, com os quais esteve conferenciando, parecendo que a essa entrevista não foram estranhos os pedidos feitos pelas classes operarias de ser dada a liberdade aos prisioneiros de S. Julião da Barra, contra os quais nada se tenha apurado. O sr. dr. Teixeira de Azevedo fazia-se acompanhar dos processos referentes a todos os presos, tanto de S. Julião como de Sacavem. Com respeito a estes ultimos, foi resolvido que, de futuro, só receberão visitas duas vezes por semana e não diariamente como, por engano, se tem feito.

Tribunal Militar de Santa Clara

No Tribunal Militar de Santa Clara continuou hoje, pelas 12 horas, o julgamento de Sergio José Fernandes Serra, alf. de administração militar, Alfredo da Costa Antas, de cavalaria 5 e José Candido dos Santos Neto, 2.º sargento de inf. 8, acusados do desvio ilegal de fundos e de falsificação de documentos.

Por parte da defesa falou em primeiro logar o sr. dr. Alfredo da Cruz Nordeste, seguindo-se o major sr. Joaquim Marreiros e por ultimo o capitão sr. Francisco Pedro Simões, que fez uma defesa energica do seu constituinte, 2.º sargento Mota.

Depois de terminados os debates serão lidos os quesitos, devendo a sentença ser proferida já bastante tarde.

Cruz Vermelha

Ao antigo ministro da America Sir Thomas Birch foi concedida a placa da Cruz Vermelha.

Conselho de ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do Interior, desde as 10,30 ás 14,30. Segundo a nota oficiosa fornecida á imprensa, o conselho limitou-se a tratar de varios assuntos de expediente da administração publica.

Aquisição de material de guerra para a Marinha

Foi nomeada uma comissão constituida pelos capitães de mar e guerra srs. Victorino Gomes da Costa, Ivens Ferraz e Pereira Leite, e capitães de fragata srs. Bruto da Costa, Estanislau de Barros e capitão tenente sr. Batista de Barros a fim de adquirir material de Guerra para a Marinha, na Alemanha.

Navios estrangeiros

Deve entrar amanhã no Tejo o vapor inglez «Deseado» e no dia 24 o «Demerara», da mesma nacionalidade.

Ministro de Espanha

Acompanhado de seu filho D. Alvaro Padilla chegou hoje o ministro de Espanha em Lisboa, sr. D. Alexandre Padilla.

Malas postais

Pelo vapor «Mucosa» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Las Palmas, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da Caixa Geral e fechando os registos ás 9.

OS T. M. E.

A proposta governamental para alienação da frota mercante do Estado

Como noticiamos na secção competente o sr. Ministro do Comercio mandou para a Mesa uma proposta de lei para entrega da frota mercante do Estado á industria particular. O documento é extensissimo, impossivel de ser publicado, na integra, neste numero de «A Capital».

Vamos dar um extracto do que nele se contem de mais interessante:

Estabelece-se uma comissão liquidataria dos T. M. E.; a exploração dos navios cessa logo que a lei for promulgada; os navios serão alienados por meio de concursos publicos, a sociedades portuguezas, com capital portuguez inalienavel; prevêem-se, na lei, as hipoteses de carreiras regulares para as colonias e portos do estrangeiro que mais intimas relações teem com o comercio portuguez; o programa dos concursos atenderá ás carreiras obrigatorias, ao deposito previo de 500 contos para admissão ao concurso, á entrega de 30 0|0 do valor dos navios adjudicados, dentro de oito dias depois de feita a adjudicação, poderão ser concedidos prazos para o pagamento dos restantes 70 0|0.

TEATRO DO GINASIO

O Teatro do Ginasio vai ser reconstruido no local onde existiu, por expressa determinação da viuva do sr. Francisco de Andrade, sua atual proprietaria. No que diz respeito á compra do edificio onde está instalada a Confederação Geral do Trabalho, não se sabe nada se nesse local será construida qualquer casa de espectaculos, não tendo o actor Alves da Cunha conhecimento do caso como se afirmou.

Morto á punhalada

Durante o dia de hoje voltaram a ser interrogados na policia o torneiro mecanico Manuel Augusto dos Santos e a sua amante Ana Nazareth Mina, presos por suspeitos de implicados no crime de que ha dias foi vitima o capitão Luiz Vasconcelos.

Os recentes desfalques

Para o tribunal da Boa Hora foi hoje remetido o guarda-livros José Candido da Silva, que, por falsificação da escrita, desfalcou em 30.000 escudos a firma comercial Barbosa, Almeida & C.ª, Limitada.

Quanto ao Antonio Camacho que desfalcou a casa bancaria Fonseca Santos & Viana em 20.000 escudos, só depois de amanhã será enviado ao tribunal da Boa Hora.

Parlamento

Nos Deputados

Antes de abrir a sessão

Dia morno, sem interesse. Nas galerias, meia duzia de sonolentos espectadores. Na bancada ministerial os srs. Ministros da Justiça e das Finanças.

Antes da ordem do dia

Aprova-se um voto de sentimento pelo falecimento do antigo deputado Patricio Prazeres.

O sr. Carvalho da Silva, leader da minoria monarquica, mostrou-se muito empenhado na discussão da proposta de lei para aumento de circulação fiduciaria. «Assim o mandam os interesses do Paiz»,—dizia o ilustre parlamentar na Sala dos Passos Perdidos.

O sr. Diniz da Fonseca, catolico, pede a inclusão na ordem do dia o projecto de lei que conceda uma segunda época de exames. Pede que se consulte a Camara. O sr. Presidente passa adeante. E fala o sr. Ministro do Comercio, para anunciar que manda para a Mesa uma proposta de lei referente aos T. M. E.

A frota dos T. M. E. não deve continuar a ser administrada pelo Governo da Republica; é preciso entregá-la á industria particular. Na proposta de lei que mandou para a Mesa, pede se autorisação para contrair um emprestimo de 60 000 contos para pagamento aos credores dos T. M. E. Chegará essa quantia?

O sr. ministro não o sabe, ao certo. Ha dividas averiguadas na importancia de 40.000 contos; apezar de todos os esforços empregados, ainda não foi possivel fazer o apuramento total. A escrita dos T. M. E. está atrazada e é caotica.

O Estado deve aos T. M. E. cerca de 30.000 contos.

A Agencia de Paris tinha rendimentos para pagar aos seus fornecedores, mas ha litigio judicial, com controversia acerca dos saldos apresentados. Outras agencias, como a de New York nunca prestaram contas. A de New York ate arrestou os navios. A Agencia de Lourenço Marques tem um passivo—dizem—de 5000 contos. Fizeram-se navegar navios de grande tonelagem com carga minima, outros foram enviados para portos onde não podiam entrar por causa do grande calado que tinham proprio. E o sr. ministro do Comercio foi por aqui fóra, fazendo revelações acerca da administração ruinosa dos T. M. E.

As revelações do sr. ministro do Comercio causaram impressão na Camara. Não ha nada de novo, é claro. Mas o que acontece, pela vez primeira, é que os escandalos dos T. M. E. teem uma plena confirmação oficial, do alto da tribuna parlamentar.

Na proposta que mandou para a mesa estabeleceu-se conversa—diz o sr. ministro—para a adjudicação dos navios mercantes do Estado. Entende que a unica forma de garantir trabalho ao pessoal maritimo é precisamente entregar os navios á industria particular, ficando em poder do Estado, em pouco tempo não restaria um reboque de toda a frota mercante.

O sr. ministro do Comercio quer que se castiguem os delapidadores. Nesta altura surge agitação na sala. O sr. Carvalho da Silva grita para um lado, a maioria grita para outro. Mas não se entende nada!

Nota-se isto: o sr. ministro do Comercio não exceptuou a actual Comissão Administrativa das acusações que fez acerca da pessima gerencia dos T. M. E.

Lê-se na Mesa um oficio do General Comandante da Guarda Republicana pedindo licença para continuar preso o deputado major José Cortez dos Santos, visto não ter findado o interrogatorio dos individuos detidos por motivo dos acontecimentos da «Noite Tragica».

A Camara concedeu a licença pedida.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

Trata-se da proposta ministerial para aumento da circulação fiduciaria.

Inicia o debate o sr. Carvalho da Silva, que põe em contraste as revelações do sr. ministro do Comercio com o pedido, feito pelo Governo, de novo alargamento da circulação fiduciaria.

O orador continua no uso da palavra. Ha outros oradores inscritos.

Dias de Andrade

O conego e senador catolico sr. Dias de Andrade foi nomeado por Sua Santidade proto-notario apostolico pelos serviços prestados [illegible] dentro do Parlamento. Esta dignidade é imediatamente inferior á episcopal.

TEATRO

Primeiras Representações

TEATRO DE S. CARLOS — A Vida — Peça em 3 actos, de Artur Cohen

«A Vida», do sr. Artur Cohen, representada ante-ontem em S. Carlos, para reaparição da companhia Alves da Cunha, não constituiu evidentemente um exito. Depois de um acto de preparação aceitavel, embora revelador de inexperiencia, faltas de tecnica e ingenuidades, a peça desequilibra-se absolutamente, e a acção, precipitada numa serie de scenas ilogicas, deixa-nos surpresos e confusos, sem podermos atingir qual o objectivo do autor. O desempenho ressentiu-se, como não podia deixar de ser, dos senões apontados, tendo Angela Pinto, Alves da Cunha e Berta de Bivar feito louvaveis diligencias para acertar as suas desacertadas personagens, Lino Ribeiro mal, num pessimo papel, lutando ainda com o físico, que o não recomenda para papeis de galã. Os outros sem motivo para reparo ou para louvor. A cena tinha uma entoada.

N. R.—Tendo o nosso critico concordado com a benevolente critica que em conjunto foi resolvido publicar em todos os jornais, não podemos nada mais dizer da infeliz peça que Alves da Cunha, sempre grande actor, pôs em scena em S. Carlos. No entanto para elucidação dos nossos leitores passamos a dar o entrecho da obra, semelhantemente ao que temos feito para os ultimas peças que tem subido á scena:

Regina toca piano. Ao telefone chamam-na. E' um primo que diz que vai lá tomar chá. Entra pelo fundo o irmão Luiz, que é medico e amante do mar. Pergunta-lhe pelo marido, o celebre medico e politico Tomaz da Angra e ela diz-lhe que é muito bom para ela. Vai mostrar-lhe a casa. Entra o marido que fala com Luiz sobre a vida e os atomos.

A criada diz que veem ali os operarios. Ritmamente pelo fundo aparecem os operarios do fato de ganga.

Um traz uma navalha; o politico atira-se a ele e desarma-o. Eles saem e vão dar morras para a rua e atirar pedras como os «Garras». Tomaz vem á janela e faz um discurso dizendo que o lar é inatacavel e constitue o seu maior tesouro.

Regina diz lhe que tem medo e ele consola-a; vai então para o Parlamento.

Entra pelo fundo o primo Marçal, ou primo Bazilio, traz bombons e umas pessoas amigas, da roda, para dançar. O primo manda fazer chá e torradas e dançam um «fox trot». Vão-se embora e ficam sós os dois. Ele diz-lhe que ainda a ama e pede-lhe para ir mostrar a casa... Saem os dois lá para dentro. Entra o marido que vem buscar o contracto dos tabacos. Sae pelo fundo e aparece o primo, encontra-se com o marido; cumprimentam-se. O primo foi empregado no jornal do marido e diz que se despede porque agora voltou a ser monarquico. Tomaz chama a Regina que está fechada á chave depois da casa roubada. Vão lá para dentro os dois e fica o primo sòsinho. Depois vão-se embora e voltam o marido e a mulher. Ela pergunta-lhe o que é que ele fazia caso o enganasse. Tomaz da Angra, do heroismo natural e de espirito ponderado, fala sobre o medo dos homens aos lôbos e das mulheres ás baratas.

O 2.º acto passa-se no escritorio de Tomaz da Angra. Enquanto este e a mulher saem pelo fundo, entra a viscondessa, Paulina logo seguida pelo Marçal que lhe aponta uma pistola. A viscondessa Angela Pinto diz que já viu muitas e não a assusta. O Marçal retira-se. Vem o medico. A viscondessa deseja que ele a ausculte e despe-se. Ele fala-lhe na Batalha, no lindo convento Manuelino. Sae sem conseguir comover Tomaz. A mulher tem uma pontinha de ciumes, e quando o marido sai pelo fundo entra o Marçal. Diz que tem uma carta dela, mas que a cartinha fica na carteirinha e o grito-lhe: «ajoelhe-se, agora levante-se» ficando com o seu odio satisfeito. Entra o marido e pergunta-lhe de que se queixa.

Os dois rivais ficam frente a frente. Marçal diz que vai fumar um charuto e quando acabar é que se exalta. Traz uma pistola consigo e está saboreando o prazer da vingança. Diz que «usa uma cabeça muito airosa» e não consente que lhe roubem a amante. Sim, porque o seu «antigo director e presente rival» se lhe quer roubar a amante fica sabendo que ele já antes lhe roubara a mulher. A prosa está ali... E quando ele vai para tirar da pistola, Regina, a esposa ultrajada mata-o com um tiro.

O 3.º acto é no tribunal como a «Primeira causa». Vai falar a testemunha; o marido. Faz um exordio pedindo aos céus que lhe dê verbo e depois narra como a vibora peçonhenta se insinuou a fumar o tal charuto no seu gabinete. Pede justiça. A viscondessa diz que ele falou muito bem e quer levá-lo para a quinta.

No 4.º acto é novamente em casa do Tomaz.

Regina diz ao marido e a Luiz que vão almoçar com atenção, pois está muito bom. Entra a viscondessa que chama a criada e pergunta se os senhores saem, conversam, como vivem. Vem o Tomaz e ela pergunta-lhe se finalmente ele gosta dela ou pode regressar á quinta. Ele diz-lhe que se vai embora, que o presidente da Republica o vai chamar para formar governo visto estar para rebentar um conflito com a Espanha. Nisto vem a Regina vestida para sair; diz que o vestido a faz elegante e pergunta se ele quer que ela fique. Ele diz que não, que se vá, que é uma infame; sai com o irmão.

Na rua ouve-se vivas ao novo ministro, e ele perguntando a si proprio se aquela paixão ainda não morreu, cai para o lado com um ataque.

«A Vida» é isto.

Noticiario

Portugal

Entrou em ensaios no Teatro Nacional a peça «Os Tenorios» do dr. Romado Carlo.

—Em seguida a «Os Tenorios» a companhia levará em réprise a «Primerose» e logo depois a primeira do original do Afonso Gaio, «O mais forte».

—No sabado completa 15 representações a revista fantasia «Belo sexo».

Por isso o espectaculo dessa noite é destinado aos seus autores, Ascenção Barbosa, e Abreu e Sousa, que se espera que venham do Porto para assistir á festa de homenagem que lhes é tributada.

—Sexta-feira, no Salão Foz, realizam-se as recitas de homenagem a André Brun, Lino Ferreira e Antonio Carneiro, com a sua graciosa revista «Giga Joga» que está ali em pleno exito. A 1 de abril no mesmo teatro é a recita do estimado secretario da companhia Otelo de Carvalho, apresentando o espectaculo varios atracções e na noite de 6 de abril efectua a sua festa artistica a actriz Julia d'Assumpção, tendo as recitas varias novidades.

—A actriz Jesuina de Chaby realisa amanhã no teatro Sá da Bandeira do Porto, a sua festa artistica com a «Bisbolhoteira» e o seguinte acto:

Chaby Pinheiro recitando em português, italiano, espanhol e francez, Gremilda de Oliveira cantando a valsa das rosas da opereta «Amor de Principe»; Jesuina de Chaby recitando um soneto de Olegario Mariano, poeta brasileiro, e «A preguiça» de Antonio Correia de Oliveira; Luzitana Sayal na «Ave Maria»; Carlos Abreu a «Santuaria», do poeta brasileiro Goulard de Andrade e Vale-Rajento; cantando a cavatina do «Barbeiro de Sevilha».

—No teatro Gil Vicente do Porto vai realisar-se um grande sarau de beneficencia. Como o programa que o constitue é verdadeiramente notavel damo-lo a seguir:

1.ª Parte—I «A ascendencia de D. Sebastião» (capitulo do livro inedito D. Sebastião) pelo sr. Antero de Figueiredo; II «A lavadeira e o caçador» versos de João de Deus e musica de Viana da Mota, e «Papoilas» versos da sra. D. Luisgarda de Caires e musica do A. Sarti, pela sra. D. Maria Helena Alão de Albuquerque do Amaral Cardoso; III «A batalha de Alcacer Kibir» (capitulo do livro inedito Prosas e versos de Belchior da Nobrega) pelo sr. Trindade Coelho; IV Poesias do «Livro de amor» de J. de Deus, lidas e precedidas dalgumas palavras pelo sr. Afonso Lopes Vieira.

2.ª Parte—I «Flores da rua» pelo sr. Antonio Correia de Oliveira; II «A espada ao serviço da Honra e do Amor» (trecho duma conferencia) pelo sr. Carlos Malheiro Dias; III «A duvida» versos de Julio Dantas e musica de A. Sarti e «As pombas» versos de Raimundo Correia e musica de Fernando Moutinho, pela sra. D. Maria de Assunção de Mendoça Cyrne de Carvalho; IV «Versos» pelo sr. Eugenio de Castro; V Duas palavras finais pelo sr. Alberto Pinheiro Torres.

CRONICA SCIENTIFICA

Pontos fracos da terra

Os vulcões

Supõe muitos que se pode contar pelos dedos o numero de vulcões que ha no mundo. Todavia, centenas de vulcões ha espalhados sobre a face da terra marcando a sua superficie, mais abundantemente de longas e sinuosas linhas tocando em todos os continentes, alem de muitas ilhas e atravessando a largura dos oceanos. Raro se aprecia o facto de se terem perdido centenas de milhares de vidas nas erupções vulcanicas, ou de se ter mudado a forma superficial do mundo pela acção corrosiva e deformante dos vulcões no passado, e quanto haverá de se mudar ainda para o futuro.

Esquece-se a miude que em paizes diversos, como a Grã-Bretanha e a França, por exemplo, onde se encontram inumeros cones de vulcões extintos, pode ser que ainda êles não estejam completamente apagados e que um dia venham a reviver com força explosiva e destruidora; ou que na America se descubram na extensão de milhares de milhas quadradas, vastas zonas de fraqueza na crusta da terra. Todavia, alguns têm chegado a pensar no que poderia suceder, se um dia, por uma inesperada ocorrencia, tal como um repentino e colossal terremoto ou resfriamento subito da crusta da terra, todos os vulcões do mundo, dormentes e activos, se juntassem em assombroso unisono numa tremenda erupção.

Sobre êste assunto, pretende-se, neste artigo, apenas levar o leitor a uma inspecção geral e rapida em volta dos vulcões do mundo; examinando as linhas fracas, as falhas ou fendas da crusta da terra, parando nos lugares de interesse especial, notando-lhes os caracteres peculiares, emfim, indicando como são formados os vulcões.

Mas, antes de partir para esta viagem, convem relatar alguns factos interessantes, que serão como um necessario preparativo e bagagem.

Em primeiro lugar, deve notar-se que os vulcões, na sua maioria, estão situados perto do mar o que sugere a idéa de ter o fenomeno das erupções relação directa com êste. Verdade é, que o *Cotopaxi*, no sul da America, está a 125 milhas distante do mar; o *Popocatepetl*, no Mexico, a 155 milhas, e uma cratéra extinta na Africa, quasi a 200 milhas da costa. Muitas vezes estão situados nas ilhas; raras longe das costas dos continentes.

Depois, note-se que estão colocados em linhas longas ou distribuidos sobre curvas, com maior ou menor regularidade. A' primeira vista, dir-se-hão lançados ao acaso, mas, com mais detido exame, descobrem-se passagens unindo-os aos ainda activos e provando a existencia de uma cadeia completa de vulcões em tempos remotos.

Geralmente, aparecem respiradouros, onde as montanhas descem em declive para o mar. Não ha vulcões no lado leste da America e abundam no oeste, onde o mar se profunda com rapidez.

Está tambem reconhecido que as mais pequenas ilhas nos maiores oceanos são de origem vulcanica, indicando linhas de falhas submarinas. Finalmente, está averiguado que a Australia é o unico continente que não tem vestigios de vulcões em actividade.

Por esta nossa viagem de inspecção á roda dos mundos vulcanicos tomemos, como ponto de partida, a Grã-Bretanha. Nem um unico vulcão em actividade veiu quebrar o socego das ilhas britanicas desde a época dos grandes gelos. Acham-se em diversos pontos vulcões extintos, *fosseis* será talvez o termo mais sugestivo senão o mais apropriado, mas nada que se assemelhe aos restos de uma perfeita cratéra. Assim, da Grã-Bretanha seguiremos a linha fraca através da cadeia reunida das ilhas Faroe para a Islandia, construida inteiramente pela acção vulcanica activa do fundo do mar e agora o unico centro activo do que foi outr'ora uma grande provincia vulcanica.

No seculo passado, conheciam-se na Islandia vinte e sete vulcões em actividade. O mais notavel por certo, é o Hecla, do qual ha descritas vinte e seis erupções, admiraveis pela sua intensa violencia e extraordinaria duração. A erupção que houve no Hecla em 1815 durou mais de um ano. Em Orkneys, a quinhentas milhas de distancia, caía em grande abundancia o pó expelido pela erupção.

Mas os fluxos de lava são mais caracteristicos do que o pó nas erupções islandicas. Alguns vulcões expulsam só poeira, escoria ou rochedos partidos, outros, apenas figuram ser caldeirões de lava a referver.

E' curioso que, onde a acção explosiva do vulcão é mais intensa, menor é o fluxo da lava que muitas vezes desaparece.

A lava é mais, geralmente, expelida em grande quantidade por uma fenda no lado do vulcão, do que trasborda pela cratera. Desta forma, se pela primeira vez na historia o vulcão islandico Skaptar Jokull fez erupção no mês de Junho de 1783.

Como sucede geralmente, a erupção começou por um tremor de terra, acompanhado de grandes nuvens de fumo, separando-se do vapor de agua o pó e a pedra pomes, ouviram-se fortes detonações e incessante chamejar como de relampagos e estrondo como de trovões. A ardente lava derretida correu pela montanha abaixo, seguindo pelo vale do rio Skapta. Secaram todas as fontes, encheu-se a encosta, em alguns pontos, na espessura de 180 metros. Inundou os campos, os bosques, as herdades e espalhou a devastação como um exercito invasor. Para baixo do vale de Skapta a lava estendeu-se ainda por cincoenta milhas; num outro vale paralelo a êste percorreu quarenta milhas e a corrente mediu, em alguns pontos, sete milhas de largura.

Comquanto morresse pouca gente com a erupção propriamente dita, centenas de pessoas ficaram arruinadas; seguiu-se a fome e a peste, e nos dois anos seguintes, devido indirectamente á erupção, não menos de 9.000 criaturas, 28.000 cavalos, 11.000 cabeças de gado e 190.000 carneiros pereceram.

Nascentes quentes, *geysers*, e caldeirões de lodo e de barro fervente são vulgares na Islandia. *Geysers* e vulcões de lodo trabalham semelhantemente, mas emquanto um emite um fluido claro, o outro cospe e despeja um liquido lodoso e sujo. Dá-se melhor idéa do *geyser*, ou vulcão de agua, descrevendo-o como uma nascente quente em jacto elevado.

O grande *geyser* da Islandia está em Haukadal, mas as suas manifestações são pouco certas e felizes são os que o encontram trabalhando regularmente. A terra estremece quando o vapor sobe precipitadamente pela chaminé central; elevam-se grandes ondas de agua sobre a lagoa da cratéra, arrebentam contra as margens escarpadas e trasbordam. Numa ocasião, toda a lagoa, de cêrca de dezasseis metros de largura, elevou-se num unico globo de agua a ferver e, depois, a coluna de dentro da chaminé foi expelida com grande força de vapor, como um tiro da boca de colossal bacamarte. A carga elevou-se a grande altura e a maior parte caiu de novo, afundando-se com impeto.

Outro *geyser* islandico, chamado Stokr-o Churn, pode-se-lhe provocar a erupção para satisfazer os espectadores, pelo simples expediente de deitar torrões ou pedras nos seus poços. O vapor fica concentrado por alguns minutos, depois rebenta numa violenta explosão, arremessando chuveiros de projecteis.

Deixando a Islandia e passando pelos extintos campos vulcanicos da França, Alemanha, Espanha e Portugal, chegamos á grande região vulcanica da Italia. Aí, o Vesuvio é o centro activo. Roma, nas suas sete colinas, como Lisboa nas suas, estaria, desde anos sem conto, a antiga convulsão do solo. Foi, pela 1 hora da tarde de 24 de Agosto A. D. 79, que o gigante prisioneiro no Vesuvio, depois de longos anos de repouso, se moveu e acordou.

Uma nova e extraordinaria nuvem saiu do cume como uma coluna giganteca e espalhou por todos os lados o pavor e a ruina. A terra agitou-se, o mar recuou em rôlo temeroso, relampagos fusilaram por entre nuvens negras, blocos ardentes de lava sairam, como pedras arremessadas por catapultas, rochedos partidos cairam em chuva destruidora. Espalhou-se uma intensa escuridão mais negra do que a noite mesmo em Miseno, a seis leguas de distancia. Quando tornou a aclarar, o chão ficou branco como neve, todo coberto de cinza.

Herculano que estava submersa em torrentes de lodo, Pompeia sepultada em cinzas, assim como Stabiae, a dez milhas de distancia. Milhares de acres de terra, vinhedos, florestas, casas e centenas de vidas foi tudo destruido.

Esta foi a primeira erupção do Vesuvio conhecida na historia. De então para cá tem continuado as erupções com mais ou menos regularidade. Em 1631, quando teve lugar uma terrivel explosão, sairam das montanhas enormes torrentes de lava, que percorreram a distancia de cinco milhas, destruindo cidades e sepultando centenas de criaturas. Nessa ocasião, diz-se que se perderam aproximadamente 18.000 vidas.

Em seguida, vamos visitar os campos de Phlegraean, com Ischia e ilhas adjacentes formando um grupo de vulcões. As cratéras nesta região são largas em comparação á sua altura, de forma que um mapa dos campos de Phlegraean pode ser tomado por engano por um mapa de uma parte da superficie da lua, como a mostram as fotografias. Houve aqui um vulcão Monte Nuovo, que nasceu, viveu e morreu em poucos dias. A sua solitaria erupção ocorreu no ano de 1538, e o lodo que dêle dimanou veiu escutar os palacios de Napoles, oito milhas distante e construiu e levantou o cone denunciador do caso.

Depois, passaremos por entre toda a região vulcanica das ilhas de Ponza ao grupo Lipari, onde está sempre em fervura o Stromboli. O Stromboli tem estado em trabalho, expelindo vapor, ha mais de 2.000 anos. Dentro da sua cratéra, uma grande massa de lava em calor branco, permanentemente liquida, está fervendo e engrossando, levantando com a detonação de uma pistola grandes bolhas de agua ou superficie em que fazem explosão

1.ª Vara Comercial de Lisboa

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias, contados da publicação legal do presente anuncio, citando Francisco Augusto Pinto Guimarães, residente que foi nesta cidade na Avenida Miguel Bombarda J. L. e hoje ausente em parte incerta, para no decendio posterior ao prazo dos editos, pagar no cartorio do referido escrivão, a quantia de 22$42, de custas de sua responsabilidade, em divida no Juizo nos autos d'acção especial (exame previo) que moveu á firma Benjamim Ferreira, Limitada, que tambem usa das firmas Almeida & Guimarães, Limitada e Alpio d'Almeida Limitada e os selos acrescidos, ou no mesmo prazo nomear bens á penhora suficientes para esse pagamento e para o das custas e selos acrescidos e que acrescerem até final, sob pena do direito de nomeação se devolver ao exequente o Magistrado do Ministerio Publico e sigam os demais termos da execução que este lhe promove.

Lisboa, 15 de Março de 1922.—O escrivão do 2.º Oficio, *Arnaldo Rebelo da Costa Franco Abreu*.—Verifiquei:—O Juiz Presidente, *Carvalho*.

SPORT

Coisas de sport...

O dr. Salazar Carreira entusiasta pela causa da educação fisica e espirito moderno, que vê no sport o unico recurso do renascimento da raça, escreve em «Os Sports» sobre a questão entre profissionais e amadores.

«O primeiro principio sobre que devemos assentar é: torna-se indispensavel criar uma barreira definitiva entre profissionais e amadores, por forma a evitar imiscuidades deploraveis. Entre amadores e profissionais não deve haver pontos de contato.

E' mais uma opinião autorisada a juntar ás que temos citado, e pela qual tanto temos batalhado.

Lá diz o ditado que «os bons espiritos se encontram...»

* * *

O dr. José Pontes no senado, falando na necessidade da nossa representação sportiva no Brasil, disse em alto e bom som, que é urgente pensar que os atletas devem ir treinados.

Entre nós, onde, triunfam quasi sempre os «sportmans teoricos», vai isso ser dificil, mas oxalá o desejo do Dr. Ponte seja cumprido, afim de não se repetirem os casos de Stokolmo e Madrid.

Uma «equipe» de esgrima cuja escolha seja bem orientada, deve triunfar, e um «team» de «foot-ball» bem escolhido, deve figurar com honra.

No resto não se deve pensar.

A não ser para mudar de ares...

* * *

O circo de Lisboa foi amenisado por uma festa de sport, organisada e desempenhada por militares.

Foi interessante, e como assistiram a ela, os altos dirigentes do exercito, tiveram assim a chancela de coisa oficial.

Era bom que pegasse a moda, e que em todas as unidades se intensificasse a pratica dos «sports», o que aliás é já assunto velho no estrangeiro.

Talvez fazendo uma revolução sportiva, se pensasse menos em revolução social...

Podia acabar a coisa a sôco, que é mais higienico do que a tiro...

RUY DA CUNHA

AUTOMOBILISMO

II corrida da Rampa da Pimenteira

Está aberta a inscrição, devendo a prova realisar-se em fins de Abril

E' já conhecido o regulamento da corrida de automoveis II Rampa da Pimenteira que o jornal «Os Sports» vai realisar nos fins de abril proximo cuja inscrição já se encontra aberta.

No nosso meio automobilista reina grande interesse pela prova, devendo a inscrição ser numerosa, tanto mais que «Os Sports» facilitou a inscrição aos amadores e a representantes de marcas.

O regulamento já publicado por nós e pelo nosso colega «Seculo» da noite vai ser distribuido num folheto pelos interessados.

A inscrição tem de ser feita em boletins especiais fornecidos pelo jornal «Os Sports».

Damos a seguir os principais artigos do regulamento que mais devem interessar os nossos automobilistas:

Corrida—O jornal «Os Sports» organisa em data previamente marcada uma corrida em subida, de 1.500 metros, denominada «II Corrida da Rampa da Pimenteira», que vai da ribeira de Alcantara á estrada da Cruz de Oliveira.

Inscrição—A taxa de inscrição para a corrida por cada carro é de:

a) Para automobilistas amadores portugueses ou estrangeiros 60$00;

b) Para representantes de marcas com sede no paiz 120$00.

—Os concorrentes deverão inscrever-se em boletim fornecido pelo jornal «Os Sports» devendo a taxa de inscrição acompanhar a mesma, passando o jornal «Os Sports» documento comprovativo da sua entrega.

CATEGORIAS—A corrida será em 3 categorias:

1.ª—Até 15 cavalos, inclusive.

2.ª—Até 30 cavalos, inclusive.

3.ª—Superior a 30 cavalos.

A força em cavalos será determinada pela forma adoptada pela Comissão Tecnica da Circunscrição Sul.

«Os Sports» de acordo com o juri da prova, reserva-se no direito de admitir sub-divisões nas categorias, ou de as modificar conforme as necessidades que possam surgir, mas devera torná-las publicas oito dias, pelo menos antes de se efectuar a corrida.

JURI—O jornal «Os Sports» nomeará o juri da corrida, que será composto de cinco membros, sob a presidencia de um delegado do Automovel Club de Portugal.

PREMIOS—Em cada categoria os concorrentes serão classificados pelo menor tempo que levarem a efectuar o percurso

Art. 18.º—Em cada categoria «Os Sports» concederá 3 premios desde que o numero dos concorrentes seja superior a cinco.

Alem destes premios o corredor que fizer o percurso em qualquer das categorias em menos tempo, ganhará a «Taça Good-year», instituida pelo jornal «Os Sports», que ficará na posse definitiva do corredor ou do seu representante, caso o carro vencedor esteja inscrito como representante da marca.

Alem destes premios «Os Sports» ainda concede uma outra taça denominada S. E. V. oferecida pela firma da nossa praça Artur Mimoso L.da para ser oferecida ao concorrente á «II Rampa da Pimenteira» que fizer a saida mais rapida no percurso dos primeiros 30 a 40 metros.

RECLAMAÇÕES—As reclamações só podem ser apresentadas por escrito e dirigidas ao jornal «Os Sports» no prazo de 24 horas após determinada a corrida e só serão aceites acompanhadas da importancia de 15$000 que não serão devolvidos caso o protesto não seja atendido pelo juri da corrida.

NOTICIARIO

UM MATCH DE BOX

Silva Ruivo vai defrontar-se no dia 1 de abril, no Porto, com o campeão portuense Tavares Crespo, em 15 «rounds», com luvas de 4 onças. Ruivo vai pôr em jogo o seu titulo de campeão de «meio-medios» que em Janeiro tirou da posse de Faustino Pereira, batendo este no Coliseu dos Recreios.

Dadas as actuais condições de Crespo, que ultimamente se apresentou no Coliseu, mostrando admiravel resistencia e bom espirito combativo, a tarefa de Ruivo é muito dificil.

ESGRIMA NO GINASIO CLUB

Está aberta no Ginasio Club Português a inscrição para as «poules» de esgrima, de espada e sabre, que ali se vão realizar, bem como para a prova de espada, por «equipes», para disputa da Taça Carlos Gratelha.

O Campeonato de Sabre que o Ginasio Club Português anualmente organiza, realiza-se no mês de maio; vendo a inscrição aberta a civis e militares.

CLUB DOS CAÇADORES

No dia 2 do corrente foi dada posse pela direcção do Club dos Caçadores Portugueses aos membros da comissão venatoria regional do Sul, eleitos no dia 23 de fevereiro findo, os quais reuniram no dia 4 do corrente e elegeram, respectivamente, presidente e secretario os srs. dr. Antonio Arruda Branco e dr. Francisco José Sanches Coelho.

A referida comissão ficou instalada, para todos os efeitos, no largo de Camões, no Rossio, n.º 4, 3.º, E., por onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

A MI-CAREME NO G. C. P.

A festa da «mi-careme» que o Ginasio Club Português realiza no dia 25 do corrente, é promovida por uma comissão de socios que se tem esforçado por dar a esta «soirée» o mais elevado grau de brilhantismo e cortezia distincção.

Além dos numeros de ginastica comica que constam do programa, haverá um discurso.

E' o Ginasio Club o primeiro que no nosso paiz realiza esta festa com a pompa que lhe é dada no estrangeiro, pois efectuar-se-á um concurso de beleza entre as distintas damas presentes a fim de se proceder á eleição e coroação da Rainha da festa e sua corte, que em seguida será, por aclamação, conduzida ao trono que lhe é destinado. Abrilhantará esta cerimonia um concerto e o baile um dos melhores quintetos com um «Jazz-Band».

FOOT-BALL

Os resultados de hontem

A União Foot-ball ganhou por 4 bolas a uma ao Casa Pia. O Benfica bateu o Imperio, por 4 bolas a uma.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

76

Era ele quem guardava a chave da biblioteca. O meu quarto era separado da biblioteca por esse gabinete de trabalho. Um dia que o secretario não estava em casa, depois do jantar, encontrei a chave da biblioteca. Prendia-me a curiosidade e usando do acaso que me tinha deparado a chave, entrei na biblioteca.

Era uma sala bastante vasta e clara, onde havia oito grandes armarios cheios de livros. Piotr Alexandrovitch recebera a maior parte dos livros duma herança; uma outra parte tinha sido reunida por Alexandra Mikhailovna que comprava volumes sem parar.

Até então não me tinham deixado ler senão com a maior circunspecção, e eu, facilmente adivinhava que me interdiziam muitas coisas, as quais constituiam para mim um misterio. Foi pois com uma grande curiosidade, misto de medo e alegria e com um sentimento particular que abri o primeiro armario e peguei na obra que estava mais á mão. Nesse armario estavam os romances. Escolhi um, fechei a estante, e levei o livro para o meu quarto. Senti nesse momento, uma sensação esquisita, um bater forte de coração, como se pressentisse que uma grande mudança se ia operar na minha existencia.

Mal cheguei ao meu quarto, fechei-me, e abri o romance. Mas eu não podia ler: outra coisa preocupava o meu espirito. Era necessario assegurar-me previamente dos meios de poder ir á biblioteca quando quisesse; para isso precisava que ninguem desconfiasse, para que eu pudesse, em todos os momentos, trazer os livros que me agradassem. Eis porque adiei a satisfação da minha curiosidade para momento mais oportuno.

Pus o livro no seu lugar e escondi a chave no meu quarto. Era o primeiro acto mau que cometia.

Eu receava as consequencias, mas tudo se arranjou segundo os meus desejos. O secretario de Piotr Alexandrovitch, depois de ter passado todo o dia e uma parte da noite a procurar a chave, decidiu-se, na manhã seguinte, a chamar um serralheiro, que trouxe uma porção de chaves, uma das quais servia na fechadura. O incidente terminou assim e ele não pensou mais na chave perdida. Mas, procedi nessa ocasião com tanta prudencia e manha, que levei uma semana sem voltar á biblioteca, e não o fiz senão depois de bem certa de que ninguem o desconfiaria.

Escolhendo o momento em que o secretario não estava em casa, ia para a biblioteca, pela sala de jantar. O secretario de Piotr Alexandrovitch contentava-se em ter a chave na algibeira, sem tomar contacto com os livros, nunca indo á sala onde eles se encontravam.

Pus-me então a lêr com avidez e a leitura foi a minha paixão. Todas as minhas novas necessidades, todas as minhas recentes aspirações, todos os «élans» ainda vagos da minha adolescencia que nasciam na minha alma por uma forma tão perturbadora e que eram provocados pelo meu tão precoce desenvolvimento, tudo isso, repentinamente, precipitou-se numa direção, parecia satisfazer-se completamente nesse novo elemento e nele encontrar o seu curso regular. Logo o meu coração e a minha cabeça se encontraram tão encantados, logo a minha fantasia se desenvolveu tão largamente, que eu tinha a aparencia de ter esquecido tudo o que me rodeara até então. Parecia que a propria sorte me levava para o limiar da nova vida em que me lançava apenas, na qual pensava dia e noite e antes de me abandonar na estrada imensa, fazia-me elevar a uma altura donde eu podia contemplar o futuro, como um maravilhoso panorama, sob uma perspectiva brilhante, encantadora.

Via-me destinada a viver todo esse futuro, aprendendo-o primeiramente pelos livros: viver os sonhos, as esperanças, a doce emoção do meu espirito juvenil. Comecei as minhas leituras sem uma escolha previa, pelo primeiro livro que apanhei á mão. O destino porem velava por mim. O que eu tinha aprendido e vivido até então era tão nobre, tão austero, que uma pagina impura ou má não podia seduzir-me. O meu instinto de creança, a minha precocidade, todo o meu passado velavam por mim, agora a consciencia esclarecia toda a minha vida passada.

Com efeito, quasi que cada uma das paginas que eu lia era-me já conhecida, parecia-me já vivida, como se todas essas paixões, toda essa vida que se desdobrava perante mim sob formas imprevistas, em quadros maravilhosos, já tivera sido vivida por mim.

E como não podia eu estar entusiasmada até esquecer o presente, até esquecer a realidade, quando, diante de mim, cada livro que eu lia, me mostrava as leis dum destino proprio, o espirito de aventuras que impera na vida do homem, mas que descende da lei fundamental da vida humana e é condição da sua saude e da sua felicidade?! E' esta lei que eu tacteava, que eu tentava adivinhar com todas as minhas forças, com todos os meus instintos, depois quasi que com sentimento de defesa. Queria prevenir-me, como se houvesse na minha alma qualquer coisa de profetico, e todos os dias aumentava a esperança ao mesmo tempo que aumentava o meu desejo de me lançar nesse futuro, nessa vida.

Mas, como eu propria já disse, a minha fantasia excedia a minha impaciencia, e na verdade eu só vivia em sonho, onde estava eu só a agir, onde não havia senão alegrias e onde a desgraça, se existia, não representava mais do que um papel passivo, ligeiro, até onde era necessario para a brusca mudança de sorte sob o desenrolar brilhante dos meus romances.

Semelhante vida, vida de imaginação, vida estranha, durou tres anos.

O que vivi durante esses tres anos era-me muito querido e muito intimo; em todas essas fantasias reflectia eu muito, ao passo que chegava a ficar perturbada, envergonhada com um olhar estranho fosse de quem fosse, que por acaso poisasse na minha alma.

Por outro lado, em casa, nós todos, viviamos tão isoladamente, tão fóra da sociedade numa tão grande calma monacal, que involuntariamente em cada um de nós se desenvolvia a tendencia para nos desdobrar-mos. Era o que acontecia comigo.

Durante tres anos nada mudou em minha volta; estava tudo como dantes. Como antes, reinava entre nós uma triste monotonia, que poderia atormentar a minha alma e lançar-se até para uma vida perniciosa. Madame Leotard tinha envelhecido e nunca saía do seu quarto. As crianças eram ainda muito pequenas. Eu era muito monotono e o marido de Alexandra Mikhailovna continuava sendo severo e cada vez mais sombrio comigo. Entre ele e a mulher, reinava como dantes, o mesmo misterio, que principiava a mostrar-se para mim cada vez mais horrivel e todos os dias maior perigo tomava por Alexandra Mikhailovna. A sua vida triste e monotona, mostrava-se aos meus olhos, e a sua saude piorava de dia para dia.

Parecia ter-se apoderado da sua alma o desespero. Ela estava visivelmente sob a impressão de alguma coisa de desconhecido, de indefinido, de que ela propria não podia dar conta, alguma coisa de terrivel e ao mesmo tempo de incompreensivel, mas que ela aceitava como ... da sua vida ...

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4032 – 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Terça-feira, 21 de Março de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

CONTRASTE

Muito sucintamente, o telegrafo comunicou ha dias ter sido colocado na inactividade, por um periodo de dez anos, o ex-secretario geral do ministerio dos Negocios Estrangeiros da França, o sr. Philippe Berthelot. Sabido que o sr. Berthelot atinge o limite de idade antes de findar esse periodo, facilmente se conclue que a sua carreira foi definitivamente cortada pelo severo golpe que o atingiu.

São conhecidas as razões justificativas da rigorosa medida tomada contra o sr. Berthelot. Mas provam o alto conceito da moralidade administrativa que a Republica Francesa não cessa de patentear. O sr. Berthelot, tem um irmão que é director do Banco Industrial da China, e em determinada ocasião interveio em assuntos que a esse Banco interessavam, fazendo-o na sua qualidade de secretario geral do ministerio dos Estrangeiros. Divulgou-se essa intervenção, e no parlamento francez fizeram-se reparos que, se não chegaram a emocionar a opinião, preocuparam vivamente os circulos politicos.

Procurou o ministro, que tinha a maior consideração pelo sr. Berthelot, atenuar a gravidade da situação. Não foi possivel. O proprio sr. Berthelot escreveu uma carta ao seu ministro solicitando-lhe uma licença, e afastando-se do ministerio para deixar plena liberdade de acção ao governo. Fez mais ainda: saiu até de França. Foi nosso hospede, aqui, em Lisboa, onde já exercera um cargo diplomatico. De regresso a França, acaba de receber a notificação do castigo que lhe foi imposto. Certamente será ele o primeiro a reputal-o justo, como é de justiça, reconhecer que em França nunca faleceram as sanções necessarias quando se trata de abusos ou irregularidades graves, mesmo praticadas por funcionarios distintissimos, como o sr. Berthelot, que, no desempenho do seu alto cargo, tantos serviços teve o ensejo de prestar ao seu pais.

Voltemos agora os olhos para a nossa terra. Publicou-se ha pouco o relatorio dos serviços da Manutenção Militar, firmado pelo actual director, o sr. Pina Lopes. E que [illegible] nós nesse relatorio? Vemos que o sr. Pina Lopes, tomando conta desse importantissimo estabelecimento do Estado, cujas existencias devem comportar-se no valor de muitos milhares de contos, não teve coragem senão para declarar que tomava posse da quantia de 200 contos que se encontravam em cofre.

Quanto aos generos que deviam e devem existir nos armazens da Manutenção Militar, o sr. Pina Lopes parece nem saber o que ha-de pensar. Deve ser realmente assustadora a verificação do que por lá se tem passado, embora nada já nos possa surpreender desde os monstruosos escandalos dos Transportes Maritimos do Estado. O actual chefe do governo já uma vez bradou em pleno parlamento, que o paiz tem estado a saque. E' desolador constatal-o; mas ainda é mais desolador verificar que nenhuma sancção tem sido dada a esse saque continuado e permanente, ficando impunes os criminosos, que ultrajam a gente seria com a sua opulencia e ainda por cima continuam a ser considerados como pessoas dignas e respeitaveis.

Porventura seria possivel em França uma bandalheira desta ordem? Nem por mera hypotese se admite semelhante idéa. A França é o paiz onde, ao rebentar a questão do Panamá, não se hesitou perante uma gloria nacional, o velho Lesseps, comprometido no formidavel escandalo. Um antigo ministro foi para a cadeia, e os parlamentares, os homens politicos, os jornalistas, que a questão do Panamá envolveu perderam a consideração publica, só a reconquistando alguns, mercê de uma verdadeira rehabilitação operada por novos serviços á patria.

Foi na França que, ao desenrolar-se o escandalo das condecorações, em que estava implicado o genro de Grévy, Wilson, o clamor de protesto atingiu tais proporções que o proprio Presidente da Republica, apesar de em nada estar directamente envolvido no caso, renunciou ás suas altissimas funcções.

Frisemos estes factos, com orgulho, porque provam a nobre concepção que uma Republica modelar possue da dignidade do Estado e dos interesses da patria; mas frisemo-los tambem com desgosto e indignação porque não vemos em Portugal adoptar-se um criterio semelhante, que honraria a nossa democracia e, regenerando os nossos costumes, asseguraria o nosso futuro.

Um murmurio do porta-voz "A Batalha„ — Ardeu-lhe porque é pimenta – Que fará quando lhe aplicar-mos um vesicatorio?...

Hoje não dispomos senão dum espaço muito restricto. Temos que deixar para ámanhã a exposição de ideas acerca da U. S. O. e de «A Batalha». Não nos separámos mesmo do assunto se, por acaso, «A Batalha», nosso presadissimo e ilustre colega, não se resolvesse—emfim!...—a dizer da sua justiça. Dizer é um modo de falar. Porem, bem aparadas as contas, «A Batalha», limitou-se a anunciar, para mais tarde (esperemos que não seja para as kalendas gregas...) as suas razões acerca da questão das oito horas,—questão que a C. G. T., com muita basofia e pouca verdade, já vai dizendo que será tratada num Movimento Nacional.

O abuso descarado que se tem feito destas duas palavras!

O cutabrismo tambem quiz crismar-se com a pomposa designação do que presentemente faz monopolio a C. G. T. Todavia não nos deu senão a «Noite Tragica»!...

Mas deixemos isto e vamos a ver o sumo que se pode tirar da laranja semi-seca com que «A Batalha» brinda hoje os seus leitores, no numero dos quais nós nos contamos, como dos mais assiduos, atentos, veneradores e muito agradecidos.

Algumas confissões faz «A Batalha». Não são muitas, por emquanto. Mas já são algumas e merecem registo, para futuras constatações. Assim, referindo-se ainda ao ridiculo plebiscito acerca da paleocada da pena de morte, «A Batalha» diz:

O artigo sob o titulo «Tenó-Kas» publicámo-lo unicamente como informação, sem quaisquer compromissos de opiniões, proposito a que obedece tudo quanto sobre questões externas publicamos, pois foi tomado como sendo opiniões de «A Batalha», com o pouco honesto intuito de achar uma contradição com o que dissemos sobre a pena de morte.

Sobre esta questão vem a talhe de foice dizer-lhe que não transcrevemos a sua opinião tardia pela mesma razão que outras não publicamos, devez a que nos achavamos desobrigados desde que a mesma vinha acompanhada de objurgatorias imperativas e envolta em ramalhetes venenosos de quem parece desconhecer o que são escrupulos.

Eis as confissões expressas categoricamente por «A Batalha»:

1.º—Sobre questões externas não emite nenhuma opinião. De modo que, para o porta-voz do sindicalismo vermelho da U S O não merece referencia a Republica Sovietica da Russia nem qualquer outro movimento socialista, bolchevista ou seja lá o que fôr que se passe fóra das fronteiras de Portugal. Não ha nada mais simples...

2.º—«A Batalha» não publicou o nosso voto acerca da pena de morte, pela mesma razão que não publicou muitos outros, naturalmente a favor e contra. Eis uma forma original de abrir um plebiscito e chegar a conclusões!

Com tal processo até nós provavamos, se nos desse na bolha (como deu á «A Batalha» ...) que a fabrica clandestina de bombas, descoberta, mercê dum «desastre do trabalho», no edificio onde se manifesta o supremo porta-voz sindicalista vermelhuço, era do inteiro desconhecimento de todos os colaboradores da gazeta.

E é tudo quanto se apura da prosa de «A Batalha». E até amanhã.

A venda do Correio Velho

Foi feita por 100 contos; devendo em breve proceder-se á remodelação do edificio

Alguns jornais noticiaram, ha dois dias que o antigo edificio da Calçada do Combro, conhecido pelo Correio Velho fôra vendido ao sr. Antonio Fontes o qual estava na disposição de transformar o velho casarão num teatro. A noticia que tomou fôros de sensacional foi aproveitada pelos «reporters» que logo fantasiaram coisas varias, afirmando em letra redonda, sem os menores visos de verdade, que o edificio fôra vendido por 300 contos e que seria o actor Alves da Cunha o emprezario escolhido para explorar a nova casa de espectaculos destinada a substituir o incendiado Gymnasio.

Afinal de verdade apenas ha que o antigo Correio Velho foi de facto vendido tendo sido o edificio adquirido não por 300 contos mas sim apenas por 100. Foi seu comprador o sr. dr. Antonio Fontes, um antigo combatente das hostes realistas e que pela causa monarquica sofreu clausura nas penitenciarias do paiz, o qual adquiriu a velha propriedade de sociedade com o seu amigo sr. Antonio de Almeida e Costa.

O sr. dr. Antonio Fontes com quem hoje tivemos ocasião de nos avistar esclareceu rapidamente o assunto:

—Nós sabiamos que o edificio se vendia e encarregámos um arquitecto, o sr. Joaquim Ooiras de ir examinar tudo e ver se a propriedade valia o dinheiro pedido. O arquitecto respondeu-nos afirmativamente e a compra fez-se pelos 100 contos.

—Mas falaram em 300!...

—Foi engano. Nós tencionamos gastar em obras que vão fazer-se agora uns 200 contos e dahi os tais 300 de que se fala...

—E tencionam v. ex.as mandar construir algum novo teatro?

—Não pensamos em tal! Isso é para mim uma verdadeira surpreza, pois que nem mesmo conheço o emprezario sr. Alves da Cunha. O nosso projecto é tornar o edificio em condições de ser habitado. Os primeiros andares serão transformados em escritorios e os restantes em habitações razoaveis, sendo a nossa principal preocupação limpar tudo aquilo tratar das canalisações e dos esgotos, na sua maioria rotos e danificados. Se no entanto nos aparecer qualquer outra proposta, inclusivé teatro, nós a estudaremos, dependendo tudo do acordo a que se chegue.

—E quando começam as obras?

—Por todo o proximo mez. Convem com urgencia sanear e limpar todo o edificio...

—E qual a situação dos actuais inquilinos?

—Como deve compreender esses inquilinos encontram-se em condições especiais. Aqueles que estejam dispostos a sujeitar-se ás obras e que queiram ficar, ficam. Tudo isso depende dos acordos a que se chegue. Quem não chegar a acordo ou não queira continuar no predio, sae...

Como complemento das nossas informações diremos que o antigo edificio do correio geral era pertença da sra. D. Eugenia da Cunha Menezes e duma sua irmã, ambas actualmente em Espanha, e descendentes da falecida condessa de Castro Marim.

O advogado das referidas senhoras e que tratou da negociação com o sr. dr. Antonio Fontes foi o deputado catolico sr. dr. Lino Neto.

ESCANDALOS

Breves comentarios a proposito das revelações do sr. ministro das Finanças com respeito á administração dos T. M. E.

O discurso que o sr. ministro das Finanças pronunciou, ontem, na Camara dos Deputados, não causou uma demasiada impressão no espirito publico, tão habituado, já todos estamos á revelação de escandalos na administração dos T. M. E., revelações que os governos produzem sempre tarde e a más horas. Os nossos governantes parecem, realmente, adoptar como regra o famoso proloquio popular que ironicamente aconselha que se ponham trancas nas portas de casas já roubadas. E' o caso dos T. M. E., visto que o sr. ministro das Finanças confessou, corajosamente, que a venda dos navios mercantes do Estado não dará, por mais que se bata com o martelo do leilão, um quantitativo em dinheiro suficiente para pagar as dividas já verificadas dos T. M. E. E' ainda agora a procissão vai no adro na Igreja!...

Se os governos da Republica não fechassem sistematicamente os ouvidos ás revelações e queixas da imprensa, já de ha muito se teria providenciado para se pôr cobro á escandalosa ladroeira dos T. M. E. Este jornal, que vale o que deve ás suas tradições republicanas, não se cansou, jámais, de apelar para os poderes publicos, denunciando as manobras criminosas de que a frota mercante do Estado era objecto. Mas foi em vão! Choveram sobre nós os desmentidos, as pressões mas costumadas e inevitaveis notas oficiosas, e só não fomos chamados á responsabilidade criminal porque já se sabe, por experiencia, quanto desprezo temos por tais processos comminatorios.

Obedecendo ainda ao proposito de contribuir, dentro das nossas posses, pela moralisação da administração republicana, não resistimos ao impulso de perguntar ao governo o seguinte: então ha tanta ladroeira e não ha ladrões na cadeia?... Não basta, naturalmente, vender os navios mercantes, deixando o Estado de mãos a abanar, completamente desarmado perante a luta economica que se está travando, mais intensiva que nunca, entre todas as nações do mundo civilisado. Que nos vejamos obrigados a fazer isso, reconhecendo implicitamente que não ha forma de conseguir honestidade na administração do Estado,—vá; mas que ainda por cima fique estabelecido o precedente de que a delapidação ou a expropriação indevida dos dinheiros publicos resulte sempre impune,—eis o que nos parece demasiado!

E' certo que existem sindicancias em andamento, uma, pelo menos. Mas—perguntamos nós—o juiz sindicante ainda não apurou materia crime suficiente para enviar ás justiças ordinarias os delinquentes presumiveis?

E' por estas e por outras—por muitas outras, infelizmente—que o povo sente invadi-lo um desanimo, que se vai aproximando da «apagada e vil tristeza» de que falou o Poeta, quando se referia a uma das mais angustiosas crises da nacionalidade portugueza...

FAZ HOJE 76 ANOS QUE NASCEU

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

MESTRE DA CERAMICA PORTUGUESA

UM ARTIGO DE ABEL BOTELHO

A sua [illegible] paixão de modelador [illegible] quasi da sua primeira [illegible] dos 14 anos [illegible] todas as [illegible] a Ind[illegible] Verdade por todas as suas faces, em todos os seus aspectos, para que [illegible] fôsse mais perfeita. Desde os [illegible] da [illegible] Academia de Belas Artes [illegible] se confunde o pai que [illegible] artista de merito, da arte quasi não [illegible] dissabores e fadigas.

Destinava êle o pequeno á carreira juridica, e para isso, o trazia matriculado a estudar preparatorios, no Liceu das Mercearias. Porem, um primo e futuro cunhado de Rafael, a quem êste revelara a sua indomavel vocação artistica e, em especial, áquele tempo, a paixão pelo teatro, [illegible] uma noite a assistir a um ensaio, no chamado *Teatro Garret*, na travessa do Forno dos Anjos. O ardente neofito nesta data [illegible] vibrando todo na espectativa dêsse instante, que êle confusamente imaginava viesse a ser decisivo para a sua vida. E á noite, ao transpor os [illegible] do comezinho templo da Arte a cinco tostões mensais por cabeça, conta-se que êle manifestou o seu admirativo entusiasmo por uma daquelas veementes exclamações que aprendera de Tasso, o seu mestre, o seu Deus no genero.

Mas, ao mesmo tempo, o seu vigoroso senso artistico fê-lo logo verificar com desgosto quanto eram pobres [illegible] as cortinas [illegible] indigno dêste nome! Pouco mais do que um pardieiro, sem comodidades, sem luz, sem o minimo traço ornamental. A sua impetuosidade de meridional não o deixou ficar [illegible] com sincero [illegible] de instalação e ofereceu-se para ornamentar o teatro.

Não havia com que o remunerar [illegible] de graça. E começou logo pelas cornijas do tecto e pela galeria, ao longo da qual foi aplicando lindos ornatos de pasta dourada. Rafael Bordalo nunca em dias da sua vida [illegible] modelado, nem [illegible] porém, mais [illegible] parte por instinto [illegible] com as lições do [illegible] executando o seu trabalho, desenhado por êle proprio, e que agradava extraordinariamente aos socios, assombrados de tão impetuosa e caudal precocidade.

Entretanto, o [illegible] novel decorador interrompia a sua faina, para seguir em extasi os ensaios, todo pendurado do andaime, num alheamento embevecido. Quando terminou, a direcção nomeou-o socio de merito e prometeu dar-lhe brevemente um papel. Nem haveria para êle melhor recompensa... Achavam-lhe um belo tipo para actor, no genero do Santos *pitôrra*. A vivacidade do gesto a graça natural a tez de canela, o cabelo revolto, os olhos profundos prometiam com efeito todo o *décor* fisico indispensavel para um grande e glorioso dominador da scena.

E Rafael, com uma ingenua febre de predestinado, preparou-se para a sua bem amada profissão. Nunca mais foi ao Liceu, nunca mais abriu um livro; e ao mesmo tempo matriculava-se nas aulas da escola dramatica, que acabava de ser fundada sob a direcção de Duarte de Sá. Queria ser fatalmente, indispensavelmente actor. — Quem é que não tem a borbulha do comico no seu passado? Ou um papel de galã, ou um livro de versos, é o sarampo intelectual de nós todos. Isto não falha.

Mas ao dar-lhe o pai a tempo, com remedio certo, a êste perigoso ataque de bexigas scenica. Arranjou-lhe um emprego na secretaria da Camara dos Pares, a 25$000 por mês. Passava-se isto em 1863. [illegible] mais quere o nosso Rafael saber da arte dramatica, de pastas, nem de ornatos. Cura simples e alegremente, como moço entusiasta e sadio que era, de divertir-se e gozar. Ainda assim, seguiu com interesse os cursos nocturnos da Academia de Belas Artes e o Curso Superior de Letras. A sua formidavel vocação artistica e [illegible] tendencia para [illegible] soprados [illegible] vinte e três anos [illegible] toda essa destum [illegible]

[illegible] O Botelho, a fal[illegible] *Cantar* [illegible] com [illegible] de Azevedo [illegible] os *Teatros de Lisboa*, com Julio Cesar Machado, e um [illegible] para jornais, [illegible] tendo [illegible] pelo Brasil, e inaugurado no voltar, ele só com Guilherme de Azevedo e Matos Moreira [illegible] êsse [illegible] de espirito de veia [illegible] e impressiva terapeutica social e foi o *Antonio Maria* [illegible]

[illegible] veis fontes do seu genio, Rafael Bordalo regressou então, numa delirante exacerbação de entusiasmo aos seus sonhos de modelador. As [illegible] predilecções artisticas [illegible] o acidente das Caldas [illegible] e consegui[illegible] imaginação, fecundidade e esforço maravilhar-nos com essa portentosa aluvião de *motivos decorativos* e criar positivamente um mundo novo.

E aqui cabe naturalmente preguntar por que razão foi que um tão excelso e original artista, dispondo de um temperamento [illegible] dependente e tão pessoal, tão ávido de inédito, ancioso por atingir as mais altas culminações estéticas, se deu a escolher um material intimo e grosseiro, qual é o barro, para nele fixar os rasgos da sua imaginação e as sarabandas doidas do seu espirito? Pois a porcelana, por exemplo, não seria mais ductil, mais nobre? Não se prestaria melhor aos caprichos de visão do seu engenho?

Rafael Bordalo Pinheiro bem [illegible] que [illegible] a porcelana e a [illegible] os seus melhores artefactos [illegible] se obtêm sacrificando em parte [illegible] modo a espontaneidade. Tem de ser tratada com delicadezas [illegible] com o nervoso [illegible] improvisação. A porcelana, com a suavidade das formas, a [illegible] das suas pastas, a sua transparencia e esplendida alvura, requere um tratamento classico, é o instrumento de trabalho dos temperamentos metodicos [illegible] compondo a frio. O [illegible] as coloridas intensas, tenros aspectos [illegible] sos resultos, é por excelencia a argamassa dos grandes inovadores. Afeiçoa-se num pronto e retem com escrupulosa justeza o toque instantaneo que o artista lhe imprimiu num iluminado instante da inspiração.

Sob êste ponto de vista, a plasticidade das argilas é inexcedivel. Já o barro de que se serviam os oleiros gregos lhes permitia encurvarem graciosamente com uma simples dedada, [illegible] as asas das suas cupas e vasos, dando nos num relance essas lindas e classicas formas ainda hoje e sempre impecavelmente belas. Mas se quizermos fazer coisa analoga em porcelana [illegible] de executar [illegible] na passagem de uma para outra substancia lá se vai o melhor do encanto das linhas, devido á improvisação.

Nada pois, como o barro, para a fixação da idea plastica ao momento. E' imprimi-la e ficou. E nem o esmalte de ordinario lhe empana [illegible] o vigor das arestas a [illegible] cozedura que para o barro não precisa ser tão elevada como na cozedura dos kaolinos, a que ela reserva por vezes bem desagradaveis surprezas. E tanto o barro se considera ser o material por excelencia consagrado á modelação mais intensa e mais vivida mais intimamente cingida á Natureza, que até no seu simbolismo sagrado a Biblia, ao celebrar a criação do homem, é um pedaço de barro que põe nas mãos do Criador.

Rafael Bordalo, como ceramista e modelador, criou uma estilisação [illegible] A sua exuberancia de [illegible] fabricante, de continuo a vencer dificuldades. A impetuosidade da seiva criadora tornou-o excessivo. Dahi, pelo que respeita á *quantidade* de arte a empregar, lhe sucede por vezes cair em [illegible] de ornamentação, numa especie de gongorismo plastico, e, no que se refere ao *volume* do artefacto a produzir, seduzem no por igual tentações de megalomania, de produtor de coisas grandes. Foi esta a genese da lindissima e monstruosa talha *manuelina*, que hoje se conserva no Paço das Necessidades e foi a [illegible] tambem [illegible] Beethoven [illegible] celebrada, peça certo [illegible] porque é um dos mais completos e felizes exemplares que conheço realizados por mão de homem, da opulencia ligada á harmonia ática do conjunto.

UMA BOTA..

A barafunda no Exercito — Ainda havemos de ver um coronel de sentinela ao Ministerio da Guerra ou á Cadeia do Limoeiro

Não vale a pena, porque não interessa ao leitor, descrever aqui, com todos os pormenores, como foi fabricada a bota. Basta referir os seus efeitos e a dificuldade de a descalçar, para que os leitores façam ideia da barafunda que já vai por todo o Exercito. E' o que vamos fazer.

Aprovou-se numa das casas do Parlamento uma lei de promoção de oficiais do Exercito, essa lei não foi apreciada pela outra casa do Congresso durante a legislatura seguinte: logo, segundo a Constituição, foi promulgada. E agora o vereis!

Pela nova lei veio uma formidavel fornada de promoções publicada na Ordem do Exercito. Outras promoções se seguirão, naturalmente. E os efeitos praticos serão tudo quanto ha de mais burlesco, de mais opera bufa.

Os coroneis feitos á pressa—especie de coroneis «pintados» ou «baraças»...—serão ás duzias, colocados em regimentos de ridiculos efectivos. Segundo disse o sr. Ministro da Guerra haverá regimentos com tres coroneis e vinte e cinco soldados. Um dos coroneis será, naturalmente, o comandante; outro coronel desempenhará as funcções de tenente coronel, e outro as funcções correspondentes a major.

E' facil calcular que um alferes não passará de cabo de esquadra! E, com o decorrer dos tempos, que mais acentuarão os efeitos da nova lei, ainda pode vir a acontecer que a guarda de honra ao Parlamento venha a ser composta de oficiais de patentes diversas comandados por um general. Será vistoso e... muito original!

O Parlamento está estudando a maneira de pôr cobro á barafunda. Os nossos votos são para que eficazmente o consiga, livrando a Nação de tão ridicula manifestação de megalomania nacional.

Alves da Cunha

Este notavel actor pensa em deixar de representar em Lisboa

Os jornais da manhã anunciaram que o actor Alves da Cunha faria a sua festa artistica no dia 5 do proximo mês, com a peça «Os tubarões» de Nicodemi.

Informações posteriores disseram-nos que o notavel artista, pensa em deixar completamente de representar em Lisboa, magoado com a atitude que alguns criticos tomaram, a quando da primeira representação da «A Vida».

Não podemos deixar de lastimar essa resolução, que consideramos infeliz, estamos convencidos de que ela não irá por deante. Compreendemos perfeitamente que num momento de exaltação o sr. Alves da Cunha tenha pensado em assim proceder; reflectindo porem, não encontrará razões para isso.

Tambem nós publicamos, aquilo a que dentre dos jornais se convencionou chamar «nota oficiosa do critico...» Mas na «nota da redacção» que se lhe seguia, escrevemos: «...Alves da Cunha, sempre grande actor...»

Não houve, pelo menos da nossa parte, o proposito de melindrar fosse quem fosse e muito menos o artista que soubera, depois duma crise moral e material, proceder com toda a energia, aquela energia que só dá a consciencia da propria força.

Alves da Cunha tem compromissos para com o publico.

Mesmo na noite de sabado ele não viu a amizade que o publico lhe consagra somente na enchente de S. Carlos, mas tambem, nos aplausos com que unanimemente a plateia premiou o seu trabalho.

Um artista com a carreira brilhante e o nome glorioso que Alves da Cunha hoje possue não tem o direito de abandonar o publico. Deve continuar a dar-nos a sua arte que tem muito de grande e de notavel.

Dr. José Lino Neto

Após uma dolorosa operação faleceu hontem o sr. dr. José Lino Neto, irmão do deputado catolico sr. dr. Lino Neto. O seu funeral sai amanhã pelas 16 horas e meia, do Hospital de S. Luiz para a estação do Rocio, donde seguirá em vagon armado em camara ardente para Gavião onde o finado exercia a advocacia.

As tropas americanas vão abandonar o Reno

WASHINGTON, 20—O ministro da Guerra deu ordem para que no dia 1 de Julho partam da Renania todas as tropas americanas.—(H).

As reparações

PARIS, 21—As discussões da comissão das reparações visaram principalmente o plano das reparações, tendente a fazer admitir o principio geral do «contrôle» financeiro no Reich, e principalmente nas alfandegas.

Para facilitar a execução dos acordos Loucheur-Ryssulemann, a Alemanha deverá pagar em especies o complemento dos fornecimentos em generos, que não tiver completado.

O acordo fez-se para conceder á Alemanha uma moratoria para o ano de 1922, baseado nas resoluções tomadas em Cannes.—(H)

Propaganda Cooperativista

A Direcção da F. N. C. visitou ontem a Cooperativa dos Trabalhadores Rurais e Operarios Escouraienses, com sede em S. Tiago do Escoural, onde realizou uma sessão de propaganda economica nacional e cooperativa.

Falaram os srs. Drs. Reis Santos e Manuel Inacio Ferros, que demonstraram a necessidade de crear uma consciencia nacional que imponha as precisas e urgentes medidas de salvação publica.

Sob o ponto de vista cooperativo apontaram a enorme vantagem de se regularisar a distribuição por intermedio das Cooperativas de consumo, e de se crear ao lado destas, um vasto e forte nucleo cooperativo de producção, onde os produtores possam adquirir a pratica necessaria para se educarem e se dirigirem por si proprios, fazendo para aquele fim a apologia da constituição de Caixas Economicas junto de todas as Cooperativas.

Devido á circunstancia de se realisar no proximo Domingo um bando precatorio em Setubal, foi transferida para o dia 9 de Abril a excursão aquela cidade e as sessões de propaganda Cooperativa que ali se deviam realisar naquele dia.

A seguir realisar-se-hão sessões de propaganda nacional e cooperativa em outros pontos do paiz.

A conferencia sobre os negocios do Oriente

LONDRES, 21.—Lord Curzon e os conselheiros tecnicos partem hoje para Paris tomar parte na conferencia que ali se realisa sobre os negocios do oriente e a que assistem os ministros dos Estrangeiros da França, Italia e Inglaterra.—(H.)

A luta em Marrocos

Preparando operações futuras

MADRID, 20.—O general Olaguer ministro da Guerra, declarou que as operações em Marrocos foram momentaneamente detidas a fim de serem preparadas com mais cuidado as operações futuras e acrescentou que os tiros de peça disparados durante dois dias pelos rifenhos sobre a ilha de Alhucemas destruiram um vapor, como já foi telegrafado pelo telegrafo sem fios.

Segundo o «Diario Universal» as novas exigencias do agitador rifenho Abdel Krim deram em resultado o rompimento das negociações para o resgate dos prisioneiros, estes foram por sua ordem transferidos para o territorio de Beniurriaguel ao territorio de Basoya, que fica mais afastado do litoral.

Segundo o mesmo jornal, Abdel Krim respondeu ao ultimatum espanhol, dizendo que o aceitava; de resto, alem do pagamento de 4 milhões de pesetas e diversos outros pedidos, Abdel Krim fez uma nova exigencia, e vem a ser, que a Espanha se comprometa a cessar todos os preparativos durante a ocupação do territorio de Beniurriaguel.—(H.)

Politica internacional

A politica ingleza no Oriente—Como a India se liga á Turquia—No tempo do rei Eduardo...

A Inglaterra, pouco a pouco, vae modificando a sua politica oriental, nem sempre de boa vontade, mas vae transigindo. Primeiro, o Egito, onde aboliu o protectorado que assumira durante a guerra; e se essa concessão a faz acompanhar de restrições que cerceam a independencia, esta virá a seu tempo, integral.

Ao Egito, segue-se a India inquieta. O sr. Montagu, secretario de Estado da India (no gabinete Lloyd George) foi demitido ha dias por ter tornado publico um telegrama do vice-rei, lord Reading, enviado depois de consultados os governadores das provincias industanicas. Nosso telegrama dizia que Constantinopla deve ser evacuada; que a soberania do sultão deve ser restabelecida nos logares santos do Islam; que Smirna e a Tracia Otomana (compreendendo Andrinopla) devem ser restituidos á Turquia. E o vice-rei conclue:

«A realisação destes tres pontos é da maior importancia para a India».

Este telegrama é do maior interesse, porque revela a estreita ligação entre a questão greco-turca e a situação da India. Na verdade, já ha muito tempo se disse isso, e nós aqui por varias vezes nos referimos á conveniencia de a Inglaterra modificar a sua atitude para com Turquia para conquistar simpatias no mundo musulmano; isto é, a necessidade de modificar o tratado de Sèvres, como insistentemente apregoavam a França e a Italia que tambem teem, nos seus dominios, importantes populações que seguem a doutrina do Islam.

Mas é a primeira vez que alguem, com a categoria do vice-rei, buzina a mesma cantiga aos ouvidos do Lloyd George. E como este a não achasse a seu gosto, o sr. Montagu foi-se embora e diz-se que igual sorte terá o vice-rei. Isto significa que o gabinete inglez resiste a satisfazer as condições que da India lhe apontam, isto é, que persiste na sua oposição ás reivindicações turcas. Mas o primeiro empurrão está dado.

Por outro lado, na Grecia, deu-se ha pouco uma crise ministerial significativa.

Gounaris foi derrobado, embora o rei talvez persista em lhe entregar a formação do novo Ministerio. A guerra com a Turquia não é popular, e os gregos estão dispostos a ceder nos seus propositos de conquistar na Asia Menor (Smirna), embora insistam pela Tracia Oriental.

Se a Grecia assim recúa, porque não aproveita a Inglaterra a ocasião para fazer uma paz aceitavel para os turcos?

A Inglaterra não está disposta a tomar á sua cargo os riscos duma politica de hostilidades; a Grecia falha; então? Ha quem diga—e nós não o cremos—que a Russia dos soviets empreenderia a tarefa de combater os turcos, ou sósinha, ou combinada com a Grecia.

E nesse plano, seria animada pela Inglaterra?

Repetimos: não ligamos credito a tal boato. Pois a politica de Genova como póde conciliar-se com uma luta armada na Europa?

Se Lloyd George é um crente nas vantagens economicas que podem advir da «sua» conferencia, como é que ele iria destruir alem o que pretende construir aqui?

Sim, a logica obriga-nos a descrer. Simplesmente poderá alguem perguntar se a politica ingleza se subordina á logica.

E a nossa resposta seria hesitante. Confessamos o nosso fraco pela inicia de politica franceza e até compreendemos a forma «forte» da politica germanica dantes da guerra. Não compreendemos as sinuosidades da politica do sr. Lloyd George, ou antes compreendemos que a sua extraordinaria mobilidade—ora neste, ora naquele sentido—representa muita energia gasta em pura perda. A sua politica, depois do armisticio, tem sido uma politica de divisão, em vez de continuar a «entente» de Eduardo VII.

Agora mesmo lemos um artigo do «Temps», sob o titulo «No tempo do rei Eduardo». Alguns trechos:

«No tempo do rei Eduardo, um tratado era um tratado, e uma conferencia era um debate, onde os amigos se auxiliavam sem reserva... Na conferencia d'Algeciras, o governo britanico nunca teve a ideia de se apresentar como arbitro entre a França e a Alemanha.»

«No tempo do rei Eduardo, a Inglaterra aparecia ás nações musulmanas do Oriente como a protetora da sua independencia nacional e das suas liberdades politicas.»

Seguem-se, para justificação, citações de factos ocorridos na Persia, na Turquia, na India e comenta:

«Hoje, a politica oriental da Inglaterra quebrou muitas coisas. a cooperação franco ingleza no Levante, a paz do Egipto, a segurança da India e até a unidade do gabinete britanico».

E para findar:

«No tempo do rei Eduardo, as nações estrangeiras viam na sua frente, falando em nome da Inglaterra, homens que sabiam assegurar a continuidade duma politica, sem deixarem de ser fieis aos principios do seu partido».

Só o que o «Temps» não diz é quem sucedeu ao rei Eduardo, mas nós vamos revelar o segredo: foi o sr. Lloyd George... Mas supomos que o seu reinado não será longo.

A situação na Irlanda

LONDRES, 21.—Collins e Griffith, «leaders» do governo provisorio do Estado Livre da Irlanda trataram hoje das medidas a empregar para debelar a situação tensa que existe na fronteira do Ulster e que se agravou com dois raids que duas colunas volantes fizeram no fim da semana passada nos territorios do Ulster.

Estas colunas eram compostas por republicanos recalcitrantes e atacaram postos de policia que saquearam, levando todo o armamento e munições, fugindo depois para as montanhas.

A policia do Ulster foi em sua perseguição tendo feito saltar as pontes e barricado as estradas para os assaltantes não poderem fugir.—(R.)

O serviço dos electricos

Do sr. Guilherme de Castro, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director.—O modo como, até hoje, decorre o serviço dos carros electricos—desde que estes em boa hora se puzeram a circular—leva-me, como uma das inumeras vitimas da malfadada gréve do pessoal da Carris, a rogar a v. ex.ª que no seu muito lido jornal, queira ter a bondade de chamar a atenção dos ilustres organisadores daquele serviço para o modo irregular como esse serviço é feito.

Se as carreiras para diversos pontos da cidade e arredores são bastante diminutas pela insuficiencia de carros, irregularissimo é já tambem o seu funcionamento. Porque razão não fazem os expedidores seguir imediatamente os carros ao seu destino, logo que eles tenham a lotação completa e até excedida?

Fartos de esperarem os carros, a cairem de fome, ao sol ou á chuva, os pobres passageiros são forçados ainda a fazerem um enorme compasso de espera dentro do carro para o qual a muito custo entraram. E assim quem janta ás 7 chega a casa ás 8 1/2 ou 9 da noite!

Não pode ser. Senhoras e crianças merecem, creio eu, maior atenção.

Da Praça dos Restauradores partem sempre com aquela demora, trez ou quatro carros a seguir, para Bemfica; apoz outra demora, segue «um» para o Lumiar, um ou dois para o Campo Pequeno e C. Grande Ora a expedição dos carros para esses lados da cidade, fez-se sempre interpolada, isto é, um para cada sitio, de 5 a 5 minutos. Não vejo, pois, razão para que não se continue procedendo assim.

Compreendo que, com falta de carros e com pessoal estranho, é de admitir-se a presente amobilidade da viação electrica. Mas, ha outros factos que não podem atribuir-se a essa causa, como a de um condutor do carro para o Lumiar ter querido anteontem, ás 8 horas da noite, fazer apear, na Rotunda, os passageiros que a mais se achassem no carro! E era ontem uma noite de chuva. Desculpe-me v. ex.ª esta estopada e creia-me etc.—Guilherme de Castro.

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão abre ás 15 horas. Na bancada ministerial estão os titulares das pastas da Marinha e Agricultura.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Entra em discussão o projecto de lei que abre uma epoca extraordinaria para exames em Abril, para diversas faculdades de ensino superior.

Já ha, na bancada respectiva, mais um ministro, que é o sr. general Barreto, titular da pasta da Guerra.

O projecto de lei para exames em Abril foi aprovado, quasi sem discussão.

Ha quem diga que a voz tem cor. Pode ser. Menos a do sr. ministro da Guerra. S. ex.ª falou agora e mandou papeis para a Mesa. Do que se tratará? Veremos se logo se consegue saber.

O caso Veiga Simões

Quem fala agora é o sr. Cancela de Abreu, deputado monarquico.

O movimento de dezembro—diz o sr. Cancela de Abreu—foi destinado a salvar o paiz...

Protestos. Interrupções. Vibra a campainha presidencial.

O sr. Carvalho da Silva intervem, em reforço do sr. Cancela de Abreu. Mais protestos. Mas não se agrava a situação.

Somos um partido de ordem, diz o sr. Cancela de Abreu.

Reconhecemos, todavia que a unica obra boa que o outubrismo nos deixou foi a supressão dos adidos militares. Cita muitas pessoas que censuraram os grossos vencimentos arbitrados ao ministro de Portugal em Viena d'Austria (apoiados de todos os lados da Camara). O sr. Veiga Simões devia ganhar, nos termos da lei, 98 contos por ano, numeros redondos.

O sr. Presidente diz que deu a hora. O orador pede para continuar. A Camara consente.

Mas o sr. Veiga Simões recebe ainda mais 10 libras ouro. Feitas todas as contas o ministro em Viena d'Austria recebe 5623 libras esterlinas ou 281 contos.

A Camara solta exclamações de espanto. Mas alguns deputados dizem que ainda não está certo, o sr. Veiga Simões recebe mais.

Reduzido a grossa maquia a coroas austriacas, o sr Veiga Simões arrecada por ano, 106 milhões de coroas!

«A Capital» é citada pelo orador por vezes. Muito agradecidos. As nossas informações eram, pois exactas, mesmo porque jámais foram desmentidas e antes plenamente confirmadas, posteriormente por quasi todos os outros jornais.

O sr. Veiga Simões pode num ano economisar 200 contos. «Isto é barro», diz em surdina, um deputado jocoso.

Mas a Camara julga que o sr. Veiga Simões foi para Viena de Austria? Não, não foi. O sr. ministro em Viena de Austria foi, com viagens pagas, á Alemanha, á Polonia, á Livonia, e a outros paizes «em comissão», para negociar tratados de comercio. Mas o orador sabe o que o sr. Veiga Simões foi fazer lá para os lados da bolchevista Russia. Note-se: o orador foi mais discreto.

O sr. Manuel Fragoso interrompe o orador para dizer:

—Estou inteiramente de acordo com v. ex.ª (Apoiados de diversos lados da Camara).

O orador tira agora efeitos politicos. Por estas e por outras é que a [illegible] ...samente... Tem frases: mal dos regimens que não sabem impôr-se pelos seus homens, mas mal dos homens que não sabem impor-se pelos seus actos!

As bancadas republicanas começam a enervar-se com a exploração politica que a minoria monarquica pretende tirar do caso Veiga Simões.

Fala dos T. M. E. Onde estão os criminosos? Já foram presos? Os crimes da administração republicana sempre ficaram impunes. E atiram contra nós, monarquicos, os erros do passado. Que valem eles em comparação com o presente?

E' evidente que o sr. Cancela de Abreu fez um bom discurso de oposição, temperado, de resto, por justas observações que lhe fez, interrompendo-o, o sr. Augusto da Fonseca.

Responde o sr. Ministro da Marinha, interino dos Estrangeiros. Muitos deputados aproximam-se, para o ouvirem. Nós, é claro, não podemos fazer o mesmo e a voz do sr. Azevedo Coutinho não chega á bancada da imprensa. Calculamos, somente, que a sua resposta é vitoriosa, porque repetidos apoiados lhe sublinham os argumentos.

Para que a resposta do sr. Ministro interino dos Estrangeiros foi esta, sumariamente: os logares de adido militares não foram extinctos, quando ao sr. Veiga Simões só recebera os honorarios fixados em lei, não reconhecendo o governo actual quaisquer outros compromissos.

O sr. Cancela de Abreu dá-se por satisfeito com as explicações do governo. Ainda bem. Mas o facto é que o sr. ministro em Viena de Austria não foi ocupar o seu logar. Anda por varios paizes, com as 10 libras em ouro, que é o subsidio de viagem.

Não é exacto, contesta, em poucas palavras, o sr. ministro dos Estrangeiros. E, a seguir, passa-se á

ORDEM DO DIA

Continua a discussão da proposta governamental para aumento da circulação fiduciaria.

Inicia o debate o sr. Nuno Simões.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, tendo como secretarios os srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida, aprovando a acta 36 senadores.

Nos fauteuils ministeriais os srs. ministros da Guerra e da Justiça.

O sr. Julio Ribeiro envia para a mesa o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—O Presidente da Republica, alem do subsidio que actualmente percebe nos termos do art. 45 da Constituição, passa a perceber tambem a subvenção provisoria de 4 mil escudos mensais.

Artigo 2.º—O vencimento unico dos ministros é fixado, provisoriamente, em mil e quinhentos escudos por mez.

Artigo 3.º—O presidente do ministerio percebe mais 250$00.

Artigo 4.º—Os membros do Congresso da Republica passam a ter o subsidio provisorio de 600 escudos.

§ unico—Os presidentes das duas Camaras perceberão mais 200$00 escudos.

Art. 5.º Por cada falta de senador e deputado ás sessões, não sendo por doença, será descontado no subsidio mensal a importancia de 40$00.

Art. 6.º Aos parlamentares que forem funcionarios publicos ou receberem remuneração por logares em emprezas que tenham contractos com o Estado, ou deste recebam subvenção ou privilegio, serão os vencimentos que tiverem encontrados no subsidio ainda recebendo deste, se receberem honorarios liquidos superiores.

Art. 7.º Esta lei entra imediatamente em vigor, ficando revogada a legislação em contrario.

Baixou ás comissões sendo apenas aprovada a urgencia.

O sr. Xavier da Silva envia para a mesa um projecto de lei concedendo á grande actriz Virginia Dias da Silva a pensão anual de tres mil escudos.

Igualmente baixou ás comissões depois de aprovada a urgencia.

São 17 horas. A sessão continua.

A noite tragica

O general sr. Sá que pela justiça militar está procedendo a averiguações sobre os oficiais que se encontram presos em S. Julião da Barra por motivo dos acontecimentos tragicos de 19 de Outubro ultimo, esteve hoje ouvindo o capitão sr. Camilo de Oliveira.

As investigações devem ficar concluidas no fim do corrente mez. Ainda não está fixado o dia do julgamento dos referidos oficiais parecendo que não se realisará antes do mez de Maio devendo o tribunal ser constituido por trez presidentes, sendo um civil e 2 militares, respectivamente do exercito e da armada.

Os bombistas

Foi hoje restituido á liberdade Diamantino Antonio da Fonseca, aquele individuo que fez explodir uma bomba na rua de S. Bernardo, á Estrela, por se provar não o ter feito com intenção criminosa.

O desfalque dos 59.500 escudos

Foi hoje remetido ao Tribunal da Boa-Hora o caixa da casa bancaria Fonseca, Santos & Viana, Antonio Camacho, que como é sabido desfalcou os patrões em 59.500 escudos.

Ao preso foi arbitrada a fiança de 80.000 escudos que não prestou motivo porque recolheu á cadeia do Limoeiro.

Gréve do funcionalismo?

Corria hoje com grande insistencia que os funcionarios publicos andam fomentando uma greve a qual se declarará caso o sr. ministro das Finanças não lhes melhore a situação.

A gréve mobiliaria

Os operarios da industria mobiliaria declararam-se em greve a noite passada, por não terem sido atendidas as suas reclamações sobre aumento de salario.

Varias comissões de grevistas percorreram hoje, de manhã, diferentes oficinas a fim de obrigar os seus camaradas a abandonar o trabalho. Uma dessas comissões foi presa na calçada de Santo André, á porta de uma oficina, tendo os detidos dado entrada nos calabouços do Governo Civil. São êles: Antonio Antunes, Carlos Martins, Domingos Gomes, Candido da Silva, Eduardo José Machado e Joaquim dos Santos Gonçalves.

Tribunal dos Açambarcadores

Um negocio de farinha

Continuou o julgamento.—A sentença deve ser lida depois de amanhã

No Tribunal dos Açambarcadores prosseguiu hoje, pelas 3 horas e 30 minutos, o julgamento do sr. João Castanheira de Moura e mais 9 co-reus, acusados de terem negociado com farinha falsificada ou seja com o diagrama oficial alterado.

A audiencia, que ontem foi suspensa após os depoimentos das testemunhas de defesa, reabriu com o discurso do delegado do Ministerio Publico, o qual terminou por pedir a condenação do sr. Castanheira de Moura e a absolvição ou a benevolencia do juiz para os restantes reus.

Falou em seguida o deputado sr. Pedro Pita, advogado do sr. Castanheira de Moura, o qual, depois de analizar o decreto 322 que considera anti-constitucional, salientou a audacia do delegado do M. P., pois não compreende que aquele lugar seja desempenhado por uma criatura cheia de boa vontade, mas sem competencia, por não conhecer as leis.

O orador durante largo tempo, procura demonstrar a inocencia do seu constituinte, estando ainda a falar á hora em que encerramos este rapido extracto. Devem depois falar os restantes advogados, em numero de 6, sendo a sentença lida somente depois de amanhã.

Furtos e prisões

Foi preso Alberto Gomes, morador na travessa do Monte, 34, 1.º, a pedido de Joaquim Lima, guarda-livros da firma Lino, Belo & Lourenço, Limitada, que o acusa de se recusar ao pagamento de umas mercadorias que lhe forneceu, no valor de 2.210$00.

Queixou-se á policia Augusto Rodrigues, morador na rua do Arco do Cego, 39, que os gatunos, durante a sua ausencia, lhe furtaram dinheiro e objectos no valor de 500$00.

Ministerio das Colonias

Comissão particular de inquerito

Por falta de numero não reuniu hoje no Ministerio das Colonias a comissão parlamentar de inquerito devendo reunir amanhã.

Poeira da Arcada

Com o sr. ministro da Justiça conferenciaram hoje o sr. [illegible] ro da Mata e uma comissão de [illegible] Seixal.

Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor *S. Miguel* para a Madeira e Açores, e pelo *[illegible]* para Las Palmas, S. Tomé, Principe e Africa Ocidental, sendo ás 9 horas a ultima tiragem na caixa geral para o primeiro, e ás 13 para o segundo, fechando os registos [illegible] ás 11 horas.

A comissão de [illegible] do pessoal da Imprensa Nacional esteve hoje na presidencia do Ministerio, tratando de interesses da classe. Foi atendida por um dos secretarios do chefe do Governo.

Foi reintegrado no quadro dos professores do [illegible] de piano o professor do Conservatorio Nacional de Musica [illegible] de tecnica [illegible] Rey Colaço.

O sr. Alfredo Frederico [illegible] naturalista do Museu de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Sciencias de Lisboa, foi transferido para igual logar no Museu de Zoologia anexo á Faculdade de Sciencias de Coimbra.

Tribunal da Boa Hora

O bombista Manuel Ramos foi condenado á pena maior

No tribunal da Boa Hora, 1.º distrito criminal, sob a presidencia do juiz sr. dr. Teixeira Coelho, realizou-se hoje o julgamento do conhecido bombista Manuel Ramos, acusado de ter assassinado com um tiro de pistola em 23 de Fevereiro de 1920, na rua Manuel Bento de Sousa, o industrial Raul Proença de Matos.

Foi condenado em 8 anos de prisão maior celular, seguida de 12 anos de degredo, alternativa de 25 anos de degredo, e 180 escudos de indemnização para o Estado.

A acusação apelou da sentença.

Durante o julgamento conservou-se no tribunal uma força da G. N. R. para manter a ordem.

Morto á punhalada

Devem ser amanhã enviados para o tribunal da Boa-Hora o torneiro Manuel Augusto dos Santos e a sua amante Ana Nazareth Maia, suspeitos de implicados no crime de morte de que foi vitima o capitão do ultramar Luis Ludovico dos Santos Vaquinhas.

A policia nas investigações a que procedeu encontrou indicios que a habilitam a enviar para a Boa-Hora os dois presos embora estes neguem qualquer participação no misterioso atentado.

Um atentado contra o ministro da China em Paris

PARIS, 21.—Um chinez acaba de disparar quatro tiros de revolver sobre o automovel que conduzia o sr. Tchenlong ministro da China, e feriu na cabeça o engenheiro chinez [illegible] gou que acompanhava o ministro.

E' preso o autor do atentado

PARIS, 21.—Deu-se á prisão o chinez que atentou contra o ministro.

Chama-se Lehohug e é estudante e diz-se descontente com a atitude do ministro que ele pretende ser pouco favoravel para com os chinezes residentes em Paris.—(H).

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Como nos anos anteriores, a empreza vai abrir a sua bilheteira para assinaturas e marcações de lugares para toda a época. As assinaturas dão direito a todos os espectaculos, ainda que não sejam touradas, devendo contudo haver um minimo de quinze corridas. A abertura da epoca faz-se no dia 9, domingo de Ramos, abrindo já no dia 23 deste mês a bilheteira, que funcionará, para efeito de assinaturas e marcações, até ao dia 3 de abril, das 11 horas ás 6 da tarde. Não serão feitas mais assinaturas do que as da ultima epoca, mas terão preferencia os antigos possuidores.

A assinatura ou bilhete pessoal custa 150 escudos, sendo fauteuil, barreira ou contra-barreira, custando 100 escudos qualquer outro lugar. As marcações pagam uma pequena taxa por uma só vez, que dará direito a ter o bilhete reservado até á antevespera da corrida.

Em volta da conferencia de Genova

Os delegados inglezes

Os delegados inglezes á conferencia de Genova irão em tres secções, partindo a primeira no dia 4 de abril.—(R).

Poincaré não irá a Genova

PARIS, 21.—Confirma-se que o sr. Poincaré não irá á conferencia de Genova, visto não poder ausentar-se por muito tempo durante a viagem do sr. Milerand á Algeria.—(H).

A reconstrução economica da Europa

LONDRES, 21.—Inaugurou-se hoje a conferencia de tecnicos que se reunia nesta cidade para examinar os varios problemas que se prendem com a projectada reconstrução economica da Europa, e traçar as linhas gerais do acordo que ha-de ser submetido á conferencia de Genova. Estiveram presentes delegados da França, Italia, Belgica e Japão.—(R).

TEATRO

GENTE DE TEATRO

Evan Stachino

Entre as artistas que tem passado por Lisboa deixando um resto de graciosidade e de arte destaca-se Evan Stachino que pela segunda vez temos ensejo de aplaudir

A sua figura altamente insinuante, a sua beleza muito pessoal, a sua forma de cantar e detalhar os grandes sucessos de França Inglaterra e Hespanha—Stachino é uma cantora poliglota—impuseram-na á nossa simpatia e ao nosso aplauso.

Todas as noites uma assistencia escolhida a aplaude carinhosamente e Evan Stachino levará certamente de Portugal, que tão acolhedor sabe ser ao verdadeiro talento e que tão bem sabe apreciar a beleza feminina, uma das melhores recordações da sua vida artistica.

PELO BRAZIL

Da correspondencia para o «Jornal de Teatros» extraimos o seguinte artigo que nos impressiona profundamente.

Carlos Santos

Este conhecido artista portuguez, que não só pela sua categoria profissional, como pela sua cultura intelectual, podia fazer uma brilhantissima figura é—na frase conceituosa e feliz do inteligente actor-cantor Almeida-Cruz — o primeiro beneficiado pela «Obra de Assistencia aos Portuguezes Desamparados no Brazil», a nova instituição de caridade fundada ha pouco pelo consul de Portugal, dr. Ferreira da Silva.

A historia resume-se em poucas palavras: o sr. Carlos Santos, não perdendo ensejo de «cavar» dinheiro, embora por processos pouco recomendaveis, pediu áquela autoridade consular, que lhe confiasse a organisação do primeiro espectaculo efectuado no Rio de Janeiro, no teatro Lirico, em beneficio da nova sociedade de beneficencia cujo nome atrás deixamos. Atento o fim altamente simpatico de tal recita, todos a auxiliam desinteressadamente: o emprezario José Loureiro cedendo o teatro gratuitamente, a banda da colonia e outros elementos musicais, bem como todos os artistas, tudo prestou o seu concurso sem a minima remuneração.

Uma excepção houve apenas: o sr. Carlos Santos, chorando-se muito perante o consul, a quem expoz a sua situação desesperada, exigiu, pelo facilimo e unico trabalho de organisar o espectaculo, nada menos da terça parte da receita bruta, ou, sejam, cerca de quatro contos de reis.

Isto relata-se e não se comenta, porque está comentado por sua natureza.

Não satisfeito com esta «cávação», o sr. Carlos Santos começou logo a preparar uma outra. Esta porem como a primeira—a do «Pedro o Cruel»—não lhe produziu o efeito, que ele esperava, visto que a nossa colonia já lhe conhece suficientemente as manhas e os nossos colegas «Jornal Portuguez» e o diario a «Patria» encarregaram-se de lhe pôr a calva á mostra.

A terceira «cavação» consistiu numa recita de homenagem ao sr. Carlos Santos; promovida pelo proprio sr. Carlos Santos.

Tal recita redundou num tremendissimo fiasco, já porque o publico favoreceu-a com a sua ausencia, já porque a falta de seriedade do respectivo promotor chegou ao extremo de anunciar elementos artisticos, com que ele sabia bem que não podia contar; exemplos: Cristiano de Sousa, que, até agora mesmo, ainda não regressou ao Brasil; Leopoldo Frois, que está ha muito fóra do Rio a descançar e veiu logo declarar na imprensa que não podia tomar parte na citada recita; Maria Abranches, que se admirou de ver o seu nome nos cartazes e logo declarou tambem na imprensa que não trabalharia na recita aludida, etc., etc.

E o sr. Carlos Santos—professor da Escola de Arte de Representar e societario de primeira classe do Teatro Nacional Almeida Garret—com dois ordenados que lhe garantem um bom passadio em Lisboa abandona a sua terra para vir ao Brazil fazer «cavações» vergonhosas, desconceituando-se ao mesmo tempo, moral e profissionalmente.

Se Carlos Santos fosse brazileiro, calar-nos-hiamos por mais de um motivo; como, porem, é nosso patricio, não deixaremos passar sem protesto o seu procedimento, que, felizmente, não vem envergonhar a colonia portugueza do Rio de Janeiro, da qual não fez nem pode fazer parte o artista visado.

Festa artistica de Jaime Zenoglio

Realisa-se amanhã a festa do engraçadissimo actor Jaime Zenoglio, com a «reprise» unica da impagavel farça «Novo Testamento», no elegante teatrinho Chiado Terrasse, ao qual ele tem dedicado incançavelmente o melhor do seu esforço e talento.

A avaliar pelas inumeras simpatias de que goza e tambem pelo escolhido programa da noite, escusado será dizer que será enorme a afluencia e que a festa resultará brilhante.

LIGEIRAS REFLEXÕES

O AGRICULTOR

Num grão de trigo habita uma alma infinita
(G. JUNQUEIRO)

Existe na vasta escala dos seres humanos um ente dos mais simpaticos, embora, em geral, dos mais desprezados pela sociedade. E' um dos cidadãos mais prestantes, não só pela natureza do trabalho a que se dedica, mas tambem pelo engrandecimento e prosperidade que comunica a uma nação. Ninguem lhe pode contestar a sua supremacia sob o ponto de vista das enormes riquezas que espalha com prodiga mão. Sem ele, a terra seria um imenso Sahara, uma especie de infindo deserto sem oasis nem uma pequena clareira. Porem ele desi[illegible] no seu titanico esforço, transformou-se [illegible] e formosos jardins, que nos deliciam e encantam.

Parece que, por uma especie de magia, o seu trabalho fez surgir todas essas extensissimas veigas de fulvas espigas, que, no brando sopro da aragem, se assemelham ás caprichosas ondulações das tranquilas aguas de um lago imenso.

Dotado com todos os requisitos da nobreza como rei da criação e sendo-lhe dada a terra como imperio das suas ambições, ele, longe de encontrar nela o castigo de uma transgressão, procura-a avidamente como a melhor sintese das suas aspirações. Para mim, não é mais digno de respeito o sabio do que o agricultor. Aquele dá-nos o pabulo da inteligencia e alimenta-nos o espirito, mas o agricultor fornece ás nações a fonte das maiores riquezas e prosperidades, é o mais assombroso factor da actividade do comercio e industria.

Admiro muito as acções valorosas, mas os louros da vitoria colhidos no campo da batalha, retintos pelo sangue do fraco subjugado pelo mais forte, não nobilitam mais do que os adquiridos pelo trabalho honesto regado pelo copioso suor do rosto. O agricultor, em geral, tem mais jus á respeitabilidade dos seus concidadãos do que muitos dêstes que se abroquelam com titulos honorificos, de ridiculas prosapias enxertadas em espurias estirpes, concretisados em diversas *fitinhas* de variegadas côres, com que guarnecem o peito em ocasiões solenes.

Contemplemos o agricultor na sua grandiosa se bem que inapreciada e obscura missão: Vêde a azafama e apreciai bem as canceiras, os crudelissimos dissabores e imensas angustias com que êle luta no labutar continuo do amanho da terra. Com as faces escorrendo suor e com a alma a dilatar-se-lhe em vividas esperanças, êle não descansa e, num grande esforço de tenacidade, converte imensas planicies que diante de si se desenrolavam como ermos, onde só reinava a desolação, em lindissimas regiões de abundancia.

Foi êle quem arrancou do sarcofago da terra os mimos, todos os apetitosos frutos que nos deleitam e nos alimentam, multissimas dessas plantas verdejantes e odoriferas que nos convidam com a galhardia da ramagem a gozar-lhes das amenas sombras: foi êle que com o arado revolveu a terra, que, depois, mais tarde, lhe fornecerá os elementos com que abastece os mercados, nos suaviza a indigencia e com que torna verdadeiramente rico e prospero o seu paiz.

Quantos desses rios e amarguras, quantas contrariedades e infortunios representam os produtos do seu trabalho?!

A cultura do solo não é uma profissão deprimente, porem, nas circunstancias actuais é preciso que o Estado valorise mais o trabalho do pequeno agricultor com leis donde resultem mais pronto e eficazes efeitos, torna-se urgente que se lhe dispense um cuidado mais atento, pois o rejuvenescimento de Portugal só se poderá obter pelo bom aproveitamento do seu solo, desta terra feracissima que tudo produz sendo bem agricultada. Incalculaveis são os beneficios que a agricultura nos pode dispensar. A vida agricola, conforme está sendo exercida com tão pequeno auxilio do Estado, não pode produzir tanto como é mister, porque as pesadas contribuições que sobrecarregam o pequeno agricultor não lhe deixam elementos que lhe remunere condignamente o trabalho.

E, desta forma, o agricultor torna-se o escravo da terra.

E' necessario que o Estado cuide deste assunto, que tanto interessa a vida nacional e que trate de conhecer bem a fundo o valor da propriedade rural por meio da pronta medida cadastração, porque só assim é que poderá avaliar com equidade a sua capacidade produtiva. E' evidente e intuitivo que uma gleba ou porção de terra sêca, delgada e pobre não pode produzir tanto como a que seja funda, humosa e fresca, e, por isso, o valor da cultura a que seja aplicada é inteiramente diferente.

Só assim, com êste valioso recurso é que se acabará com as flagrantes desigualdades que actualmente se notam na aplicação das contribuições ao pequeno agricultor. Exigir o mesmo rendimento liquido colectavel tanto de um terreno como de outro sem se atender á sua natureza, ao seu valor intrinseco, á sua produtividade e aos variados métodos da sua exploração e cultura é um evidente absurdo porque, desta forma, a sua avaliação nunca pode ser consciencios e justa por deficientes serem tambem os elementos obtidos para uma acertada administração e para a devida distribuição tributaria sobre os terrenos.

A agricultura, nunca é demasiado afirmá-lo, é o mais poderoso esteio em que se apoia a prosperidade de uma nação, é a mais inexaurivel fonte da sua riqueza, é a alavanca do seu progresso e é, finalmente, a origem do bem-estar de um povo. A situação dos pequenos proprietarios rurais é actualmente insuportavel e profundamente acabrunhadora. Portanto, muitos dêles, não auferindo da terra uma situação alguma tanto desafogada, abandonam o seu amanho e emigram para a America, onde encontram, talvez, com menor dispendio do trabalho, melhor remuneração para o mesmo. E é na verdade digno da maior protecção a agricultura. Se olharmos em roda de nós, não é preciso grande esforço de inteligencia para conhecermos logo á primeira vista que êle é [illegible] mais beneméritos da humanidade e o que mais desenvolvimento [illegible] primo aos varios ramos da actividade social. Por toda a parte se vêem espalhados os produtos do seu rude trabalho e [illegible] ninguem infelizmente, se detem a pensar maduramente nas enormes fadigas e longuissimos sacrificios, nas privações e miserias que êles concretisam!!

Os linhos que lenificam o sofrimento com os seus frescores, as frutas que nos regalam e deliciam, o pão que nos alimenta, todas essas telas famosas e imortais para que êle, com o seu trabalho insano, forneceu a materia prima e as quais relembrarão sempre á posteridade a grande cópia de fadigas que representam, todos êsses tecidos, em suma, que nas variadissimas [illegible] das vistosas *toilettes* que concorrem mais ou menos para o luxo e [illegible] e esplendor da representação industrial de qualquer nação, tudo isto e muito mais, [illegible] e ninguem o pode contestar, os bastissimos elementos que o agricultor depõe nas aras da Patria, como primicias do seu imenso labor para engrandecê-la e torná-la verdadeiramente feliz no grande concurso das prosperidades nacionais. Contradizer isto, equivale a negar a verdade.

SPORT

NOTICIARIO

ASSOCIAÇÃO DE FOOT BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais

No proximo domingo 26 terminam os desafios do campeonato de Lisboa em 1.ª e 2.ª categorias.

Apurados finalistas encontram-se o Sporting Club de Portugal o mais classificado da 1.ª divisão com o Club de Foot-Ball os Belenenses já agora da 1.ª divisão e o mais classificado da 2.ª.

Este encontro realiza-se no magnifico campo do Stadium de Lisboa muito acessivel e de belas comodidades e cedido a esta Associação.

Este desafio realiza-se ás 16 horas e para o arbitrar vai a Direcção convidar um distinto e antigo jogador.

Antes deste desafio realiza-se ás 14 horas no mesmo campo um outro não menos interessante em 2.ª categoria sendo o vencedor considerado o campeão de Lisboa. Encontram-se o Vitoria que na 2.ª divisão conseguiu o [illegible] com o Benfica que na 1.ª divisão não perdeu um unico desafio.

DESAFIOS AMIGAVEIS

No proximo domingo 26, realisa-se no campo do Sporting Club de Portugal, um desafio entre os teams do «Os Leões Invenciveis» do S. C. P. e o Club do Foot-Ball Giribi-Giribá.

As linhas serão constituidas como segue:

Leões Invenciveis — Antonio Joaquim, Faustino Pistachini, Antonio Simões, Vasco Sant'Ana, Bazilio d'Oliveira, Luiz Fernandes, Armando Bastos, Antonio Fernandes, Arthur Pistachini, Manuel Cartacho capitão, Ferreira d'Almeida.

Giribi-Giribá — Augusto Marques, Leopoldo Costa, Alvaro Faro, Antonio Botas, Virgilio Lima, Americo Lima, Mario Paulo Nunes, Dor. Borges de Sousa, Fernando Marque, Chico Oliveira capitão, Carlos Couto.

O match será arbitrado pelo sr. Sebastião Campos e no fim realisar-se ha um almoço entre os jogadores, que certamente decorrerá com a necessaria animação.

1.ª Vara Comercial de Lisboa

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias, contados da publicação legal do presente anuncio, citando Francisco Augusto Pinto Guimarães, residente que foi nesta cidade na Avenida Miguel Bombarda J. 1, e hoje ausente em parte incerta, para no decendio posterior ao prazo dos editos, pagar no cartorio do referido escrivão, a quantia de 225$12, de custas de sua responsabilidade, em divida ao Juizo nos autos d'acção especial (exame previo) que moveu á firma Benjamim Ferreira, Limitada, que tambem usa das firmas Almeida & Guimarães, Limitada e Alpio d'Almeida Limitada e os selos acrescidos, ou no mesmo prazo nomear bens á penhora suficientes para esse pagamento e para o das custas e selos acrescidos e que acrescerem até final, sob pena do direito de nomeação se devolver ao exequente e o Magistrado do Ministerio Publico e sigam os demais a execução que este lhe promove.

Lisboa, 15 de Março de 1922.—O Escrivão do 2.º Oficio, *Arnaldo Rebelo da Costa Franco Abreu.*—Verifiquei—O Juiz Presidente, *Carvelho.*

Curiosidades

Limite das horas de trabalho das mulheres, em varios paizes

Em Inglaterra a semana de trabalho, nas industrias texteis, está reduzida a 55 horas; na America a 54; em França, Alemanha, Italia, Dinamarca e Grecia a 10 horas; Suissa e Austria 11. Na Belgica, Espanha e Suecia, depois da convenção de Berne ficou fixado em 11 horas. E' na Australia onde o dia de trabalho é menor, apenas 8 horas.

Proibição de trabalhar de noite

—Em todos os paizes acima citados é proibido o trabalho de noite. Ainda não o era até ha pouco, na Noruega, Romania, Estados dos Balkans, Russia e Finlandia

Proibição de se empregarem trabalhos rudes e insalubres

—O trabalho das mulheres é proibido nas minas, em França, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Suissa, Austria e Italia. Na Holanda são excluidas das fabricas de alvaiade e certos misteres em que o fosforo branco e o mercurio são empregados. Em Inglaterra tambem não são admitidas nas fabricas de alvaiade. Em Italia os trabalhos debaixo do chão e insalubres não são permitidos a mulheres menores de 21 anos.

Proibição de levar trabalho para casa

—Em Inglaterra e na Australia esta disposição foi introduzida nas leis, mas a pratica tem demonstrado a dificuldade de a executar.

Descanso semanal: existe duma maneira geral nos paizes acima mencionados.

O homem mais rico do mundo

Segundo as estatisticas [illegible] existem 175 fortunas superiores a [illegible] milhões de libras esterlinas o que ao curso normal do cambio representa um pouco mais de cincoenta milhões de francos.

Um homem ha, porém, que passa á frente desta avultada fileira de milionarios. E' o conhecidissimo e celebrado John D. Rockefeller, o rei do petroleo, cuja fortuna é calculada em dois biliões quatrocentos milhões de dollars, o que de harmonia com o curso normal dos cambios vem a representar mais de 12 biliões de francos.

O maior gêlo

Está verificado que o maior massa de gelo se encontra actualmente entre a Terra Eduardo VII e Vitoria do Sul. Tem 80 metros de altura imersa, 7000 quilometros de comprimento e 1.500 quilometros de largura, e a espessura de 600 metros.

Desloca-se lentamente para o norte a razão de 500 metros por ano.

Os pretos podem fazer-se brancos

Um medico de S. Paulo descobriu um processo para mudar a pigmentação da raça preta.

Extrai do braço esquerdo do preto algumas gotas de sangue, que trata no seu laboratorio por um processo por ele inventado, e em seguida injecta no braço direito o soro obtido conseguindo assim a descoloração da tez da pessoa submetida ao tratamento.

Uma lenda do seculo XII

Generoso, como [illegible], o seráfico S. Francisco de Paula—o amigo querido e protector das criancinhas abandonadas—ficava [illegible] que encontrava no seu caminho e sentia contente, a pedir esmola para el[illegible].

Um dos costumes do santo [illegible] aos pobres o seu habito, o que o deixava em critica situação, [illegible] naturalmente, necessitado [illegible].

[illegible] que levou o seu S[illegible] que não mais [illegible] a quem fosse. [illegible] na obediencia [illegible] tarde, tempo depois, o santo [illegible] um pobre quasi nu. [illegible] e demoradamente. O pobre [illegible] e não adivinhando o que podia passar-se no cerebro do santo, inquiriu:

—Porque me olha assim? [illegible] Zomba do pobre quasi nu? Melhor [illegible] que me cobrisse com o seu habito...

Fitou-o o santo e retorquiu:

—Dá-lo não posso, porque isso me é proibido pela obediencia; mas se o pobre necessitado m'o tirar..., não sou obrigado a defendê-lo... Não acabára, quando o mendigo se ergueu de golpe e, num relance, despiu o santo... Este sorriu, não faltara á obediencia, mas arranjara maneira de, mais uma vez, vestir, com o seu habito, um pobrezinho nu...

A. G.

Noticiario

Portugal

A actriz Luz Veloso faz brevemente a sua recita no teatro Terrasse com a comedia ingleza «Eliza comes to stay» adaptada á scena portugueza por André Brun com o titulo «Elisa vem para ficar».

—Do maestro Bernardo Ferreira, atualmente no teatro Apolo, recebemos um cartão de cumprimentos. Muito agradecemos.

—A 5 de abril realisa o ilustre actor Alves da Cunha, no teatro de S. Carlos, a sua festa artistica, com a peça de Nicodemi, «Os Tubarões».

— Ao «Belo Sexo» segue-se no Apolo a reprise da revista «Porto, tantos de tal...»

—Fez um grande sucesso a troupe de acrobatas «Les Turidus» que ontem se estreou no Coliseu dos Recreios e cujos trabalhos são maravilhosos. O publico aplaudiu com entusiasmo os notaveis artistas.

Espectaculos recomendados

S. CARLOS — ás 21 — A vida

S. LUIZ — ás 21 — Sua Alteza Valsa...

CENTRAL — Filme de sensação

Encontros internacionais de foot-ball

Uma das fases do ultimo desafio que o 1.º team do Sporting Club de Portugal efectuou em Sevilha empatando por 2 goals a 2. O primeiro jogo tambem resultou um empate de 1 goal. Na gravura vê-se Quintela e Filipe dos Santos defendendo-se de Armet que está por terra

N.º 41 — Folhetim de A CAPITAL — 21 de Março de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

VII

O seu coração endurecia-se nesse sofrimento intimo e mesmo o seu espirito tomava um outro caminho muito penoso. O que me chocava sobretudo é que, parecia-me, quanto mais eu crescia, mais ela se afastava de mim. Mesmo em certos momentos tinha a impressão de que me não amava, de que era um fardo para ela.

Eu disse que a principio fôra eu quem me afastara dela voluntariamente e que, uma vez longe dela, encontrara-me contaminada pelo misterio do seu proprio caracter. Eis porque tudo o que vivi durante esses tres anos, tudo o que nasceu na minha alma, nos meus sonhos, nas minhas esperanças, nos meus entusiasmos apaixonados, tudo ficava em mim.

Desde o dia em que nos apartamos, nunca mais nos reunimos; contudo parecia-me que cada dia que passava a amava mais. Agora, não posso recordar-me sem lagrimas até que ponto ela me era dedicada, até que ponto ela se obrigára no seu coração a prodigalisar-me todos os tesouros de amor que ele continha e a cumprir até ao fim o seu voto de me servir de mãe. E' verdade que a sua propria dor a afastava muitas vezes de mim por algum tempo; tinha então o ar de me esquecer, tanto mais que eu propria esforçava-me para não a recordar, até ao ponto de chegar aos dezeseis anos sem ninguem dar por isso.

Mas, por momentos Alexandra Mikhailovna começava de repente a inquietar-se por minha causa, chamava-me, fazia-me mil perguntas, como para me conhecer melhor; ficava comigo dias inteiros, adivinhava os meus desejos e a todos os instantes prodigalisava-me os seus conselhos. Estava, porém, muito desacostumada de mim, se bem que por vezes me tratasse muito ingenuamente e eu tudo observasse e compreendesse. Foi assim que um dia, eu ainda não tinha dezeseis anos, tendo visto um dos meus livros interrogou-me acerca das minhas leituras e notando que eu ainda não deixara as obras infantis, pareceu envergonhar-se.

Compreendi-a e segui-a atentamente. Durante duas semanas inteiras, teve o trabalho de me preparar, de tomar conhecimento do grau do meu desenvolvimento e das minhas necessidades. Por fim, decidiu-se e sobre a nossa mesa apareceu «Ivanhoé», de Walter Scott, que eu já lera ha muito tempo, pelo menos tres vezes. A principio seguia as minhas impressões com uma atenção timida, como se tivesse medo de as escutar. Por fim esta tensão muito viva, desapareceu; entusiasmamo-nos e eu sentia-me tão feliz, tão feliz, que já não podia separar-me dela. Quando chegamos ao fim do romance ela estava tão entusiasmada como eu. Cada uma das minhas observações durante a leitura era judiciosa, cada impressão exata. Aos seus olhos eu já estava muito desenvolvida. Emocionada com o meu entusiasmo começou a seguir alegremente a minha educação. Prometeu nunca mais separar-se de mim; mas essa promessa não estava na sua mão. A sorte cedo nos separou de novo e impedia a nossa aproximação. Bastava para isso o primeiro acesso da sua doença, da sua dor eterna e logo, de novo, era o misterio, a desconfiança, até—quem o sabe?—o odio.

Mas, mesmo nesses momentos, existiam momentos que escapavam á nossa vontade. A leitura, algumas palavras de simpatia que trocavamos, a musica, e esqueciamo-nos, falavamos muito para logo em seguida nos sentirmos envergonhadas uma em frente da outra. Depois de termos refletido, olhavamo-nos com uma curiosidade cheia de desconfiança e desconfiança.

Cada uma de nós tinha um limite até onde podia ir a nossa aproximação, e não ousavamos transpol-o, ainda que sentissemos desejos para o fazer.

Uma tarde, ao cair da noite, eu lia distraidamente um livro no gabinete de trabalho de Alexandra Mikhailovna. Ela estava sentada ao piano, improvisando sobre o tema dum dos seus motivos favoritos da musica italiana.

Quando ela passou á pura melodia, entusiasmada pela musica que me penetrava o coração, comecei timidamente a meia voz, a cantar essa melodia, todo, ainda mais entusiasmada, levantei-me e aproximei-me do piano. Alexandra Mikhailovna, como se tivesse adivinhado a minha intenção, continuou a acompanhar, seguindo com amor, cada som da minha voz. Parecia entusiasmada com a sua riqueza. Até esse dia nunca tinha cantado deante dela, nem eu propria sabia que tinha voz. Nessa noite, porem, entusiasmamo-nos, fiz subir mais a minha voz e a admiração de Alexandra Mikhailovna estimulava ainda mais a minha força e a minha paixão. Acabei de cantar tão bem, com tanta vida e força que entusiasmada pegou-me nas mãos e olhou-me com alegria:

—Anita, tens uma voz admiravel! disse ela. Meu deus, como é que não dei por isso ha mais tempo?

—Mas eu propria não sabia nada, respondi fóra de mim, cheia de prazer.

—Que Deus te abençoe, minha querida filha! obrigada por mais esse dom. Quem sabe! oh, meu Deus! meu Deus!

Ela estava tão emocionada por esta coisa inesperada, estava cheia de alegria, que não sabia o que me dizer nem como acariciar-me. Era um desses minutos de revelação de simpatia mutua, de aproximação, que não tinhamos ha muito tempo. Uma hora depois, como houvesse festa em casa, mandaram procurar B... Enquanto o esperava-mos, tomamos por acaso um outro trecho de musica que eu conhecia melhor. Desta vez, eu tremia de medo.

Estava surpreendida com a sua força e esta segunda experiencia fez desaparecer todo o receio. No auge da sua impaciente alegria Alexandra Mikhailovna chamou os filhos, e no meio do maior entusiasmo, foi procurar o marido no seu gabinete de trabalho, coisa que não usaria fazer em qualquer outra ocasião.

Piotre Alexandrovitch escutou a novidade com grande benevolencia, felicitou-me e foi o primeiro a dizer que era necessario ensinar-me canto. Alexandra Mikhailowna, feliz e reconhecida, como se se tratasse dela propria, beijou-lhe as mãos.

Por fim apareceu B... O velho sentiu-se muito feliz. Amava-me muito. Recordava-se de um pai, do passado. Cantei deante dele dois ou tres trechos; então com um ar serio, carrancudo, mesmo com um certo misterio, ele declarou que eu tinha indiscutivelmente faculdades, mesmo talento, e que era impossivel não me fazer trabalhar. Depois, como que arrependido, ele e Alexandra Mikhailovna, julgando que era perigoso elogiar-me muito logo de começo, começaram a fazer sinais com os olhos; mas a sua confiança era tão ingenua e tão despretenciosa, que a percebi logo. Ri durante todo o serão, vendo como, depois de cada novo trecho que eu cantava, eles se esforçavam para conter-se, fazendo propositadamente, em voz alta, observações sobre os meus defeitos. Não poderam, no entanto, entender-se por muito tempo e B... de novo cheio de alegria, não conseguiu deixar de se trair. Nunca tinha duvidado de que ele gostasse muito de mim. Durante todo o serão a conversa foi o mais amigavel e deliciosa possivel. B... contou anedotas sobre cantores e artistas conhecidos e depois falou com entusiasmo, quasi com adoração, dum artista.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — PORTO

R. do Ouo, 18 a 24 — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 314 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 6, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinchassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 2[illegible]

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do país

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Bodal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletas

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura [illegible]

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos qui[illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos com lousas de superior qualidade, isolamentos para [illegible]

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4933 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 22 de Março de 1922

Telefone n.º 2393 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

CAMINHO DIREITO

Ninguem nos julgue animados pelo espirito de perseguição. Não está nos nossos principios nem nos nossos habitos. Pelo contrario: como todos os portuguezes somos sobretudo inclinados a esquecer, ou a diminuir a gravidade dos factos. Mas entre esse espirito de perseguição que o criterio moderno já não admite, e — como diremos? — a indiferença, ou antes a complacencia, levada ao ponto de nem sequer atender-mos á logica em circunstancias que necessariamente reclamam que ela não seja dispensada, vae uma distancia que não estamos dispostos a transpor, porque, se o fizessemos, atraiçoariamos a sociedade.

E lá se debatendo vivamente a questão do apuramento de responsabilidades nos sucessos da noite tragica. Ha quem extranhe o facto de, ao cabo de cinco mezes, ainda não terem sido enviados aos tribunais nenhum dos acusados. Ha quem reclame toda a latitude na defesa de alguns desses reus acusados, cujas responsabilidades não se encontram estabelecidas como outras já o estão. Todos podem ter razão. O que nós desejamos é que se concilie o interesse que toda a sociedade deve ter na punição dos criminosos com o interesse que a todos os conscienciosos também deve merecer a inocencia dos que realmente estejam isentos de culpa nos sucessos sangrentos dessa abominavel noite. Uma destas aspirações não exclue de maneira alguma a outra.

Mas neste caso da noite tragica um permenor nos atrae a atenção. Não podemos nem devemos recalcar no intimo as considerações que ele nos sugere.

Procuremos expôr serenamente o nosso reparo. Na noite de 19 de outubro, e mesmo no dia seguinte, houve pontos na capital e mesmo fóra de Lisboa onde se verificou a presença de autenticos bandos de assassinos. Nesses bandos de assassinos, que trucidaram Antonio Granjo, Carlos da Maia, Machado Santos, e outras infelizes vitimas do rancor demagogico, viam-se soldados e marinheiros. A justiça, procurando castigar os crimes cometidos, prendeu soldados e marinheiros. Mas eram apenas soldados e marinheiros que figuravam nesses bandos sinistros?

Não! Tanto no Terreiro do Paço como á porta do Arsenal, e tambem dentro desse estabelecimento do Estado, encontravam-se tambem civis. Porventura eram esses civis que constituiam a maioria dos algozes. Antonio Granjo foi apupado e ameaçado por eles, logo ao chegar ao Terreiro do Paço. O mesmo sucedeu a Carlos da Maia, a Freitas da Silva.

Fóra de Lisboa, foram civis que tentaram assassinar o sr. Alfredo da Silva.

Pela cidade, andaram grupos de civis procurando, nas suas casas, vitimas a imolar. Não é possivel negar a intervenção dos civis nos crimes perpetrados nessas horas tragicas. Pois bem! Sabem quantos civis estão presos, como implicados nesses horrorosos acontecimentos? Um, apenas!

Isto não é serio. Ninguem admite que esse individuo tivesse o dom da ubiquidade conjugado com o de poder multiplicar-se infinitamente. Foi só um civil que procurou assassinar Antonio Granjo, ainda antes da sua entrada no Arsenal? Foi esse civil que tambem colaborou na chacina de Carlos da Maia? Foi ele que andou por diversas casas procurando creaturas marcadas para o morticinio? Foi ainda ele, só ele, que em Loures espancou o sr. Alfredo da Silva, já gravemente ferido? Não pode ser. Esses actos foram praticados por muitos civis, e ninguem ignora que no movimento de 19 de outubro muitos grupos civis saíram armados para a rua, calculando-se o numero dos que os acompanharam em mais de 2.000.

Não faz sentido, que tendo entrado nos massacres elementos civis, de envolta com soldados da Guarda Republicana e marinheiros, só esteja preso um paisano. As investigações teem sido conduzidas no sentido de averiguar as responsabilidades dos militares.

Mas no sentido de investigar as responsabilidades dos elementos civis nada se tem feito, e, contudo não tem faltado quem aponte mesmo nomes de creaturas cuja participação no movimento outubrista não oferece duvidas a ninguem.

Que quer dizer este procedimento? Porque é que os civis não são procurados, esses civis que foram talvez os mais ferozes instigadores ou agentes dos assassinatos cometidos? Que estranha benevolencia é esta? Ou não será benevolencia, será receio? Em qualquer dos casos, o facto de se poupar ao castigo gente que manifestamente participou nos crimes não pode deixar de ser considerada uma indignidade, que a consciencia publica severamente estigmatizará.

Na Italia, ao cabo de muitos esforços sempre se conseguiu acabar com a Camorra. Em Portugal a Camorra politica tem igualmente de acabar, qualquer que seja o receio que ela inspire áqueles que precisamente a deveriam aterrorisar, brandindo diante dela o gladio inexoravel da lei.

GABRIEL D'ANNUNZIO *é o poeta* ANTONIO FERRO

O poeta Antonio Ferro acaba de publicar o seu livro «Gabriele d'Annunzio e eu» e dêste pequeno volume de uma centena de paginas resalta a certeza consoladora de que ainda continua a haver entre nós quem, com o [illegible] da mocidade, sabe apresentar [illegible] a que [illegible] originalidade nem [illegible] espirito boemio que [illegible]

Talvez porque Antonio Ferro [illegible] subitamente de Portugal [illegible] de repente, emergiu do torpor [illegible] em que nos debatemos [illegible] surpreza em face [illegible] E, neste [illegible] paginas onde ha [illegible] afirmação fresca e viva [illegible] como o esfusiar de um *champagne* que vem animar [illegible] repleto de transbordante mocidade.

[illegible] Fiume com a [illegible] *cantonade* de Fiume, [illegible] que viveu no moderno [illegible] dos factos e das coisas — é talvez assunto que não vem a talho de foice. Mas Antonio Ferro que os viveu quasi um ano depois da sua [illegible], trouxe de Fiume e dos seus [illegible] uma sensação mais [illegible] gravada do que a [illegible] porventura, se poderá desenhar [illegible] nem beijo o golpe de mão destes *condottieri* ultra-modernos. Da [illegible] e das suas pompas [illegible] que [illegible] e culto reco[illegible] que são por [illegible] a graciosa [illegible] intelectual que se conserva e recorda por entre os [illegible] de [illegible] sem novelas onde o nosso espirito baila entre [illegible] de [illegible] aqui [illegible] A. [illegible] Antonio Ferro provou mais uma vez que a sua pena de jornalista é uma pena notavel e de todo o ponto elegante.

Mas o poeta não trouxe unicamente das lagoas do Lido, das colinas redondas da Dalmacia, apenas a visão de uma terra de sonho; trouxe tambem o culto reverente, quasi se pode dizer febril, dêsse estranho homem, poeta e general, *condottiere* e diplomata, que tanto as mulheres amaram e tanto os homens discutiram. Ele proprio o diz — «Eu não me envergonho de ter acreditado na vitoria de d'Annunzio. A minha fé não me pesa. Eu acreditei em d'Annunzio, continuo a acreditar, hei de acreditar sempre... Eu não o vejo vencido.» E [illegible] adiante — «Os meus olhos pertencem ao meu rosto, pertencem á minha alma! Faço dêles o uso que entender. Eu quero, exijo que êles vejam d'Annunzio muito alto a pairar, a [illegible] como um avião. Não ha logica, não ha factos, não ha verdades que me obriguem a vê-lo por terra...»

Magnifica profissão de fé de um poeta admirando os actos e as decisões de outro poeta! Ainda não secaram, felizmente, em Antonio Ferro as fontes da emoção e da generosidade. Ainda a vida lhe não roeu a preciosa faculdade de amar e de admirar! Quando mais não fosse, bastará esta virtude quasi nova para que a leitura do seu livro fosse para nós, áridos, de uma balsamica frescura. E quando essa frescura tão veemente, tão moça, dispõe de uma clara visão das coisas e de uma pena perfeitamente disciplinada, de uma elegancia candida e ilhana — a sua ponta acerada entra mais profundamente [illegible], produz a vibração do leitor *ultima ratio* que pode varrer objecções e contradições.

O livro de Antonio Ferro é o livro de um escritor de raça. E' tambem o livro de um jornalista. As qualidades fulgurantes que nele esfusiam colocam-no entre aqueles que demonstram á nossa terra que ainda ha — Deus louvado! — quem saiba pensar, quem saiba sentir e sobretudo quem saiba dizer o que pensa e o que sente [illegible] traço da mocidade e do talento!

M. A.

PELO EXERCITO

A LEI N.º 1239

«A CAPITAL» OUVE SOBRE A QUESTÃO DAS PROMOÇÕES O DEPUTADO, CAPITÃO-AVIADOR SR. ANTONIO MAIA, AUTOR DE UM PROJECTO DE LEI QUE REVOGA AQUELE DIPLOMA

Nada mais embaraçoso para um jornalista que abordar assuntos que nem sequer o impressionam a distancia.

Casos ha que, embora não participem das nossas atribuições pessoais, têm sempre para nós um interesse proximo ou remoto: não se dá esse caso com a lei n.º 1239, a chamada lei das promoções, porquanto, a sua sombra os galões nos braços de muitos oficiais que ela mimoseou, treparam quasi, digamos, por geração expontanea.

Repetimos, foi para nós embaraçosa a questão a tratar porquanto de interesse unico e simplesmente para os oficiais do exercito, sem nenhuma vantagem para o Paiz, antes prejuizo, segundo as nossas deduções posteriores, vein parar ás mãos de quem, como nós, viveu sempre envergado no paisanismo da sua vida, sem nunca ter dado um passo num quartel senão no dia em que já fomos na disposição de sairmos como saímos, isento de militarismo.

Eis assim, que, sem elementos nenhuns da palpitante questão, nos armamos, recorrendo á gentileza de um amigo que nos habilitou, pondo-nos a questão no seu logar, a encetar-mos a nossa desejada entrevista.

• •

Resultante de uma grande unidade de vistas no assunto, pela conjugação das suas opiniões, dois deputados distintos oficiais do exercito, ambos aviadores, apresentaram um projecto revogando a lei n.º 1239: referimo-nos aos srs. Antonio Maia e Lelo Portela, o primeiro dos quais, principalmente, se dispoz a dizer-nos qualquer coisa sobre a materia da questão.

Os nossos apontamentos habilitavam-nos a fazer ao ilustre deputado algumas perguntas e, foi assim, que na sala dos Passos Perdidos, lhe fizemos a primeira:

—Diga-me v. ex.ª, começamos nós, decifrando a custo os hieroglifos dos apontamentos, a anulação ou suspensão da lei n.º 1239 é motivada por haver duvidas sobre a interpretação do art. 32 da Constituição, e portanto sobre a regularidade da promulgação da citada lei ou por não concordar com as disposições dela, dando promoção aos oficiais que sejam 2 anos mais antigos no posto de tenente (contados da data da promoção a este posto) do que outros que em armas diferentes já tenham sido promovidos ao posto imediato?

—A razão porque apresentei o projecto revogando a lei 1239 foi por a julgar um verdadeiro aborto...

Aqui, o nosso amavel entrevistado diz-nos para o alembrar-nos assim mesmo e continua:

—...não só por ir aumentar extraordinariamente os quadros dos oficiais superiores do exercito, deixando os quadros de capitães e subalternos completamente desfalcados, como por considerar a lei absolutamente anti-disciplinar, porquanto dá origem a que, oficiais que estavam sob as ordens de outros os passem agora a comandar. Outras mais razões havia.

Evidentemente que, se se provar que a lei 1239 é inconstitucional, o problema está resolvido por si proprio. E' como se a lei não tivesse existido.

—Se resolverem que é outra a interpretação a dar ao art. 32 da Constituição, a lei «interpretativa» que dessa resolução derivar tem efeito retroactivo, despromovendo os oficiais que á sombra da lei 1239 já foram promovidos?

—Os oficiais devem ser despromovidos á sombra de uma coisa que não existe. Ha até muitos exemplos de oficiais que foram promovidos, fazendo os seus gastos e que depois foram despromovidos. Neste caso estão os alferes de cavalaria que foram promovidos a tenentes por decreto de 29 de Setembro de 1917 (ordem do Exercito n.º 14) e que foram despromovidos em 16 de Outubro do mesmo ano. (Ordem do Exercito n.º 15).

Este caso é interessante porque foi passado durante a guerra, acontecendo terem tirado os seus galões, o que é muito mais grave do que em tempo de paz.

—E' justo e disciplinar que oficiais que sairam tenentes muito depois de outros venham a ser superiores hierarquicos de outros mais antigos que passam a ser inferiores daqueles? (Excluindo os do Estado Maior porque esses tiraram mais um curso e devem ter algumas regalias).

—Absolutamente justo — acentua o sr. Antonio Maia — porquanto, segundo a minha opinião devem ser as necessidades de cada arma que dão logar ás vagas e por conseguinte ás promoções. De anti disciplinar não vejo nada porquanto esses oficiais não concorrem ao comando da mesma arma, e que resulta que, quando operarem em conjunto serão decerto comandados por um outro oficial mais antigo que qualquer deles.

—Se pela aplicação da lei 1239 vier a acontecer que dois oficiais do mesmo posto desempenharem por exemplo, um, o cargo de comandante de regimento e outro o de comandante de batalhão, não será isso egual ao que acontece já hoje em que dois majores, podem encontrar-se nessas situações (sem perigo para a disciplina porque o que comanda o regimento será sempre mais antigo do que o que comanda o batalhão)?

—Pela lei organica do Exercito nenhum oficial pode desempenhar ou ocupar logar que corresponda a um posto inferior ao seu, mas não ha nada que impeça que ele ocupe um cargo superior ao do seu posto. Desta maneira não é nada anti-disciplinar que um major comande um regimento e que nesse regimento se encontrem dois ou mais majores, sendo absolutamente anti-disciplinar e anti-legal que um coronel ocupe um logar que corresponda a um posto inferior ao seu.

— Se fosse anulada a lei 1239, — continuamos nós, aproveitando a boa disposição do nosso entrevistado — pensa apresentar algum projecto para remediar as desigualdades citadas acima?

—Eu apresentei um projecto de lei, não só revogando lei 1239, como suspendendo todas as promoções, até á reorganisação do exercito. Tinha isto em vista não prejudicar ninguem porque a todos, se me é permitido dizer, prejudicava. Não penso em apresentar mais nenhum projecto.

—Em qualquer caso, sendo mantidas as promoções já feitas, será justo desviar os outros oficiais, que ainda não foram promovidos, com aqueles regalias que, de resto, tendem a manter a disciplina?

—Realmente não é justo que, a serem mantidas as promoções já feitas, não sejam efectuadas as dos outros oficiais mas, não julgo que isso represente para mim qualquer obrigação para retirar o meu projecto de lei visto relegar para quem pos em execução a lei 1239 e todos aqueles — o deputado sr. Antonio Maia frisa bem esta passagem — que, por conveniencias politicas, ou interesses pessoais não procuraram evitar o escandalo de tais promoções.

—A proposito de coisas militares, seria conveniente e util a separação dos quadros de infantaria em infantaria e metralhadoras?

—Digo-lhe com muita franqueza, ainda não estudei o assunto.

O distinto aviador e deputado disse-nos ainda que elucidará a Camara, quando da discussão do seu projecto de lei, sobre a imoralidade e inconvenientes da lei 1239, e tambem da sua «meia-execução», por ter promovido apenas uma parte dos oficiais, deixando de promover todos aqueles que estão dentro das condições exigidas na lei e dos que ainda venham a estar.

A nossa palestra tornava-se longa e por isso não quisemos incomodar mais o nosso amabilissimo entrevistado que, de tão boa mente, se dispozera a fornecer estas preciosas interpretações de tão disparatada lei.

Um discurso na Camara dos Deputados

Crimes da monarquia e crimes da Republica — Uns não justificam os outros — Moralisar a Republica: eis o que é preciso!...

Não nos repugna constatar que o sr. deputado Cancela d'Abreu marcou ontem, com uma pedra branca, a estrada luminosa da sua carreira parlamentar. E tambem não oferece duvida que não foi tão feliz como desejava nos efeitos politicos que pretendia extrahir da questão obscura dos vencimentos regios atribuidos ao sr. Veiga Simões, ministro em Vi[illegible] d'Austria, com [illegible] pelos paizes que confinam com a Russia dos Soviets. A estas horas já o ilustre diplomata, que um governo da Republica se propoz pagar a peso de ouro, deve ter mobilado o seu poderoso encefalo com bastos conhecimentos acerca do moderno movimento social bolchevista, habilitando-se assim a informar o seu superior hierarquico das Necessidades acerca das reformas que mais urgentes são para a sociedade burguesa de Portugal.

O sr. Cancela d'Abreu feriu uma nota verdadeira e justa, no seu discurso.

O ilustre deputado que representa a abencerragem manuelista, disse, e disse muito bem, que era absurdo pretender justificar os crimes perpetrados na vigencia da republica com as desordens e delicios ou crimes verificados durante a vigencia do constitucionalismo monarquico.

Não ha nada mais verdadeiro. Crimes não se justificam com crimes. Merecem, uns e outros, a mesma execração. Nos ultimos anos da monarquia constitucional tivemos, é certo, as vergonhosas negociatas dos adeantamentos á Casa Real, dos sanatorios da Madeira, do Credito Predial, e da renovação do contracto dos tabacos... Consumaram-se crimes de toda a ordem, desde a mão aleprosada que vasculha os cofres do Estado até a abdicação moral caracterisada nos golpes do Perel e da Azambuja.

Mas tudo isso não justifica nem mesmo desculpa que a Republica tornásse possivel o lamaçal dos T. M. E. a vergonha incomparavel dos Bairros Sociais, as ladroagens do ministerio dos Abastecimentos e os assaltos á mão armada da propriedade particular, com morticinios horriveis cujo expoente maximo (até agora!...) foi atingido no pronunciamento militar outubrista, inteligentemente engendrado por proceres da Republica, [illegible] o sr. Veiga Simões como mentor... Desgraçadamente, nem pode alegar-se que a monarquia dos ultimos anos excedeu a Republica, porque não é verdade.

Não ha nada comparavel ao «Misterio dos cincoenta milhões», em que o Estado Portuguez desempenhou o papel burlesco dum lapuz enganado pelo classico conto do Vigario; e quando se fizer a historia dos bens dos alemães e das mercadorias apreendidas a bordo dos barcos germanicos, ha-de ver-se que tudo isso excederá o antigo conto da Maia.

Se recuarmos nos tempos, poucos anos bastam para encontrar nas paginas da historia do monarquismo sidonista factos repugnantes, paginas ainda mais sangrentas que as da Republica. Não vale a pena recordar o que foi o miguelismo do Conde de Basto, com a forca a funcionar ininterruptamente, abafando pela morte ignominiosa, pelo mais espetaculoso martirio, a represão liberal dos seus inimigos politicos; nem é oportuno recordar as proezas dos liberais que, nas Beiras e por todo o paiz, perseguiram a ferro e fogo os vencidos de Evora Monte, inundando e manchando de sangue generoso, bem portuguez e quasi sempre inocente, a memoria daqueles que buquearam nas linhas do Porto em defesa duma Liberdade que não passava duma desastrosa figura de retorica.

Ainda ha bem pouco tempo pretendeu «A Batalha» justificar o emprego da bomba explosiva como arma defensiva da sua politica de destruição anarquica, com o argumento de que tinham sido os republicanos os primeiros a usar de tais processos. «A Capital» não tem nada com isso! Neste jornal nunca — jamais!... — o crime politico foi exaltado ou absolvido. Sempre o condenamos. Não nos acusa a consciencia de surgir a violencia criminosa fosse contra quem fosse. E ainda hoje persistimos em verberar acremente, implacavelmente, os crimes da Republica pela mesma razão de equilibrio moral com que combatemos os delitos da passada monarquia ou da esperançosa mocidade do sindicalismo patologico de «A Batalha».

Por estas razões e ao contrario do que, talvez alguns republicanos pensam, regosijamo-nos com o discurso que o sr. Cancela de Abreu pronunciou na Camara dos Deputados. O governo destruiu-lhe o efeito politico com a declaração de que os vencimentos regios do sr. Veiga Simões seriam reduzidos á expressão legal do orçamento; mas das razões expostas pelo eloquente e fogoso deputado monarquico resultou esta verdade: os crimes do passado monarquico não explicam, justificam ou absolvem os crimes do presente republicano.

Concluindo: castigue a Republica os delinquentes, torne impossivel a repetição de monstruosos escandalos, consolide-se definitivamente na execução e na alma de todos os bons

O tratado anglo-irlandez na Camara dos Comuns

LONDRES, 22. — Lord Salisbury discursou na Camara dos Lords acerca do projecto do tratado anglo-irlandez que estabelece o Estado Livre da Irlanda. Lord Salisbury em seu nome e em nome de certo numero dos seus colegas da Camara que apresentaram emendas ao projecto disse que não havia da parte deles qualquer desejo de inutilizar o projecto, visto que este já tinha sido aprovado pela Camara dos Lords mas que achavam do seu dever fazer com que esse projecto fosse definitivamente aprovado sob uma forma razoavel. — (R.)

As vitimas dos rigores do inverno

TRABALHAR!...

O operariado nacional, atrahido pelo programa do "quanto peior, melhor" adoptado pela U. S. O. e pelo seu porta-voz "A Batalha", não tem sido outra coisa senão um joguete politico ao serviço da burguezia — Diz-se como e porquê...

Guerra dos sindicatos anarquicos ao cooperativismo operario

Prossigamos.

Os [illegible] trabalhadores adoptaram como meio [illegible] de luta, o programa [illegible]

[illegible] desenvolver o [illegible] até á [illegible] greves para aumento de salario.

[illegible] permitir, o proletariado [illegible] a lei do oito horas «minimas» de trabalho diario fosse transformada em lei de oito horas de trabalho «normal» diario.

Esta concepção rudimentar das reivindicações operarias era a unica que os cerebros, quasi desmobilisados, dos orientadores, poderia conceber. Ainda que quizessem, ainda que fosse possivel convence-los do errado caminho que trilhavam o que não poderia conduzir senão á humilhação do proletariado, á sua ruina material e moral e á destruição, lenta mas segura, de todos os meios da possivel reconstituição economica, — ainda que de tudo isso fosse possivel persuadi-los, jamais arrepiariam caminho, porque a situação de dominadores das massas do operariado por forma alguma lho consentiria.

Efectivamente, o que pretenderam sempre esses orientadores, entronisados na U. S. O. e proclamados como mentores pela simplicidade mental de «A Batalha»? Acaso se preocuparam alguma vez, mesmo por acaso, com a elevação moral do proletariado? Estas duas interrogações são de resposta facilima, bastando, para se chegar a resultados iniludiveis, fazer a critica [illegible] dos acontecimentos historicos dos ultimos tempos.

O operariado nacional tem derramado o seu sangue em lutas politicas, a maior parte das quaes não lhe interessam fundamentalmente.

Exceptuando o seu apoio no salvamento da Republica, profundamente comprometida em Monsanto, o operariado tem-se batido para que este ou aquele politico da burguezia veja triunfar as proprias ambições e satisfeitos os seus interesses, politicos e não politicos. Se o operariado portuguez recebesse um influxo salutar da suprema direcção dos seus sindicatos, seria, por força, mais prudente e, com certeza menos generoso. Mas não. Os trabalhadores de Lisboa tem sido arremessados para as lutas das ambições burguezas, graças á influencia nefasta exercida pelos seus orientadores, [illegible] da U. S. O. e do porta-voz do anarquismo indigena «A Batalha», [illegible] sempre, na hora decisiva, mas os seus [illegible], os mentalmente envenenados, vão para a fogueira da politica burgueza, queimando-se e destruindo-se nela, sem vantagem, antes com prejuizo manifesto para o triunfo final da sua emancipação. E' certo que esses malefícios são, por alguns, atribuidos aos politicos burguezes, mas não padece duvida que, se os orientadores fossem dignos do logar que usurparam, jamais se poderia conseguir fazer do operariado uma massa amorfa, que a politica da burguezia amolda e maneja a seu belo prazer.

Por isso se diz e com verdade: os operarios não derrubam o Poder: [illegible]

Para conseguir manter o operariado nessa sujeição á vontade despotica de meia duzia de orientadores incompetentes e que [illegible] o programa das greves ou outras coisas a proposito e a despropósito de tudo.

O engodo do aumento do salario é sempre bem acolhido pelo instinto dos [illegible]. Nenhum [illegible] do aumento do salario.

[illegible] greves [illegible] por meio [illegible]

[illegible] os pontifices [illegible] da U. S. O. em «A Batalha» sabem isto muito bem. Mas não ignoram que a agitação continua e ininterrupta das greves conduz ao paroxismo da mais [illegible] neurose [illegible], entregando [illegible] nas mãos [illegible] dos dirigentes, que assim [illegible] lançar para a direita ou para a esquerda, ao sabor dos interesses monarquicos [illegible] pelos [illegible] politicas da burguezia.

Para contra-peso recorreram ainda ao regimen das oito horas «minimas» de trabalho diario. Ganhar muito, trabalhando pouco: eis o ideal. Simplesmente, a escassez da produção, dia a dia mais acentuada, tornou sempre insuficiente o salario conquistado e o mal, transformado [illegible] social, [illegible] o problema tornou-se insoluvel. E' o que N. Labor, que não pode ser suspeito ao sindicalismo vermelho, exprime por estas palavras, no seu livro, por nós já citado, «L'Ordre Nouveau», pag. 33:

«A questão dos salarios jamais se resolverá emquanto ao aumento de salario corresponder o aumento no custo da mercadoria.»

O remedio, pelo menos [illegible], estaria no cooperativismo. Mas que tem feito a U. S. O. [illegible] desse meio poderoso [illegible]? Nada, [illegible] E quanto ao porta-voz a imprensa «A Batalha» já dissemos o [illegible] que a propaganda do cooperativismo portuguez tem [illegible] noticias da Russia dos Soviets, que [illegible] já o mesmo jornal disse que se publica o [illegible] informativo, sendo [illegible] valor do operariado [illegible]. Foi pensando talvez nessa verdadeira acção da U. S. O. e de «A Batalha» o cooperativismo que um jornal de data recente A Acção Cooperativa, publicou o seguinte:

«Com uma [illegible] de forças tinham conseguido afastar os operarios das urnas — que lhes davam a supremacia sobre os governos, que estão á sua mercê — tinham conseguido que a organisação operaria quasi condenasse o Cooperativismo, o fortissimo bloco em que ia fora se apoiam as classes trabalhadoras para melhorarem pacificamente as suas condições morais e materiais. Estava em absoluta noite seu [illegible]

Essa falta de apoio ao cooperativismo não se entende, antes [illegible] com a imprensa burgueza. Seria uma flagrante injustiça, [illegible] muito propriamente, com «A Batalha» e, indirectamente, com a U. S. O. e outros organismos anarquicos, como claramente se confessa na local transcrita, quando diz que fôra [illegible] que a organisação operaria [illegible] o cooperativismo.

Quanto ao afastamento das operarias das urnas... Mas este e outros aspectos da questão operaria ficam para os artigos seguintes.

portuguezes. Esse é, de resto, o [illegible] que sempre foi defendido neste jornal, que não quer saber de partidos nem partidilhos, que [illegible] repugnancia mental e moral pelas aspirações extremistas, quer venham das direitas quer das esquerdas e que mantem apenas solidariedade com todos os republicanos que pensam como «A Capital» [illegible] o que são do nosso partido politico!

A luta em Marrocos

O comunicado oficial

MELILLA, 22 — O comunicado do Alto Comissario não dá importancia ao ataque que os mouros fizeram contra Alhucemas, aos quais a artilharia respondeu eficazmente.

A coluna do general Berenguer sahindo do Dar Drius ocupou novas posições com facilidade e sem queixas. — (R.)

Bombardeando uma kabila

MELILLA, 22 — O couraçado «Espanha» e outros navios da esquadra começaram a bombardear a kabila de Beni Urriagel, tendo-se observado grandes estragos. — (R.)

A conferencia sobre o Oriente

LONDRES, 22. — A respeito da conferencia dos ministros dos negocios estrangeiros aliados sobre o Oriente que se reune amanhã em Paris, foi comunicado de fonte autorisada que a politica que ali será defendida por Lord Curzon foi discutida e plenamente aprovada em conselho de ministros. E' opinião da Inglaterra que, um acordo completo entre as tres potencias aliadas sobre os problemas do oriente é condição indispensavel para o bom exito da conferencia. Tambem nas regiões oficiais e segundo a opinião da imprensa se julga que seria de grande vantagem se cessassem as hostilidades entre os turcos e gregos. — (R.)

A politica do Papa

Apreciada pelo embaixador italiano nos Estados Unidos

NEW YORK, 21.—Tem sido objecto de consideraveis comentarios a deliberação, sem precedentes, do embaixador ital ano sr. Recci, aceitando o convite da Associação Catolica Romana desta cidade para fazer uma conferencia na sua séde.

O embaixador declarou que era chegada a hora de terminar com a «absurda tradição» do prisioneiro do Vaticano.

«O Papa—disse o embaixador—deve ser tão prisioneiro em Roma como qualquer outra pessoa».

O embaixador empraza o Papa a que fizesse a experiencia dando um passeio pelas ruas da Cidade Eterna. Acrescentou que ninguem medianamente inteligente pode afirmar que a unidade e a independencia da Italia são antagonicas á Igreja Catolica ou irreconciliaveis com o profundo respeito devido e retribuido ao poder espiritual do Sumo pontifice.—Lat. Am.

Pio XI sairá do Vaticano a vinte e nove de Maio

PARIS, 21.—Espera-se, por noticias vindas de Roma, que o Papa deixe o Vaticano no dia vinte e nove de maio, tomando parte numa procissão, nas ruas de Roma, por ocasião do Congresso Eucaristico.—(Lat. Am.)

A Santa Sé vai reclamar ao governo italiano 400.000 liras

ROMA, 21.—A secção judicial da Santa Sé, segundo informa o correspondente do «Tribuna», vai reclamar o pagamento anual de 400.000 liras, quantia esta que representa o valor de varias doações instituidas por Fernando VI de Espanha e que são estão inscritas nas dividas repudiadas pelo governo italiano. Apezar de estas somas terem sido reclamadas pela Santa Sé desde 1870, o governo italiano ainda não pagou nenhuma e portanto a reclamação actual abrange as quantias em atraso, somando o valor total da reclamação uns vinte milhões de liras.—(Lat. Am.)

Patriotico donativo

Ao comandante do regimento de infantaria n.° 7, tenente-coronel Francisco de Lacerda e Oliveira, foi pela comissão dos festejos de 5 de outubro de 1921 no Chinde, Africa Oriental, enviado um cheque do Banco Nacional Ultramarino no valor de 6.187$77 saldo das receitas dos festejos realisados naquela localidade nos dias 5, 6 e 7 de outubro passado, em comemoração do 11.° aniversario da Proclamação da Republica. A comissão que é constituida pelos srs. José Cordeiro Perú, Herculano Silva Beirão, Acacio Augusto Pereira da Silva, Ascenção Rodrigues Lapim, Albert Stuart Torrie e José Alves Sanches, destinou aquela importancia aos orfãos da Guerra provando assim, que embora longe da Patria, não esquecem aqueles que na Guerra perderam o seu legitimo amparo.

E' inaugorada a maior estação de caminhos de ferro do mundo

LONDRES, 22.—Na ausencia do rei que está sofrendo um resfriamento a rainha inaugorou hoje solenemente a abertura da nova estação de Waterloo, o grande terminus em Londres do caminho de ferro do sudoeste.

Os trabalhos de reconstrução levaram vinte anos sem se ter interrompido o serviço dos comboios.

Para se fazer uma ideia do tamanho da estação basta dizer que o movimento diario dos comboios é de mil e duzentos e o numero de passageiros que diariamente transitam pela estação é de cento e quarenta mil.

Waterloo fica agora sendo a maior estação do mundo e está dotada de todos os ultimos aperfeiçoamentos.

Ocupa uma area de 25 acres e tem vinte e duas plataformas paralelas algumas, com mais de 900 pés de comprimento.

Tem uma casa de sinais onde se fazem vinte e cinco mil movimentos de alavanca por dia.

A construção representa um maravilhoso trabalho de engenharia por isso que o local em que foi construida era antigamente um terreno pantanoso.—(L.)

Economia nacional

A hulha branca e a sua grande importancia na agricultura

Sempre que assistimos á realisação de qualquer progresso que interesse deveras á nossa nacionalidade, sentimos profundo prazer, porque nele vemos levantar mais um suporte de segurança para o necessario equilibrio da nossa desorganisada situação economica.

Esse importantissimo empreendimento que está em via de conclusão, constituido pelo aproveitamento da energia electrica proveniente das quedas de agua do Lindoso, é, evidentemente, digno do mais subido aplauso, pois, sem a menor duvida, significa uma conquista valiosissima dum elemento necessario para a vida da humanidade—a força motriz economica e industrialmente conseguida e aproveitada.

Em todos os paizes que lutam pela sua prosperidade, o problema do aproveitamento das quedas de agua tem merecido particular atenção e actualmente mais do que nunca, por ser quasi incessivel a todos os ramos industriais, o aproveitamento do carvão e outras substancias transformaveis em movimento e em força, alem da deficiente e cara obtenção de toda a mão de obra.

A França que, antes da Grande Guerra, já utilisava com vantagem, principalmente na industria agricola, o melhor de 800 mil cavalos de força proveniente das quedas de agua são então aproveitadas, tem, a passos bem rapidos, desde 1914 a esta parte, desenvolvido as suas forças hidraulicas, procurando aproximar-se de um aproveitamento maximo que, segundo os melhores calculos, orça por 10 milhões de cavalos.

Sómente as quedas de agua existentes nos Alpes, poderiam fornecer uma energia equivalente á que resulta do consumo de 20 a 22 milhões de toneladas de carvão!

Os Estados Unidos, a Inglaterra, a Italia, a Espanha, a Suecia e a Noruega, a Suissa, a Dinamarca, etc., dispõem hoje da energia eletrica pelo largo aproveitamento da hulha branca, sendo notaveis a Suissa e a Dinamarca pelas suas enormes disposições de força dali proveniente, relativamente a pequena extensão dos seus territorios. A Suissa deverá atualmente fazer a aplicação de aproximadamente 1.200.000 cavalos em todas as industrias, incluindo a industria agricola. A Dinamarca deve exceder bastante esse numero.

Portugal é um dos paizes da Europa que mais contemplado foi com as quedas de agua, capazes de produzirem a energia electrica. Especialmente as regiões montanhosas do centro e do norte, poderiam fornecer a acção movimentadora para toda a nossa industria fabril, para a viação e para espalhar a luz barata por toda a parte. E na agricultura que prodigiosos e beneficos seriam os seus efeitos.

A Dinamarca, um belo paiz, onde a instrução e civilisação nos dão dos melhores exemplos de quanto pode a acção do homem quando por elas dirigida e acumuladas, mostra-nos claramente o enorme serviço que a força hidraulica ali presta á agricultura.

Motores e arados electricos, maquinas de debulha, trituradores, batedeiras, bombas de elevação de agua, tararas para a limpeza de cereaes, azenhas, etc., tudo ali é acionado pela electricidade!

A viação não deixa tambem, nesse paiz, de ser contemplada com esse motor facil e barato, bem como a iluminação das aldeias e das propriedades rurais.

O carvão está, evidentemente, em toda a parte em luta contra a sua terrivel concorrente: a electricidade e esta, em toda a parte tambem, o leva rapidamente de vencida, especialmente pelo seu menor custo, elevado potencial e muito mais fecundidade de atuação. E' a constante «cosi tuera cela», que, na vida de todos os povos, marca o progresso na substituição do poor pelo melhor. O carvão terá de viver apenas no escuro das fornalhas, onde a electricidade não possa chegar com o seu brilho e poder para dar luz, movimento e aquecimento. A electricidade pelo contrario, espalhando-se como ambicionado elemento que facilita o desenvolvimento de todas as fontes de produção, será o grande operario do futuro que, sem que ainda mostrasse a natureza de que se compõem, firmou, duma maneira clara e positiva, os seus e velosissimos efeitos.

Colhido pelo combolo

Na enfermaria de Santo Antonio do Hospital de S. José deu entrada Manuel Nobre de 34 anos natural de Odemira, engatador dos caminhos de ferro, residente no Barreiro, o qual, na estação daquela vila foi colhido pelo comboio, ficando com o pé esquerdo esmagado.

A situação em Fiume

As tropas italianas concentradas

ROMA, 22.—Concentradas em Fiume estão tres baterias de artilharia e mil soldados de infantaria e em Opatia ha dois mil soldados prontos a entrar em Fiume logo que ali ocorram disturbios. Reuniu já a assembleia constituinte.—(Lat. Am.)

Os legionarios de D'Annunzio

ROMA, 22.—O governo resolveu-se a dar ordem a um dos regimentos de Trieste de partir para Fiume com o fim de restabelecer a ordem. A situação é grave. Estão prontos á primeira voz os legionarios de Gabriel d'Annunzio.—(Lat. Am.)

A mensagem de Gabriel d'Annunzio

ROMA, 23.—Foi recebida com muito agrado a mensagem de Gabriel d'Annunzio dirigida ao conselho militar de Fiume incitando-o a trabalhar com todas as suas forças para impor em Fiume um governo absolutamente fiumez.—(Lat. Am.)

A pequena Entente vai intervir

BELGRADO, 22.—Os representantes da Servia, em Praga, e Bucarest, foram encarregados de solicitar dos dois governos a intervenção da Pequena Entente nos negocios de Fiume.—(Lat. Am.)

A politica ingleza

Lloyd George apresenta-se á camara no dia trez

LONDRES, 22.—Segundo o sr. Chamberlain comunicou á camara dos comuns Lloyd George regressará á camara no dia 3 de abril e pedirá imediatamente a opinião da camara a respeito da politica do governo na conferencia de Genova.

Respondendo a diversas preguntas o sr. Chamberlain disse que o governo desejava saber claramente se tinha a confiança da camara neste assunto e que para esse fim seria apresentada uma moção.

Ele acrescentou que a camara devia compreender bem que o primeiro ministro não poderia ir á conferencia se houvesse a minima duvida sobre a autoridade de que ia revestido. Chamberlain anunciou que os representantes do governo inglez na conferencia seriam Lloyd George, Lord Curzon e Sir Robert Horne chanceler do Exchequer.

Os jornais desta tarde estão todos de acordo em julgar que a camara aprovará sem reservas a linha de conduta que Lloyd George vai expor.—R.

O conselho da sociedade das Nações

PARIS, 21.—O conselho da Sociedade das Nações deve reunir-se em Paris no dia 24 do corrente, a pedido da Inglaterra e da França, a fim de tratar do problema das relações da Sociedade com a conferencia de Genova.—R.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A's 15 horas começa a chamada. A sessão abre meia hora depois, com a presença de 67 legisladores. Não ha duvida que os srs. Deputados foram hoje duma rara solicitude no acto de presença.

Enquanto se lê a acta (quem ninguem ouve nem quer ouvir) as galerias povoam-se com 17 «habitués». A curiosidade publica não engraça com questões de finanças e conserva-se indiferente ao aumento da circulação fiduciaria, que está na ordem do dia.

Na bancada ministerial, ninguem. A minoria monarquica está no seu posto, disciplinada sob o sorriso e as boas maneiras do sr. Carvalho da Silva. O sr. Artur Brandão, liberal, anda dum lado para o outro, inquieto, talvez, com a chapelada pegajosa nos cadernos eleitorais de Cabeceiras de Basto. O sr. Velhinho Correia abre as folhas dum livro volumoso, talvez o orçamento. Prepara-se, possivelmente, para o debate acerca dos T. M. E. Um ilustre deputado cabeceia, com sono. Os outros escrevem cartas ou palestram.

Entra na sala o sr. Vasco Borges Ministro do Trabalho. E assim se passa o tempo até se chegar ao

ANTES DA ORDEM DO DIA

Os Bairros Sociais

O sr. ministro do Trabalho fala sobre os Bairros Sociais. Esta questão resume-se assim: as obras principiaram ha tres anos; gastaram-se 7.500 contos; não ha um edificio construido. Não havia um plano e a isso se deve o desastre administrativo. Ha 86 casas em via de conclusão; mas não se fizeram os esgotos; esses edificios são, pois, inabitaveis. Entretanto, é preciso sair disto. O sr. ministro do Trabalho julga possivel, não a conclusão dos Bairros Sociais, mas a construção final das 88 casas, em condições de poderem ser habitadas. Ainda ha 2.500 contos disponiveis. Isso não chega para todas as obras dos Bairros Sociais e, por isso, ele, ministro, ordenou que esse dinheiro fosse aplicado ás obras do Arco do Cego, suspendendo-se todas as outras. O criterio governamental é, de resto, que se deve desistir da conclusão total das obras dos Bairros. Anuncia que, nesse sentido, trará á Camara uma proposta de lei.

Cita a proposito, que alguns tecnicos receberam, cada um deles, algumas dezenas de contos; e a burocracia, que está alojada nos Bairros Sociais, custa por ano, 461 contos e já absorveu mais de 1200 contos.

Alude a muitos outros factos, tão irregulares como estes, para demonstrar que, com a organisação actual do trabalho nos Bairros Sociais, é impossivel fazer qualquer coisa util. Traz á Camara uma proposta de lei, modificando o actual regulamento. Requere, para a proposta de lei, urgencia e dispensa do regimento,—mas a breve trecho retira essa segunda pretensão.

A Camara vota a urgencia, por unanimidade.

Dois negocios urgentes

Vai tratar-se, agora, dum negocio urgente, imposto pelo sr. Alberto Xavier. E' certo que o Senado vai trabalhar com secções? Sendo assim, é indispensavel uma «demarche» junto da outra casa do Parlamento, para se harmonisarem convenientemente os regimentos das duas Camaras.

Aproveita a ocasião para mandar para a Mesa uma proposta sobre a maneira de votar o orçamento geral do Estado. A urgencia, requerida, é aprovada.

O sr. Fernando Freiria apresenta o segundo negocio urgente. Trata-se dum regimento de infanteria, que um jornal da noite de ontem, disse viera para as linhas do «cerco a Lisboa» soltando vivas á monarquia. Pergunta o que ha a tal respeito, fazendo, a proposito, o elogio do sr. ministro da Guerra; verbera o procedimento do jornal que deu a noticia, que foi e é perniciosa para as instituições militares e para a Republica.

Em resposta, o sr. ministro da Guerra diz que a noticia é «uma infame calunia». A fidelidade do Exercito á Republica é inabalavel. A noticia, absolutamente tendenciosa, não pode explicar-se senão com o proposito de introduzir a desordem nas forças militares. Faz referencias ao Estado Maior do Exercito, que trabalha patrioticamente e cujos segredos são impenetraveis.

As tropas que estiveram em torno de Lisboa deram demonstrações da mais perfeita disciplina. A Republica pode confiar no Exercito, embora alguns elementos tenham efectivamente procurado abalar a disciplina.

A Camara, que a principio se comovera com o caso noticiado tranquilisa-se após as declarações do chefe do Exercito.

ORDEM DO DIA

Continua a discussão da proposta governamental para aumento da circulação fiduciaria.

Falam os srs. Mariano Martins, Diniz da Fonseca, Vicente Ferreira e outros ilustres legisladores.

Ha já alguns artigos votados. A discussão que se faz sem despertar a geral sonolencia, deve terminar hoje.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelo sr. Barros Pereira e Fernandes d'Almeida.

O sr. Santos Garcia requer que pelo Ministerio da Agricultura lhe sejam fornecidos varios requerimentos.

O sr. Julio Ribeiro, requer que pelo Ministerio das Finanças lhe seja enviada nota das cambiais fornecidas á Sociedade do Teatro Nacional para pagamento á companhia franceza.

O sr. Xavier da Silva envia para a mesa um projecto de lei melhorando a situação dos funcionarios administrativos das colonias.

O sr. Roberto Batista chama a atenção do sr. ministro da Guerra para uma noticia publicada num jornal da noite que classifica de injuriosa para o regimento de infanteria n.° 23.

São 17 e 10.

O orador continua no uso da palavra.

Morto á punhalada

Foi hoje enviado para o 2.° juizo de investigação criminal o toureiro Manuel Augusto dos Santos, suspeito de implicado no crime de que foi vitima o capitão Vaquinhas.

O preso negou o crime, cujas suspeitas por parte da policia são motivadas por lhe ter sido encontrado um retrato de mulher com a palavra «America», constituida por letras recortadas de jornais, tal como se via num bilhete encontrado em casa do morto e onde se lia «As mascaras de bronze».

O facto do Santos pedir constantemente avultadas quantias ao capitão, é ainda outro indicio que a policia julga precioso, bem como as visitas que o preso fazia a miude ao Vaquinhas.

O Santos recolheu ao Limoeiro.

Delegados da Federação da construção civil do Porto, procura o chefe do governo

Uma comissão delegada da Federação da Construção Civil e do Sindicato da respectiva industria no Porto procurou hoje o sr. presidente do Ministerio, para solicitar a reabertura do Sindicato da Construção Civil do Porto e a libertação dos membros da sua direcção, Albino da Silva Fafiães e Albino dos Santos, presos por causa da apreensão de bombas no sotão do edificio onde se acha instalada aquela colectividade. O sr. Antonio Maria da Silva não poude receber a comissão, mas marcou-lhe audiencia ainda para hoje.

O caso dos Bairros Sociais, apresentado hoje na Camara dos Deputados—Só isso, sr. ministro do Trabalho?...

O sr. dr. Vasco Borges é uma inteligencia servida por exepcional energia. Homens assim dotados são, por via de regra, bastante odiados e a calunia não os poupa. Eles desprezam-na, andam para a frente,—e fazem muito bem.

O sr. ministro do Trabalho apresentou hoje, na camara dos deputados o seu ponto de vista governativo acerca dos Bairros Sociais. Não podemos pronunciar-nos imediatamente sobre ele, por falta de elementos, visto que não conseguimos passar pelos olhos a proposta ministerial. Ha, todavia, um aspecto da questão sobre o qual não queremos deixar de fixar, sem perda de tempo, a opinião deste jornal.

O sr. ministro do Trabalho disse que havia 84 casas em construção, assentes em terreno virgem de canalisação de esgotos.

Estes predios são, portanto, inhabitaveis, concluiu o ilustre homem de Estado. E não disse mais nada...

Perguntamos nós agora o seguinte: a construção dos predios, sem obras de canalisação de esgotos, não são, pura e simplesmente, um erro do oficio?

E o Estado, que generosamente pagou, por dezenas de contos, estudos e planos de engenharia, não chama á responsabilidade os tecnicos que tal demonstração deram da sua incompetencia, desleixo ou imprevidencia?

E' sempre a mesma historia. Os erros, delictos e crimes abundam na administração dos dinheiros do Estado. O Poder Executivo confessa-os expressamente, embora sempre ou quasi sempre tarde e a más horas.

O que não consta é que tais erros, delitos e crimes recebam as sanções que os codigos lhes cominam. Parece que vivemos, governantes e governados, num permanente regimen de previa e certa amnistia. Que diabo: valerá então a pena cultivar, com amor, a industria da patifaria oficial.

Movimento do porto

O «BEIRA»

Vindo dos portos de Africa, chegou hoje ao nosso porto o vapor «Beira». A bordo do mesmo chegou o sr. Rossa da Veiga, ex-governador de Benguela.

O «MOÇAMBIQUE»

Para os portos de Africa saiu hoje o vapor «Moçambique» da Companhia Nacional de Navegação, com 502 passageiros, que se encontravam retidos em Lisboa desde a recente gréve maritima de longo curso.

O «S. MIGUEL»

Tambem saiu o «S. Miguel» com 110 passageiros, para as ilhas.

Assalariados do Estado

A comissão delegada dos assalariados do Estado conferenciou hoje com o chefe do Governo sobre as reclamações das respectivas classes.

A reorganisação da 1.a Divisão do Exercito

Até ao fim do corrente mês devem recolher aos seus quarteis as tropas que estiveram cercando Lisboa. Segundo constava hoje, infantaria 23 já não fica em Lisboa devendo regressar tambem ao seu quartel em Coimbra.

Em Lisboa ficam apenas além da G. N. R., os regimentos de infantaria 1, 2, 5 e 16; cavalaria 2 e 4 grupos de metralhadoras e companhia de equipagens.

No Ministerio da Guerra tem-se trabalhado activamente nos ultimos dias, a fim de que seja publicado o mais breve possivel o decreto referente á reorganização da 1.a divisão militar.

Sindicato Unico Metalurgico

Uma comissão do Sindicato Unico Metalurgico procurou hoje, de tarde, o sr. governador civil de Lisboa para tratar de interesses daquela classe.

O temporal

Desapareceu com 6 homens a falua que faz serviço entre o Bugio e Paço d'Arcos

O dia de hoje amanheceu triste e carrancudo tendo por vezes caido chuva de pedra. O pequeno jardim existente no Largo da Biblioteca ficou com o relvado completamente coberto de graniso quando (cerca das 15 horas caiu uma forte chuvada.

Por vezes soprou [illegible] ventania tanto em terra como no rio mostrando-se o Tejo agitadissimo. [illegible] barra encastelava-se os nuvens caindo constantes aguaceiros.

S. JULIÃO, 22.—Consta o desaparecimento da falua que faz geralmente o serviço entre Paço d'Arcos e o Bugio, tripulada por seis homens. As familias pedem socorros urgentes.—(H.)

Na Nazareth naufragou uma chalupa

NAZARETH, 22.—Ha conhecimento de ter naufragado proximo do [illegible] de S. Pedro a chalupa franceza «Lagosteria», morrendo um tripulante e salvando-se 6.

Ministro das Finanças

O sr. ministro das Finanças por motivo do seu 51.° aniversario natalicio recebeu ontem muitos cumprimentos, bilhetes e telegramas de felicitação.

Na Escola de Guerra

E' no proximo sabado, pelas 16 horas, que o adido militar francês, sr. Charles Mitol realizará a sua primeira conferencia, sobre «A Grande Guerra».

Associação Comercial

A direcção da Associação Comercial de Lisboa conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças sobre interesses gerais do comercio.

Pendencia

Segundo nos consta, o sr. Simão de Laboreiro enviou hoje as suas testemunhas ao director de um jornal de Lisboa.

Segundo ainda o nosso informador, essas testemunhas serão os srs. Saturio Pires e Solano de Almeida.

A greve dos electricos

A nova comissão de [illegible] mentos do pessoal grevista dos electricos teve hoje demorada conferencia com o sr. presidente do Ministerio acerca da solução do conflito. A entrevista [illegible] satisfeitos os comissionados.

Em poucas linhas

[illegible]

A policia recebeu [illegible] para a[illegible] todos os [illegible] que nas suas maquinas não tenham as chapas com os numeros competentes. [illegible] moveis não tenham as lanternas [illegible] com os respectivos numeros.

Devem ser inauguradas em Abril proximo [illegible]

TEATRO

Araujo Pereira

E' o ensaiador da companhia Alves da Cunha. Espirito culto, trabalhador infatigavel, Araujo Pereira é hoje um consagrado, a quem a arte scenica deve relevantes serviços.

NOTA DO DIA

A imprensa—Alves da Cunha

Fui hoje surpreendido pela noticia da despedida de Alves da Cunha, que, magoado pela critica commum da maioria dos jornais, pretende não voltar a representar em Lisboa.

Se alguma vez Alves da Cunha não teve razão é agora, mostrando-se magoado quando anuncia a sua festa artistica para retirar para o Porto onde tem contracto com José Loureiro e faz-o mais cedo do que esperava.

O publico de Lisboa, como o publico de qualquer parte, aprecia-o multissimo. Foi aqui que foi feito o seu belo nome, foi a plateia exigente do publico alfacinha que o coroou de louros e reconheceu o seu alto valor. Viu ainda Alves da Cunha as melhores provas de apreço da critica, do mundo artistico e literario quando a catastrofe do Ginasio se deu; teve, ha dias, uma ultima prova de quanto é apreciado sendo o enorme teatro de S. Carlos cheio como raras vezes se consegue encher, e o publico a aplaudi-lo, a ele só, a Angela Pinto e Berta Bivar cujos esforços foram colossais para amparar uma tão desastrosa peça.

Se Alves da Cunha nota algum fraquejo da parte do publico, como nos ultimos tempos do Ginasio, deve-o á falta de elementos de valor em sua volta, visto que Lisboa por muito que aprecie o valor dum artista não se limita a ir ao teatro para o ver, ainda que esse grande artista se chame... 44 me Pieral.

Mas Alves da Cunha, sempre grande artista, dá a entender que se magoou com a critica commum dos criticos de Lisboa. Porquê? Se cada jornal em separado, com o desenvolvimento que lhe é habitual tratasse da peça, a impressão dolorosa da empreza e do infeliz autor seria muito maior.

Houve um momento, apoz o 2.º acto, o fantastico 2.º acto de «A Vida», em que os criticos perguntaram como seria dentro da sua melhor boa vontade serse sincero, passar desapercebido e não ser desagradavel a artistas cujos esforços eram visiveis. Veiu a nota em commum, poucas frases, e sem que nada de ofensivo encerrasse que para a simpatica companhia que mercê duma atitude nobre de Alves da Cunha manteve sob a sua responsabilidade desde o desastre do Ginasio.

Em principio discordamos da critica commum, cuja ideia apareceu e foi posta em pratica durante algumas recitas da companhia franceza.

Que haja a maxima cooperação, a mais estreita camaradagem entre todos os criticos teatrais, está bem, temos feito essa apologia durante muito tempo. Só assim as emprezas reconhecerão que a critica, livre, desapaixonada, sincera, lhe deve merecer um respeito que vulgarmente não é reconhecido, ora cortando bilhetes aos criticos, ora mandando-os para as ultimas filas e outras proezas que vulgarmente surgem... A estreita amizade dos criticos, esta camaradagem jornalistica patente na nota em commum sobre «A Vida», largamente demonstrada no almoço a Norberto de Araujo, é absolutamente necessaria. Mas, o que não é preciso é ir até á critica commum, nota oficiosa de limitado alcance e que só se tolera quando tem, como esta, o fim louvavel de limitar uma grande orquestração de pancadaria...

Alves da Cunha tinha talvez objecções morais para pôr em scena aquela peça, arranjou os scenarios com carinho, mas pode ser que se tivesse reaparecido com uma peça do seu reportorio, toda aquela massa de seus admiradores se levantasse a testemunhar o apreço ao notavel actor. Amanhã mesmo quando fizer a sua festa, quando vir passado este momento infeliz, quando lhe pedirem para que fique pois o seu acto de renuncia é apenas qualquer coisa de teatral não assentando sobre base alguma verdadeira, Alves da Cunha reconhecerá que não tem razão de ser os seus melindres presentes.

Pela nossa parte, repetimos, ao darmos a nossa camaradagem jornalistica foi para bem. Animara todos o mesmo espirito de tolerancia e ao mesmo tempo de desanimo por não podermos aplaudir com o entusiasmo e simpatia que nos levou a S. Carlos, o mais completo dos actores da geração moderna.

A. F.

Noticiario

Portugal

E' completamente destituida de fundamento, a noticia dada por um jornal da manhã, de que a peça «Morimoto» vai em S. Carlos.

A peça em ensaios é «Os Tubarões» que sobe á scena a 3 de abril, para festa e despedida de Alves da Cunha.

—Estão já a fazer-se os scenarios para o «Auto dos faroleiros», 2 actos de Branca Gonta Colaço e «Cavalgada nas nuvens», 1 acto de Carlos Selvagem, a subir á scena brevemente no Nacional.

—A «Perola Negra» de Parceria será a ultima peça a ser levada á scena por Amarante, esta temporada no Avenida.

—Segundo se diz Palmira Bastos, com Samwell Diniz e Duarte vão constituir-se em «tournée» para explorar peças como o «Almer» apenas com trez personagens.

—A nova administração do Nacional estabeleceu que as festas artisticas dos societarios serão feitas com 2.as representações de peças novas ou «reprises». Assim José Ricardo fará com «O Centenario», Rafael Marques com a 2.ª do «Tutão» e Ilda Stichini com uma «réprise» do repoertorio da inolvidavel Rosa Damasceno.

—Em virtude da pouca demora da companhia Alves da Cunha no S. Carlos já não é entregue para a festa de Samwell Diniz a peça «Bocage» que Leitão de Barros e Oliveira Guimarães estavam concluindo.

—Uma das primeiras peças estrangeiras a subir á scena no Nacional é a «Fugitiva».

—Foi posta de parte a ideia duma «tournée» José Ricardo, no verão á provincia. E' natural que outros elementos do Nacional vão ás ilhas, ficando o teatro trabalhando com peças leves do reportorio espanhol e francês.

—No Politeama realisam-se brevemente as ultimas festas artisticas a fim da companhia retirar para o Brazil.

—Sóbe brevemente á scena no Nacional, para reaparição do ilustre actor Eduardo Brasão, em recita extraordinaria, a peça «Primerose», fazendo a protagonista pela primeira vez um Lisboa a gentil actriz Irene Gravo.

—Sairá brevemente o semanario teatral «O clown».

Espectaculos recomendados

S. CARLOS — ás 21 — A vida

S. LUIZ — ás 21 — Sua Alteza Volse...

CENTRAL — Filme de sensação

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A CARTA

DE GEORGES ONHET

Os canos ... dos chinezes soavam nos col... de Lang-Son, a fumaça da fusilaria subia no ar abrasado pelo sol. Os tiros da artilharia seguiam-se ... amiudados e as reservas de Negrier, palpitantes, aguardavam o momento de travar combate.

Por traz de uma dobra de terreno, em frente ás barracas do acampamento, uma companhia de infantaria de marinha acabava de fazer alto. Os oficiais, subindo á borda de um fosso, seguiam com atenção a marcha, que se acentuava com triunfante violencia.

Nem uma palavra nas fileiras daqueles soldados que iam pelejar: o grave recolhimento das pessoas prestes a cumprirem heroicamente o seu dever.

Entretanto, um soldado, que se demorara atraz, chegava a marche-marche; alcançou o seu pelotão e, ofegante, dirigiu-se ao seu vizinho de fila:

— Guillot, chegou o correio de França: ha uma carta para ti.

— Uma carta! exclamou o soldado estremecendo de alegria. Mas onde está?

— Em poder do vago-mestre...

O soldado volveu para o tenente que comandava o seu pelotão olhares suplicantes.

— Vai buscá-la, disse o oficial.

E acrescentou, por entre dentes:

— Pobre diabo; se os chinezes lhe esmigalharem a cabeça daqui a pouco, ao menos terá recebido antes noticias da familia.

— Segura-me a espingarda, Boulanger... Eu volto já.

E o soldado deitou a correr para o acampamento.

Guillot e Boulanger eram inseparaveis. O primeiro era natural de Yvetot, o segundo originario de Paris. Eram tão dissemelhantes no fisico quanto no moral: o normando, louro, socegado, docil e submisso; o parisiense, moreno, trefego, violento e falador. Tinham chegado ao batalhão no mesmo dia. Boulanger implicara imediatamente com Guillot. Esse rapagão aloutado, que parecia perseguido de pesares, não lhe agradou: não queria ver tristeza ao lado da sua alegria. Logo na primeira noite, após uma patuscada com os veteranos pelas tabernas de Brest, o parisiense, encontrando o camarada socegadamente deitado no quartel, exclamou:

— Olhem o hipocrita! E' preciso dar-lhe uma esfrega...

— Camarada, não me atormente, disse Guillot, com a sua voz melliflua; estou pesaroso...

— Foi por isso que não quizeste pagar a patente aos cabos e aos sargentos? ... Pois vamos tirar-ta da pele!

Em um abrir e fechar de olhos tinham voltado de pernas para o ar a cama e o normando achou-se a pé e em fraldas de camisa no centro da vasta sala. Tinham-no agarrado pelos braços: não parecia disposto a defender-se. Olhava assustado para os camaradas, que, empunhando os grossos sapatões, rodeavam-no ameaçadores.

Entretanto, Boulanger, empurrando com o pé as cobertas que haviam caido no soalho, descobriu um cartãozinho escondido debaixo do travesseiro. Apoderou-se dêle e, rindo-se:

— Olé! uma fotografia! E' da tua namorada, hein, Guillot?

E, triunfante, apresentou-lhe o cartão.

O normando tornou-se livido, os olhos afundaram-se-lhe sob as sobrancelhas, fez êle um gesto brusco, que o desprendeu, e, saltando sobre o parisiense, com uma das mãos suspendeu-o do chão, ao passo que com a outra arrancava-lhe o retrato.

Os outros, furiosos, arremessaram-se sobre êle. O rapaz sacudiu-os, como um javali atacado pelos cães. Foi uma pancadaria geral. Os robustos punhos de Guillot, exasperado, batiam quais martelos. E, sendo doze, a custo lhe faziam frente.

O parisiense, furioso, lançou mão de uma taboa e, praguejando, serviu-se dela como de uma arma para espancar aquele endemoninhado, tão dificil de exasperar, mas que, uma vez incitado, não parava mais.

Guillot caiu com a fronte partida. Os assaltantes estacaram subitamente acalmados. O sangue corria pelo rosto do normando.

— Ah! Deus do céu! exclamou Boulanger, deixando cair a taboa: estará êle morto?

E, tão pronto em socorrê-lo quanto impetuoso fôra em atacá-lo levantou o pobre rapaz, deitou-o na cama, lavou-lhe o rosto com agua fria. Ao cabo de alguns momentos, Guillot tornou a si e, reconhecendo o seu adversario:

— Ah! parisiense! feriste-me cruelmente, disse com voz sumida. Eu ... te havia feito.

Tentou meter a mão por baixo do travesseiro.

— E isto que procuras? perguntou Boulanger, apresentando-lhe a fotografia, manchada com uma gota de sangue.

O semblante de Guillot iluminou-se com um sorriso.

— E' isto mesmo, respondeu, obrigado.

E acrescentou:

— Quero-lhe muito... E' a minha noiva...

— Dorme, meu pobre camarada, disse o parisiense docemente. E perdôa-me.

Os soldados deitaram-se todos, excepto Boulanger, que passou a noite a velar o ferido.

A datar de então os dois camaradas estimaram-se como dois irmãos. Guillot contou a Boulanger os seus amores com a formosa Magdalena, a filha do tio Zefiro, arrendatario de Bosc-Mesnil. Prometera ela esperá-lo, conquanto êle fosse filho de um simples pedreiro. Escrevia-lhe e, quando o vago-mestre gritava: «Guillot, uma carta!», o normando ficava palido de alegria e encerrava-se para ler as preciosas linhas; depois, tendo-se longamente deleitado, chamava o amigo e dava-se ao prazer de relê-las com êle.

O parisiense, á força de ouvir Guillot falar da sua terra, dos seus amigos, da sua familia, conhecia aquele cantinho da Normandia como se lá tivesse vivido. Era-lhe familiar a estrada que conduz de Yvetot ao Bosc-Mesnil. Seguia Guillot através dos doirados campos de trigo e dos pastos onde o gado ruminava ao sol. Via os edificios da herdade e a lagoa azulada, junto á qual, por uma tarde de estio, os dois enamorados tinham jurado amar-se sempre. Como o amigo, tinha ciumes do primo de Magdalena, o negociante de lenha que fazia a côrte á rapariga. E quando encontrava Guillot pensativo e cuidado, exclamava:

— Um dêstes dias peço licença e vou quebrar as costelas ao canalha daquele rachador de lenha!

Havia ano e meio que estavam no serviço, quando uma manhã espalhou-se no quartel a noticia de que o batalhão partia para o Tonkin. Foi um raio para Guillot. Deixar a França era aumentar a distancia que o separava daquela a quem amava. Em Brest achava-se já longe dela e, no entanto, o ar que respirava parecia ter atravessado pelas pastagens de Bosc-Mesnil, embalsamadas com o perfume das macieiras em flôr. Ir, porém, para além dos mares, para um outro mundo, era o esquecimento, era a morte.

Tivera apenas tempo de ir correndo á sua terra, para abraçar o pai. E em um derradeiro amplexo obtivera de Magdalena a promessa de inabalavel fidelidade. Voltara ao batalhão triste, mas tranquilo, e embarcara com o amigo.

E havia um ano que, em um clima devorador, pelos pantanos, pelas montanhas, incessantemente alerta, dia e noite, batia-se valentemente, mas sem colera. Não tinha, como o parisiense, dêsses impetos furiosos que incitam á carnificina. Defendia unicamente a vida, que pertencia á Magdalena.

Durante os primeiros meses, tinha-lhe a moça escrito com regularidade; depois, as suas cartas haviam-se tornado mais raras. E agora eram passadas já algumas semanas, sem que Guillot tivesse recebido noticias. De dia para dia tornava-se mais taciturno. Boulanger, que era a alegria da companhia, em vão se esforçava com seus espirituosos ditos para desenrugar a fronte do amigo. O normando conservava-se afastado, taciturno, abatido, como se tivesse a presciencia de que alguma coisa se estava passando afiitiva para êle, a milhares de leguas, na beirada da planicie verdejante, sob as copadas faias, em uma alegre herdade onde sonhara viver feliz. Comia pouco, já não falava, acautelava-se mal e causava a Boulanger sérias inquietações. E tudo isto por falta de uma carta.

Afinal, porém, tinha ela chegado! E o parisiense, satisfeitissimo, esquecendo a batalha que estava travada a algumas centenas de metros distante dali, agitava-se, ria-se, fazia trocadilhos, com o seu espirito recuperado. De longe viu o amigo, que voltava lentamente, como que acabrunhado. Dirigiu-se-lhe ao encontro.

— Então! A carta, recebeste-a?

— Recebi-a. Não é, porém, de Magdalena... E' de meu pai... E, has de acreditar,... não ousei abri-la...

Tinha nos olhos tal angustia, que o parisiense ficou comovido.

— Vamos, não sejas criança! disse êle; e despacha-te, porque daqui a pouco teremos obra.

Guillot soltou um suspiro, com brusco gesto rasgou o envolucro, e, sentando-se em uma pedra, começou a leitura.

Na planicie, cortada de arroios marginados de pardacentos juncos, o combate redobrava de violencia. Os chins tinham reassumido a ofensiva e marchavam soltando grandes brados. Um mandarim, a cavalo conduzia o ataque e o ar estava tão limpido, que, apesar da distancia, distinguiam-se claramente os galões de ouro da sua roupa azul.

O normando, soletrando com lentidão os grandes caracteres da carta paterna, tinha lido a meia voz.

«Meu querido filho, a presente deixa-me de boa saude e espero que assim te encontre. Em Bosc-Mesnil sobrevieram coisas de que me cumpre dar-te conhecimento, pois não seria digno de ti continuares a escrever á filha do tio Zefiro. Não teve a paciencia de esperar-te... harmonisou-se com o primo Dumontier. Meu pobre rapaz, sê ajuizado...»

Sem que êle terminasse, o papel deslisou-se-lhe dos dedos tremulos e caiu no chão. Guillot não soltou nem um suspiro. Só se tornou extremamente palido, o suor orvalhou-lhe a fronte e os olhos umedeceram-se-lhes, como atraidos por um espectaculo de que não podiam desfitar-se.

Como em uma visão, acabava de aparecer-lhe a igrejinha da aldeia emoldurada na sombria folhagem das faias. Rutilante sol doirava o portico de pedra, os sinos repicavam e pela estrada de Yvetot aproximava-se alegre cortejo. A frente caminhava uma moça vestida de branco, apoiada no braço de seu pai. Era rosada e loira e os olhos luziam-lhe de contentamento. Os parentes e amigos caminhavam após e diziam: «E' feliz êste Dumontier casou-se com aquela a quem adorava! Ah! excelente rapaz. ... mereceu. Voltou da China com as divisas de sargento e a medalha de campanha!» Pela espaçosa porta aberta apareceu no fundo o altar iluminado e o velho ... tocado pelo mestre-escola, pôz-se a cantar. Um a um, entraram os (pares) e o caminho ficou deserto.

O soldado passou a mão pelo rosto com angustia, pareceu-lhe ouvir vozes confusas que o chamavam. Pois não era êle o noivo? Que fazia ali, parado, imovel, quando Magdalena já estava na igreja?

Levantou-se e, bruscamente, recuperou o sentimento da realidade. Avistou a poucos passos os seus camaradas silenciosos. Em vez do repique de sino do noivado, reconheceu o canhão da batalha, vinha longe dos seus, abandonado, perdido, pareceu-lhe que se lhe abria em frente um outro profundo e negro, onde só tinha que ancorar a vida.

...

A' noite, entre os feridos trazidos para um dos edificios da fortaleza em pedaços, estava Guillot. Com o semblante livido, jazia em um leito de palha de milho. Sentado junto dêle, Boulanger pegou-lhe na mão. Tinha ido buscar o amigo ao pé das trincheiras, contra as quais êle virá arremessar-se sósinho, como possuido da furia de se fazer matar. O cirurgião examinara os ferimentos do normando e abanara silenciosamente a cabeça.

O parisiense, voltando o rosto, esforçava-se por esconder as lagrimas.

— Cumpre que nos digamos adeus, meu pobre amigo, disse o ferido com voz sibilante.

— Ora qual! Te le restabelecerás!

Guillot sorriu-se tristemente.

— Não; eu vou morrer... e quiz morrer.

— Ah! Deus do céu! soluçou Boulanger. Vi perfeitamente que estavas como louco... Que havia, pois, nessa maldita carta?

O ferido tirou do peito da farda um papel amarrotado e manchado de sangue.

— Lê... Vê-lo-has...

O parisiense enxugou os olhos, para enxergar melhor; depois, soltando um grito:

— Ah! Infame!

— Não! disse o normando, não a amaldiçôes. E' preciso ser indulgente. Eu estava muito longe. Sabia ela se eu voltaria algum dia? Ei-la casada... e desejaria que fosse feliz. Se suspeitasse que morri por sua causa, ficaria, sem duvida, penalisada. Promete-me que ela jámais o saberá.

O parisiense, sufocando os soluços, não respondeu.

— Promete-mo! insistiu Guillot com dolorosa agitação; e morrerei tranquilo.

— Pois sim, prometo!

Nos labios do ferido assomou um sorriso de satisfação; depois, soltou um debil suspiro e morreu.

SPORT

Automobilismo

A Rampa da Pimenteira vai realizar-se a 23 de Abril

Está já marcado o dia 23 de abril proximo para a corrida automobilista da «Rampa da Pimenteira» que o jornal «Os Sports» está preparando. As inscrições estão desde já abertas e podem ser feitas até ao dia 13 de abril na redacção de «Os Sports» ou na séde do Automovel Club de Portugal em boletins especiais que «Os Sports» fornece.

O regulamento da prova é já conhecido, sendo enviado em folheto a quem o pedir.

Consta-nos que tem sido grande o numero de automobilistas que teem dado a «Rampa», fazendo-se percursos ...

NOTICIARIO

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE DESPORTOS ATLETICOS

Conselho tecnico: Aprovou o regulamento do «Cross» de ensaio, sendo marcado o dia 10 de abril para a sua realização, foi tambem aprovada a escolha do local respectivo, que é em Arcozelo, nos terrenos onde se está construindo o Bairro Social.

—Aprovou a realisação no mesmo dia de um encontro entre 6 grupos de foot-ball federados que jogarão ...

—Encarregou o Club Desportivo Nacional de apresentar na proxima reunião um projecto de regulamento para um torneio de box.

Directoria: Recebeu os delegados da Federação Portugueza dos Empregados no Comercio para uma proposta que hoou de ser estudada.

Aprovou 6 novos socios auxiliares e homologou as decisões da C. T.

A PASSAGEM DO BOJADOR

(Do «Arquivo Pitoresco»)

—E nao ousaste ainda, Gil Eannes! dizia o Infante. Pois sois amado lo e audacioso, que eu bem sei! Mas que tem esse cabo Bojador que tal susto vos infunde a todos, assim que o divisais ao longe?...

—Senhor, redarguiu Gil Eannes, dizem que para aqueles lados a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias escalvadas, e que as correntes impetuosas, arrastam com irresistivel força os navios para as terriveis paragens onde a morte é certa...

—Não cinges uma espada Gil Eannes! perguntou o Infante.

—De que serve uma espada, Senhor, contra inimigos infernais... infernais?... Os mareantes afirmam que no cabo Bojador alevantou ignota mão estatuas que prohibem ao homem a passagem.

—E quem as viu? tornou D. Henrique meio impaciente. Ninguem...

—Mas, Senhor, não será tentar a Deus perseverar numa empreza diante do qual.... todos teem recuado?

—Não, meu amigo, tornou o Infante com ardor. Não, porque as nossas intenções são puras e santas. O que desejamos nós? Alargar o dominio do Cristianismo, propagar a Fé até os confins do mundo... E hei-de realisar o meu sonho. Lançar-me-hei sósinho com um piloto e no primeiro batel que se me deparar... Talvez então me sigam os que hoje tremem...

—Não será assim, Senhor! bradou Gil Eannes exaltado. Não precisareis de tal. Aqui vos juro em presença do Oceano que demandarei o cabo Bojador, e só voltarei a Portugal depois de o ter dobrado e ainda que todos os demonios do inferno estejam apostados a impedir-me a passagem...

...

Eis vos a irgui barca, sulcando as ondas do mar africano, já lhe fica pela pôpa o cabo «Nãos»... Os marinheiros contemplavam com terror esse fenomeno, cuja causa é conhecida hoje de todos os navegantes; para o sul do cabo «Nãos» a muita areia soprada pelo vento do deserto avermelha as aguas do Oceano e torna-as espessas, mas os marinheiros de Gil Eannes julgavam que era um prenuncio da aproximação do «Mar Tenebroso». De repente alevantaram-se todos exclamando:

—Jesus!

O navio andava com uma velocidade pasmosa...

—Animo, meus bravos companheiros! Exclamou Gil Eannes. Deus é connosco. Todos a postos!

—De subito divisa-se ao longe uma lingua de terra que entra a grande distancia pelo mar dentro; as ondas referverem num vortice medonho, ouve-se o estampido do Oceano quebrar com furia nos rochedos...

—O Bojador! O Bojador! exclamam todos pavidos, caindo de joelhos.

Reina o silencio absoluto na embarcação... Gil Eannes descobre-se vagarosamente.

—Senhor! diz ele com voz grave, é só para mais longe plantarmos a arvore da Cruz que ousamos devassar os mysterios do Oceano. Se vos agrada a nossa tentativa protegei-nos, Senhor! Mas, se voluntariamente, vos ofendemos, acolhei-vos na vossa misericordia, Deus Omnipotente!

—Misericordia, Senhor! bradou a companha.

Um ultimo impulso do leme quebrára o velho encanto. Estava dobrado o cabo Bojador. Todos se ergueram, soltando um grito de entusiasmo... Estava praticada a grande façanha, não pelo que ela em si valia, mas pelas consequencias que viria a ter...

...

De volta a Portugal Gil Eannes era recebido nos braços do Infante.

—Senhor, disse ele, a minha promessa está cumprida. Para prova aqui vos trago estas rosas de Santa Maria colhidas ao sul do Bojador.

PINHEIRO CHAGAS

Exposição do Rio de Janeiro

Afixação de cartazes—O sr. Comissario Geral visita o museu Seixas

Vão ser enviados por estes dias a todas as Camaras Municipais do paiz os cartazes de propaganda da representação de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Estes cartazes que são enviados por intermedio do Comissariado Geral da Exposição, devem ser afixados nos locais mais visiveis para que as populações de todos os concelhos do paiz tenham conhecimento da nossa participação no grande certamen brazileiro e se compenetrem do dever que todos temos de a ela concorrer tornando assim brilhante a nossa representação e mostrando ao mundo quanto vale o trabalho portuguez.

Os cartazes estão isentos do selo visto o Comissariado ser entidade oficial.

O engenheiro sr. Lisboa de Lima visitou no sabado ultimo, a convite do sr. Henrique Seixas, abastado capitalista, o seu interessante e valioso museu.

Sua Ex.ª teve ocasião de observar ali os mais belos exemplares de modelos de navios e embarcações de guerra, de recreio, de pesca e de trafego local, usados não só nos diversos pontos do nosso paiz como nas colonias, tudo isto feito por artistas portuguezes o que muito honra a industria e o operariado da nossa terra.

O sr. Henrique Seixas que vai cooperar valiosamente na nossa representação no certamen do Rio, foi durante aquela visita de uma tão cativante amabilidade, que deixou no sr. Comissario a mais agradavel impressão.

Curiosidades

Alguns dos principais tremores de terra

Em 526 houve um tremor de terra nas costas do Mediterraneo que fez 200.000 vitimas, em 379 antes da era cristã houve no territorio de Lisboa um tremor de terra que fez enormes estragos, assim como houve nesta cidade outros nos anos de 1117, 1146, 1156, 1290, 1344, 1531, 1551, 1597, 1699, 1724, 1755, 1761, 1857 e o ultimo em 1909, os quais todos causaram prejuizos não pequenos o se fizeram sentir com grande violencia em varias localidades, principalmente o de 1755 e de 1909, fazendo este ultimo enormes prejuizos em Benavente, em Salvaterra de Magos e em Samora Correia que ficaram quasi destruidas completamente alem doutras localidades que tambem sofreram muitissimo; em 1693 houve um violento tremor de terra na ... que fez 60.000 vitimas; em 1707 houve outro que fez 40.000 vitimas, em 1841 houve outro em Ischia que destruiu a cidade de Casamicciola, em 1878 houve outro em Constantinopla que destruiu muitas casas principalmente ... em 1783 houve outro na Calabria que causou grandes estragos e abriu fendas no comprimento de 2 quilometros e dez metros de largo; em 1890 houve outro violentissimo na embocadura do Zido, em 1891 houve outro no Japão que abriu uma fenda no comprimento de 112 quilometros em 1886 houve um em Charleston e outro na Republica do Equador, em 1897 deu-se um em Redes, em 1908 outro na California muito violento, em 1908 outro em Regio e Messina que causou grandes prejuizos e ... vitimas, em 1906 houve outro em Santiago do Chile, em algumas cidades de França, em Toulon, em Marselha, em Rogues e novamente em Messina.

A bussola

Foram os chinezes os primeiros povos que conheceram a bussola e que dela fizeram uso mil anos antes da era cristã.

Transmitiram este uso aos arabes que o comunicaram aos povos ocidentais no tempo das cruzadas.

Cubicularios em França

Na corte dos principes francos havia oficiais que tinham este nome e cuja missão era fazer o leito dos camas dos monarcas.

Eberon desempenhou este cargo no reinado de Childeberto, Karamp no de Chilperico I, Regnfredo no de Carlos Magno e Rotberno no de Carlos-o-calvo.

Estatistica importante relativa á instrução publica na Colombia

E' um paiz com menos de cinco milhões de habitantes.

Ha nesta Republica 5.317 escolas primarias com 2.000 edificios proprios e 350.241 alunos matriculados, 33 escolas secundarias e 28 profissionais, 35 de educação artistica e 7 escolas superiores.

A. G.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4034 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 23 de Março de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

Escandalos

Depois do estendal de escandalos cometidos nos Transportes Maritimos do Estado e que o sr. ministro do Comercio revelou no Parlamento e ao paiz, eis que o sr. ministro do trabalho desvenda, egualmente perante o parlamento e o paiz, escandalos não menos graves e revoltantes praticados nos bairros sociais.

Não ha duvida. Estamos num momento severo de apuramento de responsabilidades. Estes factos não denigrem a Republica se ela souber dar-lhes sancções necessarias. A sua revelação, clara, franca, desassombrada, é já um titulo de gloria para o regimen.

Até mesmo aqueles que não sentem pela Republica qualquer acentuada simpatia, reconhecem que, no tempo da realeza, havia uma preocupação dominante: esconder os escandalos cometidos, assegurando a impunidade dos autores. Por isso nós sabemos de bastantes desses escandalos, apontados, duma certa epoca em diante, pela oposição republicana, mas essa serie, embora longa não pode considerar-se senão como uma amostra de corrupção avassaladora que minava as instituições executadas, no dia 5 de outubro de 1910, pela vontade soberana do povo.

Um mal, quando reconhecido dá o primeiro passo para a cura. A revelação de factos como os sucedidos nos Transportes Maritimos do Estado e nos Bairros Sociais é preciosa, porque nos demonstra a profunda incompatibilidade moral da consciencia republicana com tais escandalos. Essa incompatibilidade ha-de levar a resoluções necessarias, em que o crime seja punido, os interesses do Estado acautelados e o prestigio do regimen garantido [illegible].

O caso dos Bairros Sociais que o sr. ministro do Trabalho desassombradamente explanou perante os representantes do paiz é realmente gravissimo, e nele concorrem circunstancias que não podem passar sem um legitimo reparo.

Ninguem ignora, com efeito, que os Bairros Sociais foram pode dizer-se uma iniciativa socialista. Estava no ministerio do Trabalho o sr. Dias da Silva. Foram socialistas os colaboradores do ministro socialista. Foram para os Bairros Sociais operarios socialistas, durocratas socialistas. Dir-se-hia que se ia proceder a um pequeno ensaio do socialismo em acção, com todos os seus progressos e virtudes. O resultado está á vista.

Trez anos decorridos não ha Bairros Sociais, não ha casas, não ha dinheiro. Milhares de contos se sumiram nessa voragem, e no Bairro do Arco Cego, aquele onde ainda se trabalhou alguma coisa, porque nos outros nada se fez, aparecem 86 casas incompletas, e não ha canalisações, não ha nada! Foi positivamente uma mistificação para mascarar uma burla, acarretando consigo a falencia do famoso ensaio socialista. Mas, não é no Arco do Cego, sem telhados nem canos de exgoto, que o fanlansterio de Fourier ha-de ter uma realisação deslumbrante!

E estamos nisto! Por vezes as intenções são excelentes, mas logo aparecem agentes da corrupção que invalidam essas intenções, transformando todas as iniciativas que se deviam destinar ao bem publico ou á riqueza do Estado em fontes de latrocinios incessantes. Neste caso dos Bairros Sociais, a irrisão não podia ser mais completa, Sabe-se que a questão da habitação em Lisboa assumiu proporções tragicas. Alem da falta ha a exploração de senhorios, de intermediarios e ainda a do proprio Estado que não se peja de lançar uma importante contribuição sumptuaria sobre todas as rendas superiores a 50 escudos mensais, como se não soubesse, que 50 escudos mensais é o minimo que um novo locatario, pobre pode pagar por qualquer canto, onde meta uma luxuosa mobilia de mesas e bancos de pinho!

Pois é verdade! Para resolver este problema importantissimo, temos as paredes de 86 casas, e para isso gastaram-se milhares de contos. Para onde foram eles? Em que algibeiras desapareceram? O governo revelou o escandalo. Resta que a justiça puna os culpados.

Estamos convencidos de que um exemplo salutar contribuiria muito para evitar a continuação desse estado de coisas que é uma vergonha para todos nós.

A barafunda no exercito

Uma trapalhada de vaidades nascida d'uma trapalhada de galões

«A Capital» inseria ha dias a noticia da publicação da Ordem do Exercito, n.º 4, da 2.ª série que promovia a coroneis 124 oficiais, a tenentes coroneis 115 e a majores 35. E' o resultado da lei 1239 e a publicação da Ordem do Exercito que divulgara este inverosimil estendal, assume as proporções dum verdadeiro «golpe d'espada».

O artigo 32 da Constituição permitiu, á sombra da sua disposição fundamental que um projecto anteriormente discutido no Senado se convertesse em lei embora não tivesse ido á discussão na outra casa do Parlamento. E justamente quando na Camara dos Deputados se adivinharam as interpelações e alguns membros dela pediam para o simplesmente a revogação da lei 1239, eis que aparece a Ordem do Exercito criando a imensa e ridicula fornada de promoções.

Que se atropelem as leis mais elementares do bom senso para satisfazer vaidades infantis, que se usem de processos de verdadeira prestidigitação para empolgar uma benesse, uma regalia, eis ahi cousas verdadeiramente incriveis de admitir na engrenagem administrativa do Estado. Mas o facto permanece irrevogavel. No momento em que se pensava revogar pura e simplesmente a lei 1239, quando não constituia já para ninguem sombra de duvida que ela terá de fatalmente ser revogada — eis aparece a O. E. essa incrivel O. E. que se avisinha composta e impressa a vapor, saltando por cima de tudo, da publicação apressada pelas gorgetas, pelos pedidos, pelas gratificações, pelas ameaças surdas, quem sabe!...

Imortais deuses que assistem impassiveis a tudo isto! Pois é possivel que se não veja, que se não sinta quanto desprestigio, quanto amesquinhamento se lança assim num regimen cuja defesa, estabilidade e engrandecimento deve ser o unico e principal cuidado da nossa vida publica?

Num exercito actualmente desorganisado, nas vesperas de um novo estado de coisas que venha substituir a organisação de 1911, começa-se por fabricar oficiais de todas as patentes numa tamanha abundancia, com tal prodigalidade que não ha logar para todos eles, que não ha processo de os colocar a todos desempenhando funções inherentes ao posto que ocupam, fabricando-se coroneis aos mólhos, tenentes-coroneis ás duzias, majores e capitães tão abundantes como as lamas do seu. E quando uma nação inteira, pela boca das suas classes vivas e dos seus governantes clama ha mais duma de anos contra o fabuloso numero de funcionarios civis, cancro e desgraça dum orçamento gravemente enfermo, quando a principiar pelos dirigentes, se divulga a imperiosa necessidade de diminuir, reduzir, limitar, — eis que num exercito que todas as dificuldades economicas, financeiras, disciplinares têm assoberbado rudemente nos ultimos tempos, se criam mais funções, mais postos, mais dignidades que não são mais do que quimericas creancices para satisfazer vaidades irritadas e irritantes! E' assim que se prestigia a Republica? E' assim que se levanta o nivel moral do regimen?

Que razões podem aduzir em defesa desta fabulosa promoção os paladinos que pugnam por ela? Que não traz aumento de despesa — clamam victoriosos com este lamentavel argumento que não engana ninguem e muito menos os que o desenvolvem. Sim, por agora os coroneis ganharão como tenentes coroneis, os majores como capitães e assim sucessivamente.

Mas por agora! Por agora só! Porque é certo, inevitavel, fatal — que se tal monstruosidade fôr por deante, meses volvidos reclamações sem conto, campanhas surdas, pedidos de toda a natureza hão-de dar origem a novas disposições que mandam pagar, mandem abonar, mandem pintarolar mais papel no Banco de Portugal para liquidar com coroneis comandantes tres quartos de soldado, majores aiapardados em repartições bolorentas onde nunca entram nem o sol nem o espanador do continuo.

«Formidavel «bluff» esta pseudo-economia. Formidavel indisciplina este fervilhar de grossos galões! Podem porventura desempenhar funções inferiores ao posto que ocupam os oficiais agora promovidos? Não — em todos os exercitos do mundo só a inversa é que é normal e justa. Um oficial pode sempre desempenhar as funções do posto imediato. Mas não é este o caso presente que se apresenta na pratica justamente ao contrario. De forma que se torna impossivel sahir das duas pontas deste dilema: ou o oficial vai prestar serviços inferiores á sua categoria ou não prestará serviços alguns.

No primeiro caso é anti-disciplinar; no segundo é pura e simplesmente uma loucura insensata. Resulta pois com sombra de duvida outro dilema com outros dois extremos egualmente acerados: ou se trata de mais tarde, em melhor oportunidade, equiparar vencimentos (coisa em que neste momento se não fala) ou se satisfazem vaidades balofas e estereis. Nos cabelos brancos ha sem duvida muita creancice mas estas creancices que vão num futuro proximo sangrar mais um país já cruelmente sangrado — não é o Estado, não somos nós que as devemos pagar. E esta aberração infantil e atirada á Nação meses depois — meses só! — de se discutir o encerramento da Escola de Guerra sustendo temporariamente as promoções! Jupiter embriaga aqueles que quer perder. Mas que perante esta tremenda venalidade haja ao menos equilibrio, sentimento das proporções. Ha alguns milhões de portuguezes que estão vendo com pasmo, e comentando em silencio, inferindo com logica este tumultuar de imposas que — ai de nós! — nem nos reabilita nem nos orienta.

Antes pelo contrario!

Os emolumentos do sr. Veiga Simões

Do assunto ultimamente debatido na Camara resultam revelações na verdade curiosas.

As cifras monumentais do que dispõe para se manter e se fazer representar o sr. Veiga Simões, nosso ministro junto do governo de Viena atingem tais proporções que davam origem aos mais variados calculos. Todavia os mais exagerados ficaram ainda abaixo da verdade conforme agora se verificou após o debate sobre o caso na Camara dos Deputados.

O sr. Veiga Simões que se pode considerar como o simbolo do «outubrismo» sendo o ministro que se conservou na pasta dos Extrangeiros durante os ministerios que se sucederam com este rotulo, — tem subsidios e emolumentos que ocupam quasi a toda a analise pela sua vastidão.

Será natural, logico, coerente e indispensavel saber de que fundos recebe o sr. Veiga Simões os seus consideraveis proventos. Muito embora o sr. Veiga Simões tivesse feito na sua passagem pelo poder uma reforma donde advinham as quantias que actualmente recebe — é do dominio publico que o seu sucessor Dr. Julio Dantas sustovo essa reforma que desejava ver discutida pelo Parlamento e a qual de modo algum perfilhou ou adoptou.

Donde vem pois a subvenção do sr. Veiga Simões?

Dos «fundos secretos» repugna-nos crêr que saiam essas quantias. Esses fundos são geralmente destinados a outras despezas.

De onde, então?

De que silo? De que cofre? De que banco? De que verba? E' preciso saber-se.

E' preciso. De onde vem a subvenção para o sr. Veiga Simões?

O Comissariado Geral da Exposição do Rio de Janeiro faz publico o seguinte

Para o bom andamento dos trabalhos e para evitar confusões, prevenimos os senhores expositores que os boletins devidamente preenchidos, devem ser enviados com a maior brevidade possivel para a sede deste Comissariado instalado no Edificio da Sociedade de Geografia da rua Largo dos Santos. Os produtos a expor depois de devidamente acondicionados poderão dar entrada nos armazens do Comissariado até fins de maio, não sendo por isso necessario virem acompanhados daqueles boletins. O Comissariado apoz tê-los recebido enviará as guias do caminho de ferro para o transporte gratuito dos produtos destinados á Exposição.

Aviação militar

No proximo dia 26 realisa-se no grupo de Esquadrilhas de Aviação Republica, na Amadora, a imposição da Cruz de Guerra na bandeira da Aviação militar.

Em volta da conferencia de Genova

Quem será o presidente da delegação franceza?

PARIS, 23. — O sr. Viviani, tendo sido sondado pelo sr. Poincaré para presidir á delegação franceza á conferencia de Genova, declinou o convite por motivos de ordem puramente pessoal. — (H.)

A situação em Fiume

ROMA, 23. — «Il Messaggero» diz que os membros da maioria da Assembleia Constituinte de Fiume resolvera a apresentar a candidatura a chefe do governo daquela cidade-Estado do sr. Rudani, actual presidente da referida assembleia. — (Lot-Am.)

MATAR!...

No seu numero de hoje "A Batalha" pronuncia-se, de novo, pela legitimidade da pena de morte, sob a fórma vulgar do assassinio — Ratifica, assim, a sua anterior opinião acerca do emprego oportuno de bombas explosivas...

Destruir, eis o objectivo da U. S. O. e do seu porta-voz "A Batalha"...

O operariado foi sistematicamente [illegible] com [illegible] verdade, «A Acção Cooperativa». Mas, preguntamos nós, foram porventura, os partidos burguezes que afastaram das lutas eleitorais a multidão operaria? Não: mil vezes não! Se o operariado não tem representantes no Parlamento deve êsse serviço e êsse beneficio aos [illegible], aos [illegible] [illegible]. Foram êsses homens nefastos á sociedade, inimigos irreductiveis de toda a organização estadual, que fizeram adoptar, pela massa geral dos trabalhadores, o programa do anti-estatismo, representado superiormente, no movimento universal anarquista, pelo propagandista russo Bakunine, precursor da Republica Sovietica da Russia. «Todo o poder politico tende ao despotismo. Convem destruir êsse poder e, uma vez abolido, substitui-lo pela organização proletaria das forças economicas» (Michel Bakounine — Oeuvres, pag. 31, ed. Stock, 1907). Isto é: a U. S. O. e o seu clarim de guerra «A Batalha» nunca pensaram em organizar senão as forças de destruição social, como bakunistas intransigentes; e, para o conseguirem, instituiram a gréve permanente como processo da dissociação operaria pela guerra que entre si fazem as classes, o dia unico de 8 horas de trabalho diario e, por fim, o boicote do operariado ás urnas eleitorais.

O partido socialista portuguez remou, tanto quanto poude, contra esta politica dissolvente. A subversão promovida pela U. S. O. e pela «A Batalha» atingiu-o tambem, [illegible], ajudado por outros partidos burguezes, êle conseguiu, nas ultimas eleições legislativas, levar ao Congresso um unico representante. Por outro lado e graças ainda á propaganda anarquista do porta-voz do sindicalismo [illegible] U. S. O., o cooperativismo, que devia e podia ser uma força economica de resistencia do proletariado á opressão burgueza, ficou, dentro em pouco tempo, reduzido a organismos por cuja existencia mal se dá, tão depauperados de força material actualmente se encontram.

E' interessante registar, todavia, que, nessa geral débâcle a que a U. S. O. está conduzindo o proletariado portuguez, nem os proprios sindicatos se salvou. Empurrados para os meios extremos de luta, os sindicatos fazem do assalto ao papel-moeda o seu unico objectivo.

O dia de 8 horas acabou de desmoralizar o operariado. Nunca se pensou na U. S. O. e no seu porta-voz «A Batalha» em [illegible] o seu [illegible] ção do menor contra o peior. E porque? Simples cada [illegible] a multidão inconsciente e sugestionavel é formada pelo peior, visto que as competencias profissionais constituem, como é natural, a minoria. O Jornal do sindicalismo vermelho, na ancia de mais intensivamente espalhar os seus venenos dentro dos [illegible] U. S. O. [illegible] empenho de manter sob a sua sujeição as grandes massas do operariado, organizaram e impuzeram aos fracos governos que se sucederam [illegible] de Monsanto a sanção de um regimen de trabalho que favorece os incompetentes, os preguiçosos e os deshonestos em detrimento dos operarios que sabem do seu oficio, que são naturalmente produtivos e que possuem um caracter que se não compadece com a exploração quasi gratuita do esforço alheio.

O dia de oito horas, preconizado e defendido pelo U. S. O., é isto: durante essas oito horas produza-se o menos possivel, a fim de forçar [illegible] de horas, que serão extraordinarias e pagas a dobrar. Eis o segredo da U. S. O.! O operario, desta maneira, [illegible] negação produtiva. Durante as oito horas pouco se faz; nas restantes, que são pagas a dobrar, [illegible] a produção, porque, então, [illegible] lá a conta!

Compreende-se muito bem que um tal regimen de trabalho é absolutamente desmoralizador. O operario competente é colocado em [illegible] de circunstancias com o [illegible] que sabe do seu oficio.

E isto é, só por si, suficiente para condenar um tal [illegible] de trabalho [illegible] com [illegible] to, a U. S. O., que defende a iniquidade, sanciona e quere a selecção negativa da competencia profissional, anulando, por falta de estimulo material e moral, as boas qualidades que porventura possua o trabalhador.

Isto não pode continuar assim. O sr. ministro do Trabalho, que tem capacidade de sobra para es[illegible] todas as questões [illegible] suficiente para lhes dar solução, precisa de examinar êsse problema do regimen de trabalho, modificando, se o prejuizo [illegible] e com vantagem para todos a lei actual das 8 horas de trabalho, que é simples, cada dia. Não temos duvida em dizer [illegible] de uma [illegible] geral [illegible] é o nosso ponto de vista nesta questão, que, ao contrario do que muitos [illegible], é de uma grande simplicidade.

Entendemos, em primeiro lugar, que deve manter-se o regimen normal de 8 horas de trabalho diario. Somos de opinião que deve ser livre o acrescimo de trabalho [illegible] que seja continuação [illegible] do que foi [illegible] especial deve [illegible] produzido em serões.

Temos, pois, duas qualidades de trabalho: aquele que se faz em continuação de [illegible] e aquele que se produz em serões. Na primeira hipotese, as horas extraordinarias além das normais, devem ser pagas multiplicando-as pelo quociente que resulta da divisão por 8 do salario total resultante do trabalho [illegible] hipotese, isto é, nos serões o preço das horas de trabalho deve resultar do acordo entre o patrão e o operario.

Ficamos hoje por aqui. Não porque a questão não seja susceptivel de maior exame, mas porque queremos aproveitar o resto do espaço para trocar com «A Batalha» algumas palavras de conversa amena.

Confirmo e verificamos [illegible] documento do, «A Batalha» confessou que, no seu plebiscito ácerca da historia da Pena de Morte, não publicou todos os votos que lhe foram enviados, elude a legitima conclusão que apenas deu á publicidade os que [illegible] fez com «A Capital», que apressadamente deu o seu voto contrario á Pena de Morte, sem que «A Batalha» o arquivasse nas suas colunas nos precisos termos em que foi formulado, — como, de resto, era do seu indiscutivel dever.

Isto, porém, não tem grande importancia. O que porém, é estranhavel, é que «A Batalha» venha afirmar-se hoje partidaria da pena capital. Então, é bico ou cabeça? E para aqueles que estranhem uma [illegible] repentina mudança de opinião, oferecemos nós êste trecho que pedimos licença ao prezado colega do libertario sindicalismo [illegible] transcrever:

«Manuel Ramos matou um homem e certo. Mas, [illegible] Perseguido pela polícia [illegible] fugir á defesa. A certa altura [illegible] fez-se-lhe frente para o deter. O fadista de defesa determinou o seu gesto, de o derrubar para ter o caminho livre. Quem não procederia do mesmo modo? Haverá alguem que fugindo a ser preso e á propria morte, seja êsse alguem quem fôr, [illegible] o patrão [illegible] inocente [illegible] a sua salvação não se exaspere mais, se alguem se antepõe á satisfação do instinto de [illegible] proprio?»

Matar para [illegible] foi cometido um assassinato voluntario, é, para «A Batalha», um caso de legitima defesa! Não admira que assim pense a tal teoria defendida [illegible] preconizou, e o cadeie e grosso [illegible] nada [illegible] mostra [illegible] homens, [illegible] trabalhadores, [illegible] de [illegible] legitima def[illegible].

Mas [illegible] isto é [illegible] logica e obedece ao mot d'ordre da destruição que «A Batalha» recebe do centro [illegible] é a U. S. O. E, para de tal ficarmos absolutamente certos, ahi vai um exserto [illegible]:

«[illegible] das [illegible] [illegible] Moscovia a [illegible] seu pensamento [illegible] A Internacional Sindical Vermelha [illegible] as [illegible] revolucionario [illegible].

Passaram-se varios meses. O [illegible] Sindical Vermelha. O [illegible] [illegible] ao conselho detem [illegible].

[illegible] «A Batalha» [illegible] com a fraqueza de [illegible] e dos Trotskys [illegible] Republica Sovietica da Russia [illegible] reformadores [illegible]. São uns cobardes [illegible] «A Batalha» e a U. S. O. podem contentar-se, por agora, com os milhões de desgraçados que na feliz Russia morrem de fome, [illegible] a cara dos discipulos [illegible].

A LEI 1040

Logo depois de Monsanto e da monarquia do norte, no tempo do ministerio José Relvas, a explosão de colera popular irrompeu no «meeting» do Coliseu reclamou vivamente do ministerio uma lei que permitisse efectivar a depuração do exercito. Esta foi a primitiva origem da lei 1040 sugerida na parte ou no todo por elementos que compuzeram mais tarde o chamado «grupo dos 1 [illegible]» e que evoluindo segundo as necessidades do momento, constituiriam quiçá a parte mais altiva dos que ultimamente são designados por «outubristas».

Essa lei 1040 excluiu do exercito perto de 100 oficiais e demitiu os que por diversos motivos se expatriaram desertando. E o total dos elementos separados por estes dois processos da familia militar estava muito longe de representar o numero dos oficiais envolvidos no movimento ou por contagião ou por espirito de obediencia e que possivelmente ascenderia a perto de quatrocentos.

Nunca fomos e hoje menos do que nunca o seremos, politicos de odio ou de retaliações. [illegible] se incidentalmente se demonstra que nos lamentaveis acontecimentos de 1919 uns foram punidos e outros não — e simplesmente para pôr em foco uma disparidade que não deve subsistir para decoro e consolidação dos principios a que devemos obediencia e respeito. Evidente se torna que a lei atingiu todos aqueles que deixaram apoz si provas materiais da sua sublevação e uma simples assinatura numa nota ou num documento oficial foi o suficiente para muitos. Para outros — e alguns até em logares de confiança — claramente vistos entre os sublevados mas contra os quais não existia fundamento legal não houve perseguição nem exclusão.

Os factos são antigos mas a lei 1040 poz em relevo uma disparidade de situações de todo o ponto injusta. Com a mesma responsabilidade, a mesma culpa uns continuaram na posição que haviam conquistado, outros viram-se forçados a actividades estranhas ao seu labor normal, muitos a uma carencia absoluta de recursos.

Uma tal anomalia devia forçosamente causar reparos. De facto a lei 1040 foi discutida por proposta do sr. H. Meira. Os elementos que haviam sido demitidos sem reforma serão incluidos na lista dos pensionistas. Mas a pensão que era arbitrada a uns e vai agora ser dada aos antigos demitidos, sofrerá uma notavel modificação e de tal maneira fica reduzido o «quantum» da sua totalidade que assume proporções verdadeiramente ridiculas.

Não é possivel admitir modalidades diversas de um mesmo castigo para uma só pena unica e indivisivel. Mas muito menos possivel é admitir-se que as necessidades materiais imprescindiveis sejam reguladas por forma diferente. Uns terão a reforma que o Estado presentemente arbitra aos seus servidores aposentados. Sem discutir se é pequena se é grande — basta que se saiba que é a que todos teem, é aquela com que todos contam e é em resumo aquela com que deverão viver melhor ou peor. Outros, mercê de subtis considerandos, vão auferir quantias que não devem ir alem de vinte e cinco ou trinta escudos mensais. E isto é-lhes por assim dizer atirado á face com enfado e mau modo.

Decerto se fazem entre nós cousas espantosamente notaveis pela sua inepcia [illegible] sua maldade. Distribuir a [illegible] mesma classe rações — chamemos-lhe assim! — inteiramente desiguais é ir de encontro a leis fundamentais da justiça e do criterio e nem a propria natureza se julgou autorisada a criar desigualdades desse jaez. Todos os homens respiram da mesma forma, comem da mesma forma, Comem, sobretudo, da mesma forma!

Einstein vai a Paris

PARIS, 23. — O celebre sabio Einstein vem a esta cidade fazer seis conferencias sobre a teoria da relatividade. Deve-se lembrar que Einstein se recusou a assinar, durante a guerra o celebre manifesto dos noventa e tres sabios, pondo em risco a sua situação scientifica na Alemanha. — (H.)

Hora do pecado

O ministro das Colonias
E até todo o Ministerio
— Digo-o já e sem cerimonias —
Vive num grande misterio...
Pois não sabem? Eu lhe conto,
Tal como ouvi contar,
Sem tirar ponto nem ponto.
Vem ha anos do Ultramar
Creio que num mez de a[illegible]
Enviadas por Macau
Muitas libras, 18000
Meus senhores: ele é bem mau
Mas o caso curioso
E' que o pobre do ministro
Que nunca viu, venturoso,
Um achado tão sinistro
Pregunta por cada canto
Como um espectro a tremer:
«O dinheiro é tanto, tanto,
Que não sei que lhe fazer»
E enquanto as ilusões
Vão marchando e vão correndo,
Nomeiam-se comissões
Para o trem distraindo...
Que destino tão igual
Ao «Trauliteiro», o malfarrico,
O nosso, o de Portugal
Como ele novo rico...
Numa angustia feiticeira,
Vejo-o para a côrte
Abraçado ao «Trauliteiro»
A chorar a sua sorte...

TINTA PERMANENTE.

Caminho direito

A proposito do nosso editorial de ontem recebemos a carta que a seguir publicamos:

Sr. Director — O jornal de V. de ontem, ocupando-se dos horriveis sucessos da noite tragica de 19 de outubro admira-se e com justificada razão de só 1 civil se encontrar preso, o que não tem sucedido com elementos militares, e assim permita-me V. que eu chame a vossa atenção para o seguinte:

Porque razão não se averiguou ainda quem foi que no Governo Civil autorisou a abertura de calabouços para nessa noite soltar presos que lá estavam de responsabilidade? Quem foi que ordenou o armamento de agentes e policias que nessa noite andaram acompanhando grupos civis? Quem foi que a seguir ao 19 de outubro foi arrancar do Ministerio do Interior um processo que lá estava arquivado e deste arrancou algumas folhas que serviram para expulsar da policia de investigação varios agentes e até o chefe Sequeira todos com larga folha de serviços á Republica e ao publico? Quem foi e que serviços é que alegou para pôr em lugar do chefe Sequeira o actual chefe Xavier?

Quem foi que na noite tragica de 19 de outubro andou de «gorra» com os revolucionarios e até apoiou os mortiorios? Não será interessante saber-se tudo?

Parece-me que para isso bastaria que o sr. ministro do Interior mandasse proceder a uma rigorosa e imparcial sindicancia e creia V. que muito se havia de averiguar. — De V. etc.

Manuel Alves de Oliveira — ex-agente da policia de investigação

A conferencia sobre o Oriente

PARIS, 22. — Os 3 ministros dos negocios estrangeiros da França, Grã Bretanha e Italia resolveram enviar um telegrama aos governos de Constantinopla, Angora e Athenas propondo-lhes a conclusão de um armisticio [illegible]. As hostilidades cessariam entre a Turquia e a Grecia [illegible] data a determinar posteriormente, as tropas conservariam [illegible] geral actual, os elementos avançados recuariam de forma a deixar 10 quilometros entre as respectivas frentes. Este armisticio seria valido pelo praso de 3 mezes e seria renovado sem aviso previo até á assinatura dos preliminares [illegible]. — (H.)

A viagem do principe de Galles

LONDRES, 23. — O principe de Galles deverá estar de regresso da sua viagem á India e ao Japão em vinte de junho. Haverá uma grande recepção em sua honra. Tres dias mais tarde o principe celebrará o seu vigesimo oitavo aniversario. — (H.)

A ETERNA QUESTÃO

COMO PENSA O SR. MAURA E COMO PRATICA A POLICIA DE REPRESSÃO DO JOGO

De quando em quando uma brigada de policia com lusido estado maior assalta um pacato segundo andar às horas mais extraordinarias, as horas mais incongruentes.

Os pilares da justiça prendem as pessoas que lá estão dentro, fecham as portas cuidadosamente e levam a mobilia para o Governo Civil. No dia seguinte libertam os presos, vendem a mobilia e tornam outra vez a abrir a porta. Chama-se a isto o assalto a uma casa de jogo e explica-se o que está sem vezes explicado: que sendo o jogo prohibido por lei é severamente proibido jogar—e a policia age para evitar um intoleravel abuso. Um abuso imoral.

* * *

Para tornar possivel o assalto ao segundo andar e transportar a mobilia e vender os tarecos e prender os pontos, ha uma policia especial, destacada do cadaver da outra e quasi tão cadaverica como ela. No principio das cousas esta policia começou—como o imposto em Roma—por não existir. Durante um tempo possuiu meia duzia de agentes. Hoje deve ter centenas. E esta multidão de individuos que custam ao Estado quantias quasi fabulosas em comparação com os serviços que produzem—trata da vida como póde. Uma parte assalta, outra previne antecipadamente os pontos, outra ainda pesca nas aguas turvas do momento, quando cada qual procura escapulir-se. E com esta fantasma de disposição de lei a cumprir praticam-se, como é do dominio de toda a gente, atropelos de toda a ordem, parcialidades, protecções, excepções e compadrios. Outro abuso intoleravel tambem. Mas este é moral!

* * *

«A Capital» não pratica o jogo como modo de vida nem como distracção. Mas sempre aqui se advogou a necessidade de reduzir o mal ao minimo possivel. E reduzir o mal, circunscreve-lo, consiste simplesmente em regulamentar o jogo. E' esta imoralidade que se nos afigura a solução mais moral e proveitosa. Aqueles que pugnam pela extinção do jogo que digam, que expliquem os meios de que podem servir-se para conseguir esse «desideratum». E se eles na realidade conseguirem o eterno desejado, ninguem rejubilará mais do que nós. Mas sem reeditar as conhecidas objurgações, as velhas opiniões, velhas como as barbas de Caim, que ha centenas de anos se escrevem acerca do jogo, está hoje patente dum modo claro e irrefragavel que é impossivel evita-lo e que todas as exibições dispendiosas da autoridade para desarmar «temporariamente» uma roleta aqui ou além, são perfeitamente inuteis e,—o que é perigoso para o principio de autoridade,—perfeitamente ridiculas.

* * *

Este «cansado chá que ferve» pela milesima vez, é preciso requenta-lo sempre, bebe-lo, da-lo a beber de quando em quando. E' necessario, é urgente reduzir, tentar aniquilar por todas as formas a Mentira Convencional que nos rodeia. Todos nós sabemos que é imoral suprimir tres mezas de monte, quando duzias delas continuam funcionando; e todos sabemos tambem que os elementos que tem por fim suprimir as duas outras desamparadas, não ignoram que existem dezenas delas por toda a parte. Proceder como se procede não engana ninguem, nada remedeia, dá um triste espectaculo, desvirtua todos os principios de obediencia, corroe todos os sentimentos de decencia. E todo o aparato indisciplinado para uma cidade que se supõe civilisada, patenteia este contrasenso que seria hilariante se não fosse deploravel: meia duzia de Dons Quichotes vestidos de policias esgrimindo contra uma das velas dum imenso moinho que engloba toda a cidade.

Este infeliz principio de não bulir naquilo que se reputa bom e estragar aquilo que se define mau, aceitando em bloco e condenando em massa, vai dar um resultado verdadeiramente fantastico: Lisboa será dentro em breve a unica capital europeia onde de quando em quando se verá gente a fugir pelos telhados porque estava jogando e agentes da ordem organisando assaltos em pleno dia contra «clubs» cuja existencia é legalmente conhecida. E não falando já em toda a tralha imensa de lamentações que origina e provoca o estado deploravel a que chegou a nossa capital—teremos ainda de acrescentar um vexame para todos nós, para os estrangeiros ocasionais como seja o de correrias, ajuntamentos, discussões em plena rua e no fim a trasladação de cavalheiros arreliados entre uma fila de policias com destino a um calabouço fetido.

Basta de mentir! Basta de hipocrisia que só dá desprestigio ao principio de autoridade que urge salvar a todo o custo. Assaltos são vexames inuteis—repeti-lo-hemos sempre.—Repressões totais de jogo utopias, candidas, revestidas duma ingenuidade que não ilude ninguem,—nem os proprios que os mandam executar.

* * *

Sabidas estas verdades tão velhas, tão repisadas ocorre perguntar porque se não regulamenta finalmente o jogo. Um dito sugestivo escapado ha perto de dez anos a um parlamentar quando nos principios da Republica se discutia o jogo no senado, vem explicar explicar alguma cousa:—«A regulamentação do jogo será a «poire-á-soif»», dizia ele. Queria este politico significar que teria proventos chorudos quem fizesse a regulamentação? Poderá apenas inferir-se desta frase que as quantias provenientes dessa regulamentação viriam abastecer os cofres publicos quando eles estivessem quasi vasios? Não é facil definir claramente o que esse homem publico pretendia dizer com a sua reticencia—mas o certo é que desde então manifesta, evidente passividade atinge todos os organismos vivos sempre que a questão volta á téla.

Os proventos que adviriam para o Estado são indiscutiveis. Quando todas as nações o reconhecem, quando o catolico e conservador sr. Maura é o primeiro a restabelecer as bases duma regulamentação em Espanha, quando a Republica brasileira fundamentalmente catolica e religiosa permite o jogo mediante condições que redundem em beneficio do Estado, quando por toda a parte se pensa em limitar o mal, utilisando-o em vez de tentar inutilmente destrui-lo,—entre nós o problema não parece ter envergadura suficientemente vasta para tentar amania reformatoria dos nossos parlamentares.

E' indiferença pelo assumpto? Não é possivel rotular assim uma questão que o sr. Anselmo de Andrade não hesitou em apelidar um grave problema economico, num artigo publicado recentemente pela «Capital».

E não sendo indiferença, que será? Tartufismo? Quichotismo?

Academia de Instrução Popular

Esta antiga escola gratuita, para educação de raparigas, abriu agora uma inscrição especial para rapazes dos 5 aos 7 anos, ou mesmo para mais edosos que possam custear parte das suas despezas as quais, largamente, em todo o caso, ficarão a cargo da escola. Continua de resto, como sempre, aberta a matricula para meninas analfabetas ou não, quer possam quer não possam dispender com a sua educação.

Centro Reformista de Lisboa

A Comissão liquidataria do Centro Reformista de Lisboa, convida aqueles individuos que se julguem com direito a receber alguma importancia de credito ao Centro em liquidação, e possuam documentos firmados pelo saudoso Vice Almirante Machado Santos, a apresentarem as suas contas até 31 do corrente mes de Março ao Tesoureiro da Comissão, na Rua das Flores 114.

Excursionistas "Foto"

Constituiu-se recentemente este grupo, a fim de, em passeios e excursões por ele organisados, fazer uma larga reprodução fotografica das belezas do nosso paiz.

A saude de Jorge V

LONDRES, 23.—O estado de saude de Jorge V é bastante melhor tendo já tratado de varios assuntos mas devendo guardar ainda os seus aposentos por alguns dias.—(R).

A agonia da Russia

Não é só a região do Volga que tem fome e frio; são os nove decimos do territorio sovietico.—Contudo em Moscou dança-se com entusiasmo e os teatros não comportam o publico

Enquanto que no Ocidente se estudam os meios de resolver os grandes problemas politicos e economicos do presente, na vespera da conferencia de Genova, que, parece, será o ponto de partida da obra grandiosa da reconstituição economica da Europa, e, muito particularmente na Russia, —a Russia agonisa.

E' verdadeiramente estranho e terrivel o espectaculo que ahi se desenrola.

Noticiam de Tsaritsine que nas regiões famintas a situação peora.

A população do districto de Lenine (que ironia!) morre de fome!

Na cidade de Verkine-Akhtouba, nada menos de 12.074 pessoas entravam na agonia. No districto de Novo Kolaievski, a mortalidade atinge 80 % da população e no de Novo-Nokolski 90 %.

Na republica de Tchouvache morrem em média, por dia, 270 pessoas.

No departamento de Viatka a população dos districtos de Zikov e Ianask já perdeu 60 % da sua totalidade. No districto de Pougatchev (departamento de Samara) troca-se um gato por uma criança; os camponezes desenterram os cadaveres e devoram-nos; a mortalidade atingiu em fevereiro uma média de 180 pessoas por dia. No departamento de Oufa, as cooperativas ruraes encarregam-se da distribuição dos cadaveres dos camponezes mortos de tifo e de outras doenças contagiosas. No districto de Deigatcher (departamento de Samara) já morreram 95 % das crianças.

Em Ukraine, paiz outr'ora tão fertil, os tres quartos da população sentem-se morrer. Por falta de viveres, a bacia de Donetz não produz quasi nada. Em Odessa, milhares de pessoas esfomeadas mendigam pelas ruas e expiram á porta dos restaurantes, onde os novos proprietarios se deleitam ao som das orquestras romaicas.

Na Crimeia, a fome é tanta, que o «soviet» regional resolveu enviar para Constantinopla todos os objectos de arte, bronzes, quadros de homens celebres, porcelanas, moveis, pedras preciosas, etc., existentes nos palacios dos ex-grão-duques para que em troca lhe dessem viveres.

De todos os cantos da Russia, partem apelos desesperados. Não é só o Volga que tem fome. São os nove decimos do territorio «sovietico». Em toda a parte ha milhares de mortes por dia, ha comedores de carne humana, epidemias, e os poucos estabelecimentos industriais que trabalhavam ainda, suspendem definitivamente a sua laboração.

Aos horrores da fome, juntou-se uma nova calamidade: a neve, os «bourans» (tempestades de neve) e os furacões. Na região do caminho de ferro de Kolitchougine, o «bouran» começou a 13 de fevereiro... e ainda dura. O Réaumur marca 25° abaixo de zero. Os transportes paralisaram na totalidade. A espessura da camada movediça de neve é de 25 metros. Ha estações, como Bogatz, Kizagai, Atchkourine e Oustaiz, que dormem com seus habitantes o sono eterno sob montanhas de neve. Alguns carros, surpreendidos no caminho pela tempestade de neve, desapareceram.

Em alguns locaes, a neve destroi os telhados das habitações.

Nestas condições não é de estranhar que os meios de transporte, que já faziam um serviço pessimo, paralisassem quasi por completo

Por este motivo a famosa campanha de abastecimento e cultura das regiões famintas encontra-se suspensa até á fusão das neves, isto é, até ao mez de abril pelo menos.

Bloqueadas por todos os lados, as cidades morrem de fome. Contudo, ainda, nestas regiões onde a miseria reina e domina, ha uma certa categoria de individuos que goza um bem estar relativo.

Em Moscou os generos atingiram os seguintes preços: 1.550:000 rublos o alqueire de centeio; 1.850:000 rublos o alqueire de trigo; 1.000:000 rublos o alqueire de farinha de centeio; 3.800:000 rublos o alqueire de farinha de trigo; 35:000 rublos cada 400 gramas de pão negro; 200:000 rublos o kilo de pão branco; 180:000 rublos o kilo de arroz; 130:000 rublos o kilo de milho miudo; 260:000 rublos a arroba de batatas; 100:000 rublos o kilo de carne de cavalo; 440:000 rublos o kilo de carne de porco; e tudo assim.

E' preciso uma fortuna para simplesmente matar a fome em taes regiões.

E' necessario ser Vanderbilt para qualquer pessoa se poder aquecer uma vez por semana e pagar o luxo escandaloso de um bocado de sabão de terra argilosa ou a lexivia que se gasta na lavagem de uma pequena trouxa de roupa.

Enquanto a morte horrorosa é, implacavel dizima os famintos, os que teem haveres gosam e dançam.

Todas as noites os teatros iluminados trasbordam de publico. Em Moscou realisam-se até «matinées».

Ha tres circos; mais de cincoenta cinemas, «halls» de musica, concertos, bailes... bailes principalmente.

Até Dzerjinski, indignado com isto, exclamava:

—«Que vergonha! Só consentem que socorram os famintos, se lhes organisarem bailes de beneficio e com orquestra militar... Era preciso fuzila-los a todos... Infelizmente são muitos!»

O proprio Trotski chegou a dizer:

—«Nós dançamos «fox-trot» sobre os cadaveres»!...

Mas, abstraindo destas exclamações, ninguem se comove demais. Os que teem meios frequentam os teatros e os bailes.

Os que os não teem, morrem de fome e de frio!...

Que fará a conferencia de Genova a este respeito?

Diz-se que Lénine não irá lá. Trotski, muito pessimista, declara, a quem o queira ouvir, que tem mais confiança numa boa baionetada nas mãos de um soldado vermelho, esfarrapado, esfomeado e desesperado pelas privações, do que na conferencia.

Tchitcherine tem tambem poucas esperanças; e como ele, Piatakoff e Kalinine.

Rakowsky e Radek, pelo contrario, teem esperanças na conferencia.

Nas salas do «comité» central executivo, ouve-se dizer, a meia voz, que Radek tem realmente razão de ser optimista.

E o povo? Esse mostra-se completamente indiferente; assim o obrigam as condições indescritiveis em que vive.

Que lhe poderá servir o que se disser em Genova, quando ele morre de fome ou frio sob 25 metros de neve?

Sonia E. Howe

Está ha alguns mezes em tratamento de repouso no Estoril esta ilustre escritora de origem russa, esposa de um capelão da Igreja de Inglaterra, e autora de interessantes livros sobre o seu „paiz natal" como são «Real Russians», «A Thousand Years of Russian History»e

Apaixonada com o triste destino da Russia tem feito numerosas conferencias a favor dos famintos do grande e desgraçado paiz, tanto na Gran-Bretanha como na França, tendo conseguido levantar seis mil libras destinadas a melhorar a sorte dos infelizes.

S. Ex.ª realiza amanhã quinta-feira pelas 21 horas na séde da Associação Cristã da Mocidade, rua das Gaivotas, mais uma conferencia sobre «as Causas do descalabro russo», que promete ser interessantissima, dada a competencia da ilustre conferencista.

A saude de Lenine

REVAL, 23.—O estado de saude de Lenine agrava-se. Vai ser examinado por um especialista de doenças de peito que foi mandado vir de Berlim a toda a pressa.—R.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Abertura da sessão á hora habitual Presidencia do sr. Domingos Pereira

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Velhinho Correia dá explicações acerca da sua atitude no caso dos T. M. E. Em resumo: o ilustre ex-ministro e actual deputado nunca defendeu que a frota mercante fosse administrada pelo Estado; o que fez foi combater uma proposta que entregava os T. M. E. nas mãos da firma Rugeroni & Rugeroni, em condições onerosas para o Estado. Esta firma devia aos T. M. E. mais de 8000 libras, que, apezar de todos os esforços empregados, até então não fora possivel cobrar. Ele, orador, quando ministro, ordenou que todos os esforços fossem empregados na cobrança; a isso atribue o sr. Velhinho Correia a campanha que contra o seu honrado nome, lhe tem sido movida por um jornal da manhã.

O governo está apenas representado, por enquanto, pelo sr. ministro da Guerra.

O discurso do sr. Velhinho Correia foi um ataque formal ao sr. Rugeroni. Alem do caso das 8.000 libras poderia se quizesse, citar outros, para provar a frequencia com que esse comerciante procura influenciar malevolamente na administração publica. O orador declara, porem, que o não faz, porque apenas procede em legitima defeza.

Falam os srs. Joaquim de Oliveira e Carlos Pereira. Assuntos puramente regionais, referentes a Braga e Peniche. O que o sr. Carlos Pereira quer é que o governo dê atenção á pesca legitima que se está fazendo nas costas do Algarve, onde se vão buscar lagostas para se venderem em Espanha. Esta questão é, aliás, tão conhecida, que não mereça maior desenvolvimento noticioso.

Chegou o sr. Presidente do Ministerio Parece que apresentará ainda hoje, qualquer questão á Camara. Efectivamente, o chefe do governo procurou imediatamente o «leader» da maioria, sr. Almeida Ribeiro, entregando-se os dois ao exame dum documento de que o Chefe do Governo foi portador. Será, por acaso, a famosa proposta de lei acerca dos indesejaveis?

O sr. Ministro das Finanças entrou no hemiciclo, sentou-se e pediu a palavra. Concedida, manda para a Mesa as propostas de duodecimos orçamentais referentes aos mezes de abril, maio e junho. Pelo visto, não se conta com orçamentos aprovados nestes tres mezes proximos!

Aprova-se a urgencia para com o projecto de lei referente ao hospital militar de Braga, apresentado pelo sr. Sousa Dias.

O credito dos tres milhões esterlinos

O sr. Carvalho da Silva pede ao sr. ministro das Finanças que lhe dê explicações acerca das condições em que foi fechado o credito de tres milhões esterlinos, aberto em Londres a favor do Governo. Formula concretamente algumas perguntas, acerca de prazo para pagamentos, taxa de juro, etc.

O sr. ministro das Finanças diz, resumidamente o seguinte: o paiz pode compr ar o que quizer, como quizer e quando quizer; o juro é o habitual, em Inglaterra; o prazo do credito é por cinco anos.

O sr. Carvalho da Silva da-se por satisfeito.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que consta da questão denominada

Diluvio dos coroneis

fabricado pela recente lei de promoções no Exercito.

Discursa, em primeiro logar, o sr. Manoel Fernando Freiria, relator.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Afonso de Lemos. Secretarios os srs. Pessanha das Neves e Sousa Varela. Aprovam a acta 36 senadores.

O sr. Aragão e Brito protesta contra o facto de não haver ordem do dia, quando é certo que jaz na Comissão de Finanças um projecto de lei concedendo pensões ás familias das vitimas da noite tragica, que seria conveniente entrar em discussão quanto antes. Tem-se gasto tempo indefinido em palestra, por isso é de opinião que, não havendo ordem do dia não sejam marcadas sessões.

Da minoria monarquica:—Apoiado! Apoiado!

O sr. Julio Ribeiro protesta contra o facto de já terem decorrido 5 meses sobre os acontecimentos da noite tragica, e ainda hoje se não tenham apurado responsabilidades.

O sr. ministro da Guerra responde que não tem descurado o assunto, tendo nomeado já um oficial de patente superior para proceder ás investigações afim de se apurarem responsabilidades aos oficiais que se encontram presos.

O sr. Santos Garcia envia para a Mesa um projecto de lei tendente a efectivar a arborisação das nossas estradas na parte continental do paiz e a evitar abusos respeitantes a destruição de pinhais montados e olivais.

O sr. Lima Alves pede ao sr. presidente que, novamente, o informe se o Senado está ou não funcionando constitucionalmente protestando contra o não haver ordem do dia.

O sr. presidente—Estamos funcionando legalmente.

O sr. Oriol Pena envia para a mesa o seguinte telegrama:—«Interpretando os desejos dos habitantes de Almada suplico a V. Ex.ª que insta com o sr. ministro do Comercio a reparação imediata das estradas evitando assim constantes desastres. (a) Administrador do concelho.»

O sr. Herculano Galhardo insta para que juntamente com os orçamentos apresentados sejam distribuidos os dos serviços autonomos.

A sessão está prestes a terminar.

Choque de comboios

O rapido trouxe um atrazo de 10 horas devido a um abalroamento nas linhas espanholas

O rapido que devia chegar ontem, como de costume, pelas 23 horas, á estação do Rocio, só chegou hoje pelas 9 e 10 minutos. Trouxe, portanto, um atrazo de 10 horas e 10 minutos. Este atrazo foi devido a um choque que se deu em Miranda, nas linhas espanholas, entre o referido comboio e outro de mercadorias, cujo fogueiro e maquinista ficaram gravemente feridos. [illegible] pudemos apurar porque o pessoal da Companhia Portugueza se [illegible] com o comboio na fronteira [illegible] ignorando por isso o que se passou em Espanha. Parece, no entanto, não haver a registar mais vitimas.

Morto á punhalada

A policia de investigação que ainda não deu por concluidas as suas deligencias sobre o crime de que foi vitima o capitão do Ultramar Luiz Vasquinhas, esteve hoje ouvindo um primo do assassinado e um sargento do exercito.

Electrico que abalrôa com um camion

O carro electrico n.º 303, que faz a carreira de Algés-Rocio e tripulado por uma praça da armada quando hoje, pelas 16 horas, ia subindo a rua do Ouro, foi abalroar com um camion.

Do choque, sem outras consequencias resultou ficar partido o salva-vidas.

Ordem publica

Foram hoje efectuadas novas prisões de jovens sindicalistas

Numa conferencia que o chefe do Governo teve no sabado passado com o sr. governador civil de Lisboa e coronel sr. [illegible], ficou [illegible] dos Transportes [illegible] presos [illegible] implicados [illegible] atentados [illegible] contra os carros electricos. [illegible] foi marcada para ontem á madrugada, mas tão bem [illegible] 22 horas já toda [illegible] do cadaver [illegible] a diligencia para hoje.

[illegible] os comissarios de divisão [illegible] das respectivas listas [illegible] a partir das 6 horas [illegible] presos.

[illegible] que haviam sido detidos [illegible] esclarecimentos sobre o caso, de [illegible] os presos [illegible] de Sacavem [illegible] Quinzena [illegible] Governo Civil [illegible] assunto.

Baroneza Kapri

A amante do Imperador da Austria esteve hoje no Governo Civil a prestar declarações

O sr. Zeferino da Silva, chefe da Policia de Defeza Social andava já ha dias vigiando uma senhora estrangeira, recem-chegada a Lisboa e que pela sua forma misteriosa de viver logo entrou a despertar suspeitas. Essa senhora que mal chegou á capital foi logo alojar-se num dos nossos primeiros hoteis, dias depois mudava de poiso indo hospedar-se noutro estabelecimento identico passando então a saltitar por varios hoteis até que assentou arraiais no Francfort.

Houve quem julgasse ver na misteriosa dama uma bolchevista perigosa, mas tais suspeitas parece terem-se desvanecido mal houve conhecimento de que ela se correspondia a miude com o imperador Carlos da Austria que como é sabido se encontra exilado por imposição dos aliados, na Ilha da Madeira. Se a suspeita do bolchevismo da dama misteriosa era motivo para se exercer vigilancia aturada sobre ela, o facto apurado de se encontrar em Portugal uma estrangeira que se correspondia com um chefe de estado que fomentou a grande guerra ao lado dos alemães, não deixou tambem de merecer a maior atenção á Policia de Defeza Social. E tanto mais essa vigilancia se impunha quanto sabido é que o exilado imperador não perdeu de todo as esperanças de erguer o derrubado trono para nele voltar a ocupar o seu logar.

Seria a dama misteriosa um agente de ligação entre o deposto monarca e os realistas austriacos?

A' Policia de Defeza Social cumpria averiguar o caso e daí o facto do chefe Zeferino da Silva ter amavelmente convidado a hospeda do Francfort a acompanha-lo ao Governo Civil. Uma vez ali declarou a sua identidade: era a baroneza Kapri, natural da Romania e mantinha relações intimas, demasiadamente intimas talvez, com o imperador...

Tivemos ocasião de ve-la no gabinete do antigo director da policia de segurança do Estado. E' uma senhora alta, elegantissima, de porte distinto, trajando um riquissimo costume de veludo até meio da perna bem torneada, sapato de polimento, e grande chapeu tambem em veludo e de curtas largas abas pendem rendas curtas, dispostas de forma que dão a impressão dum «abat-jour».

Não é muito gorda nem muito magra e a pele branca de leite faz resaltar os cabelos demasiadamente louros talvez ao que parece com agua oxigenada.

A barouesa Kapri pretende aparentar uma certa tranquilidade, embora se mostre apreensiva, receando talvez ficar detida.

O chefe Zeferino da Silva informa-nos porem que a baroneza não se encontra presa, tendo sido apenas convidada a ir ao Governo Civil para prestar alguns esclarecimentos e tratar de visar o seu passaporte.

—Mera formalidade e nada mais,—esclarece-nos o nosso informador.

A' hora que abandonamos o Governo Civil aguarda-se a chegada do chefe do distrito que foi ao Parlamento conferenciar com o Presidente do Ministerio sobre varios assuntos.

O capitão sr. Viriato Lobo o qual como director da Policia de Defeza Social, resolverá sobre o destino a dar á amante do exilado imperador da Austria.

Conselho de ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do interior, desde as 10,30, até ás 14 horas, tendo fornecido á imprensa a seguinte nota:

«O conselho de ministros, na sua sessão de hoje ocupou-se da nossa representação da conferencia de Genova discutindo tambem uma proposta de lei com que o sr. ministro do Trabalho se propõe estabelecer as bases em que deverá continuar-se a construção dos bairros sociais sem novos encargos para o Estado.

O conselho ocupou-se ainda de varios assuntos de administração.

A gréve dos mobiliarios

Está quasi solucionada

Em consequencia das ultimas «demarches» efectuadas, encontra-se quasi solucionada a gréve das classes mobiliarias.

Hoje registou-se a adesão de mais 10 industriais que aceitam as reclamações apresentadas pelos grevistas.

O pessoal voltou a reunir hoje na sua associação de classe.

TEATRO

Nota do dia

A imprensa, Virginia

O caso Virginia veiu até nós da seguinte forma:

José Ricardo uma tarde solicitou a nossa cooperação numa recita de homenagem que la organisar dquela gloria nacional. Pedia-nos porem para reservar a noticia visto não convir levantar susceptibilidades.

A' noite o nosso colega «Diario de Lisboa» trazia a noticia de que Virginia estava na miseria a que la ser socorrida pelos artistas nacionais.

No dia seguinte d'nossa colega do jornalismo Sofia Gelini no S. Luiz pedia em nome de Virginia que desmentissemos todas as noticias sobre a sua pretensa miseria. Vive com dificuldades mas sem que por i so possa sequer lembrar-se o nome de alguem que cumpriu para com Virginia todos os deveres que lhe competiam.

No dia seguinte vem a estupenda e infelis esmola oficial pela Assistencia Publica.

Nessa noite em S. Carlos a imprensa na mesma coesão de ideias que outrem registámos com prazer, comentou a solução que o sr. Vasco Borges precipitadamente déra ao assunto e comprometeu-se a, nos seus varios orgãos, prestar todo o auxilio a Virginia. Assim se tem feito. E «A Capital» está inteiramente ao lado de José Ricardo ou ao lado de qualquer outro organisador para tudo que no seu campo de acção possa fazer em bem de Virginia.

ARMANDO FERREIRA

O que é a peça «Ribeirinha» de João Correia de Oliveira e Francisco Lage que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro representará no Politeama

O nosso colega «O Comercio do Porto», publicou o artigo que segue, assinado por Teixeira Pinto. Como se trata de mais uma iniciativa do teatro português, muito para louvar, achamos interessante reproduzi-lo.

Outro dia, no Club Brasileiro, Francisco Lage leu-nos — a nós e a uma boa roda de amigos — a «Ribeirinha», peça que escreveu de colaboração com João Correia de Oliveira.

E' a segunda da trilogia que imaginaram e quasi realisaram já, sobre motivos essencialmente «nacionais», portugueses em todos os aspectos, por que se vejam.

Iniciaram-na com os «Lobos», vão agora na «Ribeirinha», e prometem completa-la com os «Ultimos».

E' certo que o paladar do publico está estragado para saborear esses e outros manjares de são nacionalismo. Estragaram-lho.

O «sentido» portugues, mesmo quando aparecia — e quando aparecia! — divisava-se a custo entre o drapejar de «traduções» e «adaptações» de fazer arrepios.

Momentaneamente alevantado por Garrett, o nosso teatro rastejou logo na rua da amargura até que D. João da Camara lhe lançou misericordioso olhar.

Depois tem sentido estremecimentos de esperança — infelizmente perdidos no afogo de tanta peça ruim.

O remedio estaria num revulsivo. Mas de forçal que o veneno ingerido não é de pequeno poder...

Pois um bom antidoto se busca agora na parte sã da Raça — no Povo trabalhador e puro de estrangeirices — e procura-se nas lições dos nossos classicos. Abundam os ingredientes, o quesito é saber colhe-los.

Francisco Lage?

Um rapaz de invulgar talento, culto, fino temperamento de artista. E é-o em tudo: que em tudo põe uma nota de elegancia extrema.

A sua casa, a S. Vicente, é um «refugio» encantador onde os olhos se nos ficam maravilhados.

Aqui, acolá, alem, num artistico desarranjo, á mercê da fantasia, — quadros, «bibelots», preciosos nadas, Agora a nota viva de uma sanguinea, a polychromia alegre de um cristal; logo a delicada fragilidade de uma louça, a esbelteza de um movel...

Ma — a «Ribeirinha»?

Uma joia tambem, e de peregrino lavor, que Francisco Lage e Correia de Oliveira tiveram artes de fundir num oiro de lei.

...sua leitura impressionou-nos. A voz do Poeta — que o é Francisco Lage —, aquecendo aquela prosa rimada, e doce, a um raro poder de sugestão, fazendo viver o curioso episodio.

Leva-nos a pleno seculo XII. A figura complexa da «Ribeirinha», «Senhora Branca e Vermelha», aparece a nossos olhos numa evidencia do alto relevo; e, á roda, a destaca-la melhor, a corte luxuosa e barbara de D. Sancho I.

Degladiam-se paixões selvagens. Os bosques de Amor parecem mordeduras, deixam sinais de dentes; o odio, outras feras e troneiros, ferve, referve, avermelhando de sangue os salões dos Ricos-Homens, Enrodam-se intrigas, rompendo do tumulto, perfurbadora e má, perpassa o mistério vivo da «Senhora Branca e Vermelha».

A «Ribeirinha»!

— «Ai do que tocar na sua pele! Morre-se do amores»...

Só por um grande poder de intuição artistica — que os dados historicos não vão longe — é que os auctores de «Ribeirinha» conseguiram abeirar-nos daquela época e reconstituir a efabulação do episodio. Só assim.

E Francisco Lage, antes de principiar a leitura e em algumas palavras que foram alto da sua probidade literaria, declarou:

— «Isto é a reconstituição provavel de uma época curiosa»...

Deliciosa peça, a «Ribeirinha»! Tem paginas de uma factura perfeita, opulentas de colorido e de ritmo. A psicologia das personagens, a começar pela protagonista, bem estudada.

Houve quem, de entre os ouvintes, lhe notasse, a proposito do tom genuinamente classico da linguagem uma preocupação demasiada.

Não estamos de acordo.

Francisco Lage cairia num verdadeiro anacronismo se puzesse na boca das suas personagens o portuguez deparado e perfeito dos nossos dias. Era uma profanação.

E' certo que ha precedentes, e de peso; mas o auctor da «Ribeirinha» quiz que ela nos dissesse, cla mesma, donde vinha...

Muito bem!

Literariamente a obra é um encanto, e não duvidamos que no teatro o seja tambem.

O que aqui dissemos da tendencia «aportuguezar» (somos o sublinhado) do trabalho de Francisco Lage e de Correia de Oliveira, tendencia que é tambem a de muitos Novos, leva-nos a dizer duas palavras repassadas de esperança.

E' um sintoma de vida. Portugal vive! A nova geração, sentindo como sente, trabalhando como trabalha, não o deixará morrer...

Hora de esperança, nestas horas do amargura desoladora. E, por ela, ... val que descer na salvação.

«Aportuguezar Portugal»! E' isso, escritores da minha Terra, é isso o que andais fazendo. Deus vos abençoe! e ao vosso trabalho!

Portugueses em tudo: no trabalho do campo, de sol a sol, revolvendo as leivas; no carinho do vosso lar, creando os filhos; no geito de escrever, e até na saudade das vossas lagrimas; — portugueses em tudo! E acima de tudo e de vós proprios — o interesse da Raça!

Deixai falar em vossas almas, a Vocação Lusiada, e Deus será com ela.

O trabalho ensina o amor á Terra; e o amor á Terra — que é Mãe — ensina o amor do Céu.

São as nossas mãos que nos ensinam a rezar...

Bombarral nos dias 25 e 26 do corrente com a «Emboscada» e «Migalhas».

— E' seguinte o programa dos quatro concertos que a notavel orquestra de Madrid vem realisar no Teatro de S. Carlos nos proximos dias 9, 10, 11 e 12 de abril sob a regencia do seu director Perez Casas; a para os quais terminará dentro de poucos dias a assinatura no escritorio da Sociedade do teatro de S. Carlos:

I Parte Oberon (abertura), Weber Procissão noturna (Poema sinfonico) Raboud. Redenção (fragmento sinfonico) Cesar Franck.

II Parte L'après midi dun faune (Prelude) Debussy, Dança de «El sombrero de tres picos» M. de Falla, a) Los vecinos, b) Danza del Molinero, c) Final: Danças do Principe Ygor, Borodin.

III Parte Sinfonia em mi bemol (4.ª), Glazounow.

— Carlos Viana um dos elementos de maior destaque da companhia Armando de Vasconcelos realisa a sua festa artistica na noite do proximo dia 8 de abril com a primeira representação da opereta força original de Avelino Bruno e Carlos Simões «Os Tarlatanas», estando os principais papeis distribuidos aos mais notaveis artistas da esplendida companhia Armando de Vasconcelos.

— No dia 1 de abril proximo subirá á scena no teatro de S. Luiz em repriso a encantadora opereta «A boa casa» inspirada partitura de Audan, que ha bastantes anos se não representa entre nós, e que tantos aplausos obteve quando representada pela actriz Palmira Bastos no teatro da Trindade. Nesta sua «reprise» será a actriz Auzenda de Oliveira quem fará a protagonista.

— As peças «Luzitonia» e «Bodas de oiro» de Luna de Oliveira e Vasco Mendonça Alves só subirão á scena no Nacional para a proxima época em virtude de ter de se representar ainda esta época o original de Afonso Gaio.

— Sobe á scena em S. Carlos por estes dias «As duas causas».

— A festa artistica de Ilda Stichini realisar-se-ha com a reprise de «Triste viuvinha» é uma peça em um acto original portuguez.

— Tem estado doente o actor Joaquim Costa em virtude do que será adiada a primeira de «Primerose» para a semana.

Espectaculos recomendados
S. CARLOS — ás 21 — A vida
S. LUIZ — ás 21 — Sua Alteza Volsa...
CENTRAL — Filme de sensação

Noticiario

Portugal

Amanhã, sabado e domingo, faz-se em S. Carlos «reprise» da peça «Duas Causas», para estreia da artista Maria Pinto, em declamação.

Na segunda-feira ultima da peça «A Vida». Na terça-feira «reprise» de «A Ventoinha» em que entra pela primeira vez Alves da Cunha e Joaquim Preta. A 5 de Abril festa e despedida de Alves da Cunha com os «Tubarões».

— A companhia Emilia de Oliveira e Ernesto Rodrigues dão espectaculos no Teatro Eduardo Brazão do

Salão Central

HOJE — *Soirée ás 20 horas* — HOJE

Elmo, o Temerario

Protagonistas: ELMO LINCOLN e LUIZA LORRAINE

6.ª SERIE

A batalha submarina — 2 partes

7.ª SERIE

A casa dos misterios — 2 partes

8.ª SERIE

Cruzamento fatal — 2 partes

No programa

Rei do Cartão

Admiravel drama em 2 actos com soberba interpretação dos artistas Jachie e Saunders e Rolaq Bottomley

Delito de uma mãe

Drama em 6 actos com soberba interpretação da artista

MAE MURRAY

A situação na Irlanda

LONDRES, 23. — O sr. Churchill declarou nos Comuns que tinha recebido telegrama do Sir James Craig e do governo provisorio irlandez em que se faziam referencias aos ultimos raids, fazendo-se tambem violentas acusações comuns. Sem duvida que a situação da fronteira é muito lamentavel e inquietante e esta questão deve ser examinada no mais breve espaço de tempo possivel pelo governo inglez. Seria da maxima conveniencia conseguir que se realisasse um encontro ent e os representantes da Irlanda do Norte e da Irlanda do Sul.

Examinando o caminho que as coisas seguem aqueles que se opõem a esse encontro assumem uma grave responsabilidade. Isto foi dito provavelmente por causa da atitude de Sir James Craig que depois de ter voltado de Belfast se encontra pouco disposto a entrar em novas negociações com a Irlanda do sul enquanto que o sr. Collins deseja encontrar-se com aquele senhor e mesmo tinha combinado encontrar-se com ele daqui a alguns dias tendo recebido a informação de que Sir James Craig tinha mudado de opinião e não desejava ter mais relações com o governo da Irlanda do sul.

O governo britanico espera ainda manter a paz na fronteira e trabalha energicamente para conseguir um entendimento entre as duas Irlandas.

Ha grandes receios de que dum momento para o outro se efectuem matanças de catolicos em Belfast o que daria lugar a retaliações por parte dos seus correligionarios do Sul. — (R.)

Directorio dos Grupos de Defesa da Republica não Federados

Reuniu ontem o Directorio dos Grupos de Defesa da Republica não federados afim de apreciar um desmentido publicado em varios jornais da manhã tendo resolvido.

Dar conhecimento, que este directorio reuniu afim de protestar contra as nomeações que veem sendo feitas na Madeira, para o exercicio de cargos administrativos, algumas dessas nomeações, que recairam em individuos até pronunciados, por terem exercido perseguições contra republicanos. Apoiar a nomeação do insigne republicano dr. João Ferreira para governador civil do Funchal.

Por ter sido desmentida esta reunião, o directorio resolveu:

Dar conhecimento aos intriguistas, e bandoleiros, caciques e arrangistas, que por estes e outros processos, teem conseguido situações que não merecem, e logares de honra nos gabinetes ministeriaes, que este directorio existe apenas para defender a Republica das garras dos seus ligados inimigos, e ainda dos falsos republicanos.

Foi aprovada ainda a seguinte moção:

O «Directorio dos Grupos de Defesa da Republica não «Federados»», saúda o governo da presidencia do insigne republicano sr. Antonio Maria da Silva, pela sua atitude patriotica que empreendeu, mantendo a ordem, e defendendo os principios puramente republicanos.

Saúda o prestimoso republicano Madeirense sr. dr. João Ferreira, na certeza que saberá, como até aqui, defender o programa do P. R. P. e o prestigio do partido naquela ilha.

A proxima reunião é na séde do Gremio dos Jovens Lusitanos.

Este directorio, convida todos os republicanos a comparecerem no proximo domingo, pelas 13 horas, na residencia do sr. Carlos de Magalhães Ferraz audaz propagandista da Republica, e do Livre Pensamento que se encontra gravemente enfermo.

Centro Escolar Republicano Almirante Reis

Por deliberação tomada pela Direcção e pela comissão Escolar deste Centro, em sua reunião conjunta de 16 do corrente, foi criado um curso Comercial, compreendendo as seguintes disciplinas:

1.º ano — Portuguez, 1.ª parte; Francez, 1.ª parte; Aritmetica Comercial, 1.ª parte; Teoria Geral do Comercio e Escrituração Comercial.

2.º ano — Portuguez, 2.ª parte; Francez, 2.ª parte; Aritmetica Comercial, 2.ª parte; Contabilidade Geral.

As matriculas para a frequencia deste curso, acham-se abertas todos os dias uteis das 20 ás 24 horas, na séde do mesmo Centro, R. do Bemformoso, 60, 1.º, onde se dão todos os esclarecimentos necessarios.

SPORT

AUTOMOBILISMO

II Corrida da Rampa da Pimenteira

Vai realisar-se a 23 de abril organisada pelo jornal «Os Sports»

Como temos dito, vai realisar-se a 23 de abril proximo, a importante corrida de automoveis denominada «II Corrida da Rampa da Pimenteira» no percurso de 1500 metros, organisado pelo jornal «Os Sports».

A inscrição está desde já aberta até ao dia 13 de abril.

Comunicam-nos os organisadores que alem da taça «Goodyear» — cuja fotografia já reproduzimos, ha uma outra taça, denominada S. E. V., oferecida ao jornal organisador pela firma Artur Mimoso, Limitada, e que se destina ao concorrente que faça a largada mais rapida nos primeiros quarenta metros.

Para a inscrição, que é feita em boletins fornecidos por «Os Sports» devem-se observar as seguintes clausulas do regulamento geral, que já publicamos. A taxa de inscrição para esta corrida por cada carro é de:

a) Para automobilistas amadores portuguezes ou estrangeiros, 60$000;

b) Para representantes de marcas com séde no paiz, 120$000, segundo o disposto no artigo 7.º do regulamento.

As categorias de carros serão agrupados da seguinte maneira, segundo o disposto no artigo 10.º:

1.ª categoria — Até 15 cavalos, inclusive;

2.ª categoria — Até 30 cavalos, inclusive;

3.ª categoria — Superior a 30 cavalos.

A força em cavalos será determinada pela formula adotada pela Comissão Tecnica da Circunscrição do Sul.

«Os Sports», de acordo com o juri da prova, reserva-se o direito de admitir sub-divisões nas categorias, ou de as modificar conforme as necessidades que possam surgir, mas deverá torná-las publicas oito dias, pelo menos, antes de se efectuar a corrida, a fim de que todos os concorrentes sejam devidamente elucidados sobre a ordem de força, e respectiva categoria, em que os seus carros são tomados.

Esta importante prova é oficial, visto que o Automovel Club de Portugal autorisou a sua realisação.

Sabemos de ante-mão que muitos representantes de marcas estrangeiras já pediram autorisação aos fabricantes para correr.

Entre outras marcas, consta-nos que tomam parte na corrida carros «Dodge», «Citroen», «Opel», «Bignan-Sport», «Adas», «Dion-Bouton» e outros.

O regulamento da prova que já está impresso, já foi destribuido aos principais representantes de marcas e automobilistas amadores.

Qualquer esclarecimento sobre esta importante prova pode ser pedido na redacção de «Os Sports».

NOTICIARIO

LAW-TENNIS

Abriu já a inscrição para este torneio, que compreende as provas de «men's doubles» e «men's singles». O regulamento respectivo está já afixado na sede do Club e indica que a prova de «men's singles» servirá para a organização das «escadas de categorias», que desde então ficarão funcionando.

A inscrição encerra-se na proxima segunda-feira, 27 do corrente, começando as provas no dia 1 de abril.

Este torneio é a primeira prova do programa elaborado pela comissão tecnica para a presente epoca, o qual foi impresso e está sendo distribuido pelos socios. O referido programa contem a classificação de todos os jogadores do club em quatro categorias, trabalho este realizado pela comissão tecnica, tendo em vista os resultados do ano anterior.

LUTA NO GINASIO CLUB

No fim do corrente mês realiza-se no salão do Ginasio Club Portuguez uma «poule» de luta, reservada aos socios daquele club, como preparação para o campeonato regional de luta que se realiza em maio proximo.

[illegible] se de luta em [illegible] sido muito [illegible] continuando a ser obsequiados [illegible] Claudio de Oliveira.

No dia da «poule», alem de varios assaltos, haverá tambem [illegible] assaltos demonstrativos por Claudio de Oliveira e alguns dos seus discipulos.

UMA FESTA DA MI-CA-RÊME NO G. C. P.

Começaram ontem, com grande afluencia de socios, a entrega de bilhetes para a festa da «Mi-carême» e a marcação de cadeiras para camarotes, continuando este serviço até ao dia 25, das 21 ás 23 horas, mediante a apresentação do bilhete de identidade e quota de março.

O programa, caprichosamente elaborado, tem despertado justificada animação.

LIGA AFRICANA [illegible]

A fim de se organizar esta secção na Liga Africana, são convidados todos os africanos já socios e os que o queiram ser, a reunirem-se amanhã, ás 21 horas da noite, no Largo do [illegible], 2.º

CLUB NAVAL

Com grande concorrencia realizou-se a reunião da assembleia geral ordinaria deste club, para apreciar as contas da gerencia e relatorio de 1921, apresentadas pelo conselho director.

O presidente da assembleia geral sr. D. José de Noronha, abriu a sessão fazendo o elogio á forma como o conselho director geriu o club, não só tecnicamente, como na parte financeira, e pedindo a todos os socios presentes para analisarem bem as propostas que o conselho director apresentava no relatorio.

Entrando na ordem da noite o sr. presidente mandou ler o relatorio que depois de largas considerações feitas pelo presidente do conselho director é aprovado por unanimidade de votos havendo nessa ocasião muitos vivas ao Club Naval de Lisboa e ás suas prosperidades.

PROVAS DE ATLETISMO

Tres aspectos da prova pedestre Cross-Country, de 5 quilometros, que o jornal Os Sports levou a efeito no dia 5 deste mez. A gravura representa no primeiro aspecto Cecilio Costa, o vencedor, no segundo Cecilio Costa seguido de Artur Santos e o corredor profissional dinamarquez Christensen que correu por fóra fazendo o percurso em menos tempo

---

ALBERTO PIMENTEL

HISTORIA SENTIMENTAL DE UM CALO

I

Capitulo em que se fala de Musset e outros escritores francezes, machos e femeas

Em certa altura da rua do Bomjardim, quasi em frente do alto da Fontainha, houve outrora no Porto uma loja de barbeiro, que facilmente se reconhecia pela bacia de latão e um frasco de sanguesugas sobre a padieira da porta.

Naquela epoca êstes emblemas da profissão dispensavam a taboleta. E o oficio de barbeiro, se não alcançava como actualmente com o epiteto pomposo de cabeleireiro ou *coiffeur*, era com tudo muito mais complexo e talvez relativamente mais rendoso do que hoje em dia.

Aquele mester não representava, em boa verdade, uma unica profissão, mas um grupo de profissões, e saber o barbeiro fazia barbas, cortava cabelos, tirava dentes, extraia calos, dava sangrias, aplicava sanguesugas, afiava navalhas, amolava tesouras e informava os freguêses no respeitante a todos os acontecimentos da cidade, quando menos do bairro.

Havia já alguns dentistas estabelecidos, como, por exemplo, o Pinoc na rua Santo Antonio, o Lara Rolão na rua Chã, e o Soares naquela mesma rua do Bomjardim, mas pagavam-se bem e por isso só tinham clientes na burguesia rica, nas familias nobres, que não eram muitas, e no alto funcionalismo.

Dai para baixo toda a outra população da cidade, quando precisava tirar um dente, recorria ao barbeiro.

Mas, para aparar calos e deitar bichas não havia ainda especialistas, de modo que o barbeiro conquistava a confiança das familias, não só pelo segredo profissional de tratar ás mazelas da boca e dos pés, como tambem, o que era mais importante pela aplicação das sanguesugas em ambos os sexos nas regiões do corpo humano intermédias aos pés e á boca.

Porque esta ultima prerogativa era certamente muito superior á de golpear com a lanceta a pele de um braço nu, que o barbeiro descobria e tocava quando exercia funções de sangrador, ainda que o braço fosse de mulher e apetitoso.

As mulheres, em geral, gostam de mostrar os braços, se elas têm a consciencia de que são perfeitos.

Mas um natural pudor as torna mais avaras quanto ao boleio das formas que os vestidos resguardam.

Mostram o que a decencia lhes permite mostrar e deixam ao sexo masculino o trabalho mental de tirar os domingos pelos dias santos, in ferir do incognito pelo cognoscivel, raciocinio aliás facilimo, como já Alfredo de Musset no-lo afirmou:

...lorsq on voit le pied, la jambe se devine.

Ora o barbeiro daquele tempo nem êsse trabalho tinha, não precisava adivinhar a perna, nem o braço, nem o peito, nem o quadril nem a coxa, nem os ombros e as costas, via tudo, apalpava-o, sentia-o, quando, de lanceta em punho, operava na plastica feminina como se fosse *anima vili* ou *chair à canon*.

Chegaria a ser um homem perigoso, se não fosse discreto, porque ele muito bem conhecia o que udava oculto ou pelo menos disfarçado.

Sabia em qual dos peitos de uma sua freguesa havia cicatrizes, e em qual dos pés tinha ela calos, — ora os calos são sempre excrescencias defeituosas em todos os pés, mormente nos femininos.

Apenas sei de uma unica mulher que ousasse — até nas cartas galantes! — falar dos seus calos e dos seus pés inchados. E talvez o fizesse por ser superior... de mais. Era aquela que pela certidão de baptismo foi Aurora Dupin, e pela celebridade literaria — George Sand.

E' verdade que esta famosa plumitiva se dava ares masculinos, fumava cachimbo como um carroceiro, escrevia como um homem, e apenas consta ter sido mulher para os seus amantes, que aliás não foram poucos.

Andava ela por Italia em companhia do dr. Pagello, que fizera sucessor amoroso de Musset, depois do rompimento com o poeta em Veneza, e a Pagello falava de Musset e a Musset dava noticias de Pagello.

Numa carta dizia ao autor de *Rolla*, que se Pagello o achava triste, o bravo Pagello que a *couvra de estrelas como uma alma virgem*, ela se desculpava alegando que lhe doía um calo — *au cor au pied*. Noutra carta encarregava Musset de ir a casa do sapateiro Michieles em Paris, comprar lhe um par de sapatos de marroquim, mais largos do que a sua [illegible], porque tinha os pés [illegible] nem Pagello nem Musset — o que foi e o que ela [illegible] se arrepiavam [illegible], e, quando aos pés [illegible] Musset [illegible] a carta e corria á rua Helder a comprar uns sapatos folgados.

Ah! que grande poeta foi Musset no amor! e que grande ingenuo... tambem!

Mas, tornando á profissão de barbeiro, como os Figaros de outro tempo tiravam para dentro quando algum apaixonado vate confiasse a boca da sua amada, na febre de querer incendiá-la com longos e frementes beijos. «Não sabe o poeta que ela tem dois dentes cariados» comentaria mentalmente o barbeiro. Como os Figaros de então [illegible], a socapa, de um sorriso [illegible] e tremente, que deslumbrava na rua ou no teatro e onde êles os Figaros, sabiam existir o vestigio de meia duzia de fomentas sanguesugas.

O barbeiro dessa época foi, não ha duvida, o fiel depositario de muitos segredos inconfessaveis e a chave incorruptivel de muitas confidencias deprimentes.

Aquele de que vamos falar era oficial na loja da rua do Bomjardim e trouxera felicidade á casa do velho Romão Baptista, que já ia estando cansado, motivo por que antevira o perigo de fugirem os freguezes.

Mas certo dia apareceu ao Romão um rapaz simpatico, insinuante, [illegible] dito, trabalhador [illegible] o seu oficial [illegible] freguezes [illegible] afluiram.

[illegible] loja de Romão [illegible]

[illegible] barbeava e penteava bem, fazia charadas e ainda as mafava [illegible] que era socialmente interessante nessa epoca — lia Paulo de Kock nas horas vagas, — era amavel, alegre e bem falante.

O velho Romão apenas lhe notava um defeito [illegible] deitar [illegible]

Mas um tal serviçal [illegible] sado, podia pachorrentamente fa[illegible] dade não é um bem ou um mal que dure sempre. O caso estava, segundo o patrão, em que o rapaz se demorasse [illegible]

[illegible] oficial de barbeiro Ernesto [illegible] apelido [illegible] Lixa que se lhe afeiçoou e muito de tomar conta dele depois de concluida a creação. Ernesto tratava-o [illegible] lhe não ser pesado, foi o proprio Ernesto que se lembrou de aprender um oficio quando já frequentava a aula de primeiras letras, o pai do professor era barbeiro com gosto a Lixa como [illegible] um rapaz de quem o filho lhe [illegible] elogiosamente. Dai a [illegible] respeito do Ernesto [illegible] ficaram surpreendidos [illegible] rapaz lhes declarou querer ir [illegible] oficio no Porto [illegible] até ao Porto ganhar dinheiro [illegible] Mas deixemos [illegible]

[illegible] o Ernesto [illegible] trabalhar no Porto.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 314 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinchassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**
CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Luiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Bedouwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Budol & C.º Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construcções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible] e frigorificos

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4035 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 24 de Março de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

A CELEBRE LEI

A lei 1040 continua a provar a sua equidade e os seus resultados são cada vez mais sugestivos. A sua celebridade está bem alicerçada. Os factos demonstram que só é toleravel não se aplicando, e quando se lhe querem introduzir modificações como as da nova lei que o «Diario do Governo» hoje publica, a emenda é peor que o soneto. Do espirito da injustiça nunca poude brotar outra cousa que não seja sempre a injustiça.

Nunca é demais esclarecer o que foi a lei 1040, a qual resultou das inspirações extremistas que vingaram nas horas perturbadas e cheias de febre que se seguiram ao movimento de Monsanto.

Era o fim dessa lei afastar do exercito todos os oficiais que se tinham envolvido na aventura da Traulitania. Esses oficiais eram mais de 400. Pois bem! Somente 100 desses oficiais sofreram os efeitos da lei.

Porquê?

Por uma rasão muito simples. Como a lei era monstruosa nas suas disposições, só duas vezes foi aplicada. Primeiro, só numa «Ordem do Exercito» demitiram-se ou reformaram-se esses 100 oficiais que facil seria demonstrar que não foram, na sua maioria, os mais culpados. Noutra ordem do exercito demitiram-se alguns oficiais desertores.

E mais nada, porque foram tantos os clamores que se levantaram contra a famosa lei que nenhum governo teve coragem de novamente a aplicar.

Agora aparece uma nova lei, correcta, aumentada, e tendo por base os materiais da primeira.

Essa lei, diz-se, vem esclarecer a outra. Na realidade, vem-a agravar, e ao mesmo tempo insere disposições verdadeiramente singulares, como as que se seguem e que estão expressas no artigo 6.º

«A lei 1040 de 30 de agosto de 1920 não é aplicavel aos oficiais graduados que optaram pelos serviços de outros ministerios.»

Que quer isto dizer? Então os oficiais que deveriam ser abrangidos pela 1040 deixam de ser perigosos por se encontrarem em qualquer ministerio que não seja o da guerra?

Semelhante circunstancia inhibe-os, porventura, de terem influencia nos seus camaradas que se encontram no exercito se realmente a possuirem? E em ministerios, que não sejam os da guerra, não se pode tambem prejudicar a Republica?

As incongruencias da lei são, por assim dizer, palpaveis. O seu caracter odioso não oferece duvida a ninguem. Não é assim que se defende a Republica. A Republica defende-se dentro da rasão, do direito e da justiça.

Pode acaso o governo do sr. Antonio Maria da Silva aplicar esta lei? Se a aplicar devidamente, como é que atingirá os 400 oficiais que tiveram responsabilidades no movimento monarquico? Mas tambem se a aplicar a todos esses oficiais, como é que só hão de ter sofrido as suas sanções os 100 oficiais, já demitidos ou reformados?

E' uma verdadeira monstruosidade, esta prepotencia de castigar só uma parte dos implicados na revolta monarquica, deixando a maior parte absolutamente impune.

A lei 1040 era violenta; violenta é a lei que o Diario do Governo hoje publica; violenta foi a aplicação do diploma arrancado á força aos governos e ao Parlamento com os clamores demagogicos, onde ecoavam as apostroles dos comicios do Coliseu. As circunstancias permitiram então crear pressões revoltantes duma turba fanatisada até ao delirio. Eram os tempos em que, por tudo e por nada, magotes freneticos iam até ao Terreiro do Paço impor de pistola em punho, como o fizeram ao sr. José Relvas, a efectivação de todas as violencias que lhe eram aconselhadas pelos seus «meneurs». Foi ahi que se criou o espirito sanguinario que um dia havia de produzir a enorme desgraça do 19 de outubro. Más agora a epoca é outra. Agora a consciencia nacional impõe a calma, a serenidade, a justiça. As arbitrariedades a que a lei 1040 deu origem não podem ficar de pé. E' necessario rever os processos em virtude dos quais só uma parte dos oficiais acusados foi expulsa do exercito. Que os verdadeiros culpados sofram castigo é justo, mas que o sofram todos, fazendo-se uma obra de pura equidade, em que se graduem as responsabilidades, e se atenda a todas as circunstancias que as possam legitimamente atenuar ou derimir.

POR MOÇAMBIQUE

Em que se prova a alta politica colonial seguida nesta provincia...

Publicamos hoje dois telegramas que foram enviados, um ao sr. dr. Brito Camacho e outro ao sr. Cunha Leal quando presidente do Ministerio, assinados por cincoenta colonos de Moçambique residentes na cidade da Beira, e que dizem respeito á venda em hasta publica do vapor «Incomati», que fazia parte da frota alemã.

São dois documentos que honram quem os subscreve. Não ha uma só palavra de comentario a acrescentar, sob pena de lhes diminuir o significado de dignidade patriotica. São assim eloquentes os dois telegramas que seguem:

«Alto Comissario — Lourenço Marques: — Por ordem V. Ex.ª foi determinada a venda do vapor *Incomati* e lancha alto-mar. Como são actualmente unicas embarcações com bandeira portuguesa que aparecem nos portos Beira e Chinde, a determinação de V. Ex.ª será mais um passo para a nossa desnacionalização. Se é por precarias circunstancias dos cofres da Provincia, *um grupo de portugueses residentes na Beira emprestará importancia ao Governo da Provincia igual áquela por que foram arrolados* e pedimos V. Ex.ª suspenda venda anunciada.»

Este telegrama contém cincoenta assinaturas.

O que foi enviado ao sr. Cunha Leal é nos termos seguintes:

«Presidente Ministerio — Lisboa: — Os residentes portugueses na Beira, na sua maioria, louvando V. Ex.ª pelo seu alto patriotismo, no intuito de proteger colonias e marinha mercante portuguesa, pedem a suspensão da venda em hasta publica, no dia 22 do corrente, do vapor *Incomati* e lancha alto-mar, que são boas presas de guerra e unicas embarcações actualmente portadoras da bandeira portuguesa nos portos Beira e Chinde. Venda projectada será um passo para desnacionalização dos nossos dominios nesta colonia. Certos estrangeiros aproveitam ensejo para afastar nossa marinha mercante da Provincia de Moçambique.»

Seguem-se as mesmas assinaturas. Estes telegramas foram enviados em Janeiro deste ano e podemos afirmar que a atitude destes honrados colonos, em quem o sentimento da Patria não esmorece, não mereceu da parte do Governo de Moçambique uma unica palavra. O vapor *Incomati* foi vendido, leiloado em praça, sendo adquirido pela companhia inglesa de navegação «Union Castle».

Sem comentarios — repetimos — que, a termos de os fazer, poderiamos despertar o excessivo zêlo de um ilustre escritor, que muito prezamos, obrigando-o a reeditar a sua grande maxima politica, *sobre a necessidade de poupar as grandes figuras da Republica*.

O que é necessario é que elas — as altas figuras — saibam poupar-se e resguardar-se dos comentarios que hoje nos dispensamos de fazer, e só pela certeza de que o publico os fará.

A exposição do Centenario

Como a cidade do Rio vae comemorar a data da sua independencia

No dia 7 de setembro do corrente ano projecta o governo brasileiro fazer a abertura oficial da sua grande exposição. Festeja-se nesse dia o centessimo aniversario da independencia do Brasil e cem anos depois dos homens de D. Pedro sacudirem definitivamente o jugo e as imposições da metropole, outros homens, os de hoje, preparam-se para mostrar ao mundo o caminho percorrido pelo Brasil independente desde os seus avós.

Um homem entre todos os homens personifica a vontade que fez surgir duma area conquistada ao mar, uma verdadeira cidade de marmore e de pórfiro. E' o dr. Carlos Sampaio, Prefeito Federal do Rio de Janeiro, um irrequieto e minusculo homem, onde scintilam faiscas de genio, todo actividade, todo nervo, que descompõe, berra e agride por um lado, encoraja, exalta, recompensa por outro, que não dorme, que não vive senão para a sua querida ideia e que está achando á força de dinheiro e á força de iniciativa o processo pratico de deitar abaixo uma colina tão alta como o nosso môrro da Graça para ao logar dela e nos terrenos conquistados ao mar pelo aterro, erguer uma cidade de sonho e de opulencia — afirmação gloriosa dum país moderno cheio de nervo, de talento, de riqueza e do ponderado espirito de equilibrio.

• • •

Nessa magnifica Exposição, cujos trabalhos preparatorios é preciso ter seguido para bem se compreender a grandeza dela, todas as nações da Europa e da America vão erguer, [...] cheira a da sua fina [...] constantes. E oferece alem disso á capital Brasileira, á cidade do Rio, uma estatua monumental, comemorativa do centenario, tal como ha algumas dezenas de anos os franceses lhe ofereceram aquela outra que no extremo do Hudson anuncia á cidade de Nova York com o genio da Liberdade iluminando o mundo.

• • •

E entretanto ha no Rio de Janeiro quinhentos mil portugueses que ainda não esqueceram, não esquecem nunca a sua patria de alem do mar e que tem sempre para ela um carinho, uma saudade e por vezes uma lagrima. Nunca como agora essa velha bandeira que vagueou pelo mundo e em todo o mundo imprimiu o seu cunho, terá ocasião de flutuar pacificamente nessa magnifica terra do Brasil que foi acolhedora para os nossos maiores e acolhedora tem sido sempre para os filhos de Portugal.

Com que ternura e comoção os exilados de Portugal não desejarão a representação digna da sua terra nessa espantosa prova de vitalidade que o Brasil vai dar ao mundo. Mas simplesmente eles desejam-na viva e toda moderna. Ao lado do esforço dos homens de todo o mundo eles querem ver o esforço dos homens da sua terra e não a fantasia dos homens da sua terra. Não querem nem o capacete de Nun'Alvares nem a espada de Afonso d'Albuquerque quando lhes respeitam muito.

Querem a certeza, a prova de que vivem ainda uma vida nacional [...]

O MOMENTO

Entrevista com o sr. ministro do Trabalho

A PROPOSITO E EM RESPOSTA A UMA PERGUNTA FORMULADA POR «A CAPITAL», O SR. DR. VASCO BORGES, MINISTRO DO TRABALHO, ASSEGURA-NOS QUE SERÃO ENTREGUES Á JUSTIÇA OS RESPONSAVEIS DOS CRIMES PRATICADOS NOS BAIRROS SOCIAES

Quando hoje, ás 14 horas, subimos a escadaria monumental do ministerio do Trabalho, não tinhamos a certeza, é claro, de obter uma breve audiencia do sr. ministro do Trabalho. O sr. Vasco Borges é, sem duvida alguma, o mais acessivel dos homens publicos portugueses. Mas é verdade tambem que a pasta que dirige é por tal forma absorvente que bem natural seria que o ilustre estadista não pudesse dispor duma escassa hora para dedicar á palestra com o jornalista.

Deu-se, felizmente, a hipotese contraria: anunciado o redactor de «A Capital», logo todas as portas se abriram, facilitando-nos o ingresso no gabinete do ministro.

Aposento elegante, as portas com [illegible] apainelados, poltronas comodas, convidando á sesta. Enfim: o que convem e é proprio dum ministerio do Trabalho no Reino da Preguiça...

O sr. Vasco Borges veiu ao encontro dos nossos desejos:

—E' sobre os Bairros Sociais que quer ouvir-me? Com muito prazer [...]

O preço do sangue

O debate sobre a lei 1239

LER AMANHÃ

A SEMANA LITERARIA
por Armando Ferreira

A SEMANA ARTISTICA
por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

AS GREVES

O sr. deputado Sá Pereira, membro da maioria governamental, pronuncia-se contra a modificação da lei actual sobre o direito á greve

Guerra Junqueiro

O IODAL

Em Espanha

O caos na policia

Os bilhetes de teatro destinados aos agentes são distribuidos pelos amigos do Comandante

"A CAPITAL" publicará brevemente DUAS EDIÇÕES

Carta de Inglaterra

A conferencia de Genova—O pedido de demissão de Lloyd George — Uma senhora na Camara dos Lords—A questão irlandesa — Balfour na Ordem da Jarreteira

E' muito improvavel que a politica estrangeira britanica em relação á conferencia de Genova ou a outra qualquer questão pendente, venha a ser por uma forma qualquer afectada pela solução da situação politica presente, seja qual fôr essa solução. A situação consiste em que a politica do governo com respeito á Irlanda tem sido severamente criticada por uma secção do partido conservador que a considera no seu conjunto inteiramente e por demais conciliadora.

A maior parte dêste partido, incluindo todos os «leaders», está absolutamente de acordo com a politica do primeiro ministro, o qual como é natural, tem por si o apoio mais cordial dos membros do partido liberal que constituem o outro sector da coligação. Por causa da divisão das fileiras conservadoras, o primeiro ministro, resentindo-se das criticas de determinados aderentes do referido partido, exigia que êste ultimo definisse a sua atitude. O resultado foi que Balfour, Chamberlain, Birkenhead e os demais «leaders» afirmaram de novo a sua completa lealdade e o primeiro ministro retirou, tendo em vista êste renovamento de confiança, a proposta da sua demissão. Dificil é, por emquanto, prever o que precisamente sucederá com os descontentes conservadores. A politica do sr. Lloyd George é a de um firme e honrado liberalismo; e, quanto a mim, parece-me provavel que a sua posição venha a ser realmente fortalecida, se a minoria dos conservadores extremistas se separar dos seus correligionarios. Eu julgo que as eleições reduziriam provavelmente o numero dos conservadores que na Camara dos Comuns o criticam. Ela poderia aumentar a representação dos partidos da esquerda — o partido de Asquith e Grey e o partido trabalhista — mas, segundo o meu parecer, os moderados do sr. Lloyd George possuiriam ainda nesse caso a maioria.

Seja como fôr, repetindo a minha anterior afirmação, mesmo que se realizassem as eleições — e eu não creio que elas se façam antes do outono — os principios sobre que assenta a politica estrangeira dêste paiz continuariam como actualmente.

E' muito duvidoso que jámais se realizasse uma inovação constitucional com uma tão pequena obstrução como a bem sucedida reclamação das senhoras que se julgavam com o pessoal direito de tomarem assento na Camara dos Lords como possuidoras do pariato. Foi uma surpreza bastante grande quando a senhora D. Astor ficara eleita para membro da Camara dos Comuns, a primeira mulher que ali tomava lugar; mas, quanto á segunda Camara, a dos Lordes, com menos tradições democraticas, era licito a todos pensar que ela se acobertaria por detraz das antigas regras e se escudaria nos precedentes a fim de resistir e por ultimo triunfar.

Ora, em vez disso, parece que nada podia ter sido mais bem vindo áquela alta camara. E a verdade é que a pretensão da sr.ª de Rhondda foi bem recebida. Ela é seguramente uma senhora de uma muito notavel habilidade e dotada de uma admiravel capacidade para os negocios. Seu pai, o primeiro visconde de Rhondda, era um opulento proprietario de minas do sul de Gales e inspector britanico das subsistencias durante a guerra. Conservara sempre sua filha em contacto estreito com os assuntos relativos aos seus negocios e ela mesma dirige agora muitas e importantes organizações de negocios com uma excepcional capacidade e, ao mesmo tempo, toma uma parte activa e empreendedora na vida publica. Por conseguinte, numa assembleia semelhante á Camara dos Lordes, a qual hoje compreende especialistas pertencentes a quasi todos os ramos do saber e da actividade, aquela senhora contribuirá para os seus debates com uma pratica experiencia dos negocios e das finanças, bem como fará uso do seu profundo conhecimento das necessidades e das aspirações da mulher. E depois a camara escuta-la-ha com prazer, visto que ela fala com grande correcção e apropositadamente, e possue essa qualidade de voz que Shakespeare declarou ser «uma excelente coisa numa mulher».

A não ser que novas surpresas venham alterar a situação na Irlanda, as perspectivas continuarão provavelmente a ser cada vez melhores. Dizem-me que se produziu ali excelente impressão pela firmeza do governo irlandez ao opôr-se do «Bill» relativo ao tratado irlandês na Camara dos Comuns em face das diligencias empregadas pelos cincoenta conservadores extremistas que o têm atacado. Este sentimento reage a favor do governo provisorio irlandês. Entretanto, de Valera parece estar desenvolvendo a reputação de um importuno nacional e de um importuno pessoalmente honrado e com reparos para tudo. Evidentemente ele não pode conservar-se socegado. A sua verbosidade durante os criticos dias do tratado foi incrivelmente ilimitada e nesta reunião da semana havida no «Dail Eireann» ele fez em muito menos de dezoito horas trinta discursos e interrompeu os discursos dos outros por quarenta e quatro vezes — tudo sem utilidade alguma.

Poucas honras ha que Arthur Balfour não tenha podido obter se êle a desejasse. Ele recusou o pariato ha anos e toda a gente aqui pensou que êle viveria e passaria á posteridade, chamando-se simplesmente o sr. Balfour. A sua distinção é dessas que não precisam do rotulo nem de pergaminhos: apesar de ser certo que corré nas suas veias o sangue de muitas das mais nobres familias da Grã-Bretanha. A Grã-Bretanha, na sua generalidade, tem-lhe mostrado quanto ela apreciou os seus esforços em Washington e eu estou em dizer que êsse apreço do publico revestiu a natureza, por assim dizer, de u requerimento ao rei e que êste compreendeu tão bem, que o proprio soberano, segundo se diz, o levou a aceitar o titulo de cavaleiro da Ordem da Jarreteira — a mais invejavel das distinções que a realeza pode conferir.

Por consequencia, êle passa a chamar-se *sir* Arthur Balfour; isso conserva-o felizmente na Camara dos Comuns. A Ordem da Jarreteira é incontestavelmente a mais exclusiva e a maior de todas as que sobreviveram á época do fabulismo e da cavalaria. Ela fôra fundada em 1348 e só foi conferida uma vez antes a um homem que não pertencia á nobreza. A honra é por consequencia, suprema no seu genero e todos se congratulam em que ela fosse outorgada. Por mais de quarenta anos que Balfour tem estado a desenvolver a sua habilidade e o seu talento a bem do seu paiz. Depois de ter passado e realizado a missão que lhe cabia como homem, ele continua sendo uma das mais brilhantes inteligencias da sua geração, e os serviços por êle prestados em Washington mostraram o puro e constante entusiasmo com que êle consagrou todo o seu poder e as suas faculdades á importantissima causa da paz e do desarmamento.

Factos e palavras

Entrei ontem numa sala fechada ha 12 anos, em casa de alguem onde o sr. D. Manuel de Bragança passou algumas horas da primavera de 1910. Os objectos estavam ainda colocados como haviam ficado depois da visita do monarca: um «bout-dorés», meio ardido, descançava ainda frio sobre o esmalte palido e esverdeado duma boceta «imperio». Depois do Rei ter saido, essa sala fechou-se e não mais se abriu. Ontem, quando o sol da manhã, este desconfiado e branco sol que fez, iluminou de novo aqueles moveis cobertos de pó e aqueles espelhos baços de humidade, eu evoquei sem esforço o palidez elegante do ultimo Bragança—e evoquei-o com pena.

D. Manuel era, afinal de contas, um pobre rapaz, medianamente inteligente, victima de taras ancestrais de que não tinha culpa, alimentado a tisanas substanciais e a injecções fortificantes, tocando pessimamente piano e gostando regularmente das francezas bonitas.

Que estupida coisa é esta convenção politica que obriga um portuguez —que como simbolo já deu o que tinha a dar—a viver entre os nevoeiros e as alamedas cortadas dos arredores de Londres—quando, em Sintra, com as saloias das Mercês ou em Vila Viçosa, com os maltezes da caça, ele estava realmente no seu meio.

Um cronista, notavel pela facilidade com que maneja o verso, e que se exibe em um nosso colega da tarde, sempre que escreve, ou pela necessidade da rima ou por qualquer outro motivo, decidiu introduzir na sua poesia o nosso colega de redação que assina com o pseudonimo de «O homem que passa».

Existe pelo menos uma reincidencia, que constituindo um reclamo indiscutivel para quem o apreciar, se torna para este nosso colega apenas uma inofensiva massada.

Ha dias houve uma matinée no Asilo Antonio Feliciano de Castilho. Foi pedida a anuencia dos artistas: Estevam Amarante, Joaquim Costa, Alves da Cunha, Nascimento Fernandes alem da de artista sr.ª D. I da Stichini. Somente o primeiro e a ultima artista compareceram, e o sr. Joaquim Costa se desculpou por carta. Alves da Cunha e Nascimento Fernandes, nem sequer responderam. Porque? Por não terem ligado importancia ao pedido? Porque não sentem a necessidade de fazer bem aos seus semelhantes? Porque não vibram nem se impressionam com a desgraça alheia?

Como quer então o sr. Nascimento Fernandes, que nós amanhã se irmos vel-o representar uma tirada sentimental, o possamos apreciar, e nos convençamos de que realmente vibra e sente, e sofre, e é sincero na comoção que frisa nas suas palavras?

E como quer o sr. Alves da Cunha, que nós amanhã, se ouvirmos chorar em scena, o actor iminente das «Duas causas», acreditemos que realmente lhe perpassa intimamente um fremito de verdadeira e sincera emoção na sua alma de artista, se ele é na vida uma pessoa que se não condoi com uma desgraça, que não sofre com uma miseria alheia, que se não impressiona com um pedido que vem daqueles que, embora nunca o não tivessem podido ver, aprenderam a comover-[illegible] a sua voz admiravel e extraordinaria?

Em consequencia do alarmante aumento do numero de assaltos aos cobradores dos bancos em New York, foi concedida licença para a instalação duma carreira de tiro para exercicio dos empregados bancarios. Nas ultimas dez semanas foram assaltados 85 empregados, sendo as importancias roubadas superiores a 350.000 libras.

O credito de 3.000.000 de libras

O que diz um jornal inglez

Sobre o decantado credito a Portugal de 3.000.000 de libras, concedido pela Inglaterra, um importante orgão da imprensa ingleza diz o seguinte:

«O que ontem caracterisou o Foreing Exchange Market foi o melhoramento no cambio portuguez, sendo devido isso á confirmação de se terem levado a efeito negociações com o Exports Credits Department do nosso governo, por intermedio do Banco Nacional Ultramarino, pelas quais, a Inglaterra concedeu a Portugal um credito de 3.000.000 de libras, pagavel em cinco prestações anuais e cujo rendimento seria aplicado pelo devedor na aquisição de mercadorias inglesas para Portugal.

Este credito será garantido pelo governo inglês, e renovado em periodos de seis meses.

E' esta a primeira vez, supomos nós, que cá apareceram titulos deste caracter e parece que esta experiencia se justifica, atendendo a que o Governo portuguez manifestou bastante desejo de colocar o pais em salutares bases economicas.

E' esta, sem duvida, uma das conjecturas em que a Inglaterra podendo mostrar a sua amizade a Portugal, o fará, mas, para que este pais se justifique, é necessario que leve a efeito todas as necessarias reformas de credito interno e termine com todas as despesas nacionais superfluas.

A estimulação das relações comerciais entre os dois paises seria uma consequencia logica, mas pela nossa parte apenas podemos supor que o bom exito da experiencia deve depender em grande parte, da cooperação imediata do Governo portuguez— cooperação essa que consiste na efectivação das necessarias reformas financeiras internas».

Um capricho caro

Conta um jornal holandês o seguinte curioso caso, como prova do quanto pode a obcessão em certos espiritos:

A direcção franceza dos Caminhos de Ferro da Alsacia-Lorena necessitava de adquirir seis grandes maquinas de furar metais, iguais a outras que em tempo já lhe haviam sido fornecidas pela conhecida casa Lanz, de Mannheim. Pediram-se novamente preços a esta casa, prontificando-se ela a fornecer maquinas ao preço de 60.000 francos cada uma. O engenheiro em chefe, porem, recusou-se a fechar o contracto, por as maquinas serem alemãs, resolvendo que fosse aberto concurso para o seu fornecimento unicamente entre casas francesas e inglesas.

Terminado o prazo, só apareceu a proposta de uma casa ingleza, que se prontificava a fornecer as maquinas ao preço de 200.000 francos cada uma. Apesar de caro, êste preço foi aceite, e pouco tempo depois chegou a primeira maquina encomendada. Quando se procedia á sua montagem, na oficina de Bircunheim, na Alsacia, viu-se que trazia, como é de uso, uma chapa com o nome do faricante, na qual se lia, em caracteres bem distintos «Lanz, Mannheim».

Havia sido comprada á mesma casa, cuja oferta fôra recusada, *lambendo-se* o intermediario inglês com a *bagatela* de 140.000 francos de comissão.

E' bem certo o ditado. Quem tem caprichos paga-os!

E êste não ficou barato...

Um novo embaixador alemão em Washington

BERLIM, 24.—O governo dos Estados Unidos deu já o seu agrément á nomeação do novo embaixador em Washington, dr. Otto Wiedfeldt. O novo diplomata foi até recentemente um dos directores da fabrica Krupp.—(H.)

O Egipto

Apesar de independente continua agitado

LONDRES, 24.—Segundo noticias recebidas recentemente, está longe de restabelecer-se a tranquilidade no Egipto.

No Cairo e em Alexandria os manifestantes arrancaram as bandeiras hasteadas em diferentes edificios publicos e a pedrada a policia que intentava cortar-lhes o passo. A policia disparou ficando alguns dos manifestantes mortos.

Todas as bandeiras e galhardetes e mais adornos das ruas do Cairo que se ostentam para festejar a independencia do Egipto são arrancados pelos indigenas que causam o maior numero de destroços que podem.

Pode-se afirmar que a população é hostil á maneira como se estabeleceu o acordo entre a Gran-Bretanha e o Egipto para a independencia deste.—(Lat. Am.).

A conferencia sobre o Oriente

PARIS, 23.—O comunicado relativo á reunião dos srs. Poincaré, Curzon e Schanzer, diz que estes trataram de proteção a dispensar ás minorias na Europa e na Asia e que as conclusões a que chegaram na reunião, farão parte que ulteriormente será proposto aos turcos e aos gregos.—H.

Tribunal de Comercio de Lisboa

Eleição de Jurados Comerciaes

No dia 20 do corrente ás 11 horas no Tribunal do Comercio, se hade proceder á eleição dos jurados comerciaes para preenchimento das vagas dos que foram dispensados na primeira e segunda varas comerciais, o que se anuncia nos termos do art.º 79 do codigo do processo comercial.

Lisboa 22 de Março de 1922.—O Juiz Presidente da 1.ª Vara Comercial.—*Carvalho*.

Francisco Ferreira Serra

Agradecimento e missa do 30.º dia

Sua familia agradece a todas as pessoas que a acompanharam no doloroso transe porque passou.

Celebrando-se amanhã sabado, vinte e cinco ás 11 horas da manhã na egreja do Santissimo Sacramento uma missa sufragando a alma do finado, roga ás pessoas das suas relações e amizade o obsequio de assistirem a este acto religioso o que antecipadamente muito reconhecida agradece.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

ANTES DE ABRIR A SESSÃO

Melancolia geral, no ambiente. Um ilustre homem prosaico, extraviado na tribuna dos jornalistas, tem esta frase:

—Isto parece Leiria em dia chuvoso...

O sr. Baltazar Teixeira faz a chamada, vagarosamente. A's 15 e meia horas, o sr. Presidente Domingos Pereira declara aberta a sessão.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. ministro do Trabalho, unico membro do Governo presente, manda para a Mesa uma proposta de lei concedendo uma pensão á actriz Virginia. No seu breve discurso, o sr. ministro faz o elogio da grande artista. São requeridas a urgencia e dispensa do regimento. Aprovado e entra em discussão. A Camara pronuncia-se favoravelmente, pela voz de alguns deputados.

Levantam-se duvidas. Expõe-nas num breve discurso, o sr. Nuno Simões. Responde-lhe o sr. ministro do Trabalho. Imediatamente pedem a palavra outros deputados. Temos larga controversia, pelo visto!

Na proposta ministerial não se fala na actriz Virginia. Porquê? E' isso que o sr. Nuno Simões estranha.

Queria que se mencionasse com clareza o nome da grande artista, se é ela que realmente necessita da assistencia do Estado.

O sr. Alvaro de Castro pronuncia-se. O chefe reconstituinte desejaria que, em vez do conta-gotas das pensões, se liquidasse duma forma geral para se socorrerem todos aqueles que tendo prestado altos serviços ao Estado, necessitem de socorro, na invalidez. Declara que, pela ultima vez, aprova uma proposta nas condições da actual.

Entraram no hemiciclo e foram ocupar os seus lugares os srs. ministros da Guerra e das Finanças.

O sr. Joaquim Ribeiro requer que a proposta baixe á Comissão. Esterro de primeira classe! Não é um requerimento mas sim uma proposta. Como tal entra em discussão.

Outros oradores falam. Conclue-se do exposto que se arrependem da aprovação da dispensa do regimento. Isto vai mal para a proposta de pensão...

A proposta do sr. Joaquim Ribeiro é rejeitada. A proposta de lei dos srs. ministros do Trabalho e da Instrução é aprovada quasi por unanimidade.

Pela proposta de lei aprovada pela Camara não ha augmento de despeza para o Estado. O que se preceitua, apenas, é que, em excepcionais condições de merito, os artistas societarios do Teatro Nacional possam ser aposentados com a pensão por inteiro.

E' evidente que nas condições da lei, se encontra a actriz Virginia.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação da discussão da questão já vulgarmente conhecida pelo «Diluvio de Lorouças».

Inicia o seu discurso o sr. Rego Chaves. Ha muitos outros oradores inscritos. E' natural que ainda hoje não termine o debate.

No Senado

Na presidencia, o sr. Pereira Osorio, secretariando pelos srs. Pessanha das Neves e Sousa Varela. Aprovam a acta 31 senadores.

O sr. Ribeiro de Melo pregunta se na acta ficou exarado o seu protesto contra a indicação feita pelo Partido Democratico dos senadores escolhidos para a Comissão Interparlamentar do Comercio.

O sr. presidente responde afirmativamente.

O sr. Ribeiro de Melo, referindo-se ao telegrama que, na sessão anterior, o sr. administrador do concelho de Almada enviou ao sr. Oriol Pena formulando reclamações, quanto é certo ser êste senador monarquico e aquela autoridade republicana.

O sr. ministro da Guerra promete transmitir as considerações do orador ao sr. presidente do Ministerio.

O sr. Herculano Galhardo declarou ter recebido um telegrama identico.

O sr. ministro da Guerra, completando as suas considerações feitas na sessão anterior, ácerca das investigações feitas sobre os crimes da noite sangrenta, diz que as investigações do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, embora deficientes, têm validade.

O sr. Artur Costa: — Sempre julguei que o sistema de ter encerrados presos sem culpa formada fosse só adoptado no Dezembrismo.

O sr. Costa Junior chama a atenção da Camara para o facto de não terem sido cumpridos os contractos feitos com os produtores de assucar, á sombra do decreto 6.911, de 8 de Setembro de 1920, e que muito tem prejudicado o Estado e a população. Pede a presença do sr. ministro da Agricultura para tratar desenvolvidamente do caso na proxima terça-feira.

O sr. Silva Barreto declara carecer de fundamento a transferencia do grupo de artilharia aquartelado em Leiria, facto êste com o qual muito se congratula.

O sr. Alvares Cabral chama a atenção do sr. ministro do Comercio para os prejuizos que á ilha de S. Miguel está causando a pouca assiduidade de barcos áquele porto cuja ausencia muito agrava a exportação de ananazes.

O sr. Pais Gomes chama igualmente a atenção daquele titular para o pessimo serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta.

O sr. Herculano Galhardo pede providencias para o estado deploravel em que se encontram as estradas do Bombarral e Setubal.

O sr. Alves de Oliveira protesta contra a projectada supressão de varias carreiras para os Açores.

O sr. Joaquim Crisostomo referindo-se ao mesmo assunto, combate o programa administrativo do Governo eliminando parte das carreiras para aquela ilha.

O sr. ministro do Comercio afirma estar na outra Camara um projecto de lei que tem por fim pôr côbro á escandalosa exploração da Empreza Insulana de Navegação.

São 17 horas. O orador [illegible] no uso da palavra.

Um discurso na Camara dos Deputados.—Resposta victoriosa do sr. ministro das Finanças ao leader da minoria monarquica, sr. Carvalho da Silva

O sr. ministro das Finanças pronunciou ontem, na camara dos deputados, um bom discurso, que foi particularmente grato aos ouvidos republicanos.

O sr. Carvalho da Silva «leader» da minoria monarquica constitucionalista, quiz saber, por miudo, quais eram as condições em que fôra feito o credito de tres milhões esterlinos, aberto em Londres a favor do governo portuguez. E a pergunta—esclareceu o sr. Carvalho da Silva.—mas se v. ex.ª, sr. ministro das Finanças, entender que ha inconveniencia na resposta, não insistirei. Não quero, por fórma alguma, embaraçar a restauração do credito portuguez no estrangeiro.

O sr. ministro das Finanças respondeu claramente. Disse tudo, mesmo mais do que aquilo que lhe perguntou o sr. Carvalho da Silva. E acentuou, com energia, que os ministros da Republica não teem o costume que noutros tempos era vulgar de ocultar ao Parlamento e á opinião nacional aquilo de que os seus deveres lhes impõem um silencio inviolavel.

Compreende-se, sem esforço, que o sr. Carvalho da Silva quiz, apenas, tirar um efeito politico, aguardado, muito a tempo e a proposito, pelo ilustre titular da pasta das Finanças.

O «leader» monarquico esperava, talvez, que o ministro da Republica, forçado por circunstancias ocasionais, recusasse responder ou desse [illegible] respostas. E o sr. Carvalho da Silva, [illegible] não insistiria. Mas, [illegible] óra, que efeitorrão contra a [illegible] e os seus negocios inexplicaveis!

Desta vez, perdeu o sr. Carvalho da Silva o trabalho com que arquitectou o laborioso «efeito». Foi [illegible] tudo,—e [illegible] toda a linha. Não conseguiu [illegible] e pelo contrario, ofuscou o brilho do discurso de oposição pronunciado [illegible] o quatro horas [illegible] pelo seu correligionario, o sr. Cancela de Abreu [illegible] por isso ficara desconsolado, e claro.

[illegible] como nós, que se Homero, por acaso, ficava com o meu [illegible] recurecida pelo sonolencia [illegible] cidade que tal aconteça com um «leader» parlamentar do 1.º volume a monarquia destronada. O 2.º volume tem por titulo, como se sabe, Integralismo Lusitano. Continuará [illegible] e que vai fazer-se [illegible] romance, reduzindo-o a um [illegible] sem mais continuação.

Tudo á matroca.

Um «dossier» secreto do Ministerio da Guerra abandonado num estabelecimento da rua do Ouro!

De vez em quando surgem [illegible] do estapafurdios [illegible] extraordinarios, que o proprio *repórter* chega a duvidar se as informações que lhe prestam são verdadeiras ou simples *blagues*.

[illegible]

O caso interessante [illegible] caso [illegible] documentação no Ministerio da Guerra o que veiu demonstrar [illegible] que tudo anda á *matroca* nas nossas secretarias de Estado.

[illegible]

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro da Marinha conferenciou hoje com o seu colega das Finanças, indo depois ambos conferenciar com o chefe do Governo.

—O sr. Brito do Rio, antigo comandante chefe dos navios dos Transportes Maritimos do Estado, conferenciou hoje com o sr. ministro do Comercio sobre assuntos daquele organismo.

—Segundo o Boletim de Saúde Interna, apresentado na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene na semana finda em 18 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 6 de febre tifoide, 1 de meningite e 10 de variola, e no Porto 4 de difteria, 1 de tosse convulsa e 2 de tifo exantematico.

—Pelo vapor Porto são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Angra do Heroismo, Pernambuco, Pará, Macaos, Rio de Janeiro e Santos, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4036 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 25 de Março de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

OUTRA LEI

Parece que, depois das mais acesas discussões, a lei 1239, não menos celebre do que a lei 1040, ficará de pé como esta tambem ficou, mas apenas para os factos consumados. Quer dizer, a lei 1040 só vigorará para os cem oficiais que foram colhidos nas suas malhas, tendo de sahir do exercito pela porta da demissão ou da reforma, emquanto centenas de outros oficiais, com iguais ou menos responsabilidades, nada sofreram nem sofrerão. Por seu turno a lei 1239, a que permitiu aquilo a que já pitorescamente se chama o «diluvio dos coroneis», tambem será respeitada em relação aos factos consumados, o que o mesmo é dizer que os felizes já promovidos conservarão as suas promoções, emquanto os seus camaradas em egualdade de circunstancias, que não foram promovidos, não o serão jámais ao abrigo da mesma lei, que assim fica sendo positivamente de funil.

Digam-nos, com franqueza, se isto é serio, se isto é moral, se isto é admissivel?

Para a promoção dos coroneis, promovidos pela lei 1239, empregaram-se todos os esforços. Sabia-se já que, no parlamento, a inconstitucionalidade da lei seria devidamente proclamada. E então que se fez? Precepitou-se a publicação da Ordem do Exercito para poder inserir a cabazada de promoções em que se tinha maior empenho. Era a teoria do facto consumado, e deu resultado, porque o parlamento, reconhecendo que se praticara uma ilegalidade, e tanto que nessa ilegalidade não se proseguirá, deixou-a comtudo de pé em relação aos venturosos coroneis que já tinham posto nas suas fardas os novos galões, alcançados pelo bamburrio.

Em parte nenhuma do mundo uma tal noção da justiça, da legalidade e da dignidade dos poderes do Estado poderia triunfar. Triunfa, porem, entre nós. Aqui, o que está feito, está feito. Seja embora o maior abuso, o maior escandalo, a maior burla!

Assim legitima-se o abuso, legitima-se o escandalo, legitima-se a burla, legitima-se o crime. Está feito, está feito. Mas é preciso saber por que se fez e como se fez. E ocorre perguntar ainda porque é que não se revogam leis que se reconhecem abusivas?

O que parece é que ninguem liga a menor consideração ao decoro publico, á sensibilidade nacional. Pois é um erro, um tremendo erro. Factos desta natureza vão-se acumulando e gerando a indignação, ou o despreso, que não é menos fulminante. Como é que se ha de garantir o prestigio do regimen? A verdade é que ainda beneficiamos do claro bom senso do paiz, que bem sabe que a Republica é um admiravel sistema de governo, o melhor, o mais perfeito, o mais logico, sem que ninguem consiga destruir esta noção justa e necessaria as falhas dos homens ou a inconsciencia dos partidos.

A NOSSA TRADIÇÃO MARITIMA

Fernão de Magalhães

Quando do ultimo centenario de Fernão de Magalhães, na Holanda, os amigos de Portugal constituiram um «comité», para assim significarem a sua simpatia pelo nosso paiz, berço do grande navegador que empreendeu, em primeiro logar, as viagens de circumnavegação.

Aquele «comité» deliberou mandar fazer um grande vitral, alusivo á vida do grande navegador. Esse vitral será acompanhado de um album com dedicatoria e assinaturas dos membros da comissão.

Esses objectos são destinados á Sociedade de Geografia, como instituição onde figuram tantos padrões da nossa tradição maritima.

Ainda não está fixada a data em que uma delegação daquela comissão virá a Lisboa, e que é composta dos srs. Jan de Fimes e dr. H. Bunk, fazer entrega á sociedade de Geografia, que os receberá em sessão solene, do vitral e do album, o primeiro dos quais será exposto na Sala de Honra,

Grévistas e "amarelos,,

As duas definições

Nas ultimas gréves do Rand, na União Sul-Africana, os «amarelos», quer dizer, os elementos operarios que não acatam as resoluções violentas ou despoticas dos sindicatos que pretendem maneja-los, e que continuam o trabalho, foram particularmente alvo duma guerra feroz que foi desde o incendio total das habitações até á liquidação na via publica. Eram alem disso votados á execração dos grevistas por meio de panfletos, comunicados, ou papeis de varia especie. Um desses manifestos revolucionarios define os «amarelos» da seguinte forma bem curiosa:

«Deus, depois de ter acabado de fazer a serpente peçonhenta, o escorpião, o piolho, o parasita e o vampiro viu que lhe sobrava ainda um pouco da substancia nojenta de que os fizera e com ela fez o «amarelo». Um «amarelo» é um animal ou creatura de duas pernas — sem cornos — com uma alma de saca-rolhas miolos de agua pôdre, toda a cabeça de uma composição inquebravel e a espinha dorsal de uma mistura de gelatina e de grude. No local em que as outras pessoas teem o coração tem ele um tumor de substancias em decomposição. Quando um «amarelo» passa por uma rua, as pessoas sérias voltam-lhe as costas e os anjos no ceu choram convulsivamente e o diabo fecha as portas do Inferno para o não deixar entrar. Homem nenhum tem o direito de ser «amarelo» emquanto existir uma lagôa de agua profunda bastante para o afogar ou uma corda grande bastante (fornecem-se cordas) para com ela enforcar a sua carcassa. Judas Iscariotes — esse eminente patife — era um «gentleman» comparado com o «amarelo» porque depois de atraiçoar o seu Senhor e a si proprio teve o caracter suficiente para se enforcar — o que foi um acto nobre — e o «amarelo» não o tem.»

Esta definição de «amarelo» onde ha muita insolencia e nenhum senso comum é o ponto de vista dos grévistas. Parece-nos contudo que «o amarelo» é outra cousa. E' o homem que tem a noção justa e equilibrada dos seus direitos e das suas obrigações e que tem talvez a melhor e mais perfeita noção da liberdade. E' o homem que, querendo viver e querendo trabalhar, reage de egual forma contra as imposições despoticas de um ou de outro patrão onde um ou outro emanoure, tem a sua liberdade de trabalho, incrusta-se nela e dela não sae. E' o homem que releva de si proprio e só espera que outros lhe ditem o seu dever. O «amarelo» nesta grande confusão social que irrompe por toda a parte, é o homem de juizo são que vê claramente. Por isso o seu numero augmenta todos os dias. E será sem duvida aos «amarelos» que deveremos o voltar ao trabalho, á ordem, ao equilibrio do direito e do dever sem os quaes não ha vida possivel para ninguem.

A LEI 1040

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Redactor. — Foi «A Capital», com um desassombro que muito a honra, o jornal que mais combateu essa monstruosa lei de 1040, que antes de hontem «ressuscitou» no Diario do Governo, «correcta e aumentada»...

Foi «A Capital», com o espirito de justiça que ha 18 anos sempre tem mantido, com inquebrantavel energia, que poz as suas colunas á disposição dos atingidos pela lei mais rancorosa e odienta que se tem publicado em Portugal.

Foi «A Capital», na sua louvavel faina de purificar esta atmosfera de odios e vinganças, que tanto nos tem prejudicado, que hontem «abriu fogo» contra essa ignominia que ministros da Guerra como Helder, Alvaro de Castro, Silveira, Freitas Soares e muitos outros não quizeram pôr em execução em toda a sua hediondez, aguardando que o Parlamento, num momento de bom senso, a anulasse por completo!

Se «A Capital», com um passado tão honroso, continuar a permitir que ponhamos bem a claro tudo quanto ha de injusto, odiento e perseguidor naquela lei, que lança na miseria centenas de familias, nós prometemos «dizer tudo», porque muito e muito ha que dizer... apesar de muito já se ter dito...

Aguardando a resposta de v. creia-me com a mais alta consideração e subido apreço. — Um oficial do exercito.

Não descuraremos nunca um assunto que fere na sua vitalidade tantas forças vivas. Pode «o oficial do exercito» que assina a carta que hoje publicamos mandar todas as informações e detalhes que forem uteis para o debate de tão momentoso assunto.

Em volta da conferencia de Genova

Afinal os Estados-Unidos...

WASHINGTON, 24. — Na conferencia de Genova o governo norte americano será representado apenas a titulo oficioso. O seu representante desempenhará o papel de observador para pôr o seu governo ao corrente dos assuntos tratados na referida conferencia. — (Lat.-Am.)

POR MOÇAMBIQUE

Um decreto do Alto Comissario

Emquanto para o Rand emigram os negros, é essa emigração prohibida para S. Thomé e Principe

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o *Boletim Oficial* da colonia de Moçambique, em que vem publicado o decreto do Alto Comissario proibindo a emigração dos indigenas pertencentes aos districtos de Quelimane e Moçambique.

Lemos atentamente as considerações que condimentam o decreto e ficámos desde logo com a impressão de que as afirmações feitas sobre a necessidade de mão de obra naqueles dois distritos não são rigorosamente exactas.

Julgamos necessario transcrever os referidos considerandos para, em face deles, justificarmos as nossas conclusões:

1.º «Considerando que a Provincia de Moçambique vem sofrendo graves prejuizos na sua economia pela falta de mão de obra em determinados distritos e precisamente naqueles onde mais se acentua uma proficua acção colonizadora;

2.º «Considerando que, com sacrificio da sua expansão e progresso economico, tem o distrito de Quelimane contribuido para a colonia de S. Tomé e Principe, desde que foi autorizado o recrutamento, com perto de 21 mil indigenas;

3.º «Considerando que as autoridades dêste distrito se esforçam por adoptar medidas regulamentares tendentes a impedir o desperdicio da mão de obra e a regular o seu fornecimento e distribuição em harmonia com as necessidades das companhias arrendatarias de Prazos e dos particulares, por forma a garantir o desenvolvimento continuo das explorações agricolas e industriais e bem assim a construção e conservação das obras de utilidade publica, como estradas, vias ferreas, limpeza de rios, caminhos e mucurros, tornando-se impossivel a cedencia de trabalhadores ainda que em limitado numero, sem acarretar irreparaveis prejuizos para a sua economia e progresso;

4.º «Considerando que no distrito de Moçambique têm sido tentadas com grande exito varias explorações por empresas genuinamente nacionais e que, pelos muitos pedidos de concessão que têm sido feitos nos ultimos tempos, é legitimo e seguro acreditar que as riquezas dêste distrito vão ser devidamente aproveitadas, convindo, portanto, assegurar-lhe por forma ampla a utilização das suas reservas, etc., etc....»

E daqui, de todo êste pomposo arrazoado — e já vamos demonstrar que o é — resultou a proibição de emigrantes para auxilio da nossa rica e modelar colonia agricola de S. Tomé. Quere dizer, a unica colonia onde existe uma obra tão vasta e tão perfeita e uma organização de serviços de assistencia ao trabalhador que muito seria de apreciar que existisse similar na metropole; a colonia que legitima o nosso maior orgulho e que tantas vezes, dos seus cofres, acudiu ás necessidades das outras colonias e até ás do continente, acaba de receber um verdadeiro *coup de grace* pela mão do sr. dr. Brito Camacho.

Mas analisemos o pomposo arrazoado do decreto guilhotina.

O primeiro considerando é absolutamente verdadeiro, mas somente de uma forma geral quanto aos prejuizos que a Provincia de Moçambique sofre pela falta de mão de obra. Os *determinados distritos* a que se faz referencia no decreto é que não são positivamente, como se pretende, os de Quelimane, onde a mão de obra não falta, e muito menos o distrito de Moçambique — onde o braço indigena é abundante, por ser o mais populado de todos os distritos da colonia.

Onde a mão de obra indigena mais escasseia é nos distritos de Lourenço Marques e Gaza, em consequencia dos 40.000 serviçais que anualmente cedemos ao Rand. Nos outros, a mão de obra supre inteiramente as necessidades e, de tal forma, que muitos dos nossos indigenas do distrito de Tete vão para a Rodesia Sul, para trabalhos mineiros.

Como se vê, o primeiro considerando do decreto é tendencioso, porque fixando de um modo geral a falta de braços em toda a colonia, acentua que ela é maior *naqueles onde mais se acentua uma proficua acção colonizadora*.

E' claro, que o segundo considerando não podia deixar de invocar o sacrificio e perda economica de Quelimane pela cedencia a S. Tomé de 21.000 indigenas durante onze anos. Repare o leitor que não se salienta de igual modo o prejuizo sofrido pelos distritos do sul da Provincia, em consequencia do fornecimento de 40.000 pretos por ano — por ano! — para trabalhos no Transvaal. Apenas se acentuam prejuizos imaginarios pelo fornecimento de três ou quatro mil indigenas por ano para trabalhos agricolas em S. Tomé, colonia portugueza.

Os outros — os 30.000 fornecidos anualmente a estrangeiros — não prejudicam a economia de Moçambique. Mas os que vão para a portuguesissima colonia de S. Tomé — êsses sim, são indispensaveis a Moçambique e representam sacrificio tão grave para o distrito de Quelimane que, como se vê da parte final do terceiro considerando do projecto, *tornou-se impossivel a cedencia de trabalhadores, ainda que em limitado numero*.

O que em Quelimane não se tornou impossivel foi a garantia de uma situação de privilegio para o estrangeiro «Hornung» pela cedencia de 3.000 indigenas para trabalhos permanentes nas suas plantações e fabricas durante o periodo de 20 anos.

E, no entanto, a nenhum cidadão português foi concedida igual ou parecida regalia que, afinal, representa, além de um justo motivo de melindre para os nossos compatriotas, um inqualificavel atropêlo de todas as disposições da lei. Em conclusão o que se nega a S. Tomé, colonia portuguesa, que é o nosso orgulho e uma fonte de riqueza de que tantas vezes os governos do paiz se têm socorrido, concede-se prodigamente ao estrangeiro «Hornung», *com preferencia sobre nacionais e outros estrangeiros*, e concede-se mais prodigamente ainda ás industrias mineiras do Transvaal.

Cabe aqui um parentesis não nos move a menor má vontade contra o poderoso industrial sr. «Hornung», pessoa que sabemos ser dotada de grandes qualidades de iniciativa, socorrendo-nos apenas da situação excepcional que lhe foi criada para reforçar as nossas legitimas considerações. Posto isto, que julgamos indispensavel, continuemos a analise do decreto.

O quarto considerando do decreto que analisamos é puramente assombroso. Assim, diremos que as explorações agricolas e industriais, bem como os trabalhos publicos, construções de estradas, caminhos de ferro, serviços de porto e as necessidades dos particulares não chegam a utilizar a sexta parte da mão de obra do distrito de Moçambique.

A população dêste distrito, conforme as informações que colhemos e que são absolutamente exactas, é aproximadamente de um milhão e duzentos mil indigenas. Computando-se, como é norma em toda a parte, em um sexto a sua população valida e apta para o trabalho, temos que o distrito de Moçambique comporta uma reserva de trabalhadores não inferior a *duzentos mil*.

Encontra-se êste distrito em tão adiantado desenvolvimento que utilize os duzentos mil pretos validos que possue?

Um ilustre oficial, antigo governador do distrito de Moçambique, e outras pessoas a quem solicitámos as necessarias informações, dizem-nos que esta região não emprega mais de 40 a 45 mil pretos.

Computando em 15 mil os indigenas que são fornecidos á Companhia de Moçambique e, pela Sociedade de Recrutamento, no distrito de Lourenço Marques, para suprir em parte as faltas dos que vão para o Rand, ficam, portanto, de pano para o ár, á porta da cubata, no culto da indolencia atavica, 140 ou 145 mil homens, á espera que se intensifiquem as explorações *dos muitos pedidos de concessão que têm sido feitos nos ultimos tempos* conforme reza o quarto pitoresco considerando — o que conclue muito mais pitorescamente dêste modo: — *convindo, portanto, assegurar-lhe por forma ampla a utilização das suas reservas de trabalhadores*.

Quere dizer: não só se recusa a S. Tomé a mão de obra que prodigamente se dispensa a estrangeiros, como ainda se lhe recusa uma parcela minima — cinco ou seis mil trabalhadores a recrutar em uma região onde ficam 135 mil pretos na ociosidade mais completa e aguardando que se faça a dispendiosa e sempre lenta valorização *das muitas concessões que têm sido pedidas nos ultimos tempos*.

Como se vê não tem o pomposo decreto justificação aceitavel. A ilha de S. Tomé é profundamente agravada, não só no seu desenvolvimento futuro, pelo decreto do Alto Comissario em Moçambique, como pode sentir uma quebra formidavel nos seus actuais valores economicos pela impossibilidade de manter a sua produção normal.

Em boa verdade, não conhecemos melhor maneira e mais amavel forma de beneficiar os inimigos de S. Tomé, os *Cadbury* e outros chocolateiros, que contra nós arremessaram injustas campanhas de difamação e epitetos aviltantes de escravagistas.

Consentir-se que os estranhos aproveitem o nosso principal factor de riqueza, que é a mão de obra indigena, e prosperem decretando simultaneamente o nosso empobrecimento, é criterio que não honra o paiz que o tolera e muito menos recomenda o estadista que o concebe e executa.

Mas acaso não reservou para si o Ministerio das Colonias os necessarios poderes de fiscalização? Não ha reclamação possivel em face de actos impoliticos como êste, pelo qual se decreta a ruina da colonia de S. Tomé?

A vêr vamos. Por nossa parte, faremos soar bem alto o nosso protesto.

Na Russia Vermelha

Os advogados morrem de fome

Duas palavras do sr. dr. Morais de Carvalho

A avalanche bolchevista submeteu a Russia, alagando numa onda de sangue todas as energias sãs de um paiz prospero, e condenando talvez irremediavelmente as gerações de amanhã.

Desde o começo, a boçalidade do operariado inculto, somente guiado pelos apetites animais, declarou guerra de morte a todas as grandes manifestações do pensamento, que podiam por qualquer forma impedir o imperio da força bruta inconsciente. Assim, na sua ilusão em que o governo dos «sovietes» dividiu os novos obreiros do comunismo, os intelectuais figuravam em ultimo logar, como se não fosse o pensamento, a grande alavanca movedora das multiplas manifestações da vida social.

E então, num tira-te tu para me pôr eu, os operarios mineiros e os «sans culottes» armados em guardas vermelhos, tudo invadiram, deixando á mingua de recursos os que pelo seu trabalho persistente, tinham conquistado um logar na intelectualidade russa.

Foi assim que os advogados e os professores das Universidades, os sabios que queimaram a mocidade no fundo dos laboratorios, toda uma legião imensa de valores incalculaveis se encontram de um dia para o outro a braços com a miseria. Longos meses se restabelece a fome em todos os lares, sem que nenhum socorro surgisse a redimir tantos desgraçados.

— Os «sovietes» teem o que merecem; ouvia-se de todos os lados.

Mas um bafo de piedade veiu substituir o clamor do odio, e de toda a parte surgiu a ideia de socorrer os famintos ao abandono na «estepe» nevada e longiqua.

Foi assim que um «comité» de socorro aos russos esfomeados, instalado em Constantinopla oficiou á nossa Associação dos Advogados solicitando um auxilio para os colegas que desde o governo de Lenine aboliu a verdadeira justiça para a substituir pela arbitraria justiça dos «sovietes» onde doidos como Bela Kun dispõem de vidas indefesas, se encontra na mais miseravel situação.

E' o que o nos diz o sr. dr. Morais de Carvalho, ilustre secretario da Associação dos Advogados.

— Sim, nós recebemos essa comunicação.

A situação dos advogados russos deve ser horrivel como de resto tudo na Russia. Mas como é natural nós procuramos obter informes precisos sobre a existencia desse «comité», que fica já muito longe em Constantinopla.

— E uma vez reconhecida essa existencia, a Associação dispõe-se a socorrê-los.

— Nós faremos um apelo aos advogados portuguezes, expedindo para todo o paiz comunicações.

— E a forma de prestar esse auxilio?

— Será unicamente pecuniario, e remetido pelas vias diplomaticas.

Não posso ainda precisar bem como este auxilio será depois ministrado. E' tudo por emquanto muito vago.

Assim rapidamente nos falou a um canto da sala dos Passos Perdidos o sr. dr. Morais de Carvalho que além de advogado distinto, é tambem deputado.

Ficam pois os leitores sabendo, que os advogados portuguezes não recusarão o seu auxilio aos seus camaradas russos, que o bolchevismo inutilmente sacrificou.

Bella Otero

Recebe uma indemnisação

PARIS, 25. — Os tribunais de Paris concederam 300 libras de indemnisação á conhecida cançonetista e bailarina espanhola Bella Otero contra os donos de um taxi em que ia nos Campos Eliseos, em mil novecentos e vinte.

O taxi desviou-se repentinamente e foi contra uma arvore. A bailarina sofreu contusões nas pernas e os estilhaços de vidraça cortaram-lhe os olhos. Felizmente está completamente curada dos efeitos do desastre. A quantia pedida por perdas e danos era de 3.000 libras. — (Lat. Am.)

A semana artistica

No Salão do Teatro Nacional:

A exposição de tapetes de Arraiolos. — Algumas considerações sobre exposições regionais

Abriu ha dias, no salão nobre do Teatro Nacional, uma curiosa exposição de tapetes de Arraiolos. Visitei-a hontem e recebi uma tão viva impressão de luz e de côr que não resisto á tentação de me referir hoje a ela. Esta especie de exposições regionais sempre tão interessantes e tão pitorescas tem sido ha muito defendidas por mim, lamentando apenas que elas se não repitam com mais frequencia e com mais regularidade. Tenho pensado muitas vezes até como seria curioso organisar em Lisboa — que parece ter-se fatigado já de pronunciamentos militares — pequeninas galerias de produtos regionais portuguezes onde a par dos interesses de caracter artistico se não descurassem tambem, até certo ponto, os interesses de caracter comercial. As tentativas que tem feito e algumas coroadas de verdadeiro exito — devem-se apenas ao espirito particular. Absolutamente. O estado pouco ou nada se interessa por estas «pequeninas coisas» — exausto como anda, da politica mundiaba, impertinente indiscreta que tem estado por assim dizer na ordem do dia dos partidos e que cada vez se vai afastando mais dessa «especie de poesia em marcha» na expressão platonica de Joran. Apesar de tudo eu não perdi ainda as esperanças de ver os nossos politicos mesmo os mais avançados, os mais radicais, os mais «sans-culottes» usar os punhos de renda de que nos fala Talleyrand e de inaugurar, em plena calma, uma nova era de trabalho, de prosperidade — e porque não dizel-o? — de beleza. Mas, minhas senhoras e meus senhores, isto não é positivamente um artigo de fundo e eu não explico ainda muito bem, como de ideia em ideia, de frase em frase, ao falar-lhes dos fidalgos tapetes de Arraiolos vim cair — nos esgarçados tapetes do Terreiro do Paço. Como quer que seja — Lisboa deve abrir as suas portas ao paiz e permitir que tudo quanto ha de vivo, de alegre, de pitoresco, de enternecedor por todos os quatro cantos floridos de Portugal, desde o norte onde as raparigas bailam nos adros ao som das gaitas de fóles até ao sul onde as amendoeiras florescem como catedrais brancas, ao sol, se permita ao luxo de se dar «rendez-vous» nesta cidade sobre cujas sete colinas ondeadas, como as de Roma, ainda palpitam nas manhãs azues, revoadas frescas de pombas. Não é verdade? Mas, como ia dizendo, não se devem trazer apenas a Lisboa os tapetes de Arraiolos — quasi tão celebres afinal como os de Arraz. Devem-se trazer tambem desde as mobilias de Evora ás loiças de Extremoz, desde as rendas de Peniche aos linhos bordados de Guimarães — dezenas de produtos curiosos que aqui se desconhecem e que tão util seria, para a propria economia nacional, que toda a gente conhecesse. A exposição aberta ha pouco no salão do Teatro Nacional merece ser visitada. Quem ainda se lembra da ultima exposição efectuada ha anos nas dependencias da antiga igreja conventual da Nossa Senhora do Carmo e que tanto interesse despertou então — não faltará a esta exposição. Estão ali representados, com maior ou menor esplendor, varios tipos de tapeçaria arraiolense, reproducções mais ou menos fieis das opulentas peças do seculo XVIII cuja fisionomia acentuadamente persa, não lhe tira, entretanto, o seu caracter bem portuguez — e dos pequeninos tapetes vivos e poltronicos, descendentes mais ou menos legitimos dos tapetes que, ha dois seculos, tiveram a honra de fazer sorrir Beckford quando o riquissimo inglez se permitiu á distracção de passar pelas salas mais aristocratas de Lisboa, o seu ar de «gentleman» e o seu «humour» de londrino. Os tapetes expostos destinados, tantos deles á proxima exposição do Rio de Janeiro, não serão apenas os enviados extraordinarios dessa risonha e tranquila vila alemtejana que é a nobre Arraiolos com lrades de pedra e dos cantaros de oiro, serão tambem os embaixadores da velha arte nacional que é tão curiosa e tão desconhecida — até pelos proprios portuguezes.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

UMA QUESTÃO

O silencio de "A Batalha" é a mais clara confissão da sua impotencia na analise serena das : : : questões operarias : : :

Continuemos no exame sereno do problema das 8 horas de trabalho

COM VISTA AO GOVERNO!...

Deixemos, por alguns dias, as gréves em paz. As gréves e os grevistas. As greves parciais e as greves gerais. Mas não esqueçamos que a U. S. O. e a sua corneta na imprensa, que é «A Batalha», continuam a fermentar esses movimentos destructivos da economia nacional, com o proposito, de que jámais desistirão, de atingir o Estado nos seus proprios fundamentos, suprimindo as fronteiras da Patria e integrando o velho Portugal na Anarquia do Mundo. São as doutrinas de Bakounine, amorosamente acarinhadas pelos bolchevistas que proliferam, á solta e á vontade, neste «El-Dorado» portuguez, onde sistematicamente se mantem a ignorancia para gaudio e lucro dos dirigentes e «meneurs» da U. S. O. Não queremos, todavia, fechar, temporariamente, este capitulo das greves epidemicas portuguezas, sem fazer uma transcripção que, pela autoridade que lhe advem do seu caracter oficial, é digna de arquivo e de meditação.

«O numero elevado de «sindicatos unicos» que se estão constituindo de uns meses a esta parte, obedece, sem duvida, a um «mot d'ordre», dos altos dirigentes do proletariado nacional, tendo por objectivo uma organisação poderosa e de facil manejo para cada industria, a fim de que as suas resoluções, quando haja necessidade de as impor, possam contar com o apoio decidido de todos os individuos pertencentes a mesma industria em geral. E' o caso dos operarios metalurgicos, que até aqui se agrupavam em varias associações de classe e ultimamente as substituiram a todas, por um «sindicato unico», onde podem ingressar todos os operarios da industria metalurgica, seja qual fôr a especialidade a que dentro dela cada um se dedique.

O mesmo processo de organisação sindical se está realisando entre os operarios da industria mobiliaria e da construcção civil.

A forma como se apresentam redigidos os estatutos de cada um desses «sindicatos unicos» e os das associações de trabalhadores rurais, em cuja classe se nota tambem um recrudescimento intenso de vida colectiva, elucida claramente as pessoas que tenham interesse em conhecer o aspecto das lutas sociais em Portugal.

Neles se inscreve a criação de «caixas de solidariedade», o que não sucedia até aqui, destinadas a socorrer todos os sindicatos quando chamados ao serviço militar ou presos por «questões sociaes», doce eufemismo que tem servido muitas vezes para coonestar os mais repugnantes actos do banditismo vermelho.

Começam tambem a aparecer os «conselhos tecnicos», cuja missão aparente é das mais simpaticas e inofensivas dentro dos sindicatos, mas a que na realidade reservam a função recentemente exercida em Italia por identicas comissões durante a ocupação das fabricas pelos operarios.

Nestas, como noutras manifestações de caracter social, que seria ocioso enumerar aqui, revela-se o eterno decalque de tudo o que se faz lá fóra seja ou não adaptavel ao nosso meio ou ao nosso sentimento. (*Alfredo Pinto, director geral da Mutualidade Livre e das Associações Profissionais do Ministerio do Trabalho. — Relatorio de 31 de Dezembro de 1920 — Boletim da Providencia Social, n.º 10, pag. 168, Janeiro a Dezembro de 1920*).

O «mot d'ordre», a que se refere o relatorio em parte transcripto, reduz-se ao programa da destruição do Estado, pela invasão da autoridade sindical dentro dele; e quanto ás «Caixas de solidariedade» são destinadas á propagação do crime denominado impropriamente e eufemisticamente de «social». Havemos de analisar detidamente tudo isto. Mas, por agora, tratemos da questão das 8 horas, acerca da qual temos esperado em vão que apareça publicada (para dar di-

TEATRO

O que foi a representação dos "Huguenotes,, no teatro de S. João do Porto

Diz o «Janeiro»:

Era esta opera aguardada com vivo e duplo interesse, já por se estreiar nela o tenor sr. Sullivan, precedido, como vinha, de bela fama, já ainda por não ser, ha muito ouvida nesta cidade. Parece que a ultima vez que se cantou no extinto e saudoso teatro S. João foi na noite de 12 de fevereiro de 1906—por sinal que em unica representação, donde se conclui que o desempenho deixasse bastante a desejar.

Diz-nos porem, pessoa amiga e acreditada que já, depois disso, fôra ouvida no «Aguia d'Ouro», na noite de 2 de abril de 1909, pela companhia Giovannini, de que faziam parte a soprano dramatica Maria Rana, a soprano ligeiro Enriqueta Aceña, o tenor Costa baritono Molina, baixo Gasparini, etc.

Daí, porém, até á primeira vez que foi cantada na Academia Real de Paris, em fevereiro de 1836, pelas sopranos La Falcon, Nourrit e o tenor Duprez, que fizeram as delicias da geração daquele tempo — vai uma distancia enorme.

Não obstante, a opera, porque se impusesse pelo seu valor, não foi, como muitas outras posta de parte e ainda hoje se houve com imenso agrado pelas grandes belezas que a sua partitura encerra.

Não ha de, porém, ter o desempenho de ante-ontem. A orquestra, coarctado, contribuiu imenso para o insucesso. Falta de ensaios?... Talvez. Queremos crêr que assim fosse, pois, ao contrario, não estaria tão desatenta á batuta, tão desunida e tão cantante.

Dos artistas cantores, pode dizer-se que os unicos que se salvaram foram o srs. Sullivan e a sr.ª Lisser.

O sr. Sullivan tem uma voz extensa, bem timbrada e sobretudo colorida nos registos medio e agudo—voz forte embora, servida por um belo «fiato». Canta em francez. Foi correctissimo no «racconto»; no 3.º acto sustentou, só ele, o «settimino»; e no «duetto» do 4.º acto deu um grande vigor e dramatica acentuação.

A sr.ª Lisser foi uma «Valentina» correctissima, brilhando no concertante do 2.º acto, no «duetto» do 2.º e no «duetto» do 4.º. Teria alcançado, de certo um belo triunfo no lindissimo «duetto» do 3.º acto, mas não teve quem a secundasse.

A' sr.ª Sabaniewa coube a parte da rainha «Margarida». Cantou tambem em francez... graças a Deus, mas nem por isso conseguiu salientar-se.

Do «pagem» encarregou-se a sr.ª Gabriella Galli—um encanto de plastica! Não esteve, porém, feliz, na «cavatina»—o unico trecho de responsabilidade no papel.

O sr. Griff, a quem confiaram a parte dificil de «Marcelo», não pôde arcar com ela. Dizem-nos que estava doente, o que sentimos. Mas não nos parece que a doença fosse de molde a tornar constantemente embaciado e hesitante, para a mais não avançarmos, o seu papel—e até a não entrar em scena a tempo, como sucedeu no 3.º acto. Enfim...

O «Saint-Bris» foi o sr. Fernandes ou o sr. Fernandes o Saint-Bris. «Lo mismo es»...

Quanto ao sr. Formichi, que fazia o «Conde de Nevers», ouviu-se razoavelmente no 1.º acto, pouco no 2.º, viu-se no 3.º e eclipsou-se no 4.º.

Toda a sua parte, nos dois ultimos actos foi cortada.

Porquê?

«Chi lo sa?»

E' de crêr que a empreza, por essa falta gentilissima, dêsse, como lhe cumpria, qualquer explicação ao publico, constituido, na sua maioria, pelos seus assinantes, ante a consideração que esse publico lhe deve merecer.

Nós, porém, não tivemos disso conhecimento, sendo essa a razão por que não informamos os nossos leitores das causas dos côrtes.

E assim decorreu a «première» dos «Huguenotes!». Nem até foi palmeado, como de costume, o celebre «coro dos punhais!». Foi-o, porém, o «rataplan»...

Que saudade dos tempos idos...

Noticiario

Portugal

Parece que o actor Alves da Cunha durante a sua estada no Porto, vai filmar com Berta de Bivar na empreza «Invicta Film».

—A Empreza de Lisboa «Enigma Film» está com ideia de fazer um film de arte tambem com o mesmo autor.

—Realisa amanhã a sua festa no Salão Nobre do Conservatorio, o actor Artur Duarte. O programa é o seguinte:

A representação do 1.º acto do poema dramatico de Eugenio de Castro, «Anel de Polycrates», desempenhado por Artur Duarte, Salvador Costa e Francisco Serra.

O ultra-humanismo no teatro, conferencia pelo dr. Vasco Camelier.

Recitações e canto por Angela Pinto, Celeste Leitão, Rafael Marques, Samwel Diniz, Sales Ribeiro e Salvador Costa.

A representação da fantasia em 1 acto de Eduardo Perez «Belisario e as tres Marias», desempenhada por Artur Duarte, Irene Greve, Izilda de Vasconcelos, Ana de Oliveira e Laura Piobo.

As encenações são dos professores Augusto de Melo e Augusto de Lacerda.

—De dia para dia maior é o interesse com que é esperada a sensacional reprise que no dia 1 de abril proximo se faz no teatro de S. Luiz da celebre e aplaudida opereta «A boneca» cuja partitura é do inspirado compositor Audran. Esta opereta terá agora alem do explendido e engraçado entrecho um magnifico desempenho por parte da companhia Armando de Vasconcelos. Auzenda de Oliveira faz a protagonista e Armando de Vasconcelos o papel de «Lancelot».

—Realisa na noite de 6 do proximo mez de abril a sua festa anual no teatro de S. Luiz o estimado ponto da companhia Armando de Vasconcelos Avelar, com a reprise em recita unica da opereta «O jardim de Aspazia».

—Luiz Mendes o estimado camaroteiro do teatro de S. Luiz realisa na noite de 7 do proximo mez de abril a sua festa anual. Nesta noite represen ta-se uma das operetas de maior exito da temporada.

—Damos em seguida o programa completo do extraordinario concerto que a notavel pianista mme. Marie Antoinette Aussenac realisa amanhã no teatro de S. Luiz:

Primeira parte—I Fantazia em dó menor, Mozart. II Prelude, Choral et Fugue, Cesar Franck.

Segunda parte—III La Maja y el ruiseñor. IV El Fandango de Candil. Goyescas-Granados. V Au soir, VI Toccatta, Schuman.

Terceira parte—VII Balada sobre dois cantos populares portuguezes, Viana da Mota. VIII La plus que lente, valse, Debussy. IX 4.º Noturno, Fauré o X Estudo em forma de valsa, Saint-Saens.

Como se vê o fecho da temporada deste ano é realmente brilhante, sendo de prever que não fique amanhã um bilhete por vender.

Espectaculos recomendados
S. CARLOS — ás 21 — A vida
S. LUIZ — ás 21 — A Leiteira D'Entre Arroios
CENTRAL — Filmes de sensação

CINEMA

O que é o film Santa Simplicia

Este film, pelos nobilissimos ensinamentos que encerra, recomenda-se especialmente á atenção das mães de familia, desejosas de pôr sob os olhos de suas filhas os grandes exemplos de bondade e abnegação cristã.

O que o film representa é a historia de Santa Simplicia, tal como está escrita num livro cujas folhas perderam, sob a influencia dos seculos, a sua brancura imaculada.

Certo dia a esposa de um cavaleiro cujo castelo havia sido arrasado na guerra, foge com sua filhinha nos braços, e vai procurar refugio no Convento da Paixão de Cristo. Ali chega agonisante, e as suas forças mal lhe permitem fazer entrega da menina ás bondosas freiras, com as seguintes palavras:

— Suplico-vos pelas chagas de Cristo, que crieis esta criança na maior simplicidade e a conserveis ignorante de todas as artes, menos uma:—a arte de servir a Deus! Para que ela fosse assim, lhe dei por nome Simplicia!

Cumpriram as boas freiras o desejo materno, e assim, ignorante de todas as artes mundanas, ali vicejou a donzela, tal uma flor entre flores.

A partir porem do dia em que, por um voto solene, ela foi consagrada ao Ceu, tornou-se patente, aos olhos de todos, a graça com que o favorecia a protecção de Deus. Emanada do Pecado, tocada da Divina Graça, mais milagres fez Simplicia do que sóis nascem no ano. E o Convento da Paixão de Cristo foi franqueado liberalmente ao povo, para que todos ali encontrassem, na pureza e na fé de Santa Simplicia, a cura de todas as suas dores e penas!

Nas redondezas do castelo, vivia o cavaleiro Roque, senhor dos vastos dominios do Drachenburgo, um homem que desprezava os seus semelhantes e odiava tudo quanto havia de bom e lindo sobre a face da terra. A fama da santidade de Simplicia chegou aos ouvidos desse cavaleiro cujo espirito o demonio da Descrença aferrava nas suas garras venenosas. Irritado finalmente com as noticias que a cada passo lhe chegavam sobre os milagres da Santa, nos quais ele não cria, Roque certa manhã mandou prestar o seu cavalo e as suas armas, do chefe da sua criadagem se despediu, dizendo-lhe:

—Se algum amigo meu me vier procurar, dize-lhe que parti a verificar quanto tempo é preciso para converter uma santa em pecadora!

Com esse programa chegou ele ao Convento, precisamente no dia da festa de Maria, em que Simplicia ia passar as horas da noite na capela, para agradecer a Deus todas as graças que Ele havia sido servido dispensar-lhe. Pretextando cançaço e doença, não teve Roque dificuldade em enternecer o coração das monjas a quem pediu pousada. Quando veiu a noite, Roque introduziu-se na capela, e ali encontrou em oração Simplicia, a quem se dirigiu por estas palavras:

—Ficai sabendo jovem, que vim aqui, não em nome de Deus, mas em nome de Satanaz!

—Satanaz nada póde! Deus é que pode tudo!—exclamou a santa, alçando os olhos para o Ceu.

Depois, nos labios do cavaleiro, caiu a terrivel sentença:

—Vim aqui para perder a tua alma e serei de hora em deante o teu senhor! Assim, partirás comigo, e comigo estarás dia e noite! Em nome de Satanaz te ordenarei os pecados que deves cometer, e tu me obedecerás cegamente!

Ao que a Santa apenas responde:

—Deus verá o fim!

A partir de então, submissa aos mandados do perverso cavaleiro, Simplicia bem conhece a dolorosa romaria do Pecado; mas Deus não a desampara, e de cada vez que ela peca, é para maior gloria da bondade de Deus que não consente sejam oprimidos os inocentes.

Assim, para começar, ele manda que Simplicia apedreje uma imagem santa e subtraia da capela as taças sagradas em que ao irreverente será agradavel beber. E' cumprida a ordem sacrilega, mas ela evita um atentado gravissimo planeado contra a casa de Deus.

Depois, desafiando os poderes divinos de que Simplicia é instrumento, Roque lhe compara a pureza e a intima, se fôr capaz, a renovar agora os seus milagres. Ele proprio se fere á sua vista, e tão depressa pousa Simplicia os seus labios, onde o punhal rasgou as carnes do fidalgo, o sangue se estanca e a ferida sara de improviso!

Mais tarde, na sua peregrinação por estranhas terras, Roque e a Santa vão ter a casa de um campones, cujo filho Simplicia outrora salvou da morte. Informado de que a Santa foi raptada do convento, dispõe-se o campones a atirar os seus cães de lobo sobre o malfeitor, apenas o descubra. Mas dócil ás ordens de Roque, Simplicia responde ás perguntas do campones, declarando ser legitima esposa do homem que a acompanha, e assim a sua involuntaria mentira poupa a uma morte indigna o seu cruel opressor!

Roque e Simplicia encontram na floresta um homem que, mordido por uma cobra venenosa, se estorce em terriveis dores. Simplicia logo acode a buscar-lhe um pouco de agua, mas Roque mistura no copo um veneno fulminante. Obediente ao endemoninhado, a Santa dá a beber o liquido ao desgraçado, mas implora ao mesmo tempo a compaixão de Deus, e o veneno dos homens é impotente perante o contra-veneno de Deus!

—Por ventura, pretendes, na verdade, poder mais que Satanaz?—pergunta Roque.

—Deus pode mais que tudo!—volve a Santa.

Os dois pedem pousada a um lavrador reduzido á pobreza, após um passado de prestigio e opulencia. Manda Roque que Simplicia lhe incendeie a casa, e o incendio põe a descoberto tesouros que restituem ao lavrador a sua posição antiga. Manda Roque que Simplicia, com uma seta que lhe entrega, dê a morte á primeira creatura humana que passar ao seu alcance. A seta atinge um homem que foge com uma creança nos braços, e esse homem, segundo depois se apura, é um bandido, a cujos atentados Simplicia, sem o saber, acaba de pôr fim!

Finalmente, numa estalagem e que se acolhem, Simplicia teve ordem de se transferir, durante a noite, do seu aposento ao do estalajadeiro, e de se submeter ao seu nojento contacto. Mas a esse tempo, já na alma de Roque começava a penetrar a graça de Deus, e horas depois, arrependido do seu indigno mandado, ele corre ao compartimento indicado, para libertar Simplicia da sua iniqua sentença.

Mas é tarde! A santa varou com um punhal o seu peito de neve!

Ante um exemplo de tão grande pureza, Roque sente-se vencido, e carregando até ao convento o corpo da Santa, como sagrada reliquia, ali o deixa na capela da Virgem, que foi teatro do seu primeiro sacrilegio. Obtem das irmãs que o deixem ali ficar tres dias, a velar pela santa morta; mas quando as monjas, ao expirar esse prazo, o vão buscar ao sagrado recinto, encontram Roque morto, abraçado ao cadaver da sua victima!

Agora, as que se segrega na terra, as almas dos dois estão reunidas no Céu!

CASAMENTOS

Problema das casas

O que se fez em Angola

Em Loanda, como aqui, havia o mesmo problema da falta de casas, que muito embaraçava o desenvolvimento da cidade e da toda a colonia.

Por jornais que recebemos agora somos informados que o sr. Norton de Matos ja debelou um pouco esta crise, mandando construir casas que se destinam aos funcionarios e que estes podem adquirir em 144 prestações.

Esta solução tem duas vantagens. Resolve o problema da falta de casas e cria interesses em Loanda aos funcionarios, o que certamente lhes dará estabilidade na colonia; com o que muito beneficiarão os serviços.

Porque é que por cá se não faz o mesmo?

Seria um bom exemplo a seguir e com que muito ganhariam os funcionarios e o publico.

Esperamos que este assunto mereça a atenção do governo e que as novas medidas a tomar sejam mais eficazes que as anteriores.

Um protesto dos moradores de Alcantara

Recebemos uma reclamação dos moradores de Alcantara contra o facto de fazerem da rua da Fabrica da Polvora vasadouro de imundicies, tornando aquela arteria da cidade verdadeiramente intransitavel. As carroças do lixo ha muito tempo que por ali não fazem o seu giro, acontecendo, ha bem pouco tempo, terem vazado na rua mais do que uma carroçada de vidros de garrafa...

Alem do perigo que oferece para qualquer transeunte que precise de se utilisar daquela rua é um foco de doenças.

As pessoas que por ali tem que fazer o seu caminho só o podem fazer arregaçando-se até ao joelhos, tal é a quantidade de lixo e de todo a casta de detrictos depositados ha mais de dois mezes, por abandono votado pela Camara Municipal.

Pedem-se providencias.

SPORT

O campeonato de Portugal de pesos e alteres

Vai em breve disputar-se a prova de força mais importante da epoca, o o campeonato de Portugal de pesos e alteres.

Já foi anunciado ha tempo, de modo que nenhum dos amadores pode alegar pouca preparação.

Da maneira por que fôr disputada, e pelo numero dos concorrentes que se inscreveram inscrevem, pode depender ou á machadada final nesse belo «sport», que passará a existir «in nomine» ou ainda o resurgimento das belas provas de então.

Mas para esta ultima hipotese, é simplesmente preciso que se ponham de parte vaidades sem razão de existir, que a pessoa que fizer «sport», não o é se «ganhar pelas certas», e que se pode perder, mostrando contudo valor real.

Depois, numa prova deste genero, alem da classificação pessoal ha ainda uma coisa que se deve pensar com seriedade, é que o concorrente vai representar o seu club, e que tem que defender as cores da sua bandeira. Ora o excesso de clubismo, nestes casos é uma virtude.

De que serve este ou aquele centro de «sport», organisar uma prova, cuja montagem lhe tira tempo, lhe dá trabalho, e lhe acarreta despesa, se o seu esforço não fôr secundado pela boa vontade dos seus associados?

E' trabalho perdido, é a propaganda ao contrario...

O que não pode, nem deve ser, é repetir-se o fiasco de outro dia, em que os atletas amadores brilharam pela sua ausencia, e alguns deles sem razão plausivel.

Julgo que já teem edade para isso...

RUY DA CUNHA

Automobilismo

Na prova de Targa Florio, uma das mais importantes da Europa, e que se disputa na Italia, a Alemanha inscreveu 6 carros Mercedes e 4 Opel.

A França ate á data ainda não deu sinal de si.

—O autodromo de Berlim sai em junho com uma prova de carros.

Box

O campeão australiano J. Cook, que foi batido ha pouco por Carpentier lançou um desafio a todos os boxeurs pesados europeus.

—Bombardier Wells, o antigo campeão inglez, que desde 1920 não aparecia em publico vai de novo contatar com o australiano Lloyd.

—O «Auto» dá a noticia da derrota de Ruivo pelo francez Marius.

Remo

A celebre equipe americana de remo, da Universidade de Harword arranjou para marcar a cadencia dos remos durante o treino, um gramofone que conta com a velocidade que se deseja.

Foot-ball

O rei de Inglaterra no match França contra Inglaterra, cumprimentou todos os players francezes, tendo uma palavra de elogio para cada um.

Turismo

Durante o ano de 1921 vieram como turistas visitar a Europa 108 mil americanos.

NOTICIARIO

CLUB NAVAL DE LISBOA

O Conselho Director, no intuito de desenvolver a acção sportiva do C. N. L. e por em pratica todos os planos fixados nos seus estudos, resolveu que, a partir do proximo dia 20 do corrente e pelo espaço de 15 dias, se abrisse a inscrição para a matricula na escola de marinheiros, podendo a esta concorrer todos os socios em conformidade com as disposições regulamentares e estatuarias.

Esta escola funcionará a bordo do hiate «Nautilus», em dias que oportunamente serão fixados.

O mesmo Conselho Director, convoca todos os srs. timoneiros e remadores, a comparecerem a uma reunião que terá logar na séde do club, no proximo dia 28 pelas 9 horas da noite afim de se assentar definitivamente na organisação das escolas e efectivação das provas a realisar este ano.

ALBERTO PIMENTEL

HISTORIA SENTIMENTAL DE UM CALO

II

Capitulo em que ha dores de cotovelo e marosca consecutivas

Então o brasileiro pensou de si para si:

—Se não é cabelo, é o calo...

E, azoinado, procurou ainda um argumento, de hipotese em hipotese:

—Tambem pode ser algum retrato...

O dialogo travou-se desde então rapido e vivo.

—Isso sim! Não trago retrato nenhum.

—Mas para que diabo lhe serve então a medalha?

—Para vista.

—Se fosse para isso deixava você ver ela por fóra e por dentro.

—E' que por dentro não tem que ver: está vasia.

E o brasileiro, apalpando a medalha, exclamou:

—Mas aqui dentro ha qualquer coisa assim como um grão de milho.

—Isso é mesmo do ovado da medalha.

—Qual ovado! Ou é milho ou feijão.

O barbeiro ria sobreposse:

—Não é feijão nem é milho.

—Você não faça de mim tolo, seu Arnesto...

Parecia o brasileiro já irritado, a ponto do barbeiro responder:

—Pois não é milho, nem feijão: é um segredo. Ora ai está. Desconheço o sr. Castanheira!

—E' que você mi nega sua confiança de amigo.

—Pois então vou dar-lhe uma prova de amisade.

Ernesto abria a medalha com muito cautela, e mostrou o conteúdo.

—Um calo! exclamou atonito o brasileiro.

—Sim, sr. um calo.

—E de quem é o cujo?

—Isso agora, sr. Castanheira!...

—Bem, então não podemos mais ser amigos, porque você mi trata em má fé.

O brasileiro fez menção de sair, e o Ernesto segurou-o por um braço.

—Venha cá, sr. Castanheira, este calo era da mulher que mais tenho amado no mundo.

—Que mi diz! E que idade tinha ela quando você tirou o cujo calo?

—Vinte e oito anos.

—Não pode ser. Isto é casco de mais idade...

—Como?!

—De pessoa de quarenta e pico.

—Está enganado. A idade das pessoas não se conhece pelos calos.

—Talvez seja pelos dentes!... Qual tal está a cantiga! E essa pessoa ainda vive?

—Não, senhor, morreu.

—Seria de morte macaca.

—O sr. Castanheira está a brincar, e eu não brinco.

—Se não brinca diga-me o nome da cuja pessoa.

—Era uma fidalga da Lixa, muito formosa. Eu fui tão desvairado por ela, apesar de não sermos da mesma classe, que até guardei este calo como recordação.

—Solteira ou casada?

—Casada.

—Então você seu Ernesto, guarde os calos das mulheres casada ?!

—Guardei só este, e se disse tudo foi porque o sr. Castanheira apertou de mais com o Ilado. Tenho ahi muitos calos e nem os conheço já; não sei de quem eram. Mas ainda que o soubesse não o dizia: é um segredo profissional.

—Você tambem foi lá em casa tirar um calo á senhora.

—Está misturado com os outros, porque todos vão para a mesma gaveta.

—Menos êsse...

—Ah! êste não o dava eu nem por uma moeda de ouro.

—Descarado! pensou o brasileiro, capaz de morder o Ernesto.

E, fazendo um gesto de sêca despedida com a mão, saiu para ir ó jantar.

Entrou em casa macambúzio, e sentou-se á mesa idem. Não podia comer: tinha atravessado na gargonta o calo de Dona Claudina.

Ela estranhou-o, e ficou inquieta:

—Seu Castanheira, você hoje chora pitanga! Veio o paquete com más noticias do Manaus?

—Não veio, rosnou Castanheira.

—Então é que o Arnesto não pintou a manta a você...

A este nome o brasileiro estremeceu, e a custo pode conter-se.

Dali a pouco empurrou a travessa da feijoada para o meio da mesa e que deu lugar a maior admiração e sobresalto de Dona Claudina:

—Você está doente?

—Menos isso.

—Nos outros dias a feijoada dava sebo que nem gaita e hoje...

O brasileiro levantou-se berrando:

—Que moço! Ah! deixe.

Dona Claudina tinha empregado uma palavra mais dura ainda do que o terrivel calo.

Castanheira pegou no chapeu, desceu a escada, e foi isolar-se, muito concentrado, para o Jardim de S. Lazaro.

Das suas cogitações resultaram os seguintes factos.

No outro dia, o brasileiro, aparentemente risonho e sereno, aconselhou Ernesto a ir exercer as suas aptidões no unico pais onde os portuguezes podiam enriquecer: o Brasil. Em Portugal não passaria nunca da cêpa torta. Pagar-lhe-ia a passagem, para o ajudar, e dar-lhe-ia cartas de recomendação. Fizesse o que êle Castanheira fizera comercialmente: explorar pelo sua arte as povoações sertanejas. Não tivesse medo de meter-se ao sertão, onde êle me mo encontrara por vezes alguns dentistas, que tiravam dentes aos vaqueiros, aos recoveiros, cargueiros e fazendeiros, sendo sempre bem tratados e ganhando uma dinheirama.

Neste conselho de se meter ao sertão confiava Castanheira que o Ernesto pudesse ser despedaçado pela onça, ou mordido pela jararaca, de modo a não voltar mais a Portugal.

O barbeiro entusiasmou-se com o programa que o Castanheira caviosamente lhe traçara:

—Pois vou, disse ele por fim. Se a minha mãe ainda fosse viva, não lhe daria esse desgosto. Mas agora, que sou só no mundo, aceito os oferecimentos do sr. Castanheira. Decididamente, vou.

Dona Claudina apenas tivera uma noite de inquietação, porque o marido logo no outro dia voltára ás boas.

Ele, por sua parte, da melhor vontade lhe descalçou as botas; até lhe descalçaria quatro, se fosse preciso.

Convenceu-se de que o marido continuava a ignorar o segredo do «carvoeiro».

Ora o carvoeiro era um belo estudante da Academia Politécnica, o que morava com outros numa casa do arruamento ocidental do Campo de Santo Ovidio.

As trazeiras desta casa deitavam para o quintal do brasileiro.

Dona Claudina tinha da varanda do segundo andar, para o lado do quintal, tres papagaios muito faladores e engraçados.

Foram os papagaios que deram azo ao estudante para dirigir o verbo á brasileira, que no primeiro dia ficou muda, no segundo sorriu, e no terceiro dia respondeu.

A vida era para ela árida, que bem precisava de uma distração.

As suas duas criadas pretas adoravam-na; com o segredo delas podia contar incondicionalmente.

Ao cabo de oito dias, o audacioso estudante vestiu-se e mascarou-se de carvoeiro, para ir saber se em casa de Castanheira era preciso carvão.

Era, e ficou entendido com Dona Claudina para os futuros fornecimentos.

Quando o brasileiro, tendo acompanhado o Ernesto a bordo, viu partir o navio, disse de si para si, vitorioso:

—O calo lá vai, mas a mulher cá ficou.

Não era de Dona Claudina o calo, porque o romantico barbeiro contara a verdade; mas tambem Dona Claudina não era da Dona Claudina não era do brasileiro senão para o efeito de descalçar as botas ao esposo.

FIM

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte

Cirurgia da bocca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Cap tal Social Esc. 48.000.000$00

Capital Realisado Esc. 24.000.000$00

Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 26 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Inglesa), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as Filiais deste Banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos cauciomados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa — Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Rans, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Bedouwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Bodal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS

Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS

de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos qui[illegible]

SECÇÃO CORKY

Pavimentos com tendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible] e frigorificas

TIRAGEM DAS 7 HORAS

A CAPITAL

N.º 4037 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte 5 — Imp.: R. da Bica 71

LISBOA — Segunda-feira, 27 de Março de 1922

— DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL

Preço 10 centavos

O sr. Afonso Costa regressa brevemente á politica activa.

A' margem da lei 1239

«A Capital» recebeu no seu correio de hoje uma carta assinada pelo sr. Estanislau de Almeida, capitão medico-veterinario do nosso exercito, que, por demasiado longa, nos é impossivel publicar na integra. Dela, todavia, destacamos os seguintes periodos:

«Com a publicação desta lei não se atropelou nenhuma outra mais sensata, nem esta se fez para satisfazer vaidades infantis, porque não é infantilidade um oficial que é mais antigo que outro 3, 4, 5 ou seis-anos, julgar-se no direito de ser promovido, pelo menos ao posto que esse outro possue.»

«Infantilidade, e mais do que isso, cobardia, é o oficial vêr passar adeante outros muito mais modernos e não se sentir vexado e não protestar contra a injustiça.»

«O desprestigio e amesquinhamento a que o artigo se refere, não deriva desta lei que procura nivelar quanto possivel os oficiais dos diversos quadros e reparar os prejuizos dos que estão mais atrazados.»

«O desprestigio e amesquinhamento tem resultado das numerosas promoções que se tem feito nalguns quadros apenas, com desprestigio e amesquinhamento dos oficiais dos outros quadros que, sendo muito mais antigos, tem ficado injustamente esquecidos.»

«O articulista só agora repara e só agora se aflige com o numero de promoções resultantes da aplicação desta lei e não reparou nos numeros proporcionalmente muito e muito maiores a que tem dado logar leis de caracter especial.»

Ninguem contesta aos oficiais que se sintam prejudicados o direito de fazerem ver as suas razões. E os argumentos adusidos na carta acima são de sobejo conhecidos. Quer-nos porém parecer sempre que acima dos interesses individuais encontram-se os interesses da nação. Não é impunemente que se diz e se préga ser necessario o sacrificio de todos nós. Muitos e muitos oficiais do exercito, por causas que não são para este lugar, tem visto as suas promoções prejudicadas, ninguem o ignora. Mas querer remediar, obviar a este inconveniente publicando um lei que sobre ser extemporanea é perfeitamente ridicula, dado o estado de desorganisação actual do nosso Exercito, não nos parece e não é, de facto a forma melhor de resolver o assunto. Possivelmente muitos interesses individuais serão resolvidos com a lei 1239. Mas os interesses superiores e sagrados da Nação não resaltam senão mais prejudicados.

Afirmámos antes que a lei era antes de tudo anti-disciplinar. E'. A nação pode lamentar que muitos oficiais tenham sido prejudicados na sua promoção. Mas a Nação lamenta muito mais o delirio de promoções. Ainda mesmo que conheça as causas, o que é duvidoso, apenas lhe vê os efeitos. E esses são deploraveis. Não é decerto agradavel saber-se que injustiças ou outras causas produziram carreiras irremediavelmente subalternas ou lentas—mas é profundamente doloroso que se cometam inepcias para as reparar. Temos um esqueleto de Exercito onde existem hoje quasi tantos oficiais como soldados. Isto é ridiculo. Temos um quadro de oficiais que num breve espaço de tempo absorverá ao paiz mais alguns milhares de contos de reis. Isto é criminoso. O sacrificio é para todos, deve ser para todos se quizermos viver como nação. Onde está em perigo o interesse colectivo, cala-se o interesse individual.

A viagem do principe de Galles

BOMBAIM, 27.—O principe de Galles partiu de Colombo no sabado a bordo do couraçado «Renown» com destino á Malasia e ao Japão.—(R.)

DURANTE A PAZ

Portugal na Conferencia de Genova

"A Capital" entrevista o sr. Victorino Guimarães

A Europa, após a colossal revolução da guerra, não é mais do que um espectro do passado, quasi uma sombra mergulhando na incerteza densa do futuro, senão um montão de cinzas revolvidas pelas constantes e insaciaveis ambições dos povos. O importantissimo movimento historico da guerra, como um violento cataclismo, repercutiu-se por toda a parte, não escapando á sua influencia as mais remotas regiões do globo. Mas foi a Europa, como centro de onde irradiaram todas as guerras locais do mundo, que maior abalo experimentou.

A guerra tudo subverteu desde a vida humana propriamente dita, á vida economica dos povos que é ainda hoje um enorme ponto de interrogação, no meio de tanta espectativa.

A Europa é actualmente como uma grande casa que todos ajudaram a desarrumar, desconhecendo hoje a maneira de a fazer voltar, senão á primitiva forma, o que seria impossivel, pelo menos a uma disposição harmonica e definitiva.

As consequencias economicas e as da guerra são enormes e graves e o nosso paiz, como elemento activo que foi no conflito, não podia escapar, na sua vida politica, como na economica, a todas as inumeras influencias engendradas.

Para estabelecer uma situação de normalidade, tanto quanto possivel, deliberaram as potencias assentar em acordos de onde possam resultar entendimentos futuros para todos os povos interessados directa e indirectamente na vida politico-economica da Europa. Assim se realizou, embora com uma deficiente caracteristica, a Conferencia de Bruxelas e se realizará a de Genova no proximo mês de Abril.

* * *

Pretendiamos ouvir alguem sobre a Conferencia de Genova e foi assim que escolhemos um dos nossos delegados, o antigo ministro das Finanças, sr. Vitorino Guimarães. O nosso representante na Conferencia é um cavalheiro afavel, comunicativo, não nos repelindo com aquele ar de enfado que tanto politico nosso denota quando dêles nos acercamos. O sr. Vitorino Guimarães não é unicamente um politico entrevistavel e amavel, é mais do que isso, tem aquele dom precioso, tanto do nosso agrado, a educação.

Fomos tão bem dispostos pela maneira como nos recebera quando da primeira vez, que afoitamente lhe preguntámos:

— De que se ocupa, sr. Vitorino Guimarães, a Conferencia de Genova? Quais os interesses de Portugal ligados a ela?

— A Conferencia de Genova—diz-nos o antigo ministro das Finanças—vai ocupar-se de generalidades, bem como da definitiva normalidade politica e economica da Europa.

— ?

— E' a Russia um dos problemas de maior envergadura, trazendo, como sabe, as duas potencias — a Inglaterra e a França — em manifesto litigio.

— ?

A situação dos paizes neutros será definitivamente estabelecida.

— Lloyd George irá á Conferencia?

— Se fôr, ela terá uma importancia capital. A sua ausencia diminuiria consideravelmente a sua importancia.

— O que distingue as atribuições das Conferencias de Bruxelas e de Genova?

— A de Bruxelas — responde nos amavelmente o sr. Vitorino Guimarães — teve unicamente um caracter consultivo, a que se vai realizar será deliberativa. Como vê, são funções completamente diferentes. Mas, repito, a comparencia ou não de Lloyd George á Conferencia de Genova é que lhe poderá dar um aspecto mais grave, grave em sentido de importante.

— ?

— A Conferencia ocupar-se-ha de varios aspectos da vida europeia, da sua economia, das suas finanças, bem como do problema dos transportes.

— Diga-me V. Ex.ª Quais são os interesses de Portugal na Conferencia?

— Interesses de ordem economica e a sua interferencia em todos os problemas que nela se tratarem. De resto, é o Governo que nos instruirá da nossa missão na Conferencia.

— Parte V. Ex.ª no domingo para Paris, não é verdade?

— Sim. Vou encontrar-me ali com o outro delegado, sr. Teixeira Gomes e os dois assentaremos na parte respeitante á nossa interferencia em Genova.

Um apêrto de mão de agradecimento pela sua amavel atenção para comnosco e estava terminada a entrevista.

* * *

Agora não temos mais que aguardar não só os antecedentes proximos da Conferencia, que ainda são mais ou menos problematicos, como se deduz da nossa entrevista, bem como dos seus resultados.

E' notorio que á França não lhe agrada a proxima Conferencia de Genova, receando que dela resulte o reatamento de relações com a Russia, inaceitavel para ela, que ao fim da guerra começou trilhando um caminho mais conservador na politica da Europa.

Além desta questão, de capital interêsse, figura a atitude diversa da Inglaterra e da França na futura situação da Alemanha, que é olhada por aquela potencia com uma maior dose de tolerancia do que pela Republica Franceza, que vê na sua colega imperial ainda um futuro perigo a recear.

Para nós, a Conferencia de Genova está ainda envolta num certo ar de duvida, não só quanto á maneira como funcionará, como nos resultados que dela advirão para a Europa.

QUESTÕES DE TEATRO

Arthur Cohen fala-nos da sua peça "A VIDA„

O que é a peça? — A critica — O desempenho

Os quatro actos de Arthur Cohen—que hoje realisa a sua festa no Teatro de S. Carlos—merecem ainda a nossa atenção, já falou a critica: ainda não falou o autor. E afinal o depoimento de Arthur Cohen é absolutamente essencial. Decerto que ele não é, porque não deve ser, uma justificação—tomando justificação no sentido de transigencia. Não. Mas Arthur Cohen, como todos os dramaturgos, tem, até certo ponto, o dever intelectual de esclarecer, perante a opinião publica, um ou outro pormenor que não foi compreendido pela plateia ou pela critica, como os seus autores o desejariam que fossem. Arthur Cohen num requinte de amabilidade quiz dar á «Capital» alguns esclarecimentos sobre a «Vida». «A Capital» orgulha-se de que nas suas colunas deponham sempre todos aqueles que sinceramente pretendem fazer de qualquer maneira, uma obra que poderá não ser imortal mas que é incontestavelmente honesta. Cohen recebe-nos no seu elegante gabinete da rua de S. Bernardo, um gabinete sobrio, requintado, avermelhado que a luz electrica enche de manchas de oiro.

—A minha peça? Mas a minha peça não é precisamente uma peça de elucubrações como a critica a quiz tomar: é uma peça de these. Ha nela, como sabe, uma personagem central, um homem de genio e de coração, como que eu pretendi simbolizar a «Vida» na sua mais alta modalidade. O tipo de Tomaz Acora dotado duma vontade forte, exuberante e dum sentimento muito pouco vulgar de realisações praticas, supõe-se fadado para o destino supremo e imortal. A sociedade em que vive, em que os seus gestos se desenham e se gravam é-lhe inferior e por consequencia quasi adversa. Não o compreende: insulta-o. Ele desdenha-a e caminha. A sua obra de politica, vasta e nobre repara ele entretanto pequenina, mesquinha—deseja-a maior ainda—e ainda mais nobre. Mas o seu optimismo é de repente quebrado. O seu coração é ferido mortalmente pelas vicissitudes da vida, desta vez sobre o aspecto familiar: a mulher. «L'eternelle chanson . . .»

—Uma peça de these, absolutamente.

—Fui feliz? Fui infeliz na maneira como procurei trata-la? A critica não o disse. Limitou-se sistematicamente a combater-me e fê-lo—porque não havemos de o confessar—duma maneira que chega por vezes a recordar a critica do seculo XVI.. Conhece um dos ataques feito aos «Lusiadas», ao tempo? Quando Camões fantasia D. Manuel a sonhar com o deslumbramento do Rio Ganjes—dizem os criticos—errou: não podia sonhar com um rio que corre tão longe, na India...

—Como se os sonhos, mesmo os que não se sonham, tivessem um limite...

—De resto a filosofia de que procurei revestir os meus quatro actos talvez desconcertasse um pouco a critica. Mas aplique-se á interpretação mecanica do Universo o calculo das probabilidades e verificar-se-ha que tem toda a razão de ser as afirmações filosoficas que coloco na boca do protagonista da «Vida». Ha erros na minha peça? Ha. Mas já agora deixe-me dizer-lhe que as possiveis afinidades que possam existir entre o meu primeiro acto e a «Garra» entre o meu terceiro acto e a «Primeira Causa» são meras casualidades. Vi a «Primeira Causa» depois de delineada a minha peça, como a «Garra».

—O desempenho?

—Alves da Cunha e Berta Bivar deixaram uma impressão excelente. Alves da Cunha é um grande actor e Berta Bivar revelou-se no seu recente papel uma admiravel atriz... Mas seria injusto esquecer a boa vontade de Angela, de Samwel Diniz, de todos...

—Tem uma nova peça em preparação, não é verdade?

—Tenho. «Deus e Satan».

—Mudamos a conversa. Literatura. A politica. «A Vida».

O papão bolchevista

ENUMERAÇÃO DOS LENINES PORTUGUEZES E SUA INSTALAÇÃO NO ROCIO

Os portuguezes que são na sua imensa maioria sebastianistas são egualmente, debaixo do ponto de vista social as criaturas mais susceptiveis de ser atterradas. Neste chaveiro de revoluções que se anunciam, que se preparam e que abortam duas vezes em cada tres, na espectativa dum golpe de estado, todos se fecham em casa, todos se calafetam e o grito é unanime:—«Vem ahi o bolchevismo! Agora é que ele ahi vem!»

* * *

E' justamente deste irreflectido pavor do bolchevismo que os magros bolchevistas portuguezes tiram o melhor da sua força. No dia em que os nossos maiores afastaram decididamente do seu espirito o receio do mar do pez e das series malfazejas, dobraram o Tormentorio. No dia em que todos nós, descendentes bastante descaidos dos brutos que foram á India partirmos do principio assente de que não ha nem pode haver em Portugal bolchevismo activo, nesse dia o joven sindicalismo terá vivido.

Supôr que o nefasto exemplo da Russia pode nascer e frutificar neste nesga de terra onde atavismos, processos, costumes, idiosyncrasias e sobretudo raça são totalmente, absolutamente diferentes,—é supor um erro prenhe de ignorancias producto de mal digeridas leituras.

Em primeiro logar o bolchevismo da Russia é Lenine; no dia em que ele fechar os olhos finalisa a republica dos sovietes. Em segundo logar, o extincto imperio moscovita é imenso, é o maior do mundo, quasi deserto, descentralisado, desconexo, hibrido de raças, de crenças, de costumes, de necessidades e de religiões. O sistema que o regeu partia do centro para a periferia e a centralisação do mando levada ao ultimo extremo, produziu e ainda hoje produz uma formidavel miseria, uma carencia absoluta de tudo, que, entre nós, seja qual fôr a hipotese a encarar, nunca poderá dar-se. Em terceiro logar, na Russia, por motivos que não vem a talho de fouce foi possivel a união camponeza e do operario dos grandes centros.

* * *

No nosso canto indubitavelmente previlegiado «quand-même», a pequena propriedade está fraccionada até aos ultimos limites e os interesses do campones são perfeitamente antagonicos aos do operario. O que a um poderia parecer a felicidade seria a ruina total, absoluta dos outros e reciprocamente. Nunca, em hipotese nenhuma estes dois elementos se poderão conjugar e um terá de dominar o outro. Acresce ainda que se a Russia é apenas um paiz asiatico com uma janela sobre a Europa e não ha meio de lá entrar senão pela janela,—nós, estamos a 30 horas de Gibraltar a 50 das costas de Inglaterra e apenas a 8 da conservadora e catolica Espanha apesar dela ser um viveiro de anarquistas. Supôr que a Europa nos deixará chalarder num glorioso bolchevismo pelo simples facto de que não interveio na Russia, é positivamente ignorar que as razões que se opuzeram á intervenção dos aliados no Imperio moscovita são justamente as mesmas que, para nós, produziriam a intervenção fatal, rapida, fulminante.

* * *

Feeis e principais argumentos são estes os que se podem aduzir partindo do principio de que existe entre nós uma força ou um partido bolchevista com uma organisação ou uma vastidão capazes. Mas essa força ou esse partido não existem.

Entre nós os elementos impropriamente chamados bolchevistas são recrutados em primeira mão no operariado das cidades e subsidiariamente na marinha, no exercito e nas classes subalternas de funcionarios publicos (ferro-viarios, telegrafo-postais, etc). As estatisticas muito imperfeitas embora a que temos de nos reportar acusam em todo o paiz 120 mil operarios, 20 mil ferro viarios e telegrafos postais e 10 mil marinheiros ou soldados considerando entre estes ultimos apenas os que fazem parte das guarnições de Lisboa e Porto.

Ai temos, um total incerto mas aproximado de 150 mil individuos que constituem a multidão onde com mais viabilidade se podem recrutar os proselitos dos «sovietes».

Supor que estes 150 mil homens são todos bolchevistas e hipotese de fazer encolher os hombros o mais embora tenham de começar aqui deduções que são latamente erradas a mais elementar das logicas mostra-nos que pelo menos metade dessa multidão ha-de ser manifestamente contraria a praticas ultra-avançadas e se dos 75 mil restantes dois terços são fóra de duvida bolchevistas de gabinete, (sic) bolchevistas de teatro «songe-creux», positivamente utopistas dum idealismo apagado e fóra de combate,—restam dessa imensa multidão 25 mil homens, 25 mil bolchevistas. Cabem todos no Rocio!

* * *

Mas pode porventura afirmar-se que o numero maximo dos bolchevistas possiveis em Portugal é de 25 mil? De modo algum. Nem metade, nem talvez um terço porque a verdade é que quando a policia mete no forte de Monsanto dois centos de «companheiros», nas hostes dos Lenines portuguezes logo se evidenciam cortes, falhas, espaços em branco que se revelam na quotisação subita e nas pacholices ao poder constituido.

Estamos pois, nós, homens de ordem e que do trabalho tiramos a primeira condição de vida, em face pura e simplesmente de um punhado de bordeiros para se lhe não chamar peor Recear esses desordeiros e dar-lhes força, não os encarar de frente e justifica-os. Atacar irreflectidamente concedendo-lhes fóros de beligerantes, é supor-lhes uma força que eles não teem de facto. E se na verdade as condições actuais da nossa vida nacional demonstram por toda a parte desarmonia, incuria, indisciplina, dolo e desagregação, não podem iludir-se destes factores que a nossa terra penda para a corrente ultra-radical do bolchevismo. Porque ninguem, desde que seja bem constituido de corpo e de intelecto pode pretender remediar a sua força, a sua amargura, e sua dor ou o seu desanimo, atirando bombas ou esquinando os cofres publicos.

A publicação da CAPITAL

Uma tiragem ás 5 horas

Temporariamente, passará a primeira tiragem de A CAPITAL a fazer-se ás 5 horas da tarde, de forma a que o publico dos suburbios, ou sem meios de condução rapidos possa adquirir o seu jornal habitual.

Uma segunda tiragem de A CAPITAL sahirá ás horas costumadas, devendo o publico exigir dos vendedores o jornal da 2.ª edição.

Segredo a toda a gente

Mulheres postiças

Sim, minhas senhoras, ha mulheres que positivamente não existem. O que existe é uma «blague» com esse nome. Ora oiçam. Quando Mme. Inverosimil passa com os seios postiços com os dentes postiços, com as pernas postiças, com tudo postiço—Mme. Inverosimil é uma mulher? Seguramente não. E' apenas uma «blague». Uma «blague» que anda, uma «blague» que namora, uma «blague» que toma chá, uma «blague» que para deixar de o ser—precisava demonstrar que o não é. Mas essa demonstração é ainda contradictoria. Se um de nós seguir Mme. Inverosimil ao seu quarto de toilette não tente nunca tirar a prova dos nove desse mito imponderavel. A «blague» desmanchar-se-ha e quando de repente quizer-mos procurar a mulher—mulher que afinal não existe—encontrariamos apenas, á nossa volta, um mundo de «maquillage», maços de algodão, cabeleiras postiças, dentes de ouro, olhos de vidro, pernas de cera—e apenas, sobre um sofá, um feixe de ossos, descarnados, frios, esguios que podem não merecer a honra de ser transformados em botões—nos botões com que nós abotoamos, nos botões que nós metemos nas nossas casas . .

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A felicidade na Russia dos bolcheviques não é uma ficção, dizia a «Batalha», com gosto . . .

O ultimo numero do «Excelsior» reproduz, em «fac-simile», o envelope duma carta registada, vinda da Russia e recebida em Paris.

O porte da carta custou, ao expedidor, 10.090 rublos, ou, em moeda portugueza e ao par, dez contos. O envelope vem carregado de selos!

Segundo o mesmo jornal, este preço de 10.000 rublos é referido a 3 de fevereiro; em 2 de março corrente, o porte foi elevado a 30.000 rublos, ou 30 contos.

E' a esta felicidade que nos quer conduzir a U. S. O., com ajuda do seu porta-voz «A Batalha».

A emigração para S. Tomé

O silencio dum governador

UMA CARTA DUM ANTIGO COLONO

Sr. redactor:

Li ha tempos — quinze dias, se tanto — uma entrevista do governador de S. Tomé sobre os problemas mais instantes desta preciosa ilha. Concordei em parte com a exposição feita e até — caso raro — com as propostas por s. ex.ª apresentadas.

Em «A Capital» de sabado vejo, porém, um esplendido artigo sobre a proibição de indigenas de Moçambique, destinados a auxiliar os trabalhos agricolas de S. Tomé — proibição que representa um desvendado favor do sr. Brito Camacho, que não hesitou em lançar na ruina aquela nossa florescente e modelar colonia.

Ora sendo o decreto da proibição já antigo, é inadmissivel que o actual governador de S. Tomé o não conheça e conhecendo-o, muito mais inadmissivel é que não tenha feito na sua entrevista, a menor referencia a tão importante assunto.

Ha silencios que não se explicam muito bem e não recomendam o prestigio dos altos funcionarios.

Porque seria?

Desculpe v. ex.ª a impertinencia, mas, velho colono de S. Tomé, interesso-me por tudo o que representa utilidade para aquela ilha, afigurando-se-me muito util saber o que pensa sobre a proibição dos emigrantes de Moçambique o actual governador.

Sim, sr. redactor, sempre é util e muito preciso saber com quem podemos contar.

Lisboa, 27 de Março de 1922.

A. Morais.

LER AMANHÃ:

Por Moçambique

O sr. Hornung, subdito inglez, é comissionado pelo Alto Comissario para negociar em Londres um emprestimo de dez milhões de libras.

O saguão da vida

por

O HOMEM QUE PASSA

— O NOVO LIVRO DE ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO —

Mais alem da Morte e do Amor

Deve ser posto á venda na quinta-feira, numa curiosa edição da livraria Guimarães & C.ª, um novo livro de Albino Forjaz de Sampaio. O escritor admiravel das "Vidas Sombrias", mantem neste seu ultimo volume as mesmas exuberantes qualidades de nitidez, de concisão, de sagacidade, de brilhantismo que teem feito a fortuna dos seus volumes anteriores. O "Mais alem da Morte e do Amor" é, segundo o seu proprio autor; não um livro de pensamentos, mas um livro de comentarios. Todos nós o devemos lêr. Porque é um livro que nos ensina a viver? Sim. Mas sobretudo é um livro que nos faz sorrir.

A questão das oito horas

Segundo as ultimas noticias o governo parece desinteressar-se deste problema que é, todavia, capital para a nacionalidade

Não sabemos se o chefe do Governo se dará por esfalfado [illegible] ... da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva não entende [illegible] ... O Governo, se quere viver, tem que governar [illegible] ... dos remedios á situação. [illegible] ... e outros poderes além do Executivo.

Já aqui o dissemos: a situação... [illegible]

Politica internacional

O Japão na Siberia - A sua politica

A expedição militar japonesa á Siberia foi empreendida em comum acordo e cooperação com os Estados Unidos em 1918.

O seu fim principal era prestar auxilio ás tropas tcheco-slovaquias que, saidas da Russia europeia, para irem para a sua patria, atravessavam a Siberia, onde se expunham a graves perigos que lhe porte á disposição das tropas tcheco-[illegible] por alemães.

As tropas expedicionarias japonesas [illegible] em commum acordo com outras tropas aliad[as] [illegible], desde Wladivostok até ao interior das provincias do Amur e do Transbaikal. Tratava-se de proteger os linhas dos caminhos de ferro que constituiam o unico meio de transporte ás disposição das tropas tcheco-slovaquias para ir do interior da Siberia ao porto de Wladivostok. As dificuldades com que as tropas aliadas [lutaram] nas suas operações, durante um inverno frio e rigoroso, foram imensas.

Em Janeiro de 1920, os Estados Unidos resolveram pôr termo á sua intervenção militar na Siberia e, por tal motivo, ordenaram a retirada das suas forças. As tropas japonesas continuaram então só durante algum tempo, a guardar varios pontos do transiberiano, [em] harmonia com os planos interaliados destinados a facilitar o regresso dos tcheco-slovaquios.

A ultima coluna de tropas tcheco-slovaquias embarcou em Wladivostok em Setembro de 1920. Desde então, o Japão teve sempre em vista a retirada das suas tropas da Siberia. A permanencia destas tropas em paiz estrangeiro era uma empresa custosa e ingrata; o Japão considerar-se-hia muito feliz estando livre de uma tal responsabilidade. De facto, a evacuação das provincias do Amur e do Transbaikal acabou em 1920. A unica região que está ainda ocupada é a parte meridional da provincia maritima junto de Wladivostok e de Nikolsk.

E' preciso notar que, para o Japão, a questão da retirada das tropas da Siberia não é tão facil como para as outras potencias aliadas. Ha a notar que um grande numero de japoneses se estabeleceu na Siberia, muito antes da revolução bolchevista.

Em 1917, antes da intervenção militar americano-japonesa, o numero dêstes residentes japoneses atingia já 9.717.

Na situação actual do paiz, êstes japoneses não encontram auxilio senão junto das tropas da sua nacionalidade. Em todos os distritos donde estas tropas se retiravam, levantou-se a desordem e os japoneses neles residentes tiveram de fugir precipitadamente para salvar a sua vida. Na retirada, foram forçados a abandonar uma grande parte dos seus haveres. Os seus lares, as suas casas comerciais ficaram destruidas.

Se as perdas sofridas pelos japoneses em Amur e em Transbaikal foram sérias, é muito natural que mais consideraveis venham a ser a seguir á evacuação de Wladivostog, visto que ali reside maior numero de japoneses e mais avultados são os seus capitais.

Ha uma outra dificuldade a que o Japão tem de fazer face, quando retirar as suas tropas da provincia maritima.

A situação nos distritos circumvisinhos de Wladivostok e Nikolsk é de molde a afectar a segurança da fronteira da Coréa, que lhe fica vizinha. Estes distritos foram, durante muito tempo, ponto de conspirações coreanas contra o Japão.

Os coreanos hostis, reunidos com elementos sem fé nem lei da Russia, tentaram em 1920 invadir a Coréa pelo territorio chinês de Chientao. Deitaram o fogo no consulado japonês de Hungchun e cometeram numerosos actos criminosos e de pilhagem. Estão actualmente sob a vigilancia efectiva das tropas japonesas estacionadas na provincia maritima. Na primeira ocasião favoravel, êles tentarão, sem duvida, penetrar novamente na Coréa.

Por estas razões, o governo japonês viu-se forçado a proceder com precaução no que dizia respeito á evacuação projectada da provincia maritima. Procedendo apressadamente, sem garantias suficientes para o futuro, faltaria ao dever para com os seus nacionais residentes nos distritos em questão e á obrigação que lhe foi incumbida de manter a ordem e a segurança da Coréa.

Nenhuma parte da provincia maritima está submetida á ocupação militar do Japão. Na parte meridional desta provincia estacionam ainda tropas japonesas. Comtudo, nenhuma administração militar ou civil foi estabelecida por êste [illegible] as autoridades locais.

A sua actividade limita-se a manter a sua propria segurança e do seu paiz e a dos seus compatriotas. Os japoneses ocupam êstes distritos como as tropas americanas e aliadas os ocuparam quando nêles estacionaram.

O governo japonês está impaciente por ser restabelecida uma autoridade regular e estavel nas possessões da Russia oriental. Nesta ordem de ideias manifestou o seu vivo interesse pela tentativa patriotica, mas infeliz, do almirante Koltchak. Ofereceu o seu prestigio para apressar a reconciliação dos diferentes grupos politicos da Siberia oriental, abstendo-se, porém, de auxiliar um partido contra outro.

Recusou, por exemplo, todo o auxilio ao general Rozanof, no movimento revolucionario que o fêz cair em Janeiro de 1920. Mostrou uma atitude de rigorosa neutralidade e recusou intervir nestes movimentos, que lhe seria facil reprimir, se tivesse vontade.

A proposito desta politica de não intervenção, deve fazer-se referencia ás relações das autoridades japonesas com Semenof, que parece terem sido uma origem de equivocos e do descontentamento popular.

A aproximação entre os alemães e o governo bolchevista, no principio de 1918, levou receios aos paizes aliados, que chegaram a supôr que uma consideravel quantidade de munições que êles proprios forneceram e estava armazenada em Wladivostok fosse mandada á Russia europeia, pelos bolchevistas, com o fim de a destinarem á Alemanha. Por essa altura, Lemenof organizou então na Siberia um movimento para sufocar os levantamentos bolchevistas e manter a ordem nesta região.

Foi nestas condições que o Japão, assim como alguns dos aliados, começou a dar o seu apoio ao chefe cossaco.

No fim de alguns meses, as outras potencias retiraram-lhe o seu auxilio. Os japoneses entenderam não proceder da mesma forma e continuaram, durante algum tempo, as suas relações com Lemenof. Não era, porém, sua intenção intervir nas questões interiores da Russia e logo que supozeram que o auxilio prestado ao *hetman* podia complicar a situação interna da Siberia, romperam completamente as relações.

No momento actual, o governo japonês estuda sériamente um plano que lhe permitirá retirar a totalidade das suas tropas da provincia maritima sem comprometer a segurança dos residentes japoneses e das regiões fronteiras da Coréa.

Por êste motivo, foram já iniciadas negociações, ha algum tempo, em Dairen, entre os representantes do Japão e os agentes do governo de Tchita.

Por estas negociações não tirará o Japão vantagens ou direitos particulares: o seu fim visa apenas regular algumas das questões mais urgentes a que o Japão tem de fazer face na Siberia, como sejam a conclusão dos planos comerciais provisorios, a segurança dos residentes japoneses na Siberia oriental, o estabelecimento de garantias para a liberdade das empresas comerciais, finalmente a proibição da propaganda bolchevista além da fronteira siberiana.

Desde que obtenha garantias suficientes, o governo japonês ordenará imediatamente a retirada completa das suas tropas estacionadas na provincia maritima.

Movimento da Bolsa

BANCOS

Portugal, 512; Comercial de Lisboa, 788; Nacional Ultramarino, 100; Nacional Ultramarino, coupon, 26480; Lisboa & Açores, 319; Portuguez e Brazileiro, 15350; Minho, 271; Colonial Portuguez, 260; Colonial Portuguez, coupon, 143.

COMPANHIAS

Proprietarios, 50; Nacional de Navegação, 199; Credito Predial, 41; Industrial Aliança, 150; Fosforos, 133; Fosforos, coupon, 147; Portugal e Colonias, 13620; Tabacos, coupon, 37310.

FUNDOS DO BRAZIL

Funding, 3670; Porto Rio, 3751.

COMPANHIAS COLONIAES

Cazengo, 219; Cabinda, 8; Buzi, 3380; Ilha do Principe, 30950; Moçambique, novas, 27.

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	41$16—41$16
» 90 dias	41$26—
Paris, cheque	1023— 1036
Madrid, cheque	1777— 1825
Berlim, cheque	35— 38
Rio s/Londres	717$32—
New-York, cheque	11872— 11878

Libras . . . . 61000 — 57500

Em plena Falperra

A galunagem campeia livremente pela cidade

Raro é o dia em que os jornais não noticiam que a policia fez rusgas pela cidade, aprendendo navalhas ou outros objectos cortantes os quais na sua maioria são depois lançados ao Tejo. Nessas rusgas poucas vezes sucede serem agarrados os gatunos que infestam a capital e dahi o motivo dos constantes assaltos á mão armada roubos e furtos que se sucedem assustadoramente. E' que a policia nestes ultimos tempos apenas se tem preocupado com os detentores de armas proibidas, deixando á vontade os larapios de estação, os carteiristas, os vigaristas, os bate-xornas, e outros mil profissionais ou amigos do alheio.

A policia de investigação a quem legalmente compete velar pela segurança das vidas e dos haveres dos cidadãos, adotou o comodo processo de se entrincheirar no Governo Civil não havendo forma de a desalojar dali; aguardando nos seus gabinetes que se dêem os acontecimentos para depois então providenciar. Entretanto a cidade continua entregue aos larapios não sendo para admirar que todos os dias chovam no Governo Civil as reclamações contra as proezas destes «cavalheiros».

Raro é tambem ver a sombra de um policia nas ruas da capital, principalmente nos bairros afastados e essa falta que se torna sensivel durante o dia mais se nota de noite, o que bem dispõe os gatunos a pôr em pratica os seus golpes de audacia.

Durante a madrugada de hoje os amigos do alheio entraram na Empreza Metalurgica L.da, rua de Santa Marta, 207, donde furtaram artigos varios no valor de 5.000 escudos.

Tambem o escritorio de comissões de José Ferreira Amado, rua dos Correeiros, 40, 2.º, foi visitado pelos larapios que dali levaram fazendas avaliadas em 2.000 escudos. Ambos estes furtos foram feitos por arrombamento e sem que a policia tivesse conhecimento de coisa alguma.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

SÉDE EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 270 a 276

Juro de obrigações vencivel em 1 de Abril de 1922

O juro de obrigações vencivel em 1 de Abril de 1922 pagar-se-ha na séde desta companhia em todos os dias uteis desde 1 até 15 de Abril, das 11 ás 13 horas, e depois em todos os sabados seguintes ás mesmas horas.

No Porto este pagamento efectuar-se-ha, como de costume, no deposito desta Companhia, Rua de Passos Manoel, n.os 49 a 51, no dia 17 de Abril e em todas as segundas-feiras seguintes ás horas acima indicadas, devendo os srs. Obrigacionistas que ali desejem receber, apresentar as respectivas relações no referido deposito até ao dia 10 de Abril.

Lisbôa, 24 de Março de 1922. —Pela Companhia do Papel do Prado, o director-delegado, a) *Antonio G. Viana de Lemos.*

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

ANTES DE ABRIR A SESSÃO

Nos Passos Perdidos, poucos parlamentares. E' verdade que ainda é cedo, não tendo soado as 15 horas. Antes dessa hora «matutina» não ha forma de arranjar numero para a Camara funcionar.

A «Ordem do dia» é ainda a discussão da proposta referente ao Diluvio dos Coroneis. Segundo se supõe, ainda hoje não ficará concluido o debate, porque ha muitos oradores inscritos.

E' de notar que a proposta não foi á comissão de guerra, com o pretexto de se economisar tempo. A lição dos factos demonstra, agora, que, o criterio não era acertado. E' de crêr, efectivamente, que, se a proposta tem sofrido o exame da comissão, teria sido emendada, provavelmente, habilitando os legisladores a pronunciarem-se mais rapidamente. Assim, como se fez, transferiu-se para a sessão parlamentar o trabalho previo que competia á comissão de guerra, trabalho mais dificil de fazer por muita gente que por poucos... Isto é, de resto, da psicologia das multidões.

A não ser que surja alguma questão imprevista, a sessão de hoje não oferecerá interesse.

Está tudo em paz! Nunca presenciamos tanta unanimidade no terror de que o governo queira abandonar as poltronas, cheias de espinhos, do Terreiro do Paço.

Os vagos murmurios de crise proxima, que no sabado se fizeram ouvir na Arcada, cessaram por completo. Pelo menos aqui, na sala dos Passos Perdidos, não chega nenhum rumor de crise politica. Antes pelo contrario.

Segundo ouvimos, o Governo está negociando uma concordata com a Santa Sé, dando-se como muito adiantados todos os trabalhos.

Já não é segredo para os politicos o proximo regresso do sr. Afonso Costa. Ainda agora nos disse um antigo ministro que o ex-chefe democratico já tivera as malas feitas para o triunfal regresso á Patria, onde se propunha inaugurar, com um gabinete de concentração republicana, a nova fase da sua vida politica.

Porque imperioso motivo adiou o sr. Afonso Costa, então, o seu regresso? Não se sabe. E' de notar, porem, que essa aparente resolução fora tomada em pleno Carnaval, podendo tratar-se pois, dumas simples «camouflages», propria da epoca e tambem do bem conhecido feitio folgasão do homisiado estadista.

E' interessante fixar ainda o seguinte: os parlamentares democraticos são os que menos se regosijam com a intromissão do sr. Afonso Costa na politica nacional. Em compensação, os reconstituintes mostram-se radiantes. Uns e outros lá sabem porque,—mas não o dizem...

O sr. Agatão Lança, que foi ao sopé do Marão retemperar-se oito dias, já hoje apareceu na Camara.

O sr. Cunha Leal tambem não faltará á sessão, naturalmente.

Talvez que ainda hoje seja lido na Mesa o acordão das comissões de verificação de poderes respeitante á eleição na India Portugueza. Como se sabe, o sr. Helder Ribeiro contestou a elegibilidade do sr. Prazeres da Costa. Temos por certo que a comissão validou a eleição do antigo deputado sr. Prazeres da Costa, devendo o acordão ser assinado ainda hoje.

A chamada terminou ás 15 horas e meia. Presentes 57 legisladores. O sr. Presidente Domingos Pereira deu'ara aberta a sessão.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Na bancada ministerial sentam-se os titulares das pastas da Guerra e da Justiça. Nas galerias, escassa concorrencia. A sala um pouco escura.

Emquanto se lê a acta, que ninguem ouve, como de costume, o sr. ministro da Guerra conversa animadamente com o deputado liberal sr. Artur Brandão. O sr. general Barreto não é prodigo em gesticulação. Entretanto, a conversa parece interessá-lo porque, uma vez por outra, o seu dedo indicador da mão direita mexe-se, sublinhando a frase.

Um negocio urgente

Trata-se o sr. Almeida Ribeiro, «leader» da maioria. O orador pede, em resumo, que entre imediatamente em discussão o projecto de lei, da iniciativa do sr. Cunha Leal, estabelecendo uma pensão ao dr. Antonio Candido, a quem publicamente vai ser prestada uma homenagem nacional de admiração e respeito. A Camara aprova e o projecto é posto em discussão.

O chefe do Governo comparece, ocupa o seu lugar e está pondo em ordem varios papeis.

Sobre o projecto de lei falam os srs. Cancela d'Abreu, Carlos Pereira, Alvaro de Castro, Agatão Lança, Correia Gomes, Jorge Nunes, Juvenal de Araujo e chefe do Governo. E' aprovado o parecer da comissão. A Camara resolve fazer-se representar na manifestação ao grande orador!

Fala o sr. Visconde de Pedralva. Quer que se acuda á região dos vinhos do Dão, que está atravessando uma crise gravissima. As estações dos caminhos de ferro da Beira estão repletas de cascos de vinho do Dão, para os quais não ha transportes, emquanto que não faltam vagões para servir os interesses doutras industrias e lavradores. E' necessario que o Governo e, especialmente, o sr. ministro do Comercio adoptem providencias capazes de remediar a situação quasi desgraçada dos vinhateiros do Dão.

Responde o sr. presidente do Ministerio, que vai transmitir ao sr. ministro do Comercio as considerações do orador.

A Noite Tragica

O sr. presidente do Ministerio mandou para a Meza uma proposta de lei para regularisar e efectivar o pagamento dos vencimentos do dr. Alexandrino de Albuquerque. Requer urgencia que a Camara aprova.

A Greve dos Electricos

E' aprovada a urgencia e dispensa do regimento para uma proposta de lei, apresentada pelo Chefe do Governo, destinada a revogar o decreto d[a] sobre taxa de 5 centavos nos bilhetes dos carros electricos.

O sr. Carvalho da Silva dá o seu voto á aprovação da proposta mas verbera acremente o Governo por só agora a trazer ao Parlamento. E' inacreditavel a inercia do Governo perante a gréve dos electricos!

O sr. Jorge Nunes põe a questão assim: ou a cidade precisa dos electricos ou não precisa. A resposta não é duvidosa: precisa.

Nesse caso, trate-se de resolver a questão dos electricos. Vota a proposta, mas espera que o governo não descure a solução definitiva do problema.

O Governo e toda a Camara reconhecem a inconstitucionalidade do decreto da sobre taxa. Nesse caso—dizemos nós—a cobrança fez-se ilegalmente e ha direito á restituição. Pela nossa parte, temos os bilhetinhos colecionados. Vendemo-los, a quem quiser, por dez reis de mel coado. O negocio é bom, porque são algumas duzias de meios tostões que o Governo vai restituir. Haverá alguem a quem convenha o negocio? Carta a esta redacção, a X, Z.

Outros assuntos

Fala o sr. Ferreira de Mira, cuja voz eloquente não chega á tribuna jornalistica. Leremos o discurso amanhã na «Luta».

Entra em discussão, a requerimento do sr. ministro das Finanças, a proposta governamental dos tres duodecimos orçamentais, referentes a Abril, Maio e Junho do ano corrente.

O sr. Balthasar Teixeira, 1.º secretario, procede á leitura.

E' quasi certo que tudo será aprovado, sem discussão ou com discussão «pro forma».

A sessão continua.

As gréves

Deve ser assinado ainda hoje o novo acordo entre a Camara Municipal e a Companhia Carris de Ferro. Espera-se que até sexta-feira proxima fique completamente normalisado o serviço dos electricos sendo aproveitado todo o pessoal ultimamente inscrito.

A comissão de melhoramentos procurou hoje a direcção da Carris a qual se recusou a recebel-a mandando dizer aos comissionados que quem quizer voltar ao trabalho se inscrevesse.

Foram hoje postos em circulação mais 70 dos carros electricos que estavam em reparação, normalisando-se assim o serviço da viação da cidade.

—Continuam no mesmo estado as greves das classes mobiliarias e dos chauffeurs e condutores de carroças.

Os grevistas reuniram esta tarde nas respectivas associações de classe.

O atraso do Sud-Express

Segundo informações por nós colhidas o atraso de 8 horas que o Sud Express ontem trouxe deve-se ao techocado com um vagon numa das linhas espanholas.

A HOMENAGEM DE SEXTA-FEIRA

O sr. Conselheiro Antonio Candido afirma á "A Capital„ que não fará um discurso

O grande orador apenas pronunciará um agradecimento

Na sala vasta e arejada que faz esquina para a rua do Alecrim, junto de um cofre em *marqueterie* quasi no vão de uma janela a declinar os titulos que nos levou [à] sua presença, recebeu-nos o conselheiro sr. Antonio Candido a afirmação peremptoria de que não [irá] fazer um discurso na proxima sessão de homenagem na sexta-feira. A sua voz, muito lenta e muito grave, casa-se bem com uma restia de sol que entra por um dos caixilhos.

— Não. Eu não vou fazer um discurso. Vou apenas agradecer, agradecer unicamente como é natural que o faça, mas não tomarei aos meus ouvintes mais de cinco ou seis minutos. A concisão de quem já não tem voz e tem setenta e dois anos. Ha em tudo isto confusão. Não compreendo como me foram buscar ao meu recolhimento de tantos anos já... Eu não mereço.

Muito lenta, muito grave a voz. E quanto moça ainda!

— Setenta e dois anos! E' muito. Estou doente, estou velho. E profundamente comovido. A manifestação dos meus amigos é deveras sensibilizadora, não o occulto! Vejo que quem vive e pensa, se lembra ainda de mim. Mas, de facto, nada fiz: sofri, lutei... como todos os homens. Os grandes nomes de Portugal, toda essa mocidade fresca e nobre, para quem eu vou sendo quasi que uma tradição, quizeram... pensaram...

Uma pausa.

— Não. Não vou fazer um discurso. Ha bastantes anos já, em Amarante, falei, por assim dizer, oficialmente, pela ultima vez. E agora...

Hesita ainda, com um vago tremor na voz.

— Deram a entender os jornais que eu iria, na proxima sessão da Academia, falar pela ultima vez. Seria o canto do cisne. Se, por acaso, se encontra que sou eu o homenageado — deixe-me empregar o termo, apesar de não gostar dele — mas, sendo eu o homenageado, não tenho mais do que agradecer as notaveis palavras que vou decerto ouvir. E creia que o farei com profundo e sentidissima comoção. Lamento não ter já a voz de outros tempos e decerto [illegible] [illegible] para [illegible] um pouco.

Emquanto o conselheiro Antonio Candido [illegible] [illegible] as suas palavras [illegible] volvíamos-lhe [illegible] face impassivel todo um tumultuar de idéas. E é tal o fogo dos seus olhos, que nos parece uma *coquetterie* a confissão dos seus setenta e dois anos. Bem sentado numa cadeira, defronte da nossa, numa compostura onde se sente o eclesiastico, a restea de sol que foi andando, dourava-lhe as vigamente as fontes brancas. Um lenço de seda que lhe envolve o pescoço destaca-se uma nobre e expressiva cabeça. O seu sorriso, profundamente doce, é, tambem, profundamente cançado. E curioso: notavel da sua voz surda saem inflexões de uma frescura, que fazem estremecer. No calor já um discurso, aquela voz deve espalhar rajadas de viril eloquencia, catequisando, embalando. Aquele homem deve manejar um auditorio ao sabor e á vontade da sua vontade.

E bruscamente lembrou-nos a tarde cinzenta e remota em que Lamartine, preparando-se para falar, logo na multidão que cercava o Hotel-de-Ville circulou a advertencia:

«*Chut! Taisez-vous. Nous allons entendre de la musique*».

Com as mãos sobre os joelhos, o conselheiro Antonio Candido concluiu:

— Não será, pois, o canto do cisne porque eu não vou fazer um discurso. Insisto nesta afirmação.

Objectamos que o agradecimento já, por si, seria um discurso.

O grande orador atalhou:

— Decerto, não vou declarar apenas que fico muito obrigado, mas pouco mais direi. Estou velho, estou doente.

A restea de sol tinha desaparecido. Era tempo de desaparecer tambem. Um sorriso, um cumprimento de perfeita urbanidade. Ainda um momento estacou, hesitou.

— O canto do cisne...

E, com um gesto rasgado, que afastava um mundo de indiferença ou de dôr, concluiu:

— Adeus!

Afonso Costa

E' positivo que regressará brevemente á politica activa

cios em França, principalmente daqueles que respeitam á reconstituição das regiões devastadas pela guerra e onde o ilustre homem publico traz empenhados consideraveis capitais.

dum governo de tecnicos, indo procura-los onde quer que eles se encontrem, sem exclusão dos partidos das esquerdas. De resto, se o sr. Afonso Costa ainda não regressou é sómente porque todo o tempo de que dispõe é pouco para liquidação dos seus negocios em Inglaterra, França, Italia e, porventura, com o Brasil.

Esclarecemos ainda, para terminar, que o sr. Afonso Costa não presidirá a um gabinete partidarista porque poz como condição «sine qua non» do seu regresso a Portugal a organisação dar impulso á Liga das Nações Latinas, concepção de alguns estadistas franceses e belgas. Sem prejuizo dos compromissos fechados e mantidos com a Inglaterra, a politica internacional portugueza inclinar-se-ha para uma intima amizade com a Espanha.

No que respeita ás relações externas, o governo do sr. Afonso Costa pronunciar-se-ha por uma mais intima aproximação com a Santa-Sé, sendo possivel que se assine uma concordata, que tem estado a ser negociada, embora com desconhecimento das Necessidades. Como os governos da Europa procurar-se-ha

Em questões de politica interna, o sr. Afonso Costa será profundamente conservador, renunciando á orientação radicalista e anti-clerical que foi o seu caracteristico principal no governo provisorio e nos que se seguiram em que o sr. Afonso Costa teve predominio.

O ex-chefe democratico tenciona estar em Lisboa nos primeiros meses do segundo semestre do ano corrente sendo natural que assuma a chefia do governo que então se formará em substituição do actual.

Estamos habilitados a noticiar, sem possibilidade de duvida, que o sr. Afonso Costa resolveu ingressar, novamente, na politica activa.

NO TEJO

Um abalroamento

Procedente de Hamburgo, entrou hoje no Tejo o vapor alemão *Wangoni*, consignado á firma Marcen & Hartung, o qual deverá seguir amanhã para Tenerife, Las Palmas, Lourenço Marques e varios portos da Africa Oriental. Devido a um estoque de agua [illegible] ao passar, pelas 15 horas, em frente do entreposto central da Alfandega foi cair de prôa sobre a muralha, colhendo o chalupa *Luiza* pertencente ao comerciante do seu praça sr. Manuel José da Silva. O choque foi tão violento, que uma [illegible] da muralha [illegible], ficando [illegible] um candeeiro [illegible]. O *Wangoni* [illegible] o reboque e meteu agua, seguiu para o Caes da Areia, estando a tripulação a trabalhar com a bomba de bordo na [illegible] da agua.

A chalupa *Luiza*, que tinha a bordo 4.600 sacas de milho, destinadas ao Porto, ficou com o mastro [illegible] partido e com um pequeno rombo, não havendo, porém, receio de que se perca a carga.

Diario do Governo

O Diario do Governo de hoje publica uma portaria do Ministro das Finanças que confia a comissão encarregada de elaborar a relação do material que deve ser adquirido na Alemanha ao abrigo do decreto 8,015 de 24 de Fevereiro ultimo.

O mesmo Diario publica tambem um aviso do Ministerio da Marinha convidando todos os individuos ou colectividades que desejem apresentar informações, memorias, livros ou quaisquer trabalhos sobre pesca maritima lacustre ou fluvial em todos os ramos e sobre a industria conserveira a enviá-los á Comissão de inquerito das pescas do Ministerio da Marinha.

TEATRO

ARTISTAS DE CINEMA

José Climaco

Fez parte do elenco da Enigma Films, *tendo feito um pequeno papel no* Rei da Força, *por gentilesa para com a direcção.*

No Suicidio da Boca do Inferno, *que está sendo filmado fez o protogonista, papel, de grande responsabilidade, e em que Climaco mostra as suas muitas qualidade para o genero a que se dedicou.*

ESCREVER PARA O TEATRO

A literatura teatral é uma das literaturas mais dificeis.

Não é ela, no entanto, que mais intimida os escritores; não é ela que mais fatiga os autores. Pudessem eles escrever e não ter que tratar com empresarios e ensaiadores e o numero de «literatos teatrais» estaria talvez muito mais elevado.

Sem eles não se pode levar uma peça. O ensaiador, no correr dos ensaios, na maior das vezes lembra modificações, justas, muitas; desastradas outros...

Mas quanto é preciso para que o ensaiador chegue a ler um trabalho principalmente sendo de um novo? «Venha logo, venha amanhã, ainda não pude ler a sua peça» são frases que diariamente ouvem os pobres autores, que se não cançam de entrar e sair das caixas dos teatros procurando saber se a peça vai ou não vai. Se por acaso foi aprovado o trabalho, a luta do autor não termina.

Vem os ensaios.

Vai assisti-los. Marca-se o dia da primeira e nesse dia, dia de martirio para o autor, ele não pára, não socega, procurando ler em cada fisionomia a impressão deixada pelo seu trabalho.

E ainda no dia seguinte, ele que passou a noite insone, sofre até ao ler a opinião da critica.

E tudo isso para quê?

Para estrear, para ser autor.

Para se ver o cansaço de um autor basta lembrar Alfredo de Musset, quando foi levada à sua melhor comedia «Un caprice», que, na noite da primeira, em um palco da Comedie Française, dormiu e até roncou durante a representação da sua linda obra, tão cançado estava ele de lutar com o empresario, o ensaiador, artistas e muiti quantis.

Noticiario

Portugal

Como temos noticiado o actor Carlos Viana, um dos elementos de destaque da companhia Armando de Vasconcelos, realisa a sua festa artistica na noite de 8 de abril proximo, com a primeira representação do novo original portuguez de André Brun e Carlos Simões, com musica do notavel maestro Pedro Blanch. Alem do festejado tome parte toda a companhia, em que se destacam Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Batista, Armando de Vasconcelos, Sales Ribeiro, Fernando Pereira, Vasco Sant'Ana, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro, Mario Campos, e José Correia.

—No Teatro Chiado Terrasse faz-se hoje reprise da farça «O Joia de Fora», adaptação liberrima de André Brun.

—Brevemente e em penultima recita de assinatura representa-se no Teatro Terrasse a peça de Pedro Bandeira e Carlos Ferreira «O ilustre governador».

Carta da Italia

O NOVO MINISTERIO FACTA NO PARLAMENTO — UMA CERIMONIA SOLENE EM S. PEDRO — A COMEMORAÇÃO DA CANONISAÇÃO DOS SANTOS: INACIO DE LOYOLA, FRANCIS SAVERIO, FILIPE NERY, TERESA DE JESUS E ISIDRO O AGRICULTOR

Foi muito favoravel o acolhimento que o parlamento italiano fez ao novo ministerio presidido pelo On. Facta. Deve-se isto, principalmente, senão absolutamente, as declarações que o chefe do governo fez, com sinceridade e honestidade de intenções e com a sua costumada franqueza.

A impressão produzida pelas suas declarações varia consoante a tendencia das correntes de opinião dos varios grupos parlamentares, porem todos as enormes dificuldades encontradas para a resolução da crise ministerial, ninguem pensa seriamente em combater o novo presidente e ministros, tanto se difundiu o persuasão de que este é mais um de tantos gabinetes de transição para um governo organico e solidamente cimentado dos interesses, [illegible] verdadeiras correntes de opinião do paiz.

[illegible] entanto, a encarniçada luta movida pela democracia liberal e partido popular, determinou [illegible] nova discussão, isto é—a probabilidade de uma aliança entre os partidos popular e socialista, os quais, sendo os unicos partidos verdadeiramente organisados, de um modo real e efectivo podem determinar a situação por via da qual se resolverá definitivamente [illegible] construção economica e politica da nação.

[illegible] e sanguinarias represalias dos «fascistas» muito teem contribuido para produzir esta nova orientação das tendencias dos dois grupos populares e socialistas e, os erros dos outros partidos constitucionais não fazem senão favorecer e precipitar o desfecho da questão.

—No domingo ultimo, comemorou-se solenemente o terceiro centenario da canonisação realisada na mesma basilica por Gregorio XV, em 12 de Março de 1622, dos Santos Ignacio de Loyola, Francisco Saverio, Filipe Nery, Teresa de Jesus e Isidoro o Agricultor.

[illegible] recodida do canto dos «Nomes» executado pela «Schola Cantorum» do Colegio Germanico, Merry del Val cardeal arcebispo de Basilica, celebrou a missa pontifical, no altar papal, por especial concessão do Santo Padre Pio XI.

Terminado o solene rito e lida a Bula, pela qual o Santo Padre concedia aos parentes indulgencias plenarias, dois sacerdotes expuzeram ao publico reliquias daqueles santos. O sagrado rito segundo o qual foi celebrada a missa de «Communi confessorum», foi ouvida em toda a sua imponencia e solenidade por uma extraordinaria assistencia.

Embora, extraordinariamente, assistiram tambem cardeais e arcebispos, entre os quais monsenhor Leite de Vasconcelos, bispos, prelados, representantes de varias ordens religiosas, das sociedades e dos circulos catolicos.

Na tribuna especial estava o corpo diplomatico acreditado junto da Santa Sé. Assistiu S. A. R. a princeza Beatriz de Battemberg com o seu sequito.

Entre as ovações do povo passou pelas ruas de Roma, no passado domingo, S. Filipe Nery.

Parecia não o despojo mortal, mais rigorosamente conservado o religiosamente custodiado pela veneração de trez seculos e tocado pelo beijo suave do sol de Roma no encanto maravilhoso de um passeio primaveril, mas que o proprio santo estava vivo, que tinha ressuscitado em toda a sua [illegible] para abençoar a multidão, tão espontanea e comovida foi a exaltação popular á sua passagem.

E, Roma toda—plebe, burguezia, operariado, aristocracia—acudiu verdadeiramente festiva em volta do seu santo, orgulhosa e quasi zelosa de que ele, por incorruptivel tradição é sempre vivo nos corações.

Por todo o percurso da procissão, que durou quatro horas, o povo seguia empós do santo ancioso de o ver atravez o cristal da urna.

Pelo comovente e sintomatico sinal das almas cristãs do calido e vivificadora fé cristã que atravez dos seculos e das gerações afirma indefectivelmente o seu desejo de resolver ás nações e aos governos o insoluvel problema do Além.

Sociedade A Voz do Operario

A comissão de socios auxiliares, nomeada em assembleia, de acordo com o administrador do bairro, para proceder á reforma da lei, lei que o sr. Ministro do Interior não permitiu que se discutisse, proibindo a realisação da assembleia, tem reunido regularmente, estando no firme proposito de intensificar o seu protesto contra o proceder do respectivo ministro.

Essa comissão deve realisar amanhã varias «demarches» junto de alguns ministros, seguindo-se uma importante reunião de socios auxiliares d'«A Voz» num dos mais importantes sindicatos de Lisboa, cujas salas já foram cedidas para o efeito.

Liga Pró-Moral

Esta instituição de protecção á infancia, fundada ha cinco anos pelo pessoal da Sociedade «A Voz do Operario» e que de ano para ano tem visto acentuar-se os seus progressos, ao ponto de que, tendo no 1.º ano apenas vestido e calçado 2 crianças já no 2.º ano vestiu e calçou 8, no 3.º elevou numero a 27, no 4.º ano a 32, e na festa deste ano espera elevar o numero a 41.

A proxima festa terá logar no dia 9 de abril, no teatro Gil Vicente, constando de uma sessão solene, que será presidida pela sr.ª D. Maria Angelica Viana Porto, abrilhantada por uma banda musica devendo usar da palavra, entre outros, os srs. dr. Carneiro de Moura, D. Maria O'Neill, Fernandes Alves, Cesar dos Santos e Antonio Pereira. Seguir-se-ha um sarau dramatico, tendo o programa a ser elaborado pelo distincto actor Francisco Moreira.

A Liga tem ultimamente recebido valiosos donativos, entre os quais 50$00 da Cooperativa de chapeleiros «A Social», 5$00 do sr. dr. Alfredo da Cunha, 5$00 do sr. Herculano Galhardo, 5$00 d'um anonimo.

A publicação de A CAPITAL

Uma tiragem ás 4 horas

Temporariamente, passará a primeira tiragem de A CAPITAL a fazer-se ás 5 horas da tarde, de forma a que o publico dos suburbios, ou sem meios de condução rapidos possa adquirir o seu jornal habitual.

Uma segunda tiragem de A CAPITAL sahirá ás horas costumadas, devendo o publico exigir dos vendedores o jornal da 2.ª edição.

SPORT

AUTOMOBILISMO

Corrida da Rampa da Pimenteira

Como temos noticiado, vae realisar-se a 23 de Abril organisada pelo jornal «Os Sports» sob o patrocinio e com autorisação do Automovel Club de Portugal II corrida da Rampa da Pimenteira no percurso de 1500 metros.

Esta importante prova tem despertado no nosso meio sportivo grande interesse, devendo por esse facto ser grande o numero de inscripções.

O regulamento na parte respeitante ás categorias dos carros diz:

«Art. 10.º — A corrida será em 3 categorias:

1.ª—Até 15 cavalos inclusive.

2.ª—Até 30 cavalos, inclusive;

3.ª—Superior a 30 cavalos.

A força em cavalos será determinada pela formula adoptada pela Comissão Tecnica da Circunscrição Sul.

«Os Sports», de acordo com o juri da prova, reserva-se no direito de admitir sub-divisões nas categorias, ou de as modificar conforme as necessidades que possam surgir, mas deverá torna-las publicas oito dias, pelo menos, antes de se efectuar a corrida».

Contudo, sabemos que o organisador pensa propor a sub-divisão d'aquelas categorias para assim o numero de inscritos ser o maior possivel.

Quanto á inscripção é necessario observar, que o regulamento diz:

«Art. 7.º—A taxa de inscrição para cada corrida por cada carro é de:

a) Para automobilistas amadores portuguezes ou estrangeiros, 60$00.

b) Para representantes de marcas com séde no paiz, 120$00.

Art. 8.º—Os concorrentes deverão inscrever-se em boletim fornecido pelo jornal «Os Sports», devendo a taxa de inscripção acompanhar o mesmo, passando o jornal «Os Sports» documentos comprovativos da sua entrega.

E' permitido fazer as inscripções pelo telegrafo, desde que o concorrente não resida em Lisboa, mas, em tal caso, deverá confirmar essa inscripção por meio de carta enviada a «Os Sports» e respectiva taxa de inscripção».

Na proxima quinta feira vão ser afixados os primeiros «placards» de propaganda anunciando a prova.

Automobilismo

Na «Targa Florio», de que já temos falado, o que para o automobilismo é o mesmo que o «Derby» para o hipismo, estão já inscritos 50 carros.

A França sempre se fez representar em 2 carros Ballot.

Law-Tennis

Em Nice, começaram os campeonatos do [illegible] de França, e os torneios internacionais.

Parece que fez a sua entrada Mlle. Lenglen.

Box

O campeão de França dos pesados Nilles, aceitou o desafio do australiano Cook.

E' um combate que, pode servir para conhecer o valor do Nilles, em relação com Carpentier.

— O nosso conhecido Violas, de 4 de Fevereiro até á data, teve 4 combates e fez 5 exibições.

Nautico

Um Hydroglisseur em Monaco, tripulado por Dupont, fez um quilometro com a velocidade de 128 quilometros e 330 metros á hora.

Bateu o record do mundo de velocidade em cima de agua que estava em 120 quilometros.

NOTICIARIO

RESULTADOS DE HONTEM

O Sporting com a vitoria sobre os Belenenses, ganhou o campeonato de primeiras categorias.

O Vitoria, ficou em primeiro logar nas segundas categorias.

REGULAMENTO DA TAÇA «ATHENEU»

1.º—E' instituida pelo Atheneu Comercial de Lisboa uma taça denominada «Atheneu», para ser disputada pelos clubs inscriptos na Associação de Foot-Ball de Lisboa em 4.ª categoria.

§ unico — Podem-se inscrever todos os clubs que nesta categoria tenham disputado os campeonatos da A. F. L. em qualquer das suas divisões e promoção.

2.º—A disputa desta taça será feita numa só volta e em conformidade com os regulamentos da A. F. L.

3.º—A inscripção de clubs e seus jogadores obedecerá, em tudo, ao preceituado nos regulamentos da A. F. L. (Taxas 10$00 por club e $. por jogador).

§ unico—Só é permitida a inscripção de jogadores que estejam reconhecidos de 4.ª categoria pela A. F. L.

4.º—Esta taça ficará na posse do club vencedor até ser entregue ao Atheneu Comercial de Lisboa antes do inicio da nova disputa no ano seguinte, ficando na posse definitiva do club que a ganhar durante tres anos consecutivos.

5.º—Para identificação dos jogadores serão utilisados os cartões fornecidos pela A. F. L.

6.º—Nos casos omissos esta comissão resolverá de acordo com as disposições dos regulamentos da A. F. L.

CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

Campeonato de Escada de espada

Em virtude do grande numero de atiradores que frequentam presentemente o C. N. E., resolveu a direcção fazer disputar novamente o campeonato de escada de espada, prova que o ano passado causou grande interesse.

A «poule» inicial realisa-se no proximo sabado 1 de abril pelas 6 1\2 horas da tarde.

Devem tomar parte neste campeonato, entre outros, os seguintes esgrimistas: João Sassetti, Manuel Queiroz, Henrique da Silveira, D. Sebastião de Menezes, Frederico Paredes, dr. Pinto da Rocha, dr. Melo Borges, Eça Leal, José da Silveira, Mello Breyner, Antonio Cunhaco, D. Vasco Almeida, D. [illegible] Oliveira, etc.

Toda a correspondencia relativa a esta secção e bilhetes de entrada para campos sportivos deve ser dirigida ao redactor sportivo.

FOOT-BALL "ASSOCIATION"

Dois aspectos de um jogo de foot ball «association» em Inglaterra, onde este magnifico exercicio está mais desenvolvido. Entre nós o foot-ball «association» está tomando grandes proporções tanto na qualidade dos jogadores como na quantidade de publico. O que se torna necessario, é acabarem de vez as scenas desagradaveis que ainda ontem se registaram no final do campeonato de Lisboa. Para que o foot ball progrida ainda mais é indispensavel disciplina nos jogadores e no publico que assiste aos matchs. Sem ela, nós não nos podemos impor como um paiz que já possue bastantes milhares de adeptos ao sport.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O pequenito

por GUY DE MAUPASSANT

O senhor Lemonnier ficara viuvo e com um filho. Amara loucamente sua mulher, com amor exaltado e terno, sem nenhum desfalecimento, durante todo o tempo que haviam vivido juntos.

Era um bom homem, na verdadeira acepção da palavra, simples, sincero, não desconfiado nem malicioso.

Sentindo-se apaixonado por uma vizinha pobre, pediu-a em casamento e desposou-a. Tinha uma loja de fazendas cujo comercio era muito prospero, não ganhava mal e não tardou em ser atendido pela rapariga.

Ela tornou-o feliz. Ele não via outra coisa no mundo, não pensando senão nela, olhando-a sem cessar com os olhos de adorador ajoelhado. Durante as refeições, chegava a cometer mil desastres para não desviar o seu olhar daquele rosto querido, chegando a deitar o vinho no prato e a agua no saleiro, pondo-se em seguida a rir como uma criança, repetindo:

— Amo-te muito, vês; e isso faz-me cometer asneiras aos montões.

E a sorria com ar calmo e resignado, depois desviava os olhos, como incomodada pela adoração de seu marido, e tratava de o fazer falar fosse sobre o que fosse; mas ele [illegible] lhe a mão por cima da mesa e conservava-a na sua, murmurando:

Joaninha, minha querida Joaninha, minha querida Joaninha!

Ela acabava por se impacientar e por dizer:

— Vamos, avia-te, tem juizo; come e deixa-me comer.

Ele soltava um suspiro e dentava um pouco de pão, que mastigava em seguida, lentamente. Durante cinco anos não tiveram filhos. Depois, de repente, ela apareceu gravida. Foi uma alegria doida. Ele não a deixou durante todo o tempo da gravidez; de tal modo, que a sua criada, uma criada velha que o tinha criado e que levantava a voz na casa, o punha por vezes fora e lhe fechava a porta para o forçar a ir tomar ar.

Ele ligara-se em intima amisade com um homem novo que conhecera sua mulher desde a infancia e que era sub-chefe de repartição na Prefeitura. O senhor Duretour jantava três vezes por semana em casa do senhor Lemonnier, levava flores á esposa dêste, e por vezes a oferta de uma frisa; e muitas vezes, á sobremesa, aquele bom Lemonnier, enternecido, exclamava, voltando-se para sua mulher:

— Com uma companheira como tu e um amigo como êle é-se perfeitamente feliz no mundo.

Ela morreu de parto. Ele quiz morrer tambem, mas aquela criança que nascera deu-lhe coragem: um pequenino ser crispado que vagia.

Ele amava-o com um amor apaixonado e doloroso, com um amor doentio, onde ficara a saudade da esposa e onde sobrevivia alguma coisa da sua adoração pela sua querida morta. Era a carne da sua mulher, o seu ser continuando-se, como uma quintissencia dela. Aquela criança era a sua propria vida num outro corpo; a mãe desaparecera para que ela existisse.

E o pai beijava o pequenito com frenesi. — Mas tambem, tinha assassinado aquela criança; ela tomara-lhe, roubara-lhe aquela existencia adorada de que se nutrira, de que bebera, em parte a vida.

E o senhor Lemonnier depunha o seu filho no berço e sentava-se perto dêle para o contemplar. Ficava ali horas e horas, olhando-o, pensando em mil coisas tristes e saudosas. Depois, como o pequeno dormisse, debruçava-se para o seu rosto e chorava sobre as suas rendas.

* * *

O pequeno cresceu. O pai não podia passar um só instante sem a sua presença; fazia-o andar em seu redor, passeava-o, êle proprio o vestia, o lavava e lhe dava de comer. O seu amigo, o senhor Durectour, parecia estimar tambem o garoto e beijava-o com grandes transportes, com os frenesis de ternura que têm os pais. Fazia-o saltar em seus braços, fazi-o dançar durante horas a cavalo numa das suas pernas e, de repente, deitando-o sobre os joelhos, levantava-lhe os fatinhos curtos e beijava-lhe as rosquinhas de carne nas coxas ou nos moletes gorduchos. O senhor Lemonnier, encantado, murmurava: — Como é lindinho! como é lindinho.

E o senhor Durectour apertava o pequeno nos braços e cocegava-lhe o pescoço com os bigodes.

Só Celeste, a velha criada, não parecia experimentar a minima ternura pelo pequeno.

Enfastiava-se com as suas travessuras, parecia exasperar-se com a meiguice que os dois homens lhe faziam e exclamava.

— Pode-se lá criar uma criança de semelhante modo! Hão de fazer dêle um macaco.

Passaram tempos e João fez nove anos. Sabia apenas ler, tanto o haviam estragado com mimo, e só fazia o que se lhe metia na cabeça. Tinha vontades tenazes, resistencias teimosas, coleras furiosas. O pai cedia sempre, concordava com tudo. O senhor Durectour comprava e levava piedes de brinquedos para o pequeno e atafulhava-o de bolos e bombons.

Celeste então ia aos arames, gritava.

— [illegible] senhor, uma vergonha. O senhor faz a desgraça [illegible] desgraça [illegible] que [illegible] sim, e [illegible] que lhe digo eu, que lho prometo eu [illegible]

O senhor Lemonnier respondia, sorrindo:

— Que queres tu, minha filha? Eu gosto tanto dele que não lhe posso resistir [illegible] preciso que tu tomes o teu partido, fazer o que quizeres.

* * *

João era fraco, um [illegible]

O medico classificou-o de [illegible] receitou ferro, carne [illegible] sôpa forte.

Ora o pequeno [illegible] de [illegible] e recusava toda outra qualquer comida; e o pae desesperado abarrotava-o de pastéis de creme e de bombons de chocolate.

Uma noite, como se puzeram á mesa em *tête à tête*, Celeste trouxe a terrina com uma segurança e um ar de autoridade, que não tinha de ordinario. Destapou-a bruscamente, mergulhou a concha no meio, e declarou.

— Ora aqui está [illegible] como ainda lhes não tinha feito, é preciso que o menino coma desta vez.

O senhor Lemonnier, espantado, baixou a cabeça. Viu que a coisa [illegible].

Celeste tomou o prato do patrão, encheu-o e poz-lho na frente.

(Conclue amanhã)

TIRAGEM DAS 7 HORAS

A CAPITAL

Lêr em Ultima Hora: A policia desconhece -:- -:- -:- -:- os seus regulamentos

N.º 4036 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte 5 - Imp.: R. da Bica 71

LISBOA—Terça-feira, 28 de Março de 1922

— DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Preço 10 centavos

O INQUERITO

Noticiam os jornais que o nosso director foi convidado pelo dr. Alexandrino de Albuquerque a depôr sobre factos de que tenha conhecimento acerca do que se passou em 19 de outubro do ano transacto.

Nada sabe «A Capital» nem o seu director alem daquilo que toda a gente sabe e a copia de informações existentes sobre o assunto provêm unicamente do que os jornais publicaram ou do pouco que as notas oficiais e oficiosas deixaram transparecer. Se alguma coisa a mais tivessemos sabido incidentalmente, não deixariamos de a divulgar e de a comentar usando do nosso direito de jornalistas.

Publicamos ha dias no nosso editorial «Caminho direito» e posteriormente num ligeiro «eco» alguns comentarios sobre o caso para sempre tragico de 19 de outubro. Não deixaremos de os comentar sempre que ao correr do pêlo se nos ofereça ensejo. Torna-se notavel — e já aqui o salientámos—que dos arruaceiros que se manifestaram nessa epoca no Terreiro do Paço perante os ministerios apenas um civil estivesse preso. Chega-se, pois, á conclusão inevitavel de que parece muitissimo mais dificil deter os elementos civis de qualquer movimento do que os elementos militares que no mesmo tenham colaborado, visto que se o 19 de outubro deu ensejo á prisão de algumas dezenas de militares e marinheiros,—as investigações acerca do mesmo movimento apenas conduziram á detenção de um unico civil, segundo as proprias declarações de quem de direito.

Alguns argumentadores aduziram a hipotese de ser tão vasto o numero de civis, implicados no ultimo movimento que se torna impossivel detê-los a todos. E' esta uma observação que não pode nem deve entrar em linha de conta. Quando do regicidio, ha quatorze anos, chegou-se á conclusão de que seria necessario prender trinta mil homens —que tantos seriam os envolvidos nele—e em vista de tal multidão outros enormes, inqueritos que nunca mais findaram, feneceram, morreram, abafaram e não foram por deante. Mais tarde, porem, os acontecimentos mostraram que o numero dos implicados no assassinio do rei e do principe herdeiro era incomparavelmente menor.

Pretende-se agora fazer ressurgir a mesma teoria a proposito dos lamentaveis excessos do 19 de outubro. Quaisquer que fossem as agremiações civis envolvidas neles, o numero de elementos componentes tem de ser fatalmente limitado. O sr. Agatão Lança calculou, ultimamente, mercê dos dados que decerto computou cuidadosamente, que o numero de aliciados no chamado «grupo dos 13» não excede de novecentos. Se por outro lado supuzermos que outros elementos de agitação e de desordem, não inscritos no mencionado grupo, são outros novecentos, obtem-se assim um total de mil e oitocentos individuos que, na sua loucura criminosa e ignorante, podem ser possivelmente fautores de movimentos.

Ocorre perguntar se um paiz como Portugal, uma cidade como Lisboa, pode estar á mercê de tão infima minoria. A resposta sensata é por demais conhecida e por isso nos admira que havendo possibilidade de estender inqueritos e de apurar responsabilidades dentro da esfera de ação em que circulam estes dois milheiros de elementos, apenas uma isolada e misserrima prisão se faça quando são do dominio publico, quando são do conhecimento de toda a gente, as agremiações, grupos, sociedades, ou falanges que promoveram os acontecimentos de 19 de outubro e a sua eclosão sangrenta.

Tudo quanto não seja proceder com decisão, clareza e coragem, amesquinha, deturpa e enfraquece o principio de autoridade.

A publicação da CAPITAL

Uma tiragem ás 5 horas (17)

Temporariamente, os primeiros numeros de A CAPITAL aparecerão á venda ás 5 horas (17), 1.ª tiragem, de forma a que o publico dos suburbios, ou sem meios de condução rapidos possa adquirir o seu jornal habitual.

Os ultimos exemplares de A CAPITAL circularão mais tarde, numa segunda tiragem, ás horas costumadas, devendo o publico exigir dos vendedores o jornal com as informações da ultima hora.

Em volta da lei 1040

Um unico oficial abrangido por uma disposição

No sentido de se endireitar a lei, a celebre lei 1040 que exclui do Exercito todos os oficiais ou desertores ou hostis ás Instituições, fizeram-se emendas e modificações donde resultou ficar ainda mais torta do que estevá. Era de esperar que a emenda fosse peor do que o soneto. Entre as anomalias verdadeiramente espantosas que surgem na emenda, destaca-se como já ususemos esta verdadeiramente curiosa.

«A lei 1040 de 30 de agosto de 1920 não é aplicavel aos oficiais graduados em serviço de outros ministerios».

Quer isto dizer que os outros não desertaram, que os outros não foram para Monsanto que os outros não atacaram as Instituições. Ou ainda melhor, que aos outros era permitido tudo isto!...

Mas o mais curioso do caso está em que nos afirmam que esta disposição abrange apenas um unico oficial. Um unico. Donde se conclui imediatamente que se trata dalgum afilhado, dalgum compadre.

Como podem estas coisas tornar-se possiveis? O que isto representa de injustiça, de vexame, de parcialidade e de descuido, é simplesmente enorme. Quem é que olha para isto? Quem é que deixa passar estas cousas em julgado?

SEGREDO A TODA A GENTE

Como elas correm

Vi ontem a minha amiga X... correndo, pela Avenida fóra, como um relampago. A minha amiga X... já fez trinta anos, possue o mais simpatico reumalismo deste mundo e permite-se ao luxo de, no inverno, arrastar pelos tapetes da sua sala, a perna esquerda. Foi, por consequencia, com a mais viva impressão que observei as suas novas atitudes vertiginosas—e estava disposta já a correr tambem, Avenida acima, atraz desse «globe-trotter» de saias, para lhe perguntar que misterioso elixir tinha transformado a sua serenidade doentia numa tão contraditoria desenvoltura—quando me lembrei duma frase celebre de Montaigne: «A primeira coisa que faz uma mulher quando quere que um homem a alcance—é deitar a correr». Voltei as costas e não pensei mais na minha amiga X... Moralidade: nunca sigam meus amigos, uma mulher que corre...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

POR MOÇAMBIQUE

O sr. Hornung, subdito inglez é comissionado pelo Alto Comissario para negociar em Londres um emprestimo de 10 milhões de Libras!

Todos êstes assuntos de Moçambique, que estão prendendo a atenção do publico ancioso de conhecer a verdade sobre a conducta politica do Alto Comissario da Republica nesta colonia, serão sempre tratados por nós com a documentação necessaria e, nunca é de mais repeti-lo, sem o ruim proposito de alimentar uma baixa politica de odios.

Uma verdade se impõe, que é, simultaneamente, uma necessidade inadiavel, e é que a intervenção do Ministerio das Colonias tem de ser rapida e decisiva, quaisquer que sejam as consequencias e perturbações que dahi resultem.

Antes prevenir, que remediar.

Ha dias, publicámos dois telegramas sobre a venda do vapor «Incomati», um dêles dirigido ao sr. Brito Camacho por cincoenta colonos da cidade da Beira, em que, instantemente, rogavam que não fôsse vendido o vapor, pois que êles colocavam á disposição do governo de Moçambique uma importancia igual áquela que o barco poderia atingir. Queriam aqueles ignorados patriotas que a bandeira portuguesa não desaparecesse dos mastros do unico navio que andava pelos mares de Moçambique. O telegrama ficou sem resposta e o barco foi leiloado e adquirido pela «Union Castle».

Ficou acentuado quanto era impolitico tal procedimento.

No nosso numero de sabado ocupámo-nos da proibição dos emigrantes que Moçambique fornecia á S. Tomé, demonstrando que as considerações que condimentam o decreto não são verdadeiras, porque, por elas se pretende justificar o acto do Alto Comissario alegando a carencia de mão de obra nos distritos de Quelimane e Moçambique, quando assim não é.

Hoje temos a acrescentar á impolitica e inconveniente atitude do Alto Comissario nestes dois assuntos um projecto de emprestimo de *dez milhões de libras*, que está em marcha, e de cujas negociações foi encarregado o importante industrial inglês sr. «Hornung».

Entre os muitos documentos que temos diante dos olhos — dos nossos pobres olhos atonitos — jornais, boletins oficiais de Moçambique, cartas e informações particulares, daremos hoje a preferencia ao «Jornal do Comercio», de Lourenço Marques, transcrevendo algumas passagens mais interessantes de um extenso artigo que publicou em Janeiro ultimo, sobre as negociações do emprestimo de 10 milhões de libras a realizar na praça de Londres pelo agricultor e industrial da Zambezia, sr. «Hornung»:

Que ha de novo?!...

De novo nos vamos referir ao celebre emprestimo dos 10 milhões de libras, porque de novo o boato nos traz novas e alarmantes noticias!

Balfour, segundo nos disse a Nota Oficiosa, andava tem com o governo da provincia, sobre o emprestimo, mas, hoje, aparece-nos um novo negociador—o sr. Hornung!

Que ha de verdade sobre isto, sr. Alto Comissario?

Hornung, como Balfour, não são os negociadores que á provincia convêem, assim como o mercado da Inglaterra não deve ser o unico em que a provincia deve ir procurar capital.

Queremos que Moçambique se desenvolva, que progrida, que se crie uma vida propria e tão independente quanto possivel; não deve regeitar o concurso leal seja de quem fôr; mas não queremos que ela se enfeude mais do que está, seja a quem fôr e por quem fôr.

Governar não consiste em satisfazer ambições, em obedecer a impulsos do coração, em manter caprichos dementados, quer sejam filhos de vontade deliberada, de vaidade presunçosa ou do abuso de poder; governar um paiz é promover a sua riqueza, o seu desenvolvimento sob todos os aspectos—morais e materiais.

Tem sido isto feito em Moçambique pelo sr. Alto Comissario? Não infelizmente.

Que motivos teve o sr. Alto Comissario para assinar o contracto Hornung? Que razões lhe assistiram para confiar ao mesmo Hornung a missão de negociar as bases de um emprestimo para a Provincia?

Que motivos, que razões, repetimos, teve o sr. Alto Comissario para negociar o primeiro contracto, se ele representa um «erro crasso» administrativo, e para confiar tão alta missão—a de negociar as bases do emprestimo—a tal cuidado, se isso pode ser prejudicialissimo para a provincia e não representa mais nem menos do que o enfeudamento da mesma provincia a um potentado que a empobrece para a si proprio se enriquecer?

Nós somos informados de que o sr. Alto Comissario tem tido, como homem e como governo, serios amargos de boca devido ao contracto Hornung: que amargos de boca poderá sofrer amanhã a provincia se Hornung negociar as bases do emprestimo e se o mesmo emprestimo vier a ser feito nos termos que a imprensa ingleza já publicou!

Sabemos que o emprestimo não pode ser negociado sem a aprovação do Parlamento da Metrópole; mas mau agoiro é, se o governo da provincia, guiado pelas mãos do sr. Hornung ou orientado pelos seus aulicos começa a lançar-lhe as bases.

Nós, perante a ambição dos nossos vizinhos, perante a conduta da sua imprensa e em face das afirmações feitas «pelas gentes» do seu Governo, temos de nos acautelar.

Se, livres de dividas, livres de gargalheiras, pretendem acorrentar-nos, que será de nós amanhã se nos deixarmos prender pela corrente do ouro?!

Sr. Alto Comissario, a provincia tem o direito de saber de v. ex.ª o que ha sobre o emprestimo dos dez milhões; não existe dentro da provincia o Conselho Legislativo, mas existem as forças vivas que o representam e são essas que a v. ex.ª pedem que lhes diga o que ha sobre o emprestimo e quais as «démarches» que até hoje teem havido, referentes ao assunto.

V. ex.ª não é um autocrata e a provincia não é sua escrava.

E acrescenta o nosso colega de Lourenço Marques, num evidente proposito de conciliação entre as forças produtoras da colonia, que êle representa, e o Alto Comissario:

«Até hoje, o Governo tem estado divorciado da provincia. Consorciem-se de novo, reconciliem-se e, de mãos dadas, com fé e persistencia, derrubem feitiches, exijam responsabilidades, afastem nulidades, aproveitem boas vontades, inteligencias e trabalhadores, e veremos então surgir em nossa frente um Governo forte, prestigiado, uma provincia laboriosa e feliz, livre dos Hornungs e de quejandos que só pensam em se enriquecer empobrecendo-a.

Que ha sobre o emprestimo dos 10 milhões?

Que «démarches» teem sido feitas para se realisar tal emprestimo e em que paizes se teem efectuado?

Queremos saber o que ha sobre o assunto. Não podemos nem devemos andar á mercê de boatos.»

Esta transcrição é muito significativa. Sente-se que os colonos de Moçambique vivem numa permanente intranquilidade. Ha fórmas de escrever tão puras de intenção e tão limpidas, que não admitem a menor duvida. Esta transcrição revela, com inteira verdade, o estado de sobresalto em que vive Moçambique. Teem razão os nossos compatriotas de além mar. O sr. *Hornung* não é a pessoa mais idonea para negociar um emprestimo, a não ser que em qualquer «Au de Leves» se invoque pitorescamente a circunstancia de êle ser natural de Londres e de ter alli muitas relações na alta finança.

De novo repetimos que a pessoa do sr. *Hornung* não nos inspira a menor má vontade, pois que lhe reconhecemos invulgares qualidades de iniciativa e trabalho. O sr. *Hornung* não tem culpa do que se passa á sua volta e de que o cumulem de atenções e o transformem, já agora, em um grande potentado politico dentro de um paiz onde êle devia ser apenas um hospede, usufruindo aquelas garantias e a igualdade de tratamento que, por um nobre sentimento de tradição hospitaleira, nunca recusamos ou sequer regateamos a estranhos.

Mas o sr. *Hornung* encontra-se numa situação privilegiada que certamente lhe foi oferecida, e seria o cumulo da infantilidade admitir que o sr. *Hornung* desse provas de uma tão extrema isenção, como seria a de renunciar ao valor da posição que lhe advem da missão de que o incumbiram e dos privilegios excepcionais que lhe concederam. Não é humano que o sr. *Hornung* declinasse o encargo de negociar um tão avultado emprestimo, sacrificando, assim as naturais possibilidades que pode crear para alcançar maiores exitos.

A nossa estranheza e o nosso reparo podem sintetisar-se neste conceito simples e claro: [illegible] auxiliar o sr. *Hornung*, compreende-se; mas crear o potentado *Hornung* dentro da colonia do Moçambique, confiando-lhe missões de muito delicado e melindroso tacto politico, não se admite.

Desfruta já o sr. *Hornung*, na Zambezia, uma especial situação de favoritismo pela imoderada e inconveniente concessão que lhe foi feita no contracto com a «Sena Sugar States», pelo qual o sr. Brito Camacho lhe garantiu, durante *vinte anos* — três mil pretos no primeiro ano e dois mil em cada um dos restantes.

A ninguem, a nenhum outro estrangeiro e a nenhum português foram outorgadas até hoje essas ou semelhantes regalias. Só o sr. *Hornung* as mereceu. E' certo que nenhum governador acedeu aos instantes pedidos do poderoso industrial — o que brevemente demonstraremos em artigos especiais, quando nos ocuparmos do famoso contracto com a «Sena Sugar Estates». Só o sr. Brito Camacho atendeu a velha pretensão do sr. *Hornung*.

Procurou-se, é certo, justificar tão prodiga concessão alegando a necessidade do aumento da produção de assucar na colonia, e os poderes de realização de que o sr. *Hornung* tem dado provas. E agora? Como se justifica a intromissão do sr. *Hornung* em uma questão de alta politica financeira da Colonia?

Porque é que se pretende não só valorizar o trabalho do sr. *Hornung*, mas convertê-lo em arbitro e medianeiro da colonia e em tão delicada questão, como é esa de um largo emprestimo?

Reforçando o grito de angustia dos nossos compatriotas, tambem nós preguntamos ao sr. Brito Camacho, ao sr. ministro das Colonias e a todos os que conhecem as ambições com que se pretende flagar Moçambique, se é o sr. *Hornung* a pessoa mais idonea e o mercado de Londres aquele que mais nos convem para a realização de um emprestimo de 10 milhões destinado ao desenvolvimento economico da provincia de Moçambique? Lembramos muito a proposito que na ultima reunião dos representantes dos Dominios e colonias inglesas em Londres foi aceite uma proposta — supomos que da iniciativa do sr. general «Smuts», primeiro ministro da União — em que se outorga ao governo de alguns dominios o direito de resolverem por si, independentemente do *Foreign Office* quaisquer questões ou conflitos diplomaticos que se suscitem entre os governos dos dominios e os dos paizes vizinhos.

Toda a imprensa londrina se ocupou do caso. Em face disto, qualquer hipotese, por muito pessimista, tem de ser apreciada com a maxima ponderação.

O governo não pode deixar de tomar o maximo interesse por êste assunto do emprestimo. Bem sabemos que o emprestimo fica sujeito á aprovação do Parlamento.

Mas [illegible] que se iniciem as negociações preliminares e que se assumam os naturais compromissos que o caracter das proprias negociações impõe, *á priori*, o pessimo é que, por êles, se enleie e enrede a vida economica e financeira de Moçambique, até hoje desafogada e livre.

Assim, muito desejariamos saber, e todo o direito nos assiste de sermos informados:

1.º Se efectivamente o projectado emprestimo é coberto integralmente pela praça de Londres.

2.º Se não se reserva uma parte para ser coberta por qualquer outro mercado.

3.º Se é o sr. *Hornung* o negociador do emprestimo;

4.º Se a acção e finalidade da agencia comercial de Moçambique ultimamente creada, não contem a função de negociar emprestimos.

Entretanto aguardamos as necessarias informações do Governo sobre o assunto tão grave.

A viagem do principe de Gales

TOKIO, 28. — O principe de Gales deve chegar ao Japão quando as cerejeiras florirem. Está-se organisando o programa oficial da recepção.

Mas pensa-se em dar a maior liberdade ao principe para ele poder descançar das fadigas da viagem pela India e para poder ver o Japão como melhor entender.—(L.)

NAS FOLHAS DOS ANUNCIOS

O saguão da Vida

As quiromantes, as bruxas, as intrujonas—Mulheres de virtude e... virtudes de mulher. 12 sugestões sortidas de Madame Oliveira. O passado, o presente e o futuro, com a maior rapidez e alem disso sabonetes milagrosos: contra os pêlos a mais, e contra os pêlos a menos. Especialidade em casamentos. -:- -:- -:- -:- -:-

Ridicularisadas, corridas, apepinadas, as bruxas não morreram!

Ou se chamem internacionalmente, sumtuosamente Madame De Thebes, ou sejam portuguesissimamente alfacinhamente Madame Oliveira, Rua Herois de Kionga, as bruxas vivem, vegetam, anichadas, nas colunas do «Diario de Noticias» a seis tostões a linha, mostrando as promessas das suas mais estranhas habilidades, entre o anuncio do «Depuratol» e o da «costureira em roupas brancas, para casa de pessoa respeitavel».

Uma bruxa é, deixemo-nos de coisas, ainda hoje, uma coisa respeitavel. Pelo menos respeitavel de misterio, respeitavel de porcaria, respeitavel de intrujice. As bruxas são uma instituição, perfeitamente á margem da vida, mas absolutamente precisa. As bruxas são em geral mulheres inteligentes—elas vivem mesmo exclusivamente de serem mais espertas que as pessoas que as procuram. No entanto,—estranho paradoxo!—uma bruxa é tanto mais bruxa quanto mais estupida fôr.

E' que para se ser bruxa, para se ter a audacia de se anunciar, em grossos parangonas uma bruxariasinha, mesmo trivial, é preciso possuir uma dose de inconsciencia a que não pode ser alheia a propria estupidez.

Madame Broutillard, a sagaz, patriarcal, novecentista, vaga, Madame Broutillard, que acabou Lisboa, de sabonetes desinfectantes, ao passo que prometia um «futuro risonho, e cheio de prosperidades em companhia de Ex.ma familia», fez uma pequena fortuna, em passes hipnoticos e a passos agigantados, tudo isto numa sobreloja que ainda existe, em plena baixa, em pleno coração e em pleno cerebro de Lisboa.

Outem, no «Diario de Noticias», triunfalmente, em toda a largura duma coluna imponente, M.me Oliveira aceita o agradecimento duma cliente que na altura das duas dezias de sugestões que M.me Oliveira lhe fizera, ficára como nova, e que, ao chegar ás [illegible] dumas, isso nem mesmo era bom falar...

Esta M.me Oliveira é pois a extraordinaria bruxa das duzias... de sugestões, o que aliás não lembraria ao proprio Diabo..., que muito superior lhe deve ser em hierarquia quimerica.

◆ ◆ ◆

Ainda garoto do lyceu, curioso como uma mulher, fui um dia visitar uma Mademoiselle Sylva (com y) que tinha consultorio na Rua do Amparo, e sendo especialista em casamentos, vendia uma pomada para as borbulhas de barba e predizia o futuro, «com veracidade e acerto», tudo por cinco tostões, sendo aos domingos, e naquele bom tempo antigo...

Ah! O que foi essa visita á aquela tal Mademoiselle Sylva, na tarde dum domingo de chuva, á Rua do Amparo...

Mademoiselle recebeu-nos, a mim e a certo companheiro desta arriscada excursão (pessoa que hoje ocupa certa posição política, contra todas as previsões de Mademoiselle Sylva) de bata encarnada, e estirada sobre uma chaise longue—tão longue que, quebrados e velhos, foi nessa mesma chaise que nós nos sentámos.

Sobre uma mesa pequena—a inevitavel mesa de pé de galo—estava um gato, algo lazarento, que, com a atitude mais tranquila e natural do mundo dos gatos, se lavava.

O cheiro da casa era um misterio—era talvez mesmo o grande misterio da casa.

Possa viver 100 anos que ela não me esquecerá, tão grande foi essa minha desilusão olfativa. Ele cheirava mal—mas cheirava mal a quê?

Nós classificámo-lo dai por deante de «cheiro a bruxa»—especie de amalgama de todos os cheiros mais o cheiro intimo da propria essencia «bruxativa».

M.elle Sylva tinha uns olhos verdes grandes, remelosos, espantados, e usava bandós negros sobre a testa morena e magra. Olhou-nos fixamente —não é preciso dizer mais, com a fixidez das bruxas—e preveniu-nos logo de que era preciso pagar adeantadamente, sem que a previsão do futuro era muito mais incerta.

Apressámo-nos a pagar, em bom cobre sonante.

A bruxa Sylva sorriu e logo a seguir chamou o gato para o colo. Estava começada a sessão. M.elle Sylva concluiu que estava na presença de dois rapazes, muito novos, disse, como se fosse dificilimo averiguá-lo, e aconselhou que precisavamos ter muita cautela com mulheres, sobretudo eu. Depois, num dado momento pediu-me a mão e fazendo umas cruzes [illegible] compuzada, ergueu, sobre a mesa de pé de galo, foi fechando uma oração no peor francez que nós tinhamos ouvido, e que por nosso calculo ser dos peregrinos de Lourdes.

O meu companheiro, imprudente, fez-lh'o notar. Então a bruxa, desconcertada, perguntou-nos se queriamos por 6 tostões alguma oração original e feita de proposito, e do meu fervor pos-se a prometer um futuro de ele [illegible] com ele, para o meu desgraçadissimo amigo. Esquecida, aterrada, afogueada naquela previsão vingativa M.elle Sylva, perdeu o y, foi Silva—e passou nos uma descompostura toda Rua do Amparo. O proprio gato, beliscado a tempo em certo sitio eriçado—e não ha nada mais arrepiante do que um gato eriçado—estava tragico.

Já de pé, «mademoiselle» berrava ainda: casará, terá muitos filhos, será corcos, apanhará bexigas...

Nós fugimos. Começaram a afastar-se os cheiros que ao principio eram o grande misterio, o unico encanto—e nós não quizemos de forma alguma quebrar o encanto.

PERIGO DE MORTE

TRAGEDIA MARITIMA

A odissea do vapor «Belas» pela boca do seu capitão, sr. Afonso de Lemos

Netuno, a quem o imperio das aguas caiu por sorte, ainda existe com a divindade; é ele que, ao seu mando omnipotente, subjuga ainda os grandes elementos, para trazer por vezes, á pobre humanidade o perigo eminente da morte. Conta a Mitologia que ele tinha o magico poder de transformar as coisas e os seres e que a desgraçada Arimona se vira um dia no espelho da sua propria agua, tão cristalina era, modificada em fonte. Oh! Mas o mar, o mar era para ele o seu escravo timido e submisso, vergando-se á sua divina vontade, quer elevando-se em ondas alterosas, escancarando o abismo, quer na doçura bonançosa de um vasto lençol de prata.

Netuno existe ainda, Netuno ainda ordena e são essas mil forças ocultas de tanto poder ignorado que nos levam por vezes ao paganismo com que amalgamamos o sincretismo da nossa vida. O deus do mar não morreu porque foi deus, existe ainda, sim, e mais uma vez, entre tantas, foi assinalada que o seu dedo divino apontou as grandes tragedias dos mares.

Pobres argonautas lusos desse vaporsinho «Belas» que viram, com aquele estoicismo de uma raça acostumada em transes tais, a morte a estender-lhes no imenso estrado das aguas!... Quem sabe se foi Cipayo, que mais uma vez esteve, com o seu poder divino, vigiando os desgraçados dos nautas portugueses e que lhes trouxe, por momentos, a alegria aos que desprezaram o perigo entregando-se ás manifestações do seu espirito folgasão.

◆ ◆ ◆

E' nos sempre grato ouvir—quando o perigo é já desterro como a espuma das ondas—a narração de um acto de heroismo principalmente numa tragedia maritima. Nada como o Oceano se presta para nos dizer quanto abismo existe na Terra, nada mais eloquente que a palavra de um marinheiro para nos descrever os transes angustiosos de uma luta entre o mar imenso e um punhado insignificante de homens.

O capitão do vapor «Belas» é um homem baixo, aspecto sereno e fleumatico, de olhos francos e acostumados a enxergarem a borrasca e a bonança. Quem o visse, que não reparasse na roda do leme do seu alfinete de gravata, ou não lesse no seu olhar e na sua resolução, como um diario de bordo, diria estar ali um comerciante, não um marinheiro. Eu não se me importava de navegar numa casca de noz—se lá coubessemos ambos—levando-o como capitão, porque teria Deus e ele a quem confiasse a minha vida.

—Diga-nos qualquer coisa da sua viagem atribulada, comandante?—foi a nossa pergunta quando o procuramos na casa Norton & C.ª

—Com o maior prazer, na certeza que não se pode dizer que corressemos grande risco.

Aqui o destemido marinheiro, que vê estas coisas com uma grande sangue-frio, consulta o Diario de Navegação para nos ser mais preciso na sua narrativa.

—Estavamos á latitude de 40° e á longitude de 9°, a oeste de Greenwich, quando se começou sentindo vento que aumentava do quadrante de Nordeste, á medida que se aproximava a noite. No dia seguinte, pelas 6 horas da manhã, ordenei que se fechasse a maquina, devido aos grandes balanços sofridos pelo navio, até que pelas 7 horas se sentiu um violento choque á pôpa, que fez parar imediatamente a maquina.

A' medida que a situação do navio se agravava—no dizer dele—não se alterava a serenidade do nosso simpatico entrevistado que continuou:

—O choque foi causado por uma grande vaga, tão forte e solida que a ela não resistiu o leme, ao qual o mar conseguira arrancar, como se ele fosse de cartão, as quatro abas, segundo verificára o maquinista.

—Calculo que o mar estaria violento, não?—perguntamos cheios de curiosidade.

—Não pode pôr as sua ideia... O «Belas», era como uma pequenina e momentanea mancha negra, ora vogando, ora sumindo-se sob o envolucro das aguas. As ondas varriam a embarcação por completo, percorrendo-a de pôpa á prôa, de estibordo a bombordo, de cima a baixo e por todos os lados, para novamente a fazerem surgir á superficie das aguas.

Estavamos entusiasmados e pensando que nada ha mais medonho e terrivel do que o vasto mar, tão tenebroso é...

—E com tanto temporal que outras avarias sofreu o navio?

—Sim. Apareceram mais avarias, tais como no veio, bussia, cadastro a fundo do navio e logo que podemos procedemos á sondagem dos tanques de lastro, cavernas e pio-tanques que se achavam cheios á exceção daqueles.

—?

—Conseguimos, com grande custo radiografar, participando o ocorrido á casa armadora e assim nos conservamos, aguardando socorro, durante horas e horas, até que o vento novamente começou a aumentar.

No dia 22 começou a refrescar do quadrante de Noroeste.

—E os socorros?... interrogamos de novo.

O sr. Afonso de Lemos conta-nos então quão deficientes são os serviços de socorro maritimo, nos nossos portos porquanto nenhum rebocador de alto mar como o «Patrão Lopes» e outros estavam em condições de sair.

—O «Patria» de «A Maritima» procurou, bem como o «Europa» da Parceria ir em nosso socorro, sem o conseguir, o mesmo acontecendo ao potente rebocador holandês «Volkirien»

—?

—Foi no dia 24, pelas 4 horas da tarde, á latitude de 39° e longitude de 11° que chegou o vapor de pesca «Rio Zezere», fretado pela casa armadora, sendo o seu comandante, sr. Emilio de Oliveira de uma temeridade enorme, sendo poucos todos os elogios e agradecimentos que lhe façamos.

Só então se conseguiu passarem os cabos de arame trazendo-nos o «Rio Zezere» a reboque.

—E quando chegaram?

—No dia seguinte ás 10 e 40 minutos da manhã, com vento de noroeste e mar de vaga.

—Diga-me uma coisa, comandante, não se apoderou da tripulação o receio de naufragarem?

—Não, senhor, todos os homens da tripulação eram babeis marinheiros e confiavam em si, na embarcação e em Deus. E para prova do que lhe acabo de dizer, leia estes versos que, após a calmaria, alguns marinheiros se lembraram de compôr.

O comandante do «Belas» apresenta-nos uma folha da qual extraimos os seguintes versos:

MOTE

Perguntei ao Sol se viu,
E á lua se encontrou,
Um reboque no alto mar
Que o Norton p'ra cá mandou

Cheios já de trambulhão;
Sem que o meu tempo desate,
Maçado o telegrafista
Com radiogramas em vão.

No meio do Oceano
Da terra muito afastados
Estamos muito chateados

Uma chalupa passou
Que nem para nós olhou

Dizia ele, (o telegrafista) com pezar
Radios imensos sem par
Tenho p'ro espaço atirado
E ainda não é enxergado
Um reboque no alto mar.

Os dias vão-se passando,
Sem mudar a situação
Nesta imensa solidão

Anda arreliado o nhó-nhó,
Não pára um momento só
Com uma dor de barriga,
Vem, reboque de uma figa
Que o Norton p'ra cá mandou.

Ora aqui está como as tragedias tem muitas vezes o seu aspecto jocoso.

Achamos graça, mas achamos ainda mais heroismo, vendo afrontar o perigo com serenidade, sangue frio e boa disposição, esse punhado de homens que acima de tudo cumprem o seu dever de marinheiros valentes, jámais desmentindo a velha raça de navegadores, seus ascendentes destemidos.

Com um aperto de mão despedimo-nos do valoroso comandante do «Belas», esse simpatico marinheiro de aspecto sereno, fleumatico, de olhos francos acostumados a enxergarem a borrasca e a bonança.

Exposição do Rio de Janeiro

A representação da Junta autonoma das instalações maritimas do Porto

Todas as repartições e entidades publicas susceptiveis de cooperarem com o Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro para o bom exito de tão grande certamen, o teem feito duma forma digna dos nossos melhores aplausos. Nem outra coisa era de esperar dada a responsabilidade e o papel importante que aquelas teem a desempenhar num certamen de tal magnitude.

Assim o compreendeu a Junta autonoma das instalações maritimas do Porto que já informou o Comissariado da Exposição que é ponto assente concorrer aquele certamen tendo para esse efeito mandado já preparar uma interessante e completa colecção de planos e fotografias das instalações maritimas dos portos do Douro e Leixões.

Bem andou aquela instituição, pois é evidente quanto temos a lucrar com o concurso pratico deste organismo, no certamen fluminense.

As campanhas em que «nuestros hermanos» por vezes teem andado empenhados tendentes a desviar o movimento dos nossos portos para o de Vigo não tem sido infrutiferas.

Aproveitemos, pois, esta esplendida ocasião para mostrarmos ao mundo as magnificas condições naturais e artificiais de que gozam os nossos portos de mar.

Emigrantes para S. Tomé e Principe

O decreto do Alto Comissario de Moçambique que proibe a emigração dos indigenas para S. Tomé e Principe com o capcioso pretexto de que a provincia não pode dessenimar os seus trabalhadores,—provoca realmente uma observação elementar.

Todos nós sabemos que o numero de indigenas portugueses que vai trabalhar para o Rand é de quarenta mil por ano o que prefaz um total de 560.000 em quatorze anos. E' um desfalque consideravel, para o atenuar é necessario se torna restringir a emigração para outros pontos e por isso se publicou o decreto recente.

Mas qual é o numero de emigrantes de Moçambique para S. Tomé e Principe?

A estatistica mostrou-nos que de Moçambique e Quelimane sairam em 1908 509 indigenas para as ilhas do Atlantico e desde então até 1921—em 14 anos—o seu total foi de 44.497, regulando numa media de 3900 por ano. Acresce ainda que em 1920 não houve emigração e em 1921 apenas 85 individuos foram transportados.

D'aqui se conclue que em quatorze anos Moçambique apenas exportou para S. Thomé um numero de indigenas sensivelmente egual ao que expede todos anos para o Rand. Mas parece que a ausencia destes não é pesada. Só os que se dirigem para S. Thomé fazem falta. Compreendia-se um decreto restrictivo se de facto o numero de emigrantes fosse notavel, mas pelo que nos mostram as estatisticas o seu numero é verdadeiramente insignificante.

"O Gato,,

Nos principios de Maio deve aparecer um jornal de caricaturas intitulado «O Gato». A parte artistica é dirigida pelo moço e já ilustre caricaturista Eduardo Faria.

Vice-Almirante Machado Santos

A Comissão promotora da construção do mausoléu para guardar os restos mortais do malogrado Vice-Almirante Machado Santos, convida as pessoas, ou colectividades a quem foram enviadas circulares ou cartas de subscrição para aquele fim a comunicarem a sua resolução ou remeterem ao Tesoureiro da Comissão, na Rua dos Fanqueiros, 390, as importancias com que tenham concorrido.

A conferencia de Genova

BERNE, 28 — A comissão encarregada dos preparativos para a Conferencia de Genova diz que veria com satisfação que, antes da referida conferencia, se reunissem de novo os representantes da Dinamarca, Espanha, Holanda, Noruega, Suecia e Suissa. — (Lat. Am.).

A luta em Marrocos

Berenguer chega a Espanha

CADIZ, 28 — Vindo de Ceuta, chegou o hiate *Geralda*, trazendo a seu bordo o Alto Comissario general Berenguer e sua familia.

O general Berenguer parte hoje para Madrid, onde vai conferenciar com o governo sobre o problema marroquino. — (R.).

A questão irlandeza

LONDRES, 28 — A Camara dos Lords deu o «bill» de «agreement» ao Estado livre da Irlanda. — (Lat. Am.).

As tragedias do mar alto

Mais um que pede socorro

LISBOA, 28 — O *steamer Libertas* pede imediato socorro na posição 44/24 norte e 7/30 oeste.—(H.).

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Emquanto a campainha chama os parlamentares á sala das sessões, correm, por aqui e por alem, alguns boatos politicos.

—O Governo—dizem uns,—não vai longe. Mais dois mezes e... pronto: venha outro!

—Engano—afirmam outros, mais integrados na politica governamental. Este ministerio não deixará, tão cedo, as cadeiras do poder. Não ha substituição capaz...

—Entao o Afonso? objecta-se.

—O Afonso virá ou não virá. E' ainda duvidoso. «A Capital» deu ontem a noticia do seu regresso proximo, confirmada hoje pela «Imprensa da Manhã». A verdade, porem, e esta: o Afonso fala muito em reengressar na politica activa, mas não acaba de se resolver. E' um «bluff» de politico astuto e mais nada.

—A proposito: quem é o alto personagem que a «Imprensa da Manhã» diz que tem que sair para o Afonso entrar?

—A pergunta fica, por momentos sem resposta, até que alguem arrisca isto:

—só se fôr o Presidente da Republica...

A's 16 horas, reune numa das salas do Congresso, a Comissão Parlamentar do Comercio. Tratar-se ha da representação portuguesa no Congresso de Roma, que vai realisar-se em Junho proximo. O sr. Oseiro de Mata, que foi convidado, recusou e nas mesmas disposições está o sr. coronel Roberto Batista. Espera-se que o sr. Lino Neto aceite o convite, se, porventura, lh'o fizerem. A escolha seria acertadissima, dadas as excelentes relações que o «leader» catolico mantem na cidade eterna...

O sr. Homem Christo apareceu hoje pela primeira vez na presente legislatura. Deu uma volta pelos Passos Perdidos, trocando palavras amaveis com o sr. Manuel Alegre e foi, depois ocupar o seu logar no hemiciclo.

O sr. Cunha Leal compareceu cedo na sala. Muito animado na palestra com grande generosidade de gestos. A breve trecho engolfou-se na leitura de muitos papeis e brochuras. Pelo menos, foi tudo quanto se percebeu, cá de tão longe.

Na bancada monarquica está a postos toda a minoria, os ministros presentes são os do Comercio, Trabalho e Justiça. Este ultimo realisa uma conferencia com o sr. Almeida Ribeiro «leader» da maioria.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Presidente Domingos Pereira declara aberta a sessão ás 15 horas e meia. Logo pedem a palavra muitos deputados.

E' o sr. Amadeu de Vasconcelos o primeiro orador do dia de hoje. Estreia-se. E' de praxe registar que muito auspiciosamente. Cita muitos textos legais em reforço da sua argumentação. E manda dois projectos de lei para a Mesa, projectos que, tanto quanto nos foi possivel aprender, respeitam a interesses regionais do circulo de Penafiel. Desejamos tenha sido em muito boa hora!

A Camara votou a urgencia requerida pelo orador.

Segue-se o sr. Cancela de Abreu. Pediu documentos pelos Ministerios e ainda lhos não mandaram.

Tais documentos referem-se aos T. M. E.

Responde o sr. Ministro do Comercio, que promete dar ordem para que o sr. Cancela de Abreu possa ir, pessoalmente, ver os documentos que lhe interessam.

O sr. Cancela de Abreu agradece, sem deixar transparecer a menor comoção.

Agora ergue o verbo inflamado o sr. Mariano Felgueiras.

O assunto do discurso do ilustre parlamentar liga-se com o problema transcendente da intervenção dos professores das Escolas Primarias Superiores nos actos eleitorais. Ha-de resolver-se tudo pelo melhor, graças a um projecto de lei que segue para a Mesa. Urgencia requerida e aprovada, como sempre e invariavelmente acontece com todos os projectos de lei.

O sr. Manuel Fragoso, membro da maioria democratica, começa a tratar com vigor, de questões e abusos praticados na administração dos serviços das obras publicas. Esses serviços são tudo quanto ha de mais anarquico correndo á revelia, sem direcção de especie alguma.

O orador continua.

O sr. Manuel Fragoso continua nas suas considerações, todas tendentes a demonstrar qual a desordem existe nos serviços das obras publicas. Cita casos: os engenheiros directores das Obras Publicas empregam-se em tudo menos no desempenho das suas funções. Limitam-se, em regra, a irem duas ou tres vezes á repartição onde recebem os seus ordenados sem nada ou quasi nada produzirem.

O orador é, por vezes, interrompido. Muitos deputados pretendem reforçar as acusações do sr. Manuel Fragoso, citando abusos de que teem conhecimento. Se não estivessemos habituados á inercia do Poder Executivo em face da desordem geral, diriamos que desta vez saiu a cobra da toca. Mas não: fica tudo na mesma.

O orador pergunta se não seria possivel retirar algumas notas do Banco do aumento da circulação fiduciaria para aplicar nas obras publicas. O sr. ministro do Comercio dirá pouco ou muito, neste particular. Nós acreditamos, simplesmente, que o aumento da circulação fiduciaria já teve destino...

Eis que se ergue, para responder, o sr. ministro do Comercio. O sr. Manuel Fragoso tem muita razão e ele, ministro, considera o problema como vital para a economia nacional.

Em resumo: Sua Ex.ª está estudando e trará oportunamente á Camara alguns diplomas que deem o remedio á situação.

O sr. ministro do Trabalho manda para a Mesa uma proposta de lei.

O sr. Agatão Lança versa, com muita competencia, a questão da Marinha de Guerra. Pela pasta da Marinha teem passado todos os ilustres clinicos e abalisados bacharels do país, julgados sempre aptos pelos partidos para a gerencia dos negocios da Marinha. Este criterio tem sido o mais pernicioso para os interesses da Armada. A legislação tornou-se um cahos!

Aos sargentos teem sido dadas muitas regalias que ele, orador, recusaria conceder se fosse ministro da Marinha. Manda para a Mesa um projecto de lei, destinado a emendar algumas anomalias da legislação de Marinha.

O sr. Agatão Lança, que dispôs, como de costume, com clareza as suas ideias, foi ouvido com atenção e, por vezes calorosamente apoiado.

O sr. Diniz da Fonseca, catolico, manda tambem para a Mesa um projecto de lei. Hoje, pelo visto, foi uma verdadeira fornada de diplomas legislativos. E ainda ha quem diga que a Camara não trabalha!

O projecto de lei do sr. Diniz da Fonseca quer que se permita a exportação de gado para Espanha. O ponto de vista do orador é defendido com o argumento principal de que o actual regimen proibitivo da exportação mata as industrias regionais.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate acerca do Diluvio de Coroneis.

O primeiro orador a falar é o sr. Pires Monteiro.

Ha ainda muitos oradores inscritos, sendo de supor que ainda hoje não fique a questão resolvida.

Uma rectificação

Apressamo-nos a retificar uma deploravel gralha que apareceu na nossa primeira edição. O sr. Almeida Ribeiro, por quem temos a maior consideração é, realmente, «leader» da maioria, conforme escrevemos e não como saiu.

No Senado

O sr. Ribeiro de Melo elogia os governos dos srs. Manuel Maria Coelho e Maia Pinto e protesta contra o facto de se encontrarem detidos sem culpa formada varios oficiais do exercito; foram nomeados os srs. Ramos Pereira e Rêgo Chagas para fazerem parte de uma comissão de inquerito ás fôrças nacionais maritimas. O sr. Costa Junior exige que as fábricas de assucar cumpram os seus contractos com o Estado; o sr. ministro do Interior afirma que as prisões dos oficiais foram feitas em harmonia com os preceitos legais e que o governo procurará manter-se dentro da maior independencia.

Dois furtos importantes

Queixou-se á policia o sr. Manuel Sobraz, com oficina na rua de Santa Marta, 297, que os gatunos por meio de arrombamento lhe furtaram 300 quilos de estanho no valor de 2:000$00.

—Tambem se queixou á policia a firma Ferreira Amado, com escritorio na rua dos Correeiros, 40, 2.º que por meio de arrombamento os gatunos lhe furtaram objectos no valor de 1:952$00.

As ultimas prisões

Uma comissão de comunistas conferenciou hoje com o chefe do distrito, solicitando autorisação para a realisação no proximo domingo de um comicio de protesto contra as ultimas prisões promovido pelo Centro Comunista.

Com o mesmo funcionario conferenciou hoje uma comissão de operarios da cordoaria nacional para tratar da situação dos operarios presos.

Afonso Costa

e o seu regresso á actividade politica

Transcrevemos de «A Imprensa da Manhã»:

«O nosso colega «A Capital» fazia ontem varias e interessantes considerações a proposito da volta do sr. dr. Afonso Costa e sua orientação quanto a politica externa e interna.

A entrada do sr. dr. Afonso Costa depende segundo as nossas informações, da saida de alguem que dentro do nosso paiz desempenha um alto cargo.

Esse alguem ainda não tomou uma atitude que já varias vezes foi anunciada porque, a sua saida podia acarretar graves complicações para a Nação no momento para que estava anunciada.

Ao sr. julgamos que todas as possibilidades de complicações desapareceram...»

A «Imprensa da Manhã» confirma a nossa informação de ontem: o sr. dr. Afonso Costa, homem de idéas conservantistas, vai, emfim, regressar á politica activa.

A «Imprensa da Manhã» amplia, entretanto, as nossas informações, porque fala de «alguem cuja saida se impõe, para que o sr. Afonso Costa regresse».

Trata-se, evidentemente, do sr. Antonio José de Almeida, Presidente da Republica, cuja renuncia já foi anunciada, mas, felizmente, não foi efectuada.

Não compreendemos como uma coisa depende da outra. A «Imprensa da Manhã» devia esclarecer êste pormenor, que tem um grande interesse. Devia pôr os pontos nos ii e dizer, muito claramente, porque é que o sr. Afonso Costa põe, como condição ao seu regresso, o abandono do Chefe do Estado ás altas funções para que o elegeu a Nação. Dar-se-ha o caso que o sr. Afonso Costa, que, na hora do perigo maximo, pos o corpo no seguro (Compagnie Génèral des divertiments de Montmartre...) queira agora alambazar-se com o *fauteuil* de orquestra da primeira magistratura?

A «Imprensa da Manhã» deixa prever, aliás, que a renuncia do Chefe do Estado já não está para pêras. Deve rebentar de um instante para o outro. O nosso presado e ilustre colega assim o insinuou quando escreveu que tal atitude foi hesitante, mas já o não é, porque, até certa altura, «podia acarretar graves complicações para a Nação no momento em que foi anunciada, mas que, na hora presente, todas as complicações desapareceram».

Tirando a prova dos nove ou outra qualquer, pode, pois, concluir-se que, segundo a «Imprensa da Manhã», o sr. Presidente da Republica vai renunciar, obedecendo ás imposições do sr. Afonso Costa, que entrará finalmente em Lisboa, montando no burro branco de Napoleão e brandindo a espada de cortiça para matar a carriça.

A qual carriça não pode deixar de ser o sr. Antonio Maria da Silva, «mero detentor» (s'en va sans dire...) do bastão marechalicio do democratismo ortodoxo.

As gréves

Continua a grève dos carroceiros e condutores de camionagem, tendo a comissão de melhoramentos registado novas adesões de patrões. Algumas carroças e *camions* da T. M. e da Companhia Nacional de Moagem andaram hoje governados por praças da Companhia Geral de Transportes e guardados por praças do exercito, da G. N. R. e policias.

O raid Lisboa-Madrid

Quem serão os aviadores que nela tomarão parte?

No Centro de Aviação efetuou-se hoje uma reunião para se proceder á escolha dos oficiais aviadores que tomarão parte no proximo raid Lisboa-Madrid.

As resoluções tomadas nessa reunião são, por emquanto, de caracter reservado, dependendo, ao que parece da sanção oficial os nomes dos aviadores escolhidos.

Muito brevemente se deverá realisar uma nova reunião no Centro de Aviação, e então virão a publico os nomes dos aviadores portugueses que irão promover mais um «raid» arrojado.

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	45¼ — 45[illegible]
» 90 dias	47/8 —
Paris, cheque	1088 — 1057
Madrid, cheque	1793 — 1844
Berlim, cheque	33 — [illegible]
Rio s/Londres	7 19/32 —
New-York, cheque	11530 — 11541
Libras	85$70 — 87$10

Em casa de ferreiro...

A policia não conhece os regulamentos policiais

Não é de hoje para censuras ou reparos o facto de não estarem completamente normalizados os serviços dos electricos. Muito se fez e se tem feito para restabelecer varias carreiras e, se não estão a circular todos os carros existentes na Companhia, isso se deve ao gesto criminoso dos grevistas, que praticaram actos de *sabotage* condenaveis e contra os quais o publico protestou indignadamente.

Bem entendido, pois, que os serviços se vão normalizando pouco a pouco com satisfação e com a ajuda do publico que pacientemente, tem sofrido há já longos dias a falta de transportes. O que não se compreende, porem, é que esse sacrificio do publico, o eterno prejudicado, não seja compartilhado por aqueles que pela publica têm obrigação de se sacrificar. Queremo-nos referir ao abuso que os guardas da policia cívica veem praticando ha dias assaltando os electricos e tirando o logar a quem de direito.

Segundo os regulamentos em vigor, nos carros não podem figurar como passageiros senão dois guardas e esses mesmos quando a lotação não seja prejudicada com a sua presença, porque, então, apenas um policia poderá seguir viagem. Esta é a norma ha largos anos estabelecida e agora não respeitada, pois os guardas entenderam que podiam tomar os carros por sua conta, viajar neles á vontade e tirar o lugar aos passageiros. Ainda hoje, num electrico da carreira do Rio de Janeiro, saido de S. Mamede ás 11 horas, carreira descendente, tomaram logar nas plataformas nada menos de 6 policias. E o mais curioso é que o condutor, que era uma praça da G. N. R., quando o carro chegou á Praça do Rio de Janeiro, mandou apear vários passageiros, visto a lotação ser demasiada, consentindo no entanto que os seis policias seguissem viagem, o que é contrario ao estabelecido.

Recomendamos o caso ao capitão sr. Tribolet, adjunto do comissario geral, crentes de que o ilustre oficial providenciará de fórma a evitar a repetição de tais abusos por parte dos seus subordinados.

O encarregado de negocios de Portugal conferenceia com o Papa

ROMA, 27 — O Papa recebeu hoje o encarregado de negocios de Portugal. — (H.).

Um roubo na Escola de Aviação de Cintra

Na Escola de Aviação de Cintra foi descoberto um furto importante, que sobe a alguns milhares de escudos. Pretende-se abafar êste novo escandalo, mas, ao que nos consta, vai ser nomeada uma comissão para fazer uma sindicancia aos actos do conselho administrativo daquela escola.

Os abusos nos hospitais

O sr. dr. Alvaro Possolo deve ouvir ámanhã varias pessoas sobre o inquerito a que está procedendo contra o sr. dr. Manuel Fernandes da Cruz, acusado pelo dr. Antonio da Costa Rodrigues de lhe ter exigido uma avultada quantia pelo tratamento de uma pessoa de familia, pensionista no Hospital do Desterro.

O caso da Cova da Moura

O caso da Cova da Moura deve ser julgado brevemente no Tribunal Militar de Santa Clara.

A defesa está a cargo do sr. dr. Barbosa de Magalhães, actual ministro dos Estrangeiros.

POEIRA da ARCADA

Foram providas temporariamente as professoras D. Maria da Conceição da Fonseca na escola de Mermeleiro, concelho da Guarda; D. Julieta Pereira da Silva, na de Fareja, Fafe, e o professor Joaquim Gonçalves Bogado, na de Boaventura, S. Vicente, Funchal.

O sr. ministro do Comercio conferenciou hoje com o seu colega das Finanças.

Foram autorizadas: a direcção do Orfanato e Oficinas de S. José, de Viana do Castelo, a adquirir por compra o predio onde funciona o Colegio Vianense, a fim de ali instalar convenientemente o seu orfanato, e a Misericordia de Monforte da Beira, a vender diversos bens, aplicando o respectivo produto a obras de reparação e conservação do edificio onde se acha instalada.

A direcção da Confederação Patronal procurou hoje o sr. presidente do Ministerio, sendo atendida pelo seu secretario, tenente sr. Mendonça.

TEATRO

Samwel Diniz

Faz parte da companhia Alves da Cunha, do teatro de S. Carlos. Elegante, com cultura pouco vulgar no meio, Samwel Diniz tem diante de si um largo futuro, se trabalhar, para o que tem grandes faculdades.

Nota do dia

Chico Bola na intimidade

Já aconteceu ao leitor alguma vez rir que ficasse ao ponto de rebentar? pois isso sucedeu a quem estas linhas rabisca. Aconteceu-lhe um dia ser hospede de Chico Bola na propria séde das suas façanhas, e correr o risco de morrer de riso. Se tal não sucedeu, é porque, naturalmente, a hilariedade é uma valvula de segurança para um mecanismo muito sobrecarregado.

A companhia estava reunida no salão de «toilete» de Arbukle, que é um aposento mobilado com um gosto e comodidade admiraveis.

Está sortido de uma serie de aparelhos de gimastica, livros, utensilios para escrever, e uma multidão de objetos proprios para fumantes, cuja descripção é impossivel fazer. Em uma pequena alcova, ao lado, fica uma mesa maciça, onde o grande arcaboiço de Arbukle é beliscado, amassado, puxado e comprimido diariamente, de sorte a dar-lhe a elasticidade de movimentos necessaria para desempenhar os «passes» de suas farças.

Isto sucede ha muitos anos de maneira que o apelido «Chico Bola» é uma burla. Arbukle não é gordo de forma alguma. Ele apenas parece gordo. A sua tempera tem a rijeza do aço, e uma solidez de musculos que lhe permite levantar facilmente dois homens, e brincar com alteres tão facilmente como qualquer de nós maneja os objetos de uso diario. Sua disposição de espirito é de uma alegria natural, exuberante.

Quem vê Arbukle, ao sentir a sua massa consideravel, tem a impressão de que é homem para recear. Mas, ao deparar com os seus olhos azues, sorridentes, e quasi infantis, na sua expressão de bondade, tem antes uma sensação de bem estar, confiança e simpatia. Nosso heroe entrou para o cinema muito naturalmente. Está na scena muda muito á vontade, como em um logar que lhe pertence de pleno direito.

E' um especialista dos efeitos da camara escura, e tem uma concepção de sucessos pronta como o raio, sabendo tirar de tudo partido para o riso. Chico Bola recebe durante a operação preliminar da «fazer a mascara».

Todos sabem que para obter os efeitos fotograficos convenientos é necessario untar a face como uma certa pasta, afim de desvanecer alguns traços fisionomicos e acentuar outros. E' durante esse tempo que ele conversa sobre os detalhes do trabalho diario. Ha nesse retiro uma duzia de cadeiras, mas a peça central é uma cadeira talhada em proporções desusadas, de uma excepcional solidez — unica que serve para o anfitrião. Conversa-se bastante e cada um dá o seu modo de ver sobre os papeis que representa. Muitos não estão de todo satisfeitos com a sistematica aversão que 'vem' a inspirar ao publico, pelos papeis da sua especialidade, e pleto — como em tudo — ha os previligiados. Tudo quanto foi observado passou-se entre 8 e 8 1|2 da manhã, e Chico Bola tomou seu logar no palco ás oito e quarenta e cinco; Voltando-se para o hospede, disse-lhe:

—Com os diabos! Mais uma vez em atrazo. Por mais que marque oito e meia, sempre chego um quarto para as nove. E' uma cabula que não posso tirar!

E dá com os olhos em um homem esbaforido, que num canto, em atitude timida e respeitosa, toma conta de uma matilha de cães que ele contém amarrados, e que fazem esforços para escapar das prisões que ele segura, barafustando-se em todas as direcções.

—Quem te mandou trazer estes cães?

—Mas... foi o senhor mesmo na noite passada, ao sair.

Chico Bola pensa um momento e espande-se em uma estrondosa gargalhada.

—Mas não te falei em lote de «rafeiros». Falei-te em «madeiros» — toros de pau, meu caro; lenha, de que eu precisava para alguns quadros da scena que vamos ensaiar! Não importa. São esplendidos e não custa nada dar-lhes aplicação.

—E Arbukle expoz a ideia que lhe ocorria: — Perseguido pelo dono de uma estancia, enfurecido, ele se refugiara em um deposito de lenha, e empregava toros de madeira para trancar a porta. Era portanto muito simples que o homem viesse em cima dele com uma matilha de cães. — Estava feito.

—Muita gente, disse ele — ao passo que aguardava a chegada de uma pessoa que mandara á confeitaria — muita gente não hesita em proceder com deshumanidade para obter seus efeitos. Assim, em relação aos animais, enfurecem-no ou fazem-nos saltar com choques electricos. Mas não uso desses processos.

Neste momento chegava da confeitaria o portador com uma duzia de costeletas prontas para assar. Foram amarradas em barbantes, e Chico Bola subiu em uma escada passando para o centro de um barrote que havia na sala. Durante este intervalo a maquina fotografica, pronta, está assestada para o local.

—Agora, vamos ver se eles tem fome.

Assim que os cachorros viram as costeletas penduradas por cima das suas cabeças, ao serem soltos, atiraram-se aos saltos, arreganhando os dentes, para almoçarem a presa, que Chico Bola fazia subir e descer, fóra do alcance, e a camara escura registrou esta turba de animais enfurecidos aos pulos.

— Ora bem — o publico não verá mais que cães enfurecidos, de forma que eu assomo á janela tentando escapar-me. Exterior de costas e nada creio haver senão o chão, mas, como da scena seguinte aparecem os cães, o publico ligará logo as duas ideias e ficará sabendo o que me espera.

Conforme as suas intenções, os cães foram presos, e Chico Bola, deitando-se no chão, mandou que lhe espalhassem as costeletas pelo corpo e ao redor.

Desta vez a maquina foi colocada ao longe. A um sinal dado, soltam-se os cães, que começam a devorar as costeletas em roda dele. Entra a maquina um movimento e apanha-os.

—Ninguem vê a carne — disse Arbukle — apenas se vê que os cães me estilhaçam.

—Mas... e o pulo?

—Ah! A queda tenho que a dar inteirinha, pois o publico não se deixa iludir facilmente. Estou encostado á janela, o peitoril cede ao meu peso, e atiro-me ao chão, no meio da cachorrada. O que vale é que estou habituado a essas cousas, e o que me aconteceu de peor nestes dois anos foi quebrar uma perna e partir uns dentes.

Noticiario

Portugal

Amanhã, sobe á scena em S. Carlos a peça «A Ventoinha», na qual entram pela primeira vez Alves da Cunha, Joaquim Prata e Mario Pinto.

—A cinco de Abril, em S. Carlos, festa de Alves da Cunha, com «Alma Forte» de Dario Niccodemi.

—O espectaculo desta noite no Teatro S. Luiz é em beneficio da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios Lisbonenses. Sobe á scena a «Duqueza do Bal-Tabarin».

—Alem de Assunção de Oliveira, que desempenha a protogonista da linda e celebre opereta de Mauricio Ordonneau, com musica de Audran «A Boneca» que, como temos noticiado sobe á scena no teatro de S. Luiz em recita extraordinaria na noite de 1 de abril proximo as actrizes Sofia Santos e Arminda Neves, desempenham os papeis respectivamente de «Bonifacia» e «Gudulina», os restantes interpretes são Armando de Vasconcelos, Carlos Viana, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro e José Correia. A parte musical está sendo ensaiada pelo maestro Cruz Bran e o poema pelo actor Armando de Vasconcelos.

LITERATURA

Mais além da Morte e do Amor

(Soliloquios e comentarios)

por Albino Forjaz de Sampaio

A Morte! E' afinal a unica democracia da Vida.

O Amor! O Amor, no fundo, ninguem sabe o que é.

* * *

Lanço os olhos á minha volta e não encontro ninguem. Será porque não me entendam os outros?

E' porque cada um está ocupado a estalhaçar da vida o seu quinhão de goso ou de interesse.

* * *

A's vezes, quando se faz bem não é pelo prazer de fazer bem. E' para mostrar aos outros que, em igualdade de circumstancias, eles não seriam capazes de fazer o mesmo.

* * *

Se tiveres um segredo conta-o em silencio ao teu pão.

Mas não te esqueças de o devorar em seguida até á ultima migalha.

* * *

Cada um trate de si. Deus, que é pai, tratará de todos.

Não o escreveram ainda. Mas é isto o que se lê na portada de todas as almas.

* * *

O Diabo é um Deus que fez gréve!

* * *

A esta hora dorme, sonha. Pensará em mim? Passo a carteira para o lado esquerdo sobre o coração. E' tão facil reunir o util ao agradavel...

* * *

Os outros não me interessam nunca. Porque, quando as vezes me interessam, já não são outros, são já pedaços de mim mesmo.

* * *

O homem pequeno vinga-se. O que o não é perdôa. Vingar-se a gente é bom, mas perdoar é melhor. Eu perdôo sempre, porque sei que, perdoando, os humilho mais a eles, que estão enterrados no lodo do seu odio.

* * *

Dizem que o dinheiro é do demonio. Será. Mas é por ele que os clerigos dizem missa.

* * *

—«Amo-te! Por ti sería capaz das maiores loucuras!»

Segundos depois, noutro tom: «O' filho, hoje tenho que me ir embora mais cedo. Por tua causa não estou para ter uma questão com meu marido!»

* * *

Já repararam como a gente muda conforme o dinheiro que tem? Se não tem nada é bolchevista. Se tem dez é burguez. Mas se tem cem, já é vergonha não ter um amigo visconde.

* * *

Tnokiou disse: «Quem não poder ser o mais forte seja ao menos amigo dos mais fortes.» Pudera, responde dali o nosso D. Francisco Manuel: «Em casa de ourives até as varreduras são de vinte e quatro quilates.»

* * *

No Amor, como no crime, de luvas. E' inutil deixar as impressões digitais.

* * *

Se quizeres perder alguem, nada de veneno nem punhal. Aconselha-o a que jogue na Bolsa.

* * *

Peior do que duas mulheres, uma mulher. Duas devoram-se uma á outra, ao passo que uma tomar-nos-ha por presa.

Os empenhos e as influencias! São as cascas de laranja que muitas pessoas nos põem no caminho, para que a gente escorregue... para o seu lado.

* * *

Ha almas que são aves, outras que são reptis. Não queiramos mal a nenhumas. Cada um tem já o seu destino traçado. As aguias morreram sosinhas no cume escalvado dos montes. Os reptis debaixo da bota cardada do caminheiro. E nem por isso os planetas fazem um comicio.

* * *

O egoismo. Ha quem o censure; mas, francamente, foi esse o unico amigo que, quer nas horas amargas, quer nas horas de alegria, nunca me desamparou.

* * *

Os nossos amigos intimos! São os inimigos com passe de livre transito.

* * *

Só são para temer aqueles que nem sempre podem encher o estomago. Um faminto é sempre um homem ousado. Quer o que ainda não tem. Um repleto é sempre um cobarde. Tem medo de perder o que alcançou.

* * *

Deus fez as almas aos pares. E' por isso que algumas mulheres não se contentam com menos de dois amantes.

* * *

Deus está em mim e em ti. E só agora compreendo porque te quero tanto. Porque és uma parte de mim mesmo, que me alienaram.

* * *

A morte. E' uma coisa séria, pensam os vivos. Todavia as caveiras riem.

A publicação de A CAPITAL

Uma tiragem ás 5 horas (17)

Temporariamente, passarão os primeiros numeros de A CAPITAL a aparecer á venda ás 5 horas da tarde (17) de forma a que o publico dos suburbios, ou sem meios de condução rapidos, possa adquirir o seu jornal habitual.

Os ultimos exemplares de A CAPITAL circularão mais tarde, ás horas costumadas, devendo o publico exigir dos vendedores o jornal com as informações da ultima hora.

Os grandes encontros de foot-ball "association"

EM INGLATERRA

Publicamos hoje uma nova fase de um match de foot-ball em Inglaterra, onde se vê um jogador da linha de ataque procurando uma recarga. Nota-se na gravura o jogo em conjunto, ao contrario do processo empregado pela maioria dos nossos players.

O foot ball «association» é um optimo exercicio mas praticado com lialdade e nunca nenhum jogador deve procurar o jogo individual.

SPORT

Coisas de sport...

Um jornal da manhã fazendo a resenha do match de foot-ball entre os teams dos Belenenses e Sporting, diz:

O Sporting ganhou batendo ontem os Belenenses. Tratando-se duma «final» disputada entre dois grupos de peso, era de prever um jogo energico. O que não era de prever ou pelo menos não era nem é nunca admissivel, é que essa energia passasse a ser violencia e, mais ainda, brutalidade pura!

Não é a primeira vez que um desafio de foot-ball, se nota o exagero dos jogadores, e a falta de respeito pelo arbitro.

A imprensa tem comentado o caso por vezes, mas o que é extraordinario é que nunca aqueles a quem compete manter a disciplina fizeram o que lhes competia.

O jogador exorbita, porque sabe que em a direcção do seu club, nem a Associação de Foot-Ball, o castigam.

Porque será?

Mais um misterio...

* * *

O mesmo jornal refere ainda que:

A falta de respeito manifestada pelo publico partidario dos belenenses, que insultou o juiz quando este marcou contra este club uma grande penalidade e, mais tarde, expulsou do campo Joaquim Rio, por ter proferido uma obscenidade a que atrás aludimos. E desse publico, exageradamente clubista, mas que não o é menos que o de outros clubs, deve ter feito parte o individuo que no intervalo e nos corredores do Stadium, aproveitando-se do aperto e confusão, agrediu com uma bofetada o juiz de campo, apesar de este ir escoltado — vergonhoso o tornar-se isso preciso — por dois oficiais da Guarda Republicana!

Tambem desse mesmo publico deve ter feito parte o individuo que, em atitude agressiva para o juiz, saltou ao campo de guarda-chuva em riste.

Mas é o grande publico que faz isso. Essa pequena minoria de exaltados, que no campo de foot-ball se tornam rivais dos «Kabilas» de Marrocos, é a mesma que no Coliseu quando da luta ou do box, tendo pago 5 escudos por um bilhete, partem uma cadeira que custa 20 que grita, que berra, que entende de tudo, e que tendo ido para um espectaculo de sport com a ideia fixa e que ha-de ganhar o seu idolo, ado[r] por paus e por pedras, quando isso se não dá.

O caso do espectador que investiu de chapeu de chuva é talvez para estudar...

Quereria o homensinho, dar a entender que isto está tudo a pedir chuva?

* * *

O senhor dr. José Pontes no seu dia, voltando á carga sobre a necessidade de educação fisica obrigatoria disse:

Nas escolas normais superiores o professor é escolhido pelo conselho escolar, sem ter necessidade de ser um professor de ginastica.

Esse caso, apontado diz tudo quanto possa ser.

Para se ensinar ginastica não é necessario ser-se professor de ginastica...

Note-se que o caso passa-se nas escolas normais superiores.

Já em tempos no liceu Passos Manuel, um intelectual, que ensinava varias sciencias ou letras, disse do alto da catedra, aos alunos que visitavam o Ginnasio, que não percebia a razão de andarem «aos coices». Resumia assim o «ilustre bacharel», a educação fisica... Intelectuais...

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Comunicados oficiais

Taça de Honra

Desafios para o dia 2 de Abril

No campo das Laranjeiras.

Bemfica, contra Chelas, ás 11 horas, juiz o sr. Boaventura da Silva.

Sporting contra Sacavenense, ás 13 horas; juiz o sr. José Domingos Fernandes.

Belenenses contra Vitoria, ás 16 horas, juiz o sr. Jaime Ribeiro.

Imperio contra Internacional, ás 17 horas; juiz o sr. Albertino Gomes.

Taça Especial de 2.ª categoria

Sacavenense contra Atletico, em Bemfica, ás 11 horas; juiz o sr. Antonio Braz.

Portugal contra Imperio, em Bemfica, ás 13 horas; juiz o sr. Idilio Nogueira.

Belenenses contra Sporting, em Palhavã, ás 11 horas; juiz o sr. Antonio Pimenta.

Vitoria contra Chelas, em Palhavã ás 13 horas; juiz o sr. Nunes Crespo.

União contra Internacional, em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. Antonio de Sousa Lino.

Provas escolares de Foot-Ball — Grupo B. (externatos)

Pedro Nunes contra Veiga Beirão, no Campo Grande A, ás 10 horas; juiz o sr. Bos Kalberg.

UM GRUPO INGLEZ EM LISBOA

Este grupo deve jogar em Lisboa nos dias 13, 14, 16 e 17 de abril. Num comunicado nos diz a direcção do Imperio que vai empregar todos os esforços para que o seu campo de Palhavã seja completamente remodelado e ... de proporcionar mais comodidades ao publico. E' de desejar que o consiga, pois, da forma como tem estado, o seu campo está completamente falho de todas as comodidades.

Toda a correspondencia relativa a esta secção e bilhetes de entrada para campos sportivos deve ser dirigida ao redactor sportivo.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O pequenito

por GUY DE MAUPASSANT

Ele provou logo a sopa e disse.

— Com efeito, está excelente.

Então a criada pegou no prato do pequeno e deitou nele uma concha de sopa. Depois, recuou dois passos e esperou.

João cheirou e repeliu o prato fazendo um gesto de enfado. Celeste fez-se palida, aproximou-se bruscamente e, agarrando na colher, meteu-a á força, completamente cheia, na boca entreaberta da criança.

O pequeno engasgou-se, tossiu, vomitou, escarrou e berrando, empunhou com as duas mãos o copo, que atirou á criada. Ela recebeu a pancada em pleno ventre. Então, exasperada, tomou sobre o seu braço a cabeça do traquina e principiou a fazer-lhe penetrar colheradas sobre colheradas de sopa nas guelas. Ele vomitava-a, á medida que ela lhas obrigava a engulir, torcia-se, sufocava, agitava as mãos no ar, vermelho como se fosse morrer sufocado.

O pai ficou a principio por tal forma surpreendido, que não fez sequer um movimento. Depois, de repente, atirou-se com uma raiva de louco furioso, agarrou a criada pelas guelas e atirou-a de encontro á parede, balbuciando:

— Fóra!... fóra!... já fora daqui, sua bruta!

Mas ela, num safanão, repeliu-o e, desgrenhada, com a touca para as costas, os olhos ardentes, gritou:

— Que quere o senhor fazer? Quere bater-me porque obriguei esta criança a comer, esta criança que o senhor quere matar com gulosemas!...

Ele repetia, tremendo da cabeça aos pés:

— Fora daqui, já lhe disse, sua bruta!...

Então, sufocada de colera, ela cresceu para a frente e, com os seus olhos ao pé dos olhos dêle, a voz tremula:

— Ah!... o senhor julga... o senhor julga que pode tratar-me assim, a mim, a mim?

Isso é que não! E porquê, e porquê... por êsse ranhoso que não é seu! Não... não é seu!... não é seu e não é seu!...

Toda a gente o sabe, com mil raios! excepto o senhor. Pergunte ao merceeiro, ao carvoeiro, ao padeiro, a todos, a todos...

Ela tartamudeava, estrangulada pela colera, depois calou-se, olhando-o.

Ele não bulia, livido, os braços pendidos.

Ao fim de alguns segundos, balbuciou em voz sumida, tremula, em que palpitava uma emoção formidavel:

— Que dizes tu?... que dizes tu?... O que é que tu dizes?...

Ela ficava calada, assustada da expressão do rosto dêle. Ele deu ainda um passo, repetindo:

— Tu dizes... O que é que dizes?

Então, ela respondeu numa voz acalmada:

— Eu digo o que sei, e então?... o que toda a gente sabe.

Ele levantou as mãos ambas e, atirando-se a ela com ímpeto bestial, faz por atira-la á terra. Mas ela era forte, embora fôsse velha, e era agil tambem. Escorregou-se-lhe dos braços e, correndo em redor da mesa, tornou-se de repente furiosa e redobrou:

— Olhe para êle, olhe bem para êle, como o senhor é parvo! Veja se êle não é perfeitamente o retrato do senhor Durelour; veja aquele nariz, veja aqueles olhos! [illegible] ... por acaso o seu nariz e o nariz? e os cabelos? parecem-lhe bem que ela tive em não os tinha ... assim? Já lhe disse que toda a gente o sabe. Toda a gente excepto o senhor! Anda na boca de toda a cidade! E a risota de toda a cidade! Olhe para êle...

E a criada passou por diante da porta, abriu-a e desapareceu.

João, espantado, ficava-se imovel, em frente do seu prato de sopa.

* * *

Ao cabo de uma hora, ela tornou, muito devagar, para vêr. O pequeno, depois de ter devorado os bolos, a compota de creme e a das pêras passadas, comia nesse tempo um boião de doce com a sua colher de sopa.

O pai tinha saído.

Celeste pegou no pequeno, beijou-o e, a passos mudos, levou-o para o quarto, depois deitou-o. E voltou á sala de jantar, levantou a mesa, arranjou tudo, muito inquieta.

Não se ouvia ruido nenhum em casa, mesmo nenhum. Foi colar o ouvido á porta do quarto do patrão. Não se fazia ali o menor movimento. Aplicou o olhar no buraco da fechadura. [illegible] parecia tranquilo.

Então voltou a sentar-se na cozinha, para estar pronta para o que désse e viesse, porque ela esperava [illegible] dormiu sobre uma cadeira e só despertou de dia.

Tratou do governo da casa, seguindo seu costume de todas as manhãs, varreu, espanejou, e pela volta das oito horas, preparou o café do senhor Lemonnier.

Mas não se atreveu a levá-lo ao patrão [illegible] recebido, e esperava que ele tocasse.

Mas êle não tocou. Deram nove, deram dez horas.

Celeste, assustada, preparou a sua bandeja e dirigiu-se para o quarto com o coração palpitante. Diante da porta parou, escutou. Não bulia nada. Bateu, ninguem respondeu. Então, chamando a si toda a sua coragem, abriu, entrou, depois, solt[ou] um grito terrivel, deixou cair o almoço que tinha nas mãos.

O senhor Lemonnier estava pendente mesmo no meio do quarto, de uma corda amarrada ao gancho do tecto. Tinha a lingua deitada de fóra pavorosamente. A chinela do pé direito jazia por terra. A do pé esquerdo estava calçada. Uma cadeira que fôra derrubada, rolara até ao leito.

Celeste, como doida, fugiu gritando.

Os vizinhos acudiram todos. O medico constatou que a morte remontava á meia noite. Sobre a mesa do suicida achava-se uma carta endereçada ao senhor Durelour. Ess[a] [illegible] o dizia:

«Deixo-lhe e confio-lhe o pequeno.»

FIM

A CAPITAL

O governo inglês confirma na Camara dos Comuns a abertura a Portugal do crédito dos três milhões de libras.

N.º 4039 - 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Escritorios: R. do Norte 5 - Imp.: R. da Bica 71 | LISBOA—Quarta-feira, 29 de Março de 1922 | — DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telefone n. 2235 — Endereço tel. CAPITAL | Preço 10 centavos

A CASTA

Afinal de contas, depois dum largo periodo de discussão sobre a fantastica lei que permitiu uma inundação de coroneis, o parlamento chegou a conclusões curiosas. Essas conclusões, segundo o relato parlamentar, consistem em suspender-se a lei, mas deixando promovidos os que a si proprios se promoveram, embora no parlamento já se estivessem levantando protestos. Além disso, resolve-se não realisar promoções, as justas, as legitimas, durante um grande espaço de tempo.

E' caso realmente para pôr as mãos na cabeça. Emquanto se estabelece este precedente gravissimo de que se não pode alterar coisa alguma em situações absurdas ou revoltantes, porque se trata dum facto consumado, os prejudicados, melhor diriamos os castigados, são os que, sem recorrer a sofismas, a tranquibernias e escandalos, esperam legitimamente um acesso que a sua carreira lhes permite e lhes garante.

O que se depreende da extraordinaria resolução tomada acerca da lei 1239, é que continuam a predominar no ministerio da Guerra o espirito e os interesses de casta que anulam todas as garantias dum regimen que, por ser democratico e por isso mesmo egualitario e justo, com semelhante espirito e semelhantes interesses jamais se devera poder conciliar.

Ficam os felizardos que para assegurarem a sua promoção, devida verdadeiramente a um equivoco ou a uma anormalidade, todos os esforços empregaram a fim de verem os seus nomes estampados, com a vantagem de tais promoções, nas colunas do «Diario do Governo». A grande preocupação é não despromover, e quem manifesta essa preocupação são precisamente aqueles que ha pouco tempo sujeitaram a exame, no regresso da guerra, oficiais que tinham dado em campanha provas evidentes do seu saber militar e das suas qualidades combativas, tendo sido promovidos no campo de batalha!

Não ha duvida. Até agora tem-se julgado que a pasta mais melindrosa era a das Finanças. E' um engano. Como sempre, as questões morais são de mais dificil realisação do que as questões materiais. Uma simples melhoria do cambio pode resolver a questão financeira. Mas na pasta da Guerra, só uma remodelação completa dos serviços e ainda mais do espirito que no respectivo ministerio se observa, poderá levanta-la ao nivel da moralidade, da seriedade e da justiça, que a deve impôr ao conceito nacional.

No ministerio da Guerra ha uma casta que predomina ha muito, e que só atende aos seus interesses e só quer saber dos que a ela se subordinam ou dela fazem parte. Tudo quanto colidir com os interesses, os caprichos e as vaidades dessa casta não vai por diante, porque em frente dela todos acabam por capitular.

A pasta da Guerra é a mais doente de Portugal. Emquanto ali não entrar claridade a jorros, o ministerio onde a casta campeia servirá mal a Republica. O malogrado Antonio Granjo chegou a verificar o mal, mas não teve tempo de o remediar, porque foi assassinado.

Associação Comercial de Lojistas de Lisboa

Está despertando o mais vivo interesse nos meios financeiro e comercial a prelecção subordinada ao tema «Economia Financeira e Cambial baseada num possivel emprestimo» que esta noite realiza na Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, 19, o sr. Pinto Torres, importante e antigo comerciante da praça do Porto.

O ilustre comerciante apresentará a maneira sensata e facil de resolver o problema economico, principal factor da carestia da vida.

Para assistir á prelecção foram convidados os ex.mos srs. ministros das Finanças, Colonias, Trabalho, Agricultura e Comercio, directores de bancos, etc., sendo a entrada livre.

FINANÇAS

O CAMBIO

Um velho funcionario do ministerio das Finanças dá-nos algumas informações curiosas. Porque se não publica a nota dos capitalistas portuguezes que conservam o seu rico dinheiro nos bancos estrangeiros? Di-lo-hia, se quizesse, o sr. ministro das Finanças : : : : : : :

Quando esta manhã, triturado o cafe e engurgitado o café, mergulhamos na batalha diaria da conquista do pão, apertou-se-nos o coração, na angustia do costume:

—Que diabo havemos de escrever hoje, para o jornal?

Valeu-nos o Acaso, Deus dos aforturnados. Um encontro ocasional, ali, na «Chave d'ouro», deu-nos o assunto da entrevista que se vai seguir.

O dialogo travou-se entre o jornalista e um velho funcionario do ministerio das Finanças. Cremos que ele podia adornar-se, se quizesse e por direito, com o titulo de conselheiro, não do Estado, somente do galão branco. Mas é um homem modesto, que esconde um verdadeiro merito porque, muito prudente e bem aviado, não quer chamar sobre si o odio peçonhento da inveja. Limita-se a cumprir os seus deveres profissionais, o mais ignoradamente possivel. Graças a esta sabia economia do viver, o nosso amigo, já de venerandas barbas brancas, espera, com fundamento, ultrapassar a fama macrobia do lendaria Matusalem.

Por um fenomeno vulgar de ideias associadas, a palestra desambou em assuntos financeiros. Começaramos por lhe pedir noticias da saude da esposa dos meninos. Como diabo se passou disto para o «deficit»? Não vale a pena esmiuçar. O que é certo é que a veneravel reliquia do burocratismo do ministerio das Finanças passou a dizer coisas interessantes, aspectos originais da vida arrastada dos cambios, tudo ligado com a crise da vida cara, como batatas e cebolas pela hora da morte. O melhor processo, é reproduzir o coloquio, no que é essencial para o jornal e, portanto, para o leitor.

—Mas diga-me: porque razão não melhora o cambio? perguntamos.

—Por varias razões. Vou-lhe apontar as principais. Tem boa memoria ou precisa de tomar uns apontamentos?...

—Fio-me na memoria. Não é muita, mas chegará. Vá dizendo.

O funcionario esfregou na testa marfinia, prolongada, pela calva, alem dos rigores estreticos. Depois, falou:

—O amigo ouviu dizer, por certo, que no estrangeiro ha capitais portuguezes convertidos em ouro, não é verdade? O montante desses capitais foi exagerado, propositadamente ou não. Mas eu calculo que, na realidade, temos em Inglaterra 10 ou 12 milhões esterlinos, depositados á ordem, e mais uns 20 milhões em papeis de credito das dividas internas de paises diversos, principalmente do «Fonding» brasileiro. Ao todo, 32 milhões esterlinos, no maximo. Vê que estamos longe dos 80 milhões de que falou o sr. ministro das Finanças.

X... (chamamos assim ao funcionario) teve um gestosinho de discreta ironia. Reparamos, mas não dissemos nada. Apenas tomamos nota. Perante o nosso silencio interrogativo, X... continuou:

—Essa gente, que tem lá fóra os seus capitais, recebe em Portugal os rendimentos em ouro. Se o cambio melhora, recebe menos em escudos; se se mantem ou piora, melhor para o avido jurista, que não foi patriota, mas foi um prudente e bom administrador de que era seu. E aqui tem uma das causas porque o cambio anda, sem cessar, em torno da divisa de 4. De resto, o sr. Portugal Durão, ministro das Finanças, sabe que isto é assim porque... cala-te, boca!

—Diga tudo, amigo X... Diga tudo, que nós somos discretos...

—Bem me fio eu nessa! Olhe que eu sei muito bem que segredo em boca de jornalista...

—E' como manteiga em focinho de cão.

—Tanto não direi, que não quero ofendel-o. Mas, se v. não me denuncia, ahi vae: o Portugal Durão tem os seus capitais no estrangeiro, tal qual os outros, que ele classifica de criminosos de lesa-patria.

O Catão das Finanças tem, como os outros, a ilusão da vida barata, porque troca uma libra dos seus rendimentos por 80 escudos portuguezes e vive um dia á tripa forra. O ministro das Finanças de Portugal é, pois, um dos cidadãos mais interessados em que o cambio não melhore!

—E' boa! E outras causas da depressão cambial?

—Vá lá mais uma: a exportação. O comercio exportador vende e recebe em ouro, que converte depois em escudos, se não prefere ou não pode deixa-lo lá fóra, a fazer companhia ás esterlinas do ministro das Finanças. Se o producto da venda fica lá fóra, convem-lhe manter o cambio baixo, para arrecadar maior soma de escudos, quando chegar o momento da conversão; se faz imediatamente a conversão em escudos, tambem não lhe serve a melhoria cambial, porque perderia ou deixaria de ganhar. E digo-lhe mais: se o cambio melhorasse, algumas industrias morreriam como, por exemplo, a das conservas, porque não poderiam aguentar-se com a alta dos salarios cá dentro e poucos escudos em troca das esterlinas. Já vê...

—Vejo muito bem. Tão bem, pelo menos, como o sr. Portugal Durão. Mas continue, amigo X..

—A outra causa da depressão cambial: materias primas.

Quanto mais o cambio piora, mais caras ficam, mas tambem maior razão ou pretexto existe para elevar o preço indigena das manufacturas. Pagam-se mais caras as materias primas? Que importa? Se o importador larga em esterlino, carrega sobre a mercadoria fabricada com o triplo ou quadruplo do que desembolsou. Ganha sempre e cada vez mais. Nestas condições, não ha vantagem, para ele, na melhoria cambial, antes pelo contrario...

—Outros factores...

—Para quê? Estes não são bastantes para nos dar uma razão suficiente da crise cambial? De resto, meu amigo, eu tenho que ir assinar o ponto e já não é cedo.

—Que pena! E' que você, amigo X... tem, realmente, pontos de vista de interesse. Se quizesse, com prazer o ouviria outra vez. Amanhã, por exemplo:

—Porque não? Dir-lhe-hei duas palavras sobre o Orçamento. Que trapalhada que aquilo é! E que soma de ignorancia é precisa para escrever tão grossos volumes!

X... lá foi enfiar a manga de alpaca, já coçada por tantos anos de uso. E, rabiscando estas notas, ficamos um instante a pensar na dança dos cambios...

A publicação da CAPITAL

Uma tiragem ás 5 horas (17)

Outra edição ás 7 horas (19)

Temporariamente, os primeiros numeros de A CAPITAL aparecerão á venda ás 5 horas (17), 1.ª tiragem, de forma a que o publico dos suburbios e de localidades servidas pelos comboios da tarde possa adquirir o seu jornal habitual.

Uma 2.ª tiragem de A CAPITAL circulará como até aqui, ás 7 horas (19), devendo o publico exigir dos vendedores esse jornal com as informações da ultima hora.

Um roubo na escola de aviação em Cintra

Por informações que julhamos como seguras dissémos hontem que se havia descoberto um furto importante na escola de aviação em Cintra e que o caso ia ser sindicado por uma comissão especial. Hoje podemos garantir que a sindicancia que se fez não foi por qualquer furto mas sim por uma questão interna de serviço.

Lêr amanhã:

Por Moçambique

Carta do sr. dr. Ribeiro Lopes, agente geral dos Transportes Maritimos em Lourenço Marques sobre a venda do "Incomati" á firma Hornung & C.ª

VESICATORIOS...:

Vamos a vêr se, com um revulsivo de meia força; o emudecido orgão dá sinal de vida... Um porta-voz, que não tem... voz!—As gréves, o dia de 8 horas e a retribuição justa do trabalho operario—A doença da "A Batalha" contagiar-se-hia ao Governo?...

«A Batalha»... muda! Não admira. E' mais facil, sem duvida, publicar tropos incendiarios que discutir serenamente e á face dos principios, as questões que interessam o operariado, nas suas relações entre si e com o patronato. A politica atrabiliaria, unicamente dissolvente da C. G. T. e da U. S. O. é facil de fazer, desde que a prosa vermelheira de «A Batalha» se destina a ser injectada na turbamulta do proletario ignorante e impulsivo. A questão muda completamente de aspecto desde que «A Batalha» é chamada á arena da discussão scientifica, que ela não sabe fazer e é absolutamente incapaz de sustentar. Por isso o porta-voz do sindicalismo ultra-anarquico permanece mudo e quedo, tal qual penedo. Aprendeu de côr frases bombasticas, extraidas á força dos panfletarios bakunistas. Lança inconscientemente e insciontemente esses vocabulos na circulação, exaltando a imaginação daqueles desgraçados que povoam as oficinas e as fabricas e que, pela imaginação, ficam presos ás organisações sindicalistas. Pois, diante dos olhos esfomeados, o banquete pantagruelico do seguo, após a vitoria da greve geral. Pregar, em berros estentoricos e viragens de energumeno, a revolução social, levando ao rubro branco o instinto de odio e vingança da multidão dos deserdados... E quando chamam o porta-voz da Anarquia Universal á responsabilidade mental das aleivosias, encolhe-se e mete a lingua no bucho.

Mas deixemos «A Batalha». Continuemos, sem nos perturbarmos, o inquerito da verdade. Isso é o mais interessante e o mais importante. Emquanto «A Batalha» se consome epilepticamente na sua impotencia doutrinaria, procuremos auxiliar o Estado, em luta com os seus inimigos libertarios.

E' impossivel separar estas questões:

a)—Greves epidemicas.

b)—Dia de 8 horas;

b)—Pagamento de horas de trabalho.

Tudo isto não constitue senão um unico problema. E esse problema e o da reconstituição da Economia Nacional. Correlativamente é tambem o da manutenção da ordem publica. Vamos detalhar o nosso pensamento.

Não advogamos leis de excepção nem tribunais de excepção.

Já aqui claramente o dissemos. Não queremos para nós, responsabilidade alguma no incitamento que se tem feito ao governo para que adopte, em face aos ataques ao Estado, uma atitude de violencia extra-legal. Pelo contrario: o que temos pedido, apenas, é o cumprimento da lei. Mais nada. E mais nada porque nada mais é necessario para perturbar o Estado Republicano, quer ele seja atacado pelo extremismo das esquerdas, quer das direitas, que, para nós, tanto valem umas como outras.

O Governo, pela voz autorisada do sr. Antonio Maria da Silva (que já parece estar a deitar os bofes pela boca fóra...) declarou que não pensa em alterar a lei que regula o exercicio do direito á gréve. Não é preciso, Ex.mo Sr.! A lei é um farrapinho de papel, que ninguem cumpre. Nem operarios, nem patrões. Não vale um fosforo ardido..., ou não ardido, porque na opinião de «A Batalha», tanto faz o pauzinho intacto, como esfregado na caixa, dada a inhabilidade (sempre segundo «A Batalha») dos operarios que o manipulam. A lei das gréves é só para inglez ver, para uso exportativo, sempre que os governos estrangeiros queiram saber como o Estado Portuguez, se defende da propaganda dissolvente dos sindicatos anarquicos. Então o ministerio dos Estrangeiros manda-lhes um exemplar da lei e lá fóra ficam todos enternecidos perante a condição preliminar, exposta no diploma, dos 8 dias de aviso, obrigatorio para os «chomeurs», antes da declaração da beligerancia formal. Simplesmente, do lado de cá ninguem cumpre a clausula legal e as gréves são, desde o inicio, uma infracção á lei expressa, infracção que fica impune. E' por estas e por outras que «A Batalha» canta sempre de galo vitorioso. E tem razão!

Com um tal desprezo pelas leis do Estado, não é de admirar que a U. S. O. consiga os seus fins, que são, resumidamente, anular a Republica Democratica nos seus fundamentos, para a substituir pela Republica Social praticamente exemplificada nos «soviets» da Russia. A U. S. O., com «A Batalha» por clarim de guerra, vai sacudindo o edificio, sempre na esperança e com o fim unico de provocar a derrocada geral.

Todos os dias «A Batalha» o dizia, e se por agora, recolheu a lingua no bucho, é simplesmente porque viu fracassado o golpe final da grève geral revolucionaria, com que projectava incendiar todo o paiz.

Espera, todavia, nova oportunidade. E o governo, esgotado pelo esforço herculeo que dispendeu na extracção, sem dor, da artilharia da Guarda Republicana, deixa agora correr o sarilho arensado entre as influencias dos interesses pendaristas e as ameaças surdas do proletariado sindicalista revolucionario.

Podia e devia o governo do sr. Antonio Maria da Silva estudar e resolver a questão do dia «normal» de 8 horas de trabalho. Mas prefere, por comodidade e egoismo de momento, deixar estiolar-se o paiz na anemia da sua producção. Adia a solução do problema, talvez porque não saiba resolve-lo. Perante tal inercia governamental, a Nação consome-se a si propria, victima da chaga que a mina. O dia «fixo» de 8 horas de trabalho continua a fazer a sua obra devastadora. A batata, alimento dos pobres, está a escudo o kilo; a cebola a escudo e meio, o preço dos transportes vai num crescendo tal que, daqui a pouco, um cidadão que de Belem se queira transportar á Baixa terá que pagar um milhão de reis... Perante todas estas desgraças, em face de toda a «degringolade» vertiginosa da economia portugueza, o governo conserva-se impassivel como bonzo asiatico, sem dar pelo vulcão que lhe mina a existencia. Bonito vida!

E' certo, todavia, que a questão não é insoluvel. Pelo contrario: bem facil seria encontrar a formula que satisfizesse operarios e patrões. Bastava, para isso, que suas excelencias os ministros da Republica se lembrassem de que a vida não são os dois dias em que se banqueteiam, á tripa forra, nos restaurants ricos da capital, mas todos aqueles em que mourejam os trabalhadores das cidades e dos campos. O regime actual da carestia da vida, augmentando diariamente e mesmo de hora para hora, é insustentavel. A situação assim, só convem á U. S. O. e ao seu porta-voz «A Batalha», porque lhe dá ensanchas para incitar as classes proletarias ás greves para augmento de salario. E, como já temos demonstrado, quanto mais papelorio se emprega na extinção do incendio devorador da vida cara, mais este se torna insuportavel.

E' uma corda sem fim, um beco sem saida. Mas é tambem a colaboração do Estado na obra dissolvente dos sindicatos anarquicos, e o fornecimento continuo de razões aparentemente justas com que «A Batalha» incita á destruição do Estado e a aplicação posterior das utopias comunistas do profeta Bakounine. O Estado, dest'arte, suicida-se. E' assim que o Governo do sr. Antonio Maria da Silva julga cumprir o seu mister?

Se queremos salvar a Nação Republicana é forçoso encarar, com coragem indomavel, a questão mais grave, de mais urgente solução do actual momento historico. E' indispensavel libertar o esforço nacional da gargalheira do dia «fixo» de 8 horas de trabalho, transformando-o, realmente, naquilo que foi sempre a reivindicação operaria, isto é, no dia «normal» de 8 horas de trabalho. E, correlativamente, é indispensavel legislar acerca dos salarios, que devem ser a retribuição justa do esforço produzido e não a paga imbecilmente generosa da incompetencia profissional, da inercia ou preguiça individuais. O trabalho individual, tal como está legislado, não concorre senão para a diminuição continua e progressiva da producção, porque só servem para proteger o inepto e inapto, o preguiçoso, o escalracho operario, excelente materia prima que «A Batalha» amolda a seu geito e com a qual fabrica os executores da pena ultima pela bomba explosiva.

Mas, sobre estes assuntos, ainda se não disse tudo. E' forçoso parar aqui, para continuar amanhã.

A "Batalha" irritada

Transcrevemos de «A Batalha» de hoje:

«**A' rédea solta...** — Os operarios da Companhia das Aguas entregaram ontem ao sr. Carlos Pereira, director da dita, uma riquissima pasta com uma mensagem, e de se punha todo o reconhecimento, toda a gratidão pela atitude altruista de ter aumentado o preço da agua e os salarios dos mesmos operarios. Este acto, que grande numero de operarios foram, certamente por coacção obrigados a praticar, prestava-se a certos comentarios ironicos que hoje, por falta de tempo e de espaço, não damos á estampa. O que convem registar é uma passagem do discurso do sr. Santos do Sacramento, antigo evolucionista, hoje liberal, que, referindo-se á C. G. T., disse que esta era o Covil Geral dos Tartufos. ¿Para que haviamos nós de segurar o sr. Santos do Sacramento pelas longas orelhas e obriga-lo a provar o que disse relesmente, no intuito de adular o patrão? Para fazê-lo passar um mau pedaço? E' melhor deixa-lo andar á rédea solta...»

Não ha duvida: o contentamento dos operarios não agradou á «Batalha». O porta-voz só aplaude quando o operario odeia.

A Festa Artistica de Brunilde Caruson

A gentilissima artista Brunilde Judice Caruson realisa depois de amanhã no Politeama a sua festa artistica. Filha da cantora ilustre, da actriz distintissima que é Maria Judice da Costa, Brunilde Judice é já tambem uma actriz de temperamento vincado a quem o futuro reserva uma larga e bela carreira. Por entre as rosas da sua primeira festa artistica não faltarão decerto as homenagens dos admiradores do seu belo talento. Mocidade, frescura e beleza atraem-lhe as simpatias do publico. Talento que lhe não falta, instincto da scena que admiravelmente possue, cativam todos aqueles que sentem luzir em si a centelha da arte. As manifestações de apreço que a jovem artista vae receber vão provar mais uma vez quanto é estimada e querida na scena portugueza.

SEGREDOS A TODA A GENT

A saudade portugueza

Carlos Martins mandou-me ha dias, um livro curioso «Cancioneiro da saudade»—subsidio admiravel para o estudo do «folclore» portuguez. São 742 quadras umas de autores conhecidos outras absolutamente anonimas, tendo todas elas por assunto essa linda palavra «saudade» que desde Fernão Fernandes, trovador da côrte de El-Rei Afonso III até Augusto Gil tem florido na boca de todos os poetas e palpitado, como uma aza, no coração de todas as mulheres. Soydade, suydade, saudade—cancioneiros do seculo XIII ou livros do seculo XX que importa as mil maneiras porque se tem escripto este murmurio de amor! Que importa—se toda a historia portuguesa cabe nessa palavra saudade que estremece, canta e chora na alma de todos nós... Saudade!

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Mario de Campos

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje, pelas 14 horas, em audiencia particular, o ilustre professor da Escola Militar de Lisboa, sr. Mario de Campos, que lhe foi oferecer uma «plaquette» intitulada «Na penumbra da grande guerra—O suplicio duma alma».

O sr. Presidente da Republica acedendo a esta audiencia mostrou o grande apreço e consideração pessoal que tem pelo brilhante oficial do nosso exercito, cujos creditos se firmaram na missão intelectual ha tempos enviada ao Brazil, de que tão honrosamente deu conta e onde com tanto brilho se distinguiu.

A tentativa da Travessia do Atlantico

Os aviadores ainda não partiram

Os srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, oficiais da Armada, que se propõem tentar a travessia do Atlantico entre Lisboa e o Rio de Janeiro, ainda não partiram esta manhã, ao contrario do que noticiou e é provavel que só levantem vôo quando o tempo se estabilisar.

No gabinete de informações do Ministerio da Marinha não poderam ou não quizeram fornecer-nos mais informações, sendo porem certo que já esta manhã ali estiveram os intrepidos aviadores que vão brevemente partir.

Varios oficiais com quem falámos notam vivamente sobre a designação generica desta viagem que deve ser designada por «tentativa da travessia do Atlantico» e não, peremptoriamente, viagem ao Rio de Janeiro.

Muito embora se tenham calculado até ao maximo possivel todas as probabilidades de exito, um factor imprevisto, uma simples intemperie inesperada podem produzir um contratempo que torne morosa ou evite o total da travessia.

Os aviadores que vão partir perfeitamente cônscios da gravidade e da dificuldade da empresa a que se propõem, não podem fazer afirmações que sejam sempre fortuitas e contam unicamente com o maximo de energia e de tenacidade que um homem pode dar para levarem a cabo a sua arrojada empresa.

Os pontos de escala serão as Canarias, as ilhas de Cabo Verde e depois a ilha brasileira de Fernando de Noronha, antes de chegar ao litoral da America. A parte indiscutivelmente mais dificil da viagem está na travessia entre Cabo Verde e Fernando de Noronha pontos estes onde apenas existe a imensidade liquida, com excepção do rochedo de S. Paulo, a nordeste de Fernando de Noronha.

O ETERNO CHÁ QUE FERVE...

Problemas insoluveis

Mendicidade — Prostituição

Tem o governador civil de Lisboa entre mãos dois problemas para os quais não ha forma de se arranjar qualquer solução: as repressões da mendicidade e da prostituição.

Pensou o capitão sr. Viriato Lobo, mal tomou conta da chefia, do distrito organisar, como medida transitoria, um campo de concentração para mendigos, ideia que todos coadjuvaram mas que não chegou a ser posta em pratica por a Albergaria de Lisboa se ter comprometido, mediante qualquer auxilio monetario, a receber os mendigos considerados invalidos.

O chefe do distrito, que a principio julgou encontrar todas as boas vontades para a sua iniciativa, vê agora faltarem-lhe os prometidos auxilios e de ai o fracasso de uma repressão que toda a gente reclamava.

—Eu contava com fundos que deviam ser postos á minha disposição — informa-nos o sr. governador civil — mas facto é que até agora só me deram 3.000 escudos, verba insignificantissima e que se encontra completamente esgotada. No ministerio do Interior, apesar de toda a boa vontade do ministro, eu nada consegui por falta de verba. Nestas condições eu vi-me obrigado a mandar pôr em liberdade alguns mendigos que tinham sido já recolhidos. Espero no entanto que pelo ministerio do Trabalho me seja dado um subsidio para poder fazer face a tal situação, sem o que não poderei continuar a tão pedida e solicitada repressão da mendicidade...

—E a Albergaria que faz?

A Albergaria, que muito tem feito luta igualmente com a falta de recursos e material necessarios para o internamento de mendigos, embora tenha um edificio com capacidade suficiente para receber mais umas dezenas de internados. Muitos se encontram ali já mas ha que lhes dar de comer e a Albergaria não tem receitas proprias. Para obviar de alguma forma a falta de recursos com que estou lutando resolvi, a partir do proximo mez elevar as taxas das licenças para diversões e musica nos varios clubs. Segundo o regulamento em vigor essa taxa pode ir de 1 a 20 escudos por dia e nessas condições eu conto fazer uma receita de 5.000 escudos mensais, importancia essa que reverterá para o fundo de beneficencia conforme os mesmos regulamentos estabelecem...

E mais nos não disse o chefe do districto que embora contristado pela falta de auxilio de que carecia para o bom exito das suas iniciativas, não se mostra, no entanto, desanimado pois crente está de que melhores dias aparecerão...

Falamos depois com um funcionario superior da policia administrativa que se mostra logo de começo furioso contra os serviços da Assistencia Publica:

—Aquilo é uma vergonha! Ha dois dias mandamos para lá uns mendigos e o provedor entendeu que os devia recambiar dizendo que tinha dado 3 contos para o Governador Civil e que portanto ele se agoentasse com eles...

«Dizem que tem falta de verba mas o facto é que nós não vemos na Assistencia senão provedores directores, e um estado maior que dava para as Assistencias de todo o mundo!

«Não admira pois que todos os serviços da assistencia andem á matroca... Quer ouvir outra? Nós tinhamos aqui dois doidos e como um deles estivesse sem comer uns dias, solicitamos, pedimos e instamos para que recolhesse ao Manicomio Miguel Bombarda. A resposta que recebemos foi a usual: não ha vagas nem dinheiro. Aconselhavam-nos no entanto a que todos os dias mandassemos o enfermo ao Manicomio afim de receber o tratamento externo, que estava dando muitos bons resultados, sendo natural que o doente ainda se curasse.

«O auctor desta «luminosa» ideia não quis ver que o transporte do doente todos os dias daqui para o Manicomio e vice-versa acabava por sair mais caro que o pensionato do enfermo no hospital!...

—E o que ha da repressão da prostituição?

—Ora adeus! Continua tudo na mesma. Por mais conselhos, descomposturas, ou ameaças que se façam as desgraçadas hão-de continuar a vaguear pelas ruas.

O novo edital não resolve a questão porque afinal o que nele se determina é que as mulheres não andem por esta ou aquela rua, podendo no entanto andar por outras. O que era preciso era arranjar um casarão, uma colonia num sitio qualquer para internamento das que não teem casa. A maioria dessas infelizes vivem em hospedarias e é ali que as vão prender. Ora isto não é logico nem moral, pois se as mulheres não teem casas nem podem andar nas ruas que querem então que peles façam?!... Com aguas mornas e ares quentes é que o assumpto se não resolve. Arranjem uma colonia, levem para lá essas desgraçadas que mais não são que umas taradas procurem regenera-las e então terão feito uma bela obra...

E sobre mendigos a Assistencia Publica que se ocupe do caso, não é só ter um estado maior escandaloso que come quasi todo o dinheiro...

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Nos Passos Perdidos

Os srs. deputados começam a dar sinais de evidente cançaso. Já passa das 15 horas e a campainha, que tilintou uns cinco minutos, não conseguiu chamar ao hemiciclo senão meia duzia de legisladores. Prolongou-se, pois, a espera. A sessão abrirá mais tarde mas nem por isso virá grande mal ao mundo.

Na «Ordem do dia» continua, inamovivel e infindavel, a questão do «Diluvio dos coroneis». Diz-se que ainda hoje não terminará o debate.

O Congresso do Partido Republicano Portuguez

Os inconfidentes confirmam que o Congresso será adiado.

A nota oficiosa que scientificou o publico acerca da ignorancia do Directorio sobre os propositos aparentes ou ocultos do sr. Afonso Costa, não produziu impressão alguma. E a razão é simples: o sr. Afonso Costa não se empenha em dar publicas demonstrações de deferencia pelo alto corpo directivo do P. R. P. Ha quem filie nesse facto a noticia do adiamento do Congresso; outros, porem, não hesitam em filiar noutras razões a pouca pressa em se fazer a consulta dos partidarios democraticos.

Para sermos mais claros: o grosso, do partido democratico foi, é e será democratico. Prova-o muito secretamente, o discurso pronunciado no Senado pelo sr. Ribeiro de Melo, que fez a defesa calorosa dos governos presididos pelos srs. coroneis Manuel Maria Coelho e Maia Pinto. Não convem, pois, que se realize imediatamente o Congresso do P. R. P. porque podiam produzir-se incidentes que abalassem a unidade do partido.

Está a fazer-se a chamada, tão lentamente quanto possivel. Entrou e tomou o seu logar na bancada ministerial o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, ministro da Marinha.

Alludindo á falta de oposição, ha já quem alcunhe este Parlamento de Solar dos Barrigas. Maldizentes...

Já ha numero, com 77 presentes. O sr. Presidente Domingos Pereira declara aberta a sessão.

As galerias são logo invadidas por um homem muito gordo e duzias duzia de magros. Vê-se que nem os grevistas por cá aparecem!

A questão Prazeres da Costa

Compoz-se tudo. Os reconstituintes abandonaram a intransigencia e principio manifestada e o acordão, validando a eleição do sr. Prazeres da Costa, deve ser hoje lido na Mesa.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Saudação aos aviadores do raid Lisboa Brasil

O sr. Rodrigo Rodrigues pronuncia um caloroso discurso de saudação aos arrojados aviadores que vão tentar o vôo de Lisboa ao Brasil. Propõe que a Camara manifeste colectivamente a sua admiração pelo admiravel empreendimento.

Outros oradores dão apoio, em nome dos seus agrupamentos partidarios, aos votos de admiração expressos pelo sr. Rodrigo Rodrigues.

Entre os discursos pronunciados a proposito do raid Lisboa-Brasil, merecem referencia especial, pela sua eloquencia emotiva, os dos srs. Agatão Lança e Alberto Xavier. Este ultimo, prestando homenagem ao arrojo dos ilustres portuguezes que vão tentar a viagem, combate o governo, por dar apoio oficial a um empreendimento que, por inoportuno, pode fracassar desastrosamente. Este ponto de vista, aliás duma grande logica, não prova ser, todavia, do agrado da Camara. Um momento houve em que as palavras do sr. Alberto Xavier levantaram um pequeno temporal. O sr. Manuel Fragoso disse:

—V. Ex.ª está a fazer a condenação de D. João III

O tumulto generalisava-se. Positivamente, a Camara repele as ideias do sr. Alberto Xavier. Quando o orador fala na despeza que vai fazer-se, os protestos são gerais. O sr. Antonio da Fonseca intervem:

—Então não ha direito de ter duas opiniões, nesta casa?

Cruzam-se os apartes. A campainha presidencial intervem. O sr. Alberto Xavier dá por terminado o seu discurso.

O sr. presidente Domingos Pereira diz:

—E' preciso ordem nos trabalhos da Camara. Se o tumulto se produzir interrompo a sessão. Peço calma!

Segue-se no uso da palavra, o sr. Antonio Maia. Combate as ideias do sr. Alberto Xavier e dá apoio ao governo, para que este de todo o apoio material e moral ao arrojado empreendimento dos dois já gloriosos oficiais.

Registe-se uma nota politica de certo interesse. O sr. Sá Cardoso, em nome do partido, reconstituinte, da apoio ao Governo e aos aviadores, na Aventura Heroica do raid aviatorio Lisboa-Brazil. E, a proposito, verbera acremente a intolerancia duma certa parte da Camara, que se levantou em grita contra as ideias expostas pelo sr. Alberto Xavier. O Partido Reconstituinte com excepção de ninguem, tributa o preito da sua admiração pelo feito arrojado que se propõem realizar os dois oficiais portuguezes.

O sr. Alberto Xavier corta o discurso do sr. Sá Cardoso com repetidos e calorosos apoiados.

Tudo parecia apaziguado quando a nota politica foi novamente trazida ao debate,—e, agora, pelo sr. ministro das Colonias, que converte a sua oração num ataque formal ao sr. Alberto Xavier. Este deputado pede a palavra. Outros deputados o imitam.

O debate, que, aliás se não sabe, ao certo sobre que incide vai renovar-se.

O que o sr. ministro das Colonias diz é isto, resumidamente: o governo via com prazer a forma unanime como a Camara acarou a iniciativa dos aviadores, tentando o raid Lisboa-Brasil; o Governo, apesar das censuras do sr. Alberto Xavier, auxiliará, em tudo quanto poder a viagem ventorosa.

O sr. Alberto Xavier desistiu da palavra. Em seu logar, fala o sr. Rego Chaves. O ponto de vista do sr. Alberto Xavier foi este: servindo-se da carta publicada pelo sr. Sacadura Cabral, entendeu inoportuno o «raid».

Ninguem atacou o Governo, nem mesmo o sr. Alberto Xavier. Louva o Governo, porque o Poder Executivo tem obrigação de auxiliar os aviadores. Mas isso não invalida as objecções do sr. Alberto Xavier, que apenas lastimou que o raid se não realisasse em epoca mais propicia e com aparelhos melhor providos do que aquele em que vai fazer-se a tentativa.

E fica encerrada a discussão. O sr. Presidente da Camara encarregou-se de levar aos aviadores os votos unanimes da Camara dos Deputados.

Passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a continuação dos debates acerca do chamado «Diluvio dos coroneis». Nunca mais acaba.

No Senado

Na presidencia, o sr. Afonso de Lemos.

Secretarios, os srs. Pessanha das Neves e Sousa Varela.

Acta aprovada por 34 senadores, que tomam conhecimento do expediente. Não ha *ordem do dia*. Nos *fauteuils* ministeriais, os srs. ministros do Interior, Finanças e Guerra

O sr. Costa Junior requereu com a maxima urgencia; pelo Ministerio do Trabalho, cópia de todas as peças do processo referente ao farmaceutico Julio Maria de Sousa, com farmacia na rua das Pretas, desta cidade, sobre o seu fornecimento de mostarda e linhaça, quando da pneumonica em 1918-19, e cópia de toda a correspondencia junta ao processo

As 15 e 30 assume a presidencia o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida.

O sr. Roberto Baptista chama a atenção do Governo para uma local inserta num jornal da manhã, ácerca do assassino do sr. dr. Sidonio Pais se encontrar em liberdade. Pede ao sr. presidente do Ministerio que se faça justiça mandando imediatamente procurar o assassino e metê-lo numa cadeia, para prestigio de todos nós e da Republica.

O sr. presidente do Ministerio declara já ter dado ordens terminantes no sentido de procurar e capturar o assassino do ex-chefe da Republica.

O sr. Costa Junior pregunta ao sr. ministro da Guerra se s. ex.ª já deu ordens no seu Ministerio para lhe serem enviados varios documentos que pediu

O sr. ministro da Guerra responde afirmativamente

O sr. Querubim Guimarães protesta indignadamente e energicamente contra o facto de José Julio da Costa se encontrar em liberdade, passeando com descaramento pelas nossas provincias. O orador declara associar-se ás considerações feitas pelo sr. Roberto Baptista. Refere-se tambem ás irregularidades que se têm feito nas comissões de recenseamento eleitoral, protestando contra êste facto, que disse se está dando nas nossas provincias como na capital, referindo ao Senado o facto de terem alegado não conhecer o grande tribuno Antonio Candido, pelo facto de s. ex.ª ser procurador da Côrte, declarando que, se estivesse presente quando o sr. Tomas de Vilhena propoz que fosse nomeada uma comissão para cumprimentar aquele ilustre tribuno se teria associado, dando-lhe o seu voto

O sr. ministro das Finanças prometeu transmitir ao sr. ministro do Interior as considerações do orador

O sr. ministro das Finanças requereu urgencia e dispensa do regimento para a proposta de lei que autoriza o Governo a fazer um contracto com o Banco de Portugal, aumentando a circulação fiduciaria.

Vai proceder-se á chamada para a votação.

O credito dos trez milhões de libras discutido na camara dos comuns

LONDRES, 28.—Respondendo na camara dos comuns a uma pergunta que lhe foi feita a respeito de Portugal, o representante do tesouro disse que se trata de disposições tomadas pelo nosso pais nos creditos do departamento relativamente ás mercadorias exportadas do Reino Unido com destino a Portugal.

Foi sancionado um credito de 3 milhões de libras esterlinas a favor do Banco Nacional Ultramarino, o qual fará uso deste credito.

Os bens do tesouro portuguez, correspondentes a igual quantia serão entregues ao Export Credit Department.

As entregas da agencia financial portugueza no Brazil servirão para prover mensalmente á liquidação desses bens e se essas entregas forem inferiores á importancia mensal a pagar, o governo portuguez compromete-se a preencher o deficit com as receitas gerais do estado portuguez. O Banco Nacional Ultramarino é tambem fiador deste acordo.—(R.)

Movimento da Bolsa

BANCOS

Portugal, 102; Comercial de Lisboa 291; Nacional Ultramarino, 95; Nacional Ultramarino, coupon, 250; Lisboa & Açores, 327; Economia Portugueza, 81; Portuguez e Brazileiro, 15350; Minho, 271; Colonial Portuguez, 242 ess.

COMPANHIAS

Aguas, 80; Nacional de Navegação, 20050; Credito Predial, 41; Industrial Aliança, 14950; Fosforos, 139; coupon, 149; Portugal e Colonias, 13710; Tabacos, coupon, 381.

COMPANHIAS COLONIAIS

Cazengo, 32850; Cabinda, 770; Buzi, 3750.

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	41 1/14 — 49/16
» 90 dias	41 9/16 —
Paris, cheque	1055 — 1061
Madrid, cheque	1814 — 1861
Berlim, cheque	38 — 38
Rio s/Londres	7 10/32 —
New-York, cheque	11785 — 12000

Libras . . . . . . 53$50 — 53$00

Desastre de automovel

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, recolhendo depois a casa, o sr. Alfredo Duarte, de 40 anos, notario, natural e residente na Barquinha, que, seguindo em automovel daquela localidade para Lisboa, proximo da Povoa de Santa Iria, este voltou-se, do que resultou ficar o sr. Alfredo Duarte com as costelas fracturadas.

Os comunistas

Ainda hoje uma comissão de comunistas deve procurar o sr. Governador Civil para saber se é autorisado o comicio que se pretende realisar no proximo domingo, como protesto contra as ultimas prisões.

Morto pelo comboio

Foi hoje colhido por um comboio em Campolide tendo morte instantanea, Antonio Salvador, 19 anos, rua Correia Chaves, 12 cave. O cadaver foi removido para a morgue.

O raid Lisboa-Brazil

A secção de informações do Ministerio da Marinha, relativas á projectada travessia do Atlantico, de Lisboa ao Brazil, forneceu hoje á imprensa a seguinte nota reportada ás 12 horas.

Situação de navios — Cruzador «Republica», em viagem para Cabo Verde, aviso «5 de Outubro» e canhoneira «Bengo», chegaram ontem a Las Palmas, onde se encontram, respectivamente, ás 13 e 14 horas.

Avião Fairey (00) — Encontra-se pronto para comissão.

Meteorologico — Lisboa e Canarias, tempo nublado, vento fraco N. W. Tempo provavel, bom tempo nublado.

TRAVESSURAS DE CUPIDO

O caso da rua da Cidade da Horta cinge-se a uma scena de amor

[illegible] A Imprensa de [illegible] que o sr. Luiz Redondo [illegible] rua da Cidade da Horta, [illegible] foi devidamente esclarecido.

[illegible]

O sr. Luiz Redondo [illegible] uma criada [illegible] menor Fernanda da Conceição, de [illegible] anos, a qual, ao que parece, namoricava o tenente do exercito sr. Joaquim de Almeida, que vive num quarto alugado na rua da Conceição da Gloria.

Descobriu o sr. Redondo porém, que a criada tinha muitas vezes conversas com a patroa, chegando, uma vez, a ouvir dizer á pequena Fernanda que o melhor seria dar dormideiras a toda a gente de casa para o tenente poder ali entrar sem ser presentido. Em face do que fica exposto, a policia de investigação deteve a criada para averiguações tendo a pequena recolhido, sob a mais rigorosa incomunicabilidade, a um dos quartos particulares. Hoje, de manhã, foi rapidamente interrogada pelo chefe Tavares e, muito atrapalhada, foi dizendo que o tenente a requestava mas que êle tambem arrastava a aza á patroa e, tanto assim, que volta e meia ia levar recados da senhora para o referido oficial. Mais disse que, em 19 de Janeiro ultimo, fôra entregar, por ordem da patroa, uma chave da casa ao tenente, o qual, por sua vez, a convidou para ir ao quarto da rua da Conceição da Gloria ver um vestido que queria oferecer-lhe. A Fernanda afirmou ainda que a sua patroa, com receio do marido, arranjou então o *truc* de dizer que a chave fôra fornecida com o fim de se praticar qualquer furto. E, assim se resumem os depoimentos da criadita, uma ladina rapariga, bastante viva e interessante, mas um pouco leviana, que ha dois anos veiu de Altos Vedros para Lisboa a fim de servir em casa de um conhecido *reporter*. Passado um ano, foi para casa de uma familia em Campo de Ourique, indo por fim parar á casa do sr. Luiz Redondo onde estava ha seis meses.

A policia prossegue nas suas investigações, parecendo que não terá muito trabalho em deslindar o caso, que se nos apresenta claro como agua.

A pequena Fernanda deve ter falado verdade!...

As gréves

O sr. Freire de Andrada procurou hoje o chefe do Governo para tratar da questão dos electricos. Como não estivesse o sr. Antonio Maria da Silva, foi recebido por um dos secretarios.

Tambem conferenciou com o chefe do Governo uma comissão de grevistas da Caminhos de Ferro. O sr. Presidente do Ministerio marcou-lhe audiencia para amanhã ás 13 horas.

Procedimento extranho

UM JUIZ EM FÓCO

Os agentes da policia de investigação queixam-se superiormente contra o sr. dr. João Crisostomo

Como é sabido os gatunos de cadastro já ha um tempo a esta parte não são enviados ao Tribunal da Boa Hora para evitar que consigam safar-se e que com empenhos saiam absolvidos quando julgados. Adoptou-se então o criterio de remeter os cadastrados para o Tribunal de Defesa Social para onde ha dias seguiu o temido larapio Abrahão Mayer, mais conhecido pelo «Judeu» que tem no cadastro 10 prisões por furtos.

Este gatuno que assentou arraiais nos comboios da linha do Porto e que é perito nos furtos de correntes, relogios e carteiras, foi presente a julgamento e com bastante espanto das testemunhas de acusação foi restituido á liberdade por o juiz sr. dr. Joaquim Crisostomo o considerar um homem honesto!

O mais curioso do caso é que o referido juiz fez chacota dos agentes de investigação, troçou deles em pleno tribunal a ponto tal que a assistencia teve ensejo para rir uns momentos. Que o «Judeu» não era um gatuno, afirmou o julgador, e o facto dele andar em constantes viagens de Lisboa para o Porto e vice-versa nada adeantou visto o reu ser filho de um homem de dinheiro e dum honrado comerciante da praça de Lisboa. De facto o pai do «Judeu» é estabelecido com ferro velho na Ribeira Nova, mas é tambem conhecido da policia como receptador dos furtos que o filho e outros larapios praticam.

Os agentes da investigação em fóco de «corrida» que o juiz Joaquim Crisostomo lhes deu redigiram uma reclamação que tendo sido hoje apresentada aos superiores da policia vai ser oficialmente entregue e pelas vias competentes ao sr. Ministro da Justiça, a quem solicitam ordens severas para que seja mantido o decoro no referido tribunal.

Nessa reclamação os agentes rendem as maiores homenagens e elogios ao juiz sr. dr. Barbosa Viana pela sua firme correcta de proceder.

Os acontecimentos de 19 de outubro

O sr. capitão Armando Augusto Pires Falcão escreve ao sr. Presidente do Ministerio, a proposito das afirmações hontem feitas no Parlamento

S. Julião da Barra 29-3-1922

Sr. director: Tendo visto nos jornais da manhã de hoje, no relato das sessões do Senado, que o presidente do Ministerio, sr. Antonio Maria da Silva houvesse feito ontem a afirmação de que um dos [illegible] (certamente [illegible]) o houvesse prevenido de que o iam matar, como tal declaração [illegible] a expressão da verdade, venho pedir a V. a fineza da publicação da carta que hoje enviei áquele senhor e de que envio cópia, para que o publico possa ajuizar.

Confiado na lealdade de V. subscrevo-me [illegible] *Armando Augusto Pires Falcão*, capitão de infantaria.

S. Julião da Barra 29-3-1922

Meu Ex.mo amigo e sr. [illegible] Acabo de ler no «Seculo» de hoje a declaração por s. feita no Senado, de que entre os presos de S. Julião da Barra, um oficial [illegible] o houvera prevenido de que o iam matar.

Como estas palavras, que pela imprensa lhe são atribuidas, vão deixar no paiz inteiro a impressão falsissima de que os revolucionarios de Outubro projectavam ou [illegible] se projectavam atentados á sombra do movimento, venho apelar para toda a sua lealdade para que V. Ex.ª publicamente esclareça que eu apenas o preveni primeiro por intermedio do nosso amigo Custodio de Mendonça e depois pessoalmente de que possivelmente a sua vida corria perigo, isto em razão de me ter sido dito por pessoa cujo nome [illegible] declarei o que não era revolucionario que o seu nome figurava numa pretensa lista de liquidações. E' ainda meu e seu dever salientar que na falada reunião de Santa Marta fui eu quem, com ex-patrio e repulsa de todos os presentes, me fiz éco daqueles boatos sem que, no entanto, tivesse então declinado o nome da pessoa que me informara, como mais tarde fiz a V. Ex.ª, por de tal [illegible] não me ter lembrado.

Como se trata de um assunto que V. Ex.ª, como homem de bem, bem deve apreciar, conto antecipadamente com a sua autorização para fazer publicas na imprensa cópias desta carta.

Subscrevo-me, como sempre, ven.or at.º amigo, *Armando Augusto Pires Falcão*, capitão de infantaria

As joias do ex-imperador Carlos

BERNE, 7.—O ex-imperador Carlos ganhou a questão que lhe tinha proposto uma casa bancaria de B[illegible] pedindo-lhe o pagamento de 100 000 francos de comissão por adiantamentos feitos sobre as suas joias. Estas, não eram as da corôa dos Habsburgos, como se julgou, a principio. A casa bancaria foi condenada nas custas do processo [illegible] contra o seu gerente, H. [illegible] Sommer.—(Lus. Ar.)

Em volta da conferencia de Genova

A orientação ingleza

LONDRES, 29.—Será o proprio sr. Lloyd George quem proporá na Camara dos Comuns a resolução aprovando a politica que deverá seguir os representantes do governo na conferencia de Genova. Em seguida pronunciará um discurso de grande importancia.

Barthou será o presidente da delegação franceza

PARIS, 28.—O conselho de ministros nomeou o sr. Barthou presidente da delegação franceza á conferencia de Genova, sendo-lhe dado como adjunto o sr. Colrat, sub-secretario da presidencia do conselho. O conselho de ministros nomeará mais 3 delegados amanhã.—(H.)

Vai organisar-se o cadastro dos professores

Não existindo no ministerio da Instrução um cadastro de professores devidamente organisado, o ministro, sr. dr. Augusto Nobre, determinou que se proceda a essa organisação.

O preço dos fosforos

A comissão delegada dos operarios dos fosforos, voltou á secretaria das Finanças, para tratar da proposta de lei que ha de elevar para 5 centavos o preço das caixas de fosforos amorfos afim de poder ser melhorada a situação daquele pessoal. A comissão foi atendida pelo secretario, sr. dr. Barbosa de Carvalho, tendo conferenciado sobre o assunto com o ministro um dos directores da Companhia dos Fosforos e o adjunto do respectivo comissario do Governo.

TEATRO

Fanny Ward

Fanny Ward, a conhecida «estrela» da tela, protagonista de «Marca de fogo», «Domadora de corações» e de outros filmes de exito, acaba de tornar publico o seu firme proposito de retirar-se da scena muda. Confirmando a sua decisão, não só rejeitou ofertas magnificas de varias emprezas cinematograficas, como tambem ordenou ao seu secretario que vendesse tudo quanto havia deixado — objectos de arte e curiosidades — em a sua vivenda em Nova York.

Fanny Ward, que abandonou a Paramount, por uma insignificante questão com o seu director, é uma das mulheres que mais belas joias possue. Esposa divorciada de um «rei dos diamantes» — os mais poderosos hoje em dia — desfructa uma fabulosa fortuna pessoal. E sua filha, «lady Bersford», é uma das herdeiras mais ricas do mundo.

Fanny Ward que confessa ter nascido em 1870 (que coisa rara!!) possue beleza impressionante, cujo segredo não occulta. Por isso diz que, por meio de operação, mandou estirar a pele do rosto afim de evitar as rugas e que dispõe o seu penteado, de forma a que não apareçam as cicatrizes provenientes da dita operação.

Actualmente Fanny Ward passeia em Italia com Jak Dean, seu esposo e ex companheiro de tarefas cinematograficas.

Noticiario

Portugal

—E' amanhã que sobe á scena em S. Carlos a peça «A Ventoinha» em que entram Alves da Cunha, Joaquim Prata, Berta de Bivar e Maria Pinto. Hoje não ha espectaculo.

—A 5 de abril, em S. Carlos, «Alma Forte» com que Alves da Cunha faz a sua despedida e festa artistica. Já restam poucos bilhetes á venda.

—Vão já muito adeantados os ensaios da revista «Era uma vez...» original de Alvaro Leal e Jaime de Ferreira, musica do maestro Alves Coelho, que os empregados do Banco Ultramarino vão representar em favor das victimas da Mortosa. Os titulos dos quadros são:

1.º—Bebedeira de despacho. 2.º—Era uma vez... 3.º—A incognita da vida. 4.º—Nocturnos. 5.º—Bomba, Paz & C.ª L.da. 6.º—Livros, livrinhos e livrecos. 7.º—Na antecamara. 8.º—Um mortal... imortal. 9.º—L'oeuvre.

—A reprise da peça em 3 actos, de Gaston de Caillavet e Robert de Flers, «Primerose», tradução de Melo Barreto, efectua-se no Nacional na noite de 31 do corrente. A distribuição da peça é a seguinte:

«Cardial de Merances», Eduardo Brazão; «Maria Rosa», Irene Grave; «Condessa de Sermaizes», Maria Pia; «Donatas», Albertina de Oliveira; «Pedro de Lancrys», Luis Pinto; «Conde de Pielans», Joaquim Costa; «Baroneza de Montureux», Acacio Reis; «Madalena de Champocrtaiere», Ana de Oliveira, «Odelio de Pielans», Itilda de Vasconcelos; «Madame Stariots», Laura Hirsch; «Luiza», Sarah Cunha; «Dr. Farolus», Luis Leitão; «Visconde de Loyraes», Jorge Grave; «Umberto de Pielans», Antonio Melo; «Barão de Montureux», Francisco Sena; «Samuel Davide», Armando Ferreira; «Ricardo», Antonio do Nascimento, «Champoerators», Teixeira Soares, «Um jornalista», Leopoldo; «Simundo», Raquel Costa.

—Estão muito adiantados os ensaios da opereta de André Brun e Carlos Simões «A lenda dos Tarintopas», que sobe á scena no S. Luiz em 8 de Abril para festa de Carlos Viana.

A publicação de A CAPITAL

Uma tiragem ás 5 horas (17)

Outra ás 7 horas (19)

Temporariamente, os primeiros numeros da CAPITAL aparecerão á venda ás 5 horas (17), 1.ª tiragem, de forma que o publico dos suburbios e de localidades servidas pelos comboios da tarde possa adquirir o seu jornal habitual.

Uma 2.ª tiragem de A CAPITAL circulará, como até aqui, ás 7 horas (19), devendo o publico de Lisboa exigir dos vendedores, esse jornal com as informações da ultima hora.

Curiosidades

Nota dos mais notaveis atentados anarquistas contra pessoas reais e alguns chefes de Estado ha 82 anos

Em 1840 — o de Eduardo Oxford contra a rainha Victoria, de Inglaterra, em 1842—o de Jehon Francis, contra a mesma rainha, a tiros de pistola; em 1850—o de Roberto Paté ex-tenente de hussards, contra a mesma; em 1866—o de Havagarof, contra o imperador, Alexandre III, da Russia; em 1867—o de Revezavski, contra o mesmo, em Paris, em 1878—o do dr. Nobiling e de Hohendell, contra o imperador Guilherme I, da Alemanha, em 1878 — o de Jean Olivo Moncari, contra Afonso XII, de Espanha, em 1878—contra Humberto I, de Italia, em Napoles; em 1882—o de Orbedank contra o imperador Francisco, da Austria; em 1882—o de Maclan contra a rainha Victoria, de Inglaterra; em 1888—o de Adriano do Valle, contra o imperador do Brazil, D. Pedro II, em 1893—contra o Marechal Martinez de Campos, em Barcelona, em 1877—o de Melo, soldado do 10.º Batalhão, contra o presidente da Republica Brasileira dr. Prudente Morais, desviando o golpe morreu em seu logar o Ministro da Guerra, Machado Bettencourt, com uma punhalada no ventre.

Em 1898—o de Acciarito, em Roma, contra Humberto I, rei de Italia, em 1898—de dois individuos emboscados na valeta duma estrada, contra o rei Jorge, da Grecia, a tiros de espingarda, ficando ferido somente o sota da carruagem real; em 1893—contra Jorge V, rei de Inglaterra; em 1900—o de Salsow contra o Schah da Persia, Mazaffer-ed-Dine, em Paris; em 1905—contra o Presidente da Republica Argentina, Dr. Quintana; em 1905—contra Afonso XIII, rei de Espanha, em Paris, na rue Rohan, em 1905—contra o Presidente da Republica Franceza, Emilio Loubet, quando passeava de carruagem o antecedente; em 1906—o de Mateus Morales, contra Afonso XIII e sua augusta esposa, em Madrid, quando regressavam da cerimonia do casamento, por meio de uma bomba, em 1908—contra Eduardo VII, rei de Inglaterra, em 6 de Maio; em 1907—contra Leão Tolstoi, em 21 de Setembro, em 1908—o do «complot» contra o presidente da Republica Argentina, Dr. Figueirôa Alcorta, em 1908—contra o Schah da Persia, Mahamed-Ali, em Teherão, em 28 de Fevereiro; em 1908—o dum «complot» contra o Presidente da Republica do Guatemala, D. Manuel Estrada Cabrera, em 10 de Setembro, em 1908—o de Jean Matis contra o presidente da Republica Franceza, Falliéres, tentando estrangulá-lo, chegando ainda a feri-lo e a arrancar-lhe alguns pêlos da barba, em Dezembro.

A. G.

Politica internacional

Conferencia de Genova — Politica confusa — Politica ingleza, italiana, alemã e franceza — -o- -o- -o- -o- O que succederá -o- -o- -o- -o-

Ao aproximar-se o dia da reunião da conferencia de Genova, nota-se em cada paiz um movimento especial traduzido por um sem numero de deliberações, tendentes a resolver a participação ou não participação nessa conferencia, sobre cuja importancia para o futuro economico-financeiro da Europa, as opiniões divergem muito.

E, se em alguns paizes esta tarefa foi facil e rapida, noutros deu logar a divergencias de opinião, que podem ser de graves consequencias internacionais.

Porque não é só a Europa que entra em scena com as suas costumadas conferencias e acordos de quasi nenhuns resultados praticos.

E' a Europa que parece ter de se defrontar no campo diplomatico internacional, com a America, sendo esta circunstancia assunto de todas as preocupações e concorrendo para um estado de desconfiança mutua que ora parece surgir entre os aliados e entre estes e os vencidos.

A recusa da America á conferencia de Genova ocupa logar primacial nos ultimos acontecimentos politicos, porque esta atitude faz mudar por completo o scenario da politica internacional.

A America possue atualmente a chave da politica inter-aliada.

Está bem provado que a Europa hoje não pode menosprezar o ouro americano no qual residem todas as esperanças do seu restabelecimento.

E porque ela disso esta convencida é que a perspectiva da sua recusa á conferencia de Genova fez nascer tantas opiniões contrarias e sugerir tantas suposições diferentes nos diversos Estados da Europa.

No scenario da politica internacional o scenario está mudando constantemente nestes ultimos dias. Não ha persistencia de intenções. Não ha uma linha de conducta. Cada nação procura defender os seus interesses, sem se importar com o que vai na casa dos outros.

E' de tal maneira confusa a politica no momento actual, pelas divergencias de pontos de vista de cada paiz, que é dificil fazer a sua destrinça.

No entanto, vamos tental-o.

Relativamente ao incidente de Fiume, devemos começar por apreciar a solução especial que foi dada a esse conflito.

Creou-se um pequeno Estado não viavel, objecto de duas cobiças permanentes; esta solução, tão hibrida como as soluções dadas aos problemas de Dantzig ou ao do Sarre, devia fatalmente produzir crises cronicas.

O governo italiano mostrou uma atitude corajosa declarando-se partidario de uma aplicação leal do tratado do Rapalo.

Mas, os acessos de febre da opinião publica e talvez mais ainda a imprecisão da situação entravaram a sua iniciativa.

Qualquer solução para este já cronico caso, só pode ser uma solução paliativa tendente a fastar a dificuldade, sem a resolver.

Soluções identicas a esta terão de ser as que se referem á situação do gabinete inglez e á do Ministerio alemão.

Lloyd George, doente e um pouco desacreditado, vê-se em sérios apuros para resolver sobre a sua atitude definitiva.

O que é certo é que ele se sente mais desauctorisado e desacreditado, não só no seu paiz, como no estrangeiro.

Na Alemanha, não se sabe o que vai sair da luta que os socialistas e populares travaram á volta de Hermés. A concordata fiscal, necessaria para se manter o gabinete Wirth, terá de entrar novamente em acção, e com ela a obra, de facto aceitavel, que continuam levando a efeito a chancelaria de Reick e o ministro dos negocios estrangeiros, Rathenau.

Na Russia, a situação do governo dos «soviets» parece ser periclitante.

O processo contra os socialistas revolucionarios soa como um novo termidor.

Pergunta-se como é que os comunistas continuarão vivendo, abandonando cada vez mais os seus principios fundamentais.

Lenine parece hesitar se ha de concordar com a recusa da America em ir a Genova, e os «soviets», que ele escuta e manda falar, fazem ameaças, de mistura com uma adesão dependente de condições.

Por detraz da diplomacia russa conserva-se o dragão do exercito russo, que eles querem reservar para as extremas decisões.

A França mostra-se apreensiva com o rumo que as coisas vão tomando e não se cança de dizer que os Estados Unidos estão arranjando lenha com que se queimem, e até ha quem diga que a America, desde que solucione o grave problema do Pacifico, para ela de vital interesse, se meterá em copas e apenas se limita ao papel de espectadora neste teatro europeu, onde, desde a Inglaterra, sofrendo as simultaneas convulsões das colonias, até á Russia altiva e á Italia romanesca, tudo parece obedecer-se num enredo verdadeiramente intrincado, que promete proporcionar-nos novas e variadas sensações.

As grandes figuras de box

O grande boxeur Tommy Burns ex-campeão do mundo com sua esposa e o seu entreinador. Tommy Burns foi um dos mais scientificos boxeurs apreciado em todo o mundo

SPORT

Por aqui e acolá...

O dr. José Pontes, entre varias coisas boas, disse uma optima, e que é justo se torne bem publico

Recorda o que foram as Olimpiadas de Stockolmo e os Jogos Pershing, onde foram, com a farda do exercito portuguez, criaturas que tinham sido declaradas incapazes do serviço militar.

E o que é pior, é que foram em detrimento de outros, que melhor figura fariam.

Mas o que Pontes disse fez-me lembrar esse facto passado ha tempo, que passo a contar:

Um empregado publico reformou-se por incapacidade fisica, pois fôra dado por tuberculoso...

Parte o homem para a sua terra, perto de Coimbra. Ali vale-se de influencias politicas, e é nomeado professor de ginastica, dum estabelecimento do Estado.

Contra isto, batatas...

* * *

O nosso colega Os Sports, atirava-se como Santiago aos moiros, aos redactores sportivos dos jornais diarios, por falta de informação, e é claro A Capital era mimoseada com a galanteria...

Tem razão.

A informação nossa fica a perder de vista ao pé da do colega que num dos ultimos numeros vendidos no sabado á tarde, trazia a critica dum espectaculo do Coliseu que se realisou á noite.

Fez um record... e perdeu uma ocasião de estar calado.

Quem tem telhado...

* * *

Começa de novo a falar-se que será disputado em Lisboa um campeonato de luta para profissionais. Oxalá haja criterio para que dentro do possivel, se faça um pouco de sport.

O que é preciso?

Entregar a organisação a pessoas que saibam o que é isso.

Como se vê o remedio é facil.

RUY DA CUNHA

AUTOMOBILISMO

A II Corrida da Rampa da Pimenteira vai realisar-se no dia 23 de Abril

Organisada pelo brilhante bi-semanario «Os Sports», e sob o patrocinio do Automovel Club de Portugal, vai realisar-se, no dia 23 do proximo mez de Abril, a II corrida da Rampa da Pimenteira.

A taça S. E. V., que será disputada na II Corrida da Pimenteira.

A firma Artur Almeida, L.da, que ofereceu ao nosso colega Os Sports, que organisa a prova, testemunha ao corredor que fizer a subida mais rapida, percorrendo em menos tempo os primeiros [illegible] metros do percurso.

Sabemos que a prova está despertando grande entusiasmo no nosso meio sportivo, como é natural, sendo digno dos maiores elogios o jornal organisador, pela sua feliz e sensata iniciativa.

A inscrição para esta prova está aberta aos automobilistas amadores e representantes das casas construtoras, devendo ser feita em boletins especiais fornecidos por «Os Sports», os quais podem tambem ser requisitados para a séde do A. C. P., palacio do Calhariz. O jornal organisador conta já com valiosas inscrições. Muitos automobilistas teem-se treinado para esta importante prova, o que se torna indispensavel, pois que, sendo o percurso bastante duro, só os bons «volantes» poderão conseguir as primeiras classificações.

A inscrição fecha a 13 de Abril, devendo em breve realisar-se uma reunião dos representantes das marcas que concorrem á prova.

Nós aconselhamos a todos os que desejam tomar parte na prova [illegible] desde já a sua inscrição, abandonando a nossa velha caturrice de só se inscreverem á ultima hora.

Sabemos que «Os Sports» está empenhado em dar todo o brilhantismo á corrida, pensando em construir bancadas para o publico, em frente do ponto da chegada. O local da prova, muito perto de Lisboa, é de molde a permitir ao grande publico presencear esta bela corrida automobilista.

Box

O campeão da Europa Wyns, que tinha sido desafiado por Criqui e que não respondera ao desafio no prazo marcado pela Federação, resolveu á ultima hora dizer de sua justiça, mas parece que um pouco tarde, visto que pelo regulamento não se apresentando numa data marcada perde o titulo.

—Carpentier vai fazer uma exibição em Metz.

Aviação

Em Turim ao experimentar um novo pára-quedas, morreu o aviador Harris.

—Os alemães oferecem um premio importante ao aviador que se conserve no ar, durante 40 minutos, num aparelho sem motor.

Motociclismo

No Grand-Prix de Strasbourg, foram estabelecidas 3 categorias nas distancias de 2,7 quilometros, [illegible] e [illegible].

—O vencedor duma corrida [illegible], disputada ultimamente em Paris, de nome Walford, tem apenas 12 anos.

E' um record pouco vulgar.

Aeronautica

O dirigivel Mediterraneo, que pertenceu á Alemanha, o que a França destinava a fazer viagem entre Marselha e Alger, foi afinal entregue á marinha franceza, para instrução do pessoal.

Um novo Stadium

O antigo campeão de ciclismo Jacquelin vai construir um Stadium em Neuilly, perto de Paris.

Atendendo á popularidade do velho campeão e á sua competencia em assuntos de sport, é de esperar que dentro em pouco o Stadium Jacquelin seja uma obra modelar.

Ciclismo

Na Belgica vai abrir a [illegible] de verão. [illegible] que seja em [illegible] e [illegible] que se inicie a nova temporada.

Atletismo

O Auto está organisando [illegible] pro[illegible] cross-country [illegible] Uma para [illegible], outra para profissionais [illegible].

NOTICIARIO

COMITÉ OLIMPICO PORTUGUEZ

«As Federações Portuguezas de Box, e Sports Atleticos, pesando a necessidade imperiosa da constituição do Comité Olimpico Portuguez, tomam a iniciativa de convidar, para uma reunião que se realizará na séde provisoria da Federação de Box, rua [illegible] Pinto [illegible], os representantes das [illegible] de remo, tiro, Foot-Ball, [illegible] e [illegible], para troca de impressões sobre a referida constituição.

A representação dos sports que não teem ainda Federações constituidas será reservada nesta reunião.

Pela Federação de Box [illegible] Pereira, e de Sports Atleticos (a) Salazar Carreira».

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O PAE

por GUY DE MAUPASSANT

Como habitasse em Batignolles e fosse empregado no Ministerio da Instrução Publica, tomava todas as manhãs uteis o omnibus, para dirigir-se á repartição. E, cada manhã, viajava até ao centro de Paris, defronte de uma rapariga por quem se apaixonou.

Ela dirigia-se ao seu armazem, todos os dias, á mesma hora. Era uma trigueirinha, dessas trigueiritas cujos olhos são tão negros, que têm assim como o ar de duas nódoas e cuja cutis tem reflexos de marfim. Ele via-a sempre aparecer ao canto da mesma rua; e ela largava a correr para apanhar a pesada carruagem. Corria com um arzinho apressado, leve e gracioso e saltava para o estribo, antes que os cavalos houvessem parado. Depois, entrava [illegible] folegando um pouco, e, após sentar-se, olhava em redor de si.

A primeira vez que a viu, êle, Francisco Tessier, sentiu que aquele rostinho lhe agradava infinitamente. Por vezes encontramos destas mulheres, que sentimos vontade de apertar loucamente nos braços, assim que as vemos. Ela, aquela rapariga, correspondia aos seus desejos intimos, ás esperanças secretas que êle tinha sobre a mulher, a essa especie de ideal de amor que temos, sem saber, no fundo do coração.

Ele olhava-a obstinadamente, mesmo que a não quizesse olhar.

Constrangida com aquela contemplação, ela corava. Ele dava por isso e desejava desviar os olhos; mas apenas o tentava fazer êles voltavam-se de segaida e a todo o momento para ela, embora êle cada vez mais se esforçasse por fitá-los em qualquer outra parte.

Ao fim de alguns dias, conheceram-se, sem se terem falado. Ele cedia-lhe o seu lugar, quando a carruagem estava cheia, e subia para a imperial, muito embora isso o desolasse. Ela agradecia-lhe então com um sorrisinho; e, embora baixasse sempre os olhos quando êle a olhava por sentir o seu olhar muito intenso, não parecia enfadar-se com aquela insistente contemplação.

Acabaram por conversar. Estabeleceu-se entre ambos uma especie de rapida intimidade, uma intimidade de meia hora por dia. E era aquela, decerto, a mais encantadora meia hora da vida dêle. Ele pensava nela todo o mais do tempo, via-a incessantemente, durante o tempo — tão comprido! — que passava na repartição, apressado, insofrido, invadido por essa imagem flutuante e tenaz, que um rosto de mulher amada deixa em nós. Parecia-lhe que a posse completa daquela pequenina pessoa seria para êle uma louca aventura, uma coisa quasi acima das realidades humanas.

Ela dava-lhe, agora, em cada manhã, um apêrto de mão, e êle guardava até á noite a sensação daquele contacto, a recordação na sua carne, daqueles dedos pequeninos; parecia-lhe, a êle, que conservava as marcas dêles sobre a pele.

Ele esperava ancinsamente que passasse o tempo que sem ela viajava naquela curta viagem em omnibus. E os domingos pareciam-lhe afflictivos. Ela amava-o tambem, sem duvida, porque aceitou, em um sabado de primavera, o ir almoçar com êle á Maisons-Laffite, no dia seguinte.

* * *

Ela foi a primeira a esperá-lo na estação. Ele ficou surpreendido; mas ela disse-lhe:

— Antes de partir, preciso de lhe dizer uma coisa. Temos vinte minutos ainda nos sobra tempo. Tremia, apoiada ao braço dêle, de olhos baixos e faces palidas. Continuou:

— E' preciso que o senhor não se iluda a meu respeito. Sou uma rapariga honesta e só irei consigo se me prometer e se me jurar que que não me faz nada... que não seja... que não seja... sério.

E tornou-se, de repente, mais vermelha que uma papoila. Calou-se. Ele não sabia que responder, ao mesmo tempo feliz e desapontado. No fundo do seu coração, preferia que ela fosse assim; e no entanto, deixara-se embalar, aquela noite, por sonhos que lhe tinham posto fogo nas veias. Amá-la-ia menos, certamente, se soubesse que ela era leviana. mas dêsse modo seria tão bom, tão delicioso para êle! E todos os calculos egoistas do homem em materia de amor lhe trabalhavam no espirito.

Como ele não dissesse nada, ela continuou a falar, numa voz [illegible] comovida, com lagrimas nos cantos das pelpebras:

— Se não promete respeitar-me em toda a extensão da palavra, volto já para casa.

Ele apertou-lhe ternamente o braço e respondeu:

— Prometo; a menina só fará o que quizer.

Ela pareceu aliviada e preguntou [illegible]:

— Veja lá se fala verdade?

— Juro-lhe!

— Então, tire os bilhetes, [illegible] se ela.

Durante o trajecto, mal puderam conversar, porque o cupé ia cheio.

Chegados a Maisons-Laffite, dirigiram-se para a margem do Sena.

O ar [illegible] amolecia a carne e a alma. O sol, dando em cheio no rio, [illegible] as folhas e os relvados, [illegible] reflexos de alegria nos corpos e nos espiritos. [illegible], de mãos dadas, [illegible] que deslisavam em [illegible] da agua. Ele [illegible] que sorgiam da terra [illegible] Felicidade.

Ela disse, enfim:

— [illegible] sou uma doida.

Ele preguntou:

— E porque razão?

Ela tornou:

— Pois não será [illegible] vir assim, eu, com um [illegible] do senhor?

— Pelo contrario, acho isto muito natural.

— Não! não é natural [illegible] porque não [illegible] pecar [illegible] é assim [illegible] pecar. Mas se o senhor [illegible] triste a minha vida [illegible] mesma coisa todos os [illegible] e todos os meses [illegible] completamente só em [illegible] ela [illegible] dos meses [illegible] alegre. Eu [illegible] o diligencia do [illegible] dos mais [illegible] Em todo o caso [illegible]. Mas o senhor não me quere mal por isso, pois não?

(*Conclue depois de amanhã*)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

O hidro-avião tripulado pelos marinheiros portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegou ás Canarias ás 3 horas da tarde.

N.° 4040 — 12.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Nor e 5 - Imp.: R. da Bica 71 || LISBOA—Quinta-feira, 30 de Março de 1922 || — DIARIO REPUBLICANO DA NOITE — Telefone n.º 2215 — Endereço tel. CAPITAL — Preço 10 centavos

Ainda o credito dos 3 milhões

No Parlamento inglês prestaram-se já explicações claras e decisivas ácêrca do crédito dos 3 milhões de libras. Respondendo a uma pregunta que a êsse respeito lhe foi dirigida, o representante do Tesouro declarou, segundo relatam os telegramas publicados pelos jornais da manhã, que se trata de uma disposição relativa á mercadorias exportadas de Inglaterra para Portugal. O crédito foi sancionado a favor do Banco Nacional Ultramarino, que dêle fará uso. Os bons do Tesouro português, correspondentes a igual quantia, serão entregues ao «Export Credits Department». As entregas da Agencia Financial do Brasil servirão para prover mensalmente á liquidação dêsses *bons*, e se essas entregas forem inferiores á importancia mensal a pagar, o Governo português comprometeu-se a preencher o *deficit* com as receitas gerais do Estado. O Banco Nacional Ultramarino é tambem fiador dêste acôrdo.

Tais foram as explicações dadas pelo representante do governo britanico no Parlamento do seu país. Elas constituem a versão inglesa, e por elas ficámos sabendo que a operação é feita com o Banco Nacional Ultramarino, que fica por seu fiador, e ainda com a garantia das receitas da Agencia Financial do Rio de Janeiro, as quais serão completadas, se isso se tornar necessario, com as receitas gerais do Estado.

Conhecida a versão oficial inglesa não vislumbramos nenhuma especie de motivo que iniba o Parlamento português de conhecer a operação dos 3 milhões de libras como o Parlamento inglês a conhece. Urge, portanto, que o nosso Governo vá tambem ao seio da representação nacional, a fim de, por essa forma, elucidar o país sobre o caracter, os fins e os termos da importante operação dos 3 milhões de libras.

O país necessita saber como é que êsse crédito será aproveitado, o que é que se deve mandar vir de Inglaterra e se é possivel qualquer combinação para obter exportações doutros pontos do estrangeiro; em que condições se realizarão as transacções e qual o limite na amplitude que elas possam ter. Numa palavra, precisa-se saber quais as vantagens principais dêsse acôrdo e até que ponto elas podem influenciar uma melhoria de cambio, que seja o bem do nosso progressivo desafogo. O Governo certamente não deixará mais essas indispensaveis explicações, que venham satisfazer a natural anciedade do publico.

Do restabelecimento da ordem deve advir o restabelecimento do crédito. Por isso, não nos admiramos da concessão do crédito, em que, desta vez, não intervieram Jefferson Williams e os seus cumplices. Do restabelecimento do crédito deve advir o restabelecimento das nossas finanças e dêle a melhoria consideravel da nossa situação economica. Imagine-se se não é compreensivel a impaciencia com que toda a gente aguarda estas sucessivas *étapes* do ressurgimento patrio. Estamos num momento delicado e unico em que é preciso proceder com prudencia, mas tambem sem hesitações.

Dr. Augusto de Castro

Foi agraciado com a Legião de Honra pelo governo francez o ilustre jornalista dr. Augusto de Castro, director do nosso presado colega «Diario de Noticias». Ao brilhantissimo cronista do «Fumo do meu cigarro» e do «Campo de Ruinas» que é tambem um dos mais raros temperamentos de jornalista moderno, deve o paiz assinalados serviços que tornam uma merecida homenagem a distinção que lhe foi concedida. Ao dr. Augusto de Castro dirige «A Capital» as suas felicitações.

O governo civil de Lisboa em New-York

NEW YORK — Cumprindo uma ordem que se supõe ter sido dada pelo «City Council» os agentes entraram na segunda-feira á noite em todos os restaurants que áquela hora estavam completamente cheios e ordenaram as mulheres que deixassem de fumar sob pena de prisão. Hontem porém essa ordem foi revogada parecendo que tinha sido dada ilegalmente.

PARABOLA POLITICA

O REGRESSO DO SR. DR. AFONSO COSTA

O QUE NÓS PENSAMOS E O QUE PENSAM ALGUNS DEPUTADOS

Como na parabola do filho prodigo, segundo consta, o sr. dr. Afonso Costa pensa em regressar—ele que foi o autor de uma lei anti-religiosa—á religião dos penates. A sua vinda e as condições que dizem ter imposto para a tornar possivel, é—como dizia o conselheiro Acacio—o assunto de todas as conversações, quer no seio mais pacato das familias, quer nos cafés e na rua, ou ainda — onde não podia deixar de ser—nos bastidores do Parlamento. Se o conhecesse,—deve-o saber—o estadista sentiria, mais uma vez, entre tantas, a ufania do seu orgulho politico apagar-lhe a vaidade a que nenhum homem escapa quando os outros o pretendem envolver num messianismo tal que mostra á evidencia a exiguidade dos nossos recursos politicos, o que é um lamentavel sintoma que urge, quanto antes, debelar.

Se o seu regresso ao lar da Patria, que tambem lá fóra pode merecer o interesse dos grandes patriotas como o dr. Afonso Costa, causou surpresa, não menos estranhesa motivou o facto de se apontarem condições imprescindiveis para a possibilidade da volta do estadista, as quais seriam graves se não fossem disparatadas.

Para uma conversa amena, para que tanto se prestava o assunto, sem pretender dar a este artigo foros de um inquerito politico e oportuno, lembramo-nos de consultar alguns deputados da nação para deles ouvirmos, de uma maneira quasi intima, as suas opiniões sobre o caso politico do dia.

O primeiro deputado que se nos deparou foi o sr. Eugenio Aresta, o jovem parlamentar liberal que, como novo ainda que é, terá sem duvida uma opinião alheia á malicia politica de muitos.

Sabiamos as escadinhas do Santa Justa quando o vimos e ai mesmo interrogamos o simpatico deputado que desconhecia ainda a sensacional noticia. Desdobramos a gazeta e emquanto subiamos o Chiado lh'a fomos lendo. Ouviu e quando nos agitavamos á esquina de um passeio disse-nos:

—A minha opinião é que a União Sagrada, existe ainda. E' para causar estranheza que o dr. Afonso Costa formulasse, como condição imprescindivel do seu regresso, a renuncia do sr. dr. Antonio José de Almeida, porquanto este recebeu ultimamente, ha bem pouco tempo, referencias elogiosas e amistosas daquele estadista.

E assim fomos subindo, conversando serenamente, como se fossemos dois amigos. A nossa intimidade na conversação aumentava e não receamos insistir sobre a outra pergunta:

—E quais as intenções, se vier, trará o dr. Afonso Costa?

—Não posso precisar, como vê—acentua o sr. Eugenio Aresta—porquanto desconheço o que ele pensa.

—?

—Das duas uma. Ou vem influenciado pelas lições conservadoras colhidas na sua vida no estrangeiro e faz alguma coisa capaz, que de resto tem, como nenhum do seu partido, competencia para isso, ou regressa o mesmo Afonso Costa que todos nós conhecemos, radical, e contemporisando com o «sans-culotismo» da nossa terra—deixa-se a lenda do seu messianismo.

Aqui nós aplaudimos a probabilidade deste fim que terá o estadista maximo da Republica — como lhe chama o integralista—e despedimo-nos do amavel e jovem deputado liberal.

Mais alguem pretendiamos ouvir, calhando a vez ao deputado catolico, sr. dr. Diniz da Fonseca, de uma atenciosa amabilidade para comnosco.

O sr. dr. Diniz da Fonseca, diz-nos desconhecer as intenções que animarão o sr. dr. Afonso Costa no seu regresso a Portugal e insiste na atitude independente do seu partido que não vê politicos para só se deixar interessar por principios.

O que nos disse o sr. dr. Diniz da Fonseca:

—Sobre a renuncia do Presidente, como condição para o regresso do dr. Afonso Costa, nada sei. ...

—?

—Nós temos uma unica aspiração dentro do Parlamento. A defesa dos principios da Igreja. Se amanhã o dr. Afonso Costa estiver dentro dos principios pelos quais pugnamos nós devemos-lhe em consciencia o nosso apoio. E quem diz o dr. Afonso Costa, outro qualquer.

O distinto deputado catolico frisou bem as suas palavras, falou-nos da questão religiosa que ele diz ninguem a ter ainda compreendido no nosso país e sempre amavel, de uma educação cavalheiresca despede-se de nós, prometendo-nos responder mais detalhadamente á nossa ultima pregunta sobre a politica religiosa.

O terceiro deputado de que nos acercamos é o sr. Antonio Maia que nos diz não ser politico pensar unicamente no seu dever de representante do povo que o elegeu, não se importando no que pense ou que deixa de pensar o dr. Afonso Costa.

—Se amanhã—diz-nos com uma grande convicção, emquanto passeavamos, parando por momentos—fosse possivel organisar-se um grande partido, verdadeiramente defensor unica e exclusivamente dos interesses do país, sem clientelas politicas, eu não tinha duvida de nele me filiar. Politica — repete—não tenho, nem quero ter.

E sobre outros assuntos,—o ilustre deputado, sempre risonho e amavel—fomos conversando, falando sobre a volta messianica e nublante do dr. Afonso Costa. Um aperto de mão de despedida, um agradecimento afectuoso da nossa parte e o sr. Antonio Maia lá vai até desaparecer bruscamente pela porta da camara.

Agora é o sr. Agatão Lança, a quem tantos deveres de cortezia devemos,—que apenas com um papel na mão,—parecia interessá-lo qualquer assunto urgente, o que nos começa a despertar curiosidade, mas não procuramos saber—sentindo o toque ininterrupto da campainha, convidando á chamada, nos responde pedindo-nos que sejamos breves.

—Sobre a renuncia do Presidente entendo que não se deve dar. E' uma coisa grave, tratando-se de mais a mais da sua viagem ao Brasil. E' grave, não deve ser,—repete-nos—leia, o meu amigo, o que eu disse na «Victoria» ha dias. E' o que penso.

—E acerca da volta do dr. Afonso Costa?—insistimos.

—Não sei, meu amigo.

E lá se vae, sem que deixasse perceber do que pensa sobre o grande republicano, que ele diz nunca o ter conhecido.

O destemido e probo republicano, ilustre deputado, sempre apressado com o tal papel na mão, desaparece ao som impertinente da campainha da sala convidando á chamada.

Nós lá ficamos, sempre pensando —mesmo contra nossa vontade—no dr. Afonso Costa e nosso simpatico amigo Agatão Lança, esse valoroso oficial da Armada, distinto deputado e principalmente, grande homem de bem.

Fausto de Figueiredo

Regressado do extrangeiro encontra-se de novo entre nós o importante capitalista Fausto de Figueiredo, uma das figuras de mais realce no nosso meio financeiro e industrial. O sr. Fausto de Figueiredo que se ausentou para o estrangeiro ha meses, vem com o seu excepcional relevo imprimir o cunho da sua grande actividade ás grandes empresas que dirige com rara proficiencia.

Bom exemplo

LONDRES — Lord Carson foi asperamente censurado na Camara dos Lords pelo Lord Chanceller que disse que os juizes não deviam intervir na politica emquanto estavam exercendo as suas funções.

A homenagem ao dr. Antonio Candido

E' hoje que na Academia das Sciencias de Lisboa, se realisa a sessão de homenagem promovida pelo nosso brilhante colega «Diario de Noticias», ao glorioso orador dr. Antonio Candido.

Festa de arte, festa de «élite» não deixará de ser brilhantissima reunindo todos os elementos de destaque entre nós.

No seu numero de amanhã fará «A Capital» o seu «compte-rendu».

FINANÇAS

O ORÇAMENTO

Outras ideias do sr. X...: moeda forte e moeda fraca, formas de escriturar receitas e despezas, — e o mais que na entrevista se lerá...

O IMPOSTO DE "AJUDA,,

Fiel á sua promessa de ontem, o sr. X..., funcionario do Ministerio das Finanças, compareceu á hora marcada.

Habituado á disciplina burocratica que, como é sabido, rigorosamente obriga todos os empregados publicos de inferior categoria—e o nosso amigo ainda não é director geral...—o sr. X... abancou a uma mesa do Chave de Ouro ali por volta das 11 horas, saboreando regaladamente o café matutino, a pequenos golos.

Chegamos e cumprimentámo-lo; é claro. Presamo-nos de conhecer, por ulto, o Felix Pereira. E, sem mais aquelas, entrámos logo na materia, como diria qualquer dos muitos catedraticos dos tempos da monarquia, agora encafuados, como piolhos em costura, no P. R. P., convertido em Hotel do Livre Cambio da politica portuguesa.

—Vamos a isto, amigo X. Diga-nos o que lhe aprouver sobre os problemas da finança nacional...

X... repetiu o gesto habitual de esfregar a vasta calva, provocando, pela massagem, o abrolhar das ideias. E elas acudiram á chamada, em catadupas. Resta-nos, apenas, reproduzir:

—Você ouviu o que disse o meu ilustre chefe Julio Maria Batista no Parlamento?

—Não, não tivemos essa espiritual ventura. Mas lemos o extracto da sessão nos jornais.

—Basta isso. Pois o director geral em Contribuições e impostos, discretiando sobre os problemas da sua especialidade, afirmou isto, que é uma enormidade, mas que nem por isso deixa de ser uma grande verdade: as contas do Estado andaram certas até 1913; a guerra, surgindo no ano seguinte, desorganisou tudo. Presentemente, o cáos financeiro é evidente. Logo não devemos ligar um significado literal ao «deficit» acusado no orçamento.

—Muito bem, sr. X... Mas se a verdade não está no orçamento, onde foi ela parar?

—Se eu soubesse, dizia-lh'o. Mas não sei, ao certo. Apenas suspeito... Ora ou me explico.

Ageitámos os cotovelos á mesa, geito que nos ficou da criança. Ainda é esta a melhor forma de ficar com os ouvidos apurados...

—Siga o meu raciocinio, amigo jornalista. Eu procurarei ser claro. Ora diga-me: a moeda de hoje tem o mesmo valor que a de 1914?

Respondemos logo, sem hesitar, com aquele saber que de experiencias é feito:

—Não!

—E' claro. Antes da guerra a moeda era forte, hoje é fraca. Perdeu uma parte do seu valor aquisitivo. O valor das mercadorias é o mesmo; a moeda é que já não vale o que valia. E, sendo assim, o «deficit» acusado no orçamento, sendo referido em moeda fraca, não tem o aspecto grave que á primeira vista se afigura. Quatrocentos mil contos de hoje são apenas cerca de 40.000 contos de 1914. E um «deficit» de 40.000 contos, sendo pesado, não é para desesperar, no que respeita é claro, á futura reconstituição da finança portuguesa.

—Democrito não falaria melhor.

—Não conheço. Quem é? Olhe; se é meu colega no Ministerio, não lhe reconheço mais autoridade do que eu tenho nestes assuntos.

X..., abespinhou-se. Tivemos de o acalmar.

—Nós dissemos Democrito? Não faça caso. O que queriamos dizer é que o amigo está hoje mais optimista que ontem.

—Nada disso. Não estou mais nem estou menos. Digo a verdade. E continuo: temos, pois, dois valores da moeda, o de 1914 e o de hoje. Avaliar o de hoje com o de ontem, é um erro que leva a conclusões falsas. «O deficit», pois, não é, realmente, de 400.000 contos. O que é preciso fazer é reduzi-lo á sua verdadeira expressão.

—E como?...

—Muito simplesmente: valorisando a moeda. E eis aqui porque eu digo que o Orçamento, elaborado nos moldes praxistas da burocracia, não corresponde ao momento e é mais um elemento de desordem financeira que outra qualquer coisa. E' uma trapalhada!

—Explique-se.

—Mas é evidente. O Orçamento está feito como se a nossa moeda fosse forte, quando é fraca. Seria preciso, para que ele se aproximasse da verdade, que se lhe introduzisse um elemento novo, moderador e de correção. Não se fez. E parece—pelo que tenho lido nos jornais—que o Parlamento perfilha o ponto de vista burocratico e continua a confundir o dia financeiro de agora com aquele que marcou a vespera da grande guerra. De resto, nem toda a gente, no país, assim pensa e ha alguns que, talvez instintivamente apenas, modificam os valores a seu geito ou segundo os seus interesses.

—Um exemplo...

—Nada mais facil. Ha bancos que, para efeito do balanço anual, inscreveram os valores-ouro ou moeda nacional dando ao esterlino um agio que varia entre 20 e 30 escudos. E' claro que isso lhes permitiu o calculo de grossos dividendos. Outros bancos deram ao esterlino o valor de 4$50 escudos, o que reduziu aparentemente o valor da existencia monetaria. Tiveram razão os primeiros? Tiveram razão os segundos? Nem uns, nem outros. A questão não é essa...

—Então qual é?...

—E' que ha dois valores de moeda nacional. Ahi é que bate o ponto! E no Orçamento isso devia ser expresso em numeros. Deviamos inscrever todas as verbas segundo o estalão monetario anterior á guerra e, em seguida, o numero referente ao estalão actual, isto é, moeda forte e moeda fraca. Feito isto, todo o esforço de reconstituição financeira devia ser conjugado no sentido de eliminar as segundas verbas, ficando apenas as primeiras, as que são representativas da moeda forte.

—Isso seria, realmente, o ideal. A questão está em conseguir-se.

—Claro como agua. E conseguir-se-hão, em poucos anos. Mas com os processos financeiros que se encontraram no ministerio das Finanças e que o Parlamento está sancionando e estabilisando, é que não se chega ao fim util, senão por acaso, por aquele acaso que, por vezes, tão generosamente tem servido a Nação. O Governo e o Parlamento não pensam senão em actualisar os impostos. Eis o erro fundamental! Actualisar os impostos será consolidar absolutamente e para sempre o regimen da moeda fraca. Nunca mais sairemos dele, com salarios altissimos, com manufacturas carissimas, com subvenções sucessivas e com «deficits» constantes, ascendendo para o infinito. Por este caminho conduz, sem sombra de duvida, á falencia geral, com o centavo á altura inconcebivel do rublo russo. Eis o que nos espera!

—Mas como evitar essa tremenda catastrofe?...

—Olhe, meu amigo, quer que lhe conte uma historia?

Acenamos logo que sim, avidamente. E o sr. X... atirou-nos com o resto, duma assentada:

—Em 1640, quando da Independencia, a Nação redimida preparou-se para a guerra com a Espanha. Todas as classes sociais, as mais humildes principalmente, deram apoio ao governo da Restauração.

Criou-se, para ocorrer ás despezas, um imposto, chamado «Ajuda». E fez-se, é claro, o respectivo regulamento. Isto foi já em 1642. E note o amigo: o regulamento foi tão sabiamente elaborado, que o sr. Mitcsell, ministro prussiano, ha uns 30 anos, pediu dele uma copia, afim de o servir, traduzido, ao seu governo...

Ora o que eu preconisaria, para o momento actual, seria a reedição do imposto da «Ajuda», lançado sob a forma duma percentagem variavel, sobre as contribuições e impostos.

A «Ajuda» seria escriturada ao lado do imposto ou contribuição principal e iria diminuindo até se atingir totalmente, logo, é claro, que se tivesse transitado da moeda fraca, para a moeda forte, que, aliás, poderia, esta ultima, ficar estabilisada num estalão inferior ao de 1914. Devo acrescentar que a «Ajuda» devia ser tão elevada quanto fosse preciso para se ir diminuindo gradualmente a circulação fiduciaria, recolhendo-se as notas em excesso e reduzindo-as a cinzas. Bastando que se devia parar nessa queima de notas logo que o cambio atingisse uma divisa conveniente. Em resumo: suponho que toda a crise estaria finda quando o cambio se fixasse na divisa de 25, a circulação fiduciaria estivesse reduzida a 250.000 contos e os impostos e contribuições gerais do Estado fossem o triplo do que eram em 1914.

Ahi ficam as ideias do sr. X... Haverá quem diga que são desvairo demente escandecido. Sempre assim falaram os ignorantes e os cepticos, avessos a tudo quanto não seja o ramerrão diario, e á sujeição a ideias preconcebidas. Entretanto nós, que ouvimos e compreendemos o sr. X..., diremos que ele tem razão, principalmente em não dar muito com a lingua nos dentes... afim de que o não mandem para Rilhafoles, onde já não está o José Julio de C...

Para a "Batalha,, lêr

LONDRES—Foi declarado o lock-out em 47 empresas metalurgicas que começará dentro em oito dias afetando 600.000 operarios.

Com este novo lock-out o total de operarios sem trabalho eleva-se a 850.000.

Sempre a lei

Têm estranhado varias entidades a importancia demasiada que segundo o seu modo de vêr, tem dado «A Capital» á discussão e debates sobre a tristemente celebre lei 1239, que originou o *diluvio dos coroneis*. Torna-se sobremodo notavel o ser caso de reparo a nossa insistencia — que nunca será demasiada, seja-nos licito declarar desde já — quando, aos olhos do paiz inteiro, ha mais de mil dias, nas casas do Parlamento, se arrasta e deixa, sem resoluções concretas, esta desgraçada questão. E parece muito mais estranhavel a eterna irresolução do Parlamento do que a nossa insistencia.

O que é facto é que ninguem, entre os dirigentes, parece ter a coragem necessaria para radicalmente destruir uma lei que toda a gente, com pequenissimas excepções, reconhece contraproducente, ridicula e anti-disciplinar. O que é facto é que se procura remendar, modificar e alterar, sem, todavia, lhe mexer na estrutura, uma lei, que muito melhor seria que fôsse radicalmente posta de parte. O que é facto é que falta [illegible] a coragem moral para declarar altamente, terminantemente, que [illegible] não presta e que é preciso deitar fóra.

E depois disto estranha-se que insistamos num assunto que é o interesse e o debate perpetuo de duas centenas de deputados e senadores!

O Exercito constitue, como muitas outras classes, uma casta particular. Nem ha desdouro para êle em constituir um corpo com ideias e conceitos á parte; em todo o mundo, em todos os paises, assim tem sido sempre e assim é natural que seja, mormente entre militares. Mas o que é evidente é que essa casta, possuindo uma moral propria — sempre como todas as castas — não deve usar dessa moral nem dos preconceitos que ela envolve, de forma a alterar ou postergar as outras morais das outras castas.

Pode clamar-se que não é possivel ir tirar galões a quem já os tem. Pode afirmar-se que é anti-militar despromover, tirar depois de ter dado. Mas o facto subsiste na sua essencia irredutivelmente. Acha o corpo social Exercito ser desprestigioso anular nomeações, retirar insignias depois de terem sido concedidas. Mas acha o corpo social Nação que a lei 1239, a do *diluvio*, é irritante, ridicula e amesquinhadora da nacionalidade. Entre êstes dois conceitos não ha que hesitar, porque, sendo a proibição na *Ordem do Exercito* da lei 1239 um verdadeiro *guet-apens*, como já aqui se disse, sendo, por demais, uma lei [illegible] e universalmente re[illegible], não só não pode [illegible] se como por [illegible] terão de se tornar [illegible] e nulos todos os beneficios que, por [illegible] *guet-apens*, foram distribuidos inoportunamente.

Não ha, por consequencia, que retirar galões a quem quer que seja. O que ha é muito simplesmente uma lei contraria aos interesses e á dignidade da Nação—e que, por consequencia, se revoga e que se torna como inexistente. E se é inexistente, ninguem foi promovido por ela, ninguem beneficiou com ela, ninguem teve nunca oficialmente vantagens dela. Não se despromove ninguem. Tiram-se simplesmente das mangas dos dolmans galões que lá foram cosidos precipitadamente. Não é uma questão de indisciplina. E' uma questão d'alfaiate.

POR MOÇAMBIQUE

O "Incomati,, foi adquirido pela "Beira Boling,, ou seja "Hornung & C.ª,,

SOBRE A VENDA DO VAPOR "INCOMATI" ESCREVE-NOS O SR. DR. RIBEIRO LOPES AGENTE GERAL DOS TRANSPORTES MARITIMOS EM LOURENÇO MARQUES

Este caso da venda do vapor «Incomati» é, afinal, como se vê pela carta que segue, assinada pelo sr. dr. Ribeiro Lopes, muito mais grave pelos novos aspectos com que o ilustre advogado no-lo apresenta hoje.

Nós só o tratamos em face da cópia dos dois telegramas que vieram parar á nossa redacção, enviados por um velho colono da Beira e, portanto, sob o unico aspecto por que se nos apresentava, ou seja o aspecto politico.

co aspecto por que se nos apresentava, ou seja o aspecto politico.

Acentuamos a alta expressão patriotica dêsses telegramas e o desdem que mereceram ao sr. Brito Camacho, não obstante o oferecimento patriotico e impressionante de isenção com que os cincoenta subscritores do telegrama colocavam á disposição do sr. Brito Camacho para suprir quaisquer possiveis necessidades dos cofres da colonia de Moçambique, uma importancia igual áquela que o «Incomati» podia atingir em hasta publica.

O que afinal, estes nossos compatriotas [illegible] queriam era que fôsse [illegible] o vapor que por aquelas paragens, trazia a bandeira nacional. Louvavel e honroso empenho, que com muito prazer, registamos.

Dissemos que fôra adquirido pela companhia inglesa «Union Castle», porque assim nos informaram; mas, hoje o sr. dr. Ribeiro Lopes diz-nos que foi comprado pela companhia inglesa *Beira Boling* — ou seja uma firma pertencente á «Hornung & C.ª»

[illegible] quem adquiriu o «Incomati». Como o leitor vê, surge lá para os lados do dominio oriental português [illegible] e cria-se, pela incompreensivel e impolitica obstinação do Alto Comissario em Moçambique, um novo e formidavel [illegible] [illegible] em questões graves [illegible] pela «A Capital».

Mas [illegible]

Quere dizer [illegible] o Alto Comissario poderes para alienar o que pertence ao Estado?

A carta do sr. dr. Ribeiro Lopes é um documento [illegible] apreciavel e concludente.

Sr. redactor. — «A Capital» referiu-se já duas vezes á venda do rebocador de alto mar «Incomati» e lanchas respectivas, discordando — e muito bem — da venda dêsse material, levada a efeito pelo sr. dr. Brito Camacho, Alto Comissario da Republica em Moçambique.

Julgo dever informá-lo, sr. director que foi das minhas mãos que êsse material foi violenta e ilegalmente arrancado e sem a menor sombra de respeito pelos interesses e pelas leis portuguesas. Eu explico a v. ex.ª.

Quando, em Lourenço Marques, recebi do comandante, sr. Tito de Morais, no dia 20 de Julho de 1921, a direcção da Agencia Geral dos Transportes Maritimos do Estado, surgiu-me como um dos problemas que exigia imediata solução, a questão do chamado *material* da Beira. Era o material ex-alemão, composto de material de porto e de alto mar, vindo da posse e administração da Empreza Nacional de Navegação, sobre que eu teria de decidir imediatamente quanto á conveniencia da sua exploração para os T. M. E., nos termos de [illegible] contracto cuja minuta me foi presente.

Antes de mais, urgia conhecer o material [illegible] dos portos que [illegible] recolher [illegible] despesa [illegible] dos [illegible] do seu verdadeiro estado de conservação.

Só assim [illegible] [illegible] que fôra [illegible] sem mais [illegible].

[illegible] Lourenço Marques a 7 de Setembro. A 9, chegou á Beira e a 8 do mês seguinte, foi o material de porto vendido á Empreza [illegible] Rob[illegible].

Quero dizer [illegible] naval foi [illegible] possibili[illegible]

[illegible] da terra. [illegible] de forma nenhuma [illegible] seria [illegible] criterioso [illegible] dos factos consumados e da [illegible] dos meus esforços —

LISBOA INVEROSIMIL

As casas-cadaveres

PREDIOS ABANDONADOS HA LONGOS ANOS, POR BIRRAS, POR TEIMAS, POR DESLEIXOS. PEQUENOS RECANTOS DESAPROVEITADOS. AS RIQUEZAS DO MUNICIPIO DE LISBOA. SE NÓS FOSSEMOS CAMARA...

Ha em Lisboa, espalhadas ao acaso pela cidade muitas casas desabitadas, fechadas hermeticamente á curiosidade de qualquer «homem que passa», por maior curiosidade que ele tenha ou por maior necessidade de assunto jornalistico que ele sinta. E, preguntar-se: ha o direito de, sem mais justificações ou mais satisfações para a curiosidade publica, fazê-las permanecer fechadas e desabitadas, numa atitude que, dada a falta de habitações, tem o seu quê de desafiante e até de agressivamente provocante?

Juridicamente, por lei, um cidadão em Portugal, pode ainda possuir uma ou mais casas em seu nome e conservar durante todo o ano ou em parte este ou aquela fechada, entaipada, inutil. Mas, quando se trata de predios completos, de moradias inteiras fechadas e desaproveitadas ha tem tem o direito de interrogar os seus proprietarios sobre os motivos, não logicos pelo menos á primeira vista e pelos quais entregam aos ratos esplendidas casas que poderiam servir para gente.?

Existe por exemplo na rua Saraiva de Carvalho um magnifico palacio pombalino, ao que parece pertença do Marquez da Praia, palacio quasi fronteiro á Igreja de Santa Isabel e que já servia até como tema dum folhetim jornalistico-policial dum jornal da noite.

A magnifica casa em questão, que ainda hoje com pouco dinheiro se punha em estado de ser habitada, não tem inquilinos ha 15 anos.

Porquê? Por uma birra do seu proprietario, por má administração, por capricho, por mania, por loucura?

O que se sabe é que tal facto é um publico e notorio exemplo de desperdicio, e não ha positivamente o direito de ostentar uma má administração, de irritar a população com o capricho de ter inutilisada uma esplendida habitação, que para ela; faminta tem simples buraco pelo qual lhe levam coiro e cabelo, toma o ar dum verdadeiro suplicio de Tantalo.

Muitas pessoas tem procurado o administrador da casa do Marquez da Praia, e tem-lhe feito vantajosas ofertas sobre o palacio da rua Saraiva de Carvalho. A todos é dito que a casa não se vende nem se aluga. Porquê? Misterio...

Numa das esquinas da rua Monte Olivete existe tambem um belo predio, de boa construção torneando de gaveto, com quintal e uma optima situação.

Tal edificio está inteiramente abandonado ha talvez uma dezena de anos tendo todos os vidros partidos e até as portas de dentro arrombadas e partidas. Porque está assim aquele chavascal exposto aos olhos do publico, naquele patente e miseravel desleixo, que até, sob o ponto de vista estetico desfeia tanto a rua? Não tem a Camara posturas que lhe facultem uma intervenção neste estado de coisas? Não existe nenhuma lei da Republica que possa chamar a uma utilisação imediata as dezenas de casas que Lisboa possue nessas lamentaveis condições?

Pois se não existe, quer-nos-ha parecer que algum deputado poderá mostrar o seu sentido de inteligente oportunidade levando ao parlamento um projecto de lei em que claramente se faça notar e se consigne os deveres do proprietario no que respeita a utilisação de propriedades urbanas importantes, como as que vimos referindo.

* * *

Existem ainda em Lisboa, alem de predios pequenos recantos, vasios, espaços desaproveitados e inuteis, que constituiriam até para os seus proprietarios e para a propria Camara, fontes de receita importantissimas.

Por exemplo, junto á plataforma superior do elevador de Santa Justa existe um magnifico terraço, que está separado da «passerelle» por um tapume com um caracter absolutamente provisorio. Nesse terraço poderia instalar-se um esplendido restaurant de verão, ou uma fotografia pequena, ou uma tabacaria e venda de jornais, publicações, barbearia e escritorio publico, ou o simples mostruario reclamatorio de productos varios, ou emfim qualquer dependencia da propria Camara, acabando-se com aquela miseravel coisa que é o tapume atual, e aproveitando-se a grande corrente de publico que ali acorre durante todo o dia por causa do elevador.

Mas, que se faz? Nada. E, não se cança a gente de apontar diariamente á Camara de Lisboa, mil pequenas fontes de receita, mil interessantes aspectos de exploração que, é claro, o alto espirito dos nossos vereadores-politicos está longe de compreender...

Oh! si j'etais roi...

..Que é como quem diz: Se nós fossemos Camara...

* * *

...ão foram poucos—as circunstancias em que se tinha realizado tão estranha venda.

E soube:

a) Que a venda se tinha efectuado em virtude de uma ordem urgentissima enviada por radiograma;

b) Que a venda foi feita ao *unico proponente* e pelo preço por êle oferecido, sem mais discussões;

c) Que ninguem soube na Beira da venda dêste material, o que equivale a dizer que a venda foi feita clandestinamente;

d) Que a venda foi feita por £ 7.000, quando os meus distintos colegas da Beira, drs. Limpo de Lacerda e Fortes, tinham em seu poder a proposta de um constituinte, que aguardava a venda em hasta publica, do mesmissimo material, para o arrematarem por £ 20.000;

e) Que êsse material, unico no porto da Beira, dá ao seu feliz proprietario um rendimento aproximado de *duas mil libras por mês.*

Isto quanto á primeira parte...

Havia ainda o material de alto mar, composto do rebocador «Incomatie» e de quatro lanchas destinadas a realizar o trafego maritimo entre a Beira e Chinde.

Apressei-me a adquirir-lhe a posse, não fosse tambem ser [illegible] por meio de um auto de entrega provisoria, onde ficou [illegible] reservado o ulterior direito de discutir as clausulas do contracto.

De todo o material de alto mar recusei-me [illegible] cousa de uma lancha, pelo [illegible] condenada pelas autoridades maritimas. Esta [illegible] cousa foi comunicada para Lourenço Marques e, então, não deixará de interessar o saber-se que, em face do sucedido, veiu ordem para se vender á lancha [illegible] com a recomendação cautelosa [illegible] ser vendido em hasta publica! ...

Tardio pruridº legalista!

Chegado a Lourenço Marques, recebi a imposição do sr. Brito Camacho para [illegible] o contracto.

Recusei-me e requeri nos termos seguintes: — que, tendo o rebocador «Incomatie» [illegible] sido [illegible] prêsa de guerra [illegible] Estados Somaliros [illegible] parte legitima no [illegible] vendo nenhum diploma com força executiva que [illegible] Provincia [illegible] resultado [illegible] dever-se-ha [illegible] de entrega provisoria até ser convertido em definitiva [illegible] Estado Português [illegible] organismo [illegible] em Moçambique [illegible] representante.

S. Ex.ª despachou [illegible] mais ou menos [illegible]

«Que o [illegible] julgo

do boa prêsa, tinha sido administrado sempre pela Administração dos Bens dos Inimigos — não é verdade, nem o podia ser — e que não *ordenava a entrega definitiva com receio que os T. M. E. retirassem dali aquele material, o que seria desastroso para o comercio da Provincia*».

Eu não podia concordar, porque isso equivaleria a ser simples arrendatario de uma coisa de que era, insofismavelmente, o unico proprietario.

Entretanto, sob a direcção de um tecnico, residente na Beira, ia-se realizando o trafego maritimo entre a Beira e o Chinde.

Mas... alguns dias não eram ainda passados e vejo, com o maximo espanto, nos jornais, o anuncio da venda do material da Beira! ..

Apresentei um novo requerimento, que fundamentei e que, salvo a redacção, era nestes termos:—*Só ao Parlamento da Republica compete alienar qualquer unidade da frota mercante do Estado* e, visto tratar-se de uma questão fundamental de direito, qual era o de conhecer-se da legitimidade do vendedor, requeria que fôsse ouvida a Procuradoria Geral da Republica.

Era o apêlo á lei, que nenhum homem, seja qual fôr a altura a que ascenda, tem o direito de recusar.

O despacho do sr. Brito Camacho foi tão sómente um sêco, despotico e revoltante INDEFERIDO.

[illegible] então [illegible] S. Ex.ª [illegible] anuncio de venda e no publico, ao lado, no mesmo jornal um *aviso* de ilegalidade.

S. Ex.ª mandou-me preguntar se eu [illegible] responsabilidade do aviso; e eu respondi que sim, que assumia todas as responsabilidades e que entendia que S. Ex.ª devia recorrer á Procuradoria da Republica para se averiguar quem era de direito o legitimo proprietario do «Incomatie».

Dias depois, o material era vendido á mesmissima «Beira Boating». [illegible] deixou de flutuar, entre a Beira e o Chinde, a bandeira portuguesa.

A' hora a que escrevo esta carta, já [illegible] compatriotas poderão carregar [illegible] mercadorias, mas sob o pavilhão inglês ou sob o pavilhão alemão que acaba de chegar e são os unicos que por lá se [illegible] — *Artur Ribeiro Lopes.*

E agora? O que faz o governo?

[illegible] apelar mais uma vez para o [illegible] ministerial, que decerto, não ficou por tal forma desapercebida de poderes, que não tenha a faculdade de fiscalizar actos de todo o ponto incompreensiveis como êste e os outros a que nos referimos.

[illegible] se assim não fôr.

Portugal e Brazil

Uma cadeira de estudos brazileiros na Faculdade de Letras de Lisboa que nunca funcionou.—O que nos diz o sr. dr. Queiroz Velozo

No louvavel intuito de fomentar uma maior aproximação entre Portugal e Brazil, e bem assim atrair a mocidade brasileira que busca instruir-se na Europa, lembrou em tempos, á Academia de Sciencias, o ilustre diplomata sr. dr. Alberto de Oliveira a fundação na nosso Faculdade de Letras de uma cadeira de estudos brasileiros.

Obtida a aquiescencia do Governo, a Academia de Sciencias convidou a Academia Brasileira de Letras a escolher um professor para a regencia da dita cadeira, caindo essa escolha no sr. Miguel Calmon.

Isto foi ha mais de dois anos, sem que, até á data, mais se passasse do que uma protocolar troca de oficios.

Agora, que novamente se ventila a vinda do professor Calmon para a Faculdade de Letras, achámos conveniente ouvir o sr. dr. Queiroz Veloso, um distinto professor da mesma e director geral do ensino superior.

O sr. dr. Queiroz Veloso historia um pouco o caso.

— Nós necessitamos de manter com o Brazil um estreitamento cada vez mais intenso de relações e, para isso, poderemos servir-nos da captação da sua população escolar que emigra. Até 1870, era grande a afluencia de estudantes brasileiros na nossa Universidade de Coimbra. Hoje, o brasileiro que vem á Europa estudar, escolhe a França ou a Belgica, desprezando completamente as nossas Universidades.

Alberto de Oliveira pensou muito bem que se poderia recuperar essa influencia perdida na mocidade brasileira.

Conhecendo-nos melhor, aprenderiam a amar-nos. Cada brasileiro que aqui viesse o minimo cinco anos, deixaria amigos, afeições, que conservaria depois no Brasil. Seria o melhor modo de combatermos o nativismo, que não tem razão de existir.

Veja lá, quando a nossa Universidade estava cheia de brasileiros, ainda se não falava em nativismo, e quantos brasileiros não tinham um devotado culto por Portugal!

Foi atendendo a isto, que logo aqui muito facilmente se criou uma cadeira de estudos brasileiros. A Academia Brasileira de Letras foi convidada a indicar o professor brasileiro que a devia reger. Esta escolha caiu no sr. Miguel Calmon.

— Que nunca veiu. .

— Primeiro alegou que era necessaria a sua permanencia no Brasil, onde dirigia determinado Instituto. Passado tempo, o sr. Calmon veiu á Europa. Passou aqui, mas não desembarcou. De Paris comunicou, por intermedio do embaixador do Brasil, que desistia da regencia para que tinha sido indicado.

Logo que a Academia de Sciencias de Lisboa teve conhecimento disto, comunicou á Academia Brasileira de Letras pedindo-lhe que indicasse outro. O oficio foi para lá ha quasi um ano, sem que até hoje obtivessemos resposta.

Agora, vejo pelos jornais, que o sr. Miguel Calmon virá em Outubro reger a cadeira. Não tive qualquer comunicação a tal respeito.

Explicará êste silencio a não desistencia do sr. Calmon? Não sei.

Que parece a v. ex.ª que mai seria necessario fazer para atrair a mocidade estudiosa do Brasil?

— O mesmo que tem feito a França e a Espanha. Esta abre as suas Universidades a todos os estudantes da America espanhola, validando os atestados que de lá trazem dos liceus.

Em França, a mesma coisa.

A Europa precisa captar as simpatias da America e isto muito principalmente se fará por intermedio das populações escolares.

A vida de estudante deixa sempre gratas recordações e uma amisade solida á terra onde se viveu os cinco anos do curso.

Os nossos cursos superiores, hoje, são bons, tanto como os estrangeiros. Por isso, podemos aspirar, sem receio, a ser uma vasta metropole de formação de estudantes de todo o Brasil.

A policia na praça de Camões

Fomos procurados por um grupo de comerciantes, nossos visinhos da Praça Luiz de Camões para que nos façamos porta-vozes junto de quem de direito afim de obstar aos espectaculos deprimentes que se dão no largo defronte das janelas na esquina da rua do Norte. Uma garotada desocupada faz da rua e do largo um verdadeiro campo de batalha onde é perigoso passar-se e isto em pleno coração da cidade.

Não só transmitimos os protestos do comercio da Praça de Camões, juntamos lhe tambem os nossos e os mais veementes e quer-nos parecer que se o policia de giro proximo ou algum da guarda proxima, fizesse de quando em quando uma visita, esse espectaculo deprimente e improprio de uma capital que se diz civilisada, cessaria de pronto.

Ao sr. comandante da policia entregamos este assunto de bem facil ação.

Um juiz em fóco

A proposito da noticia inserta no nosso numero de ontem, recebemos a carta que a seguir publicamos por dever de lealdade:

Sr. Redactor: No intuito de restabelecer a verdade, devo dizer a v. que a noticia publicada na «Capital» de ontem referente ao T. D. S. é menos exata, quando comenta a minha atitude, no julgamento do arguido Abrahão May r.

O tribunal a que presido não julga «faltas» e por isso, não me competia conhecer da responsabilidade do qualquer arguido, no que diz respeito a [illegible] contra a propriedade individual.

[illegible] da aludida noticia, que [illegible] quem absolveu aquele [illegible] delinquente, o que não é verdadeiro, pois o acordão proferido, obedeceu a uma plena conformidade e aprovação, de todos os vogais do tribunal, atenta a circunstancia do acusado ter provado com trez testemunhas, entre elas, um jornalista, que não se entregava á vadiagem. Se é certo que o mencionado arguido conta 9 prisões e não 10 como afirma a «Capital», tambem é fóra de duvida que nunca respondeu em juizo, ou foi remetido aos tribunais criminais da Boa-hora sob a acusação de ter subtraido fraudulentamente qualquer objecto.

Finalmente, não fiz «chacotas» do agente da policia, que depôz no processo, tão somente lhe fiz sentir, como já tenho observado a outros, que é necessario, refletirem no que dizem e procederem com lealdade e honestidade, a fim de não acusarem sistematicamente, por espirito de solidariedade para com os individuos que se sentam no banco do R.

Os factos ocorridos na ultima audiencia, do T. D. Social, em que foram autuados dois policias, por faltarem á verdade, nos seus depoimentos, justifica plenamente as considerações que por vezes fiz em publico, acerca da seriedade e cumplicidade de alguns agentes de investigação. —De v. Joaquim Crisostomo.

O melhor modelo

CAIRO—Sarvat Pachá, chefe do governo egipcio discursando num banquete dado em honra do aniversario do rei, disse que a constituição que se estava fazendo seria vasada nos moldes mais modernos.

A mais perfeita das Constituições ainda é a brasileira. A que vigora em Portugal esboçada num grande rasgo de generosidade e de progresso está presentemente tão confusa e miseravel que recomendamos a Sarvat Pachá que a não leia nem mesmo escripta em arabe.

E esta?

LONDRES—O governo inglez recusou-se a contribuir para as despezas da manutenção do ex-imperador Carlos.

Foi a instancias do governo inglez que Portugal aceitou o encargo da hospedagem do ex-imperador no Funchal. A resolução do governo inglez afigura-se-nos por isso muito inexplicavel.

Ecos & Noticias

DOENTES

Depois de operada pelo ilustre clinico dr. Antunes dos Santos encontra-se quasi restabelecida M.elle Maria Domingas Alcobia de Freitas Ribeiro.

O caso do sr. Berthelot

O sr. Berthelot que esteve ultimamente entre nós foi, conforme é sabido, condenado por inconfidencias dentro da sua profissão de diplomata, á disponibilidade pelo prazo de dez anos, o que o fará atingir o limite de idade antes de regressar á sua carreira activa.

O irmão do sr. Berthelot declarou agora perante as autoridades que foi do seu bolso particular e como presente fraternal que deu a seu irmão diplomata a soma de trez milhões e meio em 1919.

ULTIMA HORA

A tentativa Lisboa-Rio

S. JULIÃO DA BARRA, 30 ás 7|8.—Segue rumo ao sul sem novidade um hidro-avião português.—(H).

Até á hora de escrevermos os radios recebidos são os seguintes:

7 horas—Largou para as Canarias o hidro avião «Fairy».

7,20 h.—Foi avistado na latitude de 38°,55' N.—Longitude 9°,26' W. pelo navio inglez «Scotian» (W N O de Sines).

9 horas—Foi avistado na latitude 36° IV e longitude 11°,2' W, pelo navio holandês «Alphard» aos 30° SW, rumo verdadeiro.

A assistencia era numerosissima, vendo-se alem dos ministros, major general da Armada, oficiais de Marinha, jornalistas, curiosos, muitas senhoras, embora a hora a que levantou vôo o hidro fosse muito cedo.

Segundo outros radiogramas o hidro avião portuguez segue rigorosamente a linha de derrota previamente traçado, em direcção ás Canarias. Velocidade media horaria, 85 milhas.

Segundo informações da ultima hora os marinheiros portuguezes, srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegaram ao arquipelago das Canarias ás 3 horas da tarde.

O imperador Carlos

FUNCHAL, 30|3 ás 11 horas—O ex-imperador Carlos continua experimentando alivios. Os filhos estão quasi restabelecidos.—(H).

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 7/16—4 5/16
» 90 dias	4 9/16—
Paris, cheque	1114— 1146
Suissa, cheque.	2042— 2472
Belgica, cheque	1034— 1064
Italia, cheque.	624— 643
Berlim, cheque.	35— 40
Holanda, cheque.	4672— 4807
Madrid, cheque	1917— 1973
New-York, cheque	12362— 12720
Brasil, cheque.	60— 50
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque.	2193— 2256
Suecia, cheque	3232— 2920
Dinamarca, cheque	2600— 2676

Libras . . . . . . 58800 — 61850

As gréves

Cortidores de sola e cabedais

O cortidores de sola e cabedais que ontem de manhã se haviam declarado em greve e que á noite aceitaram as condições dos patrões já hoje retomaram o trabalho, ficando assim liquidada a greve.

Carroceiros

Hoje de manhã foram presos no Alto do Pina 7 carroceiros que andavam a tentar os seus camaradas a abandonarem o trabalho. Recolheram aos calabouços do governo Civil.

Abuso de autoridade

Uma comissão de operarios corticeiros do Barreiro procurou hoje o sr. Governador Civil de Lisboa para protestar contra a maneira abusiva como o administrador do concelho vem procedendo.

Tribunal dos açambarcadores

Reuniu hoje novamente o Tribunal dos açambarcadores para julgar os srs. Tomaz Lima e José Leonardo Pereira acusados de terem comprado para as suas pastelarias respectivamente «Primorosa» e «Rosa Araujo» produtos de moagem por preços superiores á tabela, sendo defendidos pelos srs. drs. Orlando Marçal e Francisco Castro.

Foram absolvidos.

Isqueiros selados

Segundo consta a Companhia dos Fosforos pediu autorisação ao governo para pôr e por á venda isqueiros selados.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Nos Passos Perdidos

A questiuncula da eleição da India

Segundo se diz, o acordo que afastou a irredutibilidade dos reconstituintes na eleição da India tem por base o compromisso que o Governo tomou de fazer eleger para a Camara dos Deputados o sr. Hilder Ribeiro, na primeira eleição suplementar.

O acordão que validou a eleição do sr. Prazeres da Costa foi assinado pelos srs. Queiroz Vaz Guedes e Julio de Abreu (democraticos) e Julio de Abreu (liberal). Nestas condições, houve unanimidade na decisão.

O governo está apenas representado pelo sr. ministro da Agricultura.

O sr. Fausto de Figueiredo tomou hoje posse do seu fauteuil legislativo. Pouco depois, este ilustre parlamentar procurava o sr. Cunha Leal. Outros deputados se aproximaram. E, dentro em pouco, um pequeno Parlamento se reunia em torno do sr. Cunha Leal, composto, entre outros, pelos srs. Rego Chaves, Antonio da Fonseca, Sá Pereira, Antonio Maia, Torres Garcia e Manoel Alegre.

A sessão abriu ás 15 horas, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Diniz de Carvalho manda para a Meza um projecto de lei.

O sr. Homem Cristo reclama providencias do Governo contra abusos praticados no distrito de Aveiro.

O sr. Ministro da Agricultura promete satisfazer os desejos do orador. Palavras da praxe...

O sr. Estevão Aguas trata questões regionais do Algarve, onde os caminhos de ferro estão em deploraveis condições de segurança!

O sr. Ministro da Agricultura reproduz o seu discurso de resposta ao sr. Homem Cristo.

Agora fala Evora, pela voz do sr. Alberto Jordão. Reguengos reclama; Reguengos pede justiça! Termina por mandar para a Mesa um projecto.

Resposta do sr. Ministro da Agricultura (3.ª edição da resposta ao sr. Homem Cristo).

O sr. Sebastião Heredia diz que as estradas estão intransitaveis e que as Obras Publicas não dão providencias. Refere-se especialmente á estrada de Evora a Extremoz.

O sr. Visconde de Pedralva fala de concessões feitas a Escolas Primarias. A incuria é geral: as novas construções ficaram por concluir e não ha forma de conseguir que o governo intensifique os trabalhos de construção.

A palestra, na sala, é geral. Muito sussurro! Não se houve nada, grita o sr. Artur Brandão. A campainha tilinta. O resultado não é lá uma coisa por ai alem.

Em resposta ao sr. Pedralva diz o sr. ministro da Instrução (que acaba de chegar), que sim, que tudo é lamentavel e que vai ver se arranja dinheiro: «hoc opus...»

O sr. Pedralva insiste. Que diabo! podia tirar-se algum dinheiro da circulação fiduciaria que vae ser autorisada... O sr. ministro das Finanças logo diz que verá como se poderá fazer. Pelo visto, o papel fiduciario é elastico e dá para tudo...

Volta a falar o sr. Sebastião Heredia. Breves palavras; conversa, por vezes, referencias a uma parada escolar. O sr. Presidente da Camara grita:

Só tem a palavra o sr. Sebastião Heredia!

Isso, sim! falam todos os outros, ao mesmo tempo.

O sr. João Baptista da Silva trata de questões pol[illegible] e manda para a Mesa um projecto de lei.

O sr. Mariano Martins discreteia sobre caminhos de ferro do Norte, sobre farinhas, sobre a moagem, sobre vagons apreendidos, etc.

Resposta do sr. ministro da Agricultura, com a 4.ª edição... inaudivel.

O sr. Presidente Domingos Pereira em trabalhado, hoje. A campainha não descansa. E s. ex.ª deve ter uns bons ecos, de gritar constantemente: —Peço a atenção da Camara!

Chegada do avião a Las Palmas (Canarias)

O sr. ministro da Marinha comunicou á Camara que o hidro-avião do raid Lisboa-Brasil, chegou a Las Palmas (Canarias) ás 15 horas, sem novidade. A velocidade media foi de 90 milhas á hora.

Repetidos e calorosos apoiados de todos os lados da Camara.

O sr. Almeida Ribeiro, pronuncia um longo discurso que, como se costume, não é possivel reproduzir, visto que a voz do ilustre deputado nunca chega á tribuna da Imprensa.

Responde o sr. ministro da Agricultura. Faz a defesa dos Armazens reguladores, que teem prestado otimos serviços á população.

A minoria monarquica não deu hoje os habituais demonstrações da sua atividade. Sómente ás 17 horas o que falou o sr. Carlos de Abreu.

O contracto dos trez milhões esterlinos

A Camara autorisa que o sr. Rego Chaves trate, em negocio urgente, da noticia telegrafica publicada nos jornais da manhã, acerca de declarações feitas pelo governo britanico respeitante ao contracto dos trez milhões esterlinos.

O sr. Rego Chaves pede explicações ao Governo, por entender que as condições do emprestimo pela nota do telegrama são prejudiciais ao Estado. Aparentemente, o credito foi obtido por intermedio dum estabelecimento bancario, que se constituiu fiador do Estado Portuguez. As negociações não foram entre directas, entre os dois governos. Isto é grave. Oito outras condições, expressas no despacho telegrafico, criticando especialmente aquelas que se referem á Agencia Financial e á hipoteca das receitas gerais do Estado.

Responde o sr. ministro das Finanças. Estabelece-se no recinto o silencio dos grandes ocasiões.

«Não ha o menor fundamento para se dizer que o Banco Nacional Ultramarino será o fiador das operações que resultem da instituição do credito; o fiador é o governo portuguez. O Banco representa nas operações o papel de intermediario entre compradores e vendedores. Mais nada. O governo adquirirá para si, mercadorias, especialmente carvão, que absorverão 33 o/o do credito total, o restante fica livre para os importadores que, todavia, não poderão usar do credito senão com a beneplacito do governo portuguez.

As cambiais da Agencia Financial serviram para pagar os fornecimentos feitos ao Governo Portuguez, os outros fornecimentos particulares não exercerão influencia nas cambiais da Agencia, porque serão os compradores que terão de as fornecer ao Governo.

Não ha consignação de rendimentos, nem hipotecas de receitas, nunca outra procedida.

Nestas condições, será vantajoso o negocio, creio que o, diz o sr. Ministro das Finanças.

Logo que tenha em seu poder uma copia do contrato, apressar-se-ha a trazê-lo ao Parlamento. Entretanto, qualquer dos srs. deputados pode ir ao seu gabinete de ministros, mandar todo a correspondencia e todos o documentos.

O sr. Rego Chaves, num breve discurso, diz-se por relativamente satisfeito, se [illegible] que espera pela documentação, para então fazer uma ideia perfeita da intervenção do Banco Nacional Ultramarino em todo este negocio.

O sr. Carvalho da Silva requer a generalisação do debate. A Camara regeita.

Passa-se a

ORDEM DO DIA

que continua a ser a chamada questão do «Diluvio dos coronéis».

Inicia o seu discurso o sr. José Domingos dos Santos.

No Senado

No Senado, antes da ordem do dia tratou-se com brilhantismo do raid Lisboa Rio.

Uma bomba

Numa das dependencias do jornal A Imprensa da Manhã foi á pouco passada encontrada, entre caixotes com sucata e outras coisas velhas, uma bomba de dinamite. Isto foi [illegible]. A principio houve a ideia de deitar o explosivo ao rio, mas, depois, resolveu-se comunicar o caso á Policia de Defesa Social, sendo a bomba removida, a pedido da «Imprensa da Manhã», para o Governo Civil e sendo portador da mesma o alferes sr. Lopes Soares. Presume-se que o explosivo tivesse sido ali abandonado ou escondido pelo tipografo Carvalhão, um dos autores do atentado da Avenida Almirante Reis contra um carro electrico.

Como é sabido o Carvalhão que foi atingido pelos estilhaços continua em tratamento no Hospital de S. José.

De manhã chegou o correio que nos [illegible] de A Imprensa da Manhã [illegible] explosivos. [illegible] verdade [illegible] pois que unicamente se passou o que acima deixamos dito.

TEATRO

Nota do dia

VIRGINIA

A recita que vai realisar-se em homenagem á actriz Virginia, gloria da scena portugueza, promete ser uma profunda e nobre manifestação de agrado publico áquela que durante dezenas de anos foi lustre e gloria do teatro portuguez.

No publico que em breves dias virá ovacionar a encantadora mulher que fez chorar e sorrir gerações inteiras, encontrar-se-ha, sem duvida, a par de um grande carinho, um vago enleio de saudade e de inquietação.

Vão fugindo, vão desaparecendo os grandes, e outros nos surgem infelizmente em seu lugar para que nos diminuam a incerta tristeza que temos pelas cousas que não voltam mais. Quando desapareceu do mundo aquele homem grande e bom que foi D. João da Camara, nunca mais, jámais o profundo e enternecedor lirismo do autor dos «Velhos» tornou a aparecer na scena portugueza.

Agora, a «Emilinha» desses mesmos «Velhos» vai surgir, quem sabe se pela derradeira vez, com a graça enternecida dos seus cabelos brancos, a sua dulcissima voz doirada onde surgem os bordões já graves, já quasi exaustos daqueles que muito teem sofrido. E' realmente nessa Virginia que se esvai em subtil, doce recordação, choramos todos o talento, a graça, a nobreza, a simplicidade, o amor das coisas belas e simples, que parecem ter decididamente abandonado a nossa terra portugueza.

—No sabado sóbe á scena no teatro de S. Luis, em reprise a celebre opereta «A Boneca» fazendo a actriz Auzenda de Oliveira a protagonista, personagem em que alcançou no Brazil um grandioso exito. Os restantes interpretes são Sofia Santos, Arminda Neves, Filomena Casado, Lucinda Neves, Armando de Vasconcelos, Carlos Viana, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro, José Correia, Antonio Paiva, Delmira Rego e Antonio Matos.

—Os scenarios para o novo original portuguez, a opereta-farça «A Lenda dos Tarlatanas» de André Brun e Carlos Simões, com musica do maestro Pedro Blanck, são de Campos e Oliveira, Dal-Barco e Reinaldo Martins e o guarda roupa da Empreza Teatral.

—A noite de 7 de abril proximo no teatro de S. Luis, noite em que realisa a sua festa anual, o estimado camaroteiro do teatro, Luis Mendes, vae de certo ser de grande gala pois todos os seus amigos ali concorrerão a apresentar-lhe as suas homenagens. Nessa noite representa-se em recita unica uma das melhores operetas da companhia.

—Tem passado incomodada de saude a actriz Maria Pia que ámanhã reaparece no Teatro Nacional com a peça «Primorosa».

—O Teatro Nacional continuará aberto na proxima epoca de verão devendo subir á scena entre outras a peça «La Fugitiva» cuja tradução foi encomendada a um nosso camarada de redação.

—Depois de amanhã, sabado, nas duas sessões do Salão Foz realisa a sua festa o secretario da companhia Otelo de Carvalho, sr. Ricardo Lambert.

—No Teatro S. Luis realisa hoje a sua festa artistica o distinto actor Augusto Machado que por muitos anos pertenceu ao Teatro do Ginasio.

Noticiario

Portugal

Dos srs. Campos e Oliveira recebemos a carta seguinte:

Sr.—Sentindo bastante com o muito que erradamente se tem dito sobre as maquetes e scenarios para a peça «Casaca Encarnada» e ainda para que os ex.mos srs. atingidos não sejam de forma alguma prejudicados pelo nosso modesto mas consciencioso trabalho, somos forçados a chamar a nós toda a responsabilidade que dai possa surgir pois que tanto maquetes como scenarios são de nossa completa creação.

E' por um simples sentimento de dignidade que somos levados a nunca negarmos a paternidade dos nossos trabalhos, dos quais até hoje ninguem ousou destituir-nos. De v., Campos e Oliveira.

Cartaz do dia

S. CARLOS—«A ventoinha».
NACIONAL—«Carta anonima».
S. LUIZ—«A duqueza do Bal-Tabarin».
APOLO—«Belo Sexo».
AVENIDA—«Phi-phi».
POLYTEAMA—«A casaca encarnada».
CHIADO TERRASSE—«O juiz de fóra».
SALÃO FOZ—«Gigo-jogo».
COLYSEU—Companhia de variedades.

NA ESCOLA MILITAR

A segunda conferencia do ilustre adido Militar Francês

E' depois de amanhã, 1 de Abril, ás 16 horas prefixas que o distinto oficial do glorioso exercito francez, comandante Charles Mihel realisa a 2.ª conferencia na Escola Militar sobre as Lições do Marechal Foch na Batalha de França subordinada ao tema «Le sens de la manoeuvre et des réalités».

Pelo brilhante exito da 1.ª conferencia, a que presidiu o Exm.º Ministro da Guerra e pela impressão de profunda simpatia que o brilhante conferente deixou em todos, deve ser grande a concorrencia de oficiais da Armada e do Exercito e de quantos se interessem por ouvir a primorosa exposição do insinuante adido Militar.

PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO

A PEDRA FUNDAMENTAL DO PAVILHÃO PORTUGUEZ

O SR. DUARTE LEITE PRONUNCIA UM DISCURSO — A BANDEIRA DE PORTUGAL DESFRALDADA

Com brilhantismo, efectuou-se a cerimonia de lançamento da pedra fundamental do Pavilhão de Portugal que vai ser construido para a Exposição Internacional do Centenario.

Desde muito cedo grande numero de pessoas se aglomeravam na Avenida das Nações, em frente ao local destinado ao pavilhão lusitano, notando-se o entusiasmo entre brasileiros e portuguezes, que disputaram entrada no recinto.

Emquanto isso se verificava com a massa popular, os automoveis oficiais e outros deixavam as pessoas de destaque, que iam sendo conduzidas ao local onde se encontravam os representantes de Portugal.

Pouco antes da chegada do sr. Carlos Sampaio, prefeito do Distrito Federal, o recinto regorgitava de convidados e ás 17 horas o sr. governador da cidade deu inicio á cerimonia da entrega do local a Portugal na pessoa do sr. dr. Duarte Leite.

O sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal, antes de ser lançada a pedra fundamental, proferiu o seguinte discurso, que foi aplaudido e interrompido varias vezes pelas palmas dos assistentes.

«O governo da União, querendo imprimir caracter excepcional á Exposição com que vai comemorar o Centenario da Independencia, resolveu dar-lhe caracter universal, admitindo o concurso das demais nações do mundo.

«Entre todas elas é Portugal que tem mais levantado interesse em prestal-o, pois o movem não tanto esperanças de futura compensação material, como principalmente motivos de ordem tecnica e moral.

«Não é propriamente a conquista do mercado brasileiro que ele inspira porquanto a expansão de suas industrias, comquanto apreciavel, não é de comparar com as de alguns paizes, ha mais tempo e mais eficazmente aparelhados, nem permite prever senão modestas contribuições á economia brasileira.

«Se Portugal, atravez da agitação politica e das dificuldades financeiras que presentemente o assoberbam, não hesitou em assumir os encargos inerentes a uma condigna representação no certamen, é porque, acima de qualquer outra consideração, quer ostensivamente partilhar da alegria que agora transborda da grande Nação por ele gerada e creada até á sua maioridade, e a quem transmitiu suas melhores qualidades e seu formoso idioma: é porque quer reiterar com solenidade os sentimentos de profunda estima que o prendem inalteravelmente ao Brasil, do qual ha perto de um seculo se apartou politicamente.

Esta separação, realisada sem efusão de sangue—ao contrario do que se deu em quasi todos os paizes americanos—se tornou o Brasil pleno senhor dos seus destinos e trouxe mutações no scenario politico e oficial, não produziu no entanto modificações sensiveis na ordem social, nem alterou fundamentalmente as relações amistosas entre os dois povos. De então em diante, entrando como hospedes no imenso territorio que zelosamente souberam guardar da cobiça alheia, os colonisadores de outr'ora, libertos do odioso de uma tutela que eles proprios mal sofriam, receberam o mesmo acolhimento franco e benevolo, encontrando campo aberto ao seu esforço honrado.

O exodo emigratorio para as terras de Santa Cruz, que já era tradicional, continuou ininterruptamente, privando Portugal, nos ultimos cem anos, de cerca de dois milhões de homens validos, que aqui vieram, no caldeamento das raças, manter a supremacia europeia. A prosperidade da colonia era tal, que levou um ilustre historiador nosso a dizer que a independencia do Brasil tinha sido economicamente mais proveitosa a Portugal que o poderia ser o regimen anterior; comtudo, a verdade é que a maior parte dos meus patricios, pisando este solo privilegiado, nele se radicam inteiramente e a ele fazem reverter quasi integralmente o produto do seu trabalho.

Mas o amor á patria adoptiva que este facto revela o constitue uma feição caracteristica dos portuguezes, e a melhor demonstração da liberal hospitalidade brasileira e das facilidades com que aqui depara o trabalho são e fecundo.

A simpatia fraternal que une a velha metropole com a jovem nação da America do Sul tem persistido atravez de todas as vicissitudes, zombando de todos os atritos, como quer que á similitude de caracteres e costumes e á comunidade de lingua se venha ainda juntar um factor organico—a consanguinidade. Por isso, o aniversario que ora se ha de celebrar não evoca recordações tristes para nós outros, mas apenas quadros consoladores: ele define um periodo de pujante operosidade e de confiança na crescente grandeza do Brasil, das quais somos comparticipes, e só pode ser para Portugal legitimo motivo de orgulho paternal.

Teve v. ex.ª, sr. prefeito, a gentileza, pela qual nos confessamos gratos, de aceder ao nosso convite, inaugurando os fundações do primeiro pavilhão portuguez na Exposição do Centenario. A cerimonia é simples, mas se reveste de uma alta significação, que certamente encontrará eco nos corações.

Sobre esta primeira pedra dos caboucos, sr. prefeito, estreitemos as mãos. O governador da pequena urbe de Estacio de Sá, convertida numa capital sumptuosa, assim receberá, com um gesto de expressiva singeleza, a cordeal homenagem do representante de Portugal.

O sr. Carlos Sampaio, achando-se presente o sr. ministro da Justiça, deu a palavra a este membro do governo, que respondeu numa saudação a Portugal, o paiz fecundo e criador, o povo de heroes devassadores dos mares e continentes.

Evocou o passado da nação lusa e referiu-se á participação do paiz irmão nas comemorações centenarias da nossa independencia. Foi tambem muito aplaudido o discurso do sr. ministro da Justiça.

Logo a seguir foi lançada a pedra fundamental, entregando o sr. Duarte Leite uma pá de prata, com cal, aos convidados, que cobriram de terra os dizeres inscritos na pedra.

De posse do terreno onde vai ser erigido o pavilhão portuguez, o sr. Carlos Sampaio, prefeito municipal, desfraldou a bandeira lusitana, que fluctuou sob freneticas salvas de palmas e vivas á nação amiga.

A cerimonia teve seu fim com a seguinte acta lavrada sobre pergaminho:

«Aos vinte e quatro dias do mez de fevereiro do ano de mil novecentos e vinte e dois, pelas dezasete horas, com a presença de s. ex.ª o sr. dr. Duarte Leite Pereira da Silva, embaixador de Portugal; ex.mo sr. dr. Joaquim Ferreira Chaves, ministro da Justiça; ex.mo sr. dr. Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, prefeito do Districto Federal; major-engenheiro Ventura Malheiro Reymão, representante do Comissariado Geral de Portugal, dos membros da Comissão Comemorativa do Primeiro Centenario da Independencia do Brazil, presidentes da Associação Comercial, Camara Portugueza do Comercio e Industria do Rio de Janeiro, Sociedade Portugueza de Beneficencia, Gabinete Portuguez de Leitura, Grande Comissão Portugueza de Homenagem ao Brazil, representantes da imprensa, e outras pessoas gradas, realisou-se com toda a solenidade o lançamento da pedra fundamental do Pavilhão de Honra Portuguez, na Avenida das Nações, onde Portugal, aceitando o honroso convite que lhe foi dirigido, tomará parte no grande certamen internacional em que o Brasil vai comemorar o Primeiro Centenario de sua independencia, e, para constar, foi lavrada a presente acta, que vai assinada por todos os presentes.»

Alem das pessoas e associações descriminadas nesse documento, assinaram-no tambem os presidentes do Centro Musical da Colonia Portugueza, da Assistencia aos Portuguezes Desamparados, do Centro Republicano Portuguez, do Club Gimnastico Portuguez, Centro Afonso Costa, «Jornal Portuguez», comandante Bicaré, Visconde de Morais, Humberto Taborda, Sociedade Luiz de Camões, Sociedade Nova Lusitania, Antonio Dias Garcia Terra Irmão & C.ª, dr. A. C. Cesar Sobrinho, pela redacção de «A Patria», e outros representantes da imprensa.

SPORT

Grande confusão...

Entre as federações franceza e belga de box, surgiu um incidente, que um pouco de bom senso teria evitado.

Vamos ao caso...

O atual detentor do titulo de campeão da Europa dos levissimos é o belga Wins.

O francez Criqui, tendo ganho o titulo de campeão da França da sua categoria com a vitória sobre Ledoux, desafiou o belga para a conquista do titulo.

Este não recusou mas exigiu somas importantes, alegou motivos varios, uns bons, outros maus querendo na possibilidade de ser batido, tirar o maior lucro material do caso.

Não lhe posso levar a mal, pois como profissional, e vendo o caso dificil, pois para mim Criqui é melhor, Wins defendeu-se.

Foi o que fez ultimamente Carpentier, é o que fazem todas as estrelas.

A Federação franceza é que não esteve com meias medidas...

Com a base dum regulamento, em que terminado um certo prazo, o detentor do titulo que o não defenda perde o direito de usa-lo, e como o belga não estivesse pelos ajustes de combater sem uma solida garantia, chamou Criqui e deu lhe o titulo de campeão da Europa, sem combater.

E assim ha dois campeões da mesma categoria, um reconhecido pela França e outro pela Belgica.

O que é mais curioso é que a Federação Internacional não quiz intervir no assunto.

Falta de bom senso, e excesso de «chauvinismo».

RUY DA CUNHA

Automobilismo

Para a «Targa Florio», de que temos falado, a sociedade do gazolina «Shell» ofereceu 25 mil francos, ao curro que ganhasse a prova, se a essencia usada fôr daquela.

Ciclismo

O antigo ciclista Dupre, que foi campeão do mundo, e que estava retirado, vai reaparecer numa match contra o actual campeão do mundo Moeskops.

Box

Já se encontravam os [illegible] «boxeurs», que querem disputar a «Carpentier», o titulo de campeão do mundo dos meios pesados.

O vencedor do nome Harry Cyrol tem que bater-se agora com «Tuney», e o vencedor desse combate fica classificado para se encontrar com Carpentier.

—O suisso Sbrolli, que esteve entre nós foi batido em Londres pelo inglez [illegible].

NOTICIARIO

CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

Estão marcados os dias 30 de Abril 1, 3, 4, 6 e 7 de Maio para a realisação do grande concurso hipico internacional, promovido pela Sociedade Hipica Portugueza, que ha anos tão brilhantemente trabalha para o desenvolvimento do sport hipico em Portugal.

Este ano, espera-se a inscrição, não só dos mais notaveis cavaleiros portuguezes, como de alguns espanhoes e italianos.

FOOT-BALL

UM TEAM INGLES EM LISBOA

Por convite do Imperio de Lisboa vamos vêr entre nós, nos dias 13, 14, 16 e 17 de Abril, o forte grupo amador inglez «Oxford City».

A direcção do Imperio está envidando todos os seus esforços, a fim de maiores comodidades oferecer ao grande publico deste sport, para que as obras das bancadas, onde serão reservados logares para a imprensa, fiquem concluidos nos primeiros dias de Abril.

TAÇA ATHENEU

As inscrições recebem-se na séde do Atheneu Comercial, de 1 a 9 de Abril, exclusivé, realisando-se o sorteio no dia 10 e devendo efectuar-se os primeiros desafios no domingo seguinte.

A Comissão organisadora tem recebido adesões da maior parte dos Clubs inscritos em 4.ª categorias nas Divisões e Promoção.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Amanhã sexta-feira, pelas 21 horas no Ginasio Club realisa-se a primeira poule de luta greco-romana inter-socios, na qual estão inscritos os socios, Antonio Soares de Almeida, D. Pedro Alarcão Justino Vitorino, Manoel Ferreira Bastos, João Leitão de Figueiredo, Americo Rodrigues Esteves, Inacio Neves, Casimiro Martins, Luiz de Almeida, Pascoal Barbelo, Jesus Salado, Henrique Viana e Antonio Soares, campeão de Portugal de 1921, a maioria discipulos do senhor Claudio de Oliveira que obsequiosamente tem dirigido a classe de luta, todas as tardes das 17 ás 19 horas, a sessão deve ser bastante animada devendo realisar-se em 10 combates que estão despertando bastante interesse pois os treinos teem estado bastante concorridos.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O PAE

por GUY DE MAUPASSANT

Como unica resposta, êle beijou-a intensamente na orelha. Mas ela afastou-se dêle, com um movimento brusco; e subitamente enfadada:

— Oh! senhor Francisco! não foi isto o que o senhor me jurou.

E tornaram para Maisons-Laffitte.

Almoçaram no Petit-Havre, uma casa baixa, enterrada sob quatro imensos choupos, á beira da agua. O ar livre, o calor, o vinho branco e a perturbação de sentirem-se um ao lado do outro tornavam-os ruborisados, oprimidos e silenciosos.

Mas, depois do café, acometeu-os uma alegria brusca, e tendo atravessado o Sena, caminharam ao longo da margem, em direcção á aldeia de La Frette.

De repente, êle preguntou:

— Como se chama a menina?

— Luisa.

Ele repetiu: Luisa; e não disse mais nada.

O rio, descrevendo uma comprida curva, ia banhar, ao longe, uma fila de casas brancas que se miravam na agua, de cabeça para baixo. A rapariga colheu margaridas, fez um grande ramo campestre, e êle cantava a plenos pulmões, possuido da embriaguês que sente um cavalo novo que, pela primeira vez, se vê no pasto.

A' sua esquerda, uma encosta plantada de vinhas seguia a corrente. Mas Francisco, de repente, parou, e, ficando imovel de admiração:

— Oh! repare — disse êle.

As vinhas haviam cessado e toda a encosta, que ora se via, achava-se coberta de lilazes em flor. Era um bosque violetal uma especie de grande tapete estendido sobre a terra, que chegava até á aldeia, lá ao longe, a dois ou três quilometros.

Ela quedou tambem, extatica, comovida. Murmurou:

— Que bonito!

E, atravessando um campo, dirigiram-se, correndo, para aquela maravilhosa colina, que fornece, cada ano, todos os lilazes que se vêem transportados através Paris, nos carrinhos dos vendedores ambulantes.

Havia um estreito carreiro que se perdia sob os arbustos. Tomaram por êle e, encontrando uma pequena clareira, sentaram-se.

Legiões de moscas sussurravam por cima dêles, lançando no ar um ruflar manso e continuo. E o sol, o forte sol de um dia sem brisa, abatia-se ao longo da encosta florida, fazendo sair daquele bosque de ramalhetes um aroma estonteante, um imenso bafo de perfumes, êsse suor das flores.

Um sino tocava ao longe.

E, muito docemente, os dois beijaram-se, depois estreitaram-se, estendidos sobre a erva, sem consciencia de nada, a não ser do seu beijo. Ela cerrara os olhos e continha-o a plenos braços, estreitando-o loucamente sem um unico pensamento, com a razão perdida, entorpecida da cabeça aos pés, numa espectativa apaixonada. E lá va-se completamente, sem saber o que fazia, sem mesmo compreender que se tinha entregado a êle.

Despertou na precipitação das grandes desgraças e desatou a chorar, gemendo de dôr, com o rosto escondido entre as mãos.

Ele tentava consolá-la. Mas ela queria partir quanto antes, voltar imediatamente para casa. E repetia sem cessar, caminhando a largos passos:

— Ah! Meu Deus! Meu Deus.

Ele dizia-lhe:

— Luisa! Luisa! fiquemos, peço-te.

Ela, agora, tinha as faces rubras e os olhos cavados. Logo que se acharam na estação de Paris, ela partiu, mesmo sem dizer lhe adeus.

* * *

Quando a tornou a encontrar, no dia seguinte, no omnibus, pareceu-lhe mudada, emagrecida. Ela disse-lhe:

— Preciso de lhe falar, desçamos o boulevard.

E, assim que se acharam sós no trotoir:

— E' forçoso despedirmo-nos, senhor, disse ela. Não posso vêl-o depois do que se passou.

Ele balbuciou:

— Mas porquê?

— Porque não posso. Sou eu a culpada. Não o tornarei a ser.

Então, êle implorou, suplicou, torturado de desejos, [illegible] da necessidade de a possuir por completo, no abandono absoluto das noites de amor.

Ela respondia obstinadamente:

— Não, não posso. Não, não posso.

Mas êle animava-se, excitava-se cada vez mais. Prometeu desposá-la. Ela disse-lhe ainda:

— Não.

E deixou-o.

Durante oito dias Francisco não a viu. Não a conseguiu encontrar e, como não sabia a sua direcção, julgou que a perdera para sempre.

Ao nono dia, á noite, estando em sua casa, ouviu que tocavam a campainha. Foi abrir. Era ela. Lançou-se-lhe nos braços e não resistiu.

Durante três meses foi [illegible] amante. Depois, êle principiava a aborrecê-la, quando ela lhe notificou que estava gravida. Então só uma idéa se lhe meteu na cabeça: romper com ela custasse o que custasse.

Como não o podia fazer, por não ter pretexto para isso, não sabendo como chegar a tal solução, doido de inquietação, com medo daquela criança que crescia, tomou um partido supremo. Uma noite mudou de casa e desapareceu.

O golpe foi tão rude, que ela nem procurou aquele que assim a havia abandonado. Lançou-se no regaço de sua mãe, confessando-lhe a sua desgraça; e, alguns meses mais tarde, deu á luz um pequenito.

* * *

Passaram anos. Francisco Tessier envelhecia sem que mudança alguma se fizesse na sua vida. Levava a existencia limpida e monotona dos burocratas sem esperanças e sem aspirações. Levantava-se todos os dias á mesma hora, seguia pelas mesmas ruas, passava pela mesma porta, por diante do mesmo porteiro, entrava na mesma [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] seu alojamento de rapaz. Economisava cem francos por mês para a velhice.

Aos domingos, dava uma volta pelos Campos Elyseos, a fim de ver passar o mundo elegante, as equipagens e as mulheres lindas.

E dizia no dia seguinte ao seu colega de [illegible]:

— A volta do bosque estava [illegible].

Ora, um domingo [illegible] tendo seguido pelas [illegible] novas entrou no parque de Monceau.

Era uma [illegible] manhã de estio.

As amas e as mamãs, sentadas ao longo das áleas, olhavam pelas creanças que brincavam perto delas.

De repente Francisco Tessier estremeceu. Passava uma mulher levando pela mão duas creanças, um rapazinho de cêrca de dez anos e uma menina de quatro. Era ela.

CONTINUA AMANHA

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

— LISBOA —

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 18

Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00

Capital Realisado Esc. 24.000.000$00

Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.

FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.

FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Góa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.

FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para Iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires nº 16
Armazens — Poço do Bispo, nº 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamolos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 8040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — **Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias**

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — **Turbinas, instalações de cerâmica, etc.**

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — **Bombas e compressores**

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — **Maquinas-ferramentas**

Bodal & C.º Dresden (Alemanha) — **Aparelhos de elevação e transporte**

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — **Ferramentas para industrias e oficios**

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — **Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque**

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — **Automoveis, motos e bicicletes**

POÇOS ARTESIANOS

Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS

de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimi[illegible]

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible]

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Mais de duas mil pessoas cumprimentaram esta tarde o ilustre orador Antonio Candido.

N.º 4041 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Sexta-feira, 31 de Março de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — R. da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A palavra suprema

A homenagem hontem prestada ao insigne orador, o sr. Antonio Candido, decorreu, como se esperava, com um grande brilho e uma autentica nobresa. A sala da Academia, onde essa homenagem se realisou, devia realmente, como o acentuou, com a sua larga e brilhante visão dramatica, o sr. Julio Dantas, estar povoada de espiritos, os espiritos severos, ardentes ou gentis dos oradores que o auctor da «Patria Portuguesa» com devoção evocou. De facto, consagrava-se em Antonio Candido toda a eloquencia portuguesa, e a apoteose era para todos aqueles que, na tribuna, tem dado á linguagem nacional uma vibração imortal. E com prazer teriam reconhecido os espiritos evocados que essa expressão da alma lusitana não morreu, porque a propria consagração de Antonio Candido teve o caracter que podia ser mais grato, o dum torneio de eloquencia comovida e fulgurante.

Mas foi a palavra de Antonio Candido que nos deu a ultima lição. Esse homem de 72 anos expressou, num verbo sempre moço, uma aspiração sempre viçosa. Ele entoou o hino da patria, envolvendo-o em nobres roupagens duma correcção e duma elegancia classica. Quando o grande mestre da tribuna recordou os aureos tempos da Grecia e as épocas triunfaes de Roma, não foi só o culto das suas formas perfeitas que o emocionou e inspirou. Foi a recordação das altas virtudes civicas que a essas sublimes florescencias do espirito se aliaram. Foi a noção sagrada do patriotismo mais ardente e mais puro que na «Oração da Corôa», a que o general Foy chamaria «uma metralha de eloquencia» poz nos labios de Demosthenes as expressões supremas do genio tribunicio, como foi, salva-guardando Roma da anarquia demagogica preparada por Catilina, que Cicero poude rivalisar com o orador grego nos segredos da mesma emoção e nos prodigios da mesma eloquencia.

Para o culto apaixonado da Patria reverteu Antonio Candido todas as homenagens que lhe prestassem. Ele falou nas glorias da vida e nas pacificações da morte. A Patria é arrebatadora como uma brilhante bandeira e é consoladora como um belo tumulo. Na realidade, a ela nos queremos ligar sempre, porque, rôtos os laços da existencia, todo o nosso desejo é que mesmo os nossos ossos nunca desapareçam da terra amada da Patria.

Quem assim pensou sempre, quem assim pensa emquanto o pensamento se elaborar no seu cerebro, não podia deixar de proferir, como o mais belo de todos os cantos de cysne, um hyno de fé, erguido aos destinos gloriosos de Portugal. Com essa palavra de fé, o admiravel orador finalisa a sua carreira, ou antes pensará que a não finalisa, que a deixa apenas suspensa, porque, vibrando no ar e atravessando o espaço, o seu nome não se apagará tão depressa. Fica, como a nota dum clarim, que se vae espraiando em ondas sonoras, a ponto tal que, depois de defenitivamente se esvair o seu ultimo som, ainda no ouvido fica resoando, e se do ouvido, passa donde nunca sae é do coração!

Agradeçamos a Antonio Candido essa palavra de fé. São estimulos dessa especie que á sociedade portuguesa constantemente reclama. Nunca são demais, porque são eles que alimentam a pyra inflamada do sentimento patriotico que nunca póde deixar de arder.

Machado Toledo

Do sr. Machado Toledo recebemos uma carta em que este sr. desmente categoricamente todos os boatos que teem corrido sobre a sua pretensa candidatura a deputado outobrista e que pretendem envolver este senhor em factos que ele reputa menos dignos da sua integridade de caracter.

FINANÇAS

O cambio nas suas relações com o contracto dos Tres Milhões Esterlinos

Novas "talas" do funcionario X..., oficial do ministerio do sr. Portugal Durão

Quasi que não dormimos esta noite. Os senhores sabem, por desgraça, o que é um homem aflito perante o problema do dia de ámanhã? Não sabem, é claro. Felizmente, a vida desliza-lhes feliz, despreocupada, *sur des roulettes*. Mas, comnosco, muda o caso de figura. O cambio — o terrivel cambio! — é o nosso Cabrion. E, quando lhe dá na bolha para trepar (ou para descer, como dizem os tecnicos), logo nos afligimos, surgindo-nos diante dos olhos espavoridos o espectro da vida cara, mais cara ainda — parece impossivel! — do que a já experimentada e sofrida. Ora, ontem, o cambio foi-se, mais uma vez, abaixo das pernas. Eis porque o sôno nos fugiu na espectativa pavorosa de que teriamos, a breve trecho, de pagar as batatinhas do magro almôço a três escudos o quilo, ou a estomacal cebola—alimento dos pauperrimos—a quatro ou cinco escudos... cada uma. Não temos grandes preocupações com o aumento das tarifas dos electricos. E' certo que vão subir, graças ao democratismo inconfundivel e indefectivel dos nossos edis, impotentes, aliás, para reconstruir o arruinado Rocio. A verdade é esta: um aumento nas tarifas dos electricos, por grande que seja, não excede o preço de uma batata ou de uma cebolinha. E ir do Almirante Reis a Belem, pagando em batatas, não vai além da quantidade insignificante de seis. Mas, amigos: seis batatas de extremo a extremo da cidade é barato! As batatas é que são caras, mas isso é outra questão, apenas estomacal.

Voltemos á questão. O que nos tortura é o cambio. o raio do cambio, que não ha forma de melhorar. Antes pelo contrario. E porquê, santo Deus? Tiremo-nos dos nossos cuidados e vejamos o quê diz o nosso dicionario de Finanças, o oficial X..., que ignoradamente (mas cautelosamente) vegeta sob os auspicios dos altos funcionarios que dêle põem e dispõem...

X... é certo, todas as manhãs, na *Chave d'Ouro*. Já frequentou, nos tempos aureos do «Outubrismo», a *Brasileira*. Agora, porém, prefere a *Chave d'Ouro*. Ele lá sabe porquê. E a nós não nos importa saber. Por agora, só importa o cambio. Vamos a vêr se o sr. X... nos diz alguma coisa, principalmente se lhe arrancamos o segredo da depressão cambial, constante, irresistivel e invencivel.

Optimo: X... está bem disposto. Um calix de cana da Madeira vai destravar-lhe a lingua, que não é viperina, antes nos parece com aquela que, docemente, lubrificava a abobada palatina de S. João Crisostomo, o *Boca d'Oiro*.

— Toma?

— Sim, um pouco. Para levantar o moral!

— Seja.

Compasso de espera. Estalinhos com a lingua no ceu da boca. Um ah!... consolador. E logo depois:

— Então que quere hoje o amigo jornalista?...

— Pouca coisa. Esta descida cambial... a libra esterlina... logo depois do discurso do Portugal Durão na Camara dos Deputados...

X... esfregou as mãos, com gosto. Teve um risinho sardonico. Tragou um golinho da cana e pigarreou. Depois, abriu-se:

— De ontem para hoje, a libra de cavalinho subiu cinco escudos. Admira-se? Não tem de quê. Depois do discurso...

— Mas, amigo X..., o discurso foi d'arromba...

— Pois foi. Até o Rêgo Chaves ficou entupido. Eu vi, eu sou rente na galeria, nestas ocasiões. Não me entusiasmei, é certo. E tinha cá as minhas razões. Olhe, quere que lhe diga? *Bluffs* e mais *bluffs*!...

O coração deu-nos um baque. Dissemos, com os nossos botões, que iamos, em breves dias, empenhar os olhos da cara, para ter batatas. E, anciosos, dirigimos os olhos, suplicantes, para o oraculo das Finanças... avariadas:

— Tire para lá êsses olhos de carneiro mal morto ou de vaca esfomeada. As coisas, boas não estão, mas, tambem, para que digamos mal, mal, tambem não.

— ?...

— Eu me explico. O contracto dos três milhões esterlinos, tal qual foi feito e concluido, nenhuma influencia terá no cambio, que é a questão que mais interessa o publico... pagante.

— Essa agora!...

— Assim mesmo. Pois o amigo jornalista não ouviu, pela propria boca do meu ministro, que as cambiais da Agencia Financial ficavam captivas do Governo, para pagamento de mercadorias, na importancia total de, pelo menos, 33 por cento do crédito dos três milhões esterlinos? Então, digo eu: se ficam presas ao serviço do crédito, nenhuma influencia positiva terão no estado da praça. Antes exercerão influencia negativa ou depressiva.

— Assim parece.

— E assim é. Agora isto, mais: se os particulares têm de vir á praça comprar cambiais para pagamento das suas encomendas, feitas por intermedio do fraternal Governo que está fazendo a felicidade da Nação, manifestamente influirão, pela maior procura, na baixa cambial. E eis aqui a razão porque a libra esterlina sobe e subirá. Pois se, em vez de diminuir, aumenta a procura, como diabo ha de a mercadoria-ouro baixar de preço?

— Nesse caso — objectámos — o contracto dos três milhões esterlinos...

— Não foi uma espiga, não senhor. Com isso não concordo. Dêmos tempo ao tempo... Se, por exemplo, os grandes detentores do ouro o lançarem no mercado...

— Para êsses, a vida está barata...

— Evidentemente. Veja o meu chefe, por exemplo, o estadista que está á frente dos negocios da Finança publica. Para êle, a vida é barata. As companhias de que é director pagam-lhe em esterlinos. Por exemplo: a Companhia da Zambezia. Com duas libritas tem êle, em Lisboa, uns cento e tantos escudos. Um pau por um ôlho! Com cem escudos por dia, a vida, em Lisboa, é paradisiaca. Pode-se frequentar o *Tavares Rico*, o *Trianon*, a *Garrett* e comer á farturinha, sem querer saber, para nada dêste mundo, do preço das batatas, das cebolas, do assucar ou do café. Tudo barato, baratissimo, tal qual em Viena, onde os nossos dez tostões valem três mil corôas, ou na Russia, onde um franco francês vale muitos milhares de rublos. Viva, pois, a baixa cambial, que é ela quem faz a felicidade dos homens que, por acaso, fazem o favor de nos governar e que, tambem por acaso, ainda se não lembraram de nos prespegar com os ossos no xalindró! E, realmente, se se demoram em tomar tão simpatica resolução, só nos encontrarão os ossos, que as adiposas carnes foram-se, na voragem da vida cara, mesmo impossivel.

— Você, amigo X..., está Heraclito, hoje!

— Já ontem lhe disse que não gosto que me fale em colegas que não conheço. Lá, na repartição, não ha nenhum Democrito, como você disse ontem. Agora fala-me em Heraclito! Quem é êsse?

— Desculpe. Queriamos dizer que você está azedo...

— Nem azedo, nem doce. Se eu recebesse em ouro os meus vencimentos ou rendimentos (como acontece com o meu actual chefe, o sr. Portugal Durão), outro galo me cantaria. Dormia tranquilo, eu, mai-la mulher e os meninos! Os outros trabalhavam para mim, que é essa a grande sciencia da vida, nesta derrancada sociedade de inuteis ou parasitas. Infelizmente, o pão que como amassa-o o diabo. Quando vejo, portanto, que a Coisa Publica não merece um pouco de espirito de renuncia e algum ar de equidade nos homens que nos governam, fico fulo, danado! Mas isso passa! Quando passa...

Amigo X... desandou em hipocondriaco. Deixou de nos interessar. E' possivel que, noutra ocasião, vôlte a merecer atenção nos seus dizeres, nas suas originais concepções. Deixemos-lo em paz alguns dias. Os senhores verão que, com uns dias de descanso, ha de vir a dar coisa que geito tenha...

VIDA LITERARIA

UM NOVO LIVRO VELHO DE CORREIA DE OLIVEIRA—A NOVELA PORTUGUESA OU UM ESFORÇO QUE POUCOS COMPREENDEM — ALFREDO PIMENTA A COIMBRA—UMA PEÇA DO CONCURSO DE «A CAPITAL»

Pão nosso — Alegre Vinho — Azeite da Candeia, por *Antonio Correia de Oliveira*—Ed. Portugalia Lda.

Pode-se acaso dizer que Correia de Oliveira, o poeta do «Menino» e sentimental do «A minha Terra», é peor ou melhor neste livro ou naquele?

Quando muito tolera-se a predilecção do leitor e do critico por um ou outro genero.

«O pão nosso» demorou na vinda á luz do dia por varias causas. Dahi um relativo atrazo quando se lê

Homens, voltai a Deus. Filhos da Terra
....
Voltai á paz christã, depois da guerra

Todo o volume em sonetos, respirando seiva viril dos campos, exhalando o perfume christão das bucolicas singelas, é duma unidade de forma absoluta. Grave, superior, voz de poeta, voz de Deus, une em traços de egloga a beleza divina á beleza campestre.

A nossa terra perpassa em hinos curtos mas profundos no livro de Correia, como em todos os seus mais velhos. Que, é esta uma das caracteristicas fundamentais do poeta do «Na Hora Incerta»; o nome da Patria a rebrilhar nas orações divinas da Poesia. Correia de Oliveira é o mais nacional, o mais arreigado dos nosso artistas poeticos, «Pão nosso, Alegre Vinho, Azeite da Candeia», é uma nova lanterna do amor, de ajoelhado patriotismo, de vibrante e religioso sentir poetico.

Mais do que as palavras nossas vale um soneto, joia fulgida de Correia de Oliveira, a eilo colhido no livro:

Ah! fôra eu santo, bom com as hervinhas
E viessem pelsar na minha mão,
Em sinal de aliança e de perdão,
Ordores rouxinóes e as andorinhas,

Fogem de nós, entre os pinheis e as vinhas
Não tremem aos ribombos do trovão;
Mas, o bater do nosso coração
Encho de espanto as pobres avesinhas!

—Maria! Tu que as amas tanto e tanto,
E és ave, quasi, em teu andar, teu canto,
Fala com elas: dá-lhes bons conselhos:

Chama-as convence-as! leva-lhes migalhas
A pouco e pouco, vê se as amimalhas...
—E poisem, a cantar, nos teus joelhos!

A Fera, por *Sousa Costa*, Ed. da Novela Portugueza, Lisboa.

A novela portugueza continua a publicar-se; é um esforço pertinaz, que o publico mal reconhece.

Emquanto a Espanha centuplica as edições populares dos seus escritores, novelistas, dramaturgos, Portugal acolhe friamente a iniciativa similar tentada por um joven espirito movido apenas de patriotico intento.

A «novela curta» espanhola, é vendida em Portugal em profusão.

A novela portugueza, esquece pelas montras. Porquê? E' atroz dizê-lo, E' triste pensa-lo.

Mas ele um numero de novela que se esgote. Não porque os nomes dos escritores que firmaram as novelas anteriores sejam desconhecidos—neles figuram D. João de Castro, Severo Portela, João Grave, Forjaz de Sampaio—mas porque Sousa Costa, o autor da «Fera» é um escritor eminentemente popularisador, sabendo tocar as fibras das multidões, no colorido da sua frase segura.

«A Féra», que o ilustre academico, deu em primeira mão, para a simpatica novela, é constituida por uma duzia de paginas quentes, bem observados, com caracteres humanos em claras linhas e uma dramatisação intensa.

Paginas de miseria, de verdade, de crime, paginas de todos os dias e para as quais o maior Talento esta em dissecá-las, colhê-las, da miriade sua igual e trazê-las a publico, limpas, atraentes, interessantes e principalmente verdadeiras.

A «Fera», apesar da singeleza da edição, é um trabalho literario valioso, a que empresta brilho o nome consagrado de Sousa Costa.

Coimbra por *Alfredo Pimenta* —Ed. Portugalia Ltd.

Alfredo Pimenta cujo valor eu muito estimo e tenho apreciado nestas colunas, envia-me a sua plaquette «Coimbra»—Poema de saudade e desafronta.—Não ha autor inteligente, seja dum livro, dum quadro ou duma peça, que não reconheça primeiro que todos os seus criticos o valor da sua obra.

«Coimbra», sabe-o bem, Alfredo Pimenta, é apenas um documento evocativo, em maus versos, aqueles versos que são prosa rimada e com que costuma ser cantado o «Chiado» e o «Chá das cinco» pelos poetas e poetisas de via reduzida. Um testemunho do preito, um poema de desafronta... Nada mais.

Coimbra do Marquez Pinto, em tonnel,
apinhado
De estudantes, á noite, e pelas noites fóra;
O' Coimbra do Cabral, do Armenio, e
França Amado,
Minha Coimbra praxista, autocama,
doutora!

E' assim a «Coimbra» de Alfredo Pimenta. Preferimos ficar no «livro das Chimeras».

O Degredado, por *Antonio Antonio Correia Pinto d'Almeida* —Ed. do autor. Fig. da Foz.

Trata-se duma peça em 1 acto, «Grand Guignol» que a «Capital» premiou em 3.º logar no seu concurso de peças realisado em 1919.

E' a obra dum estreante, curta, hesitante, sem grande preparação para o final á André de Lorde. Este desequilibrio é no entanto contrabalançado, por qualidades apreciaveis de dialogação.

Publicando-a o autor mostra que o jury da «Capital» foi justo na sua apreciação e o publico apreciará valor dum e razão de outro.

Casa de meu pai, Historia de *Ana de Castro Osorio*, Ed. Para as Creanças, Lisboa.

Da colecção de contos que «Leal da Camara» vai narrando para os olhos dos pequenitos publicou agora Ana de Castro Osorio, o historieta «Casa de meu Pai». Já aqui o disse: é sempre bela a historia que faz sorrir uma creança; e esta com os seus narizes aduncos, os seus patos brancos, as arvores grossas, fa-las sorrir duplamente. E' duplamente interessante.

Que na sua santa tarefa continuem os dois amigos dos pequeninos.

A. F.

REGISTO DE ENTRADAS

«Chama de Angustia» por Valeriano de Campos.

«D'Annunzio e Eça», por Antonio Ferro.

«Leonila», por Antonio de Novas.

Os "disponiveis" do Exercito

O *leader* democratico, nos Deputados, propoz que fôsse anulada a lei 1239 — a do *ditatorio* — e que fossem colocados na disponibilidade os oficiais em excesso, que aproveitaram os beneficios da excelente lei.

Foi aprovada a proposta e a lei 1239 ficou anulada, mas a primeira fornada, a que abichou, essa já não larga os galões. E ficam todos disponiveis, todos felizes, todos promovidos, todos a passear. É o Estado a pagar... o Estado a fazer notas... o Estado a gemer. Ditosa Patria!

Por Moçambique

Publicamos amanhã um artigo sobre a supressão de "O Jornal do Comercio", de Lourenço Marques, e um ruinoso contracto de aquisição de dusentos mil sacos de cimento — tudo com a sanção dictatorial do Alto Comissario.

Reputações

Não se perturbe, minha senhora, com aquilo que nós, homens, podemos pensar de si. Não tem de perturbar-se, faz-lhe mal aos nervos, produz-lhe dores de cabeça. Pode vir-lhe febre. E alguem lucra com isso? Ninguem—nem você. Escute. Se a mulher é bonita os homens pensam sempre bem. Se a mulher é feia nem chega a interessal-os. A sua hipotese é evidentemente a primeira: pensamos sempre bem de si, mesmo que você pense sempre mal de nós. Amabilidade? Não é bem. Talvez até má educação. Seja o que for. O que a deve preocupar, minha senhora, é aquilo que as outras mulheres podem pensar de si. Isso é que é grave, mas muito grave. Imagina que são os homens que fazem a boa ou má reputação das mulheres? Engana-se: São as proprias mulheres... Não sabia? Vê. E são vocês que nem sequer se conhecem a si,—que nos querem conhecer a nós?

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

A HOMENAGEM a ANTONIO CANDIDO

FOI UMA BRILHANTISSIMA SESSÃO A DE ONTEM — NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS —

Realisou-se ontem no grande salão da Academia das Sciencias de Lisboa, a sessão de homenagem ao dr. Antonio Candido, gloria da oratoria portuguesa, conforme toda a imprensa do país tinha largamente anunciado, homenagem que teve por iniciador o nosso prezado colega «Diario de Noticias», brilhantemente dirigido pelo dr. Augusto de Castro.

A vastidão, o explendor desta cerimonia imponentissima que marca nas festas da Academia, é desnecessario vinca-la ainda mais. A reportagem dos matutinos, a transcrição na integra dos discursos pronunciados pelo nosso colega «Diario de Noticias», põem o publico ao corrente do que foi esse magnifico torneio de oratoria. O notabilissimo discurso de Antonio Candido, que foi um agradecimento enternecido, auréolado pela fé do melhores dias, marcou mais uma vez o seu purissimo aticismo, a sobria e nobre frase habitual no dr. Julio Dantas demonstrou mais uma vez neste ilustre homem de letras a sua perfeita mestria na oratoria, o discurso moço e fresco do dr. Augusto de Castro, uma graciosissima «panache» onde crepitavam a todos os instantes explosões de ideias e de palavras de rara felicidade, as outras homenagens delicadas e sentidas de Henrique Lopes de Mendonça, Almeida Lima e Eduardo Burnay, deram, sem duvida, a esta festa um alto, um indiscutivel relevo.

* * *

A's 9 horas da noite o grande salão da Academia continha tudo que em Portugal marca pelo seu talento, pelo seu poder, pela sua influencia. Todos os diamantes, todas as condecorações, todas as magnificas «élites» que são a expressão suma da vitalidade dum povo. O sr. Presidente da Republica tomou a presidencia rodeado pelos vultos em destaque na Academia. Todo o elemento oficial, embaixadores, ministros, academicos, escritores, homens de letras, professores, publicistas, rumorejava grave, pomposo e discreto nas primeiras filas. Em roda, até aos extremos limites do salão, uma multidão inquieta, febril, onde faiscam aqui e alem as placas, as «cravates», o fôsco brilhar dos colares da Academia. Pompa. Luxo. Elegancia. E de subito um grande silencio. Está aberta a sessão.

O Presidente, professor

Almeida Lima

na voz clara e concisa com que costuma prelecionar no seu brilhantissimo curso da Escola Politecnica, com a firmesa lenta e grave com que lhe é habitual na exposição, pronuncia um curto discurso, evoca com notavel sobriedade a álta figura mental daquele por quem se encontram todos reunidos naquela noite. A sua fala é pontuada por um extensissimo aplauso da assembleia. O orador que abre, por assim dizer, a sessão com as suas ligeiras palavras cede o seu logar ao dramaturgo ilustre, auctor do «Duque de Viseu», do «Azebre», do «Afonso d'Albuquerque», a figura caracteristica do marinheiro que é

Henrique Lopes de Mendonça

que lê, como é da praxe o seu discurso, toda uma evocação, todo um panegyrico da grande figura que se consagra naquele momento. E' um discurso «academico» em toda a acepção da palavra. A frase de que se serve é escrupulosamente modelar e a moldura que adota para fazer sobresair a sua tela tem a elegancia magestosa e ritmica que se requer nos discursos da Academia. E' uma elegancia de Juno, larga, forte, envolvida em vastas roupagens de estilo. O orador discutirá um pouco á Sainte-Beuve; é um academico de raça que fez um elogio sincero e sentido segundo as praxes estabelecidas. O seu discurso modelar é calorosamente aplaudido e ainda no oceano da sala rumorejam aplausos, comentarios risonhos, aprovativos quando uma fronte de vasta inteligencia e já poucos cabelos, assoma minuscula, recortada na luz estridente de centenas de lampadas. E' o

Dr. Augusto de Castro

que produz um notabilissimo discurso, um discurso de impressivel frescura, a todo o instante cortado, interrompido por veementes aplausos. Fala com uma elegancia toda moderna, uma desenvoltura que tem «panache», brio, entusiasmo e emoção. O seu discurso é um esvoaçar pela graça, pela ligeireza, pelo espirito, um bater de asas que evoca, que relembra ... rara mestria, uma «roublerie» de orador de raça que circunscreve os seus efeitos, as suas «ficelles» para lhes dar o relevo que pretende graduando colorido, criando manchas de claro escuro, deixa na selecta assembleia a mesma sensação que dão os quadros de Van-Dick: sabios contrastes de genio, asperas linhas que definem com superior relevo.

A palavra do dr. Augusto de Castro varre todas as almas com o mesmo «panache» com que Cyrano se prepara para roçar o limiar azul do paraiso. O seu entusiasmo sobe de ponto e a sua peroração que é uma evocação arrebatada, põe de pé todos os gigantes da tribuna e é nesse fundo magnifico nesse scenario da eloquencia dos seculos que vive e se levanta, e se agita e transtorna—a figura de Antonio Candido.

Lê em seguida o professor

Dr. Eduardo Burnay

o seu discurso. E' o orador que se segue na ordem anteriormente determinada. A sua palavra fluente e correcta é geralmente apreciada. A distinção do dr. Eduardo Burnay, figura de alto prestigio e de primorosa cultura esmalta de delicados pensamentos a sua oração traduzida por um orgão claro e vibrante.

Ainda as suas ultimas palavras ecoam no vastissimo salão, no apagada ainda a impressão de agrado que produzia o seu discurso quando o presidente da secção de letras, o autor da «Patria Portuguesa»,

Dr. Julio Dantas

toma o seu logar na tribuna. O homem de letras, poeta, historiador, critico onde transparece a elegancia espirituosa de Garrett e nobre concisão de Mendes Leal, pronuncia um discurso que figurará sem duvida entre os seus discursos mais notaveis, mais vibrantes, mais carinhosos.

A sua frieza inicial em breve começa faiscando e é tremente, vibra, agora, irradia, sugestiona a sala inteira. Desenrola a epopeia, evoca os oradores do passado e é toda a patria que surge no claro-escuro dos tempos, na vaga, misteriosa poeira das cousas que se esvaiem em poeira impalpavel.

O escritor magistral da «Patria Portuguesa», o analista subtil de «Amor em Portugal» faz surgir da penumbra dos seculos, os velhos, deoses figuras da Patria. E' a figura de franciscano Antonio que parece arrancada dum velho painel de Beato Angelico num claustro de incomparavel Fiésola, é a clara, desconfiada expressão dum rosto anguloso e rude, o rosto de João das Regras aconselhado, ensinado, deduzindo, na sua solidão de Arronches. E', depois Antonio das Chagas é o padre Antonio Vieira é Antonio de Gouveia, toda a eloquencia, toda a grandesa, todo o explendor de inteligencia, a incomparavel força da ideia.

Surgem uns após outros e perpassam num fragor, numa cavalgada de sonho e de quimera, Fernandes Tomas, Passos Manoel, Manoel Passos, todos os «casacas de briche», todos os setembristas ousados de palavra e de coração. O dr. Julio Dantas povôa o vasto salão repleto e os mortos vivem, os mortos fraternisam com os esplendidos vivos que lhe ouvem a palavra arrebatadora, e todos, mortos e vivos, clamam a sua apoteose, formam o seu cortejo, gritam o seu grito ciciam a sua admiração quando passa o Velho que vai tomar o logar na tribuna, o Velho, o descendente da numerosa e nobre familia magnificamente evocada, o

Dr. Antonio Candido

gloria sobrevive a tantas glorias que balbucia quasi, do começo, tanto a sua emoção é viva, um longo e enternecido agradecimento. O seu irreprimivel sangue de orador bem depressa aquece e o seu agradecimento é um fino de pé, uma imensa esperança no futuro de toda a nossa Raça.

O discurso do do dr. Antonio Candido, vasado em moldes do mais puro classicismo, pronunciado por labios que retumbaram e fizeram empalidecer gerações, creado por uma fronte aureolada pelo respeito, pela simpathia pela admiração de duas gerações, produz a mais viva impressão em todo o auditorio e o fim desta sessão onde se consagrou uma das mais lidimas glorias portuguezas é um revoltear de saudações, um murmurio vasto de cumprimentos, a ultima vaga de uma apoteose que todos nós devíamos certamente a Antonio Candido e que todos nos sentimos felizes por ter realisado.

Noticias de todo o mundo

OS TELEGRAMAS DE HOJE

A conferencia de Genova

LONDRES.—O «Daily News» desmente o boato que correu de que tinha havido desacordo entre Lloyd George e Schanzer, ministro dos Negocios Estrangeiros italiano, na conferencia que ambos tiveram na segunda-feira sobre o papel a desempenhar pela Liga das Nações durante e depois da conferencia de Genova. Aqueles que sabem o que se passou entre os dois ministros declaram que este boato não tem fundamento algum e que o assunto da conferencia foi principalmente sobre quais os melhores meios a empregar para que as nações pequenas tivessem na conferencia de Genova o logar que lhes tinha sido negado na conferencia de Paris em 1919.

Com respeito á ligação da Liga das Nações com a conferencia de Genova, o seu Conselho decidiu pôr á disposição da conferencia, se assim fôr desejado, os serviços dos seus organismos tecnicos.—(R.)

LONDRES.—Vanderlip, que vai assistir á conferencia de Genova como observador por parte dos Estados Unidos, respondendo a uma pergunta que lhe fizeram sobre as razões que levaram a America a não tomar parte na conferencia, disse que essa atitude por parte dos Estados Unidos se fundava em muitas razões a principal das quais era que as nações europeas ainda não estavam sufficientemente conciliadoras umas para com as outras e que por esse motivo não podiam resolver o dificil problema da reconstrução da Europa, na qual os Estados Unidos estão interessados principalmente como credores.—(R.)

MADRID.—O rei assinou o decreto nomeando delegados á conferencia de Genova o marquez Urrutia e os senhores Garnica e Rodes.—(Lat. Am.)

ROMA.—Dizem os jornais que a delegação italiana á conferencia de Genova será composta dos ministros srs. Facta, Schanzer, Bertome e Teofilo Rossi.

O ex-imperador Carlos

FUNCHAL, 31.—O ex-imperador Carlos vai melhorando.—H.

De Espanha

MADRID. — O Alto Comissario conferenciou com o presidente do conselho e ministro dos estrangeiros, marinha e guerra sobre Marrocos, mostrando-se muito reservado. Sanches Guerra negou que o general Berenguer se demitisse e disse que pelo contrario regressaria a Ceuta na proxima segunda feira. O comunicado oficial de Melila diz que o general Sanjurjo participou que ás 8 da manhã estavam alcançados todos os objectivos da operação empreendida na qual tomaram parte as colunas de Sanjurjo, Frederico Berenguer e Cabanelas, mostrando-se o inimigo surpreendido com a rapidez do avanço. A's duas da tarde começou-se a retirada, tendo o inimigo atacado debilmente.

CADIZ—Entrou o vapor «Romea» vindo de Larache. Trazia a bordo o general Barrera tendo tido uma recepção brilhante.—R.

MADRID, 31.—Foi publicado o decreto restabelecendo em todo o pais as garantias constitucionais. A camara dos deputados aprovou o projecto prorogando o orçamento por espaço de 3 mezes e autorisando o governo a aumentar a taxa das tarifas dos caminhos de ferro a qual será ulteriormente fixada pelo conselho de tarifas.—R.

A agitação da Irlanda

LONDRES, 31. — Segundo diz o «Evening Standard» a conferencia dos delegados irlandeses já abordou muitos assuntos importantes entre os quais o das fronteiras mas não chegou ainda a qualquer decisão. Parece que ambas as partes estão animadas dos melhores desejos de chegar a uma solução pacifica, mas os assuntos a discutir são muitos e complexos.

Tem-se tratado da questão dos atentados e do estabelecimento duma tregua, parecendo que se vai em bom caminho para resolver estes problemas.

O sr. Chamberlain disse na Camara dos Comuns que tinha fundadas esperanças de que esta conferencia consiga harmonisar todas as questões.—(R).

LONDRES, 31.—Os governadores do sul e do norte da Irlanda chegaram a um acordo, em virtude do qual a paz será declarada a partir de hoje. Os dois governos cooperarão por todos os meios ao seu alcance para o restabelecimento da paz nas regiões onde ela foi alterada.—H.

A vida social em França

PARIS, 31. — Acompanhado por alguns ministros o sr. Millerand saiu esta noite de Paris para a sua viagem ao norte de Africa.

O sr. Millerand deve embarcar no dia 1 de abril em Bordeus e visitará Marrocos, a Argelia, Tunis e a Corsega. — (H.)

PARIS, 31.—Segundo a Agencia Havas, além do sr. Barthou e do sr. Colrat, farão parte da delegação franceza á conferencia de Genova os srs. Barrier, embaixador de França em Roma, o sr. Seydoux, director comercial do ministerio dos Negocios Estrangeiros e o sr. Cellier, este ultimo como perito financeiro.—(H.)

PARIS, 31.—O «Journal Officiel» publicou a lei que abre um credito de 2.500.000 francos para a luta contra o tifo que grassa na Europa oriental.—(H.)

MARSELHA, 31—Ao meio dia recebeu-se um pedido de auxilio do vapor «Libertas» que se julga ser de nacionalidade espanhola e que se encontra em perigo nas costas do Golfo de Gascconha.—(H.)

Politica turca

CONSTANTINOPLA, 31—O conselho de ministros começou já a elaborar a resposta á nota dos aliados. Diz-se que a Sublime Porta formulará objecções sobre a solução que diz respeito á Tracia e aos Estreitos e insistirá categoricamente sobre o regresso de Andrinopla e Gallipoli á Turquia.—H.

O governo alemão

BERLIM, 31—O Reichstag aprovou por 248 votos contra 81 a ordem do dia de confiança ao governo apresentada pelo centro.—H.

Norte-America

WASHINGTON, 31.—O tratado relativo ao Extremo Oriente foi aprovado por 65 votos sem oposição nem reserva alguma.—H.

A produção da prata nos Estados Unidos

A produção de prata nos Estados Unidos, durante o ano de 1920, foi de 55.504.594 onças, no computo de dolars 57.420.325. Houve uma diminuição de 117.941 onças relativamente á produção de 1919.

Toda a prata produzida nos Estados Unidos não chegou para abastecer a China, que só em 1920 adquiriu 70 milhões de onças, importadas de S. Francisco e 20 milhões da Gran-Bretanha.

A grande procura de prata por aquele paiz motivou a grande alta que se notou nesta materia prima.

São ainda consequencias da guerra. O comercio chinez desenvolveu-se muito durante aquele periodo, com as encomendas europeias, sendo os respectivos pagamentos feitos em prata, não faltando hoje aquele metal no interior, e sendo o stock em Sanghai o dobro do que era um fins de ano de 1919.

A alta enorme da onça de prata, em janeiro e fevereiro de 1920, acentuou um fenomeno curioso. Havia vantagem em refundir todas as moedas de prata, pois que estavam valendo mais que o seu valor monetario.

Para evitar o desaparecimento destas peças, o Chanceler inglez Chamberlain obteve em 1920, uma lei que autorisava a reduzir o toque da prata fina, amoedada, de 925 para 500 milessimas. Esta operação que não sofreu a menor oposição por parte do Parlamento, foi logo seguida pelo governo Holandez.

Padrões da Grande Guerra

Comemoração do 9 de Abril

Deve revestir a maior solenidade, imprimindo-lhe o necessario brilho a comemoração do 9 de Abril, que a Comissão dos «Padrões da Grande Guerra» promove em todo o Pais.

Neste dia, ás 17 horas em todo o Pais haverá «dois minutos de silencio» consagrando neste momento o magnifico esforço colectivo da Nação Portugueza interviindo militarmente na Grande Guerra.

A essa hora, prefixa, todos se conservarão de pé, silenciosos, de cabeça descoberta numa concentração espiritual de juramento e de fé.

Em diferentes localidades se realisarão sessões solenes. Em Lisboa essa sessão efetivar-se-ha na Escola Militar sendo orador o valoroso general Gomes da Costa, que foi o comandante das tropas portuguesas em França no 9 de Abril de 1918. A esta cerimonia assistirá s. ex.ª o sr. Presidente da Republica que já foi convidado pelos srs. General Abel Hipolito, Coronel Sá Cardoso e Tenente-Coronel Pires Monteiro.

A conferencia do ilustre oficial sr. Tenente-Coronel Cristovão Aires realisar-se-ha numa das principais salas de Lisboa no proximo dia 22 de Abril. O ilustre presidente da Liga Africana sr. dr. José de Magalhães realisará no mez de Abril uma conferencia de propaganda, que despertará grande interesse pelo tema versado e pela cultura e brilho do distinto conferente.

Conferencia Pan-Americana de Senhoras

Os fins da Liga Nacional das Mulheres que têm voto

Estão quasi concluidos os planos para a Conferencia Pan-Americana de Senhoras, que deverá se reunir, na cidade de Baltimore Estado de Maryland, nos Estados Unidos, por ocasião da Convenção da Liga Nacional das Mulheres que têem voto.

As senhoras que fazem parte da Liga de Maryland farão as honras da casa na ocasião da Conferencia e estão preparando uma grande recepção aos representantes das Republicas da America Latina.

Em Baltimore, cidade cheia de tradições e lendas encantadoras, visitar-se-á a celebre galeria de arte de Walters e percorrer-se-á o hospital John Hopkins. Faz tambem parte do programa uma excursão a Fort Mc Henry.

A Liga das Mulheres que tem o voto no Estado de Maryland foi fundada em novembro de 1920.

Por todo o Estado se acham estabelecidas aulas destinadas a ensinar educação civica com o fim de formar boas cidadãos.

As lições tratam de problemas praticos que se relacionam com o governo do Estado e local, e foram delineadas com o fim de dar ás mulheres, que tem voto, uma idéa clara do valor da sua nova posição na politica, e do serviço pratico que elas podem prestar por meio do voto tanto ao Estado como ao paiz.

Muitas são as organisações femininas nos Estados Unidos que expressaram o seu interesse pela Conferencia Pan-Americana de Senhoras; oferecendo ao mesmo tempo a sua cooperação para o bom exito da empreza.

Entre estas sociedades podemos mencionar pelo logar de destaque que ocupa a Mesa Redonda Pan-Americana de Santo Antonio, no Estado do Texas.

Esta sociedade mantem relações muito estreitas com as senhoras da America Latina. E' uma sociedade sem côr politica nem fins sectarios, e é a primeira do seu genero neste hemisferio.

Os fins da Mesa Redonda são: promover conhecimentos mutuos, boas relações e amisade entre as senhoras do Emisferio Ocidental, e incitar todos os movimentos que conduzem a uma civilisação mais adiantada especialmente os que abrangem as mulheres e as creanças destes paises. Fazem parte desta agremiação uma directora geral, uma sub-directora e vinte e duas senhoras que representam as duas Republicas do Emisferio Ocidental.

A sociedade conta, além disso, com trinta membros associados sendo quinze senhoras nascidas nos Estados Unidos e quinze mexicanas.

A Mesa Redonda Pan-Americana reune-se duas vezes por mez em um «lunch» onde se discutem os diferentes paises da America.

Depois cada uma das senhoras que representa uma Republica irmã tenta perder a sua propria identidade como cidadã dos Estados Unidos para ver as coisas como se fosse da nacionalidade do paiz que a elege.

A Mesa Redonda Norte-Americana elegeu Mrs. Griswold para a representar na comissão formada pela Liga das Mulheres que teem voto para a Conferencia Pan-Americana das Senhoras.

A Associação Americana dos Professores de espanhol, recentemente reunida na cidade de Washington aprovou a seguinte moção:

«Atendendo a que a proxima Conferencia Pan-Americana de Senhoras convocada pela Liga Nacional das Mulheres que teem Voto, e que terá logar na cidade de Baltimore em abril proximo e a qual conta com a aprovação dos Ministerios e com o apoio da União Pan-Americana, terá por fim o estreitamento das relações entre os paises pan-americanos, fica resolvido que a Associação Americana dos Professores de Espanhol, apoia calorosamente a convocação de tal Conferencia e convida os presidentes dos Capitulos das Associações nos Estados Unidos a cooperar com a Liga das Mulheres que teem Voto em tudo que for possivel para que a Conferencia tenha grande exito».

Uma ideia do senador Julio Ribeiro

O senador sr. Julio Ribeiro, ontem, no Senado, mandou para a mesa o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º — Durante o prazo de dez anos não são admitidos alunos á matricula na Escola de Guerra;

Art. 2.º — O ministro da Guerra dará destino a todos os oficiais ali em comissão ou serviço permanente, sendo reintegrados nos seus lugares logo que reabra aquele estabelecimento;

Art. 3.º — Durante 10 anos cessam todas as promoções de oficiais no exercito;

Art. 4.º — Passam imediatamente ao Estado Maior das respectivas armas os oficiais que excederem o numero fixado nos respectivos quadros e bem assim os milicianos actualmente em serviço efectivo;

§ unico. — As vagas que se forem dando nos diferentes quadros serão preenchidas pelos mais antigos;

Art. 5.º — Fica revogada á legislação em contrario.

Que os pais da Patria scismem nestas ideias, é coisa perfeitamente livre e razoavel. O que não é livre nem razoavel é que se corra o risco de ver discutida e aprovada semelhante proposta. Para se fazer o *diluvio dos coroneis*, tudo esteve certo, logico e natural, segundo o modo de ver especial dos raros defensores da lei 1239. Era prejudicar os elementos que se viam preteridos na promoção. Mas, para inutilizar a vida, a actividade e a carreira de dezenas de rapazes ainda alunos, das escolas e dos liceus, não ha hesitações.

O que é mais curioso é que, mantendo-se as promoções ilicitas, ridiculas e anormais da lei 1239, venha agora o sr. senador tentar estatuir que durante 10 anos não haverá promoções no Exercito. As razões que advogavam a promoção dos coroneis não subsistem para os que são alferes ou tenentes! Uns são promovidos, outros não. Então, em que frangalhos fica a tão falada disciplina? Ora pois! Ora pois!...

A recita dos estudantes

Os estudantes de Direito quasi todos quintanistas, vão promover uma recita num dos nossos teatros e para a qual convidaram o Presidente da Republica, dr. Antonio José de Almeida.

Os estudantes que, segundo nos informam professam na sua maioria as ideias monarquicas, convidaram a assistir á sua festa o sr. Presidente da Republica mas, segundo parece resolveram que não fosse executado o hino nacional.

Não se percebe. Se é para se realisar uma coisa parecida com uma afronta que se convida o chefe do Estado, seria melhor desistir de tal ideia ou evitar qualquer manifestação que possa fazer incluir politicos e partidarismos numa coisa que é afinal uma festa de rapazes... e não deve passar disto.

Manobras de A "Batalha" e dos compadres da U. S. O.— Manifestação encomendada para domingo proximo

Não dispomos hoje de espaço para continuar a serie de considerações que vimos expondo acerca da acção destrutiva que o sindicalismo revolucionario está exercendo, tendo por orgãos principais «A Batalha» e a poderosa (?) U. S. O. Apezar disso, não queremos deixar passar este numero sem reproduzir o convite que «A Batalha» faz hoje. Ei-lo:

A U. S. O. e os presos

A U. S. O. convida todo o operariado de Lisboa e arredores a comparecer nos fortes de Sacavem e S. Julião da Barra, no proximo domingo, a fim de manifestarem a sua solidariedade aos presos por questões sociais, vitimas da mais feroz perseguição governamental, e para ao mesmo tempo demonstrarem ás forças reacionarias, que os presos não estão sós, e que com eles está toda a alma operaria e revolucionaria.

U. S. O.

«A Batalha» não se contenta com o operariado revolucionario de Lisboa. Apela para o dos arredores. Chama-os reservar. Vai ser o fim do mundo!

Não sabemos o que o Governo pensa acerca da projectada manifestação do sindicalismo revolucionario, chefiado pela U. S. O. e por «A Batalha». Nem sabemos nem nos importa. Registamos apenas o facto; a U. S. O. não desiste da «Acção Directa», continuando a tentativa de anarquisação da sociedade portugueza e o ataque formal aos poderes constituidos.

Pela nossa parte faremos numero na manifestação. Relataremos, como é nosso dever, o que fôr visto e ouvido, para edificação do Governo, que, por certo, ainda se não resolveu a entregar a Republica nas mãos avidas do bolchevismo portuguez.

BRINDES

Da casa Remington, R. N. do Almada, 100, recebemos dois interessantes calendarios de parede para o recente ano, que muito agradecemos.

O Alto Comissario de Angola

O sr. Ministro das Colonias desmentiu oficialmente o boato que circulou de ter o Alto Comissario de Angola, general Norton de Matos, sido alvo de um atentado em Africa.

Esta noticia que circulou em Lisboa parece ser o remate de outras que informavam da agitação da Provincia e de varias tentativas nativistas e separatistas que ultimamente se esboçaram em Angola.

Aguardando informações mais detalhadas vê-se no entanto que uma boa parte dos colaboradores do sr. Norton de Matos vem já a caminho da metropole e que se preparam para deixar Angola. Voltam os srs. Nobrega de Quental e dr. Bossa da Veiga e segundo noticias recentes vem a caminho, entre outros os srs. dr. Ferreira Diniz, coronel Vasconcelos Dias e Miranda Guedes. Os rumores surdos que circulam sem consistencia por emquanto vão brevemente ser alterados mas parece que a dissidencia que entre o Alto Comissario e os seus auxiliares se tem acentuado, provem de algumas medidas sobre a mão de obra indigena que desagradaram a uma parte da população.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Nos Passos Perdidos

Começa a pronunciar-se uma certa impaciencia da parte das oposições. O que faz o Governo? Qual a ação do sr. ministro de Agricultura (por exemplo) na questão da vida cara? E' certo, mais que certo, que o Governo conserva-se inerte perante os gravissimos problemas que afligem a nacionalidade. Nessas condições—resmunga-se—para que serve a nossa transigencia, esta especie de paz podre, que já desprestigia as oposições e transforma o Parlamento numa revivescencia do saudoso Solar dos Barrigas?

Estas perguntas enervam. Para agravar a nevrose nascente, aparece agora o resultado do inquerito aos negocios que tiveram por base o fornecimento de trigos ao Estado. A comissão parlamentar averiguou a culpabilidade dum director geral, declarando que este, mancommunado com um jornal diario, lançou suspeições contra o seu proprio ministro. Isto respeita ao ministerio da Agricultura. Rigorosamente, respeita a todo o Governo.

Qual a sanção que vai ser aplicada ao alto funcionario? O Parlamento resignar-se-ha a ser desrespeitado, com a impunidade do funcionario que claudicou, o seu proprio «veridictum»? Tudo é possivel. Bem feliz se pode dar o sr. João Gonçalves. Porque, no que respeita ao sr. Belford, apostamos, dobrado contra singelo, que vai sair de tudo isto com uma portaria de louvor. Não seria, aliás, caso unico na historia da burocracia nacional!...

E' positivo que o sr. Ribeiro de Melo está elaborando um projecto de lei regulamentador do jogo de azar. Tambem é verdade que a sua orientação é partilhada por muitos parlamentares do P. R. P. que se dizem adversarios irredutiveis da oficialisação do jogo de azar.

Novamente estão em presença, portanto, duas correntes adversas degladiando-se dentro do democratismo: os que são a favor e os que são contra a regulamentação do jogo. Veremos o resultado da batalha se, porventura, ela vier a publico.

O sr. ministro da Justiça sentou-se na sua poltrona, ainda antes de aberta a sessão. Não se pode dizer que o Governo faja do Parlamento!

ANTES DA ORDEM DO DIA

Abriu a sessão, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira, com 45 deputados presentes.

O sr. Antonio Correia reclama providencias por causa da acumulação de mercadorias nas estações dos caminhos de ferro. O Governo (já parlamentarmente reforçado pelo sr. ministro das Colonias, que acabou de chegar), responde, pela boca do titular da Justiça, que tudo se ha-de arranjar, logo que aos ouvidos do seu colega do Comercio chegue as reclamações do ilustre deputado: discurso da tabela, modelo n.º 1.

O sr. Agatão Lança quer que lhe seja facilitado o estado dos documentos referentes á venda pelo Alto Comissario de Moçambique, do vapor «Incomati».

Manda para a Meza um projecto de lei, respeitante á promoção de oficiais da Armada.

O sr. deputado Lino dos Santos fez chegar ao conhecimento do sr. Ministro do Comercio as representações da Camara Municipal e da Associação Comercial de Guimarães pedindo para a estação do Correio uma instalação conveniente, alegando que o proprio chefe da estação de Guimarães acaba de comunicar á Administração Geral dos Correios que não pode desenvolver o serviço das encomendas nas condições em que a estação se encontra instalada, sendo certo que o numero de encomendas em Guimarães e já agora maior do que em Braga (1722 contra 1593 de 1 de Janeiro a 28 de Março deste ano).

O sr. Rego Chaves, que tem a palavra, coleciona os seus papeis e fala, logo depois, sobre questões coloniais.

O sr. Carlos Leal esteve hoje na galeria, seguindo com muita atenção os debates parlamentares. Parece que o ilustre actor, recentemente encarregado do papel de «compère» em revista, estuda, «on nature» (como diria o sr. Velhinho Correia) as atitudes e gestos dos nossos grandes oradores parlamentares. «Bonne chance!»

Na galeria publica vê-se um espectador, excelentemente enlevado. Isto civilisa-se.

Emquanto o sr. Rego Chaves fala, muito proficientemente, de problemas coloniais, o sr. João Saraiva, redactor da Camara, conta historias ao sr. Cunha Leal. Riem-se muito, os dois. Naturalmente, o sr. João Saraiva recita uma daquelas satiricas quadrasinhas de que tem continha... o segredo.

O sr. ministro das colonias responde ao sr. Rego Chaves. Fala em surdina. Percebe-se que tomou nota, vai estudar e providenciará (discurso da tabela modelo n.º 2, que é um pouco mais desenvolvido e sumarento que o modelo n.º 1). Cordeais agradecimentos do sr. Rego Chaves.

O sr. Delfim Costa estuda tambem questões coloniais. Ha dias assim... hoje tudo colonias! O orador pede ao titular das colonias providencias acerca da situação desesperada de centenas de empregados coloniais, que estão no continente percebendo vencimentos ridiculos. «Não ha navegação para as colonias. Providencias, sr. ministro!

O sr. ministro das Colonias ouviu com toda a atenção e vai providenciar etc. (discurso da tabela modelo vulgar de Lineu). Promete apresentar brevemente uma proposta de lei referente á navegação para Angola. Os costumados agradecimentos.

O sr. Paulo Navarro queixa-se de que o tribunal das indemnisações por motivo dos pronunciamentos de Monsanto e Traulitania não funcionar ha meses. Outras reclamações faz, respeitante a estradas arruinadas.

Respostas habituais, segundo os conhecidos e já citados modelos. Agradecimentos.

Discurso do sr. Joaquim Brandão, com reclamações por pastas varias. «A sessão continua, sonolenta».

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Aprovam a acta 32 senadores.

O sr. Julio Ribeiro protesta contra o facto de varios projectos já assinados pelo sr. Presidente da Republica e pelo Governo, ainda não terem sido publicados no *Diario do Governo*.

O sr. ministro da Guerra declara não ter o Governo culpa dêsse facto, estando na convicção de que a responsabilidade cabe á Imprensa Nacional.

O sr. Ramos de Miranda comunica ao Senado, em nome da comissão incumbida de cumprimentar o sr. dr. Antonio Candido, ter esta sido carinhosamente recebida pelo ilustre tribuno, a quem transmitiram a homenagem desta Camara.

O sr. Raimundo Meira envia para a mesa um projecto de lei sobre circulação e dispendios com os automoveis do Estado, requerendo para êle urgencia.

O sr. Sousa Varela chama a atenção do Governo para o facto de em Tomar não haver um delegado do Ministerio Publico, prometendo o sr. ministro da Guerra transmitir as considerações do orador ao sr. ministro da Justiça.

O sr. Silva Barreto protesta contra o facto do funcionalismo publico nos ameaçar com uma nova gréve.

O sr. ministro das Finanças declara estar disposto a fazer justiça, não tendo sancionado as reclamações do funcionalismo, por considerá-las exageradas e representar um aumento de despesa para o Estado de 30 a 50 mil contos!

E' aprovada a suspensão da lei do *Diluvio de coroneis*, nos termos já conhecidos.

A recepção em casa do dr. Antonio Candido

A rua da Emenda ao cair da tarde esta — deixem-nos empregar o termo — em pleno «saison». Janelas abertas onde se debruçam mulheres curiosas. Sente-se na serenidade quente da tarde o que quer que seja de glorificação e de mavioso. Passam automoveis, instante a instante. Decididamente Lisboa, das letras, das artes, da elegancia, do mundanismo se deu «rendez-vous» em casa de Antonio Candido.

Centenas de pessoas foram apertar a mão ao mestre glorioso da palavra, verdadeiro orgulho da oratoria portuguesa contemporanea, e deixar o seu cartão de cumprimentos.

Antonio Candido visivelmente comovido agradece a todos numa expressão de carinhosa ternura:

—Muito obrigado, muito obrigado...

Quando entramos na pequenina sala á direita, onde uma atmosfera doirada, ilustrada, entre flores, dando uma scintilação a tudo que nos envolvia, Antonio Candido, acabava de falar com o senhor Conde de Sabugosa. Saudámo-lo. E ele, com lagrimas nos olhos, diz-nos, estendendo-nos a mão, uma mão nobre, inteligente, sem joias:

—Obrigado a todos, a todos... sem distinção. Agradeço por mim, á imprensa tão amavel, tão gentil para comigo.

Saimos. Continuava a entrar gente, cada vez mais gente, como se entrasse num templo.

A Associação Trabalhadores de Imprensa fez-se representar na homenagem a Antonio Candido pelo presidente da Direcção sr. Eduardo Fernandes (Esculapio).

A repressão da prostituição

A policia administrativa tem continuado na repressão da prostituição, prendendo e enviando para os tribunais competentes as mulheres encontradas fóra das horas regulamentares nas ruas da cidade.

O sr. governador civil de Lisboa com o edital agora em vigor apenas tem em mira fazer desaparecer das ruas de maior circulação as mulheres andrajosas que vagueavam por varios pontos.

O chefe do Distrito é de opinião que para se fazer uma repressão eficaz se deve crear uma colonia onde as mulheres se regenerem pelo trabalho. Para isso porem precisa o capitão sr. Viriato Lobo de dinheiro, como de dinheiro precisa para fazer a repressão da mendicidade. As verbas necessarias para tais serviços é que estão sendo agora procuradas pelo chefe do Distrito.

O raid Lisboa-Brasil

Os aviadores portuguezes levantam vôo amanhã de Las Palmas com destino a Cabo-Verde

Os distintos aviadores portuguezes Sacadura Cabral e Gago Coutinho devem sair amanhã, pelas 7 horas, de Las Palmas, 2.ª *étape* do *raid* Lisboa-Brasil.

Os intrepidos aviadores contam demorar-se 5 dias em Cabo Verde, ou seja o tempo suficiente para os barcos de guerra, que acompanham o *raid*, avançarem para Fernando de Noronha, 3.ª *étape*.

As gréves

Chauffeurs e condutores de carroças

Continua sem solução a gréve dos *chauffeurs* e condutores de carroças.

Dos dez condutores de carroças que se encontram presos no Governo Civil, 7 foram enviados hoje a juizo e afiançados, devendo ser julgados na proxima terça-feira no tribunal da Boa Hora.

Pessoal dos electricos

Na Camara Municipal deve ser hoje, á noite, discutido o novo aumento á Companhia dos Ascensores Mecanicos.

O pessoal dos electricos não atendeu o convite da direcção para retomar o trabalho, motivo por que a direcção da Carris vai publicar novos convites para inscrição do pessoal novo, a fim de ser normalizado o serviço, em conformidade com o acordo ultimamente firmado.

Conselho de ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na Secretaria do Interior, desde as 10 e 30 até ás 14 horas.

No final da sessão, foi fornecida á imprensa a seguinte nota:

«O conselho de ministros, na sua reunião de hoje, além de assuntos de mero expediente, ocupou-se de uma proposta de lei sobre o regimen cerealifero a apresentar pelo sr. ministro da Agricultura numa das proximas sessões do Parlamento, a qual, depois de discutida, foi aprovada.

Exposição de Bélas Artes

E' hoje que se inaugura no Palacio de Barata Salgueiro a Galeria de Pintura com que todos os anos os artistas portugueses, iniciam a primavera.

A' hora a que visitamos a exposição, —talvez demasiadamente cedo, duas horas da tarde — ainda não tinham chegado os catalogos, os catalogos, que são uma especie de guias do caminho de ferro sem os quais não é possivel saber-se nunca as estações do percurso. Alem disso procedia-se ainda á colocação dos quadros nas paredes. As Belas Artes tinham a impressão duma casa desarrumada. Só mais tarde chegaria para ela, a hora das visitas, a hora dos convidados, a hora do chá, a hora dos colecionadores, a hora dos pintores—os cinéfilos da arte. Não estava quasi ninguem. Apenas Mestre Columbano palido, taciturno, vacilante, locado um pouco pela penumbra dos seus proprios quadros, dá indicações, toma pontos de vista, fala para um moço que pendura um quadro—uma mulher belosa altida e curiosa—no alto, na parede, á esquerda:

—Mais inclinado... Fica melhor... Dá-lhe melhor a luz...

E havia o quer que fosse de paternal na sua voz, procurando o ambiente puro, talvez mais uma obra prima.

«A Capital» não deixará de referir-se demoradamente a esta exposição. Mas hoje não foi possivel largas considerações. Em todo o caso «A Capital» alem dos Mestres—de que falará—cita hoje alguns outros artistas que se vem revelando notavelmente, Martins Barata, Leitão de Barros, Alfredo Morais, Eduardo Moura, etc.

O barrete cardinalicio de Mr. Locatelli

E' já fora de duvida que «monsenhor» Locatelli nuncio de Sua Santidade junto do Governo Portugues receberá das mãos do nosso Chefe do Estado, o barrete Cardinalicio com que foi agraciado pelo Papa.

A' conferencia que ontem se realisou no Ministerio dos Estrangeiros entre o sr. dr. Barbosa de Magalhães Nuncio de Sua Santidade e sr. Pedro Martins, nosso Ministro junto do Vaticano, não deve ser estranha a cerimonia da imposição.

TEATRO

Nota do dia

Brunilde Caruson

Faz hoje no Politeama a sua primeira festa de arte. Brunilde Caruson, artista de inteligencia, mulher de nervos, actriz moderna e de gosto, a esta rapariga está reservado no teatro um futuro garantido de triunfos e de interesses.

A' sua bela escola histrionica, junta Brunilde um encanto todo pessoal, um grande «charme» de mocidade, uma elegante atitude na arte e na vida.

Filha dessa notavel mulher de teatro que é Judite da Costa, educada com carinho e com esmero no velho convento do Bom Sucesso donde lhe ficou aquele belo e ingenuo ar de «Sacré-Coeur» que dá á sua coleante figura o sabôr duma honestidade quasi imprevista em teatro — a festejada de hoje, merece as nossas palmas e o nosso entusiastico aplauso.

A arte de Brunilde, —uma das grandes esperanças da nossa geração de teatro — é, com efeito iminentemente moderna. No dia em que esta artista conseguir—e consegue—dulcificar um pouco a sua voz, que ainda hoje, por vezes a atraiçoa em certos momentos, não hesitaremos em chamar-lhe uma grande, uma extraordinaria actriz.

Brunilde tem a inteligencia, o talento de exteriorisação, a alma e o coração duma grande artista.

Lucinda é, a seu lado, um grande exemplo de talento no teatro. Com os seus conselhos, só poderá transformar essa admiravel massa plastica,—e de primeira qualidade—que é a sua discipula já hoje notavel, numa actriz moderna, completa, fulgurante.

Oxalá Brunilde consiga fazer uma vida de intenso entusiasmo pela carreira a que se dedicou, e nela seja, como é de esperar, uma das primeiras figuras, a que o seu talento já hoje averiguado, lhe dá direito.

A todos os novos, ou da geração que chega, é justo e necessario lembrar o nome desta rapariga, para que amanhã a vão acarinhar e amparar com a sua presença. Um punhado de palmas quentes e vibrantes, em que se sinta correr o generoso sangue de meia duzia de rapazes, ainda é, para os temperamentos como o de Brunilde, o melhor e o mais sentido presente.

Quando Amelia Rey Colaço — essa outra notabilissima actriz—fez a sua primeira festa — algumas capas de estudantes, foram ao seu camarim, levar-lhe, liricamente, quasi amorosamente, um ramo de flores. Amelia, colocou-as entre as prendas valiosas das pessoas de Sociedade, e veio depois, ao escuro do palco, confessar-lhes, com a voz sumida e uma lagrima nos olhos, que aquelas flores eram o melhor presente...

E' preciso que Brunilde,—a grande estudante de maior arte—tenha amanhã assim a sua estudantes...

Primeiras Representações

S. CARLOS — A Ventoinha — *pela companhia* Alves da Cunha.

«Em reprise a esplendida companhia aguadrada sob o nome eminente de Alves da Cunha, deu-nos ontem em S. Carlos mais uma representação da conhecida peça que fez sucesso no falecido Ginasio.

Tendo-se substituido Silvestre Alegrim por Joaquim Prata, apraz-nos significar ao publico que em vez do notavel comico, o actor que representou em seu lugar, foi correcto e demonstrou excelentes aptidões, já de ha muito esperadas por quem tem analisado a sua especial veia de actor comico.

O actor Joaquim Prata é realmente um excelente valor com que ha que contar e que deve enfileirar com outros artistas porventura mais categorisados pelo publico.

José Alves da Cunha quiz encarregar-se dum papel, e foi o grande actor de sempre.

Berta de Bivar, cujo trabalho já mereceu os louvores de todo o publico, muito bem.

Celeste Leitão, a gentilissima artista que ha tanto tempo voluntariamente se afastara da scena,-tambem perfeitamente no seu lugar.

Em duas palavras: «A Ventoinha» mudou o rumo á direcção do publico... e S. Carlos vai ter boas casas.

A «vida» é isto...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

Em recita extraordinaria reaparece amanhã a opereta de grande sucesso «A Boneca», agora com a novidade de a protagonista ser feita pela gentil Auzenda de Oliveira; «Bonifacio» pela Sofia Santos; «Lancelot» por Armando de Vasconcelos; «Barão de la Chanterelle», por Carlos Viana; «Hilario» por José Correia.

Cartaz do dia

S. CARLOS—«A ventoinha».
NACIONAL—«Carta anonima».
S. LUIZ—«A duqueza do Bal-Tabarin».
APOLO—«Belo Sexo».
AVENIDA—«Phi-phi».
POLYTEAMA—«A casaca encarnada».
CHIADO TERRASSE—«O joio de fóra».
SALAO FOZ—«Gigs-jogas».
COLYSEU—Companhia de variedades.

«Perolas Finas»

E' posto brevemente á venda um livro de versos do sr. Raymundo Alves (Ali-Bábá) intitulado «Perolas Finas».

A CRISE EUROPÉA

O espirito de violencia antes e depois da guerra

Francisco Nitti, notavel internacionalista e estadista italiano, que tem sido presidente do governo do seu paiz, fez uma análise da situação da Europa, neste momento, que é, talvez, um tanto pessimista, mas que não deixa de ser impressionante.

Eis o que êle escreve:

«Segundo o tratado de Versailles, a Alemanha, que já não possue esquadra e tem somente uma artilharia limitada á sua defesa interna, não está autorizada a manter em armas mais de 100.000 homens.

O exercito alemão, em pé de paz, em 1913, segundo revelava o projecto de orçamento apresentado ao Reichstag, compunha-se de 647.000 soldados de todas as armas, 105.000 sub-oficiais e 30.000 oficiais.

A Alemanha está, pois, condenada a ficar sem exercito; tem sido castigada naquilo que era o seu maior orgulho.

Sómente trabalha para cumprir com as clausulas do tratado, suportando os gastos de um grande exercito de ocupação e pagar um numero consideravel de indemnizações que excedem a sua potencia economica e, portanto, não poderão ser pagas, e não o serão.

A França, que saiu da guerra com a maior divida publica e com uma situação demografica que deve ser considerada como a menos favoravel de todas, tem agora em armas o maior exercito do mundo. Sómente a Grã Bretanha reduziu o seu exercito, rapida e radicalmente.

A França e os dois paises que a ajudam em sua politica anti-alemã, quero dizer, a Belgica e, sobretudo, a Polonia, têm exercitos enormes, tanto no que se refere á quantidade, como ao custo.

Em 1914, o exercito francês, consistia em 29.519 oficiais e 762.450 soldados, além de 28.000 homens de tropas coloniais e 78.000 indigenas. Em 1 de julho do ano passado, tinha 810.000 homens sob a sua bandeira, inclusive 38.473 oficiais quer dizer muito mais que os que a Alemanha possuia antes da guerra.

Dada a sua estructura e a sua situação demografica este é o maior esforço militar dos tempos modernos, e não pode ter mais do que dois resultados: ou a supremacia economica e militar ou a ruina completa.

Comtudo, as duas aliadas da França, Belgica e Polonia—a Belgica, deixou de ser neutral e a Polonia em constante desordem e atitude de continua provocação—mantem tambem exercitos que, em tempos anteriores á guerra, haveriam de ser de grandes potencias.

A Belgica duplicou seus efectivos de paz, que são agora de 113.500 homens, exercito enorme para uma população que é egual á de New-York ou de Londres.

A Polonia, cujas condições economicas são desastrosas por não ter dinheiro nem credito, sustenta, todavia, um exercito de 450.000 homens. Seu recente tratado com a França, lhe impõe obrigações militares, cuja extensão não é ainda conhecida.

Se esta é a situação das principais nações militares, a dos paizes menores e dos que surgiram da guerra não é menos séria.

Os vencidos não possuem mais exercito.

A Austria, reduzida a uma miseria intoleravel, poderia conservar um exercito de 30.000 homens, mas dificilmente mantem um exercito de 27.000. A Hungria, tem 35.000 homens, contudo o seu cambio está tão deprimido que lhe custa 6 milhões de coroas. A Bulgaria tem 23.192 homens; a Romania 250.000 homens; a Yugoslavia, 105.000; a Tchecoslovaquia 150.000 e a Grecia mais de 200.000 homens.

Ha actualmente na Europa, incluindo a Russia que é um vasto oceano de miseria e morte, 5 milhões de homens em armas. E' dificil dizer quanto custam. Em alguns paizes é tal a pobreza que o dinheiro perdeu todo o seu valor.

A Belgica, que tem um papel moeda bom e que tende a melhorar, tem que fazer frente a gastos ordinarios e extraordinarios eguais aos que suportavam os principais Estados militares antes da guerra.

No projecto para 1921-1922, que acaba de ser aprovado pelo Parlamento, os gastos militares estão calculados em 558.000.000 de francos e os extraordinarios em 912.000.000, aos quais devem adicionar-se ainda 308.000.000 francos de gastos reembolsaveis para a manutenção do corpo de ocupação. Antes da guerra os gastos não iam além de 78.000.000 de francos.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 5/8— 4 1/2
» 90 dias	4 3/4—
Paris, cheque	1009— 1059
Suissa, cheque	2300— 2370
Belgica, cheque	991— 1025
Italia, cheque	605— 622
Berlim, cheque	35— 40
Holanda, cheque	4181— 4009
Madrid, cheque	1842— 1803
New-York, cheque	11860— 12190
Brazil, cheque	62— 57
Austria, cheque	1— 6
Noruega, cheque	2136— 2195
Suecia, cheque	3126— 3214
Dinamarca, cheque	2511— 2612

Libras ...... 5$8.0 — 5$50

A Provincia na "Capital,,

CASTELO BRANCO, 30—Realisou-se hoje o funeral do sr. dr. João Pais da Cunha Mamede, antigo professor do nosso liceu, sendo muito concorrido, principalmente pelo professorado desta cidade.

O sr. dr. Mamede era natural de Micões, contando 78 anos, e era pai do capitão sr. Fernando Mamede, um dos feridos em combate na Flandres.

A tosa e sua familia a expressão do nosso pezar.—C.

SPORT

Coisas de sport...

A Federação de Sports Atleticos, de braço dado com a Federação de box, estão tratando de organisar o comité olimpico.

E' uma ideia para louvar, e que devêra ter o apoio de todos os que se interessam pela nossa representação nas grandes provas mundiais.

Mas é preciso não estragar a ideia, e para isso deve-se escolher e cahir em amadores, que estejam longe das direcções dos clubs e das Federações.

Numa palavra, gente a quem se não possa lançar em rosto, a falta de energia para reprimir a indisciplina que é publica e notoria.

E muito menos gente, que dizendo-se amadores, tenham pontos de contacto com profissionais.

O que não quer dizer que não seja boa gente.

* * *

Dois aviadores lesissimos, vão tentar o raid Portugal-Brasil.

E' um acto de sport, quem em toda a parte teria foros de acontecimento nacional. O governo e os altos politicos associar-m-se á ideia dizendo de sua justiça.

Houve contudo alguem, que na Camara classificou o caso de aventura etc. etc....

Já Cristo dizia:

Perdoai-lhe senhor que não sabe o que diz...

* * *

Está oficialmente confirmada a vinda do campeão do mundo de box Dempsey, á Europa, devendo partir da America a 11 de abril.

Vai subir o preço da arnica nos rings europeus...

RUY DA CUNHA

Foot-ball

Em toda a parte o foot-ball é o sport mais popular.

Na Algeria e Morrocos ha mais de duzentas equipes.

Law-Tennis

No match França-Inglaterra ganhou a equipe franceza, por 10 vitórias a 7. O heroi do torneio foi Borotra.

—O campeonato da America foi ganho por Molloy.

—Tilden, o campeão da Europa, não vai êste ano á Europa.

Pesos e alteres

O campeonato de França da força, foi disputado com uma assistencia de mais de 3.000 pessoas, o que é o record para provas do genero.

Codin não conseguiu bater o record do mundo de jete 2 mãos para o que havia um premio de 10 mil francos.

Houve um peso leve que fez 81 quilos no developé 2 mãos, e um peso medio que levantou 97 quilos ao arroché 2 mãos.

Luta

Devem encontrar-se breve os lutadores Cradock e Pendleton, este em 27 matchs que tem feito desde 1920 ainda não foi vencido.

Esgrima

O mestre d'armas Roger Ducret, fez um record interessante, durante 18 assaltos á espada, não recebeu um unico toque.

Ciclismo

Numa prova de estrada ... mostraram as suas qualidades de resistencia, em virtude das encostas que tinha o percurso, venceu o francês o Henri Pelissier.

Aeronautica

Entre New York e Chicago, vae ser estabelecido um serviço de viação aerea, com Zepelins de 118 mil metros cubicos, levando 100 passageiros e 3 toneladas de peso.

Box

Vão realisar-se este verão provas de box no «Stadio Bergeyre», em Paris, que pode conter 30 mil espectadores.

—Em Inglaterra, nenhum «manager» poderá daqui em diante, servir de arbitro de box.

—Apesar dos desmentidos do seu «manager», alguns jornais francêses dizem que Carpentier está tuberculoso, e atribuiem a causa ao castigo que sofreu no combate com Dempsey.

Automobilismo

Já passa de 60 o numero de carros inscritos para a corrida do «Targa Florio».

NOTICIARIO

FOOT BALL

OS CAMPEÕES DESTE ANO

Ficaram classificados como campeões de Lisboa, nas diferentes categorias os seguintes grupos:

1.ª categoria
Sporting Club de Portugal
2.ª categoria
Victoria Foot-Ball Club
3.ª categoria
Sport Lisboa e Bemfica
4.ª categoria
Carcavelinhos Foot-Ball Club

Box

Os campeões deste ano amadores, reconhecidos pela F. P. B. são

Minimos
Faustino Rodrigues
Levissimos
Albano Campos
Meios-leves
Abel da Cunha
Leves
Abel da Cunha
Meios-medios
José de Couto Mendes

PARA A HISTORIA DA LUTA

O primeiro campeonato de luta, profissional, disputado no Porto, de que ficou vencedor o atleta Ruy da Cunha. No grupo estão Abel Macedo, que foi o mais scientifico dos nossos amadores, Julio Silva e Filipe da Costa, já falecidos.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O PAE

por GUY DE MAUPASSANT

Ele deu ainda uma centena de passos, depois deixou-se cair num banco, sufocado pela comoção. Ela não o reconhecera. Então ele voltou, procurando vê-la mais uma vez. Ela havia-se sentado. O pequeno conservava-se muito quieto, a seu lado, emquanto que a pequenita, brincando com a terra, fingia com ela fazer pasteis. Era ela, era bem ela. Tinha um ar serio de senhora, um traje simples e um porte seguro e digno.

Ele olhou-a de longe, não ousando aproximar-se. O pequeno ergueu a cabeça. Francisco Tessier sentiu-se estremecer. Era o seu filho, decerto. Examinou-o, reconhecendo-se como se fosse êle proprio em criança.

Francisco conservou-se escondido atraz de uma arvore, esperando que ela se fosse, para a seguir. Na noite seguinte não poude dormir. A ideia da criança era sobretudo o que o molestava. O seu filho! oh! se êle o tivesse sabido com certeza! mas que teria feito dêle?

Como a acompanhou de longe até casa, informou-se. Soube que ela fôra desposada por um vizinho, um homem honesto, de costumes sérios, que se comovera com a angustia dela.

Aquele homem, sabendo da sua falta, perdoou-lha, chegando mesmo a perfilhar a criança, o filho dêle, Francisco Tessier.

Ele voltou então ao parque de Monceau todos os domingos.

Cada domingo que a via, um desejo louco, irresistivel, o empolgava, o de tomar o seu filho nos braços, de o cobrir de beijos, de o levar, de o roubar.

Sofreu horrivelmente no seu isolamento miseravel de solteirão sem afeições; sofria uma tortura atroz, dilacerado por uma ternura paternal feita de remorsos, de inveja, de ciume, e dessa necessidade de amar os filhos que a natureza poz nas entranhas dos seres.

Quiz, emfim, fazer uma tentativa desesperada e, aproximando-se dela, um dia, ao entrar ela no parque, disse-lhe, postado no meio do caminho, livido, com os labios tremulos de comoção:

— Não me conhece?

Ela levantou os olhos, encarou-o, soltou um grito de espanto, um grito de horror e, pegando pelas mãos das duas crianças, fugiu, arrastando-as atraz de si.

Ele dirigiu-se a casa para chorar.

Dois meses se passaram ainda. Ele não mais a viu. Mas sofria dia e noite, roido, devorado pela sua ternura de pai.

Para poder beijar seu filho, teria dado a vida, teria matado, seria capaz de ter feito todos os trabalhos, corrido todos os perigos, tentado todos os passos, ainda os mais audaciosos.

Escreveu-lhe, a ela. Ela não lhe respondeu.

Depois de haver escrito vinte cartas, compreendeu que não podia esperar que ela se comovesse. Tomou então uma resolução desesperada, dispondo-se a meter uma bala no coração, se tanto fosse preciso. Dirigiu ao marido dela um bilhete com algumas palavras:

«Senhor

«Bem sei que o meu nome deve causar-lhe horror. Mas eu sinto-me tão miseravel, tão torturado pela angustia, que só no senhor tenho esperança.

Venho pedir-lhe sómente uma entrevista de dois minutos.

De V. Ex.ª, etc.»

No dia seguinte recebeu a resposta:

«Senhor

«Espero-o terça-feira, ás cinco horas.»

* * *

Trepando a custo a escada, Francisco Tessier parava de degrau em degrau, tanto era o bater do seu coração. No seu peito havia um ruido precipitado, um como que galope de besta, um ruido surdo e violento. Por fim, já não podia respirar sem esforço, segurando-se ao corrimão para não cair.

Chegado ao terceiro andar, tocou. Uma criada veiu abrir.

Ele preguntou:

— O senhor Flamel?

— E' aqui, sim, senhor. Faz favor de entrar.

Penetrou numa sala burguesa. Ficou só; esperava, consternado, como em meio de uma catastrofe.

Abriu-se uma porta e apareceu um homem. Era alto, sério, um tanto cheio, trajando sobrecasaca preta. Apontou uma cadeira com a mão.

Francisco Tessier sentou-se, depois, em voz arquejante:

— Senhor... senhor... não sei se conhece o meu nome... não sei se sabe...

O senhor Flamel interrompeu:

— E' inutil, senhor, eu sei. Minha mulher falou-me do senhor.

Aquele que falava tinha o tom digno de um homem bondoso, que quere ser severo, e uma superioridade burguesa de um homem honesto. Francisco Tessier continuou:

— Pois bem, senhor, o meu caso é êste: Morro de angustia, de remorso, de vergonha. E quereria, uma vez ao menos, uma unica vez, beijar... o pequeno...

O senhor Flamel levantou-se, aproximou-se do fogão e carregou no botão da campainha. A criada apareceu. Ele disse:

— O Luiz que venha cá.

A criada saiu. Eles ficaram frente a frente, mudos, nada mais tendo a dizer um ao outro, esperando.

E, de repente, um rapazinho de dez anos precipitou-se na sala e correu ao encontro daquele que tinha como seu pai. Mas parou, confuso, ao vêr ali um estranho.

O senhor Flamel beijou-o na testa, depois disse-lhe:

— Agora vai beijar aquele senhor, meu querido.

E a criança foi, gentilmente, olhando para aquele desconhecido.

Francisco Tessier tinha-se levantado. Deixou cair o chapeu das mãos, sentindo-se tambem prestes a cair. Contemplava o seu filho.

O senhor Flamel, por delicadeza, tinha-se voltado e olhava, pela janela, para a rua.

A criança esperava, surpreendida. Apanhou o chapeu e entregou-o ao estranho. Então, Francisco, tomando o pequeno nos braços, pozse a beijá-lo loucamente por todo o rosto, nos olhos, nas faces, na boca, nos cabelos.

O pequeno, esquivo áquela saraivada de beijos, procurava evitá-los, desviava a cabeça, evitando com as suas mãos pequenas os beijos glutões daquele homem.

Mas Francisco Tessier, bruscamente, pô-lo no chão e gritou:

— Adeus! adeus!

E fugiu como um ladrão.

FIM

Raid Lisboa-Rio de Janeiro

A importante prova de aviação—a mais arrojada até hoje tentada em todo o mundo — com tanto exito iniciada pela chegada dos distintos aviadores srs. Capitão de Mar e Guerra Gago Coutinho e Capitão-tenente Sacadura Cabral ás Canarias, num percurso de 710 milhas coberto em -:- -:- -:- cerca de 7 1|2 horas, está sendo realizado com -:- -:- -:-

GASOLINA

FORNECIDA PELA

Vacuum Oil Company

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. **LISBOA** Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias -:- -:- -:- -:- -:-
-0- -0- -0- -0- -0- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgca)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, **soldadura autogenea**

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

---

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°
Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 29

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Na Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: Em Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: No Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS